PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

MIGUEL DE CERVANTES

Dom Quixote

DOM QUIXOTE DE LA MANCHA

miguel de cervantes saavedra, filho de um cirurgião espanhol pobre, nasceu muito provavelmente em 1547. Prestou serviço militar na Itália em 1570 e, como soldado profissional, participou da batalha naval de Lepanto e de outros combates até ser capturado por piratas, quando retornava à Espanha em 1575, tornando-se escravo de um renegado grego em Argel; tentou fugir várias vezes, sem sucesso, e enfim foi resgatado em 1580. Passou o resto da vida às voltas com dificuldades financeiras e esteve preso em duas ocasiões. Já tinha escrito algumas peças e um romance pastoral, *A Galateia*, quando, em 1592, se ofereceu para escrever seis peças por cinquenta ducados cada. Só conheceu o sucesso em 1605 com a publicação da primeira parte de *Dom Quixote*, que lhe deu popularidade imediata. As *Novelas exemplares* foram publicadas como coletânea em 1613, e em 1615 veio à luz a prometida continuação de *Dom Quixote*. Cervantes morreu em 1616.

ernani ssó nasceu em 1953, em Bom Jesus (rs). Mudou-se para Porto Alegre em 1972. Começou a cursar jornalismo na puc, em 1973. Trancou a matrícula no segundo semestre de 1974. Foi repórter por um mês, em 1975. Daí para a frente se dedicou à literatura em tempo integral.

Escreve resenhas e crônicas de humor para a imprensa. Mantém uma coluna semanal na revista eletrônica *Coletiva.net*, onde comenta de literatura a política. É autor da novela de humor negro *O sempre lembrado* (1989), do romance policial *O emblema da sombra* (prêmio Cyro Martins de 1996) e da novela de fantasia *O edifício — viagem ao último andar* (1999, Prêmio Rodolfo Aisen, Categoria Jovem Leitor). Escreveu também livros infantis, entre eles, *A aula da bruxa*, *Contos de morte morrida*, *Contos de gigantes* e *Com mil diabos!.*

Sua primeira tradução é de 1987: *Borges por Borges*, de Emir Rodríguez Monegal. Desde então traduziu mais de cinquenta livros, entre eles, *O assassinato de García Lorca*, de Ian Gibson; *Cultura escrita e educação*, de Emilia Ferreiro; *A gula do beija-flor*, de Juan Claudio Lechín; e *Heróis demais*, de Laura Restrepo.

john rutherford é membro do conselho diretor do Queen’s College, Oxford, onde dá aulas de espanhol e de língua e literatura hispano-americanas e galegas. Também traduziu *La Regenta*, de Leopoldo Alas, para a Penguin Classics, e (com outros) *“Eles” e outras*

histórias, de Xosé Luís Méndez Ferrín, para a Planet Books. A edição de *Dom Quixote* para a Penguin Classics ganhou o prêmio Valle Inclán de tradução do espanhol.

jorge francisco isidoro luis borges acevedo nasceu em Buenos Aires, em 24 de agosto de 1899, e faleceu em Genebra, em 14 de junho de 1986. Antes de falar espanhol, aprendeu com a avó paterna a língua inglesa, idioma em que fez suas primeiras leituras. Em 1914 foi com a família para a Suíça, onde completou os estudos secundários. Em 1919, nova mudança — agora para a Espanha. Lá, ligou-se ao movimento de vanguarda literária do ultraísmo. De volta à Argentina, publicou três livros de poesia na década de 1920 e, a partir da década seguinte, os contos que lhe dariam fama universal, quase sempre na revista *Sur*, que também editaria seus livros de ficção. Funcionário da Biblioteca Municipal Miguel Cané a partir de 1937, dela foi afastado em 1946 por Perón. Em 1955, seria nomeado diretor da Biblioteca Nacional. Em 1956, quando passou a lecionar literatura inglesa e americana na Universidade de Buenos Aires, os oftalmologistas já o tinham proibido de ler e escrever. Era a cegueira, que se instalava como um lento crepúsculo. Seu imenso reconhecimento internacional começou em 1961, quando recebeu, junto com Samuel Beckett, o prêmio Formentor dos International Publishers — o primeiro de uma longa série.

ricardo piglia nasceu em Adrogué, província de Buenos Aires, em 1940. Crítico literário e ficcionista, é professor da Universidade de Buenos Aires e leciona habitualmente na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos. Escreveu o roteiro original de *Coração iluminado*, em colaboração com o diretor do filme, Hector Babenco.

MIGUEL DE CERVANTES

Dom Quixote de la Mancha

Tradução e notas de
ERNANI SSÓ

VOLUME I
Introdução de
JOHN RUTHERFORD

VOLUME 2
Posfácios de
JORGE LUIS BORGES
RICARDO PIGLIA

Sumário

Nota sobre o texto

Esta tradução seguiu a edição do iv Centenário, feita pela Real Academia Espanhola e pela Associação de Academias da Língua Espanhola, aos cuidados de Francisco Rico (2004, Alfaguara), e a edição de John Jay Allen (1998, Cátedra). As diferenças entre elas são mínimas, mas importantes, como opiniões distintas sobre o sentido de determinadas frases ou expressões. Allen também corrige alguns erros de revisão da edição *princeps* mantidos por Rico. Para esses erros, consultei também a edição de R. M. Flores, de 1988, para The University of British Columbia Press, que traz uma lista dos inumeráveis problemas rastreados nas edições originais. Pelo menos num caso preferi a indicação de Flores à interpretação tradicional, no capítulo xliv da segunda parte: ele pensa que *dar pentalia a los zapatos* não é lustrá-los com azeite misturado com fuligem, mas *dar puntada*, quer dizer, dar pontos, remendar.

Preferi manter "dom Quixote de la Mancha" e "Dulcineia del Toboso", em vez de "da Mancha" e "do Toboso", porque esses nomes já atravessaram as fronteiras há muito tempo, assim como "Cavaleiro da Triste Figura", embora, no caso, a figura se refira ao rosto do cavaleiro. Seguindo a tendência das edições modernas, abri mais parágrafos, coisa que pelo visto não preocupava Cervantes. Quanto aos tratamentos, a não ser em algumas situações mais complicadas, segui Cervantes, que passa de "tu"

para “vossa mercê” ou para “vós” de um parágrafo a outro, ou no mesmo parágrafo. Essas mudanças acontecem de acordo com o respeito que se deve a quem se fala, mas às vezes Cervantes simplesmente parece ter se esquecido. Por falar em esquecimento, há o famoso sumiço e a reaparição do burro de Sancho. Nesse caso, preferi seguir a edição de John Jay Allen, inserindo os trechos entre colchetes, com as devidas explicações em notas, por me parecer mais prático.

Como John Rutherford, na tradução para a Penguin, preferi não incluir aqueles textos burocráticos, como as taxas pagas e a licença do rei para a publicação, que acompanham tradicionalmente as edições modernas e que são geralmente pulados pelos leitores. Também não incluí as dedicatórias. Como diz Rutherford, há dúvidas de que a primeira tenha sido escrita por Cervantes e a segunda é puramente convencional.

As notas com informações históricas, literárias e geográficas procedem em sua maioria das edições de Rico e Allen. Elas se repetem quase em sua totalidade em todas as edições com muito poucas alterações. Umas poucas que são minhas referem-se a situações mais complicadas ou curiosas de tradução.

Reflexões de um escudeiro de Cervantes

ernani ssó

> […] me parece que traduzir de uma língua para outra, desde que não seja das rainhas das línguas, a grega e a latina, é como olhar os tapetes flamengos pelo avesso: embora se vejam as figuras, estão cheias de fios que as obscurecem, não se podendo ver com a clareza e a cor do lado direito; e traduzir de línguas fáceis nem prova talento nem bom estilo, como não o prova quem transcreve ou copia um texto de um papel para outro. Mas disso não quero inferir que o exercício da tradução não seja louvável, porque o homem poderia se ocupar de coisas piores, que lhe trouxessem menos proveito. Deixo fora dessa conta dois tradutores famosos: o doutor Cristóbal de Figueroa, em seu *Pastor Fido*, e dom Juan de Jáuregui, em seu *Aminta*, que, com felicidade, nos deixam em dúvida sobre qual é a tradução e qual é o original.
>
> *Dom Quixote*, ii, lxii

Ao contrário de muitos tradutores, não sofri a tentação de ser Pierre Menard, deixando Cervantes igual a Cervantes até a última vírgula. Nem sofri a tentação oposta, ser Jorge Luis Borges e reescrever tudo. Depois de anos de ofício, eu sabia que me tocava ser Sancho Pança apenas, quer dizer, um escudeiro de Cervantes, ajudando-o a travar suas batalhas em português. Como Sancho Pança, fui um criado submisso e fiel, sem deixar de ser ladino quando precisei escapar de algum aperto. Vamos ver se me explico.

A tentação menardiana é compreensível, mas não se aguenta em pé: as palavras não têm a consistência dos números. O número sete vale sete numa conta tanto em Trombudo do Norte como em Cuernavaca ou na Cochinchina. Mas sete não vale sete num texto. A palavra “sete”, para nós, evoca sorte, mentira, esoterismo. Vá saber o que evoca na Cochinchina. A cultura e o lugar alteram, ou colorem, o significado de uma palavra. O tempo, então, nem se fala. No caso do *Quixote* o tempo talvez seja o fator mais hostil.

Outra coisa: cada língua tem seus ritmos e seus modos de dizer. Daí que uma tradução literal pode ser o avesso da fidelidade, tornando o texto todo desconjuntado e cheio de ecos incômodos. Claro que isso que digo é óbvio — talvez não ululante, mas assim mesmo bastante constrangedor. O problema é que grande parte das traduções brasileiras de livros em espanhol não parece se dar conta dessa obviedade e cai direto no portunhol, língua muito usada por turistas e nas fronteiras do sul. Um exemplo banal é o *yo creo* traduzido por “eu creio”, quando o *yo creo* é o “eu acho” dos latinos, porque entre nós a palavra “crer” não se descolou inteiramente da religião. A semelhança entre o espanhol e o português tem causado enganos divertidos, para não dizer estúpidos, como a tradução de *oso* (urso) por osso (*hueso*), como vi num conto de Julio Cortázar.

A tentação borgeana também é compreensível. Talvez mais compreensível ainda diante de Cervantes, famoso pelo estilo desleixado. Ao contrário de muitos amantes de Cervantes, não vejo seus defeitos como virtudes, numa transformação digna dos magos que Quixote pensava que o perseguiam. Como Borges, penso que Francisco de Quevedo poderia corrigir qualquer página de Cervantes. Mas isso não salva Quevedo nem condena Cervantes: trata-se apenas de uma constatação. Quevedo, grande estilista, foi incapaz de criar o Cavaleiro da Triste Figura. O cavaleiro e sua história valem muito mais que as belas palavras de Quevedo.

Paul Groussac, na *Segunda conferência sobre Cervantes e o Quixote*, fez uma observação que se tornou famosa: “esse admirável primeiro capítulo, o melhor do livro, e cujo esmero nos traz involuntariamente à memória (apenas a lembrança parece uma crueldade) o tempo e o vagar de que gozava o preso para cuidar

seu estilo”. Acho isso ótimo, mas é preciso dizer que Cervantes, apesar do desleixo, é fluente. Mais: é cheio de energia e de graça.

Enfim, mesmo que eu tivesse o cacife de Borges, não me meteria a copidescar Cervantes. Não copidesco nem romances populares. Não é por ser bonzinho ou muito humilde. É mais simples: uma tradução é meio como andar na corda bamba. Pode-se fazer uma ou outra pirueta, mas saltar da corda, mesmo para cair de pé com a elegância devida, é outro espetáculo. Se me passei numa ou noutra frase ou palavra, foi em nome da clareza e do vigor. Na hora do aperto, prefiro ser mais fiel ao Quixote que a Cervantes. Se essa distinção parece obscura, paciência, logo chegaremos aos exemplos.

Diante disso tudo, minha primeira preocupação foi com os fiapos, digamos, para ficarmos com a metáfora de dom Quixote. Preocupação que todo tradutor remoeu: não basta dar uma noção da figura e de sua cor, ou, para sermos diretos, não basta dar somente o sentido. Manter o sentido, com todas as ambiguidades do original, não é tarefa fácil, sabe-se, mas o resto é mais difícil. O resto é canto e dança. Se Cervantes não cantar nem dançar em português, melhor seguir o exemplo de Freud: aprender espanhol e ler no original.

Cabe então a perguntinha: como recuperar em português a fluência, a energia e a graça do texto de Cervantes? É provável que eu não saiba responder muito bem. Mas acho que a resposta, ou uma das respostas possíveis, está embutida na recusa da tentação de ser Pierre Menard. Se vamos pôr Cervantes em português, em algum momento temos de pensar no texto como se fosse escrito em português, com as exigências e as manias do português. Cervantes não pode desafinar em português nem tropeçar nos próprios calcanhares. Se, para termos em português a eficácia que ele tem em espanhol, é preciso alterar a ordem da frase, cortar uma palavra ou acrescentar outra, altere-se, corte-se, acrescente-se, com pulso firme e coração leve. Em minha opinião, se a frase não ficou bem em português, tem fiapos obscurecendo-a. Se podemos ver o original sob o português, ela não está em português, como não está

em português a fala que se ouve com frequência nas dublagens: “Maldito, dê o seu melhor!”.

Como uma discussão sem exemplos práticos não serve para grande coisa, vamos a um, pego ao acaso. No capítulo xxvi da segunda parte, depois que dom Quixote destroça a espadadas o teatro de marionetes, mestre Pedro diz: “*Con que me pagase el señor don Quijote alguna parte de* las hechuras que me ha deshecho*, quedaría contento y su merced aseguraría su conciencia*”. Atenção ao grifo. Segundo os dicionários, o equivalente em português é “as feituras que me desfez”. Quantos de nós entendemos a piada sem consultá-los?

Como a tradução dos viscondes de Castilho e Azevedo é a mais reeditada no Brasil — sem que se dê o crédito a M. Pinheiro Chagas, que traduziu a maior parte depois da morte dos nobres portugueses —, vejamos como ficou a frase: “Se o senhor dom Quixote me pagasse uma parte *das coisas que me desfez*, já eu ficaria satisfeito e Sua Mercê sossegaria a sua consciência”. Bem, até para os viscondes, que não esmorecem diante da maior parte dos arcaísmos, quando não os substituem por outros mais arcaicos ainda, traduzir *hechuras* por “feituras” pareceu demais, mas optaram por ficar apenas no sentido, ignorando o jogo de palavras.

Minha versão: “Se o senhor dom Quixote me pagasse uma parte *do que seu feito desfez*, eu ficaria contente e sua mercê resguardaria sua consciência”. Traí Cervantes? Eu avisei: como Sancho na hora do aperto ou quando vislumbra alguma vantagem, não fui nada cerimonioso, mas me parece que por uma boa causa, porque não deixei a frase achatada como os nobres portugueses. Ernesto Sábato, numa conversa com Borges, diz que talvez seja melhor que os tradutores sejam escritores de estilo mais apagado, para não interferirem no estilo do original. Está aí, parece-me, mais um desvão da tentação de ser Pierre Menard. Basta folhearmos a maior parte das traduções em português para ver no que dá o estilo apagado: textos num português que se encontra apenas em tradução, sem açúcar e sem afeto. Ou muito me engano, ou um escritor com estilo mais vivo tem mais recursos para tentar reproduzir texturas, sabores, perfumes, ritmos. Não usei “feituras”

porque, em primeiro lugar, seu sentido é um tanto misterioso hoje e, em segundo, porque a palavra se tornou ridícula. A mim pareceu melhor recriar a piada dentro do mesmo clima do original. Quanto ao fato de ter optado por traduzir "assegurar" por "resguardar" foi por me parecer que assim ficava um tiquinho mais claro. A opção dos viscondes, "sossegar", soa bem, soa corrente, mas está dizendo outra coisa, não? Uma consciência sossegada não é o mesmo que uma consciência garantida.

Como estamos num romance de mais de mil páginas, eu poderia dar dezenas e dezenas de exemplos semelhantes. Mas fiquemos com mais um (ou dois ou três), em que o humor depende de uma palavrinha. No capítulo iv da primeira parte, dom Quixote encontra um camponês espancando um criado. Depois das ameaças do cavaleiro, o camponês convida o criado a ir com ele e diz que pagará sua dívida: "*hacedme placer de veniros conmigo, que yo juro por todas las órdenes que de caballerías hay en el mundo de pagaros, como tengo dicho, un real sobre otro, y aun* sahumados".

As edições comentadas trazem notas explicando que *sahumado* quer dizer perfumado com a fumaça de ervas aromáticas, mas aqui significa que o camponês paga de boa vontade, ou que assim os reais foram melhorados. Muito bem, os viscondes e M. Pinheiro Chagas traduziram assim: "dá-me o gosto de vir comigo, que eu juro por quantas castas de cavalaria haja no mundo, de pagar, como tenho dito, até a última, e em moedinha *defumada*". Antes de mais nada, é preciso notar que foram introduzidas modificações dificilmente justificáveis e que lemos como se estivéssemos com soluço, por causa da pontuação. E *los reales sahumados*? É provável que o leitor do século xix matasse num segundo a charada da fumigação da grana, como os leitores do tempo de Cervantes.

Mas hoje? Talvez um leitor, em quinhentos ou em mil, em vez de pensar num arenque, como eu, se desse conta de que também se defuma para afugentar os maus espíritos, purificar e dar boa sorte, que é justamente o que o camponês propõe. Como passar esse sentido de modo que até gente lerda como eu entenda de estalo? O gozado é que na hora de driblar minha lerdeza fui rápido: "Dai-me o prazer de vir comigo que eu juro, por todas as ordens de cavalaria

que há no mundo, de vos pagar, como já disse, um real sobre o outro, *benzidos* ainda por cima".

Minha solução não é a única, claro. Todos os tradutores brasileiros acharam outras. Isso é interessante. Se cotejarmos as traduções, veremos muitas coincidências, coisa que me parece natural dada a semelhança entre as línguas. Mas veremos muito mais diferenças, mesmo em situações em que, como diria Sancho, poderíamos jurar de pés juntos que não havia espaço para grandes manobras. Como uma parte enorme de nossas decisões depende de fatores subjetivos, fica fácil criticar qualquer tradução, por melhor que seja. Sem falar que os tradutores são capazes de se matar por causa de detalhes.

Voltando à frase e à fumaça, note-se que não mexi em quase nada, que mantive a mesma estrutura, dando apenas um toque de mão em alguns pontos, para que entrasse no ritmo e no tom do português brasileiro. Foi quase sempre assim. Se há uma expressão no original, tratei de achar uma expressão equivalente em português, não transcrever a explicação ou, o que seria meio esquisito, manter a expressão e botar a explicação em nota de rodapé.

Os inumeráveis ditados de Sancho deram um trabalho à parte. Gastei horas e horas atrás de ditados equivalentes, quando eles perdiam agilidade e harmonia em português, ou eram de compreensão duvidosa, ou tinham sua graça ameaçada. Os rimados foram os piores. Por exemplo, o que fazer com "não importa com quem nasces, mas com quem pasces"? Uma piada evidente no tempo de Cervantes, mas você tem de ser um leitor inveterado de dicionários para saber o que é "pasces". Então? Então parti para o tudo ou nada: reinventei o ditado. "Não importa a casta, mas com quem se pasta."

Isso nos leva a minha outra grande preocupação. Numa cena da segunda parte, dom Quixote acha que a história que escreveram sobre ele, quer dizer, a primeira parte do romance, deve ser muito ruim, que "para ser entendida vai precisar de comentários". O bacharel Sansão Carrasco responde com veemência: "Isso não, porque a clareza dela é tanta que não há coisa que não se entenda:

as crianças a manuseiam, os moços a leem, os homens a entendem e os velhos a celebram, enfim, é tão folheada e tão lida e tão conhecida por todo tipo de gente que, mal se vê um pangaré magro, se diz: 'Ali vai Rocinante'". Sabe-se que o bacharel não está exagerando. Cervantes foi best-seller em seu tempo.

Mas hoje? Parece-me que traduzir Cervantes apenas para especialistas não faz muito sentido, porque se você entende de português arcaico terá pouca dificuldade para ler o original. Vamos deixar os leigos fora da festa, achando, ainda por cima, como já me disseram, que o *Quixote* é uma chatice? Uma chatice, o maior livro de humor de todos os tempos, ao lado de *Gargântua*, de Rabelais? Puxa, que pecado!

Uma solução seria modernizar a linguagem. Mas eu resisto a uma modernização, pelo menos uma modernização a ferro e fogo, porque fiquei traumatizado numa cena extremamente dramática do *Império da paixão*, de Nagisa Oshima. Para quem não lembra, o filme conta uma história de adultério e assassinato no Japão de 1895. Lá pelas tantas o amante grita para a viúva — apavorada com o fantasma que aparece no poço —, nas legendas brasileiras: "Deixe de ser Amélia!".

Como manter a atmosfera de antiguidade e ao mesmo tempo ser legível? Aí está uma boa dor de cabeça, que John Rutherford driblou em sua tradução para a Penguin. Mas nem tudo o que fica bem em inglês fica bem em português. Não tenho coragem de pôr Sancho chamando dom Quixote de "você", em vez de "vossa mercê". De modo que fui bem mais conservador que Rutherford.

Usei preferencialmente palavras da época de Cervantes ou anteriores, mas há também algumas do século xviii e uma pequena porção do século xix. Do século xx? Nenhuma (espero), mesmo que eu tenha sofrido por abrir mão de "encrenca", datada de 1913. Mas, para falar a verdade, não confio nas datas que constam nos dicionários. As palavras circulam muito de boca em boca antes de ir parar no papel. Por exemplo, *voleo* é usada por Cervantes com a maior naturalidade, mas, segundo o Houaiss, a palavra aparece escrita em português apenas no século xx. Não dá para acreditar

que os portugueses não a tivessem usado. Convenhamos, trezentos anos é tempo pra chuchu.

Enfim, embora eu tenha prestado atenção às datas, foi meio como o supersticioso que não passa embaixo de uma escada. Minhas escolhas dependeram, na maioria dos casos, da ambiguidade da palavra e um tanto — que Deus me ajude — do meu ouvido. Ambiguidade: o que Cervantes diz quando descreve dom Quixote se armando e pegando a lança? Sei, ele é pródigo em redundâncias, mas uma espiada no dicionário me diz que "se armar" também é vestir a armadura, pois ela é parte das armas de um cavaleiro. Mesmo com os coletes à prova de bala na moda, quantos de nós pensamos que vestir um deles é se armar? Pode-se considerar que um detalhe desses não faz muita diferença, na conta geral. O diabo é que detalhes desses aparecem quase em todos os parágrafos, quando não dois ou três por parágrafo. Somando-os, é bem provável que a média dos leitores se sinta desorientada. Ouvido: "porqueiro" ou "porcariço"? É provável que muitos leitores entendam num segundo do que estamos falando. Mas eu prefiro o modesto "guardador de porcos", porque não soa ridículo, como "porqueiro" não soava (suponho) nos tempos de Cervantes. E "lavrador"? Traduzi por "camponês". É que os lavradores de Cervantes não plantam apenas — têm vacas, cabras, ovelhas. E "encantadores"? Como, em muitas frases, a palavra se presta à confusão, preferi "magos", termo que por sinal faz parte da tradição.

Se o escudo e o elmo que dom Quixote usa são um escudo e um elmo específicos — adarga, morrião —, eu digo amém. Mas e as burlas que fazem ao cavaleiro? Comigo fazem brincadeiras ou pregam peças. Burla, hoje, quer dizer muito mais logro, trapaça, que gozação, mesmo que as gozações no caso sejam logros e trapaças. E o "discreto"? A todo momento aparece alguém discreto, no sentido de ser sensato e arguto, atilado, inteligente. Para economizar uma ida ao dicionário, eu poderia inserir uma nota de rodapé avisando: onde se lê "discreto", leia-se "sensato" ou "inteligente". Seria meio como pedir ao leitor que traduzisse minha tradução. Como acho que se deve apelar para as notas apenas em último caso, economizei todas as que pude.

Poderia ainda ter traduzido “discreto” por “esperto” em muitas situações. “Esperto” é uma palavra antiguinha: é do século xiii. Mas o peso que ela tem em português me impediu. Cervantes fala de gente de inteligência viva, não de estelionatários, digamos.

Talvez fique mais claro o que tento mostrar se dermos um exemplo um pouco mais longo. Escolhi um trecho do capítulo ix da primeira parte, não para deixar os viscondes e M. Pinheiro Chagas mal na parada, mas por ser típico da prosa de Cervantes e conter uma expressão idiomática que foi atropelada (atenção aos grifos), mais uma vez, devido à semelhança entre o espanhol e o português. Essa semelhança, somada à falta de desconfiômetro e à preguiça de consultar o dicionário, ou de ler os verbetes até o fim, tem causado estragos demoníacos.

Cervantes: “*Estaba en el primero cartapacio pintada muy al natural la batalla de don Quijote con el vizcaíno, puestos en la misma postura que la historia cuenta, levantadas las espadas, el uno cubierto de su rodela, el otro de la almohada, y la mula del vizcaíno tan al vivo, que estaba mostrado ser de alquiler a tiro de ballestra. Tenía a los pies escrito el vizcaíno un título que decía ‘Don Sancho de Azpetia’, que, sin duda, debía de ser su nombre, y a los pies de Rocinante estaba otro que decía ‘Don Quijote’. Estaba Rocinante maravillosamente pintado, tan* largo y tendido*, tan atenuado y flaco, con tanto espinazo, tan hético confirmado, que mostraba bien al descubierto con cuánta advertencia y propiedad se le había puesto el nombre de ‘Rocinante*’”.

A versão portuguesa: “Estava no primeiro cartapácio debuxada mui ao natural a batalha de dom Quixote com o biscainho, na mesma postura em que os descreve a história, de espadas altas, um coberto da sua rodela, o outro da almofada, e a mula do biscainho tão ao vivo, que a distância de tiro de besta se conhecia ser de aluguer. Tinha o biscainho por baixo uma inscrição que dizia: ‘Dom Sancho de Azpeitia’, que sem dúvida devia ser seu nome, e aos pés do Rocinante estava outra que dizia: ‘Dom Quixote’. Vinha Rocinante maravilhosamente pintado, tão *delgado e comprido*, tão descarnado e fraco, com arcabouço tão ressaído, e tão

desenganado hético, que bem mostrava quanto à própria se lhe tinha posto o nome de ‘Rocinante’”.

A minha: “No primeiro caderno estava pintada com todo o realismo a batalha de dom Quixote com o basco, na mesma postura que a história conta, as espadas no alto, um protegido pela rodela, o outro pela almofada, e a mula do basco tão vividamente que a tiro de balestra se via que era de aluguel. O basco tinha escrito aos pés a legenda: ‘Dom Sancho de Azpeitia’, que, sem dúvida, devia ser seu nome, e aos pés de Rocinante estava outra que dizia: ‘Dom Quixote’. Rocinante estava pintado maravilhosamente, *tintim por tintim*, tão fraco e magro, puro espinhaço, tísico confirmado, que mostrava muito bem com que tino e propriedade fora chamado de Rocinante”.

Há ainda outro problema relacionado à antiguidade. Os personagens às vezes se atiram a longos discursos, com frases intrincadas e palavras luxuosas. Facilmente esses discursos podem se tornar pomposos em português, vide as trocas de cortesia, tão exageradas que beiram o absurdo. A verdade é que Cervantes brinca com a linguagem, parodiando estilos, mas nem sempre de modo escancarado. Às vezes ele, autor, parece compartilhar a seriedade do personagem. Mais uma vez, então, a graça e a ironia dependem de pequenos detalhes. Dependem também da aceitação do jogo por parte do leitor — se ele aceita a atmosfera proposta por Cervantes, à medida que a história avança vai ficando cada vez mais deliciosa.

Em todo caso, não podemos confundir esses discursos com os elogios ao rei, à Igreja católica e às demais autoridades introduzidos por Cervantes para deleite dos censores que deviam aprovar o livro. Esses discursos sobressaem no texto e quase sempre são desmentidos pela história contada. Sobre eles, Macedonio Fernández tinha uma tirada que se tornou proverbial na Argentina: “Deve ser assim, mas isso Cervantes escreveu para ficar de bem com o comissário”.

Outro assunto delicado são os poemas, uns escritos a sério, outros na gozação. Mas, sérios ou não, lembrei das palavras do padre amigo de dom Quixote ao comentar a tradução do *Orlando furioso*,

de Ludovico Ariosto, que “lhe tirou muito de seu valor original; e o mesmo farão todos aqueles que quiserem transpor livros de verso para outra língua: por mais cuidado que tenham e habilidade que mostrem, jamais chegarão ao ponto que os versos alcançaram no primeiro parto”. Além disso, quase todos os poemas têm rima e métrica, para mim um mistério mais profundo que a Trindade. De modo que não me arrisquei, optando pela saída mais rasteira: uma tradução apenas informativa, com o original em nota para benefício dos curiosos.

Foram quase dois anos de trabalho, com pequenos períodos de descanso. É muito tempo, mas não me queixo porque, como muitos já notaram, em poucas páginas a gente se sente um velho amigo de Cervantes e de suas criaturas. Isso tornou a tradução uma espécie de conspiração, como se eu estivesse tomando uns tragos com Cervantes numa taberna e combinando a melhor forma de sacanear os cavaleiros para poder ferir mortalmente os leitores que acreditam neles. O tempero especial disso é que todos nós, começando por Cervantes, fomos esses leitores em algum momento e temos uma saudade desgraçada dele.

Segundo dom Quixote, traduzir de uma língua fácil não prova nem talento nem bom estilo, “como não o prova quem transcreve ou copia um texto de um papel para outro”. Para nós, que falamos português, o espanhol está entre as línguas fáceis, bem mais acessível que o francês e o italiano. Talvez só perca para o galego. Bem, tenha ou não tenha razão o velho fidalgo, uma coisa é certa: não tive a felicidade do doutor Cristóbal de Figueroa nem a de dom Juan de Jáuregui. Assim, devo me contentar por não ter empregado meu tempo em coisas piores e torcer para, nos embates com as semelhanças enganosas, não ter feito uma triste figura, como nosso cavaleiro ao apanhar de um moinho.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer — com o coração na mão, como certamente diria Sancho Pança — a Matinas Suzuki Jr., que embarcou com entusiasmo nessa aventura e me deixou trabalhar sem pressão de nenhum tipo; a Vanessa Ferrari, pela paciência e objetividade; a Silvia Massimini Felix, pela leitura e sugestões inteligentes; a meu filho, Lúcio Hoppe da Rosa, que socorreu meu inglês escolar; a Mário Goulart, Sérgio Fantini e Guaraci Fraga, que me apoiaram de longe e de perto e leram minha introdução, dando dicas preciosas; a Mário Goulart de novo, porque ainda leu umas duzentas páginas da primeira parte da tradução, com as observações certeiras de sempre; a Rosemery Alves, que me emprestou a tradução de Carlos Nougué e José Luis Sánchez, que não encontrei em livraria nenhuma; a dezenas de abnegados que mantêm páginas na internet com ditados populares, armas, tecidos e trajes antigos, fotos de árvores e flores, desenhos de cada parte de uma galé ou qualquer outra coisa que possa deixar um tradutor em apuros; a Silvia Cobelo, da Universidade de São Paulo, que disponibilizou na internet sua *Historiografia das traduções do* Quixote *publicadas no Brasil — Provérbios do Sancho Pança*; e, por fim, a Laura Mota Hoppe, que reclamou muito pouco do samba de duas notas só, Sancho e Quixote, que toquei para ela todo santo dia, por quase dois anos.

Introdução

john rutherford

> — Então tenho de dizer — disse dom Quixote — que o autor de minha história não foi um sábio, mas algum camponês ignorante, que às cegas e sem nenhum critério se pôs a escrevê-la, saia o que sair, como fazia Orbaneja, o pintor de Úbeda, que respondeu quando lhe perguntaram o que pintava: “O que sair”.
>
> *Dom Quixote*, ii, iii

No prólogo à primeira parte de *Dom Quixote*, Cervantes conta que a ideia do livro lhe ocorreu na prisão. É provável que se refira a sua reclusão em Sevilha (1597-8) por imperícia na função de coletor de impostos. Não se sabe se começou a escrever ainda no cárcere ou depois. Mas está claro que a obra que tinha em mente era muito diferente da que acabou produzindo. Ele pensava numa ficção breve parecida com as *Novelas exemplares*, publicadas em 1613. Indicam-no o ritmo acelerado e a curta duração da primeira incursão do cavaleiro, que a empreende sozinho e não vai além dos primeiros cinco capítulos, assim como o fato de, na sétima frase do texto, o narrador se referir à obra como *cuento*, um conto, coisa que volta a fazer só mais uma vez. Quando a ficção deslancha plenamente, Cervantes passa a chamar o texto de *libro* e *historia*, reservando *cuento* para os contos nele contidos. Ao chegar ao fim da primeira incursão, começa a perceber que precisa explorar mais o mundo ficcional fascinante em que tropeçou. De modo que, aquela que talvez tenha se iniciado como uma fábula mais ou menos moral, recorrendo à paródia para atacar os livros de cavalaria devido ao

efeito pernicioso que tinham sobre os leitores, se transformou, à medida que ia sendo escrita, no primeiro romance moderno. Recorrendo à anedota de Orbaneja, Cervantes, com característica autoironia, conta como criou sua grande obra.

No entanto, o conteúdo moral mesmo da primeira concepção de *Dom Quixote* é duvidoso. O herói se mostra tão obcecado pelas baladas espanholas tradicionais e seus protagonistas quanto pelos livros de cavalaria: histórias de cavaleiros enamorados, todos de armadura reluzente, a percorrerem países exóticos, matando gigantes e o dragão ocasional e salvando donzelas em perigo a fim de provar sua grande habilidade de guerreiros e sua perfeição de amantes, apesar das terríveis maquinações dos magos. Os livros de cavalaria gozaram de grande popularidade e foram criticados pelos moralistas por desviar da religião o pensamento dos leitores, principalmente das jovens leitoras, voltando-o para as coisas mundanas. Mas tudo isso tinha acontecido nos primeiros setenta anos do século xvi. Daí em diante, os livros de cavalaria foram superados pelo florescimento da literatura que ficou conhecido como a Idade de Ouro espanhola, e, no tempo de Cervantes, ninguém mais os considerava uma ameaça. A nova ameaça moral literária era o teatro. Mas, numa época em que, conforme o figurino clássico, a literatura ficcional devia não só agradar como instruir e na qual as autoridades podiam censurar ou proibir livros, nada era mais sensato que atribuir um propósito moral ortodoxo ao que se escrevia, particularmente quando a ironia irreverente do texto sugeria ideias críticas com relação a certos aspectos da prática católica, como o julgamento e a queima de hereges, o uso do rosário e a repetição dos credos e ave-marias. Mas tudo indica que Cervantes se interessava mais pelo prazer que pela instrução. O que o entusiasmava era a alegria da narração, a graça da paródia, o humor como algo bom em si em virtude de seu valor terapêutico. A alegação de um propósito moral inconvincente e anacrônico talvez faça parte da graça: uma paródia a mais. E a piada provoca riso até hoje, porque a obra que afirma destruir os livros de cavalaria é justamente o que manteve viva sua lembrança.

Ler este romance adorável é acompanhar o autor numa aventura excitante à medida que ele improvisa a história e a vê crescer entre suas mãos. Naturalmente, seria um erro esperar que o livro fosse rigorosamente estruturado. Apesar do grande esforço dos críticos acadêmicos, *Dom Quixote* é uma obra episódica, tanto quanto os livros de cavalaria, que consistem numa sucessão de encontros fortuitos.

O primeiro desenvolvimento depois da breve incursão inicial é prover dom Quixote de um escudeiro, Sancho Pança, que abre caminho para as conversas que se alternam com a ação. A possibilidade de recrutar um escudeiro foi sugerida, mas não posta em prática, durante a primeira incursão. As longas conversas entre cavaleiro e escudeiro não são uma característica dos livros de cavalaria, mas sua contribuição para *Dom Quixote* é vital, permitindo que este romance de aventuras cômicas também seja uma comédia de caráter. Primeiro, dom Quixote e Sancho aparecem como figuras bidimensionais da diversão burlesca, ambas derivadas da literatura espanhola recente. Dom Quixote é um velho maluco que se julga um cavaleiro andante e sofre risíveis desastres provocados por ele mesmo; e Sancho, o bufão rústico, egoísta e materialista, um personagem típico das comédias espanholas do século xvi. Os dois são absurdamente inadequados a seus papéis: nos livros de cavalaria, os cavaleiros e os escudeiros eram jovens de berço nobre, sendo que os últimos estavam fazendo o aprendizado para depois também vir a ser cavaleiros.

Mas estes dois palhaços logo passam a se desenvolver, tal como se desenvolve a relação entre eles. Cada qual começa a mostrar características contraditórias: dom Quixote tem direito a intervalos lúcidos, derivados das teorias médicas contemporâneas acerca da natureza da loucura, e Sancho obtém a astúcia e certa sagacidade da figura do camponês dos contos populares. Os dois ganham profundidade e complexidade — um louco lúcido e um bobo sábio — e o humor se torna mais sutil, embora nunca se afaste do burlesco. Acima de tudo, tanto dom Quixote quanto Sancho adquirem a capacidade de nos pasmar, se bem que sempre de modo convincente. Aqui são relevantes dois princípios da teoria

literária da Idade de Ouro: a crença em que *admiratio* (admiração) e verossimilhança são qualidades essenciais à literatura ficcional subjaz à maravilhosa combinação de imprevisibilidade e credibilidade de nossos dois heróis. *Dom Quixote* é uma obra experimental muito adiante de seu tempo, no entanto está profundamente enraizada em seu tempo. A determinação do protagonista de transformar a vida numa obra de arte, que chegará ao clímax em sua penitência na Sierra Morena, é a consequência da aplicação insana de outro princípio literário do Renascimento, o da *imitatio*, a importância da imitação dos modelos literários.

A julgar pelo que Cervantes diz no fim do prólogo, ele se orgulhava muito de haver criado Sancho Pança. E, logo que este aparece, Cervantes relata o incidente que viria a ser o mais famoso do livro, a aventura dos moinhos de vento. Os leitores se perguntam por que ele é narrado tão sucintamente, mas o motivo é bem claro: a história mal estava começando a se expandir, ainda não evoluíra de *cuento* para *historia*. É possível que os leitores também indaguem por que se tornou o episódio mais famoso: simplesmente por ser a primeira aventura que cavaleiro e escudeiro vivem juntos?

A segunda etapa desse desenvolvimento espontâneo para um romance é a invenção dos narradores. Durante toda a primeira incursão, a história é contada por um narrador anônimo ao qual não se dá a menor importância. Uma vez mais, vemos indícios do que está por vir quando somos informados das opiniões divergentes sobre questões factuais entre os diversos autores que escreveram a respeito de dom Quixote, e à medida que ele próprio prenuncia como o sábio que fará a crônica de suas aventuras há de descrever essa primeira. Dom Quixote acaba de sair de casa novamente quando Cervantes começa a pensar num modo de explorar essa ideia de diversos narradores para que o chiste continue: num ponto altamente inconveniente, afirma que é ali que o material da fonte, e portanto a própria história, chega subitamente ao fim. O enigmático segundo autor, agora apresentado como o mentiroso historiador mouro Cide Hamete Benengeli, e seu nada confiável tradutor mourisco, juntos, conseguem resolver o problema, fazer com que a história prossiga e criar oportunidades de jogar jogos literários no

transcorrer do romance. Tudo isso é mais uma paródia dos livros de cavalaria, geralmente apresentados como traduções espanholas de documentos antigos.

É justamente nesse ponto, o início do capítulo ix, que *Dom Quixote* é chamado de *cuento* pela última vez. A história escapa tortuosamente das mãos de Miguel de Cervantes Saavedra para cair nas de Cide Hamete Benegeli. Cervantes também marca essa transição avisando que a segunda parte começa ali e referindo-se ao "muito que em minha opinião faltava de história tão deliciosa". "Pareceu-me coisa impossível e fora de todo bom costume que houvesse faltado a esse excelente cavaleiro algum mago que se encarregasse de escrever suas façanhas nunca vistas", prossegue Cervantes ao perceber o potencial desse *cuento* e ao incluir na própria história o ato de percebê-lo. A partir daí, já não se pode conferir a evolução de *Dom Quixote* de conto para romance.

De modo que agora Sancho e o bando de narradores são incorporados, e Cervantes continua escrevendo, depressa, sem parar para examinar as incoerências internas. Depois de vários outros capítulos, ocorre-lhe que a jocosidade aumentaria se a linguagem de Sancho se caracterizasse por um acúmulo de provérbios, e, a partir de então, é assim que passa a ser a famosa fala do escudeiro. É possível que a ideia tenha saído da *Comedia o tragicomedia de Calisto y Melibea* (1499 e 1502), de Fernando de Rojas, geralmente conhecida como *La Celestina*, uma narrativa ficcional dramática repleta de provérbios, a maior parte dos quais reutilizada em *Dom Quixote*. Não seria difícil revisar os capítulos anteriores e pôr alguns provérbios na boca de Sancho, em prol da coerência, mas Cervantes não se detém por conta de semelhante trivialidade. Está escrevendo um romance cômico efêmero de consumo popular, não uma obra clássica erudita para o estudo minucioso e a análise das futuras gerações de críticos doutos. No entanto, ele também começa a se dar conta de toda a importância desse seu achado e faz com que um dos personagens o felicite: "não sei se alguém, querendo inventá-la e vivê-la fantasiosamente, teria imaginação tão afiada que pudesse topar com ela", diz Cardênio no capítulo xxx.

Mas, duvidando de sua capacidade de transformar um tema simples como o relacionamento de dois amigos excêntricos e nômades num volumoso romance de sucesso, Cervantes trata de interpolar alguns contos que têm frágeis vínculos com a história principal, não participam de seu tom cômico, e os quais o leitor pode pular se os achar enfadonhos, ainda que não lhes faltem interessantes qualidades próprias. E, tendo escrito suas duzentas mil e tantas palavras, Cervantes leva dom Quixote de volta para casa e termina a história. Esse fim tanto encerra o romance, aludindo à morte do cavaleiro, quanto o deixa aberto para uma possível continuação, mencionando aventuras subsequentes, particularmente sua participação em certas justas em Zaragoza e incluindo uma citação do *Orlando furioso* de Ariosto para sugerir que outra pessoa talvez queira dar seguimento à história, como costumava acontecer com os livros de cavalaria.

El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha foi publicado em Madri, numa edição açodada, malfeita, entre o fim de dezembro de 1604 e o começo de janeiro de 1605. O livro foi um sucesso popular imediato. Nascido em 1547, Cervantes já era velho, mas, mesmo assim, instigado pelo florescimento extraordinário da literatura na Espanha do início do século xvii, estava no auge da produtividade criativa. Incapaz de resistir ao estímulo dado pela popularidade de *Dom Quixote*, ele retoma a versão aberta do fim e decide levar seu cavaleiro a Zaragoza, como prometeu. Reagindo à crítica, diz que os contos interpolados na segunda parte serão mais breves e mais integrados à história principal, desenvolvendo-se a partir das experiências dos dois heróis.

Sua imaginação não tarda a se valer de uma circunstância nova e repleta de possibilidades de enriquecer ainda mais o romance: a publicação e a popularidade da primeira parte. Assim, agora dom Quixote descobre que é o herói que ele tão improvavelmente almejava ser, e Sancho também goza de uma fama inesperada. Nenhum dos dois conhece a triste verdade da maneira como foram descritos, de modo que sua autoconfiança e autoimportância aumentam, assim como sua complexidade. Dom Quixote atrai nossa simpatia e piedade, assim como nosso escárnio, já que é alvo de

uma série de sofisticadas piadas práticas: mas rir à sua custa agora é mais desconfortável. A evolução de Sancho Pança de simplório para um homem de talento se acelera à medida que ele cria confiança para enganar e manipular seu senhor, algo que já começou a fazer na primeira parte: as relações entre superiores e inferiores mostram-se mais complexas do que talvez pareçam. E agora Cervantes concebe um meio para que Sancho venha a ser, espantosa mas credivelmente, governador da ilha que lhe é prometida logo em sua primeira aparição; e o escudeiro torna a nos impressionar com a rara combinação de sabedoria e burrice que mostra tanto no governo quanto ao se afastar dele.

No outono de 1614, quando o fatigado Cervantes está escrevendo o capítulo lix, já perto do fim da segunda parte, eis que estoura uma bomba: a publicação, em Tarragona, do *Segundo volume do engenhoso cavaleiro dom Quixote da Mancha*, de Alonso Fernández de Avellaneda, pseudônimo de um escritor não identificado que, tendo aceitado o convite fajuto do fim da primeira parte, produzira uma imitação inferior, que narrava a viagem a Zaragoza e os fatos lá ocorridos. Cervantes expressa sua irritação no prólogo da segunda parte (naturalmente, a última seção que escreveu). Mas é artista demais para deixar que a raiva o cegue para as possibilidades cômicas abertas pelo surgimento inesperado de outro dom Quixote e outro Sancho Pança; e trata de incluí-los em sua história. E dom Quixote, ainda a caminho de Zaragoza, muda de planos de uma hora para outra e decide ir a Barcelona: para demonstrar a espuriedade do relato de Avellaneda. Tudo isso impele Cervantes a conduzi-lo ao fim de sua história, o qual já vinha se anunciando no crescimento de dúvidas e desilusão na mente dos dois personagens. Cervantes tem o cuidado de concluir a segunda parte com um desfecho definitivo e categórico. Aliás, não lhe restavam muitos meses de vida.

Nesta reconstrução da escrita de *Dom Quixote*, frisei seu caráter de livro engraçado porque tudo indica que era essa a intenção do autor. É possível que o leitor moderno tenha dificuldade para apreciar parte dessa graça, já que ela nos parece tão cruel. Para enfrentar esse problema, é útil recordar que, até uma época

comparativamente recente, o riso era a reação autodefensiva contra a descoberta de flagrantes desvios da beleza e da harmonia da natureza divina. O riso nos distancia daquilo que é feio e, portanto, potencialmente angustiante, permitindo-nos, de fato, dele extrair prazer e benefício terapêutico paradoxais. Nos últimos dois séculos, o espaço de experiências angustiantes com as quais se podia lidar com o auxílio do riso encolheu, e, hoje em dia, está em voga preferir o eufemismo desprovido de humor e politicamente correto, coisa que pode ser menos eficaz ainda; mas, no tempo de Cervantes, a loucura e a violência figuravam entre as muitas manifestações da feiura que se podiam enfrentar com o riso.

E, no entanto, é comum as obras de literatura ficcional desenvolverem, tanto na escrita quanto depois, qualidades diferentes das pretendidas pelo autor, e em *Dom Quixote* são muitas as que nos levam a pensar seriamente. Rimos das palhaçadas de dom Quixote e Sancho; mas, quando descobrimos que o fazemos em companhia do tolo duque e da tola duquesa, pode ser que não nos sintamos tão à vontade com nosso riso; nesse caso, o romance passa a ser não só um livro engraçado sobre malucos como uma exploração da ética da graça e da incerta linha divisória entre loucura e lucidez. É claro que, para tomar outro exemplo, Cervantes fez da própria ficção um tema central de sua obra de ficção por causa das possibilidades cômicas que isso lhe oferecia. Mas nada impede os leitores de avançar para uma consideração de sérias implicações sobre as relações entre fato e ficção e sobre os paralelos entre a reação de dom Quixote aos livros de cavalaria e as reações atuais às telenovelas ou à violência televisada. Tudo isso pode até levar à percepção de que a ficção afetada ou autorreferente não é uma descoberta do século xx, como parecem acreditar certos críticos e teóricos contemporâneos em seu provincianismo pós-modernista.

Com sua graça e toda a seriedade e todas as surpresas, *Dom Quixote* oferece aos leitores uma gloriosa viagem de descoberta na excelente companhia de Sancho Pança, Dom Quixote de la Mancha e Miguel de Cervantes Saavedra. *¡Buen viaje a todos!*

O engenhoso fidalgo dom Quixote de la Mancha

primeira parte

Prólogo

Desocupado leitor: podes crer, sem juramento, que eu gostaria que este livro, como filho da inteligência, fosse o mais formoso, o mais galhardo e o mais arguto que se pudesse imaginar. Mas não consegui contrariar a ordem da natureza, em que cada coisa gera seu semelhante. Então o que poderia criar meu árido e mal cultivado engenho a não ser a história de um filho seco, murcho, caprichoso e cheio de pensamentos desencontrados que não passaram pela imaginação de nenhum outro, exatamente como alguém que foi concebido num cárcere, onde todo incômodo tem seu assento e onde toda triste discórdia faz sua moradia?[1] O sossego, o lugar agradável, a amenidade dos campos, a placidez dos céus, o murmúrio das fontes e a tranquilidade do espírito são de grande ajuda para que as musas mais estéreis se mostrem fecundas e ofereçam ao mundo partos que o encham de maravilha e alegria.

Acontece de um pai ter um filho feio e sem graça alguma, e o amor que tem por ele venda-lhe os olhos para que não veja seus defeitos, tomando-os antes por sagacidades e belezas, e fala deles aos amigos como de exemplos de espírito e elegância. Mas eu — que, embora pareça pai, sou padrasto de dom Quixote — não quero seguir a corrente costumeira, nem te suplicar quase em lágrimas, como outros fazem, caríssimo leitor, que me perdoes ou toleres os defeitos que vires neste meu filho, pois não és parente nem amigo dele, tens tua alma em teu corpo e teu livre-arbítrio como o melhor entre os melhores, e estás em tua casa, onde és senhor, como o rei de seus tributos, e sabes que cada um pensa o que bem quer, ou não se costuma dizer que “embaixo de meu manto, ao rei mato”? Tudo isso te isenta e te deixa livre de todo respeito e obrigação, de

modo que podes dizer tudo aquilo que pensares da história, sem medo de que te caluniem pelo mal ou te premiem pelo bem que disseres dela.

Gostaria somente de te dar esta história nua e crua, sem o ornamento de um prólogo nem do inumerável catálogo dos habituais sonetos, epigramas e elogios que se costuma pôr no começo dos livros. Porque posso te garantir que, embora tenha me custado algum trabalho escrevê-la, nenhum foi maior do que fazer esta introdução que vais lendo. Muitas vezes peguei a pena para escrevê-la e muitas a deixei, por não saber o que escreveria; e estando numa delas empacado, com o papel na frente, a pena atrás da orelha, o cotovelo na mesa e a mão no queixo, pensando no que diria, lá pelas tantas entrou um amigo meu, espirituoso e inteligente, que, vendo-me tão meditativo, me perguntou a causa. Não a ocultando, eu disse que pensava no prólogo que tinha de fazer para a história de dom Quixote e me achava num estado em que nem queria fazê-lo, nem muito menos publicar as façanhas de tão nobre cavaleiro sem ele.

— Pois como quereis vós que não me deixe confuso o que dirá o antigo legislador que chamam povo quando vir que, ao cabo de tantos anos como estes em que durmo no silêncio do esquecimento, saio agora, com o peso da idade nas costas,[2] com um livro seco como palha, longe da invenção, franzino de estilo, pobre de conceitos e carente de toda erudição e doutrina, sem notas nas margens e sem comentários no fim, como vejo em outros livros, ainda que sejam de ficção e profanos, tão cheios de frases de Aristóteles, de Platão e de um bando todo de filósofos, que deixam os leitores admirados e os levam a pensar que os autores são homens lidos, eruditos e eloquentes? E quando citam a Sagrada Escritura, meu caro? Dizem no mínimo que são uns Santos Tomases e outros tantos doutores da Igreja, adequando o estilo de modo tão engenhoso que numa linha pintam um amante devasso e em outra fazem um sermãozinho cristão, que é uma alegria e uma dádiva ouvi-lo ou lê-lo. Disso tudo há de carecer meu livro, porque não tenho o que anotar nas margens nem comentar no fim, muito menos sei que autores sigo nele para nomeá-los no começo, como

fazem todos, na ordem do abc, começando em Aristóteles e acabando em Xenofonte e Zoilo ou Zêuxis, mesmo que um fosse maledicente e o outro, pintor. Meu livro também há de carecer de sonetos no princípio, pelo menos de sonetos cujos autores sejam duques, marqueses, condes, bispos, damas ou poetas célebres, embora, se eu os pedisse a dois ou três amigos do ofício, sei que seria atendido, e os fariam sem que os igualassem os versos daqueles que têm mais nome em nossa Espanha. Enfim, meu senhor e amigo — continuei —, resolvi que o senhor dom Quixote fique sepultado em seus arquivos na Mancha até que o céu apresente quem o adorne com todas essas coisas que lhe faltam, porque eu me acho incapaz de supri-las devido a minha insuficiência e poucas letras, e também porque sou acomodado e preguiçoso por natureza para andar procurando autores que digam o que eu sei dizer sem eles. Daí nasce o embaraço e a indecisão em que me achastes: causa suficiente para me pôr assim como vos falei.

Ao ouvir isso, meu amigo me disse, dando uma palmada na testa e disparando uma salva de risos:

— Por Deus, meu irmão, acabo de perceber um engano em que acreditei há muito tempo, desde que vos conheço: sempre vos julguei inteligente e sensato em todas as ações. Mas agora vejo que estais tão longe disso como o céu da terra. Como é possível que coisas de tão pouca monta e tão fáceis de remediar possam ter forças para meter nesse embaraço e alheamento um engenho tão maduro como o vosso, sempre pronto a atropelar e demolir outras dificuldades maiores? Com certeza, isso não nasce por falta de habilidade, mas por excesso de preguiça e penúria mental. Quereis ver se é verdade o que digo? Prestai-me atenção e vereis como, num piscar de olhos, abato todas as vossas dificuldades e corrijo todas as deficiências que dizeis que vos embaraçam e acovardam, impedindo-vos de apresentar ao mundo a história do famoso dom Quixote, luz e espelho de toda a cavalaria andante.

— Dizei: de que modo pensais preencher o vazio de meu temor e levar a claridade ao caos de minha confusão? — repliquei, ouvindo o que me dizia.

A isso, ele me disse:

— O reparo que fazeis sobre os sonetos, epigramas ou elogios que vos faltam para o princípio, que devem ser de personagens sérios detentores de títulos, pode se remediar desde que vós mesmo queirais ter o trabalho de fazê-los e depois batizá-los, pondo-lhes o nome que quiserdes, atribuindo-os até ao Preste João das Índias ou ao imperador da Trebizonda, que foram poetas dignos de fama, pelo que se diz. Mas, se por acaso não o tenham sido e houver alguns pedantes e tagarelas que pelas costas vos detratem e cochichem sobre essa verdade, não vos deis por achado, porque, ainda que investiguem a mentira, não vos cortarão a mão com que a escrevestes.

“Quanto a citar nas margens os livros e autores de onde tirastes as frases e ditos que inseristes em vossa história, não tendes mais a fazer que encaixar algumas sentenças ou latins que saibais de memória, ou pelo menos que vos deem pouco trabalho achar, como será dizer, tratando-se de liberdade e escravidão:

Non bene pro toto libertas venditur auro.[3]

“E depois, na margem, citar Horácio, ou quem a disse. Se tratardes do poder da morte, atacai logo com

Pallida mors æquo pulsat pede pauperum tabernas, regumque turres.[4]

“Se for da amizade e amor que Deus manda que se tenha pelo inimigo, entrai logo no assunto pela Sagrada Escritura, o que podeis fazer com um tiquinho de cuidado, dizendo no mínimo as palavras do próprio Deus: *Ego autem dico vobis: diligite inimicos vestros*.[5]

“Se tratardes de maus pensamentos, vinde com o Evangelho: *De corde exeunt cogitationes malæ*.[6] Se for da inconstância dos amigos, aí está Catão, que vos dará seu dístico:

Donec eris felix, multos numerabis amicos.
Tempora si fuerint nubila, solus eris.[7]

"E com esses e outros latinzinhos vos terão até por gramático, o que não é de pouca honra e proveito nos dias de hoje.

"No que toca a anotações no final do livro, sem temor podeis fazer desta maneira: se mencionardes algum gigante em vosso livro, fazei com que seja o gigante Golias. Apenas com isso, que vos custará quase nada, tereis um bom comentário, pois podeis dizer: 'O gigante Golias ou Goliat foi o filisteu a quem o pastor Davi matou com uma boa pedrada, no vale do Terebinto, conforme se conta no Livro dos Reis', no capítulo que vós achardes que está escrito.

"Em seguida, para vos mostrardes cosmógrafo e erudito em humanidades, fazei com que em vossa história se mencione o rio Tejo e tereis logo outra famosa anotação, escrevendo: 'O rio Tejo foi assim chamado por causa de um rei das Espanhas; nasce em tal lugar e morre no mar Oceano, beijando os muros da famosa cidade de Lisboa, e se diz que tem as areias de ouro' etc. Se tratardes de ladrões, eu vos darei a história de Caco, que sei de cor; se de mulheres lascivas, aí está o bispo de Mondoñedo, que vos emprestará Lâmia, Laida e Flora, cuja anotação vos dará grande reputação; se de mulheres cruéis, Ovídio vos entregará Medeia; se de magas e feiticeiras, Homero tem Calipso e Virgílio, Circe; se de capitães valentes, o próprio Júlio César vos emprestará a si mesmo em seus *Comentários*, e Plutarco vos dará mil Alexandres. Se tratardes de amores, com duas pitadas que saibais da língua toscana topareis com Leão Hebreu, que vos encherá as medidas. E, se não quereis andar por terras estranhas, em casa tendes Fonseca, *Del amor de Dios*, onde se anota tudo o que vós e o mais engenhoso escritor poderiam desejar em tal matéria. Enfim, nada mais tendes a fazer que procurar dizer esses nomes, ou aludir na vossa essas histórias de que falei, deixando a meu cargo escrever as anotações e os comentários, que vos juro encher as margens e gastar uma resma de papel no fim do livro.

"Vamos agora à citação dos autores que os outros livros têm, mas que falta ao vosso. O remédio para isso é muito fácil, porque não haveis de fazer outra coisa que achar um livro que os aponte todos, desde o A até o Z, como dissestes. Poreis então esse mesmo

abecedário em vosso livro; e, ainda que se veja claramente a mentira, pela falta de necessidade que tínheis de vos servir de tantos autores, pouco importa, sem falar que talvez haja alguém tão simplório que acredite que todos eles tenham sido utilizados em vossa simples e singela história; e, se o longo catálogo não servir para nada, servirá pelo menos para dar um imprevisto ar de autoridade ao livro. Além do mais, não haverá quem se dê ao trabalho de averiguar se os seguistes ou não, não lucrando nada com isso. Depois, se entendi direito, vosso livro não tem necessidade de nenhuma daquelas coisas que dizeis que lhe faltam, porque todo ele é uma invectiva contra os livros de cavalaria, de que nunca se lembrou Aristóteles, nem disse nada São Basílio, nem pensou Cícero; também não entram na conta de seus disparates fantasiosos as minúcias da verdade, nem as observações da astrologia; nem lhe importam as medidas geométricas, nem a refutação dos argumentos de quem se serve da retórica, nem tem motivo para fazer sermão a ninguém, misturando o humano com o divino, combinação de água e óleo que nenhum espírito cristão deve experimentar.

“Tendes de vos aproveitar da imitação apenas no que fordes escrevendo, pois, quanto mais perfeita ela for, tanto melhor será vosso livro. E, como essa vossa escrita não deseja mais que desbancar a autoridade e a aceitação que os livros de cavalaria têm no mundo e no gosto do povo, não careceis de andar mendigando frases de filósofos, conselhos da Sagrada Escritura, fábulas de poetas, orações de retóricos, milagres de santos, mas sim procurar que, sem pompa, com palavras expressivas, honestas e bem colocadas, vossas sentenças e proposições saiam sonoras e festivas, pintando vossa intenção em tudo que alcançardes e for possível, dando a entender vossos conceitos sem emaranhá-los e obscurecê-los. Procurai também que, lendo vossa história, o melancólico se ria, o risonho gargalhe, o tolo não se aborreça, o inteligente se admire da invenção, o circunspecto não a despreze nem o ponderado deixe de louvá-la. Enfim, levai a mira posta na destruição dos descosidos enredos desses livros de cavalaria,

desdenhados por tantos e enaltecidos por muitos mais. Se alcançardes isso, não tereis alcançado pouco.”

Em total silêncio escutei o que meu amigo dizia, e de tal maneira me impressionaram as palavras dele que sem discussão as aceitei por boas e delas mesmas quis fazer este prólogo, onde verás, caro leitor, o tino de meu amigo, minha boa sorte em achar em tempo conselheiro de que eu necessitava tanto, e o alívio que sentirás ao encontrar a história tão sincera e sem rodeios do famoso dom Quixote de la Mancha, de quem todos os habitantes do campo de Montiel dizem ter sido o mais casto apaixonado e o mais valente cavaleiro que desde muitos anos até hoje se viu naquelas paragens. E não quero encarecer o serviço que te presto ao te apresentar tão nobre e honrado cavaleiro, mas quero que me agradeças o conhecimento que terás do famoso Sancho Pança, seu escudeiro, em quem, me parece, te dou a síntese de todas as graças escudeiris que se encontram espalhadas na enxurrada dos inúteis livros de cavalaria. E, com isto, Deus te dê saúde e não se esqueça de mim. *Vale*.[8]

Versos preliminares

ao livro de dom quixote de la mancha,
urganda,[1] a desconhecida

Se ao te aproximares dos bons,
livro, fores com cuida[do],[2]
não te dirá o boquirro[to]
que metes os pés pelas mãos.
Mas se o pão não te abatu[mas]
por ir às mãos de idio[tas],
verás, num piscar de o[lhos],
que não acertam uma no al[vo],
embora roam as u[nhas]
para mostrar que são sá[bios].

Pois a experiência ensi[na]
que, o que à boa árvore se che[ga],
boa sombra o abri[ga].
Em Béjar tua boa estre[la]
uma árvore real te ofere[ce],
que dá príncipes por fru[tas],
na qual floresceu um du[que]
que é novo Alexandre Ma[gno]:
chega a sua sombra, que a ousa[dos]
favorece a fortu[na].

De um nobre fidalgo manche[go]
contarás as aventu[ras],
a quem ociosas leitu[ras]
transtornaram a cabe[ça];
damas, armas, cavalei[ros],
lhe provocaram de mo[do]
que, como Orlando furio[so],
afinado pelo amor,
alcançou à força de bra[ço]
Dulcineia del Tobo[so].

Impertinentes hieró[glifos]
não estampes no escu[do],
pois quando tudo é figu[ra],
com más cartas se apos[ta].
Se na dedicatória és humil[de],
não dirá trocista algum:
— Como dom Álvaro de Lu[na],
como Aníbal, o de Carta[go],
como rei Francisco na Espa[nha]
se queixa da fortu[na]!

Pois ao céu não agradou
que saísses tão ladi[no]
como o negro Juan Lati[no],
falar latins recu[sa].
Não te faças de argu[to],
nem me venhas com filó[sofos];
porque, torcendo a bo[ca],
dirá quem entende o tru[que],
te puxando as ore[lhas]:
— Para que comigo trapacear?

Não te metas em confusão,

nem em saber vidas alhei[as];
se o que vem não te to[ca],
passar ao largo é prudên[cia],
pois costumam dar o tro[co]
aos que grace[jam];
mas tu queimas as pesta[nas]
só para ganhar boa fa[ma];
pois quem publica toli[ces]
as dá para todo o sem[pre].

Vejas que é desati[no],
sendo de vidro o telha[do],
apanhar pedras nas mãos
para atirar no vizi[nho].
Deixa que o homem de juí[zo],
nas obras que compõe
vá com pés de chum[bo],
pois quem dá à luz seus tex[tos]
para entreter donze[las]
escreve às tontas e às lou[cas].[a]

amadis de gaula
a dom quixote de la mancha

soneto

Tu, que imitaste a chorosa vida
que tive, ausente e desdenhado, sobre
a grande ribanceira da Peña Pobre,
de alegre a penitência reduzida;

tu, a quem os olhos deram de beber
do abundante licor, embora salobre,

e tirando-te os serviços de prata, estanho ou cobre,
te deu a comida em pratos de barro,

vive certo de que eternamente,
enquanto, ao menos, pela quarta esfera
o louro Apolo esporeie seus cavalos,

terás brilhante renome de valente;
tua pátria será entre todas a primeira;
teu sábio autor, neste mundo único e só.[b]

dom belianis da grécia
a dom quixote de la mancha

soneto

Quebrei, cortei, amassei e disse e fiz
mais que qualquer cavaleiro andante;
fui destro, fui valente, fui arrogante;
mil agravos vinguei, cem mil desfiz.

Façanhas dei à Fama que eternize;
fui cortês e agradável amante;
foi anão para mim todo gigante
e em duelo todos os pontos satisfiz.

Tive a meus pés prostrada a Fortuna
e minha prudência trouxe pelo topete
a calva Oportunidade sem dó nem pena.

Mas, ainda que sobre os cornos da lua
sempre se viu posta minha ventura,
tuas proezas invejo, oh, grande Quixote![c]

a senhora oriana[3]
a dulcineia del toboso

soneto

Oh, quem tivesse, formosa Dulcineia,
para mais comodidade e mais repouso,
posto Miraflores em Toboso,
e trocasse sua Londres por tua aldeia!

Oh, quem com teus desejos e trajes
alma e corpo adornasse, e do famoso
cavaleiro que fizeste venturoso
assistisse alguma desigual peleja!

Oh, quem tão castamente escapasse
do senhor Amadis como tu fizeste
do comedido fidalgo dom Quixote!

Que assim invejada fosse, e não invejasse,
e fosse alegre o tempo que foi triste,
de graça os prazeres desfrutasse.[d]

gandalin, escudeiro de amadis de gaula,
a sancho pança, escudeiro de dom quixote

soneto

Salve, varão famoso, a quem a Fortuna,
quando no ofício escudeiril te pôs,
tão branda e pacatamente o dispôs,
que desempenhaste sem desgraça alguma.

Já a enxada ou a foice pouco repugna
ao andante exercício; já está em uso
a singeleza escudeira, com que acuso
ao soberbo que tenta pisar a lua.

Invejo teu jumento e teu nome,
e a teus alforjes igualmente invejo,
pois mostraram tua sensata precaução.

Salve outra vez, oh, Sancho!, tão bom homem,
pois apenas a ti nosso Ovídio espanhol,
com um cascudo, faz reverência.[e]

do donoso, poeta misturado,[4]
a sancho pança e rocinante

Sou Sancho Pança, escudei[ro]
do manchego dom Quixo[te];
pus pés em polvoro[sa],
por viver à [toa];
pois o tácito Vila-Dio[go]
toda a sua razão de esta[do]
cifrou numa retira[da],
conforme sente *Celesti*[*na*],[5]
livro, em minha opinião, divi[no],
se encobrisse mais o huma[no].

A Rocinante
Sou Rocinante, o famo[so]
bisneto do grande Babie[ca];
por pecados de magre[za]
fui parar com um dom Quixo[te].

Carreiras corri sem for[ças];
mas por um fio de cabe[lo]
não me escapou a ceva[da],
que isto aprendi de Lazari[lho][6]
quando, para furtar o vi[nho]
do cego, lhe dei a pa[lha].[f]

orlando furioso
a dom quixote de la mancha

soneto

Se não és par, tampouco o tiveste:
que par poderias ser entre mil pares,
nem pode havê-lo onde te achares,
invicto vencedor, jamais vencido.

Quixote, eu sou Orlando, que, perdido
por Angélica, vi remotos mares,
oferecendo à Fama em seus altares
minha coragem, que respeitou o olvido.

Não posso ser teu igual, para ser justo
com tuas proezas e tua fama,
embora como eu perdeste o juízo.

Mas poderás ser de mim, se ao soberbo mouro
e ao cita feroz domares, que hoje nos chama
iguais a má sorte no amor.[g]

o cavaleiro do febo[7]
a dom quixote de la mancha

soneto

A vossa espada não igualou a minha,
Febo espanhol, diligente cortesão,
nem à alta glória de coragem minha mão,
que foi raio onde nasce e morre o dia.

Impérios desprezei; a monarquia
que me ofereceu em vão o Oriente vermelho
deixei, para ver o rosto soberano
de Claridiana, minha formosa aurora.

Amei-a por milagre único e raro,
e, ausente em sua desgraça, o próprio inferno
temeu meu braço, que domou sua raiva.

Mas vós, nobre Quixote, ilustre e puro,
por Dulcineia sois para o mundo eterno,
e ela, por vós, famosa, honesta e sábia.[h]

de solisdán a dom quixote de la mancha

soneto

Senhor Quixote, ainda que loucuras
vos tenham o cérebro derrubado,
nunca sereis por alguém censurado
como homem de obras vis e vulgares.

Serão vossas façanhas os juízes,
pois desfazendo injúrias haveis andado,
sendo mil vezes espancado

por bandidos traidores e vis.

E se a vossa linda Dulcineia
injustiças contra vós comete,
nem de vossas penas se compadece,

em tal desmando vosso consolo seja
que Sancho Pança foi mau alcoviteiro,
néscio ele, dura ela, e vós não amante.[i]

diálogo entre babieca e rocinante

soneto

B. Como estás, Rocinante, tão delgado?
R. Porque nunca se come, e se trabalha.
B. Mas o que é da cevada e da palha?
R. Não me deixa meu amo nem um bocado.

B. Ora, senhor, que estais muito mal-educado,
pois vossa língua de asno ao amo ultraja.
R. Asno se é do berço à mortalha.
Quereis ver? Olhai o apaixonado.

B. É burrice amar?
R. Cadê a prudência?
B. Metafísico estais.
R. É que não como.
B. Queixai-vos do escudeiro.
R. Não é o bastante.

Como hei de me queixar de minha dolência,
se amo e escudeiro ou mordomo

são tão rocins como Rocinante?[j]

a *Al libro de don Quijote de la Mancha, Urganda la desconocida — Si de llegarte a los bue-,/ libro, fueres con lectu-,/ no te dirá el boquirru-/ que no pones bien los de-/ Mas si el pan no se te cue-/ por ir a manos de idio-,/ verás de manos a bo-/ aun no dar una en el cla-,/ si bien se comen las ma-/ por mostrar que son curio-.// Y pues la experiencia ense-/ que el que a buen árbol se arri-/ buena sombra le cobi-,/ en Béjar tu buena estre-/ un árbol real te ofre-/ que da príncipes por fru-,/ en el cual floreció un du-/ que es nuevo Alejandro Ma-:/ llega a su sombra, que a osa-/ favorece la fortu-.// De un noble hidalgo manche-/ contarás las aventu-,/ a quien ociosas lectu-/ trastornaron la cabe-;/ damas, armas, caballe-,/ le provocaron de mo-/ que, cual Orlando furio-,/ templado a lo enamora-,/ alcanzó a fuerza de bra-/ a Dulcinea del Tobo-.// No indiscretos hieroglí-/ estampes en el escu-,/ que, cuando es todo figu-,/ con ruines puntos se envi-./ Si en la dirección te humi-,/ no dirá mofante algu-:/ “¡Qué don Álvaro de Lu-,/ qué Anibal el de Carta-,/ qué rey Francisco en Espa-/ se queja de la fortu-!”.// Pues al cielo no le plu-/ que salieses tan ladi-/ como el negro Juan Lati-,/ hablar latines rehú-./ No me despuntes de agu-,/ ni me alegues con filó-,/ porque, torciendo la bo-,/ dirá el que entiende la le-,/ no un palmo de las ore-:/ “¿Para qué conmigo flo-?”.// No te metas en dibu-,/ ni en saber vidas aje-,/ que en lo que no va ni vie-/ pasar de largo es cordu-,/ que suelen en caperu-/ darles a los que grace-;/ mas tú quémate las ce-/ sólo en cobrar buena fa-,/ que el que imprime neceda-/ dalas a censo perpe-.// Advierte que es desati-,/ siendo de vidrio el teja-,/ tomar piedras en las ma-/ para tirar al veci-./ Deja que el hombre de jui-/ en las obras que compo-/ se vaya con pies de plo-,/ que el que saca a luz pape-/ para entretener donce-/ escribe a tontas y a lo-.*

b *Amadís de Gaula a don Quijote de la Mancha — Soneto — Tú, que imitaste la llorosa vida/ que tuve, ausente y desdeñado, sobre/ el gran ribazo de la Peña Pobre,/ de alegre a penitencia reducida;// tú, a quien los ojos dieron la bebida/ de abundante licor, aunque salobre,/ y alzándote la plata, estaño y cobre,/ te dio la tierra en tierra la comida,// vive seguro de que eternamente,/ en tanto, al menos, que en la cuarta esfera/ sus caballos aguije el rubio Apolo,// tendrás claro renombre de valiente;/ tu patria será en todas la primera;/ tu sabio autor, al mundo único y solo.*

c *Don Belianís de Grecia a don Quijote de la Mancha — Soneto — Rompí, corté, abollé y dije y hice/ más que en el orbe caballero andante;/ fui diestro, fui valiente, fui arrogante;/ mil agravios vengué, cien mil deshice.// Hazañas di a la Fama que eternice;/ fui comedido y regalado amante;/ fue enano para mí todo gigante,/ y al duelo en cualquier punto satisfice.// Tuve a mis pies postrada la Fortuna,/ y trajo del copete mi cordura/ a la calva Ocasión al estricote.// Mas, aunque sobre el cuerno de la luna/ siempre se vio encumbrada mi ventura,/ tus proezas envidio, ¡oh gran Quijote!*

d *La señora Oriana a Dulcinea del Toboso — Soneto — ¡Oh, quién tuviera, hermosa Dulcinea,/ por más comodidad y más reposo,/ a Miraflores puesto en el Toboso,/ y trocara sus Londres con tu aldea!// ¡Oh, quién de tus deseos y librea/ alma y cuerpo adornara, y del famoso/ caballero que hiciste venturoso/ mirara alguna desigual pelea!// ¡Oh, quién tan castamente se escapara/ del señor Amadís como tú hiciste/ del comedido hidalgo don Quijote!// Que así envidiada fuera y no envidiara,/ y fuera alegre el tiempo que fue triste,/ y gozara los gustos sin escote.*

e *Gandalín, escudero de Amadís de Gaula, a Sancho Panza, escudero de don Quijote — Soneto — Salve, varón famoso, a quien Fortuna,/ cuando en el trato escuderil te puso,/ tan blanda y cuerdamente lo dispuso,/ que lo pasaste sin desgracia alguna.// Ya la azada o la hoz poco repugna/ al andante ejercicio; ya está en uso/ la llaneza escudera, con que acuso/ al soberbio que intenta hollar la luna.// Envidio a tu jumento y a tu nombre,/ y a tus alforjas igualmente envidio,/ que mostraron tu cuerda providencia.// Salve otra vez, ¡oh Sancho!, tan buen hombre,/ que a solo tú nuestro español Ovidio/ con buzcorona te hace reverencia.*

f *Del Donoso, poeta entreverado, a Sancho Panza y Rocinante — Soy Sancho Panza, escude-/ del manchego don Quijo-;/ puse pies en polvoro-,/ por vivir a lo discre-,/ que el tácito Villadie-/ toda su razón de esta-/ cifró en una retira-,/ según siente Celesti-,/ libro, en mi opinión, divi-,/ si encubriera más lo huma-. // A Rocinante/ Soy Rocinante, el famo-,/ bisnieto del gran Babie-:/ por pecados de flaque-,/ fui a poder de un don Quijo-;/ parejas corrí a lo flo-,/ mas por uña de caba-/ no se me escapó ceba-,/ que esto saqué a Lazari-,/ cuando, para hurtar el vi-/ al ciego, le di la pa-.*

g *Orlando furioso a don Quijote de la Mancha — Soneto — Si no eres par, tampoco le has tenido:/ que par pudieras ser entre mil pares,/ ni puede haberle donde tú te hallares,/ invicto vencedor, jamás vencido.// Orlando soy, Quijote, que, perdido/ por Angélica, vi remotos mares,/ ofreciendo a la Fama en sus altares/ aquel valor que respetó el olvido.// No puedo ser tu igual, que este decoro/ se debe a tus proezas y a tu fama,/ puesto que, como yo, perdiste el seso;// mas serlo has mío, si al soberbio moro/ y cita fiero domas, que hoy nos llama/ iguales en amor con mal suceso.*

h *El Caballero del Febo a don Quijote de la Mancha — Soneto — A vuestra espada no igualó la mía,/ Febo español, curioso cortesano,/ ni a la alta gloria de valor mi mano,/ que rayo fue do nace y muere el día.// Imperios desprecié; la monarquía/ que me ofreció el Oriente rojo en vano/ dejé, por ver el rostro soberano/ de Claridiana, aurora hermosa mía.// Amela por milagro único y raro,/ y, ausente en su desgracia, el propio infierno/ temió mi brazo, que domó su rabia.// Mas vos, godo Quijote, ilustre y claro,/ por Dulcinea sois al mundo eterno,/ y ella, por vos, famosa, honesta y sabia.*

i *De Solisdán a don Quijote de la Mancha — Soneto — Maguer, señor Quijote, que sandeces/ vos tengan el cerbelo derrumbado,/ nunca seréis de alguno reprochado/ por home de obras viles y soeces.// Serán vuesas fazañas los joeces,/ pues tuertos desfaciendo habéis andado,/ siendo vegadas mil apaleado/ por follones cautivos y raheces.// Y si la vuesa linda Dulcinea/ desaguisado contra vos comete,/ ni a vuesas cuitas muestra buen talante,// en tal desmán vueso conhorte sea/ que Sancho Panza fue mal alcagüete,/ necio él, dura ella y vos no amante.*

j *Diálogo entre Babieca y Rocinante — Soneto —* B. *¿Cómo estáis, Rocinante, tan delgado?/* R. *Porque nunca se come, y se trabaja./* B. *Pues ¿qué es de la cebada y de la paja?/* R. *No me deja mi amo ni un bocado.//* B. *Andá, señor, que estáis muy mal criado,/ pues vuestra lengua de asno al amo ultraja./* R. *Asno se es de la cuna a la mortaja./ ¿Quereislo ver? Miraldo enamorado.//* B. *¿Es necedad amar?/* R. *No es gran prudencia./* B. *Metafísico estáis./* R. *Es que no como./* B. *Quejaos del escudero./* R. *No es bastante.// ¿Cómo me he de quejar en mi dolencia,/ si el amo y escudero o mayordomo/ son tan rocines como Rocinante?*

i[a]

que trata da condição do famoso e valente fidalgo dom quixote de la mancha e de como a exercita

Numa aldeia da Mancha, de cujo nome não quero me lembrar, não faz muito tempo vivia um fidalgo desses de lança no cabide, adarga antiga, pangaré magro e galgo corredor. Um cozido com mais carne de vaca que de carneiro, salpicão na maioria das noites, ovos fritos com torresmo aos sábados, lentilhas às sextas, algum pombinho de quebra aos domingos, consumiam três partes de sua renda. O resto dela gastava com um saio de lã cardada, calções de veludo para as festas e chinelos do mesmo tecido, e nos dias de semana se honrava com a melhor das burelinas. Tinha em casa uma criada que passava dos quarenta, uma sobrinha que não chegava aos vinte e um rapaz pau para toda obra, que tanto encilhava o pangaré como empunhava o podão. Nosso fidalgo beirava os cinquenta anos. Era de compleição rija, seco de carnes, rosto enxuto, grande madrugador e amigo da caça. Dizem que tinha por sobrenome Queixada, ou Queijada, que nisso há desacordo entre os autores que escrevem sobre o caso, embora por conjecturas verossímeis se entenda que se chamava Quixana. Mas isso pouco importa para nossa história: basta que em sua narração não se saia um ponto da verdade.

Deve-se saber, então, que o aludido fidalgo, nos momentos em que estava ocioso — que constituíam a maior parte do ano —, deu para ler livros de cavalaria com tanta paixão e prazer que esqueceu quase por completo o exercício da caça, e até mesmo a

administração de seus bens; e a tanto chegaram sua curiosidade e desatino que vendeu muitos pedaços de terra de plantio para comprar livros de cavalaria, levando assim para casa quantos havia deles; e, entre todos, nada lhe parecia melhor que os escritos pelo famoso Feliciano de Silva,[1] porque a clareza de sua prosa e aqueles raciocínios intrincados lhe pareciam pérolas, principalmente quando lia os galanteios e as cartas de desafios, onde em muitas partes achava escrito: "A razão da sem-razão que a minha razão se faz, de tal maneira debilita minha razão, que com razão me queixo de vossa formosura". E também quando lia: "Os altos céus que de vossa divindade divinamente com as estrelas vos fortificam e vos fazem merecedora do merecimento que merece vossa grandeza".

Com essas palavras o pobre cavaleiro perdia o juízo e desvelava-se por entendê-las e arrancar-lhes o sentido, que nem o próprio Aristóteles o conseguiria nem as entenderia, se ressuscitasse apenas para isso. Não ficava muito convencido com os ferimentos de dom Belianis, porque imaginava que, por grandes que fossem os cirurgiões que o tivessem curado, não deixaria de ter o rosto e o corpo cheios de marcas e cicatrizes. Mas louvava no autor o fato de concluir o livro com a promessa de acabar aquela interminável aventura, ainda que muitas vezes tivesse vontade de tomar da pena e ele mesmo lhe dar fim ao pé da letra, como ali se assegura; e sem dúvida alguma o faria, e até o publicaria, se pensamentos maiores e contínuos não o estorvassem. Muitas vezes teve discussões com o padre do lugar — que era homem culto, formado em Sigüenza[2] — sobre quem tinha sido melhor cavaleiro: Palmeirim da Inglaterra ou Amadis de Gaula; mas mestre Nicolás, barbeiro do mesmo povoado, dizia que nenhum emparelhava com o Cavaleiro do Febo e que se algum podia ser comparado a ele era dom Galaor, irmão de Amadis de Gaula, porque tinha as melhores condições para tudo e não era cavaleiro melindroso nem tão choramingas como seu irmão, e que em matéria de valentia não ficava atrás dele.

Enfim, ele se embrenhou tanto na leitura que passava as noites lendo até clarear e os dias até escurecer; e assim, por dormir pouco e ler muito, secou-lhe o cérebro de maneira que veio a perder o juízo. Sua imaginação se encheu de tudo aquilo que lia nos livros,

tanto de encantamentos como de duelos, batalhas, desafios, feridas, galanteios, amores, tempestades e disparates impossíveis; e se assentou de tal modo em sua mente que todo aquele amontoado de invenções fantasiosas parecia verdadeiro: para ele não havia outra história mais certa no mundo. Dizia que Cid Ruy Díaz tinha sido muito bom cavaleiro, mas que não se igualava ao Cavaleiro da Espada Ardente,[3] que de um só golpe tinha partido ao meio dois gigantes ferozes e descomunais. Sentia-se melhor com Bernardo del Carpio porque em Roncesvalles matara Roland, o Encantado, valendo-se da artimanha de Hércules, quando sufocou Anteu, o filho da Terra, entre os braços, e falava muito bem do gigante Morgante porque, apesar de ser daquela linhagem gigantesca de soberbos e descomedidos, era afável e bem-educado. Mas, acima de todos, admirava Reinaldos de Montalbán, principalmente quando o via sair de seu castelo e roubar todos com quem topava e quando, além-mar, carregou aquele ídolo de Maomé que era todo de ouro, conforme conta sua história. Para dar uns bons pontapés no traidor Ganelon, daria a criada que tinha e até sua sobrinha de quebra.

Enfim, acabado seu juízo, foi dar no mais estranho pensamento em que jamais caiu louco algum: pareceu-lhe conveniente e necessário, tanto para o engrandecimento de sua honra como para o proveito de sua pátria, se fazer cavaleiro andante e ir pelo mundo com suas armas e cavalo em busca de aventuras e para se exercitar em tudo aquilo que havia lido que os cavaleiros andantes se exercitavam, desfazendo todo tipo de afrontas e se pondo em situações e perigos pelos quais, superando-os, ganhasse nome eterno e fama. O pobre já se imaginava coroado pelo valor de seu braço com pelo menos o império de Trebizonda; e assim, com pensamentos tão agradáveis, levado pelo singular prazer que neles sentia, se apressou em realizar o que desejava.

E a primeira coisa que fez foi limpar uma armadura que tinha sido de seus bisavós, que, tomada de ferrugem e cheia de mofo, havia longos séculos estava atirada e esquecida num canto. Limpou-a e ajeitou-a o melhor que pôde, mas viu que havia um grande problema: não tinha elmo com viseira e sim morrião simples. Mas isso seu engenho supriu, porque fez com uma massa de papelão e

cola uma espécie de meia viseira que, encaixada com o morrião, dava a ilusão de elmo completo. Para provar que era forte e podia correr o risco de uma cutilada, sacou a espada e lhe deu dois golpes, desfazendo num instante o trabalho de uma semana. A facilidade disso não deixou de lhe parecer má e, para se precaver contra esse perigo, tornou a fazer tudo de novo, pondo-lhe umas barras de ferro por dentro, de tal maneira que ficou satisfeito com sua fortaleza, mas, sem querer fazer nova experiência, tomou-o por finíssimo elmo com viseira.

Em seguida foi ver o pangaré e, embora tivesse os cascos mais rachados que os calcanhares de um camponês e mais defeitos que o cavalo de Gonela, que *tantum pellis et ossa fuit*,[4] achou que nem o Bucéfalo de Alexandre nem o Babieca do Cid se igualavam a ele. Passou quatro dias imaginando que nome lhe daria, porque — conforme dizia a si mesmo — não havia motivo para que cavalo tão bom e de cavaleiro tão famoso ficasse sem nome; procurava então um que revelasse quem havia sido antes de ser de cavaleiro andante e o que era agora, pois achava muito razoável que, mudando seu senhor de estado, mudasse ele também de nome e o ganhasse célebre e aparatoso, como convinha à nova ordem e ao novo exercício que professava. Assim, depois de muitos nomes que criou, apagou e trocou, sobrepôs, desfez e tornou a fazer em sua memória e imaginação, finalmente veio a chamá-lo "Rocinante", nome, em sua opinião, superior, sonoro e significativo do que tinha sido quando não passava de um rocim e o que era agora, o primeiro entre todos os rocins do mundo.

Batizado o cavalo com tanto acerto, quis dar um nome a si mesmo, e nesse pensamento gastou mais oito dias. No fim veio a se chamar "dom Quixote", de onde, como foi dito, os autores desta história verídica puderam concluir que, sem dúvida, devia se chamar Queixada e não Queijada, como outros disseram. Mas, lembrando-se de que o corajoso Amadis não havia se contentado em se chamar apenas Amadis e acrescentara o nome de seu reino e pátria, para fazê-la famosa, chamando-se então Amadis de Gaula, quis assim, como bom cavaleiro, acrescentar ao seu o nome de sua pátria e se chamar "dom Quixote de la Mancha", com o que, em sua

opinião, declarava de forma viva sua linhagem e pátria, e a honrava ao tomar dela o sobrenome.

Assim, com a armadura limpa, o morrião feito elmo com viseira, batizado o pangaré e crismado a si mesmo, deu-se conta de que só faltava achar uma dama por quem se apaixonar: porque o cavaleiro andante sem amores era árvore sem folhas e sem fruto e corpo sem alma. Dizia a si mesmo:

— Se eu, por mal de meus pecados, ou por minha boa sorte, me encontro por aí com algum gigante, como acontece sempre com os cavaleiros andantes, e o derrubo com um golpe ou lhe parto o corpo pela metade ou, enfim, o venço e o rendo, não será bom ter a quem mandá-lo de presente? Que vá e se prostre de joelhos diante de minha doce senhora e diga com voz humilde e submissa: "Eu, senhora, sou o gigante Caradeculiambro, senhor da ilha Malvadrânia, a quem venceu em singular batalha o jamais louvado como se deve cavaleiro dom Quixote de la Mancha, que mandou que me apresentasse a vossa mercê, para que vossa grandeza disponha de mim como bem quiser".

Oh, como se alegrou nosso bom cavaleiro quando fez esse discurso, principalmente quando atinou a quem chamar sua dama! É que havia numa aldeia perto da sua, pelo que se pensa, uma camponesa de muito boa aparência por quem ele andou apaixonado um tempo, embora se acredite que ela jamais tenha sabido disso nem o tenha deixado provar de sua formosura. Chamava-se Aldonza Lorenzo, e ele achou bom lhe dar o título de senhora de seus pensamentos; e, procurando um nome que não destoasse muito do seu e insinuasse ou parecesse nome de princesa e grande senhora, veio a chamá-la "Dulcineia del Toboso", porque era natural de El Toboso: nome, em sua opinião, musical e raro e significativo, como todos os demais que ele tinha posto em si e em suas coisas.

a O *Quixote* foi publicado em dois volumes: o primeiro, de 1605, com o título *O engenhoso fidalgo dom Quixote de la Mancha*, foi subdividido em quatro partes (capítulos i-viii, ix-xiv, xv-xxvii e xxviii-lii). O segundo volume, intitulado *Segunda parte do engenhoso cavaleiro dom Quixote de la Mancha*, foi publicado em 1615, sem subdivisões. (n. e.)

ii
que trata da primeira saída que o engenhoso dom quixote fez de sua terra

Tomadas essas providências, não quis esperar mais tempo para pôr seus planos em prática, incitando-o a falta que pensava que fazia no mundo com sua demora, por causa das afrontas que queria reparar, erros que corrigir, injustiças que emendar, abusos que sanar e dívidas que cobrar. Assim, sem avisar pessoa alguma de sua intenção e sem que ninguém o visse, bem cedinho, antes que nascesse um dos dias mais quentes do mês de julho, vestiu a armadura e montou em Rocinante; posto o mal composto elmo, enfiou o braço na adarga, empunhou a lança e saiu para o campo pela porta dos fundos do quintal, com enorme contentamento e alvoroço por ver com que facilidade havia começado seu bom desejo. Contudo, mal se viu no campo, assaltou-lhe um pensamento terrível, que por pouco não o fez abandonar a empresa: veio-lhe à memória que não era armado cavaleiro e que, conforme a lei da cavalaria, nem podia nem devia pegar em armas contra nenhum cavaleiro; e, mesmo que o fosse, tinha de levar armas brancas,[1] como cavaleiro estreante, sem divisa no escudo, até que com sua coragem a ganhasse. Esses pensamentos o fizeram vacilar em seu propósito, mas, podendo mais sua loucura que qualquer outra razão, lembrou de se fazer armar cavaleiro pelo primeiro com que topasse, como muitos outros que assim fizeram, conforme havia lido nos livros que o deixaram nesse estado. Quanto às armas, pensava limpá-las de tal maneira, tendo oportunidade, que ficariam mais brancas que um arminho. Com isso se tranquilizou e prosseguiu seu

caminho, sem ir por outro que não aquele que seu cavalo queria, achando que nisso consistia a força das aventuras.

Enquanto caminhava, nosso flamante aventureiro dizia consigo mesmo:[2]

— Quem duvida que, nos tempos futuros, quando sair à luz a história verídica de meus famosos feitos, o mago que os escrever não o faça desta maneira, quando contar esta minha primeira saída tão cedo?: "Mal o rubicundo Apolo havia estendido pela face da ampla e vasta terra as douradas madeixas de seus formosos cabelos, e mal os pequenos e coloridos passarinhos com suas línguas afinadas haviam saudado com doce e melíflua harmonia a vinda da rosada aurora, que, deixando a macia cama do ciumento marido, pelas portas e varandas do horizonte da Mancha aos mortais se mostrava, quando o famoso cavaleiro dom Quixote de la Mancha, abandonando seu ocioso colchão de penas, montou em seu famoso cavalo Rocinante e começou a andar pelo antigo e conhecido campo de Montiel".

E era verdade que caminhava por ele. E continuou dizendo:

— Afortunada época e século afortunado aquele em que sairão à luz minhas famosas façanhas, dignas de se moldar em bronze, de se esculpir em mármores e se pintar em telas, para lembrança no futuro. Oh, tu, velho mago, quem quer que sejas, a quem há de tocar ser o cronista desta incrível história, rogo-te que não te esqueças de meu bom Rocinante, companheiro eterno em todos os meus caminhos e carreiras!

Depois continuava dizendo, como se realmente estivesse apaixonado:

— Oh, princesa Dulcineia, senhora deste cativo coração! Muito me ultrajastes ao despedir-me e reprovar-me com a rigorosa obstinação de mandar-me não aparecer diante de vossa formosura. Comprazei-vos, senhora, recordar deste vosso subjugado coração, que tantas penas padece por vosso amor.

Com esses ia alinhavando outros disparates, todos da maneira que seus livros haviam lhe ensinado, imitando sua linguagem o quanto podia. Por isso caminhava devagar — e o sol subia tão

rápido e tão ardente que poderia derreter os miolos dele, se tivesse alguns.

Andou quase todo aquele dia sem que acontecesse coisa alguma digna de se contar, o que o desesperava, porque gostaria de topar de uma vez com alguém que lhe permitisse experimentar o valor e a força de seu braço. Há autores que dizem que sua primeira aventura foi a de Puerto Lápice, outros dizem que a dos moinhos de vento, mas o que pude averiguar nesse caso e encontrei escrito nos anais da Mancha é que andou todo aquele dia até a noite, quando ele e seu pangaré se encontraram cansados e mortos de fome. Olhando para todos os lados para ver se descobria algum castelo ou refúgio de pastores onde se recolher e remediar suas grandes necessidades, o cavaleiro viu uma estalagem, não longe da estrada por onde ia, e foi como se visse uma estrela que o encaminhasse, não aos portais, mas aos palácios de sua redenção. Apressou-se, então, chegando a ela ao anoitecer.

Por acaso estavam à porta duas mulheres jovens, dessas que chamam da vida, que iam a Sevilha com uns tropeiros que naquela noite combinaram pousar na estalagem; e como ao nosso aventureiro tudo quanto pensava, via ou imaginava parecia ser feito e acontecer da maneira como havia lido, logo que avistou a estalagem pensou que era um castelo com suas quatro torres de telhados cônicos de prata cintilante, sem faltar a ponte levadiça e o fosso profundo, com todos aqueles acessórios que se pintam em semelhantes construções. Foi se aproximando da estalagem que a ele parecia castelo e, quando estava perto, puxou as rédeas de Rocinante, à espera de que algum anão se pusesse entre as ameias para anunciar com uma trombeta que chegava um cavaleiro. Mas, como viu que demorava e que Rocinante se apressava para chegar à estrebaria, foi até a porta da estalagem e viu as duas jovens cortesãs, que a ele pareceram duas formosas donzelas ou duas graciosas damas que se entretinham diante da porta do castelo. Por acaso aconteceu que um guardador de porcos (que, sem perdão, assim se chamam) que andava recolhendo seus animais de uns restolhos tocou uma trompa, a cujo sinal eles obedeciam. No mesmo instante pareceu a dom Quixote o que desejava: que algum

anão o anunciava. E assim, com singular contentamento, chegou à estalagem e às damas, que, ao verem se aproximar um homem daquele tipo, de armadura, lança e adarga, cheias de medo iam entrar; mas dom Quixote, percebendo pela fuga o medo delas, levantou a viseira de papelão e, descobrindo o rosto seco e empoeirado, com tom gentil e voz calma disse:

— Não se esquivem vossas mercês nem temam algum desaguisado, cá à ordem de cavalaria que professo não pertence nem tange agravar ninguém, muito menos a tão nobres donzelas como vossos feitios demonstram.

As moças olhavam-no, buscando o rosto que a péssima viseira encobria; mas, como ouviram ser chamadas de donzelas, coisa tão alheia a sua profissão, não puderam conter o riso, que foi tanto que dom Quixote chegou a se irritar e lhes dizer:

— Bem parece a mesura nas fermosas e, ademais, é sandice o riso que procede de causa acanhada. Mas não vos profiro isso para que vos acabrunheis nem mostreis mau talante, que o meu não é outro que vos servir.

A linguagem, não entendida pelas senhoras, e o mau porte de nosso cavaleiro aumentavam nelas o riso, o que aumentava nele a irritação, e a coisa teria ido adiante se naquele ponto não saísse o estalajadeiro, homem que, por ser muito gordo, era muito pacífico, e que vendo aquela figura despropositada, munida de armas tão desiguais como eram a brida, a lança, a adarga e o corselete, não esteve longe de acompanhar as donzelas nas mostras de sua alegria. Mas, na verdade, com medo de todos aqueles apetrechos, resolveu falar comedidamente, dizendo então:

— Se vossa mercê, senhor cavaleiro, procura pousada, tudo achará nesta estalagem em grande abundância, exceto o leito, porque não há nenhum.

Dom Quixote, vendo a humildade do alcaide da fortaleza, que isso lhe pareceu o estalajadeiro e a estalagem, respondeu:

— Para mim, senhor castelão, qualquer coisa serve, “porque meus adornos são as armas, meu descanso, lutar” etc.[3]

O hospedeiro achou que fora chamado de castelão porque dom Quixote pensou que ele era de Castela, embora fosse andaluz, e

daqueles da praia de Sanlúcar, não menos ladrão que Caco nem menos meliante que um pajem experiente, e respondeu:

— Então, “as camas de vossa mercê serão duras rochas, e seu dormir, sempre velar”. Assim sendo, pode apear, com a certeza de achar nesta choça muitas oportunidades para não dormir um ano todo, quanto mais uma noite.

E, dizendo isso, foi segurar o estribo para dom Quixote, que apeou com muita dificuldade e trabalho, porque não tinha comido nada durante todo aquele dia.

Em seguida, disse ao hospedeiro que tivesse muito cuidado com seu cavalo, porque era a melhor joia que pastava no mundo. O estalajadeiro olhou para ele e não o achou tão bom como dom Quixote dizia, nem mesmo a metade, mas, acomodando-o na estrebaria, voltou para ver o que o hóspede ordenava. As donzelas, que já haviam se reconciliado com ele, estavam lhe tirando a armadura. Embora houvessem sacado o peitilho e as costas do corselete, jamais souberam nem puderam lhe desencaixar o gorjal nem lhe tirar o elmo mal-ajambrado, preso com umas fitas verdes, que era preciso cortar por causa dos nós, coisa que dom Quixote não consentiu de jeito nenhum, ficando assim toda aquela noite com o elmo posto — a mais engraçada e estranha figura que se podia imaginar. E, enquanto o ajudavam, como ele pensava que aquelas pobres que passaram de mão em mão eram algumas das grandes senhoras e damas do castelo, disse com muita elegância:

— *Nunca fora cavaleiro*
de damas tão bem servido
como fora dom Quixote
quando de sua aldeia veio:
donzelas tratavam dele;
princesas, de seu pangaré,[4]

ou Rocinante, que esse é o nome de meu cavalo, minhas senhoras, e dom Quixote de la Mancha, o meu. Embora eu não quisesse me apresentar até que as façanhas feitas a vosso serviço e proveito me

revelassem, a necessidade de adaptar ao propósito presente esse velho romance de Lancelot foi a causa de que viésseis a saber meu nome antes do tempo. Mas dia virá em que vossas senhorias me ordenem e eu obedeça, e o valor de meu braço mostre o desejo que tenho de vos servir.

As moças, que não tinham sido feitas para ouvir semelhantes retóricas, não diziam uma palavra; só perguntaram se ele queria comer alguma coisa.

— Qualquer coisa seria um manjar — respondeu dom Quixote —, porque, pelo visto, qualquer uma me calharia bem.

Casualmente aquele dia era uma sexta-feira e em toda a estalagem só havia um pouco de um peixe que em Castela chamam badejo, bacalhau na Andaluzia e peixe seco, ou *truchuela*, em outros lugares. Perguntaram ao cavaleiro se por acaso sua mercê comeria *truchuela*, já que não havia outro peixe para lhe oferecer.

— Se houver muitas trutinhas — respondeu dom Quixote —, poderão valer uma truta, porque para mim tanto faz se me dão oito reais inteiros ou trocados. Sem falar que pode ser que essas trutinhas sejam como a vitela, que é melhor que a vaca, ou o cabrito, que é melhor que o bode. Mas, seja lá o que for, venha logo, porque não se pode levar o trabalho e o peso das armas sem o governo das tripas.

Puseram-lhe a mesa à porta da estalagem, por ser mais fresco, e o hospedeiro trouxe uma porção do bacalhau que mal tinha ficado de molho e fora mais mal cozido ainda, e um pão tão negro e imundo como sua armadura. Agora, era coisa muito engraçada vê-lo comer, porque, como tinha o elmo posto e a viseira erguida com as mãos, não podia pôr nada na boca se outro não o fizesse, o que levou uma daquelas senhoras a fazer esse trabalho. Mas dar de beber a ele não foi possível, nem o seria, se o estalajadeiro não houvesse furado uma taquara e posto uma ponta em sua boca, derramando vinho pela outra. Dom Quixote aceitava tudo com paciência, em troca de não arrebentar as fitas do elmo. Então chegou um castrador de porcos que, mal entrou, soprou sua flauta de taquaras quatro ou cinco vezes, o que acabou de confirmar a dom Quixote que estava em algum famoso castelo e que lhe

serviam com música, que o peixe seco eram trutas, o pão do melhor, as meretrizes damas, o estalajadeiro castelão — e assim dava por bem empregada sua decisão e saída. Mas o que mais o incomodava era não se ver armado cavaleiro, por lhe parecer que não poderia legitimamente se lançar na aventura sem receber a ordem de cavalaria.

iii

onde se conta a maneira engraçada como dom quixote se fez armar cavaleiro

E assim, incomodado com esse pensamento, abreviou o jantar miserável e parco. Chamou então o estalajadeiro e, fechando-se com ele na estrebaria, prostrou-se de joelhos a sua frente, dizendo:

— Não me levantarei jamais de onde estou, valente cavaleiro, até que vossa cortesia me conceda uma mercê que quero vos pedir. Ela redundará em vosso louvor e em proveito do gênero humano.

O estalajadeiro, vendo o hóspede a seus pés e ouvindo semelhante discurso, ficou confuso, sem saber o que fazer nem dizer, e insistia para que se levantasse, o que ele jamais aceitou, enquanto o homem não dissesse que concedia a dita mercê.

— Eu não esperava menos de vossa grande magnificência, meu senhor — respondeu dom Quixote. — Por isso vos digo que a mercê que vos pedi e que vossa generosidade me concedeu é que amanhã sem falta havereis de me armar cavaleiro. Esta noite, na capela de vosso castelo, velarei as armas e amanhã, como disse, se cumprirá o que tanto desejo para poder ir, como se deve, pelos quatro cantos do mundo em busca de aventuras, em proveito dos necessitados, como é missão da cavalaria e dos cavaleiros andantes como eu, que tenho têmpera para semelhantes façanhas.

O estalajadeiro, que, como se disse, era meio velhaco e já tinha algumas suspeitas da falta de juízo de seu hóspede, acabou de se convencer quando ouviu semelhantes palavras e, para ter do que rir naquela noite, decidiu seguir os caprichos dele. Assim, disse-lhe que estava muito certo no que desejava e pedia e que tal intenção

era própria e natural de grandes cavaleiros como ele parecia ser e como sua garbosa presença mostrava; e que ele mesmo, nos anos de sua juventude, havia se dado àquele honroso exercício, andando por diversas partes do mundo em busca de aventuras, sem que houvesse esquecido Percheles de Málaga, Islas de Riarán, Compás de Sevilha, Azoguejo de Segóvia, Olivera de Valência, Rondilla de Granada, Playa de Sanlúcar, Porto de Córdoba, Ventillas de Toledo[1] e vários outros lugares onde havia exercido a rapidez de seus pés e a sutileza de suas mãos, fazendo muitos desmandos, galanteando muitas viúvas, perdendo algumas donzelas e enganando alguns órfãos, e, finalmente, comparecendo em quantas audiências e tribunais existem em quase toda a Espanha. E por fim tinha vindo se recolher naquele castelo, onde vivia de seus bens e dos alheios, recolhendo nele todos os cavaleiros andantes, de qualquer qualidade e condição que fossem, apenas pela grande afeição que lhes tinha e para que dividissem com ele suas posses em pagamento de seu bom desejo.

Também disse que naquele castelo não havia capela alguma em que pudesse velar as armas, porque a tinham demolido para construí-la de novo; mas que em caso de necessidade ele sabia que podiam ser veladas em qualquer lugar e que, naquela noite, poderia velá-las num pátio do castelo; e pela manhã, se Deus quisesse, fariam as devidas cerimônias, de modo que ele fosse armado cavaleiro, e tão cavaleiro como nenhum outro no mundo.

Perguntou-lhe se tinha dinheiro. Dom Quixote respondeu que não trazia nem um tostão, porque nunca havia lido nas histórias dos cavaleiros andantes que algum o carregasse. O estalajadeiro disse que se enganava: que, embora nas histórias nada se falasse, por ter parecido aos autores que não era preciso mencionar uma coisa tão clara e tão necessária de se levar como eram dinheiro e camisas limpas, nem por isso haveria de se acreditar que não os trouxessem; e assim desse por certo e sabido que todos os cavaleiros andantes, de que tantos livros estão cheios e atulhados, levavam bem forradas as bolsas, para o que desse e viesse; e que também levavam camisas e uma arca pequena com unguentos para curar as feridas que recebiam, porque nem sempre nos campos e

desertos onde combatiam havia quem os tratasse, isso se não tinham um mago por amigo que logo os socorria, trazendo pelo ar, numa nuvem, alguma donzela ou anão com uma garrafa de água de tamanha virtude que, provando uma gota dela, na mesma hora ficavam sãos de suas chagas e feridas, como se mal algum houvessem tido. Mas, sem esse amigo, os antigos cavaleiros consideravam conveniente que seus escudeiros fossem providos de dinheiro e de outras coisas necessárias, como ataduras e unguentos; e quando acontecia de esses cavaleiros não terem escudeiros — em poucas e raras vezes —, eles mesmos levavam tudo nuns alforjes muito finos, que quase nem eram percebidos nas ancas do cavalo, como se fossem outra coisa de mais importância, pois, se não fosse desse modo, esse negócio de levar alforjes não era muito aceito entre os cavaleiros andantes. Por isso o aconselhava — e até podia ordenar como a um afilhado, porque o seria depois de armá-lo — que dali por diante não andasse sem dinheiro e sem as referidas precauções, e veria o quanto ficaria bem com elas, quando menos pensasse.

Dom Quixote prometeu fazer exatamente o que ele aconselhava. Assim, em seguida, o estalajadeiro ordenou que velasse as armas num pátio grande ao lado da estalagem. Recolhendo todas as peças da armadura, dom Quixote as empilhou sobre um bebedouro junto a um poço e, enfiando o braço em sua adarga, empunhou a lança. Com postura galante, começou a andar diante dele. Nesse momento, começava a cair a noite.

O estalajadeiro contou a todos que estavam na estalagem a loucura de seu hóspede, a vigília das armas e a cerimônia para armá-lo cavaleiro. Admiraram-se de tão estranho gênero de loucura e, indo espiar de longe, viram que dom Quixote andava com calma umas vezes e outras, escorado a sua lança, punha os olhos na armadura, sem desviá-los por um bom tempo. Já era noite fechada, mas com tanto luar que podia competir com o dia, de modo que tudo o que o cavaleiro estreante fazia era visto muito bem por todos. Nisso, um dos tropeiros resolveu dar água a sua manada de mulas e, para isso, seria necessário tirar a armadura que estava sobre o bebedouro. Dom Quixote, vendo-o chegar, disse em voz alta:

— Oh, tu, quem quer que sejas, cavaleiro atrevido, que chegas para tocar a armadura do mais valente andante que jamais empunhou espada! Olha o que fazes e não a toques, se não quiseres deixar a vida como paga por teu atrevimento.

O tropeiro não fez caso dessa conversa (mas seria melhor que tivesse feito então, para não ter de fazer depois); pegando a armadura pelas correias, jogou-a longe. Dom Quixote levantou os olhos para o céu e, pelo visto, com o pensamento posto em sua senhora Dulcineia, disse:

— Socorrei-me, minha senhora, na primeira afronta que se oferece a este vosso peito vassalo: não me faltem nesta primeira complicação vosso favor e amparo.

E, dizendo essas e outras coisas semelhantes, soltou a adarga, levantou a lança com as duas mãos e deu com ela um golpe tão forte na cabeça do tropeiro que o derrubou no chão tão desfeito que, se desse outro, não haveria necessidade de cirurgião que o tratasse. Feito isso, recolheu a armadura e voltou a andar com a mesma calma de antes. Dali a pouco, sem saber o que tinha acontecido (porque o tropeiro ainda estava aturdido), chegou outro com a mesma intenção de dar água às suas mulas e tirou a armadura para desimpedir o bebedouro. Dom Quixote, sem falar uma palavra e sem pedir favor a ninguém, soltou outra vez a adarga e outra vez levantou a lança e, sem fazê-la em pedaços, fez mais de três da cabeça do segundo tropeiro, porque a abriu em quatro. Com o barulho, acudiram todas as pessoas da estalagem, entre elas o estalajadeiro. Dom Quixote olhou para todos, enfiou o braço em sua adarga e disse, empunhando a espada:

— Oh, senhora da formosura, coragem e vigor de meu coração debilitado! Agora é o momento para que voltes os olhos de tua grandeza para este teu cavaleiro cativo, que tamanha aventura está esperando.

Animou-se tanto com isso que pensou que, se o atacassem todos os tropeiros do mundo, não daria um passo atrás. Os companheiros dos feridos, vendo-os naquele estado, começaram de longe a chover pedras sobre dom Quixote, que se defendia com sua adarga o melhor que podia e não ousava se afastar do bebedouro, para não

desamparar a armadura. O estalajadeiro gritava que o deixassem, porque já tinha dito como era louco e que por ser louco se livraria, mesmo que os matasse a todos. Dom Quixote gritava mais alto ainda, chamando-os de infiéis e traidores, e que o senhor do castelo era um covarde e malnascido cavaleiro, pois consentia que os cavaleiros andantes fossem tratados dessa maneira; e que, se houvesse recebido a ordem de cavalaria, ele o faria entender sua perfídia.

— Mas de vós, canalha baixa e vil, não faço caso algum: apedrejai, chegai, vinde e ofendei-me enquanto puderdes, que vereis o pagamento que levareis por vossa loucura e insolência.

Dizia isso com tanto brio e intrepidez que infundiu um terrível temor nos que o atacavam. Tanto por isso como pelos argumentos do estalajadeiro, deixaram de apedrejá-lo, e ele então permitiu que retirassem os feridos, voltando à vela de armas com a mesma placidez e pachorra do começo.

O estalajadeiro não gostou das travessuras de seu hóspede e resolveu se apressar e lhe dar de uma vez a maldita ordem de cavalaria, antes que acontecesse outra desgraça. E assim, aproximando-se dele, se desculpou pela insolência daquela ralé, que agira sem que ele soubesse coisa alguma, mas que fora bem castigada por seu atrevimento. Repetiu-lhe que naquele castelo não havia capela, mas que para o que restava fazer tampouco era necessária, pois o ponto principal para ser armado cavaleiro consistia no pescoção e na espadada, conforme ele tinha notícia do cerimonial da ordem, e que aquilo podia ser feito no meio do campo; e, no que dizia respeito a velar as armas, estava quite, porque duas horas eram suficientes, e ele velara mais de quatro.

Dom Quixote acreditou em tudo e disse que estava pronto para obedecer, que concluísse tudo com a maior brevidade possível, porque se o atacassem outra vez, e se já estivesse armado cavaleiro, não pensava deixar uma pessoa viva no castelo, exceto aquelas que ele mandasse, que por respeito perdoaria.

Precavido e medroso, o castelão trouxe logo um livro no qual anotava a palha e a cevada que dava aos tropeiros e, com um toco de vela que lhe trouxe um rapaz e acompanhado pelas duas ditas

donzelas, aproximou-se de dom Quixote e o mandou ficar de joelhos. Então começou a ler no livro da contabilidade como quem dizia uma oração devota. Pela metade da leitura levantou a mão e deu no pescoço do fidalgo um bom golpe e depois, com sua própria espada, uma espadada gentil nas costas, sempre murmurando entre dentes, como quem rezava. Feito isso, mandou que uma das damas lhe cingisse a espada, coisa nada fácil, mas que ela fez com muita desenvoltura e discrição, sem cair na risada a cada passo da cerimônia; é que as proezas do novo cavaleiro que já haviam visto mantinham todos na linha.

Ao cingir-lhe a espada, a boa senhora disse:

— Deus faça de vossa mercê um cavaleiro muito feliz e lhe dê boa sorte nos combates.

Dom Quixote perguntou a ela como se chamava, para que soubesse dali por diante a quem devia pelo favor recebido, porque pensava mantê-la informada da honra que alcançasse com o valor de seu braço. Ela respondeu com muita humildade que se chamava a Tolosa, que era filha de um remendão natural de Toledo que vivia nas tendinhas de Sancho Bienaya, e que lhe serviria e o teria por senhor, onde quer que estivesse. Dom Quixote respondeu que, por amor a ele, fizesse o obséquio de daí por diante usar o título e se chamar “dona Tolosa”. Ela prometeu que o faria. A outra lhe calçou a espora e aí aconteceu quase que o mesmo diálogo. Perguntou-lhe o nome e ela disse que era a Moleira, filha de um honrado moleiro de Antequera. Ele também lhe rogou que usasse o título, que se chamasse “dona Moleira”, oferecendo-lhe novos serviços e favores.

Feita, pois, a toda pressa, a até ali nunca vista cerimônia, dom Quixote não via a hora de se ver a cavalo e sair em busca de aventuras. Encilhou Rocinante, montou e, abraçando seu hospedeiro, disse coisas tão esquisitas em agradecimento pelo favor de tê-lo armado cavaleiro que não é possível repeti-las. O estalajadeiro, para vê-lo logo pelas costas, com palavras não menos retóricas, embora mais breves, respondeu às suas e, sem lhe pedir o pagamento pela noite, deixou-o ir em paz.

iv

do que aconteceu ao nosso cavaleiro quando saiu da estalagem

Devia ser a hora da alvorada quando dom Quixote saiu da estalagem, tão contente e tão garboso, num tremendo alvoroço por já se ver armado cavaleiro, que sua alegria arrebentava até pelas cilhas do cavalo. Mas, vindo a sua memória os conselhos do hospedeiro sobre as coisas que devia levar consigo, em especial dinheiro e camisas, resolveu voltar para casa, abastecer-se de tudo e arranjar um escudeiro, calculando recrutar um camponês vizinho, que era pobre e com filhos, porém perfeito para o ofício escudeiril da cavalaria. Com esse pensamento, guiou Rocinante para sua aldeia, e o bicho, pressentindo sua terra, começou a andar com tanta gana que nem parecia tocar as patas no chão.

Não havia andado muito quando lhe pareceu que de sua direita, de dentro de um mato, saíam uns gemidos delicados, como de pessoa que se queixava. Mal os ouviu, disse:

— Dou graças ao céu pela mercê que me concede, pois tão cedo me dá oportunidade para que eu possa cumprir com o que devo a minha profissão e possa colher o fruto de meus bons desejos. Esses gemidos, sem dúvida, são de algum desamparado ou desamparada que necessita de meu favor e ajuda.

E, virando as rédeas, encaminhou Rocinante para o lugar de onde pareciam vir os gemidos. Poucos passos depois de ter entrado no mato, viu uma égua amarrada a uma azinheira e, amarrado em outra, um rapaz por volta dos quinze anos, nu da cintura para cima. Era ele quem gemia, e não sem causa, porque um camponês de

bom tamanho o surrava com um cinto, acompanhando cada lambada com uma repreensão e conselho. Dizia:

— Boca fechada e olho vivo!

E o rapaz respondia:

— Não farei de novo, meu senhor! Pelo amor de Deus, não farei de novo! Eu prometo daqui por diante ter mais cuidado com o rebanho.

Dom Quixote, vendo o que se passava, disse com voz indignada:

— Descortês cavaleiro, não fica bem espancar quem não pode se defender; montai vosso cavalo e empunhai vossa lança — realmente havia uma lança escorada na azinheira onde a égua estava presa —, que eu vos farei saber que é coisa de covarde o que estais fazendo.

O camponês, que viu aquela figura de armadura brandindo a lança diante de seu rosto, deu-se por morto e respondeu com palavras reverentes:

— Senhor cavaleiro, este rapaz que estou castigando é meu criado, cuida de um rebanho de ovelhas que tenho por estas bandas. Mas é tão descuidado que todo dia me falta uma; e porque castigo sua falta de cuidado, ou velhacaria, diz que o faço por avarento, para não lhe pagar o salário que devo. Por Deus, e por minha alma, ele mente.

— "Mente"[1] em minha presença, vilão desgraçado? — disse dom Quixote. — Pelo sol que nos ilumina que estou para trespassar-vos de fora a fora com esta lança. Pagai-lhe logo sem mais conversa; se não, pelo Deus que nos guia, eu vos extermino e aniquilo agora mesmo. Desatai-o logo.

O camponês baixou a cabeça e, sem responder uma palavra, desatou seu criado, a quem dom Quixote perguntou quanto seu amo devia. Ele disse que nove meses, a sete reais por mês. Dom Quixote fez a conta, viu que somava setenta e três reais e disse então ao camponês que os desembolsasse no mesmo instante, se não quisesse morrer. Medroso, o camponês respondeu que, pela situação em que se encontrava e pelo juramento que fizera — mas ainda não havia jurado nada —, não eram tantos, porque teria de

descontar três pares de sapatos que lhe dera e um real por duas sangrias que lhe haviam feito quando esteve doente.

— Está tudo muito bem — respondeu dom Quixote —, mas fiquem os sapatos e as sangrias pelas sovas que sem culpa lhe haveis dado: se ele arrebentou o couro dos sapatos que pagastes, vós arrebentastes o de seu corpo; e, se o barbeiro lhe tirou sangue quando esteve doente, vós o tiraste estando são. De modo que, por esse lado, não vos deve nada.

— O problema, senhor cavaleiro, é que não tenho dinheiro aqui. Se Andrés vier comigo a minha casa, pagarei um real em cima do outro.

— Eu, ir com ele? — disse o rapaz. — De jeito nenhum! Não, senhor, nem em pensamento, porque, ficando sozinho comigo, vai me esfolar como a um são Bartolomeu.

— Não fará isso — respondeu dom Quixote. — Basta que eu mande para que me obedeça; e, desde que ele me jure pela lei da cavalaria que recebeu, eu o deixarei livre e garantirei o pagamento.

— Senhor, olhe vossa mercê o que diz — disse o rapaz. — Meu amo não é cavaleiro nem recebeu ordem de cavalaria nenhuma; é Juan Papudo, o rico, morador de Quintanar.

— Isso pouco importa — respondeu dom Quixote —, porque entre os fanfarrões também pode haver cavaleiros, sem falar que cada um é filho de suas obras.

— Isso é verdade — disse Andrés —, mas de que obras meu amo é filho, se me nega meu salário, meu suor e trabalho?

— Não nego, caro Andrés — respondeu o camponês. — Dai-me o prazer de vir comigo que eu juro, por todas as ordens de cavalaria que há no mundo, de vos pagar, como já disse, um real sobre o outro, benzidos ainda por cima.

— Das benzeduras vos dispenso — disse dom Quixote. — Dai a ele os reais apenas, que com isso me contento, e não falteis com o que acabais de jurar, porque senão vos juro, pelo mesmo juramento, que voltarei para castigar-vos e hei de vos achar, mesmo que vos escondais melhor que uma lagartixa. E, se quereis saber quem vos ordena isso, para ficardes deveras obrigado a obedecer, sabei que eu sou o valoroso dom Quixote de la Mancha, o reparador de

afrontas e injustiças. Ficai com Deus e não afasteis do pensamento o prometido e jurado, sob pena da pena pronunciada.

E, dizendo isso, esporeou Rocinante e num instante se afastou deles. O camponês seguiu-o com os olhos e, quando o viu sair do mato e que já não aparecia, se virou para o criado Andrés e disse:

— Vinde cá, meu filho, que desejo pagar o que vos devo, como aquele reparador de afrontas me ordenou.

— Isso eu juro também — disse Andrés —, e como andará certo vossa mercê em obedecer às ordens daquele bom cavaleiro, que mil anos viva. Como é valente e bom juiz (que Deus o guarde), se vossa mercê não me pagar, que ele volte e execute o que disse!

— Eu também juro — disse o camponês. — Mas, como vos quero muito, desejo aumentar a dívida, para aumentar o pagamento.

E, agarrando-o pelo braço, voltou a amarrá-lo na azinheira, onde o surrou tanto que o deixou meio morto.

— Chamai agora, senhor Andrés, pelo reparador de afrontas — disse o camponês —, e vereis como não repara esta. Na verdade, acho que ainda não acabei de cometê-la, porque tenho ganas de esfolar-vos vivo, como temíeis.

Por fim, desatou-o e lhe deu licença para ir procurar seu juiz, para que executasse a sentença pronunciada. Andrés partiu um tanto desanimado, mas jurou procurar o valente dom Quixote de la Mancha e lhe contar tintim por tintim o que havia acontecido, e que seria pago com juros. De qualquer modo ele se foi chorando e seu amo ficou rindo.

E foi dessa maneira que o valente dom Quixote reparou a afronta. Contentíssimo com o que acontecera, crente de que havia dado um grande e feliz começo a sua cavalaria andante, muito satisfeito consigo mesmo, ele ia para sua aldeia, dizendo a meia-voz:

— Bem podes te chamar feliz acima de quantas hoje vivem sobre a terra, oh, Dulcineia del Toboso, a mais bela entre as belas! Pois te coube a sorte de ter cativo e submisso, a tua vontade e desejo, tão valente e tão célebre cavaleiro como é e será dom Quixote de la Mancha, que, como todo mundo sabe, ontem recebeu a ordem de cavalaria e hoje desfez a maior injúria e afronta que a injustiça formou e a crueldade cometeu: hoje tirou o chicote da mão daquele

inimigo impiedoso que surrava um menino delicado sem razão alguma.

Nisso, chegou a uma estrada que se dividia em quatro, e logo lhe vieram à imaginação as encruzilhadas onde os cavaleiros andantes ficam pensando que rumo tomarão. Para imitá-los, esteve quieto um momento e, depois de haver matutado muito, soltou a rédea de Rocinante, entregando sua vontade à do pangaré, que seguiu seu primeiro propósito: ir direto para a estrebaria. E, tendo andado umas duas milhas, dom Quixote avistou um grande tropel de gente, que, como se soube depois, era de uns mercadores de Toledo que iam comprar seda em Múrcia. Eram seis e vinham com seus guarda-sóis, com quatro criados a cavalo e três a pé, puxando as mulas. Mal os enxergou, dom Quixote imaginou-se em nova aventura e, como imitava em tudo quanto era possível os desafios lidos nos livros, achou que a ocasião se apresentava sob medida para um que pensava em fazer. E assim, com galante sobriedade e intrepidez, firmou-se bem nos estribos, apertou a lança, chegou a adarga ao peito e, parado no meio da estrada, ficou à espera de que se aproximassem aqueles cavaleiros andantes, que por isso os tinha e julgava. Quando eles chegaram a uma distância que puderam ser vistos e ouvidos, levantou a voz e com um gesto arrogante disse:

— Detenha-se o mundo todo, se o mundo todo não confessar que não há no mundo todo donzela mais formosa que a imperatriz da Mancha, a sem-par Dulcineia del Toboso.

Os mercadores pararam ao som dessas palavras, e ao ver a estranha figura que as dizia. E, pela figura e pelas palavras, logo se deram conta da loucura de seu dono, mas quiseram ver com calma no que dava aquela confissão que lhes pedia. Um deles, que era um tanto malicioso e muito, muito sagaz, disse:

— Senhor cavaleiro, não conhecemos essa boa senhora de que falais; mostrai-a para nós, que, se ela for tão formosa como dizeis, de bom grado e sem coação alguma confessaremos a verdade que nos é pedida por vós.

— Se eu a mostrasse — respondeu dom Quixote —, que faríeis vós confessando uma verdade tão notória? O que importa é que

sem vê-la haveis de crer, confessar, afirmar, jurar e defender; senão, travareis combate comigo, gente descomunal e soberba. Então vinde um por um como pede a ordem da cavalaria, ou todos juntos, como é uso e costume dos de vossa laia. Aqui vos aguardo e espero, confiante em que tenho razão.

— Senhor cavaleiro — respondeu o mercador —, suplico a vossa mercê, em nome de todos estes príncipes aqui reunidos, que, para não sobrecarregarmos nossas consciências confessando uma coisa por nós jamais vista nem ouvida, sendo além do mais em prejuízo das imperatrizes e rainhas da Alcarria e da Estremadura, nos mostre algum retrato dessa senhora, mesmo que seja do tamanho de um grão de trigo, pois pelo fio se desenrola o novelo. Com isto ficaremos satisfeitos e seguros, e vossa mercê contente e desobrigado. E penso até que já nos sentimos tão favoráveis a ela que, mesmo que seu retrato nos mostrar que tem um olho torto e que do outro verte zarcão e enxofre, para comprazer vossa mercê diremos tudo o que quiserdes.

— Não verte nada, canalha infame! — respondeu dom Quixote, inflamado de raiva. — Não verte isso que dizeis, mas âmbar e almíscar entre algodões; e não é torta nem corcunda, e sim mais reta que um fuso de Guadarrama. Mas vós pagareis a grande blasfêmia que proferistes contra tamanha beleza como é a de minha senhora!

Dizendo isso, arremeteu contra o que tinha falado com a lança baixa e com tanta fúria e exaltação que, se a boa sorte não fizesse Rocinante tropeçar pela metade do caminho, passaria mal o mercador atrevido. Rocinante caiu, e seu dono foi rolando um bom pedaço pelo campo. Quis se levantar, mas nunca que pôde, tamanho embaraço lhe causavam a lança, a adarga, as esporas e o elmo, sem falar no peso da antiga armadura. E, enquanto lutava para se levantar sem conseguir, dizia:

— Não fujais, gente covarde! Olhai, gente ruim, que aqui estou caído não por minha culpa, mas de meu cavalo.

Um dos condutores de mulas, que não devia ser muito bem-intencionado, ouvindo do pobre caído tantas arrogâncias, não aguentou sem lhe dar a resposta nas costelas. Aproximando-se

dele, pegou a lança e, depois de tê-la feito em pedaços, com um deles começou a dar em nosso dom Quixote tantas bordoadas que, apesar da armadura, deixou-o feito bagaço. Seus amos gritavam que não batesse assim nele e que o deixasse, mas o rapaz estava picado e não quis abandonar o jogo até apostar todo o resto de sua raiva; e, pegando os demais pedaços da lança, acabou de desfazê-los sobre o miserável fidalgo, que, sob todo aquele temporal de pancadas, não fechava a boca, ameaçando o céu, a terra e aqueles bandidos, pois isso lhe pareciam.

O rapaz se cansou, e os mercadores seguiram seu caminho, levando por ele o que contar do pobre espancado, que ao se ver sozinho tentou se levantar de novo — mas, se não conseguira quando estava são e salvo, como o faria moído e quase desfeito? E ainda se dava por feliz, parecendo-lhe que aquela era desgraça própria de cavaleiro andante, e atribuiu-a toda ao tropeço de seu cavalo. Não era possível se levantar, porque tinha todo o corpo ferido.

V

onde se continua a narração da desgraça de nosso cavaleiro

Vendo, então, que realmente não podia se mexer, resolveu apelar para seu remédio costumeiro: pensar em alguma passagem de seus livros; e sua loucura trouxe-lhe à memória aquela de Valdovinos e do marquês de Mântua, quando Carloto[1] o deixou ferido na mata, história sabida pelas crianças, não ignorada pelos jovens e celebrada pelos velhos, que até acreditavam nela, mas, apesar disso, não mais verdadeira que os milagres de Maomé. Esta, portanto, lhe pareceu vir sob medida para a situação em que se achava; e assim, com mostras de grande sentimento, começou a se rolar pela terra e a dizer, com a respiração fraca, o mesmo que afirmam que o cavaleiro ferido na mata dizia:

Onde estás, minha senhora,
que não te dói meu mal?
Ou não sabes dele, senhora,
ou és falsa e desleal.

E dessa maneira foi desfiando o romance, até aqueles versos que dizem:

Oh, nobre marquês de Mântua,
meu tio e senhor carnal!

Quis a sorte que, quando chegou a esse verso, passasse por ali um camponês de sua aldeia, vizinho seu, que tinha levado uma carga de trigo ao moinho. Vendo aquele homem ali estendido, aproximou-se e lhe perguntou quem era e de que mal sofria, que tão tristemente se queixava. Dom Quixote sem dúvida acreditou que aquele era o marquês de Mântua, seu tio, de modo que não lhe respondeu outra coisa além de prosseguir recitando seu romance, onde dava conta de sua desgraça e dos amores do filho do imperador com sua esposa, tudo da mesma maneira como os versos cantam.

O camponês estava admirado ouvindo aqueles disparates; e, tirando a viseira que estava em pedaços pelas bordoadas, limpou o rosto coberto de pó de dom Quixote. E, quando acabou de limpá-lo, o reconheceu e disse:

— Senhor Quixana — que assim devia se chamar quando tinha juízo e não havia se transformado de fidalgo sossegado em cavaleiro andante —, quem deixou vossa mercê desse jeito?

Mas ele continuava com o romance a todas as perguntas. Vendo isso o bom homem lhe tirou do jeito que pôde o peitilho e as costas do corselete, para ver se tinha alguma ferida, mas não notou sangue nem marca alguma. Procurou levantá-lo do chão e, com muito trabalho, montou-o sobre seu jumento, por lhe parecer animal mais manso. Recolheu as armas — até as lascas da lança — e amarrou-as sobre Rocinante, ao qual pegou pela rédea; então, puxando o burro pelo cabresto, encaminhou-se para seu povoado, muito pensativo com os disparates que dom Quixote dizia. Não menos pensativo ia dom Quixote que, de tão moído e alquebrado, mal conseguia se manter no burrinho, de vez em quando dando uns suspiros que chegavam ao céu, o que de novo obrigou o camponês a lhe rogar que dissesse que mal sentia; mas parece que o diabo só o lembrava de histórias ajustadas a sua situação, porque naquele ponto, esquecendo-se de Valdovinos, se lembrou do mouro Abindarráez, quando o alcaide de Antequera, Rodrigo de Narváez, o prendeu e o levou a sua fortaleza. De maneira que, quando o camponês voltou a perguntar como estava e o que sentia, ele respondeu com as mesmas palavras e alegações que o prisioneiro

mouro respondia a Rodrigo de Narváez, do mesmo modo como havia lido na história *La Diana*[2] de Jorge de Montemayor, onde vem descrita. Aproveitou-se dela tão adequadamente que o camponês já ia se encomendando ao diabo por ouvir tal amontoado de asneiras; mas por isso descobriu que seu vizinho estava louco e se apressou para chegar ao povoado e escapar da amolação que dom Quixote lhe causava com sua longa arenga, que arrematou assim:

— Saiba vossa mercê, senhor dom Rodrigo de Narváez, que esta formosa Xarifa de que falei é agora a linda Dulcineia del Toboso, por quem eu fiz, faço e farei as maiores proezas de cavalaria que se viram, veem ou verão no mundo.

A isso o camponês respondeu:

— Veja vossa mercê que, por bem de meus pecados, não sou dom Rodrigo de Narváez nem o marquês de Mântua, mas Pedro Alonso, seu vizinho. E nem vossa mercê é Valdovinos nem Abindarráez, mas o honrado fidalgo senhor Quixana.

— Eu sei quem sou — respondeu dom Quixote — e sei que posso ser não apenas esses que mencionei como todos os Doze Pares de França e até os Nove da Fama,[3] pois todas as façanhas que eles fizeram juntos, ou cada um por si, serão superadas pelas minhas.

Com essa e outras conversas semelhantes, chegaram ao povoado, na hora em que anoitecia; mas o camponês esperou que escurecesse um pouco mais, para que não vissem o abatido fidalgo tão mal montado. Então, no momento que lhe pareceu conveniente, entrou na aldeia e foi até a casa de dom Quixote, que encontrou toda alvoroçada. Lá estavam os grandes amigos de dom Quixote, o padre e o barbeiro, a quem a criada bradava:

— O que vossa mercê, senhor licenciado Pero Pérez — que assim se chamava o padre —, acha da desgraça de meu senhor? Faz três dias que não há sinal nem dele, nem do pangaré, nem da adarga, nem da lança, nem da armadura. Pobre de mim, desconfio (quer dizer, isso é tão verdadeiro como nasci para morrer) que esses malditos livros de cavalaria que ele tem e costuma ler todo dia lhe viraram a cabeça! Agora me lembro de tê-lo ouvido dizer muitas vezes, falando sozinho, que queria ser cavaleiro andante e ir em busca de aventuras por esses mundos. Que o diabo e Barrarás

carreguem esses livros, que botaram a perder a mais delicada inteligência que havia em toda a Mancha.

A sobrinha dizia a mesma coisa e mais um pouco:

— Saiba, senhor mestre Nicolás — que este era o nome do barbeiro —, que muitas vezes aconteceu ao senhor meu tio estar lendo esses livros desalmados de desventuras dois dias com suas noites, até que largava o livro e empunhava a espada e saía espetando as paredes. Quando estava muito cansado, dizia que matara quatro gigantes como quatro torres e que o suor que escorria era sangue das feridas que tinha recebido na batalha. Daí bebia um grande jarro de água fria e ficava refeito e calmo de novo, dizendo que aquela água era uma preciosíssima bebida que lhe havia trazido o sábio Esquife,[4] um grande mago e amigo seu. Mas eu tenho a culpa de tudo, porque não avisei vossas mercês dos despropósitos do senhor meu tio, para remediarem a coisa antes que chegasse a este ponto, e queimarem todos esses livros excomungados, pois há muitos que bem merecem ser assados como se fossem hereges.

— A mesma coisa digo eu — disse o padre. — Por Deus, juro que de amanhã não passam sem ser julgados e condenados ao fogo, para que não tenham a oportunidade de levar nenhum outro leitor a fazer o que meu bom amigo deve ter feito.

Tudo isso estavam ouvindo o camponês e dom Quixote, o que levou o camponês a entender a doença de seu vizinho e a começar a dizer aos gritos:

— Abram alas vossas mercês ao senhor Valdovinos e ao senhor marquês de Mântua, que vem mortalmente ferido, e ao senhor mouro Abindarráez, que traz prisioneiro o valente Rodrigo de Narváez, alcaide de Antequera.

A esses gritos saíram todos, e como uns reconheciam seu amigo e outras seu amo e tio, que ainda não havia apeado do jumento porque não podia, correram para abraçá-lo. Ele disse:

— Detenham-se todos, que venho mortalmente ferido por culpa de meu cavalo. Levem-me a meu leito e chamem a maga Urganda, se for possível, para que examine e trate minhas feridas.

— Com os diabos, se meu coração não me dizia de que pé coxeava meu senhor! — disse nesse ponto a criada. — Vossa mercê não morre tão cedo, pois saberemos curá-lo, sem que venha essa Ursanda. Malditos sejam outra vez, digo, outras cem vezes esses livros de cavalaria, que eles deixaram vossa mercê assim!

Levaram-no logo para a cama, e, procurando-lhe as feridas, não encontraram nenhuma. Ele disse que se sentia moído porque tinha levado um grande tombo com Rocinante, seu cavalo, combatendo dez gigantes, os mais descomunais e atrevidos que se poderiam achar em boa parte da terra.

— Ora, ora — disse o padre. — Tem gigantes na dança? Que Deus me ajude, se não os queimar amanhã antes que chegue a noite!

Fizeram mil perguntas a dom Quixote e a nenhuma ele quis responder, só que lhe dessem de comer e o deixassem dormir, que era do que mais precisava. Assim se fez, e o padre se informou em detalhes com o camponês sobre o modo como tinha achado dom Quixote. Ele contou tudo, com as asneiras que havia dito quando o achou e o trouxe, o que mais atiçou o desejo do padre de fazer o que fez no dia seguinte: chamar seu amigo, o barbeiro mestre Nicolás, e vir com ele à casa de dom Quixote.

vi

do grande e divertido escrutínio que o padre e o barbeiro fizeram na biblioteca de nosso engenhoso fidalgo

O qual ainda dormia. O padre pediu à sobrinha as chaves do aposento onde estavam os livros autores do estrago, e ela as deu de muito boa vontade. Entraram todos nele, seguidos pela criada, e acharam mais de cem volumes grandes, muito bem encadernados, e outros pequenos. Mal a criada os viu, saiu do aposento às pressas, voltando depois com uma tigela de água benta e um hissope.

— Tome vossa mercê, senhor padre — disse. — Benza este aposento, não vá andar por aqui algum mago, dos muitos que moram nesses livros, e nos enfeitice como castigo pelo que queremos infligir neles, varrendo-os do mundo.

O padre riu-se da ingenuidade da criada e mandou que o barbeiro fosse dando a ele os livros um por um, para ver de que tratavam, pois poderia haver alguns que não necessitassem castigo de fogo.

— Não — disse a sobrinha —, não dá para perdoar nenhum, porque todos foram perniciosos: será melhor jogá-los no pátio pelas janelas, fazer um monte deles e botar fogo, ou levá-los para o quintal. Fazendo a fogueira ali, a fumaça não vai incomodar.

A mesma coisa disse a criada — tal era a gana que as duas tinham da morte daqueles inocentes. Mas o padre não concordou com isso sem primeiro ler ao menos os títulos. E o primeiro que mestre Nicolás lhe passou às mãos foi *Los cuatro de Amadís de Gaula*.[1] O padre disse:

— Coincidência misteriosa, pois, conforme ouvi dizer, este foi o primeiro livro de cavalaria que se imprimiu na Espanha, e dele se originaram todos os outros. Então me parece que, como pregador de uma seita tão perniciosa, devemos condená-lo ao fogo sem clemência.

— Não, senhor — disse o barbeiro —, pois também ouvi dizer que é o melhor de todos os livros desse gênero; por isso, como único em sua arte, deve ser perdoado.

— Isso é verdade — disse o padre. — Por essa razão vamos deixá-lo com vida por enquanto. Vejamos esse outro que está perto dele.

— É *Las sergas de Esplandián*[2] — disse o barbeiro —, filho legítimo de Amadis de Gaula.

— Mas certamente — disse o padre — a qualidade do pai não deve salvar o filho. Tomai, minha senhora: abri essa janela e atirai-o no pátio. Que se dê início à pilha para a fogueira.

Assim fez a criada muito contente, e o bom Esplandian foi voando para o pátio, esperando com toda a paciência o fogo que o ameaçava.

— Vamos em frente — disse o padre.

— O que vem agora — disse o barbeiro — é *Amadís de Grecia*;[3] e todos os deste lado, pelo que vejo, são da mesma linhagem de Amadis.

— Todos para o pátio — disse o padre. — Só para queimar a rainha Pintiquinestra, o pastor Darinel e suas éclogas, mais os raciocínios endiabrados e arrevesados de seu autor, eu queimaria com eles o pai que me gerou, se andasse fantasiado de cavaleiro andante.

— Sou da mesma opinião — disse o barbeiro.

— Eu também — acrescentou a sobrinha.

— Então, venham — disse a criada —, e ao pátio com eles.

Eles lhe alcançaram os livros e, como eram muitos, ela poupou-se da escada, atirando-os pela janela.

— Quem é esse calhamaço? — disse o padre.

— Este é dom *Olivante de Laura*[4] — respondeu o barbeiro.

— O autor deste livro — disse o padre — é o mesmo que escreveu *Jardín de flores*. Na verdade não sei determinar qual dos dois livros é mais verdadeiro, ou, digamos, melhor, menos mentiroso; só sei que este irá para o pátio, por absurdo e arrogante.[5]

— E o próximo é *Florismarte de Hircania*[6] — disse o barbeiro.

— Aí está o senhor Florismarte? — replicou o padre. — Pois juro que irá parar no pátio agora mesmo, apesar de seu estranho nascimento e aventuras famosas; mas a dureza e secura de seu estilo não merecem outra coisa. Ao pátio com ele, e com este outro, minha senhora.

— Será um prazer, meu senhor — respondeu a criada, que com muita alegria executava as ordens.

— Este é *El caballero Platir*[7] — disse o barbeiro.

— Livro antigo este — disse o padre. — Não vejo nele coisa alguma que mereça perdão. Acompanhe os demais sem conversa.

E assim foi feito. Abriu-se outro livro e viram que tinha por título *El caballero de la Cruz*.

— Por causa do nome santo podia-se perdoar sua ignorância, mas também se costuma dizer que "atrás da cruz está o diabo". Para o fogo.

O barbeiro, pegando outro livro, disse:

— Este é *Espejo de caballerías*.[8]

— Já conheço sua mercê — disse o padre. — Aí anda o senhor Reinaldos de Montalbán com seus amigos e companheiros, mais ladrões que Caco, e os Doze Pares, com o fidedigno historiador Turpin.[9] Na verdade estou para condená-lo a nada menos que a desterro perpétuo, mesmo que contenha parte da criação do famoso Matteo Boiardo,[10] de onde também teceu sua teia o poeta cristão Ludovico Ariosto,[11] por quem não terei respeito algum, se o achar por aqui me falando em outra língua que não a sua. Mas, se me falar em seu idioma, eu o porei nas nuvens.

— Eu o tenho em italiano — disse o barbeiro —, mas não o entendo.

— Nem seria bom que o entendêsseis — respondeu o padre. — E aqui poderíamos perdoar o senhor capitão se não o tivesse trazido para a Espanha e o feito espanhol, pois lhe tirou muito de seu valor

original; e o mesmo farão todos aqueles que quiserem transpor livros de verso para outra língua: por mais cuidado que tenham e habilidade que mostrem, jamais chegarão ao ponto que os versos alcançaram no primeiro parto. Digo, enfim, que este livro e todos os que tratam dessas coisas da França sejam atirados num poço seco até que com mais calma se veja o que se há de fazer, excetuando um *Bernardo del Carpio* que anda por aí e outro chamado *Roncesvalles*. Estes, chegando às minhas mãos, estarão nas da criada e delas nas do fogo, sem clemência alguma.

O barbeiro concordou com tudo, achando que era coisa muito certa, por entender que o padre era tão bom cristão e tão amigo da verdade que não faltaria com ela por nada neste mundo. E, abrindo outro livro, viu que era *Palmerín de Oliva*,[12] e junto a ele estava outro que se chamava *Palmeirim da Inglaterra*.[13] O padre olhou-os e disse:

— Dessa oliveira se faça logo lenha e se queime, e que não sobrem nem as cinzas; e se guarde e se conserve essa palmeirinha da Inglaterra como coisa única. Para isso se faça outra arca como aquela que Alexandre achou nos despojos de Dario e usou para guardar as obras do poeta Homero. Este livro, meu amigo, tem autoridade por dois motivos: um, porque é muito bom por si mesmo; outro, porque se sabe que foi composto por um arguto rei de Portugal. Todas as aventuras no castelo da princesa Miraguarda são excelentes e muito engenhosas; os discursos são graciosos e claros e guardam e observam o caráter de quem fala, com muita propriedade e inteligência. Então, a menos que discordais, senhor mestre Nicolás, digo que este e *Amadís de Gaula* fiquem livres do fogo, e que todos os outros pereçam, sem mais pesos e medidas.

— Não, meu amigo — replicou o barbeiro —, porque este que tenho aqui é o afamado *Dom Belianis*.[14]

— Pois esse — replicou o padre —, com a segunda, terceira e quarta partes, bem que precisa de uma dose de purgante para aliviar sua cólera excessiva, e é preciso cortar-lhe tudo aquilo do castelo da Fama e outras impertinências mais sérias. Para isso se dá um prazo a perder de vista e, caso se emende, se usará com ele

de misericórdia ou de justiça. Até lá, meu amigo, tende-o em vossa casa, mas não deixeis que ninguém o leia.

— Será um prazer — respondeu o barbeiro.

E, sem querer se cansar mais lendo livros de cavalaria, mandou que a criada pegasse todos os grandes e os jogasse no pátio. Não falou à boba nem à surda, mas a quem tinha mais gana de queimá-los que pintar e bordar, fosse lá o que ou com quem; e, agarrando quase oito de uma vez, atirou-os pela janela. Por pegar tantos juntos, um deles caiu aos pés do barbeiro, que teve vontade de ver de quem era e descobriu que dizia: *Historia del famoso caballero Tirante el Blanco*.[15]

— Valha-me Deus! — disse o padre, dando um grito. — Se não é Tirante, o Branco?! Dai-me cá, meu amigo: com certeza achei nele um tesouro de alegria e uma mina de passatempo. Aqui está dom Quirieleisón de Montalbán, cavaleiro corajoso, e seu irmão Tomás de Montalbán, e o cavaleiro Fonseca, com a batalha que o valente Tirante travou com o alão, e as argúcias da donzela Prazerdaminhavida, com os amores e embustes da viúva Repousada, e a senhora Imperatriz, apaixonada por Hipólito, seu escudeiro. Na verdade vos digo, meu amigo, que, pelo estilo, este é o melhor livro do mundo: aqui os cavaleiros comem, dormem e morrem em suas camas, fazem testamento antes da morte e outras coisas de que todos os demais livros deste gênero carecem. Por isso vos digo que aquele que o compôs merecia ser mandado para as galés, para compô-lo por todos os dias de sua vida, pois não fez tantas asneiras de propósito como os outros. Levai-o para casa, lede-o e vereis que é verdade quanto dele vos disse.[16]

— Com prazer — respondeu o barbeiro. — Mas o que faremos com estes livros pequenos que sobraram?

— Estes — disse o padre — não devem ser de cavalaria, mas de poesia.

E, abrindo um, viu que era *La Diana* de Jorge de Montemayor. Achando que todos os outros eram do mesmo gênero, disse:

— Estes não merecem ser queimados, como os demais, porque não fazem nem farão o mal que os de cavalaria fizeram. São livros de entretenimento que não prejudicam ninguém.

— Ai, senhor! — disse a sobrinha. — Vossa mercê bem pode mandá-los queimar com os outros, porque não seria de estranhar que o senhor meu tio, tendo se curado da mania dos cavaleiros, lendo esses resolvesse se fazer pastor e andar pelos matos e campos cantando e tocando, ou fazer-se poeta, o que seria pior, porque dizem que é doença contagiosa e incurável.

— É verdade o que diz esta donzela — disse o padre. — Será bom tirar da frente de nosso amigo esta oportunidade de tropeço. Comecemos, então, por *La Diana* de Montemayor. Minha opinião é que não seja queimado, mas que se tire dele tudo aquilo que trata da maga Felícia, da água encantada e quase todos os versos maiores, ficando em paz a prosa, e a honra de ser o primeiro entre livros semelhantes.

— O próximo — disse o barbeiro — é *La Diana* chamada *Segunda* do salmantino;[17] e este outro, que tem o mesmo título, é de Gil Polo.[18]

— Pois que a Diana do salmantino — respondeu o padre — acompanhe e aumente o número dos condenados ao pátio; e a de Gil Polo seja guardada como se fosse do próprio Apolo. Mas vamos em frente, meu amigo, e depressa, pois já é tarde.

— Este livro é — disse o barbeiro abrindo outro — *Los diez libros de Fortuna de amor*, escrito por Antonio de Lofraso, poeta sardo.[19]

— Pelos sacramentos que recebi — disse o padre —, que desde que Apolo é Apolo; as musas, musas; e os poetas, poetas, não se escreveu um livro tão espirituoso nem extravagante como esse. Por sua forma, é o melhor e o mais singular de quantos desse gênero saíram à luz do mundo. Aquele que não o leu pode ter certeza de que jamais leu coisa tão saborosa. Dai-me cá, compadre, que gosto mais de tê-lo achado do que se me dessem uma batina da mais fina lã de Florença.

Deixou-o de lado com grande prazer, e o barbeiro prosseguiu:

— Os próximos são *El pastor de Iberia*, *Ninfas de Henares* e *Desengaños de celos*.[20]

— Não há mais o que fazer — disse o padre — além de entregá-los ao braço secular da criada; e não me pergunte por quê, que isso não acabaria nunca.

— O que vem agora é *El pastor de Fílida*.[21]

— Esse não é pastor — disse o padre —, mas um cortesão muito atilado: guarde-o como joia preciosa.

— Este grande aqui se intitula *Tesoro de varias poesías*[22] — disse o barbeiro.

— Se não fossem tantas — disse o padre —, seriam mais apreciadas: é preciso que se desinfete e limpe esse livro de algumas baixezas que há entre suas grandezas. Mas guarde, porque o autor é meu amigo, e por respeito a outras obras mais nobres e heroicas que escreveu.

— Este — prosseguiu o barbeiro — é o *Cancionero* de López Maldonado.[23]

— O autor desse livro também é grande amigo meu — respondeu o padre. — Os versos dele, em sua própria boca, causam admiração a quem os ouve; e tamanha é a suavidade da voz com que os canta, que encanta. É um pouco longo nas églogas, mas nunca o bom foi muito. Guarde-se com os escolhidos. Mas que livro é esse que está perto dele?

— *A Galateia*[24] de Miguel de Cervantes — disse o barbeiro.

— Há muitos anos que esse Cervantes é grande amigo meu, e sei que é mais versado em infortúnios que em versos. Seu livro tem alguma coisa de boa invenção: propõe algo mas não conclui nada. É preciso esperar a segunda parte que promete: talvez com a emenda alcance de todo a misericórdia que agora lhe é negada. Enquanto isso, tende-o recluso em vossa casa, meu amigo.

— Com prazer — respondeu o barbeiro. — E aqui vêm três, todos juntos: *La Araucana* de dom Alonso de Ercilla,[25] *La Austríada* de Juan Rufo,[26] intendente em Córdoba, e *El Monserrato* de Cristóbal de Virués,[27] poeta valenciano.

— Os três — disse o padre — são os melhores em verso heroico que foram escritos em castelhano e podem competir com os mais famosos da Itália. Guardem-se como as joias mais finas de poesia que a Espanha possui.

O padre se cansou de ver mais livros e assim, por atacado, quis que todos os outros fossem para o fogo; mas o barbeiro já tinha aberto um, que se chamava *Las lágrimas de Angélica*.[28]

— Eu as teria chorado — disse o padre ao ouvir o nome — se tivesse mandado queimar esse livro, porque seu autor foi um dos mais famosos poetas do mundo, não só da Espanha, e foi felicíssimo na tradução de algumas fábulas de Ovídio.

vii

da segunda saída de nosso bom cavaleiro dom quixote de la mancha

Então dom Quixote começou a dizer aos berros:

— Aqui, aqui, valentes cavaleiros! Aqui é preciso mostrar a força de vossos valorosos braços, pois os cortesãos levam a melhor no torneio.

Como eles correram por causa dessa barulheira e confusão, não se foi adiante no exame dos livros que sobravam, e assim se pensa que foram para o fogo, sem ser vistos nem ouvidos, *La Carolea*[1] e *León de España*,[2] com os feitos do imperador, compostos por dom Luis de Ávila, que sem dúvida deviam estar entre os restantes e talvez não provassem tão rigorosa sentença, se o padre os visse.

Quando chegaram ao quarto, dom Quixote já tinha saltado da cama e prosseguia com seus gritos e desatinos, dando cutiladas e reveses a torto e a direito, tão desperto como se nunca houvesse dormido. Agarraram-no e à força o devolveram ao leito. Depois que se acalmou um pouco, virou-se para o padre e disse:

— Sem dúvida, senhor arcebispo Turpin, é uma grande vergonha para nós, que nos chamamos Doze Pares, deixar a vitória desse torneio para os cavaleiros cortesãos assim sem mais nem menos, havendo nós os aventureiros ganhado fama nos três dias anteriores.

— Cale-se vossa mercê, meu amigo — disse o padre. — Queira Deus que a sorte mude e que o que hoje se perde amanhã se ganhe. E agora cuide vossa mercê da saúde, pois deve estar muito cansado, se é que não está gravemente ferido.

— Ferido não — disse dom Quixote —, mas exausto e arrebentado, sem dúvida, porque aquele filho da puta do dom Roland me sovou com o galho de uma azinheira. E tudo por inveja, porque vê que só eu sou adversário para suas valentias. Mas eu não me chamaria Reinaldos de Montalbán se, levantando deste leito, não o fizesse me pagar, apesar de todas as suas bruxarias. Por ora me tragam o jantar, que é do que mais preciso, e deixem a vingança por minha conta.

Assim se fez. Depois de comer, dormiu de novo, deixando a todos admirados de sua loucura.

Naquela noite a criada queimou até as cinzas quantos livros havia no pátio e em toda a casa. Muitos que mereciam ser guardados para sempre devem ter ardido, mas sua sorte e a preguiça do investigador não o permitiram, cumprindo-se assim o ditado que diz que às vezes os justos pagam pelos pecadores.

Um dos remédios que o padre e o barbeiro receitaram para o mal de seu amigo foi que emparedassem o quarto dos livros, para que ao se levantar o fidalgo não os achasse — quem sabe, eliminando a causa, cessaria o efeito —, e que dissessem que um mago os havia levado, com quarto e tudo. E assim foi feito com muita rapidez.

Dali a dois dias dom Quixote se levantou e a primeira coisa que fez foi ir ver seus livros, mas, como não achava o quarto onde os tinha deixado, andava de um lado para outro procurando por ele. Chegava onde devia estar a porta, tateava-a, passando e repassando os olhos por tudo, sem dizer uma palavra; mas depois de um bom tempo perguntou a sua criada em que lugar estava o quarto dos livros. A criada, bem prevenida sobre o que devia responder, disse:

— Que raio de quarto vossa mercê procura? Já não há quarto nem livros nesta casa, porque o diabo em pessoa carregou com tudo!

— Não era o diabo — interferiu a sobrinha —, mas um mago que veio numa nuvem, uma noite depois daquele dia em que vossa mercê partiu daqui. Apeou de uma serpente em que vinha montado e entrou no quarto; não sei o que fez lá dentro: num instante saiu voando pelo telhado e deixou a casa cheia de fumaça; e, quando decidimos olhar o que tinha feito, não vimos livro nem quarto algum:

só lembramos direito que na hora da partida aquele velho malvado disse aos gritos que era um inimigo secreto do dono dos livros e do quarto, por isso deixava o estrago que depois se veria naquela casa. Disse também que era o mago Munhatão.

— Frestão deve ter dito — disse dom Quixote.

— Não sei se chamava Frestão ou Fritão — respondeu a criada. — Só sei que seu nome acabava em *tão*.[3]

— Sim, sim — disse dom Quixote —, esse é um mago, grande inimigo meu, que tem aversão por mim porque sabe, com suas artes e artimanhas, que daqui a algum tempo vou travar singular batalha com um cavaleiro a quem ele favorece, e que vou vencê-lo sem que ele o possa impedir. Por isso procura me arrumar todas as amolações que pode; e eu lhe garanto que ele não poderá contrariar ou evitar o que foi estabelecido pelo céu.

— Quem duvida disso? — disse a sobrinha. — Mas quem mete vossa mercê nessas pendências, senhor meu tio? Não é melhor ficar em casa sossegado, sem ir pelo mundo em busca do pote de ouro na ponta do arco-íris, sem falar que muitos vão atrás de lã e voltam tosquiados?

— Oh, minha sobrinha — respondeu dom Quixote —, estás redondamente enganada! Antes que me tosquiem terei raspadas e arrancadas as barbas de quantos imaginarem tocar-me na ponta de um só fio de cabelo.

As duas não quiseram contrariá-lo mais, porque viram que era inflamar a raiva dele.

O caso é que dom Quixote esteve quinze dias em casa muito sossegado, sem dar mostras de querer recair em seus primeiros devaneios. Nesses dias, teve conversas muito engraçadas com seus amigos, o padre e o barbeiro, porque dizia que a coisa de que o mundo mais necessidade tinha era de cavaleiros e de que nele se ressuscitasse a cavalaria andante. O padre às vezes o contradizia, outras concordava, porque sem esse artifício não podia se entender com ele.

Nesse meio-tempo, dom Quixote mandou chamar um camponês, vizinho seu, homem de bem — se é que se pode dar este título a quem é pobre —, mas de miolo meio mole. Em resumo, tanto lhe

disse, tanto o tentou e prometeu que o pobre coitado resolveu sair com ele e lhe servir de escudeiro. Entre outras coisas, dom Quixote lhe dizia que, caso se dispusesse a ir de boa vontade, em algum momento bem podia acontecer uma aventura em que ganhasse uma ilha sem mais nem menos e ele o deixasse de governador nela. Com essas e outras promessas semelhantes, Sancho Pança — que assim se chamava o camponês — deixou sua mulher e filhos e se empregou como escudeiro de seu vizinho.

Em seguida dom Quixote tratou de arrumar dinheiro: vendendo uma coisa, empenhando outra, malbaratando todas, juntou uma quantia razoável. Arranjou também uma rodela,[4] que pediu emprestada a um amigo; e, ajeitando o melhor que pôde seu elmo desmantelado, avisou seu escudeiro Sancho do dia e hora em que pensava pegar a estrada, para que ele se munisse do que achasse mais necessário. Antes de mais nada, encarregou-o de levar alforjes. Sancho disse que levaria sim e que também pensava levar um burro muito bom que tinha, porque não estava muito acostumado a andar a pé. Naquilo do burro dom Quixote pensou um pouco, tentando lembrar se algum cavaleiro teria tido um escudeiro montado burralmente, mas não lhe veio nenhum à memória; mesmo assim ordenou que o levasse, com a intenção de arrumar para ele montaria mais decente logo que tivesse oportunidade, tirando o cavalo do primeiro cavaleiro descortês com quem topasse. Abasteceu-se de camisas e das demais coisas que pôde, conforme o conselho do estalajadeiro; então, com tudo pronto e arranjado, sem Pança se despedir dos filhos e da mulher, nem dom Quixote da criada e da sobrinha, uma noite se foram sem que pessoa alguma os visse; e caminharam tanto que, ao amanhecer, tiveram certeza de que não seriam encontrados mesmo que os procurassem.

Sancho Pança ia sobre seu jumento como um patriarca, com os alforjes e o odre, ansioso para se ver governador da ilha que seu amo havia prometido. Por acaso dom Quixote acabou seguindo o mesmo rumo e rota que havia tomado em sua primeira viagem, pelo campo de Montiel, por onde ia mais satisfeito que da outra vez, porque ainda era cedo e os raios do sol pegavam de soslaio,

incomodando bem menos. De repente Sancho Pança disse a seu amo:

— Olhe vossa mercê, senhor cavaleiro andante, não se esqueça da ilha que me prometeu, porque eu saberei governá-la, por maior que seja.

Ao que dom Quixote respondeu:

— Saiba, amigo Sancho Pança, que foi costume muito comum os antigos cavaleiros andantes nomearem seus escudeiros governadores de ilhas ou reinos que ganhavam. Quanto a mim, estou decidido a que esse reconhecimento não acabe; penso até melhorá-lo, porque os cavaleiros algumas vezes, talvez na maioria delas, esperavam que seus escudeiros fossem velhos e, depois de fartos de servir e de passar maus dias e piores noites, lhes davam algum título de conde ou pelo menos de marquês de algum vale ou província sem importância. Mas, se tu vives e eu vivo, bem poderia ser que antes de seis dias eu ganhasse um reino que estivesse ligado a outros, com algum sob medida para que eu te coroe rei. E não penses que é muito difícil, que coisas e casos acontecem aos cavaleiros por modos nunca vistos nem pensados, que facilmente poderia te dar mais ainda do que te prometo.

— Quer dizer — respondeu Sancho Pança — que se eu fosse rei, por algum milagre desses que vossa mercê fala, pelo menos Joana Gutiérrez, minha patroa, viria a ser rainha e meus filhos infantes.

— Pois é, quem duvida? — respondeu dom Quixote.

— Eu duvido — replicou Sancho Pança —, porque acho que, ainda que Deus fizesse chover reinos sobre a terra, nenhum assentaria bem sobre a cabeça de Mari Gutiérrez. Saiba, senhor, que para rainha não vale dois tostões; condessa lhe cairá melhor, assim mesmo com uma mãozinha de Deus.

— Encomenda o negócio a Deus, Sancho — respondeu dom Quixote —, que Ele te dará o que for mais conveniente; mas não desanimes tanto, que acabas te contentando com menos que governador.

— Não desanimarei, meu senhor — respondeu Sancho —, ainda mais tendo amo tão importante como vossa mercê, que saberá me dar tudo aquilo que me faça bem e eu possa carregar.

viii

do grande êxito que o valente dom quixote teve na espantosa e jamais imaginada aventura dos moinhos de vento, com outras coisas dignas de feliz lembrança

Nisso, avistaram trinta ou quarenta moinhos de vento que há naquele campo. Mal dom Quixote os viu, disse a seu escudeiro:

— O acaso vai guiando nossas coisas melhor do que poderíamos desejar: olha lá, amigo Sancho Pança, onde estão uns trinta gigantes monstruosos, com quem penso travar batalha e a todos tirar as vidas. Com os despojos deles começaremos a enriquecer, que esta guerra é boa, e grande serviço presta a Deus quem varre da face da terra semente tão maligna.

— Que gigantes? — disse Sancho Pança.

— Aqueles ali, de braços compridos — respondeu o amo. — Alguns costumam ter braços de quase duas léguas.

— Olhe vossa mercê — respondeu Sancho —, aqueles que estão ali não são gigantes, mas moinhos de vento, e o que neles parecem braços são as pás, que, rodadas pelo vento, fazem trabalhar as mós.

— Bem se vê — respondeu dom Quixote — que não és versado em aventuras: eles são gigantes. E, se tens medo, some-te daqui e fica rezando enquanto isso, porque vou travar com eles uma batalha feroz e desigual.

E, dizendo isso, esporeou seu cavalo Rocinante, sem ligar para os gritos de seu escudeiro Sancho, avisando-o de que sem dúvida nenhuma eram moinhos de vento e não gigantes aqueles que ia

atacar. Ele ia tão convencido de que eram gigantes que nem ouvia seu escudeiro Sancho nem conseguia ver o que eram, embora já estivesse bem perto; pelo contrário, ia dizendo aos brados:

— Não fujais, covardes e vis criaturas, que apenas um cavaleiro vos ataca.

Nesse instante o vento soprou um pouco, e as grandes pás começaram a se mover; vendo isso, dom Quixote disse:

— Ainda que movais mais braços que os do gigante Briareu, haveis de me pagar.

Dizendo isso e se encomendando de todo coração a sua senhora Dulcineia, pedindo-lhe que o socorresse em tamanho aperto, bem protegido pela rodela, com a lança em riste, arremeteu a toda brida com Rocinante e investiu no primeiro moinho que encontrou pela frente. Quando deu uma lançada na pá, girou-a com tanta fúria o vento que fez a lança em pedaços, levando junto o cavalo e o cavaleiro, que foi rolando todo desconjuntado pelo campo. Sancho Pança correu para socorrê-lo, a galope em seu burro, mas ao chegar achou que ele não podia se mexer, tamanho fora o tombo que Rocinante dera com ele.

— Que Deus me acuda! — disse Sancho. — Eu não disse a vossa mercê que olhasse bem o que fazia, que eram apenas moinhos de vento? Só podia ignorar isso quem tivesse outros iguais na cabeça.

— Quieto, amigo Sancho — respondeu dom Quixote —, porque as coisas da guerra, mais que as outras, estão sujeitas à contínua mudança. Além do mais, eu penso, e esta é a verdade, que aquele mago Frestão, que me roubou o quarto e os livros, transformou esses gigantes em moinhos para me tirar a glória de vencê-los, tamanha é a inimizade que me tem. Mas no final das contas a magia negra dele pouco poderá contra a excelência de minha espada.

— Que Deus faça o que puder — respondeu Sancho Pança, ajudando-o a se levantar.

Dom Quixote voltou a montar Rocinante, que estava meio descadeirado. E, conversando sobre a aventura, seguiram a estrada para Puerto Lápice, porque ali, dizia dom Quixote, não era possível deixar de se achar muitas e diferentes aventuras, por ser lugar de

grande movimento. Mas ia muito pesaroso por se ver sem a lança; comentando isso com seu escudeiro, disse:

— Lembro ter lido que um cavaleiro espanhol chamado Diego Pérez de Vargas, tendo quebrado a espada numa batalha, arrancou um galho grosso ou tronco de uma azinheira e com ele fez tais coisas aquele dia, machucou tantos mouros, que foi apelidado de Machuca; e assim, tanto ele como seus descendentes se chamaram, dali por diante, Vargas y Machuca. Digo-te isso porque pretendo tirar da primeira azinheira ou carvalho com que nos deparemos um galho tão bom como o do Machuca; e penso fazer com ele tais façanhas que deves te julgar feliz por haver merecido vir vê-las e ser testemunha de coisas em que mal se poderão acreditar.

— Seja o que Deus quiser — disse Sancho. — Acredito em tudo que vossa mercê me diz. Mas endireite-se um pouco, que parece que vai meio de lado; deve ser por causa das machucaduras do tombo.

— É verdade — respondeu dom Quixote —, mas não me queixo da dor porque não é permitido aos cavaleiros andantes se queixarem de ferida alguma, mesmo que lhes saiam as tripas por ela.

— Se é assim, não digo mais nada — respondeu Sancho —, mas sabe Deus que eu ficaria mais tranquilo se vossa mercê se queixasse quando alguma coisa lhe doesse. Por mim sei que vou me queixar de qualquer dorzinha que tenha, se é que esse negócio de não se queixar não vale também para os escudeiros dos cavaleiros.

Dom Quixote não deixou de rir da simplicidade de seu escudeiro e declarou que ele podia se queixar como e quando quisesse, com ou sem vontade, porque até agora não havia lido nada contra isso nos livros de cavalaria. Sancho Pança lhe disse que reparasse que era hora de comer. Seu amo respondeu que por enquanto não tinha fome, que comesse ele quando quisesse. Com essa licença, Sancho se acomodou o melhor que pôde sobre o jumento e, tirando dos alforjes o que guardara, ia andando e comendo muito à vontade atrás de seu amo; de quando em quando empinava o odre com

tanto prazer que faria inveja ao mais satisfeito dono de adega de Málaga. Enquanto ia repetindo os tragos, não se lembrava de nenhuma promessa que seu amo lhe tivesse feito, nem considerava trabalho nenhum, mas uma boa folga, andar em busca de aventuras, por mais perigosas que fossem.

Resolveram passar aquela noite entre umas árvores, e de uma delas dom Quixote arrancou um galho seco que quase podia lhe servir de lança, e pôs nele a ponta de ferro da que se quebrara. Dom Quixote não dormiu a noite toda, pensando em sua senhora Dulcineia, para se ajustar ao que havia lido nos livros, quando os cavaleiros passavam sem dormir muitas noites nas florestas e descampados, entretidos com as lembranças de suas amadas. Sancho Pança passou-a toda num sono só, pois tinha o estômago cheio, e não de chá de chicória;[1] e, se seu amo não o chamasse, não seriam suficientes para despertá-lo os raios do sol que lhe davam no rosto, nem o canto das muitas aves que alegremente saudavam a vinda do novo dia. Ao se levantar, deu uma bicada no odre e achou-o um pouco mais murcho que na noite anterior, o que lhe afligiu o coração; não parecia que fossem por um caminho em que logo se pudesse remediar esse problema. Dom Quixote de novo não quis comer nada, porque, como se disse, dera para se sustentar de lembranças saborosas. Voltaram à estrada para Puerto Lápice e o avistaram por volta das três da tarde.

— Aqui podemos meter a mão na massa nisso que chamam de aventuras, irmão Sancho Pança — disse dom Quixote. — Mas já te aviso: embora me vejas nos maiores perigos do mundo, jamais deverás empunhar tua espada para me defender, a menos que os que me atacam sejam canalhas e gente da ralé. Neste caso bem podes me ajudar. Mas, se forem cavaleiros, de jeito nenhum é lícito nem concedido pelas leis da cavalaria que me ajudes, até que sejas armado cavaleiro.

— Com certeza, senhor — respondeu Sancho —, nisso vossa mercê será muito bem obedecido, porque eu sou muito pacífico e inimigo de me meter em brigas e confusões. Mas também é verdade que, se tiver de defender minha pessoa, não levarei em conta essas

leis, pois as divinas e as humanas permitem que cada um se defenda de quem quiser prejudicá-lo.

— Não digo menos — respondeu dom Quixote. — Mas nisso de me ajudar contra cavaleiros deverás manter na linha teus ímpetos naturais.

— Garanto que assim o farei — respondeu Sancho. — Guardarei esse preceito tão bem como os domingos.

Estando nessa conversa, viram surgir pela estrada dois frades da Ordem de São Bento cavalgando dois dromedários — pois não eram menores as duas mulas em que vinham. Usavam guarda-sóis e máscaras com lentes para a poeira. Atrás vinha um coche acompanhado por quatro ou cinco cavaleiros e dois rapazes a pé puxando as mulas. Como depois se soube, no coche vinha uma senhora basca que ia a Sevilha, onde estava seu marido, que ia para as Índias nomeado para um cargo muito importante. Os frades não vinham com ela, embora fossem pelo mesmo caminho. Porém, mal os divisou, dom Quixote disse a seu escudeiro:

— Ou muito me engano, ou esta será a mais famosa aventura que já se viu, porque aqueles vultos negros que ali aparecem devem ser, e sem dúvida são, uns magos que levam naquele coche alguma princesa raptada. É preciso desfazer esta infâmia com todas as minhas forças.

— Isto vai ser pior que os moinhos de vento — disse Sancho. — Olhe, senhor, aqueles são frades de São Bento e o coche deve ser de gente de passagem. Por favor, olhe bem o que faz, não vá cair em outra trapaça do diabo.

— Já te disse, Sancho — respondeu dom Quixote —, que sabes pouco em matéria de aventuras: o que digo é verdade, já verás.

E, dizendo isso, avançou, pondo-se no meio da estrada; quando os frades chegaram tão perto que lhe pareceu que poderiam ouvi-lo, disse em voz alta:

— Gente endiabrada e descomunal, deixai agora mesmo as nobres princesas que levais cativas nesse coche; senão, preparai-vos para receber morte rápida, justo castigo por vossas malfeitorias.

Os frades puxaram as rédeas, surpresos tanto com a figura de dom Quixote como com suas palavras, a que responderam:

— Senhor cavaleiro, nós não somos endiabrados nem descomunais, mas dois religiosos de São Bento seguindo nosso caminho, e não sabemos se nesse coche vêm ou não algumas princesas aprisionadas.

— Poupe-me de palavras macias, que eu vos conheço, canalha infiel — disse dom Quixote.

E, sem esperar mais resposta, esporeou Rocinante e investiu com a lança baixa contra o primeiro frade, com tanta fúria e intrepidez que, se o frade não se deixasse cair da mula, ele o teria atirado ao chão, contra a vontade e talvez gravemente ferido, se não morto. O segundo religioso, que viu o modo como tratavam seu companheiro, meteu os calcanhares nas costelas de sua boa mula,[2] que desatou a correr pelo campo mais ligeira que o próprio vento.

Sancho Pança, vendo o frade por terra, apeou rapidamente, caiu sobre ele e começou a lhe tirar a batina. Chegaram dois rapazes que acompanhavam os frades e lhe perguntaram por que o despia. Sancho respondeu que a batina era dele de direito, como despojo da batalha que seu senhor dom Quixote havia ganhado. Os rapazes — que não estavam para gracejos, nem entendiam esse negócio de despojos nem batalhas —, vendo que dom Quixote já se afastara dali e conversava com as damas que vinham no coche, investiram contra Sancho e deram com ele no chão; e, sem lhe deixar pelo nas barbas, moeram-no de pontapés e o deixaram estendido, sem fôlego nem sentido. Sem perda de tempo o frade montou de novo, todo temeroso e acovardado e sem cor no rosto; mal se viu a cavalo, picou atrás de seu companheiro, que a uma boa distância dali o aguardava, vendo em que dava aquela confusão. Mas, sem esperar pelo desfecho, foram embora, benzendo-se mais do que se tivessem o diabo nos calcanhares.

Dom Quixote, como se disse, estava falando com a senhora do coche:

— Vossa formosura, minha senhora, pode fazer de vossa pessoa o que mais vos agradardes, porque a soberba de vossos captores jaz por terra, derrubada por meu braço forte. E, para que não vos aflijais por desconhecer o nome de vosso libertador, sabei que me chamo dom Quixote de la Mancha, cavaleiro andante e aventureiro, e cativo

da sem-par e formosa dona Dulcineia del Toboso. Como pagamento pelo benefício que de mim haveis recebido, não quero nada além de que volteis a El Toboso e, de minha parte, vos apresenteis diante dessa senhora, dizendo a ela o que fiz por vossa liberdade.

Um dos escudeiros que acompanhavam o coche, um basco, escutava tudo o que dom Quixote dizia. Vendo que ele não queria deixar passar o coche e dizia que deviam voltar a El Toboso, avançou para dom Quixote e, agarrando-lhe a lança, lhe disse, em mau castelhano e pior basco:

— Anda, cavaleiro que mal andes! Pelo Deus que me criou que, se não deixa coche, assim te matas como basco sou.

Mas dom Quixote entendeu-o muito bem e respondeu com toda calma:

— Se fosses cavaleiro, como não és, eu já teria castigado tua loucura e atrevimento, reles criatura.

Ao que o basco replicou:

— Eu não cavaleiro? Por Deus juro, tanto mentes como cristão. Se lança atiras e espada sacas, a porca verás o rabo como torce logo! Basco por terra, fidalgo por mar, fidalgo com os diabos: mentes que olha se outra dizes coisa.

— Agora o vereis, como disse Agrajes[3] — respondeu dom Quixote.

E, atirando a lança no chão, sacou a espada, prendeu o braço na rodela e investiu contra o basco com a intenção de lhe tirar a vida. O basco, que gostaria de apear da mula porque era de aluguel e não dava para se fiar nela, não pôde fazer outra coisa que sacar a espada; por sorte se achava perto do coche, de onde conseguiu pegar uma almofada, que lhe serviu de escudo. Assim avançaram um para o outro, como se fossem dois inimigos mortais. Os outros tentaram apaziguá-los, mas não puderam, porque o basco dizia com suas palavras enroladas que, se não o deixassem acabar a batalha, ele mesmo havia de matar sua patroa e todas as pessoas que o estorvassem. A senhora do coche, surpresa e amedrontada com o que via, fez o cocheiro se afastar um pouco dali e de longe ficou olhando a dura contenda. No desenrolar dela, o basco deu uma grande espadada num ombro de dom Quixote, por cima da rodela

— se o pegasse sem defesa, iria abri-lo até a cintura. Dom Quixote, que sentiu o peso daquele tremendo golpe, deu um grande brado:

— Oh, Dulcineia, senhora de minha alma, flor da formosura, socorrei este vosso cavaleiro que, para agradar a vossa grande bondade, nesta rigorosa situação se acha!

Dizer isso, firmar a espada, proteger-se bem com a rodela e investir contra o basco foi uma coisa só, decidido a arriscar tudo num golpe certeiro.

O basco, vendo-o vir, percebeu muito bem pela intrepidez sua coragem e resolveu fazer o mesmo: aguardou dom Quixote protegido com a almofada, sem poder virar a mula para lado nenhum, pois, além de não ser feita para essas brincadeiras, já estava morta de cansaço e não podia dar um passo.

Então, como se disse, dom Quixote vinha contra o basco cauteloso, com a espada no alto, pronto para abri-lo ao meio, e o basco o aguardava também com a espada em riste e protegido por sua almofada. Todos os presentes estavam amedrontados e suspensos do que havia de acontecer com a ameaça de tamanhos golpes; e a senhora do coche e suas criadas estavam fazendo mil juras e promessas a todas as imagens e casas de devoção da Espanha para que Deus livrasse seu escudeiro e elas do grande perigo em que se encontravam.

Mas o problema disso tudo é que justo neste ponto o autor desta história deixa pendente esta batalha, desculpando-se porque não achou mais nada escrito sobre estas façanhas de dom Quixote, além das que já foram relatadas aqui. É bem verdade que o segundo autor desta obra não quis acreditar que história tão estranha estivesse entregue às leis do esquecimento, nem que os cronistas da Mancha houvessem sido tão pouco cuidadosos que não tivessem em seus arquivos ou em suas escrivaninhas alguns papéis que tratassem do famoso cavaleiro. Assim pensando, não se desesperou de achar o fim desta aventura prazerosa — sendo-lhe o céu favorável, encontrou-a do modo que se contará a seguir.

segunda parte

IX

onde se conclui a estupenda batalha que o galhardo basco e o valente manchego travaram

Deixamos na primeira parte desta história o valente basco e o famoso dom Quixote com as espadas nuas ao alto, prontos para descarregar dois tremendos fendentes que, caso se acertassem em cheio, no mínimo se dividiriam de alto a baixo e se abririam como romãs. E justo nesse ponto tão incerto parou truncada história tão saborosa, sem que seu autor nos desse notícia de onde poderia se achar o que dela faltava.

Isso me deixou muito aborrecido, porque o gosto de ler esse pouco se tornava desgosto ao pensar no mau caminho que se apresentava para encontrar o muito que em minha opinião faltava de história tão deliciosa. Pareceu-me coisa impossível e fora de todo bom costume que houvesse faltado a esse excelente cavaleiro algum mago que se encarregasse de escrever suas façanhas nunca vistas, coisa que não faltou a nenhum dos cavaleiros andantes,

Dos que dizem as gentes
que vão às suas aventuras,[1]

porque cada um deles tinha, como que sob medida, um ou dois magos que não apenas escreviam sobre seus feitos como pintavam seus menores pensamentos e seus atos mais insignificantes, por mais ocultos que fossem; e cavaleiro tão bom não poderia ser tão infeliz que não tivesse o que sobrou a Platir e a outros semelhantes.

Assim, não conseguia acreditar que história tão bela houvesse ficado manca e estropiada, e botava a culpa na malignidade do tempo, devorador e consumidor de todas as coisas, que, ou a tinha oculta, ou consumida.

Mas, como haviam achado entre seus livros alguns tão modernos como *Desengaño de celos* e *Ninfas y pastores de Henares*, me parecia que sua história também devia ser recente e que, se não estivesse escrita, estaria na memória das pessoas de sua aldeia e das aldeias vizinhas. Essas ideias me deixavam confuso e desejoso de conhecer real e verdadeiramente toda a vida e os milagres de nosso famoso espanhol dom Quixote de la Mancha, luz e espelho da cavalaria manchega, e o primeiro que em nossa época, nesses tempos calamitosos, encarou o trabalho e o exercício das armas andantes: reparar afrontas, socorrer viúvas e amparar donzelas, daquelas que andavam com seus chicotes e palafréns, com toda a virgindade às costas, de montanha em montanha e de vale em vale, porque antigamente existiu donzela que, se não fosse forçada por algum velhaco ou algum camponês bronco ou algum gigante descomunal, ao cabo de oitenta anos, sem dormir um único dia embaixo de telhado, se foi tão inteira para a sepultura como a mãe que a tinha parido. Digo, então, que por essas e muitas outras coisas, nosso garboso Quixote é digno de louvores contínuos e memoráveis, e até a mim não devem ser negados, pelo trabalho e diligência que empenhei na busca do fim de história tão agradável, embora saiba muito bem que se o céu, o acaso ou a sorte não me ajudassem, ao mundo faltaria o passatempo e o prazer que bem poderá ter por quase duas horas quem a ler com atenção. Enfim, achei-a desta maneira:

Estando eu um dia na Alcaná de Toledo, chegou um rapaz vendendo uns cadernos e papéis velhos a um trapeiro,[2] e, como gosto de ler até os papéis rasgados das ruas, fui levado por essa inclinação natural a pegar um daqueles cadernos que o rapaz vendia e vi que era escrito em caracteres árabes. Embora eu os reconhecesse mas não soubesse lê-los, fiquei à espera para ver se aparecia por ali algum mourisco aljamiado,[3] e não foi difícil encontrar um intérprete, pois o acharia facilmente mesmo que

procurasse de outra língua melhor e mais antiga. Enfim, a sorte me apresentou um a quem falei de meu desejo, pondo-lhe o livro nas mãos; ele o abriu ao meio, leu um pouco e começou a rir.

Perguntei-lhe do que se ria, e me respondeu que de uma anotação escrita na margem. Pedi que a lesse para mim e ele, sem deixar de rir, disse:

— Como falei, está escrito aqui na margem: “Dizem que esta Dulcineia del Toboso, tantas vezes mencionada nesta história, teve a melhor mão para salgar porcos em toda a Mancha”.

Quando ouvi dizer “Dulcineia del Toboso”, fiquei pasmo e maravilhado, porque logo imaginei que aqueles cadernos continham a história de dom Quixote. Apressei-o então para que lesse o começo e, assim fazendo, traduziu de improviso do árabe para o castelhano: *História de dom Quixote de la Mancha*, *escrita por Cide Hamete Benengeli*, *historiador árabe*. Foi necessário muito tato para dissimular a alegria que senti quando chegou a meus ouvidos o título do livro; e, antecipando-me ao trapeiro, comprei do rapaz todos os papéis e cadernos por meio real; se ele tivesse perspicácia e soubesse como eu os desejava, bem poderia pedir e levar mais de seis reais na compra. Afastei-me em seguida com o mourisco pelo claustro da igreja matriz e pedi a ele que traduzisse para o castelhano todos os cadernos que tratavam de dom Quixote, sem lhes omitir nem acrescentar nada, oferecendo-lhe o pagamento que quisesse. Contentou-se com duas arrobas de passas e uns cem quilos de trigo, e prometeu traduzi-los fiel e rapidamente. Mas eu, para facilitar mais o negócio e para não arriscar achado tão bom, trouxe-o para minha casa, onde em pouco mais de mês e meio traduziu tudo exatamente como aqui se refere.

No primeiro caderno estava pintada com todo o realismo a batalha de dom Quixote com o basco, na mesma postura que a história conta, as espadas no alto, um protegido pela rodela, o outro pela almofada, e a mula do basco tão vividamente que a tiro de balestra se via que era de aluguel. O basco tinha escrito aos pés a legenda: “Dom Sancho de Azpeitia”, que, sem dúvida, devia ser seu nome, e aos pés de Rocinante estava outra que dizia: “Dom Quixote”. Rocinante estava pintado maravilhosamente, tintim por tintim, tão

fraco e magro, puro espinhaço, tísico confirmado, que mostrava muito bem com que tino e propriedade fora chamado de Rocinante. Perto dele estava Sancho Pança, que segurava seu burro pelo cabresto, tendo aos pés outro rótulo: “Sancho Sanco”. Por isso, pelo que mostrava a pintura — a barriga grande, o tronco curto, as pernas finas e compridas —, deve ter sido chamado de Pança ou de Sanco, que por esses dois sobrenomes é chamado algumas vezes na história. Poderiam se notar outras miudezas, mas são todas de pouca importância, e não vêm ao caso para o relato da história, que nenhuma é má se for verdadeira.

Se aqui se pode fazer alguma objeção sobre sua veracidade, não poderá ser outra além de ter sido seu autor árabe, já que é muito próprio dos daquela nação serem mentirosos; se bem que, por serem tão nossos inimigos, dá para entender que ele tenha antes se omitido nela do que exagerado. É o que penso, pois, quando poderia e deveria deixar correr a pena nos louvores a tão bom cavaleiro, parece que de propósito os passa em silêncio: coisa malfeita e pior pensada, havendo e devendo ser os historiadores minuciosos, verdadeiros e nada apaixonados, sem que o interesse ou o medo, o rancor ou a afeição façam-nos desviar do caminho da verdade, cuja mãe é a história, êmula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro. Nesta sei que se achará tudo o que por acaso se deseje na mais agradável das histórias; e, se algo bom faltar nela, penso que foi por culpa do cachorro do autor, não por falta de assunto. Enfim, sua segunda parte, seguindo a tradução, começava desta maneira:

Com as espadas cortantes levantadas bem alto os dois valorosos e irados combatentes não apenas pareciam como estavam ameaçando o céu, a terra e o mar, tal a intrepidez e a aparência que tinham. O primeiro a descarregar o golpe foi o basco colérico, e o deu com tanta força e tanta fúria que, se a espada não se desviasse no caminho, somente com aquele poderia dar fim a sua dura contenda e a todas as aventuras de nosso cavaleiro. Mas a boa sorte, que para maiores coisas o tinha guardado, torceu a espada de seu adversário, de modo que, embora o acertasse no ombro

esquerdo, não lhe causou outro dano que arrancar pedaços da armadura, levando de passagem grande parte do elmo, com a metade da orelha. Isso tudo veio ao chão, num estrago espantoso, deixando-o em péssimo estado.

Valha-me Deus, quem poderá contar com a destreza necessária a raiva que possuiu o coração de nosso manchego, vendo-se tratar daquele jeito?! Basta dizer que pela primeira vez se aprumou nos estribos e, apertando mais a espada com as duas mãos, com tal fúria descarregou-a sobre o basco, acertando-o em cheio na almofada e na cabeça, que — não sendo a almofada uma boa defesa — foi como se caísse uma montanha sobre ele: começou a botar sangue pelas ventas, pela boca e pelos ouvidos, dando mostras de que ia cair da mula, de onde cairia sem dúvida se não se abraçasse ao pescoço dela. Apesar disso, perdeu os pés dos estribos e depois afrouxou os braços, e a mula, espantada com o golpe tenebroso, desatou a correr pelo campo e deu com seu dono por terra em poucos pinotes.

Dom Quixote ficou olhando com muita calma, mas, ao vê-lo cair, saltou do cavalo e alcançou-o rapidamente e, pondo-lhe a ponta da espada entre os olhos, disse que se rendesse ou lhe cortaria a cabeça. O basco estava tão aturdido que não podia responder uma palavra e teria passado mal, tão cego estava dom Quixote, se as senhoras do coche, que até aí haviam olhado com grande desalento a contenda, não acorressem, pedindo-lhe encarecidamente que lhes fizesse a grande gentileza e favor de perdoar a vida do escudeiro. Dom Quixote respondeu com muita altivez e gravidade:

— Decerto, formosas senhoras, fico muito feliz de fazer o que me pedis; mas há de ser com uma condição e acordo: este cavaleiro deve me prometer ir à aldeia de El Toboso e se apresentar de minha parte à sem-par dona Dulcineia, para que ela faça dele o que tiver vontade.

As amedrontadas e desconsoladas senhoras, sem se dar conta do que dom Quixote pedia e sem perguntar quem era Dulcineia, prometeram-lhe que o escudeiro faria tudo o que lhe fosse mandado.

— Então, fiado na palavra das senhoras, não o machucarei mais, ainda que bem o merecesse.

X

do que mais aconteceu a dom quixote com o basco e do perigo em que se viu com um bando de galegos[1]

Nesse meio-tempo, Sancho Pança já se levantara, um tanto maltratado pelos rapazes dos frades, e estivera atento à batalha de seu senhor dom Quixote, rogando a Deus de todo o coração que tivesse a bondade de lhe dar a vitória e que nela ganhasse alguma ilha onde o fizesse governador, conforme o prometido. Então, vendo a contenda acabada e que seu amo voltava para montar em Rocinante, foi lhe segurar o estribo mas, antes que montasse, se prostrou de joelhos diante dele e, segurando-lhe a mão, beijou-a e disse:

— Meu senhor dom Quixote, faça vossa mercê o favor de me dar o governo da ilha que ganhou nesta dura contenda, pois, por grande que seja, me sinto com forças para administrá-la, e tão bem como qualquer outro que tenha governado ilhas no mundo.

Ao que dom Quixote respondeu:

— Reparai, meu amigo Sancho, que as aventuras desse tipo não são aventuras de ilhas, mas de encruzilhadas, em que não se ganha outra coisa que sair de cabeça quebrada ou com uma orelha a menos. Tende paciência, que outras aventuras virão, em que não somente vos possa fazer governador como algo de maior importância.

Sancho agradeceu-lhe muito e, beijando-lhe outra vez a mão e a barra da cota, ajudou-o a montar em Rocinante. Depois montou no burro e acompanhou seu senhor, que, a passos largos, sem se

despedir das senhoras do coche nem lhes falar mais, se meteu por um mato que havia perto dali. Sancho o seguiu a todo o trote do jumento, mas Rocinante andava tanto que, vendo-se ficar para trás, teve de gritar para que seu amo o esperasse. Assim fez dom Quixote, puxando as rédeas de Rocinante, até que chegasse seu cansado escudeiro, que lhe disse:

— Senhor, acho que o melhor seria nos refugiarmos em alguma igreja, porque, estropiado do jeito que ficou aquele com quem combatestes, não admira que levem o caso à Santa Irmandade[2] e nos prendam. Por Deus, se nos prenderem, antes de nos deixarem sair da cadeia, vamos suar em bicas.

— Cala-te — disse dom Quixote. — Onde viste ou leste alguma vez que cavaleiro andante tenha sido levado à justiça, por mais homicídios que cometesse?

— Nada sei de *subsídios* — respondeu Sancho —, nem nunca ganhei algum na vida; só sei que a Santa Irmandade tem seus negócios com os que brigam pelos campos, e nisso não me meto.

— Pois não te preocupes, meu amigo — respondeu dom Quixote —, que eu te livrarei até das garras dos gigantes, quanto mais das da Irmandade. Mas diz-me, por tua vida: já viste cavaleiro mais valente do que eu em todo o mundo conhecido? Leste em histórias sobre outro que tenha ou haja tido mais brio no investir, mais fôlego no perseverar, mais destreza no ferir ou mais manha no derrubar?

— A verdade é que eu jamais li uma história — respondeu Sancho —, porque não sei ler nem escrever. Mas o que ousarei apostar é que nunca servi em todos os dias de minha vida a amo mais atrevido que vossa mercê, e queira Deus que esses atrevimentos não sejam pagos naquele lugar de que falei. O que peço a vossa mercê é que se trate, porque perde muito sangue dessa orelha. Trago ataduras e um pouco de pomada nos alforjes.

— Isso tudo seria dispensável — respondeu dom Quixote — se tivesse me lembrado de fazer uma garrafa do bálsamo de Ferrabrás,[3] pois com apenas uma gota se poupariam tempo e curativos.

— Que garrafa? E que bálsamo é esse? — disse Sancho.

— É um bálsamo — respondeu dom Quixote — de que sei a receita de cor; com ele não é preciso temer ferida alguma nem pensar na morte. Assim, depois que eu o fizer e entregá-lo a ti, quando vires que me partiram o corpo pelo meio em alguma batalha, como muitas vezes costuma acontecer, só terás de rapidamente pegar a parte do corpo que tiver caído no chão e com jeito, antes que o sangue esfrie, juntá-la à outra metade que tiver ficado na sela, tratando de encaixá-las com exatidão. Depois me darás de beber só dois goles do bálsamo e me verás ficar novo em folha.

— Se isso existe — disse Pança —, eu renuncio desde já ao governo da ilha prometida, e não quero outra coisa em pagamento por meus muitos e bons serviços senão que vossa mercê me dê a receita dessa bebida extraordinária. Acho que em qualquer lugar um gole dela valerá mais de dois reais, e eu não preciso de mais que isso para passar esta vida honrada e descansadamente. Mas falta saber se custa muito caro fazê-la.

— Com menos de três reais podem-se fazer uns seis litros — respondeu dom Quixote.

— Minha nossa — respondeu Sancho —, o que vossa mercê espera para fazê-la e me ensinar a receita?!

— Cala-te, meu amigo — respondeu dom Quixote —, pois penso te ensinar maiores segredos e te fazer maiores favores. Por ora, tratemo-nos, porque a orelha me dói mais do que eu gostaria.

Sancho tirou as ataduras e a pomada dos alforjes. Mas, quando dom Quixote viu seu elmo escangalhado, pensou que ia perder o juízo e, com a mão na espada e os olhos no céu, disse:

— Eu juro, pelo Criador de todas as coisas e pelos quatro Evangelhos sagrados, falar a verdade, nada mais que a verdade: enquanto não me vingar totalmente de quem me fez tamanho estrago, vou levar a vida que levou o grande marquês de Mântua quando jurou vingar a morte de seu sobrinho Valdovinos, que foi não comer pão à mesa nem se divertir com sua mulher, e outras coisas que dou aqui por ditas, embora não me lembre delas.

Ouvindo isso, Sancho disse:

— Lembre-se vossa mercê, senhor dom Quixote, que se o cavaleiro cumpriu o que lhe foi ordenado, ir se apresentar diante de minha senhora Dulcineia del Toboso, já terá cumprido com o que devia e não merece outra pena se não cometer novo delito.

— Observaste e falaste muito bem — respondeu dom Quixote —, de modo que anulo o juramento no que se refere à nova vingança; mas refaço e confirmo o voto de levar a vida de que falei, até que tire à força de algum cavaleiro outro elmo tão bom como este. E não penses, Sancho, que faço isso como fogo de palha, porque tenho bem a quem imitar: a mesma coisa aconteceu ao pé da letra com o elmo de Mambrino,[4] que tão caro custou a Sacripante.[5]

— Que o diabo carregue esses juramentos, meu senhor — respondeu Sancho —, pois fazem mal à saúde e prejudicam a consciência. Se não, diga-me agora: o que faremos se por acaso não toparmos em muitos dias com um homem de elmo? Vai cumprir o juramento, apesar de tantas dificuldades e desconfortos, como dormir vestido, não dormir nos povoados e outras mil penitências que continha a promessa daquele velho doido do marquês de Mântua, que agora vossa mercê quer reviver? Veja bem vossa mercê que por todas essas estradas não andam homens de armadura, apenas tropeiros e carreteiros, que não só não usam elmos, como talvez nunca na vida tenham ouvido falar deles.

— Enganas-te nisso — disse dom Quixote —, porque antes de duas horas por essas encruzilhadas veremos mais homens de armadura do que os que foram para Albraca, na conquista de Angélica, a Bela.

— Está bem, então, que assim seja — disse Sancho —, e que graças a Deus tudo nos corra bem e chegue logo a hora de ganhar essa ilha que tão cara me custa, e que aí eu morra logo.

— Já te disse, Sancho, não te preocupes com isso, porque, se faltar ilha, aí está o reino da Dinamarca ou o de Sobradisa,[6] que te servirão como anel no dedo e, por estarem em terra firme, mais deves te alegrar. Mas deixemos isso a seu tempo, e olha se trazes nesses alforjes alguma coisa para comermos, para irmos em seguida em busca de um castelo onde possamos passar a noite e

fazer o bálsamo de que te falei; porque eu te juro por Deus que a orelha me dói como o diabo.

— Trago uma cebola, um pouco de queijo e nem sei quantos pedaços de pão velho — disse Sancho. — Mas não são manjares para tão valente cavaleiro como vossa mercê.

— Entendeste tudo errado! — respondeu dom Quixote. — Pois saibas, Sancho, que é uma honra para os cavaleiros andantes não comer por um mês, mas, se comerem, que seja aquilo que estiver mais à mão. Saberias disso se tivesses lido tantas histórias como eu. Porém, embora tenham sido muitas, em nenhuma delas achei relatado que os cavaleiros comessem, a não ser às vezes e em suntuosos banquetes que lhes ofereciam. No resto dos dias viviam de brisa. E, ainda que se saiba que não podiam passar sem comer e sem fazer todas as demais necessidades, porque realmente eram homens como nós, deve se pensar também que, andando a maior parte do tempo pelas florestas e descampados, e sem cozinheiro, sua alimentação mais comum seria de comidas rústicas, como essas que tu agora me ofereces. Portanto, meu caro Sancho, não te mortifiques pelo que me dá prazer: nem queiras reformar o mundo nem tirar a cavalaria dos eixos.

— Perdoe-me vossa mercê — disse Sancho. — Como eu não sei ler nem escrever, como já lhe disse, não conheço nem compreendo as regras da profissão cavaleiresca. De hoje em diante abastecerei os alforjes de todo tipo de fruta seca para vossa mercê, que é cavaleiro, e para mim, que não o sou, de outras coisas empenadas mas sem penas e de mais sustância.

— Eu não digo, Sancho — replicou dom Quixote —, que os cavaleiros andantes sejam obrigados a não comer nada senão essas frutas de que falaste, mas que seu sustento mais comum devia ser delas e de algumas ervas que se encontram pelos campos, que eles conheciam, e que eu também conheço.

— É bom conhecer essas ervas — respondeu Sancho —, porque, pelo que vejo, algum dia será necessário usar esse conhecimento.

Tirou então dos alforjes o que disse que trazia, e os dois comeram em boa paz e companhia. Mas, desejosos de achar onde passar aquela noite, acabaram logo sua pobre e seca refeição. Depois

montaram a cavalo e se apressaram para chegar a um povoado antes que anoitecesse, mas, faltando-lhes o sol e a esperança de alcançar o que desejavam, quando se achavam perto das choças de uns pastores de cabras, resolveram ficar por ali. Se para Sancho Pança foi um castigo não chegar a um povoado, para seu amo foi uma alegria dormir ao relento, por achar que toda vez que isso acontecia ele fazia um ato de posse que facilitava a prova de sua cavalaria.

xi

do que aconteceu a dom quixote com uns pastores de cabras

Dom Quixote foi muito bem recebido pelos pastores, e Sancho, tendo acomodado Rocinante e seu jumento o melhor que pôde, foi atrás do cheiro que exalavam certos pedaços de carne de cabra que ferviam num caldeirão. Embora ele quisesse naquele mesmo instante ver se estavam no ponto para transferi-los do caldeirão para o estômago, deixou de fazê-lo, porque os pastores os tiraram do fogo e, estendendo no chão umas peles de ovelhas, com rapidez arrumaram sua mesa rústica com o que tinham e convidaram os dois com mostras de muito boa vontade. Seis deles se sentaram em volta das peles — era quantos havia no abrigo —, tendo primeiro pedido a dom Quixote com cortesias camponesas que se sentasse numa gamela que puseram de boca para baixo. Dom Quixote se sentou, ficando Sancho de pé para lhe servir o copo, que era feito de chifre. Vendo-o assim, seu amo lhe disse:

— Para que vejas, Sancho, o bem que encerra a cavalaria andante e quanto os que, em qualquer função nela se exercitam, estão a pique de rapidamente vir a ser honrados e estimados pelo mundo, quero que te sentes aqui ao meu lado, em companhia desta boa gente, e que sejas como eu, que sou teu amo e natural senhor. Quero que comas em meu prato e bebas do copo que eu beber, porque da cavalaria andante pode se dizer o mesmo que se diz do amor: que iguala todas as coisas.

— Grande honra! — disse Sancho. — Mas garanto a vossa mercê que, tendo eu de comer, comeria tão bem em pé e sozinho quanto

sentado com um imperador. Ou, para dizer a verdade, saboreio muito melhor o que como em meu canto sem melindres nem cerimônias, mesmo que seja só pão e cebola, do que os perus de outras mesas onde me seja obrigado mastigar devagar, beber pouco, limpar-me seguido, não espirrar nem tossir se tiver vontade, nem fazer outras coisas que a solidão e a liberdade trazem consigo. Então, meu senhor, peço que essas honras que vossa mercê quer me conceder por ser adepto e praticante da cavalaria, sendo eu escudeiro de vossa mercê, sejam substituídas por outras coisas mais cômodas e mais proveitosas para mim. Mesmo que eu receba essas honras de bom grado, renuncio a elas desde já até o fim do mundo.

— Sim, mas deves te sentar, pois Deus louva a quem se humilha.

E, pegando-o pelo braço, forçou-o a se sentar perto dele.

Os pastores não entendiam aquele palavrório de escudeiros e de cavaleiros andantes e não faziam nada além de comer, calar e olhar seus hóspedes, que, com muito desembaraço e apetite, se empanturravam com pedaços deste tamanho de carne. Acabada a comida, estenderam sobre os pelegos grande quantidade de bolotas doces e meio queijo, mais duro que se fosse feito de argamassa. Enquanto isso, o copo de chifre não estava ocioso, porque andava em volta tão seguido — agora cheio, agora vazio, como caçamba de poço — que com facilidade se esvaziou um odre dos dois que estavam à vista. Depois que dom Quixote forrou bem o estômago, pegou um punhado de bolotas e, olhando-o atentamente, tomou a palavra da seguinte forma:

— Venturosa época e séculos venturosos aqueles a quem os antigos chamaram de ouro, não porque neles o ouro, que em nossa época de ferro tanto se aprecia, fosse alcançado sem fadiga alguma, mas porque então os que nela viviam ignoravam estas duas palavras: *teu* e *meu*. Naquela época santa todas as coisas eram comuns: a ninguém era necessário, para conseguir seu sustento diário, ter outro trabalho que levantar a mão e apanhá-lo nas frondosas azinheiras, que generosamente convidavam com seus frutos doces e maduros. As fontes límpidas e os rios caudalosos, com abundância magnífica, ofereciam águas saborosas e

transparentes. Nos desvãos das rochas e no oco das árvores formavam sua república as habilidosas e diligentes abelhas, oferecendo a qualquer mão, sem interesse algum, a colheita fértil de seu trabalho dulcíssimo. Os frondosos carvalhos-corticeiros desprendiam de si, sem outro artifício que o de sua cortesia, suas cascas largas e leves, com que começaram a se cobrir as casas, sustentadas sobre estacas rústicas, não mais que para a defesa das inclemências do céu. Tudo era paz então, tudo amizade, tudo concórdia: a lâmina pesada e curva do arado ainda não se atrevera a abrir nem visitar as entranhas piedosas de nossa primeira mãe, porque ela, sem ser forçada, oferecia, por toda a extensão de seu seio imenso e fértil, o que pudesse saciar, sustentar e deleitar os filhos que a possuíam.

"Então, sim, as pastorinhas singelas e formosas andavam de vale em vale e de monte em monte, de tranças ou de cabelos soltos, sem mais vestes que aquelas que eram necessárias para cobrir honestamente o que a honestidade quer e sempre quis que se cubra, e seus adornos não eram os que se usam agora, enaltecidos pela púrpura de Tiro e pela seda martirizada de tantas formas, mas feitos de algumas folhas verdes de bardana e hera trançadas, com o que talvez iam tão alinhadas e luxuosas como vão agora nossas damas da corte, com as estranhas e extraordinárias invenções que a curiosidade ociosa lhes mostrou. Então se expressavam singelamente os conceitos amorosos da alma simples, do mesmo modo e maneira que ela os concebia, sem buscar rodeio artificioso de palavras para exaltá-los. Não havia a fraude, o engano nem a malícia se misturando com a verdade e a candura. A justiça se mantinha em seus próprios termos, sem que ousassem maculá-la nem ofender o favor e o interesse, que agora tanto a depreciam, envilecem e perseguem. A arbitrariedade ainda não tinha se assentado na cabeça do juiz, porque então não havia o que julgar nem quem fosse julgado. Como já disse, as donzelas e a castidade andavam por onde queriam, sós e desimpedidas, sem medo de que o atrevimento alheio e a intenção lasciva as desvirtuassem, e sua perdição nascia de seu desejo e vontade própria. Mas agora, neste nosso tempo detestável, nenhuma está segura, mesmo que a oculte

e encerre um labirinto como o de Creta, porque ali, pelas frestas ou pelo ar, com o zelo do maldito galanteio, penetra o contágio amoroso e as faz mandar às favas todo recato. Assim, com o passar dos tempos e crescendo mais a malícia, se instituiu a ordem dos cavaleiros andantes, para defender as donzelas, amparar as viúvas e socorrer os órfãos e os necessitados.

"Eu sou desta ordem, meus irmãos pastores, a quem agradeço a atenção e a boa acolhida que fazeis a mim e a meu escudeiro. Por lei natural todos os que vivem estão obrigados a favorecer os cavaleiros andantes, mas eu, por saber que vós, sem conhecer essa obrigação, me acolhestes e obsequiastes, devo vos agradecer com toda a boa vontade possível."

Nosso cavaleiro disse toda essa longa arenga, que poderia muito bem dispensar, porque as bolotas que lhe ofereceram o lembraram a idade de ouro. Os pastores, sem dizer palavra, ficaram embasbacados e perplexos escutando aquele discurso inútil. Sancho também se mantinha calado e comia bolotas, visitando com frequência o segundo odre, que tinham pendurado num carvalho para que o vinho refrescasse.

A conversa de dom Quixote durou mais que a ceia. No fim, um dos pastores disse:

— Para que vossa mercê possa dizer com mais propriedade, senhor cavaleiro andante, que o recebemos com pronta e boa vontade, queremos lhe dar alegria e distração fazendo com que cante um companheiro nosso que não demorará muito a chegar. Ele é um moço muito habilidoso e muito apaixonado, até sabe ler e escrever, e toca arrabil melhor do que se possa desejar.

Mal o pastor havia acabado de dizer isso, chegou a seus ouvidos o som do arrabil e dali a pouco surgiu o que o tangia, um rapaz de uns vinte e dois anos, muito simpático. Seus companheiros perguntaram se havia jantado; como respondeu que sim, o que tinha feito o oferecimento disse:

— Então, Antônio, bem podes nos dar o prazer de cantar um pouco, para que o hóspede que temos veja que também pelas montanhas e matas há quem entenda de música. Já falamos de tuas boas habilidades e desejamos que as mostres e não nos

deixes passar por mentirosos. Rogo-te por tua vida que sentes e cantes o romance de teus amores, que compôs teu tio clérigo, e que na vila tanto agradou.

— Será um prazer — respondeu o rapaz.

E, sem se fazer mais de rogado, sentou-se no toco de uma azinheira e, afinando seu arrabil, dali a pouco começou a cantar de modo muito agradável, desta maneira:

antônio

— Eu sei, Olália, que me adoras,
sem que me tenhas dito
nem mesmo com os olhos,
mudas línguas de amoricos.

Porque sei que sabes,
em que me amas me apoio,
pois nunca foi infeliz
amor que foi conhecido.

É bem verdade que às vezes,
Olália, me tenhas dado sinais
que tens a alma de bronze
e o branco peito de granito.

Mas lá entre tuas recusas
e recatados desvios,
talvez a esperança mostre
a barra de seu vestido.

Arrisca-se ao chamariz
minha fé, sem nunca ter podido
nem definhar por enjeitado,
nem crescer por escolhido.

Se o amor é cortesia,
da que tens concluo
que o fim de minhas esperanças
há de ser como imagino.

E se as penas são parte
de fazer um peito benigno,
algumas das que sofri
fortalecem meu partido.

Porque, se reparaste nisso,
mais de uma vez terás visto
que vesti nas segundas
o traje de domingo.

Como o amor e o apuro
andam um mesmo caminho,
o tempo todo a teus olhos
quis me mostrar polido.
Deixo de dançar por tua causa,
nem te falo das músicas
que escutaste fora de hora
e do canto do primeiro galo.

Não falo dos elogios
que fiz de tua beleza,
que, embora verdadeiros,
me fazem ser de algumas malquisto.

Teresa do Berrocal,
eu te elogiando, me disse:
“Há quem pensa que adora um anjo
e acaba adorando um símio,

devido às muitas joias
e aos cabelos postiços,
e às hipócritas belezas,
que ao próprio Amor enganam”.

Desmenti-a e se irritou;
intercedeu por ela seu primo,
desafiou-me, e já sabes
o que nós dois fizemos.

Não te quero de qualquer jeito,
nem te desejo e te sirvo
apenas para amante,
que melhor é meu desígnio.

Amarras tem a Igreja
que são laços de seda;
põe tu o pescoço na canga:
verás como te sigo.

Como não? Desde agora juro
pelo santo mais bendito
de não sair destas serras
senão para capuchinho.[a]

Com isso o pastor encerrou seu canto; e, mesmo que dom Quixote lhe pedisse que cantasse mais alguma coisa, Sancho Pança não o consentiu, porque preferia dormir a ouvir cantorias, e assim disse a seu amo:

— Vossa mercê bem pode se acomodar logo onde vai passar esta noite, porque o trabalho que esses bons homens têm todo o dia não permite que passem as noites cantando.

— Já entendi, Sancho — respondeu dom Quixote —, pois me parece que as visitas ao odre pedem mais os benefícios do sono que os da música.

— A todos nos cai bem, louvado seja Deus — respondeu Sancho.

— Não nego — replicou dom Quixote —, mas acomoda-te onde quiseres, que os de minha profissão ficam melhor velando que dormindo. Em todo caso, Sancho, seria bom que me tratasses de novo esta orelha, que está me doendo mais que o necessário.

Sancho fez o que ele mandou, mas um dos pastores, vendo a ferida, disse-lhe que não se preocupasse, que ele poria um remédio que facilmente a curaria. E, pegando algumas folhas de alecrim, dos muitos pés que havia por ali, mascou-as e as misturou com um pouco de sal, aplicando-as na orelha, que foi muito bem vendada. Assegurou-lhe então que não havia necessidade de outro curativo — e assim foi, realmente.

a — *Yo sé, Olalla, que me adoras,/ puesto que no me lo has dicho/ ni aun con los ojos siquiera,/ mudas lenguas de amoríos.// Porque sé que eres sabida,/ en que me quieres me afirmo,/ que nunca fue desdichado/ amor que fue conocido.// Bien es verdad que tal vez,/ Olalla, me has dado indicio/ que tienes de bronce el alma/ y el blanco pecho de risco.// Más allá entre tus reproches/ y honestísimos desvíos,/ tal vez la esperanza muestra/ la orilla de su vestido.// Abalánzase al señuelo/ mi fe, que nunca ha podido/ ni menguar por no llamado/ ni crecer por escogido.// Si el amor es cortesía,/ de la que tienes colijo/ que el fin de mis esperanzas/ ha de ser cual imagino.// Y si son servicios parte/ de hacer un pecho benigno,/ algunos de los que he hecho/ fortalecen mi partido.// Porque si has mirado en ello,/ más de una vez habrás visto/ que me he vestido en los lunes/ lo que me honraba el domingo.// Como el amor y la gala/ andan un mismo camino,/ en todo tiempo a tus ojos/ quise mostrarme polido.// Dejo el bailar por tu causa,/ ni las músicas te pinto/ que has escuchado a deshoras/ y al canto del gallo primo.// No cuento las alabanzas/ que de tu belleza he dicho,/ que, aunque verdaderas, hacen/ ser yo de algunas malquisto.// Teresa del Berrocal,/ yo alabándote, me dijo:/ “Tal piensa que adora a un ángel/ y viene a adorar a un jimio,// merced a los muchos dijes/ y a los cabellos postizos,/ y a hipócritas hermosuras,/ que engañan al Amor mismo”.// Desmentila y enojose;/ volvió por ella su primo,/ desafiome, y ya sabes,/ lo que yo hice y él hizo.// No te quiero yo a montón,/ ni te pretendo y te sirvo/ por lo de barraganía,/ que más bueno es mi designio.// Coyundas tiene la Iglesia/ que son lazadas de sirgo;/ pon tú el cuello en la gamella:/ verás cómo pongo el mío.// Donde no, desde aquí juro/ por el santo más bendito/ de no salir de estas sierras/ sino para capuchino.*

xii

do que um pastor contou aos que estavam com dom quixote

Estavam nisso, quando outro rapaz dos que lhes traziam provisões da aldeia chegou e disse:

— Sabeis o que se passa por lá, companheiros?

— Como podemos saber? — respondeu um deles.

— Pois é — prosseguiu o rapaz —, esta manhã morreu aquele famoso pastor estudante chamado Grisóstomo, e se cochicha que morreu de amores por aquela moça endiabrada, Marcela, a filha de Guillermo, o rico, a que anda em trajes de pastora por esses ermos.

— Por Marcela, dizes? — disse um.

— Ela mesma — respondeu o pastor. — E o melhor é que ordenou em seu testamento que o enterrassem no campo, como se fosse um mouro, ao pé do penhasco onde está a fonte do carvalho, porque, conforme se sabe, e dizem que ele mesmo disse, foi ali que ele a viu pela primeira vez. Também ordenou outras coisas que os padres da vila dizem que não vão ser cumpridas, que nem é bom que o sejam, porque parecem de pagãos. Mas aquele grande amigo seu, Ambrósio, o estudante, que também se vestiu de pastor como ele, respondeu que vai se fazer tudo como Grisóstomo deixou ordenado, sem faltar nada, e por isso a vila anda alvoroçada. Mas, pelo que se diz, no fim se fará o que Ambrósio e todos os pastores seus amigos querem, e amanhã mesmo vêm enterrá-lo com grande pompa lá onde falei. Acho que não é coisa de se perder; eu pelo menos não deixarei de ir vê-la, ainda que soubesse que amanhã não posso voltar à vila.

— Todos nós iremos — responderam os pastores. — Vamos tirar a sorte para ver quem vai ficar e cuidar das cabras de todos.

— Falas bem, Pedro — disse um deles —, mas não será preciso tirar a sorte, eu ficarei por todos, e não penses que por virtude ou falta de curiosidade: é que não posso andar por causa do graveto que outro dia me espetou este pé.

— Mesmo assim, nós te agradecemos — respondeu Pedro.

E dom Quixote pediu a Pedro que lhe dissesse que morto era aquele e que pastora aquela; Pedro respondeu que o que sabia era que o morto era um fidalgo rico, que morava numa aldeia naquelas serras, que tinha sido estudante muitos anos em Salamanca, voltando para casa com fama de muito sábio e muito lido.

— Diziam que sabia principalmente a ciência das estrelas, e do que fazem lá no céu o sol e a lua, porque pontualmente nos dizia as *clipes* do sol e da lua.

— *Eclipse*, amigo, não *clipes*, se chama o obscurecimento desses dois astros maiores — disse dom Quixote.

Mas Pedro, não reparando em ninharias, prosseguiu sua história:

— Também adivinhava quando o ano seria abundante ou *estil*.

— Quereis dizer *estéril*, amigo — disse dom Quixote.

— *Estéril* ou *estil* — respondeu Pedro —, sai tudo pelo mesmo lugar. E digo que seu pai e seus amigos, que acreditavam nele, ficaram muito ricos, porque faziam o que ele lhes aconselhava: "Semeai cevada este ano, não trigo; neste podeis semear grãos-de-bico e não cevada; o ano que vem vai abarrotar de azeitona; nos três seguintes não se colherá um fiapo".

— Essa ciência se chama astrologia — disse dom Quixote.

— Não sei como se chama — replicou Pedro —, mas sei que sabia disso tudo e de muito mais ainda. Enfim, não se passaram muitos meses depois que veio de Salamanca, quando um dia surgiu vestido de pastor, com seu cajado e pelico, tendo tirado a beca comprida que usava como estudante. Também vestido de pastor, apareceu com ele outro grande amigo seu, chamado Ambrósio, que havia sido seu companheiro nos estudos. Ia esquecendo de dizer que o defunto, Grisóstomo, gostava muito de compor coplas, tanto que ele fazia os cânticos para a noite de Natal e os autos para o dia

de Corpus Christi, que os rapazes de nossa vila representavam, e todos diziam que eram extraordinários. Quando as pessoas viram os dois estudantes assim de repente vestidos de pastores, ficaram admiradas, e não podiam adivinhar a causa daquela mudança tão estranha. Nesse tempo o pai de nosso Grisóstomo já morrera, deixando-lhe de herança muitos bens, tanto móveis como imóveis, grande quantidade de gado grosso e miúdo, além de muito dinheiro. De tudo ficou o rapaz dono absoluto. Na verdade o merecia, porque era bom companheiro, caritativo, amigo dos bons e tinha um rosto de abençoado. Depois se compreendeu que a mudança de traje tinha sido para andar por esses descampados atrás daquela pastora Marcela de que nosso pastor falou antes, por quem havia se apaixonado o coitado do defunto Grisóstomo. E agora quero vos dizer, para que o saibais bem, quem é esta moça: talvez, ou mesmo sem talvez, não tenhais ouvido semelhante coisa em todos os dias de vossa vida, mesmo que vivais mais anos que a sarna.

— Dizei *Sara*[1] — replicou dom Quixote, não podendo aguentar a troca de palavras do pastor.

— A sarna vive até dizer chega — respondeu Pedro. — Agora, senhor, se haveis de andar me corrigindo a cada passo as palavras, não acabaremos nem num ano.

— Perdoai, meu amigo — disse dom Quixote. — Por haver tanta diferença de sarna para Sara vos falei; mas vós respondestes muito bem, porque a sarna vive mais do que viveu Sara. Prossegui vossa história, que não vos interromperei mais.

— Bem, senhor de minha alma — disse o pastor —, em nossa aldeia houve um camponês ainda mais rico que o pai de Grisóstomo, que se chamava Guillermo, a quem Deus deu, além das muitas e grandes riquezas, uma filha de cujo parto morreu a mãe, que foi a mais honrada mulher que já viveu nestas bandas. Parece que ainda a vejo agora, com aquele rosto que numa face tinha o sol e na outra a lua; mas, acima de tudo, trabalhadeira e amiga dos pobres, o que me leva a pensar que neste momento sua alma deve estar desfrutando da companhia de Deus no outro mundo. De dor pela morte de tão boa mulher morreu seu marido Guillermo, deixando sua filha Marcela, pequena e rica, em poder de

um tio, padre em nosso povoado. A menina cresceu com tanta beleza que nos lembrava a de sua mãe, que foi muito grande; mas mesmo assim se pensava que a da filha haveria de ultrapassá-la.

"E por isso, quando chegou aos catorze, quinze anos, ninguém a olhava sem agradecer a Deus, que a tinha criado tão linda, e quase todos ficavam apaixonados e perdidos por ela. Seu tio a guardava com muito recato e a portas fechadas, mas, apesar de tudo, a fama de sua extrema formosura se espalhou de tal maneira que, tanto por ela como por suas grandes riquezas, não apenas os melhores de nosso povoado, como os de muitas léguas ao redor, pediam, imploravam e importunavam seu tio para que a desse como esposa. Mas ele, bom cristão para valer, ainda que quisesse casá-la logo, visto que já tinha idade, não quis fazê-lo sem o consentimento dela, sem se importar com os ganhos e vantagens que as posses da moça dariam a ele retardando o casamento. E juro que se disse isso em mais de uma roda no povoado, em elogio ao padre; porque, senhor andante, quero que saibais que nesses lugares pequenos se fala de tudo e de tudo se cochicha; pensai então, como eu, que o clérigo devia ser muito bom para seus paroquianos falarem tão bem dele, especialmente numa vila dessas."

— Isso é verdade — disse dom Quixote. — Segui adiante, que a história é muito boa e vós, meu bom Pedro, a contais com muita graça.

— Que a de Cristo não me falte, que é a que importa. Enfim, deveis saber que, ainda que o tio falasse com a sobrinha sobre as qualidades de cada um dos muitos que a queriam como esposa, pedindo-lhe que escolhesse e se casasse a seu gosto, ela jamais respondeu outra coisa senão que por enquanto não queria se casar e que, por ser tão moça, não se sentia com forças para a carga do matrimônio. Diante dessas desculpas, pelo visto razoáveis, o tio deixava de importuná-la e esperava que tivesse um pouco mais de idade e soubesse escolher sua companhia conforme seu desejo. Porque, dizia ele, e dizia muito bem, os pais não deviam casar seus filhos contra a vontade. Mas eis que, quando menos se esperava, de repente a mimosa Marcela aparece feita pastora; e, sem o consentimento do tio nem a aprovação de ninguém da aldeia, deu

para ir ao campo com as outras pastoras cuidar de seu próprio rebanho. E, logo que ela saiu em público e sua beleza se viu à mostra, não saberei vos dizer ao certo quantos rapazes ricos, fidalgos e camponeses adotaram o traje de Grisóstomo e andam cortejando-a por esses campos. Um deles, como já se disse, foi o nosso defunto, de quem diziam que não a queria, adorava-a.

“E não se pense que, por Marcela viver em tamanha liberdade e com tão pouco ou nenhum recolhimento, deu algum indício, nem em sombras, que venha pôr em dúvida sua honestidade e recato; pelo contrário, é tanta a vigilância com que olha por sua honra que de quantos a cortejam e pretendem nenhum se gabou, nem na verdade poderá se gabar, de que lhe tenha dado alguma pequena esperança de alcançar seus desejos. Não foge nem se esquiva da companhia e da conversa dos pastores, trata-os cortês e amigavelmente, mas, se chega a descobrir em qualquer um deles sua intenção, mesmo que seja tão justa e santa como a do casamento, afasta-os de si como com uma catapulta. E dessa maneira causa mais dano nesta terra que a própria peste, porque sua afabilidade e formosura atraem os corações dos que convivem com ela para cortejá-la e amá-la, mas seu desdém e franqueza os levam aos limites do suicídio; e assim não sabem o que lhe dizer, senão chamá-la aos gritos de cruel e desgraçada, com outros títulos semelhantes, que mostram muito bem seu temperamento. E, se aqui estivésseis, senhor, em certos dias, ouviríeis estas serras e estes vales ressoarem com os lamentos dos desenganados que a seguem.

“Não fica muito longe daqui um lugar onde há quase duas dúzias de faias altas, e não há uma que não tenha gravado o nome de Marcela na casca lisa, com uma coroa por cima em algumas, como se mais claramente seu apaixonado dissesse que Marcela a leva e a merece por toda a formosura humana. Aqui suspira um pastor, ali se queixa outro, lá se ouvem canções amorosas, aqui cânticos desesperados. Há quem passe todas as horas da noite sentado ao pé de alguma azinheira ou penhasco e ali, sem pregar os olhos chorosos, embevecido e enlevado em seus pensamentos, encontra-o o sol pela manhã; e há quem, sem dar folga nem trégua a seus suspiros, no meio do calor da mais tediosa sesta do verão,

estendido sobre a areia ardente, envie suas queixas ao céu piedoso. Deste e daquele, daqueles e destes, livre e tranquilamente triunfa a linda Marcela. Todos nós que a conhecemos estamos esperando para ver onde vai parar sua altivez e quem será o afortunado que domará caráter tão terrível e desfrutará dessa formosura extraordinária. Por ser verdade mais que sabida tudo o que contei, acho que também é verdade o que nosso pastor ouviu sobre a causa da morte de Grisóstomo. Assim, senhor, vos aconselho que amanhã não deixeis de assistir ao enterro, que será algo digno de se ver, porque Grisóstomo tem muitos amigos, e o lugar onde mandou que o enterrassem não fica a meia légua daqui.”

— Levarei isso em conta — disse dom Quixote — e vos agradeço o prazer que me haveis dado com a narração de história tão saborosa.

— Oh! — replicou o pastor —, isso que não sei a metade dos casos acontecidos aos apaixonados de Marcela. Mas pode ser que amanhã topemos no caminho com algum pastor que os conte. Por ora seria bom que fôsseis dormir sob o telhado, porque o sereno poderia vos prejudicar a ferida, embora, com o remédio que vos apliquei, não haja acidente que temer.

Sancho Pança, que já mandava ao diabo a conversa sem fim do pastor, insistiu que seu amo fosse dormir na choça de Pedro. Assim fez dom Quixote, passando o resto da noite em lembranças de sua senhora Dulcineia, à imitação dos apaixonados de Marcela. Sancho Pança acomodou-se entre Rocinante e seu jumento, e dormiu, não como um apaixonado desiludido, mas como um homem moído de pancadas.

xiii

onde se termina a história da pastora marcela, com outros acontecimentos

Mal o dia começou a surgir nos mirantes do Oriente, cinco dos seis pastores se levantaram e foram acordar dom Quixote, dizendo que eles lhe fariam companhia se ainda estivesse disposto a ir ver o famoso enterro de Grisóstomo. Dom Quixote, que não desejava outra coisa, se levantou e mandou que Sancho encilhasse os animais de uma vez, o que ele fez a toda pressa, e com a mesma pressa se puseram todos a caminho. E não tinham andado um quarto de légua quando, ao cruzar uma picada, viram se aproximar uns seis pastores, vestidos com pelicos negros, as cabeças coroadas com grinaldas de espirradeira e cipreste fúnebres. Cada um trazia um grosso cajado de azevinho na mão. Também vinham com eles dois fidalgos a cavalo, muito bem vestidos para viagem, com outros três rapazes a pé. Quando se encontraram, cortesmente se saudaram e, perguntando-se uns aos outros para onde iam, souberam que todos se encaminhavam para o lugar do enterro. Assim começaram a caminhar todos juntos.

Um dos que estavam a cavalo, falando com seu companheiro, disse:

— Parece-me, senhor Vivaldo, que havemos de dar por bem empregada a demora que teremos por ver esse famoso enterro, que famoso não poderá deixar de ser, pelas coisas extraordinárias que esses pastores nos contaram tanto do morto como da pastora homicida.

— É o que acho também — respondeu Vivaldo —, mas nem falo em demora de um dia, porque até quatro eu demoraria em troca de vê-lo.

Dom Quixote perguntou a eles o que tinham ouvido de Marcela e de Grisóstomo. Um dos viajantes disse que naquela madrugada haviam encontrado aqueles pastores e que, por tê-los visto em trajes tão tristes, tinham perguntado por que se vestiam assim, e um deles respondeu, falando de uma intratável e formosa pastora chamada Marcela, da paixão de muitos que a cortejavam e da morte de Grisóstomo, a cujo enterro iam. Por fim lhe contou tudo o que Pedro havia contado a dom Quixote.

Acabou essa conversa e se começou outra — o que se chamava Vivaldo perguntando a dom Quixote o que o levava a andar de armadura por terra tão pacífica. Dom Quixote respondeu:

— O exercício de minha profissão não consente nem permite que eu ande de outra maneira. A boa vida, o prazer e o repouso foram inventados para os cortesãos frouxos; mas o trabalho, a angústia e as armas só foram inventados e feitos para aqueles que o mundo chama de cavaleiros andantes, dos quais eu, embora indigno, sou o menor de todos.

Apenas ouviram isso, todos o consideraram louco; e, para averiguar que gênero de loucura era o seu, Vivaldo perguntou o que vinham a ser cavaleiros andantes.

— Vossas mercês — respondeu dom Quixote — não leram os anais e as histórias da Inglaterra, que tratam das famosas façanhas do rei Artur, a quem em nosso romance castelhano geralmente chamamos de “el-rei Artus”? É tradição antiga e comum em todo o reino da Grã-Bretanha que esse rei não morreu, mas que por artes mágicas se transformou em corvo e que, passando os tempos, voltará a reinar, recobrando seu reino e cetro. É por isso que, desde aquele tempo, nenhum inglês matou corvo algum. Pois na época desse bom rei foi instituída aquela famosa ordem dos cavaleiros da Távola Redonda e aconteceram, sem faltar uma vírgula como ali se relata, os amores de sir Lancelot do Lago com a rainha Guinevere, sendo intermediária e conhecedora deles aquela tão honrada dama

Quintañona. Daí nasceu aquele conhecido romance, tão celebrado em nossa Espanha, de que

Nunca fora cavaleiro
de damas tão bem servido
como fora Lancelot
quando da Bretanha veio,

com a continuação tão doce e tão suave de suas façanhas de amor e guerra. Pois desde então, de mão em mão aquela ordem de cavalaria foi se estendendo e dilatando por muitas e diversas partes do mundo, e nela foram famosos e conhecidos por seus feitos o valente Amadis de Gaula, com todos os seus filhos e netos, até a quinta geração, e o valoroso Felixmarte de Hircânia, e o nunca devidamente louvado Tirante, o Branco, e quase em nossos dias vimos e conhecemos e ouvimos o invencível e valente cavaleiro dom Belianis da Grécia. Eis, senhores, o que é ser cavaleiro andante, e a que mencionei é a ordem de sua cavalaria, à qual eu, repito, embora pecador, me filiei, professando o mesmo que professaram os aludidos cavaleiros. E assim vou por essas solidões e descampados em busca de aventuras, com ânimo deliberado de oferecer meu braço e minha pessoa à mais perigosa que a sorte me depare, na defesa dos fracos e desvalidos.

Por esse discurso os viajantes acabaram de se inteirar da falta de juízo de dom Quixote e da espécie de loucura que o dominava, o que causou o mesmo espanto que surpreendeu a todos os que dela tomaram conhecimento. E Vivaldo, que era pessoa muito arguta e de temperamento alegre, para passar sem tédio o resto do caminho que faltava para chegarem à serra do enterro, quis proporcionar a dom Quixote a chance de prosseguir com seus disparates. Por isso lhe disse:

— Parece-me, senhor cavaleiro andante, que vossa mercê escolheu uma das mais duras profissões que há na terra. Acho que nem a dos frades cartuxos é tão dura.

— Pode muito bem ser tão dura — respondeu nosso dom Quixote —, mas, tão necessária ao mundo, estou a um triz de duvidar. Porque, a bem da verdade, não faz menos o soldado que executa o que seu capitão manda do que o próprio capitão que ordenou. Quero dizer que os religiosos, em paz e calmamente, pedem ao céu o bem da terra, mas nós, os soldados e os cavaleiros, pomos em execução o que eles pedem, defendendo-a com o valor de nossos braços e o fio de nossas espadas, não debaixo de teto mas a céu aberto, postos como alvos para os insuportáveis raios do sol no verão e para os arrepiantes gelos do inverno. Enfim, somos ministros de Deus na terra e os braços que executam nela sua justiça. E como as coisas da guerra e as concernentes a ela não podem ser executadas senão suando, trabalhando e se esfalfando, conclui-se que aqueles que a professam têm sem dúvida maior trabalho do que aqueles que em sossegada paz e repouso estão rogando a Deus que favoreça os desvalidos. Não quero dizer, nem me passa pelo pensamento, que a condição de cavaleiro andante é tão boa como a de religioso no claustro: apenas concluo, pelo que padeço, que sem dúvida é mais trabalhosa e mais cansativa, mais faminta e sedenta, miserável, esfarrapada e piolhenta, porque é mais do que certo que os cavaleiros andantes antigos passaram maus pedaços no curso de suas vidas. E, se alguns chegaram a ser imperadores, pelo valor de seu braço, podeis crer que muito lhes custou em sangue e suor; e, se eles não fossem ajudados por magos e sábios, teriam ficado bem frustrados de seus desejos e bem desiludidos de suas esperanças.

— Também tenho essa opinião — replicou o viajante. — Mas uma coisa, entre tantas outras dos cavaleiros andantes, me parece muito má: quando estão para empreender uma grande e perigosa aventura, em que há evidente risco de se perder a vida, nunca lembram de se encomendar a Deus, como é da obrigação de cada cristão em semelhantes apuros; encomendam-se às suas damas, e com tanta ânsia e devoção como se elas fossem seu Deus, coisa que cheira um pouco a paganismo.

— Senhor — respondeu dom Quixote —, isso não pode ser diferente de jeito nenhum, e mau passo daria o cavaleiro andante

que fizesse outra coisa, porque já é costume antigo na cavalaria andante que o cavaleiro, ao empreender algum grande feito de armas, tenha sua senhora diante de si, volte para ela os olhos suave e amorosamente, como quem pede com eles que o favoreça e ampare nessa situação duvidosa. E, mesmo que ninguém o ouça, tem obrigação de dizer algumas palavras entre dentes e de nelas se encomendar de todo o coração; temos disso inumeráveis exemplos nas histórias. E não se deve entender por isso que deixem de se encomendar a Deus, que tempo e lugar lhes sobra para fazê-lo no decorrer da contenda.

— Mesmo assim — replicou o viajante —, resta-me uma dúvida. É que muitas vezes li que se travam discussões entre dois cavaleiros andantes e, de palavra em palavra, acende-se a cólera deles e então viram os cavalos para um lado, tomam uma boa distância no campo e aí, sem mais nem menos, a todo galope, voltam a se bater, encomendando-se às suas damas no meio da corrida. O resultado do ataque costuma ser que um cai pelas ancas do cavalo, trespassado de lado a lado pela lança do adversário; e o que acontece ao outro é que, se não se agarrasse nas crinas do seu, não poderia deixar de vir por terra também. Não sei como o morto conseguiu se encomendar a Deus no curso de conflito tão acelerado. Seria melhor que as palavras que gastou na corrida se encomendando a sua dama fossem gastas no que devia e estava obrigado como cristão. Além do mais, penso que nem todos os cavaleiros andantes têm damas a quem se encomendar, porque nem todos estão apaixonados.

— Isso não! — respondeu dom Quixote. — Digo que não pode haver cavaleiro andante sem dama, pois é tão próprio e tão natural para eles estar apaixonados como ao céu ter estrelas. Não, certamente nunca se viu uma história em que se encontre um cavaleiro andante sem amores; e, se por acaso não os tivesse, não seria considerado um legítimo cavaleiro, mas um bastardo que entrou na fortaleza da dita cavalaria não pela porta e sim pulando a muralha, como um salteador e ladrão.

— Mas me parece — disse o viajante —, se bem me lembro, ter lido que dom Galaor, irmão do valoroso Amadis de Gaula, nunca

teve dama mencionada a quem pudesse se encomendar e nem por isso foi menos considerado, e foi um cavaleiro muito valente e famoso.

Ao que nosso dom Quixote respondeu:

— Senhor, uma andorinha só não faz verão. Além do mais, eu sei que em segredo esse cavaleiro estava muito apaixonado; é que isso de querer bem a qualquer uma que o agradasse era de sua natureza, que não podia contrariar. Mas, enfim, é bem sabido que ele tinha uma só a quem havia feito senhora de sua vontade, e a quem se encomendava muito seguido e muito secretamente, porque se gabava de ser um cavaleiro discreto.

— Então, se é essencial que todo cavaleiro andante deva ser um apaixonado — disse o viajante —, bem se pode pensar que vossa mercê também o seja, pois é da profissão. E, se vossa mercê não se gabar de ser tão discreto como dom Galaor, com todo empenho lhe suplico, em nome desta gente e no meu, que nos diga o nome, pátria, condição e formosura de sua dama, que ela deve se dar por feliz que todo o mundo saiba que é cortejada e amada por cavaleiro como vossa mercê parece ser.

Aqui dom Quixote deu um grande suspiro e disse:

— Não posso afirmar se minha doce inimiga gosta ou não de que o mundo saiba que eu a sirvo. Só posso dizer, respondendo ao que tão respeitosamente me é pedido, que seu nome é Dulcineia; sua pátria, El Toboso, um povoado da Mancha; sua condição, princesa, pelo menos, pois é minha rainha e senhora; sua formosura, sobre-humana, pois nela se tornam verdadeiros todos os impossíveis e quiméricos atributos que os poetas emprestam a suas damas: seus cabelos são de ouro; sua testa, campos elísios; suas sobrancelhas, arco-íris; seus olhos, sóis; suas faces, rosas; seus lábios, corais; pérolas, seus dentes; alabastro, seu pescoço; mármore, seu peito; marfim, suas mãos; sua brancura, neve, e as partes que o recato encobriu à vista humana são tais, conforme penso e entendo, que apenas a sensata consideração pode encarecê-las mas não compará-las.

— Gostaríamos de saber a linhagem, origem e nobreza — replicou Vivaldo.

Ao que dom Quixote respondeu:
— Não é dos antigos Cúrcios, Gaios e Cipiões romanos, nem dos modernos Colonas e Ursinos, nem dos Moncadas e Requesenes da Catalunha, muito menos dos Rebellas e Villanovas de Valência, Palafoxes, Nuzas, Rocabertis, Corellas, Lunas, Alagones, Urreas, Foces e Gurreas de Aragão, Cerdas, Manriques, Mendozas e Guzmanes de Castela, Alencastros, Palhas e Meneses de Portugal. É dos de El Toboso da Mancha, linhagem que, embora moderna, pode dar generoso princípio às mais ilustres famílias dos próximos séculos. E não me contestem isso, se não for com as condições que Cervino pôs ao pé do troféu das armas e armadura de Orlando:

Ninguém as mova
Se com Roland não possa se pôr à prova.

— Embora eu seja dos Cachopines de Laredo — respondeu o viajante —, não me atreverei a comparar minha linhagem à dos de El Toboso da Mancha, até porque, para dizer a verdade, semelhante sobrenome ainda não me chegou aos ouvidos.
— Como não chegou?! — replicou dom Quixote.
Com grande atenção todos os outros iam escutando a conversa dos dois, e até os próprios pastores (os das cabras e os outros) perceberam a total falta de juízo de nosso dom Quixote. Apenas Sancho Pança pensava que tudo o que seu amo dizia era verdade, mesmo sabendo quem ele era e tendo-o conhecido desde seu nascimento; só hesitava um pouco em acreditar naquilo da linda Dulcineia del Toboso, porque nunca havia tido notícia desse nome nem dessa princesa, embora vivesse tão perto de El Toboso.
Assim iam, quando viram que pela quebrada entre duas montanhas desciam uns vinte pastores, todos vestidos com pelicos de lã negra e coroados com grinaldas de teixo e de ciprestes, como se viu depois. Seis deles traziam uma padiola coberta de grande diversidade de flores e ramos.
Vendo-os, um dos pastores de cabras disse:

— Aqueles ali são os que trazem o corpo de Grisóstomo; e o lugar onde mandou que o enterrassem é ao pé daquela montanha.

Por isso se apressaram, chegando quando os pastores já tinham posto a padiola no chão, e quatro deles estavam cavando a sepultura com picões, ao lado de um penhasco compacto.

Cumprimentaram-se uns aos outros cortesmente. Depois dom Quixote e os que vinham com ele se puseram a olhar a padiola, onde viram coberto de flores o morto vestido como pastor, aparentando uns trinta anos de idade; apesar da morte, mostrava que em vida tinha sido de rosto formoso e de constituição galante. Ao redor dele, na própria padiola, estavam alguns livros e muitos papéis, abertos e fechados. E tanto os que olhavam como os que cavavam a sepultura, e todos os demais, mantinham-se num silêncio extraordinário, até que um dos que trouxeram o morto disse a outro:

— Olhai bem, Ambrósio, se é este o lugar que Grisóstomo indicou, já que quereis que se cumpra com toda a exatidão o que deixou ordenado em seu testamento.

— É este — respondeu Ambrósio. — Muitas vezes meu desgraçado amigo me contou aqui a história de sua desventura. Ali me disse que viu pela primeira vez aquela mortal inimiga da raça humana, e foi ali também que pela primeira vez lhe declarou seu pensamento, tão honesto como apaixonado, e foi ali que Marcela o desprezou pela última vez e acabou de desiludi-lo, de modo que ele pôs fim à tragédia de sua vida miserável. Por isso, em memória de tantas infelicidades, ele quis que aqui o depositassem nas entranhas do eterno esquecimento.

E, virando-se para dom Quixote e os viajantes, prosseguiu:

— Este corpo, senhores, que estais olhando com olhos piedosos, foi depositário de uma alma em que o céu pôs uma parte infinita de suas riquezas. Este é o corpo de Grisóstomo, que foi único em inteligência, inigualável na cortesia, extremo em galhardia, raro na amizade, generoso como ninguém, sério sem presunção, alegre sem baixeza, enfim o primeiro em tudo o que é ser bom e sem-par em tudo o que foi ser infeliz. Amou, foi desprezado; adorou, foi desiludido; implorou a uma fera, incomodou a um mármore, correu

atrás do vento, bradou no deserto, cortejou a ingratidão, de quem recebeu como prêmio ser despojo da morte na metade de sua vida, a que deu fim uma pastora que ele procurava eternizar para que vivesse na memória das pessoas, o que poderiam mostrar bem esses papéis que estais olhando, se ele não houvesse mandado que os lançasse ao fogo tendo seu corpo sido entregue à terra.

— De maior rigor e crueldade usareis vós com eles que seu próprio dono — disse Vivaldo —, pois não é justo nem adequado que se cumpra a vontade de quem está completamente fora de si. Augusto César não teria agido bem se consentisse que se pusesse em execução o que o divino mantuano[1] deixou ordenado em seu testamento. Portanto, senhor Ambrósio, já que dais à terra o corpo de vosso amigo, não queirais dar seus escritos ao esquecimento, pois, se ele ordenou como ofendido, não fica bem que vós cumprais como insensato; pelo contrário, salvando esses papéis, dareis vida eterna à crueldade de Marcela, para que sirva de exemplo nos tempos que estão por vir, para que todos se afastem e fujam de cair em semelhante abismo. Todos nós que aqui viemos já conhecemos a história deste vosso amigo apaixonado e desesperado, assim como vossa amizade, as circunstâncias de sua morte e sua última vontade. De toda essa história lamentável pode se concluir o que foi a crueldade de Marcela, o amor de Grisóstomo, o zelo de vossa amizade e o fim que têm os que correm à rédea solta pela trilha que o amor desvairado lhes põe diante dos olhos. Ontem à noite soubemos da morte de Grisóstomo e que havia de ser enterrado neste lugar; por isso, por curiosidade e compaixão, nos desviamos de nosso caminho e combinamos comprovar com nossos próprios olhos o que nos havia ferido os ouvidos. Como respeito por essa compaixão, e pelo desejo que nasceu em nós de remediá-la se pudermos, te rogamos, oh, sensato Ambrósio, ou ao menos eu te suplico que, em vez de queimar esses papéis, me deixes levar alguns deles.

E, sem esperar que o pastor respondesse, estendeu a mão e pegou alguns dos que estavam mais perto. Vendo isso, Ambrósio disse:

— Por cortesia, senhor, consentirei que fiqueis com os que já pegastes; mas pensar que deixarei de queimar os restantes é pensamento vão.

Vivaldo, que desejava ver o que os papéis diziam, abriu logo um deles e leu o título: “Canção desesperada”. Ambrósio ouviu-o e disse:

— Esse é a última coisa que o coitado escreveu; e para que vejais, senhor, a que ponto o levaram suas desgraças, lede-a de modo que sejais ouvido, pois tereis tempo para isso enquanto se cava a sepultura.

— É o que farei com a melhor boa vontade — disse Vivaldo.

E, como todos os presentes tinham o mesmo desejo, rodearam-no, e ele, lendo com voz clara, viu que assim dizia:

xiv

onde se transcrevem os versos desesperados do pastor morto, com outros acontecimentos inesperados

canção de grisóstomo

Já que queres, cruel, que se divulgue
de língua em língua, entre toda gente
a força de tua brutal severidade,
farei com que o próprio inferno comunique
ao meu triste peito um som dolente,
que distorça o tom normal de minha voz.
E junto de meu desejo, que se esforça
para dizer minha dor e tuas façanhas,
da espantosa voz irá o canto,
e nele mesclados, para maior tormento,
pedaços das míseras entranhas.
Escuta, pois, com atento ouvido,
não ao melodioso som, mas ao ruído
que do fundo de meu amargo peito,
levado por um forçado desvario,
sai por meu gosto e teu despeito.

O rugir do leão, do lobo feroz
o uivo ameaçador, o silvo horrendo
da serpente escamosa, o formidável

urro de algum monstro, o agourento
grasnar do corvo, e o estrondo
do vento contrário em mar instável;
do já vencido touro o implacável
bramido, e da viúva rolinha
o sentido arrulhar; o triste canto
da coruja invejada, com o pranto
de toda a infernal negra quadrilha,
saiam para fora com a dolente alma,
misturados num som, de tal maneira,
que se confundam os sentidos todos,
pois a pena cruel que em mim se acha
para contá-la pede novos modos.

De tanta confusão as areias
do pai Tejo não ouvirão os tristes ecos,
nem do famoso Bétis as oliveiras,
que ali se espalharão minhas duras penas
em altos penhascos e em profundas covas,
com língua morta e com palavras vivas,
ou em escuros vales ou em esquivas
praias, ermas de contato humano,
ou onde o sol jamais mostrou sua luz,
ou entre a venenosa multidão
de feras que alimenta a planície líbia.
Ainda que nos planaltos desertos
os ecos roucos de meu mal incertos
soem com tua severidade sem igual,
por privilégio de minha má sorte,
serão levados pelo amplo mundo.

Mata um desdém, abate a paciência,
verdadeira ou falsa, uma suspeita;
matam os ciúmes com rigor mais forte;

desconcerta a vida longa ausência;
contra um temor de esquecimento de nada serve
firme esperança de feliz sorte…
Em tudo há certa, inevitável morte;
mas eu, milagre nunca visto!, vivo
ciumento, ausente, desdenhado e certo
das suspeitas que me têm morto,
e no esquecimento em que meu fogo avivo,
e, entre tantos tormentos, nunca alcança
minha vista ver nem sombra da esperança,
nem eu, desesperado, a procuro,
antes, por me exaltar em minha queixa,
estar sem ela eternamente juro.

Pode-se, porventura, num instante
esperar e temer, ou é melhor fazê-lo
sendo as causas do temor mais certas?
Tenho, se o duro ciúme está em frente,
de fechar estes olhos, se hei de vê-lo
por mil feridas na alma abertas?
Quem não abrirá de par em par as portas
à desconfiança, quando olha
descoberto o desdém, e as suspeitas
oh, amarga transformação!, verdades feitas,
e a limpa verdade mentira se torna?
Oh, no reino do amor ferozes tiranos
ciúmes!, ponde-me uma arma nestas mãos.
Dai-me, desdém, uma desleal corda.
Mas ai de mim que, com cruel vitória,
vossa memória o sofrimento afoga.

Eu morro, enfim, e, para que nunca espere
sucesso nem na morte nem na vida,
pertinaz seguirei em minha fantasia.

Direi que acertado vai aquele que ama,
e que é mais livre a alma mais rendida
à antiga tirania de amor.
Direi que minha eterna inimiga
bela a alma como o corpo tem,
e que seu esquecimento de minha culpa nasce,
e que, na segurança dos males que nos faz,
amor seu império em justa paz mantém.
E com esta opinião e um duro laço,
acelerando o miserável tempo
a que me conduziram seus desdéns,
oferecerei aos ventos corpo e alma,
sem láurea ou palma de futuros amores.

Tu, que com tantas iniquidades mostras
a razão que me força que alguma faça
à cansada vida que desprezo,
pois já vês que te dá notórias mostras
esta profunda chaga do coração
de como alegre a teu rigor me ofereço,
se por sorte sabes que mereço
que o céu claro de teus belos olhos
em minha morte se turve, não o faças:
pois não quero que em nada satisfaças
ao dar-te de minha alma os despojos;
antes com riso na ocasião funesta
descobre que meu fim foi tua festa.
Mas grande ingenuidade é avisar-te disto,
pois sei que tua glória é conhecida
em que minha vida chegue ao fim tão rápido.

Venha, que já é tempo, do profundo abismo
Tântalo com sua sede; Sísifo venha
com o peso terrível de seu canto;

Tício traga seu abutre, e também
com sua roda Egeu não se detenha,
nem as irmãs que trabalham tanto,
e todos juntos seu mortal quebranto
transfiram a meu peito, e em voz baixa
— se a um desesperado já são devidas —
cantem exéquias tristes, doloridas,
ao corpo, a quem ainda se nega a mortalha;
e o porteiro infernal dos três rostos,
com outras mil quimeras e mil monstros,
levem o doloroso contraponto,
pois outra pompa melhor não me parece
que a merece um amante morto.

Canção desesperada, *não te queixes*
quando minha triste companhia deixes;
antes, *pois que a causa da qual nasceste*
com minha desgraça aumenta sua ventura,
mesmo na sepultura não fiques triste.[a]

A canção de Grisóstomo pareceu boa aos ouvintes, mesmo que aquele que a leu tenha dito que achava que ela destoava com o que tinha ouvido sobre o recato e a honestidade de Marcela, porque Grisóstomo se queixava de ciúmes, suspeitas e ausência, tudo em descrédito da boa reputação de Marcela. Ao que Ambrósio respondeu, sendo quem sabia muito bem dos mais ocultos pensamentos de seu amigo:

— Para que vos livreis dessa dúvida, senhor, é bom que saibais que quando o desgraçado escreveu essa canção estava longe de Marcela, de quem ele se afastara por vontade própria, para ver se a ausência o trataria com suas leis costumeiras; e, como ao apaixonado ausente não há coisa que não o angustie nem temor que não o persiga, Grisóstomo se angustiava com os ciúmes imaginados e com as suspeitas temidas como se fossem verdadeiros. E com isso prevalece a verdade que a fama apregoa

sobre a honestidade de Marcela; a quem, exceto por ser cruel e um pouco arrogante, e muito desdenhosa, a própria inveja não pode nem deve imputar falta alguma.

— Isso é verdade — respondeu Vivaldo.

E, querendo ler outro papel dos que havia salvado do fogo, impediu-o uma visão maravilhosa (isto ela parecia) que de repente se ofereceu a ele: por cima do penhasco onde se cavava a sepultura surgiu a pastora Marcela, tão formosa que sua beleza ultrapassava sua fama. Os que ainda não a tinham visto olhavam-na com admiração e silêncio; e os que já a conheciam não ficaram menos pasmos que eles. Mas, mal a viu, Ambrósio disse com mostras de indignação:

— Por acaso vens ver, feroz basilisco destas montanhas, se com tua presença vertem sangue as feridas deste miserável a quem tua crueldade tirou a vida? Ou vens vangloriar-te das cruéis façanhas de tua índole? Ou ver dessa altura, como outro Nero desapiedado, o incêndio de sua Roma? Ou pisar arrogante este infeliz cadáver, como a filha ingrata pisou o de seu pai Tarquínio? Diz-nos logo ao que vens, ou o que é que mais te agrada, porque, sabendo eu que os pensamentos de Grisóstomo jamais deixaram de obedecer-te em vida, farei com que mesmo ele morto te obedeçam os de todos aqueles que se chamaram seus amigos.

— Oh, Ambrósio, não venho para nada disso — respondeu Marcela —, mas por mim mesma, para mostrar o quanto estão enganados todos aqueles que me culpam de suas penas e da morte de Grisóstomo. Por isso rogo a todos os presentes que me ouçam com atenção, pois não será necessário muito tempo, nem muitas palavras, para a verdade persuadir os sensatos.

“O céu me fez formosa, dizeis, e de tal maneira que minha formosura vos leva a me amar sem resistência, e pelo amor que me mostrais, dizeis e até quereis que eu seja obrigada a vos amar. Eu sei, com o natural entendimento que Deus me deu, que tudo o que é belo pode ser amado; mas não compreendo que, pela razão de ser amado, quem é amado por belo tenha obrigação de amar quem o ama. E ainda poderia acontecer que o amante do belo fosse feio e, sendo o feio digno de ser desprezado, fica mal dizer: ‘Amo-te

porque és bela: deves me amar embora eu seja feio'. Mas, mesmo que as belezas se equivalham, nem por isso haverão de ser iguais os desejos, pois nem todas as belezas apaixonam: algumas alegram a vista mas não subjugam a vontade. Se todas as belezas apaixonassem e subjugassem, as vontades andariam desorientadas e confusas, sem saber onde iriam parar, porque, sendo infinitas as pessoas belas, infinitos haveriam de ser os desejos. E, conforme ouvi dizer, o amor verdadeiro não se divide e deve ser voluntário, não forçado. Sendo assim, como penso que é, por que quereis que submeta minha vontade à força, apenas porque me dizeis que me amais? Se não, dizei-me: se em vez de formosa o céu me tivesse feito feia, seria justo que me queixasse de vós por não me amardes? Depois, deveis considerar que eu não escolhi: o céu deu-me a beleza que tenho de graça, sem que eu a pedisse nem escolhesse. E, assim como a víbora não merece ser culpada pelo veneno que tem, apesar de matar com ele, porque lhe foi dado pela natureza, também eu não mereço ser repreendida por ser bela: a beleza na mulher honesta é como o fogo afastado ou como a espada afiada, porque nem ele queima nem ela corta quem deles não se aproxima. A honra e as virtudes são adornos da alma, sem os quais o corpo não deve parecer belo, embora o seja. Pois, se a honestidade é uma das virtudes que ao corpo e à alma mais adornam e embelezam, por que deve perdê-la a que é amada por ser bela, para satisfazer a intenção daquele que, apenas para seu próprio prazer, com todas as suas forças e astúcias procura que a perca?

"Eu nasci livre e, para poder viver livre, escolhi a solidão dos campos: as árvores destas montanhas são minha companhia; as águas cristalinas destes riachos, meus espelhos; às árvores e às águas comunico meus pensamentos e formosura. Sou fogo afastado e espada distante. Aos que apaixonei com a vista desiludi com as palavras; e, se os desejos se sustentam com esperanças, não tendo eu dado nenhuma a Grisóstomo, nem a algum outro (na verdade, a nenhum deles), bem se pode dizer que antes o matou sua teimosia do que minha crueldade. E, se alegardes que seus pensamentos eram honestos e que por isso estava obrigada a

satisfazê-los, digo que quando me revelou a honestidade de sua intenção, neste mesmo lugar onde agora se cava sua sepultura, eu disse a ele que a minha era viver em perpétua solidão e que apenas a terra gozasse o fruto de meu recolhimento e os despojos de minha formosura; e se ele, apesar de tudo, quis lutar contra a esperança e navegar contra o vento, quem se admira que se afogasse no meio do oceano de seu desatino? Se eu o encorajasse, seria falsa; se o contentasse, seria contra minhas melhores intenções e propósitos. Teimou desiludido, desesperou sem ser desprezado: vede então se deve se jogar em mim a culpa de sua pena! Queixe-se o enganado; desespere-se aquele a quem faltaram as prometidas esperanças! Tenha confiança o que eu chamar; gabe-se o que eu aceitar. Mas não me chame de cruel nem de homicida aquele a quem eu não prometo, não engano, não chamo nem aceito.

“Até agora o céu não quis que eu amasse por destino, e pensar que eu tenho de amar por escolha é inútil. Que esse desengano geral sirva de lição, para seu particular proveito, a cada um dos que me cortejam, e que se entenda daqui por diante que, se algum morrer por mim, não morre de ciúmes nem de infelicidade, pois quem não ama ninguém a ninguém deve causar ciúme, pois os desenganos não devem ser tomados por desdéns. O que me chama de fera e basilisco, deixe-me como coisa nociva e má; o que me chama de ingrata, não me corteje; de mal-agradecida, não me conheça; de cruel, não me siga; porque esta fera, este basilisco, esta ingrata, esta mal-agradecida e cruel nem vos procurará, cortejará, conhecerá nem seguirá de forma alguma.

“Se a Grisóstomo matou sua impaciência e desejo impetuoso, por que se deve culpar meu honesto procedimento e recato? Se eu conservo minha pureza em companhia das árvores, por que devem querer que a perca em companhia dos homens? Como sabeis, sou rica e não cobiço as riquezas alheias; sou de temperamento livre, não gosto de me sujeitar; não amo nem odeio ninguém; não engano este nem cortejo aquele; não zombo de um nem me divirto com outro. A conversa honesta das pastoras destas aldeias e o cuidado com minhas cabras me distraem. Meus desejos se limitam a estas

montanhas e, se daqui saem, é para contemplar a formosura do céu, passos com que anda a alma para sua primeira morada.”

Dizendo isso, sem querer ouvir resposta alguma, virou-se e meteu-se no ponto mais fechado de uma mata próxima, deixando todos admirados tanto com sua inteligência como com sua formosura. Mas alguns dos feridos pelas flechas de luz de seus olhos deram mostras de querer segui-la, como se não tivessem ouvido a mais clara desilusão, o que levou dom Quixote a pensar que era conveniente usar sua cavalaria, socorrendo uma donzela em apuros. Com a mão no punho da espada, em voz alta e inteligível disse:

— Nenhuma pessoa, de qualquer estado e condição que seja, se atreva a seguir a formosa Marcela, sob pena de cair sob a fúria de minha indignação. Ela mostrou com palavras claras e mais que suficientes a pouca ou nenhuma culpa que teve na morte de Grisóstomo, e o quanto vive alheia em condescender com os desejos de seus apaixonados. Por isso é justo que, em vez de ser seguida e perseguida, seja honrada e estimada por todos os bons, pois mostra que apenas ela vive com tão honesta intenção.

Ou fosse pelas ameaças de dom Quixote, ou porque Ambrósio lhes disse que concluíssem o que deviam a seu bom amigo, nenhum dos pastores se moveu nem se afastou dali até que, acabada a sepultura e queimados os papéis de Grisóstomo, puseram o corpo na terra, não sem muitas lágrimas de todos. Fecharam a sepultura com uma grande pedra, até que se acabasse a lápide que Ambrósio pensava em mandar fazer, com este epitáfio:

Jaz aqui de um amador
o mísero corpo gelado,
que foi pastor de gado,
perdido por desamor.

Morreu nas mãos do rigor
de uma esquiva e linda ingrata,
com quem seu império dilata

a tirania de amor.[b]

A seguir espalharam por cima da sepultura muitas flores e ramos e, dando pêsames a seu amigo Ambrósio, todos se despediram dele. O mesmo fizeram Vivaldo e seu companheiro. Dom Quixote se despediu de seus anfitriões e dos viajantes, que lhe pediram que fosse com eles para Sevilha, por ser lugar muito conveniente para aventuras, pois em cada rua e cada esquina se oferecem mais que em qualquer outro. Dom Quixote agradeceu a informação e a vontade que mostravam de agradá-lo, mas disse que por ora não queria nem devia ir a Sevilha, até que houvesse limpado aquelas serras de bandidos e ladrões, de que todas estavam cheias, como se sabia. Vendo sua firme determinação, os viajantes não quiseram incomodá-lo mais, despediram-se de novo e o deixaram, prosseguindo seu caminho, onde não lhes faltou do que falar, tanto da história de Marcela e Grisóstomo como das loucuras de dom Quixote. Nosso cavaleiro decidiu procurar a pastora Marcela e oferecer tudo o que podia para servi-la; mas não aconteceu como ele pensava, conforme se conta no decorrer desta história verídica, tendo fim aqui a segunda parte.

a * *Ya que quieres, crüel, que se publique,/ de lengua en lengua y de una en otra gente/ del áspero rigor tuyo la fuerza,/ haré que el mismo infierno comunique/ al triste pecho mío un son doliente,/ con que el uso común de mi voz tuerza./ Y al par de mi deseo, que se esfuerza/ a decir mi dolor y tus hazañas,/ de la espantable voz irá el acento,/ y en él mezcladas, por mayor tormento,/ pedazos de las míseras entrañas./ Escucha, pues, y presta atento oído,/ no al concertado son, sino al ruïdo/ que de lo hondo de mi amargo pecho,/ llevado de un forzoso desvarío,/ por gusto mío sale y tu despecho.// El rugir del león, del lobo fiero/ el temeroso aullido, el silbo horrendo/ de escamosa serpiente, el espantable/ baladro de algún monstruo, el agorero/ graznar de la corneja, y el estruendo/ del viento contrastado en mar instable;/ del ya vencido toro el implacable/ bramido, y de la viuda tortolilla/ el sentible arrullar; el triste canto/ del envidiado búho, con el llanto/ de toda la infernal negra cuadrilla,/ salgan con la doliente ánima fuera,/ mezclados en un son, de tal manera,/ que se confundan los sentidos todos,/ pues la pena cruel que en mí se halla/ para cantalla pide nuevos modos.// De tanta confusión no las arenas/ del padre Tajo oirán los tristes ecos,/ ni del famoso Betis las olivas,/ que allí se esparcirán mis duras penas/ en altos riscos y en profundos huecos,/ con muerta lengua y con palabras vivas,/ o ya en escuros valles o en esquivas/ playas, desnudas de contrato humano,/ o adonde el sol jamás mostró su lumbre,/ o entre la venenosa muchedumbre/ de fieras que alimenta el libio*

llano./ Que puesto que en los páramos desiertos/ los ecos roncos de mi mal inciertos/ suenen con tu rigor tan sin segundo,/ por privilegio de mis cortos hados,/ serán llevados por el ancho mundo.// Mata un desdén, atierra la paciencia,/ o verdadera o falsa, una sospecha;/ matan los celos con rigor más fuerte;/ desconcierta la vida larga ausencia;/ contra un temor de olvido no aprovecha/ firme esperanza de dichosa suerte…/ En todo hay cierta, inevitable muerte;/ mas yo, ¡milagro nunca visto!, vivo/ celoso, ausente, desdeñado y cierto/ de las sospechas que me tienen muerto/ y en el olvido en quien mi fuego avivo,/ y, entre tantos tormentos, nunca alcanza/ mi vista a ver en sombra a la esperanza,/ ni yo, desesperado, la procuro,/ antes, por extremarme en mi querella,/ estar sin ella eternamente juro.// ¿Puédese, por ventura, en un instante/ esperar y temer, o es bien hacello/ siendo las causas del temor más ciertas?/ ¿Tengo, si el duro celo está delante,/ de cerrar estos ojos, si he de vello/ por mil heridas en el alma abiertas?/ ¿Quién no abrirá de par en par las puertas/ a la desconfianza, cuando mira/ descubierto el desdén, y las sospechas,/ ¡oh amarga conversión!, verdades hechas,/ y la limpia verdad vuelta en mentira?/ ¡Oh en el reino de amor fieros tiranos/ celos!, ponedme un hierro en estas manos./ Dame, desdén, una torcida soga./ Mas, ¡ay de mí!, que, con crüel vitoria/ vuestra memoria el sufrimiento ahoga.// Yo muero, en fin, y porque nunca espere/ buen suceso en la muerte ni en la vida,/ pertinaz estaré en mi fantasía./ Diré que va acertado el que bien quiere,/ y que es más libre el alma más rendida/ a la de amor antigua tiranía./ Diré que la enemiga siempre mía/ hermosa el alma como el cuerpo tiene,/ y que su olvido de mi culpa nace,/ y que, en fe de los males que nos hace,/ amor su imperio en justa paz mantiene./ Y con esta opinión y un duro lazo,/ acelerando el miserable plazo/ a que me han conducido sus desdenes,/ ofreceré a los vientos cuerpo y alma,/ sin lauro o palma de futuros bienes.// Tú, que con tantas sinrazones muestras/ la razón que me fuerza a que la haga/ a la cansada vida que aborrezco,/ pues ya ves que te da notorias muestras/ esta del corazón profunda llaga/ de cómo alegre a tu rigor me ofrezco,/ si por dicha conoces que merezco/ que el cielo claro de tus bellos ojos/ en mi muerte se turbe, no lo hagas:/ que no quiero que en nada satisfagas/ al darte de mi alma los despojos;/ antes con risa en la ocasión funesta/ descubre que el fin mío fue tu fiesta./ Mas gran simpleza es avisarte de esto,/ pues sé que está tu gloria conocida/ en que mi vida llegue al fin tan presto.// Venga, que es tiempo ya, del hondo abismo/ Tántalo con su sed; Sísifo venga/ con el peso terrible de su canto;/ Ticio traiga su buitre, y asimismo/ con su rueda Egïón no se detenga,/ ni las hermanas que trabajan tanto,/ y todos juntos su mortal quebranto/ trasladen en mi pecho, y en voz baja/ — si ya a un desesperado son debidas —/ canten obsequias tristes, doloridas,/ al cuerpo, a quien se niegue aun la mortaja;/ y el portero infernal de los tres rostros,/ con otras mil quimeras y mil monstros,/ lleven el doloroso contrapunto,/ que otra pompa mejor no me parece/ que la merece un amador difunto.// Canción desesperada, no te quejes/ cuando mi triste compañía dejes;/ antes, pues que la causa do naciste/ con mi desdicha aumenta su ventura,/ aun en la sepultura no estés triste.

b *Yace aquí de un amador/ el mísero cuerpo helado,/ que fue pastor de ganado,/ perdido por desamor.// Murió a manos del rigor/ de una esquiva hermosa ingrata,/ con quien su imperio dilata/ la tiranía de amor.*

terceira parte

XV

onde se conta a desgraçada aventura que dom quixote teve ao topar com uns galegos desalmados

O sábio Cide Hamete Benengeli conta que, assim que dom Quixote se despediu de seus anfitriões e de todos os que estiveram no enterro do pastor Grisóstomo, ele e seu escudeiro se meteram na mesma mata onde tinham visto a pastora Marcela sumir; e, depois de andarem mais de duas horas por ela, procurando-a por todos os lados, sem poder achá-la, foram parar num campo cheio de grama tenra, perto do qual corria um riacho fresco e agradável, que os convidou ou forçou a passar ali as horas da sesta, que já começavam inclementes.

Dom Quixote e Sancho apearam e, deixando o jumento e Rocinante pastar soltos a grama abundante que havia por ali, saquearam os alforjes e sem cerimônia alguma, em boa paz e companhia, amo e criado comeram o que neles acharam.

Sancho não havia se preocupado em pôr a peia em Rocinante, conhecendo-o como conhecia, tão manso e tão pouco libidinoso que todas as éguas das pastagens de Córdoba não o tirariam do sério. Pois ordenou a sorte, ou o diabo (que nem sempre dorme), que andasse pastando por aquele vale uma manada de potras da Galícia de uns tropeiros galegos, que têm por costume sestear com seus animais em lugares com grama e água, como aquele em que por acaso estava dom Quixote.

Então aconteceu que Rocinante teve o desejo de refestelar-se com as senhoras potras e, saindo de seu comportamento natural e

costumeiro, mal as farejou, sem pedir licença a seu dono, com um trotezinho um tanto faceiro foi até elas participar sua necessidade. Mas pelo jeito elas deviam ter mais gana de pastar que de se divertir e receberam-no com as ferraduras e com os dentes, de tal maneira que lhe arrebentaram as cinchas, e em pouco tempo acabou sem sela, em pelo. Mas o que ele deve ter sentido mais foi que os tropeiros, vendo como atacava suas éguas, acudiram com bastões e lhe deram tantas bordoadas que o derrubaram todo arrebentado.

Por aí dom Quixote e Sancho, que tinham visto a sova de Rocinante, chegaram esbaforidos, e dom Quixote disse a Sancho:

— Pelo que vejo, meu amigo Sancho, esses não são cavaleiros, mas gente da mais baixa ralé. Digo-te porque bem podes me ajudar na devida vingança à afronta feita a Rocinante diante de nossos olhos.

— Que diabo de vingança teremos — respondeu Sancho —, se eles são mais de vinte e nós não mais que dois? Se é que não somos um e meio.

— Eu valho por cem! — replicou dom Quixote.

E, sem mais discursos, passou a mão na espada e investiu contra os galegos, o mesmo fazendo Sancho Pança, incitado e movido pelo exemplo de seu amo. De saída dom Quixote deu uma cutilada num deles, que lhe abriu o saio de couro que tinha vestido e grande parte das costas.

Ao se verem atacados apenas por dois homens, sendo eles tantos, os galegos correram a seus bastões e, cercando o amo e o criado, lhes caíram em cima com muita gana e energia. A verdade é que na segunda lambada deram com Sancho no chão, e o mesmo aconteceu com dom Quixote, sem que lhe valessem sua destreza e bom ânimo, caindo por acaso aos pés de Rocinante, que ainda não havia levantado — por onde se vê a fúria com que bastões machucam em mãos rústicas e raivosas.

Vendo então o mau serviço que tinham feito, com a maior pressa que puderam os galegos carregaram a tropa e seguiram caminho, deixando os dois aventureiros em péssimo estado e pior aparência.

O primeiro que voltou a si foi Sancho Pança, que, achando-se perto de seu senhor, com voz debilitada e lamentosa disse:

— Senhor dom Quixote? Ah, senhor dom Quixote!
— O que queres, irmão Sancho? — respondeu dom Quixote com o mesmo tom abatido e queixoso de Sancho.
— Se fosse possível — respondeu Sancho Pança —, gostaria que vossa mercê me desse dois goles daquela bebida do feio Brás, se a tiver à mão: talvez seja boa para ossos quebrados como é para feridas.
— Pobre de mim, o que nos faltaria, se a tivesse aqui?! — respondeu dom Quixote. — Palavra de cavaleiro andante: eu te juro, Sancho Pança, que antes de dois dias, se o destino não ordenar outra coisa, devo tê-la em meu poder, ou então meterei os pés pelas mãos.
— Falando em pés, em quantos dias vossa mercê acha que poderemos mexer com eles? — replicou Sancho Pança.
— Só sei que não posso calcular esses dias — disse o escangalhado cavaleiro dom Quixote. — Mas a culpa é toda minha: não devia ter brandido a espada contra homens que não foram armados cavaleiros, como eu; por isso, como punição por haver infringido as leis da cavalaria, acho que o deus das batalhas permitiu que me dessem esta sova. Então, Sancho Pança, convém que estejas prevenido sobre o que te direi agora, porque é muito importante para nossa saúde: quando vires que semelhante canalha nos faz alguma afronta, não esperes que eu empunhe a espada, porque não o farei de jeito nenhum; mas tu sim, empunha a espada e castiga-os à vontade, pois se em sua ajuda e defesa surgirem cavaleiros, eu saberei te defender e atacá-los com todo o meu poder. Já viste por mil sinais e experiências até onde vai o valor deste meu forte braço.
Até aí fora a arrogância do pobre senhor com a vitória sobre o valente basco. Mas a Sancho Pança o conselho do amo não pareceu tão bom que deixasse de lhe responder:
— Senhor, eu sou homem pacífico, manso, sossegado e sei fazer de conta que não vi injúria nenhuma, porque tenho mulher e filhos para sustentar e criar. Assim, fique também vossa mercê de sobreaviso (já que não pode ser mandado): de jeito nenhum empunharei a espada, nem contra camponês nem contra cavaleiro,

e juro perante Deus que daqui por diante perdoo quantas afrontas me fizeram e vão fazer, embora as tenha feito ou faça ou fará pessoa alta ou baixa, rica ou pobre, fidalga ou plebeia, sem excetuar estado ou condição alguma.

Ouvindo isso, o amo respondeu:

— Gostaria de ter fôlego para poder falar mais descansado e que a dor que tenho nesta costela se aplacasse um pouco, Pança, para te mostrar o erro em que estás. Vem cá, pecador: se o vento da fortuna, até agora tão contrário, virar a nosso favor, soprando as velas de nosso desejo para que sem contratempo algum aportemos em segurança em alguma das ilhas prometidas, o que seria de ti se, ganhando-a eu, te fizesse senhor dela? Porás tudo a perder, por não seres cavaleiro, nem querer sê-lo, nem teres coragem nem intenção de vingar tuas injúrias e defender teus domínios. Porque deves saber que nos reinos e províncias novamente conquistados o ânimo dos nativos nunca está calmo, nem é tão favorável ao novo senhor que não se tema alguma coisa para alterar de novo a situação e voltar a tentar a sorte, como se diz. Assim, é necessário que o novo senhor tenha discernimento para saber governar e coragem para atacar e se defender em qualquer circunstância.

— Nesta em que estamos agora — respondeu Sancho —, eu gostaria de ter esse discernimento e essa coragem de que vossa mercê fala; mas, palavra de homem pobre, eu juro que estou mais para emplastros que para conversas. Veja vossa mercê se pode se levantar, e então ajudaremos Rocinante, mesmo que ele não mereça, porque foi a causa principal desta pancadaria. Jamais esperei isso de Rocinante, pois pensava que era pessoa casta e tão pacífica como eu. Enfim, bem dizem que é preciso muito tempo para se conhecer as pessoas, e que nada é seguro nesta vida. Quem haveria de dizer que depois daquelas espadadas que vossa mercê deu naquele desgraçado cavaleiro andante havia de desabar em seguida e tão rápido um temporal de pauladas em nossas costas?

— Ao menos as tuas, Sancho — replicou dom Quixote —, devem estar prontas para semelhantes temporais; mas as minhas, criadas entre algodões e linhos finos, claro que sentirão mais a dor desta desgraça. E se não fosse porque imagino… O que digo? Sei muito

bem! Se todos estes contratempos não fossem próprios do exercício das armas, eu me deixaria morrer de puro desgosto, aqui e agora.

A isso, o escudeiro respondeu:

— Senhor, já que essas desgraças são frutos da cavalaria, diga-me vossa mercê se há muitas safras, ou se tem estações limitadas, porque me parece que em duas colheitas estaremos inutilizados para a terceira, se Deus não nos socorrer com sua infinita misericórdia.

— Saibas, amigo Sancho — respondeu dom Quixote —, que a vida dos cavaleiros andantes está sujeita a mil perigos e desventuras, mas eles também estão sempre na iminência de ser reis e imperadores, como mostrou a experiência dos mais diversos cavaleiros, de cujas histórias tenho total conhecimento. Poderia te falar agora, se a dor me permitisse, de alguns que só com o valor de seu braço ascenderam à nobre posição de que falei, e estes mesmos se viram antes e depois em diversas calamidades e misérias: porque o valente Amadis de Gaula se viu em poder de seu mortal inimigo Arcalaus, o mago, de quem se sabe que, tendo-o preso, atado a uma coluna de um pátio, lhe deu mais de duzentos açoites com as rédeas de seu cavalo. E há ainda um autor anônimo, mas de não pequeno crédito, que diz que, tendo o Cavaleiro do Febo topado com certo alçapão que se abriu debaixo dos pés, em certo castelo, ao cair se achou numa caverna profunda sob a terra, amarrado de pés e mãos, e ali lhe deram um desses chamados chá de bico, com neve derretida e areia, que o deixou nas últimas. Se não fosse socorrido naquela tenebrosa desventura por um grande mago amigo seu, teria passado muito mal o pobre cavaleiro. Assim, Sancho, bem posso sofrer entre tanta gente boa, sem falar que são maiores as afrontas que suportaram do que as que enfrentamos agora. Porque quero que saibas que não humilham as feridas que se fazem com os instrumentos que por acaso se acham à mão, e isto está na lei do duelo, escrito com todas as letras: se o sapateiro dá em alguém com a forma que tem na mão, apesar de ser de madeira, não se dirá que o atingido levou uma paulada. Digo isto para que não penses que sofremos uma humilhação, embora tenhamos saído sovados desta enrascada, porque as armas com

que aqueles homens nos machucaram não eram outras senão seus bastões, e nenhum deles, pelo que me lembro, tinha estoque, espada nem punhal.

— Não tive tempo de reparar nisso — respondeu Sancho —, porque, mal botei a mão em minha *tizona*,[1] me benzeram o lombo com seus bastões de tal modo que me tiraram a vista dos olhos e a força dos pés, dando comigo onde agora estou esticado, e onde não sinto tristeza nenhuma ao pensar se as cacetadas foram ou não humilhantes, como sinto pela dor dos golpes, que vão me ficar impressos tanto na memória como no lombo.

— Apesar disso, eu te digo, meu caro Pança — replicou dom Quixote —, que não há lembrança que o tempo não apague nem dor que a morte não elimine.

— Mas que desgraça maior pode haver que aquela que se espera que o tempo apague e a morte elimine? — replicou Pança. — Se a nossa fosse daquelas que com um par de curativos se resolvem, não seria tão ruim; mas estou vendo que nem todos os emplastros de um hospital vão acabar com ela.

— Deixa-te disso e tira forças da fraqueza, Sancho — respondeu dom Quixote —, que assim farei eu, e vamos ver como está Rocinante, pois, pelo que parece, não coube ao coitado a menor parte dessa empreitada.

— Não há do que se admirar, sendo ele também cavaleiro andante — respondeu Sancho. — Do que me admiro é que meu jumento tenha ficado livre e sem custos quando nós saímos sem costelas.

— O destino sempre deixa uma porta aberta nas desgraças, para remediá-las — disse dom Quixote. — Digo isso porque esse burrinho poderá suprir agora a falta de Rocinante, levando-me daqui a algum castelo onde seja curado de minhas feridas. Mas não terei por desonra tal montaria, porque me lembro haver lido que aquele bom velho Sileno, criado e preceptor do alegre deus do riso, quando entrou na Cidade das Cem Portas cavalgava muito à vontade um burro muito formoso.[2]

— Deve ser verdade que ia montado como vossa mercê diz — respondeu Sancho —, mas há grande diferença entre ir montado e ir atravessado como um saco de esterco.

Ao que dom Quixote respondeu:
— As feridas que se recebem nas batalhas antes dão honra do que a tiram; portanto não me contraries mais, meu amigo Pança. E, como já te disse, levanta-te como puderes e põe-me em cima do burro do jeito que mais te agradar, e vamos embora antes que a noite venha e nos surpreenda neste descampado.
— Mas eu ouvi vossa mercê dizer — disse Pança — que é coisa de cavaleiros andantes dormirem nos matos e desertos a maior parte do ano, e que ficam muito felizes com isso.
— É, sim — disse dom Quixote —, mas quando não há escolha ou quando estão apaixonados. Tanto isso é verdade que houve cavaleiros que estiveram sobre um penhasco, ao sol, à sombra e às inclemências do céu, por dois anos, sem que o soubesse sua senhora. Um desses foi Amadis quando, chamando-se Beltenebros, se alojou na Peña Pobre, nem sei se oito anos ou oito meses, que não estou muito certo da conta, mas basta saber que ele esteve ali fazendo penitência por causa de não sei que desgosto que lhe fez a senhora Oriana. Deixemos disso, Sancho, e vamos lá, antes que aconteça ao jumento alguma desgraça como a de Rocinante.
— Aí sim seria o diabo — disse Sancho.
E, soltando trinta ais, sessenta suspiros, cento e vinte pragas e esconjuros para quem o levara a isso, levantou-se, ficando dobrado na metade do caminho como um arco turco, sem conseguir se endireitar. Mas, apesar de todo esse trabalho, encilhou seu burro, que também andara meio desregrado com toda a liberdade daquele dia. Depois levantou Rocinante, que, se tivesse língua com que se queixar, certamente não ficaria atrás nem de Sancho nem de seu amo.
Por fim, Sancho acomodou dom Quixote sobre o burro e atrás dele amarrou Rocinante, e puxando o burro pelo cabresto se encaminhou mais ou menos para onde lhe pareceu que podia estar a estrada real. Sem que tivesse andado uma pequena légua, a sorte, que ia guiando suas coisas de bem a melhor, deparou-o com a estrada, onde descobriu uma estalagem que, pela vontade de dom Quixote e contra a própria, havia de ser um castelo. Sancho teimava que era estalagem e seu amo que não, que era castelo; e tanto durou a

teima que tiveram tempo, sem acabá-la, de chegar ao local. Sancho entrou, sem mais averiguações, com toda a sua tropa.

xvi

do que aconteceu ao engenhoso fidalgo na estalagem que ele imaginava ser castelo

O estalajadeiro, que viu dom Quixote atravessado no burro, perguntou a Sancho de que mal ele sofria. Sancho respondeu que não era nada, que havia caído de um penhasco e que vinha com as costelas um pouco maltratadas. O estalajadeiro tinha uma mulher não do tipo que costumam ter, porque era caritativa e se condoía das desgraças do próximo; e assim, tratou logo de cuidar de dom Quixote, com a ajuda de uma filha donzela, moça e de muito boa aparência. Também servia na estalagem uma moça asturiana, de cara larga, pescoço curto, nariz chato, vesga de um olho e não muito sã do outro. É verdade que a imponência do corpo supria os demais defeitos: não tinha sete palmos dos pés à cabeça e as costas, que lhe pesavam um pouco, faziam-na olhar o chão mais do que ela gostaria. Pois essa galante moça ajudou a donzela. As duas fizeram uma péssima cama para dom Quixote num sótão que dava visíveis mostras de que havia servido de palheiro por muitos anos em outros tempos, onde também se alojava um tropeiro que tinha sua cama um pouco depois da de nosso dom Quixote e que, embora fosse feita com as enxergas e mantas de seus burros, levava grande vantagem à do cavaleiro, que tinha apenas quatro mal aplainadas tábuas sobre dois bancos não muito parelhos; um colchão que na espessura parecia colcha, cheio de caroços, que se não mostrasse a lã por alguns rasgões, pelo tato e pela dureza se pensaria que era recheado com cascalho; dois lençóis feitos de

couro de adarga e um cobertor, cujos fios podiam ser contados sem que nenhum escapasse da conta.

Nessa cama amaldiçoada se deitou dom Quixote, e logo a estalajadeira e sua filha cobriram-no de pomada de cima a baixo, iluminadas por Maritornes, que assim se chamava a asturiana; e, como a estalajadeira visse dom Quixote com tantas equimoses, disse que aquilo parecia mais de pancadas que de queda.

— Não foram pancadas. É que o penhasco era cheio de pontas e saliências, e cada uma fez seu machucado — disse Sancho.

E depois acrescentou:

— Se vossa mercê desse um jeito para que sobrassem alguns curativos, minha senhora, não faltaria quem precisasse deles, pois eu também tenho o lombo um pouco dolorido.

— Quer dizer — respondeu a estalajadeira — que também caístes?

— Não caí, não — disse Sancho Pança. — Mas me dói o corpo todo do susto que levei ao ver meu amo cair, que até parece que me deram mil pauladas.

— Podia muito bem ser isso — disse a donzela —, porque já me aconteceu muitas vezes de sonhar que caía de uma torre, sem nunca chegar ao chão, mas quando acordava me achava tão moída e amarrotada como se tivesse caído de verdade.

— Este é o ponto, senhora — respondeu Sancho Pança —, pois eu, sem sonhar nem nada, estando mais acordado que agora, acho-me com pouco menos equimoses que meu senhor dom Quixote.

— Como se chama este cavaleiro? — perguntou a asturiana Maritornes.

— Dom Quixote de la Mancha — respondeu Sancho Pança. — É cavaleiro aventureiro, e dos melhores e mais fortes, que há muito tempo não se viam no mundo.

— O que é um cavaleiro aventureiro? — replicou a moça.

— Tão nova sois no mundo que não sabeis? — respondeu Sancho Pança. — Então sabei, minha irmã, que cavaleiro aventureiro é uma coisa que em dois lances se vê espancado e imperador: hoje é a criatura mais desgraçada e desvalida do mundo; amanhã terá dois ou três tronos de reinos para dar a seu escudeiro.

— Mas como vós, sendo escudeiro deste tão bom senhor — disse a estalajadeira —, não tendes, pelo visto, nem mesmo um condado?

— Ainda é cedo — respondeu Sancho —, porque só faz um mês que andamos em busca de aventuras e até agora não topamos com nenhuma para valer; e às vezes se procura uma coisa e se acha outra. A verdade é que se meu senhor dom Quixote sarar dessa ferida… ou queda, e eu não sair aleijado, não trocaria minhas esperanças pelo melhor título da Espanha.

Dom Quixote escutava muito atento toda essa conversa e, sentando-se como pôde na cama, pegou a mão da estalajadeira e disse:

— Crede-me, formosa senhora, que podeis vos chamar venturosa por haverdes alojado em vosso castelo minha pessoa, que só não gabo porque se costuma dizer que o elogio em causa própria envilece; mas meu escudeiro vos dirá quem sou. Apenas vos digo que, para vos agradecer enquanto me durar a vida, terei eternamente escrito na memória o serviço que me haveis prestado. E se aos altos céus agradasse que o amor não me tivesse cativo, tão rendido e sujeito às suas leis e aos olhos daquela formosa ingrata, cujo nome falo entre dentes, juro que os desta linda donzela seriam senhores de minha liberdade.

Ficaram confusas a estalajadeira, sua filha e a boa Maritornes ouvindo as palavras do cavaleiro andante, que entendiam como se ele falasse grego, ainda que percebessem muito bem que todas levavam jeito de galanteios e de que ele se punha a seu dispor. Como não estavam acostumadas com semelhante linguagem, olhavam para ele e se admiravam, porque não se parecia com os homens que conheciam. Depois o deixaram, agradecendo suas atenções no baixo calão das estalagens, e a asturiana Maritornes tratou de Sancho, que não necessitava disso menos que seu amo.

O tropeiro havia combinado com ela que naquela noite se divertiriam juntos e ela tinha dado sua palavra de que iria ter com ele, quando os hóspedes se aquietassem e seus amos dormissem, para satisfazer-lhe o apetite o quanto fosse preciso. E conta-se dessa boa moça que jamais deu sua palavra sem que a cumprisse, embora a desse no meio do mato e sem testemunha alguma,

porque se achava muito fidalga, e não considerava humilhante estar naquele serviço na estalagem, porque, dizia ela, desgraças e contratempos a tinham levado àquele estado.

A dura, estreita, curta e pérfida cama de dom Quixote estava logo à entrada daquele estrelado telheiro, e Sancho fez a sua perto dela com apenas uma esteira de junco e uma manta, que mais parecia de estopa que de lã. Depois dessas duas camas vinha a do tropeiro, fabricada, como se disse, com as enxergas e todos os atavios dos dois melhores burros que ele tinha, embora fossem doze, lustrosos, gordos e excelentes, porque ele era um dos tropeiros ricos de Arévalo, conforme diz o autor desta história, que o menciona de modo particular, pois o conhecia muito bem e até se diz que era meio parente seu. Sem falar que Cide Mahamate Benengeli foi historiador muito cuidadoso e muito detalhista em todas as coisas, o que se nota bem, pois as que foram referidas, mesmo sendo tão pequenas e rasteiras, não quis que passassem em silêncio; bem poderão seguir o exemplo os historiadores sérios, que nos contam as ações tão rápida e sucintamente que mal dá para sentir o gostinho, deixando no tinteiro, ou por descuido, malícia ou ignorância, o mais substancial da obra. Mil vezes preferível o autor de *Tablante de Ricamonte*, e aquele do outro livro onde se contam as façanhas do conde Tomillas[1] — com que minúcia descrevem tudo!

Digo, então, que o tropeiro, depois de ter visitado sua tropa e dado a ela uma segunda porção de ração, se estendeu em suas enxergas e ficou à espera de sua pontualíssima Maritornes. Sancho já estava tratado e deitado, mas, embora procurasse dormir, não o consentia a dor nas costelas; e dom Quixote, com a dor das suas, tinha os olhos abertos que nem lebre. Toda a estalagem estava em silêncio e não havia nela outra luz além da que dava uma lamparina que ardia pendurada no meio do alpendre.

Essa extraordinária quietude e os pensamentos de nosso cavaleiro, sempre fixos nas coisas que a todo momento se falam nos livros causadores de sua desgraça, trouxe à mente dele uma das mais estranhas loucuras que facilmente se pode imaginar: acreditou ter chegado a um famoso castelo (como lhe pareciam

todas as estalagens onde se alojava) e que a filha do estalajadeiro era a filha do castelão. Ela, vencida por seu garbo, tinha se apaixonado por ele e prometido que naquela noite, às escondidas de seus pais, viria se deitar com ele por um bom tempo. Tendo toda essa quimera que fabricara por certa e verdadeira, começou a se afligir e a pensar no perigoso apuro em que sua honestidade ia se ver, e decidiu no fundo de seu coração não trair sua senhora Dulcineia del Toboso, mesmo que a própria rainha Guinevere com sua dama Quintañona surgissem a sua frente.

Pensando nesses disparates, chegou a hora e a vez (fatal para ele) da vinda da asturiana, que, de camisola e descalça, os cabelos metidos numa touca de fustão, com passos silenciosos e precavidos, entrou no aposento onde os três estavam, em busca do tropeiro. Mas dom Quixote a percebeu mal ela chegou à porta e, sentando-se na cama, apesar de seus emplastros e da dor nas costelas, estendeu os braços para receber sua formosa donzela. A asturiana, que ia quietinha e toda encolhida, as mãos estendidas procurando seu querido, topou com os braços de dom Quixote, que a agarrou fortemente por um pulso e, puxando-a para si, sem que ela ousasse dizer uma palavra, a fez sentar na cama. Depois apalpou sua camisola, que, embora fosse de estopa, a ele pareceu de seda muito fina e leve. Maritornes trazia nos pulsos umas contas de vidro, que deram a ele visões de preciosas pérolas orientais. Os cabelos, que mais pareciam crinas, ele sentiu como fios de cintilante ouro da Arábia, cujo resplendor obscurecia o do próprio sol. O hálito sem dúvida alguma cheirava a salada estragada de ontem, mas a ele pareceu que a boca da moça exalava um aroma suave. Enfim, ele a pintou em sua imaginação com a mesma aparência e do mesmo modo que havia lido em seus livros sobre a outra princesa que veio ver o gravemente ferido cavaleiro, vencida por seu amor, com todos os adornos que aqui se menciona. E era tanta a cegueira do pobre fidalgo que nada o desiludiu, nem o tato nem o bafo nem outras coisas que a boa donzela trazia, que poderiam fazer um outro vomitar se não fosse tropeiro; pelo contrário, pensava que tinha a deusa da formosura entre os braços. E, tendo-a bem segura, com voz amorosa e baixa começou a lhe dizer:

— Gostaria, formosa e nobre senhora, de achar-me em situação de poder retribuir tamanha mercê como a que me haveis feito com a visão de vossa grande formosura. Mas quis o destino, que não se cansa de perseguir os bons, prostrar-me neste leito, onde me acho tão abatido e alquebrado que, mesmo que minha vontade quisesse satisfazer a vossa, seria impossível. E mais, porque a esta impossibilidade se soma outra maior, a fidelidade que jurei à incomparável Dulcineia del Toboso, única senhora de meus mais recônditos pensamentos. Se isso não estivesse entre nós, eu não seria um cavaleiro tão louco que deixasse passar em branco a venturosa ocasião em que vossa grande generosidade me pôs.

Maritornes estava aflita e suando frio, ao se ver agarrada assim por dom Quixote, e, sem entender nem prestar atenção ao discurso que lhe fazia, procurava escapar sem dizer uma palavra. O bom do tropeiro, a quem os maus desejos mantinham acordado, percebeu sua amante desde o momento em que ela cruzou a porta e ficou escutando atentamente tudo o que dom Quixote dizia. Com ciúmes porque a asturiana tinha lhe faltado com a palavra por causa de outro, foi se aproximando mais da cama de dom Quixote e ficou quieto, até ver no que dava aquele palavreado que ele não conseguia entender. Mas, como viu que a moça forcejava para se soltar e dom Quixote trabalhava para retê-la, não gostou da travessura, levantou o braço e descarregou tão terrível murro nos estreitos queixos do apaixonado cavaleiro que lhe banhou toda a boca de sangue; e, não satisfeito com isso, saltou-lhe sobre as costelas e, a trote, passeou por elas de cabo a rabo.

A cama, que era um tanto frágil e não muito firme na base, não aguentou o contrapeso do tropeiro e se foi ao chão, e o barulho acordou o estalajadeiro, que logo imaginou ser coisa de Maritornes, porque, tendo-a chamado aos gritos, ela não respondera. Com essa suspeita, levantou-se e, acendendo um candeeiro, se foi para onde percebera a balbúrdia. A moça, vendo que seu amo vinha, e que era de um gênio terrível, toda medrosa e agitada se refugiou na cama de Sancho Pança, que ainda dormia, e ali se aconchegou, encolhendo-se feito um novelo. O estalajadeiro entrou dizendo:

— Onde estás, puta?! Garanto que andas fazendo das tuas!

Aí Sancho acordou e, sentindo aquele vulto quase em cima de si, pensou que estava num pesadelo e começou a dar murros para todos os lados, acertando não sei quantos em Maritornes. Ela, com a dor, deixou a decência para lá e deu o troco a Sancho com tantos murros que, malgrado seu, lhe tirou o sono por completo. Ele, vendo-se tratar daquela maneira, e sem saber por quem, levantou-se como pôde e se abraçou com Maritornes, travando-se entre eles a mais renhida e engraçada escaramuça do mundo.

O tropeiro, vendo à luz do candeeiro onde andava sua dama, deixou dom Quixote para socorrê-la. O mesmo fez o estalajadeiro, mas com intenção diferente, porque foi castigar a moça, acreditando sem dúvida que apenas ela era o motivo de toda aquela harmonia. E assim, como se costuma dizer que "o gato no rato, o rato na aranha, a aranha na mosca, a mosca na velha e a velha a fiar", o tropeiro dava em Sancho, Sancho na moça, a moça nele, o estalajadeiro na moça, todos com tanta fúria que nem tomavam fôlego. E foi melhor ainda quando o candeeiro se apagou: no escuro, batiam em quem pegasse, tão sem compaixão que onde acertavam a mão não deixavam nada inteiro.

Por acaso naquela noite estava na estalagem um quadrilheiro da chamada Santa Irmandade Velha de Toledo. Também ouvindo o singular estrondo da briga, agarrou sua meia vara, o cilindro de flandres de seus títulos[2] e entrou no aposento escuro, dizendo:

— Parem em nome da justiça! Parem em nome da Santa Irmandade!

E o primeiro com quem topou foi com o esmurrado dom Quixote, que estava em sua cama caída, esticado de costas, sem sentidos; e, agarrando-lhe as barbas às cegas, não parava de dizer:

— Ajudem a justiça!

Mas, vendo que aquele que agarrara não se mexia nem nada, pensou que estava morto e que os que estavam ali dentro eram os assassinos. Com essa suspeita, engrossou a voz e disse:

— Tranquem a porta da estalagem! Cuidado, que não saia ninguém! Mataram um homem aqui!

Esse grito assustou a todos, e cada um deixou a briga no ponto em que estava quando o escutou. O estalajadeiro se retirou para

seu aposento, o tropeiro para suas enxergas, a moça para seu quarto — apenas os infelizes dom Quixote e Sancho não puderam se mover de onde estavam. Então o quadrilheiro largou a barba de dom Quixote e saiu em busca de luz, para achar e prender os delinquentes; mas não a encontrou, porque o estalajadeiro havia apagado de propósito a lamparina quando se retirou; o quadrilheiro foi forçado a recorrer à lareira, onde, com muito trabalho e tempo, acendeu outro candeeiro.

xvii

onde prosseguem as inumeráveis atribulações que o bravo dom quixote de la mancha e seu bom escudeiro sancho pança passaram na estalagem, que o fidalgo, para mal de seus pecados, pensou que era castelo

A essas alturas dom Quixote já tinha se recuperado do desmaio e, com o mesmo tom de voz com que havia chamado seu escudeiro no dia anterior, quando estava estendido no vale dos bastões, começou a chamá-lo, dizendo:

— Sancho, meu amigo, dormes? Dormes, meu amigo Sancho?

— Dormir, eu?! Pobre de mim — respondeu Sancho, cheio de angústia e rancor —, até parece que todos os diabos se divertiram comigo esta noite!

— Podes crer, sem dúvida — responde dom Quixote —, porque ou sei pouco ou este castelo é encantado. Deves saber… Mas tens de jurar que manterás em segredo até minha morte o que quero te dizer agora.

— Sim, juro — respondeu Sancho.

— Digo-o — replicou dom Quixote — porque sou inimigo de que se manche a honra de alguém.

— Sim — repetiu Sancho —, juro que calarei até o fim dos dias de vossa mercê, mas, se Deus quiser, que eu possa contar amanhã.

— Tantos males te causo, Sancho — respondeu dom Quixote —, que queres me ver morto tão depressa?

— Não é por isso — respondeu Sancho —, mas porque sou inimigo de guardar muito as coisas, e não gostaria que apodrecessem aqui dentro.

— Seja como for — disse dom Quixote —, confio em teu amor e em tua cortesia. Por isso, saibas que esta noite me aconteceu uma das mais estranhas aventuras que eu poderei enaltecer: para ser breve, saibas que há pouco veio ter comigo a filha do senhor deste castelo, que é a mais graciosa e linda donzela que se pode achar em grande parte da terra. O que poderia te dizer dos ornamentos de sua pessoa? O que dizer de seu espantoso discernimento? O que dizer de outras coisas ocultas, que, para manter a fidelidade devida a minha senhora Dulcineia del Toboso, deixarei passar intactas e em silêncio? Quero te dizer apenas que o céu, invejoso de toda a ventura que o destino me havia posto nas mãos, ou talvez (isso é o mais provável) por este castelo estar encantado, como disse, no instante em que eu estava com ela em dulcíssimas e amorosíssimas conversas, sem que eu visse nem soubesse por onde vinha, surgiu uma mão presa ao braço de algum gigante descomunal e me acertou um murro nos queixos, mas um murro, Sancho, que ainda os tenho banhados em sangue; e depois me moeu de tal modo que estou pior do que ontem quando os galegos, por causa das folias de Rocinante, nos fizeram a afronta que bem lembras. Disso deduzo que algum mouro encantado deve guardar o tesouro da formosura dessa donzela, que não deve ser para mim.

— Para mim também não — respondeu Sancho —, pois mais de quatrocentos mouros me espancaram de tal maneira que a sova dos bastões foi travessura de criança. Mas diga-me, senhor, como chama essa aventura de boa e estranha, tendo saído dela como saímos? Vossa mercê pelo menos teve nos braços aquela incomparável formosura de que falou, mas eu, o que tive senão as maiores porradas que penso receber em toda a minha vida? Pobre de mim e da mãe que me pariu, que não sou cavaleiro andante nem penso ser jamais, e de todas as mal-andanças me cabe sempre a pior parte!

— Quer dizer que também foste surrado? — perguntou dom Quixote.

— Diacho, já não lhe disse que sim?! — disse Sancho.

— Não fiques triste, meu amigo — disse dom Quixote —, porque agora mesmo farei o precioso bálsamo que nos curará num piscar de olhos.

Nisto, o homem da Santa Irmandade acabou de acender o candeeiro e voltou para ver aquele que dera por morto. Sancho, vendo-o entrar, muito mal-encarado, de camisolão, com uma touca na cabeça e o candeeiro na mão, perguntou a seu amo:

— Senhor, por acaso não será o mouro encantado? Vai ver, não acabou o serviço e volta para nos castigar.

— Não pode ser o mouro — respondeu dom Quixote —, porque os encantados não se deixam ver por ninguém.

— Se não se deixam ver, deixam-se sentir — disse Sancho —, que o digam meus lombos.

— Também os meus poderiam dizer — respondeu dom Quixote —, mas isso não é indício suficiente para se pensar que esse aí seja o mouro encantado.

O quadrilheiro chegou e ficou pasmo ao achá-los naquela conversa mansa. Mas é bem verdade que dom Quixote ainda estava de barriga para cima sem poder se mexer, de tão moído e emplastrado. O quadrilheiro se aproximou dele e disse:

— Então, como vai, bom homem?[1]

— Se eu fosse vós, seria mais bem-educado — respondeu dom Quixote. — É costume nesta terra falar assim com os cavaleiros andantes, sua besta?

O quadrilheiro, vendo-se tratar tão mal por um homem com aquela péssima aparência, não se aguentou e, levantando o candeeiro com todo o seu azeite, deu com ele na cabeça de dom Quixote, deixando-o muito bem escalavrado. E, como tudo ficou às escuras, saiu às pressas.

Sancho Pança disse:

— Sem dúvida, senhor, este é o mouro encantado. Deve guardar o tesouro para outros, e para nós guarda apenas os murros e os candeeiraços.

— É verdade — respondeu dom Quixote. — Mas não devemos fazer caso dessas coisas de encantamentos, nem ficar com raiva

nem nos irritarmos com elas porque, como são invisíveis e fantásticas, não acharemos de quem nos vingar, por mais que procuremos. Levanta-te, Sancho, se puderes, e chama o alcaide desta fortaleza e vê se me arranjam um pouco de azeite, vinho, sal e alecrim para fazer o bálsamo revigorante, pois na verdade acho que estou bem necessitado dele: está escorrendo muito sangue da ferida que o fantasma me fez.

Sancho se levantou com muita dor nos ossos e saiu, às escuras, em busca do estalajadeiro; mas, encontrando o quadrilheiro, que escutava para ver o que faria seu inimigo, lhe disse:

— Senhor, quem quer que sejais, fazei-nos o favor e benefício de nos dar um pouco de alecrim, azeite, sal e vinho, que é preciso para curar um dos melhores cavaleiros andantes que há na terra e jaz naquela cama, gravemente ferido pelas mãos do mouro encantado que está nesta estalagem.

Quando o quadrilheiro ouviu isso, achou que Sancho não tinha miolos; como já começava a amanhecer, abriu a porta da estalagem e, chamando o estalajadeiro, disse a ele o que aquele bom homem queria. O estalajadeiro lhe deu tudo quanto quis, e Sancho o levou para dom Quixote, que estava com as mãos na cabeça, queixando-se da dor do candeeiraço, que não havia feito outro mal que lhe levantar dois galos de bom tamanho, e o que ele pensava ser sangue não era senão suor, que lhe brotava devido à agonia da tormenta passada.

Enfim, recebeu os ingredientes e, misturando-os todos, fez um composto que cozinhou por um bom tempo, até que pensou que estava no ponto. Pediu então uma garrafa para guardá-lo, mas, como não havia nenhuma na estalagem, resolveu pô-lo numa almotolia ou azeiteira de lata, que o estalajadeiro lhe presenteou com prazer. Depois rezou sobre a azeiteira mais de oitenta padre-nossos e outras tantas ave-marias, salve-rainhas e credos, acompanhando cada palavra com um sinal da cruz, à maneira de benzedura. A tudo isso assistiam Sancho, o estalajadeiro e o quadrilheiro, porque o tropeiro tinha ido calmamente tratar de seus burros.

Feito isso, o próprio fidalgo quis experimentar de uma vez a virtude que ele imaginava ter aquele bálsamo precioso e assim bebeu do que sobrara na panela onde havia fervido, por não caber na azeiteira: quase um litro. Mal acabou de beber, começou a vomitar tanto que nada lhe ficou no estômago; e, com as ânsias e contrações do vômito, suou copiosamente; e por isso ordenou que o agasalhassem e o deixassem sozinho. Assim fizeram, e ele dormiu mais de três horas; quando acordou, sentiu o corpo aliviadíssimo, a tal ponto melhor de sua prostração que se deu por curado, acreditando verdadeiramente que acertara o bálsamo de Ferrabrás e que dali por diante, com aquele remédio, podia enfrentar sem temor algum quaisquer desastres, batalhas e lutas, por mais perigosos que fossem.

Sancho Pança, que também considerou milagre a melhora do amo, pediu que lhe desse o que ainda restava na panela, que não era pouco. Dom Quixote concordou e ele, pegando-a com ambas as mãos, com toda a fé e boa vontade, emborcou com sofreguidão um pouco menos que seu amo. Mas acontece que o estômago do pobre Sancho não devia ser tão delicado quanto o de seu amo e assim, em vez de vomitar, o escudeiro teve tantas ânsias e cólicas, com tantos suores e tonteiras, que pensou que realmente tinha chegado sua hora derradeira; e, vendo-se tão aflito e agoniado, maldizia o bálsamo e o patife que o tinha dado. Vendo-o assim, dom Quixote lhe disse:

— Eu acho, Sancho, que todo este mal te acontece por não teres sido armado cavaleiro, pois esta bebida não deve ser boa para os que não o são.

— Se vossa mercê sabia disso — replicou Sancho —, por que permitiu que a provasse?! Maldito seja eu e toda a minha parentela!

Bem aí a beberagem fez efeito e o pobre escudeiro começou a desaguar pelos dois canais, com tanta rapidez que a esteira de junco onde voltara a se deitar e a manta de estopa com que se cobria ficaram imprestáveis. Suava e tressuava com tais paroxismos e vertigens que não apenas ele como todos pensaram que sua vida se acabava. Esse temporal durou quase duas horas e no fim ele não

ficou como seu amo, mas tão abatido e alquebrado que nem se aguentava.

Mas dom Quixote, que se sentiu aliviado e são, como se disse, quis partir de uma vez em busca de aventuras, parecendo-lhe que todo o tempo que ali se demorava era roubado ao mundo e aos necessitados de seu favor e amparo, ainda mais agora, com a confiança que tinha em seu bálsamo. Então, forçado por esse desejo, ele mesmo encilhou Rocinante e preparou o jumento de seu escudeiro, a quem ajudou a se vestir e a montar. Pôs-se logo a cavalo e, aproximando-se de um canto da estalagem, agarrou um chuço que estava ali, para que lhe servisse de lança.

Ficaram olhando-o todos os que se achavam na estalagem, mais de vinte pessoas. Também o olhava a filha do estalajadeiro, e ele não tirava os olhos dela, às vezes dando um suspiro que parecia que arrancava do fundo das entranhas, o que levava todos a pensar que era por causa da dor que sentia nas costelas, ou pelo menos assim pensavam os que o tinham visto cheio de emplastros na noite anterior.

Estando os dois a cavalo, na porta da estalagem, dom Quixote chamou o estalajadeiro e lhe disse, com voz grave e muito calma:

— Muitas e muito grandes são as mercês, senhor alcaide, que recebi neste vosso castelo, e me sinto obrigadíssimo a agradecê-las todos os dias de minha vida. Se puder pagá-las vingando-vos de algum soberbo que vos tenha feito alguma afronta, sabei que meu ofício não é outro senão valer pelos que podem pouco: lutar pelos humilhados e castigar as traições. Examinai vossa memória e, se achardes alguma coisa dessa natureza que me encomendar, basta dizê-la, que eu vos prometo, pela ordem de cavaleiro que recebi, satisfazer e reparar plenamente vosso desejo.

O estalajadeiro respondeu com a mesma calma:

— Senhor cavaleiro, eu não tenho necessidade de que vossa mercê me vingue nenhuma afronta, porque sei me vingar como se deve, quando me ofendem. Só é necessário que vossa mercê me pague o gasto que fez nesta estalagem, esta noite, como o jantar e as camas, mais a palha e a cevada para seus animais.

— O quê?! — replicou dom Quixote. — Isto é uma estalagem?

— E muito honrada — respondeu o estalajadeiro.

— Vivi enganado até agora — respondeu dom Quixote —, pois na verdade pensei que era um castelo, e não dos piores. Contudo, se não é castelo, mas estalagem, o que poderá se fazer é que me perdoeis a dívida, porque não posso contrariar a ordem dos cavaleiros andantes, dos quais sei com certeza, sem ter lido até hoje nada em contrário, que nunca pagaram pousada nem outra coisa nas estalagens em que estiveram, pois se deve a eles por lei e por direito qualquer acolhimento que lhes façam, em pagamento pelo insuportável trabalho que padecem buscando aventuras de noite e de dia, no inverno e no verão, a pé e a cavalo, com sede e com fome, com calor e com frio, sujeitos a todas as inclemências do céu e a todos os incômodos da terra.

— Não tenho nada a ver com isso — respondeu o estalajadeiro. — Pague o que me deve, e deixemos de histórias e de cavalarias, pois nada mais me interessa que cobrar meus serviços.

— Sois demente e mau hospedeiro — respondeu dom Quixote.

E, metendo a espora em Rocinante, o chuço apoiado no ombro, se foi da estalagem, distanciando-se um bom pedaço sem ver se seu escudeiro o seguia.

Ao vê-lo ir sem pagar, o estalajadeiro tratou de cobrar de Sancho Pança, que disse que, se seu senhor não quisera pagar, também ele não pagaria, pois sendo escudeiro de cavaleiro andante, como era, valia para ele a mesma regra e razão que para seu amo: não pagar coisa alguma nas estalagens e hospedarias. O estalajadeiro se irritou muito com isso e o ameaçou: se não pagasse por bem, pagaria por mal. Sancho respondeu que, pela lei da cavalaria que seu amo professava, não pagaria um só tostão, mesmo que lhe custasse a vida, porque não havia de ser por causa dele que se perderia a boa e antiga tradição dos cavaleiros andantes, nem iriam se queixar dele os escudeiros que estavam por vir ao mundo, censurando-o pela quebra de norma tão justa.

Quis a má sorte do desgraçado Sancho que entre as pessoas que estavam na estalagem se achassem quatro cardadores de Segóvia, três fabricantes de agulhas do Potro de Córdoba e dois moradores da Feira de Sevilha — gente alegre, bem-intencionada, maliciosa e

brincalhona —, que, instigados e movidos quase que pelo mesmo espírito, se aproximaram de Sancho, apearam-no do burro e com ele entraram na casa. Um deles foi pegar a manta da cama do hóspede, na qual atiraram Sancho, mas, levantando os olhos, viram que o teto era um pouco mais baixo que o necessário para o serviço e decidiram ir para o pátio, que tinha o céu por limite. Lá, com Sancho no meio da manta, começaram a atirá-lo para cima, divertindo-se com ele como se faz com os cachorros no carnaval.

Os berros do miserável manteado foram tantos que chegaram aos ouvidos de seu amo, que, detendo-se para escutar atentamente, pensou que aí vinha uma nova aventura, até que percebeu claramente que era seu escudeiro que gritava. Virou as rédeas e, galopando a custo, chegou à estalagem; achando-a fechada, rodeou-a, para ver se encontrava por onde entrar; mas, mal havia se aproximado dos muros do pátio, que não eram muito altos, viu a peça que pregavam a seu escudeiro. Viu Sancho descer e subir pelo ar, com tanta graça e rapidez que, se a cólera lhe permitisse, penso que teria rido. Tentou passar do cavalo para a borda do muro, mas estava tão abatido e alquebrado que não pôde nem apear; e assim, de cima do cavalo, começou a dizer tantos vitupérios e palavrões aos que manteavam Sancho que não é possível escrevê-los aqui. Nem por isso eles pararam com o riso e com o serviço, nem o voador Sancho deixava suas queixas, às vezes misturadas com ameaças, às vezes com súplicas. Mas nada disso adiantou e só o deixaram de puro cansaço.

Trouxeram-lhe o burro, montaram-no e embrulharam-no com seu gabão, mas a compassiva Maritornes, vendo-o tão acabado, achou por bem socorrê-lo com um jarro de água, que trouxe do poço, por ser mais fria. Sancho o pegou, mas se deteve ao levá-lo à boca, porque seu amo lhe gritava:

— Sancho, meu filho, não bebas água; não bebas, filho, que te matará. Vês? Aqui tenho o santíssimo bálsamo — e lhe acenava com a azeiteira da beberagem. — Com duas gotas dele sem dúvida ficarás curado.

A esses gritos, Sancho olhou atravessado para seu amo e disse, com gritos mais altos ainda:

— Por acaso vossa mercê esqueceu que não sou cavaleiro?! Ou quer que eu vomite as tripas que me sobraram esta noite? Com todos os diabos, guarde seu bálsamo e me deixe em paz!

Acabar de dizer isso e começar a beber foi uma coisa só; mas como, no primeiro gole, viu que era água, não quis continuar e pediu a Maritornes que lhe trouxesse vinho. E ela de muito boa vontade o trouxe, pagando-o com seu próprio dinheiro, pois de fato se diz dela que, embora estivesse naquela vida, ainda tinha alguma sombra ou vestígio de cristã.

Mal Sancho acabou de beber, deu com os calcanhares no burro e, abrindo o portão da estalagem de par em par, saiu dela muito contente por não ter pago nada como era sua intenção, embora tenha sido à custa de seus habituais fiadores, os lombos. A verdade é que o estalajadeiro ficou com seus alforjes, em pagamento pelo que devia; mas Sancho nem se deu conta, de tão perturbado que estava. O estalajadeiro quis trancar a porta assim que o viu fora, mas os manteadores não permitiram, porque eram pessoas que, mesmo se dom Quixote fosse realmente um dos cavaleiros da Távola Redonda, não dariam dois tostões por ele.

xviii

onde se conta a conversa de sancho pança com seu senhor dom quixote, com outras aventuras dignas de ser narradas

Sancho alcançou seu amo, mas tão murcho e desanimado que não podia nem apressar o jumento. Quando o viu assim, dom Quixote disse a ele:

— Agora sim me convenci, meu bom Sancho, de que aquele castelo ou estalagem é encantado, pois o que poderiam ser aqueles que tão atrozmente se divertiram contigo senão fantasmas e gente do outro mundo? A prova disso é que, quando eu estava assistindo aos atos de tua triste tragédia por cima do muro do pátio, não pude subir nele, nem mesmo apear de Rocinante, porque deviam ter me encantado. Se eu pudesse subir, ou apear-me, juro que teria te vingado e de tal maneira que aqueles patifes e canalhas se lembrariam da travessura para sempre, mesmo sabendo que nisso contrariava as leis da cavalaria, que, como já te disse muitas vezes, não consentem que um cavaleiro levante a mão contra quem não o seja, exceto em defesa da própria vida e pessoa, em caso de urgente e grande necessidade.

— Eu também me vingaria se pudesse, fosse ou não fosse armado cavaleiro; mas não pude, mesmo achando que aqueles que se divertiram comigo não eram fantasmas nem homens encantados, como diz vossa mercê, e sim homens de carne e osso como nós. Todos tinham nome, porque ouvi se chamarem, quando me faziam de joguete: um era Pedro Martínez, outro Tenório Hernández, e o estalajadeiro Juan Palomeque, o Canhoto. Então, senhor, não poder

pular o muro do pátio nem apear do cavalo foi por outra coisa, não por encantamentos. E o que tiro a limpo de tudo isso é que essas aventuras que andamos buscando vão nos trazer tantas desventuras que no fim das contas não saberemos nem qual é nosso pé direito. E o melhor e mais acertado, segundo meu pouco entendimento, seria voltarmos para casa, agora que é tempo de colheita, e trabalhar na fazenda, deixando de andar de um lado para outro como mosca tonta e pulando da frigideira para o fogo, como se diz.

— Como sabes pouco, Sancho, dos percalços da cavalaria! — respondeu dom Quixote. — Cala e tem paciência, que dia virá em que verás com teus próprios olhos que coisa honrosa é andar neste exercício. Senão, diz-me: que maior contentamento pode haver no mundo, ou que prazer pode se igualar ao de vencer uma batalha e triunfar sobre o inimigo? Nenhum, sem dúvida alguma.

— Deve ser assim — respondeu Sancho —, embora eu não o saiba. Só sei que depois que somos cavaleiros andantes, ou vossa mercê é (pois não há por que eu me incluir em relação tão honrosa), jamais vencemos batalha alguma, a não ser a do basco, e mesmo naquela vossa mercê saiu com meia orelha e meio elmo de menos. De lá para cá tudo foram bordoadas e mais bordoadas, murros e mais murros, de quebra eu servindo de joguete nas mãos de pessoas encantadas, de quem não posso me vingar para saber até onde chega o gosto de vencer o inimigo, como vossa mercê diz.

— Essa é minha mágoa e deve ser a tua, Sancho — respondeu dom Quixote. — Mas daqui por diante vou procurar ter nas mãos uma espada, feita com tal maestria que não se possa fazer nenhum gênero de encantamento àquele que a levar consigo. E até podia ser que a sorte me deparasse com aquela de Amadis,[1] quando se chamava Cavaleiro da Espada Ardente, que foi uma das melhores espadas que algum cavaleiro teve no mundo, porque, além de ter a virtude de que falei, cortava como uma navalha e não havia armadura, por mais forte e encantada que fosse, que aguentasse à sua frente.

— Eu tenho tanta sorte que — disse Sancho —, se isso acontecesse e vossa mercê viesse a achar semelhante espada, só

seria de proveito para os armados cavaleiros, como o bálsamo. Quanto aos escudeiros, que o diabo os carregue!

— Não tenhas medo, Sancho — disse dom Quixote —, que Deus é grande.

Nessa conversa iam dom Quixote e seu escudeiro, quando o fidalgo viu que, pela estrada que trilhavam, se aproximava uma grande e espessa nuvem de poeira; e então se virou para Sancho e disse:

— Este é o dia, Sancho, em que há de se ver o bem que o destino tem me reservado. Este é o dia, repito, em que se há de mostrar como em nenhum outro o valor de meu braço: dia em que empreenderei façanhas que ficarão escritas no livro da fama por todos os séculos futuros. Vês aquela poeirada que se levanta ali, Sancho? Pois toda ela está coalhada de um tremendo exército de diversas e inumeráveis tropas que vêm marchando.

— Por essa conta, devem ser dois — disse Sancho —, porque deste outro lado também se levanta uma poeirada semelhante.

Dom Quixote se virou para olhar, viu que era verdade e se alegrou muito, pois sem dúvida nenhuma pensou que eram dois exércitos que investiam para bater-se no meio da amplidão daquela planície — porque a toda hora e momento ele tinha a imaginação cheia daquelas batalhas, encantamentos, aventuras, desatinos, amores e desafios que se contam nos livros de cavalaria, e tudo o que falava, pensava ou fazia tendia a coisas semelhantes. E a poeira era de dois grandes rebanhos de ovelhas e carneiros que vinham de pontos diferentes por aquela estrada e só se tornaram visíveis quando chegaram bem perto. Mas com tanto afinco dom Quixote afirmava que eram exércitos, que Sancho acabou por acreditar e dizer:

— Então, senhor, o que vamos fazer?

— O quê?! — disse dom Quixote. — Favorecer e ajudar os necessitados e desvalidos. E deves saber, Sancho, que esse que vem por nossa frente é conduzido e guiado pelo grande imperador Alifanfarrão, senhor da grande ilha Taprobana;[2] esse outro que marcha às minhas costas é seu inimigo, o rei dos garamantes,[3]

Pentapolia do Braço Arremangado, porque sempre entra nas batalhas com o braço direito nu.

— Mas por que se querem mal esses dois senhores? — perguntou Sancho.

— Querem-se mal — respondeu dom Quixote — porque Alifanfarrão é um pagão furibundo e está apaixonado pela filha de Pentapolia, uma linda e graciosa senhora que é cristã, e seu pai não a quer entregar ao rei pagão, a menos que ele abandone a lei de seu falso profeta Maomé e adote a sua.

— Por minhas barbas! — disse Sancho. — Pentapolia faz muito bem, e tenho de ajudá-lo no que puder.

— Assim farás o que deves, Sancho — disse dom Quixote —, porque para entrar numa batalha dessas não é preciso ser armado cavaleiro.

— Até aí vejo bem — respondeu Sancho. — Mas onde poremos este burro, para termos certeza de achá-lo depois da refrega? Porque me parece que até hoje não se usa entrar em combate em semelhante montaria.

— É verdade — disse dom Quixote. — O que podes fazer é deixá-lo à própria sorte, quer se perca ou não, porque serão tantos os cavalos que teremos depois da vitória que até Rocinante corre perigo de que o troque por outro. Mas presta atenção e olha, que quero te mostrar os cavaleiros mais importantes que vêm nesses exércitos. E, para que os vejas melhor, retiremo-nos para aquele morrinho ali, de onde devem se distinguir os dois exércitos.

Foi o que fizeram e se posicionaram em cima do morro, de onde avistariam melhor os dois rebanhos, que para dom Quixote se fizeram exércitos, se as nuvens de pó que levantavam não lhes turvassem e cegassem a visão. Mesmo assim, vendo em sua imaginação o que não enxergava nem existia, o fidalgo começou a dizer em voz elevada:

— Aquele cavaleiro que vês ali, com armadura amarela, que traz no escudo um leão coroado, submisso aos pés de uma donzela, é o valente Laurcalco, senhor da Ponte de Prata; o outro, com a armadura das flores de ouro, que traz no escudo três coroas de prata em campo azul, é o temido Micocolembo, grão-duque de

Quirócia; o dos membros gigantescos, que está a sua direita, é o nunca medroso Brandabarbarão de Boliche, senhor das três Arábias, que tem por armadura aquela pele de serpente e por escudo uma porta, que, como se sabe, é uma das portas do templo que Sansão derrubou, quando se vingou de seus inimigos com a própria morte. Mas vira os olhos para este lado e verás, diante do outro exército, o sempre vencedor e jamais vencido Timonel de Carcassona, príncipe da Nova Biscaia, que tem a armadura dividida em quatro partes azuis, verdes, brancas e amarelas, e traz no escudo um gato de ouro em campo cor de leão, com um dístico que diz: "Miau", que é o começo do nome de sua dama, que, conforme se comenta, é a incomparável Miulina, filha do duque Almofadinha do Algarve; o outro, que sobrecarrega o lombo daquele poderoso bucéfalo, que traz a armadura branca como neve e o escudo branco e sem divisa alguma, é um cavaleiro estreante, francês, chamado Pierre Dois de Paus,[4] senhor das baronias de Utrique; o outro, que com esporas nos calcanhares cutuca as ilhargas daquele cavalo malhado, selvagem e ligeiro, é o poderoso duque de Nérbia, Espartafilardo da Floresta, que traz o escudo dos veiros azuis e por divisa um aspargo, com um dístico em castelhano que diz assim: "Rastreia minha sorte".

E dessa maneira foi nomeando muitos cavaleiros dos dois exércitos que ele imaginava e descreveu de improviso as armaduras, cores, divisas e dísticos de todos, levado pela fantasia de sua nunca vista loucura. Sem parar, prosseguiu dizendo:

— Aquele esquadrão ali em frente é formado por pessoas de diversas nações: aqui estão os que bebem as doces águas do famoso Xanto; os montanheses que pisam os campos de Masila; os que garimpam o finíssimo e miúdo ouro na Arábia feliz; os que desfrutam das famosas e frescas margens do cristalino Termodonte; os que sangram por muitos e diversos meios o dourado Pactolo; e os númidas, duvidosos em suas promessas; os persas, de arcos e flechas famosos; os partos, os medas, que lutam fugindo; os árabes, de casas móveis; os citas, tão cruéis quanto alvos; os etíopes, de lábios perfurados… e outras inumeráveis nações, cujos rostos vejo e reconheço, embora não me lembre dos nomes. Nesse outro

esquadrão vêm os que bebem nas correntes cristalinas do olivífero Bétis; os que lavam e embelezam seus rostos com o licor do sempre rico e dourado Tejo; os que desfrutam das proveitosas águas do divino Genil; os que pisam os campos tartésios, de pastagens abundantes; os que se alegram nos campos elísios do Xerez; os manchegos, ricos e coroados de louras espigas; os vestidos de ferro, relíquias antigas do sangue godo; os que se banham no Pisuerga, famoso pela mansidão de sua corrente; os que apascentam seu gado nas extensas pastagens do tortuoso Guadiana, celebrado por seu curso subterrâneo; os que tremem com o frio nas florestas do Pirineu e com os brancos flocos do elevado Apenino; em suma, quantos toda a Europa contém e encerra em seu continente.

Valha-me Deus, quantas províncias citou, quantas nações mencionou, dando a cada uma os atributos que lhe pertenciam com extraordinária presteza, totalmente absorto e empapado com o que havia lido em seus livros mentirosos!

Sancho Pança estava pendente de suas palavras, sem falar nenhuma, e de quando em quando virava a cabeça para ver se via os cavaleiros e gigantes que seu amo nomeava; mas por fim, como não divisava nenhum, disse:

— Senhor, que o diabo carregue tudo quanto é homem, gigante e cavaleiro que vossa mercê diz que vê. Eu pelo menos não vejo nada. Talvez tudo seja encantamento, como os fantasmas da noite passada.

— Como dizes isso?! — respondeu dom Quixote. — Não ouves os relinchos dos cavalos, os toques dos clarins, o rufar dos tambores?

— Só ouço — respondeu Sancho — muitos balidos de ovelhas e carneiros.

Era a pura verdade, porque os dois rebanhos já estavam perto.

— O medo que tens, Sancho, faz com que nem vejas nem ouças direito — disse dom Quixote —, porque um dos efeitos do medo é perturbar os sentidos e fazer com que as coisas não pareçam o que são. Agora, se temes tanto, afasta-te para algum lugar e deixa-me só, pois sozinho basto para dar a vitória ao lado que eu ajudar.

E, dizendo isso, esporeou Rocinante e desceu a encosta como um raio, com a lança em riste.

Sancho gritou:

— Volte, senhor dom Quixote! Juro por Deus, vossa mercê vai atacar ovelhas e carneiros. Volte, desgraçado do pai que me gerou! Que loucura é essa? Veja bem que não há gigante nem cavaleiro algum, nem gatos, nem armaduras, nem escudos divididos ou inteiros, nem veiros azuis nem endiabrados. O que está fazendo?! Que Deus me ajude!

Nem assim dom Quixote voltou; pelo contrário, foi em frente dizendo aos gritos:

— Eia, cavaleiros! Vós que militais sob as bandeiras do valoroso imperador Pentapolia do Braço Arremangado, segui-me todos e vereis como facilmente eu o vingo de seu inimigo Alifanfarrão da Taprobana.

Dizendo isso, enfiou-se pelo meio do exército de ovelhas e começou a lanceá-las, com tanta coragem e intrepidez como se realmente ferisse seus mortais inimigos. Os pastores e criadores que vinham com o rebanho gritavam para que não fizesse aquilo; mas, vendo que perdiam tempo, desataram as fundas e começaram a saudar as orelhas dele com pedras do tamanho de um punho. Dom Quixote não dava atenção às pedras; ao contrário, corria de um lado para outro, dizendo:

— Onde estás, soberbo Alifanfarrão? Vem a mim, que sou apenas um cavaleiro que deseja, de igual para igual, testar tuas forças e tirar-te a vida, como penalidade pelas penas que causas ao valente Pentapolia Garamanta.

Bem aí chegou uma dessas pedras redondas de riacho que o acertou num lado e lhe sepultou duas costelas no corpo. Vendo-se tão maltratado, pensou sem dúvida que estava morto ou gravemente ferido e, lembrando-se de seu bálsamo, puxou da azeiteira, levou-a à boca e começou a mandar o líquido para o estômago. Mas, antes que acabasse de embutir o que lhe parecia suficiente, chegou outra pedra que lhe pegou em cheio na azeiteira, fazendo-a em pedaços e levando de passagem três ou quatro dentes e machucando-lhe feiamente dois dedos da mão.

Tal foi o primeiro golpe e tal o segundo que o pobre cavaleiro foi forçado a vir abaixo do cavalo. Os pastores se aproximaram dele e acharam que o tinham matado; e então com muita pressa recolheram o rebanho, carregaram os animais mortos (passavam de sete) e se foram, sem averiguar mais nada.

Todo esse tempo Sancho estava no alto do morro, olhando as loucuras que seu amo fazia, arrancando as barbas e maldizendo a hora e o lugar que o destino o fizera conhecê-lo. Mas, vendo que o fidalgo caíra e que os pastores já tinham ido embora, desceu a encosta e se aproximou dele, encontrando-o em péssimo estado, embora não tivesse perdido o sentido, e então lhe disse:

— Eu não lhe dizia, senhor dom Quixote, que voltasse, que não atacava um exército, mas um rebanho de carneiros?

— Tudo isso aquele patife do mago meu inimigo pode transformar ou fazer sumir. Olha, Sancho, é coisa muito fácil para esses tipos nos fazer ver o que bem quiserem, e esse maligno que me persegue, invejoso da glória que viu que eu havia de alcançar nesta batalha, transformou os esquadrões de inimigos em rebanhos de ovelhas. Senão, faz uma coisa, Sancho, por minha vida, para que te desenganes e vejas como é verdade o que te digo: monta teu burro e segue-os disfarçadamente, e verás como, ao se afastarem um pouco daqui, voltam a ser o que eram, deixando de ser carneiros: homens-feitos e direitos, como eu te descrevi antes. Mas não vás agora, que preciso de teu favor e ajuda; vem cá e olha quantos dentes me faltam, pois parece que não me restou nenhum.

Sancho chegou tão perto que quase lhe meteu os olhos na boca, bem na hora em que o bálsamo agia no estômago de dom Quixote, mandando para fora, mais rápido que um tiro de escopeta, tudo o que tinha dentro direto nas barbas do compassivo escudeiro.

— Santa Maria — disse Sancho —, o que me aconteceu?! Sem dúvida este pecador está ferido de morte, pois vomita sangue.

Mas, ao reparar um pouco mais, verificou pela cor, sabor e cheiro que não era sangue mas o bálsamo da azeiteira, que ele o tinha visto beber; e foi tanto o nojo que sentiu que, o estômago revirando-se, vomitou até as tripas sobre seu próprio senhor — ambos ficando como duas joias raras. Sancho correu para seu burro para pegar

nos alforjes com que se limpar e tratar seu amo, mas, como não os achou, esteve a ponto de perder o juízo: amaldiçoou-se outra vez e prometeu, no fundo do coração, largar seu amo e voltar a sua terra, ainda que perdesse o salário do serviço e as esperanças do governo da ilha prometida.

Nisso dom Quixote se levantou e, com a mão esquerda enfiada na boca, para não perder de vez todos os dentes, segurou com a outra as rédeas de Rocinante, que não tinha se mexido de junto do amo — tão leal e manso era —, e foi até onde estava o escudeiro, debruçado sobre seu burro, com a mão na face, na postura de homem muito pensativo. Dom Quixote, vendo-o assim, com mostras de tanta tristeza, disse:

— Olha, Sancho, um homem não é mais que outro se não faz mais que outro. Todas essas tempestades que nos acontecem são sinais de que logo o tempo vai acalmar e vão nos acontecer coisas boas, porque não é possível que o mal ou o bem durem sempre, do que se conclui que, havendo o mal durado muito, o bem já está perto. Então não deves te impressionar com as desgraças que me acontecem, pois a ti não te cabe parte delas.

— Como não? — respondeu Sancho. — Por acaso quem foi manteado ontem não era o filho de meu pai? E os alforjes que sumiram com todas as minhas coisas, são dele ou do vizinho?

— Sumiram os alforjes, Sancho? — disse dom Quixote.

— Claro que sumiram — respondeu Sancho.

— Quer dizer que não temos o que comer hoje — replicou dom Quixote.

— Isso — respondeu Sancho — se faltarem por estes campos as ervas que vossa mercê disse que conhece, aquelas com que costumam contornar semelhantes tropeços os cavaleiros andantes desventurados como vossa mercê.

— Mesmo assim — respondeu dom Quixote —, agora eu pegaria mais que depressa um pedaço de pão ou uma fogaça e duas cabeças de sardinhas defumadas do que todas as ervas que Dioscórides descreve, mesmo que fossem as do livro ilustrado pelo doutor Laguna.[5] Mas, enfim, monta no jumento, meu bom Sancho, e vem comigo: Deus, que é o provedor de todas as coisas, não há de

nos faltar, ainda mais que andamos a seu serviço, pois Ele não falta aos mosquitos no ar, nem às minhoquinhas na terra, nem aos sapinhos na água, e é tão piedoso que faz o sol nascer para os bons e os maus e manda chuva sobre os justos e injustos.

— Vossa mercê tem mais queda para pregador que para cavaleiro andante — disse Sancho.

— De tudo sabiam e saberão os cavaleiros andantes, Sancho — disse dom Quixote. — Nos séculos passados, houve cavaleiro andante que se plantava no meio de um acampamento para dar um sermão ou palestra como se fosse formado pela Universidade de Paris, do que se deduz que nunca a lança embotou a pena, nem a pena a lança.

— Muito bem, seja como vossa mercê quiser — respondeu Sancho. — Mas agora vamos embora e procuremos onde passar esta noite, e queira Deus que seja num lugar em que não haja mantas nem manteadores, nem fantasmas nem mouros encantados, porque, se houver, mando tudo para os quintos dos infernos.

— Roga a Deus, meu filho — disse dom Quixote —, e guia-nos por onde quiseres, pois desta vez deixo a teu critério a escolha do alojamento. Mas me dá cá a mão, apalpa com o dedo e olha bem quantos dentes me faltam no lado direito, na parte de cima, porque é aí que sinto a dor.

Sancho meteu os dedos e, depois de tatear, disse:

— Quantos molares vossa mercê costumava ter por aqui?

— Quatro — respondeu dom Quixote —, fora o do siso, todos sãos e inteiros.

— Veja bem vossa mercê o que diz, senhor — respondeu Sancho.

— Digo quatro, se não eram cinco — respondeu dom Quixote —, porque nunca me arrancaram dente algum em minha vida, nem me caiu de podre ou cariado.

— Pois na parte de baixo — disse Sancho — vossa mercê não tem mais que dois molares e meio; e na de cima, nem meio nem nada: está lisa como a palma da mão.

— Desgraçado de mim! — disse dom Quixote, ouvindo as tristes notícias que seu escudeiro dava. — Eu preferia que tivessem me

arrancado um braço, desde que não fosse o da espada. Porque te garanto, Sancho, que a boca sem dentes é como moinho sem mó, e deve-se estimar muito mais um dente que um diamante. Mas a tudo isso estamos sujeitos nós que professamos a rigorosa ordem da cavalaria. Monta, amigo, e guia, que eu te seguirei no passo que quiseres.

Assim fez Sancho, encaminhando-se para onde lhe pareceu que podiam ser acolhidos, sem sair da estrada real, que por ali passava sem interrupção.

Seguindo então passo a passo, porque a dor nas mandíbulas de dom Quixote não o deixava sossegar nem se apressar, Sancho quis entretê-lo e diverti-lo lhe dizendo alguma coisa. Entre algumas das que disse, estão as que se narrarão no próximo capítulo.

XIX

da inteligente conversa que sancho manteve com seu amo e da aventura que lhe sucedeu com um defunto, com outros acontecimentos famosos

— Eu acho, meu senhor, que todas essas desventuras que nos aconteceram esses dias foram, sem dúvida, castigo pelo pecado cometido por vossa mercê contra a ordem da cavalaria, ao não cumprir o juramento que fez de não comer pão à mesa nem se divertir com a rainha e todo o resto da promessa, até tirar aquele casquete de Malandrino, ou como se chama o mouro, que não me lembro bem.

— Tens toda razão, Sancho — disse dom Quixote. — Mas, para te dizer a verdade, isso tinha me escapado da memória, e também podes ter certeza de que te aconteceu aquilo da manta por culpa de não teres me lembrado a tempo. Mas eu farei a emenda, porque em tudo na ordem da cavalaria pode-se dar um jeito.

— Por acaso jurei alguma coisa? — respondeu Sancho.

— Não importa que não tenhas jurado: pelo que entendo, basta tua simpatia por minha causa para que não estejas muito seguro, como quem anda com excomungados — disse dom Quixote. — Então, pelo sim ou pelo não, será melhor remediarmos esse negócio.

— Pois se é assim — disse Sancho —, veja vossa mercê se não esquece de novo o juramento: talvez os fantasmas resolvam se divertir outra vez comigo e até mesmo com vossa mercê, se o virem tão impenitente.

Em conversas assim a noite os alcançou no meio do caminho, sem terem nem descobrirem onde se recolher; e o pior é que morriam de fome, pois, com o sumiço dos alforjes, se foram todas as provisões e demais bugigangas. E, para completar essa desgraça, aconteceu com eles uma aventura que, sem artifício algum, parecia um artifício de verdade. A noite se fechou um tanto escura, mas apesar disso eles continuaram, Sancho acreditando que, visto aquela ser a estrada real, com certeza se encontraria alguma estalagem a uma ou duas léguas.

Indo então dessa maneira, a noite escura, o escudeiro faminto e o amo louco para comer, viram que pela mesma estrada que iam se aproximava deles uma miríade de luzes que pareciam estrelas errantes. Sancho ficou pasmo ao avistá-las e dom Quixote sentiu um tanto apagadas as de sua mente: um puxou o cabresto do burro, o outro as rédeas do pangaré — e parados, olhando atentamente o que podia ser aquilo, notaram que as luzes iam se aproximando e, quanto mais perto, maiores pareciam. Com isso Sancho começou a tremer como vara verde, e os cabelos de dom Quixote se eriçaram. Mas, animando-se um pouco, o fidalgo disse:

— Esta, sem dúvida, Sancho, deve ser uma grande e perigosíssima aventura, onde será necessário que eu mostre toda a minha audácia e valentia.

— Ai de mim! — respondeu Sancho. — Se por acaso esta aventura for de fantasmas, como está me parecendo, onde haverá costelas que aguentem?!

— Por mais fantasmas que sejam — disse dom Quixote —, não consentirei que toquem num fio de teus cabelos. Se na outra vez zombaram de ti, foi porque não pude saltar o muro do pátio, mas agora estamos em campo aberto, onde poderei esgrimir minha espada como quiser.

— E se o encantarem e o paralisarem, como da outra vez — disse Sancho —, de que adiantará estar em campo aberto ou não?

— Mesmo assim, Sancho — replicou dom Quixote —, peço que tenhas coragem, que a experiência vai te mostrar a que tenho.

— Terei, sim, se Deus quiser — respondeu Sancho.

E, afastando-se os dois para um lado da estrada, voltaram a olhar atentamente as luzes que andavam, sem atinar com o que poderia ser, e dali a pouco avistaram muitos homens de branco,[1] cuja terrível visão acabou com a coragem de Sancho Pança, que começou a bater os dentes como quem tem frio de febre; e cresceu mais ainda a bateção de dentes quando viram distintamente o que era: umas vinte figuras de túnica, todas a cavalo, com grandes círios acesos nas mãos, seguidas por uma liteira coberta de luto e por outros seis cavaleiros enlutados até as patas das mulas, pois viram muito bem que não eram cavalos pela calma com que caminhavam. Os cavaleiros de branco murmuravam entre si, em voz compassiva. Essa estranha visão, naquelas horas e naquele descampado, era mais que suficiente para botar medo no coração de Sancho e até mesmo no de seu amo, ou só no de dom Quixote, já que havia muito Sancho mandara sua coragem ao diabo. Mas o que aconteceu com o amo foi o contrário, porque naquele ponto sua imaginação pintou com total clareza uma das aventuras de seus livros.

Pensou que a liteira era uma padiola onde devia ir algum cavaleiro morto ou gravemente ferido, cuja vingança estava reservada apenas a ele. Assim, sem pensar mais, o chuço em riste, firmou-se bem na sela e com graça e garbo se postou no meio da estrada por onde forçosamente os cavaleiros de branco haveriam de passar. Quando os viu perto, levantou a voz:

— Detende-vos, cavaleiros, ou quem quer que sejais, e prestai-me conta de quem sois, de onde vindes, para onde ides e o que é que levais naquela padiola, pois pelo visto haveis feito ou outros vos fizeram alguma afronta, e convém e é necessário que eu o saiba, ou para castigar-vos pelo mal que cometestes, ou para vingar-vos da injúria que vos fizeram.

— Estamos com pressa — respondeu um dos homens de branco —, e a estalagem está longe: não podemos parar para responder a tudo que perguntais.

E, esporeando a mula, seguiu adiante. Dom Quixote se ressentiu muito com essa resposta e, agarrando-lhe as rédeas, disse:

— Detende-vos, sede mais bem-educado e prestai-me conta do que perguntei; se não, tereis todos de se haver em combate comigo.

Como a mula era assustadiça, ao lhe agarrarem as rédeas se espantou de tal modo que, empinando-se nas patas, atirou seu dono ao chão pelas ancas. Um rapaz que ia a pé, vendo cair o homem de branco, começou a descompor dom Quixote; e ele, já encolerizado, sem esperar mais, o chuço em riste, investiu contra um dos enlutados, pondo-o ferido por terra; e, voltando-se para os demais, era coisa de se ver a rapidez com que os acometia e desbaratava, pois parecia que naquele instante haviam nascido asas em Rocinante, tão ligeiro e orgulhoso andava.

Todos os homens de branco eram pessoas medrosas e desarmadas; assim, num instante abandonaram a refrega e começaram a correr pelo campo, com os círios acesos, não parecendo mais do que os mascarados que andam por aí em noite de festa e folia. Os enlutados não podiam se mexer, revoltos e envoltos em suas batinas e sotainas, de modo que dom Quixote também espancou a todos sem problema, fazendo-os debandar apavorados, porque todos pensaram que aquele não era homem, mas o diabo em pessoa que vinha do inferno lhes roubar o morto que levavam na liteira.

Sancho olhava tudo, maravilhado com o atrevimento de seu senhor, e dizia a si mesmo:

— Sem dúvida, este meu amo é tão valente e audacioso como diz.

Um círio ardia no chão, perto do primeiro que caíra da mula, e à sua luz dom Quixote pôde vê-lo. Aproximando-se, pôs a ponta do chuço no rosto dele, dizendo-lhe que se rendesse, do contrário o mataria. O caído respondeu:

— Mais do que rendido estou, pois não posso me mexer: tenho uma perna quebrada. Suplico a vossa mercê, se é cavaleiro cristão, que não me mate, pois cometerá um grande sacrilégio: sou licenciado, já recebi as primeiras ordens.

— Mas que diabo vos trouxe aqui — disse dom Quixote —, sendo homem da Igreja?

— Quem, senhor? — replicou o caído. — Minha desventura.

— Pois outra maior vos ameaça — disse dom Quixote —, se não me responderdes tudo o que perguntei antes.
— Vossa mercê será satisfeito facilmente — respondeu o licenciado. — Saiba vossa mercê que, embora eu tenha dito antes que era licenciado, sou apenas bacharel e me chamo Alonso López; sou natural de Alcobendas; venho da cidade de Baeza, com outros onze sacerdotes, que são os que fugiram com os círios; vamos à cidade de Segóvia acompanhando um morto, que está naquela liteira. É o corpo de um cavalheiro que morreu em Baeza, onde esteve enterrado provisoriamente, e agora, como disse, levávamos seus ossos para sua sepultura, que é em Segóvia, de onde é natural.
— E quem o matou? — perguntou dom Quixote.
— Deus, por meio de umas febres pestilentas — respondeu o bacharel.
— Desse modo — disse dom Quixote —, livrou-me Nosso Senhor do trabalho que eu teria ao vingar sua morte, se outro o tivesse matado; mas, tendo-o matado quem o matou, devo calar e encolher os ombros, porque assim o faria se matasse a mim mesmo. E quero que saiba vossa reverência que eu sou um cavaleiro da Mancha, chamado dom Quixote, e é meu ofício e exercício andar pelo mundo reparando afrontas e desfazendo agravos.
— Não entendi isso de reparar e desfazer — disse o noviço —, pois eu era feito e me desfizestes, deixando-me uma perna quebrada, perna que nunca mais se verá reparada na vida; e o agravo que desfizestes em mim foi me deixar agravado de tal maneira que agravado ficarei para sempre. Grande desventura foi topar com vós, que ides buscando aventuras.
— Nem todas as coisas acontecem de um mesmo modo — disse dom Quixote. — O mal, senhor bacharel Alonso López, foi terdes vindo como viestes, de noite, vestido com aquelas sobrepelizes, com os círios acesos, rezando, coberto de luto, que parecíeis realmente coisa ruim e do outro mundo; assim, não pude deixar de cumprir com minha obrigação, atacando-vos, e vos atacaria mesmo que soubesse que éreis os próprios satanases do inferno, que por isso vos julguei e considerei sempre.

— Já que assim quis minha sorte — disse o bacharel —, suplico a vossa mercê, senhor cavaleiro andante que em tão má andança me meteu, que me ajude a sair de debaixo da mula, porque tenho presa uma perna entre o estribo e a sela.

— Diacho, por que não falastes antes?! — disse dom Quixote. — Por que tardastes tanto para me comunicar vosso apuro?

Em seguida gritou para que Sancho Pança viesse, mas ele nem pensou nisso, porque andava ocupado saqueando uma mula de carga, bem abastecida de coisas de comer, que aqueles bons senhores traziam. Sancho fez um saco com seu gabão e, recolhendo tudo o que pôde e coube ali, carregou seu jumento; depois acudiu aos gritos de seu amo e ajudou a tirar o senhor bacharel de debaixo da mula, montando-o nela e lhe entregando o círio. Dom Quixote disse-lhe que seguisse o caminho de seus companheiros e lhes pedisse perdão de sua parte pelo agravo, que não esteve em sua mão deixar de cometer. Sancho também lhe disse:

— Se por acaso esses senhores quiserem saber quem foi o valente que os pôs a correr, diga-lhes vossa mercê que é o famoso dom Quixote, também conhecido pelo nome de Cavaleiro da Triste Figura.

Com essa se foi o bacharel, e dom Quixote perguntou a Sancho o que o tinha levado a chamá-lo “Cavaleiro da Triste Figura”, justamente agora.

— Foi porque — respondeu Sancho — estive olhando-o um instante, à luz do círio daquele pobre coitado, e realmente vossa mercê tem a pior figura que vi nos últimos tempos. Deve ser por causa do cansaço deste combate, ou pela falta dos molares.

— Não é por isso — respondeu dom Quixote —, mas porque o mago que deve estar encarregado de escrever a história de minhas façanhas achou que seria bom que eu tivesse algum apelido, como tinham todos os cavaleiros antigos: um se chamava o da Espada Ardente, outro o do Unicórnio, aquele o das Donzelas, aquele outro o da Ave Fênix, este o Cavaleiro do Grifo, este outro o da Morte. Por esses nomes e insígnias eram conhecidos por toda a redondeza da terra. Por isso digo que o mago de que falei pôs em tua língua e em

teu pensamento que me chamasses o Cavaleiro da Triste Figura, alcunha que penso adotar de agora em diante; e logo que possível vou mandar pintar em meu escudo uma figura muito triste, para que esse nome me caia melhor.

— Não vejo por que gastar tempo e dinheiro fazendo essa figura — disse Sancho. — Basta que vossa mercê revele a sua e ofereça o rosto aos que o olham, que, sem mais nem menos, sem outra imagem ou escudo, o chamarão o da Triste Figura. E acredite que lhe digo a verdade, porque garanto a vossa mercê, senhor, embora na brincadeira, que a fome e a falta dos dentes o deixam tão mal-encarado que muito bem poderá se dispensar a triste pintura, como já disse.

Dom Quixote riu da graça de Sancho; mas, mesmo assim, resolveu adotar aquele nome, logo que pudesse pintar seu escudo, ou rodela, como havia imaginado.

[Nisso voltou o bacharel e disse a dom Quixote]:[2]

— Havia me esquecido de avisar que vossa mercê está excomungado, por ter posto as mãos violentamente em coisa sagrada, *iuxta illud, "si quis suadente diabolo"*[3] etc.

— Não entendo esse latinório — respondeu dom Quixote —, mas sei muito bem que não pus as mãos, mas este chuço; além do mais, não pensei que ofendia sacerdotes nem coisas da Igreja, a quem respeito e adoro como católico e fiel cristão que sou, mas sim a fantasmas e monstros do outro mundo. E, ainda que assim fosse, tenho na memória o que aconteceu com Cid Ruy Díaz, quando quebrou a cadeira do embaixador daquele rei diante de Sua Santidade o papa, que o excomungou por isso, e naquele dia o bom Rodrigo de Vivar andou como cavaleiro muito honrado e valente.

Ouvindo isso, o bacharel se foi, como se disse, sem replicar uma palavra. E dom Quixote ficou com vontade de examinar o corpo que vinha na liteira, para ver se eram só ossos ou não, mas Sancho não consentiu, dizendo-lhe:

— Senhor, vossa mercê saiu-se desta perigosa aventura mais ileso do que em todas as que vi; esses homens, embora batidos e desbaratados, poderiam se dar conta de que foram vencidos por uma pessoa apenas e, confusos e envergonhados com isso,

voltarem a se reunir e a nos procurar, e nos darem o que fazer. O burro está como convém, a montanha, perto, e a fome apertando: o melhor a fazer é uma retirada num bom ritmo e, como dizem, que vá o morto à sepultura e o vivo à ventura.

E, tocando o burro, rogou a seu senhor que o acompanhasse; o fidalgo, achando que Sancho tinha razão, sem reclamar o seguiu. E pouco depois, andando entre duas montanhas, se acharam num vale grande e escondido, onde apearam e Sancho aliviou o jumento. Estendidos sobre a grama verde, com o tempero da fome, almoçaram, comeram, merendaram e jantaram ao mesmo tempo, satisfazendo os estômagos com mais de um pedaço de carne que os senhores clérigos do defunto — que poucas vezes se deixam passar mal — traziam em sua mula de carga.

Mas aconteceu-lhes outra desgraça, que Sancho considerou a pior de todas: acossados pela sede, não tinham vinho, nem mesmo água para levar à boca. Mas Sancho, vendo que o campo estava coberto de uma grama miúda e verdejante, disse o que se contará no próximo capítulo.

XX

da jamais vista nem ouvida aventura que com tão pouco perigo foi alguma vez vivida por nenhum famoso cavaleiro no mundo como a que viveu o valente dom quixote de la mancha

— Essa grama é a prova, meu senhor: não é possível que não haja perto daqui alguma fonte ou riacho que a umedeça. Por isso, convém irmos um pouco mais adiante, que logo encontraremos onde mitigar esta terrível sede que nos judia, pois sem dúvida ela é muito pior que a fome.

Dom Quixote achou bom o conselho e, pegando Rocinante pela rédea, e Sancho o burro pelo cabresto, depois de ter posto sobre ele as sobras do jantar, começaram a caminhar campo acima com muito cuidado, porque a escuridão da noite não os deixava ver coisa alguma.

Mas ainda não haviam andado duzentos passos, quando chegou a seus ouvidos um grande barulho de água, como se despencasse de penhascos altos e escarpados. Alegraram-se muito e, parando para escutar de que lugar vinha o barulho, ouviram de repente outro estrondo que lhes aguou a alegria pela água, especialmente a de Sancho, que era medroso e pusilânime por natureza. Digo que ouviram umas pancadas compassadas, com um certo rangido de ferros e correntes, acompanhadas do furioso estrondo da água, que meteriam pavor em qualquer coração que não fosse o de dom Quixote.

A noite era escura, repito, e por acaso eles se meteram entre umas árvores altas, cujas folhas, movidas pelo vento suave, faziam um ruído manso mas atemorizante, de modo que tudo — a solidão, o lugar, as trevas, o barulho da água com o sussurro das folhas — causava horror e espanto, e mais ainda quando viram que nem as pancadas cessavam, nem o vento dormia, nem a manhã chegava. Para piorar tudo isso, não conheciam o lugar onde se achavam. Mas dom Quixote, acompanhado por seu intrépido coração, saltou sobre Rocinante e, com a rodela enfiada no braço, empunhou o chuço e disse:

— Sancho, meu amigo, deves saber que eu nasci nesta nossa Idade do Ferro por vontade do céu, para ressuscitar nela a do Ouro, ou a Dourada, como costuma se chamar. Eu sou aquele para quem estão reservados os perigos, as grandes façanhas, os feitos corajosos. Eu sou, repito, aquele que há de ressuscitar a Távola Redonda, os Doze de França e os Nove da Fama, e que há de mandar para o esquecimento os Platires, os Tablantes, Olivantes e Tirantes, os Febos e Belianises, com o bando todo dos famosos cavaleiros andantes dos tempos antigos, fazendo neste em que me acho tais enormidades, raridades e feitos de armas que obscureçam os mais brilhantes que eles fizeram. Bem vês, legítimo e fiel escudeiro, as trevas desta noite, seu estranho silêncio, o surdo e confuso rumor destas árvores, o tremendo barulho dessa água que viemos procurar, que parece que despenca e se abate desde os altos montes da Lua, e aquela pancada incessante que nos fere e lastima os ouvidos, enfim, todas essas coisas juntas e cada uma por si são suficientes para infundir medo, temor e espanto no peito do próprio Marte, quanto mais naquele que não está acostumado a semelhantes acontecimentos e aventuras. Pois tudo isso que te pinto são incentivos que me atiçam o ânimo, fazendo com que o coração se arrebente em meu peito com o desejo que tem de enfrentar esta aventura, por mais difícil que se mostre. Assim, aperta um pouco as cinchas de Rocinante, e fica com Deus, e espera-me aqui não mais que três dias. Então, se eu não voltar, podes regressar a nossa aldeia e dali, para fazer-me um favor e uma boa ação, irás a El Toboso, onde dirás a minha incomparável

senhora Dulcineia que seu cativo cavaleiro morreu por tentar coisas que o fizessem digno de poder se chamar dela.

Quando Sancho ouviu as palavras de seu amo, começou a chorar com a maior tristeza do mundo e a lhe dizer:

— Senhor, não sei por que vossa mercê quer empreender essa terrível aventura: agora é noite, aqui ninguém nos vê, bem que podemos mudar o rumo e nos desviar do perigo, mesmo que passemos três dias sem beber. E, como não há quem nos veja, menos haverá quem nos tache de covardes, sem falar que eu ouvi o padre de nossa aldeia, que vossa mercê conhece muito bem, pregar que quem procura perigo nele perece. De modo que não é bom tentar a Deus empreendendo façanha tão desmesurada, de onde não se pode escapar senão por milagre, e já bastam os que o céu fez por vossa mercê ao livrá-lo de ser manteado, como eu fui, e tirá-lo vencedor, são e salvo dentre tantos inimigos como os que acompanhavam o defunto. E, se tudo isso não persuadir nem abrandar esse duro coração, persuada-o pensar e saber que, mal vossa mercê tenha se afastado daqui, eu entregarei minha alma a quem quiser levá-la de puro medo. Saí de minha terra e deixei mulher e filhos para servir a vossa mercê, acreditando que isso valesse mais e não menos; mas, como a cobiça rompe o saco, a mim rasgou minhas esperanças, pois quando eu as tinha mais vivas de alcançar aquela miserável e malfadada ilha que tantas vezes vossa mercê me prometeu, vejo que em pagamento quer me deixar agora neste lugar tão afastado do convívio humano. Pelo Deus único, meu senhor, não cometa essa injustiça; mas, se vossa mercê não quiser de jeito nenhum desistir de empreender esse feito, adie-o ao menos até a manhã, pois, pelo que me mostra a ciência que aprendi quando era pastor, não devem faltar três horas para a aurora, porque a boca da Ursa Menor está em cima da cabeça e, pela meia-noite, na linha do braço esquerdo.

— Como tu podes, Sancho — disse dom Quixote —, ver onde está essa linha, nem onde está essa boca ou essa nuca de que falas, se a noite é tão escura que não se vê estrela nenhuma no céu?

— É verdade — disse Sancho —, mas o medo tem muitos olhos e vê as coisas embaixo da terra, quanto mais por cima, no céu;

depois, pelo tempo que passou, pode se ver muito bem que falta pouco para o dia.

— Falte o que faltar — respondeu dom Quixote —, jamais se dirá de mim, nem agora nem nunca, que lágrimas e súplicas me impediram de fazer o que devia à moda dos cavaleiros; e assim, Sancho, peço que te cales, pois Deus, que me pôs no coração o desejo de empreender agora esta incomparável e tão terrível aventura, terá o cuidado de olhar por minha saúde e de consolar tua tristeza. O que deves fazer é apertar bem as cinchas de Rocinante e ficar aqui, que eu voltarei em seguida, vivo ou morto.

Vendo a última decisão de seu amo e de que pouco valiam com ele suas lágrimas, conselhos e súplicas, Sancho decidiu se aproveitar de sua astúcia e fazê-lo esperar até o amanhecer, se pudesse. Assim, quando apertava as cinchas, sem ser percebido, simplesmente atou com o cabresto de seu burro as patas traseiras de Rocinante, de modo que, quando dom Quixote quis partir, não pôde, porque o cavalo não podia se mexer a não ser aos saltos. Sancho Pança, vendo o bom sucesso de seu embuste, disse:

— Eia, senhor, que o céu, comovido com minhas lágrimas e preces, ordenou que Rocinante não possa se mexer; e, se vós quereis teimar, esporeando-o e batendo nele, irá provocar o destino e dar murro em ponta de faca, como se diz.

Dom Quixote se desesperava com isso, mas, por mais que espicaçasse o cavalo, menos conseguia que se mexesse; e, sem se dar conta da atadura, achou melhor se acalmar e esperar que amanhecesse ou que Rocinante desempacasse, nem sonhando que o motivo daquilo fosse uma artimanha de Sancho. Então lhe disse:

— Muito bem, Sancho, uma vez que Rocinante não pode se mexer, resigno-me a esperar que a aurora sorria, embora eu chore pelo que ela tarda em vir.

— Não há por que chorar — respondeu Sancho —, pois eu distrairei vossa mercê contando histórias até o amanhecer, se é que não prefere apear e dormir um pouco sobre a grama verde, como é costume dos cavaleiros andantes, para estar mais descansado quando nascer o dia e chegar a hora de empreender essa incomparável aventura que o aguarda.

— Como apear e dormir?! — disse dom Quixote. — Por acaso sou desses cavaleiros que descansam na hora do perigo? Dorme tu, que nasceste para dormir, ou faz o que quiseres, que eu farei o que me parecer melhor ao meu propósito.

— Não se amole, meu senhor — respondeu Sancho —, que não falei por mal.

E, aproximando-se dele, pôs uma mão no arção dianteiro e a outra no de trás, de modo que ficou abraçado com a coxa esquerda de seu amo, sem ousar se afastar uma polegada dele — tal era o medo que tinha das pancadas que ainda soavam alternadamente. Dom Quixote lhe disse que contasse alguma história para distraí-lo, como havia prometido, ao que Sancho respondeu que sim, contaria, se o consentisse o pavor daquilo que ouvia.

— Mesmo assim vou me esforçar para contar uma história que é a melhor de todas, se por acaso me sair sem tropeços. Preste vossa mercê atenção, que já começo: “Era uma vez o que era uma vez, que o bem que vier seja para todos, e o mal para quem o for buscar…”. E veja vossa mercê, meu senhor, que o modo como os antigos começavam suas fábulas não foi coisa do acaso, pois se trata de uma sentença de Catão Sonsorino,[1] o romano, que diz: “e o mal para quem o for buscar”, que aqui serve como anel no dedo, para que vossa mercê fique quieto e não vá buscar o mal em lugar nenhum. Devíamos era voltar por outro caminho, pois ninguém nos força a seguir este, onde tantos medos nos sobressaltam.

— Continua tua história, Sancho — disse dom Quixote —, e deixa por minha conta o caminho que haveremos de seguir.

— Como ia dizendo — prosseguiu Sancho —, havia numa aldeia da Estremadura um pastor cabreiro, quero dizer, que cuidava de cabras; esse pastor ou cabreiro, como o chamo em minha história, se chamava Lope Ruiz; e esse Lope Ruiz andava apaixonado por uma pastora que se chamava Torralba; e essa pastora chamada Torralba era filha de um fazendeiro rico; e esse fazendeiro rico…

— Se contas tua história dessa maneira, Sancho — disse dom Quixote —, repetindo duas vezes o que vais dizendo, não acabarás em dois dias. Fala sem desvios, conta-a como homem inteligente ou não digas nada.

— Dessa mesma maneira se contam todas as fábulas em minha terra — respondeu Sancho —, e eu não sei contar de outra, nem fica bem que vossa mercê me peça que invente costumes novos.

— Pois então conta como quiseres — respondeu dom Quixote —, já que a sorte quis que eu não tenha como deixar de te ouvir, prossegue.

— Então, senhor de minha alma — prosseguiu Sancho —, como já tinha dito, esse pastor andava apaixonado por Torralba, a pastora, que era moça gorducha, arisca e meio machona, porque tinha uns fios de bigode: até parece que a vejo agora.

— Então a conheceste? — disse dom Quixote.

— Não a conheci — respondeu Sancho —, mas quem me contou essa história me disse que era tão certa e verdadeira que bem poderia, quando a contasse a outro, afirmar e jurar que havia presenciado tudo. Assim, dia vai, dia vem, o diabo, que nunca dorme e em tudo mete a colher, fez com que o amor que o pastor tinha pela pastora se tornasse ódio e má vontade; e a causa foi, segundo as más línguas, uns ciumezinhos que ela provocou nele, e que passavam dos limites e chegavam ao proibido; e dali por diante foi tamanha a aversão do pastor por ela que quis ir embora daquela terra para onde seus olhos não a vissem jamais. A Torralba, ao se ver desprezada por Lope, logo começou a gostar dele, embora nunca tivesse gostado.

— Essa é a condição natural das mulheres — disse dom Quixote —, desprezar quem as quer e amar quem as despreza. Segue em frente, Sancho.

— Aconteceu — disse Sancho — que o pastor não ficou só na decisão e, tocando suas cabras, se foi pelos campos da Estremadura, para chegar aos reinos de Portugal. A Torralba, sabendo disso, se foi atrás dele, a pé e descalça, seguindo-o de longe, com um cajado na mão e uns alforjes no pescoço, onde levava, pelo que se sabe, um pedaço de espelho e outro de pente, e não sei que potezinho de creme para o rosto; mas, levasse o que levasse, que agora não quero me meter a averiguar, só direi o que contam: que o pastor chegou com seu rebanho ao rio Guadiana (que naquela estação estava cheio, quase fora do leito), num lugar

em que não havia barca nem barco, nem quem passasse a ele ou ao seu rebanho para a outra margem, o que muito o amolou, porque via que a Torralba já estava muito perto e ia incomodá-lo muito com suas súplicas e lágrimas. Mas tanto procurou que avistou um pescador perto de um barco tão pequeno que somente podiam caber nele uma pessoa e uma cabra; mesmo assim, falou com ele e combinaram que o levaria, mais as trezentas cabras que tinha. O pescador entrou no barco e passou uma cabra; voltou e passou outra; tornou a voltar e tornou a passar outra. Não perca vossa mercê a conta das cabras que o pescador vai passando, porque, se escapar uma da memória, acaba-se a história e não será possível contar mais nenhuma palavra dela. Bem, continuo e digo que o desembarcadouro da outra margem estava cheio de barro e escorregadio, e o pescador demorava muito tempo para ir e voltar. Mas, enfim, voltou por causa de outra cabra, e outra, e outra…

— Faz de conta que as passou todas — disse dom Quixote — e não andes indo e vindo dessa maneira, pois não acabarás de passá-las num ano.

— Quantas passaram até agora? — disse Sancho.

— Como diabos vou saber?! — respondeu dom Quixote.

— Aí está o que eu disse: que não se perdesse na conta. Por Deus, acabou-se a história; não dá mais para continuar.

— Como assim? — disse dom Quixote. — É tão fundamental para a história saber exatamente quantas cabras passaram, que, se faltar uma na conta, a história não pode seguir adiante?

— Não, senhor, de jeito nenhum — respondeu Sancho —, porque no instante em que perguntei a vossa mercê que me dissesse quantas cabras haviam passado, e me respondeu que não sabia, se foi de minha memória tudo o que me faltava contar, e garanto que era coisa muito importante e divertida.

— Quer dizer — disse dom Quixote — que a história está acabada?

— Tão acabada como minha mãe — disse Sancho.

— Na verdade — respondeu dom Quixote —, tu contaste uma das mais originais fábulas, contos ou histórias, coisa que ninguém seria capaz de imaginar no mundo, e jamais poderá se ver nem foi visto

em toda a vida esse modo de contá-la e de terminá-la, embora eu não esperasse outra coisa vinda de cabeça tão brilhante. Mas não me surpreendo, porque essas pancadas que não cessam talvez tenham te perturbado o raciocínio.

— Pode ser — respondeu Sancho —, mas eu sei que em minha história não há mais o que dizer: acaba ali onde começa o erro da conta da passagem das cabras.

— Acabe onde acabar, acabou muito bem — disse dom Quixote —, e vejamos se Rocinante pode se mexer.

Voltou a esporeá-lo, e ele voltou a dar saltos até ficar parado, tão bem atado estava.

Nisso, fosse pelo frio da manhã que já raiava, ou porque Sancho tivesse comido algumas coisas laxativas, ou porque era coisa natural — que é o mais provável —, veio-lhe o desejo de fazer o que ninguém poderia fazer por ele; mas era tanto o medo que sentia que não ousava se afastar uma lasca de unha de seu amo. Assim, como também não era possível pensar em não fazer o que tinha vontade, para resolver por bem a coisa soltou a mão direita que agarrava o arção traseiro e facilmente, sem barulho algum, desprendeu com ela o nó corrediço que sem outra ajuda sustentava as calças, que logo foram abaixo, ficando-lhe aos pés como grilhões. Em seguida, levantou a camisa o melhor que pôde e pôs ao vento ambos os assentos, que não eram nada pequenos. Feito isso, que ele julgou ser tudo o que podia fazer para sair daquele terrível aperto, sobreveio-lhe angústia maior ainda: não lhe pareceu que podia se aliviar sem estrépito e barulho. Começou a apertar os dentes e a encolher os ombros, segurando a respiração o quanto podia, mas, apesar de todos esses cuidados, foi tão infeliz que no final das contas acabou por fazer um pouco de barulho, bem diferente daquele que lhe metia tanto medo. Ouvindo-o, dom Quixote disse:

— Que barulho é esse, Sancho?

— Não sei, senhor — respondeu ele. — Deve ser alguma coisa nova, pois as aventuras e desventuras nunca deixam por menos.

Tentou a sorte de novo, e dessa vez saiu-se tão bem que, sem mais barulho nem alvoroço que o de antes, se achou livre da carga que o desesperara tanto. Mas, como dom Quixote tinha o sentido do

olfato tão aguçado como o da audição, e Sancho estava tão perto e colado nele que os vapores subiam quase em linha reta, não foi possível evitar que alguns chegassem às suas narinas; e, mal chegaram, ele saiu em socorro delas, apertando-as entre dois dedos. Então, num tom meio fanhoso, disse:

— Parece-me, Sancho, que tens muito medo.

— Tenho sim — respondeu Sancho —, mas como vossa mercê percebeu isso só agora?

— É que agora cheiras mais do que nunca, e não a âmbar — respondeu dom Quixote.

— É, pode ser — disse Sancho —, mas eu não tenho culpa, e sim vossa mercê, que me traz numa hora dessas a lugares estranhos desses.

— Afasta-te uns três ou quatro passos, amigo — disse dom Quixote, sem tirar os dedos das narinas —, e daqui por diante leva mais em conta tua pessoa, e o que deves à minha. Tenho convivido tanto contigo que isso gerou esta falta de consideração.

— Aposto — replicou Sancho — que vossa mercê pensa que eu fiz alguma coisa que não devia.

— Pior é mexer nela, amigo Sancho — respondeu dom Quixote.

Em conversas assim amo e criado passaram a noite. Sancho, quando viu que faltava pouco para a manhã, com muita cautela desatou Rocinante e atou as calças. Logo que se viu livre, embora não fosse nada fogoso, Rocinante parece que se ressentiu e começou a dar uns coices, porque se empinar (ele que me perdoe) não era coisa sua. Vendo que Rocinante já se mexia, dom Quixote pensou que era um sinal favorável para empreender aquela terrível aventura.

Nisso, a aurora acabou de raiar e as coisas surgiram distintamente: dom Quixote viu que as árvores altas entre as quais estavam eram castanheiros, que fazem sombra muito escura; percebeu também que as pancadas não cessavam, mas não viu quem as podia causar. Então, sem mais demora, fez Rocinante sentir as esporas e, despedindo-se de novo de Sancho, mandou que o aguardasse ali três dias, o mais tardar, como lhe dissera antes, e que, se nesse prazo não tivesse voltado, podia ter certeza

de que Deus decidira que seus dias deviam acabar naquela perigosa aventura. Repetiu-lhe a mensagem que devia levar de sua parte a sua senhora Dulcineia; e, quanto ao pagamento de seus serviços, não se preocupasse, porque ele havia deixado o testamento feito antes de sair de sua terra, no qual constava que ele receberia o salário proporcional ao tempo que tivesse servido; mas que, se Deus o livrasse daquele perigo, são, salvo e sem pagar resgate, podia ter por mais que certa a ilha prometida.

Sancho desatou a chorar de novo, ouvindo as tristes palavras de seu bom amo, e resolveu não deixá-lo até o último passo e desfecho daquela peripécia.

Dessas lágrimas e resolução tão honrada de Sancho Pança o autor desta história deduz que devia ser bem-nascido, ou pelo menos cristão-velho. Esse sentimento enterneceu o amo, mas não tanto que mostrasse alguma fraqueza; pelo contrário, dissimulando o melhor que pôde, começou a caminhar para o lugar de onde lhe pareceu vir o barulho da água e das pancadas.

Sancho o seguia a pé, como sempre levando seu jumento pelo cabresto, perpétuo companheiro de suas sinas, prósperas ou adversas. E tendo andado um bom pedaço por entre aqueles castanheiros e árvores frondosas, foram dar num campinho que ficava junto a uns penhascos muito altos, de onde se precipitava uma grande cachoeira. Viam-se no sopé dos penhascos umas casas malfeitas, que mais pareciam ruínas, e notaram que do meio delas saía o barulho estrondoso daquelas pancadas incessantes.

Rocinante se alvoroçou com o estrondo da água e das pancadas, mas dom Quixote o acalmou e foi se aproximando pouco a pouco das casas, enquanto se encomendava de todo o coração a sua senhora, suplicando-lhe que o favorecesse naquela tenebrosa jornada e empresa; e de passagem se encomendava também a Deus, para que não o esquecesse. Sancho não saía de seu lado e espichava o pescoço e a vista o quanto podia, por entre as pernas de Rocinante, para ver se percebia enfim o que o trazia tão espantado e medroso.

Teriam andado outros cem passos quando, ao sair de trás de uma pedra, viram surgir bem visível e patente a causa, sem dúvida

nenhuma, daquele tenebroso e assustador barulho, que os deixara espantados e medrosos toda a noite. Eram (se não levas a mal, leitor) seis maços de pisão,[2] que com suas pancadas alternadas faziam aquele estrondo.

Quando dom Quixote viu o que era, emudeceu e pasmou de cima a baixo. Sancho olhou-o e viu que tinha a cabeça inclinada sobre o peito, com mostras de estar envergonhado. Dom Quixote também olhou Sancho e viu que tinha as bochechas inchadas, a boca cheia de riso, com evidentes sinais de que não ia se aguentar — e a melancolia não foi tão forte que à vista de Sancho o fidalgo pudesse deixar de rir. Como Sancho viu que seu amo dava o exemplo, começou a rir de tal maneira que precisou apertar a barriga com os punhos para não arrebentar. Quatro vezes se acalmou e outras tantas voltou a gargalhar com o mesmo ímpeto do começo, o que, lá pelas tantas, encheu a paciência de dom Quixote, principalmente quando o ouviu dizer, como arremedo:

— “Sancho, meu amigo, deves saber que eu nasci, por vontade do céu, nesta nossa Idade do Ferro, para ressuscitar nela a do Ouro, ou a Dourada, como costuma se chamar. Eu sou aquele para quem estão reservados os perigos, as grandes façanhas, os feitos corajosos…”

E por aí foi, repetindo todas ou a maioria das palavras que dom Quixote disse quando ouviram as tenebrosas pancadas.

Vendo que Sancho debochava dele, dom Quixote se envergonhou e se enraiveceu tanto que levantou o chuço e lhe assentou duas bordoadas, que, se não fossem nas costas, mas na cabeça, o fidalgo ficaria livre de lhe pagar o salário, a menos que fosse a seus herdeiros. Sancho, vendo que seu amo levava tão a mal suas chacotas e com medo de que ele ficasse mais sério ainda, disse com muita humildade:

— Acalme-se vossa mercê! Por Deus, estou apenas brincando.

— Isso mesmo, porque brincais, não brinco eu! — respondeu dom Quixote. — Vinde cá, senhor gracioso: parece-vos que, se em vez de maços de pisão, tivéssemos aqui outra aventura perigosa, eu não teria mostrado a coragem que convinha para empreendê-la e acabá-la? Por acaso estou obrigado, sendo cavaleiro como sou, a

conhecer e distinguir os sons, e saber quais são de pisão ou não? Depois, poderia acontecer, como aliás acontece, que eu nunca na vida os tivesse visto, como vós haveis, como camponês ruim que sois, nascido e criado entre eles. Senão, fazei com que esses seis maços se transformem em seis gigantes e jogue-os em minhas barbas, um por um ou todos juntos, e quando eu não der com todos de patas para cima, zombai de mim o quanto quiserdes.

— Já chega, meu senhor — replicou Sancho —, pois confesso que andei risonho demais. Mas diga-me vossa mercê, agora que estamos em paz (que assim Deus o tire de todas as aventuras que lhe acontecerem, são e salvo como desta): não foi coisa engraçada, e não é de contar o grande medo que sentimos? Ao menos o que eu senti, pois vossa mercê, bem sei, não o conhece, nem sabe o que é temor nem espanto.

— Não nego — respondeu dom Quixote — que o que nos aconteceu seja coisa digna de riso, mas não é digna de se contar, pois nem todas as pessoas são tão atiladas que saibam pôr as coisas em seus devidos lugares.

— Pelo menos — respondeu Sancho —, vossa mercê soube pôr no lugar o chuço, apontando-me à cabeça e acertando-me nas costas, graças a Deus e ao cuidado com que me esquivei. Mas vá lá, no fim tudo se sabe e tudo se paga; e ouvi dizer que “esse te quer tão bem que te faz chorar”; além disso, os senhores importantes costumam dar umas calças de presente, depois de uma palavra rude que dizem a um criado, embora eu não saiba o que costumam dar depois de umas bordoadas; quanto aos cavaleiros andantes, vai ver que depois de bordoadas dão ilhas, ou reinos em terra firme.

— É, as coisas poderiam correr assim — disse dom Quixote —, e vir a ser verdade tudo o que dizes; e perdoa o que aconteceu, pois és inteligente e sabes que os primeiros movimentos não estão nas mãos do homem; e daqui por diante fica avisado de uma coisa, para que te refreies e te abstenhas de falar demais comigo, porque em nenhum dos livros de cavalaria que li, e são inumeráveis, jamais encontrei um escudeiro que falasse tanto com seu senhor como tu com o teu. E na verdade considero isso um grande erro, teu e meu:

teu, porque me respeitas pouco; meu, porque não me dou mais ao respeito. Vê Gandalin, escudeiro de Amadis de Gaula, que foi conde da Ilha Firme: lê-se que sempre falava a seu senhor com o gorro na mão, a cabeça inclinada e o corpo dobrado, *more turquesco*.[3] E o que diremos de Gasabal, escudeiro de dom Galaor, que foi tão calado que, para nos declarar a excelência de seu maravilhoso silêncio, apenas uma vez se menciona seu nome em toda aquela história, tão grande como verídica? De tudo o que disse deves deduzir, Sancho, que é necessário manter a diferença entre amo e servo, senhor e criado e cavaleiro e escudeiro. Assim, de hoje em diante, vamos nos tratar com mais respeito, sem nos darmos muita trela, pois, se eu me aborrecer contigo, já sabes, a corda sempre arrebenta do lado mais fraco. As mercês e os benefícios que te prometi chegarão a seu tempo; e, se não chegarem, pelo menos o salário não se perderá, como já te disse.

— Está muito bem tudo que vossa mercê diz — disse Sancho —, mas eu queria saber (se por acaso não chegasse o tempo das mercês e fosse necessário apelar para os salários) quanto ganhava o escudeiro de um cavaleiro andante naqueles tempos, e se o acerto era por meses, ou por dias, como serventes de pedreiro.

— Não acho que os tais escudeiros jamais servissem por salário — respondeu dom Quixote —, mas apenas pelo que seus senhores quisessem dar; e se eu te mencionei no testamento fechado que deixei em minha casa, foi pelo que poderia acontecer, pois ainda não sei como a cavalaria se sairá nestes nossos tempos calamitosos, e além disso não gostaria que minha alma penasse por tão pouca coisa no outro mundo. Porque quero que saibas, Sancho, não há nele condição mais perigosa que a dos aventureiros.

— Isso é verdade — disse Sancho —, pois só as pancadas dos maços de um pisão puderam alvoroçar e desassossegar o coração de um aventureiro andante tão corajoso como é vossa mercê. Mas pode ficar certo de que daqui por diante não abro mais a boca para fazer gracejos com as coisas de vossa mercê, apenas para honrá-lo, como meu amo e senhor natural.

— Dessa maneira — replicou dom Quixote —, viverás sobre a face da terra; porque, depois dos pais, aos amos deve-se respeitar como

se pais fossem.

XXI

que trata da grande aventura
e preciosa conquista do elmo de mambrino,
com outras coisas acontecidas
ao nosso invencível cavaleiro

Nisso começou a chover um pouco, e Sancho gostaria que se abrigassem no moinho dos pisões, mas dom Quixote tinha ficado com tal aversão por ele por causa daquela zombaria medonha que não quis entrar ali de jeito nenhum. E assim, dobrando à direita, deram em outro caminho como o que haviam trilhado no dia anterior.

Dali a pouco, dom Quixote avistou um homem a cavalo, que trazia na cabeça uma coisa que reluzia como se fosse de ouro. Mal o viu, virou-se para Sancho e disse:

— Parece-me, Sancho, que não há ditado que não seja verdadeiro (porque todos são sentenças tiradas da própria experiência, mãe de todas as ciências), especialmente aquele que diz: “Onde uma porta se fecha, outra se abre”. Pois se ontem à noite o destino nos fechou a porta que procurávamos, enganando-nos com os pisões, agora nos abre outra de par em par para uma aventura melhor e mais certa; e, se eu não conseguir entrar por ela, a culpa será minha, sem que a possa atribuir ao desconhecimento de pisões ou à escuridão da noite. Digo isso porque, se não me engano, vem ali em nossa direção um homem que traz na cabeça o elmo de Mambrino, sobre o qual eu fiz aquele juramento, que já conheces.

— Veja bem vossa mercê o que diz e mais ainda o que faz — disse Sancho —, pois eu não gostaria que fossem outros pisões que

acabassem por nos socar e moer o bom senso.

— Que o diabo te carregue, seu covarde! — replicou dom Quixote. — Que tem a ver elmo com pisões?

— Não sei de nada — respondeu Sancho —, mas juro que, se pudesse falar tanto como antes, talvez eu alegasse tais razões que vossa mercê veria que se engana no que diz.

— Como posso me enganar no que digo, traidor melindroso? — disse dom Quixote. — Diz-me: não vês aquele cavaleiro que vem ali, num cavalo tordilho, que traz na cabeça um elmo de ouro?

— Pelo que posso ver — respondeu Sancho —, é apenas um homem montado num burro, ruço como o meu, que traz na cabeça uma coisa que reluz.

— Pois isso é o elmo de Mambrino — disse dom Quixote. — Afasta-te para o lado e deixa-me sozinho com ele: verás como, sem dizer uma palavra para poupar tempo, acabo esta aventura e será meu o elmo que tanto desejo.

— Terei o cuidado de me afastar — replicou Sancho. — Mas repito: queira Deus que o que reluz seja ouro mesmo, não pisões.

— Já vos disse, irmão, que não mencioneis mais os pisões nem em pensamento, pois juro por… — e dom Quixote lançou o nome em vão, redondo como uma bola — que vos pisoteio a alma.

Sancho se calou, com medo de que seu amo cumprisse a promessa.

O caso é que o elmo, o cavalo e o cavaleiro que dom Quixote via eram isto: naquelas bandas havia duas aldeias, uma tão pequena que não tinha nem botica nem barbeiro; como a outra, que ficava perto, os tinha, o barbeiro da maior também servia à menor. Aconteceu que aí um doente teve necessidade de uma sangria e outro sujeito de fazer a barba, por isso vinha o barbeiro com uma bacia de latão, montado num burro ruço, como dissera Sancho. Quis o destino que, nessa hora, começasse a chover e, para não manchar o chapéu, que devia ser novo, o barbeiro botou na cabeça a bacia que, como estava limpa, reluzia a meia légua. Foi assim que a dom Quixote pareceu cavalo tordilho, cavaleiro e elmo de ouro — pois com muita facilidade ajustava todas as coisas que via a suas desvairadas cavalarias e mal-andantes pensamentos. E, quando viu

o pobre cavaleiro se aproximar, sem conversa investiu a todo galope, com o chuço baixo, decidido a trespassá-lo de lado a lado. Mas, bem perto dele, sem deter a carreira furiosa de Rocinante, disse:

— Defende-te, reles criatura, ou entrega-me de bom grado o que com tanta razão me é devido!

O barbeiro, que vinha tão descuidado e sem medo, quando viu aquele fantasma avançar sobre ele, não teve outro remédio para se defender do golpe da lança que se atirar de cima do burro. Aí, mal tocou o chão, se levantou mais ligeiro que um gamo e saiu correndo por aquela campina de modo que nem o vento o alcançaria, deixando a bacia para trás. Dom Quixote se contentou com ela e disse que o pagão tinha agido com discernimento — havia imitado o castor, que, vendo-se acossado pelos caçadores, rasga e despedaça com os dentes aquilo pelo que ele, por instinto natural, sabe que é perseguido.[1] Mandou que Sancho pegasse o elmo, o qual, tomando a bacia com ambas as mãos, disse:

— Por Deus, é boa a bacia! Acho que vale tanto oito reais como um maravedi.

Entregou-a ao amo, que a botou logo na cabeça, girando-a de um lado para o outro, procurando a presilha para prender na armadura, e, como não a encontrava, disse:

— Sem dúvida, o pagão para quem se forjou sob medida este famoso elmo devia ter a cabeça muito grande; e o pior é que falta metade dele.

Quando Sancho ouviu chamar a bacia de “elmo”, não pôde conter o riso; mas veio à mente dele a cólera de seu amo e se calou em seguida.

— De que te ris, Sancho? — disse dom Quixote.

— Estava imaginando — disse Sancho — a cabeçona que tinha o pagão dono deste morrião, que parece uma bacia de barbeiro sem tirar nem pôr.

— Sabes o que penso, Sancho? Por algum acaso estranho este famoso elmo encantado caiu nas mãos de quem não soube ver nem avaliar seu valor, percebendo apenas que era de ouro puríssimo. Então, sem saber o que fazia, deve ter fundido uma metade para se

aproveitar do preço e da outra fez esta, que parece bacia de barbeiro, como dizes. Mas, seja como for, para mim que o conheço não vem ao caso a transmutação; eu o consertarei na primeira vila onde haja ferreiro, e de um modo que não leve vantagem sobre ele, nem mesmo se compare, o que fez e forjou o deus das ferrarias para o deus das batalhas. Enquanto isso, vou levá-lo como puder, que mais vale um pouco que nada; no mínimo será suficiente para me defender de alguma pedrada.

— Isso — disse Sancho — se não for atirada com funda, como atiraram na briga dos dois exércitos, quando benzeram os molares de vossa mercê e lhe arrebentaram a azeiteira onde vinha aquela bendita beberagem que me fez vomitar as tripas.

— Não me importo muito de tê-la perdido, Sancho — disse dom Quixote —, pois sei a receita de cor, como tu sabes.

— Eu também sei — respondeu Sancho —, mas se eu a fizer ou se alguma vez na vida a provar de novo, quero cair morto agora. Além do mais, não penso precisar dela, porque pretendo evitar com todos os meus cinco sentidos ser ferido ou ferir alguém. Quanto a ser manteado outra vez, não digo nada, que semelhantes desgraças mal podem se prevenir; e, se acontecem, não há o que fazer senão encolher os ombros, prender o fôlego, fechar os olhos e se deixar ir por onde a sorte e a manta nos levar.

— És mau cristão, Sancho — disse dom Quixote ao ouvir isso —, porque nunca esqueces a injúria que te fizeram uma vez. Pois saibas que é próprio de corações nobres e generosos não fazer caso de ninharias. Saíste com um pé coxo, uma costela partida, a cabeça rachada, para que não te esqueças daquela brincadeira? Porque, pensando bem, foi só uma brincadeira e diversão. Se eu não pensasse assim, já teria voltado lá e, para vingar-te, teria feito mais estrago do que os gregos por causa do rapto de Helena, que, se vivesse nestes tempos, ou minha Dulcineia vivesse naqueles, certamente não teria tanta fama de formosa como tem.

E aqui deu um suspiro que foi às nuvens.

— É melhor levar na brincadeira mesmo — disse Sancho —, já que a vingança não pode ser levada a sério; mas eu sei de que tipo foram as seriedades e as brincadeiras, e sei também que não me

sumirão da memória, como nunca me sairão das costas. Mas, deixando isso para lá, diga-me vossa mercê o que faremos deste cavalo tordilho, que parece um burro ruço, que abandonou aqui aquele Mantrino que vossa mercê derrubou. Do modo como botou o pé na estrada sem nem nos dizer adeus, não leva jeito de quem volta. E, por minhas barbas, se não é bom o ruço!

— Nunca foi meu costume despojar aos que venço — disse dom Quixote —, nem é uso da cavalaria tirar os cavalos deles e deixá-los a pé, a menos que o vencedor tenha perdido o seu no combate. Neste caso é lícito pegar o do vencido, como fruto de guerra justa. Assim, Sancho, deixa esse cavalo ou burro ou o que tu quiseres que seja; seu dono, vendo-nos longe daqui, logo voltará para buscá-lo.

— Sabe Deus como gostaria de levá-lo — replicou Sancho —, ou, pelo menos, trocá-lo pelo meu, que não me parece tão bom. Na verdade, são rigorosas as leis da cavalaria, pois não permitem deixar um burro por outro. Mas gostaria de saber se ao menos posso trocar os arreios.

— Não tenho muita certeza disso — respondeu dom Quixote. — Mas, por via das dúvidas, até estar mais bem informado, consinto que troques, se é que tens extrema necessidade deles.

— É tão extrema — respondeu Sancho — que, se fosse para minha própria pessoa, não seriam mais necessários.

Em seguida, habilitado com aquela licença, fez *mutatio capparum*[2] e deixou seu jumento às mil maravilhas, melhorando-o de cabo a rabo.

Feito isso, almoçaram as sobras do que tinham despojado da mula de carga, beberam da água do riacho do pisão, sem virar a cara para olhá-lo, tamanha era a aversão que lhe tinham por causa do medo que haviam passado.

Então, aplacadas a fome e até a melancolia, montaram a cavalo e, sem escolher o caminho, por ser muito de cavaleiros andantes não ter rumo certo, puseram-se a caminhar por onde a vontade de Rocinante quis, levando atrás a do amo e mesmo a do burro, que sempre seguia o cavalo por onde fosse, em boa amizade e companhia. Apesar disso tudo, voltaram à estrada real e seguiram por ela ao acaso, sem desígnio algum.

Assim iam caminhando, quando Sancho disse a seu amo:

— Vossa mercê pode me dar licença de falar um pouco? Desde aquela penosa ordem de silêncio, apodreceram-me mais de quatro coisas no estômago, e eu gostaria que ao menos uma que tenho agora na ponta da língua não se perdesse.

— Fala — disse dom Quixote —, mas sê breve, porque nenhum discurso é bom se for longo.

— Olhe, senhor — disse Sancho —, há dias venho pensando no pouco que se ganha e conquista ao andar buscando essas aventuras que vossa mercê busca nesses desertos e encruzilhadas, onde, mesmo sendo vitorioso nas mais perigosas, não há quem as veja nem saiba delas: assim vão ficar em perpétuo silêncio, em prejuízo da intenção de vossa mercê e do que elas merecem. Por isso me parece que seria melhor (a menos que vossa mercê seja de outra opinião) que fôssemos servir a algum imperador ou a outro grande príncipe que tenha alguma guerra, em cujo serviço vossa mercê mostre o valor de sua pessoa, suas grandes forças e maior inteligência; ao ver isso, o senhor a quem servirmos há de nos remunerar certamente, cada um conforme seus méritos; e ali não faltará quem ponha por escrito as façanhas de vossa mercê, para memória perpétua. Das minhas não digo nada, pois não sairão dos limites escudeiris, embora saiba dizer que, se na cavalaria for costume escrever façanhas de escudeiros, não penso que as minhas vão ficar nas entrelinhas.

— Não falas mal, Sancho — respondeu dom Quixote —, mas, antes de chegar a esse ponto, é necessário andar pelo mundo como que em provação, buscando aventuras para que, vencidas algumas, se ganhe nome e tanta fama que já seja o cavaleiro conhecido por seus feitos, quando for à corte de algum grande monarca. Então, mal o tenham visto entrar pela porta da cidade, os meninos irão rodeá-lo e segui-lo, aos gritos: “Este é o cavaleiro do Sol”, ou da Serpente, ou de alguma outra insígnia sob a qual tiver feito grandes façanhas. “Este é”, dirão, “o que venceu em singular batalha o gigantesco Brocabruno da Grande Força, o que desencantou o Grande Mameluco da Pérsia do longo encantamento em que esteve por quase novecentos anos.” Assim, de boca em boca, irão

apregoando seus feitos e, depois do alvoroço dos meninos e das outras pessoas, surgirá nas janelas do palácio o rei daquelas terras e, assim que veja o cavaleiro, reconhecendo-o pela armadura ou pelo emblema do escudo, forçosamente há de dizer: “Eia, eia! Saiam meus cavaleiros e todos os que estão em minha corte, para receber a flor da cavalaria, que ali vem!”. A esta ordem sairão todos, e ele chegará até a metade da escada e o abraçará fortemente, desejando-lhe paz e beijando-lhe o rosto, e em seguida o levará pelas mãos ao aposento da senhora rainha, onde o cavaleiro a encontrará com a infanta, sua filha, que há de ser uma das mais belas e perfeitas donzelas que a duras penas poderá se achar em grande parte do mundo conhecido.

“Logo depois disso, acontecerá que ela pousa os olhos no cavaleiro, o cavaleiro pousa os olhos nela, e cada um parece ao outro coisa mais divina que humana. Sem saber como nem quando, ficam presos e enlaçados na intrincada rede amorosa, e com grande ansiedade em seus corações por não saberem como poderão se falar para descobrir seus desejos e sentimentos. Sem dúvida dali o levam a algum quarto do palácio, luxuosamente ornamentado, onde, havendo lhe tirado a armadura, lhe trazem um rico manto de escarlate para que se cubra; e, se de armadura pareceu bonito, mais bonito ainda parecerá de gibão.

“Chegada a noite, jantará com o rei, a rainha e a infanta, quando nunca tirará os olhos dela, olhando-a de modo dissimulado; e ela fará o mesmo com a mesma sagacidade, porque, como já disse, é donzela muito inteligente. Tirada a mesa, cruzará de repente pela porta da sala um pequeno e feio anão com uma formosa ama que, entre dois gigantes, vem atrás do anão, com um enigma criado por um mago antiquíssimo: aquele que o resolver será considerado o melhor cavaleiro do mundo. Em seguida o rei mandará que todos os que estão presentes tentem a sorte, mas nenhum o deslindará a não ser o cavaleiro hóspede, aumentando assim sua fama, do que ficará muito contente a infanta, que além de feliz se dará por bem paga por ter posto seus pensamentos em pessoa de tão altos méritos. O melhor é que este rei ou príncipe, ou seja lá o que for, trava uma guerra renhida com outro tão poderoso como ele, e o

cavaleiro hóspede lhe pede, depois de alguns dias em sua corte, licença para ir servi-lo naquela guerra. O rei a dará de muito boa vontade, e o cavaleiro lhe beijará cortesmente as mãos pela mercê que lhe faz.

"Naquela noite se despedirá de sua senhora, a infanta, pelas grades do jardim que dá para o aposento onde ela dorme, pelas quais já muitas outras vezes havia falado com ela, sendo intermediária e conhecedora de tudo uma aia em quem a infanta muito confiava. Ele suspirará, ela desfalecerá, a aia trará água, ele se angustiará muito pela honra de sua dama, porque vem a manhã e não gostaria que fossem descobertos. Finalmente, a infanta voltará a si e dará suas mãos alvas pela grade ao cavaleiro, que as beijará mil e mil vezes, banhando-as em lágrimas. Ficará combinado entre os dois o modo como se darão as boas e as más notícias, e a princesa lhe suplicará que demore o menos possível; ele o prometerá com muitas juras e, voltando a lhe beijar as mãos, despedir-se-á com tanto sentimento que estará a um passo de perder a vida. Dali vai para seus aposentos, atira-se sobre o leito, não pode dormir por causa da dor da partida; levanta muito cedo, vai se despedir do rei, da rainha e da infanta. Ao se despedir do rei e da rainha, dizem-lhe que a senhora infanta está indisposta e que não pode receber visita; o cavaleiro pensa que é de tristeza por sua partida, seu coração se despedaça, e falta pouco para não demonstrar sua agonia. A aia alcoviteira está ali perto, observa tudo e vai contar a sua senhora, que a recebe com lágrimas e lhe diz que uma das maiores tristezas que tem é não saber quem é seu cavaleiro, se é de linhagem de reis ou não; a aia lhe garante que não pode caber tanta cortesia, distinção e bravura como a de seu cavaleiro senão em pessoa nobre e real; a coitada consola-se com isso e procura disfarçar, para que seus pais não suspeitem dela, e dali a dois dias aparece em público.

"O cavaleiro já se foi: luta na guerra, vence o inimigo do rei, conquista muitas cidades, triunfa em muitas batalhas, volta à corte, vê sua senhora no lugar de costume, combina-se então que a pedirá a seu pai como esposa, em pagamento por seus serviços. O rei não a quer dar porque não sabe quem é ele; mas, apesar disso, raptada

ou de qualquer outro jeito que for, a infanta vem a ser sua esposa, e seu pai fica muito feliz porque se soube que o tal cavaleiro é filho de um valente rei de não sei que reino, pois acho que não deve estar no mapa. O pai morre, a infanta herda e o cavaleiro, num piscar de olhos, vira rei. Aqui começam as mercês a seu escudeiro e a todos aqueles que o ajudaram a subir a tão alta posição: casa seu escudeiro com uma aia da infanta, que será, sem dúvida, a que intermediou seus amores, que é filha de um duque muito importante."

— É o que peço, e sem tretas! — disse Sancho. — Conto com isso, porque há de acontecer tudo ao pé da letra como vossa mercê disse, agora que se chama o Cavaleiro da Triste Figura.

— Não tenhas dúvidas, Sancho — replicou dom Quixote —, porque os cavaleiros andantes chegaram e chegam a ser reis e imperadores exatamente do jeito que te contei, seguindo os mesmos passos. Agora só falta ver que rei dos cristãos ou dos pagãos tenha guerra e filha formosa; mas haverá tempo para pensar nisso, pois, como te disse, primeiro é preciso ganhar fama por outras bandas antes de chegar à corte. Também me falta outra coisa: no caso de encontrarmos rei com guerra e filha formosa, tendo eu ganhado fama incrível em todo o universo, não sei como poderia se pensar que eu seja da linhagem de reis ou pelo menos primo segundo de imperador; porque o rei não vai querer me dar sua filha por mulher se, antes, não estiver inteirado disso, embora mais o mereçam meus famosos feitos. Assim, por essa falta, temo perder o que meu braço tanto merece. Mas é verdade que eu sou fidalgo de casa antiga e conhecida, homem com propriedades reconhecidas pelo tribunal, e a lei protege meu bom nome de afrontas com quinhentos soldos de multa.[3] Além do mais, poderia ser que o mago que escrevesse minha história deslindasse de tal maneira minha parentela e descendência que me descobrisse quinto ou sexto neto de rei. Pois te digo, Sancho, que há duas espécies de linhagens no mundo: umas derivam sua descendência de príncipes e monarcas, a quem pouco a pouco o tempo foi desgastando, até acabarem em ponta como uma pirâmide posta ao contrário; outras começaram com gente baixa e foram subindo, de

grau em grau, até chegar a grandes senhores. De modo que a diferença está em que uns foram e já não são, e outros são, mas não foram. Eu bem poderia ser dos que já não são. Assim, depois de averiguado, se veria como foi grande e famoso meu princípio, com o que deveria se contentar o rei que haveria de ser meu sogro; ou a infanta há de me amar de tal maneira que, apesar de seu pai e de saber indubitavelmente que sou filho de um cavalariço, há de me admitir por senhor e esposo; e, se não, ainda posso raptá-la e levá-la para onde eu bem quiser, que o tempo ou a morte há de acabar com o desgosto de seus pais.

— É como dizem alguns bandidos: "Não peças por favor o que podes tomar pela força" — disse Sancho —, ou no caso talvez seja melhor dizer: "Mais vale um mau acordo que um bom pleito". Digo isso porque se o senhor rei, sogro de vossa mercê, não quiser lhe entregar minha senhora, a infanta, não haverá o que fazer, como diz vossa mercê, senão raptá-la e carregá-la. O problema é que, enquanto não façam as pazes e se goze pacificamente do reino, o pobre escudeiro poderá ficar chupando o dedo nisso das mercês. A não ser que a aia alcoviteira, que deverá ser sua mulher, fuja com a infanta, e ele viva com ela sua desventura, até que o céu ordene outra coisa; porque, parece-me, seu senhor poderá dá-la logo por legítima esposa.

— Isso não há quem impeça — disse dom Quixote.

— Pois então — respondeu Sancho — só temos de nos encomendar a Deus e deixar a sorte correr por onde Ele determinar.

— Que Deus faça como eu desejo e tu, Sancho, necessitas — respondeu dom Quixote. — E ruim seja quem ruim se julga.

— Seja como Deus quiser — disse Sancho —, pois sou cristão-velho, e para ser conde isto me basta.

— E até sobra — disse dom Quixote. — E, mesmo que não fosses, não fazia mal porque, sendo eu o rei, posso te dar nobreza sem que a compres nem me sirvas em nada. Olha, fazendo-te conde, podes te dar por cavaleiro, digam o que disserem; pois juro que vão te tratar por senhoria, por mais que resmunguem.

— Ora se eu não estaria à altura do *tiltu*! — disse Sancho.

— Deves dizer *título*, não *tiltu* — disse seu amo.

— Isso, então — respondeu Sancho Pança. — Digo que eu o saberia portar porque, graças a Deus, por um tempo fui andador de uma confraria, e me assentava tão bem o uniforme que todos diziam que eu tinha presença para ser administrador da própria confraria. Imagine o que será quando eu botar nas costas um manto de duque forrado de arminho ou me vestir de ouro e pérolas, como um conde estrangeiro? Acho que vai ter gente que fará cem léguas só para me ver.

— Ficarás muito bem — disse dom Quixote —, mas será preciso se barbear mais seguido, porque, tendo as barbas assim cerradas, escuras e descuidadas, sem ver navalha no mínimo de dois em dois dias, à distância de um tiro de escopeta se verá o que és.

— O que posso fazer, senão contratar um barbeiro e mantê-lo assalariado em casa? — disse Sancho. — Aí, se precisar, farei com que ande atrás de mim, como cavalariço dos grandes.

— Mas como sabes que os grandes andam com os cavalariços atrás? — perguntou dom Quixote.

— Já lhe conto — respondeu Sancho. — Há anos estive um mês na corte e ali vi passeando um senhor muito pequeno, que diziam que era muito grande: um homem o seguia a cavalo por tudo quanto era lado, até parecia o rabo dele. Perguntei por que aquele homem não se juntava com o outro, só andava atrás, e me responderam que era seu cavalariço e que era costume dos grandes levar os ditos atrás. Foi então que eu soube tão bem sabido que nunca mais me esqueci.

— Tens razão — disse dom Quixote. — Assim sendo, podes levar teu barbeiro, pois os costumes não surgiram todos juntos nem foram inventados de uma vez só, e bem podes ser tu o primeiro conde que leva seu barbeiro atrás de si. Além disso, fazer a barba é uma tarefa de mais confiança que encilhar um cavalo.

— Deixe por minha conta isso do barbeiro — disse Sancho —, e vossa mercê trate de se tornar rei e me fazer conde.

— Assim será — respondeu dom Quixote.

E, levantando os olhos, viu o que se dirá no próximo capítulo.

xxii

da liberdade que dom quixote deu a muitos desgraçados que eram levados contra a vontade aonde não queriam ir

Conta Cide Hamete Benengeli, autor árabe e manchego, nesta história seriíssima, altissonante, minuciosa, doce e imaginativa, que, depois daquela conversa entre dom Quixote de la Mancha e Sancho Pança, seu escudeiro, como foi referido no capítulo vinte e um, o cavaleiro levantou os olhos e viu na estrada que iam uns doze homens a pé, enfiados como contas de rosário numa grande corrente de ferro que os prendia pelos pescoços, e todos com algemas nos pulsos. Também vinham com eles dois homens a cavalo e dois a pé; os cavaleiros, com espingardas de pederneira, os outros com dardos e espadas. Mal os viu, Sancho Pança disse:

— É uma corrente de galeotes, gente que vai forçada remar nas galés do rei.

— Como gente forçada? — perguntou dom Quixote. — É possível que o rei force alguém?

— Não disse isso — respondeu Sancho. — É gente que por causa de seus delitos foi condenada a servir ao rei nas galés, em trabalhos forçados.

— Em suma — replicou dom Quixote —, seja como for, essa gente vai levada pela força, não pela própria vontade.

— Isso mesmo — disse Sancho.

— Pois então — disse seu amo —, aqui se enquadra o exercício de minha profissão: desfazer opressões e socorrer os miseráveis.

— Veja vossa mercê — disse Sancho — que a justiça, que é o próprio rei, não oprime nem ofende semelhante gente, apenas a castiga por causa de seus crimes.

Nisso chegaram os galeotes acorrentados e dom Quixote, com palavras muito corteses, pediu aos guardas que fizessem o obséquio de informá-lo e lhe dizer a causa ou causas por que levavam aquela gente daquela maneira.

Um dos guardas que ia a cavalo respondeu que eram condenados, gente de Sua Majestade que ia para as galés, e que não havia mais o que dizer nem o fidalgo tinha mais o que saber.

— Mesmo assim — replicou dom Quixote —, gostaria de saber de cada um deles em particular a causa de sua desgraça.

A essas, acrescentou outras alegações tão razoáveis para movê-los a lhe dizer o que desejava que o outro guarda que ia a cavalo disse:

— Temos aqui o registro e uma cópia das sentenças de cada um desses infelizes, mas não é hora de pararmos para ler; vossa mercê se aproxime e pergunte a eles mesmos, que falarão se quiserem, e vão querer sim, porque é gente que gosta de fazer e dizer velhacarias.

Com essa licença, que dom Quixote tomaria mesmo que não lhe dessem, aproximou-se dos galeotes e perguntou ao primeiro por que pecados ia daquele péssimo jeito. Ele respondeu que por ter se apaixonado.

— Só por isso? — replicou dom Quixote. — Se por apaixonado se levam às galés, há tempos eu poderia estar remando nelas.

— Não são desses amores que vossa mercê pensa — disse o galeote. — Os meus foram por uma tina atopetada de roupa-branca: amei-a tanto que me abracei nela tão fortemente que não a teria deixado até agora, se a justiça não a tirasse à força de mim. Fui pego em flagrante, não foi preciso tortura para confissão; concluiu-se o julgamento, ajeitaram-me as costas com cem açoites e, de quebra, me deram três anos redondos de embarcação, e acabou-se a história.

— De embarcação? — perguntou dom Quixote.

— Nas galés — respondeu o galeote, um rapaz de uns vinte anos de idade, que disse ainda ser natural de Piedrahita.

Dom Quixote perguntou a mesma coisa ao segundo, que não respondeu uma palavra, pois ia triste e melancólico. Mas o primeiro respondeu por ele:

— Este, senhor, vai porque é canário, quer dizer, porque é músico e cantor.

— Mas como?! — admirou-se dom Quixote. — Músicos e cantores também vão para as galés?

— Sim, senhor — respondeu o condenado —, pois não há coisa pior que cantar na agonia.

— Sempre ouvi dizer — disse dom Quixote — que quem canta seus males espanta.

— Aqui é o contrário — disse o condenado —, quem canta uma vez chora a vida toda.

— Não compreendo — disse dom Quixote.

Mas um dos guardas lhe disse:

— Senhor cavaleiro, cantar na agonia, entre essa gente *non santa*, é confessar sob tortura. Este pecador foi torturado e confessou seu delito, que era ser quatreiro,[1] isto é, ladrão de gado. Como confessou, condenaram-no a seis anos de galés, além de duzentos açoites, que já leva no lombo. Vai sempre pensativo e triste porque os outros ladrões que ficaram lá, e os que vão aqui, o maltratam e o humilham, zombam dele e o desprezam porque confessou e não teve coragem de dizer não. É que eles dizem que um *não* tem tantas letras como um *sim*, e que tem muita sorte um delinquente que está com sua vida ou sua morte na ponta da língua e não nas provas e testemunhas. Nisso me parece que não estão muito fora de rumo.

— Também acho — respondeu dom Quixote.

Passando ao terceiro, perguntou a mesma coisa que aos outros; ele, com presteza e grande desenvoltura, respondeu:

— Eu vou para as senhoras galés por cinco anos por me faltarem dez ducados.

— Eu darei vinte de boa vontade — disse dom Quixote — para vos libertar desse suplício.

— Isso se assemelha — respondeu o condenado — com alguém cheio de dinheiro em alto-mar, morrendo de fome por não ter onde comprar o que precisa. Digo isso porque, se no devido tempo eu tivesse esses vinte ducados que vossa mercê me oferece agora, teria untado com eles a pena do escrivão e avivado a inventiva do procurador, de modo que hoje me veria no meio da praça de Zocodover, de Toledo, e não nesta estrada, acorrentado como um cachorro. Mas Deus é grande: paciência… e basta.

Dom Quixote passou ao quarto, que era um homem de rosto venerável, com uma barba branca que lhe ultrapassava o peito; ouvindo perguntar por que estava ali, começou a chorar e não respondeu uma palavra; mas o quinto condenado lhe serviu de língua:

— Este homem honrado vai para as galés por quatro anos, depois de ter passeado pelas ruas de costume, vestido, acompanhado com pompa e a cavalo.

— Pelo que entendi — disse Sancho Pança —, desfilou no cortejo da vergonha: entre a prisão e o pelourinho, sem ser açoitado, com o oficial de justiça anunciando seus crimes.

— Isso mesmo — replicou o condenado. — A causa dessa condenação é porque negociava cobertores de orelha e até do corpo todo. Enfim, quero dizer que este senhor vai porque era alcoviteiro, e também por ter uma pitada de feiticeiro.

— Se não tivesse acrescentado essa pitada… — disse dom Quixote —, porque apenas por puro alcoviteiro ele não merecia ir remar nas galés, mas sim comandá-las, ser o general delas. Pois não é assim como se pensa o ofício de alcoviteiro: é ofício de pessoas argutas, muito necessário numa república bem organizada, que só devia ser exercido por gente muito bem-nascida. Até devia haver examinador e fiscais, como têm os outros ofícios, com nomeações e registro oficial, como corretores da bolsa do comércio, pois desse modo se evitariam muitos males que se causam por andar esse ofício nas mãos de gente idiota e de pouco entendimento, como são essas mulherzinhas mequetrefes, pajenzinhos e bufões de poucos anos e de pouca experiência, que na hora mais necessária, quando é preciso ter manha, tropeçam nos

próprios pés e nem sabem qual é sua mão direita. Gostaria de prosseguir e dar as razões por que conviria escolher os que deviam exercer tão necessário ofício na república, mas não é lugar adequado para isso: algum dia direi a quem possa tomar as devidas providências. Por ora, digo apenas que a tristeza que me causou ver essas barbas brancas e esse rosto venerável em tão grande padecimento por ser alcoviteiro, se foi com esse negócio de feitiçaria, mesmo que eu saiba muito bem que não há feitiços no mundo que possam mover e forçar a vontade, como alguns simplórios pensam: nosso arbítrio é livre e não há poção nem encanto que o force. O que algumas mulherzinhas simplórias e alguns embusteiros velhacos costumam fazer são beberagens e venenos com que tornam os homens loucos, dando a entender que têm força para fazer nascer o amor, sendo, como digo, coisa impossível forçar a vontade.

— É isso mesmo — disse o bom velho —, mas na verdade, senhor, não sou culpado de feitiços. De alcovitagem, sim, não posso negar. Nunca, porém, pensei que fazia mal nisso, pois toda a minha intenção era que todo mundo se divertisse e vivesse em paz e quietude, sem rixas ou penas. Mas de nada me serviu esse bom desejo para deixar de ir aonde não espero voltar, porque me pesam os anos e um problema de urina que tenho, que não me dá um instante de folga.

E aqui desatou a chorar de novo, como no começo; Sancho teve tanta compaixão que puxou um real de prata e o deu de esmola.

Dom Quixote passou adiante e perguntou a outro qual era seu delito. O condenado respondeu, não com menos, mas com muito mais graça que o anterior:

— Eu estou aqui porque fiz muitas travessuras com duas primas-irmãs minhas e com outras duas irmãs que não eram minhas; enfim, foram tantas travessuras com todas que a parentela cresceu de modo tão enrolado que não há diabo que a deslinde. Provou-se tudo, faltou-me proteção, não tive dinheiro, estive a pique de botar o gogó no laço, condenaram-me às galés por seis anos, eu me conformei: o castigo foi por minha culpa; sou novo: que a vida continue, pois com ela tudo se alcança. Se vossa mercê, senhor

cavaleiro, leva alguma coisa com que socorrer esses pobres-diabos, Deus o pagará no céu, e na terra nós teremos o cuidado de rogar a Ele em nossas orações pela vida e saúde de vossa mercê, que seja tão longa e feliz como sua boa aparência mostra que merece.

Esse preso vestia uma sotaina de estudante, e um dos guardas disse que era muito tagarela e notável latinista.

Atrás desses todos, vinha um homem de muito boa aparência, com uns trinta anos de idade, mas que ao olhar metia um pouco um olho no outro. Não estava atado como os demais, porque trazia duas argolas no pescoço: de uma saía uma corrente tão grande que se enrolava pelo corpo todo até se prender num pé; da outra desciam dois ferros que chegavam à cintura e prendiam as algemas, onde levava as mãos chaveadas por um grosso cadeado. Assim, não podia levar as mãos à boca nem baixar a cabeça até as mãos.

Dom Quixote perguntou por que aquele homem ia mais acorrentado que os outros. O guarda respondeu que era porque sozinho tinha mais crimes que todos os outros juntos, sem falar que era tão atrevido e tão velhaco que, mesmo levando-o daquele jeito, não estavam seguros dele e temiam que fugisse.

— Que delitos pode ter cometido — disse dom Quixote —, se não mereceu outras penas além das galés?

— Vai por dez anos — replicou o guarda —, o que equivale a morte civil. Basta saber que este bom homem é o famoso Ginés de Pasamonte, conhecido também como Ginesillo de Parapilla.[2]

— Senhor beleguim — disse então o galeote —, vamos devagar nas pedras e deixemos de desenrolar nomes e sobrenomes. Chamo-me Ginés, não Ginesillo, e meu sobrenome é Pasamonte, não Parapilla, como vancê diz. Se o macaco olhasse o próprio rabo antes de falar dos outros, não faria pouco.

— Dobra a língua, senhor ladrão de marca maior — replicou o beleguim —, se não quiseres que eu a dobre por ti, queiras ou não queiras.

— Parece — respondeu o galeote — que o homem anda como Deus quer, não como ele deseja, mas algum dia se saberá se me chamo Ginesillo de Parapilla ou não.

— Mas não te chamam assim, embusteiro? — disse o guarda.

— Chamam sim — respondeu Ginés —, mas farei com que não me chamem, ou eu me arrancaria as barbas nos quintos de vancê sabe onde. Senhor cavaleiro, se tem algo para nos dar, dê de uma vez e vá com Deus, que já está amolando com esse negócio de querer saber da vida dos outros. Se quer saber da minha, saiba que eu sou Ginés de Pasamonte, cuja vida foi escrita por estes dedos.

— Agora diz a verdade — disse o beleguim. — Ele mesmo escreveu sua história, em que não há o que reparar, tanto que deixou o livro no cárcere empenhado por duzentos reais.

— Mas penso resgatá-lo — disse Ginés — mesmo que me custe duzentos ducados.

— É tão bom assim? — disse dom Quixote.

— É tão bom que faz o *Lazarillo de Tormes* comer poeira — respondeu Ginés. — Ele e todos os que foram ou serão escritos no gênero. Só posso dizer a vancê que trata de verdades, verdades tão lindas e graciosas que não há mentira que se compare.

— E como se intitula o livro? — perguntou dom Quixote.

— *A vida de Ginés de Pasamonte* — respondeu o próprio.

— E está pronto? — perguntou dom Quixote.

— Como poderia — respondeu ele —, se minha vida ainda não acabou? O que está escrito vai de meu nascimento até o ponto em que me mandaram para as galés, esta última vez.

— Então estiveste nelas antes? — disse dom Quixote.

— Para servir a Deus e ao rei, estive outra vez por quatro anos, e conheço bem a dieta das galés: biscoito e chibata — respondeu Ginés. — Não me incomoda muito voltar para lá; ao menos terei tempo de acabar meu livro, pois ainda me faltam muitas coisas para dizer, e nas galés da Espanha há mais sossego do que seria necessário, embora eu não precise muito para o que tenho de escrever, porque o sei de cor.

— Pareces bem capaz — disse dom Quixote.

— E infeliz — respondeu Ginés —, porque as desgraças sempre perseguem os homens de gênio.

— Perseguem os velhacos — disse o beleguim.

— Já lhe disse, senhor beleguim — respondeu Pasamonte —, devagar nas pedras, que aqueles senhores não lhe deram essa vara para maltratar os coitados que aqui vamos, mas para nos guiar e levar aonde Sua Majestade manda. Se não, com os diabos se… Mas chega, pois pode ser que algum dia se saiba direitinho das sujeiras que aconteceram na pousada, e então que todo mundo se cale, viva bem e aí fale melhor. Caminhemos, que essa brincadeira já foi longe demais.

O beleguim levantou a vara para bater em Pasamonte, em resposta a suas ameaças, mas dom Quixote se postou na frente dele e pediu que não o maltratasse, pois não era de estranhar que quem levava as mãos tão atadas tivesse a língua um pouco solta. E, virando-se para todos os acorrentados, disse:

— De tudo o que me haveis contado, caríssimos irmãos, tirei a limpo o seguinte: ainda que vos tenham castigado por vossas culpas, as penas que ides cumprir não vos dão muito prazer, e que ides de mau grado e muito contra a vontade, e é bem possível que a covardia daquele na tortura, a falta de dinheiro deste e de padrinho do outro e, enfim, a opinião torta do juiz tivesse sido a causa de vossa perdição, não se fazendo a devida justiça que vós merecíeis. Tudo isso me vem agora à mente, de modo que me está dizendo, persuadindo e até forçando que mostre convosco a razão por que o céu me pôs no mundo, e me fez professar a ordem de cavalaria e o juramento que nela fiz de ajudar os necessitados e oprimidos pelos poderosos. Mas, como sei que uma das condições da prudência é não se fazer por mal o que pode ser feito por bem, quero suplicar a esses senhores guardiões e ao beleguim que de boa vontade vos soltem e vos deixem ir em paz, que não faltarão outros que sirvam ao rei em melhores circunstâncias, porque me parece muito duro tornar escravos os que Deus e a natureza fizeram livres. Além do mais, senhores guardas — acrescentou dom Quixote —, esses pobres coitados não cometeram nada contra vós. Que cada um se vire com seu pecado; no céu há Deus, que não se descuida de castigar o mau nem de premiar o bom; e não fica bem que os homens honrados sejam verdugos de outros homens, não ganhando nada com isso. Peço com toda calma e tranquilidade,

para poder vos agradecer, se me atenderdes; agora, caso não o façais de bom grado, esta lança e esta espada, com a coragem de meu braço, vos farão me obedecer pela força.

— Belo discurso — respondeu o beleguim —, principalmente na última tirada! Quer que soltemos os presos do rei como se tivéssemos autoridade para tanto ou vossa mercê a tivesse para nos mandar! Siga seu caminho, meu senhor, enquanto é tempo, e ajeite esse penico que traz na cabeça e não procure três patas no gato.

— Gato, rato e velhaco sois vós! — respondeu dom Quixote.

E, falando e fazendo, sem lhe dar tempo de se defender, investiu contra ele tão rápido que o mandou ao chão, gravemente ferido pela lança; e por sorte era o que trazia a espingarda. Os outros ficaram pasmos e suspensos com o acontecimento inesperado, mas, recuperando-se, os guardas a cavalo empunharam as espadas e os que estavam a pé os dardos, avançando contra dom Quixote, que com toda a calma os aguardava e sem dúvida teria passado o diabo, se os galeotes, vendo a oportunidade que lhes era oferecida de alcançar a liberdade, não a tivessem aproveitado, procurando romper a corrente que os prendia. Foi tamanha a confusão que os guardas não fizeram nada de muito proveito, ou porque corriam para os condenados que se soltavam ou porque lutavam com dom Quixote, que os atacava.

Sancho, por sua vez, ajudou a soltar Ginés de Pasamonte, que, livre e desimpedido, foi o primeiro a entrar na dança: saltou sobre o beleguim caído e tomou dele a espada e a espingarda, com que, apontando para um e mirando em outro, sem jamais dar um tiro, não deixou um guarda no campo, pois também fugiram das pedradas que os galeotes soltos atiravam.

Sancho ficou muito triste com isso, porque imaginou que os que iam fugindo comunicariam o caso à Santa Irmandade, que, repicando o sino, sairia em busca dos delinquentes. Assim, falou a seu amo, pedindo que partissem logo dali e se refugiassem numa serra que não ficava longe.

— Boa ideia essa — disse dom Quixote —, mas eu sei o que convém fazer agora.

E chamou todos os galeotes, que andavam assanhados e haviam despojado o beleguim até deixá-lo em pelo. Com eles ao redor, à espera de ordens, disse:

— É próprio de gente de bem agradecer os benefícios que recebem, e um dos pecados que mais ofende a Deus é a ingratidão. Digo-vos isso, senhores, porque vistes pela própria experiência o que receberam de mim; em troca eu gostaria que, carregando essa corrente de que livrei vossos pescoços, em seguida vades para a cidade de El Toboso e ali vos apresenteis ante a senhora Dulcineia del Toboso, dizendo-lhe que seu cavaleiro, o da Triste Figura, envia a ela seus cumprimentos, e deveis ainda lhe contar tudo o que aconteceu nessa famosa aventura, tintim por tintim, até que vos levei à desejada liberdade. Feito isso, podereis ir para onde quiserdes, a vosso bel-prazer.

Ginés de Pasamonte respondeu por todos:

— O que vossa mercê nos ordena, nosso senhor e libertador, é absolutamente impossível de cumprir porque não podemos ir juntos pelas estradas, apenas separados e sozinhos, cada um numa direção, procurando se meter no oco do mundo, para não ser achado pela Santa Irmandade, que sem dúvida alguma vai sair a nossa procura. O que vossa mercê pode fazer, e é justo que faça, é trocar esse serviço e tributo à senhora Dulcineia del Toboso por uma certa quantidade de ave-marias e credos, que rezaremos em intenção a vossa mercê, coisa que poderá se fazer de noite e de dia, fugindo ou descansando, em paz ou em guerra. Mas achar que vamos voltar aos velhos tempos, digo, pegar nossa corrente e tocar para El Toboso, é pensar que agora é noite, quando ainda não são dez horas da manhã, e nos pedir isso é como tentar tirar leite da pedra.

— Pois garanto que ireis — disse dom Quixote, tomado de raiva —, sozinho e com o rabo entre as pernas, com a corrente toda nas costas, dom filho da puta, ou dom Ginesillo de Paropillo, ou seja lá como for!

Pasamonte — nada tolerante e sabendo que dom Quixote não era muito certo, desde o disparate que havia cometido ao libertá-los —, vendo-se tratar daquela maneira, piscou o olho para os

companheiros, que se afastaram para um lado e mandaram uma chuva de pedras sobre dom Quixote, a quem faltou mãos para cobrir-se com a rodela, sem falar que o pobre Rocinante fazia tanto caso da espora como se fosse feito de bronze. Sancho escondeu-se atrás do burro, e com ele se defendia da nuvem de granizo que caía. Dom Quixote não pôde se proteger tão bem que não lhe acertassem não sei quantos pedregulhos no corpo, com tanta força que deram com ele no chão; e, mal caiu, veio sobre ele o estudante e lhe tirou a bacia da cabeça e lhe deu com ela três ou quatro golpes nas costas e outros tantos na terra, fazendo-a em pedaços. Arrancaram-lhe um casaco que trazia sobre a armadura e teriam levado as meias, se as grevas não estorvassem. De Sancho tiraram o gabão e, deixando-o quase pelado, depois de repartir entre si os demais despojos da batalha, cada um foi embora para um lado, muito mais preocupados em escapar da Irmandade, que temiam, do que de carregar a corrente para se apresentar ante a senhora Dulcineia del Toboso.

Ficaram sós o jumento e Rocinante, Sancho e dom Quixote — o jumento, cabisbaixo e pensativo, sacudindo de quando em quando as orelhas, achando que ainda não havia acabado a tempestade de pedras que o perseguira; Rocinante, estendido perto do amo, pois também fora ao chão com uma pedrada; Sancho, quase pelado e com medo da Santa Irmandade; dom Quixote, amoladíssimo de se ver tão maltratado pelos mesmos a quem tanto bem tinha feito.

xxiii

do que aconteceu ao famoso dom quixote na serra morena, e que foi uma das mais estranhas aventuras que se conta nesta história verídica

Vendo-se tão estropiado, dom Quixote disse a seu escudeiro:

— Sempre ouvi dizer, Sancho, que fazer bem a vilões é jogar água no mar. Se eu tivesse acreditado no que me disseste, teria evitado este sofrimento; mas já está feito: paciência, e que me sirva de lição para o futuro.

— Vai servir tanto de lição quanto eu sou turco — respondeu Sancho. — Mas, como diz que se tivesse me ouvido teria se evitado este estrago, ouça-me agora e evitará outro maior: garanto que com a Santa Irmandade não adianta falar de cavalarias, pois ela não dá dois tostões por todos os cavaleiros andantes. E olhe que parece que suas flechas já me zumbem nas orelhas.

— És covarde por natureza, Sancho — disse dom Quixote —, mas, para que não digas que sou teimoso e que jamais faço o que me dizes, desta vez quero seguir teu conselho e me afastar da fúria que tanto temes, com uma condição, porém: jamais, eu vivo ou morto, deves dizer a quem quer que seja que eu me retirei por medo desse perigo, mas apenas para atender a tuas súplicas. Se disseres outra coisa, estarás mentindo, e te desminto desde agora até o fim e do fim até agora e digo mentes e mentirás todas as vezes que pensares ou falares. E não me contradigas mais, que só de pensar que me afasto e fujo de algum perigo, especialmente desse que parece conter uma leve sombra de medo, estou pronto para ficar e

aguardar aqui sozinho, não apenas a Santa Irmandade de que falas, como os irmãos das doze tribos de Israel, os sete Macabeus, Castor e Pólux e todos os irmãos e irmandades que há no mundo.

— Olhe, meu senhor — respondeu Sancho —, a retirada não é fuga, nem a espera é covardia quando o perigo é maior que a esperança: é próprio dos sábios se guardarem hoje para amanhã e não arriscar tudo num lance. Saiba que eu, embora camponês ignorante, entendo um pouco disso que chamam bom governo. Assim, não se arrependa de seguir meu conselho e monte no Rocinante, se puder, se não eu o ajudarei, e vamos lá, que a mioleira me diz que agora precisamos mais dos pés que das mãos.

Dom Quixote montou sem dizer mais nada, e, com Sancho na frente em seu burro, se meteram num lado da Serra Morena, que ficava perto dali. Sancho tinha a intenção de atravessá-la toda para sair no Viso, ou em Almodóvar del Campo, e esconder-se alguns dias por aquelas brenhas, onde não seriam achados se a Irmandade os procurasse. Animou-se mais ao ver que a comida, que carregava sobre o burro, tinha escapado ilesa da refrega, coisa que considerou milagrosa, à vista do que os galeotes procuraram e levaram.[1]

Assim que dom Quixote chegou àquelas montanhas, seu coração se alegrou, pois lhe pareceu o lugar certo para as aventuras que buscava. Vinham-lhe à memória os maravilhosos acontecimentos que sucediam aos cavaleiros andantes em semelhantes brenhas e solidões. Ia pensando nessas coisas, tão distraído e enlevado nelas, que não se lembrava de mais nada. Nem Sancho tinha outra preocupação, depois que lhe pareceu pisar terreno seguro, que satisfazer o estômago com os restos do despojo clerical: ia atrás de seu amo, sentado no jumento como uma mulher, tirando de um saco e embutindo na pança. Enquanto andasse assim, não daria um tostão para deparar com outra aventura.

Nisso, levantou os olhos e viu que seu amo estava parado, procurando erguer com a ponta do chuço não sei que coisa caída no chão. Por isso se apressou para ajudá-lo, se fosse preciso; quando chegou, ele já levantava com a ponta do chuço um coxim e uma maleta presa a ele, meio podres, ou totalmente podres e desfeitos;

mas pesavam tanto que foi necessário que Sancho apeasse para pegá-los. E seu amo mandou que visse o que havia na maleta.

Sancho o fez com muita presteza; a maleta estava fechada com uma corrente e seu cadeado, mas, pelas partes podres e arrebentadas, viu o que ela continha: quatro camisas de linho fino e outras coisas de algodão não menos curiosas que limpas, e num lenço achou um punhado de escudos de ouro. Mal os viu, disse:

— Bendito seja o céu, que enfim nos dá uma aventura proveitosa!

E, procurando mais, achou um livrinho de anotações, ricamente guarnecido. Dom Quixote o pediu, mandando que guardasse o dinheiro — e ficasse com ele. Sancho lhe beijou as mãos pela generosidade e, esvaziando a maleta, pôs seu conteúdo no saco das provisões, sob o olhar de dom Quixote, que disse:

— Parece-me, Sancho, e não é possível que seja outra coisa, que algum caminhante extraviado, ao passar por esta serra, deve ter sido assaltado por malfeitores. Certamente o mataram, trazendo-o para enterrar neste lugar inacessível.

— Acho que não — respondeu Sancho —, porque, se fossem ladrões, não teriam deixado o dinheiro.

— É verdade — disse dom Quixote. — Mas então não entendo nem adivinho o que possa ter acontecido. Espera, vejamos se neste livrinho há alguma coisa escrita que nos dê uma pista para compreender o que desejamos.

Abriu-o e a primeira coisa que achou nele, escrita como um rascunho, embora com letra muito boa, foi um soneto, que leu em voz alta para que Sancho também ouvisse:

Ou falta ao Amor conhecimento
ou lhe sobra crueldade, *ou não é minha pena*
igual à situação que me condena
ao mais duro gênero de tormento?

Mas, se o Amor é deus, *é argumento*
que nada ignora, *e é razão muito boa*
que um deus não seja cruel. *Pois quem ordena*

a terrível dor que adoro e sinto?

Se digo que sois vós, *Fílis*, *não acerto*,
pois tanto mal em tanto bem não cabe
nem do céu me vem esta ruína.

Logo haverei de morrer, *isso é o mais certo*:
pois para um mal que a causa não se sabe
milagre é acertar a medicina.[a]

— Por essa trova — disse Sancho — não pode se saber nada, a menos que pelo fio que está aí se desenrole o novelo todo.

— Que fio que está aqui? — disse dom Quixote.

— Parece-me — disse Sancho — que vossa mercê falou em *fio*.

— Eu só disse *Fílis* — respondeu dom Quixote —, que sem dúvida é o nome da dama de quem o autor do soneto se queixa. Garanto que deve ser um poeta razoável, ou sei pouco da arte.

— Então vossa mercê também entende de trovas? — disse Sancho.

— E muito mais do que pensas — respondeu dom Quixote. — Tu verás quando levares uma carta, escrita em verso de cima a baixo, a minha senhora Dulcineia del Toboso. Porque quero que saibas, Sancho, que todos ou a maioria dos cavaleiros andantes de épocas passadas eram grandes trovadores e grandes músicos. Essas duas habilidades ou dotes, para dizer melhor, são inseparáveis dos apaixonados andantes, se bem que os versos dos cavaleiros antigos têm mais vigor que apuro.

— Leia mais, senhor — disse Sancho —, pois talvez ache algo que nos agrade.

Dom Quixote virou a folha e disse:

— Isto é prosa, e parece carta.

— Carta pessoal, senhor? — perguntou Sancho.

— Pelo começo, parece de amores — respondeu dom Quixote.

— Então leia bem alto, senhor — disse Sancho —, que gosto muito dessas coisas de amor.

— Com prazer — disse dom Quixote.

E, lendo-a em voz alta, como Sancho havia pedido, viu que dizia o seguinte:

> Tua falsa promessa e minha desventura certa me levam a um lugar de onde mais depressa voltarão a teus ouvidos a notícia de minha morte que as palavras de minhas queixas. Desprezaste-me, oh, ingrata, por quem tem mais, não por quem vale mais que eu; mas, se a virtude fosse riqueza que se estimasse, eu não invejaria a sorte alheia nem choraria minhas próprias tristezas. O que tua formosura construiu, tuas ações derrubaram: por aquela pensei que eras um anjo, por estas sei que és mulher. Fica em paz, causadora de minha guerra, e permita o céu que os enganos de teu esposo fiquem sempre encobertos, para que tu não te arrependas do que fizeste, nem eu me vingue do que não desejo.

Acabando de ler a carta, dom Quixote disse:

— Pela carta pode se ver menos do que pelos versos quem a escreveu, exceto que é um apaixonado desiludido.

E, folheando todo o livrinho, achou mais versos e cartas, dos quais conseguiu ler apenas alguns; mas o que todos continham eram queixas, lamentos, desconfiança, gostos e desgostos, favores e desdéns, uns celebrados e outros chorados.

Enquanto dom Quixote examinava o livro, Sancho examinava a maleta, sem deixar um canto dela nem do coxim em que não procurasse, esquadrinhasse e inquirisse, nem costura que não desmanchasse, nem tufo de lã que não desemaranhasse, para que não escapasse nada por falta de atenção e cuidado: tamanha gulodice tinham despertado nele os escudos, que passavam de cem. E, embora não tenha achado mais nada, deu por bem empregados os voos na manta, o vômito da beberagem, as benzeduras dos bastões, os murros do tropeiro, a perda dos alforjes, o roubo do gabão e toda a fome, a sede e o cansaço que havia passado a serviço de seu bom senhor, parecendo-lhe que

estava mais que bem pago com a mercê recebida da entrega do achado.

Era grande o desejo do Cavaleiro da Triste Figura de saber quem era o dono da maleta, conjecturando pelo soneto e pela carta, pelo dinheiro em ouro e pela qualidade das camisas, que devia ser de algum nobre, a quem os maus-tratos de sua dama deviam ter conduzido a algum desfecho desesperado. Mas, como por aquele lugar inabitável e escabroso não aparecia pessoa alguma com quem se informar, não se preocupou mais que em seguir adiante, sem escolher outro caminho que aquele que agradava a Rocinante — que era por onde ele conseguia caminhar —, sempre imaginando que naquelas brenhas não podia faltar alguma aventura estranha.

Ia com esses pensamentos, quando viu num monte que se oferecia diante de seus olhos um homem que saltava de pedra em pedra e de moita em moita, com singular rapidez. Pareceu-lhe que ia com o peito nu, a barba negra e espessa, os cabelos compridos amarrados num rabo de cavalo, os pés descalços e as pernas sem coisa alguma; cobriam as coxas umas calças, pelo jeito de veludo meio marrom, mas tão em farrapos que em muitos lugares se viam as carnes; também não trazia nada na cabeça. Embora tenha passado com a rapidez que se mencionou, o Cavaleiro da Triste Figura percebeu todos esses detalhes; quis segui-lo, mas não pôde, porque aquelas escarpas não tinham sido feitas para a fraqueza de Rocinante, ainda mais sendo ele lerdo e pachorrento. Dom Quixote logo imaginou que aquele era o dono do coxim e da maleta e decidiu procurá-lo, mesmo que tivesse de andar um ano por aquelas montanhas até achá-lo; então ordenou que Sancho apeasse do burro e atalhasse por um lado do monte, que ele iria pelo outro; poderia ser que com essa manobra topassem com aquele homem que tinha sumido com tanta pressa.

— Isso é que não — respondeu Sancho —, porque, mal me afasto de vossa mercê, o medo me agarra com mil sobressaltos e visões. Que isso lhe sirva de aviso: daqui por diante não me afasto um dedo do senhor.

— Está bem — disse o da Triste Figura. — Até fico muito alegre por desejares te valer de minha coragem, que não há de te faltar,

mesmo que te falte a alma ao corpo. E agora vem atrás de mim bem devagarinho, ou como puderes, e faz dos olhos candeeiros. Vamos contornar essa serrinha: talvez topemos com aquele homem que vimos. Sem dúvida ele deve ser o dono de nosso achado.

Ao que Sancho respondeu:

— Seria muito melhor não procurar por ele, porque, se o acharmos e se por acaso for o dono do dinheiro, é claro que o tenho de devolver. Seria melhor, sem essa providência inútil, que eu ficasse com ele de boa-fé até que, por outro meio menos zeloso e diligente, aparecesse seu verdadeiro senhor; e aí talvez eu já o tivesse gasto e então o rei me tornaria isento por não ter posses.

— Estás enganado nisso, Sancho — respondeu dom Quixote —, pois, se já suspeitamos quem é o dono, quase o tendo diante de nós, estamos obrigados a procurá-lo e lhe devolver o dinheiro; e, se não o procurássemos, a forte suspeita que temos de que ele seja o dono nos torna tão culpados como se verdadeiramente o fôssemos. Assim, meu amigo Sancho, não fique triste por procurá-lo, pois minha tristeza se aliviará se o achar.

Então esporeou Rocinante, e Sancho o seguiu com o costumeiro jumento; e, tendo rodeado parte do monte, acharam caída num riacho, morta, meio comida pelos cachorros e picada pelos corvos, uma mula encilhada, com o freio e as rédeas. Tudo isso aumentou neles a suspeita de que aquele que fugia era o dono da mula e do coxim.

Enquanto a olhavam, ouviram um assobio, como de pastor que cuida do rebanho, e de repente surgiu uma boa quantidade de cabras do lado esquerdo, e atrás dela, sobre o monte, apareceu um homem velho. Dom Quixote gritou para ele, pedindo-lhe que descesse de onde estava. Ele respondeu aos berros: quem os trouxera para aquele lugar, nunca ou poucas vezes pisado a não ser por cabras ou lobos e outras feras que andavam por ali? Sancho disse que descesse, que lhe contariam tudo. O pastor desceu e, chegando onde dom Quixote estava, disse:

— Aposto que estão olhando a mula de aluguel. Juro que já faz seis meses que está morta nessa ribanceira. Digam-me: toparam por aí com o dono dela?

— Não encontramos ninguém — respondeu dom Quixote —, a não ser um coxim e uma maletinha que não estavam longe daqui.

— Eu também achei — respondeu o pastor —, mas nunca quis pegá-la nem chegar perto dela, com medo que desse azar e de que me acusassem de ladrão, pois o diabo é manhoso, bota coisa diante dos pés do homem para que tropece e caia sem saber como nem por quê.

— É isso mesmo que eu digo — respondeu Sancho. — Eu também achei a maletinha e não quis chegar perto dela nem cutucá-la com vara curta: ali a deixei e ali está como estava, que não quero andar com rabo de palha.

— Dizei-me, bom homem — disse dom Quixote —, sabeis quem é o dono dessas coisas?

— Tudo que posso dizer — disse o pastor — é que há uns seis meses mais ou menos chegou a um abrigo de pastores, que deve estar a umas três léguas daqui, um rapaz distinto e de boa aparência, montado nessa mesma mula que está morta aí, e com o mesmo coxim e a maleta que dizes que achastes e não tocastes. Perguntou para nós que parte desta serra era a mais selvagem e inacessível; dissemos que era esta onde estamos agora, o que é verdade, porque se fordes mais meia légua adiante talvez não consigais sair, e estou espantado de como chegastes aqui, porque não há estrada nem trilha que traga a este lugar. Enfim, ouvindo nossa resposta, o rapaz virou as rédeas e se encaminhou para o lugar que lhe indicamos, deixando-nos a todos encantados com sua distinção e surpresos com sua pergunta e com a pressa com que se encaminhava para a serra. Não o vimos mais desde então, até que uns dias depois cortou o caminho de um de nossos pastores e, sem dizer nada, saltou sobre ele e o encheu de murros e pontapés, e depois foi até a mulinha de carga e pegou todo o pão e o queijo que ela trazia; feito isso, com singular rapidez, voltou a se esconder na serra. Quando soubemos disso, andamos quase dois dias à procura dele nos lugares mais impenetráveis desta serra, achando-o por fim metido no oco de um grosso e valente sobreiro. Veio ao nosso encontro com muita mansidão, em farrapos, o rosto desfigurado e queimado pelo sol, enfim, de um modo que mal dava para

reconhecê-lo se não fossem as roupas, pois, embora rasgadas, correspondiam ao que nos lembrávamos e nos levaram a pensar que aquele rapaz era quem procurávamos.

“Ele nos cumprimentou cortesmente e nos disse em poucas mas bem escolhidas palavras que não nos surpreendêssemos de vê-lo daquele jeito, porque assim lhe convinha para cumprir certa penitência imposta por seus muitos pecados. Suplicamos que nos dissesse quem era, mas jamais conseguimos que falasse. Também pedimos a ele que nos dissesse onde poderíamos encontrá-lo, para lhe levar comida quando precisasse, já que não poderia viver sem ela. Faríamos isso com todo o carinho e atenção, mas, se não gostasse disso, que fosse pelo menos pedir e não roubar dos pastores. Agradeceu nosso oferecimento, pediu perdão pelos assaltos passados e garantiu que dali por diante ia pedir pelo amor de Deus, sem incomodar mais ninguém. Quanto a onde morava, disse que não tinha outro lugar além daquele que o acaso lhe oferecia onde o alcançava a noite. Acabou de falar com um pranto tão sentido que nós, que o havíamos escutado, seríamos de pedra se não o acompanhássemos nele, considerando como o tínhamos visto na primeira vez e como o víamos agora. Porque, como já disse, era um rapaz muito galante e simpático, e com suas palavras claras e corteses mostrava ser bem-nascido e pessoa muito educada; sua distinção era tanta que bastava para ser reconhecida pela própria grosseria.

“Estando no melhor da conversa, de repente parou e emudeceu; cravou os olhos no chão por um bom tempo, em que ficamos todos quietos e suspensos, à espera de onde ia parar aquele alheamento, com não pouca tristeza de vê-lo, pois, pelo que fazia — abrir os olhos, estar fixo olhando o chão sem mover uma pestana por um longo momento, e outras vezes fechá-los, apertando os lábios e arqueando as sobrancelhas —, facilmente percebemos que tivera algum acesso de loucura. Depressa ele nos confirmou a verdade do que pensávamos, porque se levantou com grande fúria do chão, onde havia se atirado, e investiu contra o primeiro que achou perto de si, com tanta intrepidez e raiva que, se não o segurássemos, mataria o outro a murros e dentadas; e fazia tudo isso dizendo: ‘Ah,

Fernando, traidor! Aqui, seu desgraçado, aqui pagarás a injustiça que me fizeste! Estas mãos te arrancarão o coração, onde se aninham e têm morada todas as maldades juntas, principalmente a fraude e o engano'. E a essas acrescentava outras palavras, mas todas tratavam de falar mal daquele Fernando, tachando-o de infiel e traidor.

"Enfim, nós o afastamos, não sem muita dificuldade, e ele, sem dizer mais nada, correu e se enfiou nestes matos e brenhas, de modo que foi impossível segui-lo. Por isso pensamos que a loucura o assaltava de tempos em tempos e que alguém chamado Fernando devia lhe ter feito alguma maldade, tão pesada quanto demonstrava o estado em que ficara. Isso tudo se confirmou depois, nas muitas vezes em que ele apareceu, umas para pedir aos pastores que lhe dessem o que levavam para comer e outras tirando deles à força; porque, quando está num acesso de loucura, mesmo que os pastores lhe ofereçam o que têm de bom grado, não aceita, tomando tudo a murros; e quando está em seu juízo, pede pelo amor de Deus, cortês e comedidamente, agradecendo muito e não sem lágrimas. Para vos dizer a verdade, senhores — prosseguiu o pastor —, ontem decidimos, eu e quatro pastores, dois criados e dois amigos meus, procurá-lo até o encontrarmos e depois levá-lo à força ou de bom grado para a vila de Almodóvar, que fica a oito léguas daqui. Lá o curaremos, se é que seu mal tem cura, ou pelo menos vamos saber quem é quando estiver em seu juízo, e se tem parentes a quem dar notícia de sua desgraça. É isto, senhores, o que posso dizer sobre o que me perguntastes; e sabei que o dono das coisas que achastes é o mesmo que vistes passar, tão ligeiro quanto nu" — pois dom Quixote já lhe dissera como tinha visto aquele homem saltando pela serra.

O fidalgo ficou admirado com o que ouvira do pastor e mais desejoso ainda de saber quem era aquele louco miserável, e resolveu continuar com o que tinha decidido: procurá-lo por toda a montanha, sem deixar de olhar nenhum recanto ou caverna até achá-lo. Mas o destino fez melhor do que ele poderia imaginar ou esperar, porque naquele mesmo instante surgiu por uma quebrada da serra, que começava onde eles estavam, o rapaz que procurava:

vinha falando sozinho coisas que não podiam ser entendidas nem de perto, quanto mais de longe. O traje dele era como tinha sido pintado, só que quando o rapaz se aproximou dom Quixote pôde ver que o colete em farrapos que o cobria era de camurça e cheirava a âmbar, o que o levou a concluir que uma pessoa que usava tais roupas não podia ser de baixa condição.

Ao chegar, o rapaz os cumprimentou com voz áspera e desafinada, mas com muita cortesia. Com educação nada menor, dom Quixote devolveu os cumprimentos e, apeando-se de Rocinante, foi abraçá-lo com desembaraço e amabilidade, mantendo-o apertado entre seus braços por um longo instante, como se o conhecesse havia muito tempo. O outro, a quem podemos chamar de o Esfarrapado da Má Figura (como a dom Quixote o da Triste), depois de haver se deixado abraçar, afastou-o um pouco e, com as mãos postas nos ombros de dom Quixote, esteve olhando-o como se quisesse ver se o conhecia, talvez não menos admirado de ver o rosto, o porte e a armadura de dom Quixote do que dom Quixote estava de vê-lo a ele. Enfim, o primeiro que falou depois do abraço foi o Esfarrapado, que disse o que se verá adiante.

a Cervantes incluiu este soneto em *La casa de los celos*, Jornada iii: *“O le falta al Amor conocimiento/ o le sobra crueldad, o no es mi pena/ igual a la ocasión que me condena/ al género más duro de tormento.// Pero, si Amor es dios, es argumento/ que nada ignora, y es razón muy buena/ que un dios no sea cruel. Pues ¿quién ordena/ el terrible dolor que adoro y siento?// Si digo que sois vos, Fili, no acierto,/ que tanto mal en tanto bien no cabe/ ni me viene del cielo esta ruina.// Presto habré de morir, que es lo más cierto:/ que al mal de quien la causa no se sabe/ milagro es acertar la medicina”.*

xxiv

onde se prossegue a aventura da serra morena

Conta a história que era grandíssima a atenção com que dom Quixote escutava o desgraçado Cavaleiro da Serra, que assim falava:

— Com certeza, meu senhor, quem quer que sejais, pois não vos conheço, eu vos agradeço as mostras de cortesia com que me tratou e gostaria de me achar em condições de retribuir com algo mais que minhas intenções a boa acolhida que me dispensastes; mas meu destino não quer me dar outra coisa com que responder às gentilezas que me fazem além do desejo sincero de retribuí-las.

— Meu desejo — respondeu dom Quixote — é vos servir, tanto que tinha decidido não sair destas serras até vos encontrar e saber de vós se para a dor que mostrais sofrer, pela estranheza de vossa vida, poderia se achar algum tipo de remédio, e, se fosse necessário procurá-lo, procurá-lo o mais rápido possível. E, mesmo que vossa desventura fosse daquelas que têm fechadas as portas a todo gênero de consolos, pensava vos ajudar a chorá-la e lamentá-la como melhor pudesse, pois é sempre um alívio nas desgraças achar quem se condoa delas. Agora, se minhas boas intenções merecem ser agradecidas com alguma cortesia, eu vos suplico, senhor, por toda a que percebo em vós e ao mesmo tempo vos imploro pela coisa que mais amastes, ou amais nesta vida, que me digais quem sois e a causa que vos trouxe a viver e morrer nestas solidões como um animal selvagem, pois morais entre eles tão alheio a vós mesmo como demonstram vosso traje e pessoa. E juro — acrescentou dom

Quixote — pela ordem de cavalaria que recebi, embora indigno e pecador, e pela profissão de cavaleiro andante, que se me satisfizerdes nisso, senhor, hei de vos servir com a honestidade a que me obriga o ser quem sou, ou remediando vossa desgraça, se tem remédio, ou ajudando-a a chorá-la como vos prometi.

O Cavaleiro da Floresta, ouvindo o da Triste Figura falar assim, apenas o olhava, olhava de novo e olhava outra vez de cima a baixo; e, depois que o olhou bem olhado, disse:

— Se têm algo de comer para me dar, pelo amor de Deus me deem, que depois de ter comido farei tudo o que me mandam, em agradecimento às boas intenções que demonstraram.

Logo tiraram — Sancho do saco e o pastor de seu bornal — alguma coisa com que o Esfarrapado matou a fome, comendo como pessoa atordoada, tão depressa que não dava espaço entre um bocado e outro, pois mais devorava que comia. Enquanto isso, nem ele nem os que o observavam disseram uma palavra. Assim que acabou de comer, fez sinal para que o seguissem, o que eles fizeram, e os levou a um campinho verde que ficava depois de um penhasco, não muito longe dali. Chegando lá, estendeu-se no chão sobre a grama, e os demais também, sem que ninguém falasse, até que o Esfarrapado, achando-se confortável, disse:

— Se quereis, senhores, que vos diga em poucas palavras a enormidade de minhas desventuras, haveis de me prometer que não ireis interromper com nenhuma pergunta, nem outra coisa, o fio de minha triste história, porque, no ponto em que o fizerdes, nele ficará o que foi contado.

Essas palavras do Esfarrapado trouxeram à memória de dom Quixote a fábula que seu escudeiro havia contado, quando não acertou o número das cabras que tinham atravessado o rio, ficando pendente a história. Mas o Esfarrapado prosseguiu:

— Faço essa advertência porque quero passar rapidamente pelo relato de minhas desgraças, pois lembrar delas não me serve senão para acrescentar outras; e, quanto menos me perguntardes, mais depressa acabarei de contá-las, embora sem deixar de fora nada que tenha importância para satisfazer inteiramente vosso desejo.

Dom Quixote prometeu não interromper em nome dos demais, e ele, com essa garantia, começou assim:

— Meu nome é Cardênio; minha terra, uma das melhores cidades desta Andaluzia; minha linhagem, nobre; meus pais, ricos; minha desventura, tanta, que devem tê-la chorado meus pais e sentido toda a minha linhagem, sem poder aliviá-la com sua riqueza, pois, para remediar desgraças vindas do céu, de pouco valem os bens da fortuna. Vivia nessa mesma terra uma criatura celeste, onde o amor pôs toda a glória que eu pudesse desejar: tamanha é a formosura de Lucinda, donzela tão nobre e tão rica como eu, contudo mais feliz e menos constante do que mereciam minhas honradas intenções. A essa Lucinda quis, amei e adorei desde meus verdes anos, e ela também me amou com aquela simplicidade e arrebatamento que sua pouca idade permitia. Nossos pais sabiam de nossas intenções, e isso não os preocupava, porque viam muito bem que, se elas fossem adiante, não podiam nos levar a outro fim que não o de nos casarmos, coisa que quase aconselhava a igualdade de nossa linhagem e riqueza. Crescemos e, com a idade, cresceu o amor entre nós, tanto que o pai de Lucinda achou que por uma questão de respeito estava obrigado a me negar a entrada em sua casa, quase imitando nisso aos pais daquela Tisbe tão celebrada pelos poetas. Essa negação foi botar mais lenha na fogueira e desejo no desejo, porque, embora tenham imposto silêncio às línguas, não puderam impor às penas, que, com mais liberdades que as línguas, costumam mostrar aos que amam o que na alma está encerrado, pois muitas vezes a presença do objeto amado perturba e emudece a intenção mais determinada e a língua mais atrevida.

“Ai, céus, quantas cartinhas escrevi para ela! Quantas recatadas e doces respostas tive! Quantas canções compus e quantos versos amorosos, onde a alma declarava e transmitia seus sentimentos, pintava seus desejos inflamados, animando suas memórias e revivendo sua paixão!

“Enfim, vendo-me agoniado, e que minha alma se consumia com o desejo de vê-la, resolvi fazer de uma vez o que me pareceu mais conveniente para ganhar meu almejado e merecido prêmio: pedi-la ao pai por legítima esposa. Assim fiz, e ele me respondeu que me

agradecia a intenção que mostrava de honrá-lo e de querer me honrar com seu precioso tesouro, mas que, sendo meu pai vivo, a ele competia o justo direito de fazer aquele pedido, porque Lucinda não era mulher para se tomar nem se entregar às escondidas, se não fosse com sua total concordância e gosto.

“Eu lhe agradeci a boa intenção, parecendo-me que tinha razão no que dizia e que meu pai concordaria quando eu lhe falasse; e assim, naquele mesmo instante, fui falar com ele sobre o que desejava, mas, quando entrei no aposento em que meu pai estava, achei-o com uma carta aberta na mão, que me entregou logo, antes que eu dissesse uma palavra, dizendo-me: ‘Verás por essa carta, Cardênio, a mercê que o duque Ricardo deseja te fazer’.

“Esse duque Ricardo, como vós, senhores, já deveis saber, é um grande de Espanha, que tem seus domínios no melhor desta Andaluzia. Peguei a carta e li: eram tantas súplicas e louvações que a mim mesmo pareceu mal se meu pai deixasse de atender o pedido, que era me enviar em seguida para onde ele vivia, pois desejava que eu fosse companheiro, não criado, de seu filho mais velho, e que ele se encarregava de me pôr numa situação que correspondesse à estima em que me tinha. Fiquei mudo com a leitura e mais ainda quando ouvi que meu pai dizia: ‘Daqui a dois dias partirás, Cardênio, para cumprir a vontade do duque, e dá graças a Deus, que assim te vai abrindo caminho para chegares onde sei que mereces’. A estas, acrescentou outras palavras de pai conselheiro.

“Chegou o momento da partida, falei uma noite com Lucinda: disse-lhe tudo o que se passava, e o mesmo fiz com o pai dela, suplicando-lhe que esperasse alguns dias para anunciar o casamento até que eu visse o que o duque Ricardo queria de mim. Ele me prometeu que sim, e ela concordou com mil juras e mil desfalecimentos. Por fim, parti para onde o duque Ricardo vivia. Fui tão bem recebido e tratado por ele que em seguida a inveja começou a exercer seu ofício, começando pelos criados antigos, que acharam que as mostras de preferência que o duque me dava haviam de redundar em prejuízo deles. Mas quem mais se regozijou com minha ida foi o segundo filho do duque, chamado Fernando,

moço distinto, aristocrático, generoso e namorador: em pouco tempo quis que eu fosse tão seu amigo que a todos dava o que falar. Embora o mais velho me quisesse bem e me cumulasse de favores, não chegou ao extremo com que dom Fernando me tratava e queria.

“O caso é que, como entre amigos não há segredo que não se comunique, e a convivência que eu tinha com dom Fernando já se tornara amizade, ele me contava tudo, especialmente um problema amoroso que o trazia meio preocupado. Gostava de uma camponesa, vassala de seu pai, e ela tinha apaixonados tão ricos e era tão formosa, recatada, inteligente e honesta que ninguém que a conhecesse sabia dizer ao certo qual dessas coisas era a melhor nem mais se salientava. Esses belos dotes da formosa camponesa levaram os desejos de dom Fernando a tal ponto que ele se decidiu, para poder alcançar e conquistar a virgindade dela, dar-lhe a palavra de que seria seu esposo, porque de outra forma era procurar o impossível.[1] Eu, obrigado por sua amizade, com os melhores argumentos que encontrei e com os mais vivos exemplos que me ocorreram, procurei dissuadi-lo e afastá-lo desse propósito; vendo, porém, que não me escutava, decidi contar tudo ao duque Ricardo, seu pai. Mas dom Fernando, astuto e inteligente, receou e temeu isso, por achar que era minha obrigação na qualidade de bom criado não manter oculta uma coisa tão prejudicial à honra de meu senhor, o duque; e assim, para me confundir e me enganar, disse-me que não achava solução melhor, para poder tirar da memória a formosura que o cativara tanto, do que se ausentar por alguns meses; queria então que nós dois fôssemos para a casa de meu pai, pretextando ao duque que íamos à feira ver e comprar uns cavalos muito bons que havia em minha cidade, que é mãe dos melhores do mundo.

“Mal o ouvi dizer isso, movido por meus sentimentos, aprovei sua decisão, embora não fosse muito boa, como uma das mais acertadas que se podiam imaginar, porque vi naquela circunstância a ótima oportunidade que me era oferecida de ver minha Lucinda. Com esse pensamento e desejo, não só aprovei como reforcei seu propósito, dizendo-lhe que o pusesse em execução o mais cedo

possível, porque, realmente, a ausência fazia sua parte, apesar dos ânimos mais fortes. Quando veio me dizer isso, como depois se soube, ele já tinha possuído a camponesa com a promessa de casamento e esperava a hora de revelar isso sem perigo, temeroso do que o duque, seu pai, faria quando soubesse daquele disparate.

“Mas na maioria das vezes o amor nos moços não é senão apetite, que, tendo como único fim a satisfação, acaba ao alcançá-la, deixando para trás aquilo que parecia amor, porque não pode ir adiante do limite que lhe impôs a natureza, limite que não há para o verdadeiro amor. O que quero dizer é que, apenas dom Fernando possuiu a camponesa, seus desejos se aplacaram e esfriaram seus ímpetos; e, se no começo fingia querer se ausentar para contorná-los, agora na verdade procurava ir-se para não realizá-los. O duque lhe deu permissão e me ordenou que o acompanhasse. Fomos para minha cidade, meu pai o recebeu como devia pelo que era, logo vi Lucinda, reviveram meus desejos (embora não estivessem mortos nem amortecidos) e, para meu mal, falei deles a dom Fernando, por me parecer que eu não podia lhe ocultar nada, em nome da grande amizade que mostrava. Gabei a formosura, graça e inteligência de Lucinda de tal maneira que meus elogios despertaram nele o desejo de conhecer donzela dotada de tão belos predicados. Concordei, para meu azar, mostrando-a uma noite, à luz de uma vela, por uma janela por onde costumávamos nos falar. Viu-a usando saia de baixo, tão bela, que todas as belezas vistas por ele até aí foram relegadas ao esquecimento. Emudeceu, perdeu o senso, ficou pensativo e, finalmente, tão apaixonado como vereis no curso da história de minha desventura. E, para lhe acender ainda mais o desejo (que calava para mim e que apenas ao céu, sozinho, revelava), quis o destino que um dia achasse um bilhete dela me rogando que a pedisse por esposa ao pai; tão inteligente, tão honesto e tão apaixonado era o bilhete, que, lendo-o, me disse que só em Lucinda se encerravam todas as graças da formosura e da inteligência que estavam repartidas entre as demais mulheres do mundo.

“Na verdade quero confessar agora que, ainda que visse como eram justos os elogios que dom Fernando fazia a Lucinda, me

agoniava ouvi-los em sua boca; comecei a ter receio dele, porque não passava um instante em que não quisesse falar sobre Lucinda, e puxava a conversa nem que tivesse de forçar a mão, coisa que despertava em mim um não sei quê de ciúmes, não porque eu temesse algum revés da afeição e fidelidade de Lucinda, mas, apesar disso, minha sorte me fazia temer o que ela mesma me proporcionava. Dom Fernando sempre procurava ler as cartinhas que eu enviava a Lucinda e as que ela me respondia, com a desculpa de que apreciava muito nossa inteligência. Aconteceu, então, que Lucinda, tendo-me pedido um livro de cavalarias para ler (gênero que ela adorava), que era o de *Amadís de Gaula*…"

Nem bem dom Quixote ouviu falar em livro de cavalarias, disse:

— Se vossa mercê tivesse me dito, no começo da história, que sua mercê a senhora Lucinda era aficionada por livros de cavalarias, não seriam necessários outros elogios para me fazer compreender a grandeza de seu espírito, pois não o teria tão bom como vós o haveis pintado, senhor, se carecesse do gosto por leitura tão deliciosa. Portanto, comigo não é preciso gastar mais palavras me falando de sua formosura, valor e sabedoria, pois, apenas sabendo de sua predileção, considero-a a mais bela e a mais inteligente mulher do mundo. Eu gostaria, senhor, que vossa mercê tivesse enviado junto com *Amadís de Gaula* o bom *Don Rogel de Grecia*,[2] pois sei que a senhora Lucinda gostaria muito de Daraida e Garaya,[3] das sábias palavras do pastor Darinel e daqueles admiráveis versos de suas bucólicas, cantadas e representadas por ele com toda a graça, sagacidade e desenvoltura. Mas algum dia poderá se corrigir essa falha, coisa que não levará muito tempo se vossa mercê vir comigo a minha aldeia, pois ali poderei lhe dar mais de trezentos livros, que são o deleite de minha alma e a diversão de minha vida, embora me pareça que já não tenho nenhum, devido à malícia de magos malvados e invejosos. E perdoe-me vossa mercê ter infringindo a promessa de não interromper a narrativa, porque, ouvindo coisas de cavalaria e de cavaleiros andantes, não está em meu poder deixar de falar nelas como não está no poder dos raios do sol deixar de aquecer, nem nos da lua de umedecer. Portanto, perdoe-me e prossiga, que isso é o que interessa agora.

Enquanto dom Quixote falava tudo isso, a cabeça de Cardênio tinha caído sobre o peito, dando mostras de estar profundamente pensativo. E, apesar de dom Quixote lhe dizer por duas vezes que prosseguisse a história, nem levantava a cabeça nem respondia nada; mas ao cabo de um bom tempo a levantou e disse:

— Não me sai do pensamento, nem haverá no mundo quem me livre dele, nem quem me convença do contrário, pois seria um tolo quem pensasse ou acreditasse em outra coisa, senão que aquele grande velhaco do cirurgião Elisabat estava de caso com a rainha Madásima.[4]

— Essa não, com mil… — respondeu dom Quixote com muita raiva e praguejando com todas as letras, como de costume. — Essa é uma grande maldade, ou velhacaria, digamos melhor: a rainha Madásima foi uma dama das mais ilustres, e é impossível pensar que uma princesa tão nobre teria um caso com um curandeiro. Quem pensa o contrário, mente, como um canalha miserável, e isso eu lhe farei entender a pé ou a cavalo, armado ou desarmado, de noite ou de dia, ou como o senhor preferir.

Cardênio estava olhando o fidalgo muito atentamente e, já tomado por novo acesso de loucura, não queria saber de continuar a história, nem tampouco dom Quixote a ouviria, zangado como ficara com o que tinha ouvido sobre Madásima. Caso estranho, pois se exaltou por ela como se realmente fosse sua verdadeira e natural senhora — a tal ponto o tinham levado seus livros excomungados! Enfim, digo que Cardênio, como já estava louco e ouviu ser tratado de mentiroso e velhaco, com outros insultos semelhantes, não gostou da brincadeira e pegou uma pedra que achou por perto, atirando-a com tanta força no peito de dom Quixote que o fez cair de costas. Sancho Pança, vendo como ficara seu senhor, investiu contra o louco de punhos cerrados, mas o Esfarrapado o recebeu de tal modo que com um murro deu com ele a seus pés e logo saltou sobre ele, trabalhando-lhe as costelas como bem entendeu. O pastor, que quis defendê-lo, sofreu o mesmo castigo. Depois de submeter e espancar a todos, deixou-os e, com a maior e mais garbosa calma, foi se esconder na montanha.

Sancho levantou-se e, com a raiva que sentia por se ver surrado tão injustamente, resolveu se vingar do pastor, dizendo-lhe que ele era culpado por não ter avisado que aquele homem tinha acessos de loucura de tempos em tempos, pois se soubessem disso teriam ficado prevenidos para se defender. O pastor respondeu que tinha falado, sim, que não era culpa sua se ele não tinha ouvido. Sancho Pança replicou, o pastor voltou a replicar — de réplica em tréplica acabaram por se agarrar pelas barbas e por trocar tantos murros que teriam se despedaçado, se dom Quixote não os apaziguasse. Sancho dizia, atracado com o pastor:

— Deixe-me vossa mercê, senhor Cavaleiro da Triste Figura, que este é um camponês como eu e não foi armado cavaleiro: sem perigo nenhum posso me desforrar do agravo que me fez, brigando com ele mano a mano, como homem honrado.

— Muito bem — disse dom Quixote —, mas eu sei que ele não tem nenhuma culpa pelo que aconteceu.

Assim dom Quixote os apaziguou e de novo perguntou ao pastor se seria possível achar Cardênio, porque ficara com um enorme desejo de saber o final da história. O pastor lhe repetiu o que tinha dito antes, que não se sabia ao certo onde se escondia, mas, se andasse um tempo por aquelas paragens, não deixaria de encontrá-lo, ou são ou louco.

XXV

que trata das coisas estranhas que aconteceram na serra morena ao valente cavaleiro da mancha, e da imitação que ele fez da penitência de beltenebros

Dom Quixote se despediu do pastor e, montando outra vez em Rocinante, mandou que Sancho o seguisse, o que ele fez com seu jumento, muito contrariado. Pouco a pouco foram entrando na parte mais escarpada da montanha, e Sancho ia morto de vontade de falar com seu amo, mas desejava que ele começasse a conversa, para não desobedecer à ordem que lhe fora dada; mas, não podendo suportar tanto silêncio, disse:

— Senhor dom Quixote, dê-me vossa mercê sua bênção e licença, pois quero voltar para minha casa, para minha mulher e meus filhos, com quem pelo menos falarei e discutirei tudo o que desejar, porque vossa mercê querer que eu vá por estas solidões, de dia e de noite, sem lhe falar quando tenho vontade, é me enterrar em vida. Não seria tão ruim se o destino quisesse que os animais falassem, como falavam no tempo das fábulas, porque eu falaria com meu jumento o que me desse na telha e assim distrairia minha má sorte, porque é coisa dura, que exige uma paciência de santo, andar buscando aventuras a vida toda e não achar senão pontapés e manteamentos, pedradas e murros, e, para completar, temos de costurar a boca, sem ousar dizer o que o homem tem no coração, como se fosse mudo.

— Já entendi, Sancho: morres de desejo que eu tire a trava que te pus na língua — respondeu dom Quixote. — Considera-a tirada e

diz o que quiseres, com a condição de que este consentimento dure apenas enquanto andarmos por estas serras.

— Que assim seja — disse Sancho. — Vou falar agora, porque o futuro a Deus pertence. Desfrutando desse salvo-conduto, pergunto: o que vossa mercê ganha por defender aquela rainha Magimasa, ou seja lá como se chama? O que importa que aquele abade fosse seu amigo ou não? Se vossa mercê tivesse deixado isso para lá, pois não era juiz no caso, acho que o louco seguiria adiante com sua história e teríamos poupado a pedrada, os pontapés, além de mais de seis sopapos.

— Garanto, Sancho — respondeu dom Quixote —, que se soubesses como eu o quanto foi nobre e honrada a rainha Madásima, sei que dirias que tive muita paciência, pois não arrebentei a boca de onde saíram essas blasfêmias. Porque é uma grande blasfêmia dizer, ou até pensar, que uma rainha está de caso com um cirurgião. O certo é que aquele cirurgião Elisabat, de que o louco falou, foi um homem muito sensato e muito bom conselheiro, e serviu de preceptor e de médico da rainha; mas pensar que ela era sua amante é disparate que merece um bom e grande castigo. E, para que vejas que Cardênio nem soube o que disse, deves lembrar que falou quando já estava sem juízo.

— É por isso que digo — disse Sancho — que não havia por que levar a sério as palavras de um louco. Agora, se a boa sorte não ajudasse vossa mercê e dirigisse a pedra para a cabeça em vez do peito, íamos ficar bem arrumados por ter tomado as dores daquela minha senhora, que o diabo a carregue. E duvido que Cardênio não escapasse da justiça por louco!

— Contra sãos ou contra loucos, qualquer cavaleiro andante tem obrigação de defender a honra das mulheres, quaisquer que sejam, principalmente das rainhas de tão alta condição e importância como foi a rainha Madásima, por quem tenho particular afeto, por suas boas qualidades; porque, além de ter sido formosa, foi muito sensata e muito sofrida em suas adversidades, pois as teve muitas; e os conselhos e a companhia do cirurgião Elisabat foram de grande proveito e alívio, para que pudesse agir com prudência e paciência. E isso levou a plebe ignorante e mal-intencionada a pensar e dizer

que ela era sua amante. Mas mentem, repito, e mentirão mais duzentas vezes todos os que assim pensarem e disserem.

— Eu nem digo nem penso — respondeu Sancho. — Eles lá que se entendam e colham o que plantaram. Se foram amantes ou não, a Deus terão prestado contas. Eu não estava lá: não sei de nada, não quero saber e tenho raiva de quem sabe. Em caso de homem e mulher, não meto a colher, pois aquele que compra e mente, em seu bolso sente. Sem falar que nasci nu e nu me encontro: não perco nem ganho. Mas, se fossem amantes, o que é que eu tenho com isso? E nem tudo que balança cai. Mas quem pode botar rédeas ao vento? Além do mais, até de Deus falaram mal.

— Valha-me Deus! — disse dom Quixote. — Quantas asneiras vais desfiando, Sancho! O que é que tem a ver o que tratamos com os ditados que desembuchas? Pelo amor de Deus, Sancho, cala-te, e daqui por diante trata de meter a espora em teu burro, não no que não te interessa. E fica sabendo, com todos os teus cinco sentidos, que tudo o que eu fiz, faço e farei está coberto de razão e de acordo com as regras da cavalaria, que sei melhor do que qualquer cavaleiro que as professou no mundo.

— Senhor — respondeu Sancho —, é uma boa regra de cavalaria que andemos perdidos por estas montanhas, sem rumo nem destino, procurando um louco que, depois de achado, talvez tenha vontade de acabar o que começou, não em sua história, mas na cabeça de vossa mercê e em minhas costelas, acabando de arrebentar com tudo?

— Cala a boca, Sancho, te digo mais uma vez — disse dom Quixote. — Saibas que não me traz a estas paragens apenas o desejo de achar o louco, mas o de realizar uma façanha com que hei de ganhar nome e fama eternos em toda terra conhecida, uma façanha que será um marco de tudo o que pode tornar perfeito e famoso um cavaleiro andante.

— E essa façanha será muito perigosa? — perguntou Sancho.

— Não — respondeu o da Triste Figura —, embora a moeda possa dar cara e não coroa. Mas tudo depende de tua diligência.

— De minha diligência?

— Sim — disse dom Quixote —, porque se voltares depressa de onde penso te enviar, depressa se acabará minha pena e depressa começará minha glória. E, como não fica bem que eu te mantenha em suspenso, à espera de onde vão parar minhas palavras, quero que saibas, Sancho, que o famoso Amadis de Gaula foi um dos mais perfeitos cavaleiros andantes. Expressei-me mal: não *foi um*, ele foi ímpar, o primeiro e único, o senhor de todos quantos houve em seu tempo no mundo. Tanto pior para dom Belianis e para todos aqueles que disserem que se igualaram em alguma coisa, porque se enganam, juro por Deus. Vê, quando algum pintor quer ficar famoso em sua arte, procura imitar os originais dos pintores mais exímios que conhece, e essa mesma regra vale para todos os demais ofícios ou atividades de monta que servem de adorno às repúblicas. Assim, quem quer alcançar nome de astuto e sofrido, deve imitar e imita Ulisses, em cuja pessoa e atribulações Homero nos pinta um retrato vivo da astúcia e do sofrimento, como também nos mostrou Virgílio, na pessoa de Eneias, o valor de um filho piedoso e a sagacidade de um corajoso e experiente capitão, não os pintando nem os descrevendo como eles foram, mas como deveriam ser, para que suas virtudes servissem de exemplo aos homens do futuro. Desse mesmo modo, Amadis foi o norte, a estrela da manhã, o sol dos cavaleiros valentes e apaixonados, a quem todos aqueles que militamos sob a bandeira do amor e da cavalaria devemos imitar. Então, sendo assim como é de fato, eu acho, meu amigo Sancho, que o cavaleiro andante que mais o imitar, mais próximo estará de alcançar a perfeição da cavalaria. E uma das coisas em que esse cavaleiro mais mostrou sua sagacidade, valor, valentia, resignação, firmeza e amor foi quando se retirou, desprezado pela senhora Oriana, para fazer penitência na Peña Pobre, mudando seu nome para Beltenebros, nome sem dúvida significativo e próprio para a vida que voluntariamente ele havia escolhido. Depois, para mim é mais fácil imitá-lo nisso que em partir gigantes ao meio, decepar serpentes, matar dragões, desbaratar exércitos, derrotar armadas e desfazer encantamentos. E como estes lugares são tão propícios para semelhantes coisas, não há por

que deixar passar a oportunidade, que agora me oferece sua melena tão convenientemente.[1]

— Mas, enfim — disse Sancho —, o que é que vossa mercê quer fazer num fim de mundo desses?

— Já não te disse? — respondeu dom Quixote. — Quero imitar Amadis, fazendo-me de desesperado, de tolo e de louco furioso, ao mesmo tempo imitando o valente dom Roland, quando achou indícios numa fonte de que Angélica, a Bela, tinha cometido uma vileza com Medoro, cuja mágoa o deixou louco: arrancou árvores, sujou as águas das fontes cristalinas, matou pastores, destruiu rebanhos, incendiou choças, derrubou casas, espantou manadas e outros cem mil desatinos dignos de eterno renome e escrita. E, embora eu não pense imitar Roland, ou Orlando, ou Rotolando (pois tinha todos esses nomes), tintim por tintim em todas as loucuras que cometeu, disse e pensou, farei um resumo, do melhor jeito que puder, das que me parecerem mais essenciais. E até pode ser que eu me contente apenas com a imitação de Amadis, que, sem cometer loucuras de estropícios, mas de lágrimas e sentimentos, alcançou tanta fama como o mais famoso.

— Parece-me — disse Sancho — que esses cavaleiros foram provocados, que tiveram motivo para fazer tantos desatinos e penitências; mas vossa mercê, que razão tem para se tornar louco? Que dama o desprezou, ou que indícios achou que levem a pensar que a senhora Dulcineia del Toboso fez alguma asneira com um mouro ou cristão?

— Este é o ponto! — respondeu dom Quixote. — Vê a sutileza de meu negócio, pois não há prazer nem graça num cavaleiro andante se tornar louco com uma causa: a vantagem está em desatinar sem mais nem menos e dar a entender a minha dama que, se faço isso em seco, imagina no molhado? Sem falar que tenho muitos motivos devido à longa ausência em que tenho estado da sempre minha senhora Dulcineia del Toboso, porque, como já ouviste dizer aquele pastor de antes, Ambrósio: quem está ausente todos os males teme e sente. Assim, meu amigo Sancho, não gastes tempo me aconselhando que abandone tão rara, tão feliz e tão inaudita imitação. Louco sou e louco serei até que voltes com a resposta de

uma carta que penso enviar por teu intermédio a minha senhora Dulcineia; e, se for como confio que seja, acaba-se minha loucura e penitência; e, se for o contrário, ficarei louco mesmo e, sendo-o, não sentirei nada. Portanto, de qualquer maneira que ela me responder, sairei da agonia e do padecimento em que me deixares, gozando o bem que me trouxeres, por estar em meu juízo, ou não sentindo o mal de que fores portador, por louco. Mas diz-me, Sancho, trazes bem guardado o elmo de Mambrino? Pois vi que o pegaste no chão quando aquele mal-agradecido quis despedaçá-lo, mas não conseguiu, o que demonstra a qualidade de sua têmpera.

Ao que Sancho respondeu:

— Por Deus, senhor Cavaleiro da Triste Figura, não posso mais aguentar e relevar algumas coisas que vossa mercê diz. Por elas começo a pensar que tudo quanto me fala da cavalaria (ganhar reinos e impérios, dar ilhas e fazer outras mercês e grandezas) é tudo conversa fiada e mentira, tudo pastranha ou patranha, ou sei lá como chamaremos. Porque quem ouve vossa mercê dizer que uma bacia de barbeiro é o elmo de Mambrino, sem sair desse erro por mais de quatro dias, que há de pensar senão que quem diz e afirma isso deve ter os miolos moles? Levo a bacia no saco, toda amassada. Quero consertá-la para poder me barbear em casa, se Deus me conceder a graça de algum dia ver minha mulher e filhos de novo.

— Olha, Sancho, eu te juro pelo mesmo que juraste antes — disse dom Quixote —, tens o mais curto entendimento que jamais teve nem tem escudeiro no mundo. Não é possível que desde que andas comigo não tenhas visto que todas as coisas dos cavaleiros andantes parecem quimeras, tolices e desatinos, e que são todas feitas às avessas! Não é que isso seja assim, é que sempre anda entre nós uma corja de magos que mudam e transformam todas as nossas coisas, e as alteram conforme seu gosto ou conforme lhes dá na veneta de nos favorecer ou nos destruir. Assim, isso que a ti parece bacia de barbeiro, a mim parece o elmo de Mambrino e a outro parecerá outra coisa. Na verdade, foi rara providência do mago que está do meu lado fazer com que pareça bacia a todos o que real e verdadeiramente é o elmo de Mambrino, pois, sendo ele

tão precioso, todo o mundo me perseguiria para roubá-lo; mas, como veem apenas uma bacia de barbeiro, não se preocupam com ele, como muito bem se viu com aquele que o quis despedaçar e o deixou atirado no chão. Pois garanto que, se soubesse o que era, nunca que o deixaria. Guarda-o, amigo, que por ora não preciso dele; tenho, isso sim, é de tirar toda a armadura e ficar nu como nasci, se é que não resolva imitar mais a Roland que a Amadis em minha penitência.[2]

[Chegaram naquela noite às entranhas da Serra Morena, onde Sancho achou conveniente passar a noite, ou mesmo alguns dias, pelo menos enquanto durassem os mantimentos que levava, e assim acamparam entre dois penhascos e muitos sobreiros. Mas o destino fatal, que, segundo a opinião dos que não têm as luzes da verdadeira fé, tudo guia, dispõe e compõe a seu modo, ordenou que Ginés de Pasamonte, o famoso embusteiro e ladrão que havia escapado das galés graças à loucura de dom Quixote, levado pelo medo à Santa Irmandade (a quem temia com justa causa), resolveu se esconder naquelas montanhas, levando-o a sorte e seu medo ao mesmo lugar onde dom Quixote e Sancho Pança haviam se refugiado, a tempo de reconhecê-los e deixá-los dormir. E, como os maus são sempre mal-agradecidos, a necessidade leva a fazer o que não se deve e mais vale um pássaro na mão que dois voando, Ginés, que não era nem agradecido nem bem-intencionado, resolveu furtar o burro de Sancho Pança, não se preocupando com Rocinante, coisa tão ruim para empenhar como vender. Roubou-o enquanto Sancho Pança dormia e, antes do amanhecer, já estava muito longe para ser achado.

Raiou a aurora, alegrando a terra e entristecendo Sancho Pança, que não achou o burro. Vendo-se sem ele, começou o mais triste e doloroso pranto do mundo, tanto que dom Quixote despertou com o berreiro e ouviu estas palavras:

— Oh, filho de meu ventre, nascido em minha própria casa, passatempo de meus filhos, deleite de minha mulher, inveja de meus vizinhos, alívio de minhas penas e, finalmente, sustento de metade de minha pessoa, porque, com vinte e seis maravedis que ganhava por dia, eu pagava metade das despesas!

Dom Quixote, vendo o pranto e conhecendo a causa, consolou Sancho com os melhores argumentos que encontrou, rogando-lhe que tivesse paciência e prometendo lhe dar uma ordem escrita para que lhe dessem três dos cinco burros que deixara em casa. Com isso Sancho se consolou, secou as lágrimas, diminuiu os soluços e agradeceu a dom Quixote a mercê que lhe fazia.]

Assim conversando, chegaram ao pé de uma alta montanha, que, quase como um penhasco partido, se levantava sozinha entre muitas outras que a rodeavam. Por sua falda corria um riachinho manso, com um campo a sua volta, tão verde e viçoso que dava prazer aos olhos que o olhavam. Havia por ali muitas árvores silvestres, algumas plantas e flores, que tornavam o lugar agradável. O Cavaleiro da Triste Figura o escolheu para fazer sua penitência — assim, mal o viu, começou a dizer em voz alta, como se estivesse sem juízo:

— Oh, céus! Este é o lugar que escolho e destino ao lamento da desventura em que vós mesmos me pusestes. Este é o lugar onde os humores de meus olhos aumentarão as águas deste pequeno riacho e meus contínuos e profundos suspiros moverão sem descanso as folhas destas árvores agrestes, em testemunho e sinal das penas que meu sofrido coração padece. Oh, vós, quem quer que sejais, rústicos deuses que neste lugar inabitável tendes vossa morada: ouvi as queixas desse infeliz apaixonado, a quem uma longa ausência e ciúmes imaginários trouxeram a estas escarpas para se lamentar, queixando-se da dura condição imposta por aquela ingrata e bela, aspiração e ápice de toda formosura humana! Oh, vós, napeias e dríades, que costumam viver nas matas das montanhas (que os ágeis e lascivos sátiros, de quem sois amadas embora em vão, não perturbem jamais vosso doce sossego), me ajudeis a lamentar meu infortúnio, ou pelo menos não vos canseis de ouvi-lo. Oh, Dulcineia del Toboso, dia de minha noite, glória de minha pena, norte de meus caminhos, estrela de minha ventura (que o céu a conceda boa em tudo que desejares lhe pedir), consideres o lugar e o estado a que tua ausência me conduziu e correspondas, com um final afortunado, ao que minha fidelidade faz jus. Oh, solitárias árvores, que de hoje em diante haveis de fazer

companhia a minha solidão, mostrai, com o manso movimento de vossos ramos, que não vos desagrada minha presença! Oh, tu, meu escudeiro, agradável companheiro em minhas mais prósperas ou adversas peripécias, guarda bem na memória o que aqui me verás fazer, para que o contes e recites à causadora única de tudo isso!

E, dizendo isso, apeou de Rocinante e num instante tirou o freio e a sela dele e, dando-lhe uma palmada nas ancas, disse:

— Liberdade te dá o que fica sem ela, oh, cavalo tão excepcional por teus feitos como desgraçado por teu destino! Vai-te por onde quiseres, pois levas escrito na fronte que não te igualou em rapidez o Hipogrifo de Astolfo, nem o célebre Frontino, que tão caro custou a Bradamante.[3]

Vendo isso, Sancho disse:

— Bendito seja quem agora nos evitou o trabalho de desencilhar o burro, pois, por Deus, não faltariam palmadinhas para dar nele nem coisas para dizer em seu louvor; mas, se ele estivesse aqui, eu não consentiria que ninguém o desencilhasse, pois não seria preciso: não lhe caberiam as imputações de estar envolvido com um apaixonado ou desesperado, pois não estava seu amo, que era eu, quando Deus desejava. Na verdade, senhor Cavaleiro da Triste Figura, se minha partida e a loucura de vossa mercê são para valer, seria melhor encilhar Rocinante de novo, para que supra a falta do burro, pois assim se poupa o tempo de minha ida e volta; se for a pé, não sei quando chegarei nem quando voltarei, porque, no fim das contas, não sou um bom caminhante.[4]

— Seja como quiseres, Sancho — respondeu dom Quixote —, pois teu propósito não me parece ruim. Partirás daqui a três dias, porque quero que nesse tempo vejas o que por ela faço e digo, para lhe contares.

— Mas o que mais tenho de ver além do que já vi? — disse Sancho.

— Da missa não sabes metade! — respondeu dom Quixote. — Agora me falta rasgar as vestes, espalhar as partes da armadura por aí, dar cabeçadas nestes rochedos e outras coisas desse tipo, que vão te admirar.

— Pelo amor de Deus — disse Sancho —, olhe bem vossa mercê como vai dar essas cabeçadas, porque, dependendo da pedra e do lugar onde pegar, na primeira talvez acabe com esse projeto de penitência. Já que vossa mercê pensa que as cabeçadas são necessárias e que não se pode tocar esse negócio sem elas, acho melhor que se contentasse com dá-las na água ou em algo macio como algodão, pois tudo isso é fingido, coisa de arremedo e de brincadeira. E deixe por minha conta que eu direi a minha senhora que vossa mercê as dava bem na quina de uma pedra, mais dura que a de um diamante.

— Eu agradeço tua boa intenção, meu amigo Sancho — respondeu dom Quixote —, mas quero que saibas que não faço todas essas coisas na brincadeira, mas muito a sério, porque de outra maneira seria contrariar as regras da cavalaria que nos proíbem qualquer mentira, sob pena de ser julgado como reincidente, e fazer uma coisa por outra é o mesmo que mentir. Assim, minhas cabeçadas devem ser verdadeiras, firmes e legítimas, sem nada de sofístico nem de falso. Será necessário, então, que me deixes algumas ataduras para me tratar, pois quis o destino que nos faltasse o bálsamo que perdemos.

— Pior foi perder o burro — respondeu Sancho —, pois se perderam com ele as ataduras e o resto. E imploro a vossa mercê: não se lembre mais daquela maldita beberagem, que só de ouvir falar dela me revolve a alma, que dirá o estômago. E imploro mais ainda: faça de conta que já se passaram os três dias que me deu de prazo para ver as loucuras que faz, que já as dou por vistas, julgadas e sentenciadas, e direi maravilhas a minha senhora. Escreva a carta e me despache logo, pois estou ansioso para voltar e tirar vossa mercê deste purgatório onde o deixo.

— Chamas isso de purgatório, Sancho? — disse dom Quixote. — Seria melhor que chamasse de inferno, ou coisa pior, se é que existe outra.

— Quem está no inferno — disse Sancho —, *nulla es retencio*,[5] pelo que ouvi dizer.

— Não entendo o que quer dizer *retencio* — disse dom Quixote.

— *Retencio* — respondeu Sancho — quer dizer que quem está no inferno nunca sai dele, nem pode. Mas com vossa mercê será o contrário, ou andarão mal meus pés, se é que não uso esporas para animar Rocinante; de qualquer forma, eu estando em El Toboso, diante de minha senhora Dulcineia, direi tais coisas das asneiras e loucuras (dá tudo na mesma) que vossa mercê fez e ficou fazendo, que a deixarei mais macia que uma luva, mesmo que a encontre mais dura que um carvalho. Com a resposta doce como mel voltarei pelos ares, como um bruxo, e tirarei vossa mercê deste purgatório, que parece inferno mas não é, pois há esperança de sair dele, coisa, como já disse, que não têm os que estão no inferno. Acho que vossa mercê não vai me contradizer.

— É verdade — disse o da Triste Figura. — Mas como faremos para escrever a carta?

— E mais a ordem burresca de entrega — acrescentou Sancho.

— Incluiremos tudo — disse dom Quixote. — Seria bom, já que não há papel, que a escrevêssemos em folhas de árvore ou numas tabuinhas de cera, como faziam os antigos, embora seja tão difícil achar isso por aqui como papel. Mas já me veio à mente onde podemos escrevê-la muito melhor: no livrinho que foi de Cardênio. E tu terás o cuidado de mandar copiá-la, com boa letra, na primeira vila onde achares um mestre-escola, ou um sacristão qualquer. Mas não a dês a nenhum escrivão, pois escrevem com letra processual, que nem Satanás entende.

— Mas o que vamos fazer com a assinatura? — disse Sancho.

— As cartas de Amadis nunca foram assinadas — respondeu dom Quixote.

— Muito bem — respondeu Sancho —, mas a ordem de entrega tem de ser assinada obrigatoriamente; se for copiada, dirão que a assinatura é falsa, e ficarei sem os burrinhos.

— A ordem irá assinada no próprio livrinho; vendo-a, minha sobrinha não dificultará seu cumprimento. Quanto à carta de amores, porás por assinatura: “Vosso até a morte, o Cavaleiro da Triste Figura”. Na verdade, não importa que seja assinada por mão alheia, porque, pelo que me lembro, Dulcineia não sabe ler nem escrever e nunca em sua vida viu minha letra nem carta, pois meus

amores e os dela sempre foram platônicos, nada além de um simples e recatado olhar. E mesmo isso, tão de quando em quando, que sou capaz de jurar que na verdade, em doze anos que a amo mais que à luz destes olhos que a terra há de comer, não a vi quatro vezes; e até pode ser que dessas quatro vezes ela não tivesse reparado nenhuma que eu a olhava: tal o recato e recolhimento com que seu pai, Lorenzo Carchuelo, e sua mãe, Aldonza Nogales, a criaram.

— Ora, ora! — disse Sancho. — Então a filha de Lorenzo Corchuelo é a senhora Dulcineia del Toboso, conhecida também por Aldonza Lorenzo?

— Essa mesma — disse dom Quixote —, e é quem merece ser senhora de todo o universo.

— Conheço-a muito bem — disse Sancho —, e posso afirmar que numa queda de braço vence o pastor mais forçudo de toda a vila. Benza-a Deus, que é pessoa de fibra, feita e direita e de cabelo nas ventas, que pode ajudar qualquer cavaleiro andante ou por andar que a tiver por senhora a sair do maior aperto! Ah, fiadaputa, que muque que tem, e que voz! Olhe, um dia subiu no campanário da aldeia para chamar uns pastores seus que andavam numas terras de seu pai; e eles, embora estivessem a mais de meia légua dali, ouviram-na como se estivessem ao pé da torre. E o melhor é que não é nada melindrosa, porque tem muito de cortesã: brinca com todos e de tudo zomba e graceja. Por isso eu digo, senhor Cavaleiro da Triste Figura, que vossa mercê não só pode e deve fazer loucuras por ela, como com justa causa pode se desesperar e se enforcar, pois não haverá ninguém que ao saber não diga que fez muito bem, mesmo que o diabo o carregue. Eu gostaria de já estar a caminho, só para vê-la, pois faz muitos dias que não a vejo; deve estar mudada, porque andar sempre no campo, ao sol e ao vento, judia muito do rosto das mulheres. E confesso a vossa mercê uma verdade, senhor dom Quixote: até aqui estive na mais completa ignorância, porque pensava e até podia jurar que a senhora Dulcineia devia ser alguma princesa de quem vossa mercê estava apaixonado, ou alguma pessoa distinta, que merecesse os ricos presentes que vossa mercê lhe enviou, tanto o do basco como o dos

condenados às galés, e muitos outros, pois devem ser muitas as vitórias que vossa mercê ganhou no tempo em que eu ainda não era seu escudeiro. Mas, pensando bem, o que interessa à senhora Aldonza Lorenzo, digo, à senhora Dulcineia del Toboso, que vão se prostrar de joelhos diante dela os vencidos que vossa mercê lhe envia e há de enviar? Poderia acontecer que, quando eles chegassem, ela estivesse capinando o linho ou malhando no terreiro, e eles ficassem com vergonha de vê-la, e ela se risse e se amolasse com o presente.

— Já te falei tantas e tantas vezes, Sancho — disse dom Quixote —, que és muito falador e que, embora de espírito rombudo, muitas vezes te mostras agudo; mas, para que vejas o quanto és burro e quanto eu sou sabido, quero que me ouças uma história bem curtinha:

“Uma viúva formosa, moça, livre e rica, mas antes de mais nada desembaraçada, se apaixonou por um frade leigo, grandalhão e gordo; o superior dele veio a saber e um dia disse à boa viúva, em tom de fraternal repreensão: ‘Estou admirado, senhora, não sem bons motivos, de que uma mulher tão distinta, tão formosa e tão rica como vossa mercê tenha se apaixonado por um homem tão indigno, tão baixo e tão idiota como fulano, havendo nesta casa tantos mestres, tantos licenciados e tantos teólogos, onde vossa mercê poderia escolher como se escolhesse peras numa fruteira, e dizer: Quero este, não quero aquele’. Mas ela lhe respondeu com muita graça e desenvoltura: ‘Vossa mercê, meu senhor, está muito enganado e pensa à moda antiga se acha que eu escolhi mal o fulano, por mais idiota que lhe pareça, pois para o que eu o quero, sabe tanta filosofia ou mais que Aristóteles’.

“Assim, Sancho, para o que eu quero, Dulcineia del Toboso vale tanto como a mais importante princesa da terra. Sim, porque nem todos os poetas que louvam damas sob um nome que eles mesmo escolheram as têm de verdade. Tu pensas que as Amarílis, as Fílis, as Sílvias, as Dianas, as Galateias, as Fílidas e outras como essas de que estão cheios os livros, os romances, os salões dos barbeiros, os teatros das comédias, foram realmente damas de carne e osso, e daqueles que as celebram e celebraram? Não,

claro, porque a maioria delas é inventada para servir de assunto a seus versos, e para que se pense que os autores são apaixonados e homens que valem uma paixão. Assim, basta-me pensar e acreditar que a boa Aldonza Lorenzo é formosa e recatada; quanto à linguagem, pouco importa, pois não irão se informar se é cristã-velha para lhe dar um hábito de freira, e eu faço de conta que é a melhor princesa do mundo. Pois deves saber, Sancho, se não o sabes ainda, que apenas duas coisas incitam ao amor mais que outras: a grande formosura e a boa reputação, e essas duas coisas estão inteiramente realizadas em Dulcineia, porque nenhuma a iguala em beleza e poucas se comparam na boa reputação. E, para encerrar, eu imagino que tudo o que digo é assim, sem que sobre nem falte nada, pintando-a em minha imaginação como a desejo, tanto em formosura como em importância; nem Helena a alcança, nem Lucrécia, nem alguma outra das famosas mulheres de antigamente, grega, bárbara ou latina. E que cada um diga o que quiser, pois, se eu for repreendido por isso pelos ignorantes, não serei castigado pelos mais severos."

— Acho que vossa mercê tem toda razão — respondeu Sancho — e que eu é que sou burro. Mas nem sei por que disse burro, pois não se fala em corda na casa de enforcado. Que venha a carta e adeus, que já vou tarde.

Dom Quixote pegou o livro de anotações e, afastando-se para um lado, com toda a calma começou a escrever. Ao acabar, chamou Sancho e disse que gostaria de ler a carta, para que ele a guardasse na memória caso a perdesse pelo caminho, porque de sua falta de sorte podia se esperar qualquer coisa. A isso Sancho respondeu:

— Escreva-a vossa mercê duas ou três vezes aí e me dê o livro, que eu o levarei com todo o cuidado, pois pensar que vou decorá-la é um disparate: tenho a memória tão ruim que às vezes esqueço até como me chamo. Mas, enfim, leia a carta, que terei muito prazer em ouvi-la, pois deve ter saído sob medida.

— Escuta, então — disse dom Quixote.

carta de dom quixote a dulcineia del toboso

Soberana e nobre senhora:

O ferido pela lâmina da ausência e o dilacerado nas fibras do coração, dulcíssima Dulcineia del Toboso, te deseja a saúde que ele não tem. Se tua formosura me despreza, se tua coragem não me ajuda, se teus desdéns são para mim aflição, mesmo que eu seja muito resignado, mal poderei suportar esta angústia, que, além de poderosa, é demasiado duradoura. Meu bom escudeiro Sancho te dirá tudo — oh, bela ingrata, amada inimiga minha! — sobre como estou por tua causa. Se desejares me socorrer, sou teu; se não, faz o que bem quiseres, pois eu, ao dar cabo de minha vida, terei satisfeito tua crueldade e meu anseio.

Teu até a morte,

O Cavaleiro da Triste Figura

— Quero ver meu pai morto — disse Sancho, ao ouvir a carta —, se não é a melhor coisa que já ouvi! Diacho, se vossa mercê não diz aí tudo o que quer! E como encaixou bem a assinatura “O Cavaleiro da Triste Figura”! A verdade é que vossa mercê é o diabo em pessoa e não tem o que não saiba.

— Tudo é necessário — respondeu dom Quixote — para o ofício que escolhi.

— Eia! — disse Sancho. — Mas agora ponha vossa mercê na outra página a autorização sobre os três burrinhos e assine-a direitinho, para que reconheçam sua letra na hora.

— Com prazer — disse dom Quixote.

E, tendo-a escrito, leu-a:

Por esta primeira requisição de burrinhos, vossa mercê, minha sobrinha, mandará dar a Sancho Pança, meu escudeiro, três dos cinco que deixei em casa e estão a cargo de vossa mercê. Mando pagar os ditos três burrinhos por outros tantos aqui recebidos à vista, pois com este registro e autorização de pagamento serão bem dados.

Feita nas entranhas da Serra Morena, em vinte e dois de agosto do presente ano.

— Está boa — disse Sancho. — Assine-a vossa mercê.
— Não é preciso assiná-la — disse dom Quixote —, basta pôr minha rubrica, que é a mesma coisa que a assinatura. Para três burros, ou até para trezentos, é o suficiente.
— Eu confio em vossa mercê — respondeu Sancho. — Deixe-me ir encilhar Rocinante e se prepare para me dar a bênção, pois penso partir em seguida. Mesmo sem ver as doidices que vossa mercê vai fazer, direi que vi tantas que já chega.
— Quero que pelo menos me vejas pelado, Sancho, fazendo uma ou duas dúzias de loucuras, no que não levo nem meia hora. É necessário porque, tendo-as visto com teus próprios olhos, podes jurar sem remorsos as outras que quiseres acrescentar; e te garanto que não inventarás tantas quantas penso cometer.
— Pelo amor de Deus, meu senhor, não quero ver vossa mercê pelado, pois sentirei muita pena e não poderei deixar de chorar, e estou com a cabeça de um jeito, por causa das lágrimas de ontem à noite pelo burro, que nem penso me meter em outra choradeira. Se vossa mercê quer mesmo que eu veja algumas loucuras, faça-as vestido, depressa e as que melhor se ajustarem ao caso. Sem falar que para mim não era preciso nada disso e, como já falei, quero poupar o caminho de minha volta, que farei com as notícias que vossa mercê deseja e merece. A senhora Dulcineia que se cuide, pois, se não me responder como deve, juro solenemente a quem devo que lhe arranco a resposta certa nem que seja a pontapé e bofetões. Porque onde já se viu que um cavaleiro andante, tão famoso como vossa mercê, fique louco, sem mais nem menos, por causa de uma…? Não me obrigue a dizer senhora, senão eu perco as estribeiras e boto a boca no mundo, doa a quem doer. Eu sou fogo! O senhor não sabe com quem está falando! Pois, se soubesse, juro que me trataria com luvas de pelica!
— Olha, Sancho — disse dom Quixote —, pelo que se vê, não tens mais juízo que eu.

— Não estou tão louco assim — respondeu Sancho —, estou é mais furioso. Mas, deixando isso para lá, o que vossa mercê vai comer enquanto não volto? Vai roubar os pastores, como Cardênio?

— Não te preocupes com isso — respondeu dom Quixote —, porque, mesmo que tivesse outras coisas, não comeria nada além de ervas e frutos deste campo e destas árvores. Aí é que está a beleza do meu caso: não comer e me entregar a outras barbaridades desse tipo. Assim, adeus.

— Mas vossa mercê sabe do que tenho medo? De não achar este lugar na volta, pois fica muito escondido.

— Marca bem os pontos de referência, que eu procurarei não me afastar daqui — disse dom Quixote — e ainda vou subir nos penhascos mais altos, para ver se te avisto quando voltares. Na verdade, para que me aches e não te percas, o melhor é que cortes algumas dessas giestas que há por aqui e largue-as de tanto em tanto, até saíres em campo aberto. Elas te servirão de marcos e pistas para que me aches quando voltares, como o fio no labirinto de Perseu.

— Farei isso — respondeu Sancho.

Cortando alguns ramos, pediu a bênção a seu senhor e, não sem muitas lágrimas de parte a parte, se despediu dele. Montou Rocinante — que dom Quixote recomendou muito, dizendo que olhasse por ele como por sua própria pessoa — e se pôs a caminho da planície, espalhando de tanto em tanto os ramos da giesta, como o amo havia aconselhado. Assim se foi, embora dom Quixote o amolasse para que visse ao menos umas duas loucuras. Mas, mal andou cem passos, voltou e disse:

— Olhe, senhor, vossa mercê falou muito bem: para que eu possa jurar sem peso na consciência que o vi cometer loucuras, é bom que eu veja ao menos uma, embora já tenha visto uma bem grande com o senhor ficando por aqui.

— Eu não te disse? — respondeu dom Quixote. — Espera, Sancho, que num ai as cometerei.

E, despindo as calças a toda pressa, ficou só de camisa e em seguida, sem mais nem menos, deu duas cabriolas e dois saltos com a cabeça para baixo e os pés para cima, mostrando coisas que

Sancho, para não ver, virou as rédeas de Rocinante e se deu por satisfeito: podia jurar que seu amo ficara louco. E assim o deixemos seguir seu caminho, até a volta, que foi rápida.

xxvi

onde se prosseguem as delicadas demonstrações de apaixonado que dom quixote fez na serra morena

E, voltando a contar o que o Cavaleiro da Triste Figura fez, depois que se viu sozinho, reza a história que mal ele acabou de dar as cabriolas ou cambalhotas — nu na metade de baixo e vestido na metade de cima — e vendo que Sancho havia se ido, sem querer aguardar mais asneiras, foi para o topo de um alto penhasco e ali voltou a pensar o que muitas outras vezes tinha pensado, sem jamais se resolver: o que seria ou lhe cairia melhor, imitar Roland nas loucuras desaforadas ou Amadis nas melancólicas, e, falando para si mesmo, dizia:

— Se Roland foi tão bom cavaleiro e tão valente como todos dizem, qual a vantagem? Era encantado, ninguém o podia matar, a não ser lhe enfiando um alfinete grosso na planta do pé, desses que custam uma moeda de prata, mas ele nunca tirava os sapatos com sete solas de ferro.[1] Em todo caso, as tretas não funcionaram contra Bernardo del Carpio: ele as percebeu e o sufocou entre os braços, em Roncesvalles. Mas, deixando de lado a valentia, vejamos isso de perder o juízo, porque o perdeu mesmo com os indícios que achou na fonte e com o que lhe disse o pastor sobre Angélica ter dormido mais de duas sestas com Medoro, um mourozinho de cabelos encaracolados, pajem de Agramante;[2] e, se pensou que isso era verdade e que sua dama o tinha desonrado, não fez grande coisa se tornando louco. Agora, como eu posso imitá-lo nas loucuras, se não o imitar na causa delas? Porque ousarei jurar: minha Dulcineia del

Toboso nunca viu um mouro na vida, assim como ele é, com seu traje de nascença, e garanto também que ela se conserva até hoje como sua mãe a pariu. Seria uma tremenda ofensa se eu, imaginando outra coisa dela, me tornasse louco como Roland, o Furioso.

"Por outro lado, Amadis, sem perder o juízo e sem fazer loucuras, alcançou tanta fama de apaixonado como o melhor de todos. Conforme conta sua história, ao se ver desprezado por sua senhora Oriana, que havia lhe ordenado que não aparecesse em sua presença até que ela quisesse recebê-lo, nada mais fez que se retirar para a Peña Pobre em companhia de um ermitão, e ali se fartou de chorar e de se encomendar a Deus, até que o céu o socorreu, na hora da maior aflição e necessidade. Se foi assim, como sei que foi, por que vou me dar ao trabalho de me despir totalmente e castigar estas árvores, que não me fizeram mal algum? Nem tenho por que sujar as águas límpidas destes riachos, onde beberei quando tiver sede. Viva a memória de Amadis! Seja ele imitado por dom Quixote de la Mancha em tudo o que puder; de Quixote se dirá o que se disse de Amadis: se não realizou grandes feitos, morreu por tentá-los; e, se eu não sou abandonado nem desprezado por Dulcineia del Toboso, basta-me, como já disse, estar longe dela. Então, mãos à obra: vinde-me à memória, coisas de Amadis, e mostrai-me por onde tenho de começar a vos imitar. Já sei que o que ele mais fez foi rezar e se encomendar a Deus; mas que usarei como rosário, já que não tenho um?"

Nisto descobriu como faria: rasgou uma grande tira das fraldas da camisa, que estavam penduradas, dando-lhe onze nós, um mais gordo que os demais. Com esse rosário, no tempo em que esteve de penitência, rezou um milhão de ave-marias.[3]

O que o amargurava era não achar por ali outro ermitão que o confessasse e consolasse. Assim, distraía-se passeando pelo pequeno gramado, gravando nas cascas das árvores e escrevendo na areia miúda muitos versos, todos bem ajustados a sua tristeza, e alguns em louvor de Dulcineia. Mas os únicos que foram encontrados inteiros e que puderam ser lidos depois que o encontraram ali foram estes:

Árvores, ervas e plantas
que neste lugar estais,
tão altas, verdes e tantas,
se de meu mal não vos rejubilais,
escutai minhas queixas santas.
Minha dor não vos inquiete,
por mais terrível que seja,
pois para vos pagar sua parte
aqui chorou dom Quixote
ausências de Dulcineia
del Toboso.

Aqui é o lugar onde
o amante mais leal
de sua senhora se esconde,
e veio por tanto mal
sem saber como ou por onde.
O amor o traz sem sossego,
pois é da pior laia;
e, assim, até encher um pote,
aqui chorou dom Quixote
ausências de Dulcineia
del Toboso.

Em busca de aventuras
por entre os duros penhascos,
maldizendo entranhas duras,
pois entre escarpas e entre brenhas
o triste acha desventuras,
o amor o feriu com seu chicote,
não com sua macia correia,
e quando lhe tocou o cangote
aqui chorou dom Quixote

ausências de Dulcineia
del Toboso.[a]

Não causou pouca graça aos que acharam os referidos versos o acréscimo “del Toboso” ao nome de Dulcineia, porque pensaram que dom Quixote deve ter imaginado que, se ao nomear Dulcineia não dissesse também “del Toboso”, não poderia se entender a canção; e foi isso mesmo o que aconteceu, como ele confessou depois. Escreveu muitos outros, mas, como se disse, não puderam se achar nem legíveis nem inteiros mais que os destas três coplas. Distraía-se nisto e em suspirar, em chamar os faunos e silvanos daquelas matas, as ninfas dos rios, a dolorosa e úmida Eco, suplicando que respondessem, consolassem e escutassem. Distraía-se também procurando algumas ervas para se manter enquanto Sancho não voltava — se este não tivesse demorado três dias, mas três semanas, o Cavaleiro da Triste Figura teria se desfigurado tanto que nem a mãe que o pariu o reconheceria.

Mas será melhor deixá-lo entre versos e suspiros, para contar o que aconteceu a Sancho Pança em sua embaixada. Alcançando a estrada real, saiu em busca do caminho para El Toboso e no dia seguinte chegou à estalagem onde tinha lhe acontecido a desgraça da manta; mal a viu, pareceu-lhe que andava pelos ares de novo e não quis entrar nela, embora tenha chegado em hora que podia e devia fazê-lo: era hora de comer e vinha desejoso de provar um prato quente, pois passava a fiambre havia longos dias.

Essa necessidade o forçou a se aproximar da estalagem, mas ainda em dúvida se entraria ou não. Estava nisso, quando saíram dali duas pessoas, e uma disse à outra:

— Diga-me, senhor licenciado, aquele a cavalo não é Sancho Pança? A criada de nosso aventureiro disse que havia saído com ele como escudeiro.

— É sim — disse o licenciado. — E aquele é o cavalo de nosso dom Quixote.

E o reconheceram tão facilmente porque os dois eram o padre e o barbeiro da aldeia, que tinham feito a seleção e o auto de fé dos

livros. Eles, logo que reconheceram Sancho Pança e Rocinante, ansiosos para saber de dom Quixote, correram para o escudeiro, e o padre o chamou pelo nome:

— Amigo Sancho Pança, onde está vosso amo?

Sancho Pança também os reconheceu de saída e resolveu ocultar onde e como seu amo ficara; assim, respondeu-lhes que seu amo tinha ficado ocupado em certo lugar e em certa coisa que era de muita importância para ele, mas que, pelo que havia de mais sagrado, não podia lhes revelar.

— Não, não, Sancho Pança — disse o barbeiro —, se não nos dizeis onde está, pensaremos (aliás já pensamos) que vós o matastes e roubastes, pois vindes montado no cavalo dele. A verdade é que ou nos entregais o dono do pangaré ou vos vereis em maus lençóis.

— Comigo não é preciso ameaças, pois não sou homem de roubar nem matar ninguém: a cada um mate seu destino, ou Deus, que o criou. Meu amo está fazendo penitência lá naquelas montanhas, por livre e espontânea vontade.

Em seguida, às pressas e sem tomar fôlego, contou como o deixara, as aventuras que tinha vivido e que levava uma carta para a senhora Dulcineia del Toboso, que era a filha de Lorenzo Corchuelo, por quem estava apaixonado até as raízes dos cabelos.

Os dois ficaram pasmos com o que Sancho Pança contava — mesmo sabendo da loucura de dom Quixote e de que tipo era, sempre que ouviam algo sobre ela pasmavam de novo. Pediram a Sancho Pança que lhes mostrasse a carta que levava para a senhora Dulcineia del Toboso. Ele disse que estava escrita num livro de anotações e que a ordem de seu senhor era que a mandasse copiar em papel na primeira aldeia em que chegasse. O padre pediu que a entregasse, que ele a copiaria com a melhor das letras. Sancho Pança meteu a mão no bolso em busca do livrinho, mas não o achou, nem podia achar, mesmo que procurasse até hoje, porque tinha ficado com dom Quixote, que não lembrara de dá-lo nem Sancho de pedi-lo.

Quando Sancho viu que não achava o livro, seu rosto foi ficando de uma palidez mortal; às pressas, apalpou de novo o corpo todo e

de novo viu que não o achava. Então, sem mais nem menos, agarrou as barbas com as duas mãos e arrancou metade delas; depois, com a mesma rapidez, deu-se meia dúzia de murros no rosto, banhando-se de sangue pelo nariz.

Vendo isso, o padre e o barbeiro perguntaram a ele o que tinha acontecido, para ficar tão mal desse jeito.

— O que foi que me aconteceu?! — respondeu Sancho. — Nada, só perdi três burrinhos por entre os dedos, como água, e cada um era como uma joia…

— Que história é essa? — replicou o barbeiro.

— Perdi o livrinho — respondeu Sancho — em que estava a carta para Dulcineia e uma ordem, assinada por meu senhor, para que sua sobrinha me desse três burrinhos, dos quatro ou cinco que tem em casa.

E então lhes contou a perda do burro. O padre o consolou, dizendo que quando encontrasse seu senhor ele o faria confirmar a doação e escrever a ordem de entrega em papel, como era uso e costume, porque jamais se aceitavam ou se cumpriam as que eram feitas em livros de anotação.

Com isso, Sancho se consolou e disse que, se era assim, não se incomodava muito com a perda da carta de Dulcineia, porque ele a sabia quase de cor, podendo ditá-la onde e quando quisessem.

— Dizei-a, então, Sancho — disse o barbeiro —, que depois a escreveremos.

Sancho Pança começou a coçar a cabeça para trazer a carta à memória, ora se apoiando num pé, ora no outro; às vezes olhava o chão, outras o céu; depois de ter roído metade da unha de um dedo, deixando em suspenso os que esperavam, disse ao fim de um longo momento:

— Por Deus, senhor padre, que o diabo a carregue se lembro alguma coisa da carta! Mas no começo dizia assim: “Nobre e *soberbana* senhora”.

— Não pode ser *soberbana* — disse o barbeiro —, mas *sobre-humana*, ou *soberana* senhora.

— Isso mesmo — disse Sancho. — Depois, se bem me lembro, continuava… se bem me lembro: “O dilatado e sem sono e o ferido

beija as mãos de vossa mercê, ingrata e muito desconhecida formosa”, e dizia não sei que mais de saúde e doença que lhe enviava, e por aí ia se debulhando, até que acabava em “Vosso até a morte, o Cavaleiro da Triste Figura”.

Os dois não se divertiram pouco ao ver a boa memória de Sancho Pança — elogiaram-na muito e pediram ao escudeiro que repetisse a carta outras duas vezes, para que eles também a decorassem para copiá-la depois. Sancho a repetiu umas três vezes — e outras tantas disse de novo mais três mil disparates. Em seguida contou coisas de seu amo, mas nenhuma palavra sobre o manteamento que havia acontecido naquela estalagem, onde se recusava a entrar. Falou ainda que seu senhor, se a resposta da senhora Dulcineia del Toboso fosse favorável, ia seguir em busca de aventuras para se tornar imperador, ou pelo menos monarca, que assim tinha ficado combinado entre eles, e era coisa muito fácil de acontecer, por causa da coragem de sua pessoa e da força de seu braço; e, sendo imperador, haveria de casá-lo, porque então já seria viúvo, pois não podia ser de outra forma, e haveria de lhe dar como mulher uma aia da imperatriz, herdeira de um rico e grande domínio em terra firme, pois não queria mais saber de ilhas ou ilhotes.

Sancho dizia isso com tanta calma e com tão pouco juízo, limpando de quando em quando o nariz, que os dois se surpreenderam de novo, considerando a força da loucura de dom Quixote, que havia arrastado consigo o bom senso daquele pobre homem. Não quiseram se cansar tirando-o do erro em que estava, parecendo-lhes que, como não lhe perturbava em nada a consciência, era melhor deixar por isso mesmo, sem falar que para eles era mais divertido ouvirem suas asneiras. E, assim, lhe disseram que rogasse a Deus pela saúde de seu senhor, porque era coisa realmente muito provável ele se tornar imperador com o correr do tempo, como dizia, ou pelo menos arcebispo ou alguma outra dignidade semelhante. A isso, Sancho respondeu:

— Senhores, se a roda da fortuna girasse de modo que meu amo tivesse vontade de ser arcebispo, em vez de imperador, gostaria de saber o que os arcebispos andantes costumam dar a seus escudeiros.

— Costumam dar algum cargo simples ou paróquia — disse o padre —, ou emprego de sacristão, que garante uma renda fixa, além das doações ao pé do altar, que costumam dar outro tanto.

— Para isso é preciso que o escudeiro não seja casado — replicou Sancho — e que pelo menos saiba ajudar na missa. Se for assim, estou frito, porque sou casado e não sei nem a primeira letra do abc! O que será de mim se dá na telha de meu amo ser arcebispo, em vez de imperador, como é uso e costume dos cavaleiros andantes?

— Não vos preocupeis, meu amigo Sancho — disse o barbeiro —, pois nós pediremos a vosso amo e o aconselharemos, e até lhe mostraremos que deve ser imperador e não arcebispo, porque será mais fácil para ele, já que é mais valente que estudioso.

— É o que sempre me pareceu — respondeu Sancho —, embora ele tenha habilidade para tudo. De minha parte, o que penso fazer é rogar a Nosso Senhor que o leve aonde ele se saia melhor e mais mercês me faça.

— Falais como homem sensato — disse o padre — e vos comportais como bom cristão. Mas o que precisamos fazer agora é ver como tirar vosso amo dessa inútil penitência que nos dissestes que está fazendo; e, para pensar em como vamos agir e para comer, que já é hora, será melhor entrarmos nesta estalagem.

Sancho disse que entrassem, que ele esperaria ali fora e depois lhes diria por que não entrava nem convinha entrar nela, mas lhes pedia que trouxessem algo para comer, que fosse coisa quente, e também cevada para Rocinante. Eles entraram, deixando Sancho, e dali a pouco o barbeiro lhe trouxe a comida.

Depois de matutarem muito, ocorreu ao padre um jeito bem ao gosto de dom Quixote e perfeito para o que eles queriam: o que havia pensado era vestir trajes de donzela andante, enquanto o barbeiro se vestiria o melhor que pudesse de escudeiro, e assim iriam aonde estava dom Quixote, fingindo se tratar de uma donzela aflita precisando de socorro, que lhe pediria um favor que ele, como valente cavaleiro andante, não poderia deixar de atender. O favor era que viesse com ela aonde ela o levasse, para desfazer uma afronta que um mau cavaleiro lhe tinha feito; e também suplicaria a ele que não a mandasse tirar seu véu, nem a interrogasse sobre

aquele assunto, até que a tivesse vingado daquele mau cavaleiro. Acreditava que sem dúvida nenhuma dom Quixote faria tudo quanto lhe pedisse desse modo — e assim o tirariam dali e o levariam para sua aldeia, onde procurariam ver se sua estranha loucura tinha algum remédio.

a *Árboles, yerbas y plantas/ que en aqueste sitio estáis,/ tan altos, verdes y tantos,/ si de mi mal no os holgáis,/ escuchad mis quejas santas./ Mi dolor no os alborote,/ aunque más terrible sea,/ pues por pagaros escote/ aquí lloró don Quijote/ ausencias de Dulcinea/ del Toboso.// Es aquí el lugar adonde/ el amador más leal/ de su señora se esconde,/ y ha venido a tanto mal/ sin saber cómo o por dónde./ Tráele amor al estricote,/ que es de muy mala ralea;/ y, así, hasta henchir un pipote,/ aquí lloró don Quijote/ ausencias de Dulcinea/ del Toboso.// Buscando las aventuras/ por entre las duras peñas,/ maldiciendo entrañas duras,/ que entre riscos y entre breñas/ halla el triste desventuras,/ hiriole amor com su azote,/ no con su blanda correa,/ y en tocándole el cogote/ aquí lloró don Quijote/ ausencias de Dulcinea/ del Toboso.*

xxvii

de como o padre e o barbeiro fizeram das suas, com outras coisas dignas de ser contadas nesta grande história

O barbeiro não achou má a invenção do padre; pelo contrário, achou-a tão boa que logo a puseram em prática. Pediram à estalajadeira uma saia e umas toucas, deixando-lhe como garantia uma sotaina nova do padre. O barbeiro fez uma grande barba com um rabo de boi, ruço ou vermelho, onde o estalajadeiro pendurava o pente.

A estalajadeira lhes perguntou para que pediam aquelas coisas. O padre lhe contou em poucas palavras a loucura de dom Quixote e como era conveniente aquele disfarce para tirá-lo da montanha, onde estava agora. Os estalajadeiros logo se deram conta de que o louco era seu hóspede, o do bálsamo, o amo do escudeiro manteado, e contaram ao padre tudo o que havia acontecido ali, sem calar o que Sancho tanto calava.

Enfim, era coisa de se ver como a estalajadeira vestiu o padre: vestiu nele uma saia de lã, cheia de franjas de veludo negro de um palmo de largura, abertas de tanto em tanto, e um corpete de veludo verde guarnecido com debruns de cetim branco, que deviam ter sido feitos, corpete e saia, no tempo em que Judas andava na terra. O padre não consentiu que lhe pusessem a touca, mas pôs na cabeça um barretinho de linho acolchoado que usava de noite para dormir, e prendeu na testa uma tira de seda negra, e com outro pedaço de seda fez um véu com que cobriu muito bem as barbas e o rosto. Enfiou o chapéu — que era tão grande que podia lhe servir de

guarda-sol —, cobriu-se com sua capa e montou de lado na mula, como uma mulher.

O barbeiro também montou na sua, com a barba que ia até a cintura, entre vermelha e branca, feita do rabo de um boi barroso, como se disse.

Despediram-se de todos, e da boa Maritornes, que prometeu rezar um rosário, mesmo sendo uma pecadora, para que Deus os ajudasse nesse negócio tão árduo e tão cristão como era esse que haviam empreendido.

Contudo, mal tinham saído da estalagem, o padre pensou que não estava certo ter se vestido daquele jeito: era indecente para um sacerdote, por mais necessário que fosse. Disse isso ao barbeiro e pediu que trocassem de trajes, pois era mais justo que o barbeiro fosse a donzela desamparada e ele o escudeiro — assim se profanava menos sua dignidade. Mas, se o barbeiro não quisesse fazer a troca, estava decidido a não seguir em frente, mesmo que dom Quixote fosse para os quintos dos infernos.

Nisso apareceu Sancho e, vendo os dois naqueles trajes, não pôde conter o riso.

O barbeiro concordou com tudo o que o padre quis, e, trocando de disfarce, o padre foi lhe dizendo como devia se comportar, as palavras que tinha de dizer a dom Quixote para incitá-lo e forçá-lo a vir com eles, desapegando-se do lugar que havia escolhido para sua vã penitência. O barbeiro respondeu que faria bem sua parte sem precisar de lições, mas que se vestiria apenas quando chegassem onde estava dom Quixote, e então dobrou os vestidos, e o padre guardou sua barba, e prosseguiram a viagem, guiados por Sancho Pança, que foi contando o que tinha lhes acontecido com o louco que encontraram na serra, mas sem falar do achado da maleta e do que ela continha. Apesar de bobo, o rapaz era meio ganancioso.

No dia seguinte chegaram aonde Sancho tinha deixado os ramos para marcar o lugar em que ficara o fidalgo; reconhecendo-o, disse que ali ficava a entrada e que já podiam se vestir, se aquilo era mesmo necessário para libertar seu senhor, porque antes eles haviam dito a Sancho que irem disfarçados daquela maneira era da máxima importância para tirar seu amo da má vida que escolhera, e

recomendaram muito que não lhe dissesse quem eram eles nem que os conhecia; e se perguntasse, como na certa perguntaria, se entregara a carta a Dulcineia, dissesse que sim e que, por não saber ler, havia respondido verbalmente, ordenando-lhe que viesse vê-la no mesmo instante, porque era coisa muito importante, sob pena de cair em desgraça com ela. Com isso, mais o que pensavam lhe dizer, tinham certeza de levá-lo a uma vida melhor, fazendo com que logo se pusesse a caminho para ser imperador ou monarca, pois isso de arcebispo estava fora de questão.

Sancho ouviu tudo e tudo guardou na memória, e agradeceu muito a eles a intenção que tinham de aconselhar seu senhor a ser imperador e não arcebispo, porque no íntimo achava que para fazer mercês a seus escudeiros mais podiam os imperadores que os arcebispos andantes. Também disse que seria melhor que ele fosse na frente para lhe dar a resposta de sua senhora, o que talvez fosse suficiente para tirá-lo daquele lugar, sem que eles tivessem tanto trabalho. Pareceu-lhes sensato o que Sancho Pança dizia, por isso resolveram aguardá-lo até que voltasse com notícias do encontro com seu amo.

Sancho embrenhou-se nas quebradas da serra, deixando os dois numa delas, onde corria um pequeno e manso riacho, à sombra agradável e fresca de outros penhascos e algumas árvores. O calor, num dia de agosto como aquele e naquelas bandas, era ardente como de costume; a hora, as três da tarde — tudo isso tornava o lugar mais agradável, convidando-os a esperar a volta de Sancho, que foi o que fizeram.

Estavam os dois ali, à sombra, sossegados, quando chegou a seus ouvidos uma voz que, sem instrumento algum acompanhando-a, soava doce e deliciosamente, do que ficaram muito admirados, pois achavam que num lugar como aquele não podia haver quem cantasse tão bem. Embora se costume dizer que nas selvas e campos se encontram pastores de vozes extraordinárias, trata-se mais de exagero de poeta que da verdade. Maior ainda foi o espanto ao perceberem que eram versos o que ouviam — e não de pastores broncos, mas de cultos cortesãos, verdade que estas estrofes confirmam:

Quem menospreza meus bens?
Desdéns.
E quem aumenta meus queixumes?
Os ciúmes.
E quem testa minha paciência?
Ausência.
Desse modo, em minha carência
nenhum remédio se alcança,
pois me matam a esperança
desdéns, ciúmes e ausência.

Quem me causa esta dor?
Amor.
E quem minha glória repugna?
Fortuna.
E quem me tem como réu?
O céu.
Desse modo, eu receio
morrer deste mal estranho,
pois crescem em mim o dano
amor, fortuna e o céu.

Quem melhorará minha sorte?
A morte.
E o bem do amor, quem o alcança?
Mudança.
E seus males, quem os cura?
Loucura.
Desse modo, não é sensato
querer curar a paixão,
quando os remédios são
morte, mudança e loucura.[a]

A hora, o tempo, a solidão, a voz e a perícia daquele que cantava deixaram admirados e alegres os dois ouvintes, que ficaram imóveis, esperando ouvir mais alguma coisa; percebendo, porém, que o silêncio se prolongava, resolveram sair em busca do músico. Mas a mesma voz os deteve de novo, cantando este soneto:

soneto

Santa amizade, que com rápidas asas,
tua imagem permanecendo no solo,
entre benditas almas no céu
subiste alegre às divinas salas:

de lá, quando queres, nos mostras
a justa paz coberta com um véu,
por quem às vezes transparece o céu
de boas obras que no fim são más.

Deixa o céu, oh, amizade!, ou não permitas
que o engano vista tua libré,
com que destrói a intenção sincera;

que se tuas aparências não lhe tiras,
logo o mundo há de se ver na luta
da discordante confusão primeira.[b]

O canto acabou com um profundo suspiro, e os dois ficaram atentos, à espera de que se cantasse mais; mas, vendo que a música se transformara em soluços e gemidos queixosos, resolveram ver quem era o triste sujeito, tão bom na voz como sentido nos lamentos. Não andaram muito quando, ao dobrarem a quina de um penhasco, viram um homem com a mesma aparência que Sancho Pança havia lhes pintado ao contar a história de Cardênio. Ao vê-los, o homem continuou quieto, sem se sobressaltar, com a cabeça inclinada sobre o peito como se

estivesse muito pensativo, sem levantar os olhos para olhá-los depois da primeira vez, quando chegaram de repente.

O padre, que era bem-falante e já tinha notícia de seu infortúnio, pois o tinha reconhecido pelos sinais, se aproximou dele e, com poucas mas sábias palavras, lhe rogou e persuadiu que deixasse aquela vida miserável, para que ali não a perdesse, o que era a desgraça maior das desgraças. Cardênio estava então em seu perfeito juízo, livre daquele furioso acesso que com tanta frequência o tirava de si mesmo, e assim, vendo os dois em trajes tão diferentes dos que se usam naquelas solidões, não deixou de ficar um tanto surpreso, mais ainda por ouvir falarem de seu caso como de coisa conhecida, como indicavam as palavras do padre. Então respondeu desta maneira:

— Bem vejo, senhores, quem quer que sejais, que o céu, que tem o cuidado de socorrer os bons e muitas vezes até os maus, sem que eu mereça, me envia, neste lugar tão remoto e afastado do convívio humano, algumas pessoas que, pondo-me diante dos olhos com vivos e variados argumentos o quanto ando sem razão ao levar a vida que levo, procuram me levar daqui para uma existência melhor. Mas, como não sabem que eu sei que ao sair desta desgraça vou cair em outra maior, talvez me tomem por homem insensato ou mesmo por homem sem nenhum juízo, o que é pior. E não seria de admirar que fosse assim, porque eu mesmo percebo que a força da imaginação de minhas infelicidades é tão intensa e pode tanto em minha perdição que, sem que eu possa impedir, acabo ficando como pedra, carecendo de todo bom senso e conhecimento; e me dou conta desta verdade quando alguns me dizem e mostram sinais das coisas que fiz sempre que me domina aquele terrível acesso. E nada mais faço além de me arrepender em vão e amaldiçoar sem proveito minha sorte, dando como desculpa de minhas loucuras a história da causa delas a quantos querem ouvi-la; porque, vendo a causa, os inteligentes não se espantarão dos efeitos e, se não me derem a cura, ao menos não me atribuirão a culpa, transformando-se neles a raiva por minhas ações em pena por minhas desgraças. E se vós, senhores, vindes com a mesma intenção com que outros vieram, antes que prossigais em vossas judiciosas alegações, peço-

vos que escuteis o relato sem desfecho de minhas desventuras, porque aí talvez vos poupareis o trabalho de me consolar de um mal que não tem consolo.

Os dois, que não desejavam mais nada além de saber do próprio homem a causa de seu estado, pediram que contasse, prometendo-lhe fazer apenas o que ele quisesse, em sua ajuda ou consolo. Com isso, o triste cavalheiro começou sua história lacrimosa, quase com as mesmas palavras e passos com que a tinha contado a dom Quixote e ao pastor poucos dias atrás quando, por causa do cirurgião Elisabat e da presteza de dom Quixote em manter o decoro da cavalaria, ficou interrompida, conforme se registrou. Mas desta vez quis a boa sorte que o acesso de loucura não atrapalhasse, dando oportunidade a Cardênio de contá-la até o fim. Então, ao chegar à passagem do bilhete que dom Fernando havia encontrado entre as páginas de *Amadís de Gaula*, disse que ainda o tinha na memória e que dizia isto:

lucinda a cardênio

Todo dia descubro em vós predicados que me obrigam a vos estimar mais; assim, se quiserdes tirar-me desta dívida sem me prejudicar na honra, podereis fazê-lo muito facilmente. Tenho pai que vos conhece e que me quer bem; ele, sem forçar minha vontade, cumprirá aquela que é justo que tenhais, se é que me estimais como dizeis e como eu acredito.

— Por causa deste bilhete resolvi pedir a mão de Lucinda, como já vos contei; foi por causa dele que dom Fernando achou que Lucinda era uma das mais sensíveis e inteligentes mulheres de seu tempo; foi por causa dele que sentiu o desejo de me destruir antes que eu realizasse o meu. Então eu disse a dom Fernando que o pai de Lucinda exigia que meu pai fizesse o pedido, o que eu não ousava falar para ele, temeroso de que não concordasse, não porque ele não conhecesse bem a condição, bondade, virtude e formosura de Lucinda, tendo méritos suficientes para enobrecer qualquer outra

linhagem da Espanha, mas porque eu pensava que ele desejava que não me casasse logo, até ver o que o duque Ricardo iria fazer comigo. Enfim, eu disse que não me arriscava a falar com meu pai, tanto por aquele inconveniente como por muitos outros que me acovardavam, na verdade sem saber quais eram: apenas me parecia que o que eu desejava jamais se tornaria realidade.

“A isso tudo dom Fernando me respondeu que se encarregava de falar a meu pai e de convencê-lo a falar com o de Lucinda. Oh, ambicioso Mário! Oh, cruel Catilina! Oh, criminoso Sila! Oh, embusteiro Galalão! Oh, traidor Vellido! Oh, vingativo Julián! Oh, ganancioso Judas![1] Traidor, cruel, vingativo e embusteiro, que mal te havia feito este infeliz que com tanta franqueza te revelou os segredos e alegrias de seu coração? Que ofensa te fiz? Que palavras te disse, ou que conselhos te dei, que não fossem todos em teu benefício e para aumentar tua honra? Mas, pobre de mim, de que me queixo? Porque se é certo que as desgraças estão escritas nas estrelas, que vêm de cima para baixo, abatendo-se com fúria e com violência, não há força na terra que as detenha nem astúcia humana que possa preveni-las. Quem poderia imaginar que dom Fernando, cavaleiro ilustre, sensato, que me devia tantos favores, com posses para conseguir o que os apetites amorosos lhe pedissem onde quer que fosse, havia de se sujar, como se diz, roubando-me uma única ovelha, e que eu ainda nem possuía? Mas deixemos de lado essas considerações, inúteis e sem proveito, e retomemos o fio de minha história miserável.

“Então, como eu dizia, achando que minha presença era inconveniente para pôr em execução sua falsa e maligna ideia, dom Fernando resolveu me enviar a seu irmão mais velho com o pretexto de pedir dinheiro para pagar seis cavalos que, apenas para me ver ausente e assim facilitar sua desgraçada intenção, comprara de propósito no mesmo dia em que se ofereceu para falar a meu pai. Eu poderia prever essa traição? Poderia sequer imaginá-la? Não, claro que não! Pelo contrário, com todo o prazer me ofereci para partir em seguida, contente com a boa compra. Naquela noite falei com Lucinda e lhe disse o que ficara combinado com dom Fernando, pedindo-lhe que tivesse a firme esperança de que nossos

bons e justos desejos iam se realizar. Ela me disse, tão despreocupada como eu da traição de dom Fernando, que procurasse voltar depressa, porque achava que não ia demorar muito a realização de nossas vontades, logo que meu pai falasse com o seu. Não sei por quê, ao acabar de me dizer isso, seus olhos se encheram de lágrimas e um nó lhe atravessou a garganta, impedindo-a de falar muitas coisas que me pareceu que tinha para me dizer.

“Estranhei essa perturbação, que jamais tinha visto nela, pois sempre que nos falávamos, nas vezes em que a boa sorte e minha diligência permitiam, foi com todo o prazer e alegria, sem misturar em nossas conversas lágrimas, suspiros, ciúmes, suspeitas ou temores. Eu vivia exaltando minha boa estrela, por ter me dado Lucinda por senhora: enaltecia sua beleza, admirava-me de seu valor e inteligência. Ela me retribuía com juros, louvando em mim o que, como apaixonada, lhe parecia digno de louvor. Com isso nos contávamos cem mil ninharias e acontecimentos de nossos vizinhos e conhecidos, e ao que mais se atrevia minha desenvoltura era lhe tomar quase à força uma de suas belas e brancas mãos e levá-la a minha boca, o quanto permitia a estreiteza da grade de uma janela baixa que nos separava. Mas, na noite que antecedeu o triste dia de minha partida, ela chorou, gemeu, suspirou e se foi, deixando-me cheio de confusão e angústia, espantado de ver tão inesperadas e tristes mostras de dor e sentimento em Lucinda. Porém, para não destruir minhas esperanças, atribuí tudo à força do amor que me tinha e à dor que a ausência costuma causar nos que se querem bem. Enfim, parti, triste e pensativo, a alma cheia de fantasias e suspeitas, sem saber o que suspeitava nem o que imaginava: indícios claros do triste infortúnio que me estava reservado.

“Cheguei ao lugar onde fora enviado, entreguei as cartas ao irmão de dom Fernando, fui bem recebido, mas não despachado em seguida, porque, para meu desgosto, me mandou esperar oito dias e num lugar onde seu pai, o duque, não me visse, pois seu irmão lhe escrevia que enviasse o dinheiro sem seu conhecimento. Foi tudo invenção do falso dom Fernando, porque não faltavam recursos a seu irmão para me despachar logo. Uma ordem dessas

me dava condições para não obedecer e me parecia impossível aguentar tantos dias na ausência de Lucinda, ainda mais tendo-a deixado triste como vos contei; mas, apesar de tudo, obedeci, como bom criado, mesmo que visse que havia de ser à custa de minha saúde.

“Quatro dias depois, chegou um homem a minha procura, trazendo-me uma carta, que pela letra no sobrescrito vi que era de Lucinda. Abri-a, temeroso e sobressaltado, pensando que apenas uma coisa muito importante a moveria a me escrever estando longe, pois mesmo perto poucas vezes o fazia. Perguntei ao homem, antes de lê-la, quem a tinha dado e quanto demorara no caminho. Disse que passando casualmente por uma rua da cidade, ao meio-dia, uma senhora muito formosa o chamou de uma janela, os olhos cheios de lágrimas, e com muita pressa lhe disse: ‘Irmão, se sois cristão, como pareceis, pelo amor de Deus vos peço que encaminheis logo esta carta à cidade e à pessoa que constam no sobrescrito, pois são bem conhecidas. Com isso prestareis um grande serviço a Nosso Senhor; e para que tenhais condições de executá-lo, tomai o que há neste lenço’.

“‘Dizendo isso’, continuou o mensageiro, ‘atirou-me um lenço, onde vinham atados cem reais e este anel de ouro que trago aqui, com essa carta que vos entreguei. Em seguida, sem esperar minha resposta, sumiu da janela, embora antes tenha visto que peguei a carta e o lenço, dizendo-lhe por gestos que faria o que me mandava. E assim, vendo-me tão bem pago pelo trabalho que podia ter para entregá-la, e sabendo pelo sobrescrito que se tratava de vós, senhor, que conheço muito bem, e obrigado ainda pelas lágrimas daquela bela senhora, resolvi não confiar em outra pessoa, mas vir eu mesmo vos trazer a mensagem. Ela me foi entregue há dezesseis horas, que foi o tempo que gastei nas dezoito léguas do caminho, como sabeis.’

“Enquanto o novo e agradecido mensageiro me dizia isso, eu estava pendente das palavras dele e me tremiam as pernas de tal modo que eu mal podia continuar de pé. Por fim abri a carta, vendo que continha o seguinte:

A palavra que dom Fernando vos deu de falar a vosso pai para que falasse ao meu, cumpriu-a mais em proveito próprio que em vosso benefício. Sabei, senhor, que ele me pediu por esposa e que meu pai, levado pela vantagem que ele pensa que dom Fernando tem sobre vós, aceitou o pedido com tanto entusiasmo que daqui a dois dias se fará o casamento, tão secreto e tão a sós que apenas os céus e algumas pessoas de casa serão testemunhas. Como me sinto, imaginai; se quiserdes vir, vinde; se vos amo ou não, o desfecho deste caso vos fará saber. Que esta chegue, com a graça de Deus, a vossas mãos antes que a minha se veja na situação de se unir à de quem cumpre tão mal as promessas que faz.

"Em suma, foram essas as palavras que a carta continha e que me fizeram partir imediatamente, sem esperar resposta alguma nem dinheiro, porque agora estava bem claro que não tinha sido a compra dos cavalos, mas seus próprios interesses, o que levara dom Fernando a me enviar a seu irmão. O ódio que senti contra dom Fernando, junto com o temor de perder a prenda que tinha ganho com tantos anos de trabalho e desejos, me deram asas, pois quase que num voo cheguei no dia seguinte a minha aldeia e na hora certa para falar com Lucinda. Entrei em segredo, deixando a mula em que viera na casa do bom homem que tinha me levado a carta, e quis o destino que eu tivesse a boa sorte de encontrar Lucinda diante da grade testemunha de nossos amores. Reconhecemo-nos de imediato, mas não como ela devia me reconhecer nem eu reconhecê-la. Mas quem no mundo pode se gabar de ter penetrado e conhecido o confuso pensamento e a volúvel condição de uma mulher? Ninguém, certamente.

"Bem, assim que Lucinda me viu, disse: 'Cardênio, estou vestida de noiva; já estão me esperando na sala dom Fernando, o traidor, e meu pai, o ganancioso, com outras testemunhas, que testemunharão minha morte em vez de meu casamento. Não te preocupes, amigo, e procura estar presente a este sacrifício: se não puder evitá-lo com minhas palavras, resta-me a adaga que levo

escondida, pronta a enfrentar forças mais poderosas, dando fim a minha vida para que conheças o amor que tive e tenho por ti'. Aturdido e apressado, temendo que me faltasse tempo para lhe responder, disse: 'Senhora, que tuas ações tornem verdadeiras tuas palavras; se levas uma adaga como garantia de tua honra, aqui levo uma espada para te defender ou para me matar, se a sorte nos for contrária'.

"Acho que não pôde ouvir todas essas palavras, porque a chamavam apressados: o noivo a esperava. Com isso caiu a noite de minha tristeza, pôs-se o sol de minha alegria; fiquei com os olhos sem luz e o pensamento sem rumo. Não conseguia entrar em sua casa nem podia me mover para lugar algum; mas, considerando o quanto importava minha presença para o que pudesse acontecer naquela situação, me animei o mais que pude e por fim entrei. Como havia um grande alvoroço por causa do segredo e como eu conhecia muito bem todas as entradas e saídas, ninguém me viu; assim pude ficar no vão de uma janela da própria sala, coberto pelas bordas de duas tapeçarias, por entre as quais eu podia ver, sem ser visto, tudo o que se fazia na sala.

"Quem poderia imaginar agora as comoções que o coração me fez passar enquanto estive ali, os pensamentos que me ocorreram, as considerações que fiz? Foram tantos e tamanhos que nem se poderiam contar nem seria bom que se contassem. Basta saberdes que o noivo entrou na sala sem outra roupa que a que costumava usar todos os dias e trazia por padrinho a um primo-irmão de Lucinda. Não havia pessoas de fora, apenas os criados.

"Dali a pouco, Lucinda saiu de uma antecâmara, acompanhada por sua mãe e duas aias suas, tão bem vestida e composta como sua condição e formosura mereciam, a própria perfeição da pompa e fidalguia cortesã. Em meu enlevo e arrebatamento, não pude ver em detalhe o que vestia: notei apenas as cores, que eram vermelho e branco, e o brilho das pedras e joias do toucado e do traje todo, mas a isso tudo sobrepujava a beleza singular de seus formosos e louros cabelos, que, comparada à das pedras preciosas e das luzes de quatro archotes que havia na sala, mais resplendores oferecia aos olhos.

“Oh, memória, inimiga mortal de meu descanso! De que me serve agora imaginar a incomparável beleza daquela adorada inimiga minha? Não será melhor, cruel memória, que me lembres o que ela então fez para que, movido por tão claro ultraje, procure, se não a vingança, ao menos perder a vida?

“Não vos canseis, senhores, de ouvir essas digressões; minha pena não é daquelas que podem ou devam ser contadas sucintamente, pois cada circunstância me parece digna de um longo discurso.”

A isso o padre respondeu que não só não se cansavam, como tinham muito prazer com as minúcias que contava, porque mereciam a mesma atenção que o essencial da história.

— Bem — prosseguiu Cardênio —, com todos na sala, entrou o padre da paróquia e, pegando os dois pelas mãos, para fazer o que tem de ser feito em tais cerimônias, disse: “Quereis, senhora Lucinda, ao senhor dom Fernando, aqui presente, por vosso legítimo esposo, como manda a santa madre Igreja?”.

“Tirei a cabeça e o pescoço por entre as tapeçarias e, com ouvidos atentos e alma desconcertada, me pus a escutar o que Lucinda respondia, esperando de sua resposta a sentença de minha morte ou a confirmação de minha vida. Oh, quem se atreveria a sair então, aos gritos: ‘Ah, Lucinda, Lucinda! Olha bem o que fazes, lembra o que me deves! És minha, não podes ser de outro! Veja que dizer “sim” e acabar com minha vida é a mesma coisa. Ah, traidor dom Fernando, ladrão de minha glória, morte de minha vida! O que queres? O que pretendes? Considera que não podes cristãmente ir até o fim de teus desejos, porque Lucinda é minha esposa, e eu sou seu marido’.

“Ah, louco de mim! Agora que estou aqui, longe do perigo, digo que tinha de fazer o que não fiz! Agora que deixei roubar minha joia preciosa, amaldiçoo o ladrão, de quem poderia me vingar se tivesse coração para isso, como o tenho para me lamentar! Enfim, como fui então covarde e tolo, agora não é demais que morra de vergonha, arrependido e louco.

“O padre estava à espera da resposta de Lucinda, que demorou um bom tempo para dá-la, e, quando pensei que sacava a adaga

para cumprir a promessa, ou desatava a língua para desiludi-lo ou dizer alguma verdade que me fosse favorável, ouço que disse com voz apagada e fraca: ‘Sim, aceito’.

“O mesmo disse dom Fernando, que lhe deu a aliança, e assim ficaram ligados por nó indissolúvel. O marido chegou para abraçar sua esposa e ela, pondo a mão sobre o coração, caiu desmaiada nos braços de sua mãe. Agora resta dizer como eu fiquei, vendo naquele ‘sim’ malogradas minhas esperanças, falsas as palavras e promessas de Lucinda, impossibilitado de recobrar alguma vez o que havia perdido naquele instante. Fiquei desatinado: sem o amparo dos céus, pareceu-me, feito inimigo da terra que me sustentava, o ar me negando o alento para meus suspiros e a água, lágrimas para meus olhos; apenas o fogo se intensificou, tanto que tudo ardia de raiva e de ciúmes.

“Todos se agitaram com o desmaio de Lucinda, e sua mãe, afrouxando-lhe a roupa para que respirasse melhor, descobriu no seio um papel dobrado, que dom Fernando logo pegou e leu à luz de um dos archotes. Em seguida, sentou-se numa cadeira e pôs a mão no queixo, com jeito de quem estava muito pensativo, sem prestar atenção aos cuidados que dispensavam a sua esposa.

“Eu, vendo toda a confusão da casa, me arrisquei a sair, quer fosse visto ou não, resolvido a cometer um desatino se me vissem, de tal modo que todo mundo soubesse da justa indignação de meu peito contra o falso dom Fernando e também contra a inconstância da traidora desmaiada. Mas minha sorte, que deve ter me reservado para males maiores, se isso é possível, ordenou que naquele momento me sobrasse o discernimento que depois me faltou aqui; e assim, sem querer me vingar de meus piores inimigos (o que seria fácil, tão alheios a mim estavam), quis executar contra mim mesmo a vingança que eles mereciam, talvez com mais rigor do que usaria com eles, se os matasse então, pois a morte repentina acaba logo com o sofrimento, mas a que se dilata com torturas mata sem acabar com a vida.

“Enfim, saí e fui para a casa do mensageiro; ordenei-lhe que encilhasse a mula e, sem me despedir dele, montei e me fui da cidade, sem ousar olhar para trás, como outro Lot. Quando me vi

sozinho no campo e que a escuridão da noite me encobria e seu silêncio era um convite às minhas queixas, sem prevenção ou medo de ser escutado nem reconhecido, desatei a língua em tantas pragas contra Lucinda e dom Fernando, como se com elas vingasse a injúria que haviam feito. Chamei-a de cruel, ingrata, falsa e mal-agradecida, mas principalmente de gananciosa, pois a riqueza de meu inimigo tinha lhe fechado os olhos do afeto, tirando-o de mim e entregando-o àquele com quem mais generosa e franca a fortuna tinha se mostrado. Mas, no auge dessas pragas e vitupérios, eu a desculpava dizendo que não era estranho que uma donzela que vivia isolada na casa de seus pais, criada para obedecê-los sempre, tivesse desejado concordar com sua vontade, pois lhe davam por marido um cavaleiro tão importante, rico e nobre que, se ela não o aceitasse, podia se pensar ou que não tinha juízo ou que seus sentimentos estavam em outro lugar, coisa muito prejudicial a sua boa reputação e honra.

“Em seguida pensava que, se ela tivesse dito que eu era seu esposo, os pais não achariam a escolha tão má que não a desculpassem, pois, antes de dom Fernando se oferecer, não poderiam desejar outro melhor que eu para esposo de sua filha, se avaliassem bem seu desejo. Quanto a ela, antes de chegar ao imperioso e derradeiro momento de lhe dar a mão, bem poderia dizer que eu já tinha lhe dado a minha, que eu logo apareceria e concordaria com tudo o que ela decidisse simular nesse caso. No fim, achei que pouco amor, pouco discernimento, muita ambição e desejos de grandeza fizeram-na esquecer das palavras com que havia me enganado, entretido e sustentado em minhas firmes esperanças e honestos desejos.

“Com esses pensamentos e com essa aflição caminhei o que restava daquela noite e, ao amanhecer, me achei numa entrada destas serras, por onde vaguei sem rumo mais três dias até que vim parar nuns campos que não sei em que lado destas montanhas estão. Ali perguntei a uns pastores onde ficava o lugar mais selvagem destas serras, e me disseram que era por aqui. Logo vim para cá, com a intenção de acabar com a vida; entrando nestas grotas, minha mula caiu morta de cansaço e de fome, ou para se

livrar de carga tão inútil como eu, como penso que realmente foi. Fiquei a pé, à mercê da natureza, varado de fome, sem ter ou pensar em procurar quem me socorresse.

"Estive assim não sei quanto tempo, estendido no chão. Quando levantei, não tinha fome e encontrei perto de mim uns pastores que sem dúvida foram os que remediaram minhas necessidades, pois me contaram como haviam me achado, os disparates e desatinos que eu estava dizendo, os indícios claros de que tinha perdido o juízo. E de lá para cá sinto que nem sempre o tenho todo, mas sim tão desarranjado e fraco que faço mil loucuras, rasgando as roupas, gritando nestas solidões, maldizendo minha sorte e repetindo em vão o nome amado de minha inimiga, sem ter outra intenção ou desejo que acabar com a vida aos berros; e, quando volto a mim, me acho tão exausto e estropiado que mal posso me mover.

"Minha morada mais comum é no oco de um sobreiro, capaz de cobrir este corpo miserável. Os vaqueiros e pastores que andam por estas montanhas, levados pela caridade, me sustentam, deixando-me comida pelos caminhos e penhascos por onde pensam que passarei. Assim, mesmo que então me falte o juízo, a fome me faz reconhecer o alimento, desperta-me o desejo de prová-lo e a vontade de comê-lo. Outras vezes, quando me encontram com juízo, me dizem que saio pelas picadas e tomo à força o que os pastores trazem da vila aqui para as malhadas, mesmo que eles de bom grado queiram me dar.

"Desse modo passo minha vida miserável e descomedida, até que o céu resolva me conduzir ao fim, ou acabar com minha memória, para que não me lembre da formosura e da traição de Lucinda e da injúria de dom Fernando. Se ele fizer isso por mim, sem me tirar a vida, eu encaminharei meus pensamentos a um rumo melhor; se não, só me resta rogar que tenha misericórdia de minha alma, porque não sinto nem coragem nem força para tirar o corpo deste embaraço em que por minha própria vontade me meti.

"É esta, meus senhores, a amarga história de minha desgraça. Dizei-me se posso ter outros sentimentos que os que vistes em mim e não vos canseis em me persuadir ou me aconselhar o que a razão vos disser que pode ser bom para meu caso, porque vou aproveitar

tanto como o doente que quer morrer aproveita a medicação receitada pelo médico famoso. Eu não quero saúde sem Lucinda: se ela quis ser de outro, sendo ou devendo ser minha, eu quero ser da desventura, quando podia ter sido da felicidade. Ela quis com sua inconstância tornar estável minha perdição; eu quero, ao procurar me perder, cumprir sua vontade. Que isto sirva de exemplo: a mim só faltou o que sobra a todos os desgraçados, para quem costuma ser consolo a impossibilidade de ser consolado; para mim isso é causa de maiores sofrimentos e males, pois acho que minha miséria não vai acabar nem com a morte."

Neste ponto Cardênio se calou, encerrando sua longa história de amor e desgraça. Quando o padre se preparava para lhe dizer algumas palavras de consolo, deteve-o uma voz que, em tom queixoso, dizia o que se dirá na quarta parte desta narração, pois aqui deu fim à terceira o judicioso e sábio historiador Cide Hamete Benengeli.

a *¿Quién menoscaba mis bienes?/ Desdenes./ ¿Y quién aumenta mis duelos?/ Los celos./ ¿Y quién prueba mi paciencia?/ Ausencia./ De ese modo, en mi dolencia/ ningún remedio se alcanza,/ pues me matan la esperanza/ desdenes, celos y ausencia.// ¿Quién me causa este dolor?/ Amor./ ¿Y quién mi gloria repugna?/ Fortuna./ ¿Y quién consiente en mi duelo?/ El cielo./ De ese modo, yo recelo/ morir deste mal extraño,/ pues se aumentan en mi daño/ amor, fortuna y el cielo.// ¿Quién mejorará mi suerte?/ La muerte./ Y el bien de amor, ¿quién le alcanza?/ Mudanza./ Y sus males, ¿quién los cura?/ Locura./ De ese modo, no es cordura/ querer curar la pasión,/ cuando los remedios son/ muerte, mudanza y locura.*

b *Santa amistad, que con ligeras alas,/ tu apariencia quedándose en el suelo,/ entre benditas almas en el cielo/ subiste alegre a las empíreas salas:// desde allá, cuando quieres, nos señalas/ la justa paz cubierta con un velo,/ por quien a veces se trasluce el celo/ de buenas obras que a la fin son malas.// Deja el cielo, ¡oh amistad!, o no permitas/ que el engaño se vista tu librea,/ con que destruye a la intención sincera;// que si tus apariencias no le quitas,/ presto ha de verse el mundo en la pelea/ de la discorde confusión primera.*

quarta parte

xxviii

que trata da nova e agradável aventura que aconteceu ao padre e ao barbeiro na mesma serra

Felicíssimos e venturosos foram os tempos em que veio ao mundo o audaz cavaleiro dom Quixote de la Mancha, pois, por haver ele tido a tão nobre determinação de trazer de volta ao mundo a já perdida e quase morta ordem da cavalaria andante, saboreamos agora, nesta nossa época necessitada de alegres entretenimentos, não só da doçura de sua verdadeira história, como dos relatos e episódios que se intercalam nela, que em parte não são menos agradáveis, engenhosos e verídicos. Mas, retomando o fio da meada, contava-se que, mal o padre começou a se preparar para consolar Cardênio, impediu-o uma voz que, em tom muito triste, assim falava:

— Ai, meu Deus! Será que já achei um lugar que possa servir de esconderijo e sepultura à pesada carga deste corpo, que carrego tão contra minha vontade? Sim, achei, se não me engana a solidão que estas serras prometem. Ai, infeliz, como estes penhascos e matagais serão companhias agradáveis a minha intenção, pois aqui terei oportunidade de comunicar minha desgraça ao céu, não a pessoa alguma, porque não há ninguém na terra de quem se possa esperar conselho nas dúvidas, alívio nas queixas, nem ajuda nos males!

O padre e os que estavam com ele ouviram e compreenderam todas essas palavras, e, como lhes pareceu que as diziam ali perto, como realmente diziam, se levantaram para procurar seu dono, e não andaram vinte passos quando viram atrás de um penhasco,

sentado sob um freixo, um rapaz vestido como camponês. Mas não puderam divisar seu rosto, porque ele estava inclinado, lavando os pés no riacho que corria ali. Chegaram tão silenciosos que ele não os percebeu, e além disso prestava atenção apenas aos pés que lavava — pés que pareciam dois pedaços de cristal nascidos entre as outras pedras na água. Ficaram enlevados com a brancura e beleza deles, parecendo-lhes que não tinham sido feitos para pisar os torrões das lavouras nem andar atrás do arado e dos bois, como mostravam as vestes de seu dono.

Vendo que não tinham sido percebidos, o padre, que ia na frente, fez sinais para os outros dois que se agachassem ou se escondessem atrás de uns blocos de pedra que havia ali. Assim fizeram, olhando com atenção o rapaz, que usava um capote pardo, curto e aberto dos lados, muito bem ajustado ao corpo por uma faixa branca. Usava também calções e polainas de pano pardo, e na cabeça, um boné igualmente pardo. Tinha as polainas levantadas até a metade das pernas, que, sem dúvida alguma, eram brancas como alabastro. Acabou de lavar os belos pés e depois, ao tirar o lenço que tinha amarrado na cabeça, debaixo do boné, para secá-los, levantou o rosto — e os que olhavam puderam ver uma formosura incomparável, tanto que Cardênio disse ao padre, em voz baixa:

— Esta, já que não é Lucinda, não é criatura humana, mas divina.

O rapaz tirou o boné e, sacudindo a cabeça de um lado para o outro, começou a soltar e espalhar uns cabelos que poderiam dar inveja aos do sol. Compreenderam então que o que parecia camponês era mulher — e delicada, a mais formosa que até ali os olhos deles tinham visto, mesmo os de Cardênio, se não tivessem olhado e conhecido Lucinda: como ele disse depois, apenas a beleza de Lucinda podia rivalizar com aquela. Os cabelos loiros não só lhe cobriam as costas, como a envolviam e ocultavam toda, menos os pés — eram tão bastos e longos que não deixavam ver nenhuma outra parte de seu corpo. Nisso as mãos lhe serviram de pente. Se os pés na água haviam parecido pedaços de cristal, as mãos nos cabelos eram semelhantes a pedaços de neve sólida, o

que mais admiração causou e mais atiçou o desejo dos três de saber quem era aquela que olhavam.

Por isso resolveram se mostrar; e ao movimento que fizeram de se pôr de pé, a formosa moça ergueu a cabeça e, afastando os cabelos da frente dos olhos com ambas as mãos, olhou os que faziam o barulho. Mal os viu, levantou-se e, sem esperar para se calçar nem recolher os cabelos, pegou muito apressada uma trouxa talvez de roupa que tinha perto e tratou de fugir, cheia de confusão e medo. Mas não deu seis passos quando, os pés delicados não suportando a aspereza das pedras, deu consigo ao chão. Vendo isso, os três foram até ela, e o padre foi o primeiro que falou:

— Parai, senhora, quem quer que sejais. Os que aqui vedes só têm a intenção de vos servir: não há motivo para fugirdes assim desnecessariamente, porque nem vossos pés poderão aguentar nem nós consentir.

Ela não dizia uma palavra a tudo isso, atônita e confusa. Eles se aproximaram, então, e o padre prosseguiu, pegando-a pela mão:

— O que vosso traje nos nega, senhora, vossos cabelos nos revelam: sinais claros de que não devem ser de pouca monta as causas para disfarçar vossa beleza com roupas tão indignas, trazendo-a a solidão tão grande como esta, onde foi sorte vos achar, se não para consertar vossos males, ao menos para vos aconselhar, pois nenhum mal pode afligir tanto nem chegar a esse extremo (enquanto não acaba a vida) que alguém se recuse pelo menos a escutar o conselho que com boa intenção se dá ao que o padece. Assim, minha senhora, ou meu senhor, ou o que vós quiserdes ser, contenhais o medo que nossa visão vos causou e contai-nos vossa boa ou má sorte, que em todos nós, ou em cada um por si só, achareis quem vos ajude a lamentar vossas desgraças.

Enquanto o padre dizia essas palavras, a moça disfarçada estava embasbacada, olhando para todos, sem mexer os lábios nem dizer coisa alguma, como um aldeão bronco a quem de repente se mostram coisas estranhas que ele jamais viu. Mas, depois que o padre falou de novo, com outros argumentos semelhantes, ela, dando um suspiro profundo, rompeu o silêncio e disse:

— Como a solidão destas serras não bastou para me ocultar e como a liberdade de meus cabelos desarrumados não permitiu que minha língua fosse mentirosa, agora seria inútil que eu fingisse de novo: se acreditassem em mim, seria mais por cortesia que por qualquer outra razão. Dito isto, senhores, agradeço-vos a oferta que me fizestes, o que me pôs na obrigação de vos satisfazer em tudo o que me pedistes, porque temo que o relato de minhas infelicidades vos causará, junto com a compaixão, tristeza, porque não havereis de achar jeito de remediá-las nem consolo para aliviá-las. Mas, apesar disso, para que minha honra não seja suspeita em vossas opiniões, já tendo me reconhecido como mulher e me vendo assim moça, sozinha e nestes trajes, coisas que juntas ou mesmo cada uma por si podem jogar por terra qualquer boa reputação, eu vos direi o que gostaria de calar, se pudesse.

Aquela mulher que parecia tão formosa disse tudo isso sem se interromper, com tanta desenvoltura, com voz tão suave, que eles não se admiraram menos com sua inteligência que com sua beleza. Fizeram outra vez novas ofertas e novos pedidos para que cumprisse o que prometera, e ela, sem se fazer mais de rogada, calçando-se com todo recato e recolhendo os cabelos, se acomodou numa pedra com os três ao redor e, fazendo força para deter algumas lágrimas, com voz calma e clara começou a história de sua vida desta maneira:

— Aqui na Andaluzia há um lugar do qual um duque toma o nome, o que o torna um dos que chamam “grandes” na Espanha. Ele tem dois filhos: o mais velho, herdeiro das propriedades, do título e, pelo visto, de seus bons costumes; não sei do que o mais novo é herdeiro, além das traições de Vellido e das trapaças de Galalão. Desse senhor são vassalos meus pais, de linhagem humilde, mas tão ricos que, se os bens da natureza igualassem aos de sua fortuna, nem eles teriam mais o que desejar nem eu temeria me ver na desgraça em que me vejo, porque minha pouca sorte nasce talvez da que não tiveram eles por não terem nascido ilustres. É bem verdade que não são tão inferiores que devam se envergonhar de sua condição, nem tão superiores que me tirem a convicção de que minha desgraça vem de sua humildade. Enfim, eles são

camponeses, gente simples, sem mistura com judeus ou mouros e, como se costuma dizer, cristãos-velhos calejados, mas tão ricos que sua riqueza e educação magnífica vão pouco a pouco lhes dando nome de fidalgos, e até de cavaleiros, mesmo que a maior riqueza e nobreza de que se orgulhavam era de me ter por filha. E assim, por não terem outro herdeiro e por serem pais carinhosos, eu era uma das filhas mais mimadas que pais jamais mimaram. Era o espelho em que se olhavam, o cajado de sua velhice e a pessoa a quem dirigiam, tomando o céu como medida, todos os seus desejos, dos quais, por serem tão bons, os meus não se afastavam um dedo. E do mesmo modo que eu era dona de suas vontades, também era de seus bens: por mim se empregavam e despediam os criados; a relação e cálculo do que se semeava e colhia passava por minhas mãos, os moinhos de azeite, os lagares do vinho, o número do gado graúdo e miúdo, o das colmeias. Enfim, tudo aquilo que um rico camponês como meu pai pode ter e tem, eu conhecia e administrava e era senhora, com tanto interesse meu e prazer seu, que simplesmente não conseguirei exagerar. Os instantes de folga que me sobravam depois de ter tratado com os feitores, capatazes e outros empregados, eu os ocupava em exercícios que são tão lícitos como necessários para as donzelas, como os que oferecem a agulha e o bastidor, e muitas vezes a roca; e se, para distrair o espírito, alguma vez deixava esses exercícios, dedicava-me ao passatempo de ler um livro devoto ou tocar uma harpa, porque a experiência me mostrava que a música recompõe os ânimos transtornados e alivia as preocupações que nascem da alma.

“Esta era, portanto, a vida que eu levava na casa de meus pais, que contei tão detalhadamente não por ostentação nem para dar a entender que sou rica, mas para que se veja como, sem culpa, saí daquela boa situação para a infeliz em que me acho agora. O caso é que passava minha vida cheia de ocupações e enclausurada, tanto que poderia se comparar à de um mosteiro, parece-me que sem ser vista por nenhuma outra pessoa além dos criados da casa, porque nos dias de missa ia muito cedo, tão cercada por minha mãe e outras criadas, eu tão coberta pela mantilha e recatada, que meus olhos não viam mais terra que aquela onde botava os pés. Mas,

apesar disso, os olhos do amor ou, digamos melhor, os da ociosidade, a que nem os do lince se igualam, me viram, postos na solicitude de dom Fernando, que este é o nome do filho mais novo do duque de que vos falei.”

Nem bem a que contava a história mencionou o nome de dom Fernando, Cardênio empalideceu e começou a transpirar, tão alterado que o padre e o barbeiro, reparando nisso, temeram que o rapaz tivesse aquele acesso de loucura que ouviram dizer que tinha de vez em quando. Mas Cardênio não fez mais que suar e permanecer quieto, olhando fixo para a camponesa, imaginando quem ela era. A moça, sem notar as reações de Cardênio, prosseguiu sua história, dizendo:

— E, mal seus olhos me viram, como ele disse depois, dom Fernando caiu de amores por mim tanto quanto suas demonstrações deram a entender. Mas, para acabar logo a história de minha infelicidade, que não tem fim, quero passar por alto as diligências que dom Fernando fez para me declarar seu desejo: subornou todas as pessoas de minha casa, deu e prometeu presentes e favores a meus parentes; todos os dias eram de festa e alegria em minha rua, as músicas não deixavam ninguém dormir à noite; eram infinitas as cartinhas que, não sei como, chegavam às minhas mãos, cheias de propostas e palavras apaixonadas, com menos letras que juras e promessas. Mas nada disso me abrandava: endurecia-me como se dom Fernando fosse um inimigo mortal, como se tudo o que fazia para me submeter a sua vontade tivesse o efeito contrário, não porque me parecesse mal a galanteria dele nem que achasse impertinente suas pretensões, porque me dava um não sei quê de contentamento me ver tão querida e estimada por um cavaleiro tão importante, e não me desgostava ver os elogios em suas cartas (que nisso, por mais feias que sejamos as mulheres, me parece que sempre temos prazer em ser chamadas de formosas). Mas a tudo isso se opunha meu recato, e os conselhos contínuos que me davam meus pais, que já conheciam muito bem as pretensões de dom Fernando, porque ele não se importava nem um pouco que todo mundo soubesse delas. Meus pais me diziam que deixavam e depositavam suas honra e

reputação apenas em minha virtude e caráter, e que considerasse a diferença que havia entre mim e dom Fernando, e que por aí poderia ver que seus pensamentos (mesmo que ele dissesse outra coisa) apontavam mais para seu prazer que meu proveito, e que se eu, de algum modo, quisesse levantar um obstáculo para que ele desistisse de sua pretensão desonesta, que eles me casariam em seguida com quem eu mais gostasse, fosse um dos homens mais distintos de nossa vila ou das vilas da vizinhança toda, pois podia se esperar tudo de sua riqueza e de minha boa reputação. Com essas promessas seguras e com a verdade que elas me mostravam, eu fortificava minha integridade e jamais quis responder a dom Fernando qualquer palavra que pudesse lhe dar, nem de longe, esperança de alcançar seu desejo.

"Todos esses meus recatos, que ele devia tomar por desdéns, devem ter atiçado mais ainda seu apetite lascivo, que assim desejo chamar o interesse que me demonstrava. Esse interesse, se fosse como deveria ser, vós agora não conheceríeis, porque não haveria oportunidade para falar dele. Enfim, dom Fernando soube que meus pais pensavam me casar, para acabar com a esperança dele de me possuir, ou pelo menos para que eu tivesse mais proteção para me defender, e essa notícia ou suspeita foi a causa para que fizesse o que agora ouvireis. Uma noite em que eu estava em meu quarto, em companhia apenas de uma aia que me servia, com as portas bem fechadas por medo que por um descuido minha honestidade se visse em perigo, sem saber nem imaginar como me encontrei diante de dom Fernando, em meio a esses recatos e providências, na solidão desse silêncio e clausura. Sua visão me perturbou de um modo que roubou a de meus olhos e emudeceu minha língua. Por isso, não fui capaz de gritar, nem acho que ele me deixaria fazê-lo, porque em seguida se aproximou de mim e, tomando-me entre seus braços (porque eu, como disse, não tive forças para me defender, de tão perturbada que estava), começou a me dizer tais coisas que não sei como é possível que a mentira tenha tanta habilidade para ajeitá-las de modo que pareçam tão verdadeiras. O traidor fazia com que suas lágrimas dessem crédito às suas palavras e os suspiros, à sua intenção. Coitadinha de mim, só entre os meus, mal preparada

para semelhantes casos, não sei como comecei a tomar por verdadeiras tantas falsidades, mas não a ponto de que suas lágrimas e suspiros me levassem a outra coisa que não à compaixão mais casta. Assim, depois daquele primeiro sobressalto, recuperei um pouco a presença de espírito e, com mais coragem do que pensei que poderia ter, lhe disse: ‘Se, como estou em teus braços, senhor, estivesse entre as garras de um leão feroz e, para me livrar delas, tivesse de fazer ou dizer alguma coisa prejudicial a minha honestidade, seria tão possível fazê-la ou dizê-la como é possível deixar de ser o que já foi. Assim, se tens apertado meu corpo com teus braços, eu tenho atada minha alma com meus bons propósitos, que são tão diferentes dos teus como verás, se quiseres realizá-los à força. Sou tua vassala, mas não tua escrava; a nobreza de teu sangue não tem nem deve ter poder para desonrar e desprezar a humildade da minha; e tanto me prezo eu, plebeia e camponesa, como tu, senhor e cavaleiro. Comigo teus arrebatamentos não terão efeito algum, nem tuas riquezas terão valor, nem tuas palavras poderão me enganar, nem teus suspiros e lágrimas me enternecer. Se eu visse alguma dessas coisas de que te falei naquele que meus pais me dessem por esposo, minha vontade se ajustaria à dele e não se afastaria dela; de modo que, como ficasse com honra, mesmo sem prazer, de bom grado entregaria a ele o que tu, senhor, buscas agora com tanta violência. Disse tudo isso para que não pense que pode ter de mim qualquer coisa quem não for meu legítimo esposo’.

“‘Se não te preocupas com mais nada, belíssima Doroteia (que este é o nome desta infeliz)’, disse o cavaleiro desleal, ‘olha, aqui te dou a mão para ser teu, e que sejam testemunhas dessa verdade os céus, de que nenhuma coisa se esconde, e esta imagem de Nossa Senhora que aqui tens.’”

Quando Cardênio a ouviu dizer que se chamava Doroteia, assustou-se de novo e acabou por confirmar como verdadeira sua primeira suspeita, mas não quis interromper o relato, para ver aonde ia parar o que ele já quase sabia. Disse apenas:

— Então teu nome é Doroteia, senhora? Eu já ouvi falar a mesma coisa de outra, que talvez viva desventuras semelhantes. Continua,

que chegará a hora em que te diga coisas que irão te espantar e te magoar no mesmo grau.

Doroteia reparou nas palavras de Cardênio e em seus trajes esquisitos e descuidados, e rogou a ele que falasse logo, se soubesse alguma coisa de seu caso, porque se o destino lhe deixara algo de bom era a coragem que tinha para aguentar qualquer desastre que lhe acontecesse, certa de que nenhum, em sua opinião, poderia aumentar em nada o que vivia.

— Eu não deixaria de lhe dizer o que penso, senhora — respondeu Cardênio —, se fosse verdade o que imagino; mas não nos faltará oportunidade, e agora tu não precisas saber.

— Seja como for — respondeu Doroteia —, o que acontece em minha história é que dom Fernando, pegando uma imagem que estava no quarto, invocou-a como testemunha de nosso casamento. Com palavras eficacíssimas e juramentos extraordinários me garantiu ser meu marido, mesmo que eu, antes que acabasse de falar, tenha dito a ele que olhasse bem o que fazia e que considerasse o desgosto que seu pai ia ter ao vê-lo casado com uma plebeia, vassala sua; que minha formosura não o cegasse porque, por maior que fosse, não era tanta para achar nela desculpa para seu erro, e que se queria me fazer algum bem, pelo amor que me tinha, deixasse correr minha sorte como permitia minha condição, porque casamentos tão desiguais nunca são desfrutados nem persistem naquele gosto com que começaram. Disse tudo isso e muitas outras coisas de que não me lembro, mas não foram suficientes para que ele abandonasse suas intenções, assim como quem não pensa pagar não repara nos inconvenientes, ao planejar a trapaça. Nessa altura fiz um rápido discurso a mim mesma:

"'Não, não serei a primeira que por meio do casamento muda de condição, nem será dom Fernando o primeiro a quem a formosura, ou cega paixão, digamos melhor, tenha feito escolher companhia desigual a sua distinção. Portanto, se esse costume é velho como o mundo, não é mau me entregar a essa honra que a sorte me oferece, mesmo que em dom Fernando o desejo que demonstra não dure mais que sua satisfação, porque, enfim, para Deus serei sua esposa. E, se eu tentar afastá-lo com desdéns, em vez de se

comportar como deve, usará da força, e ficarei desonrada, sem desculpa para a culpa que poderá me atribuir aquele que não souber como não a tive: pois que argumentos serão bons o bastante para persuadir meus pais e outras pessoas que este cavaleiro entrou em meu quarto sem meu consentimento?’

“Num instante revolvi todas essas perguntas e respostas em minha mente, mas o que começou a me forçar e me levar para o que foi minha perdição, sem que eu pensasse nisso, foram principalmente as juras de dom Fernando, as testemunhas que invocava, as lágrimas que derramava e, por fim, sua disposição e gentileza, que, acompanhadas de tantas mostras de amor verdadeiro, poderiam render qualquer outro coração tão livre e recatado como o meu. Chamei minha criada, para que alguém na terra acompanhasse as testemunhas do céu; dom Fernando voltou a reiterar e confirmar seus juramentos; juntou aos primeiros novos santos como testemunhas; rogou mil pragas futuras a si mesmo se não cumprisse o que me prometia; umedeceu os olhos de novo, aumentou os suspiros e me apertou mais em seus braços, que jamais haviam me deixado. Assim, e com minha donzela saindo do quarto, eu deixei de ser uma e ele se tornou infiel e traidor.

“O dia que se seguiu à noite de minha desgraça não vinha tão rápido como acho que dom Fernando desejava porque, depois de satisfeito o que o apetite pede, o maior prazer que se pode ter é ir embora de onde ele foi aplacado. Digo isso porque dom Fernando se apressou em se afastar de mim. E, ajudado pelos ardis de minha criada, a mesma que o tinha trazido, antes que amanhecesse se viu na rua. E, ao se despedir de mim, embora sem muito empenho e veemência como antes, disse-me que estivesse certa de sua promessa e da firmeza e verdade de seus juramentos; e, para maior confirmação de suas palavras, tirou do dedo um anel muito valioso e o pôs no meu. Então ele se foi, e eu fiquei não sei se triste ou alegre; disto tenho certeza: fiquei confusa e pensativa, quase fora de mim com o novo acontecimento, e não tive ânimo ou não me lembrei de repreender minha criada pela traição cometida de meter dom Fernando em meu quarto, porque ainda não sabia se era bom ou ruim o que havia me acontecido. Como eu já era sua, disse a

dom Fernando, quando ele partiu, que podia vir me ver outras noites pelo mesmo caminho daquela, até que quisesse tornar público o fato. Mas ele não veio mais, a não ser na noite seguinte, nem eu pude vê-lo na rua ou na igreja por mais de um mês. Inutilmente me cansei de chamá-lo, já que estava na vila e que na maioria dos dias ia caçar, exercício de que gostava muito. Eu sei muito bem que esses dias e essas horas foram infelizes e mesquinhos, que neles comecei a duvidar ou mais, a não acreditar nas promessas de dom Fernando. Sei também que minha aia ouviu então as palavras de repreensão que não tinha ouvido antes por seu atrevimento, e que tive de conter as lágrimas e manter a compostura de meu rosto, para não dar a chance de meus pais me perguntarem por que andava triste e me obrigarem a inventar mentiras. Mas tudo isso se acabou num instante, quando o respeito foi atropelado e as boas intenções se esfumaram, quando se perdeu a paciência e o segredo de meus sentimentos veio à luz. Isso aconteceu porque poucos dias depois se comentou que numa cidade perto dali dom Fernando havia se casado com uma donzela lindíssima ao extremo e de pais eminentes, embora não tão rica, que pelo dote pudesse aspirar a casamento tão nobre. Comentou-se que se chamava Lucinda, entre outras coisas dignas de admiração que aconteceram em seu casamento.”

Cardênio ouviu o nome de Lucinda e não fez nada além de encolher os ombros, morder os lábios, arquear as sobrancelhas e, dali a pouco, deixar cair dos olhos duas fontes de lágrimas. Mas nem por isso Doroteia deixou de continuar seu relato:

— Essa notícia triste chegou a meus ouvidos, mas, em vez de gelar, meu coração se incendiou de tanta cólera e raiva que faltou pouco para que eu não saísse gritando pelas ruas, anunciando a perfídia e a traição que me fora feita. Mas essa fúria se aplacou quando pensei vestir, naquela mesma noite, esta roupa, que me deu um desses que em casa de camponeses chamam de pastor, que era criado de meu pai. Revelei a ele toda a minha desventura e roguei que me acompanhasse até a cidade onde entendi que meu inimigo estava. Depois de repreender meu atrevimento e censurar minha determinação, vendo-me inflexível em minha decisão,

ofereceu-se para me fazer companhia até o fim do mundo, como ele disse. No mesmo instante, pus numa fronha de linho um vestido de mulher, algumas joias e dinheiro, para alguma necessidade, e no silêncio daquela noite, sem avisar minha aia traidora, saí de minha casa, acompanhada do criado e de muitas especulações, e me pus a caminho da cidade, a pé, mas voando com o desejo de chegar: já que não podia impedir o que dava por feito, queria ao menos pedir a dom Fernando que me dissesse por que agira como agira.

"Cheguei em dois dias e meio onde queria. Entrando na cidade, perguntei ao primeiro morador pela casa dos pais de Lucinda, e ele me respondeu mais do que eu queria ouvir: indicou-me a casa e me contou tudo o que havia acontecido no casamento, coisa tão notória na cidade que se formavam grupinhos por toda parte para comentá-la. Disse-me que, na noite em que dom Fernando se casou com Lucinda, depois de ela ter dado o 'sim', havia caído desmaiada, e que seu marido, aproximando-se para desabotoá-la para que respirasse melhor, achou no peito dela um bilhete, escrito com a própria letra de Lucinda, em que ela declarava que não podia ser a mulher de dom Fernando porque o era de Cardênio, um cavaleiro importante da mesma cidade, pelo que o homem me disse; e que, se havia dado o 'sim' a dom Fernando, fora para não desobedecer aos pais. Enfim, essas eram as palavras que o bilhete continha, o que levava a pensar que ela havia tido a intenção de se matar depois do casamento, dando ali os motivos de haver tirado a vida. Dizem que tudo isso foi confirmado por um punhal que encontraram não sei em que parte das roupas dela. Diante disso tudo, dom Fernando, achando que Lucinda o tinha enganado e ridicularizado e menosprezado, investiu contra ela antes mesmo que se recobrasse do desmaio, e com o mesmo punhal que encontraram com ela quis golpeá-la, e o teria feito se os pais de Lucinda e outras pessoas não o impedissem. Disseram ainda que dom Fernando desapareceu em seguida, e que Lucinda só tinha voltado a si no outro dia, quando contou a seus pais como era a verdadeira esposa daquele Cardênio de que falei. Soube mais: que Cardênio, conforme diziam, esteve no casamento e que, vendo-a casada, coisa que ele jamais imaginara, saiu desesperado da cidade, antes escrevendo a Lucinda uma carta

em que explicava a afronta que havia sofrido e que ia para onde ninguém o visse. Tudo isso era público e notório na cidade, todos comentavam, e mais comentaram quando souberam que Lucinda havia sumido da casa de seus pais e da cidade, pois não a acharam em toda ela, e que seus pais perdiam o juízo e não sabiam que providência tomar para achá-la.

“Ao saber disso, minhas esperanças voltaram, e achei melhor não ter encontrado dom Fernando que encontrá-lo casado, parecendo-me que não estava totalmente fechada a porta para minha reparação, porque considerei que bem poderia ser que o céu tivesse arranjado aquele empecilho ao segundo casamento para levar dom Fernando a reconhecer o que devia ao primeiro e se dar conta de que era cristão, que devia mais obrigação a sua alma que à opinião das pessoas. Eu revolvia todas essas coisas em minha mente e me consolava sem ter consolo, fingindo umas esperanças compridas e desanimadas, para levar uma vida que já detesto.

“Assim, estando na cidade sem saber o que fazer, pois não encontrava dom Fernando, chegou a meus ouvidos uma proclamação pública, em que se prometia grande recompensa a quem me achasse, dando indicações como a idade e a própria roupa que eu trajava. Ouvi que diziam que o moço que veio comigo havia me tirado da casa de meus pais, coisa que me calou na alma, por ver como andava em descrédito minha reputação, pois não bastava perdê-la com minha fuga, como piorar isso com um sujeito tão baixo e indigno de minha afeição. Mal ouvi a proclamação, saí da cidade com meu criado, que já começava a dar mostras de hesitação na promessa de fidelidade que me fizera, e naquela noite entramos na mata fechada destas montanhas, com medo de sermos achados. Mas, como se diz, um mal chama outro e o fim de uma desgraça costuma ser o começo de outra maior. Foi o que aconteceu comigo, porque meu bom criado, até então fiel e confiável, logo que me viu nesta solidão, incitado mais por sua própria velhacaria que por minha formosura, quis se aproveitar da oportunidade que em sua opinião estes ermos lhe proporcionavam e, com pouca vergonha e menos temor a Deus ou respeito por mim, solicitou meu amor. Vendo que eu respondia com palavras

desdenhosas e justas às desavergonhadas palavras de seu propósito, deixou de lado os pedidos, com que antes pensou tirar vantagem, e começou a usar da força. Mas a justiça celeste, que poucas vezes ou nenhuma deixa de olhar e favorecer as intenções justas, favoreceu as minhas, de modo que quase sem forças e sem trabalho eu o empurrei num despenhadeiro, onde o deixei, nem sei se morto ou vivo. Depois, com mais rapidez que meu susto e cansaço poderiam prever, me embrenhei nestas montanhas, sem outro pensamento ou desígnio que fugir e me esconder de meu pai e daqueles que andam me procurando por ordens suas.

"Com esse desejo, não sei há quantos meses estou por aqui, onde encontrei um fazendeiro que me levou como seu criado para um lugar que fica nas entranhas desta serra, a quem servi de pastor todo este tempo, procurando estar sempre no campo para esconder estes cabelos que descobristes agora tão inesperadamente. Mas toda a minha argúcia e todo o meu cuidado foram inúteis, porque meu amo acabou descobrindo que eu não era homem, e nasceu nele o mesmo mau pensamento que em meu criado. Como nem sempre o destino dá o agasalho conforme o frio, não encontrei despenhadeiro nem barranco onde derrubar meu amo e acabar com as penas dele, como encontrei para meu criado. Assim, achei menos inconveniente deixá-lo e me embrenhar de novo neste lugar inóspito que medir com ele minhas forças ou minhas desculpas. Em resumo, eu me escondi de novo e voltei a procurar onde, sem empecilho algum, pudesse com suspiros e lágrimas rogar ao céu que se compadeça de minha infelicidade e me dê argúcia e amparo para sair dela, ou para deixar a vida nestas solidões, sem que fique memória desta criatura triste, que sem culpa nenhuma deu motivo para que se fale mal e mexerique dela na sua e em outras terras."

XXIX

que trata da sagacidade da formosa doroteia, com outras coisas muito saborosas e divertidas

— Senhores, esta é a verdadeira história de minha tragédia: vede e julgai agora se os suspiros que escutastes, as palavras que ouvistes e as lágrimas que brotavam de meus olhos não tinham motivo suficiente para se mostrar em maior abundância. Considerando o tipo de minha desgraça, vereis que o consolo será em vão, pois é impossível o reparo dela. Apenas vos peço, o que com facilidade podereis e deveis fazer, que me aconselheis onde poderei passar a vida sem que acabem comigo a preocupação e o medo que tenho de ser achada pelos que me procuram. Embora eu saiba que o grande amor que meus pais têm por mim me assegure que serei bem recebida por eles, sinto tanta vergonha só de pensar que tenho de me apresentar diante deles não como esperavam que eu continuasse sendo, que me parece melhor desaparecer para sempre de suas vistas que lhes ver o rosto e pensar que olham o meu alheio ao recato que deviam encontrar em mim.

Dizendo isso, ela se calou, e seu rosto se cobriu de uma cor que mostrou com clareza o sentimento e a vergonha da alma. Os que a tinham escutado sentiram tanta pena como surpresa por sua desgraça, e, embora o padre quisesse consolá-la e aconselhá-la em seguida, Cardênio tomou a dianteira, dizendo:

— Então, senhora, tu és a formosa Doroteia, filha única do rico Clenardo.

Doroteia ficou admirada ao ouvir o nome do pai e ver a humildade de quem o pronunciava, porque já se mencionou como Cardênio estava malvestido. Mas lhe disse:

— E quem sois vós, irmão, que sabeis o nome de meu pai? Porque eu, se me lembro bem, até agora não o mencionei em toda a minha história.

— Sou aquele infeliz de quem, segundo dissestes, senhora — respondeu Cardênio —, Lucinda disse que era seu marido. Sou o desgraçado Cardênio, a quem a canalhice daquele que vos pôs na situação em que estais me deixou como me vedes, esfarrapado, quase nu, sem consolo nenhum e, o pior de tudo, sem juízo, pois não o tenho a não ser quando o céu deseja me dar algum por um instante. Doroteia, eu sou aquele que presenciou as patifarias de dom Fernando e esperou para ouvir o "sim" que Lucinda pronunciou, aceitando ser sua esposa. Eu sou aquele que não teve coragem para ver como acabava seu desmaio, nem aguardar as consequências do bilhete que lhe acharam no seio, porque minha alma não teve força para ver tantas desgraças juntas. Assim, abandonei a casa e a têmpera, e deixei uma carta com meu hospedeiro, a quem pedi que a entregasse em mãos a Lucinda, e vim para estes ermos com a intenção de pôr fim à vida, que desde aquele momento detestei como minha inimiga mortal.

"Mas o destino não a quis tirar de mim, contentando-se em me tirar o juízo, talvez para me preservar para a boa sorte que tive de vos encontrar. Pois, se for verdade o que contastes aqui, como acho que é, bem poderia ser que o céu tivesse reservado para nós dois um final melhor do que esperávamos para nossos desastres. Porque, se for certo que Lucinda não pode se casar com dom Fernando por ser minha, nem dom Fernando com ela, por ser vosso, tendo ela afirmado com tanta clareza, bem podemos esperar que o céu nos restitua o que é nosso, pois continua sendo, e não foi cedido nem desfeito. E, como temos este consolo, nascido não de uma esperança remota, nem fundado em fantasias desvairadas, eu vos suplico, senhora, que reconsidereis vossos honrados pensamentos e tomeis outra decisão, pois eu penso reconsiderar os meus, e vos prepareis para melhor sorte, porque vos juro, pela fé de cavaleiro e

de cristão, não vos desamparar até vos ver em poder de dom Fernando. E, se com palavras não puder atraí-lo para que reconheça o que vos deve, então vos juro usar a liberdade que me concede o fato de ser cavaleiro e poder com justa causa desafiá-lo, em razão da afronta que vos fez, sem me lembrar de minhas humilhações, cuja vingança deixarei ao céu, para socorrer na terra as vossas."

Doroteia se admirou mais ainda com o que Cardênio disse e, sem saber como agradecer oferecimentos tão generosos, quis lhe tomar os pés para beijá-los. Mas Cardênio não o consentiu. E o licenciado interveio, respondendo pelos dois: aprovou as boas palavras de Cardênio e, acima de tudo, rogou, aconselhou e os persuadiu a irem com ele para sua aldeia, onde poderiam se abastecer das coisas que lhes faltavam e combinar como procurar dom Fernando ou como levar Doroteia a seus pais ou fazer o que achassem mais conveniente. Cardênio e Doroteia agradeceram e aceitaram a ajuda oferecida. O barbeiro, que havia assistido a tudo perplexo e calado, também entrou na conversa e se pôs à disposição para tudo o que fosse necessário para servi-los, não menos animado que o padre.

Com brevidade, o barbeiro falou também da causa que os levara até ali, da esquisitice da loucura de dom Quixote e de como esperavam seu escudeiro, que tinha ido buscá-lo. Veio então à memória de Cardênio, como num sonho, a briga que havia tido com dom Quixote, e a contou aos demais, mas não soube dizer qual foi o motivo do desentendimento.

Nisso ouviram gritos e perceberam que eram de Sancho Pança, que os chamava em altos brados, porque não os havia achado onde os deixara. Foram ao encontro dele e perguntaram por dom Quixote, e Sancho lhes contou como o encontrara: só de camisa, magro, amarelo, morto de fome e suspirando por sua senhora Dulcineia. Apesar de lhe ter dito que ela mandava que saísse daquele lugar e fosse a El Toboso, onde ficava a sua espera, ele respondera que estava decidido a não aparecer diante de sua formosura enquanto não executasse façanhas que o tornassem digno de seu favor; e que, se aquilo continuasse assim, corria o risco de não se tornar imperador, como estava determinado, nem mesmo arcebispo, que

era o que menos podia ser: por isso, que vissem bem o que havia de se fazer para tirá-lo dali.

O licenciado respondeu que não se preocupasse, que eles o tirariam dali, por mais que isso o desgostasse. Depois contou a Cardênio e Doroteia o que tinham pensado para recuperar dom Quixote, ou pelo menos para levá-lo para casa. Então Doroteia disse que ela se passaria por donzela em apuros melhor que o barbeiro e que, além disso, tinha ali roupas para fazer tudo com mais realismo, e que deixassem com ela a responsabilidade de saber representar tudo aquilo que fosse necessário para levar a coisa adiante, porque ela havia lido muitos livros de cavalaria e conhecia bem o estilo que as donzelas em desgraça tinham quando pediam mercês aos cavaleiros andantes.

— Então — disse o padre — só é preciso pôr mãos à obra, porque sem dúvida a boa sorte se mostra a nosso favor, pois de repente, senhores, as portas começaram a se abrir a vossa reparação, e a nós facilitou o que necessitávamos.

Doroteia tirou logo de sua fronha um vestido da melhor lãzinha e uma mantilha de um tecido vistoso, verde, e, de uma caixinha, um colar e outras joias com que se enfeitou, de maneira que num instante parecia uma senhora rica e nobre. Isso tudo e mais um pouco, disse, tinha pegado em sua casa para algum contratempo que surgisse, mas até ali não havia se apresentado nenhuma ocasião em que os necessitasse. Todos se encantaram ao extremo com sua graça, distinção e formosura, e tacharam dom Fernando de ignorante, pois desdenhava uma mulher como essa.

Mas quem mais se admirou foi Sancho Pança, porque lhe pareceu, o que era verdade, que jamais tinha visto em toda a sua vida uma criatura tão linda. Assim, muito entusiasmado, perguntou ao padre quem era aquela formosa senhora e o que queria naqueles ermos.

— Esta formosa senhora, meu caro Sancho — respondeu o padre —, é, para dizer muito pouco, a herdeira por linha direta masculina do grande reino de Micomicão. Ela vem em busca de vosso amo para lhe pedir uma mercê, acabar com uma injúria ou desacato que um gigante malvado lhe fez. Devido à fama de bom cavaleiro que

vosso amo tem em todo o mundo conhecido, esta princesa veio da Guiné procurá-lo.

— Bendita busca e bendito achado — disse então Sancho Pança. — Mais bendito ainda se meu amo tiver a sorte de liquidar essa injúria e desacatar esse desacato, matando o fiadaputa desse gigante de que vossa mercê fala. Claro que o matará se o encontrar, a menos que seja fantasma, porque contra fantasmas meu amo não tem poder algum. Mas uma coisa quero suplicar a vossa mercê, entre outras, senhor licenciado: como a coisa que mais temo é que dê na veneta de meu amo se tornar arcebispo, peço que lhe aconselhe que se case logo com esta princesa. Assim ficará impossibilitado de receber as ordens arcebispais e chegará com facilidade a seu império, e eu à realização de meus desejos. Sondei bem isso e, em minha opinião, não é bom para mim que meu amo seja arcebispo, porque eu sou inútil para a Igreja, pois sou casado, e andar agora atrás de dispensas para poder ter renda pela Igreja, tendo como tenho mulher e filhos, seria uma enfiada de complicações. Então, senhor, este é o ponto: que meu amo se case com esta senhora. Como até agora não sei sua graça, não a chamo pelo nome.

— Ela se chama princesa Micomicona — respondeu o padre —, porque, chamando-se seu reino Micomicão, está claro que ela deve se chamar assim.

— Sem dúvida — respondeu Sancho. — Vi muita gente adotar o apelido ou sobrenome do lugar onde nasceram, chamando-se Pedro de Alcalá, Juan de Úbeda e Diego de Valladolid. Isso também deve acontecer lá na Guiné, as rainhas adotarem os nomes de seus reinos.

— Certamente — disse o padre. — Quanto a vosso amo se casar, farei tudo o que puder.

Com isso, Sancho ficou tão contente quanto o padre espantado com sua tolice e de ver como tinha os mesmos disparates do amo bem encaixados na imaginação, pois acreditava piamente que ele se tornaria imperador.

Enquanto isso Doroteia havia montado a mula do padre e o barbeiro ajeitara no rosto a barba de rabo de boi. Ordenaram a

Sancho que os guiasse até onde estava dom Quixote, prevenindo-o de que não dissesse que conhecia o licenciado nem o barbeiro, porque tudo dependia disso para que seu amo se tornasse imperador. Nem o padre nem Cardênio quiseram ir com eles — o padre porque sua presença não era necessária então e Cardênio para que dom Quixote não se lembrasse da rixa que havia tido com ele. Assim, deixaram que fossem na frente e os seguiram a pé, devagarinho. O padre não deixou de insistir sobre o que Doroteia devia fazer, mas ela disse que não se preocupassem, que faria tudo ponto por ponto, como pintavam e pediam os livros de cavalaria.

Teriam andado uns três quartos de légua quando avistaram dom Quixote num emaranhado de penhascos, já vestido, embora sem a armadura. Mal Doroteia o viu e foi informada por Sancho de que aquele era dom Quixote, chicoteou sua montaria, seguida pelo barbeiro bem barbudo. Chegando perto dele, o escudeiro saltou da mula e correu para ajudar Doroteia, que, apeando com grande desenvoltura, foi cair de joelhos diante dos joelhos de dom Quixote. Embora ele lutasse para levantá-la, ela, ainda ajoelhada, lhe falou deste modo:

— Daqui não me levantarei, oh, valente e brioso cavaleiro!, até que vossa generosidade e cortesia me conceda uma mercê, que redundará em honra e glória de vossa pessoa e proveito da mais desconsolada e ofendida donzela que o sol já viu. E, se o valor de vosso braço forte corresponde ao prestígio de vossa fama imortal, estais obrigado a socorrer esta desventurada que vem de terras tão longínquas, no rastro de vosso célebre nome, vos procurando para reparar suas desgraças.

— Não vos responderei uma palavra, formosa senhora — disse dom Quixote —, nem ouvirei mais nada de vosso caso, até que vos levanteis.

— Não me levantarei, senhor — respondeu a donzela aflita —, se antes não me for concedida a mercê que peço a vossa cortesia.

— Eu vos cedo e concedo a mercê — respondeu dom Quixote —, desde que não seja em prejuízo e desonra de meu rei, de minha pátria e daquela que tem a chave de meu coração e liberdade.

— Não será em prejuízo nem em desonra desses que mencionastes, meu bom senhor — replicou a donzela sofrida.

Então se aproximou Sancho Pança ao ouvido de seu senhor e lhe disse muito baixinho:

— Bem pode vossa mercê, senhor, dar a ajuda que ela pede, que não é grande coisa: apenas matar um gigantão. E quem pede é a nobre princesa Micomicona, rainha do grande reino Micomicão da Etiópia.

— Seja quem for — respondeu dom Quixote —, farei o que sou obrigado e o que me dita a consciência, de acordo com o que professei.

E, virando-se para a donzela, disse:

— Levante-se vossa grande formosura, que eu lhe concedo a mercê que quiser me pedir.

— O que peço — disse a donzela — é que vossa magnânima pessoa venha já comigo para onde eu vos levar e me prometa que não irá se meter em outra aventura nem disputa alguma até me vingar de um traidor que, contra todo direito divino e humano, usurpou meu reino.

— Digo que assim a concedo — respondeu dom Quixote. — Portanto, senhora, de agora em diante podeis abandonar a melancolia que vos aflige e fazer com que vossa desalentada esperança ganhe novos brios e forças, porque, com a ajuda de Deus e a de meu braço, prestes vos vereis restituída a vosso reino e sentada no trono de vosso antigo e grande Estado, apesar e a despeito dos canalhas que quiserem se opor. E mãos à obra, porque é na demora que costuma estar o perigo, como se diz.

A donzela desamparada lutou com teimosia para beijar as mãos dele, mas dom Quixote, que em tudo era um cavaleiro comedido e cortês, não o permitiu de modo algum; pelo contrário, fez com que ela se levantasse e a abraçou com muita polidez e comedimento. Depois mandou que Sancho examinasse os arreios de Rocinante e trouxesse a armadura de uma vez. Sancho examinou os arreios e pegou a armadura, que, como um troféu, estava pendurada numa árvore. Num instante vestiu seu senhor, que, vendo-se pronto, disse:

— Vamos embora daqui, em nome de Deus, socorrer esta nobre senhora.

O barbeiro ainda estava de joelhos, tendo grande cuidado em disfarçar o riso e não deixar a barba cair, porque com a queda dela talvez todos ficassem sem realizar suas boas intenções. Vendo que a mercê já fora concedida e com que prontidão dom Quixote se preparava para executá-la, levantou-se e segurou a outra mão de sua senhora, e ambos a ajudaram a montar na mula. Depois dom Quixote montou em Rocinante e o barbeiro se ajeitou em sua cavalgadura, ficando Sancho a pé, o que de novo avivou a perda do burro, com a falta que então lhe fazia. Mas ele suportava tudo de bom grado, por achar que seu senhor já estava a caminho e a pique de ser imperador. Sem dúvida alguma julgava que havia de se casar com aquela princesa e ser pelo menos rei de Micomicão. Só se entristecia ao pensar que aquele reino era em terra de negros e que as pessoas que lhe dessem por vassalos haveriam de ser todas negras. Mas logo imaginou uma boa solução e disse a si mesmo:

— Que me importa que meus vassalos sejam negros? Que mais posso fazer que embarcar com eles e trazê-los para a Espanha, onde poderei vendê-los e onde me pagarão à vista? Com esse dinheiro, poderei comprar algum título de nobreza ou algum cargo oficial com que viver descansado o resto de meus dias. Ora, Sancho, se ides dormir no ponto, se não tendes astúcia nem habilidade para ajeitar as coisas e para vender trinta ou dez mil vassalos num piscar de olhos! Por Deus, que os passarei nos cobres, por atacado ou como puder. E, por mais negros que sejam, vou torná-los brancos como prata ou amarelos como ouro. Vinde, para ver se chupo o dedo!

Por isso andava tão solícito e tão contente que se esquecia do desgosto de caminhar a pé.

Do meio de um matagal, Cardênio e o padre olhavam tudo isso, sem saber o que fazer para se reunir a eles. Mas o padre, que era muito ladino, logo imaginou como conseguir o que desejavam. Com umas tesouras que carregava num estojo, cortou rapidamente a barba de Cardênio e o vestiu com um capotinho pardo que trazia, depois lhe deu uma capa preta com capuz, ficando ele apenas de

calça e gibão. Tanto Cardênio parecia outro que ele próprio não se reconheceria mesmo que se olhasse num espelho.

Feito isso, embora os outros já tivessem se afastado enquanto se disfarçavam, com facilidade chegaram antes deles à estrada real, porque os matagais e os caminhos acidentados daqueles lugares não permitiam que se andasse tão depressa a cavalo como a pé. Assim, logo eles estavam na planície, no sopé da serra, e, mal surgiram dom Quixote e seus camaradas, o padre começou a olhar de modo muito demorado para ele, dando sinais de que o estava reconhecendo. Por fim, depois de tê-lo olhado um bom tanto, aproximou-se dele de braços abertos, dizendo aos gritos:

— Salve o espelho da cavalaria, meu bom compatriota dom Quixote de la Mancha, a flor e a nata da cortesia, o amparo e socorro dos necessitados, a quintessência dos cavaleiros andantes!

Enquanto dizia isso, tinha abraçado pelo joelho a perna esquerda de dom Quixote, que, espantado com o que via e ouvia dizer e fazer aquele homem, se pôs a olhá-lo com atenção. Por fim o reconheceu e, admirado de vê-lo, se esforçou para apear, mas o padre não o consentiu, ao que dom Quixote dizia:

— Deixe-me vossa mercê, senhor licenciado. Não há razão para que eu esteja a cavalo e uma pessoa reverenda como vossa mercê esteja a pé.

— Não consentirei nisso de jeito nenhum — disse o padre. — Permaneça vossa grandeza a cavalo, pois a cavalo realiza as maiores façanhas e aventuras que se viram em nossa época. A mim, sacerdote indigno, basta montar na garupa de uma das mulas destes senhores que caminham com vossa mercê, se não levarem a mal, e até farei de conta que vou montado no cavalo Pégaso ou sobre o garanhão ou alfaraz que cavalgava aquele famoso mouro Muzaraque, que até hoje jaz encantado na encosta do monte Zulema, perto do grande Compluto.[1]

— Não havia pensado nisso, meu senhor licenciado — respondeu dom Quixote —, mas sei que, por amor a mim, minha senhora a princesa se dignará a mandar que seu escudeiro dê a vossa mercê a sela de sua mula, que ele poderá se acomodar na garupa, se é que o bicho aguenta.

— Acho que aguenta sim — respondeu a princesa. — Sei também que não será necessário dar ordens a meu escudeiro, que é tão cortês e tão cortesão que não consentirá que uma pessoa eclesiástica vá a pé podendo ir a cavalo.
— Certamente — respondeu o barbeiro.
E, apeando num instante, ofereceu a sela ao padre, que aceitou sem se fazer muito de rogado. O problema foi que, quando o barbeiro montou na garupa, a mula, que era mesmo de aluguel — o que basta para dizer como era ruim —, levantou um pouco a traseira e deu dois coices no ar, que, se pegassem no peito de mestre Nicolás, ou na cabeça, ele mandaria ao diabo a ajuda a dom Quixote. Com isso, ele se assustou tanto que rolou no chão, e tão despreocupado com as barbas que elas caíram também. Ao se ver imberbe, não teve outro remédio além de cobrir o rosto com ambas as mãos e se lamentar que tinha quebrado os dentes. Dom Quixote, mal viu aquele punhado de barbas sem o queixo e sem sangue, longe do rosto do escudeiro caído, disse:
— Santo Deus, a mula é milagrosa! Arrancou-lhe as barbas do rosto e as jogou longe como se tivesse planejado!
O padre, que viu o perigo de ser descoberto o disfarce, correu para as barbas e se foi com elas aonde jazia mestre Nicolás, que ainda gritava. Puxando a cabeça dele contra o peito num repente, botou-as no lugar, murmurando umas palavras que, disse, eram uma reza própria para colar barbas, como veriam; quando as teve ajeitadas, afastou-se, e o escudeiro ficou tão barbudo e tão saudável como antes. Dom Quixote se admirou muito disso e pediu ao padre que lhe ensinasse aquela reza quando tivesse tempo, porque ele entendia que sua virtude devia ir mais longe que colar barbas, pois estava claro que o lugar de onde fossem arrancadas as barbas havia de ficar em carne viva. Então, curava tudo, além de beneficiar barbas.
— É verdade — disse o padre, e prometeu lhe ensinar na primeira oportunidade.
Combinaram que por enquanto o padre montasse e de tanto em tanto os três se revezassem até chegarem à estalagem, que devia ficar a umas duas léguas dali. Com três a cavalo — isto é, dom

Quixote, a princesa e o padre — e três a pé — Cardênio, o barbeiro e Sancho Pança —, dom Quixote disse à donzela:

— Guie vossa grandeza, minha senhora, por onde mais vos agradar.

Mas, antes que ela respondesse, o licenciado disse:

— Para que reino quer ir vossa senhoria? Por acaso é para o de Micomicão? Sim, deve ser este, ou nada sei de reinos.

Ela, que estava bem enfronhada no assunto, entendeu como devia responder:

— Sim, senhor, meu caminho é para esse reino.

— Então — disse o padre —, vamos passar por minha aldeia e de lá vossa mercê tomará a rota para Cartagena, onde com sorte poderá embarcar. Se houver vento favorável, mar calmo e sem tempestades, em pouco menos de nove anos poderá avistar a grande lagoa Mijótis, digo, Meótis,[2] que está a pouco mais de cem dias do reino de vossa grandeza.

— Meu senhor, vossa mercê está enganado — disse ela —, porque não faz dois anos que parti dele, e na verdade nunca tive bom tempo. Mesmo assim aqui estou para ver o que tanto desejava, o senhor dom Quixote de la Mancha, cujas notícias chegaram a meus ouvidos mal botei os pés na Espanha, e me levaram a procurá-lo para me encomendar a sua cortesia e confiar minha justiça ao valor de seu braço invencível.

— Alto lá: chega de elogios — disse dom Quixote nesse ponto —, porque sou inimigo de todo tipo de adulação; embora esta não o seja, conversas desse tipo ofendem minhas castas orelhas. O que posso dizer, minha senhora, é que, tenha eu coragem ou não, a que tiver ou não tiver vou empregar a vosso serviço, até eu perder a vida. Mas, deixando isso para seu devido tempo, peço ao senhor licenciado que me diga o que o trouxe para estas bandas tão sozinho, sem criados e sem bagagens, que me espanta.

— Serei sucinto — respondeu o padre. — Saiba vossa mercê, senhor dom Quixote, que eu e mestre Nicolás, nosso amigo e nosso barbeiro, íamos a Sevilha cobrar certo dinheiro que um parente meu que se foi para as Índias me enviou há muitos anos. E não é tão pouco que não passe de sessenta mil pesos de prata pura, o que

vale outro tanto por aqui. E anteontem, passando por estas bandas, quatro salteadores nos atacaram e nos levaram até as barbas, e nos arrancaram de um jeito que o barbeiro teve de pôr umas postiças, e até este rapaz que vai aqui — apontou para Cardênio — ficou parecendo outro. O melhor de tudo é que é público e notório por estas vizinhanças que esses salteadores são de um bando de galeotes que, dizem, foi libertado quase nesse mesmo lugar por um homem tão valente que nem o beleguim e os guardas puderam impedir. Sem dúvida alguma ele devia estar louco, ou deve ser tão velhaco como eles, ou algum homem sem alma e sem consciência, pois quis soltar o lobo entre as ovelhas, a raposa entre as galinhas, a mosca no mel: quis burlar a justiça, ir contra seu rei e senhor natural, pois foi contra ordens justas dele; quis, digo, tirar a força das galés, pôr em alvoroço a Santa Irmandade, que descansava havia muitos anos; quis, enfim, realizar uma façanha em que perde sua alma e nada ganha seu corpo.

Sancho havia contado ao padre e ao barbeiro a aventura com os galeotes, que seu amo vivera com tanta glória; por isso o padre carregava nas tintas ao se referir a ela, para ver o que fazia e dizia dom Quixote, que mudava de cor a cada palavra e não ousava dizer que ele tinha sido o libertador daquelas boas pessoas.

— Foram esses os que nos roubaram — disse o padre. — Que Deus, em sua misericórdia, perdoe aquele que não deixou que os levassem ao devido castigo.

XXX

que trata da engraçada tramoia que combinaram para tirar nosso cavaleiro apaixonado da penitência duríssima em que havia se metido

Nem bem o padre tinha acabado, quando Sancho disse:

— Por Deus, senhor licenciado, quem cometeu essa façanha foi meu amo, e não por falta de aviso, pois eu lhe disse que olhasse bem o que fazia, que era pecado libertá-los, porque todos ali não passavam de uns grandessíssimos velhacos.

— Linguarudo — disse então dom Quixote. — Não compete nem diz respeito aos cavaleiros averiguar se os aflitos, acorrentados e oprimidos que encontram pelos caminhos vão daquela maneira ou estão naquela aflição devido a suas culpas ou por seus méritos: a eles só toca ajudá-los como a desvalidos, pondo os olhos em suas penas e não em suas velhacarias. Eu topei com um rosário ou enfiada de homens miseráveis e desgraçados, e fiz o que minha religião pede, e o resto que se dane. E a quem achou isso condenável, exceto a santa dignidade do senhor licenciado e sua honrada pessoa, digo que sabe pouco em matéria de cavalaria e que mente como um fiadaputa malnascido: e isto o farei conhecer com minha espada, quando o assunto será mais longamente debatido.

Disse isso se firmando nos estribos e ajeitando o morrião, porque levava a bacia de barbeiro, que em sua opinião era o elmo de Mambrino, pendurada no arção dianteiro, até consertá-la dos maus-tratos dos galeotes.

Doroteia, que era arguta e muito brincalhona, sabendo dos miolos moles de dom Quixote e que todos zombavam dele, menos Sancho Pança, não quis ficar atrás e, vendo-o tão irritado, lhe disse:

— Senhor cavaleiro, lembre-se vossa mercê a ajuda que me prometeu e que, conforme o combinado, não pode se meter em outra aventura por mais urgente que seja. Acalme vosso coração, senhor, porque, se o licenciado soubesse que os galeotes tinham sido libertos por esse braço invicto, ele costuraria a boca com três pontos e ainda morderia a língua três vezes antes de dizer uma palavra que redundasse em desprezo de vossa mercê.

— Juro que sim — disse o padre —, e ainda daria um fio de bigode como garantia.

— Eu me calarei, minha senhora — disse dom Quixote —, e reprimirei a justa cólera que já ardia em meu peito, indo quieto e pacífico até que vos cumpra a mercê prometida. Mas em troca dessa boa intenção vos suplico, me digais, se não for incômodo, qual é vossa aflição, e quantas, quem e de que tipo são as pessoas de quem tenho de vos dar a devida, satisfatória e inteira vingança.

— Farei isso de bom grado — respondeu Doroteia —, se é que não vos amola ouvir queixas e desgraças.

— Não me amolará, minha senhora — respondeu dom Quixote.

Então Doroteia disse:

— Se é assim, prestem-me atenção vossas mercês.

Mal falou isso, Cardênio e o barbeiro se puseram ao lado dela, ansiosos para ver como a arguta Doroteia fingiria sua história, e a mesma coisa fez Sancho, que ia tão enganado como seu amo. E a moça, depois de se acomodar bem na sela, de tossir preparando a garganta e de outras coisas, tudo com muita graça, começou desta maneira:

— Antes de mais nada, quero que vossas mercês saibam, meus senhores, que me chamam…

E aqui se deteve um instante porque havia esquecido o nome que o padre tinha lhe dado, mas ele veio em seu socorro, porque compreendeu o que acontecera:

— Não admira, minha senhora, que vossa grandeza se perturbe e se embarace contando suas desventuras, porque às vezes elas

costumam ser tantas que fazem perder a memória aos que maltratam, de tal maneira que não se lembram nem de seus próprios nomes, como fizeram com vossa senhoria, que se esqueceu que se chama princesa Micomicona, herdeira legítima do grande reino Micomicão. Agora, depois deste esclarecimento, vossa mercê pode restituir facilmente à sua memória ferida tudo aquilo que quiser contar.

— É verdade — respondeu a donzela. — E acho que daqui por diante não será necessário me esclarecer nada, que eu chegarei a bom porto com minha verdadeira história: o rei meu pai, que se chamava Tinácrio, o Sabido,[1] foi muito instruído nisto que chamam de artes mágicas e descobriu com sua ciência que minha mãe, que se chamava rainha Jaramilla, morreria antes dele, e que em pouco tempo ele também deixaria esta vida e eu ficaria órfã de pai e mãe. Mas ele dizia que isso não o angustiava tanto quanto o deixava confuso saber com toda a certeza das intenções de um gigante descomunal, senhor de uma grande ilha que quase faz fronteira com nosso reino, chamado Pandafilando do Olhar Medonho, porque é coisa sabida que, embora tenha os olhos no lugar e sem defeitos, sempre olha atravessado, como se fosse vesgo, e faz isso de maligno, para espantar e meter medo aos que olha. Então, sabendo de minha orfandade, esse gigante haveria de invadir meu reino com grande poderio e me roubar tudo, sem me deixar nem uma pequena aldeia onde me abrigar, mas que eu poderia evitar toda esta ruína e desgraça se aceitasse me casar com ele. Agora, pelo que sabia de mim, meu pai achava que eu jamais teria vontade de fazer um casamento tão desigual. Com isso ele disse a pura verdade, pois jamais me passou pela cabeça me casar com aquele gigante, nem com nenhum outro, por maior e descomunal que fosse. Meu pai disse também que, depois que ele morresse e eu visse que Pandafilando começava a invadir meu reino, que não esperasse para me defender, mas que livremente deixasse o reino desimpedido, se quisesse evitar a morte e total destruição de meus bons e leais vassalos, porque não seria possível me defender da força endiabrada do gigante. Devia, com alguns dos meus, me pôr a caminho das Espanhas, onde acharia remédio para meus males ao

encontrar um cavaleiro andante cuja fama, nessa época, se espalharia por todo esse reino, e que devia se chamar dom “Chicote” ou dom “Peixote”, se me lembro bem.

— “Dom Quixote” deve ter dito, senhora — disse então Sancho Pança —, conhecido também pela alcunha de Cavaleiro da Triste Figura.

— É isso mesmo — disse Doroteia. — Disse mais: que devia ser alto, com o rosto seco, e que no lado direito, embaixo do ombro esquerdo, ou perto dali, devia ter uma pinta parda com alguns cabelos duros como cerdas.

Ouvindo isso, dom Quixote disse a seu escudeiro:

— Vem cá, Sancho, meu filho, ajuda-me a tirar a armadura. Quero ver se sou o cavaleiro profetizado por aquele sábio rei.

— Mas para que quer vossa mercê se despir? — disse Doroteia.

— Para ver se tenho essa pinta que vosso pai mencionou — respondeu dom Quixote.

— Não precisa se despir — disse Sancho —, porque sei que vossa mercê tem uma pinta assim no meio do espinhaço, sinal de ser homem forte.

— Isso basta — disse Doroteia —, porque com os amigos não se deve reparar em ninharias. Pouco importa que esteja no ombro ou no espinhaço: basta que a pinta exista, esteja onde estiver, pois é tudo uma mesma carne. Sem dúvida meu bom pai acertou, e eu acertei em me encomendar ao senhor dom Quixote, porque é dele que meu pai falou: os sinais do rosto vêm com os da boa fama que este cavaleiro tem, não só na Espanha, mas em toda a Mancha, pois, mal desembarquei em Osuna, ouvi contar tantas façanhas suas que logo tive a sensação de que era ele mesmo que vinha procurar.

— Mas como vossa mercê desembarcou em Osuna, minha senhora — perguntou dom Quixote —, se não é porto de mar?

Mas, antes que Doroteia respondesse, o padre se antecipou e disse:

— A senhora princesa deve querer dizer que, depois que desembarcou em Málaga, o primeiro lugar onde ouviu notícias de vossa mercê foi em Osuna.

— Sim, foi o que quis dizer — disse Doroteia.

— É o que parece — disse o padre. — Mas prossiga vossa majestade.

— Não há mais o que falar — respondeu Doroteia —, a não ser que por fim minha sorte foi tão boa ao achar o senhor dom Quixote que já me conto e me tenho por rainha e senhora de toda a minha terra, pois ele, com sua cortesia e magnificência, prometeu ir comigo aonde quer que eu o leve, e este lugar não será outro que aquele em que vou pô-lo cara a cara com Pandafilando do Olhar Medonho, para que o mate e me restitua o que tão descaradamente me foi usurpado. Tudo isso deve acontecer conforme minha esperança, pois assim o deixou profetizado Tinácrio, o Sabido, meu bom pai, que também disse e escreveu em letras caldeias ou gregas, que eu não sei ler, que se este cavaleiro da profecia, depois de degolar o gigante, quisesse se casar comigo, que eu concordasse sem contestação alguma em ser sua legítima esposa e lhe desse posse de meu reino junto com o de minha pessoa.

— E aí, meu amigo Sancho? — disse dom Quixote nesse ponto. — Não ouviste o que acontece? Eu não te disse? Veja se não temos reino em que mandar e rainha com quem casar.

— Desgraçado seja o puto que não se casar depois de abrir a goela do senhor Pandadesfiando! — disse Sancho. — Por Deus, que a rainha não é de se jogar fora! Assim fossem as pulgas de minha cama!

E, dizendo isso, deu duas cabriolas, com mostras de grande contentamento, e depois foi pegar as rédeas da mula de Doroteia, fazendo-a se deter. Caiu de joelhos diante da moça e suplicou que lhe desse as mãos para beijar, em sinal de que a recebia por sua rainha e senhora. Quem entre os presentes não haveria de rir, vendo a loucura do amo e a simplicidade do criado? Doroteia realmente as deu, prometendo torná-lo grande senhor em seu reino, quando o céu fosse tão benévolo que lhe permitisse reavê-lo e desfrutar dele. Sancho lhe agradeceu com tais palavras que todos riram de novo.

— Esta, senhores — prosseguiu Doroteia —, é minha história. Só me resta vos dizer que de todas as pessoas do séquito que vieram

comigo de meu reino não me sobrou ninguém, fora este escudeiro bem barbudo, porque todas naufragaram numa grande tempestade que tivemos à vista do porto, e ele e eu chegamos a terra em duas tábuas, como que por milagre. Assim é minha vida, como tereis notado: toda milagre e mistério. E se me excedi em alguma coisa, ou não fui tão exata como deveria, culpai àquilo que o senhor licenciado disse antes: os sofrimentos contínuos e extraordinários acabam com a memória dos que os padecem.

— Com a minha não acabarão, oh, grande e corajosa senhora — disse dom Quixote —, por maiores e incríveis que sejam quantos eu padecer ao vos servir! E assim confirmo de novo a mercê que lhe prometi e juro ir convosco ao fim do mundo, até me encontrar com vosso feroz inimigo, a quem, com a ajuda de Deus e de meu braço, penso decepar a cabeça soberba com os fios desta… não quero dizer “boa” espada, graças a Ginés de Pasamonte, que levou a minha. — Isso ele resmungou para si mesmo, e então prosseguiu: — E depois de tê-lo decapitado e vos dar posse pacífica de vosso reino, ficará à vossa vontade fazer de vossa pessoa o que mais vos aprouver, porque enquanto eu tiver a memória ocupada, a vontade cativa e a razão perdida por aquela… Não falo mais… Não é possível que eu me atreva a me casar, nem em pensamento, mesmo que fosse com a ave fênix.

Sancho achou tão ruim o que seu amo disse sobre não se casar que, com grande irritação, levantou a voz e disse:

— Juro e esconjuro, senhor dom Quixote: vossa mercê não tem um pingo de juízo! Pois como é possível que vossa mercê tenha dúvida de se casar com princesa tão nobre como esta? Pensa que o destino vai lhe oferecer outra sorte dessas a cada esquina? Por acaso minha senhora Dulcineia é mais formosa? Não, com certeza que não, nem mesmo a metade, e vou mais longe, não chega aos pés da que está aí. Assim, chegarei a meu condado no dia de São Nunca, se vossa mercê andar procurando chifre em cabeça de cavalo. Case, case logo, em nome de Satanás, e tome posse desse reino que oferecem de bandeja, e, quando for rei, me faça marquês ou governador, e o resto que o diabo carregue.

Dom Quixote, ao ouvir essas blasfêmias contra sua senhora Dulcineia, não pôde aguentar e, levantando o chuço, sem aviso e sem dizer A nem B, deu duas bordoadas em Sancho que o derrubaram na hora; e, se Doroteia não pedisse aos gritos que não lhe batesse mais, sem dúvida o teria matado.

— Pensais, bronco desgraçado — disse-lhe depois de um instante —, que podeis fazer e acontecer em minhas barbas e tudo será erro vosso e perdão meu? Pois vos enganais, velhaco excomungado; sem dúvida fostes excomungado, porque difamastes a sem-par Dulcineia. Não sabeis, camponês grosseirão, biltre miserável, que se não fosse pela coragem que ela infunde a meu braço eu não teria força para matar uma pulga? Dizei-me, patife linguarudo, quem pensais que ganhou este reino e cortou a cabeça deste gigante e vos fez marquês? Porque para mim isso tudo é passado, são favas contadas. Dizei-me se não é a coragem de Dulcineia, tomando meu braço por instrumento de suas façanhas? Ela luta em mim e vence em mim, e eu vivo e respiro nela, e tenho vida e sou. Oh, velhaco fiadaputa, como sois ingrato: saístes da sarjeta para ser grande senhor e agradeceis essa boa ação falando mal de quem a fez!

Sancho não estava tão estropiado que não ouvisse todo o discurso do amo; e, levantando-se sem muita demora, foi para trás do palafrém de Doroteia e dali falou:

— Só me diga uma coisa, senhor: se vossa mercê está decidido a não se casar com esta princesa, é claro que o reino não será seu; então, que benefícios pode me dar? É disso que eu me queixo. Case vossa mercê com esta rainha, case logo, que a temos aqui como quem caiu do céu, e depois pode voltar para minha senhora Dulcineia, porque antes deve ter havido reis amantes. Quanto à formosura, não me meto, pois, para falar a verdade, ambas me parecem perfeitas, já que nunca vi a senhora Dulcineia.

— Como não a viu, seu herege traidor? — disse dom Quixote. — Pois não acabas de me trazer um recado dela?

— Digo que não a vi direito — disse Sancho —, para ter notado sua formosura e seus traços tintim por tintim, mas de vista me pareceu perfeita.

— Então te desculpo — disse dom Quixote —, e me perdoa a sova que te dei, que os primeiros impulsos não estão nas mãos dos homens.

— Isso eu já sabia — respondeu Sancho. — Comigo o primeiro impulso é sempre a vontade de falar: nunca posso deixar de dizer o que me vem à língua, uma vez que seja.

— Mesmo assim — disse dom Quixote —, olha o que falas, Sancho, porque tantas vezes vai o cântaro à fonte… Não te digo mais nada.

— Muito bem — respondeu Sancho —, mas Deus está no céu, vê as trapaças todas e julgará quem faz mais mal: eu por não falar bem ou vossa mercê por não o fazer.

— Chega de conversa — disse Doroteia. — Correi, Sancho, e beijai a mão de vosso senhor e pedi perdão a ele, e daqui por diante andai mais atento em vossos elogios e insultos, e não falai mal dessa senhora Tobosa, que eu não conheço a não ser para servi-la, e tende confiança em Deus, que não há de vos privar de um lugar onde vivereis como um príncipe.

Cabisbaixo, Sancho foi pedir a mão a seu amo, que a estendeu calmamente; depois que Sancho a beijou, deu-lhe a bênção e disse que se aproximasse um pouco, porque tinha de perguntar e discutir com ele coisas de muita importância. Assim fez Sancho; os dois se afastaram um pouco, e dom Quixote disse:

— Depois que vieste, não tive tempo nem oportunidade para te pedir os pormenores de tua missão e a resposta que trouxeste a minha carta, mas agora, que a sorte nos concedeu os dois, não me negues a felicidade que podes me dar com tão boas notícias.

— Pergunte vossa mercê o que quiser — respondeu Sancho —, que vendo pelo que comprei. Mas suplico a vossa mercê, meu senhor, que não seja tão vingativo daqui por diante.

— Por que dizes isso, Sancho? — disse dom Quixote.

— Digo — respondeu Sancho — porque essas pauladas de agora foram mais pela contenda que o diabo travou naquela noite contra nós, lá no moinho dos pisões, do que pelo que eu disse contra minha senhora Dulcineia, a quem amo e reverencio como a uma

relíquia, embora minha obrigação com ela seja apenas porque é assunto de vossa mercê.

— Por tua vida, Sancho, deixa para lá essa conversa, que me enche de desgosto — disse dom Quixote. — Já te perdoei antes, e sabes muito bem que se costuma dizer: “Para pecado novo, nova penitência”.[2]

[Enquanto isso acontecia, viram vir pela estrada um homem a cavalo num jumento, e quando chegou perto acharam que era um cigano. Mas Sancho Pança, que onde quer que via burros perdia os olhos e a alma, mal tinha divisado o homem reconheceu Ginés de Pasamonte, e pelo fio do cigano desenrolou o novelo de seu burro, no que não faltou com verdade, pois era sobre seu ruço que Pasamonte vinha. É que, para não ser reconhecido e poder vender o burro, ele havia se vestido de cigano, cuja língua sabia falar, entre muitas outras, como se fossem suas. Sancho o viu e o reconheceu; e, mal o viu e o reconheceu, disse aos berros:

— Ah, Ginesillo! Vamos, seu ladrão, deixa minha joia, solta minha vida, não te fartes com meu descanso, deixa meu burro, deixa meu deleite! Foge, seu puto! Some, ladrão! E larga o que não é teu!

Não foram necessárias tantas palavras nem ofensas, porque na primeira delas Ginés saltou e, saindo num trote que parecia corrida, num instante se afastou de todos e desapareceu.

Sancho se aproximou de seu ruço e, abraçando-o, disse:

— Como tens andado, meu querido, rucinho do meu coração, meu companheiro?

E o beijava e acariciava, como se fosse uma pessoa. O burro calava e se deixava beijar e acariciar por Sancho, sem responder palavra alguma. Chegaram todos e lhe deram os parabéns pelo achado do ruço, especialmente dom Quixote, que disse que nem por isso anulava a ordem dos três burrinhos. Sancho o agradeceu.]

Enquanto os dois estavam nessa conversa, o padre disse a Doroteia que havia se desempenhado com muito tino, tanto na história como na brevidade dela e na semelhança que tinha com as dos livros de cavalaria. Ela disse que havia se distraído muitas horas lendo-os, mas que não sabia onde ficavam as províncias nem

os portos de mar, por isso dissera às cegas que tinha desembarcado em Osuna.

— Eu me dei conta — disse o padre — e tratei logo de dizer o que disse, com o que tudo se ajeitou. Mas que coisa estranha, não, ver com que facilidade este fidalgo desgraçado acredita em todas essas invenções e mentiras, só porque têm o estilo das tolices dos livros dele?

— É, sim — disse Cardênio. — Tão incrível e esquisita que não sei se alguém, querendo inventá-la e vivê-la fantasiosamente, teria imaginação tão afiada que pudesse topar com ela.

— Mas há outra coisa nisso — disse o padre. — Excetuando-se os absurdos que esse bom fidalgo diz no que se refere a sua loucura, argumenta muito bem se tratam com ele de outras coisas e mostra ter uma mente clara e serena; assim, se não se falar de cavalaria, não haverá quem o julgue sem juízo.

Enquanto eles estavam nessa conversa, dom Quixote prosseguiu com a sua, dizendo a Sancho:

— Amigo Pança, vamos botar uma pedra sobre nossas discórdias, e me diz de uma vez, sem levar em conta nem raiva nem rancor algum: onde, como e quando encontraste Dulcineia? O que ela fazia? O que lhe disseste? O que te respondeu? Que cara fez quando leu minha carta? Quem a transcreveu para ti? E tudo mais que achares que é digno de se saber neste caso, de se perguntar e que dê satisfação, sem acrescentar nada ou mentir para me dar prazer, e muito menos te omitas para não me tirá-lo.

— Senhor — respondeu Sancho —, se devo dizer a verdade, ninguém transcreveu a carta, porque não levei carta alguma.

— É verdade — disse dom Quixote —, porque dois dias depois de tua partida achei comigo o livrinho onde a escrevi. Isso me deixou muito preocupado, pois fiquei sem saber o que tu farias quando te visses sem a carta, mas pensei sempre que voltarias quando desses por falta dela.

— Assim seria — respondeu Sancho —, se eu não a tivesse guardado na memória quando vossa mercê a leu para mim, de modo que a disse a um sacristão, que a copiou de meus miolos tintim por tintim tão bem que disse que nunca em sua vida, embora

houvesse lido muitas cartas de excomunhão, havia visto nem lido uma tão linda como aquela.

— E ainda a tens na memória, Sancho? — disse dom Quixote.

— Não, senhor — respondeu Sancho —, porque, depois que a ditei, vi que não tinha mais proveito e comecei a esquecê-la, e se me lembro de alguma coisa é daquilo de “soberbana”, digo de “soberana senhora”, e do fim: “Vosso até a morte, o Cavaleiro da Triste Figura”. E entre essas duas coisas meti mais de trezentas almas, vidas e olhos meus.

xxxi

das saborosas conversas entre dom quixote e sancho pança, seu escudeiro, e outros acontecimentos

— Nada disso me desagrada; continua — disse dom Quixote. — Chegaste, e então, que fazia aquela rainha da formosura? Aposto que a encontraste ensartando pérolas num cordão ou bordando com ouro uma divisa para este seu cavaleiro cativo.

— Nada disso — respondeu Sancho. — Estava peneirando duas sacas de trigo num terreiro da casa.

— Pois faz de conta — disse dom Quixote — que os grãos de trigo eram pérolas, quando tocados pelas mãos dela. E reparaste, meu amigo, se o trigo era candial ou tremês?

— Era só trigo-mourisco — respondeu Sancho.

— Pois eu te garanto — disse dom Quixote — que, peneirado por suas mãos, deu pão branco do melhor, sem dúvida nenhuma. Mas vamos em frente: quando deste minha carta, ela a beijou? Levou-a ao coração? Fez alguma cerimônia digna de tal carta, ou o quê?

— Quando eu a ia dar — respondeu Sancho —, ela estava peneirando firme uma boa porção de trigo, e me disse: “Bota a carta em cima daquele saco, amigo, que não posso ler até que acabe de peneirar isso tudo”.

— Que tino! — disse dom Quixote. — Com certeza fez isso para ler com calma e se regozijar com ela. Adiante, Sancho. E, enquanto estava trabalhando, que falou contigo? O que te perguntou de mim? E tu, o que respondeste? Vamos, conta-me tudo, não deixes de lado a menor bagatela.

— Ela não me perguntou nada — disse Sancho —, mas eu lhe disse de que maneira vossa mercê tinha ficado, por causa dela, fazendo penitência, nu da cintura para baixo, metido nessas serras como um selvagem, dormindo no chão, sem comer seu pão à mesa nem pentear as barbas, chorando e amaldiçoando sua sorte.

— Erraste ao dizer que amaldiçoava minha sorte — disse dom Quixote —, porque antes a abençoo e abençoarei todos os dias de minha vida, por me fazer digno de merecer amar tão elevada senhora como Dulcineia del Toboso.

— Com certeza — respondeu Sancho —, tão elevada que me passa em mais de meio palmo.

— O quê, Sancho? — disse dom Quixote. — Tu te mediste com ela?

— Foi assim: aproximando-me para ajudar a botar um saco de trigo sobre um jumento — disse Sancho —, ficamos tão perto que deu para ver que me passava mais de um bom palmo.

— E não é verdade — disse dom Quixote — que acompanha e adorna essa grandeza com mil milhões de graças do espírito? Mas não me negarás uma coisa, Sancho: quando chegaste perto dela, não sentiste um perfume de Sabá, uma fragrância aromática e um não sei quê de bom, que não atino como chamar? Digo, uma emanação ou eflúvio como se estivesse numa loja requintada de luvas acondicionadas com âmbar e almíscar?

— O que eu sei — disse Sancho — é que senti um cheirinho um tanto másculo, mas devia de ser porque ela, com tanto exercício, estava suada e meio sebosa.

— Não, isso não — respondeu dom Quixote. — Devias estar resfriado ou então deves ter cheirado a ti mesmo, porque sei muito bem ao que aquela rosa entre espinhos cheira, aquele lírio do campo, aquele âmbar líquido.

— Pode ser — respondeu Sancho —, porque muitas vezes eu tenho aquele cheiro que me pareceu então vir de sua mercê, a senhora Dulcineia, mas não há do que se admirar, pois um diabo se parece com outro.

— Muito bem — prosseguiu dom Quixote —, então ela acabou de limpar seu trigo e de enviá-lo ao moinho. O que fez quando leu a

carta?

— Não leu a carta — disse Sancho —, porque disse que não sabia ler nem escrever. Rasgou-a em pedacinhos, dizendo que não a queria dar para ninguém ler, para que não se soubesse de seus segredos na vila, e que bastavam as palavras que eu havia lhe dito sobre o amor que vossa mercê tinha por ela e da penitência extraordinária que por causa dela estava fazendo. E por fim me disse que dissesse a vossa mercê que lhe beijava as mãos e que ali ficava com mais desejo de vê-lo que de lhe escrever, e que então, em vista disso tudo, lhe suplicava e ordenava que saísse daqueles matagais e deixasse de fazer tolices e pegasse de uma vez a estrada para Toboso, se não lhe acontecesse alguma outra coisa mais importante, porque tinha grande desejo de ver vossa mercê. Ela riu muito quando lhe contei como vossa mercê se chamava de Cavaleiro da Triste Figura. Perguntei se havia aparecido por lá aquele basco; disse que sim e que era um homem de bem. Perguntei também pelos galeotes, mas me disse que, até aí, não havia visto nenhum.

— Vai tudo bem até agora — disse dom Quixote. — Mas me diz: que joia ela te deu, na hora da despedida, pelas notícias que levaste de mim? Porque é um costume antigo e comum entre cavaleiros e damas andantes dar aos escudeiros, criadas ou anões que levam notícias (dos cavaleiros para elas, delas para os cavaleiros) alguma rica joia como recompensa, em agradecimento pela missão.

— Isso bem pode ter sido assim e me parece um bom costume, mas deve ter sido em tempos passados, porque agora só se usa dar um pedaço de pão com queijo, que foi o que me deu minha senhora Dulcineia, pela cerca de um pátio, quando me despedi dela. Se quiseres os detalhes, o queijo era feito de leite de ovelha.

— É generosa ao extremo — disse dom Quixote —, se não te deu uma joia de ouro sem dúvida deve ter sido porque não a tinha à mão; mas antes tarde do que nunca: eu a verei, e tudo se ajeitará. Sabes o que mais me admira, Sancho? Parece que andaste pelos ares, pois levou pouco mais de três dias para ir e vir daqui a El Toboso, que fica a mais de trinta léguas. Por isso me parece que aquele mago necromante meu amigo, que se encarrega de minhas

coisas (porque forçosamente deve e deverá existir, senão eu não seria um bom cavaleiro andante), te ajudou a caminhar sem que tu o percebesses. Pois há magos desses que pegam um cavaleiro andante dormindo em sua cama e o sujeito, sem saber de que maneira, no outro dia amanhece a mais de mil léguas de onde anoiteceu. E, se não fosse por isso, os cavaleiros andantes não poderiam se socorrer uns aos outros em seus perigos, como se socorrem a cada passo. Às vezes acontece de um estar lutando nas serras da Armênia com algum dragão ou ogro feroz, ou com outro cavaleiro, onde enfrenta o pior momento da batalha e está a ponto de morrer, aí, quando menos se espera, aparece lá, em cima de uma nuvem ou sobre um carro de fogo, outro cavaleiro amigo seu, que pouco antes se achava na Inglaterra, que o ajuda e o livra da morte, e à noite se encontra numa pousada, jantando muito à vontade; e um lugar costuma ficar a duas ou três mil léguas do outro, e tudo isso se faz por astúcia e encantamentos desses magos que cuidam desses valorosos cavaleiros. Então, amigo Sancho, não é difícil para mim acreditar que em tempo tão curto tenhas ido e vindo daqui a El Toboso, pois, como já disse, algum mago amigo deve ter te levado flutuando sem que tu o sentisses.

— Deve ter sido assim — disse Sancho —, porque, juro por minha alma, Rocinante andava como se fosse burro de cigano, com azougue nos ouvidos.[1]

— E como! — disse dom Quixote. — Levava azougue e mais uma legião de demônios, que é gente que caminha e faz caminhar sem cansaço tudo o que lhes der na veneta. Mas, deixando isso de lado, que achas que devo fazer agora acerca do que me ordena minha senhora: que a vá ver? Pois, embora eu me veja obrigado a obedecer as ordens dela, também me vejo impossibilitado por causa da mercê prometida à princesa que vem conosco, e a lei da cavalaria me força a cumprir a palavra antes que minha vontade. Por um lado, o desejo de ver minha senhora me persegue e me aflige; por outro, incita-me e chama-me à palavra empenhada e à glória que alcançarei nessa empresa. Mas o que penso fazer será andar mais depressa e chegar logo onde está esse gigante. Chegando lá, cortarei a cabeça dele e porei a princesa

pacificamente em seu trono, e num instante voltarei para ver a luz que ilumina meus sentimentos, a quem darei tais desculpas que ela irá considerar boa minha demora, porque verá que tudo resulta em aumento de sua glória e reputação, pois tudo o que alcancei, alcanço e alcançarei pelas armas nesta vida me vem do favor que ela me concede e de eu a ela pertencer.

— Ai, como vossa mercê anda com os miolos moles! — disse Sancho. — Diga-me, senhor, vossa mercê pensa fazer todo esse caminho em vão e deixar passar e perder um casamento tão rico e importante como esse, que lhe dará um reino de dote? Olhe que ouvi de fonte segura que tem mais de vinte mil léguas de contorno e que tem em abundância todas as coisas necessárias para o sustento da vida humana e que é maior que Portugal e Castela juntos. Cale-se, pelo amor de Deus, e tenha vergonha do que disse, ouça meu conselho e me perdoe: case-se na primeira vila em que houver padre. Se não, aí está nosso licenciado, que o fará a capricho. E note que já tenho idade para dar conselhos, e que este que lhe dou vem sob medida, e que mais vale um pássaro na mão que dois voando, porque o bem é mal conhecido, enquanto não é perdido.

— Olha, Sancho — respondeu dom Quixote —, se o conselho que me dás de que me case é para que, depois de matar o gigante, seja logo rei e tenha como te fazer mercês e te dar o prometido, faço-te saber que sem me casar poderei realizar teu desejo muito facilmente, porque antes de entrar na batalha pedirei como benefício uma parte do reino para dar a quem eu quiser, se sair vencedor, já que não me caso. Se eu a ganhar, a quem queres tu que a dê senão a ti?

— Isso está claro — respondeu Sancho —, mas tenha vossa mercê o cuidado de escolhê-la na costa, para que, se não me agradar a morada, eu possa embarcar meus vassalos negros e fazer deles o que já disse. E vossa mercê nem pense em ir agora ver minha senhora Dulcineia: vá matar o gigante, para fecharmos logo esse negócio. Porque, por Deus, me parece que vai ser muito honrado e proveitoso.

— Digo-te, Sancho — disse dom Quixote —, que estás certo e que ouvirei teu conselho sobre ir com a princesa em vez de ver Dulcineia antes. E te recomendo, não digas nada a ninguém, nem aos que vêm conosco, sobre o que discutimos e tratamos aqui; como Dulcineia é tão recatada que não quer que se conheçam seus pensamentos, não fica bem que eu ou outro por mim os revele.

— Mas, se é assim — disse Sancho —, por que vossa mercê manda que todos aqueles que vence com seu braço se apresentem diante de minha senhora Dulcineia, se isto é como assinar seu nome numa declaração de que a quer bem e que é seu amado? E, se é forçoso que os que forem lá devem cair de joelhos em sua presença e dizer que vão de parte de vossa mercê lhe prestar obediência, como podem se esconder os pensamentos de ambos?

— Ah, como és tolo e ignorante! — disse dom Quixote. — Não vês, Sancho, que tudo isso é para maior glória dela? Deves saber que no modo de vida cavaleiresca é grande honra uma dama ter muitos cavaleiros andantes que a sirvam, sem que os pensamentos deles vão além de servi-la apenas por ela ser quem é, sem esperar outro prêmio de seus muitos e bons desejos a não ser que a dama se contente em aceitá-los como cavaleiros seus.

— Com essa espécie de amor — disse Sancho — eu ouvi pregar que se deve amar Nosso Senhor, por si só, sem que nos mova esperança de glória ou medo de castigo, embora eu preferisse amá-lo e servi-lo pelo que pode me dar.

— Que o diabo te guarde, desgraçado! — disse dom Quixote. — Que coisas tu dizes às vezes! Até parece que estudaste.

— Pois juro que não sei ler — respondeu Sancho.

Nisso mestre Nicolás gritou a eles que esperassem um pouco, pois queriam beber numa fontezinha que havia ali. Dom Quixote se deteve, para satisfação de Sancho, que já estava cansado de mentir tanto e temia que seu amo o pegasse pela palavra, porque, embora soubesse que Dulcineia era uma camponesa de El Toboso, nunca a tinha visto na vida.

Nesse meio-tempo, Cardênio havia vestido as roupas que Doroteia usava quando a encontraram, que eram bem melhores que as que tirara, embora não fossem muito boas. Apearam perto da fonte e,

com o que o padre tinha arranjado na estalagem, mataram um pouco da grande fome que todos sentiam.

Então, um rapaz que por acaso estava de passagem se pôs a olhar com muita atenção os que estavam na fonte e dali a pouco correu para dom Quixote. Abraçando-o pelas pernas, muito apropriadamente começou a chorar, enquanto dizia:

— Ai, meu senhor! Vossa mercê não me reconhece? Pois me olhe bem, sou aquele rapaz, Andrés, que vossa mercê desamarrou da azinheira.

Reconhecendo-o, dom Quixote o pegou pela mão, virou-se para os presentes e disse:

— Para que vossas mercês vejam como é importante haver cavaleiros andantes no mundo, que desfaçam injúrias e afrontas cometidas pelos insolentes e homens maus que vivem nele, saibam que dias atrás, passando perto de um matagal, ouvi uns gritos e queixas muito sofridas, como de pessoa aflita e necessitada. Corri logo, levado por minha obrigação, para o lugar de onde me pareceu que vinham as queixas, e achei amarrado numa azinheira este rapaz aqui, coisa que me alegra a alma, porque será testemunha que não me deixará mentir em nada. Digo que estava amarrado à azinheira, nu da cintura para cima, e um camponês, que depois soube que era o amo dele, estava lhe curtindo o lombo com as rédeas de uma égua. Mal o vi, perguntei a causa de flagelo tão atroz; o bronco me respondeu que o surrava porque era criado dele, e que certos descuidos que tinha eram mais por ser ladrão que bobo. Mas este menino disse: “Senhor, só me surra porque lhe peço meu salário”. O amo respondeu não sei que lenga-lenga e desculpas, que não aceitei, embora as tenha ouvido. Em suma, fiz o camponês desatá-lo e jurar que o levaria consigo e lhe pagaria um real sobre outro, e benzidos ainda por cima. Andrés, meu filho, não é verdade isso tudo? Não notaste com que autoridade dei as ordens, e com que humildade ele prometeu fazer tudo quanto lhe impus e notifiquei e quis? Não te perturbes nem hesites em nada: responde, diz o que aconteceu a esses senhores, para que se veja e se considere como é proveitoso o que digo, haver cavaleiros andantes pelos caminhos.

— Tudo o que vossa mercê disse é a pura verdade — respondeu o rapaz —, mas o fim do negócio foi justamente o contrário do que vossa mercê imagina.
— Como o contrário? — replicou dom Quixote. — Então o camponês não te pagou?
— Não só não me pagou — respondeu o rapaz —, como, assim que vossa mercê foi embora e ficamos sozinhos, me amarrou de novo na mesma azinheira e me deu outra sova que fiquei como um são Bartolomeu esfolado; e, a cada lambada que me dava, me dizia um gracejo e uma pilhéria para zombar de vossa mercê, coisas que até me fariam rir, se eu não sentisse tanta dor. Na verdade, ele me deixou em tal estado que estive até agora me tratando num hospital dos males que esse bandido desgraçado me causou então. Toda a culpa é de vossa mercê, porque se tivesse seguido seu caminho e não fosse aonde não era chamado, se não se metesse nos negócios alheios, meu amo teria se contentado em me dar uma ou duas dúzias de açoites, e logo teria me soltado e pagado tudo o que me devia. Mas, como vossa mercê o desacatou sem necessidade e lhe disse tantas grosserias, atiçou a cólera dele e, como não pôde se vingar em vossa mercê, quando se viu só descarregou o temporal sobre mim, e de um modo que me parece que não serei mais homem pelo resto de minha vida.
— O erro foi eu ter ido embora — disse dom Quixote. — Devia ter ficado até que ele te pagasse, pois devia saber por longa experiência que não há camponês que mantenha a palavra, se não tirar proveito disso. Mas te lembras, Andrés, que eu jurei que, se não te pagasse, havia de ir atrás dele e de achá-lo mesmo que se escondesse no ventre da baleia.
— É verdade — disse Andrés —, mas não lucrei nada com isso.
— Agora verás se lucra — disse dom Quixote.
E se levantou a toda pressa e mandou que Sancho botasse o freio em Rocinante, que estava pastando enquanto eles comiam.
Doroteia perguntou a ele o que pretendia fazer. Ele respondeu que ia procurar o camponês, castigá-lo por tão mau comportamento e fazê-lo pagar a Andrés até o último centavo, a despeito e apesar de quantos camponeses houvesse no mundo. Ao que ela respondeu

que lembrasse que não podia, conforme tinha prometido, se meter em nenhuma empresa até acabar a sua, e que isto ele sabia melhor do que ninguém, que acalmasse o coração até voltar de seu reino.

— É verdade — respondeu dom Quixote. — É preciso que Andrés tenha paciência até minha volta, como dizeis, senhora, mas eu juro e prometo de novo não sossegar até que ele seja vingado e pago.

— Não me fio nesses juramentos — disse Andrés. — Agora eu trocaria todas as vinganças do mundo por ter com que chegar a Sevilha. Se tem aí alguma coisa para eu comer e levar, dê-me e fique com Deus sua mercê e todos os cavaleiros andantes, que tão bem-andantes sejam eles consigo como foram comigo.

Sancho tirou de seu farnel um pedaço de pão e outro de queijo e, dando-os ao moço, disse:

— Pegai, meu caro Andrés, que parte de vossa desgraça cabe a todos nós.

— Mas que parte vos cabe? — perguntou Andrés.

— Esta parte de queijo e pão que vos dou — respondeu Sancho. — Sabe Deus se vai me fazer falta ou não. Porque vos garanto, meu amigo, que nós escudeiros dos cavaleiros andantes estamos sujeitos a muita fome e má sorte, além de outras coisas que melhor se sentem que se dizem.

Andrés pegou seu pão e seu queijo e, vendo que ninguém lhe dava mais nada, baixou a cabeça e botou o pé na estrada, como se diz. Mas é verdade que disse a dom Quixote, ao partir:

— Pelo amor de Deus, senhor cavaleiro andante, se me encontrar outra vez, não me socorra, mesmo que alguém esteja me fazendo em pedaços: deixe-me com minha desgraça, que não será tanta que não seja maior a que me virá com a ajuda de vossa mercê, que o diabo vos carregue, e a todos os cavaleiros andantes que tenham nascido no mundo.

Dom Quixote ia se levantar para castigá-lo, mas ele saiu correndo de modo que ninguém nem tentou persegui-lo. Dom Quixote ficou muito envergonhado com a história de Andrés, e os demais precisaram se esforçar para não rir e encabulá-lo de todo.

xxxii

que trata do que aconteceu na estalagem a todo o grupo de dom quixote

Acabada a boa refeição, encilharam as montarias e no outro dia, sem que lhes acontecesse nada digno de nota, chegaram àquela estalagem, espanto e terror de Sancho Pança; e, embora ele não quisesse entrar nela, não pôde fugir. O estalajadeiro, sua mulher, sua filha e Maritornes, que viram dom Quixote e Sancho chegar, foram recebê-los com mostras de muita alegria, e dom Quixote os recebeu com expressão grave de aprovação e disse que lhe arranjassem outra cama melhor que a da última vez. A estalajadeira respondeu que, se lhe pagasse mais que na outra, ela lhe daria uma digna de príncipes. Dom Quixote disse que pagaria, sim, e então lhe arrumaram uma razoável no mesmo sótão de sempre, e ele se deitou logo, porque vinha muito abatido e transtornado.

Mal havia se recolhido, quando a estalajadeira investiu contra o barbeiro e, agarrando-o pela barba, disse:

— Por Deus, nunca mais irás te aproveitar do meu rabo para tua barba, e trates de me devolver logo o negócio, porque o do meu marido anda pelo chão, que é uma vergonha. Digo, o pente, que costumava pendurar no meu rabo.

O barbeiro não queria entregá-lo, por mais que ela puxasse, até que o licenciado disse a ele que o entregasse, que aquele disfarce não era mais necessário, que se descobrisse e se mostrasse a dom Quixote com sua própria cara e dissesse que tinha fugido para aquela estalagem quando os galeotes o roubaram, e que, se ele perguntasse pelo escudeiro da princesa, diriam que ela o havia

enviado à frente para anunciar aos seus no reino que voltava levando consigo o libertador de todos. Com isso, o barbeiro devolveu de boa vontade o rabo para a estalajadeira, e devolveram também todos os adereços que ela havia emprestado para a libertação de dom Quixote. Todos, na estalagem, se admiraram com a formosura de Doroteia e com a boa aparência do pastor Cardênio. O padre mandou que preparassem a comida com o que houvesse na estalagem, e o estalajadeiro, na esperança de melhor pagamento, com rapidez preparou uma refeição passável. Enquanto isso, dom Quixote dormia, e preferiram não despertá-lo, porque seria mais proveitoso para ele dormir que comer.

Depois da refeição, diante do estalajadeiro, sua mulher, sua filha, Maritornes e todos os viajantes, falaram da estranha loucura de dom Quixote e de como o tinham achado. A estalajadeira contou o que havia acontecido com ele e o tropeiro, depois, como não visse Sancho por perto, contou toda a brincadeira da manta, que ouviram com muito prazer. E, como o padre dissesse que os livros de cavalaria que dom Quixote havia lido tinham virado a cabeça dele, o estalajadeiro disse:

— Não entendo como pode ser assim, porque na verdade me parece que não há melhor leitura no mundo: tenho dois ou três deles, com outros papéis, que realmente me animaram a vida. Não apenas a minha, mas a de muitos outros, porque, quando é tempo de colheita, muitos trabalhadores se reúnem aqui nos feriados, e sempre há algum que sabe ler e pega um desses livros. Então, mais de trinta o rodeamos e ficamos ouvindo com tanto prazer que perdemos mais de mil aflições. Eu pelo menos, quando ouço descrever aqueles golpes furiosos e terríveis que os cavaleiros desferem, sinto vontade de fazer a mesma coisa, e gostaria de ficar ouvindo-os dias e noites.

— Comigo também, sem tirar nem pôr — disse a estalajadeira —, porque só tenho sossego em minha casa quando estais ouvindo a leitura: ficais tão embasbacado que nem vos lembrais de reclamar.

— É a pura verdade — disse Maritornes. — Palavra que eu também gosto muito de ouvir aquelas coisas, que são muito lindas, e mais ainda quando contam que a outra senhora está embaixo das

laranjeiras abraçada com seu cavaleiro, com uma aia de sentinela, morta de inveja e toda assustada. Isto para mim é de dar água na boca.

— E vós, senhora donzela, que achais? — disse o padre, falando com a filha do estalajadeiro.

— Não sei, senhor, não sei mesmo — respondeu ela. — Eu também ouço e, embora na verdade não os entenda, tenho prazer em ouvi-los. Mas não gosto das lutas de que meu pai gosta e sim das queixas dos cavaleiros quando estão longe de suas damas, tanto que às vezes me fazem chorar de compaixão.

— Então os consolaria, senhora donzela — disse Doroteia —, se chorassem por vós?

— Não sei o que faria — respondeu a moça. — Sei apenas que algumas dessas senhoras são tão cruéis que seus cavaleiros as chamam de tigres, leões e outras mil imundícies. Santo Deus, eu não sei que gente é essa tão desalmada, tão impiedosa, que para não olhar para um homem honrado deixam que ele morra ou que fique louco. Não sei para que tantos melindres: se o fazem por ser honradas, casem-se com eles, que eles não desejam outra coisa.

— Cala-te, menina — disse a estalajadeira. — Parece que sabes muito dessas coisas, e não fica bem para as donzelas saber nem falar tanto.

— Como perguntava este senhor — respondeu ela —, não pude deixar de responder.

— Pois bem, senhor estalajadeiro — disse o padre —, trazei-me esses livros, que os quero ver.

— Será um prazer — respondeu ele.

Entrou em seu quarto e trouxe uma maleta velha, fechada com uma correntinha. Abrindo-a, viram-se nela três livros grandes e uns papéis, escritos à mão, com muito boa letra. O primeiro livro que abriu era *Don Cirongilio de Tracia*,[1] o segundo, *Felixmarte de Hircania*, e o outro, a *Historia del Gran Capitán Gonzalo Hernández de Córdoba*, *con la vida de Diego García de Paredes*.[2] Logo que o padre leu os dois primeiros títulos, virou o rosto para o barbeiro e disse:

— Que falta fazem a criada e a sobrinha de meu amigo.

— Não fazem — respondeu o barbeiro. — Eu também posso levá-los para o pátio ou para o fogão, que na verdade está bem aceso.
— O quê?! Vossa mercê quer queimar mais livros? — disse o estalajadeiro.
— Mais não — disse o padre —, só estes dois, o de dom Cirongílio e o de Felixmarte.
— Mas por acaso meus livros são hereges ou fleumáticos — disse o estalajadeiro —, para que sejam queimados?
— Quereis dizer "cismáticos", meu amigo — disse o barbeiro —, não "fleumáticos".
— Isso — replicou o estalajadeiro. — Mas, se quiser queimar algum, que seja o do grande capitão e desse Diego García, pois prefiro queimar um filho que algum desses outros.
— Meu irmão — disse o padre —, estes dois livros são mentirosos, estão cheios de disparates e fantasias. Mas este do grande capitão é história verdadeira, conta os feitos de Gonzalo Hernández de Córdoba, que por suas grandes e variadas façanhas mereceu ser chamado por todo mundo de "grande capitão", alcunha ilustre e luminosa, merecida apenas por ele. E este Diego García de Paredes foi um cavaleiro importante, natural da cidade de Trujillo, na Estremadura, soldado muito valente e tão forte que parava com um dedo uma roda de moinho rodando em plena fúria. Parado com um montante na entrada de uma ponte, impediu que todo um exército inumerável passasse por ela; e fez tantas outras coisas que ele mesmo conta e escreve com a modéstia própria de cavaleiro e de cronista como se as escrevesse outro, livre e desapaixonado, que deixariam no esquecimento as dos Heitores, Aquiles e Rolands.
— E eu com isso?! — disse o estalajadeiro. — Olhai só o que vos espanta, parar uma roda de moinho! Por Deus, vossa mercê devia ler o que fez Felixmarte da Hircânia, que com apenas um golpe decepou cinco gigantes pela cintura, como se fossem feitos de favas, como os bonequinhos com que as crianças brincam.[3] E outra vez atacou um grandíssimo e poderosíssimo exército, enfrentando mais de um milhão e seiscentos mil soldados, todos armados até os dentes, e os desbaratou a todos, como se fossem um rebanho de ovelhas. E que me dirão do bom Cirongílio da Trácia? Foi tão

valente e arrojado como se verá no livro, onde conta que navegava por um rio quando saltou do meio da água uma serpente de fogo. Mal ele a viu, atirou-se sobre ela e, montado nas costas cheias de escamas, apertou com tanta força sua garganta com ambas as mãos que a serpente, vendo-se sufocada, não teve mais remédio que se deixar ir ao fundo do rio, levando junto o cavaleiro, que não a quis soltar. E, quando chegaram lá embaixo, se encontrou num palácio e nuns jardins tão lindos que era uma maravilha, e então a serpente se transformou num velho ancião que lhe disse tantas coisas que só ouvindo para crer. Calai, senhor, que, se ouvísseis isso, ficaríeis louco de prazer. Duas figas para o grande capitão e para esse tal de Diego García!

Ouvindo isso, Doroteia disse baixinho para Cardênio:

— Falta pouco para nosso estalajadeiro seguir dom Quixote.

— É o que me parece — respondeu Cardênio —, porque dá mostras de que acredita piamente que as coisas aconteceram como estão descritas nos livros, e nem se jurarmos sobre a Bíblia pensará o contrário.

— Vede, meu caro: nunca houve no mundo Felixmarte da Hircânia, nem dom Cirongílio da Trácia — disse o padre de novo —, nem outros cavaleiros semelhantes como se conta nos livros de cavalaria. São invenções, ficções de mentes ociosas, que os criaram, como dizeis, para passar o tempo, como passam vossos trabalhadores quando os leem. Porque vos juro: esses cavaleiros jamais existiram, nem essas façanhas e disparates aconteceram.

— Jogue esse osso para outro cachorro! — respondeu o estalajadeiro. — Como se eu não soubesse que dois mais dois são quatro e onde me aperta o sapato! Não pense vossa mercê que caio nessa, que não tenho um pingo de tonto. Muito me admira que vossa mercê queira me convencer de que tudo aquilo que esses bons livros dizem são tolices e patranhas, estando impressos com a licença dos senhores do Conselho Real, como se eles fossem gente que iria deixar imprimir tanta mentira junta, e tantas batalhas e tantos encantamentos que viram a cabeça!

— Já vos disse, meu amigo — replicou o padre —, que isso é feito para entreter nossos pensamentos ociosos. Assim como se permite,

nas repúblicas bem organizadas, que haja jogos de xadrez, de pelota e de bilhar, para divertir os que não têm, nem devem, nem podem trabalhar, assim se permite a impressão desses livros, acreditando, com razão, que não haverá ninguém tão ignorante que considere verdadeira alguma história deles. E, se me fosse lícito agora e os presentes me pedissem, eu diria algumas coisas sobre o que devem ter os livros de cavalaria para ser bons, o que talvez para algumas pessoas fosse de proveito e mesmo um prazer; mas tenho esperança de algum dia poder falar com quem possa dar um jeito nisso. Por ora, crede no que vos disse, senhor estalajadeiro, e tomai vossos livros e entendei-vos com suas verdades ou mentiras, e bom proveito, e queira Deus que não coxeeis do pé que coxeia vosso hóspede dom Quixote.

— Isso não — respondeu o estalajadeiro. — Não sou louco a ponto de me tornar cavaleiro andante, pois sei muito bem que agora não se faz o que se fazia naquele tempo, quando se diz que andavam pelo mundo esses famosos cavaleiros.

Sancho chegou no meio dessa conversa e ficou meio confuso, pensando no que tinha ouvido, que agora não havia mais cavaleiros andantes e que todos os livros de cavalaria eram tolices e mentiras. Decidiu então esperar para ver no que dava aquela viagem com seu amo — se não acontecesse a felicidade que esperava, ele o deixaria e voltaria ao trabalho de sempre, com sua mulher e seus filhos.

O estalajadeiro levava a maleta com os livros, mas o padre lhe disse:

— Esperai. Quero ver que papéis são esses escritos com tão boa letra.

O estalajadeiro os pegou e alcançou ao padre, que viu cerca de oito cadernos manuscritos, com um título grande no começo: *História do curioso impertinente*. O padre leu para si mesmo três ou quatro linhas e disse:

— Na verdade não me parece mau este título e fiquei com vontade de ler a história toda.

Ao que o estalajadeiro respondeu:

— Pode lê-la, sim, sua reverência, e garanto ao senhor que agradou muito a uns hóspedes que a leram, e muitas vezes me imploraram do fundo do coração que a desse, mas eu não quis, pensando em devolvê-la a quem esqueceu esta maleta, pois bem pode acontecer de que o dono volte por aqui algum dia, e eu, embora saiba que os livros me farão falta, juro que vou devolvê-los: sou cristão, apesar de estalajadeiro.[4]

— Tendes toda razão, meu amigo — disse o padre. — Mas, se eu gostar da história, haveis de deixar que a copie.

— De muito bom grado — respondeu o estalajadeiro.

Enquanto os dois falavam, Cardênio havia pegado os cadernos e começado a ler; como achou a mesma coisa que o padre, pediu a ele que lesse a história de modo que todos a ouvissem.

— Eu a leria, sim — disse o padre —, se não fosse melhor gastar esse tempo com o sono.

— Será um belo descanso para mim passar o tempo ouvindo algum conto — disse Doroteia —, pois ainda não tenho o espírito tão sereno que me deixe pegar no sono como preciso.

— Assim sendo — disse o padre —, vou ler, nem que seja por curiosidade. Talvez aqui tenha alguma coisa interessante.

Mestre Nicolás e Sancho também insistiram para que lesse. Com isso, o padre entendeu que todos teriam prazer como ele mesmo e disse:

— Bem, então fiquem atentos, que a história começa assim:

xxxiii

onde se conta a história do “curioso impertinente”

Em Florença, cidade rica e famosa da Itália, na província da Toscana, viviam dois cavalheiros importantes e ricos, Anselmo e Lotário. Eram tão amigos que todos os que os conheciam chamavam-nos principalmente pela alcunha: “os dois amigos”. Eram solteiros, moços, com a mesma idade e os mesmos costumes, o que era motivo suficiente para que a amizade fosse recíproca. É bem verdade que Anselmo era um pouco mais inclinado aos passatempos amorosos que Lotário, que era atraído pelos da caça; mas às vezes Anselmo deixava de lado seus prazeres para seguir os de Lotário, e Lotário deixava os seus pelos de Anselmo, e assim andavam suas vontades, mais ajustadas que o relógio mais pontual.

Anselmo andava perdido de amores por uma donzela da mesma cidade, nobre e formosa, de tão boa família e tão boa ela mesma que ele decidiu pedi-la em casamento a seus pais, o que foi feito, com a concordância de seu amigo Lotário, sem o qual nada fazia. E quem se encarregou da missão foi Lotário, que concluiu o negócio tão ao gosto do amigo que em pouco tempo ele se viu de posse do que desejava, e Camila tão contente de ter Anselmo por marido que não cessava de dar graças aos céus e a Lotário, por meio de quem havia alcançado tanta felicidade.

Nos primeiros dias, alegres como os de todos os casamentos, Lotário continuou frequentando a casa de seu amigo Anselmo, procurando honrá-lo, festejá-lo e agradá-lo com tudo aquilo que lhe era possível. Mas, acabadas as festas e diminuídas as visitas e os

parabéns, cuidadosamente Lotário começou a evitar aparecer, por pensar — como é razoável que pensem todos os que forem sensatos — que não se deve frequentar as casas dos amigos casados da mesma maneira que quando eram solteiros, pois, embora a amizade boa e verdadeira não pode nem deve ser suspeita em nada, a honra do casado é tão delicada que parece que pode se ofender até com os próprios irmãos, quanto mais com os amigos.

Anselmo notou o retraimento de Lotário e se queixou muito, dizendo-lhe que, se ele soubesse que o casamento seria motivo para não confraternizarem como de costume, jamais teria se casado, e que, se haviam conseguido ser chamados de “os dois amigos” de modo tão doce, pela boa camaradagem que tinham nos tempos de solteiro, não permitisse que tão famosa e agradável alcunha se perdesse, sem outra razão que se fazer de circunspecto. Então, suplicava, se era lícito que se usasse um termo desses entre eles, que voltasse a ser senhor de sua casa, que entrasse e saísse dela como antes, garantindo-lhe que sua esposa Camila não tinha outro gosto nem outra vontade que os que ele queria que tivesse. E mais, como ela sabia a que ponto os dois se gostavam, estava confusa ao vê-lo tão arisco.

A todos esses e muitos outros argumentos que Anselmo usou para persuadi-lo, Lotário respondeu com tanta prudência, sensatez e discernimento que Anselmo ficou satisfeito com a boa intenção de seu amigo, e combinaram que Lotário viria jantar com ele dois dias por semana e nos feriados. Apesar dessa combinação entre os dois, Lotário decidiu fazer apenas aquilo que mais convinha à honra de seu amigo, cuja reputação prezava mais que a sua. Ele dizia, com toda razão, que o marido a quem o céu havia concedido mulher formosa devia ter tanto cuidado com os amigos que levava para casa como com as amigas com que sua esposa conversava, porque o que não se faz nem se combina nas praças nem nos templos, nem nas festas públicas nem nas visitas à igreja (coisas que nem sempre os maridos podem negar a suas mulheres), se combina e se facilita na casa da amiga ou da parenta em que se deposita a maior confiança.

Lotário também dizia que os casados precisavam, cada um, de um amigo que apontasse os descuidos no comportamento deles, porque, devido ao grande amor que o marido tem pela mulher, costuma acontecer de ele não perceber ou não lhe dizer, para não incomodá-la, que faça ou deixe de fazer algumas coisas, quando fazê-las ou não seria honroso ou aviltante. Então, sendo advertido pelo amigo, facilmente poderia se remediar tudo. Mas onde se achará amigo tão sensato, leal e verdadeiro como esse que Lotário pede? Eu, com certeza, não sei. Somente Lotário era assim, pois com toda solicitude e discernimento olhava pela honra de seu amigo e procurava rarear, espaçar e limitar os dias combinados de ir a sua casa, para que não parecesse mal ao vulgo ocioso e aos olhos vagabundos e maliciosos a entrada de um rapaz rico, bonito e bem-nascido, com as boas qualidades que ele achava que tinha, na casa de uma mulher tão bela como Camila. Mesmo que a virtude e o valor dela pudessem frear toda língua maledicente, não queria pôr em dúvida sua reputação nem a de seu amigo, e por isso ocupava com outras diversões a maioria dos dias combinados, dando a entender serem irrecusáveis. Assim, com queixas de um e desculpas do outro, passavam muitas horas do dia.

Então, num desses dias, quando os dois andavam passeando num campo fora da cidade, Anselmo disse a Lotário as seguintes palavras:

— Vê bem, meu amigo Lotário, não posso retribuir as graças que Deus me concedeu ao me fazer filho de pais como foram os meus e ao me dar bens com mãos pródigas, tanto os que chamam naturais como os da riqueza, com uma gratidão que iguale ou supere à que tenho pelo bem que recebi quando me deu a ti por amigo e a Camila por mulher, duas dádivas que estimo, se não no grau em que devo, pelo menos no que posso. Pois, apesar disso, que costuma ser tudo que os homens necessitam para viver felizes, vivo como a criatura mais ressentida e desgraçada em todo o universo. Não sei desde quando me atormenta um desejo tão estranho, tão fora do comum, que me surpreendo comigo mesmo, e a sós me culpo e me censuro, e procuro sufocá-lo e escondê-lo de meus próprios pensamentos. Mas ando com esse segredo como se de propósito procurasse

anunciá-lo a todo o mundo. E, como cedo ou tarde ele acabará revelado, quero que seja para teu silêncio, porque confio que, com o empenho que empregarás em resolvê-lo, como meu amigo verdadeiro, logo me verei livre da angústia que me causa, e minha alegria por teu desvelo chegará ao grau que chegou minha tristeza por minha loucura.

Lotário estava pendente das palavras de Anselmo. Ele não sabia aonde ia parar essa longa preparação ou preâmbulo e, embora remexesse em sua mente que desejo poderia ser aquele que tanto atormentava o amigo, deu sempre muito longe do alvo da verdade; e, para sair depressa daquela agonia, disse a Anselmo que insultava sua grande amizade andar com rodeios para lhe contar seus pensamentos mais secretos, pois sabia muito bem o que podia esperar dele: ou consolo para amenizá-los ou um modo para realizá-los.

— Tens razão, meu amigo — respondeu Anselmo. — E com essa confiança te conto que o desejo que me atormenta é pensar se Camila, minha esposa, é tão virtuosa e tão perfeita como me parece, e não posso me convencer dessa verdade a não ser demonstrando de maneira que a prova indique os quilates de sua excelência, como o fogo mostra as do ouro. Porque eu acho, meu amigo, que a virtude de uma mulher está em quanto foi ou não foi galanteada: só é forte aquela mulher que não se dobra às promessas, aos presentes, às lágrimas e às impertinências contínuas dos apaixonados diligentes. O que há para agradecer — dizia ele — no fato de que uma mulher seja boa se ninguém pede a ela que seja má? Se está recolhida e amedrontada, sem que lhe deem oportunidade de se soltar? Ou se sabe que tem marido que acabará com a vida dela, se a flagrar no primeiro atrevimento? De modo que a mulher que é virtuosa por temor ou por falta de oportunidade não terá de mim a estima que terei pela assediada e perseguida que saiu com os louros da vitória. Assim, por essas razões e por muitas outras que poderia te dar para corroborar e fortalecer minha opinião, desejo que minha esposa, Camila, passe por estas dificuldades, depure-se e se avalie no fogo de se ver cortejada e perseguida, e por quem tenha valor para atiçar nela

seus desejos. E, se ela sair triunfante dessa batalha, como penso que sairá, poderei considerar inigualável meu destino: poderei dizer que está repleta a taça de meus desejos, poderei dizer que por sorte me coube a mulher forte, de quem o sábio Salomão diz: “Quem a encontrará?”. E, se isso acontecer ao contrário do que espero, o prazer de ver que minha opinião foi correta me fará carregar sem pena a que com certeza essa experiência tão árdua irá me causar. E, como nada do que disseres contra meu desejo pode me impedir de executá-lo, quero, meu amigo Lotário, que te disponhas a ser o instrumento que irá cinzelar essa obra de minha vontade. Eu te facilitarei tudo para que a faças, sem que te falte nada do que me pareça necessário para cortejar uma mulher recatada, virtuosa, modesta e abnegada. O que me leva a confiar a ti empresa tão árdua é, entre outras coisas, saber que, se Camila for vencida, a conquista não chegará às últimas consequências, mas apenas, por respeito a mim, a considerar consumado o que deveria se consumar. Assim, não ficarei ofendido mais que com o desejo, e minha injúria ficará oculta na virtude de teu silêncio, que, pelo que me toca, bem sei que será eterno como o da morte. Então, se queres que eu tenha uma vida digna desse nome, deves entrar nessa batalha amorosa neste mesmo instante, não com indiferença ou indolência, mas com o empenho e a tenacidade que meu desejo pede e com a confiança que nossa amizade me assegura.

Foram essas as palavras de Anselmo. Lotário prestou tanta atenção a elas que — exceto pelo que se mencionou que ele disse antes — não abriu a boca até que seu amigo houvesse acabado. Então, vendo que não dizia mais nada, ficou um bom tempo olhando para ele, como se olhasse uma coisa que jamais tivesse visto e que lhe causasse admiração e espanto, e lhe disse:

— Não posso acreditar, meu amigo Anselmo, que não dizes essas coisas para zombar de mim, pois, se pensasse que as dizias a sério, não consentiria que fosses tão longe, porque evitaria tua longa arenga não te ouvindo. Sem dúvida acho que ou tu não me conheces ou eu não te conheço. Mas não, bem sei que és Anselmo e tu sabes que sou Lotário; o problema está em que eu penso que não és o Anselmo que costumavas ser e tu deves ter pensado que

tampouco eu sou o Lotário que devia ser, porque as coisas que disseste não são daquele Anselmo meu amigo, nem as que me pedes seriam pedidas àquele Lotário que tu conheces, porque os bons amigos devem pôr à prova seus amigos e se valer deles *usque ad aras*,[1] como disse um poeta, para mostrar que não haviam de se servir de sua amizade para coisas que fossem contra Deus. Pois se um pagão sentiu isso da amizade, imagina um cristão, que não há de perder a amizade divina por uma humana? E se o amigo fosse além da conta, deixando de lado a obediência ao céu para obedecer a seu amigo, não deveria ser por ninharias e caprichos passageiros, mas por coisas em que estão em jogo a honra e a vida de seu amigo. Então, Anselmo, me diz agora: qual das duas tens em perigo, para que eu me aventure a te agradar fazendo uma coisa tão detestável como me pedes? Nenhuma, sem dúvida; pelo que entendi, é o contrário, quer que eu tente te tirar a honra e a vida, perdendo junto a minha, porque, se eu tentar te tirar a honra, é claro que te tiro a vida, pois o homem sem honra é pior que um morto; e eu, sendo o instrumento de todo esse mal para ti, como queres que eu seja, não venho a ficar desonrado e, portanto, sem vida? Escuta, Anselmo, meu amigo: tem paciência e não me respondas até que acabe de te dizer o que sinto sobre o que me pediu teu desejo, pois não faltará tempo para que tu me respondas e eu te escute.

— Muito bem — disse Anselmo —, diz o que quiseres.

E Lotário prosseguiu:

— Parece-me, Anselmo, que nesse momento estás com a mente como a dos mouros, a quem não podemos apontar o erro de sua seita com comentários da Santa Escritura, nem com argumentos que permitam o exercício da inteligência, nem que estejam fundados em artigos de fé. Devemos, isso sim, dar a eles exemplos palpáveis, fáceis, inteligíveis, demonstrativos, indubitáveis, com demonstrações matemáticas que não podem negar, como quando se diz: “Se de duas partes iguais tiramos partes iguais, as que sobram também são iguais”. E, quando não entendem isso com palavras, que é exatamente o que acontece, deves mostrar a eles com as mãos e pôr diante de seus olhos, e mesmo assim ninguém consegue persuadi-los das verdades de nossa sagrada religião.

Penso que me convém usar esse mesmo recurso e método contigo, porque o desejo que nasceu em ti anda tão extraviado, tão longe de tudo aquilo que tenha sombra de razoável, que me parece tempo perdido te apontar tua tolice, que por ora não quero chamar por outro nome, e quase me leva a te abandonar a teu desatino, como castigo por esse desejo perverso. Mas minha amizade por ti me impede de ser severo assim, não consente que te deixe em perigo tão evidente de te perder. E, para que vejas com clareza, Anselmo, diz-me: tu não me disseste que tenho de cortejar uma mulher recatada, persuadir uma honesta, oferecer-me a uma desinteressada, seduzir uma sensata? Sim, foi o que me disseste. Pois se sabes que tens uma mulher recatada, honesta, desinteressada e sensata, o que queres? E, se pensas que ela vai sair vitoriosa de todas as minhas investidas, como sem dúvida sairá, que melhores qualificativos pretendes lhe dar além dos que tem agora? Ou pensas que ela será melhor do que é agora? Ou tu não acreditas no que dizes, ou não sabes o que me pedes. Se não acreditas que ela é o que dizes, para que queres pô-la à prova, em vez de, como a uma mulher má, fazer dela o que mais te agrade? Mas, se é virtuosa como acreditas, será uma coisa impertinente demonstrar a verdade mesma, porque depois se ficará com a mesma estimativa que se tinha antes. Portanto, a conclusão é óbvia: tentar coisas que podem nos causar mais danos que proveito é próprio de mentes temerárias e sem discernimento, e mais ainda tentar coisas a que não se é forçado nem compelido e que de muito longe mostram que tentá-las é uma loucura rematada.

"As coisas difíceis se empreendem por Deus ou pelo mundo ou por ambos: as que se executam por Deus são as dos santos, que tentam viver vida de anjos em corpos humanos; as que se executam por causa do mundo são as daqueles que enfrentam águas infinitas, climas diversos, povos estranhos, para adquirir esses bens que chamam de riqueza. E as que se executam, ao mesmo tempo, por Deus e pelo mundo são aquelas dos soldados valentes, que, mal vendo aberta na muralha inimiga uma brecha do tamanho da que pode ser feita por uma bala de artilharia, deixando de lado o medo, sem pensar nem dar atenção ao evidente perigo que os ameaça,

levados em voo pelas asas do desejo de combater por sua fé, por sua nação e por seu rei, se lançam intrepidamente em meio a mil diferentes mortes que os esperam. São essas coisas que se costumam empreender, e há honra, glória e proveito em tentá-las, embora tão cheias de inconvenientes e perigos.

“Mas a que tu dizes querer empreender, nem te fará alcançar a glória de Deus, nem riqueza, nem fama entre os homens, porque, mesmo que saias dela como desejas, não deverás ficar nem orgulhoso, nem mais rico, nem mais honrado do que és agora; e, se não saíres, deverás te ver na maior miséria que se possa imaginar, porque não terás proveito em pensar então que ninguém conhece a desgraça que te aconteceu, porque bastará para te afligir e aniquilar que tu mesmo a conheças. E, para ratificação dessa verdade, gostaria de te recitar uma estrofe que fez o famoso poeta Luigi Tansillo, no fim da primeira parte de *As lágrimas de são Pedro*,[2] que diz assim:

Cresce a dor e cresce a vergonha
em Pedro, quando o dia despontou,
e mesmo sem ver ninguém ali se envergonha
de si mesmo, por ver que havia pecado:
pois para um peito nobre ter vergonha
não só deve movê-lo o ser olhado,
que de si se envergonha quando erra,
embora outro só veja céu e terra.[a]

“Como vês, não evitarás tua dor com o segredo; pelo contrário, terás de chorar sempre, se não lágrimas dos olhos, lágrimas de sangue do coração, como as chorava aquele doutor estúpido que fez a prova da taça, como nos conta nosso poeta, mas que com melhor discernimento recusou fazer o prudente Reinaldos.[3] Embora isso seja ficção poética, encerra em si segredos morais dignos de ser notados e entendidos e imitados. Além disso, com o que agora penso te dizer acabarás entendendo o grande erro que queres cometer.

“Diz-me, Anselmo, se o céu ou a boa sorte te houvesse feito dono de um diamante esplêndido, de cuja qualidade e valor estivessem convencidos quantos entendidos o vissem, e que todos dessem em coro a mesma opinião de que em quilates, valor e perfeição chegava ao máximo que a natureza pode proporcionar a uma pedra dessas, e tu mesmo acreditasses que era assim, sem nada que te contradissesse, seria justo que sentisses o desejo de pegar aquele diamante e pô-lo sobre uma bigorna para, com um martelo, à força de golpes, provar que é tão duro e perfeito como dizem? Mas digamos que houvesses executado prova tão tola. Então, se a pedra resistisse, nem por isso ela teria mais valor nem mais fama, e, caso se quebrasse, coisa que poderia acontecer, não se perderia tudo? Claro que sim, sendo seu dono julgado estúpido por todos.

“Pois faz de conta, meu amigo Anselmo, que Camila é um diamante perfeito, tanto em tua opinião como na dos outros, e que não há motivo para arriscá-la a se quebrar, porque mesmo que continue inteira não pode ser mais perfeita do que é agora; e, se falhasse e não resistisse, considera desde já como ficarias sem ela e com quanta razão poderias te queixar de ti mesmo, por ter sido a causa da perdição dela e da tua.

“Olha que não há no mundo joia que valha tanto como a mulher casta e honrada, e que toda a honra das mulheres consiste na boa opinião que se tem delas; e, se a de tua esposa é tanta que chega ao extremo que bem conheces, para que queres pôr essa verdade em dúvida? Lembra, meu amigo, que a mulher é um animal imperfeito, e que não se devem pôr obstáculos para que tropece e caia, mas sim tirá-los, desimpedir o caminho de qualquer inconveniente, para que sem aflições ela corra ligeira para alcançar a perfeição que lhe falta, que consiste em ser virtuosa.

“Os naturalistas contam que os arminhos têm o pelo branquíssimo e que os caçadores, quando desejam pegá-los, usam deste artifício: conhecendo os lugares por onde costumam passar ou aparecer, enchem-nos com lama e depois, açulando os bichos, encaminham-nos para aqueles lugares, e assim que chega à lama o arminho fica parado e se deixa capturar, para não passar por ela e perder e sujar sua brancura, que aprecia mais que a liberdade e a vida. A mulher

pura e casta é como um arminho, e a virtude da honestidade é mais branca e limpa que a neve, e o homem que não quiser que a mulher a perca, mas pelo contrário a guarde e conserve, deve agir de modo diferente que o caçador de arminho, porque não se deve pôr diante dela a lama dos presentes e desvelos dos pretendentes importunos, porque talvez, ou mesmo sem talvez, não tenha tanta virtude e força natural que possa por si mesma atropelar e deixar para trás aqueles embaraços, e é necessário tirá-los e pôr diante dela a limpeza da virtude e da beleza que encerra em si sua boa reputação.

"A mulher pura também é como um espelho de cristal límpido e brilhante, mas que está sujeito a embaçar e obscurecer com qualquer sopro que o toque. É preciso agir com as mulheres do mesmo modo que com as relíquias: adorá-las e não tocá-las. É preciso ter e apreciar a mulher pura como se tem e aprecia um belo jardim cheio de rosas e outras flores, cujo dono não permite que ninguém passeie por ele nem o toque: basta que de longe, por entre as grades de ferro, desfrutem de sua fragrância e formosura. Por fim, quero te recitar uns versos que me vieram à memória; eu os ouvi numa comédia moderna e me parecem sob medida ao que vamos tratando. Um velho prudente aconselhava outro, pai de uma donzela, a encerrá-la em casa e vigiá-la, e entre outros argumentos lhe deu estes:

É de vidro a mulher,
mas não se deve testar
se pode ou não quebrar,
porque tudo pode acontecer.

E é mais fácil o quebrar-se,
e não é sensato pôr-se
em perigo de romper-se
o que não se pode soldar.

E nesta opinião estejam
todos, e em bom motivo a fundo:

se há Dânaes no mundo,
há chuvas de ouro também.[b]

“Tudo o que te disse até aqui, Anselmo, se refere a ti, e agora é bom que ouças alguma coisa sobre o que me toca, e me perdoa se eu me alongar, pois assim exige o labirinto em que entraste e de onde queres que eu te salve. Tu me consideras amigo, mas queres me desonrar, coisa que é contra toda amizade; e não só pretende isso como procuras que eu também te desonre. Que queres me desonrar é evidente, pois, quando Camila vir que eu a cortejo, como me pedes, claro que irá me considerar homem sem honra e sem escrúpulos, pois tento e faço uma coisa tão fora daquilo que sou e tua amizade me obriga. De que queres que te desonre não há dúvida, porque vendo Camila que eu a cortejo deverá pensar que eu vi nela alguma leviandade que encorajou meu atrevimento a lhe mostrar meu desejo perverso. Então, achando-se desonrada, tu és atingido pela desonra dela, por Camila ser coisa tua. E aqui nasce o que comumente acontece: embora nada saiba, nem tenha dado oportunidade para que sua mulher não seja a que deveria ser, nem tenha estado em suas mãos nem em sua falta de cuidado e decência impedir sua desgraça, chamam o marido da mulher adúltera com nome baixo e injurioso, e os que sabem da maldade de sua mulher olham-no de certa maneira, com os olhos do menosprezo em vez de com os da compaixão, sabendo que não é por sua culpa, mas pela vontade de sua companheira perversa, que está naquela desventura.

“Mas gostaria de te falar da causa pela qual, com justa razão, o marido da mulher pecadora é desonrado, embora ele não saiba que é, nem tenha culpa, nem tenha sido parte, nem dado oportunidade para que ela o seja. E não te canses de me ouvir, pois tudo deve reverter em teu proveito.

“Quando Deus criou nosso primeiro pai no Paraíso terrestre, a divina Escritura diz que Deus deixou Adão com sono e, quando ele dormiu, tirou de seu lado esquerdo uma costela, com que fez nossa mãe Eva. Quando Adão acordou e a viu, disse: ‘Esta é carne de

minha carne e osso de meus ossos'; e Deus disse: 'Por esta o homem deixará seu pai e sua mãe, e serão dois numa mesma carne'. E assim foi instituído o divino sacramento do matrimônio, com esses laços que apenas a morte pode desatar. E este milagroso sacramento tem tanta força e virtude que faz com que duas pessoas diferentes sejam uma mesma carne, e faz mais ainda com as boas pessoas casadas: embora tenham duas almas, não têm mais que uma vontade. Disso decorre que, como a carne da esposa é uma só com a do esposo, as manchas que nela surgem ou os defeitos que adquire aparecem na carne do marido, embora ele não haja dado, como se disse, oportunidade para a desgraça. Porque, assim como o corpo todo sente a dor do pé ou de qualquer outro membro, por ser a carne única, e a cabeça sente a ferida do tornozelo sem que ela a tenha causado, assim o marido é participante da desonra da mulher, por ser uma coisa só com ela; e como as honras e desonras do mundo sejam todas e nasçam de carne e sangue, e as da mulher pecadora sejam desse gênero, é forçoso que ao marido caiba parte delas e seja tido por desonrado sem que ele o saiba. Olha, portanto, amigo Anselmo, o perigo a que te expões ao querer perturbar o sossego em que tua boa esposa vive; olha o quanto é vã e impertinente a curiosidade que te leva a querer atiçar paixões que agora estão quietas no peito de tua casta esposa; percebe que o que arriscas a ganhar é pouco e que o que perderás será tanto que nem direi mais nada, porque me faltam palavras para louvá-lo. Mas, se tudo o que te disse não basta para demover-te desse propósito indigno, bem podes buscar outro instrumento para tua desonra e desgraça, que eu não penso sê-lo mesmo que por isso perca tua amizade, que é a maior perda que posso imaginar."

Calou-se então o virtuoso e prudente Lotário, e Anselmo ficou tão confuso e pensativo que por um bom tempo não pôde responder uma palavra. Mas, por fim, disse:

— Viste, meu amigo Lotário, a atenção com que escutei tudo o que quiseste me dizer, e em teus argumentos, exemplos e comparações vi a grande sensatez que tens e o extremo aonde chega tua amizade verdadeira. E também percebo e confesso que, se não sigo

tua opinião e vou atrás da minha, fujo do bem e corro para o mal. Assim sendo, deves considerar que eu sofro da doença que costuma atingir algumas mulheres que têm o capricho de comer terra, gesso, carvão e outras coisas piores, muito nojentas de se olhar, quanto mais de comer. Então é necessário usar algum estratagema para que eu me cure, e poderia se fazer isso com facilidade começando, embora tímida e fingidamente, a cortejar Camila, que não deve ser tão branda que bote a perder sua honestidade aos primeiros encontros; e apenas com essa amostra ficarei contente e terás cumprido com o que deves a nossa amizade, não somente me dando a vida, como me persuadindo a não me ver sem honra. E tens a obrigação de fazer isso por uma única razão: estando eu como estou, determinado a pôr em prática essa prova, não deves consentir que eu dê conta de meu desatino a outra pessoa, com que poria em perigo a honra pela qual tu lutas para que eu não perca; e se a tua for malvista por Camila, enquanto a cortejares, pouco ou nada importa, pois em seguida, vendo nela a inteireza que esperamos, poderás lhe contar a verdade nua e crua de nosso estratagema, voltando assim tua reputação ao que era antes. E, como te arriscarias muito pouco, mas me contentarias muito com essa aventura, não a deixes de empreender, por mais inconvenientes que surjam por diante, pois, como já disse, mal tu a comeces darei a causa por concluída.

Lotário, vendo a vontade decidida de Anselmo e não sabendo mais que exemplos dar nem que argumentos mostrar para que não a seguisse, e vendo a ameaça de falar a outro de seu desejo perverso, para evitar um mal maior resolveu contentá-lo e fazer o que lhe pedia, com o propósito e a intenção de guiar aquele negócio de modo que, sem alterar os pensamentos de Camila, ficasse Anselmo satisfeito. Assim respondeu que não comunicasse seu pensamento a ninguém, que ele se encarregava de tudo e que começaria quando ele achasse melhor. Anselmo o abraçou, terna e amorosamente, e lhe agradeceu sua promessa como se houvesse feito um grande favor. Combinaram dar início àquela empresa já no dia seguinte, e que Anselmo daria um jeito para que Lotário pudesse falar a sós com Camila, mais dinheiro e joias para lhe dar e oferecer.

Aconselhou-o que fizesse música e escrevesse versos em seu louvor; e, se ele não quisesse se dar ao trabalho de fazê-los, ele mesmo os faria. Lotário concordou com tudo, mas com intenção bem diferente da que Anselmo imaginava.

E com esse acordo voltaram à casa de Anselmo, onde encontraram Camila ansiosa e preocupada à espera do esposo, porque naquele dia demorara mais que de costume.

Lotário foi para casa, e Anselmo ficou tão contente como ele pensativo, sem saber o que fazer para se sair bem daquele caso impertinente. Mas naquela noite atinou com o modo de enganar Anselmo sem ofender Camila, e no dia seguinte foi almoçar com seu amigo. Foi bem recebido por Camila, que o acolhia com a maior boa vontade, por conhecer a afeição que seu esposo tinha por ele.

Quando acabaram de almoçar e tirar a mesa, Anselmo disse a Lotário que ficasse ali com Camila enquanto ele ia resolver um negócio urgente, que dentro de uma hora e meia estaria de volta. Camila rogou ao marido que não fosse, e Lotário se ofereceu para acompanhá-lo, mas nada conseguiu com Anselmo, que, pelo contrário, insistiu para que Lotário ficasse e o aguardasse, porque tinha de tratar de um assunto muito importante com ele. Também disse a Camila que não deixasse Lotário sozinho até que voltasse. Ele realmente soube fingir tão bem a necessidade ou necedade de sua ausência que ninguém poderia perceber que era fingida. Anselmo se foi, e Camila e Lotário ficaram a sós à mesa, porque o resto das pessoas da casa fora almoçar. Lotário se viu então na enrascada que seu amigo desejava, com o inimigo pela frente — inimigo que, apenas com sua beleza, poderia vencer um esquadrão de cavaleiros armados: olhai se não era sem razão que Lotário o temia.

Mas o que fez foi apoiar o cotovelo sobre o braço da cadeira e o rosto na mão aberta e, pedindo perdão a Camila pela falta de cortesia, disse que queria repousar um pouco até que Anselmo voltasse. Camila respondeu que descansaria melhor no sofá que na cadeira, que fosse dormir nele. Lotário preferiu ficar ali. Ao voltar, Anselmo encontrou Camila em seu quarto e Lotário dormindo, e pensou que, como havia demorado muito, os dois deviam ter tido

tempo de falar e até de dormir, e não via a hora que Lotário acordasse para sair com ele e lhe perguntar por sua sorte.

Tudo aconteceu como ele quis: mal Lotário acordou, os dois saíram da casa, e então Anselmo perguntou o que tanto desejava, e Lotário respondeu que não lhe parecera acertado mostrar o jogo na primeira vez, de modo que não tinha feito outra coisa que elogiar Camila, dizendo que na cidade só se falava de sua formosura e inteligência, e que tinha achado esse um bom começo para lhe ganhar a confiança e prepará-la para que o escutasse com prazer na próxima vez, usando nisso o estratagema que o demônio usa quando quer enganar alguém muito prevenido: transforma-se em anjo de luz, mesmo ele sendo de trevas, e, surgindo com boa aparência, por fim mostra quem é e demonstra suas intenções, se sua trapaça não foi descoberta desde o princípio. Isso tudo agradou muito a Anselmo, que disse que todo dia daria a mesma oportunidade, embora não saísse de casa, porque se ocuparia de coisas que não levassem Camila a desconfiar de seu artifício.

Assim se passaram muitos dias: sem que Lotário dissesse uma palavra a Camila, respondia a Anselmo que a elogiava sempre, mas que jamais conseguia arrancar dela o menor sinal de algum sentimento suspeito, nem mesmo a sombra de uma esperança; pelo contrário, ela ameaçava contar a seu esposo, se não se livrasse daqueles maus pensamentos.

— Muito bem — disse Anselmo. — Até aqui Camila resistiu às palavras; é preciso ver como resiste às ações. Amanhã te darei dois mil escudos de ouro para que ofereças a ela, ou presenteies até, e outros tantos para que compres joias para tentá-la. As mulheres, por mais castas que sejam, costumam gostar muito de se vestir bem e se ornamentar, ainda mais se forem formosas. Se Camila resistir a essa tentação, ficarei satisfeito e não te incomodarei mais.

Lotário respondeu que, já que tinha começado, iria até o fim, apesar de sair cansado e vencido daquela empresa. No outro dia recebeu os quatro mil ducados e com eles quatro mil confusões, porque não sabia o que dizer para mentir de novo. Mas, por fim, resolveu dizer que Camila resistira tão bem aos presentes e

promessas como às palavras, e que não havia mais motivo para se cansar, que era um desperdício de tempo.

Mas o destino, que guiava as coisas de outra maneira, ordenou que Anselmo, tendo deixado Lotário e Camila a sós, como de outras vezes, se trancasse num aposento e pelo buraco da fechadura ficasse olhando e ouvindo o que acontecia com os dois. Ele viu que em mais de meia hora Lotário não disse uma palavra a Camila, nem falaria se ficasse ali um século, e se deu conta de que tudo o que seu amigo havia dito das respostas de Camila era ficção e mentira. E, para ver se era isso mesmo, saiu do aposento e, chamando Lotário à parte, perguntou pelas novidades e pela disposição de Camila. Lotário respondeu que não pensava mais levar aquele negócio adiante, porque ela respondia tão áspera e desagradavelmente que não teria ânimo para voltar a lhe dizer alguma coisa.

— Ah, Lotário, Lotário! — disse Anselmo. — Como correspondes mal ao que me deves e à confiança toda que tenho em ti! Agora mesmo estive te olhando pelo lugar que permite a entrada desta chave e vi que não disseste uma palavra a Camila. Disso concluo que ainda tens de lhe dizer as primeiras. E, se isso for verdade, como sem dúvida é, por que me enganas ou por que queres, com tua astúcia, me tirar os meios que eu poderia ter para alcançar meu desejo?

Anselmo não disse mais nada, mas bastou o que tinha dito para deixar Lotário envergonhado e confuso. Como que ferido em seu amor-próprio por ter sido pego mentindo, ele jurou a Anselmo que a partir daquele momento se encarregava de contentá-lo e não lhe mentir, como veria se tivesse curiosidade e o espiasse, ainda mais que não seria necessário usar de nenhum subterfúgio, porque ele havia imaginado um que o deixaria satisfeito, livrando-o de todas as suspeitas. Anselmo acreditou nele e, para deixá-lo mais à vontade e seguro, resolveu se ausentar por oito dias, indo para a casa de um amigo seu, que ficava numa aldeia não muito longe da cidade. Combinou com o amigo que o mandasse chamar com urgência, para justificar a Camila sua partida.

Miserável e imprudente Anselmo! O que fazes? O que tramas? O que ordenas? Olha o que fazes contra ti mesmo, tramando tua desonra e ordenando tua perdição. Tua esposa Camila é uma boa mulher; tu a tens pacata e serenamente; ninguém ameaça tua satisfação; os pensamentos dela não ultrapassam as paredes de tua casa; para ela, tu és o céu na terra, o alvo de seus desejos, a realização de seus anseios e a medida de sua vontade, ajustando-a em tudo à tua e à do céu. Pois se a mina de sua honra, formosura, honestidade e recato te dá sem nenhum trabalho toda a riqueza que encerra e tu podes desejar, para que queres cavar a terra e buscar novos veios de um novo e incrível tesouro, arriscando que tudo venha abaixo, porque afinal se sustenta sobre as bases frágeis de sua débil natureza? Olha, é justo que o possível seja negado a quem busca o impossível, como disse melhor um poeta:

Busco na morte a vida,
saúde na doença,
na prisão, liberdade,
no fechado, saída
e, no traidor, lealdade.
Mas minha sorte, de quem
jamais espero algum bem,
com o céu estabeleceu
que, se o impossível peço,
nem o possível me deem.[c]

Anselmo foi para a aldeia no dia seguinte, dizendo a Camila que, durante o tempo em que estivesse ausente, Lotário viria olhar pela casa e almoçar com ela, que tivesse o cuidado de tratá-lo como à sua própria pessoa. Camila, mulher sensata e honrada, ficou aflita com a ordem do marido e disse a ele que notasse que não ficava bem que outro homem ocupasse a cadeira de sua mesa com ele ausente. Disse também que, se agia assim por não confiar que ela saberia governar a casa, experimentasse aquela vez e veria como se bastava até para responsabilidades maiores. Anselmo respondeu

que aquela era sua vontade e que nada mais tinha a fazer que baixar a cabeça e obedecê-lo. Camila disse que assim o faria, embora a contragosto.

Tendo Anselmo partido, no outro dia Lotário veio à sua casa, onde foi recebido por Camila com afetuosa e honesta consideração, mas jamais ficando onde Lotário pudesse vê-la a sós, porque sempre andava rodeada por seus criados e criadas, especialmente por uma aia chamada Leonela, de quem gostava muito, por terem as duas se criado juntas desde meninas na casa dos pais de Camila, que a trouxe consigo quando se casou com Anselmo. Nos três primeiros dias, Lotário não disse nada, embora pudesse, quando se tirava a mesa e os criados saíam a toda pressa para comer, porque assim Camila havia determinado. Leonela tinha recebido ordens para almoçar antes de Camila e de jamais abandoná-la, mas a moça, que andava com o pensamento em outras coisas de seu agrado e necessitava daqueles instantes para se ocupar delas, nem sempre cumpria a resolução de sua senhora, deixando-os sós, como se isso lhe tivessem mandado. Mas a presença recatada de Camila, a gravidade de seu rosto, a dignidade de sua pessoa eram tantas que freavam a língua de Lotário.

Mas o bem que as muitas virtudes de Camila fizeram, silenciando a língua de Lotário, acabou por prejudicar mais os dois, porque, se a língua calava, o pensamento corria solto e havia tempo para se contemplar, ponto por ponto, todas as extremas qualidades e formosuras de Camila, suficientes para apaixonar uma estátua de mármore, quanto mais um coração de carne.

No tempo em que devia falar com ela, Lotário a olhava — e considerava como era digna de ser amada, pensamento que começou pouco a pouco a corroer o respeito que tinha por Anselmo. Mil vezes quis ir embora da cidade, ir para onde Anselmo jamais o visse nem ele visse Camila, mas o prazer que encontrava em olhá-la o impedia e retinha. Esforçava-se e lutava consigo mesmo para afastar e não sentir a alegria que tinha ao contemplar Camila; sozinho, culpava-se por seu desatino; chamava-se mau amigo e inclusive mau cristão; argumentava e fazia comparações entre ele e Anselmo, mas concluía sempre que a loucura e confiança de

Anselmo haviam sido piores que sua fidelidade hesitante, e, se assim estivesse desculpado pelo que pretendia fazer, tanto perante Deus como perante os homens, não temeria castigo por sua culpa.

Efetivamente, a formosura e a meiguice de Camila, aliadas às circunstâncias que o marido ignorante lhe pusera nas mãos, deram com a lealdade de Lotário por terra; e, sem olhar outra coisa que aquela a que seu desejo o arrastava, ao fim de três dias da ausência de Anselmo, quando esteve em batalha contínua para resistir à tentação, começou a cortejar Camila, com tanta timidez e com palavras tão amorosas que ela ficou surpresa e não fez nada além de se levantar de onde estava e ir para seu quarto sem lhe responder coisa alguma. Mas essa secura não desencorajou a esperança de Lotário — esperança que sempre nasce juntamente com o amor —, pelo contrário, ele estimou Camila mais ainda. Ela, vendo em Lotário o que jamais imaginara, não sabia o que fazer, mas, considerando não ser coisa segura nem conveniente dar outra chance para que lhe falasse, decidiu enviar naquela mesma noite, como realmente o fez, um criado seu com um bilhete a Anselmo, onde lhe escreveu estas palavras:

a *Crece el dolor y crece la vergüenza/ en Pedro, cuando el día se ha mostrado,/ y aunque allí no ve a nadie, se avergüenza/ de sí mismo, por ver que había pecado:/ que a un magnánimo pecho a haber vergüenza/ no sólo ha de moverle el ser mirado,/ que de sí se avergüenza cuando yerra,/ si bien otro no ve que cielo y tierra.*

b *Es de vidrio la mujer,/ pero no se ha de probar/ si se puede o no quebrar,/ porque todo podría ser.// Y es más fácil el quebrarse,/ y no es cordura ponerse/ a peligro de romperse/ lo que no puede soldarse.// Y en esta opinión estén/ todos, y en razón la fundo:/ que si hay Dánaes en el mundo,/ hay pluvias de oro también.*

c *Busco en la muerte la vida,/ salud en la enfermedad,/ en la prisión libertad,/ en lo cerrado salida/ y en el traidor lealtad./ Pero mi suerte, de quien/ jamás espero algún bien,/ con el cielo ha estatuido/ que, pues lo imposible pido,/ lo posible aun no me den.*

XXXIV

onde se prossegue a história do "curioso impertinente"

> Assim como se costuma dizer que são maus o exército sem general e o castelo sem castelão, eu digo que me parece muito pior a mulher casada e moça sem seu marido, quando razões justas não o impedem. Eu me encontro tão mal sem vós e tão impossibilitada de suportar esta ausência que, se não voltardes logo, terei de ir para a casa de meus pais, mesmo que deixe a vossa sem guardião, porque me parece que o que me deixastes, se é que merece esse título, olha mais por sua satisfação que pelo que vos diz respeito. Como sois inteligente, nada mais tenho a vos dizer, nem fica bem que vos diga mais.

Por essa carta, Anselmo entendeu que Lotário já havia começado a empresa e que Camila havia reagido como ele desejava; muito alegre com essas notícias, respondeu a Camila, por um mensageiro, que não se mudasse de casa de jeito nenhum, porque ele voltaria em seguida. Camila ficou surpresa com a resposta de Anselmo, que a deixou mais confusa que antes, porque nem se atrevia a ficar em casa nem ir para a dos pais — numa situação sua honestidade corria perigo, na outra desobedecia às ordens de seu esposo.

Por fim se decidiu pelo pior, que foi ficar, determinada a não fugir da presença de Lotário, para não dar o que falar a seus criados, e já a preocupava ter escrito o que escrevera a seu esposo, temerosa de que pensasse que Lotário havia visto nela alguma leviandade que o

tivesse levado a não lhe guardar o devido respeito. Mas, confiante na própria pureza e em suas boas intenções, entregou-se a Deus, pensando resistir em silêncio a tudo que Lotário quisesse lhe dizer, sem contar mais nada ao marido, para não o levar a alguma discórdia e sofrimento; e até andava procurando uma maneira de desculpar Lotário, quando Anselmo lhe perguntasse sobre o que a tinha levado a escrever aquela carta. Com esses pensamentos, mais honrados que corretos ou vantajosos, passou outro dia ouvindo Lotário, que insistiu tanto que a firmeza de Camila começou a vacilar, e sua honestidade teve muito que fazer para chegar aos olhos e não permitir que transparecesse alguma compaixão amorosa que as lágrimas e as palavras de Lotário haviam despertado em seu peito. Lotário percebia isso tudo, e isso tudo o inflamava.

Então ele achou que era preciso, aproveitando a ausência de Anselmo, apertar o cerco àquela fortaleza: assim atacou o orgulho dela com os elogios de sua formosura, porque não há coisa que penetre e renda mais depressa as torres fortificadas da vaidade das formosas que a própria vaidade, posta nas línguas da adulação. Realmente, ele, com todo o empenho, minou a rocha de sua inteireza com tais ferramentas que Camila não resistiria mesmo que fosse de bronze. Lotário chorou, rogou, prometeu, adulou, insistiu e fingiu com tanta emoção que deu por terra com o recato de Camila e veio a ganhar o que menos esperava e mais desejava.

Rendeu-se Camila, Camila se rendeu — mas qual a vantagem, se a amizade de Lotário não ficou de pé? Exemplo claro que nos mostra que só se vence a paixão amorosa fugindo dela e que ninguém deve encarar inimigo tão poderoso, porque é preciso forças divinas para vencer as humanas.

Apenas Leonela soube da fraqueza de sua senhora, porque os dois maus amigos e novos amantes não puderam dissimular. Lotário não quis contar a Camila o plano de Anselmo, nem que ele havia lhe dado a oportunidade de chegar àquele ponto, para que não julgasse menor seu amor e achasse que, por acaso e sem pensar, e não de propósito, a tinha cortejado.

Anselmo voltou dali a poucos dias e não se deu conta do que faltava em casa: o que menos tinha e mais estimava. Em seguida foi ver Lotário e o achou em casa; os dois se abraçaram, e Anselmo perguntou pelas notícias de sua vida ou de sua morte.

— As notícias que posso te dar, meu amigo Anselmo — disse Lotário —, são de que tens uma mulher que dignamente pode ser exemplo e meta de todas as boas mulheres. As palavras que eu disse a ela foram levadas pelo vento; as promessas foram desprezadas, os presentes recusados; minhas lágrimas fingidas foram motivo de grande zombaria. Em resumo, assim como Camila é a soma de toda beleza, é a morada onde reside a honestidade e vive o comedimento e o recato e todas as virtudes que podem tornar louvável e feliz uma mulher honrada. Toma teu dinheiro de volta, meu amigo, que aqui o tenho, sem ter precisado tocar nele, que a integridade de Camila não se rende a coisas tão baixas como presentes e promessas. Alegra-te, Anselmo, e não queiras mais provas que essas; e, como atravessaste com pés enxutos o mar das dificuldades e suspeitas que se costumam e podem se ter das mulheres, não queiras entrar outra vez nas águas profundas de novos inconvenientes, nem queiras fazer experiências com outro piloto da qualidade e fortaleza do navio que o céu por sorte te deu para que nele cruzasses o mar deste mundo. Faz de conta que estás já em porto seguro, lança as âncoras da boa consideração e deixa-te estar até que te venham cobrar a dívida que não há fidalguia humana que possa se negar a pagar.

Anselmo ficou contentíssimo com as palavras de Lotário e acreditou nelas como se tivessem sido ditas por um oráculo, mas, apesar de tudo, implorou a ele que não abandonasse a empresa, ainda que fosse apenas por curiosidade e diversão, sem se valer dali por diante de expedientes tão tenazes como até aquele momento, e que só queria que escrevesse alguns versos elogiosos para ela, sob o nome de Clori, pois ele daria a entender a Camila que o amigo andava apaixonado por uma dama a quem havia posto esse nome, para poder celebrá-la com o decoro que se devia a sua honestidade. E, se Lotário não quisesse se dar ao trabalho de escrever os ditos versos, ele mesmo os faria.

— Não, isso não será necessário — disse Lotário —, pois as musas não são tão inimigas minhas que não me visitem algumas vezes por ano. Fala a Camila sobre o fingimento de meus amores que farei os versos: se não forem tão bons quanto ela merece, pelo menos serão os melhores que eu puder.

Assim ficaram de acordo o impertinente e o amigo traidor. Voltando para casa, Anselmo perguntou a Camila o que ela já achava estranho que ainda não tivesse perguntado: o que havia acontecido para que escrevesse o bilhete enviado? Camila respondeu que achara que Lotário a olhava com mais atrevimento que quando ele estava em casa, mas já não acreditava mais nisso e pensava que tinha sido imaginação sua, pois em seguida Lotário passou a evitar vê-la e ficar sozinho com ela. Anselmo disse que não precisava ficar preocupada com aquela suspeita, porque ele sabia que Lotário andava apaixonado por uma donzela muito distinta da cidade, a quem ele celebrava sob o nome de Clori, mas que, mesmo que não estivesse, não precisava ter medo da sinceridade de Lotário e da grande amizade que tinham entre eles. E, se Camila não houvesse sido avisada por Lotário que eram fingidos aqueles amores com Clori, e que ele dissera a Anselmo para poder se ocupar com os elogios à própria Camila, ela sem dúvida cairia na desesperada rede dos ciúmes; mas, por ter sido avisada, recebeu a notícia sem susto nem aflição.

No dia seguinte, estando os três na hora da sobremesa, Anselmo implorou a Lotário que recitasse alguma coisa das que escrevera para sua amada Clori, pois, como Camila não a conhecia, ele podia dizer sem preocupações o que quisesse.

— Mesmo que a conhecesse — respondeu Lotário —, eu não ocultaria nada, porque, quando um apaixonado canta sua dama por formosa e a tacha de cruel, não faz nenhuma afronta a sua boa reputação. Mas, seja como for, o que posso dizer é que ontem fiz um soneto à ingratidão dessa Clori. É assim:

soneto

No silêncio da noite, quando
aos mortais ocupa o doce sono,
a pobre conta de meus ricos males
ao céu e a minha Clori estou prestando.

E na hora em que o sol vai se mostrando
pelas rosadas portas orientais,
com suspiros e em tons desiguais
a antiga queixa vou renovando.

E quando o sol, de seu trono brilhante
retos raios à terra envia,
o pranto cresce e dobro os gemidos.

Volta a noite, e volto à triste conta
e sempre acho, em minha luta mortal,
o céu surdo e Clori sem ouvidos.[a]

Camila gostou do soneto, mas Anselmo muito mais, pois o elogiou e disse que era demasiado cruel a dama que não correspondia a verdades tão evidentes. Ao que Camila disse:

— Então, tudo o que os poetas apaixonados dizem é verdade?

— Não, como poetas não a dizem — respondeu Lotário. — Mas, como apaixonados, sempre ficam tão parcos como verdadeiros.

— Sem dúvida — replicou Anselmo, tudo para apoiar e confirmar os pensamentos de Lotário com Camila, tão ignorante do estratagema de Anselmo quanto apaixonada por Lotário.

E assim, com o prazer que tinha pelas coisas dele e mais, tendo percebido que seus desejos e escritos se dirigiam a ela, que ela era a verdadeira Clori, pediu a Lotário que, se soubesse outro soneto ou outros versos, que os recitasse.

— Sei sim — respondeu Lotário —, mas não acho que seja tão bom como o primeiro, ou, digamos melhor, menos ruim. Bem, podeis julgá-lo, pois é este:

soneto

Eu sei que morro e, como não me acreditam,
a morte é mais certa, como é mais certo
ver-me morto a teus pés, oh, bela ingrata!
antes que arrependido de te adorar.
Poderei me ver na região do esquecimento,
de vida e glória e de favor privado,
e ali poderá se ver em meu peito aberto
como teu formoso rosto está esculpido.

Que esta relíquia guardo para a dura
aflição que ameaça minha luta,
que em teu próprio rigor se fortalece.

Ai daquele que navega, o céu escuro,
por mar ignoto e caminho perigoso,
onde norte ou porto não se oferece![b]

Anselmo também elogiou esse segundo soneto como havia feito com o primeiro — assim fortalecia, elo a elo, a corrente com que enlaçava e sujeitava sua própria desonra, pois, quanto mais Lotário o desonrava, mais lhe dizia que era honrado; assim, a cada degrau que Camila descia para o centro de seu menosprezo, na opinião de seu marido subia ao topo da virtude e de sua boa reputação.

Aconteceu uma vez, entre outras, que Camila disse a sua aia, ao se verem sozinhas:

— Estou envergonhada, amiga Leonela, de ver como me valorizei pouco, pois nem mesmo fiz Lotário comprar com o tempo a posse completa de minha vontade, entregando-a tão prontamente. Temo que desdenhe minha pressa ou leviandade, sem considerar a força com que quebrou minha resistência.

— Não te preocupes com isso, minha senhora — respondeu Leonela —, que o valor de algo não sobe nem desce por ser dado rápido, se o que se dá é realmente bom e por si só digno de ser

apreciado. E, como se costuma dizer, quem dá antes dá duas vezes.

— Mas também costuma se dizer — disse Camila — que aquilo que custa pouco é menos estimado.

— Esse ditado não serve para ti — respondeu Leonela —, porque o amor, pelo que ouvi dizer, às vezes voa, às vezes anda: com este corre e com aquele se arrasta; a uns amorna e a outros, abrasa; a uns fere e a outros, mata; num mesmo ponto começa a corrida de teus desejos e naquele mesmo ponto ela se esgota e acaba; pela manhã se cerca uma fortaleza e à noite ela está rendida, porque não há força que resista a ele. Então, de que te espantas ou o que temes, se o mesmo deve ter acontecido com Lotário, tendo o amor tomado a ausência de meu senhor como instrumento para rendê-los? E era forçoso que nessa ausência ocorresse o que o amor tinha determinado, sem dar tempo ao tempo para que Anselmo pudesse voltar e com sua presença deixar a obra inacabada; porque o amor não tem melhor agente para executar o que deseja que a oportunidade: da oportunidade se serve em todas as suas façanhas, principalmente no início. Conheço isso tudo muito bem, mais por experiência que por ouvir dizer, e algum dia te contarei, minha senhora, pois também sou jovem e de carne e osso.

“Ainda mais, senhora Camila, que não te entregaste tão depressa assim, sem antes ter visto nos olhos, nos suspiros, nas palavras, nas promessas e nos presentes de Lotário toda a alma dele, vendo nela e em suas virtudes o quanto Lotário era digno de ser amado. Então, se isso é verdade, não permitas que te assaltem a mente esses escrúpulos melindrosos, mas te assegures de que Lotário te ama como tu o amas, e vive alegre e satisfeita porque, já que caíste no laço amoroso, quem te cinge é cavalheiro digno e valioso, e que não só é sábio, solitário, solícito e segredista, enfim, não só tem os quatro ‘s’ que dizem que devem ter os bons amantes, como todo um abc inteiro: se não, ouve-me e verás que te digo de cor. Ele é, pelo que eu vi e me pareceu, agradecido, bom, cavalheiro, dadivoso, enamorado, firme, galante, honrado, ilustre, leal, moço, nobre, honesto, portentoso, querido, rico e, além dos ‘s’ mencionados,

tácito e verdadeiro. O ‘x’ não lhe cai bem, porque é letra áspera; o ‘y’ já está no ‘i’; o ‘z’, em zeloso de tua honra.”

Camila riu do abc da aia e achou-a mais experiente nas coisas do amor do que admitia, e então ela confessou, revelando a Camila que mantinha amores com um moço bem-nascido, da mesma cidade. Camila se perturbou, com medo que esse fosse o caminho por onde sua honra podia correr perigo, e apertou a moça para saber se suas conversas não passavam disso. Ela, com pouca vergonha e muita desenvoltura, respondeu que passavam sim — porque é coisa sabida que os descuidos das patroas acabam com a vergonha das criadas, que, ao vê-las tropeçar, não se importam de coxear nem que se fique sabendo.

Camila não pôde fazer mais nada que implorar a Leonela que não contasse nada àquele que dizia ser seu amante, que mantivesse seu caso em segredo, para que não chegasse ao conhecimento de Anselmo nem ao de Lotário. Leonela respondeu que assim faria, mas agiu de maneira que confirmou o temor de Camila de que por ela havia de se perder sua reputação. Porque a desonesta e petulante Leonela, depois de ver que o comportamento de sua patroa não era mais o mesmo, se atreveu a deixar o amante entrar na casa, confiando em que, ainda que sua senhora o visse, não ousaria reclamar. Pois essa miséria, entre outras, acarreta os pecados das senhoras: tornam-se escravas de suas próprias criadas e se obrigam a desculpar suas desonestidades e vilezas, como aconteceu com Camila, que, embora tenha visto muitas e muitas vezes que Leonela estava com o amante num quarto de sua casa, não só não tinha coragem de ralhar com ela, como até a ajudava a escondê-lo, eliminando todos os estorvos, para que não fosse descoberto por seu marido.

Mas não pôde evitar que Lotário o visse sair uma vez ao raiar do dia. E ele, sem saber quem era, pensou primeiro que devia ser algum fantasma, mas, ao vê-lo caminhar, embuçar-se e ocultar-se com cuidado e prudência, caiu daquele pensamento simplório e foi parar em outro, que seria a perdição de todos se Camila não desse um jeito. Lotário achou que o homem que tinha visto sair tão fora de hora da casa de Anselmo não havia entrado lá por Leonela, nem

mesmo se lembrou que Leonela existia: só pensou que Camila, da mesma forma que fora fácil e leviana com ele, agora o era com outro, pois consequências assim traz consigo a maldade de uma mulher pecadora, que tem sua honra desacreditada com aquele mesmo a quem a entregou, cortejada e seduzida; e ele ainda pensa que ela se entrega a outros com mais facilidade e confia infalivelmente em qualquer suspeita que tenha disso. Ao que parece, nesse ponto Lotário perdeu todo e qualquer bom senso e se evaporou da mente dele toda a inteligência, pois, sem ter um pensamento que prestasse ou fosse razoável, sem mais nem menos, antes que Anselmo se levantasse, impaciente e cego pela raiva ciumenta que lhe consumia as entranhas, morrendo de vontade de se vingar de Camila, que em nada o tinha ofendido, foi ver Anselmo e lhe disse:

— Olha, Anselmo, há muitos dias ando lutando comigo mesmo, fazendo força para não te dizer o que já não é possível nem justo que te oculte mais. Sabe que a fortaleza de Camila foi conquistada e está sujeita a tudo aquilo que eu quiser fazer com ela; e, se demorei a te revelar essa verdade, foi para ver se não era algum capricho seu, ou se o fazia para me pôr à prova e ver se eu tratava com propósito firme os amores que comecei com tua licença. Acreditei também que ela, se fosse quem devia e que nós dois achávamos, já teria te falado de meus galanteios; mas, tendo visto que se demora, penso que são verdadeiras as promessas que me fez de me falar no quarto onde guarda suas roupas — e era ali mesmo que costumava falar com Camila —, quando outra vez te ausentares de casa. E não quero que corras precipitadamente a perpetrar alguma vingança, pois o pecado ainda não foi cometido a não ser em pensamento, e poderia ser que daqui até lá o pensamento de Camila mudasse e em seu lugar nascesse o arrependimento. Então, já que em tudo ou em parte tens seguido sempre meus conselhos, acata e segue um que te darei agora, para que sem engano e com prudência receosa te satisfaças com aquilo que mais te convir. Finge que te ausentas por dois ou três dias, como de outras vezes, e fica escondido naquele quarto, pois as tapeçarias e outras coisas que há ali podem te ocultar com muita facilidade, e então verás com teus próprios

olhos, e eu com os meus, o que Camila quer; se for a maldade que se pode temer antes que esperar, em silêncio, com sagacidade e cautela poderás ser o carrasco de tua desgraça.

As palavras de Lotário deixaram Anselmo alheado de surpresa e assombro, porque o pegaram quando menos as esperava: já tinha Camila por vencedora dos ataques fingidos de Lotário e começava a desfrutar da glória do triunfo. Esteve calado por um bom tempo, olhando para o chão, sem mover uma pestana, mas por fim disse:

— Tu fizeste, Lotário, como eu esperava de tua amizade; vou seguir teu conselho em tudo: faz o que quiseres e guarda aquele segredo que julgares conveniente em caso tão impensado.

Lotário concordou e, afastando-se dele, se arrependeu totalmente de tudo que tinha dito, percebendo como havia agido como um tolo, pois ele poderia se vingar de Camila, mas não de um modo tão cruel e tão infame. Amaldiçoava o próprio julgamento, acusava a leviandade de sua decisão e não sabia de que modo desfazer o que estava feito ou achar uma saída razoável. Por fim, resolveu contar tudo a Camila; e, como não faltava oportunidade, naquele mesmo dia encontrou-a sozinha, e ela, mal viu que podia falar com ele, disse:

— Olha, amigo Lotário, tenho uma agonia que me aperta o coração de um jeito que parece que ele quer arrebentar no peito, e será uma surpresa se não o fizer, pois a falta de vergonha de Leonela chegou a tanto que toda noite se encerra com seu amante nesta casa e fica com ele até de manhã, à custa de minha reputação, tanto que, se alguém o vir saindo de minha casa em hora tão inusitada, terá campo livre para pensar o que bem quiser. E o que me aflige é que não posso castigá-la nem ralhar com ela, pois, sendo a guardiã de nossos segredos, me pôs um freio na boca para calar os seus, e temo que disso nasça alguma desgraça.

No começo, Lotário achou que o que Camila dizia era um artifício para aparentar que o homem que ele havia visto sair era de Leonela, não seu; mas, vendo-a chorar e se afligir, pedindo ajuda, veio a acreditar na verdade e, acreditando, se sentiu confuso e arrependido de tudo. No entanto, respondeu a Camila que não se preocupasse, que ele daria um jeito de acabar com a insolência de

Leonela. Disse-lhe também o que, instigado pela furiosa raiva dos ciúmes, tinha dito a Anselmo e como tinham combinado de ele se esconder no quarto para ver às claras a falta de lealdade dela. Pediu-lhe perdão por essa loucura e conselho para poder remediá-la e sair bem de labirinto tão emaranhado como esse em que suas miseráveis palavras o haviam posto.

Camila ficou espantada ao ouvir Lotário e, com muita exasperação, porém com muitas palavras sensatas, repreendeu e censurou sua péssima opinião dela e a decisão simplória e má que havia tomado; mas, como a mulher tem naturalmente a inventiva mais rápida que o homem, tanto para o bem como para o mal, embora costume lhe faltar de propósito quando se põe a argumentar, num instante Camila achou um modo de remediar esse caso que parecia tão irremediável, e disse a Lotário que desse um jeito para que Anselmo se escondesse no outro dia onde tinham combinado, porque ela pensava aproveitar a situação para dali por diante os dois se divertirem sem susto algum. E, sem revelar de todo suas intenções, o preveniu para ter cuidado: estando Anselmo escondido, devia vir quando Leonela o chamasse e responder a tudo o que ela lhe dissesse como responderia mesmo que não soubesse que Anselmo o escutava. Lotário insistiu que ela revelasse seu intuito, para fazer tudo o que visse ser necessário com mais tino e segurança.

— Não precisa saber mais nada, apenas responder ao que eu te perguntar — disse Camila, não querendo contar antecipadamente o que pretendia fazer, receosa de que ele não quisesse seguir o plano que a ela parecia tão bom e tentasse outros que poderiam ser piores.

Depois disso Lotário se foi; e Anselmo, no outro dia, com o pretexto de ir àquela aldeia de seu amigo, partiu e voltou para se esconder, o que pôde fazer com facilidade, porque Camila e Leonela a proporcionaram de propósito.

Então Anselmo, escondido com aquela ansiedade que bem se pode imaginar em quem esperava ver com os próprios olhos fazerem farrapos das entranhas de sua honra, via-se a pique de perder o bem mais precioso que ele pensava que tinha em sua

querida mulher. Camila e Leonela, seguras e certas de que Anselmo estava no esconderijo, entraram no quarto; e, mal havia posto os pés nele, Camila, dando um grande suspiro, disse:

— Ai, minha amiga Leonela! Não seria melhor, antes que eu executasse o que não quero que saibas, para que não procures impedi-lo, que pegasses a adaga de Anselmo que te pedi e trespassasses com ela este meu peito infame? Mas não, não faças isso, que não há razão para que eu seja castigada pela culpa alheia. Primeiro quero saber o que viram em mim os olhos atrevidos e desonestos de Lotário que pudesse instigar nele o descaramento a ponto de me declarar seu tão mau desejo, desprezando seu amigo e minha honra. Vai até essa janela e chama-o, Leonela, porque sem dúvida ele deve estar na rua, à espera para executar suas más intenções. Mas antes executarei a minha, tão cruel quanto honrada.

— Ai, minha senhora! — respondeu a sagaz e prevenida Leonela. — E o que queres fazer com esta adaga? Por acaso queres te matar ou matar Lotário? Qualquer uma dessas coisas causará teu descrédito, a perda de tua reputação. É melhor que disfarces tua desgraça e não dês oportunidade para que esse malfeitor entre agora nesta casa e nos encontre sozinhas. Olha, senhora, somos mulheres fracas, e ele é homem e decidido: como vem com aquele propósito vil, cego e apaixonado, quem sabe, antes que tu consigas fazer alguma coisa, ele terá feito o que seria muito pior que a morte. Desgraçado seja meu senhor Anselmo, que abriu as portas da casa a esse canalha! E, depois que o matares, senhora, como penso que pretendes, o que faremos com o cadáver?

— Ora, minha amiga — respondeu Camila —, deixaremos para que Anselmo o sepulte, pois será justo que tenha por descanso o trabalho de pôr sua própria infâmia embaixo da terra. Vai logo, chama-o, que todo o tempo que levo para vingar meu ultraje parece que ofendo a lealdade que devo a meu esposo.

Anselmo escutava tudo isso e, a cada palavra que Camila dizia, seus pensamentos se alteravam; mas, quando entendeu que ela estava disposta a matar Lotário, desejou sair do esconderijo, para que não fizesse uma coisa dessas, mas foi detido pelo desejo de ver

até aonde ia determinação tão corajosa e honesta, com o propósito de se mostrar a tempo de impedi-la.

Nisso, Camila caiu desmaiada, e Leonela, jogando-se sobre uma cama que estava ali, começou a chorar amargamente e a dizer:

— Pobre de mim, se me acontece a desgraça de morrer entre meus braços a flor da honestidade do mundo, a meta das mulheres honestas, o exemplo da castidade…

Leonela continuou com outras coisas semelhantes a essas. Ninguém a ouviria sem a considerar a mais aflita e leal aia do mundo, e sua senhora por uma nova e perseguida Penélope.

Camila pouco demorou para se recuperar do desmaio e, ao voltar a si, disse:

— Leonela, por que não vais chamar o mais desleal amigo de quantos amigos viu o sol ou encobriu a noite? Vai, anda, corre, apressa-te: não sufoques com a demora o fogo de minha cólera nem deixes que se apague em ameaças e pragas a justa vingança que espero.

— Já vou chamá-lo, minha senhora — disse Leonela —, mas antes deves me dar essa adaga, para que não faças nada durante minha ausência que leve todos os que te amam a chorar pelo resto da vida.

— Não te preocupes, Leonela, não farei — respondeu Camila —, porque, apesar de em tua opinião eu ser capaz de me tornar imprudente e simplória por causa de minha honra, nunca me tornarei tanto como aquela Lucrécia de quem contam que se matou sem ter cometido erro nenhum e sem ter matado antes o causador de sua desgraça. Se eu morrer, morrerei satisfeita, vingada de quem me trouxe aqui para chorar seus atrevimentos, nascidos sem nenhuma culpa minha.

Leonela muito se fez de rogada, mas por fim foi chamar Lotário; enquanto isso, Camila ficou dizendo, como se falasse consigo mesma:

— Valha-me Deus! Não teria sido melhor ter despedido Lotário, como fiz muitas outras vezes, em vez de correr o risco, como agora, de que me considere má e desonesta, mesmo que seja durante esse tempo que vou levar para desenganá-lo? Seria melhor, sem

dúvida, mas eu não seria vingada nem a honra de meu marido ficaria quite se eu lavasse as mãos e ele saísse de alma leve de onde seus maus pensamentos o levaram. Pague o traidor com a vida o que tentou com desejo tão lascivo: saiba o mundo, se por acaso chegar a sabê-lo, que Camila não só manteve a lealdade a seu esposo como o vingou daquele que se atreveu a ofendê-lo. Mesmo assim, acho que seria melhor contar tudo a Anselmo; mas já sugeri na carta que lhe mandei à aldeia, e ele não veio tomar satisfação pela afronta; penso que de pura bondade e confiança não quis nem pôde acreditar que no peito de seu grande amigo pudesse caber qualquer tipo de pensamento contra sua honra; nem eu mesma acreditei por muitos dias, nem o acreditaria jamais, se sua insolência não chegasse a tanto, se os presentes ostensivos, as promessas intermináveis e as lágrimas contínuas não tivessem me convencido. Mas para que desfio agora todas essas razões? Por acaso uma decisão corajosa necessita de argumentos? Não, claro que não. Então, fora traidores! Para cá, vingança! Que entre o falso: venha, chegue, morra. Será o fim, aconteça o que acontecer! Cheguei pura ao homem que o céu me concedeu e pura vou permanecer; quando muito, banhada em meu sangue casto e no sangue impuro do amigo mais falso que a amizade viu no mundo.

Enquanto dizia isso, andava pelo quarto com a adaga desembainhada, dando passos tão frenéticos e desorientados, fazendo tais gestos que parecia ter perdido o juízo e que não era mulher delicada, mas um valentão desesperado.

Anselmo observava tudo, oculto atrás de umas tapeçarias onde havia se escondido, e de tudo se surpreendia. Já pensava que tinha visto e ouvido o suficiente para apaziguar suspeitas maiores e que a prova da vinda de Lotário não era necessária, temendo algum desastre repentino. Estava para se manifestar e sair, abraçar e dissuadir sua esposa, mas se deteve porque viu que Leonela voltava com Lotário pela mão.

Mal o viu, Camila riscou o assoalho diante de si com a adaga e disse:

— Lotário, ouve bem o que te digo: se por acaso te atreveres a cruzar esta linha ou até te aproximares dela, no mesmo instante em

que eu vir que irás tentar, trespassarei meu peito com esta adaga. E, antes que me digas uma palavra, quero que ouças algumas outras; depois responderás como quiseres. Primeiro, Lotário, quero que me digas se conheces Anselmo, meu marido, e que opinião tens dele; e, segundo, quero saber também se conheces a mim. Responde-me isso e não te embaraces nem penses muito, porque não te pergunto nada difícil.

Lotário não era tão estúpido que, desde quando Camila lhe disse que tratasse de esconder Anselmo, não houvesse se dado conta do que ela pensava fazer e, assim, se ajustou a sua intenção tão astuta e prontamente que os dois fizeram aquela mentira passar pela mais pura verdade. Então respondeu a Camila desta maneira:

— Eu não pensei, formosa Camila, que me chamavas para me perguntar coisas tão diferentes da intenção com que venho aqui. Se o fazes para retardar os favores prometidos, poderias adiá-los de mais longe, porque quanto mais perto está o bem desejado mais atormenta a esperança de possuí-lo. Mas, para que não digas que não respondo a tuas perguntas, digo que conheço teu esposo Anselmo: nós dois nos conhecemos desde nossos anos mais tenros; e não preciso dizer o que tu tão bem sabes de nossa amizade, para não me tornar testemunha da injúria que o amor me faz cometer, desculpa poderosa de erros maiores. Eu te conheço também e te quero tanto quanto ele te quer, pois, se não fosse assim, por menos predicados que os teus eu não haveria de ir contra o que devo ser por ser quem sou e contra as próprias leis santas da verdadeira amizade, que rompi e violei agora por causa de tão poderoso inimigo como o amor.

— Se confessas isso — respondeu Camila —, inimigo mortal de tudo aquilo que justamente merece ser amado, com que cara ousas aparecer diante de quem sabes que é o espelho onde se olha aquele em quem deverias te olhar, para que visses como o ofendes com tão poucos motivos? Ai, desgraçada de mim, agora me dou conta do que te fez levar em tão pouca conta o que a ti mesmo deves: só pode ter sido alguma leviandade minha, que não quero chamar desonestidade, pois não procedeu de uma decisão deliberada, mas de algum descuido daqueles que as mulheres, que

pensam que não têm de quem se prevenir, costumam cometer inadvertidamente. Se não, diz-me: quando, oh, traidor!, respondi a tuas súplicas com alguma palavra ou sinal que pudesse despertar em ti alguma sombra de esperança de realizar teus desejos infames? Quando tuas palavras amorosas não foram desprezadas e censuradas pelas minhas com rigor e aspereza? Quando acreditei em tuas muitas promessas? Quando foram aceitos teus presentes maiores ainda? Mas, como me parece que ninguém pode perseverar na intenção amorosa por longo tempo, se não for sustentado por alguma esperança, quero me atribuir a culpa de tua impertinência, pois sem dúvida algum descuido meu sustentou por tanto tempo tua atenção, e por isso quero me castigar e sofrer a pena que tua culpa merece. E para que visses que, sendo comigo mesma tão impiedosa, não era possível deixar de sê-lo contigo, quis te trazer para testemunhar o sacrifício que penso fazer à honra ofendida de meu digno marido, injuriado por ti com a maior aplicação que te foi possível, e de mim também com o pouco recato que tive de evitar a oportunidade, se alguma te dei, de favorecer e considerar boas tuas más intenções. Afirmo de novo que as suspeitas que tenho de que algum descuido meu engendrou em ti tão desvairados pensamentos é a que mais me aflige e a que eu mais desejo castigar com minhas próprias mãos, porque, castigando-me outro carrasco, talvez se tornasse mais pública minha culpa. Mas, antes de fazer isso, quero matar morrendo: levar comigo quem enfim me sacie o desejo de vingança que tenho e concebo, vendo aí, onde quer que eu vá, a pena que a justiça desinteressada e inflexível dá a quem me pôs em situação tão desesperada.

E, dizendo essas palavras, com rapidez e força incríveis arremeteu contra Lotário com a adaga desembainhada, dando tantas mostras de querer cravá-la em seu peito que ele quase teve dúvida se aquelas demonstrações eram falsas ou verdadeiras, pois foi obrigado a se valer de sua astúcia e de sua força para impedir que Camila o ferisse. Ela fingia tão vivamente aquele estranho embuste e falsidade que, para lhe dar uma cor verdadeira, quis tingi-lo com o

próprio sangue dele. Mas, vendo que não podia alcançar Lotário ou fingindo que não podia, disse:

— Como o destino não quer saciar totalmente meu justo desejo, pelo menos não será tão poderoso que impeça que eu sacie parte dele.

Depois de fazer muita força, conseguiu soltar a mão que Lotário mantinha presa e, guiando a adaga para onde pudesse se ferir superficialmente, cravou sua ponta um pouco acima da axila do lado esquerdo, perto do ombro, e em seguida se deixou cair no chão, como que desmaiada.

Leonela e Lotário estavam pasmos, ainda com dúvidas sobre a veracidade dos fatos, vendo Camila estendida no assoalho e banhada em seu sangue. Lotário se aproximou com rapidez, apavorado e sem fôlego, para sacar a adaga. Mas ao ver a pequena ferida perdeu o medo que padecia e de novo se admirou da sagacidade, prudência e discernimento da bela Camila, e, para fazer a parte que lhe tocava, começou uma longa e triste lamentação sobre o corpo de Camila, como se ela estivesse morta, rogando muitas pragas, tanto contra si mesmo como ao que o tinha levado àquela situação. E como sabia que seu amigo Anselmo o escutava, dizia coisas que fariam o ouvinte ter muito mais pena dele que de Camila, embora a julgasse morta.

Leonela a tomou nos braços e a pôs sobre a cama, suplicando a Lotário que fosse buscar alguém que tratasse de Camila em segredo; também pediu sua opinião e conselho sobre o que diriam a Anselmo daquela ferida de sua senhora, se por acaso ele voltasse antes que estivesse curada. Ele respondeu que dissessem o que bem entendessem, que não estava em condições de dar conselhos aproveitáveis; disse apenas que procurasse estancar o sangue, porque ele ia embora para onde ninguém o visse. E, com mostras de grande sofrimento, saiu da casa e, ao se encontrar sozinho e onde ninguém poderia vê-lo, desatou a fazer o sinal da cruz, maravilhado com a astúcia de Camila e o desempenho tão convincente de Leonela. Pensava no quanto Anselmo ficaria convencido de que tinha por mulher uma segunda Pórcia e desejava

vê-lo para celebrarem a mentira e a verdade mais dissimulada que jamais poderia se imaginar.

Como se disse, Leonela estancou o sangue de sua senhora, que não era mais que o necessário para assegurar seu embuste, e, lavando a ferida com um pouco de vinho, enfaixou-a o melhor que pôde, dizendo tais coisas enquanto fazia o curativo que, mesmo que outras não as tivessem precedido, bastariam para fazer Anselmo acreditar que tinha em Camila a imagem viva da honestidade.

Juntaram-se às palavras de Leonela outras de Camila, chamando-se de covarde, pois a coragem havia lhe faltado justo no instante mais necessário, para tirar a própria vida, que odiava tanto. Pedia conselho a sua aia: contava ou não aqueles acontecimentos todos a seu querido esposo? Ela disse que não contasse, porque o poria na obrigação de se vingar de Lotário, o que não se faria sem grande risco para Camila, e que a mulher honesta estava obrigada a não dar oportunidade para censuras do marido, mas sim eliminar todas aquelas que lhe fosse possível.

Camila respondeu que achava muito bom o conselho e que ela o seguiria, mas, de qualquer forma, era conveniente saber o que dizer a Anselmo para justificar a ferida, que ele não poderia deixar de ver. A isso, Leonela respondeu que nem de brincadeira sabia mentir.

— E eu então, minha querida? — replicou Camila. — Eu que não me atrevo a inventar nem sustentar uma mentira nem que disso dependa minha vida? Olha, se não sabemos o que fazer para resolver isso, será melhor contar a verdade nua e crua que sermos pegas mentindo.

— Calma, minha senhora, calma: até amanhã pensarei alguma coisa para dizermos — respondeu Leonela. — E talvez, por ser a ferida aí, possas escondê-la sem que ele a veja, e que o céu nos proteja em nossa causa, tão justa e honrada. Acalma-te, minha senhora, e procura não te preocupar tanto, para que meu senhor não te encontre sobressaltada, e deixa o resto comigo e com Deus, que sempre ajuda as boas intenções.

Com toda a atenção, Anselmo havia escutado e visto a tragédia da morte de sua honra, que os personagens representaram com emoções tão surpreendentes e eficazes que pareceu que eles

haviam se transformado na própria verdade do que fingiam. Estava ansioso pela chegada da noite para poder sair de sua casa e se encontrar com seu bom amigo Lotário, congratulando-se com ele pela pérola perfeita que havia achado na descoberta da virtude de sua mulher. As duas tiveram o cuidado de lhe facilitar a saída, e ele, sem perder tempo, se foi em busca de Lotário; e não se podem contar facilmente os abraços que deu nele ao encontrá-lo, as coisas que disse sobre sua satisfação, os elogios que fez a Camila. Lotário escutou tudo sem poder dar mostra alguma de alegria, porque se lembrava de como seu amigo estava enganado e do quanto ele injustamente o ofendia. E, embora Anselmo visse que Lotário não se alegrava, pensava que era por ter deixado Camila ferida e ter sido ele a causa; e então, entre outras coisas, disse a ele que não se preocupasse com o estado de Camila, porque sem dúvida a ferida não era grave, pois tinham combinado escondê-la dele — assim sendo, não havia o que temer; pelo contrário, dali por diante devia celebrar e se alegrar com ele, porque por seu intermédio e com sua astúcia ele se via elevado à mais alta felicidade que se poderia desejar, e queria que seus divertimentos fossem apenas fazer versos em louvor de Camila, versos que a tornassem eterna na memória dos séculos futuros. Lotário elogiou essa bela decisão e disse que ele, por sua vez, ajudaria a construir tão ilustre edificação.

Assim Anselmo se tornou entre todos o homem mais deliciosamente enganado: ele mesmo levava pela mão a sua casa a ruína total de sua reputação, acreditando que levava o instrumento de sua glória. Camila recebia Lotário de nariz torcido, pelo que se via, mas com a alma risonha. Esse engano durou algum tempo, mas, ao fim de uns poucos meses, a Roda da Fortuna girou e veio a público a maldade oculta até ali com tanta astúcia, e Anselmo pagou com a vida sua curiosidade impertinente.

a *En el silencio de la noche, cuando/ ocupa el dulce sueño a los mortales,/ la pobre cuenta de mis ricos males/ estoy al cielo y a mi Clori dando.// Y al tiempo cuando el sol se va mostrando/ por las rosadas puertas orientales,/ con suspiros y acentos desiguales/ voy la antigua querella renovando.// Y cuando el sol, de su estrellado asiento/ derechos rayos a la tierra envía,/ el llanto crece y doblo los gemidos.// Vuelve la noche, y vuelvo al triste cuento/ y siempre hallo, en mi mortal porfía,/ al cielo sordo, a Clori sin oídos.*

b *Yo sé que muero, y si no soy creído,/ es más cierto el morir, como es más cierto/ verme a tus pies, ¡oh bella ingrata!, muerto,/ antes que de adorarte arrepentido.// Podré yo verme en la región de olvido,/ de vida y gloria y de favor desierto,/ y allí verse podrá en mi pecho abierto/ como tu hermoso rostro está esculpido.// Que esta reliquia guardo para el duro/ trance que me amenaza mi porfía,/ que en tu mismo rigor se fortalece.// ¡Ay de aquel que navega, el cielo escuro,/ por mar no usado y peligrosa vía,/ adonde norte o puerto no se ofrece!*

XXXV

onde se termina a história do “curioso impertinente”

Pouco mais restava para ler da história, quando Sancho Pança saiu todo alvoroçado do sótão onde repousava dom Quixote, dizendo aos gritos:

— Vinde depressa, senhores! Socorrei meu senhor, que está metido na mais renhida e cruenta batalha que meus olhos viram ser travada. Por Deus, ele deu uma cutilada no gigante inimigo da senhora princesa Micomicona, que lhe cortou a cabeça pela raiz, como se fosse um nabo!

— Que dizeis, meu irmão? — disse o padre, largando os cadernos da história. — Estais fora de si, Sancho? Como diabos pode ser isso, se o gigante está a duas mil léguas daqui?

Nisso ouviram um grande barulho no aposento e dom Quixote falando aos gritos:

— Fica aí, ladrão, velhaco, canalha, que já te pego! E de nada te servirá tua cimitarra!

E parecia que dava grandes espadadas pelas paredes.

— Não fiqueis aí parados ouvindo — disse Sancho. — Entrai logo para apartar a contenda ou para ajudar meu amo, mesmo que não seja mais preciso, porque nessas alturas sem dúvida o gigante já está morto e prestando contas a Deus de sua vida pregressa de maldades, pois vi correr sangue pelo chão, e a cabeça cortada e caída de um lado, do tamanho de um grande odre de vinho.

— Raios me partam — disse o estalajadeiro nesse ponto — se dom Quixote ou dom diabo não atacou algum de meus odres de

vinho tinto que estavam à cabeceira de sua cama! Deve ser o vinho derramado o que este bom homem achou que era sangue.

E então entrou no aposento, e todos atrás dele, e encontraram dom Quixote no mais estranho traje do mundo. Estava de camisa, que na frente não era tão comprida que lhe cobrisse as coxas e por trás era mais curta em seis dedos; as pernas eram muito longas e finas, peludas e nada limpas; tinha na cabeça uma touca vermelha, sebosa, que era do estalajadeiro; no braço esquerdo tinha enrolado a manta da cama — que Sancho detestava, sabendo muito bem por quê — e, na mão direita, a espada desembainhada com que dava cutiladas pelas paredes, falando como se realmente estivesse lutando com algum gigante. E o melhor de tudo é que não tinha os olhos abertos, pois dormia e sonhava que estava numa batalha com o gigante: era tão intensa em sua imaginação a aventura que ia viver, que o fez sonhar que já chegara ao reino de Micomicão e que já enfrentava seu inimigo; e havia dado tantas cutiladas nos odres, pensando que dava no gigante, que o quarto todo estava cheio de vinho. O estalajadeiro, ao ver isso, foi tomado de tanta raiva que se atirou contra dom Quixote e com os punhos fechados começou a dar tantos golpes nele que, se Cardênio e o padre não o agarrassem, ele acabaria a guerra do gigante. Apesar de tudo, o pobre cavaleiro não acordava, até que o barbeiro trouxe um grande caldeirão de água fria do poço e lhe despejou de repente por todo o corpo, o que despertou dom Quixote, mas não o suficiente para se dar conta do estado em que se achava.

Doroteia, que viu os trajes tão curtos e vaporosos de seu paladino, não quis entrar para assistir à batalha contra seu inimigo.

Sancho andava procurando a cabeça do gigante pelo assoalho e, como não a encontrasse, disse:

— Já sei, tudo nesta casa é encantamento, como da outra vez. Neste mesmo lugar onde estou agora, deram-me muitos murros e bofetões, sem que eu soubesse quem os dava: nunca pude ver ninguém. E agora não aparece por aqui essa cabeça, que vi cortar por meus próprios olhos, e o sangue corria do corpo como de uma fonte.

— Mas de que sangue e fonte me falas, inimigo de Deus e de todos os santos?! — disse o estalajadeiro. — Ladrão miserável, não vês que o sangue e a fonte nada mais são que esses odres furados e o vinho tinto que empapa este quarto? Que eu possa ver empapada nos infernos a alma de quem os furou!

— Não sei de nada — respondeu Sancho —, mas sei que serei tão desgraçado, se não achar essa cabeça, que meu condado irá se desfazer como o sal na água.

Sancho estava pior acordado que seu amo dormindo: a esse ponto o levaram as promessas de seu senhor. O estalajadeiro se desesperava ao ver a pachorra do escudeiro e o estrago feito pelo senhor e jurava que não havia de ser como da outra vez, que foram embora sem pagar: agora os privilégios de sua cavalaria não o livrariam de pagar as dívidas de ontem e de hoje, sem falar no que pudessem custar os remendos que teria de fazer nos odres escangalhados.

O padre segurava dom Quixote pelas mãos, e ele, pensando que a aventura já havia acabado e que se encontrava diante da princesa Micomicona, caiu de joelhos, dizendo:

— A partir de hoje, bem pode vossa grandeza, excelsa e formosa senhora, viver segura de que essa malnascida criatura não pode mais lhe fazer mal. E eu também, a partir de hoje, estou quite da palavra que vos empenhei, pois, com a ajuda do bom Deus e com o favor daquela por quem eu vivo e respiro, tão bem a cumpri.

— Eu não disse? — disse Sancho, ao ouvir isso. — Claro que eu não estava bêbado: vejam bem se meu amo já não botou o gigante na salmoura! Certo como a morte: meu condado está no papo!

Quem não haveria de rir dos disparates dos dois, amo e criado? Todos riam, menos o estalajadeiro, que espumava de raiva, encomendando-se a Satanás. Por fim, mas não sem muito trabalho, o barbeiro, Cardênio e o padre conseguiram botar dom Quixote na cama. Ele ficou dormindo, com sinais de um grandíssimo cansaço. Ali o deixaram e foram para o átrio da estalagem consolar Sancho Pança por não ter achado a cabeça do gigante, embora tenham tido muito mais trabalho para acalmar o estalajadeiro, que estava

desesperado com a morte repentina de seus odres. E a mulher dele dizia, em altos brados:

— Maldito segundo e hora condenada em que entrou em minha casa esse cavaleiro andante: melhor seria nunca ter posto os olhos nele, pois me custa caro. Na primeira vez, se foi sem pagar o preço de uma noite, do jantar, da cama, palha e cevada, para ele e para seu escudeiro, mais o pangaré e o jumento, dizendo que era cavaleiro em busca de aventuras (que má ventura Deus lhe dê em dobro e a quantos aventureiros haja no mundo), e que por isso não tinha obrigação de pagar nada, que assim estava escrito no regulamento da cavalaria andante. E agora, por causa dele, apareceu esse outro senhor que levou meu rabo e me devolveu com mais de dois tostões de prejuízo, tão pelado que já não vai servir para o que meu marido o quer. E por fim, para arrematar tudo, estropiaram meus odres e derramaram meu vinho. Que derramado eu veja seu sangue! Pois juro pelos ossos de meu pai e pela vida eterna de minha mãe que, se não vão me pagar um tostão em cima do outro, eu não me chamo como me chamo nem sou filha de meus pais!

A estalajadeira desfiava essas e outras coisas semelhantes com muita irritação, ajudada por sua boa criada Maritornes. A filha se calava e sorria, de quando em quando. O padre acalmou a todos, prometendo compensar o prejuízo o melhor que pudesse, tanto da perda dos odres como do vinho e principalmente do estrago do rabo, pelo qual tinham tanta consideração. Doroteia consolou Sancho Pança dizendo a ele que, logo que se confirmasse que seu amo tinha realmente decapitado o gigante e ela se visse em paz em seu reino, prometia lhe dar o melhor condado que houvesse nele. Com isso, Sancho se consolou e garantiu à princesa que podia ter certeza de que ele tinha visto a cabeça do gigante, que o sinal mais destacado era uma barba que lhe chegava à cintura, e que se ela não aparecia era porque tudo naquela casa acontecia por meio de encantamentos, como ele sentira na pele na outra vez que havia pousado ali. Doroteia disse que acreditava nele, sim, e que não se preocupasse, que tudo daria certo como pedido de encomenda.

Serenados os ânimos, o padre quis terminar a história do curioso, porque viu que faltava pouco. Cardênio, Doroteia e os demais insistiram para que a lesse. Como desejava agradar a todos e se divertia ele mesmo ao lê-la, prosseguiu a narrativa, que assim dizia:

“Aconteceu que Anselmo, convencido da virtude de Camila, vivia uma vida alegre e despreocupada, e Camila de propósito fechava a cara a Lotário, para que Anselmo entendesse ao contrário o desejo que sentia por ele; e, para maior confirmação da trama, Lotário pediu licença para não vir mais a sua casa, pois claramente transparecia o desagrado com que era recebido por Camila. Mas o enganado Anselmo disse a ele que de jeito nenhum fizesse isso; e, dessa maneira, por mil maneiras Anselmo era o construtor de sua desonra, acreditando que o era de sua felicidade.

“Enquanto isso, o prazer que Leonela sentia por se ver autorizada em seus amores chegou a tanto que, sem olhar mais nada, ia atrás dele de rédea solta, fiada em que sua senhora lhe daria cobertura e ainda lhe diria como poderia executá-lo com pouco receio. Mas enfim, uma noite, Anselmo ouviu passos no quarto de Leonela e, querendo entrar para ver quem caminhava, percebeu que a porta o detinha, coisa que lhe deu mais vontade de abri-la, e fez tanta força que conseguiu entrar a tempo de ver que um homem saltava pela janela para a rua. A toda pressa, tentou alcançá-lo ou reconhecê-lo, mas não conseguiu nem uma coisa nem outra, porque Leonela o abraçou, dizendo: ‘Calma, meu senhor! Por Deus, não te zangues nem sigas o homem que fugiu: é problema meu; na verdade, é meu esposo’.

“Anselmo não quis acreditar; pelo contrário: cego de raiva, sacou a adaga e quis ferir Leonela, dizendo-lhe que falasse a verdade ou a mataria. Ela, com medo, sem saber o que dizia, falou: ‘Não me mates, senhor, que te direi coisas mais importantes do que podes imaginar’.

“‘Fala logo’, disse Anselmo. ‘Se não, estás morta.’

“‘Agora é impossível’, disse Leonela, ‘estou muito confusa. Dá-me até amanhã, que te espantarás com o que saberás de mim. Mas podes crer, quem saltou pela janela foi um rapaz desta cidade que se comprometeu a ser meu esposo.’

“Com isso Anselmo se acalmou e resolveu aguardar o prazo que ela pedia, porque não pensava ouvir nada contra Camila — estava muito satisfeito e seguro de sua virtude. Assim, saiu do quarto e deixou Leonela trancada, dizendo-lhe que ficaria ali até que dissesse o que tinha de lhe dizer.

“Em seguida foi ver Camila para contar o que havia acontecido com sua aia e que ela prometera lhe revelar coisas tremendas. Se Camila se perturbou ou não, não é preciso dizer, porque foi tanto o medo que teve, como devia ter, acreditando que Leonela realmente iria dizer tudo o que sabia a Anselmo sobre sua modesta fidelidade, que não teve ânimo para esperar se sua suspeita se mostrava falsa ou não. Naquela mesma noite, quando lhe pareceu que Anselmo dormia, juntou as melhores joias que tinha e algum dinheiro e, sem ser percebida por ninguém, saiu de casa e foi à de Lotário, a quem contou o que acontecia e pediu que a pusesse a salvo ou que fugissem de Anselmo para onde pudessem ficar em segurança. A confusão em que Camila mergulhou Lotário foi tanta que ele não sabia o que responder, muito menos pensar no que faria.

“Por fim resolveu levar Camila a um mosteiro, onde uma irmã sua era prioresa. Camila concordou com isso, e Lotário a levou com a urgência que o caso pedia, deixando-a lá. Em seguida ele também foi embora da cidade, sem avisar ninguém de sua ausência.

“Quando amanheceu, Anselmo, sem se dar conta de que Camila não estava a seu lado, ansioso para saber o que Leonela queria lhe dizer, se levantou e foi até o quarto onde a deixara trancada. Abriu a porta e entrou, mas não achou Leonela, apenas uns lençóis amarrados na janela, sinal de que havia descido por ali e ido embora. Muito triste, voltou para falar a Camila e, não a encontrando na cama nem no resto da casa, ficou assustado. Perguntou por ela aos criados, mas ninguém soube responder o que ele queria.

“Estando à procura de Camila, por acaso viu seus cofres abertos e que faltava a maioria das joias — então se deu conta de sua desgraça e de que a aia não era a causa dela. Assim como estava, sem terminar de se vestir, triste e pensativo, foi contar sua infelicidade a seu amigo Lotário. Mas, quando não o encontrou e os criados dele disseram que naquela noite havia se ausentado de

casa, levando consigo todo o dinheiro que tinha, pensou que perdia o juízo. E, para coroar tudo, quando voltou, não achou nenhum criado ou criada, mas a casa vazia e solitária.

"Não sabia o que pensar, o que dizer nem o que fazer, e pouco a pouco ia perdendo o juízo. Imaginava-se e se via num instante sem mulher, sem amigo e sem criados, desamparado até do céu que o cobria, em sua opinião, mas principalmente sem honra, porque na ausência de Camila divisou sua perdição.

"Enfim, depois de um bom tempo, resolveu ir à aldeia de seu amigo, onde estivera quando facilitou a tramoia de toda aquela desgraça. Trancou as portas da casa, montou no cavalo e, com o ânimo abatido, partiu; mal percorrera metade do caminho, quando, perseguido por seus pensamentos, se viu forçado a apear e prender o cavalo pelas rédeas numa árvore, e se deixou cair contra o tronco, com suspiros débeis e dolorosos. Ficou ali até quase anoitecer, quando viu que vinha da cidade um homem a cavalo; depois de cumprimentá-lo, perguntou que notícias trazia de Florença. O cidadão respondeu: 'As mais estranhas que se ouviram por lá em muitos dias. Todo mundo diz que Lotário, aquele grande amigo de Anselmo, o rico, que vivia perto de São João, fugiu esta noite com Camila, a mulher de Anselmo, que também desapareceu. Quem contou isso tudo foi uma criada de Camila, que o governador encontrou ontem à noite descendo por um lençol amarrado numa janela da casa de Anselmo. Na verdade não sei tintim por tintim como se passou o negócio: só sei que toda a cidade está admirada com o caso, porque não se podia esperar uma coisa dessas da grande e íntima amizade dos dois. Dizem que era tanta que os chamavam "os dois amigos".'

"'Por acaso', disse Anselmo, 'se sabe que rumo Lotário e Camila tomaram?'

"'Nem por sombras', disse o cidadão, 'embora o governador tenha dado ordens urgentes para procurá-los.'

"'Ide com Deus, senhor', disse Anselmo.

"'Com Ele fiqueis', respondeu o cidadão e se foi.

"Com essas notícias atrozes, Anselmo esteve perto não só de perder o juízo, como de acabar com a vida. Levantou-se como pôde

e chegou à casa de seu amigo, que ainda não sabia de nada, mas que, ao vê-lo macilento, fraco e abatido, entendeu que um grande mal o afligia. Anselmo pediu para se deitar e que lhe trouxessem material para escrever. Assim se fez, e o deixaram deitado, com a porta trancada, porque foi o que ele quis. Quando se viu sozinho, começou a pensar tanto em sua desgraça que entendeu claramente que era o fim e então decidiu explicar os motivos de sua estranha morte. Começou a escrever, mas, antes de dizer tudo o que queria, perdeu a coragem e deixou a vida nas mãos da dor causada por sua curiosidade impertinente.

"Vendo o dono da casa que já era tarde e que Anselmo não chamava, resolveu entrar para saber se sua indisposição continuava e o achou estendido de bruços, ainda com a pena na mão, metade do corpo na cama e a outra sobre a mesinha, onde estava a carta aberta. O hospedeiro se aproximou, depois de chamá-lo, e lhe segurou a mão, mas, vendo que não respondia e que estava frio, percebeu que havia morrido. Muito aflito e espantado, chamou as pessoas da casa para que vissem a desgraça que acontecera a Anselmo e finalmente leu a carta, que, notou, tinha sido escrita pela própria mão do amigo. Estas eram as palavras que continha:

> Um tolo e impertinente desejo me tirou a vida. Se as notícias de minha morte chegarem aos ouvidos de Camila, saiba que eu a perdoo, porque ela não era obrigada a fazer milagres, nem eu tinha necessidade de querer que ela os fizesse; e como eu fui o construtor de minha desonra, não há razão para que…

"Anselmo escrevera até ali — assim se viu que naquele ponto, sem poder acabar a carta, acabou sua vida. No dia seguinte, o amigo de Anselmo avisou os parentes dele, que já sabiam da desgraça e do mosteiro onde Camila estava a ponto de acompanhar o marido naquela viagem forçada, não por causa das notícias de sua morte, mas pelas que soube do amigo ausente. Dizem que, mesmo viúva, não quis sair do mosteiro nem se tornar monja enquanto não lhe chegaram, dali a muitos dias, notícias de que

Lotário havia morrido numa batalha que o senhor de Lautrec travava naquele tempo com o grande capitão Gonzalo Hernández de Córdoba no reino de Nápoles,[1] onde havia ido parar o amigo arrependido tardiamente. Ao saber disso, Camila adotou o hábito e entregou a vida, em poucos dias, às severas mãos da tristeza e da melancolia. Esse foi o fim que tiveram todos, nascido de um princípio tão desatinado."

— Essa história me parece boa — disse o padre —, mas não posso me convencer de que seja verdadeira. Se foi inventada, o autor inventou mal, porque não se pode imaginar que haja marido tão burro que queira fazer uma experiência penosa como essa de Anselmo. Se o caso fosse entre um conquistador e sua amante, poderia se tolerar, mas entre marido e mulher tem alguma coisa de impossível. Agora, quanto ao modo de contá-la, não me desagrada.

XXXVI

que trata da brava e descomunal batalha que dom quixote travou com uns odres de vinho tinto,[1] com outras coisas estranhas que aconteceram com ele na estalagem

Estavam nisso, quando o estalajadeiro, que fora até a porta da estalagem, disse:

— Aí vem uma bela tropa de hóspedes; se eles pararem aqui, teremos uma boa farra.

— Quem são? — disse Cardênio.

— Quatro homens — respondeu o estalajadeiro — vêm a cavalo, à gineta, com lanças e adargas, e todos com máscaras negras;[2] e junto com eles vêm mais dois criados a pé e uma mulher vestida de branco, num silhão,[3] também com o rosto coberto.

— Estão perto? — perguntou o padre.

— Tanto que já estão aqui — respondeu o estalajadeiro.

Ao ouvirem isso, Doroteia cobriu o rosto e Cardênio foi para o quarto de dom Quixote, mas quase não tiveram tempo, porque chegaram todos os que o dono anunciara. Os quatro a cavalo apearam, todos com porte e modos refinados, e foram ajudar a mulher que vinha no silhão. Um deles a tomou nos braços e a sentou numa cadeira que estava à entrada do quarto onde Cardênio havia se escondido. Durante todo esse tempo, nem ela nem eles haviam tirado as máscaras, nem falado palavra alguma: apenas a mulher, ao se sentar na cadeira, deu um suspiro profundo e deixou cair os braços, como pessoa doente e desalentada. Os criados levaram os cavalos para a estrebaria.

O padre, ansioso para saber quem eram aquelas pessoas naqueles trajes e naquele silêncio, foi para a estrebaria e perguntou o que desejava a um dos criados, que lhe respondeu:

— Por Deus, senhor, não sei vos dizer quem são: sei apenas que aparentam ser muito importantes, principalmente aquele que apeou a senhora, como vistes. Digo isso porque todos os outros o respeitam e só se faz o que ele ordena e manda.

— E a senhora, quem é? — perguntou o padre.

— Também não sei — respondeu o criado —, porque não vi o rosto dela a viagem toda; suspirar sim, eu a ouvi muitas vezes, e gemer de um modo que a cada gemido parecia querer entregar a alma ao Criador. E não é de espantar que não saibamos mais do que dissemos, porque não faz mais que dois dias que meu companheiro e eu os acompanhamos, pois, quando nos encontramos pelo caminho, nos imploraram e convenceram a que viéssemos com eles até a Andaluzia, prometendo nos pagar muito bem.

— E ouvistes o nome de algum deles? — perguntou o padre.

— Não, nunca — respondeu o criado —, porque todos andam num silêncio inacreditável: entre eles não se ouve nada exceto os suspiros e soluços da pobre senhora, que é de dar pena. Sem dúvida achamos que a levam à força, seja lá para onde for que a levam; e, pelo que dá para ver pelo hábito, ela é freira ou vai sê-lo, que é o mais provável, e vai triste, como se vê, talvez porque a vida religiosa não tenha sido escolha sua.

— Bem pode ser o caso — disse o padre.

E, deixando-os, voltou para onde estava Doroteia, que, como havia ouvido os suspiros da mascarada, movida por natural compaixão se aproximou dela e disse:

— Que mal sentis, minha senhora? Olhai se é algum desses que as mulheres costumam ter experiência de tratar, que de boa vontade vos ofereço meus serviços.

Mas a senhora mortificada permanecia calada; Doroteia insistiu com favores maiores, mas ela não saiu de seu silêncio. Então chegou o cavaleiro mascarado que os outros obedeciam, conforme o criado, e disse a Doroteia:

— Não vos canseis, senhora, oferecendo coisa alguma a essa mulher, porque costuma não agradecer nada que se faz por ela, nem espereis que vos responda, se não quereis ouvir alguma mentira de sua boca.

— Jamais menti — disse nesse ponto a mulher que até ali estivera calada. — É justamente por ser honesta e incapaz de mentiras que agora me vejo infeliz assim; e disso quero que vós mesmo sejais testemunha, pois minha verdade, pura e simples, vos torna falso e mentiroso.

Cardênio ouviu essas palavras bem clara e distintamente, porque estava muito perto de quem as dizia, apenas com a porta do quarto de dom Quixote entre eles; e, mal as ouviu, disse aos gritos:

— Valha-me Deus! O que ouço? Que voz é essa que chegou a meus ouvidos?

A senhora virou a cabeça, toda sobressaltada; não vendo quem gritava, levantou-se para ir até o quarto, mas o cavaleiro a deteve, sem deixá-la dar um passo. Ela, na confusão e nervosismo, deixou cair o véu com que se ocultava, revelando um rosto de incomparável e miraculosa formosura, apesar de pálido e amedrontado; os olhos dela rodavam, examinando todos os lugares que podia, com tanta obstinação que parecia pessoa fora de si — esse comportamento encheu de pena Doroteia e aos demais que a olhavam, pois não sabiam o motivo dele. O cavaleiro, muito ocupado em segurá-la fortemente pelos ombros, não conseguiu levantar a máscara que ameaçava cair e que por fim acabou realmente caindo; e Doroteia, que também estava abraçada à senhora, ao erguer os olhos viu que o homem era seu esposo dom Fernando — mal o reconheceu, deixou escapar do íntimo de suas entranhas um longo e tristíssimo “ai!” e caiu de costas, desmaiada. Se o barbeiro não estivesse perto para ampará-la nos braços, ela teria se estatelado no chão.

O padre veio logo tirar o véu dela, para lhe jogar água no rosto, e, apenas a descobriu, reconheceu-a dom Fernando (porque era ele mesmo) e ficou como morto ao vê-la, mas nem por isso deixou de segurar Lucinda, que era quem procurava escapar de seus braços, pois havia reconhecido os gritos de Cardênio, como ele também a tinha reconhecido. Cardênio, ao ouvir o “ai!” de Doroteia quando

caiu desmaiada, pensou que era de Lucinda e saiu apavorado do quarto, e a quem viu primeiro foi dom Fernando, que ainda tinha Lucinda nos braços. Dom Fernando também reconheceu Cardênio imediatamente — e todos os três, Lucinda, Cardênio e Doroteia, ficaram mudos de surpresa, quase sem saber o que havia acontecido com eles.

Todos se calaram e todos se olhavam, Doroteia a dom Fernando, dom Fernando a Cardênio, Cardênio a Lucinda, e Lucinda a Cardênio. Mas quem primeiro quebrou o silêncio foi Lucinda, falando a dom Fernando desta maneira:

— Senhor dom Fernando, pelo que vos obriga vossa nobreza, já que por outra deferência não o faríeis, deixai-me chegar ao muro de quem sou hera, à proteção de quem não puderam me afastar vossas impertinências, vossas ameaças, vossas promessas nem vossos presentes. Notai como o céu, por vias extraordinárias e ocultas para nós, pôs diante de mim meu verdadeiro esposo, e bem sabeis por mil experiências penosas que só a morte seria suficiente para apagá-lo de minha memória. Como não podeis fazer outra coisa, que desenganos tão cristalinos lhe sirvam, portanto, para que transformeis o amor em raiva, o desejo em despeito, e acabai-me com a vida, que, desde que eu a renda diante de meu bom esposo, a darei por bem empregada. Talvez com minha morte ele se convença que mantive minha fidelidade até o último instante.

Nesse meio-tempo, Doroteia havia se recuperado e escutara todas as palavras de Lucinda, e assim descobriu quem ela era. Mas, vendo que dom Fernando não a soltava nem respondia, se esforçou o mais que pôde para levantar e foi cair de joelhos a seus pés — então, derramando quantidade de formosas e doloridas lágrimas, começou a dizer:

— Meu senhor, se os raios desse sol que tens eclipsado entre os braços não ofuscam a luz de teus olhos, já terás visto que a mulher que está ajoelhada a teus pés é Doroteia, desgraçada e infeliz enquanto tu assim quiseres. Eu sou aquela camponesa humilde a quem tu, por generosidade ou por desejo, quiseste elevar à grandeza de poder chamar-se tua; sou aquela que, encerrada nos limites da virtude, viveu vida contente até que (diante dos apelos de

tua insistência e, ao que parece, justos e amorosos sentimentos) abriu as portas de seu recato e te entregou as chaves de sua liberdade, dádiva por ti tão mal correspondida como o mostra com clareza ter sido inevitável me encontrar no lugar onde me encontras e eu te ver da maneira que te vejo. Mas, apesar disso tudo, não gostaria que pudesses pensar que me trouxeram aqui os passos de minha desonra, tendo-me trazido apenas os da dor e do sentimento de me ver esquecida por ti. Quiseste que eu fosse tua e quiseste de maneira que, mesmo que agora não queiras mais, já não será possível que deixes de ser meu.

"Olha, meu senhor, a formosura e a nobreza daquela por quem me deixas bem podem ser compensadas pelo incomparável amor que tenho por ti. Tu não podes ser da formosa Lucinda, porque és meu, nem ela pode ser tua, porque é de Cardênio, e será mais fácil, se pensares nisso, limitar teu desejo a querer quem te adora, que obrigar quem te detesta a te querer. Tu assediaste minha fraqueza, tu imploraste a minha integridade, mas não ignoraste minha condição e sabes bem de que maneira me entreguei a teu desejo: não há como alegares engano em nossa relação. Se isso é verdade, como sei que é, e tu és tão cristão quanto nobre, por que tantos rodeios e demoras para me fazer feliz no final como me fizeste no princípio? E, se não me queres pelo que sou, tua verdadeira e legítima esposa, ao menos me queiras ou me aceites como tua escrava, pois me julgarei feliz e bem-aventurada estando em teu poder. Não permitas, ao me deixar abandonada, que minha desonra alimente os mexericos; não dês a meus pais velhice tão ruim, pois não merecem os leais serviços que, como bons vassalos, sempre prestaram aos teus.

"E, se pensas que vais aniquilar teu sangue por misturá-lo com o meu, considera que pouca ou nenhuma nobreza há no mundo que não tenha trilhado este caminho, e a que se toma das mulheres não é a que importa nas descendências ilustres, tanto mais que a verdadeira nobreza consiste na virtude, e se esta falta a ti negando-me o que com tanta justiça me deves, eu terei mais atributos de nobreza do que tu tens. Enfim, senhor, para encerrar te digo que, queiras ou não queiras, eu sou tua esposa: testemunhas são tuas

palavras, que não são nem devem ser mentirosas, se é que prezas a nobreza pela qual me desprezas; testemunha será o anel que puseste em meu dedo, e testemunha o céu, a quem tu invocaste para selar tuas promessas. E, se tudo isso faltar, não deverá faltar tua própria consciência, que clamará calando tuas alegrias, trazendo de volta toda a verdade, perturbando teus melhores prazeres e diversões.”

A desolada Doroteia disse isso e muito mais com tanto sentimento e lágrimas que choraram até os que acompanhavam dom Fernando e as outras pessoas que se encontravam ali. Dom Fernando escutou-a sem responder uma palavra, até que ela deu fim às suas e início a tantos soluços e suspiros que só não se enterneceria com essas demonstrações de dor alguém que tivesse o coração de bronze. Lucinda estava olhando-a, não menos comovida com sua desolação que admirada com sua grande formosura e bom senso; e, ainda que quisesse se aproximar dela e lhe dizer algumas palavras de consolo, não a deixavam os braços de dom Fernando, que a mantinham presa. Mas ele, cheio de confusão e espanto, depois de um bom tempo em que esteve olhando Doroteia atentamente, abriu os braços e, deixando Lucinda livre, disse:

— Venceste, formosa Doroteia, venceste; não é possível ter coragem para negar tantas verdades juntas.

Assim que dom Fernando soltou Lucinda, ela desmaiou e ia quase caindo, mas Cardênio — que estava perto, às costas de dom Fernando para não ser reconhecido —, vencendo todo temor e se expondo a todo perigo, conseguiu segurar Lucinda e, com ela nos braços, disse:

— Se o céu piedoso desejar e decidir que tenhas agora algum descanso, minha leal, dedicada e formosa senhora, acredito que em parte alguma o terás mais seguro que nestes braços que neste instante te recebem e que em outro tempo te receberam, quando o destino quis que eu pudesse te chamar minha.

A essas palavras, Lucinda pôs os olhos em Cardênio — havia começado a reconhecê-lo pela voz, mas então, tendo certeza de que era ele pela vista, quase sem sentidos e sem levar em conta

nenhum recato ou conveniência, lançou-lhe os braços ao pescoço e, colando seu rosto ao dele, disse:

— Sim, meu senhor, sois o verdadeiro dono desta cativa, por mais adverso que seja o destino e mais ameace esta vida, que na vossa se ampara.

Foi uma visão estranha para dom Fernando e para todos os que estavam ali, admirados com acontecimentos tão incríveis. Doroteia achou que dom Fernando perdera a cor do rosto e fazia menção de querer se vingar de Cardênio, porque o viu levar a mão à espada; mal pensou isso, atirou-se a seus joelhos, beijando-os e abraçando-os com força, impedindo assim o cavaleiro de se mover; e, sem parar um instante de derramar suas lágrimas, dizia:

— Dom Fernando, meu único amparo: que pensas fazer em situação tão inesperada? Tens tua esposa a teus pés, e a que queres está nos braços de seu marido. Vê se fica bem ou te será possível desfazer o que o céu fez, ou se é mais conveniente desejares elevar à estatura de tua nobreza aquela que, vencendo todo obstáculo, confirmada em sua virtude e fidelidade, diante de teus olhos tem os seus, banhados pelo licor amoroso o rosto e o peito de seu verdadeiro esposo. Por quem Deus é eu imploro e por quem tu és eu suplico, não deixes que esta revelação clara da verdade aumente tua ira; pelo contrário, deixa que a abrande de tal maneira que com calma e tranquilidade permitas que esses dois amantes tenham, sem tua interferência, todo o tempo que o céu quiser lhes conceder, e nisso mostrarás a generosidade de teu ilustre e nobre coração, e o mundo verá que contigo a razão tem mais força que o desejo.

Enquanto Doroteia dizia isso, Cardênio, embora abraçasse Lucinda, não tirava os olhos de dom Fernando, à espera de algum movimento contra si, decidido a se defender e atacar como melhor pudesse a todos aqueles que se mostrassem hostis, mesmo que isso lhe custasse a vida. Mas então acudiram os amigos de dom Fernando, além do padre e do barbeiro, que presenciaram tudo, sem que faltasse o bom Sancho Pança, e todos cercaram dom Fernando, suplicando a ele que olhasse com compaixão as lágrimas de Doroteia. Se era verdade o que ela havia dito, como sem dúvida

eles achavam que sim, não permitisse então que ficasse frustrada em suas justas esperanças; que considerasse que não foi por acaso que todos haviam se reunido num lugar inimaginável desses, como parecia, mas devido à particular providência do céu. O padre disse que apenas a morte podia separar Lucinda de Cardênio, mas, mesmo assim, ainda que fossem separados pelo fio de uma espada, julgariam a morte uma felicidade, e que, nos casos sem remédio como esse, forçando-se e vencendo a si mesmo, a suprema sensatez era mostrar um coração generoso, permitindo que, por sua exclusiva vontade, os dois gozassem o bem que o céu já havia lhes concedido. Também disse que, se contemplasse a beleza de Doroteia, veria que poucas mulheres podiam se comparar a ela, ou nenhuma, quanto mais ultrapassá-la, e que somasse à sua formosura sua humildade e o amor extremo que lhe dedicava, mas que notasse antes de mais nada que não podia fazer outra coisa que cumprir a palavra dada, se se orgulhava de ser cavaleiro e cristão, e que, cumprindo-a, estaria quite com Deus e satisfaria as pessoas sensatas, que sabem e conhecem que é prerrogativa da beleza, mesmo em gente humilde, desde que acompanhada de virtude, poder se elevar e se igualar a qualquer nobreza, sem um traço de desprezo por quem se eleva e iguala a si mesmo; e, quando obedecem as leis violentas do prazer, desde que nisso não intervenha o pecado, não deve sentir culpa aquele que as segue.

A esses argumentos, todos acrescentaram tantos outros que o valente coração de dom Fernando — como que por fim alimentado com sangue azul — se abrandou e se deixou vencer pela verdade, que ele não poderia negar nem que quisesse; e o sinal de sua rendição aos bons conselhos dados foi se abaixar e abraçar Doroteia, dizendo a ela:

— Levantai-vos, minha senhora, que não é justo que estejais ajoelhada a meus pés aquela que eu tenho em minha alma; e, se até aqui não dei mostras do que digo, talvez tenha sido por determinação do céu, para que vendo eu em vós a fidelidade com que me amais saiba vos estimar como mereceis. O que vos imploro é que não repreendais minha má conduta e negligência, pois a mesma condição e força que me levou a aceitar-vos como minha

me impeliu a procurar não ser vosso. Para comprovardes a verdade disso, virai-vos e olhai os olhos da agora contente Lucinda, e neles encontrareis desculpa a todos os meus erros. Então, como ela achou e alcançou o que desejava, e eu achei em vós o que me cabe, viva ela segura e alegre longos e felizes anos com seu Cardênio, que eu rogarei ao céu que me deixe viver outros tantos com minha Doroteia.

E, dizendo isso, abraçou-a de novo e colou o rosto ao dela com tanta emoção que lhe foi necessário se conter para que as lágrimas não acabassem por dar sinais indubitáveis de seu amor e arrependimento. Não foi assim com as de Lucinda e Cardênio, nem com as de quase todos os presentes, porque começaram a derramar tantas, uns por causa da própria alegria e outros por causa da alegria alheia, que parecia que havia acontecido a todos alguma coisa grave e má. Até Sancho Pança chorava, embora tenha dito depois que só chorava por ver que Doroteia não era, como ele pensava, a rainha Micomicona, de quem ele esperava tantos benefícios. O choro e o espanto duraram algum tempo, e depois Cardênio e Lucinda foram cair de joelhos diante de dom Fernando, agradecendo com palavras tão corteses a mercê que lhes havia feito que dom Fernando não sabia mais o que lhes responder; levantou-os, então, e os abraçou com mostras de muito amor e de muita cortesia.

Em seguida pediu que Doroteia dissesse como havia vindo parar ali, tão longe de sua aldeia. Com poucas e medidas palavras, ela contou tudo o que havia contado antes a Cardênio, o que agradou tanto a dom Fernando e aos que o acompanhavam que gostariam que a história durasse mais tempo, tal era a graça com que Doroteia narrava suas desventuras. Quando ela terminou, dom Fernando disse o que havia acontecido com ele na cidade depois que encontrou a carta no seio de Lucinda, na qual declarava ser esposa de Cardênio e não poder ser sua: quis matá-la e o teria feito se não fosse impedido pelos pais dela. Então saiu de casa ressentido e envergonhado, disposto a se vingar num momento mais favorável; e no dia seguinte soube que Lucinda havia sumido da casa de seus pais, sem que ninguém soubesse dizer para onde fora; enfim,

depois de alguns meses, veio a saber que estava num mosteiro, decidida a ficar lá toda a vida, se não pudesse passá-la com Cardênio. Assim que soube disso, escolhendo como companhia aqueles três cavaleiros, foi para lá, mas não quis falar com ela, com medo de que reforçassem a guarda ao saber da presença dele. Então, esperando um dia em que a portaria estivesse aberta, deixou dois de sentinela na entrada e com o outro entrou no mosteiro procurando Lucinda, que acharam no claustro falando com uma freira, e, arrebatando-a, sem lhe dar chance para nada, tinham ido a uma aldeia se abastecer daquilo que era necessário para levá-la. Puderam fazer tudo isso com facilidade porque o mosteiro ficava no campo, a uma boa distância da aldeia. Finalmente, disse que Lucinda, mal se viu em seu poder, perdeu os sentidos e que depois de voltar a si não havia feito mais nada além de chorar e suspirar, sem dizer uma palavra, e que, assim, acompanhados de silêncio e de lágrimas, haviam chegado àquela estalagem, que para ele era como ter chegado ao céu, onde culminam e têm fim todas as desventuras da terra.

xxxvii

onde prossegue a história da famosa infanta micomicona, com outras aventuras divertidas

Sancho escutava tudo isso não sem grande dor no coração, vendo que se transformavam em fumaça as esperanças de seu título nobiliárquico, que a linda princesa Micomicona se transformara em Doroteia e o gigante, em dom Fernando, e seu amo estava dormindo a sono solto, perfeitamente despreocupado com tudo isso. Doroteia não tinha certeza de que essa felicidade não era um sonho; Cardênio pensava a mesma coisa, como Lucinda também. Dom Fernando agradecia ao céu a graça alcançada e tê-lo tirado daquele intrincado labirinto, onde se achava a pique de perder a reputação e a alma. Enfim, todos os que estavam na estalagem se sentiam alegres e satisfeitos com a boa solução que negócios tão enrolados e desesperados tiveram.

Homem inteligente, o padre comentava tudo com acerto e a cada um dava os parabéns pela felicidade alcançada. Mas quem estava mais satisfeita e mais se rejubilava era a estalajadeira, por causa da promessa que Cardênio e o padre haviam feito de lhe pagar as perdas e danos causados por dom Quixote. Apenas Sancho, como já se disse, estava aflito, infeliz e triste; e assim, com o semblante melancólico, abordou seu amo, que acabava de acordar:

— Bem pode vossa mercê, senhor da Triste Figura, dormir o quanto quiser, sem se preocupar em matar gigante nenhum nem devolver o reino à princesa, pois tudo já está feito e concluído.

— Acredito piamente — respondeu dom Quixote —, porque travei com o gigante a mais cruenta e descomunal batalha que penso travar em todos os dias de minha vida. Com um revés, zás!, derrubei a cabeça dele no chão, e jorrou tanto sangue que os riachos corriam pela terra como se fossem de água.

— Como se fossem de vinho tinto, poderia dizer melhor vossa mercê — respondeu Sancho. — Pois gostaria que vossa mercê soubesse, se é que ainda não sabe, que o gigante morto é um odre furado, e o sangue, quase cem litros de vinho tinto que encerrava no ventre, e a cabeça cortada é a puta que me pariu, e o resto que o diabo carregue!

— Que dizes, louco? — replicou dom Quixote. — Tens a cabeça no lugar?

— Levante-se vossa mercê — disse Sancho — e verá o belo serviço que fez e quanto teremos de pagar, e verá a rainha transformada numa plebeia e outras coisas que irão espantá-lo, se conseguir entender.

— Nada disso me surpreenderia — replicou dom Quixote —, pois, se bem te lembras, da outra vez que estivemos neste castelo te disse que tudo o que acontecia aqui eram coisas de encantamento, e não seria de estranhar que agora acontecesse de novo.

— Eu acreditaria em tudo — respondeu Sancho —, se meu manteamento fosse coisa desse tipo, mas não foi, não, aconteceu realmente. Eu vi o estalajadeiro que está aqui hoje segurar uma ponta da manta; ele me atirava para o céu com muita graça e brio, e com tantas risadas quanto força. Embora eu seja tolo e pecador, parece-me que, se a gente reconhece as pessoas, não há encantamento algum, mas muita pancadaria e má sorte.

— Tudo bem, Deus dará um jeito — disse dom Quixote. — Ajuda-me a me vestir e irei lá fora, pois quero ver essas coisas e transformações de que falaste.

Sancho o ajudou. Enquanto isso, o padre contou a dom Fernando e aos outros as loucuras de dom Quixote, e o artifício que haviam usado para tirá-lo da Peña Pobre, onde ele pensava estar por ter sido desprezado por sua senhora. Também contou a eles quase todas as aventuras que Sancho havia relatado, do que não se

admiraram nem riram pouco, por acharem o que todos achavam: ser a espécie mais esquisita de loucura que podia caber numa mente desvairada. O padre disse ainda: como o desfecho feliz do caso da senhora Doroteia impedia prosseguir com o plano, era necessário arrumar outro para poder levá-lo a sua terra. Cardênio se ofereceu para continuar o que tinham começado, com Lucinda representando o personagem de Doroteia.

— Não, não vamos fazer assim — disse dom Fernando —, pois quero que Doroteia continue com a farsa. Desde que a aldeia desse bom cavaleiro não seja muito longe daqui, terei prazer em poder ajudá-lo.

— Não fica a mais de duas jornadas.

— Bem, mesmo que ficasse mais longe, eu gostaria de ir, para fazer tão boa ação.

Nisso surgiu dom Quixote, armado com todos os seus apetrechos, com o elmo de Mambrino na cabeça — mesmo amassado —, a rodela no braço e apoiado em seu galho de azinheira ou chuço. Dom Fernando e os demais ficaram pasmos com a estranha figura de dom Quixote — o rosto mais comprido que esperança de pobre, seco e amarelo; suas armas e armadura desemparelhadas; e sua atitude severa —, e ficaram em silêncio, até ver o que ele diria. Com muita calma e gravidade, os olhos pousados na formosa Doroteia, ele disse:

— Fui avisado, formosa senhora, por este meu escudeiro que vossa grandeza se aniquilou e que vosso ser se desfez, porque de rainha e grande senhora que éreis de costume vos transformastes numa donzela plebeia. Se isso foi por ordem de vosso pai, o rei necromante, temeroso de que eu não vos desse a necessária e devida ajuda, digo que não soube nem sabe da missa a metade e que foi pouco versado em histórias de cavalaria. Se ele as tivesse lido e repassado tão atenta e demoradamente como eu as li e repassei, encontraria a cada passo como outros cavaleiros de menor fama que a minha realizaram coisas mais difíceis, não sendo muito matar um gigantinho, por mais arrogante que seja, pois não faz muitas horas que eu me encontrei com ele. Mas prefiro me calar,

para que não digam que minto. Que o tempo, revelador de todas as coisas, diga tudo no instante menos esperado.

— Vós vos encontrastes com dois odres, não com um gigante — disse o estalajadeiro nesse ponto.

Dom Fernando mandou que ele se calasse e não interrompesse dom Quixote de jeito nenhum.

— Enfim, excelsa e deserdada senhora — prosseguiu dom Quixote —, se foi por isso que vosso pai fez essas metamorfoses em vossa pessoa, não lhe deis crédito algum, porque não há no mundo perigo em que minha espada não abra caminho: decepando com ela a cabeça de vosso inimigo, em poucos dias porei na vossa a coroa de vossa terra.

Dom Quixote não disse mais nada e esperou que a princesa respondesse; ela, ciente da decisão de dom Fernando de que se prosseguisse com a farsa até levar dom Quixote para casa, com muita distinção e gravidade respondeu:

— Quem quer que vos tenha dito, valoroso Cavaleiro da Triste Figura, que eu havia me aniquilado e mudado meu ser, não vos disse a verdade, porque sou hoje a mesma que fui ontem. Decerto mudei em algumas coisas por causa de acontecimentos que me trouxeram boa sorte, a melhor que eu poderia desejar; mas nem por isso deixei de ser a de antes e de ter o mesmo desejo que sempre tive de me valer de vosso corajoso e invulnerável braço. Assim, meu senhor, devolva vossa grandeza a honra ao pai que me gerou, tendo-o por homem sagaz e prudente, pois com sua ciência achou caminho tão fácil e tão verdadeiro para resolver minha desgraça, pois acredito que, se não fosse por vós, meu senhor, jamais encontraria a felicidade que tenho; e esses senhores que estão aqui são boas testemunhas de toda a verdade que há no que vos digo. Agora, o que nos resta fazer é seguirmos viagem amanhã, porque hoje já não poderemos ir longe; quanto ao desfecho feliz que espero para nossa aventura, deixarei à vontade de Deus e à coragem de vosso coração.

Depois de ouvir a ponderada Doroteia, dom Quixote se virou para Sancho e, com mostras de grande exasperação, disse:

— Ouve-me, Sanchinho: és o maior velhaquinho que há na Espanha. Diz-me, ladrão, vagabundo, não acabaste de me dizer que esta princesa havia se transformado numa donzela chamada Doroteia, e que a cabeça do gigante que acho que cortei era a puta que te pariu, com outros absurdos que me puseram na maior confusão em que jamais estive em todos os dias de minha vida? Juro… — e olhou para o céu e apertou os dentes — que estou por um fio para te dar uma sova que vai enfiar juízo na cachola de quantos escudeiros mentirosos de cavaleiros andantes houver daqui por diante!

— Acalme-se vossa mercê, meu senhor — respondeu Sancho. — É bem possível que eu houvesse me enganado sobre a transformação da senhora princesa Micomicona, mas, por Deus, no que toca à cabeça do gigante, ou pelo menos no caso da perfuração dos odres e do vinho tinto ser sangue, não me engano, não, porque os odres estão ali, feridos, à cabeceira da cama de vossa mercê, e o vinho tinto fez um lago do quarto. Se não acredita, verá no frigir dos ovos, quer dizer, quando o senhor estalajadeiro lhe apresentar a conta do estrago. Agora, que a senhora rainha esteja como estava, alegra-me a alma, porque aí levo minha parte, que também sou filho de Deus.

— Olha, Sancho, perdoa-me, mas tu és um imbecil! — disse dom Quixote. — E agora chega.

— Isso mesmo — disse dom Fernando —, não se fala mais nisso. Bem, a senhora princesa diz para partirmos amanhã, porque já é tarde. Façamos assim, e esta noite poderemos passar numa boa conversa até raiar o dia, quando todos acompanharemos o senhor dom Quixote, pois queremos ser testemunhas das arrojadas e inauditas façanhas que deverá cometer no desenrolar dessa grande empresa de que se encarregou.

— Sou eu que tenho de vos servir e acompanhar — respondeu dom Quixote —, e agradeço muito a mercê que me faz e a boa opinião que se tem de mim. Tentarei não desmenti-la, ou me custará a vida, ou mais ainda, se mais puder me custar.

Dom Quixote e dom Fernando trocaram muitas palavras de cortesia e muitas vezes se puseram ao dispor um do outro, mas se

calaram quando entrou na estalagem um viajante, que pelo traje mostrava ser cristão recém-chegado de terras mouras, pois usava uma casaca de tecido azul, de abas curtas, com meias mangas e sem gola; os calções também eram de tecido azul, com um gorro da mesma cor; trazia umas botas cor de tâmara e um alfanje mourisco, posto a tiracolo num talim. Atrás dele, num jumento, vinha uma mulher vestida à mourisca, com o rosto coberto e uma touca na cabeça, com um adorno de brocado, e vestida com uma túnica que a cobria dos ombros aos pés.

O homem era belo e forte, com pouco mais de quarenta anos, o rosto um tanto moreno, bigodes longos e a barba bem cuidada; enfim, pela postura indicava que, se não estivesse vestido como um cativo, seria julgado por pessoa ilustre e bem-nascida.

Pediu um quarto, mas, como disseram que não havia, mostrou-se preocupado. Depois se aproximou da mulher vestida de moura e ajudou-a a apear, estendendo-lhe os braços. Lucinda, Doroteia, a estalajadeira, sua filha e Maritornes, atraídas pelas roupas que nunca tinham visto, rodearam a moura. E Doroteia, que sempre foi graciosa, educada e sensível, achando que tanto ela como seu acompanhante se afligiam com a falta do quarto, disse a ela:

— Não vos entristeça muito, minha senhora, com a falta de conforto, porque as estalagens são assim mesmo. Mas, se quiserdes ficar conosco — e apontou Lucinda —, não achareis talvez tão boa acolhida ao longo dessa viagem.

A mulher velada não respondeu, nem fez outra coisa que se levantar de onde havia sentado e, com ambas as mãos cruzadas sobre o peito, a cabeça inclinada, dobrar o corpo em sinal de agradecimento. Por seu silêncio imaginaram que, sem dúvida alguma, devia ser moura e não sabia falar a língua cristã. Nisso chegou o cativo, que estivera tratando de outra coisa, e, vendo que todas cercavam sua senhora e que ela se calava a tudo o que lhe falavam, disse:

— Minhas senhoras, esta donzela mal entende minha língua e só fala a de sua terra, por isso não respondeu e sem dúvida não responderá o que perguntaram.

— Perguntamos apenas, com a cortesia que obriga a servir a todos os estrangeiros necessitados, especialmente se for uma mulher — respondeu Lucinda —, se quer passar esta noite em nossa companhia e dividir o quarto em que nos acomodaremos, onde terá o conforto possível.

— Por ela e por mim, beijo-vos as mãos, minha senhora — respondeu o cativo. — E, como é justo, agradeço muito a ajuda oferecida, pois nessas circunstâncias, vinda de pessoas como vossa aparência manifesta, bem se vê que deve ser muito grande.

— Dizei-me, senhor: essa senhora é cristã ou moura? — disse Doroteia. — Pois as roupas e o silêncio nos fazem pensar que é o que não gostaríamos que fosse.

— É moura nas roupas e no corpo, mas na alma é grande cristã, porque tem muita vontade de sê-lo.

— Então não é batizada? — replicou Lucinda.

— Não teve oportunidade para isso depois que saiu de Argel, sua pátria — respondeu o cativo —, e até agora não se viu em perigo de morte iminente que obrigasse a se batizar sem antes aprender todas as cerimônias que nossa santa madre Igreja manda; mas queira Deus que logo seja batizada, com a dignidade devida à condição de sua pessoa, que é maior do que mostram suas roupas e as minhas.

Essas palavras atiçaram o desejo de todos os ouvintes de saber quem eram a moura e o cativo, mas por ora ninguém quis perguntar nada, pois viam que o momento era mais propício para lhes proporcionar descanso que de ouvir sua história. Doroteia tomou a mulher pela mão e a levou para se sentar a seu lado, pedindo-lhe que tirasse o véu. Ela olhou para o cativo, como se perguntasse o que lhe diziam e o que devia fazer. Ele disse em árabe que pediam que tirasse o véu e aconselhou que obedecesse. Então ela o tirou, revelando um rosto tão formoso que Doroteia a achou mais formosa que Lucinda, e Lucinda mais formosa que Doroteia, e todos os presentes pensaram que se alguma beleza poderia se comparar à das duas era a da moura, e alguns até lhe deram um pouco de vantagem. E, como a beleza tem a prerrogativa e a graça de reconciliar os ânimos e atrair as atenções, logo todos se renderam ao desejo de servir e tratar com carinho a formosa moura.

Dom Fernando perguntou ao cativo como a moura se chamava. Ele respondeu que *Lela*[1] *Zoraida*; ela, mal ouviu isso, entendeu o que haviam perguntado ao cristão e disse a toda pressa, cheia de aflição e graça:

— Não, não *Zoraida*: *Maria*, *Maria*! — dando a entender que se chamava *Maria*, e não *Zoraida*.

Essas palavras e a grande emoção com que a moura as disse fizeram alguns dos ouvintes derramar mais de uma lágrima, principalmente as mulheres, que são ternas e compassivas por natureza. Lucinda a abraçou, muito amorosa, dizendo-lhe:

— Sim, sim, Maria, Maria.

Ao que a moura respondeu:

— Sim, sim, Maria: Zoraida *macange*! — que quer dizer “não”.

Começava a anoitecer, e, por ordem dos acompanhantes de dom Fernando, o estalajadeiro havia tratado às pressas de preparar o melhor jantar que lhe era possível. Chegada a hora, todos se sentaram a uma mesa comprida como a dos criados, porque não havia nem redonda nem quadrada na estalagem. Apesar de seus protestos, deram o lugar de honra, a cabeceira, a dom Quixote, que quis que sentasse a seu lado a senhora Micomicona, pois ele era seu protetor. A seguir se sentaram Lucinda e Zoraida; diante delas dom Fernando e Cardênio, ladeados pelos outros cavaleiros e o cativo; junto às senhoras, o padre e o barbeiro. Jantaram com grande satisfação, mas ficaram mais satisfeitos ainda vendo que dom Quixote, parando de comer, movido por espírito semelhante ao que o levou a falar no jantar com os pastores de cabras, começou a dizer:

— Realmente, meus senhores, se considerarmos bem, os que professam a ordem da cavalaria andante veem coisas inauditas e admiráveis. Se não, quem, caso entrasse agora pela porta deste castelo e nos visse assim como estamos, poderia julgar ou acreditar que nós somos quem somos? Quem poderá dizer que esta senhora que está ao meu lado é a grande rainha que todos sabemos e que eu sou aquele Cavaleiro da Triste Figura, cuja fama anda na boca do povo? Não há mais dúvida de que essa arte e esse exercício ultrapassam a todas aquelas e aqueles que os homens inventaram,

e tanto mais devem ser apreciados quanto a maiores perigos se expõem. Tirem da minha frente os que afirmarem que as letras levam vantagem sobre as armas, pois direi a eles, sejam quem forem, que não sabem o que dizem. Porque o argumento que eles costumam esgrimir e a que mais se agarram é que os trabalhos do espírito ultrapassam os do corpo e que apenas com o corpo se exercitam as armas, como se esse exercício fosse coisa de burro de carga, para quem não é necessário mais que ter força física, ou como se nisso que nós, que as professamos, chamamos armas não se encerrassem atos de fortaleza, cuja execução exige muita sabedoria, ou como se a coragem do guerreiro encarregado de um exército ou da defesa de uma cidade sitiada não trabalhasse tanto com o espírito como com o corpo. Se não, vejamos se apenas com a força física se pode conjecturar e descobrir a intenção do inimigo, os desígnios, os estratagemas, as dificuldades, prever os ataques que se temem; pois todas essas coisas são ações da inteligência, em que o corpo não tem participação nenhuma.

“Assim, se as armas requerem tanto espírito como as letras, vejamos agora qual dos dois espíritos, o do letrado ou o do guerreiro, trabalha mais. Saberemos disso pelo objetivo que cada um persegue, porque se deve considerar melhor aquela intenção que tem por objetivo o fim mais nobre. O objetivo das letras, digo das letras humanas (pois não falo agora das letras divinas, que têm por alvo encaminhar as almas ao céu, porque a um fim tão sem fim como esse nenhum outro pode ser comparado), é entender e fazer com que as boas leis sejam obedecidas, isto é, pôr em pratos limpos a justiça distributiva e dar a cada um o que é seu. Um objetivo certamente generoso e elevado, digno de grande louvor, mas não tanto quanto merece aquele que as armas buscam, que é a paz, o maior bem que os homens podem desejar nesta vida. Assim, as primeiras boas notícias que o mundo teve e tiveram os homens foram as que os anjos anunciaram na noite que se tornou nosso grande dia, quando cantaram nos céus: ‘Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade’;[2] e a saudação que o melhor mestre da terra e do céu ensinou a seus discípulos e favorecidos foi lhes dizer que, ao entrarem em alguma casa,

dissessem: ‘Que a paz esteja nesta casa’; e muitas outras vezes disse: ‘Minha paz vos dou, minha paz vos deixo; que a paz esteja convosco’,[3] como joia preciosa dada por tal mão: sem ela na terra nem no céu pode haver bem algum. Essa paz é o verdadeiro objetivo da guerra, pois dizer armas e guerra é a mesma coisa. Estabelecida, portanto, essa verdade, que o objetivo da guerra é a paz, e que esse objetivo leva vantagem ao objetivo das letras, vamos agora aos trabalhos do corpo do letrado e aos do corpo de quem professa as armas, e vejamos quais são maiores.”

Dom Quixote ia desenvolvendo seu discurso de modo tão lúcido e organizado que, naquele momento, nenhum dos ouvintes podia considerá-lo louco; pelo contrário, como a maioria era de cavaleiros, homens ligados às armas, escutavam-no de muito bom grado. E ele prosseguiu assim:

— Afirmo então que os trabalhos do estudante são estes: principalmente pobreza, não porque todos sejam pobres, mas para dar o exemplo extremo a que pode chegar este caso; bem, dito que padecem de pobreza me parece que não seria necessário dizer mais nada de sua má sorte, porque quem é pobre não tem nada que preste. Eles padecem essa pobreza por partes, seja na fome, no frio, na nudez, ou toda de uma vez; mas, apesar disso, não é tanta que não comam, embora seja um pouco mais tarde que o costume, embora sejam as sobras dos ricos, que é a maior miséria do estudante, coisa que chamam de viver de esmola; e não lhes falta algum braseiro ou fogão alheio, que, se não esquenta, pelo menos amorna seu frio, e, enfim, à noite dormem embaixo de um teto. Não quero descer a outras minúcias, como a falta de camisas e a ausência de sapatos, o vestuário ralo e puído, nem o prazer de se empanturrarem quando a boa sorte lhes depara algum banquete.

“Por esse caminho que pintei, áspero e complicado, tropeçando aqui, caindo ali, levantando-se lá, caindo de novo, chegam aonde desejam; aí, vimos muitos que, tendo passado por essas Sirtes, Cilas e Caribdes,[4] como que levados pelos ares pela sorte favorável, digo, nós os vimos mandar e governar o mundo desde uma cadeira, trocada a fome pela fartura, o frio pela fresca, a nudez pelo luxo e o sono numa esteira pelo repouso em leitos forrados de

linho e damasco, prêmio justamente merecido por sua perseverança. Mas esses trabalhos, contrapostos e comparados aos da atividade guerreira, ficam muito atrás em tudo, como demonstrarei agora.”

xxxviii

que trata do curioso discurso que dom quixote fez sobre as armas e as letras

Prosseguindo, dom Quixote disse:

— Começamos examinando a pobreza do estudante, em suas várias facetas; examinemos agora se o soldado é mais rico. Bem, logo veremos que não há ninguém mais pobre entre os pobres, porque depende da miséria de seu soldo que recebe tarde ou nunca ou do que suas mãos afanarem, com grande perigo para sua vida e sua consciência. E às vezes sua nudez chega a tanto que um colete esfarrapado lhe serve de agasalho e traje de festa, e em pleno inverno, quando está em campo aberto, costuma se defender das inclemências do céu apenas com a própria respiração, que por sair de lugar vazio deve sair fria, como verifiquei, contrariando todas as leis da natureza. Então espera a chegada da noite para se recuperar na cama de todos esses incômodos: se não for por sua culpa, ela jamais pecará pelo tamanho, pois ele pode medir muito bem na terra quantos metros quiser e se virar e se revirar à vontade, sem medo de que os lençóis fiquem curtos.

"Depois disso tudo, chega a vez e a hora de receber o certificado de seu ofício: um dia de batalha, quando lhe porão na cabeça o barrete de doutor, feito de ataduras, para curar algum balaço que lhe raspou as têmporas ou lhe deixou estropiado de um braço ou perna. E, se não acontecer isso, se o céu piedoso o guardar e o conservar são e salvo, poderá ser para que continue na mesma pobreza em que estava antes e que seja necessário um ou outro combate, uma

ou outra batalha, em que tem de sair sempre vencedor para ganhar algo; mas poucas vezes se veem estes milagres. Agora, dizei-me, senhores, se reparastes nisso: não são muito menos os premiados pela guerra que os que pereceram nela? Sem dúvida respondereis que não tem comparação nem se pode contar o número dos mortos, mas que os premiados vivos podem ser contados em três algarismos. É exatamente o contrário com os letrados: todos recebem o pagamento de mão beijada, e nem falemos de mão molhada. De modo que, embora seja maior o trabalho do soldado, o prêmio é muito menor. Claro que a isso se pode responder que é mais fácil premiar dois mil letrados que trinta mil soldados, porque se premiam os letrados dando empregos que por força devem ser dados aos de sua profissão, e os soldados não podem ser premiados a não ser com os próprios bens do senhor a quem servem, coisa certamente impossível, o que mais fortifica minha opinião.

"Mas deixemos isso de lado, que é labirinto de saída complicada, e voltemos à primazia das armas sobre as letras, matéria que até agora está para ser discutida, conforme os argumentos que cada um dos lados alega. Entre eles, dizem os partidários das letras que sem elas as armas não poderiam se sustentar, porque a guerra também tem suas leis e está sujeita a elas, e que as leis são o território das letras e dos letrados. Os partidários das armas respondem que as leis não poderão se sustentar sem elas, porque com as armas se defendem as repúblicas, conservam-se os reinos, protegem-se as cidades, asseguram-se as estradas, limpam-se os mares de piratas e, finalmente, se não fosse por elas, as repúblicas, os reinos, as monarquias, as cidades, os caminhos de mar e terra estariam sujeitos ao rigor e à confusão que traz consigo a guerra no tempo que dura e tem licença de usar de seus privilégios e de suas forças.

"E se sabe que, aquilo que mais custa, mais se aprecia e mais se deve apreciar. Para alguém ser proeminente em letras, custa em tempo, vigília, fome, nudez, dores de cabeça, indigestões e outras coisas a elas vinculadas, que já referi em parte; mas para alguém chegar nos mesmos termos a ser um bom soldado custa tudo o que

custou ao estudante, em grau muito maior, que nem tem comparação, porque ele está a pique de perder a vida a cada passo. E que medo de miséria e pobreza pode atingir e angustiar o estudante que possa se comparar ao que tem o soldado que, cercado em alguma fortaleza, está de sentinela numa guarita ou atalaia e sente que os inimigos estão escavando um túnel para explodir o lugar onde ele está, e não pode se afastar dali de jeito nenhum, nem fugir do perigo que o ameaça tão de perto? A única coisa que pode fazer é avisar seu capitão do que acontece, para que revide com uma contramina, e ficar quieto em seu posto, com medo, à espera de repentinamente subir às nuvens sem ter asas e descer a contragosto para as profundezas.

“Bem, se esse perigo parece pequeno, vejamos se ele se iguala ou leva vantagem ao ataque de duas galeras no meio da imensidão do mar: com as duas mutuamente presas por ganchos, não resta ao soldado mais espaço que os três palmos da tábua de abordagem na proa, mas, mesmo vendo que tem diante de si tantos agentes da morte que o ameaçam quantos canhões são apontados do lado contrário, a menos de uma lança de distância de seu corpo, mesmo vendo que ao primeiro descuido dos pés iria visitar os abismos profundos de Netuno, mesmo assim, com coração intrépido, levado pela honra que o incita, expõe-se como alvo a tantos arcabuzes e procura avançar por essa passagem tão estreita para o barco inimigo. E o que mais espanta é que, mal um soldado caiu onde não poderá se levantar até o fim do mundo, outro ocupa o mesmo lugar, e, se este também cai nas águas, que o aguardam como inimigo, outro e mais outro o sucedem, sem dar tempo ao tempo de suas mortes: a maior valentia e atrevimento que se pode encontrar em todas as aflições da guerra.

“Abençoados sejam aqueles séculos que careceram da espantosa fúria desses instrumentos endemoniados de artilharia. Penso que seu inventor está no inferno recebendo a recompensa por sua obra maligna, pois com ela permitiu que um braço infame e covarde tire a vida de um cavaleiro corajoso e que, sem que se saiba como ou vinda de onde, em meio à coragem e brio que inflama os corações valentes, chegue uma bala perdida (desfechada talvez por alguém

que fugiu espantado com o resplendor do fogo que fez ao disparar a máquina maldita) que corta e acaba num instante os pensamentos e a vida de quem a merecia gozar longos séculos. Então, considerando isso, sou capaz de dizer que me pesa na alma ter aderido a esse ofício de cavaleiro andante em época tão detestável como esta em que vivemos, porque, embora a mim nenhum perigo meta medo, me deixa receoso pensar que a pólvora e o chumbo poderão me impedir de me tornar ilustre e famoso pelo valor de meu braço e pelo fio de minha espada, em todos os quatro cantos do mundo conhecido. Mas que seja o que o céu determinar, pois serei muito mais estimado, se conseguir o que pretendo, quanto maiores forem os perigos que correr do que os perigos que correram os cavaleiros andantes dos séculos passados."

Dom Quixote fez toda essa longa arenga enquanto os demais jantavam, esquecendo de provar a comida, mesmo que algumas vezes Sancho Pança tenha dito que comesse, que depois haveria tempo para dizer tudo o que quisesse. Os que o escutavam sentiram pena de novo ao ver que homem pelo visto inteligente, capaz de argumentar com clareza sobre todas as coisas de que tratava, perdia o juízo completamente quando o assunto era sua maldita e condenada cavalaria. O padre lhe disse que tinha muita razão em tudo quanto dissera a favor das armas e que ele, embora letrado e diplomado, tinha a mesma opinião.

Acabaram de jantar, tiraram a mesa e, enquanto a estalajadeira, sua filha e Maritornes arrumavam o sótão de dom Quixote, onde haviam decidido que somente as mulheres passariam a noite, dom Fernando pediu ao cativo que lhes contasse a história de sua vida, porque só poderia ser estranha e agradável, a julgar pela amostra, a chegada em companhia de Zoraida. O cativo respondeu que sim, de muito boa vontade; temia apenas que a história não lhes agradasse como ele desejava, mas que a contaria assim mesmo, para não desobedecê-lo. O padre e todos os outros lhe agradeceram, pedindo de novo que a contasse logo. Ele, diante de tanta insistência, disse que não era necessário pedir quando tinham o poder de mandar.

— Então, prestem atenção vossas mercês e ouvirão uma história verídica, e talvez as fantasiosas, que costumam ser inventadas com cuidado e astúcia, não possam se comparar a ela.

Assim, fez com que todos se acomodassem e, vendo que aguardavam o que ia dizer em silêncio total, começou a falar desta maneira, com voz calma e agradável:

xxxix

onde o cativo conta sua vida e aventuras

— Numa aldeia das montanhas de León teve início minha linhagem, com quem a natureza foi mais favorável e generosa que a fortuna, embora no acanhamento daqueles povoados meu pai tivesse fama de rico, e realmente seria se tivesse tanta destreza para conservar suas posses como a tinha para gastá-las. Sua propensão a ser liberal e perdulário começou nos anos de juventude, quando foi soldado, pois a tropa é a escola onde o mesquinho se torna desprendido e o desprendido, pródigo, e, caso se encontre alguns soldados miseráveis, são como monstros, que poucas vezes são vistos. Meu pai ultrapassava os limites da generosidade e beirava os do esbanjamento, coisa que não é de nenhum proveito para homem casado e que tem filhos que devem herdar o nome e a posição dele. Meu pai tinha três, todos homens e todos em idade de casar. Então, vendo que não podia contrariar facilmente sua propensão, resolveu se privar do instrumento e causa que o fazia um esbanjador generoso, quer dizer, privou-se de suas posses. Sem elas até o próprio Alexandre pareceria avarento. Assim, um dia chamou a nós três em particular num quarto e nos disse mais ou menos o que repetirei agora: “Filhos, para saberdes que vos quero bem basta dizer que sois meus filhos; e para compreender que vos quero mal basta saber que não está ao meu alcance conservar vossas posses. Então, para que daqui por diante entendais que vos quero como pai e que não quero vos destruir como padrasto, gostaria de fazer uma coisa convosco que venho pensando há muitos dias e que decidi com consideração madura. Vós já estais em idade de casar, ou pelo

menos de escolher uma profissão que os honre e beneficie, quando fordes mais velhos. E o que pensei foi dividir minhas posses em quatro partes iguais: vos darei três, uma para cada um, sem diferença alguma, e ficarei com a quarta para me manter enquanto o céu se comprazer em me conservar com vida. Mas gostaria que, depois que cada um tivesse em seu poder a parte que lhe toca, seguisse um dos caminhos que indicarei. Há um ditado em nossa Espanha, muito verdadeiro em minha opinião, como são todos, por serem sentenças breves tiradas de longa e judiciosa experiência; e este que digo reza: 'Igreja ou mar ou casa real', como se dissesse com mais clareza que quem quiser prosperar e ser rico siga ou a Igreja ou navegue, exercitando a arte do comércio, ou entre a serviço dos reis em suas casas, porque dizem: 'Mais vale migalha de rei que mercê de senhor'. Digo isso porque meu desejo é que um de vós seguisse as letras, o outro o comércio e o último servisse ao rei na guerra, pois é muito difícil servir em sua casa; embora a guerra não dê muitas riquezas, costuma dar muito prestígio e muita fama. Dentro de oito dias vos darei toda a vossa parte em dinheiro, sem enganá-los num tostão, como vereis por vós mesmos. Dizei-me agora se quereis seguir minha opinião e conselho no que vos propus".

"Ele mandou que eu respondesse, por ser o mais velho. Depois de ter dito a ele que não se desfizesse de suas posses, mas que gastasse tudo o que tivesse vontade, que já tínhamos idade para trabalhar, concluí que obedeceria a seu desejo e que o meu era seguir o ofício das armas, servindo assim a Deus e a meu rei. O segundo irmão fez a mesma proposta e escolheu ir para as Índias, investindo a parte que lhe tocasse. O mais novo e, penso eu, o mais inteligente, disse que queria entrar para a Igreja ou ir completar seus estudos na Universidade de Salamanca.

"Mal acabamos a combinação e a escolha de nossas profissões, meu pai nos abraçou a todos e executou a promessa com a mesma rapidez com que havia falado, dando a cada um de nós sua parte, que, pelo que me lembro, era de três mil ducados em dinheiro vivo, porque um tio nosso comprou toda a propriedade e pagou à vista, para que ela continuasse na família. Nós três nos despedimos num

mesmo dia de nosso bom pai, mas, parecendo-me desumano deixar meu pai velho e com tão poucas posses, fiz com que aceitasse dois de meus três mil ducados, pois me bastava o resto para providenciar o que era necessário para um soldado. Meus dois irmãos, movidos por meu exemplo, deram cada um mil ducados; de modo que meu pai ficou com quatro mil em dinheiro e mais três que parece que era o que valia a parte dele, que não quis vender, mas manter em terras e outros bens imóveis. Enfim, despedimo-nos dele e daquele tio de que falei, não sem muito sentimento e lágrimas de todos, nem sem prometer mandar notícias de nossas aventuras, favoráveis ou não, todas as vezes que fosse possível. Então, depois das promessas, dos abraços e de sua bênção, um se foi para Salamanca, o outro para Sevilha e eu para Alicante, onde me disseram que havia um navio genovês que carregava lã para Gênova.

"Neste ano faz vinte e dois que saí da casa de meu pai e, em todos eles, apesar de ter escrito algumas cartas, não soube nada dele nem de meus irmãos. Quanto ao que passei nesse meio-tempo, contarei em poucas palavras. Embarquei em Alicante, fiz boa viagem até Gênova, de lá fui para Milão, onde me muni de armas e de roupas de soldado, e fui sentar praça no Piemonte. Mas, a caminho de Alexandria da Palha, tive notícias de que o grande duque de Alba marchava para Flandres.[1] Mudei meus planos: parti com ele e servi nas campanhas que fez. Presenciei a morte dos condes de Eguemón e de Hornos,[2] cheguei a ser alferes de um famoso capitão de Guadalajara, chamado Diego de Urbina,[3] e, depois de algum tempo que cheguei em Flandres, tivemos notícia da aliança que Sua Santidade, o papa Pio Quinto, de feliz memória, tinha feito com Veneza e com a Espanha contra o inimigo comum, que é o Turco, que naquela época havia conquistado com sua armada a famosa ilha de Chipre, que estava sob o domínio de venezianos. Foi uma perda lamentável e desastrosa.[4]

"Foi dado como certo que o general dessa aliança seria o sereníssimo dom Juan de Áustria, irmão natural de nosso bom rei dom Felipe; tornaram-se conhecidos os tremendos preparativos de guerra, o que me impressionou e incitou minha coragem e desejo de

me ver na campanha que se esperava; e, embora eu tivesse esperanças ou quase certeza de que na primeira oportunidade que aparecesse seria promovido a capitão, resolvi largar tudo e ir para a Itália, como efetivamente fui. Por sorte, o senhor dom Juan de Áustria acabava de chegar a Gênova, a caminho de Nápoles, para se juntar com a armada de Veneza, como fez depois em Messina.[5] Enfim, digo que estive naquela campanha[6] gloriosa, já como capitão de infantaria, a cujo honroso posto me elevou minha boa estrela, mais que meus méritos. Naquele dia tão feliz para a cristandade, porque o mundo e todas as nações descobriram o erro em que estavam acreditando que os turcos eram invencíveis no mar, digo, naquele dia em que o orgulho e a soberba otomanos foram dobrados, entre tantos homens felizes (porque mais sorte tiveram os cristãos que morreram ali do que os que saíram vivos e vencedores) apenas eu fui o desgraçado, pois, em vez de receber uma coroa de louros, como poderia esperar se fosse nos tempos dos romanos, eu me vi naquela noite que seguiu dia tão famoso com correntes nos pés e algemas nos punhos.

"Aconteceu assim: tendo Uchali,[7] rei de Argel, atrevido e próspero pirata, atacado e rendido a nau capitânia da esquadra de Malta, em que apenas três cavaleiros saíram com vida, mas mortalmente feridos, veio em socorro a nau capitânia de Juan Andrea,[8] em que eu estava com minha companhia. Fiz então o que devia em situação semelhante, saltei para a galera contrária, mas ela se desviou em sua investida, o que impediu que meus soldados me seguissem, daí que me encontrei sozinho entre meus inimigos, a quem não consegui resistir, por serem tantos: por fim me renderam cheio de ferimentos. E, como já deveis ter ouvido falar, senhores, Uchali se salvou com toda a sua esquadra, e eu fiquei prisioneiro em seu poder: fui o único homem triste entre tantos alegres e o escravo entre tantos livres, porque foram quinze mil cristãos os que naquele dia alcançaram a desejada liberdade, todos presos aos remos da armada turca. Levaram-me para Constantinopla, onde o grão-turco Selim deu o posto de general do mar ao meu captor, porque havia cumprido com seu dever na batalha: como demonstração de coragem, tinha levado o estandarte da Ordem de Malta.

“No segundo ano, que foi o de 72, achei-me em Navarino, navegando na nau capitânia com os três faróis de guia. Notei ali a oportunidade que se perdeu de prender a armada turca, porque todos os marinheiros e soldados que vinham nela tiveram certeza de que seriam atacados dentro do próprio porto e tinham preparado sua roupa e passamaques, como chamam seus calçados, para fugir logo por terra, sem esperar combater, tanto era o medo que nossa armada metia neles. Mas o céu ordenou de outra maneira, não por culpa nem descuido do general que comandava os nossos, mas pelos pecados da cristandade e porque Deus quer e permite que tenhamos sempre carrascos que nos castiguem. Na verdade, Uchali se refugiou em Modon, uma ilha perto de Navarino, onde desembarcou sua gente, fortificou a boca do porto e ficou até que o senhor dom Juan voltou. Nessa viagem se tomou a galera que se chamava *A Presa*, capitaneada por um filho daquele famoso pirata Barba Ruiva. Abordou-a a nau capitânia de Nápoles, chamada *A Loba*, comandada por aquele raio da guerra, pelo pai dos soldados, por aquele feliz e invencível capitão dom Álvaro de Bazán, marquês de Santa Cruz. E não quero deixar de dizer o que aconteceu na captura da *Presa*. O filho do Barba Ruiva era tão cruel e tratava tão mal seus cativos que, mal os remadores viram que a galera *Loba* se aproximava e que ia alcançá-los, soltaram os remos todos ao mesmo tempo e agarraram seu capitão, que estava na popa gritando que remassem depressa, e, passando-o de banco em banco até a proa, lhe deram tantas mordidas que logo depois de passar pelo mastro maior sua alma já havia chegado ao inferno: tal era, como se disse, a crueldade com que tratava a todos e o ódio que eles lhe tinham.

“Voltamos a Constantinopla, e no ano seguinte, que foi o de 73, soube-se por lá como o senhor dom Juan havia conquistado Túnis, tirando aquele reino dos turcos e dando posse a Mulei Hamet, cortando as esperanças que tinha de voltar a reinar Mulei Hamida, o mouro mais cruel e mais valente que o mundo conheceu.[9] O grão-turco sentiu muito essa perda e, usando da sagacidade própria dos de sua casa, fez as pazes com os venezianos, que as desejavam muito mais que ele, e no ano seguinte, 74, atacou a Goleta e o forte

perto de Túnis que o senhor dom Juan havia deixado meio construído. Em todos esses acontecimentos, eu estava ao remo, sem esperança de liberdade alguma; pelo menos, não esperava tê-la por um resgate, porque tinha decidido não mandar notícias de minha desgraça a meu pai.

“Enfim, caiu a Goleta, caiu o forte, praças atacadas por setenta e cinco mil soldados turcos regulares e por mais de quatrocentos mil mouros e árabes de toda a África, todos esses guerreiros com tanta munição, apetrechos de guerra e sapadores que só com as mãos e punhados de terra poderiam cobrir a Goleta e o forte. Primeiro caiu a Goleta, tida até então como inexpugnável, e não caiu por culpa de seus defensores, que fizeram em sua defesa tudo aquilo que deviam e podiam, mas porque a experiência mostrou a facilidade com que se podiam levantar trincheiras naquele areal deserto, pois, embora a dois palmos se achasse água, os turcos não a acharam nem a dois metros: levantaram trincheiras com muitos sacos de areia, tão altas que sobrepujaram as muralhas da fortaleza. Assim, atirando de cima, ninguém podia pará-los nem ajudar na defesa.

“Foi opinião comum que os nossos não deviam se encerrar na Goleta e sim esperar no porto em campo aberto, mas os que diziam isso falavam de longe e com pouca experiência de casos semelhantes, porque, se na Goleta e no forte mal havia sete mil soldados, como tão poucos podiam, por mais valentes que fossem, sair em campo aberto e permanecer na fortaleza, contra tantos inimigos? E como é possível deixar de cair uma fortaleza que não é socorrida, e mais ainda quando a cercam inimigos inumeráveis e teimosos, e em sua própria terra? Mas a muitos pareceu, como também a mim, que foi uma graça e mercê particular que o céu concedeu à Espanha ao permitir que se assolasse aquela sementeira e antro de maldades, e aquele papão ou esponja ou cupim de dinheiro que ali se gastava sem proveito, que só servia para conservar a memória feliz de tê-la conquistado o invicto Carlos Quinto, como se fossem necessárias aquelas pedras que a sustentam para torná-la eterna, como é e será.

“Também caiu o forte, mas os turcos tiveram de conquistá-lo palmo a palmo, porque os soldados que o defendiam lutaram enérgica e

corajosamente, tanto que mataram mais de vinte e cinco mil inimigos nos vinte e dois ataques gerais feitos. Não capturaram nenhum sem feridas entre os trezentos que ficaram vivos, sinal certo e claro de seu esforço e coragem, e de como haviam se defendido bem e guardado suas praças. Capitulou, depois de aceitar suas condições, um pequeno forte ou torre que estava na metade da foz, a cargo de dom Juan Zanoguera, cavaleiro valenciano e soldado famoso. Prenderam dom Pedro Puertocarrero, general da Goleta, que fez todo o possível para defender sua fortaleza e sentiu tanto tê-la perdido que morreu de tristeza a caminho de Constantinopla, onde o levavam como escravo. Também prenderam o general do forte, que se chamava Gabrio Cervellón, cavaleiro milanês, grande engenheiro e soldado muito valente. Morreram nessas duas fortalezas muitas pessoas importantes; uma delas foi Pagán de Oria, cavaleiro da Ordem de São João, de temperamento generoso, como o demonstra a extrema liberalidade que usou com seu irmão, o famoso Juan Andrea de Oria. Mas o que tornou mais penosa a morte dele foi ter sido nas mãos de uns árabes em quem confiou, vendo o forte já perdido. Eles se ofereceram para levá-lo vestido de mouro para Tabarca, que é um portinho ou casa que têm naquela região uns genoveses que se dedicam à pesca do coral, e lhe cortaram a cabeça e a levaram ao general de terra da armada turca, que aplicou neles nosso ditado castelhano: 'A traição deleita, mas ao traidor se rejeita'. Dizem que então o general mandou enforcar os que lhe trouxeram o presente, porque não o tinham trazido vivo.

"Entre os cristãos capturados no forte, houve um chamado dom Pedro de Aguilar, natural não sei de que lugar da Andaluzia, que havia sido alferes, soldado de prestígio e rara inteligência; era especialmente dotado para o que chamam poesia. Digo isso porque o destino o trouxe à minha galera e ao meu banco para ser escravo do mesmo amo, e antes que partíssemos daquele porto esse cavaleiro compôs dois sonetos à maneira de epitáfios, um à Goleta e o outro ao forte. Na verdade, gostaria de recitá-los, porque os sei de cor e acho que antes causarão prazer que tristeza."

No instante em que o cativo falou o nome de dom Pedro de Aguilar, dom Fernando olhou seus companheiros e todos os três

sorriram; e, quando falou dos sonetos, um deles disse:

— Antes que vossa mercê continue, suplico que me diga o que foi feito desse dom Pedro de Aguilar.

— O que sei — respondeu o cativo — é que, ao cabo de dois anos em Constantinopla, fugiu vestido de albanês com um espião grego. Não sei se ficou em liberdade, mesmo que ache que sim, porque dali a um ano eu vi o grego em Constantinopla mas não pude lhe perguntar pelo desenlace daquela viagem.

— Foi bom — respondeu o cavaleiro —, porque esse dom Pedro é meu irmão e agora está em nossa aldeia, salvo e rico, casado e com três filhos.

— Graças a Deus — disse o cativo —, que tantas mercês lhe concedeu, pois, em minha opinião, não há na terra alegria igual à de alcançar a liberdade perdida.

— Eu também sei os sonetos que meu irmão fez — replicou o cavaleiro.

— Recite-os então, senhor — disse o cativo —, pois deve recitar melhor que eu.

— Será um prazer — respondeu o cavaleiro.

E o da Goleta dizia assim:

xl

onde continua a história do cativo

soneto

Almas felizes, que do mortal véu
livres e isentas, pelo bem que fizestes,
desde a terra baixa vos elevastes
ao mais alto e ao melhor do céu,

e, ardendo em ira e honroso zelo,
dos corpos a força exercitastes,
que com sangue próprio e alheio coloristes
o mar próximo e o chão arenoso:

antes que a coragem, faltou a vida
nos braços cansados, que, morrendo,
ao ser vencidos, levam a vitória;

e esta vossa mortal, triste queda
entre o muro e o ferro, vos vai dando
no mundo a fama e no céu, glória.[a]

— É assim mesmo que sei — disse o cativo.

— E o do forte, se não me lembro mal — disse o cavaleiro —, diz assim:

soneto

Do meio desta terra estéril, arrasada,
destes destroços jogados pelo chão,
as almas santas de três mil soldados
subiram vivas a melhor morada,

tendo antes em vão exercitada
a força de seus braços esforçados,
até que no fim, aos poucos e cansados,
deram a vida ao fio da espada.

E este chão sempre tem sido
repleto de mil memórias lamentáveis
desde os dias passados até os presentes.

Mas não haverão almas mais justas
subido ao claro céu de seu duro seio,
nem ele amparou corpos tão valentes.[b]

Não acharam maus os sonetos, e o cativo se alegrou com as notícias que lhe deram de seu companheiro e, continuando sua história, disse:

— Então, com a Goleta e o forte rendidos, os turcos deram ordem de desmantelar a Goleta, porque o forte ficou num estado que não havia mais o que derrubar. Para fazer tudo rapidamente e com menos trabalho, eles a minaram em três pontos, mas com nenhum se pôde explodir o que parecia menos resistente, que eram as muralhas velhas, e tudo aquilo que havia ficado de pé da fortificação nova feita pelo Fradinho,[1] com muita facilidade veio por terra. Em suma, a armada voltou a Constantinopla exultante e vitoriosa. Dali a poucos meses morreu meu amo Uchali, que chamavam de Uchali Fartax, que quer dizer na língua deles Renegado Tinhoso, porque era e é costume entre os turcos adotarem nomes de algum defeito que tenham ou de alguma virtude, e isso porque não há entre eles mais que quatro sobrenomes de família, que descendem da casa

otomana, e os demais, como disse, adotam nome e sobrenome ou de defeitos físicos ou das virtudes de caráter. E este Tinhoso remou por catorze anos, como escravo do grande senhor, mas aí pelos trinta e quatro anos de idade se tornou renegado: ressentido por levar um bofetão de um turco, estando ao remo, abandonou sua fé para poder se vingar dele. E foi tão hábil que, sem ascender pelos meios e caminhos indecentes dos favoritos do grão-turco, veio a ser rei de Argel e depois almirante de esquadra, que é o terceiro cargo que há naqueles domínios. Era de nacionalidade calabresa, e moralmente foi homem de bem, tratava com muita humanidade seus escravos, uns três mil, que depois de sua morte foram divididos, como ele ordenou em seu testamento, entre o grande senhor (que também é herdeiro de todos os que morrem e faz parte dos demais filhos que o defunto deixa) e entre seus renegados. Eu fiquei com um renegado veneziano, que, sendo grumete de um navio, foi capturado por Uchali, que gostou muito dele, tanto que foi um de seus criados favoritos, e ele veio a ser o renegado mais cruel que jamais se viu. Chamava-se Assan Agá, e acabou muito rico e rei de Argel. Saí com ele de Constantinopla, mais ou menos alegre porque ia ficar perto da Espanha, não porque pensasse escrever a ninguém sobre minha aventura miserável. Esperava que a sorte me fosse mais favorável em Argel que em Constantinopla, onde já havia tentado mil maneiras de fugir, mas sem sucesso, e pensava buscar outros meios de conseguir o que desejava, pois jamais me desamparou a esperança de ficar livre, e, quando a execução dos planos que eu maquinava não correspondia ao que sonhara, sem desanimar eu disfarçava e procurava outra esperança que me sustentasse, mesmo que fosse pequena e frágil.

“Assim eu gastava meu tempo, encerrado numa prisão ou pátio grande que os turcos chamam ‘banho’, onde botam os cativos cristãos, tanto os que são do rei como alguns de particulares, e os que chamam ‘do armazém’, que é como dizer cativos do alcaide, que servem à cidade nas obras públicas e em outras atividades. Para esses escravos a liberdade é muito difícil, pois, como são propriedade pública e não têm um dono particular, não há com quem tratar o resgate, mesmo que o possam pagar. Alguns

proprietários da aldeia costumam levar seus cativos para esses banhos, como disse, principalmente quando são negociáveis, porque lá ficam descansados e em segurança até que seu resgate chegue. Também os cativos do rei que podem ser resgatados não vão para o trabalho com o resto do grupo, a não ser quando seu resgate demora, pois então, para que escrevam pedindo-o com mais afinco, botam-nos no trabalho, como ir cortar lenha com os demais, coisa que não é nada fácil.

"Eu era um dos cativos para resgate; não adiantou nada falar que não tinha posses nem renda, pois souberam que eu era capitão e me incluíram na lista das pessoas influentes. Puseram-me um grilhão, mais como sinal de minha condição que por segurança, e assim eu passava a vida naquele pátio, com muitos outros cavaleiros e pessoas importantes, considerados e marcados como de resgate. Mesmo que a fome e a nudez pudessem nos afligir às vezes, ou quase sempre, nenhuma coisa nos afligia tanto como ouvir e ver a todo instante as mais incríveis crueldades que meu dono usava com os cristãos. Todo dia enforcava um, empalava este, cortava as orelhas daquele, tudo isso por qualquer motivo ou sem motivo nenhum, tanto que os turcos achavam que agia assim por agir, porque era sua condição natural ser um assassino em grande escala. O único que se deu bem com ele foi um soldado espanhol, um tal de Saavedra; por ter feito coisas que ficarão na memória daquela gente por muitos anos, e todas para alcançar a liberdade, ele jamais o espancou, nem mandou que espancassem, nem lhe disse um palavrão. E pela menor coisa das muitas que fez temíamos que fosse empalado, e ele mesmo teve medo mais de uma vez; e, se não fosse porque o tempo é curto, eu contaria agora um pouco do que fez esse soldado, o que iria diverti-los e espantá-los muito mais que a narração de minha história.

"Enfim, davam para o pátio de nossa prisão as janelas da casa de um mouro rico e importante. Como é comum entre os mouros, eram mais buracos que janelas, e ainda se cobriam com gelosias muito grossas e de vãos estreitos. Um dia em que todos os demais cristãos haviam saído para trabalhar, eu estava num terraço de nossa prisão com outros três companheiros, tentando saltar com os

grilhões, para matar o tempo, e aconteceu que por acaso levantei os olhos e vi que aparecia uma vara com um lenço amarrado na ponta entre as gelosias de uma das janelinhas de que falei. A vara se movia e balançava, quase como se fizesse sinais para que nos aproximássemos para pegá-la. Reparamos nisso, e um dos que estava comigo foi ficar embaixo da vara, para ver se a soltavam ou que fariam; mas, mal ele chegou, levantaram a vara e a moveram para os dois lados, como se dissessem não com a cabeça. Meu companheiro voltou, e baixaram de novo a vara e fizeram os mesmos movimentos de antes. Foi outro companheiro, e aconteceu a mesma coisa. Finalmente, foi o terceiro, e repetiu-se com ele o que acontecera com o primeiro e o segundo. Ao ver isso, não quis deixar de tentar a sorte, e, mal me posicionei embaixo da vara, deixaram-na cair, e veio parar a meus pés. Tratei logo de desamarrar o lenço, em que vi um nó, e dentro dele vinham dez *cianiis*, que são umas moedas de ouro baixo que os mouros usam, cada uma valendo dez reais dos nossos. Nem preciso dizer o que aconteceu: fiquei tão feliz como espantado de pensar de onde podia vir aquele presente, especialmente para mim, pois o fato de a pessoa não ter querido soltar a vara para os outros dizia com clareza que eu era o escolhido. Guardei meu bom dinheiro, quebrei a vara, voltei para o terraço, olhei a janela e lá vi uma mão muito branca que se abria e se fechava rapidamente. Por isso pensamos que alguma mulher que vivia naquela casa devia ter nos dado o presente, e em sinal de agradecimento fizemos reverências ao modo dos mouros, inclinando a cabeça, dobrando o corpo e pondo os braços sobre o peito. Dali a pouco mostraram pela mesma janela uma pequena cruz feita de varas, que logo recolheram. Isso nos confirmou que alguma cristã devia ser cativa naquela casa, e era ela que havia dado as moedas; mas a brancura das mãos e os braceletes que usava nos desmentiram, pois imaginamos que devia ser cristã renegada, que os próprios donos costumam tomar como esposas legítimas, e elas consideram isso uma sorte, porque eles gostam mais delas que das de sua nação.

“Em todas essas nossas suposições sobre o caso fomos parar longe da verdade; enquanto isso, nosso passatempo dali por diante

era olhar a janela onde tinha aparecido a vara como a estrela guia, mas se passaram uns bons quinze dias sem que a víssemos, nem a mão tampouco, nem qualquer outro sinal. Nesse tempo procuramos com todo empenho saber quem vivia naquela casa, se havia nela alguma cristã renegada, mas jamais alguém nos disse nada fora que ali vivia um mouro importante e rico chamado Agi Morato, que tinha sido alcaide da fortaleza da Pata,[2] ofício de grande distinção entre eles. Então, quando menos esperávamos que chovesse mais *cianiis*, de repente vimos aparecer a vara com outro lenço na ponta, com um nó mais volumoso, e o pátio estava vazio como da outra vez. Fizemos a prova costumeira, indo todos um por um antes de mim, pois éramos os mesmos três. Mas a vara não se rendeu a nenhum deles, apenas a mim: aproximei-me e a deixaram cair. Desatei o nó e achei quarenta escudos espanhóis de ouro e um bilhete escrito em árabe, com uma grande cruz no fim. Beijei a cruz, peguei os escudos e voltei ao terraço; todos nós fizemos nossas reverências; de novo apareceu a mão, fiz sinais de que ia ler o bilhete, fecharam a janela. Ficamos todos confusos e alegres com o que acontecera, e, como nenhum de nós entendia árabe, era grande o desejo que tínhamos de saber o que continha o bilhete, e maior a dificuldade de encontrar quem o lesse.

“Por fim resolvi confiar num renegado, natural de Múrcia, que se considerava grande amigo meu e me dera tantas provas de que podia confiar nele que o obrigavam a manter o segredo que ia lhe revelar. Alguns renegados, quando têm a intenção de voltar para terras cristãs, costumam trazer consigo algumas cartas de prisioneiros importantes que garantem, do jeito que podem, que o sujeito é homem honesto, que sempre tratou bem os cristãos e que tem esperança de fugir na primeira oportunidade que aparecer. Alguns procuram esses testemunhos com boas intenções; outros se servem deles de propósito, na eventualidade de virem roubar em terras cristãs: se por acaso forem presos ou escravizados, mostram suas cartas e dizem que por elas se verá que vieram para ficar com os cristãos, por isso estavam numa expedição pirata com outros turcos. Assim escapam da primeira enrascada e se reconciliam com a Igreja, sem que ninguém os machuque; agora, se têm alguma

chance, voltam à Berbéria[3] para ser o que eram antes. Mas há sim os que procuram essas cartas e as usam com boas intenções, para ficar na terra dos cristãos, como esse amigo de que falei, que tinha cartas de todos os nossos companheiros, em que o elogiávamos o quanto era possível. Se os mouros o encontrassem com essas cartas, seria queimado vivo. Descobri que sabia muito bem o árabe, não apenas falar como escrever, mas, antes de me abrir completamente com ele, disse que me lesse aquele papel, que por acaso tinha achado num buraco em minha cabana. Ele o abriu e levou um bom tempo olhando-o e decifrando-o, murmurando entre os dentes. Perguntei se entendia; ele disse que muito bem e que, se eu queria que traduzisse palavra por palavra, lhe desse uma pena e tinta, para que o fizesse melhor. Demos logo o que pedia; ele foi traduzindo pouco a pouco e disse, no fim: 'Tudo o que está aqui em espanhol, sem faltar uma letra, é o que contém este papel mouro, e veja que onde diz Lela Marién quer dizer Nossa Senhora Virgem Maria'.

"Lemos o papel, que dizia:

> Quando eu era menina, meu pai tinha uma escrava que me ensinou as orações cristãs e me contou muitas coisas de Lela Marién. A escrava morreu, mas eu sei que não foi para o fogo, que está com Alá, porque depois a vi duas vezes: ela me disse para ir embora para a terra dos cristãos ver Lela Marién, que me queria muito. Não sei como fazer. Vi muitos cristãos por esta janela, mas nenhum me pareceu cavaleiro, exceto tu. Sou muito moça e formosa, e tenho muito dinheiro para levar comigo. Vê se podes dar um jeito de fugirmos, e lá serás meu marido, se quiseres; se não quiseres, não haverá problema, pois Lela Marién arrumará com quem me casar. Olhe bem a quem vais dar para ler isto que escrevo; não confies em nenhum mouro, porque são todos traiçoeiros. Isso me aflige muito: gostaria que não falasses com ninguém, porque se meu pai ficar sabendo me jogará num poço e me cobrirá de pedras. Vou prender um cordão na ponta da vara: amarra ali a resposta, mas, se não tens quem te escreva em

> árabe, diz-me por sinais, que Lela Marién fará com que te entenda. Ela e Alá te protejam, e essa cruz que eu beijo muitas vezes, como me mandou a escrava.

"Considerai, senhores, se essas palavras não eram para nos alegrar e espantar; assim, por uma coisa e outra, o renegado entendeu que o papel não tinha sido achado por acaso, mas que fora escrito para um de nós, e então ele nos implorou que, se era verdade o que suspeitava, confiássemos nele e lhe disséssemos, pois ele arriscaria a vida por nossa liberdade. Dizendo isso, tirou do peito um crucifixo de metal: embora fosse mau e pecador, acreditava nele firme e fielmente, e jurou com muitas lágrimas, pelo Deus que aquela imagem representava, ser leal e guardar o segredo de tudo o que quiséssemos lhe revelar, porque lhe parecia e quase adivinhava que por meio da mulher que havia escrito o bilhete todos nós alcançaríamos a liberdade e ele conseguiria o que tanto desejava, voltar ao seio da santa madre Igreja, de quem, como membro podre, estava separado e distante, devido a sua ignorância e a seus pecados. Meu amigo disse isso com tantas lágrimas e com tantas mostras de arrependimento que todos nós, de comum acordo, resolvemos contar a verdade a ele, e assim fizemos, sem esconder um detalhe do caso. Mostramos a janelinha por onde aparecia a vara, e ele, marcando bem a casa, ficou de se informar com todo o cuidado sobre quem vivia ali. Achamos também que seria bom responder o bilhete da moura; e, como tínhamos quem poderia fazer isso, logo depois o renegado escreveu as palavras que fui ditando. Vou repeti-las tintim por tintim, porque nenhum dos pontos essenciais dessa aventura que me aconteceu se perderam da memória, nem se perderão enquanto eu viver. Na verdade, o que se respondeu à moura foi isto:

> Que o verdadeiro Alá te proteja, minha senhora, e aquela bendita Marién, que é a verdadeira mãe de Deus e foi quem, por te amar, pôs em teu coração o desejo de ir para a terra dos cristãos. Roga a ela que consinta em te mostrar como poderás executar o que te

> ordena, pois, como é muito boa, certamente ela o fará. Comprometo-me — por mim e por todos esses cristãos que estão comigo — fazer por ti tudo o que pudermos, inclusive morrer. Não deixes de me escrever e de me avisar o que pensares fazer, que eu te responderei sempre, pois Alá nos deu um cativo cristão que sabe falar e escrever tua língua tão bem como verás por este bilhete. De modo que, sem ter medo, podes nos falar tudo o que quiseres. Quanto ao que dizes sobre ser minha mulher, se fores para a terra dos cristãos, eu te prometo como bom cristão que assim será; e sabes que os cristãos cumprem o que prometem melhor que os mouros. Que Alá e Marién, sua mãe, te protejam, minha senhora.

"Escrito e fechado esse bilhete, esperei dois dias até que estivesse sozinho no pátio como das outras vezes, e logo fui para o lugar de sempre no terraço, para ver se a vara aparecia, o que não demorou muito. Mal a vi, embora não pudesse ver quem a segurava, mostrei o papel, dando a entender que podiam jogar o cordão, mas, como já vinha pendurado na vara, amarrei nele o papel. Dali a pouco apareceu de novo nossa estrela guia, com a bandeira branca da paz do pacotinho. Deixaram-na cair, e eu a peguei e achei no lenço, em todo tipo de moedas de prata e de ouro, mais de cinquenta escudos, que multiplicaram por mais de cinquenta nossa alegria e confirmaram a esperança de alcançar a liberdade.

"Na mesma noite, nosso renegado voltou e nos disse que soubera que naquela casa vivia realmente o mouro de que faláramos, conhecido como Agi Morato, rico ao extremo, que tinha apenas uma filha, herdeira de tudo, e que era opinião corrente em toda a cidade ser a mulher mais bela da Berbéria; e que muitos dos vice-reis que vinham ali a tinham pedido em casamento, mas que ela nunca quis se casar, e soube também que teve uma escrava cristã, que já havia morrido. Tudo isso se ajustava ao que vinha no bilhete. Discutimos então com o renegado como faríamos para pegar a moura e virmos todos à terra dos cristãos, e por fim se combinou que esperaríamos o segundo aviso de Zoraida, que assim se chamava a que agora

quer se chamar Maria, porque vimos muito bem que apenas ela e mais ninguém haveria de dar um jeito em todas aquelas dificuldades. Depois de concordar com isso, o renegado disse que não nos preocupássemos, pois ele perderia a vida ou nos poria em liberdade.

"Por quatro dias o pátio esteve cheio de gente, o que fez com que o lenço demorasse quatro dias, mas então, na costumeira solidão, surgiu o lenço tão prenhe que prometia um parto muito feliz. A vara e o lenço se inclinaram para mim; achei nele outro bilhete e cem escudos de ouro, sem nenhum outro tipo de moeda. Fomos para nossa cabana com o renegado e lhe passamos o bilhete, que dizia:

> Eu não sei, meu senhor, como arranjar as coisas para irmos à Espanha, nem Lela Marién me disse, embora eu tenha lhe perguntado. O que posso fazer é te dar por essa janela muitas moedas de ouro: paga vosso resgate com elas e os de vossos amigos; depois, que um deles vá à terra dos cristãos comprar uma barca e venha buscar os outros; irão me encontrar na casa de campo de meu pai, que fica na porta de Bab Azoun, perto da praia, onde tenho de passar todo este verão com meu pai e meus criados. Dali, à noite, poderás me tirar sem medo e me levar para a barca; e vê bem que deves ser meu marido, porque, se não, pedirei a Marién que te castigue. Se não confias em ninguém para ir comprar a barca, paga teu resgate e vai, porque é mais provável que tu voltes do que qualquer outro, pois és cavaleiro e cristão. Procura saber onde é a casa de campo, e quando passeares por lá saberei que o pátio está vazio e te darei muito dinheiro. Alá te proteja, meu senhor.

"Era o que dizia o segundo bilhete. Depois de ouvi-lo, cada um se ofereceu para ser resgatado e prometeu ir e voltar sem demora, inclusive eu, mas o renegado se opôs, dizendo que de jeito nenhum consentiria que alguém saísse em liberdade até que fossem todos juntos, porque a experiência havia lhe mostrado como os libertos cumpriam mal as palavras empenhadas no cativeiro, porque muitas

vezes cativos importantes haviam usado daquele expediente: resgatavam um homem para ir a Valência ou Maiorca com dinheiro para equipar uma embarcação e voltar para buscá-los, mas não voltavam nunca mais, pois o prazer da liberdade alcançada e o medo de perdê-la de novo lhes apagava da memória todas as obrigações do mundo. E, para confirmar a verdade do que nos dizia, contou rapidamente um caso que havia acontecido fazia pouco com uns cavaleiros cristãos, o mais estranho que aconteceu naquelas plagas, onde a todo momento acontecem coisas incríveis e assustadoras.

“Por fim, ele disse que o que se podia e devia fazer era dar a ele o dinheiro do resgate de um cristão para comprar uma barca ali mesmo em Argel, com o pretexto de se tornar mercador e comerciar em Tetuã e ao longo da costa; sendo ele o dono da barca, facilmente daria um jeito de nos tirar da prisão e nos embarcar todos. Mais ainda se a moura desse dinheiro para nos resgatar, como tinha prometido, pois, quando estivéssemos livres, seria muito fácil nos embarcar ao meio-dia. A maior dificuldade era que os mouros não consentem que renegado algum compre nem tenha uma barca, a não ser um batel grande para pirataria, porque temem que o sujeito não a queira a não ser para fugir para terra de cristãos, principalmente se for espanhol. Mas ele contornaria esse problema dando sociedade a um mouro tagarino, tanto na barca como no lucro das mercadorias, e com essa fachada ele seria o dono da barca, com o que dava todo o negócio por encerrado.

“Mesmo que a mim e a meus companheiros parecesse melhor enviar alguém a Maiorca em busca da barca, como a moura dizia, não ousamos contradizê-lo, temerosos de que, se não fizéssemos como ele queria, pusesse nossas vidas em perigo, denunciando nosso trato com Zoraida, por cuja vida todos nós daríamos a nossa. Assim, resolvemos nos entregar às mãos de Deus e às do renegado e no mesmo instante respondemos a Zoraida, dizendo que faríamos tudo o que nos aconselhava, pois pensara tudo tão bem como se a própria Lela Marién lhe tivesse soprado, e que apenas dela dependia adiar aquele negócio ou executá-lo em seguida, e me ofereci de novo para ser seu esposo. Depois disso, acontecendo

outro dia de o pátio estar vazio, várias vezes, com a vara e o lenço, ela nos deu dois mil escudos de ouro e um bilhete em que dizia que no primeiro *jumá*, que é sexta-feira, dia sagrado deles, ia para a casa de campo de seu pai, mas antes de ir nos daria mais dinheiro, e que avisássemos se não bastava, que nos daria quanto lhe pedíssemos, pois seu pai tinha tanto que não daria falta, quanto mais que ela tinha as chaves de tudo.

"Demos logo quinhentos escudos ao renegado para comprar a barca; com oitocentos tratei de meu resgate, dando o dinheiro a um mercador veneziano que se achava em Argel naqueles dias: ele me resgatou do rei, empenhando sua palavra de que quando aportasse o primeiro batel vindo de Veneza entregaria o dinheiro, pois, se o desse logo, faria o rei suspeitar que havia muitos dias que meu resgate estava em Argel e que o mercador se calara em benefício próprio. Depois, meu dono era tão capcioso que de modo algum me atrevi a desembolsar o dinheiro. Na quinta-feira, a bela Zoraida nos deu outros mil escudos e nos avisou de sua partida no dia seguinte para a casa de campo, rogando-me que, se eu fosse resgatado, me informasse logo de onde ficava a tal casa e arranjasse um meio de ir lá vê-la. Em poucas palavras respondi que assim faria e que tivesse o cuidado de nos encomendar à Lela Marién com todas as orações que a escrava havia lhe ensinado. Feito isso, tratamos do resgate dos outros três companheiros, para facilitar a saída do pátio e para que não ficassem preocupados, havendo dinheiro e estando eu livre e eles não: vá que o diabo os persuadisse a fazer alguma coisa que prejudicasse Zoraida. Sendo eles quem eram, eu podia me poupar esse receio; mesmo assim não quis arriscar e então mandei que os resgatassem do mesmo modo usado comigo, entregando todo o dinheiro ao mercador para que com segurança pudesse dar a garantia, mas sem jamais revelar a ele o segredo de nosso trato, por ser perigoso demais."

a *Almas dichosas, que del mortal velo/ libres y exentas, por el bien que obrastes,/ desde la baja tierra os levantastes/ a lo más alto y lo mejor del cielo,// y, ardiendo en ira y en honroso celo,/ de los cuerpos la fuerza ejercitastes,/ que en propia y sangre ajena colorastes/ el mar vecino y arenoso suelo:// primero que el valor faltó la vida/ en los cansados brazos, que,*

muriendo,/ con ser vencidos, llevan la victoria;// y esta vuestra mortal, triste caída/ entre el muro y el hierro, os va adquiriendo/ fama que el mundo da, y el cielo gloria.
b *De entre esta tierra estéril, derribada,/ de estos terrones por el suelo echados,/ las almas santas de tres mil soldados/ subieron vivas a mejor morada,// siendo primero en vano ejercitada/ la fuerza de sus brazos esforzados,/ hasta que al fin, de pocos y cansados,/ dieron la vida al filo de la espada.// Y éste es el suelo que continuo ha sido/ de mil memorias lamentables lleno/ en los pasados siglos y presentes.// Mas no más justas de su duro seno/ habrán al claro cielo almas subido,/ ni aun él sostuvo cuerpos tan valientes.*

xli

onde o cativo ainda continua contando sua aventura

“Em menos de quinze dias, nosso renegado já comprara uma barca muito boa, com capacidade para mais de trinta pessoas; por segurança, resolveu dar uns ares de verdade ao negócio: fazer uma viagem a um lugar chamado Sargel, que está a trinta léguas de Argel para os lados de Orã, onde se comercia muita passa de figo. Fez duas ou três vezes essa viagem em companhia do tagarino de que havia falado.

“Na Berbéria, chamam de tagarinos os mouros de Aragão e de mudéjares os de Granada, e no reino de Fez chamam os mudéjares de elches, que são as pessoas de quem aquele rei mais se serve na guerra.

“Bem, cada vez que o renegado passava com sua barca, ancorava numa pequena baía que estava a menos de dois tiros de balestra da casa de campo onde Zoraida esperava; deliberadamente ele ficava por ali, com os mourozinhos do remo, fazendo suas orações ou ensaiando de brincadeira o que pretendia fazer a sério: ia à casa de Zoraida e pedia fruta; o pai dela lhe dava sem saber quem ele era. Embora quisesse falar com Zoraida, como me contou depois, para dizer que era ele que ia levá-la à terra dos cristãos por ordem minha, que ficasse firme e alegre, nunca o conseguiu, porque as mouras não se deixam ver por nenhum mouro nem turco, a não ser que seu marido ou seu pai mande. Mas convivem e se comunicam com cativos cristãos mais do que seria razoável.

“Para mim teria sido uma preocupação que ele tivesse falado com ela, pois talvez a deixasse aflita, vendo que seu segredo andava na boca de renegados. Mas Deus, que dispunha as coisas de outra maneira, não deu oportunidade ao bom desejo do nosso renegado, que, vendo como ia e vinha de Sargel com segurança e que ancorava quando, como e onde queria, e que seu companheiro tagarino não tinha mais vontade que a dele, e que eu já fora resgatado, e que só faltava buscar alguns cristãos para botar nos remos, me disse que visse quais queria trazer comigo, além dos resgatados, e que os tivesse prevenidos para a primeira sexta-feira, no lugar onde tinha decidido que seria nossa partida. Falei então com doze espanhóis, todos valentes remadores e que podiam sair da cidade mais livremente. Mas não foi fácil achar tantos naquela circunstância, porque vinte batéis estavam em expedições piratas e haviam levado todo o pessoal do remo, e não teria encontrado esses se o dono deles não tivesse ficado aquele verão para terminar os consertos de uma galeota que tinha no estaleiro. Disse a eles apenas que saíssem disfarçadamente pela tarde, um por um, na primeira sexta-feira, e pegassem o caminho da casa de campo de Agi Morato e que me esperassem lá. Dei esse aviso a cada um, com ordens para que, mesmo que vissem outros cristãos por perto, não falassem nada além de que eu os tinha mandado esperar naquele lugar.

“Depois disso, faltava-me fazer outra coisa, a mais importante para mim: avisar Zoraida sobre o ponto em que estavam os preparativos para nossa fuga, para que estivesse prevenida e à espera, e que não se assustasse se de repente aparecêssemos antes do tempo que ela podia imaginar para a volta da barca dos cristãos. Assim, decidi ir à casa de campo e ver se conseguia falar com ela. Poucos dias antes da partida, com a desculpa de colher algumas verduras, fui lá, e a primeira pessoa que encontrei foi seu pai, que me perguntou o que eu queria em sua propriedade e quem era meu dono, na língua usada pelos cativos e mouros em toda a Berbéria e até em Constantinopla, que nem é moura nem castelhana nem de qualquer nação, mas uma mistura de todas as línguas, com que todos nos entendemos. Respondi que era escravo de Arnaute

Mami[1] (porque eu sabia com certeza que era um grande amigo dele) e que procurava verduras para fazer uma salada. Perguntou-me, então, se era homem de resgate ou não e quanto meu dono pedia por mim. Estávamos nessa conversa, quando saiu da casa a bela Zoraida, que tinha me visto fazia muito; e como as mouras não têm melindres para aparecer diante de cristãos, nem tampouco se esquivam, como já disse, sem hesitação veio aonde seu pai estava comigo; na verdade, quando seu pai a viu andando, e bem devagar, chamou-a e mandou que se aproximasse.

"Agora seria demais falar da graça e formosura ou do rico e elegante traje com que minha querida Zoraida se mostrou aos meus olhos: direi apenas que mais pérolas pendiam de seu belíssimo pescoço, orelhas e cabelos que cabelos de sua cabeça. Nos tornozelos nus, como é costume lá, trazia dois *carcasses* (chamam assim, em mourisco, as manilhas ou argolas para as pernas) do ouro mais puro, com tantos diamantes engastados que ela me disse depois que seu pai os avaliava em dez mil dobrões, e os que trazia nos pulsos valiam outro tanto. As pérolas eram em grande quantidade e muito boas, porque o maior luxo e ostentação das mouras é se adornarem de lindas pérolas e aljôfares, tanto que há mais pérolas e aljôfares entre os mouros do que em todas as demais nações. E o pai de Zoraida tinha fama de ter não só muitas como as melhores que havia em Argel e ter, ainda, mais de duzentos mil escudos espanhóis; e de tudo isso era dona esta senhora que agora é minha. Se devia estar formosa ou não com todos esses adornos, naqueles dias prósperos, pode-se calcular agora pelas joias que lhe sobraram depois de tantas dificuldades que passou, pois se sabe que a beleza de algumas mulheres tem seus dias e estações, diminuindo ou aumentando conforme as circunstâncias. É natural então que as paixões cresçam ou diminuam, conforme essas circunstâncias, se bem que na maioria das vezes as destroem. Em resumo, digo que Zoraida chegou adornada e formosa ao extremo, ou pelo menos a mim pareceu a mais adorável entre todas as que eu já vira; e assim, considerando as obrigações que havia assumido com ela, parecia-me que tinha

diante de mim uma deidade do céu, vinda à terra para minha alegria e salvação.

"Quando chegou, seu pai disse na língua deles que eu era escravo de seu amigo Arnaute Mami e que tinha vindo pegar verduras para a salada. Adiantando-se, ela me perguntou, naquela língua estranha de que falei, se eu era cavaleiro e por que não me resgatavam. Eu respondi que já fora resgatado e que podia ver o valor que meu dono me atribuía pelo preço pago: mil e quinhentos sultanis.[2] A isso, ela respondeu: 'Na verdade, se tu fosses de meu pai, eu não deixaria que te entregasse nem por duas vezes mais, porque os cristãos sempre mentem em tudo o que dizem e se fazem de pobres para enganar os mouros'.

"'Realmente poderia ser isso, senhora', respondi-lhe, 'mas eu fui sincero com meu dono e assim sou e serei com quantas pessoas houver.'

"'E quando vai embora?', disse Zoraida.

"'Acho que amanhã', disse, 'porque está aqui um batel da França que levanta velas amanhã. Penso ir nele.'

"'Não é melhor', replicou Zoraida, 'esperar que venham batéis da Espanha e ir neles, não nos da França, que não são teus amigos?'

"'Não', respondi eu. 'Se fosse verdade, como dizem, que está para chegar um batel da Espanha, talvez eu esperasse, mas o mais certo é partir amanhã, porque a saudade que tenho de minha terra e das pessoas que amo é tanta que não me deixará esperar outra oportunidade, se demorar, por melhor que seja.'

"'Com certeza deves ser casado em tua terra', disse Zoraida, 'por isso desejas ir ter com tua mulher.'

"'Não sou casado', respondi, 'mas dei minha palavra de casar logo que chegue lá.'

"'E a dama a quem deste a palavra é formosa?', disse Zoraida.

"'É tão formosa, respondi, 'que, para enobrecê-la e falar a verdade, se parece muito contigo.'

"Seu pai riu muito disso, e falou: 'Por Alá, cristão, realmente deve ser muito formosa se parece com minha filha, que é a mais formosa de todo este reino. Se duvida, olha bem para ela e verás como digo a verdade'.

“O pai de Zoraida nos servia de intérprete na maior parte dessa conversa, por ser mais fluente, pois, embora ela falasse a língua bastarda que se usa ali, como disse, declarava mais suas intenções por gestos que por palavras. Então chegou um mouro correndo e disse aos gritos que quatro turcos tinham saltado a cerca ou muro da chácara e andavam colhendo frutas, embora não estivessem maduras. O velho se assustou, e Zoraida também, porque é comum e quase natural o medo que os mouros têm dos turcos, especialmente dos soldados, pois são tão insolentes e têm tanta autoridade sobre os mouros que estão sob seu domínio que os tratam pior que aos seus escravos. Por isso o pai de Zoraida disse: ‘Filha, vai para casa e tranca a porta, enquanto eu vou falar com esses cachorros; e tu, cristão, pega tuas verduras e vai em paz, e que Alá te leve são e salvo a tua terra’.

“Eu me inclinei e ele se foi em busca dos turcos, deixando-me sozinho com Zoraida, que começou a dar mostras de obedecer as ordens do pai. Mas, apenas ele desapareceu entre as árvores, ela se virou para mim, os olhos cheios de lágrimas, e me disse: ‘*Ámexi*, cristão, *ámexi*?’ (Que quer dizer: ‘Tu vais, cristão, tu vais?’).

“Eu respondi: ‘Sim, minha senhora, mas de jeito nenhum sem ti: espera-me no primeiro *jumá* e não te preocupes quando nos vires, que sem dúvida iremos à terra dos cristãos’.

“Eu disse isso de maneira que ela entendeu muito bem todas as palavras que trocamos. Então me passou um braço pelo pescoço e começou a caminhar com passos indolentes para a casa. E quis a sorte, que poderia ser muito má se o céu assim o quisesse, que o pai de Zoraida, já de volta do entrevero com os turcos, nos visse andando abraçados. Mas nós vimos que ele havia nos visto, e Zoraida, precavida e ladina, não tirou o braço de meu pescoço; pelo contrário, aproximou-se mais de mim e pôs a cabeça em meu peito, dobrando um pouco os joelhos, dando sinais claros de que desmaiara, e eu também dei a entender que a segurava contra minha vontade. Seu pai chegou correndo onde estávamos e, vendo a filha daquele jeito, perguntou o que tinha, mas, como ela não respondesse, ele disse: ‘Sem dúvida desmaiou de medo com a entrada desses cachorros’.

“E, tirando-a de mim, atraiu-a para seu peito; ela, com um suspiro e os olhos ainda molhados, disse de novo: ‘*Ámexi*, cristão, *ámexi*’. (‘Vai, cristão, vai.’)

“Ao que seu pai respondeu: ‘Não precisa mandar o cristão embora, minha filha, pois não te fez mal algum. Calma, os turcos já foram embora, e não há mais nada que possa te preocupar. Como já disse, a meu pedido os turcos se foram por onde entraram’.

“‘Como o senhor disse, eles a assustaram’, disse eu a seu pai, ‘mas, já que ela pediu que eu me fosse, não quero preocupá-la: fica em paz e, com tua licença, voltarei para pegar as verduras, caso seja necessário. Conforme diz meu amo, não há melhores para saladas que as daqui.’

“‘Podes voltar e colher quantas quiseres’, respondeu Agi Morato, ‘pois minha filha não se queixou de ter sido incomodada por ti nem por cristão algum. Na verdade, em vez de dizer que os turcos se fossem, disse que fosses tu, ou talvez porque já era hora de colheres tuas verduras.’

“Com isso me despedi rapidamente de ambos, e ela se foi com seu pai, como se lhe arrancassem a alma do corpo, e eu, com a desculpa de colher as verduras, percorri todo o terreno muito à vontade: olhei bem as entradas e saídas, a segurança da casa e as vantagens que podia oferecer para facilitar nosso plano. Depois fui embora e contei ao renegado e a meus companheiros tudo o que havia acontecido; já não via a hora de desfrutar sem sobressaltos a felicidade que a sorte me oferecia com a bela e adorável Zoraida.

“Finalmente, o tempo passou e chegou o dia marcado que tanto desejávamos; e todos nós, seguindo à risca o plano que armamos depois de longas conversas e de muitas considerações precavidas, fomos bem-sucedidos no que esperávamos, porque na sexta-feira que se seguiu ao dia em que falei com Zoraida na casa de campo, nosso renegado ancorou a barca ao anoitecer quase em frente onde a belíssima Zoraida estava.

“Avisados, os cristãos que iriam remar já estavam escondidos em diversos lugares pelos arredores. Todos me esperavam alegres e nervosos, prontos para atacar o batel que tinham diante dos olhos: como eles não sabiam da combinação com o renegado, pensavam

que teriam de ganhar a liberdade com a força de seus braços, matando os mouros embarcados. Aconteceu então que, mal apareci com meus companheiros, todos os demais nos viram, saíram de seus esconderijos e se aproximaram. Isso foi numa hora em que a cidade já estava fechada e nenhuma pessoa passava por todo aquele campo. Logo que nos reunimos, hesitamos se seria melhor pegar Zoraida primeiro ou render os mouros marinheiros que estavam ao remo da barca; estávamos nessa discussão, quando chegou nosso renegado querendo saber o que nos detinha, pois já era hora, todos os mouros estavam despreocupados e a maioria deles dormindo. Contamos o que discutíamos, e ele disse que o mais importante era render o batel primeiro, o que podia ser feito com muita facilidade e sem perigo algum, e que depois podíamos ir buscar Zoraida. Todos nós achamos que estava certo o que dizia e assim, sem nos determos mais, com ele de guia, fomos para o batel: ele saltou primeiro a bordo e, sacando um alfanje, disse em árabe: 'Ninguém se mova, se não quiser perder a vida'.

"Nesse meio-tempo, quase todos os cristãos já estavam na barca. Os mouros, que não eram muito corajosos, vendo seu capitão falar daquela maneira, ficaram espantados, e, sem que nenhum deles levasse a mão às armas (por sinal, tinham poucas ou nenhuma), sem uma palavra se deixaram manietar pelos cristãos, que fizeram isso com muita rapidez, ameaçando passar à espada os que gritassem. Feito isso, metade dos nossos ficou de guarda deles e os restantes, ainda com o renegado à frente, fomos à casa de campo de Agi Morato. Quis a boa sorte que, chegando ao portão, ele se abriu com tanta facilidade como se não estivesse fechado; assim, com muita calma e silêncio, chegamos à casa sem ser percebidos por ninguém.

"A belíssima Zoraida estava nos esperando numa janela e, assim que nos pressentiu, perguntou em voz baixa se éramos *nizarani*, como se dissesse se éramos cristãos. Eu respondi que sim e que descesse. Quando ela me reconheceu, não esperou um instante: desceu sem dizer nada, abriu a porta e se mostrou a todos tão formosa e ricamente vestida que não sei como louvá-la o bastante. Logo que a vi, peguei-lhe uma das mãos e comecei a beijá-la; o

renegado e meus dois camaradas fizeram a mesma coisa; e os demais, que nada sabiam do caso, fizeram o que nos viram fazer, pois parecia apenas que agradecíamos a ela, reconhecendo-a como dona de nossa liberdade. O renegado perguntou a ela em árabe se seu pai estava na casa. Ela respondeu que sim e que dormia.

"'Temos de acordá-lo', replicou o renegado, 'e levá-lo conosco, e tudo aquilo que tem valor nesta casa.'

"'Não', disse ela, 'não vão tocar em meu pai de jeito nenhum, e nesta casa não há nada além do que eu trago, que é suficiente para que fiqueis todos ricos e contentes. Esperai um pouco e vereis.'

"Entrou de novo, então, dizendo que voltaria logo e que ficássemos quietos, sem fazer barulho algum. Perguntei ao renegado o que ela havia dito; ele me contou, e eu disse que não se devia fazer nada que Zoraida não quisesse. Ela já voltava com um cofrezinho cheio de escudos de ouro, tão pesado que ela mal conseguia carregar. Quis a má sorte que seu pai acordasse nesse meio-tempo e ouvisse o ruído que fazíamos e, assomando-se à janela, num instante percebeu que todos éramos cristãos. Com berros encolerizados, começou a dizer em árabe: 'Cristãos, cristãos! Ladrões, ladrões!'.

"Com esses gritos, vimo-nos numa grande e medrosa confusão, mas o renegado, vendo o perigo em que estávamos e como era importante encerrar aquela aventura sem dar na vista, com tremenda rapidez subiu onde estava Agi Morato, e junto com ele foram alguns dos nossos. Eu, porém, não ousei desamparar Zoraida, que caíra como que desmaiada em meus braços. Enfim, os que subiram agiram tão bem que num instante voltaram com Agi Morato com as mãos amarradas e um lenço na boca, que não lhe deixava dizer uma palavra, e ameaçavam que dizê-la havia de lhe custar a vida. Quando sua filha o viu, cobriu os olhos, e seu pai ficou espantado, ignorando que por sua livre e espontânea vontade estava em nossas mãos. Mas como então os pés eram mais necessários, com urgência fomos para a barca, onde os que tinham ficado nos esperavam, temerosos de algum contratempo.

"Mal teriam se passado duas horas desde o começo da noite, quando, com todos nós a bordo, foram tiradas as cordas das mãos e

o lenço da boca do pai de Zoraida. Mas o renegado lhe disse de novo que não falasse uma palavra, se não o matariam. Ele, assim que viu a filha ali, começou a suspirar muito emocionado, mais ainda quando notou que eu a abraçava com força, e que ela estava quieta, sem se defender ou se queixar nem se esquivar. Mas, apesar disso tudo, ele se calava, para que o renegado não cumprisse as muitas ameaças que fazia.

"Zoraida, vendo-se na barca com o pai e os outros mouros presos, e que estávamos para pôr os remos na água, falou ao renegado que me pedisse o favor de soltar os mouros e o pai, porque preferia se atirar ao mar a ter de ver, por sua causa, levarem escravo o pai que ela tanto amava. O renegado me disse e eu respondi que o faria com prazer, mas ele respondeu que não era conveniente, pois, se os deixássemos ali, gritariam por socorro, alvoroçariam a cidade e fariam com que nos perseguissem com algumas fragatas ligeiras, ocupando terra e mar, de modo que não pudéssemos escapar. O que se poderia fazer era libertá-los quando chegássemos ao primeiro território cristão. Com isso concordamos todos, e Zoraida, que foi informada, das causas que nos moviam a não fazer logo o que queria, também ficou satisfeita.

"Então, num silêncio prazeroso e urgência alegre, cada um de nossos valentes remadores pegou seu remo, e começamos, encomendando-nos a Deus de todo o coração, a navegar de volta para as ilhas de Maiorca, que é a mais próxima terra de cristãos. Mas, como soprava um pouco o vento norte e o mar estava meio agitado, não foi possível seguir a rota de Maiorca e fomos forçados a costear em direção a Orã, não sem muita aflição nossa, para não ser vistos de Sargel, que naquela costa fica a quase sessenta milhas de Argel. Também temíamos cruzar naquela região com alguma galeota dessas que comumente vêm com mercadoria de Tetuã, embora todos nós imaginássemos que, se encontrássemos uma galeota mercante, desde que não fosse de piratas, não só não nos perderíamos como tomaríamos um batel mais seguro para terminar nossa viagem.

"Zoraida, enquanto navegávamos, ia com a cabeça entre as mãos para não ver o pai, e eu percebia que estava pedindo a Lela Marién

que nos ajudasse.

“Quando amanheceu, devíamos ter navegado umas boas trinta milhas e estávamos a três tiros de arcabuz de terra, que estava deserta, sem que ninguém nos visse; mas mesmo assim, à força de braço, nos afastamos mais um pouco, pois o mar já havia acalmado um pouco. Depois de quase duas léguas, ordenou-se que se remasse por turnos enquanto comíamos alguma coisa, pois a barca ia bem provida, mas os remadores disseram que não era hora para descanso algum: que os que não remavam lhes dessem de comer, pois não queriam largar os remos de jeito nenhum. Assim se fez, e nisso começou a soprar um forte vento contrário, que nos obrigou a desfraldar as velas e deixar os remos, e direcionar a proa para Orã, por não ser possível tomar outra rota. Tudo foi feito com rapidez e assim, à vela, navegamos por mais de oito milhas por hora, sem outro medo exceto o de encontrar um batel pirata. Demos de comer aos mouros marinheiros, e o renegado os consolou dizendo que não iam como escravos, que na primeira oportunidade seriam libertados. A mesma coisa foi dita ao pai de Zoraida, que respondeu: ‘Eu poderia esperar qualquer outra coisa de vossa generosidade e cortesia, cristãos, mas a liberdade? Não pensai que sou tão bobo quanto imaginais, pois nunca correríeis o perigo de tirá-la de mim para restituí-la tão generosamente, ainda mais sabendo quem sou e o lucro que podeis ter em troca dela. Por falar nisso, se quereis estabelecer o resgate, aqui mesmo ofereço tudo aquilo que quiserdes por mim e pela infeliz da minha filha, ou, se não, por ela apenas, que é a maior e a melhor parte de minha alma’.

“Ao dizer isso, desatou a chorar tão amargamente que nos compadeceu a todos e forçou Zoraida, que estava sentada a meus pés, a olhá-lo. Ao vê-lo chorar, ela se emocionou tanto que se levantou e foi abraçá-lo, colando seu rosto ao dele, e os dois começaram um pranto tão sentido que muitos de nós acabamos chorando também. Mas, quando seu pai a viu vestida para festa e com tantas joias, disse a ela em sua língua: ‘O que é isso, minha filha? Ontem ao anoitecer, antes que nos acontecesse essa terrível desgraça, te vi com tuas vestes comuns e caseiras, mas agora, sem que tenhas tido tempo para te vestires e sem receberes uma notícia

alegre para celebrar com enfeites e embelezamentos, te vejo trajada com o que de melhor pude te dar quando a sorte nos foi favorável. Responde-me, pois isso me deixa mais surpreso e preocupado que a própria desgraça em que me encontro'.

"Tudo o que o mouro dizia para a filha nos traduzia o renegado, e ela não respondia uma palavra. Mas, quando ele viu a um lado da barca o cofrezinho onde ela costumava ter suas joias, que ele sabia muito bem que deixara em Argel, que não levara para a casa de campo, ficou mais confuso e perguntou a ela como aquele cofre havia vindo parar em nossas mãos e o que ele continha. A isso, o renegado, sem esperar por Zoraida, respondeu: 'Não te canses, senhor, em perguntar tantas coisas a tua filha Zoraida, porque com uma que eu te responda te responderei a todas: quero que saibas, então, que ela é cristã e foi a lima de nossos grilhões, a liberdade de nossa escravidão; ela está aqui por sua própria vontade, tão alegre, pelo que imagino, de se ver neste estado como aquele que sai das trevas para a luz, da morte para a vida e da tristeza para a glória'.

"'É verdade o que ele diz, filha?', disse o mouro.

"'É, sim', respondeu Zoraida.

"'Tu és realmente cristã', replicou o velho, 'e pôs teu próprio pai em poder de seus inimigos?'

"Ao que Zoraida respondeu: 'Eu sou cristã, sim, mas não te pus nessa situação; nunca desejei te deixar nem te fazer mal, apenas fazer bem a mim mesma'.

"'E que bem te fizeste, filha?'

"'Isso', respondeu ela, 'deves perguntar a Lela Marién, pois ela saberá te responder melhor que eu.'

"Apenas ouviu isso, com incrível agilidade o mouro se atirou de cabeça no mar, onde sem dúvida se afogaria se não tivesse ficado à tona um pouco por causa de suas roupas, longas e enredadas. Zoraida gritou que o salvassem; todos nós corremos em socorro e, agarrando-o pela túnica, o puxamos meio afogado e sem sentidos. Zoraida, muito aflita, derramou sobre ele lágrimas ternas e dolorosas, como se já estivesse morto. Nós o viramos de bruços: ele devolveu muita água e voltou a si depois de duas horas. Enquanto isso, havendo mudado o vento, achamos conveniente voltar para

terra, tendo de fazer força nos remos para não encalhar nela. Mas quis nossa boa sorte que chegássemos a uma baía que se forma ao lado de um pequeno promontório ou cabo que os mouros chamam de Cava Rumía, que em nossa língua quer dizer ‘a mulher cristã má’. É tradição entre os mouros que naquele lugar está enterrada a Cava, por quem se perdeu a Espanha,[3] pois *cava* na língua deles quer dizer ‘mulher má’, e *rumía*, ‘cristã’. Eles também acham de mau agouro ancorar ali quando a necessidade os força, porque nunca o fazem sem ela. Mas para nós não foi abrigo de mulher má e sim o porto seguro de nossa salvação, pois o mar andava agitado.

“Pusemos nossas sentinelas em terra e não afastamos jamais as mãos dos remos; comemos o que o renegado havia trazido e rogamos a Deus e a Nossa Senhora, de todo coração, que nos ajudassem e favorecessem para que com felicidade déssemos fim a princípio tão promissor. Atendendo às súplicas de Zoraida, decidimos deixar em terra seu pai e todos os outros mouros, porque ela não tinha coragem suficiente nem o coração tão duro para ter diante dos olhos o pai amarrado e aqueles conterrâneos prisioneiros. Prometemos a ela fazer isso na hora da partida, pois não corríamos perigo deixando-os naquele lugar deserto.

“Não foram tão vãs nossas orações que não fossem ouvidas pelo céu, pois logo o vento virou a nosso favor e o mar se acalmou, convidando-nos a que voltássemos a prosseguir nossa viagem. Vendo isso, desatamos os mouros e os levamos para terra, um por um, o que muito os espantou. Mas, quando desembarcamos o pai de Zoraida, que já estava de acordo com tudo, ele disse: ‘Por que pensais, cristãos, que esta fêmea desgraçada se alegra de que me deis liberdade? Pensais que é pela piedade que tem por mim? Não, claro que não. Faz isso pelo embaraço que sentirá com minha presença quando quiser executar seus desejos infames. Nem penseis que resolveu mudar de religião por achar que a vossa leva vantagem sobre a nossa, mas por saber que em vossa terra a indecência é mais livre que aqui’.

“E, virando-se para Zoraida, seguro pelos braços por mim e outro cristão, para que não cometesse algum desatino, disse a ela: ‘Oh, criatura infame, menina imprudente! Aonde vais, cega e desvairada,

em poder desses cachorros, nossos inimigos naturais?! Maldita seja a hora em que te gerei e malditos sejam os presentes e prazeres em que te criei!’.

“Mas, vendo que levava jeito de não se calar tão cedo, me apressei em levá-lo para terra, e de lá ele prosseguiu aos gritos com suas pragas e lamentos, rogando a Maomé que intercedesse com Alá para nos confundir, perder e aniquilar. Quando não ouvimos mais suas palavras, por termos desfraldado as velas e partido, vimos seus atos: arrancar as barbas e os cabelos e se arrastar pelo chão. Mas uma vez elevou tanto a voz que pudemos entender que dizia: ‘Volta, filha querida, volta para a terra, que te perdoo tudo! Entrega a esses homens esse dinheiro, que já é deles, e volta para consolar teu triste pai, que nesta areia deserta deixará a vida, se tu o deixares’.

“Zoraida escutava tudo e tudo sentia e chorava, mas não soube dizer nem responder nada, apenas: ‘Reza a Alá, meu pai, para que Lela Marién, por quem me tornei cristã, te console em tua tristeza. Alá sabe bem que não pude fazer outra coisa além da que fiz. Ele sabe que estes cristãos não têm culpa de minha decisão, pois, embora eu quisesse ficar em minha casa e não vir com eles, foi impossível, porque minha alma tinha pressa de executar isso que me parece tão bom quanto tu julgas mau, meu pai querido’.

“Quando ela disse isso, o pai não podia mais ouvi-la, nem nós o víamos; assim, eu consolei Zoraida, e todos tratamos de nossa viagem, facilitada pelo vento favorável, de tal modo que tivemos certeza de que no outro dia ao amanhecer nos veríamos na costa da Espanha. Mas, como poucas vezes ou nunca vem o bem puro e simples, sem ser acompanhado ou seguido de algum mal que o embarace ou atemorize, quis nosso destino (ou talvez as pragas que o mouro tinha rogado à filha, pois sempre devem ser temidas não importa de que pai sejam) que, estando já em alto-mar e passando quase três horas desde o anoitecer, indo com todas as velas desfraldadas, com os remos recolhidos porque o vento favorável nos poupava o trabalho, com o luar que resplandecia em toda a sua claridade, víssemos próximo de nós um batel de velas quadradas a todo o pano, girando o timão na direção do vento:

cruzava diante de nós e tão perto que fomos obrigados a recolher parte das velas para não bater nele. Os marinheiros do batel também viraram o timão contra o vento para nos dar espaço para passar e, da amurada, nos perguntaram quem éramos, para onde navegávamos e de onde vínhamos, mas, por nos perguntar isso em francês, nosso renegado disse: ‘Não respondam nada, porque sem dúvida são piratas franceses, que depenam todo mundo’.

“Com essa advertência, ninguém respondeu, e já tínhamos avançado um pouco, deixando o batel a sotavento, quando de repente dois canhões dispararam, pelo visto planquetas,[4] porque com o primeiro tiro cortaram nosso mastro principal pelo meio e derrubaram a vela no mar, e o outro, um instante depois, acertou no meio de nossa barca, de modo que a abriu toda, sem causar outro estrago. Mas, como nos vimos afundando, começamos todos a gritar por socorro e a implorar aos do batel que nos recolhessem, porque naufragávamos. Então arriaram as velas e, lançando o esquife ou bote ao mar, embarcaram uns doze franceses bem armados, com seus arcabuzes com os pavios prontos para acender, e assim se aproximaram de nós. Vendo como éramos poucos e como a barca afundava, recolheram-nos, dizendo que por termos sido descorteses ao não responder havia nos acontecido aquilo. Nosso renegado pegou o cofre das joias de Zoraida e o atirou ao mar, sem que ninguém visse.

“Em resumo, fomos todos com os franceses, que, depois de terem se informado de tudo aquilo que queriam saber de nós, como se fossem nossos inimigos capitais, nos despojaram de tudo quanto tínhamos, e de Zoraida tiraram até as argolas que trazia nos tornozelos. Agora, isso me afligia menos que o temor de que, depois que lhe houvessem tirado as ricas e preciosas joias, resolvessem tirar de Zoraida a joia mais valiosa e que ela mais estimava. Mas os desejos daquela gente não vão além do dinheiro, e dele jamais se farta sua cobiça, que era tanta que roubariam até mesmo nossas roupas de escravos se fossem de algum proveito. E resolveram nos jogar a todos no mar enrolados numa vela, porque tinham intenção de negociar em alguns portos da Espanha se dizendo bretões e seriam castigados quando descobrissem seu furto se nos levassem

vivos. Mas o capitão, que era quem havia despojado minha querida Zoraida, disse que se contentava com a presa que tinha e que não queria aparecer em porto nenhum da Espanha, e sim passar pelo estreito de Gibraltar à noite, ou como pudesse, e ir para La Rochelle, de onde tinha saído; assim, concordaram em nos dar o esquife de seu navio e tudo o que era necessário para a curta navegação que nos restava, como foi feito no outro dia, já à vista da terra espanhola, com o que esquecemos todas as nossas aflições e misérias num instante, como se não tivessem acontecido conosco: tal é o prazer de alcançar a liberdade perdida.

"Devia ser perto do meio-dia quando nos botaram no esquife, dando-nos dois barris de água e uns biscoitos; e o capitão, movido não sei por que compaixão, ao embarcar a belíssima Zoraida, deu a ela quarenta escudos de ouro e não consentiu que seus soldados tirassem as roupas que usa agora. No esquife, agradecemos a eles o bem que nos faziam, mostrando-nos mais gratos que queixosos; eles se afastaram do litoral, seguindo em direção ao estreito; nós, sem olhar outro norte que a terra que víamos em frente, nos apressamos tanto a remar que ao pôr do sol estávamos tão perto que, em nossa opinião, poderíamos chegar antes que fosse noite avançada. Mas como naquela noite não apareceu a lua e o céu se mostrasse escuro, e por ignorar a região em que estávamos, não nos pareceu coisa segura atracar em terra. Alguns de nós, porém, pensavam que sim, afirmando que devíamos desembarcar logo, mesmo que fosse nuns rochedos e longe de algum povoado, porque assim estaríamos mais protegidos do temor que com razão se devia ter de que por ali andassem batéis de piratas de Tetuã, que anoitecem na Berbéria e amanhecem nas costas da Espanha, e comumente atacam e voltam a dormir em suas casas. Mas entre as opiniões contrárias a que prevaleceu foi que nos aproximássemos pouco a pouco, e que, se a calma do mar permitisse, desembarcaríamos onde fosse possível. Assim se fez, e devia ser um pouco antes da meia-noite quando chegamos ao pé de um monte muito alto e irregular, não tão perto do mar que não houvesse um pouco de espaço para se desembarcar com facilidade. Atracamos na areia, saímos para a terra, beijamos o chão e, com

lágrimas de grande alegria, todos nós demos graças a Deus Nosso Senhor pelo bem incomparável que nos tinha feito. Pegamos as provisões, puxamos o esquife para a praia e subimos um grande trecho do monte, porque, mesmo estando ali, não podíamos sossegar o coração nem conseguíamos acreditar que era terra de cristãos a que pisávamos.

“Demorou a amanhecer mais do que gostaríamos, pareceu-me. Subimos até o topo do monte, para ver se descobríamos alguma aldeia ou algumas cabanas de pastores; mas, por mais que tenhamos aguçado a vista, não percebemos nem povoado, nem pessoa, nem trilha ou estrada. Mesmo assim resolvemos avançar terra adentro, pois no mínimo logo encontraríamos quem nos desse notícia dela. Mas o que mais me afligia era ver Zoraida andar a pé por aquele terreno áspero, pois, apesar de algumas vezes a carregar em meus ombros, meu cansaço mais a cansava que a repousava seu repouso, de modo que não quis mais que eu me desse a esse trabalho. Com muita paciência e mostras de alegria, eu sempre a levando pela mão, devíamos ter andado um pouco menos de um quarto de légua quando nos chegou aos ouvidos o som de um cincerro, sinal claro de que por ali havia gado. Todos nós olhamos com atenção para ver se aparecia alguém e vimos ao pé de uma corticeira um pastor jovem que estava desbastando um pedaço de pau com uma faca, na maior calma e despreocupação. Gritamos. Ele ergueu a cabeça e se levantou apressadamente; pelo que soubemos depois, os primeiros que viu foram o renegado e Zoraida. Como eles estavam com roupas mouras, o pastor pensou que a população inteira da Berbéria caía sobre ele e se meteu no mato com invulgar rapidez, dando os maiores gritos do mundo: ‘Mouros, mouros! Os mouros chegaram! Mouros, mouros! Às armas, às armas!’.

“Ficamos confusos com esses gritos, sem saber o que fazer; mas, considerando que os gritos iriam alarmar as pessoas do lugar e que a cavalaria que fazia a segurança da costa logo viria ver o que se passava, decidimos que o renegado tirasse a roupa de turco e vestisse um jaleco ou casaca de cativo que um dos nossos lhe deu em seguida, embora tenha ficado só com a camisa. E assim,

encomendando-nos a Deus, fomos pelo mesmo caminho que vimos o pastor pegar, sempre à espera de que a cavalaria caísse sobre nós; e não nos enganamos, porque nem tinham se passado duas horas quando, já tendo saído daquele matagal para uma planície, vimos uns cinquenta cavaleiros que com grande rapidez, num galope a meia-rédea, vinham em nossa direção, e assim ficamos quietos, esperando-os. Mas como eles chegaram e viram, em vez dos mouros que procuravam, uns pobres cristãos, ficaram confusos, e um deles nos perguntou se por acaso era por nossa causa que o pastor havia dado o alarme.

"'Sim', eu disse.

"Antes que eu começasse a contar minha aventura, de onde vínhamos e quem éramos, um dos cristãos que estavam conosco reconheceu o cavaleiro que havia feito a pergunta e disse, sem me deixar dizer mais nada: 'Graças a Deus, senhores, que nos trouxe a esta boa terra! Porque, se eu não me engano, o chão que pisamos é de Vélez Málaga; e, se os anos de cativeiro não me apagaram da memória vossa lembrança, senhor, sois Pedro de Bustamante, meu tio'.

"Mal o cativo cristão disse isso, o cavaleiro desmontou e veio abraçá-lo, dizendo: 'Sobrinho de minha alma e de minha vida, já te reconheço! Já chorei tua morte, eu e tua mãe, minha irmã, e todos os teus, que ainda vivem, graças a Deus, para terem o prazer de te ver. Já sabíamos que estavas em Argel, e, pelo estado de tuas roupas e das de teus companheiros, entendo que foi um milagre tua liberdade'.

"'Foi mesmo', respondeu o moço, 'e não nos faltará tempo para contar tudo.'

"Logo que os cavaleiros entenderam que éramos cristãos cativos, apearam, e cada um nos convidava para nos levar em seu cavalo à cidade de Vélez Málaga, que ficava a duas léguas e meia dali. Alguns deles, depois que dissemos onde havíamos deixado o esquife, voltaram para levá-lo à cidade; outros nos montaram na garupa, e Zoraida na do cavalo do tio do cristão. As pessoas todas vieram nos receber, porque já sabiam de nossa chegada por um dos guardas que havia ido na frente. Não se admiravam de ver cativos

em liberdade nem mouros cativos, porque todo mundo naquela costa está acostumado a ver uns e outros; mas se admiravam com a formosura de Zoraida, que naquele momento chegara ao auge, porque o cansaço da viagem e a alegria de se ver enfim em terra de cristãos, sem medo de se perder, haviam posto no rosto dela tais cores que, se é que o amor não me enganava, ousarei dizer que a tornaram a criatura mais bela do mundo, pelo menos que eu tenha visto.

“Fomos direto à igreja agradecer a Deus pela mercê recebida, e Zoraida, apenas entrou, disse que havia rostos que se pareciam com o de Lela Marién. Dissemos a ela que eram imagens suas; e o renegado explicou da melhor forma que pôde o que significavam, para que ela adorasse cada uma como se fosse a própria Lela Marién que havia lhe falado. Zoraida, que é inteligente e de temperamento fácil e claro, entendeu logo tudo o que se disse sobre as imagens. Dali nos levaram e nos distribuíram por diferentes casas da vila; mas o renegado, Zoraida e eu fomos com o cristão que veio conosco, e na casa de seus pais, que eram medianamente ricos no que toca aos bens materiais, nos receberam com tanto amor como a seu próprio filho.

“Ficamos seis dias em Vélez, até que o renegado, reunidos e confirmados os documentos necessários, foi para a cidade de Granada se apresentar ao tribunal da Santa Inquisição, para poder voltar ao seio da santíssima Igreja. Os outros cristãos libertos foram cada um para onde bem entenderam. Ficamos apenas Zoraida e eu, apenas com os escudos que a cortesia do francês deu a Zoraida, e com eles comprei esse animal em que ela veio. Servindo-a até agora de pai e escudeiro, não de marido, vamos com intenção de ver se meu pai ainda vive, ou se algum de meus irmãos teve mais sorte que eu, porque, como o céu me fez companheiro de Zoraida, me parece que nenhuma outra sorte pode me conceder, por melhor que seja, que eu possa apreciar mais. A paciência com que Zoraida suporta os incômodos que a pobreza traz consigo e o desejo que mostra de logo se tornar cristã são tamanhos que me espanta e me incita a servi-la pelo resto de minha vida; apesar do prazer que tenho de ser seu e de que ela seja minha, perturba-me e me abate

não saber se acharei em minha terra algum canto onde abrigá-la e se o tempo e a morte terão mudado tanto a fortuna e a vida de meu pai e irmãos, que eu mal encontre quem me conheça, se eles faltarem.

“Não tenho mais nada a vos contar de minha história, senhores. Se ela é curiosa e divertida, com vosso bom discernimento podeis julgar; sei apenas que gostaria de tê-la contado mais brevemente, apesar de que o receio de aborrecê-los me fez calar um punhado de coisas.”

xlii

que trata do que mais aconteceu na estalagem e de muitas outras coisas dignas de se saber

O cativo se calou, e dom Fernando disse:

— Sem dúvida, senhor capitão, o modo como haveis contado essa estranha aventura se iguala à novidade e estranheza do próprio caso: tudo é curioso e excepcional, cheio de acidentes que maravilham e deixam em suspenso os ouvintes. Foi tanto o prazer que sentimos ao escutá-lo que, mesmo que o dia de amanhã nos encontrasse entretidos com a mesma história, nos alegraríamos que a contasse de novo.

Então dom Fernando, Cardênio e todos os demais se ofereceram para ajudar em tudo o que lhes fosse possível, com palavras tão afetuosas e sinceras que o capitão ficou muito satisfeito. Especialmente dom Fernando se pôs a sua disposição, dizendo que, se quisesse voltar com ele, faria com que o marquês seu irmão fosse o padrinho de batismo de Zoraida, e que ele, por sua vez, daria um jeito para que pudesse voltar a sua terra com a autoridade e a dignidade que se devia a sua pessoa. O cativo agradeceu tudo com cortesia, mas não quis aceitar nenhuma de suas generosas ofertas.

Entardecia, e quando a noite se fechou de todo, chegaram à estalagem uma carruagem e uns homens a cavalo. Pediram pousada; a estalajadeira respondeu que não havia um palmo desocupado em toda a casa.

— Mesmo assim — disse um dos cavaleiros que haviam entrado — não há de faltar para o senhor ouvidor, que vem aqui.

Diante daquela palavra, a estalajadeira se perturbou e disse:

— Senhor, o que acontece é que não tenho camas: se sua mercê, o senhor ouvidor, traz a dele, como deve trazer,[1] seja bem-vindo, que eu e meu marido sairemos de nosso quarto para acomodar sua mercê.

— Muito bem — disse o escudeiro.

Mas, nesse meio-tempo, já havia desembarcado da carruagem um homem que pelas roupas mostrava seu ofício e posição, porque a toga longa com as mangas cheias presas no cotovelo era de ouvidor, como seu criado havia dito. Trazia pela mão uma donzela, pelo visto de uns dezesseis anos, vestida para viagem, tão elegante, tão linda e graciosa que todos se admiraram ao vê-la. Se não tivessem visto Doroteia, Lucinda e Zoraida, que estavam na estalagem, pensariam que dificilmente poderia se encontrar outra formosura como a dessa moça.

Achando-se presente dom Quixote, mal viu entrarem o ouvidor e a donzela, disse:

— Com toda segurança vossa mercê pode entrar e descansar neste castelo, pois, embora seja estreito e desconfortável, não há estreiteza nem desconforto no mundo que não dê guarida às armas e às letras, e mais ainda se as armas e as letras trazem a formosura como guia e líder, como trazem as letras de vossa mercê nesta linda donzela, a quem devem não só se abrir as portas dos castelos e curvar-se os castelãos, como devem se afastar os penhascos e aplanar as montanhas para lhe dar passagem. Entre vossa mercê, digo eu, neste paraíso, que aqui encontrará estrelas e sóis que acompanhem o céu que vossa mercê traz consigo: encontrará as armas em seu zênite e a formosura em seu auge.

O ouvidor ficou muito surpreso com o discurso de dom Quixote, a quem se pôs a olhar com atenção, e não se surpreendeu menos com sua figura que com suas palavras; e, sem achar nenhuma com que lhe responder, se surpreendeu de novo ao ver Lucinda, Doroteia e Zoraida diante de si, porque elas, com a notícia de novos hóspedes e o que a estalajadeira havia dito da formosura da

donzela, tinham vindo vê-la e recebê-la. Mas dom Fernando, Cardênio e o padre lhe fizeram cortesias mais simples e francas. Na verdade, o senhor ouvidor entrou confuso, tanto pelo que via como pelo que escutava; e as formosas da estalagem deram as boas-vindas à formosa donzela.

Em suma, o ouvidor pôde ver muito bem que eram pessoas importantes todas as que estavam ali, mas a aparência, as expressões e a postura de dom Quixote o desorientavam. E tendo todos feito suas cortesias, e examinado as acomodações da estalagem, se estabeleceu o que estava combinado antes: que todas as mulheres fossem para o sótão já referido e os homens ficassem do lado de fora, como de guarda. E assim o ouvidor ficou contente de ver que sua filha, que era donzela, fosse com aquelas senhoras, o que ela fez de muito boa vontade. E, com parte da cama estreita do estalajadeiro e com a metade da que o ouvidor trazia, se acomodaram naquela noite melhor do que esperavam.

O cativo, que desde o momento em que viu o ouvidor sentiu o coração bater com a suspeita de que aquele era seu irmão, perguntou a um dos criados que vinham com ele como se chamava e se sabia de que lugar era. O criado respondeu que o licenciado se chamava Juan Pérez de Viedma e que ouvira dizer que era de uma aldeia nas montanhas de León. Com essa revelação e com o que ele havia visto, acabou de confirmar que realmente se tratava de seu irmão, o que havia seguido a carreira das letras, por conselho de seu pai. Agitado e alegre, chamou à parte dom Fernando, Cardênio e o padre para contar a eles o que se passava, assegurando que aquele ouvidor era seu irmão. O criado tinha dito também que ele fora designado para as Índias, na Suprema Corte do México. Soube ainda que a donzela era sua filha, que a mãe dela morrera no parto e que ele havia ficado muito rico com o dote que a menina herdara. O cativo pediu conselho sobre como deveria se apresentar a seu irmão, ou se deveria primeiro descobrir se ele, ao vê-lo pobre, ficaria envergonhado ou o receberia com carinho.

— Deixai que eu descubra isso — disse o padre. — Mas deveis pensar apenas que sereis muito bem recebido, senhor capitão, porque a determinação e a sensatez que seu irmão aparenta não

dão mostra de que seja arrogante nem mal-agradecido, nem de não entender os vaivéns da sorte.

— Mesmo assim — disse o capitão —, eu não gostaria de me apresentar de repente, mas de mansinho.

— Já vos disse — respondeu o padre — que darei um jeito para que todos fiquemos satisfeitos.

Nisso, o jantar já estava preparado, e todos se sentaram à mesa, exceto o escravo e as senhoras, que comeram em seu quarto. Pela metade do jantar, o padre disse:

— Com o mesmo sobrenome de vossa mercê, senhor ouvidor, eu tive um companheiro em Constantinopla, onde fui cativo por alguns anos; esse companheiro era um dos capitães mais valentes entre os soldados de toda a infantaria espanhola, mas, o que tinha de destemido e valoroso, tinha de desgraçado.

— E como se chamava esse capitão, meu senhor? — perguntou o ouvidor.

— Chamava-se Ruy Pérez de Viedma — respondeu o padre — e era natural de uma aldeia nas montanhas de León. Ele me contou um caso que aconteceu com ele, seu pai e seus irmãos, que, se não fosse ele um homem tão honesto, eu pensaria que era uma dessas histórias que as velhas contam no inverno ao redor do fogo. Pois me disse que seu pai dividira seus bens entre os três filhos e dera certos conselhos melhores que os de Catão. Enfim, ele escolheu ir para a guerra e foi tão bem-sucedido que em poucos anos, por sua coragem e determinação, sem outro padrinho que sua grande virtude, ascendeu ao posto de capitão de infantaria e em breve seria nomeado mestre de campo. Mas a sorte foi contrária, pois, onde ela deveria ser boa, foi onde a perdeu, ao perder a liberdade na feliz aventura onde tantos a recobraram, que foi a batalha de Lepanto. Eu a perdi na Goleta, e depois, devido a diversas peripécias, nos encontramos em Constantinopla. De lá foi para Argel, onde sei que aconteceu com ele um dos mais estranhos casos que se possa imaginar.

Daí prosseguiu o padre, contando de modo sucinto o que havia acontecido com Zoraida e seu irmão. O ouvidor estava tão atento a tudo que nunca antes havia sido tão bom ouvinte. O padre chegou

apenas até o ponto em que os franceses despojaram os cristãos que vinham na barca e à pobreza e necessidade em que seu companheiro e a formosa moura haviam ficado — disse que não soubera mais nada deles, se tinham chegado à Espanha ou se os piratas os tinham levado à França.

Um pouco afastado dali, o capitão escutava tudo o que o padre dizia e notava todas as reações de seu irmão, que, vendo que o padre chegara ao fim da história, deu um grande suspiro e disse, com os olhos cheios de água:

— Oh, senhor, se compreendêsseis as notícias que me contastes e como me tocam tão intimamente que sou obrigado a dar mostras disso com estas lágrimas que contra toda a minha discrição e recato me fogem dos olhos! Esse capitão tão valente de que me falais é meu irmão mais velho, que, mais forte e de pensamentos mais elevados que eu e meu outro irmão, escolheu o honroso e digno ofício da guerra, que foi um dos três caminhos que nosso pai nos propôs, conforme disse vosso camarada no que vos pareceu um conto fabuloso.

“Eu segui o das letras, onde Deus e meus esforços me puseram no ponto em que me vedes. Meu irmão mais novo está no Peru, tão rico que com o que enviou a meu pai e a mim ultrapassou em muito a parte que recebeu, pondo ainda nas mãos de meu pai o suficiente para saciar sua natural prodigalidade; e eu também pude, com a ajuda dele, me dedicar a meus estudos com mais decência e empenho e chegar ao posto em que me vejo. Meu pai vive ainda, morrendo de desejo de saber do filho mais velho, e pede a Deus com orações contínuas que a morte não feche seus olhos até que ele veja com vida os do filho.

“Agora, sendo ele tão sensato, espanta-me que em meio a tantas dificuldades e aflições, ou negócios prósperos, tenha se descuidado de dar notícias a seu pai, pois se o pai soubesse, ou algum de nós, não teria tido necessidade de esperar o milagre da moça na janela para conseguir seu resgate. Mas o que temo agora é pensar se aqueles franceses o terão libertado ou o terão matado para encobrir o furto. Depois disso, não vou prosseguir viagem com aquela alegria com que a comecei, mas com toda a melancolia e tristeza.

“Oh, meu bom irmão, quem me dera saber onde estás agora: eu iria te buscar e te livrar de tuas dificuldades, mesmo que fosse à custa das minhas! Oh, se alguém levasse notícias a nosso velho pai de que ainda vives, mesmo que estejas nas masmorras mais inacessíveis da Berbéria, que de lá te tirariam suas riquezas, as de meu irmão e as minhas! Oh, bela e generosa Zoraida, quem poderia pagar o bem que fizeste a meu irmão?! Quem me dera estar presente ao renascimento de tua alma e ao casamento que tanto prazer a todos nos dariam!”

Essas e outras palavras semelhantes dizia o ouvidor, cheio de tanta compaixão com as notícias que haviam lhe dado de seu irmão que todos os que o escutavam deram mostras do sentimento que tinham por sua aflição.

O padre, vendo que se saíra muito bem ao provocar a reação que o capitão tanto desejava, não quis deixar a todos tristes por mais tempo: levantou-se da mesa e, entrando no quarto onde estava Zoraida, tomou-a pela mão e depois fez o mesmo com o capitão, que estava à espera observando o que ele faria. Assim, entre ambos e seguido por Lucinda, Doroteia e a donzela, o padre foi até onde estavam o ouvidor e os outros cavalheiros, e disse:

— Cessem vossas lágrimas, senhor ouvidor, e que vossa mercê desfrute de todo o bem que puder desejar, pois tendes aqui vosso bom irmão e vossa boa cunhada. Este é o capitão Viedma, e esta, a formosa moura que tanto o ajudou. Aqueles franceses os puseram no aperto que vedes, para que mostreis a generosidade de vosso bom coração.

O capitão correu para abraçar seu irmão, e ele lhe pôs ambas as mãos no peito, para poder olhá-lo um pouco mais afastado; mas, quando o reconheceu, abraçou-o tão fortemente, derramando tantas lágrimas ternas de alegria, que os demais presentes acabaram por acompanhá-las. Mal podem se pensar as palavras que disseram entre eles e os sentimentos que mostraram, quanto mais descrevê-los. Ali, de modo sucinto, se informaram de suas aventuras, ali mostraram até que ponto pode ser boa a amizade de dois irmãos, ali o ouvidor abraçou Zoraida, ali lhe ofereceu sua fortuna, ali fez com

que a abraçasse sua filha, ali a linda cristã e a lindíssima moura renovaram as lágrimas de todos.

E ali estava dom Quixote observando esses acontecimentos estranhos, atento, sem falar nada, atribuindo-os todos a quimeras da cavalaria andante.

Combinou-se que Zoraida e o capitão iriam com seu irmão para Sevilha e que avisariam seu pai do encontro e libertação, para que viesse para o casamento e o batismo de Zoraida, assim que pudesse, porque o ouvidor não podia mudar de plano, pois tinha notícias de que dali a um mês a frota de Sevilha partia para o México e seria um grande transtorno perder a viagem.

Enfim, todos ficaram contentes e alegres com a boa sorte do cativo. E, como a noite já avançava na madrugada, combinaram de se recolher e descansar o que restava dela. Dom Quixote se ofereceu para fazer a guarda do castelo, para não serem atacados por algum gigante ou um patife covarde, cobiçoso do grande tesouro de formosura que aquele castelo encerrava. Agradeceram os que o conheciam, e informaram o ouvidor do estranho capricho de dom Quixote, com o que ele muito se divertiu.

Apenas Sancho Pança se desesperava com a demora para se recolher, e foi ele quem melhor se acomodou, atirando-se sobre os arreios de seu jumento, que lhe custaram tão caro como se contará mais adiante.

Com as damas recolhidas ao quarto, e os demais acomodados o menos mal que puderam, dom Quixote saiu da estalagem para montar guarda ao castelo, como havia prometido.

Aconteceu que, faltando pouco para a manhã, chegou aos ouvidos das damas uma voz tão afinada e tão bonita que obrigou a todas a prestar atenção, especialmente Doroteia, que estava acordada, ao lado de dona Clara Viedma, que assim se chamava a filha do ouvidor. Ninguém podia imaginar quem era a pessoa que cantava tão bem, e era apenas a voz, sem instrumento algum que a acompanhasse. Às vezes parecia que cantava no pátio, às vezes na estrebaria; estavam nessa dúvida, muito atentas, quando Cardênio se aproximou da porta do quarto e disse:

— Quem não dorme, ouça a voz de um dos moços das mulas, que de tal maneira canta, que encanta.

— Estamos ouvindo, senhor — respondeu Doroteia.

Com isso Cardênio se foi, e Doroteia, prestando toda atenção possível, entendeu que o que se cantava era isto:

xliii

onde se conta a agradável história do moço das mulas, com outras coisas estranhas acontecidas na estalagem

— *Sou marinheiro de amor*
e em seu mar profundo
navego sem esperança
de chegar a porto algum.

Vou seguindo uma estrela
que de longe vislumbro,
mais bela e resplandecente
do que quantas viu Polinuro.

Eu não sei aonde me guia
e, assim, navego confuso,
a alma atenta a olhá-la,
amando-a esquecida de si.

Recatos impertinentes,
honestidade fora de uso,
são nuvens que a encobrem
quando mais procuro vê-la.

Oh, clara e brilhante estrela
em cuja luz me consumo!

No instante em que te apagares,
o instante será de minha morte.[a]

Nesse ponto da canção, Doroteia achou que seria injusto que Clara deixasse de ouvir voz tão bela e então, tocando-a, acordou-a e disse:

— Perdoai-me, menina, mas vos acordo para que tenhais o prazer de ouvir a melhor voz que talvez ouvireis na vida.

Clara despertou toda sonolenta — no começo não entendeu o que Doroteia dizia e perguntou o que se passava. Quando Doroteia falou de novo, Clara ficou atenta, mas, mal ouviu dois dos versos que o moço continuava cantando, foi tomada de um tremor tão estranho como se tivesse um grave acesso de febre. Abraçando-se fortemente a Doroteia, disse:

— Ai, senhora de minha alma e de minha vida! Por que me acordastes? O maior bem que o destino podia me dar agora seria me fechar os olhos e os ouvidos, para eu não ver nem ouvir esse músico infeliz.

— Que dizeis, menina? Olhai que me falaram que o cantor é um dos moços das mulas.

— Não é, não: é senhor de vassalos — respondeu Clara —, e meu coração é tão vassalo dele que, se o quiser, com certeza lhe será fiel eternamente.

Doroteia ficou admirada com as palavras emocionadas da moça, parecendo-lhe que ultrapassavam em muito o discernimento que seus poucos anos prometiam, e então lhe disse:

— Falais de um modo, senhora Clara, que não posso vos entender. Vamos, explicai-me melhor o que é isso que dissestes sobre coração e vassalos e sobre esse músico cuja voz vos aflige tanto… Mas não digais nada por ora, porque não quero, por vos prestar atenção, perder o prazer de ouvir o cantor, que me parece que volta a seu canto com novos versos e nova melodia.

— Assim seja, senhora — respondeu Clara.

E, para não escutar, tapou os ouvidos com ambas as mãos; isso também surpreendeu Doroteia, mas que, atenta ao que se cantava, viu que se prosseguia desta maneira:

— Doce esperança minha,
que rompendo impossíveis e brenhas
segues firme o caminho
que tu mesma inventas e adornas:
não esmoreças ao te ver
a cada passo mais perto da morte.

Preguiçosos não alcançam
honrados triunfos nem vitória alguma,
nem podem ser felizes
os que, não desafiando a sorte,
entregam desvalidos
ao ócio manso todos os sentidos.

Que o amor venda caro suas glórias,
tem toda razão e é trato justo,
pois não há prenda mais rica
que a medida por seu gosto,
e é coisa sabida
que não agrada o que pouco custa.

Persistências amorosas
talvez alcancem coisas impossíveis;
e, assim, com as minhas persigo
do amor as mais difíceis,
mas nem por isso receio
não ter o céu aqui da terra.[b]

Aqui a voz parou e aqui começaram os novos soluços de Clara; canto tão suave e choro tão triste acendiam a curiosidade de

Doroteia, que, desejando saber a causa deles, perguntou mais uma vez o que Clara tentara dizer antes. Então, com medo de que Lucinda a escutasse, abraçou Doroteia fortemente, pôs a boca perto de seu ouvido e disse, certa de que não seria ouvida por mais ninguém:

— Este que canta, minha senhora, é filho de um cavaleiro natural do reino de Aragão, senhor de dois domínios, que morava em frente à casa de meu pai na corte. Embora meu pai mantivesse as janelas com cortinas enceradas no inverno e gelosias no verão, não sei como esse cavaleiro, que andava estudando, me viu; talvez tenha sido na igreja ou em outra parte. Mas, enfim, ele se apaixonou por mim e me comunicou isso das janelas de sua casa com tantos sinais e tantas lágrimas que fui obrigada a acreditar e, mais ainda, a amá-lo, sem saber o que queria de mim. Entre os sinais que me fazia, um era juntar as mãos, dando a entender que se casaria comigo, e, embora eu me alegrasse muito com a ideia, sozinha, sem mãe, não sabia a quem falar; então deixei as coisas assim, sem lhe conceder favor algum, a não ser, quando nossos pais não estavam em casa, levantar um pouco a cortina ou a gelosia para que me visse toda, o que o entusiasmava tanto que parecia ficar louco.

“Nisso chegou o tempo da partida de meu pai; ele ficou sabendo, mas não por mim, pois nunca pude lhe dizer. Caiu doente, acho que de tristeza, e assim, no dia em que fomos embora, não pude vê-lo para me despedir nem mesmo com os olhos; mas, depois de dois dias de viagem, ao entrar numa pousada, numa aldeia a uma jornada daqui, eu o vi à porta, vestido de moço das mulas, tão autêntico que, se eu não o trouxesse gravado em minha alma, seria impossível reconhecê-lo. Eu o reconheci, surpreendi-me e me alegrei; ele me olhou às escondidas de meu pai, de quem sempre se oculta quando cruza por mim pelos caminhos e pousadas em que chegamos; e como sei quem é e penso que por me amar vem a pé, com tanta dificuldade, morro de aflição, e onde ele põe os pés, eu ponho os olhos. Não sei com que intenção vem nem como pôde fugir de seu pai, que o ama extraordinariamente, porque não tem outro herdeiro e porque ele o merece, como vereis vossa mercê quando o conhecer. E vos digo mais: tudo aquilo que canta, tira da

própria cabeça, pois ouvi dizer que é um estudante muito bom e poeta. Mais ainda: cada vez que o vejo ou o escuto cantar, tremo toda e me assusto, medrosa de que meu pai o reconheça e descubra nossos desejos. Nunca lhe disse uma palavra, mas mesmo assim o amo de um modo que não poderei viver sem ele. É tudo o que vos posso dizer desse músico, minha senhora, cuja voz vos agradou tanto: com certeza apenas por ela podeis ver que não é um criado, como dissestes, mas senhor de corações e domínios, como eu vos disse.

— Não digais mais nada, senhora Clara — disse Doroteia nesse ponto, beijando-a mil vezes —, não digais mais nada, insisto, e esperai que chegue o novo dia, pois, com a graça de Deus, espero encaminhar vossos negócios de maneira que tenham o desfecho feliz que começo tão virtuoso merece.

— Ai, senhora! — disse dona Clara. — Que desfecho se pode esperar, se o pai dele é tão importante e tão rico que pensará que eu não sirvo nem de criada para seu filho, quanto mais para esposa? E me casar às escondidas de meu pai? Não farei isso por nada. Eu gostaria apenas que esse moço fosse embora e me esquecesse: não o vendo e com a grande distância que haverá entre nós, talvez se abrande a tristeza que sinto agora. Mas sei que essa solução que imagino não será de grande proveito. Não sei que diabos foi isso, nem por onde penetrou o amor que sinto, nós sendo tão moços; na verdade, acho que somos da mesma idade, e eu nem tenho dezesseis anos: vou fazê-los no próximo dia de São Miguel, foi o que disse meu pai.

Doroteia não pôde deixar de rir ouvindo dona Clara falar como uma menina e disse:

— Vamos descansar, senhora, o pouco que resta da noite; com a graça de Deus, amanhã tudo correrá bem, se eu não meter os pés pelas mãos.

Depois disso, elas se aquietaram, e havia um grande silêncio em toda a estalagem. Apenas a filha do estalajadeiro e Maritornes, sua criada, não dormiam, pois, como conheciam os caprichos de que pecava dom Quixote e como sabiam que estava lá fora montando guarda, de armadura e a cavalo, resolveram aprontar alguma

brincadeira, ou pelo menos passar o tempo escutando seus disparates.

O caso é que não havia uma janela em toda a estalagem que desse para o campo, apenas um buraco na parede de um palheiro, por onde jogavam a palha fora. Diante desse buraco se puseram as duas semidonzelas, que viram que dom Quixote estava a cavalo, recostado em seu chuço, dando de quando em quando suspiros tão profundos e sentidos que parecia que arrancava a alma com cada um deles; e também ouviram que dizia com voz branda, delicada e amorosa:

— Oh, minha senhora Dulcineia del Toboso, perfeição de toda formosura, apogeu e meta da inteligência, tesouro da mais fina graça, depósito da virtude e, ainda, modelo de tudo que é benéfico, honesto e prazeroso em todo o mundo! E o que estarás fazendo agora, minha senhora? Por acaso pensarás em teu cativo cavaleiro, que, só para te servir, a tantos perigos se expôs? Dá-me notícias dela, oh, astro das três faces! Talvez, com inveja da sua, estejas agora olhando-a passear por alguma galeria de seus palácios suntuosos ou debruçada em alguma sacada, considerando como, ressalvada sua virtude e grandeza, deve amansar a tormenta que por ela este meu pobre coração padece, que glória deve proporcionar às minhas penas, que sossego dar às minhas aflições e, finalmente, que vida a minha morte e que prêmio aos meus serviços. E tu, sol, que já deves estar selando teus cavalos para bem cedo ires ver minha senhora: logo que a avistares, eu te suplico que a saúdes por mim; mas cuidado: ao vê-la e saudá-la, não a beijes no rosto com tua luz, que terei mais ciúmes de ti do que tu tiveste daquela ágil ingrata que te fez suar e correr pelas planícies da Tessália ou pelas margens do Peneu, pois não me lembro bem por onde correste, ciumento e apaixonado.

Nesse ponto do queixoso discurso de dom Quixote, a filha do estalajadeiro começou a dizer:

— Psiu, meu senhor! Venha cá vossa mercê, por favor.

A esses chamados, dom Quixote virou a cabeça e viu à luz da lua, que então brilhava com toda intensidade, o buraco que lhe pareceu uma janela, e com grades douradas ainda por cima, como convém

às janelas de castelos tão ricos como ele pensava que era aquela estalagem. Como da outra vez, no mesmo instante representou o quadro em sua imaginação desatinada: a linda donzela, filha da senhora daquele castelo, vencida por seu amor, vinha provocá-lo de novo, e com esse pensamento, para não se mostrar descortês e mal-agradecido, virou as rédeas de Rocinante e se aproximou do palheiro. Mal viu as duas moças, disse:

— Sinto muito, formosa senhora, que tenhais dirigido vossos amorosos pensamentos a quem não pode corresponder conforme merece vosso grande mérito e graça, pelo que não deveis culpar este miserável cavaleiro andante, a quem o amor tem impossibilitado de poder entregar sua vontade a outra que não àquela que no instante em que seus olhos a viram a fez senhora absoluta de sua alma. Perdoai-me, boa senhora: recolhei-vos a vosso aposento e não queirais, demonstrando mais vossos desejos, que eu me mostre mais mal-agradecido; e se, com o amor que me tendes, achais em mim outra coisa que possa vos satisfazer desde que não seja o próprio amor, pedi, que eu vos juro por aquela ausente e doce inimiga minha que vos darei imediatamente, mesmo que me pedísseis uma mecha dos cabelos da Medusa, que eram todos cobras, ou até os raios do sol encerrados numa redoma.

— Minha senhora não precisa de nada disso, senhor cavaleiro — disse Maritornes, nesse ponto.

— Então, sábia dama, o que necessita vossa senhora? — respondeu dom Quixote.

— Apenas uma de vossas formosas mãos — disse Maritornes —, para poder aliviar com ela o grande desejo que a trouxe a este buraco, com tanto perigo para sua honra, que, se a ouvisse, seu pai faria tal picadinho dela que o maior pedaço a sobrar seria a orelha.

— Essa eu gostaria de ver! — respondeu dom Quixote. — Mas ele não fará nada disso, se não quiser encontrar o mais desastrado fim que um pai encontrou no mundo, por ter posto as mãos nos delicados membros de sua filha apaixonada.

Maritornes achou que sem dúvida dom Quixote daria a mão que elas pediam e, tendo na cabeça o que iria fazer, saiu do buraco e desceu à estrebaria, onde pegou o cabresto do jumento de Sancho

Pança e voltou com rapidez, a tempo de ver que dom Quixote havia ficado de pé sobre a sela de Rocinante para alcançar a janela de grades douradas onde imaginava estar a donzela ferida. Ao dar a mão, ele disse:

— Tomai esta mão, senhora, ou, digamos melhor, este carrasco dos malfeitores do mundo. Tomai esta mão, repito, que não foi tocada por mão de mulher nenhuma, nem mesmo pela mão daquela que tem posse completa de todo o meu corpo. Não vos dou esta mão para que a beijeis, mas para que olheis a contextura de seus nervos, a conexão de seus músculos, a espessura e o comprimento de suas veias: por tudo isso deduzireis qual deve ser a força do braço que possui tal mão.

— Já veremos — disse Maritornes.

Fazendo um nó corrediço no cabresto, prendeu a munheca de dom Quixote e, descendo de novo, amarrou muito fortemente a outra ponta no ferrolho da porta do palheiro. Dom Quixote, que sentiu a aspereza da corda no pulso, disse:

— Vede bem, senhora, que mais parecem sevícias que carícias: não a trateis tão mal, pois ela não tem culpa do mal que meu coração vos causa, nem fica bem que vingueis em parte tão pequena o todo de vossa ira. Olhai que quem quer bem não se vinga tão mal.

Mas ninguém mais escutava essas palavras de dom Quixote, porque, logo que Maritornes o amarrou, ela e a outra foram embora, morrendo de rir, deixando-o preso de modo que lhe foi impossível se soltar.

Como se disse, ele estava de pé sobre Rocinante, o braço todo metido no buraco e amarrado pelo pulso ao ferrolho da porta, cheio de medo que Rocinante se afastasse para lá ou para cá, pois então ficaria pendurado; assim, não ousava fazer movimento algum, mesmo que da paciência e mansidão de Rocinante bem poderia se esperar que ficasse sem se mexer por um século inteiro.

Enfim, vendo-se preso e abandonado pelas damas, dom Quixote começou a imaginar que tudo aquilo eram obras de magia, como da outra vez, quando naquele mesmo castelo fora moído a pau pelo mouro encantado do tropeiro; e amaldiçoava entre dentes sua falta

de sensatez e compreensão, pois, tendo se saído tão mal na primeira vez naquele castelo, havia se arriscado a entrar nele a segunda, sendo norma de cavaleiros andantes que, quando entraram numa aventura e não se saíram bem, é sinal de que ela não está reservada para eles, mas para outros — assim, não têm necessidade de tentar uma segunda vez. Enquanto isso, puxava o braço, para ver se podia se soltar, mas ele estava bem seguro, tanto que todas as suas tentativas foram em vão. É bem verdade que puxava com cuidado, para que Rocinante não se mexesse; e, embora ele quisesse se sentar na sela, só podia permanecer de pé ou arrancar a mão.

Então começou a desejar a espada de Amadis: contra ela não tinha força encantamento algum; então começou a amaldiçoar sua sorte; então começou a exagerar a falta que faria no mundo sua presença durante o tempo em que estivesse encantado, pois sem dúvida acreditava que o estava; então começou a se lembrar de novo de sua querida Dulcineia del Toboso; então começou a chamar seu bom escudeiro Sancho Pança, que, sepultado no sono e estendido sobre a albarda de seu jumento, naquele instante não se lembrava nem da mãe que o havia parido; então começou a chamar os magos Lirgandeu e Alquife para que o ajudassem;[1] então começou a invocar sua boa amiga Urganda para que o socorresse; então, finalmente, ali a manhã o encontrou tão desesperado e confuso que bramava como um touro, porque não esperava que com o dia se resolvesse sua desventura, pois, como estava encantado, a considerava eterna: prova disso era que Rocinante não se mexia nem pouco nem muito. Pensava que daquele jeito, sem comer nem beber nem dormir, ficariam ele e seu cavalo até que aquela influência maligna das estrelas passasse ou até que outro mago mais poderoso o desencantasse.

Mas se enganava redondamente, porque, mal começou a amanhecer, chegaram à estalagem quatro homens a cavalo, bem vestidos e equipados, com suas espingardas sobre os arções. Bateram com força na porta da estalagem, que ainda estava fechada; sem deixar de montar guarda mesmo onde estava, dom Quixote viu tudo e disse, em voz alta e arrogante:

— Cavaleiros ou escudeiros, ou quem quer que sejais, não tendes por que bater às portas deste castelo, pois é evidente que a essas horas os que estão aí dentro dormem ou não têm o costume de abrir a fortaleza até que o sol se estenda por todo o chão. Afastai-vos e esperai que o dia clareie, e então veremos se será justo ou não que vos recebam.

— Que diabo de fortaleza ou castelo é este — disse um —, para nos obrigar a cumprir essas cerimônias? Se sois o estalajadeiro, ordenai que nos abram, pois somos viajantes e só queremos dar cevada a nossos animais e seguir em frente, porque temos pressa.

— Ora, cavaleiros, pareço ter cara de estalajadeiro? — respondeu dom Quixote.

— Não sei do que tendes cara — respondeu o outro —, mas sei que dizeis um absurdo ao chamar esta estalagem de castelo.

— É castelo — replicou dom Quixote —, e um dos melhores de toda esta província, e aí dentro há gente que teve cetro na mão e coroa na cabeça.

— Seria melhor se fosse o contrário: o cetro na cabeça e a coroa na mão — disse o viajante. — E assim deve ser, se por acaso estiver aí uma companhia de atores, que muitas vezes usam coroas e cetros como dizeis; porque não acredito que se alojem pessoas dignas de coroa e cetro numa estalagem tão pequena e tão silenciosa como esta.

— Sabeis pouco do mundo — replicou dom Quixote —, pois ignorais os casos que costumam acontecer na cavalaria andante.

Cansaram-se os companheiros da conversa que o perguntador mantinha com dom Quixote e então trataram de bater na porta com grande fúria; foi assim que o estalajadeiro acordou — e mais todos os que estavam ali — e se levantou para perguntar quem chamava. Aconteceu, nesse meio-tempo, que um dos cavalos dos quatro que batiam se aproximou para cheirar Rocinante, que, melancólico e triste, com as orelhas caídas, sem se mexer, sustentava seu empertigado senhor; mas como enfim era de carne e osso, embora parecesse de pau, fraquejou e se virou para cheirar aquele que chegava para lhe fazer carícias, e assim, mal se moveu um pouco, escaparam os pés de dom Quixote, que, resvalando na sela, dariam

com ele no chão se não ficasse pendurado pela munheca, coisa que lhe causou tanta dor que pensou que lhe cortavam o pulso ou lhe arrancavam o braço. Porque ele ficou tão perto do chão que com as pontas dos pés beijava a terra, o que era pior, pois, como sentia que faltava pouco para se firmar, se esforçava e se esticava o quanto podia, exatamente como os que são torturados na polia, quando, pendurados, ficam pertinho do chão, no “toca, não toca”: eles mesmos são a causa do aumento da dor, no esforço de se esticar, enganados pela ilusão de que tocariam o chão caso se esticassem um pouco mais.

a — *Marinero soy de amor/ y en su piélago profundo/ navego sin esperanza/ de llegar a puerto alguno.// Siguiendo voy a una estrella/ que desde lejos descubro,/ más bella y resplandeciente/ que cuantas vio Palinuro.// Yo no sé adónde me guía/ e, así, navego confuso,/ el alma a mirarla atenta,/ cuidadosa y con descuido.// Recatos impertinentes,/ honestidad contra el uso,/ son nubes que me la encubren/ cuando más verla procuro.// ¡Oh clara y luciente estrella/ en cuya lumbre me apuro!/ Al punto que te me encubras,/ será de mi muerte el punto.*

b — *Dulce esperanza mía,/ que rompiendo imposibles y malezas/ sigues firme la vía/ que tú misma te finges y aderezas:/ no te desmaye el verte/ a cada paso junto al de tu muerte.// No alcanzan perezosos/ honrados triunfos ni victoria alguna,/ ni pueden ser dichosos/ los que, no contrastando a la fortuna,/ entregan desvalidos/ al ocio blando todos los sentidos.// Que amor sus glorias venda/ caras, es gran razón y es trato justo,/ pues no hay más rica prenda/ que la que se quilata por su gusto,/ y es cosa manifiesta/ que no es de estima lo que poco cuesta.// Amorosas porfías/ tal vez alcanzan imposibles cosas;/ y, así, aunque con las mías/ sigo de amor las más dificultosas,/ no por eso recelo/ de no alcanzar desde la tierra el cielo.*

xliv

onde prosseguem os acontecimentos inauditos da estalagem

Foram tantos os gritos que dom Quixote deu que, abrindo as portas da estalagem às pressas, o estalajadeiro saiu espavorido para ver quem berrava e os que tinham chegado, que não berravam menos. Maritornes, que também tinha acordado com os mesmos gritos, imaginando muito bem o que devia ser, foi ao palheiro e, sem que ninguém visse, desatou o cabresto que prendia dom Quixote, e ele logo foi parar no chão, à vista do estalajadeiro e dos viajantes, que, aproximando-se dele, perguntaram o que tinha que berrava daquele jeito. Ele, sem responder uma palavra, tirou a corda do pulso e, erguendo-se, montou em Rocinante, enfiou o braço na adarga, botou o chuço em riste, tomou uma boa distância no campo e voltou a meio-galope, dizendo:

— Se alguém disser que fui encantado por motivos justos, logo que minha senhora a princesa Micomicona me der licença para isso, eu o desminto, desafio e enfrento em combate singular.

Os viajantes ficaram surpresos com essas palavras, mas o estalajadeiro os tirou daquela surpresa dizendo que aquele era dom Quixote e que não deviam fazer caso dele, porque tinha perdido o juízo.

Perguntaram ao estalajadeiro se por acaso chegara àquela estalagem um rapaz de uns quinze anos, que vinha vestido como moço de mulas, que era assim e assim, dando as características do apaixonado por dona Clara. O estalajadeiro respondeu que havia tanta gente na estalagem que não tinha reparado nesse por quem

perguntavam. Mas, tendo um deles visto a carruagem em que vinha o ouvidor, disse:

— Deve estar aqui, sem dúvida, porque essa é a carruagem que dizem que ele segue. Um de nós fica na porta e os outros entram para procurá-lo; e seria bom que um também rodeasse toda a estalagem, para que ele não fugisse pela cerca do pátio.

— Então vamos lá — respondeu um deles.

E dois deles entraram, um ficou à porta e o outro foi dar a volta à estalagem, sob o olhar do estalajadeiro, que não atinava por que faziam aquelas manobras, embora tivesse entendido muito bem que procuravam o rapaz que haviam descrito.

A essas alturas o dia clareava, e tanto por isso como pelo barulho que dom Quixote tinha feito, estavam todos acordados e se levantavam, sendo as primeiras dona Clara e Doroteia, que haviam dormido muito mal aquela noite, uma preocupada por ter o apaixonado tão perto e a outra ansiosa para conhecê-lo. Dom Quixote, ao ver que nenhum dos quatro viajantes ligava para ele nem aceitava seu desafio, morria de raiva e despeito; e, se ele encontrasse nos estatutos de sua cavalaria que o cavaleiro andante podia licitamente se meter em outra aventura tendo empenhado sua palavra de não aceitar nenhuma até ter cumprido a promessa, atacaria a todos e os faria responder contra a vontade. Mas, por não lhe parecer conveniente nem ficar bem começar uma nova aventura até pôr Micomicona em seu trono, teve de calar e ficar quieto, esperando para ver no que iam dar as manobras daqueles viajantes. Nisso, um deles encontrou o rapaz que procurava dormindo ao lado de um moço das mulas, sem preocupações de que alguém o procurasse e muito menos de que o achasse. O homem o agarrou pelo braço e disse:

— Sem dúvida, senhor dom Luís, o traje que usais é bem adequando a quem sois, e a cama onde vos acho está de acordo com os mimos com que vossa mãe vos criou.

O rapaz esfregou os olhos sonolentos e olhou demoradamente para o homem que o tinha segurado, mas em seguida reconheceu o criado de seu pai — ficou tão assustado que não atinou ou não pôde falar palavra nenhuma por um bom tempo. O criado prosseguiu:

— Não há mais o que fazer aqui, senhor dom Luís, além de aguentar firme e partir para casa, se é que vossa mercê não deseja que seu pai e meu senhor parta para o outro mundo, pois não se pode esperar outra coisa da tristeza com que ficou por vosso sumiço.

— Mas como meu pai soube — disse dom Luís — que eu seguia este caminho e com esta roupa?

— Um estudante — respondeu o criado — a quem confiastes vossos segredos foi quem contou, de dó de ver o sofrimento de vosso pai quando deu por vossa falta. Então vosso pai despachou a nós quatro para encontrá-lo, e todos estamos aqui a vosso serviço, mais alegres do que se pode imaginar, pelas boas notícias com que voltaremos, levando-vos aos olhos que tanto vos querem.

— Isso vai ser como eu quiser ou o céu ordenar — respondeu dom Luís.

— Que haveis de querer ou o que o céu poderá ordenar, exceto consentir que volteis? Porque outra coisa não será possível.

Todas essas palavras trocadas pelos dois foram ouvidas pelo moço das mulas que estava junto com dom Luís. Então, levantando-se, foi contar o que acontecia a dom Fernando, a Cardênio e aos outros, que já haviam se vestido: o que falavam, como aquele homem chamava o rapaz de “dom” e insistia em levá-lo para a casa de seu pai, e como ele se negava. Por isso e pelo que sabiam dele pela bela voz que o céu lhe concedera, ficaram muito curiosos para saber quem era realmente e dispostos a ajudá-lo se quisessem forçá-lo a fazer alguma coisa, e assim foram para onde ainda estava falando e teimando com seu criado.

Nisso, Doroteia saiu do quarto, e atrás dela dona Clara toda preocupada. Doroteia chamou Cardênio à parte e contou a ele em poucas palavras a história do músico e de dona Clara; Cardênio também contou o que se passava com a chegada dos criados do pai para levar o rapaz, mas não falou tão baixo que Clara deixasse de ouvir, ficando tão fora de si que teria caído no chão, se Doroteia não a segurasse. Cardênio disse a Doroteia que voltassem para o quarto, que ele procuraria dar um jeito em tudo, e elas assim fizeram.

Todos os quatro criados que tinham vindo buscar dom Luís estavam na estalagem em volta dele, tratando de persuadi-lo a que voltasse logo sem se deter, para consolar seu pai. Ele respondia que de maneira nenhuma podia fazer isso até terminar um negócio em que empenhara a vida, a honra e a alma. Então os criados o encurralaram, dizendo que não voltariam sem ele e que o levariam quisesse ou não quisesse.

— Só fareis isso se me levardes morto — replicou dom Luís. — Na verdade, de qualquer modo que me levardes, ireis me levar sem vida.

Nessas alturas da discussão, haviam aparecido quase todos os que estavam na estalagem, isto é, Cardênio, dom Fernando e seus companheiros, o ouvidor, o padre, o barbeiro e dom Quixote, que tinha pensado que não havia mais necessidade de montar guarda ao castelo. Cardênio, que já conhecia a história do rapaz, perguntou aos criados por que queriam levá-lo contra a vontade.

— Porque queremos salvar a vida do pai dele — respondeu um dos quatro —, pois, com a ausência deste cavaleiro, corre o risco de perdê-la.

A isso dom Luís disse:

— Não há motivo para que se discutam aqui minhas coisas: eu sou livre e só voltarei se tiver vontade, do contrário nenhum de vós me forçará a fazê-lo.

— A razão vos forçará a fazê-lo — respondeu o homem —, e, se ela não for suficiente, nós seremos suficientes para o que viemos e somos obrigados a fazer.

— Vejamos essa história desde o começo — disse o ouvidor nesse ponto.

Mas o homem, que o reconheceu como o vizinho de sua casa, respondeu:

— Vossa mercê, senhor ouvidor, não reconhece este cavaleiro? É o filho de seu vizinho, que fugiu da casa do pai com essa roupa tão indecente para sua posição, como vossa mercê bem pode ver.

O ouvidor olhou-o mais atentamente e, reconhecendo-o, abraçou-o e disse:

— Que criancices ou que causas tão poderosas, dom Luís, o levaram a vir dessa maneira, e nesse traje, que cai tão mal com vossa posição?

As lágrimas vieram aos olhos do rapaz, que não pôde responder uma palavra. O ouvidor disse aos quatro que se acalmassem, que tudo acabaria bem; e, pegando dom Luís pela mão, puxou-o para um lado e perguntou por que fugira daquele jeito.

Enquanto o ouvidor fazia essa e outras perguntas, ouviram uma gritaria à porta da estalagem, por causa de dois hóspedes que haviam passado a noite ali: vendo aquela gente toda ocupada em saber o que os quatro homens queriam, haviam tentado ir embora sem pagar o que deviam; mas o estalajadeiro, que cuidava mais de seus negócios que dos alheios, pegou-os ao cruzarem a porta, pediu seu pagamento e insultou as más intenções deles com tais palavras que os levou a responderem com os punhos, dando tantos murros no estalajadeiro que o coitado precisou gritar pedindo socorro. A estalajadeira e sua filha não viram outro mais desocupado para poder socorrê-lo que dom Quixote, a quem a moça disse:

— Socorrei meu pobre pai, senhor cavaleiro, pela graça que Deus vos deu, pois dois homens maus estão batendo o pó dele como se fosse um tapete.

A isso dom Quixote respondeu sem pressa mas com muita pachorra:

— Formosa donzela, por ora não posso atender a vossa súplica, porque estou impedido de me meter em outra aventura enquanto não concluir uma em que empenhei minha palavra. Mas o que poderei fazer para vos servir é o que vos direi agora: correi e dizei a vosso pai que trave essa batalha da melhor forma que puder e que não se deixe vencer de jeito nenhum, enquanto eu peço licença à princesa Micomicona para poder socorrê-lo em seu infortúnio, pois, se ela nos for favorável, tende certeza de que eu o tirarei dele.

— Com os diabos! — disse então Maritornes, que estava por perto. — Antes que vossa mercê consiga essa licença, meu senhor já estará no outro mundo.

— Deixai-me pedir a licença, senhora — respondeu dom Quixote —, porque, logo que a tiver, tanto faz que ele esteja no outro mundo, pois dali o tirarei mesmo que a própria natureza se oponha, ou pelo menos vos vingarei de tal maneira dos que o enviaram para lá que ficareis mais que razoavelmente satisfeita.

E sem dizer mais nada foi se ajoelhar diante de Doroteia, pedindo-lhe com palavras cavaleirescas e andantescas que, por favor, sua grandeza lhe concedesse licença de ir socorrer o senhor daquele castelo, que estava em graves dificuldades. A princesa a deu de bom grado, e ele, metendo o braço em sua adarga e empunhando sua espada, correu para a porta da estalagem, onde os dois hóspedes ainda traziam o estalajadeiro num cortado; mas, mal chegou, ficou pasmo e quieto, embora Maritornes e a estalajadeira perguntassem por que se detinha, que socorresse seu senhor e marido.

— Detenho-me — disse dom Quixote — porque não me é lícito levantar a espada contra pajens; mas chamai aqui meu escudeiro Sancho, que cabe a ele esta defesa e vingança.

Isso acontecia à porta da estalagem, onde os murros e bofetões chegavam ao auge, tudo em prejuízo do estalajadeiro e raiva de sua mulher, sua filha e Maritornes, que se desesperavam ao ver a covardia de dom Quixote e o mau pedaço que passava seu marido, pai e amo.

Mas deixemos o estalajadeiro, que não faltará quem o socorra ou, se não, que sofra e cale quem se atreve a mais do que suas forças permitem, e voltemos atrás cinquenta passos para ver o que foi que dom Luís respondeu ao ouvidor, que deixamos de lado, perguntando a causa de sua vinda a pé e com roupas tão desprezíveis; a isso o rapaz disse, segurando-lhe as mãos fortemente como se uma grande dor lhe apertasse o coração e derramando lágrimas em abundância:

— Meu senhor, não sei o que vos dizer além de que, desde o instante em que quis o céu e nossa vizinhança facilitou que eu visse vossa filha, dona Clara é senhora de minha vontade, e, se a vossa não se opuser, meu senhor e verdadeiro pai, neste mesmo dia ela deve ser minha esposa. Por dona Clara deixei a casa de meu pai,

por ela botei essas roupas, para segui-la onde quer que fosse, como a seta ao alvo ou como o marinheiro ao norte. Ela não sabe de meus desejos mais do que pôde entender pelas lágrimas que viu de longe algumas vezes meus olhos chorarem. Já conheceis, senhor, a fortuna e a nobreza de meus pais, e que sou seu único herdeiro: se vos parece que essas condições são suficientes para que vos aventureis a me fazer em tudo venturoso, recebei-me logo como vosso filho, pois se meu pai, levado por outros desígnios, não aprovar a felicidade que eu soube encontrar, mais força tem o tempo para desfazer e mudar as coisas que as vontades humanas.

Então o rapaz apaixonado se calou, e o ouvidor ficou surpreso, confuso e admirado ao ouvi-lo, tanto pelo modo e pela inteligência com que dom Luís lhe revelara seu pensamento como por não saber que decisão tomar em negócio tão repentino e inesperado. Por isso, respondeu apenas que se acalmasse e convencesse seus criados a não levá-lo naquele dia, para ter tempo de avaliar o que seria melhor para todos. Dom Luís beijou as mãos dele à força e ainda as banhou com lágrimas, coisa que poderia amolecer um coração de mármore, não só o do ouvidor, que, como homem perspicaz, já havia entendido como seria bom aquele casamento para sua filha. Mas, se fosse possível, gostaria de realizá-lo com o consentimento do pai de dom Luís, de quem sabia que pretendia dar um título de nobreza ao filho.

Nessas alturas os hóspedes estavam em paz com o estalajadeiro, pois dom Quixote, mais com bons argumentos que com ameaças, os tinha persuadido a pagar tudo o que ele pedia, e os criados de dom Luís esperavam o fim da conversa do ouvidor e a decisão de seu amo, quando o demônio, que não dorme, ordenou que exatamente naquele ponto chegasse à estalagem o barbeiro de quem dom Quixote havia tirado o elmo de Mambrino, e Sancho Pança, os arreios do burro, que trocara pelos seus. O tal barbeiro, levando seu jumento à estrebaria, topou com Sancho Pança, que estava arrumando não sei quê da albarda, e o reconheceu no mesmo instante em que o viu e se atreveu a atacar Sancho, dizendo:

— Ah, dom ladrão, agora vos peguei! Passai para cá minha bacia e minha albarda, com todos os apetrechos que me roubastes.

Sancho, que se viu atacado tão repentinamente e ouviu os insultos que lhe dizia, com uma das mãos segurou a albarda e com a outra deu um bofetão no barbeiro, que lhe banhou os dentes em sangue. Mas nem por isso o barbeiro largou a presa, isto é, a albarda; pelo contrário, levantou a voz de tal maneira que todos os que estavam na estalagem correram para ver a balbúrdia ou briga. Ele dizia:

— Socorro, meu rei! Justiça, por favor! Além de roubar minhas coisas este ladrão quer me matar! Salteador de estrada!

— Mentis! — respondeu Sancho. — Não sou salteador de estrada coisa nenhuma: estes despojos meu senhor dom Quixote ganhou em boa guerra.

Dom Quixote correu lá, muito contente de ver como seu escudeiro se defendia bem e contra-atacava. Dali por diante o considerou um homem de verdade e decidiu, no fundo de seu coração, armá-lo cavaleiro na primeira oportunidade que surgisse, por lhe parecer que seria bem empregada nele a ordem da cavalaria.

Entre outras coisas que o barbeiro dizia em meio à briga, veio a dizer esta:

— Senhores, esta albarda é minha como as contas que tenho de prestar a Deus e a conheço como se a tivesse parido! E aí está meu burro no estábulo, que não vai me deixar mentir: se duvidam, experimentem-na nele e, se não lhe servir como uma luva, eu passarei por velhaco. E tem mais: no mesmo dia em que a roubaram, roubaram-me também uma bacia novinha de latão, que valia um escudo e eu nem tinha estreado.

Aqui dom Quixote não pôde conter uma resposta e, pondo-se entre os dois e apartando-os, depositou a albarda no chão, como em juízo até que a verdade fosse esclarecida:

— Para que vejam vossas mercês com clareza indiscutível o erro em que está este bom escudeiro, pois chama de bacia ao que foi, é e será o elmo de Mambrino, que tirei dele em leal combate, tornando-me assim legítima e licitamente seu dono! No negócio da albarda não me meto, mas o que posso dizer é que meu escudeiro Sancho me pediu licença para pegar os jaezes do cavalo deste

covarde derrotado e com eles adornar o seu; eu a dei, e ele os pegou, mas como os jaezes se transformaram em albarda só pode se explicar pela razão mais comum: essas transformações acontecem nas aventuras de cavalaria. Para confirmar isso, corre, Sancho, meu filho, e traz aqui o elmo que este bom homem diz ser bacia.

— Por Deus, senhor — disse Sancho —, se não temos outra prova de nossas intenções além dessa que o senhor diz, o elmo do Malino é tão bacia como o jaez desse bom homem é albarda!

— Faz o que te mando — replicou dom Quixote. — Nem todas as coisas neste castelo devem ser obra de encantamentos.

Sancho foi buscar a bacia; e, mal dom Quixote a viu, tomou-a nas mãos e disse:

— Vejam vossas mercês com que cara pode este escudeiro dizer que isto é uma bacia e não o elmo de que falei. Juro pela ordem de cavalaria que professo que este elmo é o mesmo que eu peguei, sem ter acrescentado nem tirado coisa alguma dele.

— Disso não há dúvida — disse Sancho nessa altura —, porque desde que o senhor o ganhou até agora só travou uma batalha com ele, quando libertou aqueles infelizes acorrentados; e, se não fosse por esse bacielmo, não teria se saído muito bem, porque houve um bocado de pedradas naquela aventura.

XLV

onde, com toda a verdade, acaba de se tirar a dúvida sobre o elmo de mambrino e a albarda, e acontecem outras aventuras

— Senhores — disse o barbeiro —, que achais do que estes fidalgos afirmam, pois ainda teimam que esta não é uma bacia, mas um elmo?

— Se for cavaleiro quem disser o contrário — disse dom Quixote —, eu mostrarei que mente; se for escudeiro, que mente mil vezes.

Nosso barbeiro — que estava presente —, como conhecia muito bem os caprichos de dom Quixote, quis atiçar seu desatino e levar em frente a brincadeira, para que todos rissem, e disse ao outro barbeiro:

— Senhor barbeiro, ou seja lá quem sois, sabei que eu também sou de vosso ofício: tenho meu diploma há mais de vinte anos e conheço muito bem todos os instrumentos da barbearia, sem que falte um. Como fui soldado por uns tempos em minha juventude, também sei o que é elmo, o que é morrião, o que é uma celada e outras coisas militares, digo, que se referem às armas e armaduras dos soldados. Por isso afirmo, salvo uma opinião mais abalizada, que esta peça que está aí nas mãos deste bom senhor não só não é bacia de barbeiro, como está tão longe de ser como está longe o branco do preto e a verdade da mentira; também afirmo que este, embora seja um elmo, não é um elmo inteiro.

— Não, é claro — disse dom Quixote —, porque falta a metade dele, a babeira.

— É verdade — disse o padre, que já havia entendido a intenção de seu amigo barbeiro.

A mesma coisa disseram Cardênio, dom Fernando e seus companheiros; e até o ouvidor, se não estivesse tão pensativo com a história de dom Luís, teria ajudado na brincadeira, mas a seriedade do assunto o mantinha tão alheado que prestava pouca atenção ou nenhuma àqueles gracejos.

— Deus me ajude! — disse nesse ponto o barbeiro enganado. — Como é possível que tanta gente honrada diga que esta bacia é um elmo? Uma coisa dessas pode espantar uma universidade toda, por mais inteligente que seja. Basta. Se esta bacia é um elmo, esta albarda também deve ser jaez de cavalo, como este senhor disse.

— Acho que é albarda — disse dom Quixote —, mas já disse que nesse caso não me meto.

— Se é albarda ou jaez — disse o padre —, basta uma palavra do senhor dom Quixote, porque nessas coisas de cavalaria todos nós reconhecemos a superioridade dele.

— Por Deus, meus senhores — disse dom Quixote —, são tantas e tão estranhas as coisas que me aconteceram neste castelo, nas duas vezes em que me alojei aqui, que não me atrevo a afirmar categoricamente nada sobre o que ele contém, pois imagino que tudo são obras de encantamento. Na primeira vez, atormentou-me muito um mouro encantado que há nele, e Sancho não se saiu muito melhor com outros sequazes seus; e hoje à noite estive pendurado por este braço por quase duas horas, sem saber como nem por que caí naquela desgraça. Assim, começar agora a dar minha opinião sobre coisa tão confusa seria cair num julgamento temerário. Quanto ao que dizem sobre esta ser bacia e não elmo, eu já respondi; mas quanto a declarar se é albarda ou jaez, não me atrevo a dar uma sentença definitiva: deixo o assunto ao bom julgamento de vossas mercês. Talvez, por não terem sido armados cavaleiros como eu, os encantamentos deste lugar não atinjam vossas mercês, e terão o raciocínio livre e poderão julgar as coisas desse castelo como elas são real e verdadeiramente, e não como se mostram a mim.

— Sem dúvida — respondeu dom Fernando —, como disse muito bem o senhor dom Quixote, cabe a nós a decisão desse caso; e, para que haja maior lisura, vou recolher em segredo os votos destes senhores, e, seja qual for o resultado, direi tudo com a maior clareza.

Para aqueles que conheciam a loucura de dom Quixote, isso tudo era matéria para muito riso, mas para os que a ignoravam parecia o maior disparate do mundo, especialmente aos criados de dom Luís, ao próprio dom Luís e a outros três viajantes que por acaso haviam chegado à estalagem — tinham jeito de quadrilheiros da Santa Irmandade, o que realmente eram. O que mais se desesperava, porém, era o barbeiro, cuja bacia, diante de seus olhos, havia se transformado no elmo de Mambrino, e cuja albarda sem dúvida pensava que ia virar um belo jaez de cavalo. Mas todos riam ao ver como dom Fernando andava recolhendo os votos um depois do outro, falando ao ouvido para que declarassem se era albarda ou jaez aquela joia que causara tanta disputa; e, depois que recolheu os votos daqueles que conheciam dom Quixote, disse em voz alta:

— Olhai, bom homem, o certo é que já me cansei de ouvir tantas opiniões, porque todos me responderam que é um absurdo dizer que esta seja albarda de jumento, quando é evidente que é jaez de cavalo, e de cavalo puro-sangue. Então, tende paciência, porque, embora isso vos desagrade e ao vosso burro, este é jaez e não albarda; e vós argumentastes e provastes muito mal vosso caso.

— Que eu não me saia melhor no céu — disse o mencionado barbeiro — se todos os senhores não se enganam, e que minha alma pareça a Deus como a albarda não me parece jaez; mas é melhor nem falar, os poderosos fazem as leis. A verdade é que não estou bêbado, pois estou em jejum, menos de pecados.

Não causaram menos risos as tolices que o barbeiro dizia que os disparates de dom Quixote, que nesse ponto disse:

— Não há mais o que fazer aqui além de cada um pegar suas coisas, e que são Pedro abençoe o que foi dado por Deus.

Um dos quatro criados de dom Luís disse:

— Se isso não é uma brincadeira premeditada, não posso acreditar que homens de bom senso como são ou parecem ser

todos os presentes se atrevam a dizer e atestar que isto não é bacia e aquilo albarda; mas, como vejo que todos dizem e atestam, desconfio de algum mistério que os leva a teimar numa coisa tão contrária ao que mostra a própria experiência; quero ver minha mãe m… — e lançou a blasfêmia, letra por letra — se alguém me convencer de que isto não seja uma bacia de barbeiro e isso, uma albarda de burro.

— Poderia ser de uma burrinha — disse o padre.

— Tanto faz — disse o criado —, pois o caso não consiste nisso, mas em se é ou não é albarda, como vossas mercês dizem.

Ao ouvir isso, um dos quadrilheiros, que tinha visto a briga e a discussão, disse cheio de raiva e indignação:

— É tão albarda como meu pai é meu pai, e quem disse ou disser outra coisa deve estar muito bêbado.

— Mentis como um patife ordinário! — respondeu dom Quixote.

E, levantando o chuço, que nunca largava, desfechou-lhe tamanho golpe na cabeça que teria deixado o quadrilheiro estendido ali, se ele não se desviasse a tempo. O chuço se despedaçou no chão, e os outros quadrilheiros, que viram o trato que o companheiro recebera, gritaram por socorro à Santa Irmandade.

O estalajadeiro, que era da Irmandade, entrou às pressas para pegar a espada e a vara, insígnia de sua autoridade, e se postou ao lado de seus companheiros; os criados de dom Luís rodearam-no, para que não fugisse no meio da confusão; o barbeiro, vendo a casa agitada, agarrou de novo a albarda, e Sancho fez a mesma coisa; dom Quixote empunhou a espada e atacou os quadrilheiros; dom Luís dava ordens aos criados para que o deixassem e ajudassem dom Quixote, Cardênio e dom Fernando, que também ajudavam o cavaleiro. O padre gritava, a estalajadeira berrava, sua filha se afligia, Maritornes chorava, Doroteia estava confusa, Lucinda, surpresa, e dona Clara, desmaiada. O barbeiro esmurrava Sancho, Sancho batia no barbeiro; dom Luís, a quem um criado se atreveu a segurar pelo braço para que não interviesse, lhe deu um soco que lhe banhou os dentes de sangue; o ouvidor o defendia; dom Fernando tinha um quadrilheiro no chão, medindo-o a pontapés com todo o prazer; o estalajadeiro voltou a engrossar a voz, pedindo

socorro à Santa Irmandade… De modo que toda a estalagem era choros, gritos, berros, confusões, medos, sustos, desgraças, espadadas, sopapos, pauladas, pontapés e derramamento de sangue. E, no meio desse caos, labirinto e pandemônio, dom Quixote se viu em sua imaginação metido até o pescoço no tumulto do campo de Agramante[1] e por isso disse, com voz que estremecia a estalagem:

— Detenham-se todos, todos embainhem as espadas, fiquem todos quietos, ouçam-me todos, se todos quiserem continuar vivos!

Depois desse brado, todos pararam, e ele continuou, dizendo:

— Eu não vos disse, senhores, que este castelo era encantado e que uma legião de demônios deve morar nele? Para confirmar isso, quero que vejais com vossos próprios olhos como se transferiu para cá e aconteceu entre nós o tumulto do campo de Agramante. Olhai como ali se luta pela espada, aqui pelo cavalo, lá pela águia, cá pelo elmo, e todos lutamos e todos não nos entendemos. Venha, pois, vossa mercê, senhor ouvidor, e vossa mercê, senhor padre, e que um sirva de rei Agramante e o outro de rei Sobrino, e façamos as pazes. Por Deus Todo-Poderoso, é uma grande velhacaria que tanta gente distinta como nós se mate por causas tão levianas.

Os quadrilheiros, que não entendiam o fraseado de dom Quixote e se viam estropiados por dom Fernando, Cardênio e seus companheiros, não queriam se acalmar; o barbeiro sim, porque durante a briga teve as barbas e a albarda desfeitas; Sancho, à primeira palavra de seu amo, obedeceu, como bom criado; os quatro criados de dom Luís também ficaram quietos, vendo que do contrário lucrariam pouco. Apenas o estalajadeiro teimava em que se deviam castigar as insolências daquele louco, que a todo momento arrumava confusão na estalagem. Finalmente, o tumulto se apaziguou, e até o dia do juízo a albarda continuou jaez, a bacia elmo e a estalagem castelo na imaginação de dom Quixote.

Então, com todos acalmados e feitos amigos pela lábia do ouvidor e do padre, na mesma hora os criados de dom Luís insistiram de novo para que ele se fosse com eles. Enquanto os cinco discutiam, o ouvidor falou com dom Fernando, Cardênio e o padre sobre o que devia fazer, contando-lhes o caso com as palavras com que dom

Luís o tinha relatado. Por fim combinaram que dom Fernando dissesse aos criados de dom Luís quem era e que gostaria que dom Luís fosse com ele até a Andaluzia, onde seu irmão, o marquês, o receberia como sua importância merecia; porque, pelo que acontecera, sabiam que dom Luís por ora não se deixaria ver pelos olhos do pai, mesmo que fizessem picadinho dele. Os criados, entendendo a posição de dom Fernando e a intenção de dom Luís, resolveram que três voltariam para contar a seu pai o que se passava e que o outro ficaria para servir dom Luís, sem deixá-lo até que voltassem para buscá-lo ou para fazer o que o pai lhes ordenasse.

Dessa maneira se apaziguou aquela pilha de encrencas, pela autoridade de Agramante e a prudência do rei Sobrino; mas, vendo-se o inimigo da concórdia e adversário da paz menosprezado e enganado, e vendo o pouco que colhera ao ter posto todos em labirinto tão confuso, resolveu tentar de novo, ressuscitando novos conflitos e perturbações.

A verdade é que os quadrilheiros se acalmaram porque pescaram alguma coisa sobre a posição dos homens que tinham combatido e se retiraram por acharem que, acontecesse o que acontecesse, iam levar a pior na batalha. Mas um deles, que tinha sido desancado a pontapés por dom Fernando, lembrou que, entre algumas ordens de prisão que trazia para delinquentes, havia uma contra dom Quixote, que a Santa Irmandade mandara prender por ter libertado os condenados às galés, como Sancho havia temido com toda razão.

Pensando nisso, quis se certificar de que a descrição que tinha coincidia com dom Quixote e, tirando do peito um pergaminho, logo topou com o que procurava. Começou a ler devagar, porque não era bom leitor — a cada palavra, botava os olhos em dom Quixote, comparando os dados da ordem de prisão com o rosto do cavaleiro, e achou que ele sem dúvida era o homem que a ordem descrevia. Mal teve certeza disso, enrolou o pergaminho, segurando-o com a mão esquerda, e com a direita agarrou fortemente dom Quixote pelo colarinho, o que não o deixava respirar, e em grandes brados disse:

— Acudam a Santa Irmandade! E, para que se veja que falo sério, leia-se isto aqui, a ordem de prisão deste salteador de estradas!

O padre pegou a ordem e viu que era verdade tudo o que o quadrilheiro dizia, como as descrições coincidiam com dom Quixote, que, vendo-se maltratado por aquele patife vagabundo, no auge da raiva e com os ossos rangendo, do melhor jeito que pôde agarrou o adversário com ambas as mãos pela garganta. Se os companheiros não viessem em socorro, ali mesmo o quadrilheiro deixaria a vida antes que dom Quixote a presa. O estalajadeiro, que por força devia favorecer os de seu ofício, correu para ajudar. A estalajadeira, que viu de novo seu marido metido numa briga, berrou de novo, acompanhada em seguida por sua filha e Maritornes, pedindo que o céu e os presentes intercedessem. Sancho, vendo o que acontecia, disse:

— Santo Deus, é verdade tudo o que meu amo disse do encantamento deste castelo, pois não é possível viver uma hora sossegada nele!

Dom Fernando separou o quadrilheiro e dom Quixote, e desprendeu as mãos deles da gola do saio de um e da garganta do outro, para alívio dos dois. Mas nem por isso os quadrilheiros paravam de exigir seu preso e que ajudassem a entregá-lo amarrado e submisso, porque assim convinha ao serviço do rei e da Santa Irmandade, em nome de quem pediam de novo auxílio para prender aquele ladrão e salteador de estradas e caminhos. Dom Quixote ria ao ouvir essas palavras e, com muita calma, disse:

— Vinde cá, gente bruta e ordinária: salteador de estrada chamais a quem dá liberdade aos acorrentados, solta os presos, socorre os miseráveis, levanta os caídos, ajuda os necessitados? Ah, gente infame, digna pelo mais baixo e desprezível discernimento que o céu não vos comunique o valor que se encerra na cavalaria andante, nem vos dê a entender o pecado e a ignorância em que estais em não reverenciar a sombra, quanto mais a assistência de qualquer cavaleiro andante! Vinde cá, quadrilha de ladrões, não de quadrilheiros, salteadores de estrada com licença da Santa Irmandade, dizei-me: quem foi o ignorante que assinou a ordem de prisão contra um cavaleiro de meu porte? Quem não sabe que os cavaleiros andantes estão livres de todos os foros judiciais e que a lei deles é a espada, seus foros sua coragem, seus decretos sua

vontade? Quem foi o mentecapto, repito, que não sabe que não há patente de fidalguia com tantos privilégios nem isenções como a que um cavaleiro andante adquire no dia em que se arma cavaleiro e se entrega ao duro exercício da cavalaria? Que cavaleiro andante pagou qualquer tipo de imposto: peitas, alcavalas, subsídios reais, taxa de vassalagem e pedágios? Que alfaiate lhe cobrou pela roupa que fez? Que castelão que o acolheu exigiu que pagasse a hospedagem? Que rei não o recebeu em sua mesa? Que donzela não se apaixonou por ele e se entregou rendida a seus desejos e vontade? E, por fim, que cavaleiro andante houve, há ou haverá que não tenha brio para dar sozinho quatrocentas pauladas em quatrocentos quadrilheiros que lhe apareçam pela frente?

xlvi

da notável aventura dos quadrilheiros e da grande ferocidade de nosso bom cavaleiro dom quixote

Enquanto dom Quixote dizia isso, o padre tentava persuadir os quadrilheiros da falta de juízo dele, como podiam ver por suas ações e palavras, e de que não tinham por que levar adiante aquele negócio, pois, mesmo que o prendessem e levassem, logo teriam de soltá-lo por ser louco. O da ordem de prisão respondeu que não cabia a ele julgar a loucura de dom Quixote, mas fazer o que seu superior tinha ordenado e, desde que o prendesse, para ele dava na mesma que o soltassem trezentas vezes.

— Mas desta vez — disse o padre — não ireis levá-lo, nem ele se deixará levar, pelo que vejo.

Realmente, tão bem o padre soube falar e tantas loucuras dom Quixote soube cometer que os quadrilheiros seriam mais loucos ainda se não notassem os desatinos dele. Assim, acabaram se acalmando por bem e servindo ainda de mediadores para selar a paz entre o barbeiro e Sancho Pança, que continuavam brigando com grande rancor. Por fim, como membros da justiça, eles arbitraram a causa de modo que ambas as partes ficaram mais ou menos descontentes e mais ou menos satisfeitas, porque trocaram as albardas, mas não as cinchas e os cabrestos. E, quanto ao elmo de Mambrino, o padre, às escondidas, sem que dom Quixote percebesse, deu oito reais por ele, e o barbeiro lhe passou um recibo em que se comprometia a não reclamar nunca mais a bacia, para todo o sempre, amém.

Resolvidas então essas duas pendências, que eram as mais importantes e sérias, faltava que os criados de dom Luís aceitassem a volta de três e que um ficasse para acompanhá-lo aonde dom Fernando o queria levar. Mas, como a boa sorte havia começado a quebrar lanças e a resolver as dificuldades em favor dos amantes e dos valentes da estalagem, quis acabar o serviço e dar a tudo um desfecho feliz, porque os criados se resignaram ao que dom Luís desejava, coisa que alegrou tanto dona Clara que ninguém que olhasse o rosto dela naquele momento deixaria de perceber o regozijo de sua alma.

Zoraida, embora não entendesse bem todos os acontecimentos que havia presenciado, se entristecia e se alegrava ao sabor do momento, conforme via e notava os rostos de cada um, especialmente de seu espanhol, de quem não despregava os olhos e tinha a alma pendente. O estalajadeiro, a quem não passara em branco a recompensa que o padre havia dado ao barbeiro, incluiu na despesa de dom Quixote o estrago nos odres e a perda do vinho, jurando que não deixaria Rocinante sair da estalagem, nem o jumento de Sancho, sem que antes se pagasse tudo até o último tostão. O padre o acalmou e dom Fernando o pagou, mesmo que o ouvidor, de muito boa vontade, também houvesse se oferecido para pagar. Assim, de tal maneira todos ficaram em paz e harmonia que a estalagem já não parecia o tumulto do campo de Agramante, como dom Quixote dissera, mas a própria paz e quietude da época de Otaviano[1] — por tudo isso, foi opinião geral que se deviam agradecer as boas intenções e a grande eloquência do senhor padre e a incomparável prodigalidade de dom Fernando.

Dom Quixote, vendo-se livre e desembaraçado de tantas pendências, tanto suas como de seu escudeiro, achou por bem continuar a viagem começada e terminar aquela grande aventura a que tinha sido chamado e escolhido. Assim, com resoluta determinação, foi se ajoelhar diante de Doroteia, que não lhe consentiu que falasse uma palavra até que se levantasse, e ele, para obedecê-la, se levantou e disse:

— Diz um provérbio conhecido, formosa senhora, que a diligência é a mãe da boa sorte, e em muitas e graves coisas a experiência

mostrou que a solicitude do negociante leva a desfecho feliz um litígio duvidoso; mas em coisa nenhuma essa verdade se mostra melhor que nas coisas da guerra, onde a celeridade e a presteza previnem os movimentos do inimigo e alcançam a vitória antes que ele fique na defensiva. Digo isso tudo, nobre e preciosa senhora, porque me parece que nossa estadia neste castelo já não tem serventia e até poderia nos ser muito prejudicial, como talvez vejamos algum dia, pois quem sabe se através de espiões ocultos e diligentes nosso inimigo, o gigante, já não foi informado de que eu vou destruí-lo e, se o tempo for suficiente, poderá se abrigar em algum castelo inexpugnável ou fortaleza, onde valessem pouco meus empenhos e a força de meu braço incansável? Então, minha senhora, como já disse, antecipemo-nos aos desígnios dele com nossa diligência, e partamos logo para a boa ventura, que vossa grandeza não demorará mais em tê-la como deseja do que eu demorarei em me bater com vosso adversário.

Dom Quixote se calou e nada mais disse — esperou com muita calma a resposta da formosa infanta, que, com maneira senhoril e ajustada ao estilo de dom Quixote, respondeu assim:

— Eu vos agradeço, senhor cavaleiro, o desejo que mostrais possuir de me socorrer em minha grande aflição, como bom cavaleiro a quem cabe e concerne socorrer os órfãos e desvalidos, e queira o céu que o vosso e o meu desejo se cumpram, para que vejais que há mulheres agradecidas no mundo. Quanto a minha partida, que seja logo, pois não tenho mais vontade que a vossa: disponde de mim como vos aprouver, que aquela que uma vez vos entregou a defesa de sua pessoa e pôs em vossas mãos a restauração de seus domínios não deve querer ir contra o que vossa prudência ordenar.

— Com a graça de Deus — disse dom Quixote. — Como vossa senhoria se humilha diante de mim, não quero perder a oportunidade de levantá-la e pô-la no trono que herdou. Que a partida seja imediata, porque, como se costuma dizer que na demora está o perigo, me esporeia o desejo de me pôr a caminho. E, como o céu não criou nem o inferno viu ninguém que me espante nem acovarde, encilha o Roncinante, Sancho, e prepara teu jumento

e o palafrém da rainha. E agora digamos adeus ao castelão e a esses senhores e vamos embora de uma vez.

Sancho, que presenciara tudo, meneou a cabeça de um lado para outro e disse:

— Ai, ai, ai, ai, senhor, há mais mal na vilinha do que diz a vizinha, diga-se com perdão das honradas… cortesãs.

— Que mal pode haver em qualquer vila, ou em todas as cidades, que possa ser dito contra mim, seu desgraçado?

— Se vossa mercê se aborrece — respondeu Sancho —, vou me calar: não direi o que sou obrigado como bom escudeiro e como deve um bom criado dizer a seu amo.

— Diz o que quiseres — replicou dom Quixote —, porque tuas palavras não me metem medo: se tens medo, ages como quem és; se eu não tenho, ajo como quem sou.

— Não é nada disso, pelo amor de Deus! — respondeu Sancho. — É que eu tenho por certo e comprovado que essa senhora que se diz do grande reino Micomicão não é mais rainha que minha mãe, porque se fosse não andaria pelos cantos se beijocando com um dos presentes.

Doroteia ficou vermelha ao ouvir as palavras de Sancho, porque era verdade que seu esposo dom Fernando, algumas vezes, às escondidas de outros olhos havia colhido com os lábios parte do prêmio que mereciam seus desejos, o que Sancho tinha visto e achado que aquela faceirice era mais própria de dama cortesã que de rainha de um reino tão grande. Então Doroteia não pôde nem quis responder o que Sancho havia dito, deixando-o continuar aquela conversa, e ele foi dizendo:

— Digo isso, senhor, porque se depois de ter batido muitas estradas e caminhos, ter passado noites ruins e dias piores ainda, o fruto de nossos trabalhos será colhido por quem está se divertindo aqui na estalagem, não há por que ter pressa de encilhar Rocinante, preparar o jumento e aprontar o palafrém, pois será melhor ficarmos quietos, e que cada puta trate de sua vida, e vamos comer em paz.

Oh, valha-me Deus! Com que fúria dom Quixote ouviu as palavras insolentes de seu escudeiro! Digo que foi tanta que, gago e confuso, lançando fogo vivo pelos olhos, disse:

— Oh, canalha miserável, seu merda, indecente, ignorante, bruto, linguarudo, abusado, caluniador e mexeriqueiro! Tens a ousadia de dizer essas palavras em minha presença e na destas ínclitas senhoras? Tens a ousadia de meter em tua mente confusa essas injúrias e indecências? Some de minha presença, aborto da natureza, depósito de mentiras, fosso de embustes, celeiro de velhacarias, inventor de maldades, divulgador de tolices, inimigo do decoro que se deve às pessoas reais! Vai-te, e nunca mais me apareças, sob pena de provocar minha ira!

E, dizendo isso, arqueou as sobrancelhas, inchou as bochechas, olhou para todos os lados e deu com o pé direito uma grande pancada no chão — sinais da fúria que lhe queimava as entranhas. A essas palavras e atitudes furibundas, Sancho ficou tão encolhido e medroso que seria um alívio se naquele instante a terra se abrisse debaixo de seus pés e o tragasse, e não soube o que fazer, exceto dar as costas e sumir da presença raivosa de seu amo. Mas a atilada Doroteia, que compreendia muito bem o gênio de dom Quixote, disse, para acalmá-lo:

— Não vos indigneis, senhor Cavaleiro da Triste Figura, com as tolices que vosso bom escudeiro disse, pois talvez não as diga sem motivo. Nem de seu bom discernimento e consciência cristã pode se suspeitar que levante falso testemunho contra ninguém; pelo contrário, devemos acreditar sem dúvida nenhuma, porque como neste castelo, segundo dizeis, senhor cavaleiro, todas as coisas correm e ocorrem por obra de encantamentos, Sancho poderia muito bem ter visto por esse ângulo diabólico o que ele diz ter presenciado, que é tão ofensivo a minha virtude.

— Juro pelo Deus onipotente que vossa grandeza acertou o alvo — disse nessas alturas dom Quixote —, e que alguma visão nefasta cortou mesmo o caminho de nosso pecador Sancho e o fez ver o que seria impossível exceto por encantamentos, pois conheço bem a bondade e a inocência desse desgraçado que não sabe levantar falso testemunho contra ninguém.

— É isso mesmo — disse dom Fernando. — Então vossa mercê, dom Quixote, deve perdoá-lo e trazê-lo de volta ao seio de vossa

indulgência, *sicut erat in principio*,[2] antes que as visões o façam perder o juízo.

Dom Quixote respondeu que o perdoava, e o padre foi buscar Sancho, que veio muito humilde e, ajoelhando-se, pediu a mão de seu amo. Ele a deu e, depois de tê-la deixado beijar, deu a bênção ao escudeiro, dizendo:

— Agora enfim tu compreendes, Sancho, meu filho, que é verdade tudo o que te disse outras vezes sobre as coisas deste castelo serem obras de encantamento.

— É o que eu acho — disse Sancho —, exceto pelo negócio da manta, que certamente foi obra da realidade.

— Não acredite nisso — respondeu dom Quixote —, pois, se fosse assim, eu teria te vingado então, ou vingaria agora mesmo. Mas nem então nem agora vi em quem vingar teu ultraje.

Todos quiseram saber que negócio era esse da manta, e o estalajadeiro lhes contou tintim por tintim as acrobacias aéreas de Sancho Pança, de que não se riram pouco, e de que não menos se envergonharia Sancho se seu amo não lhe garantisse de novo que era tudo encantamento, embora a estupidez de Sancho não chegasse ao ponto de não acreditar que a verdade pura e simples, sem dose nenhuma de engano, era que tinha sido jogado com a manta por pessoas de carne e osso, não por fantasmas sonhados ou imaginados, como seu senhor pensava e afirmava.

Fazia dois dias que aquele grupo ilustre estava na estalagem; e, parecendo a todos que já era tempo de partir, buscaram uma maneira para que o padre e o barbeiro pudessem levar dom Quixote como desejavam até sua terra e lá tentar curá-lo de sua loucura, sem que Doroteia e dom Fernando se dessem ao trabalho de acompanhá-lo, com a mentira da liberdade da rainha Micomicona. E o que fizeram foi combinar com o dono de um carro de bois, que por acaso passava por ali, para que o levasse numa espécie de jaula que tinham construído, com grades de pau, onde dom Quixote podia caber folgadamente. Depois dom Fernando e seus companheiros, com os criados de dom Luís, os quadrilheiros e mais o estalajadeiro — todos sob as ordens e orientação do padre — se disfarçaram cada um de um jeito, com os rostos cobertos, para que dom Quixote

não pensasse que se tratava das pessoas que tinha visto no castelo.

Então, em grande silêncio, entraram onde ele descansava das refregas passadas. Aproximando-se dele, que dormia livre e despreocupado com aqueles acontecimentos, agarraram-no à força, amarrando muito bem as mãos e os pés, de modo que quando ele acordou assustado não pôde se mexer nem fazer outra coisa que ficar pasmo ao ver diante de si caras tão estranhas. Mas logo estava às voltas com o que sua incessante e desvairada imaginação criava: pensou que todas aquelas figuras eram fantasmas do castelo e que sem dúvida nenhuma já estava encantado, pois não podia se mexer nem se defender — exatamente como o padre, o maquinador daquela tramoia, pensara que aconteceria. Apenas Sancho, de todos os presentes, estava em seu próprio juízo e com sua própria estampa. Mas ele, embora estivesse perto de sofrer da mesma doença do amo, não deixou de reconhecer quem eram todas aquelas pessoas disfarçadas. Não ousou, porém, abrir o bico, até ver em que ia dar aquele ataque e prisão de seu senhor, que também não dizia uma palavra, à espera do desfecho de sua desgraça — que foi meterem-no na jaula, quando a trouxeram e pregaram as grades tão fortemente que não poderiam ser arrancadas nem com mil puxões.

Em seguida carregaram a jaula nos ombros, e, quando saíam do aposento, se ouviu uma voz tenebrosa — tanto quanto o conseguiu o barbeiro, não o da albarda, mas o outro — que dizia:

— Oh, Cavaleiro da Triste Figura! Não te mortifique a prisão em que vais, pois assim convém ao término mais célere da aventura em que tua grande valentia te pôs. Ela acabará quando o furibundo leão manchado e a pomba branca tobosina se tornarem um, depois de humilhadas as nobres cervizes ao brando jugo matrimonial, de cujo inaudito consórcio sairão à luz do orbe os bravos filhotes que imitarão as garras rompantes do pai valoroso; e isto ocorrerá antes que o perseguidor da ninfa fugitiva visite por duas vezes as imagens brilhantes em seu curso rápido e natural.

“E tu, o mais nobre e obediente escudeiro que teve espada na cintura, barbas no rosto e olfato nas ventas, não te desanime nem te

descontente ver assim diante de teus próprios olhos a flor da cavalaria andante, pois logo, se for desejo de quem moldou o mundo, te verás tão nobre e louvado que nem te reconhecerás, e não serão frustradas as promessas que te fez teu bom senhor; e te garanto, de parte da maga Mentironiana, que teu salário será pago conforme teu trabalho, como verás; e segue as pegadas do cavaleiro valente e encantado, pois convém ires até o fim da jornada. E, como não me é lícito dizer mais nada, fica com Deus, que eu sei para onde volto.”

E, ao fim da profecia, elevou o tom da voz e depois a diminuiu tão docemente que até mesmo os que conheciam a farsa estiveram a ponto de acreditar que era verdade o que ouviam.

Dom Quixote se sentiu consolado com a profecia, porque rapidamente compreendeu todo o significado dela: prometiam que se veria unido em santo e devido matrimônio com sua querida Dulcineia del Toboso, de cujo feliz ventre sairiam os filhotes, que eram seus filhos, para a glória perpétua da Mancha; e, acreditando piamente nisso, deu um grande suspiro e disse, levantando a voz:

— Oh, tu, quem quer que sejas, que tanto bem me profetizaste! Rogo-te que peças de minha parte ao mago que se encarrega de minhas coisas que não me deixe perecer nesta prisão onde agora me levam, até ver cumpridas promessas tão alegres e incomparáveis como as que aqui me fizeram. Pois, se assim for, terei por glória as aflições de meu cárcere, por alívio estas correntes que me cingem e não por duro campo de batalha este catre em que me deitam, mas por cama macia ou tálamo feliz. E, quanto ao consolo de Sancho Pança, meu escudeiro, eu confio em sua generosidade e bom comportamento: ele não me deixará nem durante a boa nem a má sorte, porque, se devido à dele ou à minha pouca sorte, eu não puder lhe dar a ilha ou outra coisa equivalente que prometi, pelo menos seu salário não poderá se perder, pois em meu testamento, que já está feito, deixo registrado o que se deve dar a ele, não conforme seus muitos e bons serviços, mas conforme minhas possibilidades.

Sancho Pança se inclinou com muita compostura e lhe beijou ambas as mãos — uma só não poderia, pois estavam amarradas.

Em seguida aqueles fantasmas levaram a jaula nos ombros e acomodaram-na no carro de bois.

xlvii

do modo estranho com que dom quixote de la mancha foi encantado, com outros acontecimentos famosos

Quando dom Quixote se viu enjaulado daquela maneira e em cima do carro, disse:

— Li muitas e graves histórias de cavaleiros andantes, mas jamais li, nem vi, nem ouvi que levassem os cavaleiros encantados desta maneira e com a demora que prometem esses animais lerdos e preguiçosos, pois costumam sempre levá-los pelos ares com singular rapidez, presos em alguma nuvem parda e escura ou em algum carro de fogo, ou mesmo montados num hipogrifo ou em outro monstro semelhante. Mas que me levem agora num carro de bois, minha nossa! Deixam-me confuso! Quem sabe a cavalaria e os encantamentos de nossa época sigam um caminho diferente do que seguiram os antigos. E poderia ser ainda que, como eu sou cavaleiro novo no mundo e o primeiro que ressuscitou o já esquecido exercício da cavalaria aventureira, também tenham se inventado outros tipos de encantamentos e outros modos de levar os encantados. Que achas disso, Sancho, meu filho?

— Eu não sei, não — respondeu Sancho —, por não ser tão lido como vossa mercê nas escrituras andantes; mas, mesmo assim, ousaria afirmar e jurar que essas assombrações que andam por aqui não são das mais católicas.

— Católicas?! Minha nossa! — respondeu dom Quixote. — Como vão ser católicas se são todos demônios que tomaram corpos fantásticos para vir fazer isso e me pôr neste estado? E, se quiseres

comprovar a verdade, toca neles e apalpa-os: verás que têm corpo de ar e consistem apenas de aparência.

— Por Deus, senhor — replicou Sancho —, já toquei neles! Este diabo que anda aqui todo solícito é gordinho e tem outra propriedade muito diferente da que eu ouvi que os demônios têm, porque, pelo que se diz, todos cheiram a enxofre e a outras coisas fedorentas, mas este cheira a âmbar de longe.

Sancho dizia isso por causa de dom Fernando, que, como nobre, devia cheirar mesmo a âmbar.

— Não te admires disso, meu amigo Sancho — respondeu dom Quixote —, porque, eu te garanto, os diabos sabem muito e, mesmo que exalem alguns cheiros, eles não cheiram a nada, porque são espíritos, e, se cheiram, não podem cheirar a coisas boas, só a coisas ruins e hediondas. A razão é que, como eles trazem consigo o inferno onde quer que estejam e não podem ter nenhum tipo de alívio em seus tormentos, e como o cheiro bom é coisa que deleita e alegra, não é possível que eles tenham bons cheiros. E se a ti parece que esse demônio aí cheira a âmbar, ou tu te enganas ou ele quer te enganar fazendo-te pensar que não é demônio.

Com toda essa conversa entre o amo e o criado, dom Fernando e Cardênio temeram que Sancho se desse conta da tramoia, pois já andava a um passo dela, e resolveram abreviar a partida. Chamando o estalajadeiro à parte, ordenaram que encilhasse Rocinante e o jumento de Sancho, o que ele fez com muita presteza.

Nessas alturas o padre já havia combinado com os quadrilheiros para que os acompanhassem até sua aldeia, pagando-lhes um tanto por dia. Cardênio pendurou a adarga num lado do arção da sela de Rocinante e, no outro, a bacia, e por sinais mandou que Sancho montasse no burro e pegasse as rédeas de Rocinante, e pôs dos dois lados do carro os dois quadrilheiros com suas espingardas. Mas, antes que o carro se movesse, a estalajadeira, sua filha e Maritornes saíram para se despedir de dom Quixote, fingindo que choravam de dor pela infelicidade dele. Dom Quixote disse a elas:

— Não choreis, minhas boas senhoras, pois todas essas desgraças acompanham os que professam o que eu professo, e, se

essas calamidades não me acontecessem, eu não me consideraria um cavaleiro andante de fama, porque aos cavaleiros de pouco renome nunca acontecem casos semelhantes, pois não há no mundo quem se lembre deles: aos valentes sim, que a virtude e a coragem deles causam inveja a muitos príncipes e a muitos outros cavaleiros, que procuram destruí-los por meios indignos. Mas mesmo assim a virtude é tão poderosa que por si só, apesar de toda a necromancia que seu inventor Zoroastro[1] soube, sairá vencedora de toda aflição e dará de si luz ao mundo como a do sol no céu. Perdoai-me, formosas damas, se por descuido cometi algum inconveniente, pois jamais os cometi por gosto ou de propósito, e rogai a Deus que me tirem estas amarras com que me prendeu algum mago mal-intencionado: porque, se delas me vir livre, não se apagarão em minha memória as mercês que me haveis feito neste castelo, para agradecê-las, retribuí-las e recompensá-las como mereceis.

Enquanto isso acontecia entre as damas do castelo e dom Quixote, o padre e o barbeiro se despediam de dom Fernando e seus companheiros, do capitão, de seu irmão e de todas aquelas senhoras alegres, especialmente de Doroteia e Lucinda. Todos se abraçaram e ficaram de dar notícia, dom Fernando dizendo ao padre para onde devia escrever para avisá-lo do fim da história de dom Quixote, garantindo que não haveria coisa que lhe desse mais prazer que sabê-lo, e que ele também avisaria sobre tudo aquilo que visse que poderia contentá-lo, tanto de seu casamento como do batismo de Zoraida, do caso de dom Luís e da volta de Lucinda para casa. O padre se comprometeu a fazer exatamente o que lhe pedia. Abraçaram-se de novo e de novo se comprometeram a fazer o que tinham combinado.

O estalajadeiro se aproximou do padre e lhe deu uns papéis, dizendo que os havia achado num compartimento da maleta onde estava a *História do curioso impertinente*, e, como o dono dela não voltara mais, que os levasse todos, pois ele não os queria porque não sabia ler. O padre agradeceu e, abrindo-os logo, viu que no começo do texto dizia: *História de Rinconete e Cortadillo*.[2] Assim compreendeu que era algum conto e deduziu que, como o do

Curioso impertinente havia sido bom, aquele também devia ser, pois talvez fosse do mesmo autor; e então a guardou, pensando em lê-la quando tivesse tempo.

Montaram a cavalo, ele e seu amigo barbeiro, com suas máscaras, para não serem reconhecidos de imediato por dom Quixote, e seguiram atrás do carro. E a ordem do cortejo era esta: primeiro ia o carro, guiado pelo dono; nos dois lados iam os quadrilheiros, como se disse, com suas espingardas; depois vinha Sancho Pança em seu burro, levando Roncinante pelas rédeas. Atrás de todos cavalgavam o padre e o barbeiro em suas mulas possantes, os rostos cobertos como se disse, numa atitude calma e séria, não andando mais do que permitiam os passos lerdos dos bois. Dom Quixote ia sentado na jaula, encostado às grades, as mãos amarradas, os pés estendidos, tão silencioso e paciente como se não fosse homem de carne e osso, mas estátua de pedra.

Assim, com aquela lentidão e silêncio andaram umas duas léguas, até chegarem a um vale, que ao carreteiro pareceu um lugar apropriado para descansar e com boa pastagem para os bois, como disse ao padre. Mas o barbeiro foi de opinião que andassem um pouco ainda, porque ele sabia que perto dali, atrás de uma encosta, havia um vale muito melhor que aquele, com mais capim. Concordaram com o barbeiro e, então, retomaram o caminho.

Nisso, o padre virou o rosto e viu que às suas costas vinham uns seis ou sete homens a cavalo, bem vestidos e equipados, que logo os alcançaram, porque não andavam com a pachorra e calma dos bois, mas como se montassem mulas de cônego e com vontade de chegar em seguida para sestear na estalagem que se achava a menos de duas léguas dali. Os apressados alcançaram os vagarosos, e se cumprimentaram com cortesia. Um dos que chegara, que realmente era cônego de Toledo e amo dos outros que o acompanhavam, vendo a bem organizada comitiva que seguia o carro, quadrilheiros, Sancho, Rocinante, padre e barbeiro, além de dom Quixote enjaulado e amarrado, não pôde deixar de perguntar o que significava esse negócio de levar um homem dessa maneira, embora já suspeitasse, vendo as insígnias dos quadrilheiros, que devia ser algum salteador perverso ou outro delinquente cujo

castigo coubesse à Santa Irmandade. Um dos quadrilheiros, a quem fora feita a pergunta, respondeu assim:

— O que significa este cavaleiro ir dessa maneira? Ele que o diga, senhor, porque nós não sabemos.

Dom Quixote ouviu a conversa e disse:

— Por acaso vossas mercês, senhores cavaleiros, são versados e peritos em matéria de cavalaria andante? Porque, se o forem, vos comunicarei minhas desgraças; se não, não há por que me cansar em contá-las.

Nesse meio-tempo, o padre e o barbeiro haviam se aproximado, vendo que os caminhantes conversavam com dom Quixote de la Mancha, para responder de modo que não fosse descoberto seu estratagema.

O cônego, ao ouvir dom Quixote, disse:

— Na verdade, meu irmão, sei mais de livros de cavalaria que das *Súmulas* de Villalpando.[3] De modo que, se o problema era só esse, com certeza podeis me comunicar o que quiserdes.

— Graças a Deus — replicou dom Quixote. — Bem, meu caro senhor, se é assim, quero que saibais que vou encantado nesta jaula por inveja e fraude de magos perversos, pois a virtude é mais perseguida pelos maus que amada pelos bons. Sou cavaleiro andante, não desses de cujo nome a fama jamais se lembrou para eternizá-los em sua memória, mas daqueles que, a despeito e apesar da própria inveja, e de todos os magos que a Pérsia engendrou, de todos os brâmanes da Índia e gimnosofistas da Etiópia,[4] haverá de pôr seu nome no templo da imortalidade, para que sirva de exemplo e modelo nos séculos futuros, para que os cavaleiros andantes vejam os passos que devem seguir, se quiserem chegar ao topo da honrosa nobreza das armas.

— O senhor dom Quixote de la Mancha diz a verdade — disse o padre nessa altura. — Ele vai mesmo encantado nesta carreta, não por suas culpas e pecados, mas pela má intenção daqueles a quem a virtude incomoda e a valentia aborrece. Este, senhor, é o Cavaleiro da Triste Figura, se por acaso já não ouvistes falar dele, cujas ousadas proezas e grandes feitos serão escritos em bronzes

duros e mármores eternos, por mais que a inveja se canse em obscurecê-los e a malícia em ocultá-los.

Quando o cônego ouviu o preso e o livre falar em semelhante estilo, esteve para fazer o sinal da cruz de espanto, sem saber o que diabos estava acontecendo, e no mesmo espanto caíram todos os que vinham com ele. Nisso Sancho Pança, que havia se aproximado ao ouvir a conversa, para encerrar com fecho de ouro, disse:

— Agora, senhores, queiram-me bem ou mal pelo que direi, a verdade é que meu senhor dom Quixote vai aí tão encantado como minha mãe: ele vai em seu perfeito juízo, ele come e bebe e faz suas necessidades como os outros homens e como as fazia ontem, antes que o enjaulassem. Assim sendo, como querem me fazer acreditar que está encantado? Pois ouvi muitas pessoas dizerem que os encantados não comem, nem dormem, nem falam, e meu amo, se não lhe fecharem a matraca, fala mais que trinta procuradores.

E, virando-se para olhar o padre, continuou falando:

— Ah, senhor padre, senhor padre! Vossa mercê achava que eu não o reconheci? Pensava que não sondei e adivinhei aonde vão parar esses novos encantamentos? Pois saiba que o reconheci, por mais que esconda o rosto, e saiba que entendi tudo, por mais que dissimule seus embustes. Enfim, onde reina a inveja não pode viver a virtude, nem onde há escassez, a liberalidade. Que o diabo o carregue! Se não fosse por sua reverência, nessas alturas meu senhor estaria casado com a infanta Micomicona e eu seria conde pelo menos, pois não se podia esperar outra coisa, tanto da bondade de meu senhor da Triste Figura como da grandeza de meus serviços! Mas já vejo que é verdade o que se diz por aí: que a roda da fortuna gira mais rápido que uma roda de moinho e que os que ontem estavam por cima hoje estão por baixo. Tenho pena de meus filhos e de minha mulher, pois quando podiam e deviam esperar ver seu pai entrar pela porta feito governador ou vice-rei de alguma ilha ou reino, irão vê-lo entrar feito cavalariço. Tudo isso que eu disse, senhor padre, é só para que fique bem claro para sua paternidade: tenha consciência do tratamento miserável que dá a

meu senhor e, preste atenção, que na outra vida Deus não lhe peça contas por esta prisão de meu amo e o responsabilize por todo bem e socorros que meu senhor dom Quixote deixa de fazer neste tempo que está enjaulado.

— Vamos pôr os pingos nos is — disse o barbeiro nesse ponto. — Também vós, Sancho, sois da confraria de vosso amo? Por Deus, vejo que ireis acompanhá-lo na jaula e que ficareis tão encantado como ele, pelo que compartilha de seu gênio e de sua cavalaria! Em mau lugar vos deixastes emprenhar com suas promessas e em má hora vos entrou na cachola a ilha que tanto desejais.

— Eu não estou prenhe de ninguém — respondeu Sancho —, nem sou homem que se deixaria emprenhar, mesmo que fosse pelo rei. Embora pobre, sou cristão-velho e não devo nada a ninguém; e, se desejo ilhas, outros desejam coisas piores, e cada um é filho das próprias obras; e pelo fato de ser homem posso vir a ser papa, quanto mais governador de uma ilha, e meu senhor pode ganhar tantas que lhe falte a quem dá-las. Olhe vossa mercê como fala, senhor barbeiro, pois há mais na vida que fazer barbas e nem dois ovos são iguais. Digo isso porque todos nos conhecemos, e não venham me fazer de bobo. Quanto ao encantamento de meu amo, Deus sabe a verdade, mas fiquemos por aqui, porque isso é como aquilo que, quanto mais se mexe, mais fede.

O barbeiro não quis responder a Sancho, para não revelar com suas tolices o que ele e o padre tanto procuravam ocultar. Por causa desse mesmo temor o padre havia dito ao cônego que caminhassem um pouco adiante, que ele lhe desvendaria o mistério do enjaulado, com outras coisas que o divertiriam. Assim fez o cônego, adiantando-se com seus criados, e ficou atento a tudo aquilo que o padre quis dizer sobre a condição, vida, loucura e costumes de dom Quixote, contando-lhe rapidamente o princípio e a causa de seu desvario e todo o curso de suas aventuras, até tê-lo posto naquela jaula, e a intenção que tinham de levá-lo a sua terra, para ver se de algum modo poderiam tratar de sua loucura. Os criados e o cônego se admiraram de novo com a estranha história de dom Quixote e, quando o padre terminou, o cônego disse:

— Em minha opinião, senhor padre, esses livros que chamam de cavalaria realmente são prejudiciais à república. Embora eu tenha lido, levado pela ociosidade e por um gosto duvidoso, o começo de quase todos os que foram impressos, jamais consegui ler nenhum até o fim, porque me parece que todos eles são mais ou menos a mesma coisa, e este não tem mais que aquele, nem este outro que aquele outro. Pelo que entendo, esse gênero de literatura se alinha com aquele das fábulas que chamam *milésias*, que são histórias disparatadas, que só pretendem divertir, não ensinar, ao contrário do que fazem as fábulas apologéticas, que divertem e ensinam ao mesmo tempo.[5] E, como a intenção principal desse tipo de livros é divertir, não sei como podem consegui-lo, estando tão cheios de absurdos colossais: pois o prazer que nasce na alma deve vir da beleza e harmonia que ela vê ou contempla nas coisas que a vista ou a imaginação lhe apresenta, e toda coisa que tem em si fealdade e desarmonia não pode nos causar contentamento algum. Dizei-me, que beleza pode haver, ou que proporção de partes com o todo e do todo com as partes, num livro ou fábula onde um rapaz de dezesseis anos dá uma espadada num gigante alto como uma torre e o divide em dois, como se fosse de manteiga? E quando quer pintar uma batalha, então? Depois de dizer que do lado dos inimigos há um milhão de combatentes, somos forçados a acreditar, por mais que nos pese, já que o protagonista do livro é adversário deles, que o tal cavaleiro obteve a vitória apenas pelo valor de seu braço forte. E o que diremos da facilidade com que uma rainha ou imperatriz herdeira cai nos braços de um cavaleiro andante desconhecido? Que mente, se não for de todo bárbara e inculta, poderá se alegrar lendo que uma grande torre cheia de cavaleiros vai mar afora, como um navio com vento favorável, e anoitece hoje na Lombardia e pela manhã está nas terras do Preste João das Índias, ou em outras que nem Ptomoleu descreveu nem Marco Polo viu?

“E se me respondessem que os autores desses livros os escrevem como quem conta mentiras e que, assim, não estão obrigados a se ater a escrúpulos nem verdades, eu responderia que a mentira é muito melhor quanto mais parece verdadeira e agrada muito mais quanto mais tem de ambíguo e possível. As histórias mentirosas

devem casar com a inteligência dos que as lerem: tem-se de escrevê-las de forma que, tornando crível o impossível, nivelando os exageros, cativando as almas, surpreendam, encantem, entusiasmem e divirtam, de modo que andem juntas num mesmo passo a alegria e a admiração. E não poderá fazer todas essas coisas quem fugir da verossimilhança e da imitação, porque a perfeição do que se escreve reside nelas.

"Não vi nenhum livro de cavalaria com uma história de corpo inteiro, com todos os seus membros, de maneira que o meio encaixe com o começo, o fim com o começo e com o meio; pelo contrário, são escritos com tantos membros que mais parece que tinham a intenção de formar uma quimera ou um monstro do que fazer uma figura bem-proporcionada. Além disso, no estilo são duros; nas façanhas, inacreditáveis; nos amores, lascivos; nas cortesias, grosseiros; prolixos nas batalhas, estúpidos na argumentação, delirantes nas viagens e, por fim, alheios a todo artifício inteligente. Por isso, são dignos de desterro da república cristã, como gente inútil."

O padre esteve escutando o cônego com grande atenção, e achou que era um homem inteligente e que tinha razão em tudo o que dizia, por isso lhe disse que, por ser da mesma opinião e ter ojeriza aos livros de cavalaria, havia queimado todos os de dom Quixote, que eram muitos, e contou o escrutínio que havia feito neles: os que havia condenado ao fogo e os que havia deixado com vida. O cônego não riu pouco disso e afirmou que, apesar de ter falado muito mal desses livros, achava neles uma coisa boa, que era a matéria que ofereciam para que uma boa inteligência pudesse se manifestar neles, porque proporcionavam um vasto campo por onde podia se correr a pena sem restrições, descrevendo naufrágios, tempestades, confrontos e batalhas, pintando um capitão corajoso com todas as qualidades necessárias para isso, mostrando-o prudente ao adivinhar as astúcias de seus inimigos e orador eloquente ao persuadir ou dissuadir seus soldados, maduro no conselho, rápido nas decisões, tão valente na espera como no ataque; pintando ora um acontecimento lamentável e trágico, ora um alegre e incrível; ali uma dama lindíssima, virtuosa, inteligente e

recatada; aqui um cavaleiro cristão, valente e comedido; lá um bárbaro desaforado e fanfarrão; cá um príncipe cortês, corajoso e educado; representando generosidade e lealdade de vassalos, grandezas e mercês de senhores. Ora pode se mostrar astrólogo, ora cosmógrafo excelente, ora músico, ora sagaz nos assuntos de Estado, e talvez tenha até oportunidade de se mostrar necromante, se quiser. Pode mostrar as astúcias de Ulisses, a piedade de Eneias, a valentia de Aquiles, as desgraças de Heitor, as traições de Sinon, a amizade de Euríalo, a prodigalidade de Alexandre, a determinação de César, a clemência e verdade de Trajano, a fidelidade de Zópiro,[6] a prudência de Catão e, por fim, todas aquelas ações que podem fazer um homem perfeito, às vezes pondo-as em um somente, às vezes dividindo-as entre muitos.

— E se for feito com estilo agradável e com inventividade engenhosa, ficando o mais perto possível da verdade, sem dúvida se tecerá uma teia com fios variados e belos, que, depois de acabada, irá mostrar tal perfeição e formosura que alcançará o grande fim que se pretende na literatura, que é ensinar e divertir ao mesmo tempo, como eu já disse. Porque a escrita livre e solta desses livros dá espaço para que o autor possa se mostrar épico, lírico, trágico, cômico, com todas aquelas qualidades que encerram em si as doces e deliciosas ciências da poesia e da oratória: pois a épica pode muito bem ser escrita tanto em prosa como em verso.

xlviii

onde o cônego continua o assunto dos livros de cavalaria, com outras coisas dignas de seu engenho

— É como vossa mercê diz, senhor cônego — disse o padre. — Por isso são mais dignos de censura os autores que até aqui escreveram semelhantes livros sem considerar o uso da razão nem a arte e as regras que poderiam guiá-los e torná-los famosos em prosa, como o são em verso os dois príncipes da poesia grega e latina.[1]

— Eu, pelo menos — replicou o cônego —, me vi tentado a escrever um livro de cavalaria, observando todos os pontos que levantei. E admito, se devo confessar a verdade, que tenho mais de cem páginas escritas e, para comprovar se correspondiam à minha avaliação, mostrei-as a homens apaixonados por essas leituras, cultos e inteligentes, e a outros ignorantes, que só se interessam pelo prazer de ouvir asneiras, e em todos encontrei uma agradável aprovação. Mas, apesar disso, não fui adiante, tanto por me parecer que faço uma coisa alheia a minha profissão como por ver que é maior o número dos simplórios que dos inteligentes. Depois, embora seja melhor ser louvado pelos poucos sábios que zombado pelos muitos estúpidos, não quero me sujeitar ao julgamento confuso do populacho presunçoso, que é quem lê esses livros em sua maior parte. Mas o que mais me tirou das mãos e até do pensamento a vontade de acabá-lo foi um argumento que apresentei a mim mesmo, inspirado pelas comédias representadas hoje em dia:

“Se todas essas peças em voga agora, ou a maior parte delas, tanto as de tema fictício como de tema histórico, são um monte de asneiras e coisas sem pé nem cabeça, mas o populacho as ouve com prazer, aplaude e considera boas, estando tão longe de sê-lo; se os autores que as compõem e os atores que as representam dizem que devem ser assim porque é assim que o público quer, e não de outra maneira; se as peças que têm estrutura e desenvolvem a trama como a arte pede não servem para mais de quatro homens inteligentes que as entendem, e todos os demais se queixam de ficar no escuro com suas sutilezas; se para autores e atores é melhor ganhar o sustento agradando a muitos que ganhar prestígio agradando a poucos, se vê muito bem o que acontecerá com meu livro, depois de eu ter queimado as pestanas para seguir as regras mencionadas, e eu terei jogado pérolas aos porcos.

“Algumas vezes tentei convencer os agenciadores de que estão enganados, de que iriam atrair mais gente e ganhariam mais fama apresentando comédias que sigam a arte, não os disparates, mas eles são tão teimosos e convictos de sua opinião que não há argumento nem evidência que os faça mudar de ideia. Lembro-me de que um dia disse a um desses obstinados: ‘Dizei-me, não vos lembrais que há poucos anos se apresentaram na Espanha três tragédias escritas por um famoso poeta destes reinos, que causaram admiração, alegraram e deliciaram a todos quantos as ouviram, tanto simplórios como ponderados, tanto do populacho como da nata da sociedade, e apenas as três deram mais dinheiro ao teatro que trinta das melhores peças feitas aqui depois?’.

“‘Sem dúvida’, respondeu o sujeito de que falei, ‘vossa mercê se refere a *La Isabela*, *La Filis* e *La Alejandra*.’[2]

“‘Essas mesmas’, repliquei, ‘e olhai se não obedeciam bem às regras da arte, e se por obedecer deixaram de parecer o que eram e de agradar a todo mundo. De modo que a culpa não é do povo, que pede tolices, mas daqueles que não sabem apresentar outra coisa. Sim, pois não se achou tolice em *La ingratitud vengada*, nem em *La Numancia*, nem no *Mercader amante*, muito menos em *La enemiga favorable*,[3] nem em outras que foram compostas por poetas

entendidos no assunto, para fama e renome deles e para lucro dos que as apresentaram.’

“E disse outras coisas além dessas, que o deixaram meio confuso, parece-me, mas não convencido nem disposto a abandonar seu pensamento errado.”

— Vossa mercê tocou num assunto, senhor cônego — disse o padre nessa altura —, que me despertou um rancor antigo que tenho contra as comédias hoje em voga, um rancor que iguala ao que tenho pelos livros de cavalaria; porque, segundo Túlio, tendo a comédia de ser um espelho da vida humana, exemplo dos costumes e imagem da verdade, as que se apresentam agora são espelhos de absurdos, exemplos de tolices e imagens de lascívia. Pois que maior absurdo pode haver, no tema que tratamos, do que mostrar uma criança de fraldas na primeira cena do primeiro ato e na segunda aparecer como um homem barbado? Ou do que nos apresentar um velho valente e um rapaz covarde, um lacaio grande orador, um pajem conselheiro, um rei serviçal e uma princesa faxineira? E o que direi, então, da forma como observam os tempos em que podem ou poderiam acontecer as ações que representam? Vi comédias em que o primeiro ato começa na Europa, o segundo na Ásia e o terceiro termina na África, quer dizer, se fossem quatro atos, o último terminaria na América, e assim se percorreria neles os quatro cantos do mundo. E, se a imitação é a principal coisa que a comédia deve ter, como é possível que satisfaça uma inteligência mediana que, fingindo uma ação que se passa no tempo do rei Pepino e Carlos Magno, o protagonista seja o imperador Heráclito, que entrou em Jerusalém com a Cruz e conquistou o Santo Sepulcro, como Godofredo de Bolonha, havendo inúmeros anos entre um e outro? Como é possível ainda, se a comédia se baseia em ações fictícias, atribuir verdades históricas a ela e misturar pedaços de acontecimentos que envolvem pessoas e épocas diferentes, e nada disso de um modo verossímil, mas com erros óbvios, indesculpáveis de qualquer ponto de vista? E o pior é que há ignorantes que dizem que isso é que é a perfeição e o resto, perfumaria.

“E as comédias com temas religiosos, então? Quantos milagres falsos se inventam nelas, quantas coisas apócrifas e mal compreendidas, atribuindo a um santo os milagres de outro! E até nas profanas se atrevem a fazer milagres, sem mais respeito nem consideração que acharem que ali fica bem o tal milagre ou truque, como chamam, para que gente ignorante se admire e venha assistir. E tudo isso em prejuízo da verdade e do desprezo pela história, e até em descrédito dos talentos espanhóis, porque os estrangeiros, que com toda meticulosidade observam as leis da comédia, nos consideram bárbaros e ignorantes, vendo os absurdos e as tolices que fazemos com elas.

“E não seria desculpa suficiente para isso dizer que a principal intenção que as repúblicas bem organizadas têm, permitindo que se apresentem comédias, é entreter o povo com alguma recreação honesta e distraí-lo às vezes dos baixos instintos que a ociosidade costuma atiçar, pois, se isso se consegue com qualquer comédia, boa ou ruim, não há por que estabelecer leis, nem obrigar os que as escrevem e representam a fazê-las conforme deviam, porque, como disse, com qualquer uma delas se consegue o que se pretende. Eu responderia a isso que com certeza alcançaríamos esse fim muito mais facilmente com as comédias boas que com as ruins, porque depois de ouvir uma comédia bem estruturada, feita com habilidade, o ouvinte sairia alegre com os gracejos e instruído com as verdades, surpreso com a ação, atilado com as argumentações, cauteloso com os embustes, sagaz com os exemplos, precavido contra o vício e apaixonado pela virtude: pois a boa comédia deve provocar todas essas reações no ânimo de quem a escutar, por mais bronco e obtuso que seja. E é certamente impossível que a comédia que tiver todas essas qualidades deixe de alegrar e entreter, entusiasmar e satisfazer muito mais que as que carecerem delas, como carece a maior parte dessas que comumente se apresentam hoje em dia.

“Mas não têm culpa disso os poetas que as escrevem, porque alguns deles conhecem muito bem em que erram e sabem exatamente o que devem fazer; agora, como as comédias se tornaram mercadoria vendável, dizem, e dizem a verdade, os agenciadores não as comprariam se não fossem daquele tipo; assim

o poeta procura se ajustar ao que pede o agenciador que vai pagar a obra. Veja-se, como prova dessa verdade, as inumeráveis comédias que escreveu um felicíssimo gênio destes reinos com tanto ímpeto, com tanta graça, com verso tão elegante, com tanto discernimento, com sentenças tão profundas e, enfim, num estilo tão nobre e eloquente que sua fama ganhou o mundo; e, por querer se ajustar ao gosto dos agenciadores, nem todas as suas peças chegaram, como algumas, ao ponto da perfeição que requerem.[4] Outros as escrevem sem nem olhar o que fazem, tanto que depois de representadas os atores precisam fugir, com medo de ser castigados, como muitas vezes foram, por ter apresentado cenas que insultavam reis e desonravam algumas linhagens.

“Veja, todos esses inconvenientes acabariam e até muitos outros que nem menciono, se houvesse na corte uma pessoa inteligente e sensata que examinasse todas as comédias antes que fossem apresentadas (não só as feitas na corte, mas todas as que se desejasse representar na Espanha). Assim, sem a aprovação, selo e assinatura dessa pessoa, nenhuma autoridade local deixaria representar comédia alguma, e dessa maneira os comediantes teriam o cuidado de enviar as comédias à corte, podendo representá-las com segurança, e aqueles que as escrevem encarariam com mais atenção e seriedade seu trabalho, temerosos de ter de passar suas obras pelo rigoroso exame de um entendido. Assim se fariam boas comédias e se conseguiria esplendidamente o que nelas se pretende: tanto o entretenimento do povo como a aprovação das melhores inteligências da Espanha, o lucro e a segurança dos atores, evitando-se ainda o trabalho de castigá-los.

“E, caso se encarregasse outra pessoa, ou essa mesma, de examinar os livros de cavalaria publicados pela primeira vez, sem dúvida poderiam sair alguns com a perfeição que vossa mercê mencionou, enriquecendo nossa língua com o tesouro agradável e precioso da eloquência, eclipsando-se os livros antigos diante da luz dos novos que saíssem para honesto passatempo, não somente dos ociosos, como dos mais ocupados, pois não é possível estar sempre com o arco retesado, nem a condição e debilidade humana pode se sustentar sem alguma lícita recreação.”

Nessas alturas da conversa do cônego e do padre, o barbeiro se aproximou e disse ao padre:

— É aqui, senhor licenciado, o lugar de que falei. Aqui podemos dormir uma boa sesta e os bois pastar à vontade.

— É o que me parece — disse o padre.

E falou ao cônego o que pensava fazer, e este decidiu ficar também, atraído pela paisagem do lindo vale que se oferecia à vista deles. E assim, para desfrutar tanto do local como da conversa com o padre, com quem já simpatizara, e para conhecer em detalhes as façanhas de dom Quixote, mandou alguns de seus criados até a estalagem, que não ficava longe dali, trazerem o que houvesse para comer, para todos, porque ele resolvera sestear no vale aquela tarde. Um de seus criados respondeu que a mula de carga, que já devia estar na estalagem, levava provisões suficientes para não precisarem comprar mais que cevada.

— Então — disse o cônego —, levai para lá todos os animais e mandai a mula de volta.

Enquanto isso, Sancho, vendo que podia falar com seu amo sem a presença contínua do padre e do barbeiro, que considerava suspeitos, aproximou-se da jaula e disse:

— Senhor, para descargo de minha consciência, quero dizer o que acontece sobre seu encantamento: é que esses dois mascarados são o padre e o barbeiro de nossa vila, e penso que tramaram levá-lo dessa maneira de pura inveja, porque vossa mercê os ultrapassa em feitos heroicos. Se eu estiver certo, então se conclui que não vai encantado, mas iludido como um tolo. Para tirar a teima, quero lhe perguntar uma coisa; se me responder como acho que vai me responder, porá o dedo na ferida e verá que não vai encantado, mas sem um pingo de juízo.

— Pergunta o que quiseres, Sancho, meu filho — respondeu dom Quixote —, que eu responderei tudo, conforme desejas. Quanto àqueles ali que vão e vêm conosco serem o padre e o barbeiro, nossos conterrâneos e conhecidos, realmente pode parecer que são; mas que sejam mesmo, de verdade, não acredites de jeito nenhum. Tens de acreditar e entender que, se se parecem com eles, como dizes, deve ser porque os que me encantaram tomaram essa

aparência e semelhança, pois é fácil para os magos incorporar a figura que lhes dá na telha, e incorporaram as desses nossos amigos para te levar a pensar o que pensas e te meter num labirinto de fantasias, de modo que não acharias a saída dele ainda que tivesses o cordão de Teseu. Também devem ter feito isso para confundir minha inteligência, não me deixando atinar de onde vem esse ataque. Porque se, por um lado, tu me dizes que me acompanham o barbeiro e o padre de nossa vila e, por outro, eu me vejo enjaulado, sabendo que forças somente humanas, sem nada de sobrenaturais, não são capazes de me prender, que queres que eu diga ou pense exceto que a maneira de meu encantamento excede a quantas li em todas as histórias que tratam de cavaleiros andantes que foram enfeitiçados? Assim, meu caro, acalma-te e deixa para lá essa tua crença, porque eles são quem dizes tanto quanto eu sou turco. E, quanto ao que querias perguntar, pergunta, que eu te responderei, mesmo que me interrogues até de manhã.

— Que Nossa Senhora me ajude! — respondeu Sancho em altos brados. — Será possível que vossa mercê tenha a cabeça tão dura e tão oca que não consegue ver que falo a pura verdade, e que nesta prisão e desgraça tem mais parte a malícia que a magia? Então, se é assim, quero provar a vossa mercê que não vai encantado. Se não, diga-me, e que Deus o tire dessa enrascada, e o senhor se veja nos braços de minha senhora Dulcineia quando menos esperar…

— Acaba com esse sermão — disse dom Quixote — e pergunta o que quiseres, pois já te disse que responderei com toda exatidão.

— É o que peço — replicou Sancho. — Bem, o que quero que me diga, sem tirar nem pôr, mas apenas a verdade, como se espera que devem dizer e a dizem todos os que professam as armas, como vossa mercê professa, sob o título de cavaleiros andantes…

— Garanto que não mentirei em coisa alguma — respondeu dom Quixote. — Pergunta logo, que na verdade me cansas com tantas ressalvas, súplicas e rodeios, Sancho.

— Digo que tenho certeza de que meu amo é bom e honesto; assim, como tem a ver com nossa situação, pergunto, com todo o respeito, se por acaso depois que vossa mercê foi enjaulado e, em

sua opinião, encantado nesta jaula, teve vontade de fazer águas, como se diz, da grossa e da fina?

— Não entendo esse negócio de “fazer águas”, Sancho; fala claro, se quiseres que eu responda direito.

— Como é possível que vossa mercê não entenda o que é fazer águas da grossa e da fina, se na escola desmamam os meninos com essas lições? Quero saber se teve vontade de fazer o que não se pode deixar de fazer e mais ninguém pode fazer por vossa mercê.

— Agora te entendi, Sancho! Sim, claro, muitas vezes, como neste exato momento! Vamos, Sancho, tira-me logo deste aperto, que a coisa está feia!

xlix

que trata da sagaz conversa que sancho pança teve com seu senhor dom quixote

— Ah, peguei vossa mercê! — disse Sancho. — Era isso que eu queria saber, no fundo de minha alma. Venha cá, senhor: poderia negar o que comumente se diz por aí quando uma pessoa está indisposta: “Não sei o que tem fulano, que não come, nem bebe, nem dorme, nem responde coisa com coisa o que lhe perguntam, que até parece que está encantado?”. Do que se deduz que os tais que não comem, nem bebem, nem dormem, nem fazem aquelas obras naturais que mencionei, estão encantados, mas não aqueles que têm a vontade que vossa mercê tem, e que bebe e come quando lhe dão o que beber e comer, e responde a tudo que lhe perguntam.

— É verdade, Sancho — respondeu dom Quixote —, mas já te disse que há muitos tipos de encantamentos, e poderia ser que tenham mudado com o tempo e que agora esteja em voga que os encantados façam tudo o que eu faço, mesmo que não fizessem antes. De modo que contra os costumes da época não devemos argumentar nem tirar conclusões. Tenho certeza de que estou encantado e isso basta para acalmar minha consciência, que ficaria muito pesada se eu pensasse que não e me deixasse estar nesta jaula, preguiçoso e covarde, malogrando o socorro que poderia proporcionar a muitos desvalidos e afrontados que neste exato instante devem sentir extrema necessidade de minha ajuda e amparo.

— Mesmo assim — replicou Sancho —, digo que, para maior prosperidade e satisfação de todos, seria uma boa ideia que vossa mercê experimentasse sair desta prisão. E eu me obrigo a ajudá-lo e até a tirá-lo dela, com todas as minhas forças, para que tente montar de novo em Rocinante, que também parece que vai encantado, pois está triste e melancólico. Então, feito isso, seria bom que tentássemos outra vez a sorte na busca de aventuras; e, se não nos saíssemos bem, não faltaria tempo para voltarmos à jaula, na qual prometo, pela lei que rege o bom e leal escudeiro, me encerrar juntamente com vossa mercê, se por acaso fosse vossa mercê tão desgraçado ou eu tão burro que não consiga sair como lhe digo.

— Fico feliz de fazer o que dizes, meu caro Sancho — replicou dom Quixote. — Quando vires oportunidade de me pôr em liberdade, eu te obedecerei em tudo e por tudo; mas verás, Sancho, como te enganas no conhecimento de minha desgraça.

Nessas conversas se entretiveram o cavaleiro andante e o mal-andante escudeiro, até que chegaram aonde o padre, o cônego e o barbeiro esperavam, já apeados. O carreteiro desatrelou logo os bois da carreta e os deixou andar à vontade por aquele vale verde e agradável, cujo frescor era convidativo, não para pessoas encantadas como dom Quixote, mas para manhosos e sabidos como seu escudeiro, que rogou ao padre que permitisse que seu senhor saísse por um momento da jaula, porque do contrário aquela prisão não iria tão limpa como requeria a decência de um cavaleiro do porte de seu amo. O padre entendeu, mas disse que faria de boa vontade o que lhe pedia se não temesse que seu senhor, vendo-se em liberdade, haveria de fazer das suas e ir-se para onde ninguém jamais o visse.

— Eu garanto que não fugirá — respondeu Sancho.

— Eu também — disse o cônego —, e mais ainda se ele me der a palavra como cavaleiro de não se afastar de nós enquanto não quisermos.

— Dou sim — respondeu dom Quixote, que escutava tudo. — Sem falar que aquele que está encantado, como eu, não tem liberdade para fazer de sua pessoa o que quiser, porque quem o encantou

pode fazer com que ele não se mexa de um lugar por três séculos e, se houver fugido, o trará de volta voando.

Assim sendo, podiam muito bem soltá-lo, ainda mais que seria vantajoso para todos, pois, se não o soltassem, com certeza não poderia deixar de castigar-lhes o olfato, se não se afastassem dali.

O cônego achou que estavam em boas mãos, apesar de amarradas, e então, sob promessa e palavra de dom Quixote, soltaram-no da jaula, o que o alegrou infinitamente; e a primeira coisa que fez foi esticar todo o corpo, depois andou até onde estava Rocinante e, dando-lhe duas palmadas nas ancas, disse:

— Por Deus e por sua bendita Mãe, espero, flor e espelho dos cavalos, que logo nos veremos como desejamos: tu, com teu senhor no lombo; e eu, montado em ti, exercitando o ofício para o qual Deus me pôs no mundo.

E, dizendo isso, dom Quixote se afastou com Sancho para bem longe, de onde veio mais aliviado e com mais ganas de fazer o que seu escudeiro ordenasse.

O cônego o olhava, espantado com a esquisitice de sua grande loucura e de que, quando falava e respondia, mostrava ter muito bom senso: só perdia as estribeiras, como se disse outras vezes, ao tratar de cavalaria. E assim, movido pela compaixão, depois que todos tinham se sentado na grama verde para esperar as provisões, ele lhe disse:

— Como é possível, senhor fidalgo, que a leitura amarga e ociosa dos livros de cavalaria tenha tido tanto poder sobre vossa mercê, que lhe tenha virado o juízo de modo que veio a acreditar que está encantado, com outras coisas desse tipo, tão longe de ser verdadeiras como a própria mentira está da verdade? E como é possível que haja mente humana capaz de aceitar que houve no mundo aquela infinidade de Amadises e aquela multidão de cavaleiros famosos, tanto imperador de Trebizonda, tanto Felixmarte de Hircânia, tanto palafrém, tanta donzela andante, tantas serpentes, tantos dragões, tantos gigantes, tantas aventuras inauditas, tantos tipos de encantamentos, tantas batalhas, tantos combates furiosos, tantas vestes elegantes, tantas princesas apaixonadas, tantos escudeiros condes, tantos anões graciosos,

tantas cartinhas, tanto galanteio, tantas mulheres valentes e, por fim, tantos casos totalmente absurdos como os que os livros de cavalaria contam? Sei que me dão algum prazer quando os leio, se não parar para pensar que são mentiras e leviandades; mas, quando caio em mim, atiro o melhor deles na parede e até o atiraria no fogo, se houvesse um por perto, como a merecedores dessa pena, por ser falsos e embusteiros, distante do tratamento que a natureza comum pede, e como a inventores de novas doutrinas e de modo novo de vida, e como a quem leva o populacho ignorante a acreditar e a considerar verdadeiras tantas asneiras como as que eles contêm. E são tão descarados que se atrevem a perturbar a mente de fidalgos inteligentes e bem-nascidos, como se vê muito bem pelo que fizeram com vossa mercê, pois o levaram a tais extremos que foi forçoso trancá-lo numa jaula e trazê-lo num carro de bois, como quem traz ou leva algum leão ou algum tigre de povoado em povoado, para que paguem para vê-lo.

"Eia, senhor dom Quixote, tenha pena de si mesmo, volte à guarida do bom senso e saiba usar o grande discernimento que o céu lhe concedeu, empregando o feliz talento de sua mente em outra leitura que beneficie sua consciência e aumente sua honra! E se mesmo assim, levado por sua natural inclinação, quiser ler livros de façanhas e de cavalaria, leia o Livro dos Juízes nas Sagradas Escrituras, que ali achará verdades grandiosas e feitos tão verdadeiros como corajosos. A Lusitânia teve um Viriato; Roma, um César; Cartago, um Aníbal; a Grécia, um Alexandre; Castela, um conde Fernán González; Valência, um Cid; a Andaluzia, um Gonzalo Fernández; a Estremadura, um Diego García de Paredes; Xerez, um Garci Pérez de Vargas; Toledo, um Garcilaso; Sevilha, um dom Manuel de León,[1] cuja lição de seus valorosos feitos pode entreter, ensinar, divertir e espantar as mais agudas mentes que os lerem. Esta sim será leitura digna da grande inteligência de vossa mercê, meu caro dom Quixote: sairá dela erudito em história, apaixonado pela virtude, instruído na bondade, melhor em seus hábitos, valente sem temeridade, ousado sem covardia, e tudo isso para glória de Deus, proveito seu e fama da Mancha, onde nasceu e de onde vem, pelo que fiquei sabendo.

Dom Quixote esteve muito atento escutando as palavras do cônego e, quando viu que havia terminado, disse, depois de ficar um bom tempo olhando para ele:

— Parece-me, senhor fidalgo, que a conversa de vossa mercê visava a me dar a entender que não houve cavaleiros andantes e que todos os livros de cavalaria são falsos, mentirosos, prejudiciais e inúteis para a república, e que eu fiz mal em lê-los e, pior ainda, em acreditar neles, e muito mais em imitá-los, consagrando-me à duríssima profissão da cavalaria andante que eles ensinam, negando-me que tenha existido no mundo Amadises, nem de Gaula nem da Grécia, nem todos os outros cavaleiros de que os textos estão cheios.

— Sim, tudo ao pé da letra como vossa mercê diz — disse o cônego nessas alturas.

Ao que dom Quixote respondeu:

— Vossa mercê acrescentou também que esses livros haviam me prejudicado muito, pois teriam me virado a cabeça e me metido numa jaula, e que seria melhor eu me corrigir e mudar de leitura, lendo outras coisas mais verdadeiras, que ensinam e divertem mais.

— Isso mesmo — disse o cônego.

— Bem — replicou dom Quixote —, em minha opinião o sem juízo e o encantado é vossa mercê, pois começou a dizer tantas blasfêmias contra uma coisa tão bem aceita e considerada verdadeira que aquele que a negasse, como vossa mercê a nega, mereceria a mesma pena que vossa mercê diz que aplica aos livros quando os lê e o aborrecem. Porque querer convencer alguém de que Amadis não existiu, nem todos os outros cavaleiros aventureiros de que as histórias estão repletas, é querer persuadir de que o sol não ilumina, nem o gelo esfria, nem a terra nos sustenta. Que mente pode ser capaz de persuadir outra de que não foi verdade o caso da infanta Floripes e Guy de Borgonha, e o de Ferrabrás com a ponte de Mantible, que aconteceu no tempo de Carlos Magno,[2] que juro por Deus que é tão verdadeiro como agora é dia? E, se for mentira, também não deve ter existido Heitor, nem Aquiles, nem a guerra de Troia, nem os Doze Pares de França, nem o rei Artur da Inglaterra, que até hoje anda transformado em corvo, e o esperam dia após dia

em seu reino. E também se atreve a dizer que é mentirosa a história de Guarino Mesquinho[3] e a busca pelo Santo Graal, e que são apócrifos os amores de dom Tristão e da rainha Isolda, como os de Guinevere e Lancelot, havendo pessoas que quase se lembram de ter visto dona Quintañona,[4] que foi quem melhor servia vinho na Grã-Bretanha? Isso tudo é exatamente assim, tanto que me lembro de que minha avó por parte de pai dizia, quando via alguma dona, viúva digna de respeito: "Aquela, meu neto, se parece com dona Quintañona"; então concluo que ela deve tê-la conhecido, ou pelo menos deve ter visto algum retrato seu. Pois quem poderá negar ser verdadeira a história de Pierres e da linda Magalona, se hoje em dia ainda se vê no arsenal dos reis a cravelha com que se conduzia o cavalo de madeira que o valente Pierres montava pelos ares,[5] que é um pouco maior que um varal de carreta? E perto da cravelha está a sela de Babieca, e em Roncesvalles está a trompa de Roland, grande como uma viga. Disso se infere que existiram Doze Pares, que existiram Pierres, que existiram Cides e outros cavaleiros semelhantes,

destes que dizem as pessoas
que a suas aventuras vão.

Se não, diga-me também que não é verdade que foi cavaleiro andante o valente português João de Merlo,[6] que foi à Borgonha e combateu na cidade de Ras com o famoso senhor de Charny, chamado monsenhor Pierres, e depois, na cidade de Basileia, com monsenhor Henrique de Remestan, saindo vencedor de ambas as empresas e cheio de fama e honra; e as aventuras e desafios vividos na Borgonha pelos valentes espanhóis Pedro Barba e Gutierre Quijada[7] (de cuja estirpe descendo em linha direta pelo lado masculino), vencendo os filhos do conde de Saint-Pol. Negue-me ainda que dom Fernando de Guevara não saiu em busca de aventuras na Alemanha, onde combateu com monsenhor Jorge, cavaleiro da casa do duque da Áustria; diga que foram uma fraude as justas de Suero de Quiñones, do Passo Honroso,[8] ou as

aventuras do monsenhor Luís de Falces contra dom Gonzalo de Guzmán,[9] cavaleiro castelhano, e outras façanhas de cavaleiros cristãos, deste e de reinos estrangeiros, tão autênticas e verdadeiras que repito: aquele que as negar carece de toda razão e bom senso.

O cônego ficou admirado ao ouvir a mistura que dom Quixote fazia de verdades e mentiras, de ver o conhecimento que tinha de todas aquelas coisas relacionadas com os feitos de sua cavalaria andante, e respondeu assim:

— Não posso negar, senhor dom Quixote, que alguma coisa do que vossa mercê disse seja verdade, especialmente o que se refere aos cavaleiros andantes espanhóis, e quero admitir também que existiram os Doze Pares de França, mas não posso acreditar que fizeram todas aquelas coisas que o arcebispo de Turpin[10] escreve sobre eles, porque a verdade é que foram cavaleiros escolhidos pelos reis da França, a quem chamaram *pares* por serem todos iguais em posição, audácia e valentia: pelo menos, se não eram, havia razão para que fossem, e era como uma ordem militar dessas que estão em voga agora em Santiago ou em Calatrava; supõe-se que os que a professam são ou devem ser cavaleiros audaciosos, valentes e bem-nascidos; e como dizem agora “cavaleiros de São João” ou “de Alcântara”, diziam naquele tempo “cavaleiro dos Doze Pares”, porque foram doze iguais os escolhidos para essa ordem militar. Quanto a ter existido o Cid não há dúvida, muito menos Bernardo del Carpio; mas que tenham feito as façanhas que contam vai uma grande diferença. E quanto àquilo da cravelha que vossa mercê diz do conde Pierres, e que está perto da sela de Babieca no arsenal dos reis, confesso meu pecado, sou tão ignorante ou tão curto de vista que, embora tenha enxergado a sela, não consegui ver a cravelha, mesmo sendo ela tão grande como vossa mercê disse.

— Claro que está lá — replicou dom Quixote. — Dizem, além do mais, que foi metida num estojo de pele de vitela para não mofar.

— É, tudo é possível — respondeu o cônego —, mas juro pelo sacramento que recebi que não me lembro de tê-la visto. Agora, mesmo que eu concorde que ela está lá, não sou obrigado a

acreditar nas histórias de tantos Amadises, nem nas dessa multidão de cavaleiros que se contam por aí, nem é razão para que um homem como vossa mercê, tão honrado, com tantas qualidades, dotado de tão bom discernimento, pense que sejam verdadeiras tantas loucuras esquisitas como as que estão escritas nesses livros disparatados de cavalaria.

I

da sagaz discussão que dom quixote e o cônego tiveram, com outros acontecimentos

— Essa é boa! — respondeu dom Quixote. — Seriam mentirosos os livros que foram impressos com a licença dos reis e com a aprovação daqueles a quem foram submetidos, e que com prazer geral são lidos e celebrados pelos grandes e pelas crianças, pelos pobres e pelos ricos, pelos letrados e pelos ignorantes, pelos plebeus e cavaleiros… enfim, por todo tipo de gente de qualquer estado e condição que seja? Seriam mentirosos mesmo tendo toda a aparência de verdade? Pois veja, eles nos falam do pai, da mãe, da pátria, dos parentes, da idade e descrevem o lugar e contam tintim por tintim, dia após dia, as façanhas que o tal cavaleiro fez, ou tais cavaleiros fizeram. Cale-se vossa mercê, não diga uma blasfêmia dessas, e acredite que o conselho que lhe dou é o único possível para uma pessoa sensata: leia-os e verá o prazer que sentirá com sua leitura. Se não, diga-me: há maior alegria que ver aqui, digamos assim, surgir agora diante de nós um grande lago de piche fervendo aos borbotões, com muitas serpentes, cobras e lagartos e muitos outros tipos de animais ferozes e espantosos nadando ou andando? E aí, do meio dele, sai uma voz tristíssima que diz:

"'Tu, cavaleiro, quem quer que sejas, que estás olhando este lago ameaçador, se queres alcançar o bem que se esconde sob estas águas negras, mostra o valor de teu peito forte e te atira no meio de seu líquido ardente, porque, se não fizeres isso, não serás digno de

ver as imensas maravilhas que se encerram nos sete castelos das sete fadas que jazem embaixo desta negrura.’

“E o cavaleiro, mal tendo acabado de ouvir a voz terrível (sem pensar em si mesmo, sem tratar de considerar o perigo a que se expõe e até sem se despojar do peso de sua armadura), encomendando-se a Deus e a sua senhora, atira-se no meio do lago borbulhante e, quando não tem nem ideia de onde vai parar, se encontra nuns campos floridos, que não podem ser comparados nem mesmo com os Campos Elíseos. Lá parece a ele que o céu é mais transparente e que o sol brilha com uma luz mais vital; seus olhos se alegram com uma floresta deliciosa, com árvores muito verdes e frondosas; seus ouvidos se entregam ao doce e desconhecido canto dos pequenos, inúmeros e coloridos pássaros que cruzam pelos ramos intrincados. Aqui descobre um regato, cujas águas frescas correm como cristais líquidos sobre areia fina e pedrinhas brancas, que parecem ouro em pó e pérolas perfeitas; ali vê uma fonte construída engenhosamente com mármore liso e jaspe matizado; mais adiante, vê outra feita como uma gruta, adornada com pequenas conchas de amêijoas e cascas brancas, amarelas e retorcidas dos caracóis dispostas com ordem irregular, com pedaços de cristal brilhante e de esmeraldas falsas misturadas entre elas, formando uma composição variada, de maneira que a arte, imitando a natureza, parece que ali a vence. Então, de repente, depara-se com um castelo imponente ou uma fortaleza maravilhosa, cujas muralhas são de ouro maciço, as ameias de diamantes, as portas de jacintos. Enfim, é de arquitetura tão admirável que, mesmo que o material com que é feito seja nada menos que diamantes, granadas, rubis, pérolas, ouro e esmeraldas, sua construção é mais valiosa.

“E que há mais para se ver, depois de ter visto isso, do que ver sair pela porta do castelo um bom número de donzelas, cujos galantes e vistosos trajes, se eu me pusesse agora a descrevê-los como nas histórias, seria um nunca acabar? E ver a que parecia a mais distinta de todas pegar pela mão o cavaleiro audacioso que se atirou no lago fervente e levá-lo, sem lhe dizer uma palavra, para dentro da fortaleza suntuosa ou castelo, e fazê-lo se despir até ficar como sua mãe o pariu, e banhá-lo em águas tépidas, e depois untá-lo todo

com unguentos aromáticos e lhe vestir uma camisa de seda finíssima, toda cheirosa e perfumada, e aparecer então outra donzela que lhe lança um manto cerimonial sobre os ombros, que vale uma cidade, pelo que dizem, ou mais ainda? E não é magnífico quando nos contam que depois disso tudo o levam para outra sala, onde encontra as mesas postas com tanta elegância que fica surpreso e admirado? E que lava as mãos em essência de âmbar e flores perfumadas? E que o sentam numa cadeira de marfim? E que todas as donzelas o servem, mantendo um silêncio maravilhoso? E que trazem tantos manjares diferentes, preparados saborosamente, que seu apetite não sabe qual deve provar? E que ouve, enquanto come, uma música que não sabe de onde vem nem quem é o cantor? E que, finda a refeição e tiradas as mesas, o cavaleiro fica recostado na cadeira, talvez palitando os dentes, como é costume, quando de repente entra pela porta da sala outra donzela mais formosa que as primeiras, senta ao lado do cavaleiro e começa a lhe contar que castelo é aquele e como está encantada nele, com outras coisas que surpreendem o cavaleiro e deixam os leitores de sua história admirados?

“Não quero me alongar mais no assunto, porque do que falei pode se deduzir que qualquer parte que se leia de qualquer história de cavaleiro andante deve causar prazer e arrebatar qualquer leitor. E, como já disse a vossa mercê, acredite em mim: leia esses livros e verá como lhe afugentam a melancolia e o deixam animado, se por acaso andar indisposto.

“Agora, falando em meu caso, sei que depois que me tornei cavaleiro andante tenho sido valente, comedido, generoso, educado, magnânimo, cortês, audaz, gentil, paciente, mas passei trabalho, sofri prisões e encantamentos. Embora há pouco tenha me visto trancado numa jaula como louco, pretendo (com o valor de meu braço, e me amparando o céu e não sendo o destino contrário) em poucos dias ser rei de algum domínio, onde possa mostrar a gratidão e a generosidade que meu peito encerra. Pois lhe garanto, meu senhor, o pobre está impossibilitado de mostrar a qualquer um a virtude da generosidade, mesmo que a possua em alto grau, e a gratidão que consiste apenas de desejo é coisa morta, como é

morta a fé sem ações. Por isso gostaria que o destino me oferecesse logo uma oportunidade de me tornar imperador, para mostrar meu coração fazendo o bem a meus amigos, especialmente a esse pobre Sancho Pança, meu escudeiro, que é o melhor homem do mundo, e gostaria de lhe dar um condado que lhe prometi há muitos dias, embora eu tema que não deve ter habilidade para governar seu Estado."

Sancho ouviu quase que apenas estas últimas palavras de seu amo, a quem disse:

— Trabalhe, senhor dom Quixote, para me dar esse condado tão prometido por vossa mercê como esperado por mim, que eu lhe garanto que não me faltará habilidade para governá-lo; e, se me faltar… ouvi dizer que há homens que arrendam os Estados dos senhores, pagam um tanto por ano e cuidam do governo, enquanto o senhor fica de papo para o ar, gozando da renda que recebe, sem se preocupar com coisa alguma. Assim farei eu, não regatearei nada, largarei tudo de mão e desfrutarei de minha renda como um duque, e eles lá que se arranjem.

— Isso sobre a renda pode ser, irmão Sancho — disse o cônego —, mas o senhor de Estado deve cuidar da administração da justiça, e aqui entram a habilidade e o bom senso, e principalmente a vontade de acertar, porque, se ela falta no princípio, sempre estarão errados o meio e o fim. E dessa forma Deus costuma ajudar as boas intenções do simplório e desfavorecer as más do arguto.

— Nada sei dessas filosofias — respondeu Sancho —, mas sei que saberia governar esse condado tão logo botasse as mãos nele, pois tenho tanta alma como qualquer um e tanto corpo como os maiores, e eu seria tão rei de meu Estado como cada um é do seu: sendo rei, faria o que bem entendesse; fazendo o que bem entendesse, faria minha vontade; fazendo minha vontade, ficaria alegre; e quando a gente está alegre, não tem mais o que desejar; não tendo mais o que desejar, pronto, acabou-se, e que venha o Estado, e que Deus me ajude, e até a vista, como disse um cego ao outro.

— Não são más filosofias essas, como dizes, Sancho, mas mesmo assim há muito que dizer sobre esse assunto de condados.

Então dom Quixote interveio:

— Não sei mais o que há para dizer: eu me guio apenas pelo exemplo que me dá o grande Amadis de Gaula, que fez seu escudeiro conde da Ilha Firme. Assim, sem pesos na consciência posso fazer Sancho Pança conde, pois é um dos melhores escudeiros que um cavaleiro andante jamais teve.

O cônego se admirou com os afinados disparates que dom Quixote havia dito, com o modo como pintara a aventura do Cavaleiro do Lago, com a impressão que haviam causado nele as mentiras premeditadas dos livros que tinha lido e, por fim, com a espantosa tolice de Sancho, que com tanta ânsia desejava ganhar o condado que seu amo havia prometido.

Nesse momento, voltavam os criados do cônego que tinham ido à estalagem buscar a mula das provisões; e, improvisando uma mesa com um tapete e a grama verde do campo, sentaram à sombra de umas árvores e comeram, para que o carreteiro não perdesse as vantagens daquele lugar, como foi dito. Então ouviram de repente um estrondo tremendo e as badaladas de cincerro no meio de umas sarças e do mato fechado que havia ali perto, e no mesmo instante viram sair daquele matagal uma bela cabra, a pele toda malhada de preto, branco e pardo. Atrás dela vinha o pastor aos gritos e dizendo as palavras costumeiras para que ela parasse ou voltasse ao rebanho. A cabra fugitiva, medrosa e descontrolada correu para as pessoas, como em busca de proteção, e ali se deteve. O pastor chegou e, agarrando-a pelos chifres, como se fosse capaz de discernimento e expressão, disse:

— Ah, sua fujona, fujona, Malhada, Malhada, como andas arisca esses dias! Os lobos te assustaram, filhinha? Foi ou não foi, minha linda? Não, não foi nada disso: és fêmea e não podes ficar sossegada! Que condição miserável a tua e a de todas essas que imitas! Volta, volta, minha amiga: se não ficares alegre, pelo menos ficarás segura no curral ou com tuas companheiras. Pois se tu, que é a guia e deve encaminhá-las, anda tão sem rumo e desencaminhada, onde elas irão parar?

As palavras do pastor divertiram a todos, especialmente ao cônego, que disse a ele:

— Por favor, meu irmão, acalmai-vos um pouco, não tenhais pressa de levar a cabra de volta ao rebanho, pois se ela é fêmea, como dizeis, deve seguir seu instinto natural, por mais que teimeis em atrapalhá-lo. Comei um pouco e tomai um trago, para assentar a raiva, e enquanto isso a cabra descansará.

Disse isso dando o lombo de um coelho frio na ponta da faca. O pastor pegou-o e agradeceu; depois bebeu, acalmou-se e disse:

— Não gostaria que vossas mercês me tomassem por tolo, por ter falado sério assim com esse bicho, pois na verdade minhas palavras não carecem de mistério. Sou ignorante, mas não tanto que não saiba como deve se tratar aos homens e aos animais.

— Acredito piamente — disse o padre —, pois sei por experiência que as montanhas criam letrados e as cabanas dos pastores abrigam filósofos.

— Pelo menos, senhor, acolhem homens escaldados — replicou o pastor. — Para que possais comprovar a verdade disso, como se a tivésseis embaixo do nariz, embora pareça que me apresento sem ser convidado, vos contarei uma história que também confirma o que esse senhor disse — apontou para o padre —, se não vos aborrecer e quiserdes me prestar ouvidos por alguns instantes.

Então dom Quixote respondeu:

— Como sinto nesse caso uma sombra de aventura de cavalaria, eu, de minha parte, vos ouvirei de boa vontade, irmão, e penso que o mesmo farão todos esses senhores, porque são muito inteligentes e amigos de novidades curiosas que surpreendam, alegrem e distraiam os sentidos, como sem dúvida deve ser vossa história. Começai, então, meu amigo, que todos escutaremos.

— Eu passo — disse Sancho. — Prefiro ir até aquele regato com esta empada, onde penso me fartar por três dias, pois ouvi meu senhor dom Quixote dizer que o escudeiro de cavaleiro andante deve comer quando tem chance, até não poder mais, porque às vezes se metem numa selva tão fechada que não conseguem sair dela em seis dias, e se o homem não vai de barriga cheia, ou com os alforjes bem abastecidos, poderá ficar ali, como muitas vezes fica, magro como carne de múmia.

— Tens toda razão, Sancho — disse dom Quixote. — Vai aonde quiseres e come o que puderes, que eu já estou satisfeito. Só me falta alimentar a alma, o que farei agora ouvindo a história desse bom homem.

— É o que todos faremos com as nossas — disse o cônego.

E depois pediu ao pastor que começasse o que prometera. O pastor deu duas palmadas sobre o lombo da cabra, que segurava pelos chifres, dizendo-lhe:

— Deita ao meu lado, Malhada, pois temos tempo para voltar ao nosso curral.

Parece que a cabra entendeu, pois, quando seu dono se sentou, ela se deitou perto dele muito calmamente e, olhando-o no rosto, dava a impressão de estar atenta ao que o pastor ia contando. Ele começou sua história desta maneira:

li

que trata do que o pastor contou a todos os que levavam o valente dom quixote

— A três léguas deste vale fica uma aldeia que, embora pequena, é das mais ricas destas bandas, onde havia um camponês muito estimado, mas o era mais pela virtude que tinha que pela riqueza que possuía, embora ser rico e ser estimado sejam coisas que andam juntas. Agora, o que o fazia mais feliz, segundo ele dizia, era ter uma filha de enorme formosura, rara inteligência, graça e virtude, tanto que os que a conheciam e a olhavam se surpreendiam com as extraordinárias qualidades com que o céu e a natureza a dotaram. Foi formosa desde menina, e sua beleza foi aumentando sempre, e quando fez dezesseis anos estava lindíssima. A fama de sua beleza começou a se espalhar por todas as aldeias vizinhas. Que digo eu?! Não só pelas aldeias vizinhas, chegou às mais distantes cidades e até entrou pelos salões dos reis e pelos ouvidos de todo tipo de gente, que vinha vê-la de tudo quanto era canto, como uma coisa rara ou como uma imagem milagrosa. Seu pai a guardava e ela mesma se guardava, pois não há cadeados, guardas nem fechaduras que protejam melhor uma donzela que as do próprio recato.

“A riqueza do pai e a formosura da filha levaram muitos homens, tanto da aldeia como forasteiros, a pedi-la em casamento; mas ele, que dispunha de tão rica joia, andava confuso, sem conseguir se decidir a quem dos inumeráveis pretendentes que o importunavam a entregaria. Eu fui um, entre os muitos que tiveram essas boas

intenções, mas me deram muitas e grandes esperanças de êxito saber que o pai me conhecia, ser natural do mesmo povoado, ter sangue cristão, estar na flor da idade, ser rico de posses e não menos destituído de inteligência. Outro homem do mesmo povoado, com essas mesmas qualidades, também pediu a mão dela, o que surpreendeu o pai e o fez vacilar: ele achava que com qualquer um de nós sua filha estaria bem arranjada; e, para sair da confusão, resolveu falar com Leandra (que assim se chama a rica dama que me levou à miséria), compreendendo ser melhor, como nós dois éramos iguais, deixar a escolha à vontade de sua querida filha, coisas digna de ser imitada por todos os pais que querem casar seus filhos: não digo que os deixem escolher entre coisas ruins e más, mas que lhes proponham coisas boas para que, entre elas, escolham a seu gosto. Não sei qual foi a escolha de Leandra, só sei que o pai desconversou a ambos com a pouca idade de sua filha e um palavrório que nem o obrigava nem nos desobrigava tampouco. Meu rival se chama Anselmo, e eu Eugênio, para que saibais os nomes das pessoas que fazem parte dessa tragédia, cujo fim ainda está pendente, mas pelo que se percebe vai ser desastrado.

"Por esse tempo apareceu em nossa aldeia um tal Vicente de la Roca, filho de um camponês pobre dali mesmo, que vinha das Itálias e de diversos outros lugares onde serviu como soldado. Levou-o de nossa terra, quando tinha uns doze anos, um capitão que por acaso passou com sua companhia. Doze anos depois, o rapaz voltou vestido à moda militar, roupas de mil cores,[1] cheio de mil penduricalhos de vidro e correntinhas de aço. Hoje punha um enfeite, amanhã outro, mas todos ínfimos, falsos, de pouco peso e valor. As pessoas do campo, que são maliciosas por natureza e que são a própria malícia se tiverem tempo de sobra, repararam nele e contaram, uma por uma, suas roupas e berloques, e concluíram que as roupas eram três, de cores diferentes, com suas ligas e meias, mas ele fazia tantos arranjos e invenções com elas, que se não tivessem sido contadas alguém juraria que ele havia exibido mais de dez pares de roupas e mais de vinte penachos. E não pareça impertinência e exagero isso que estou contando das roupas, porque elas têm um papel importante nesta história.

“Sentava-se num banco de pedra embaixo de um grande álamo que está em nossa praça e ali nos deixava a todos de boca aberta, pendente das façanhas que nos ia contando. Não havia lugar em todo o mundo que não tivesse visto, nem batalha em que não houvesse participado; matara mais mouros do que há no Marrocos e em Túnis, e entrara em mais duelos, conforme contava, que Gante e Luna, Diego García de Paredes e outros mil que citava, e de todos havia saído vitorioso, sem que lhe derramassem uma só gota de sangue. Por outro lado, mostrava cicatrizes de ferimentos que, embora não se visse direito, insinuava que eram de tiros de arcabuz que levara em diferentes combates e entreveros. Por fim, com uma incrível arrogância chamava de vós a seus iguais e aos próprios conhecidos,[2] e dizia que seu pai era seu braço; sua linhagem, suas ações; e que não devia nada nem ao rei, por ser soldado. Além dessas fanfarronices, era metido a músico e a se acompanhar com um violão, de modo que alguns diziam que o fazia falar; mas seus talentos não paravam por aqui, pois também era poeta, e assim, de cada ninharia que acontecia na vila, compunha uma balada de légua e meia de escrita.

“Esse soldado que descrevi, esse Vicente de la Roca, esse bravo, esse galã, esse músico, esse poeta, foi muitas vezes visto e observado por Leandra da janela de sua casa que dava para a praça. Ela se apaixonou pelo ouropel de suas roupas vistosas; ela se encantou com suas baladas, que de cada uma que compunha fazia vinte cópias para distribuir; e chegaram a seus ouvidos as façanhas que ele contara sobre si mesmo: então, pois assim o diabo devia ter planejado, ela acabou se apaixonando por ele, antes que nascesse nele a pretensão de cortejá-la. E, como nos casos de amor não há nenhum que se realize mais facilmente que aquele em que faça parte o desejo da dama, Leandra e Vicente se acertaram com rapidez, tanto que, antes que alguns de seus muitos pretendentes se dessem conta de seu desejo, ela já o tinha realizado: foi embora da casa de seu querido e amado pai, pois mãe não tem, e fugiu da aldeia com o soldado, que saiu mais triunfante dessa façanha que de todas as outras que se atribuía.

“O acontecimento surpreendeu toda a aldeia e todos os que tiveram notícia dele. Eu fiquei surpreso, Anselmo perplexo, o pai triste, seus parentes humilhados, a justiça comunicada, os quadrilheiros alertas: patrulharam as estradas, esquadrinharam as matas e tudo mais, e ao fim de três dias acharam a caprichosa Leandra numa caverna de uma montanha, só de camisa, sem o bom dinheiro e as joias preciosas que levara. Devolveram-na à presença do pai mortificado e lhe perguntaram sobre sua desgraça: confessou sem constrangimento que Vicente de la Roca a tinha enganado, que a convencera a ir embora da casa de seu pai prometendo se casar com ela e levá-la à mais rica e luxuosa cidade que havia em todo o mundo conhecido, que era Nápoles. E ela, mal prevenida e bem enganada, disse que havia acreditado nele e, roubando seu pai, entregara tudo na mesma noite da fuga, e que ele a levara a uma montanha escarpada, trancando-a naquela caverna onde a encontraram. Contou também como o soldado roubara tudo o que tinha, exceto a honra dela, e a tinha deixado na caverna e sumido, coisa que de novo pasmou a todos. Foi duro para nós acreditar na castidade do rapaz, mas ela insistiu tantas vezes nisso que foi suficiente para que o pai desconsolado se consolasse, sem se importar com as riquezas roubadas, pois haviam deixado sua filha com a joia que jamais se tem esperança de recuperar, se for perdida.

“No mesmo dia em que Leandra apareceu, o pai a desapareceu de nossos olhos: levou-a para um mosteiro de uma vila aqui perto, onde a encerrou, à espera de que o tempo gastasse um pouco da má fama que sua filha granjeou. Os poucos anos de Leandra serviram de desculpa para sua culpa, pelo menos àqueles que não tinham algum interesse pessoal em que ela fosse uma boa menina ou não; mas os que conheciam sua sagacidade e inteligência não atribuíram seu pecado à ignorância, mas a seu atrevimento e à natural inclinação das mulheres, que costumam ser quase sempre irresponsáveis e sem compostura.

“Com Leandra presa, os olhos de Anselmo ficaram cegos, ou ao menos sem ter alguma coisa para olhar que os alegrasse; os meus, em trevas: nenhuma luz me guiava a nada agradável. Com a

ausência de Leandra crescia nossa tristeza, minguava nossa paciência, amaldiçoávamos os trajes do soldado e detestávamos a falta de cautela do pai de Leandra. Por fim, Anselmo e eu combinamos deixar a aldeia e vir para este vale, onde (apascentando nossos grandes rebanhos, o dele de ovelhas, o meu de cabras) passamos a vida entre árvores, desafogando nossas paixões ou cantando juntos elogios ou insultos à formosa Leandra, ou suspirando sozinhos ou sozinhos nos queixando ao céu.

"Imitando-nos, muitos outros pretendentes de Leandra vieram para estas montanhas escarpadas, exercendo a mesma profissão, e são tantos, meus senhores, que este lugar parece ter se transformado na Arcádia pastoral,[3] pois transborda de pastores e currais, e não há um canto em que não se ouça o nome da formosa Leandra. Este a amaldiçoa e a chama de caprichosa, volúvel e desonesta; aquele a acusa de fácil e leviana; alguém a absolve e perdoa, ou a julga e condena; um celebra sua beleza, outro execra sua situação, enfim, todos caluniam e todos adoram Leandra, e a loucura de todos vai tão longe que há quem se queixe de desdém sem jamais ter falado com ela, e há até quem se lamente e sinta a doença raivosa dos ciúmes, que ela nunca causou a ninguém porque, como já disse, se soube de seu pecado antes de seu desejo. Não há buraco entre as pedras, nem margem de riacho, nem sombra de árvore que não esteja ocupado por algum pastor que conte sua infelicidade aos ares; o eco repete o nome de Leandra onde quer que se vá: 'Leandra' ressoam as montanhas, 'Leandra' murmuram as fontes, e Leandra nos mantém a todos aturdidos e encantados, esperando sem esperança e temendo sem saber o que tememos.

"Entre esses desatinados, o que mostra menos e ao mesmo tempo mais juízo é meu rival Anselmo, que, tendo tantas outras coisas de que se queixar, só se queixa de sua ausência; ao som de um arrabil, que toca admiravelmente, canta suas penas com versos que provam sua grande inteligência. Eu sigo outro caminho mais fácil, acho que mais acertado, que é falar mal da insensatez das mulheres, da inconstância delas, da duplicidade, das promessas mortas, das juras quebradas e, por fim, da falta de discernimento no emprego dos pensamentos e desejos que têm. Aí está o motivo,

meus senhores, das palavras que eu disse a esta cabra quando cheguei aqui: como é fêmea, não tenho muito respeito por ela, embora seja a melhor de todo o meu rebanho.

“Esta é a história que prometi vos contar. Se me alonguei ao contá-la, serei rápido em vos servir: tenho uma cabana perto daqui, com leite fresco, queijos saborosos e muitas frutas maduras, não menos agradáveis à vista que ao paladar.”

lii

da briga que dom quixote teve com o pastor, com a estranha aventura dos penitentes, a que ele deu um desfecho feliz à custa de seu suor

A história do pastor agradou a todos os que a ouviram, especialmente o cônego, que notou com singular curiosidade a maneira com que ele a tinha contado, tão longe de parecer um pastor ignorante quanto perto de se mostrar um cortesão esclarecido, e por isso disse que o padre havia falado muito bem ao dizer que as montanhas criavam letrados. Todos ofereceram seus serviços a Eugênio, mas quem se mostrou mais generoso foi dom Quixote, que lhe disse:

— Com certeza, meu caro pastor, se não me achasse impossibilitado de começar uma nova aventura, agora mesmo eu me poria a caminho para que a vossa acabasse bem: eu tiraria Leandra do mosteiro (onde sem dúvida deve estar contra a vontade), apesar da abadessa e de quantos quisessem impedi-lo, e a poria em vossas mãos, para que fizésseis dela o que bem entendêsseis, observando, porém, as leis da cavalaria, que ordenam que não se cause nenhum mal a donzela alguma. Mas espero, com a graça de Deus Nosso Senhor, que a força de um mago capcioso não possa chegar a tanto que vença a de outro mais bem-intencionado, e aí, em melhor situação, vos prometo meu socorro e amparo, como me obriga minha profissão, que não é outra que defender os desvalidos e necessitados.

O pastor olhou para dom Quixote e, vendo a triste e carrancuda figura, se surpreendeu e perguntou ao barbeiro, que estava perto dele:
— Quem é este homem, senhor, com esse jeito todo e esse modo de falar?
— Ora, quem poderia ser além do famoso dom Quixote de la Mancha — respondeu o barbeiro —, o reparador de agravos, o consertador de ofensas, o protetor das donzelas, o terror dos gigantes e o vencedor das batalhas?
— Isso — respondeu o pastor — me parece aquelas coisas que se lê nos livros de cavaleiros andantes, que faziam tudo isso que vossa mercê diz desse homem, mas em minha opinião vossa mercê está brincando ou este gentil-homem tem vazios os aposentos da cabeça.
— Patife miserável! — disse dom Quixote nessas alturas. — Vazio e covarde sois vós, pois eu estou mais cheio do que jamais esteve a puta de merda que vos pariu.
E dito e feito: agarrou um pão que estava perto e deu com ele na cara do pastor, com tanta fúria que lhe achatou o nariz; mas o pastor, que não estava para brincadeiras, vendo com que seriedade era surrado, sem respeito pelo tapete, nem pela toalha, nem por todos aqueles que estavam comendo, saltou sobre dom Quixote e, agarrando-lhe o pescoço com ambas as mãos, não teria hesitado em esganá-lo, se Sancho Pança não chegasse naquele instante e o pegasse pelas costas e o derrubasse sobre a mesa, quebrando pratos, despedaçando xícaras e derramando e espalhando tudo o que havia nela. Mal se viu livre, dom Quixote tratou de montar no pastor, que, cheio de sangue no rosto, moído a pontapés por Sancho, andava de gatinhas em busca de uma faca na mesa para uma boa e sangrenta vingança, mas foi impedido pelo cônego e pelo padre. No entanto, o barbeiro deu um jeito para que o pastor prendesse dom Quixote embaixo de si e lhe aplicasse uma profusão de murros, que do rosto do pobre cavaleiro chovia tanto sangue como de seu adversário.
O cônego e o padre arrebentavam de tanto rir, os quadrilheiros pulavam de prazer e uns atiçavam os outros, como se faz com os

cachorros metidos numa briga. Apenas Sancho Pança se desesperava, porque não conseguia se soltar de um criado do cônego, que o impedia de ajudar seu amo.

Enfim, estavam todos na maior alegria e festança, menos os dois que se esmurravam, quando ouviram uma trombeta tão triste que os fez virar o rosto para onde lhes pareceu que soava. Mas quem mais se alvoroçou ao ouvi-la foi dom Quixote, que, mesmo estando embaixo do pastor, muito a contragosto e mais que moderadamente espancado, lhe disse:

— Rogo-te, meu caro demônio (pois não podes deixar de sê-lo, já que tiveste coragem e forças para submeter as minhas), façamos uma trégua por uma hora, mais ou menos, porque acho que o som doloroso daquela trombeta me chama para uma nova aventura.

O pastor, que já estava cansado de surrar e de ser surrado, deixou-o em seguida, e dom Quixote se levantou, também virando o rosto para onde soava a trombeta, e de repente viu que desciam por uma encosta muitos homens vestidos de branco, à maneira dos penitentes.

O caso é que naquele ano as nuvens haviam negado suas águas à terra e por todas as aldeias daquela região se faziam procissões, preces e penitências, pedindo a Deus que abrisse as mãos de sua misericórdia e lhes mandasse chuva; e para isso as pessoas de uma aldeia que ficava perto dali vinham em procissão a uma ermida devota que havia numa encosta daquele vale.

Dom Quixote viu os trajes estranhos dos penitentes, sem que lhe passasse pela cabeça as muitas vezes que devia tê-los visto, e imaginou que estava no meio de uma aventura e que apenas a ele cabia acometê-la, como cavaleiro andante, e mais lhe confirmou essa crença pensar que uma imagem que traziam coberta de luto fosse alguma distinta senhora que aqueles bandidos grosseiros e covardes levavam à força. Então, mal essa ideia lhe caiu na mente, com grande rapidez correu para Rocinante, que andava pastando, pegou no arção o freio e a adarga, num instante enfreou o cavalo e, pedindo a Sancho a espada, montou em Rocinante, enfiou o braço na adarga e disse em voz alta a todos os presentes:

— Agora, valorosa companhia, vereis a importância de que existam cavaleiros que professam a ordem da cavalaria andante; agora vereis, na liberdade daquela boa senhora que ali vai cativa, se não se deve apreciar os cavaleiros andantes.

E, dizendo isso, cutucou Rocinante com os calcanhares, porque estava sem as esporas, e a trote — pois jamais se menciona nesta história verídica que Rocinante galopasse à rédea solta — foi ao encontro dos penitentes. O padre, o cônego e o barbeiro correram para detê-lo, mas foi impossível, e menos ainda o detiveram os gritos de Sancho, que dizia:

— Aonde vai, senhor dom Quixote? Que demônios leva no peito que o incitam a ir contra nossa fé católica? Ai de mim, não vê que é uma procissão de penitentes e que aquela senhora no andor é a imagem bendita da Virgem Imaculada?! Olhe bem o que faz, senhor, porque desta vez tenho certeza de que não é o que o senhor está pensando.

Sancho se cansou em vão, porque dom Quixote ia tão determinado em alcançar os encapuzados e libertar a senhora enlutada que não ouviu uma palavra, mas, mesmo que ouvisse, não voltaria nem que o rei lhe ordenasse. Alcançou, portanto, a procissão e parou Rocinante, que já tinha vontade de descansar um pouco, e disse com voz rouca e embargada:

— Vós, que talvez escondeis os rostos por não serdes bons, prestai atenção ao que quero vos dizer.

Os primeiros que se detiveram foram os que carregavam a imagem; e um dos quatro clérigos que cantavam as ladainhas, vendo a figura estranha de dom Quixote, a magreza de Rocinante e outros detalhes risíveis que percebeu no cavaleiro, lhe respondeu, dizendo:

— Caro senhor, se tem algo a nos dizer, fale logo, porque estes irmãos penitentes vão flagelando o corpo, e não podemos nem devemos parar para ouvir coisa alguma, se não for em duas palavras.

— Direi em uma — replicou dom Quixote —, e é esta: deixeis livre agora mesmo essa formosa senhora, cujas lágrimas e semblante triste são sinais claros de que a levais contra a vontade e que

alguma notória ofensa fizestes a ela; e eu, que vim ao mundo para desfazer semelhantes agravos, não consinto que deis um só passo adiante sem lhe dar a desejada liberdade que merece.

Com essas palavras, todos se deram conta de que o homem devia ser louco e caíram na risada, o que foi botar pólvora na cólera de dom Quixote: sem dizer mais nada, sacando a espada, atacou o andor. Um dos que o carregavam, deixando a carga para os companheiros, investiu contra dom Quixote, brandindo uma forquilha ou cajado com que sustentava o andor quando descansava, mas ela se partiu ao meio ao aparar uma grande espadada desferida por dom Quixote; então, com o pedaço que lhe restou na mão, acertou um belo golpe por cima do ombro do cavaleiro, do mesmo lado da espada — como a adarga nada pôde contra a força camponesa, o pobre dom Quixote se esborrachou no chão.

Sancho Pança, que ia ofegante em seu encalço, ao vê-lo caído, gritou para seu adversário que não lhe desse outra paulada, porque era um pobre cavaleiro encantado, que nunca havia feito mal a ninguém em todos os dias de sua vida. Agora, o que deteve o camponês não foram os gritos de Sancho, mas ver que dom Quixote não mexia nem pé nem mão; assim, pensando que o tinha matado, com rapidez levantou a túnica até a cintura e desatou a correr campo afora como um gamo.

Nisso se aproximaram os companheiros de dom Quixote; mas os da procissão, que os viram chegar correndo, e com eles os quadrilheiros com suas balestras, temeram algum desastre e se amontoaram em torno da imagem. Os penitentes tiraram os capuzes e empunharam os açoites, os clérigos os ciriais, decididos a se defender do ataque e até a contra-atacar os adversários se pudessem. Mas a coisa correu melhor que o esperado, pois Sancho não fez nada além de se atirar sobre o corpo de seu senhor, entregue ao mais doloroso e risível pranto do mundo, achando que estava morto.

O padre foi reconhecido por outro padre que vinha na procissão, o que acalmou o medo criado entre os dois grupos. O primeiro padre explicou ao segundo, em duas palavras, quem era dom Quixote, e

assim ele e toda a turba de penitentes foram ver se o pobre cavaleiro estava morto e ouviram que Sancho Pança dizia em lágrimas:

— Oh, flor da cavalaria, que com uma só bordoada acabaste a carreira de teus anos tão bem vividos! Oh, honra de tua linhagem, orgulho e glória de toda a Mancha, ou do resto do mundo até, que com tua ausência ficará cheio de facínoras sem medo de ser castigados por suas malfeitorias! Oh, tu, mais generoso que todos os Alexandres, pois em apenas oito meses de serviços havias me dado a melhor ilha que o mar abraça e rodeia! Oh, humilde com os arrogantes e arrogante com os humildes, que enfrentas perigos e sofres humilhações! Oh, apaixonado sem causa, imitador dos bons, açoite dos maus, inimigo dos perversos, enfim, cavaleiro andante, que é tudo o que se pode dizer!

Com os gritos e gemidos de Sancho, dom Quixote ressuscitou e a primeira palavra que disse foi:

— Este que vive distante de vós, oh, dulcíssima Dulcineia, a maiores misérias que essas está sujeito. Ajuda-me, Sancho, meu amigo: leva-me para a carreta encantada, que não estou em condições de sobrecarregar a sela de Rocinante, pois tenho todo este ombro em pedaços.

— Farei isso de boa vontade, meu senhor — respondeu Sancho —, e voltemos a minha aldeia na companhia desses senhores que desejam seu bem, e lá daremos um jeito de sair de novo em busca de aventuras que nos deem mais fama e lucro.

— Tens toda razão, Sancho — respondeu dom Quixote —, e será mais prudente deixar passar a influência maligna das estrelas que nos atinge agora.

O cônego, o padre e o barbeiro disseram que seria muito bom que agisse assim; e então, depois de se divertirem a valer com as tolices de Sancho, meteram dom Quixote de volta na carreta, como antes. A procissão se organizou de novo e prosseguiu seu caminho; o pastor se despediu de todos; os quadrilheiros não quiseram continuar, e o padre pagou o que lhes devia; o cônego pediu ao padre que lhe avisasse sobre dom Quixote, se sua loucura sarava ou se persistia, e com isso pediu licença para continuar sua viagem.

Enfim, todos se separaram e se foram, ficando apenas o padre e o barbeiro, dom Quixote e Sancho Pança, e o bom Rocinante, que apesar de tudo o que tinha visto estava tão calmo como seu dono.

O carreteiro atrelou os bois, acomodou dom Quixote sobre um feixe de feno e, com sua costumeira pachorra, seguiu o caminho que o padre indicou. Seis dias depois chegaram à aldeia de dom Quixote, ao meio-dia; por acaso era domingo, e o povo todo estava na praça, por onde atravessou a carreta de dom Quixote. Todos se aproximaram para ver quem vinha nela e, quando reconheceram seu conterrâneo, ficaram abismados, e um rapaz saiu correndo para avisar a sobrinha e a criada que seu tio e seu amo chegava magro, amarelo e estendido sobre um montão de feno num carro de bois. Coisa de dar pena foi ouvir os gritos das duas boas senhoras, as bofetadas que se deram, as pragas que rogaram aos malditos livros de cavalaria, coisa que recomeçou quando viram dom Quixote entrar por suas portas.

Com as notícias da chegada de dom Quixote, apareceu a mulher de Sancho Pança, que sabia que ele tinha ido como escudeiro. A primeira coisa que perguntou, mal viu Sancho, foi se o burro estava bem. Sancho respondeu que estava melhor que seu amo.

— Louvado seja Deus pelas graças que tem me concedido — replicou ela. — Mas agora me contai, meu caro, o que lucrastes com vossas escuderias? Que vestido me trazeis? E que sapatinhos para vossos filhos?

— Não trago nada disso, mulher — disse Sancho —, mas trago outras coisas de mais importância e consideração.

— É um prazer ouvir isso — respondeu a mulher. — Mostrai-me essas coisas de mais importância e consideração, meu caro, que as quero ver, para alegrar este coração, que tão triste e descontente esteve durante os séculos de vossa ausência.

— Vou mostrá-las em casa, mulher — disse Pança. — Ficai contente por ora, pois, se Deus quiser, sairemos outra vez de viagem em busca de aventuras, e logo me vereis conde, ou governador de uma ilha, mas não uma dessas que andam por aí e sim a melhor que se possa encontrar.

— Queira o céu que assim seja, meu marido, pois bem que andamos necessitados. Mas dizei-me que negócio é esse de ilhas, que não entendi direito.

— O mel não foi feito para a boca do burro — respondeu Sancho. — Verás, mulher, quando chegar a hora, e até ficarás admirada ao ser chamada de senhoria por todos os teus vassalos.

— Que é isso de senhorias, ilhas e vassalos, Sancho? — respondeu Joana Pança, que assim se chamava a mulher de Sancho, embora não fossem parentes, mas porque na Mancha é costume as mulheres usarem o sobrenome de seus maridos.

— Não te afobes, Joana, em saber tudo no atropelo: basta saberes que falo a verdade, e cala a boca. Assim, de passagem, só posso dizer que não há nada melhor no mundo que ser um homem honrado e escudeiro de um cavaleiro andante que busca aventuras. É bem verdade que a maioria das com que se topa não acontece do modo que o homem esperava, porque, de cem que se vive, noventa e nove saem pela culatra. Eu sei por experiência, pois de umas saí manteado e de outras, moído; mas, apesar de tudo, é coisa linda esperar as aventuras atravessando montanhas, explorando florestas, escalando rochedos, visitando castelos e se hospedando nas estalagens à vontade, sem pagar um puto tostão.

Toda essa conversa entre Sancho Pança e Joana Pança, sua mulher, aconteceu enquanto a empregada e a sobrinha de dom Quixote o receberam, despiram-no e o deitaram em sua cama antiga. Ele as olhava com olhos atravessados e não conseguia saber em que lugar estava. O padre recomendou à sobrinha que tratasse muito bem do tio e que ficasse alerta para que ele não escapasse outra vez, contando-lhe o que fora necessário para trazê-lo para casa. Aqui de novo as duas clamaram ao céu, rogaram outras pragas contra os livros de cavalaria e imploraram a Deus que lançasse nos quintos dos infernos os autores de tantas mentiras e disparates. No fim, elas ficaram confusas e amedrontadas ao perceber que poderiam se ver sem seu amo e tio no instante em que ele tivesse alguma melhora, e foi exatamente isso o que aconteceu.

Mas o autor desta história, embora tenha procurado com curiosidade e empenho as façanhas de dom Quixote em sua terceira saída, não encontrou notícias delas, pelo menos em escritos autenticados: apenas a tradição guardou, nas memórias da Mancha, que na terceira vez que dom Quixote saiu de sua casa, foi a Zaragoza, onde foi parar numas famosas justas que se realizaram naquela cidade, e ali lhe aconteceram coisas dignas de sua bravura e inteligência. Nem de seu fim poderia saber coisa alguma, se a boa sorte não lhe deparasse um velho médico que tinha em seu poder uma caixa de chumbo que, segundo ele disse, fora achada nos alicerces de uma antiga ermida em reformas. Havia nessa caixa uns pergaminhos escritos com letras góticas, mas em versos castelhanos, que continham muitas de suas façanhas e davam notícia da formosura de Dulcineia del Toboso, da figura de Rocinante, da fidelidade de Sancho Pança e da sepultura do próprio dom Quixote, com diferentes epitáfios e elogios a sua vida e costumes.

E os que puderam ser lidos e tirados a limpo são os que o fidedigno autor desta original e jamais vista história transcreve aqui. Ele só pede aos leitores, em prêmio pelo imenso trabalho que lhe custou remexer e inquirir todos os arquivos da Mancha para trazê-los à luz, que lhe deem o mesmo crédito que as pessoas inteligentes costumam dar aos livros de cavalaria, que tão festejados andam no mundo, que com isso se dará por bem pago e satisfeito, e se animará a procurar e publicar outras histórias, talvez não tão verdadeiras, mas pelo menos tão engenhosas e divertidas.

As primeiras palavras que estavam escritas no pergaminho que se achou na caixa de chumbo eram estas:

os acadêmicos da argamasilla, aldeia
da mancha, sobre a vida e a morte
de dom quixote de la mancha, hoc scripserunt[1]

o monicongo,[2] acadêmico de argamasilla,
à sepultura de dom quixote

epitáfio

O cabeça oca que adornou a Mancha
com mais despojos que Jasão tirou de Creta;
o juízo que teve a biruta
aguda onde seria melhor rombuda;

o braço que sua força tanto abarca,
que chegou de Catai até Gaeta;
a musa mais horrenda e mais esperta
que gravou versos em brônzea prancha;

aquele que deixou os Amadises para trás
e fez pouco dos Galaores,
estribado em seu amor e fidalguia;

aquele que fez calar os Belianises,
aquele que em Rocinante andou vagando,
jaz debaixo desta lousa fria.[a]

do apaniguado, acadêmico
de argamasilla, in laudem
dulcineae del toboso[3]

soneto

Esta que vedes de rosto encaroçado,
peitos a pino e porte altivo,
é Dulcineia, rainha de El Toboso,
por quem o grande Quixote foi apaixonado.

Por ela pisou um e outro lado

da grande Serra Negra e o famoso
campo de Montiel, até a gramada
planície de Aranjuez, a pé e cansado

(*por culpa de Rocinante*)*. Oh, dura estrela!,*
desta dama manchega e deste invicto
cavaleiro andante. Em verdes anos,

morrendo, ela deixou de ser bela,
e ele, embora permaneça escrito em mármores,
não escapou ao amor, iras e enganos.[b]

do caprichoso, argutíssimo
acadêmico de argamasilla,
em louvor a rocinante, cavalo
de dom quixote de la mancha

soneto

No soberbo trono diamantino
que com pés sangrentos pisa Marte,
frenético o Manchego seu estandarte
hasteia com brio peregrino,

descansa a armadura e o aço fino
com que destroça, assola, racha e parte…
Novas proezas!, mas inventa a arte
um novo estilo para o novo paladino.

E se Gaula se orgulha de seu Amadis,
se a Grécia, com seus bravos descendentes,
triunfou mil vezes e a fama alcança,

hoje Quixote é coroado na corte
onde Belona preside, e dele se orgulha,
mais que a Grécia ou Gaula, a nobre Mancha.

O esquecimento nunca suas glórias mancha,
pois até Rocinante, em ser galhardo,
excede a Brilhadouro e a Baiardo.[c]

do velhaco, acadêmico
de argamasilla, a sancho pança

soneto

Este é Sancho Pança: em corpo nanico,
mas grande em coragem (*milagre estranho!*),
o escudeiro mais simples e sem engano
que o mundo teve, vos juro e certifico.

Para ser conde faltou um tantico,
se não conspirassem em seu prejuízo
insolências e agravos do malvado
século, pois ainda não perdoam um burrico.

Sobre ele andou (*com perdão se mente*)
este manso escudeiro, atrás do manso
cavalo Rocinante e atrás de seu dono.

Oh, vãs esperanças tem a gente,
como pensais prometer descanso
se no fim vos tornais sombra, fumaça, um sonho?![d]

do capeta, acadêmico de argamasilla,
na sepultura de dom quixote

epitáfio

Aqui jaz o cavaleiro
bem moído e mal-andante
a quem levou Rocinante
por um ou outro sendeiro.

Sancho Pança, o grosseiro,
também jaz perto dele,
escudeiro o mais fiel
que viu o ofício de escudeiro.[e]

do tique-taque, acadêmico de argamasilla,
na sepultura de dulcineia del toboso

epitáfio

Aqui repousa Dulcineia,
e, embora de corpo roliça,
tornou-a pó e cinza
a morte espantosa e feia.

Foi castiça plebeia,
e teve assomos de dama;
do grande Quixote foi chama
e foi glória de sua aldeia.[f]

Estes foram os versos que puderam ser lidos; os demais, como estavam muito danificados, foram entregues a um acadêmico para que os decifrasse por deduções. Há notícias de que o fez, à custa

de muitas vigílias e muito trabalho, e que tem intenção de publicá-los, com a promessa da terceira saída de dom Quixote.

Forse altro canterà con miglior plectro.[4]

a *El calvatrueno que adornó a la Mancha/ de más despojos que Jasón de Creta;/ el jüicio que tuvo la veleta/ aguda donde fuera mejor ancha;// el brazo que su fuerza tanto ensancha,/ que llegó del Catay hasta Gaeta;/ la musa más horrenda y más discreta/ que grabó versos en broncínea plancha;// el que a cola dejó los Amadises/ y en muy poquito a Galaores tuvo;/ estribando en su amor y bizarría;// el que hizo callar los Belianises,/ aquel que en Rocinante errando anduvo,/ yace debajo de esta losa fría.*
b *Esta que veis de rostro amondongado,/ alta de pechos y ademán brioso,/ es Dulcinea, reina del Toboso,/ de quien fue el gran Quijote aficionado.// Pisó por ella el uno y otro lado/ de la gran Sierra Negra y el famoso/ campo de Montïel, hasta el herboso/ llano de Aranjüez, a pie y cansado// (culpa de Rocinante). ¡Oh dura estrella!,/ que esta manchega dama y este invito/ andante caballero, en tiernos años,// ella dejó, muriendo, de ser bella,/ y él, aunque queda en mármores escrito,/ no pudo huir de amor, iras y engaños.*
c *En el soberbio trono diamantino/ que con sangrientas plantas huella Marte,/ frenético el Manchego su estandarte/ tremola con esfuerzo peregrino,// cuelga las armas y el acero fino/ con que destroza, asuela, raja y parte…/ ¡Nuevas proezas!, pero inventa el arte/ un nuevo estilo al nuevo paladino.// Y si de su Amadís se precia Gaula,/ por cuyos bravos descendientes Grecia/ triunfó mil veces y su fama ensancha,// hoy a Quijote le corona el aula/ do Belona preside, y de él se precia,/ más que Grecia ni Gaula, la alta Mancha.// Nunca sus glorias el olvido mancha,/ pues hasta Rocinante, en ser gallardo,/ excede a Brilladoro y a Bayardo.*
d *Sancho Panza es aquéste, en cuerpo chico,/ pero grande en valor, ¡milagro extraño!,/ escudero el más simple y sin engaño/ que tuvo el mundo, os juro y certifico.// De ser conde no estuvo en un tantico,/ si no se conjuraran en su daño/ insolencias y agravios del tacaño/ siglo, que aun no perdonan a un borrico.// Sobre él anduvo (con perdón se miente)/ este manso escudero, tras el manso/ caballo Rocinante y tras su dueño.// ¡Oh vanas esperanzas de la gente,/ cómo pasáis con prometer descanso/ y al fin paráis en sombra, en humo, en sueño!*
e *Aquí yace el caballero/ bien molido y malandante/ a quien llevó Rocinante/ por uno y otro sendero.// Sancho Panza el majadero/ yace también junto a él,/ escudero el más fïel/ que vio el trato de escudero.*
f *Reposa aquí Dulcinea,/ y, aunque de carnes rolliza,/ la volvió en polvo y ceniza/ la muerte espantable y fea.// Fue de castiza ralea/ y tuvo asomos de dama;/ del gran Quijote fue llama/ y fue gloria de su aldea.*

finis

Segunda parte
do engenhoso
cavaleiro dom Quixote
de la Mancha

Prólogo ao leitor

Valha-me Deus, com quanta gana deves estar esperando agora este prólogo, leitor ilustre ou mesmo plebeu, pensando encontrar nele vinganças, reprimendas e vitupérios contra o autor do segundo *Dom Quixote*, digo, contra aquele que dizem que foi concebido em Tordesilhas e nasceu em Tarragona![1] Na verdade não vou te dar esta alegria, pois, ainda que os agravos despertem a cólera nos corações mais humildes, no meu esta regra há de padecer exceção. Tu gostarias que eu o chamasse de burro, de mentecapto e de insolente, mas isso não me passa pelo pensamento: que o pecado dele seja seu castigo, que coma o pão que amassou e faça bom proveito.

O que não pude deixar de sentir é que me taxasse de velho e maneta, como se estivesse ao meu alcance ter detido o tempo, para que não passasse por mim, ou se eu tivesse perdido a mão em alguma rixa de taberna, não na mais alta ocasião que viram os séculos passados, nem os próximos esperam ver.[2] Se meus ferimentos não resplandecem aos olhos de quem os vê, são pelo menos considerados pela estima dos que sabem onde foram ganhos, porque o soldado parece melhor morto na batalha que livre na fuga — tanto penso assim que, se me propusessem e facilitassem o impossível, preferiria antes ter participado daquela empresa prodigiosa a me ver agora sem meus ferimentos sem ter participado dela. As cicatrizes que o soldado mostra no rosto e no peito são estrelas que guiam os demais ao céu da honra e ao desejo do justo louvor; e deve-se notar que não se escreve com os cabelos brancos, mas com o entendimento, que costuma melhorar com os anos.

Também senti que me chamasse de invejoso e como a um ignorante me descrevesse o que é a inveja; na verdade, das duas que há, eu só conheço a santa, nobre e bem-intencionada. E assim sendo, como de fato é, não tenho por que perseguir a nenhum sacerdote, ainda mais se de quebra for colaborador do Santo Ofício; e, se ele se refere a quem parece se referir, enganou-se de cabo a rabo, pois adoro o engenho dele, admiro sua obra e sua ocupação contínua e virtuosa.[3] Mas no fundo agradeço a esse senhor autor dizer que minhas novelas são mais satíricas que exemplares, porém boas; não poderiam ser se não tivessem de tudo.[4]

Parece-me que me dizes que ando muito acanhado e me contenho demais nos limites de minha modéstia, sabendo que não se deve acrescentar aflição ao aflito — e a que deve ter este senhor sem dúvida é grande, pois não ousa aparecer em campo aberto e com céu claro, ocultando seu nome, fingindo sua pátria, como se tivesse cometido alguma traição de lesa-majestade. Se porventura chegares a conhecê-lo, diz a ele de minha parte que não me sinto ofendido, pois sei muito bem o que são tentações do demônio, e que uma das maiores é enfiar na cabeça de um homem que pode escrever e imprimir um livro com que ganhe tanta fama como dinheiro e tanto dinheiro como fama; e, para confirmar isso, quero que tu, com agudeza e graça, conte a ele esta história:

Havia em Sevilha um louco que deu no mais engraçado disparate e mania em que já deu um louco no mundo: fez um canudo de uma cana com uma extremidade pontuda e, ao pegar algum cachorro na rua, ou em qualquer outro canto, prendia uma pata dele com um pé e levantava a outra com a mão, acomodava o dito canudo naquele lugar do melhor jeito que podia e, soprando-o, botava o bicho redondo como uma bola. Então, tendo-o assim, dava duas palmadinhas em sua barriga e o soltava, dizendo aos curiosos, que sempre eram muitos: “Vossas mercês pensarão agora que dá pouco trabalho encher um cachorro?”.

Vossa mercê pensará agora que dá pouco trabalho fazer um livro?

E se essa história não lhe cair bem, conta-lhe esta, leitor amigo, que também é de louco e de cachorro:

Havia em Córdoba outro louco, que tinha o costume de levar em cima da cabeça um pedaço de uma laje de mármore ou um pedregulho não muito leve e, quando topava com algum cachorro descuidado, se aproximava e deixava cair a prumo o peso sobre ele. O cachorro se desgostava e, latindo e uivando, não parava antes de três ruas. Mas aconteceu que, entre os cachorros que maltratou, um era de um chapeleiro, que gostava muito dele. Largou o pedregulho e acertou a cabeça do cachorro, que desatou a ganir; o dono viu tudo e, furioso, pegou uma vara de medir e foi até o louco e não lhe deixou um osso inteiro. A cada pancada que lhe dava, dizia: “Seu cachorro desgraçado, bateu em meu galgo! Não viste, bandido, que meu cachorro era galgo?!”. E, repetindo a palavra galgo muitas vezes, deixou o louco em pandarecos. Exemplado, o louco se retirou e não apareceu na praça por mais de um mês; passado esse tempo, voltou com a mesma invenção e com uma carga maior ainda. Aproximava-se de um cachorro e, olhando-o fixo, mas sem querer largar a pedra, dizia: “Este é galgo: cuidado!”. Realmente, a todos os cachorros com que topava, mesmo que fossem alãos ou vira-latas, dizia que eram galgos, de modo que não largou mais o pedregulho. Talvez aconteça o mesmo a esse historiador e não se atreva a soltar mais a presa de seu engenho em livros que, sendo ruins, são mais duros que as rochas.

Diz a ele também que não dou um tostão pela ameaça que me faz de que vai me tirar todo o lucro com seu livro e que, apropriando-me das palavras da famosa farsa *La perendenga*, respondo que viva meu senhor, o edil, e que Cristo esteja com todos. Viva o grande conde de Lemos, cuja religiosidade e generosidade, bem conhecidas, contra todos os golpes de minha pouca sorte me tem em pé, e viva a extrema caridade do ilustríssimo de Toledo, dom Bernardo de Sandoval y Rojas,[5] mesmo que não haja imprensas no mundo e mesmo que imprimam contra mim mais livros do que têm letras as coplas de Mingo Revulgo.[6] Estes dois príncipes, sem que os solicite minha adulação nem outro gênero de aplauso, apenas por sua bondade, se encarregaram de me fazer mercê e me favorecer, no que me tenho por mais feliz e mais rico que se a fortuna por caminhos comuns me tivessem posto no topo dela. O

pobre pode ter a honra, mas o vicioso não; a pobreza pode empanar a fidalguia, mas não obscurecê-la de todo; desde que a virtude dê alguma luz de si, mesmo que seja pelos inconvenientes e interstícios da escassez, vem a ser estimada pelos altos e nobres espíritos, e, portanto, favorecida.

E não digas mais nada a ele, nem eu quero te dizer, apenas avisar que consideres que esta segunda parte do *Dom Quixote* que te ofereço é cortada pelo mesmo artífice e no mesmo tecido que a primeira, e que nela te dou dom Quixote expandido e finalmente morto e sepultado, para que ninguém se atreva a levantar novos testemunhos, pois bastam os passados e basta também que um homem honrado tenha dado notícia destas engenhosas loucuras, sem querer entrar nelas de novo, pois a abundância das coisas, mesmo que sejam boas, faz com que sejam menos valorizadas, e a carestia, mesmo das más, faz com que sejam valorizadas um pouco. Esquecia-me de te dizer que esperes o *Persiles*, que já estou acabando, e a segunda parte de *A Galateia*.[7]

i

do que o padre e o barbeiro trataram com dom quixote sobre a doença dele

Conta Cide Hamete Benengeli, na segunda parte desta história e terceira saída de dom Quixote, que o padre e o barbeiro estiveram quase um mês sem vê-lo, para não reavivar e lhe trazer à memória as coisas passadas. Mas nem por isso deixaram de visitar sua sobrinha e sua criada, recomendando a elas que cuidassem bem dele, dando-lhe de comer coisas revigorantes e apropriadas para o coração e o cérebro, de onde era lógico supor que procedia todo o seu infortúnio. Elas disseram que assim o faziam e continuariam a fazer com prazer e todo o cuidado possível, porque viam que seu senhor aos poucos ia dando mostras de estar em seu juízo perfeito. Os dois se alegraram muito com isso, por pensarem que tinham acertado em tê-lo trazido encantado no carro de bois, como se contou na primeira parte desta tão grande quanto exata história, no último capítulo. Então resolveram visitá-lo e comprovar sua melhora, embora a considerassem quase impossível, e combinaram não tocar em nenhum ponto que dissesse respeito à cavalaria andante, para não haver o perigo de desatar os pontos ainda recentes da ferida dele.

Por fim foram visitá-lo e o encontraram sentado na cama, vestido com uma camisola justa de flanela verde e uma touca de malha vermelha de Toledo; e estava tão seco e mirrado que parecia uma múmia. Foram muito bem recebidos por ele e perguntaram por sua saúde, e ele falou de si mesmo e dela com muito juízo e com palavras muito elegantes. E, durante a conversa, acabaram por

tratar disso que chamam “razão de estado” e modos de governo, consertando este abuso e condenando aquele, reforçando um costume e banindo outro, cada um dos três se fazendo um novo legislador, um Licurgo moderno ou um Sólon flamante, e de tal maneira renovaram a república que pareceu que a tinham posto numa forja e tirado outra muito diferente. E dom Quixote falou com tanta sensatez em todos os assuntos abordados que os dois examinadores acreditaram indubitavelmente que estava bom de todo e em seu juízo perfeito.

Achavam-se presentes à conversa a sobrinha e a criada, que não se fartavam de dar graças a Deus por ver seu senhor com tanto bom senso. Mas o padre, deixando de lado o propósito inicial, que era não tocar em coisas de cavalaria, quis comprovar sem a menor dúvida se a sanidade de dom Quixote era falsa ou verdadeira e então, pulando de um assunto para outro, contou algumas notícias que tinham chegado da corte, e, entre elas, disse que se tinha certeza de que o Turco baixava com uma armada poderosa e que não se conhecia seu desígnio nem onde ia descarregar tão grande tormenta, e com este temor, que quase todo ano nos deixa alertas, estava pegando em armas quase toda a cristandade, e Sua Majestade havia mandado guarnecer as costas de Nápoles e da Sicília e a ilha de Malta. A isto, dom Quixote respondeu:

— Sua Majestade agiu como prudentíssimo guerreiro ao guarnecer seus estados com tempo, para que o inimigo não o ache desprevenido; mas, se pedissem meu conselho, eu diria que se usasse uma medida que Sua Majestade, neste exato momento, está longe de pensar.

Mal ouviu isso, o padre disse a si mesmo: “Que Deus te ajude, pobre dom Quixote, pois me parece que despencas do alto da tua loucura até o profundo abismo de tua estupidez!”.

Mas o barbeiro, que já tinha chegado à mesma conclusão do padre, perguntou a dom Quixote que medida ele achava que devia se tomar; poderia ser do tipo talvez das que se põe na lista dos muitos conselhos impertinentes que costumam se dar aos príncipes.

— O meu, senhor tosquiador — disse dom Quixote —, não será impertinente, mas pertinente.

— Não falo por isso — replicou o barbeiro —, mas porque a experiência tem mostrado que todos ou a maioria dos conselhos que se dão a Sua Majestade ou são impossíveis ou disparatados ou prejudiciais ao rei ou ao reino.

— Ora, o meu — respondeu dom Quixote — nem é impossível nem disparatado, mas o mais simples, o mais justo, o mais prático e rápido que pode caber no pensamento de algum conselheiro.

— Vossa mercê está demorando a dizê-lo, senhor dom Quixote — disse o padre.

— Não gostaria de revelar o meu agora — disse dom Quixote — e vê-lo amanhã de manhã nos ouvidos dos senhores ministros, com outro recebendo os agradecimentos e o prêmio de meu trabalho.

— Por mim — disse o barbeiro —, dou minha palavra, aqui e diante de Deus, de não contar o que vossa mercê disser nem a rei ou rainha, torre, cavalo, bispo ou peão, ou homem mortal, juramento que aprendi na história do padre que no introito da missa avisou ao rei do ladrão que tinha lhe roubado cem dobrões e a mula de viagem.[1]

— Nada sei dessa história — disse dom Quixote —, mas sei que esse juramento é bom, pois tenho certeza de que o senhor barbeiro é homem de bem.

— E mesmo que não fosse — disse o padre —, sou seu fiador e garanto que neste caso ele não falará mais que um mudo, sob pena de pagar o que for julgado e sentenciado.

— E vossa mercê, senhor padre? Quem é seu fiador? — disse dom Quixote.

— Minha profissão — respondeu o padre —, que é guardar segredo.

— Pelo corpo de Cristo! — exclamou dom Quixote nessa altura. — O que mais seria preciso além de Sua Majestade ordenar, em pregão público, que se reúnam na corte num dia marcado todos os cavaleiros andantes que vagueiam pela Espanha? Mesmo que se apresentasse apenas meia dúzia, poderia vir entre eles um que sozinho bastasse para destruir todo o poder do Turco. Ouçam-me vossas mercês com atenção e me acompanhem: por acaso é coisa nova um só cavaleiro andante desbaratar um exército de duzentos

mil homens, como se todos juntos tivessem uma só garganta ou fossem feitos de açúcar? Se não, digam-me quantas histórias estão repletas dessas maravilhas. Havia de viver hoje, em má hora para mim, pois não quero dizer para outro, o famoso dom Belianis ou algum dos da inumerável linhagem de Amadis de Gaula! Pois se algum desses vivesse hoje e se batesse com o Turco, com certeza eu não lhe arrendaria os despojos. Mas Deus olhará por seu povo e encontrará algum que, se não for tão bravo como os antigos cavaleiros andantes, pelo menos não será inferior em coragem. E Deus sabe de quem falo, e mais não digo.

— Ai! — disse a sobrinha nesse ponto. — Que me matem se meu senhor não quer ser cavaleiro andante de novo!

Ao que dom Quixote disse:

— Cavaleiro andante hei de morrer, baixe ou suba o Turco quando quiser e com toda força que puder, pois outra vez Deus sabe do que falo.

Então o barbeiro disse:

— Suplico a vossas mercês que me deem licença para contar uma história breve que aconteceu em Sevilha, pois, como serve aqui como uma luva, tenho ganas de contá-la.

Dom Quixote deu licença, e o padre e os demais prestaram atenção, e ele começou desta maneira:

— Na casa dos loucos de Sevilha estava um homem que os parentes tinham internado por falta de juízo. Era formado em direito canônico por Osuna, mas, mesmo que fosse por Salamanca, conforme a opinião de muitos, não deixaria de ser louco. Esse fulano, depois de alguns anos de confinamento, começou a pensar que estava bom, em seu perfeito juízo, e com esta fantasia escreveu ao arcebispo suplicando encarecidamente e com argumentos muito bem concatenados que mandasse tirá-lo daquela miséria em que vivia, pois pela misericórdia de Deus já tinha recobrado o juízo perdido, mas que seus parentes, para se aproveitarem de sua riqueza, mantinham-no ali, e apesar da verdade queriam que fosse louco até a morte. O arcebispo, persuadido por muitos bilhetes lúcidos e sensatos, mandou um capelão seu se informar com o diretor do manicômio se era verdade o que aquele licenciado lhe

escrevia, e que também falasse com o louco, e que, se lhe parecesse que tinha juízo, o tirasse de lá e o pusesse em liberdade. Assim fez o capelão, mas o diretor lhe disse que aquele homem ainda estava louco, pois, mesmo que muitas vezes falasse como pessoa de grande entendimento, no fim disparava com tantas asneiras que igualavam em número e tamanho o que tinha dito de sensato no começo, como podia se comprovar falando com ele. O capelão quis fazer a experiência e, indo ter com o louco, falou com ele por mais de uma hora, e em todo aquele tempo o louco jamais disse uma palavra arrevesada ou tola, pelo contrário, falou tão atinadamente que o capelão foi forçado a acreditar que o louco estava curado. E entre outras coisas que o louco lhe disse foi que o diretor tinha aversão por ele, para não perder os presentes que seus parentes lhe davam para que dissesse que ainda estava louco, mas com alguns intervalos de lucidez; e que o maior adversário que tinha era sua grande riqueza, pois para desfrutar dela seus inimigos agiam com malícia e botavam em dúvida a mercê que Nosso Senhor havia feito a ele ao transformá-lo de besta em homem. Enfim, falou de maneira que tornou o diretor suspeito, os parentes desalmados e cheios de cobiça, e ele tão sensato que o capelão resolveu levá-lo consigo para que o arcebispo o visse e comprovasse pessoalmente a verdade daquele negócio.

“De boa-fé, o bom capelão pediu ao diretor que mandasse dar as roupas com que o licenciado entrara. O diretor disse de novo que olhasse bem o que fazia, porque sem dúvida alguma o licenciado ainda estava louco. Os avisos e as advertências do diretor não serviram de nada para que o capelão deixasse de levá-lo. O diretor obedeceu, vendo que eram ordens do arcebispo, e botaram as roupas no licenciado, que eram novas e decentes, e, quando ele se viu despido de louco e vestido de sensato, suplicou ao capelão que por caridade lhe desse licença para ir se despedir de seus companheiros de manicômio. O capelão disse que ele gostaria de acompanhá-lo e ver os loucos que havia na casa. Subiram, então, e com eles alguns que se achavam presentes; e, ao chegar a uma jaula onde estava um louco furioso, embora estivesse calmo e quieto naquele momento, lhe disse: ‘Meu irmão, veja se quer

alguma coisa. Vou para minha casa, porque Deus, em sua infinita bondade e misericórdia, resolveu me devolver o juízo, sem eu merecê-lo: já estou curado, porque para o poder de Deus nada é impossível. Tenha grande esperança e confiança n'Ele, pois, se a mim deixou como era antes, também o deixará, se confiar n'Ele. Eu terei o cuidado de lhe enviar algumas coisas de comer, e coma-as sempre, porque lhe garanto, por já ter passado por isso, que todas essas nossas loucuras procedem de termos os estômagos vazios e os cérebros cheios de vento. Anime-se, anime-se, pois se deixar levar pelos infortúnios prejudica a saúde e apressa a morte'.

"Outro louco que estava em outra jaula, diante da do louco furioso, ouviu todas essas palavras do licenciado e, levantando-se de uma esteira velha onde estava atirado e nu em pelo, perguntou aos gritos quem era o que ia embora sadio e forte. O licenciado respondeu: 'Sou eu, meu irmão, aquele que vai embora, pois já não tenho mais necessidade de estar aqui, pelo que dou infinitas graças aos céus, que tão grande mercê me fez'.

"'Olhai bem o que dizeis, licenciado', replicou o louco, 'não vá o diabo vos enganar. Sossegai o facho e ficai quietinho em vossa casa, que assim poupareis a volta para cá.'

"'Eu sei que estou bom', replicou o licenciado, 'e não haverá por que andar para trás.'

"'Vós, bom?', disse o louco. 'Tudo bem, logo veremos. Ide com Deus. Mas juro por Júpiter, cuja majestade represento na terra, que apenas por este pecado que Sevilha comete hoje ao vos tirar desta casa e vos considerar curado, tenho de castigá-la tanto que esse castigo fique na memória por todos os séculos dos séculos, amém. Tu não sabes, licenciadinho estúpido, o que poderei fazer? Como disse, sou Júpiter Tronante, tenho em minhas mãos os raios abrasadores com que posso e costumo ameaçar e destruir o mundo. Mas quero castigar apenas com uma coisa este povoado ignorante: não vai chover nele nem em todo o seu distrito e vizinhança por três anos inteiros, que devem ser contados a partir do dia e instante em que esta ameaça foi feita. Tu curado, com juízo e livre, e eu amarrado, doente e louco? Penso tanto em fazer chover como em me enforcar.'

“Os presentes ouviram atentos aos brados e argumentos do louco, mas nosso licenciado, virando-se para nosso capelão e pegando-o pelas mãos, lhe disse: ‘Não se preocupe vossa mercê, meu senhor, nem faça caso do que este louco disse, que se ele é Júpiter e não quiser fazer chover, eu, que sou Netuno, o pai e o deus das águas, farei chover todas as vezes que me der na veneta ou for necessário’.

“A isso o capelão respondeu: ‘Em todo caso, senhor Netuno, não será bom irritar o senhor Júpiter: fique vossa mercê em sua casa, que voltaremos outro dia, com mais tempo, em momento mais apropriado’.

“O diretor e os presentes riram, o que deixou o capelão meio envergonhado; despiram o louco, que ficou em casa, e acabou-se a história.”

— Então é essa a história, senhor barbeiro — disse dom Quixote —, que, por nos servir como uma luva, não podia deixar de contar? Ah, senhor tosador, senhor tosador, como é cego aquele que não vê o que tem embaixo do nariz! É possível que vossa mercê não saiba que as comparações entre inteligência e inteligência, valor e valor, formosura e formosura, linhagem e linhagem são sempre ociosas e indesejáveis? Eu, senhor barbeiro, não sou Netuno, o deus das águas, nem procuro que ninguém me considere sensato não o sendo: apenas me empenho para que o mundo compreenda o erro em que está em não reviver o felicíssimo tempo onde campeava a ordem da cavalaria andante. Mas nossa época depravada não é merecedora de desfrutar tanto bem como o que gozaram as épocas onde os cavaleiros andantes tomaram a seu cargo e jogaram sobre seus ombros a defesa dos reinos, o amparo das donzelas, o socorro dos órfãos e pupilos, o castigo dos soberbos e o prêmio dos humildes. Na maioria dos cavaleiros hoje em voga mais farfalham os damascos, os brocados e outros ricos tecidos com que se vestem que as cotas de malha com que se protegem; já não há cavaleiro que durma nos campos, sujeito à inclemência do céu, armado até os dentes; e já não há quem, sem tirar os pés dos estribos, apoiado a sua lança, se limite a cochilar, como o faziam os cavaleiros andantes. Já não há nenhum que saindo desta mata entre naquela

montanha, e de lá pise uma estéril e deserta praia do mar, na maioria das vezes tempestuosa e revolta, e achando na margem dela um pequeno batel sem remos, vela, mastro nem cordame algum, com coração intrépido se atire nele, entregando-se às implacáveis ondas do mar profundo, que num instante sobem aos céus e no outro descem ao abismo, e ele, opondo o peito à inexorável tormenta, quando menos espera se acha a mais de três mil léguas distante do lugar onde embarcou e, saltando em terra remota e desconhecida, lhe acontecem coisas dignas de estar escritas não em pergaminhos, mas em bronzes. Mas agora triunfa a preguiça sobre a diligência, a ociosidade sobre o trabalho, o vício sobre a virtude, a arrogância sobre a valentia e a teoria sobre a prática das armas, que somente viveram e brilharam nas idades de ouro e nos cavaleiros andantes. Se não, digam-me quem mais honesto e mais valente que o famoso Amadis de Gaula? Quem mais arguto que Palmeirim da Inglaterra? Quem mais conciliador e dócil que Tirante, o Branco? Quem mais galante que Lisuarte da Grécia? Quem mais acutilado ou acutilador que dom Belianis? Quem mais intrépido que Perión de Gaula, ou quem mais desafiador de perigos que Felixmarte de Hircânia, ou quem mais sincero que Esplandian? Quem mais arrojado que dom Cirongilio da Trácia? Quem mais bravo que Rodamonte? Quem mais prudente que o rei Sobrino? Quem mais atrevido que Reinaldos? Quem mais invencível que Roland? E quem mais galhardo e mais cortês que Rugero, de quem descendem hoje os duques de Ferrara, segundo Turpin em sua cosmografia? Todos esses cavaleiros e muitos outros que eu poderia nomear, senhor padre, foram cavaleiros andantes, luz e glória da cavalaria. Eu gostaria que esses, ou outros como esses, fossem os guerreiros de minha proposta, pois então Sua Majestade se acharia bem servido e pouparia muitos gastos, e o Turco ficaria arrancando as barbas de raiva; e com isso não quero ficar em minha casa, pois não me tira dela o capelão, e se o seu Júpiter, como disse o barbeiro, não fizer chover, aqui estou eu, que farei chover quando me der na veneta. Digo isso para que o senhor navalha saiba que o entendo muito bem.

— Na verdade, senhor dom Quixote — disse o barbeiro —, não falei por mal, Deus é testemunha, por isso vossa mercê não deve se ressentir.

— Eu sei se posso me ressentir ou não — respondeu dom Quixote.

Então o padre disse:

— Ainda bem que eu quase não falei uma palavra até agora e não gostaria de ficar com um escrúpulo que me rói e mina a consciência, nascido do que o senhor dom Quixote acabou de dizer.

— Para outras coisas mais — respondeu dom Quixote — o senhor padre tem licença, de modo que pode falar de seu escrúpulo, porque não é agradável andar com a consciência pesada.

— Bem, com esse beneplácito — respondeu o padre —, digo que meu escrúpulo é que não posso me convencer de jeito nenhum que esse bando todo de cavaleiros andantes que vossa mercê, senhor dom Quixote, citou tenha sido real e verdadeiramente de pessoas de carne e osso. Penso antes que tudo é ficção, fábula e mentira, sonhos contados por homens despertos ou, melhor dizendo, meio adormecidos.

— Esse é outro erro — respondeu dom Quixote — em que caíram muitos que não acreditam que tenham existido tais cavaleiros no mundo. Muitas vezes, em diversas ocasiões, com diversas pessoas, procurei trazer à luz da verdade este engano quase comum, mas algumas vezes não realizei minha intenção, outras sim, sustentando-as sobre os ombros da verdade. Esta verdade é tão certa que estou para dizer que com meus próprios olhos vi Amadis de Gaula, que era um homem alto de corpo, rosto branco, com bela barba, embora preta, de olhar entre brando e severo, de poucas palavras, lento para se encolerizar e rápido para se acalmar. E, assim como delineei Amadis, penso que poderia pintar e descrever quantos cavaleiros andantes andam nas histórias pelo orbe, pois, pela percepção que tenho do que foram conforme contam suas histórias, pelas façanhas que realizaram e qualidades que tiveram, podem-se deduzir por essas características as feições, a pele e a estatura.

— Que tamanho vossa mercê, senhor dom Quixote, acha que devia ter o gigante Morgante? — perguntou o barbeiro.

— Sobre gigantes — respondeu dom Quixote — há diferentes opiniões, se existiram ou não no mundo, mas a Sagrada Escritura, que não pode faltar um átomo com a verdade, nos mostra que existiram, contando-nos a história daquele filisteuzão Golias, que tinha sete côvados e meio de altura, o que é um tamanho e tanto. Também na ilha da Sicília se acharam canelas e espáduas tão grandes que seu tamanho mostra que seus donos foram gigantes, e tão grandes como grandes torres, que a geometria demonstra essa verdade sem dúvida. Mas, apesar disso, não posso dizer com certeza que tamanho teria Morgante, embora imagine que não devia ser muito alto; o que me leva a ter essa opinião é encontrar na história onde se faz menção particular a suas façanhas que muitas vezes dormia embaixo de telhado: então, se achava casa onde coubesse, está claro que não era de um tamanho desmesurado.

— É verdade — disse o padre, que, gostando de ouvi-lo dizer tamanhos disparates, perguntou o que achava dos rostos de Reinaldos de Montalbán, de dom Roland e dos demais Doze Pares de França, pois todos tinham sido cavaleiros andantes.

— De Reinaldos — respondeu dom Quixote — me atrevo a dizer que tinha o rosto largo e vermelho, os olhos inquietos e um tanto esbugalhados, suscetível e colérico demais, amigo de ladrões e de gente perdida. De Roland, ou Rotolando, ou Orlando, que com todos esses nomes é chamado nas histórias, sou de opinião e garanto que foi de estatura mediana, de ombros largos, meio cambaio, de rosto moreno e de barba ruiva, corpo peludo e de olhar ameaçador, de poucas palavras, mas muito comedido e educado.

— Se Roland não foi mais formoso do que vossa mercê disse — replicou o padre —, não é de estranhar que a senhora Angélica, a Bela, o desprezasse e o deixasse pela elegância, brio e graça que devia de ter o mourozinho barbicha a quem ela se entregou; e ela teve a sabedoria de se apaixonar pela brandura de Medoro, não pela aspereza de Roland.

— Essa Angélica, senhor padre — respondeu dom Quixote —, foi uma donzela desavergonhada, passeadeira e meio caprichosa, e

deixou o mundo tão cheio de suas impertinências como da fama de sua formosura: desprezou mil senhores, mil valentes e mil sábios, e se contentou com um pajenzinho imberbe, sem mais riqueza que o renome de agradecido que a lealdade que manteve por um amigo pôde lhe dar. O grande cantor de sua beleza, o famoso Ariosto, por não se atrever ou não querer cantar o que aconteceu a essa senhora depois de sua entrega ignóbil, pois não devem ter sido coisas das mais decorosas, deixou-a onde disse:

E como de Catai recebeu o cetro
talvez outro cante com melhor plectro.[2]

"E sem dúvida que isso foi uma profecia, pois os poetas também se chamam vates, que quer dizer 'adivinhos'. Com clareza se vê essa verdade, porque depois, aqui, um famoso poeta andaluz chorou e cantou suas lágrimas, e outro famoso e único castelhano cantou sua formosura."[3]

— Diga-me, senhor dom Quixote — disse o barbeiro nessas alturas —, não houve algum poeta que tenha feito alguma sátira a essa senhora Angélica, entre tantos que a enalteceram?

— Tenho certeza de que Sacripante e Roland, se fossem poetas, já teriam passado um sabão nessa donzela — respondeu dom Quixote —, porque é próprio e natural dos poetas desprezados e rejeitados por suas damas (imaginárias ou assim tratadas), a quem escolheram por senhoras de seus pensamentos, vingar-se com sátiras e libelos, vingança por certo indigna de corações generosos; mas até agora não me chegou notícia de nenhum verso infamatório contra a senhora Angélica, que tanto agitou o mundo.

— Milagre! — disse o padre.

E nesse momento ouviram que a criada e a sobrinha, que já tinham deixado a conversa, davam grandes brados no pátio, e todos foram ver que tumulto era aquele.

ii

que trata da notável pendência que sancho pança teve com a sobrinha e a criada de dom quixote, com outros assuntos engraçados

Conta a história que a gritaria que ouviram dom Quixote, o padre e o barbeiro era da sobrinha e da criada, que diziam a Sancho Pança, que lutava para entrar para ver dom Quixote, enquanto elas defendiam a porta:

— Que quer este vagabundo nesta casa? Ide-vos embora, irmão, pois sois vós e não outro quem alicia e desencaminha meu senhor e o arrasta pelos quintos dos infernos.

Ao que Sancho respondeu:

— Criada do diabo, o aliciado e desencaminhado e arrastado pelos quintos dos infernos sou eu, não teu amo: ele me levou mundo afora. Vós vos enganais de cabo a rabo. Ele me tirou de minha casa com engodos, prometendo-me uma ilha que espero até hoje.

— Tomara que te afogues nessas ilhas condenadas, Sancho desgraçado — respondeu a sobrinha. — E que conversa é essa de ilhas? É alguma coisa de comer, comilão e esganado que tu és?

— Não é de comer — replicou Sancho —, mas para governar mais e melhor do que quatro alcaides da corte governariam quatro cidades.

— Mesmo assim — disse a criada —, não vais entrar aqui, saco de maldades e fardo de malícias. Ide governar vossa casa e lavrar vossas roças, e deixai de lado ilhas ou bilhas.

Muito se divertiam o padre e o barbeiro ao ouvir a conversa dos três, mas dom Quixote, temeroso de que Sancho abrisse a matraca e desembuchasse um monte de asneiras maliciosas e tocasse em assuntos que não cairiam bem a sua reputação, chamou-o, e fez as duas se calarem e o deixarem entrar. Sancho entrou, e o padre e o barbeiro se despediram de dom Quixote, desesperados com a saúde dele, vendo como estava firme em seus pensamentos desvairados e mergulhado na idiotice de sua mal andante cavalaria. Então o padre disse ao barbeiro:

— Já vereis, compadre, quando menos pensemos, nosso fidalgo sai outra vez em busca de sarna para se coçar.

— Não tenho dúvida disso — respondeu o barbeiro —, mas não me surpreendo tanto com a loucura do cavaleiro quanto com a estupidez do escudeiro, pois acredita tão piamente no negócio da ilha que acho que não o tirarão do bestunto quantos desenganos possam se imaginar.

— Que Deus os ajude — disse o padre —, e fiquemos de olho: vamos ver no que dá esse amontoado de disparates do tal cavaleiro e do tal escudeiro, pois parece que foram forjados num mesmo molde e que as loucuras do senhor, sem as asneiras do criado, não valeriam um tostão.

— É verdade — disse o barbeiro. — Gostaria muito de saber o que tratam os dois agora.

— Tenho certeza — respondeu o padre — de que a sobrinha ou a criada nos conta depois, que não são do tipo que vão deixar de ouvir.

Enquanto isso, dom Quixote se encerrou com Sancho em seu quarto e, ficando a sós, lhe disse:

— Muito me pesa, Sancho, que tenhas dito e digas que fui eu que te virei a vida de cabeça para baixo, sabendo que não fiquei com os pés no chão: saímos juntos, fomos juntos e juntos peregrinamos; uma mesma fortuna e uma mesma sorte correu por nós dois: se uma vez te mantearam, a mim moeram cem vezes a pau, e isto é o que te levo de vantagem.

— Isso era de esperar — respondeu Sancho —, porque, conforme vossa mercê disse, as desgraças são mais próprias dos cavaleiros

que de seus escudeiros.

— Enganas-te, Sancho — disse dom Quixote —, conforme aquilo *quando caput dolet* etc.

— Não entendo outra língua além da minha — respondeu Sancho.

— Quero dizer que, quando a cabeça dói, todos os membros doem — disse dom Quixote. — Assim, sendo eu teu amo e senhor, sou tua cabeça e tu, parte de mim, pois és meu criado; e, por essa razão, o mal que me toca ou tocar vai doer em ti e em mim o teu.

— Assim devia ser — disse Sancho —, mas, quando me manteavam como membro, minha cabeça estava atrás do muro me olhando voar pelos ares, sem sentir dor nenhuma; se os membros estão obrigados a sentir a dor do mal da cabeça, ela devia estar obrigada a sentir a dor deles.

— Estás querendo dizer, Sancho — respondeu dom Quixote —, que eu não sentia nada quando te manteavam? Se dizes isso, não digas mais, nem penses, pois mais dor eu sentia então em meu espírito que tu em teu corpo. Mas deixemos isso de lado por ora, que logo teremos tempo para ponderarmos e pôr tudo em pratos limpos. Mas me diz, meu amigo Sancho, o que é que dizem de mim na vila? Que opinião têm de mim o povo, os fidalgos e os nobres? O que dizem de minha valentia, de minhas façanhas e de minha cortesia? O que se fala da decisão que tomei de ressuscitar e trazer de volta ao mundo a já esquecida ordem de cavalaria? Enfim, Sancho, quero que me digas o que chegou sobre isso a teus ouvidos, e deves me dizer sem aumentar o bem nem diminuir o mal em coisa alguma, que é próprio dos vassalos leais dizer a verdade pura e simples a seus senhores, sem que a adulação a aumente ou outro vão respeito a diminua; e quero que saibas, Sancho, que se a verdade nua e crua chegasse aos ouvidos dos príncipes, sem as vestes da lisonja, outros séculos correriam, outras épocas seriam consideradas mais de ferro que a nossa, pois acredito que entre as últimas a nossa é de ouro. Sirva-te esse aviso, Sancho, para que sábia e fielmente ponhas em meus ouvidos a verdade das coisas que souberes sobre o que te perguntei.

— Farei isso de boa vontade, meu senhor — respondeu Sancho —, com a condição de que vossa mercê não vai se amolar com o

que eu disser, pois quer a coisa em pelo, sem outras roupas que aquelas com que chegaram a meu conhecimento.
— Não vou me amolar de jeito nenhum — respondeu dom Quixote. — Podes falar livremente, Sancho, e sem rodeio algum.
— Bem, a primeira coisa que digo — disse — é que o povo considera vossa mercê um grandessíssimo louco, e a mim não menos mentecapto. Os fidalgos dizem que, não se contendo vossa mercê nos limites da fidalguia, passou a se chamar “dom” e se meteu a nobre com quatro vinhas e duas lavouras, com uma mão na frente e outra atrás. Os nobres dizem que não gostam que os fidalgos se comparem a eles, especialmente aqueles fidalgos pobres que acabam como escudeiros, que disfarçam os estragos nos sapatos com fuligem e remendam as meias pretas com linha verde.
— Isso não tem que ver comigo — disse dom Quixote —, pois sempre ando bem vestido, jamais remendado: esfarrapado, até poderia ser, contudo mais pelas armas que pelo tempo.
— Quanto à valentia, cortesia, façanhas e à decisão de vossa mercê — prosseguiu Sancho —, há diferentes opiniões. Uns dizem: “louco, mas engraçado”; outros, “valente, mas desgraçado”; outros, “cortês, mas impertinente”; e por aí vão falando tantas coisas que nem a vossa mercê, nem a mim, deixam um osso inteiro.
— Olha, Sancho — disse dom Quixote —, onde quer que a virtude esteja em grau eminente, é perseguida. Poucos ou nenhum dos famosos homens do passado deixaram de ser caluniados pela malícia alheia. Júlio César, capitão muito determinado, prudente e corajoso, foi criticado por ambicioso e não muito limpo, nem em suas vestes nem em seus costumes. De Alexandre, a quem suas façanhas deram o renome de Magno, dizem que teve certos traços de bêbado. De Hércules, o dos muitos trabalhos, se conta que foi lascivo e preguiçoso. De dom Galaor, irmão de Amadis de Gaula, mexericam que foi mais que muito brigão; e de seu irmão, que foi chorão. Por isso, meu caro Sancho, entre as tantas calúnias contra os bons bem podem passar as minhas, desde que não sejam mais do que as que me disseste.
— Este é o ponto, santo Deus! — replicou Sancho.

— Então tem mais? — perguntou dom Quixote.

— Ainda falta o pior, esfolar a cauda — disse Sancho. — Até aqui tudo foi sombra e água fresca. Mas, se vossa mercê quer saber tudo o que há sobre as calúnias que lhe fazem, eu trarei daqui a pouco quem as diga todas, sem que falte um tiquinho, pois ontem à noite chegou o filho de Bartolomé Carrasco, que estudava em Salamanca, feito bacharel, e, quando fui lhe dar boas-vindas, ele me disse que vossa mercê já andava em livros de história, com o nome de *Engenhoso fidalgo dom Quixote de la Mancha*; e diz que fui mencionado nela com meu próprio nome, Sancho Pança, e a senhora Dulcineia del Toboso também, com outras coisas que passamos sozinhos, que me benzi de susto: como o historiador que as escreveu pôde saber?

— Eu te garanto, Sancho — disse dom Quixote —, que deve ser algum mago necromante o autor de nossa história, que deles não se esconde nada que queiram escrever.

— Mas como era mago e necromante — disse Sancho —, se, conforme disse o bacharel Sansão Carrasco, que assim se chama o rapaz, o autor da história se chama Cide Hamete Berinjela?!

— Esse nome é de mouro — respondeu dom Quixote.

— Deve ser — respondeu Sancho —, porque sempre ouvi dizer em toda parte que os mouros são amigos das berinjelas.

— Sancho — disse dom Quixote —, tu deves ter errado o sobrenome desse Cide, que em árabe quer dizer “senhor”.

— Pode ser — replicou Sancho —, mas, se vossa mercê quiser que eu o traga aqui, vou num pé e volto noutro.

— Seria um grande prazer, meu amigo — disse dom Quixote —, porque me deixaste perplexo com o que me disseste e não vou comer um bocado que me caia bem até ser informado de tudo.

— Então já vou indo — respondeu Sancho.

E, deixando seu senhor, foi buscar o bacharel, com quem voltou dali a pouco, e os três tiveram uma conversa muito engraçada.

iii

da ridícula discussão que houve entre dom quixote, sancho pança e o bacharel sansão carrasco

Dom Quixote ficou pensativo ao extremo, aguardando o bacharel Carrasco, de quem esperava ouvir notícias de si mesmo postas no livro, como havia dito Sancho, mas não podia se convencer de que essa história existisse, pois o sangue dos inimigos que havia matado ainda não secara na lâmina de sua espada e já queriam que andassem impressos seus nobres feitos de cavalaria. Mesmo assim, imaginou que algum mago, fosse amigo ou inimigo, por artes de encantamento os teria publicado: se amigo, para engrandecê-los e dispô-los acima dos mais destacados de qualquer cavaleiro andante; se inimigo, para aniquilá-los e pô-los abaixo dos mais vis que de algum vil escudeiro se tivesse escrito, ainda que — dizia a si mesmo — nunca se tenham escrito as façanhas de escudeiros; e, se fosse verdade que a dita história existisse, sendo de cavaleiro andante, por força havia de ser grandiloquente, nobre, insigne, magnífica e verídica.

Com isso se consolou um pouco, mas se desconsolou ao pensar que seu autor era mouro, conforme se via pelo nome de Cide, e dos mouros não se podia esperar nenhuma verdade, porque todos eram embusteiros, falsários e mentirosos. Temia que houvesse tratado seus amores com alguma indecência que redundasse em menosprezo e prejuízo da castidade de sua senhora Dulcineia del Toboso; desejava que tivesse declarado sua fidelidade e o decoro que sempre havia mantido, menosprezando rainhas, imperatrizes e

donzelas de toda condição, mantendo na linha todos os impulsos do desejo. E assim, envolto e revolto nessas e em outras fantasias, acharam-no Sancho e Carrasco, a quem dom Quixote recebeu com muita cortesia.

O bacharel, apesar de se chamar Sansão, não era muito grande, mas muito ladino; era pálido, mas muito inteligente; tinha uns vinte e quatro anos, rosto redondo, de nariz chato e boca grande, todos sinais de condição maliciosa e amigo de gracejos e brincadeiras, como demonstrou ao ver dom Quixote: ajoelhou-se diante dele, dizendo:

— Dê-me vossa grandeza as mãos, senhor dom Quixote de la Mancha, pois, pelo hábito de são Pedro que visto, embora tenha recebido apenas as ordens menores, vossa mercê é um dos mais famosos cavaleiros andantes que houve ou haverá em toda a redondeza da terra. Abençoado seja Cide Hamete Benengeli por ter escrito a história de vossas grandes façanhas, e abençoado seja o diligente que teve o cuidado de fazê-las traduzir do árabe para nosso castelhano vulgar, para universal entretenimento das gentes.

Dom Quixote o fez se levantar e disse:

— Então é verdade que há uma história minha e que foi escrita por um mouro e sábio?

— Tanto é verdade, senhor — disse Sansão —, que penso que hoje há mais de doze mil livros da dita história: se não, digam-no Portugal, Barcelona e Valência, onde foram impressos, e ainda há notícias de que está sendo impresso na Antuérpia; e me parece que não haverá nação nem língua onde não será traduzido.

— Uma das coisas — disse dom Quixote nessa altura — que mais deve alegrar um homem virtuoso e eminente é ver-se, em vida, andar com bom nome na boca do povo, impresso e em estampa. Disse com bom nome, porque, sendo o contrário, nenhuma morte poderá se igualar à dele.

— Se estiver se referindo a sua fama e bom nome — disse o bacharel —, apenas vossa mercê leva a palma a todos os cavaleiros andantes, porque o mouro em sua língua e o cristão na nossa tiveram o cuidado de pintar vividamente a galhardia de vossa mercê, a bravura ao enfrentar os perigos, a paciência nas adversidades e o

sofrimento tanto nas desgraças como nos ferimentos, a honestidade e continência nos amores tão platônicos de vossa mercê e de minha senhora dona Dulcineia del Toboso.

— Nunca — disse Sancho Pança nesse ponto — ouvi chamar com “dom” a minha senhora Dulcineia, mas apenas “senhora Dulcineia del Toboso”, e a história já começa errando aqui.

— Essa objeção não tem importância — respondeu Carrasco.

— Não, com certeza — respondeu dom Quixote. — Mas me diga vossa mercê, senhor bacharel: quais das façanhas minhas são mais gabadas nessa história?

— Nisso há opiniões diferentes — respondeu o bacharel —, como há diferentes gostos: uns preferem a aventura dos moinhos de vento, que a vossa mercê pareceram Briareus e gigantes; outros, a dos maços de pisão; este, a descrição dos dois exércitos, que depois pareceram ser dois rebanhos de carneiros; aquele elogia a do morto que levavam para enterrar em Segóvia; um diz que a todas ultrapassa a da liberdade dos galeotes; outro, que nenhuma se iguala à dos dois gigantes beneditinos, com a pendência do valoroso basco.

— Diga-me, senhor bacharel — disse Sancho nessa altura —, entra aí a aventura dos galegos, quando nosso bom Rocinante pediu a lua de presente?

— O sábio não deixou nada no tinteiro — respondeu Sansão. — Tudo registra e tudo diz, até as cabriolas que o bom Sancho fez na manta.

— Eu não fiz cabriolas na manta — respondeu Sancho. — No ar, sim, e muito mais do que gostaria.

— Pelo que sei — disse dom Quixote —, não há história humana que não tenha seus altos e baixos, especialmente as que tratam de cavalaria, que nunca podem ter apenas acontecimentos favoráveis.

— Apesar disso — respondeu o bacharel —, alguns que leram a história dizem que teriam se divertido mais se os autores houvessem esquecido algumas das infinitas sovas que o senhor dom Quixote levou em diferentes confrontos.

— Aí entra a verdade da história — disse Sancho.

— Também poderiam ter se calado por equidade — disse dom Quixote —, pois não há por que descrever as ações que nem mudam nem alteram a verdade da história, se irão redundar em menosprezo pelo protagonista dela. Por Deus que Eneias não foi tão piedoso como o pinta Virgílio, nem Ulisses tão astuto como o descreve Homero.

— Sim, claro — replicou Sansão —, mas uma coisa é escrever como poeta e outra como historiador: o poeta pode contar ou cantar as coisas não como foram, mas como deveriam ser; e o historiador deve escrevê-las não como deveriam ser, mas como foram, sem acrescentar nem ocultar nada à verdade.

— Então, se esse senhor mouro anda realmente dizendo a verdade — disse Sancho —, com certeza que entre as sovas de meu senhor se achem as minhas, porque nunca tomaram as medidas das costas de vossa mercê sem que tomassem as de meu corpo todo; mas não tenho por que me admirar, pois, como disse aí meu senhor, da dor da cabeça devem participar os membros.

— Sois ladino, Sancho — respondeu dom Quixote. — Por Deus que não vos falta memória quando quereis tê-la.

— Se eu quisesse me esquecer das lambadas que me deram — disse Sancho —, não me permitiriam os vergões, que ainda estão frescos nas costelas.

— Calai, Sancho — disse dom Quixote —, e não interrompei o senhor bacharel, a quem suplico que siga adiante sobre o que dizem de mim na referida história.

— E de mim — disse Sancho —, pois também dizem que eu sou um dos principais *pressonagens* dela.

— *Personagens*, não *pressonagens*, meu amigo Sancho — disse Sansão.

— Temos mais um *corrigidor* de palavras? — disse Sancho. — Se não saírem disso, só acabaremos no dia de São Nunca.

— Que Deus me ajude, Sancho — respondeu o bacharel —, se não sois o segundo personagem da história, e há quem prefira mais vos ouvir falar que ao mais importante dela toda, apesar de haver também quem diga que andastes crédulo demais ao pensar que

podia ser verdade o governo daquela ilha oferecida pelo senhor dom Quixote, aqui presente.

— O sol ainda não se pôs — disse dom Quixote. — E, quanto mais velho for Sancho, com a experiência que os anos dão, mais capaz e mais hábil vai estar para ser governador do que está agora.

— Por Deus, senhor — disse Sansão —, a ilha que eu não governar com os anos que tenho não vou governar com os de Matusalém. O problema é que a dita ilha se demora sei lá onde, não que me falte bestunto para governá-la.

— Encomendai o caso a Deus, Sancho — disse dom Quixote —, que correrá tudo bem, talvez melhor do que pensais, pois a folha não se mexe na árvore sem a vontade de Deus.

— É verdade — disse Sansão —, pois, se Deus quiser, não faltarão a Sancho mil ilhas para governar, quanto mais uma.

— Vi governadores por aí — disse Sancho — que em minha opinião não chegam à sola de minhas botinas, mas, apesar de tudo, são chamados de “senhoria” e comem com talheres de prata.

— Esses não são governadores de ilhas — replicou Sansão —, mas de outras coisas mais corriqueiras, porque os que governam ilhas devem saber gramática pelo menos.

— A *grama* eu não recuso — disse Sancho —, mas a *tica* passo, porque não a entendo. Mas, deixando o negócio do governo nas mãos de Deus, que disponha de mim como melhor lhe dê na telha, digo, senhor bacharel Sansão Carrasco, que me deu um grande prazer que o autor da história tenha falado de mim de maneira que não amolem as coisas que conta, pois, palavra de bom escudeiro, se houvesse dito de mim coisas que não fossem muito católicas, como sou eu, até os surdos iriam me ouvir.

— Isso seria um milagre — respondeu Sansão.

— Milagre ou não — disse Sancho —, que cada um olhe como fala dos *pressonagens*, ou como escreve, e não bote de qualquer jeito a primeira coisa que lhe passar pela cachola.

— Um dos defeitos que se atribui ao dito livro — disse o bacharel — é que o autor incluiu nela uma história intitulada *O curioso impertinente*, não por ser ruim ou mal contada, mas por estar fora de

lugar, nem ter nada a ver com a história de sua mercê o senhor dom Quixote.

— Aposto — replicou Sancho — que o filho de uma cadela misturou alhos com bugalhos.

— Então tenho de dizer — disse dom Quixote — que o autor de minha história não foi um sábio, mas algum camponês ignorante, que às cegas e sem nenhum critério se pôs a escrevê-la, saia o que sair, como fazia Orbaneja, o pintor de Úbeda, que respondeu quando lhe perguntaram o que pintava: "O que sair". Uma vez pintava um galo tão mal e tão irreconhecível que foi preciso escrever em letras minúsculas embaixo dele: "Este é um galo". E assim deve ser minha história, que para ser entendida vai precisar de comentários.

— Isso não — respondeu Sansão —, porque a clareza dela é tanta que não há coisa que não se entenda: as crianças a manuseiam, os moços a leem, os homens a entendem e os velhos a celebram, enfim, é tão folheada e tão lida e tão conhecida por todo tipo de gente que, mal se vê um pangaré magro, se diz: "Ali vai Rocinante". E os que mais se entregaram a sua leitura foram os pajens: não há antecâmara de senhor onde não se ache um *Dom Quixote*, uns o pedem, outros o pegam se deixarem e há quem se atire sobre ele. Em suma, a dita história é do mais saboroso e menos prejudicial entretenimento que se viu até agora, porque em toda ela não se percebe nem sombra de uma palavra desonesta nem um pensamento menos que católico.

— Escrever de outro modo não seria escrever verdades, mas mentiras — disse dom Quixote —, e os historiadores que se valem de mentiras deviam ser queimados como os que fazem moedas falsas. Não sei o que levou o autor a usar histórias e contos alheios, havendo tanto que escrever sobre mim. Sem dúvida se ateve ao refrão: "Tudo que cai na rede é peixe". Mas a verdade é que apenas anotando meus pensamentos, meus suspiros, minhas lágrimas, minhas boas intenções e minhas façanhas poderia fazer um volume maior ou tão grande como pode ser todas as obras do Tostado.[1] Enfim, senhor bacharel, penso que para compor histórias e livros, de qualquer tipo que sejam, é necessário muito bom senso e um

discernimento maduro. Escrever com graça e espírito é para grandes engenhos: a mais sábia figura da comédia é a do bobo, porque não pode ser bobo aquele que quer passar por bobo. Uma história, por assim dizer, é coisa sagrada, porque deve ser verdadeira, e onde está a verdade, está Deus, que é a verdade. Mas, apesar disso, há alguns que escrevem e despacham livros como se fossem bolinhos fritos.

— Não há livro tão ruim — disse o bacharel — que não tenha alguma coisa boa.

— Sem dúvida — replicou dom Quixote —, mas muitas vezes acontece que aqueles que tinham alcançado merecidamente grande fama por seus escritos, ao publicarem-nos perderam-na toda ou a prejudicaram um bocado.

— A causa disso é que, como as obras impressas são olhadas com calma — disse Sansão —, facilmente se veem seus defeitos, e tanto mais são esquadrinhadas quanto maior é a fama daquele que a escreveu. Os homens famosos por seus gênios, os grandes poetas, os ilustres historiadores, sempre ou na maioria das vezes, são invejados por aqueles que têm por gosto e particular diversão julgar os escritos alheios sem ter dado alguns próprios à luz do mundo.

— Não é de admirar — disse dom Quixote —, porque há muitos teólogos que não são bons para o púlpito, mas são ótimos para achar as faltas ou sobras dos que pregam.

— Isso tudo é assim mesmo, senhor dom Quixote — disse Carrasco —, mas eu gostaria que esses críticos fossem mais misericordiosos e menos escrupulosos, sem se aferrar às bagatelas do sol brilhante da obra de que murmuram, pois, se *aliquando bonus dormitat Homerus*,[2] considerem o quanto esteve desperto para dar a luz de sua obra com o menos possível de sombra, e bem poderia ser que o que a eles parece mal fossem pintas, que às vezes aumentam a formosura dos rostos que as têm; então digo que aquele que publica um livro corre um risco muito grande, já que é perfeitamente impossível escrevê-lo de modo que satisfaça e contente a todos os que o lerem.

— O que trata de mim deve ter agradado a poucos — disse dom Quixote.

— Muito pelo contrário, pois, como de *stultorum infinitus est numerus*,[3] são infinitos os que gostaram da dita história; e alguns acusaram o autor de má memória, pois se esquece de contar quem foi o ladrão que levou o burro de Sancho, pois ali não o declara, e só se deduz pelo texto que o furtaram, e dali a pouco vemos Sancho a cavalo no mesmo jumento, sem que tivesse aparecido. Também dizem que se esqueceu de dizer o que Sancho fez com aqueles cem escudos que achou numa maleta na Serra Morena, que nunca mais são mencionados, e há muita gente que deseja saber o que fez com eles, ou no que os gastou, que é um dos pontos essenciais que faltam na obra.

Sancho respondeu:

— Agora, senhor Sansão, não estou para prestar contas de meus contos, pois estou embrulhado do estômago, que, se não o reparar com dois tragos de vinho velho, vou ficar com a barriga lá no espinhaço; eu o tenho em casa e minha patroa me espera; logo que acabar de comer, voltarei e responderei a vossa mercê e a todo mundo o que quiserem perguntar, tanto sobre a perda do jumento como o gasto dos cem escudos.

E, sem esperar resposta nem dizer outra palavra, se foi para sua casa.

Dom Quixote insistiu com o bacharel para que fizesse o sacrifício de almoçar com ele. O bacharel correu o risco, ficou, acrescentou-se à comida de sempre um par de pombinhos, falou-se na mesa de cavalaria andante, Carrasco seguiu os caprichos do fidalgo, acabou-se o banquete, dormiram a sesta, Sancho voltou e se recomeçou a conversa passada.

iv

onde sancho pança responde ao bacharel sansão carrasco suas dúvidas e perguntas, com outros acontecimentos dignos de se saber e se contar

Sancho voltou à casa de dom Quixote e, retomando a conversa anterior, disse:

— Como o senhor Sansão disse que desejava saber quem me furtou o jumento, ou como ou quando, digo que na mesma noite em que entramos na Serra Morena fugindo da Santa Irmandade, depois da aventura sem ventura dos galeotes e daquela do defunto que levavam para Segóvia, meu senhor e eu nos metemos numa mata cerrada, onde meu senhor escorado a sua lança e eu sobre meu burro, moídos e cansados das refregas passadas, começamos a dormir como se fosse sobre quatro colchões de penas. Eu, especialmente, dormi um sono tão pesado que quem quer que tenha sido o ladrão pôde chegar e me suspender sobre quatro estacas que pôs aos quatro lados da albarda, de modo que me deixou a cavalo nela e tirou de baixo de mim o burro sem que eu percebesse.

— Essas coisas acontecem, nem são novas, pois aconteceu a Sacripante. Com esse mesmo ardil, aquele famoso ladrão chamado Brunelo tirou o cavalo de entre as pernas dele, quando estava no cerco de Albraca.[1]

— Amanheceu — prosseguiu Sancho — e, mal me mexi, quando, falhando as estacas, fui parar no chão num grande tombo; procurei pelo jumento e não o vi; meus olhos se encheram de lágrimas e me

lamentei tanto que, se o autor não pôs a coisa em nossa história, pode ter certeza de que deixou o melhor de fora. Ao fim de não sei quantos dias, vindo com a senhora princesa Micomicona, reconheci meu burro, e que Ginés de Pasamonte vinha nele, com roupa de cigano. Sim, aquele embusteiro e bandido que meu senhor e eu livramos das correntes.

— O erro não está nisso — replicou Sansão —, mas em que antes de ter aparecido o jumento o autor diz que Sancho ia montado no dito-cujo.

— A isso não sei responder — disse Sancho —, exceto que o historiador se enganou, ou que talvez tenha sido descuido do impressor.

— Sem dúvida, deve ser isso — disse Sansão —, mas o que aconteceu com os cem escudos? Evaporaram?

Sancho respondeu:

— Eu os gastei no bem-estar de minha pessoa, de minha mulher e de meus filhos. Foi por causa deles que minha mulher engoliu minhas andanças e correrias a serviço de meu senhor dom Quixote, pois se, ao fim de tanto tempo, voltasse sem prata e sem jumento para casa, a sorte mais negra me esperava. E, se há alguma outra coisa para se saber de mim, aqui estou, que responderei ao próprio rei em pessoa, e ninguém tem nada com isso, se trouxe ou não trouxe, se gastei ou não gastei: se as cacetadas que me deram nessas viagens fossem pagas em dinheiro, mesmo que se calculasse cada uma a quatro maravedis apenas, com outros cem escudos não dava para me pagar a metade; e que cada um ponha a mão no coração e não julgue o branco por preto e o preto por branco, que cada um é como Deus o fez, e muitas vezes bem pior.

— Eu terei o cuidado de lembrar o autor da história — disse Carrasco —, caso ela for impressa outra vez, de não esquecer isto que o bom Sancho disse, pois assim vai melhorar o que já era bom.

— Há mais alguma coisa para se emendar nessa crônica, senhor bacharel? — perguntou dom Quixote.

— Sim, deve haver — respondeu ele —, mas nenhuma deve ter a importância das já referidas.

— E por acaso — disse dom Quixote — o autor promete a segunda parte?

— Promete sim — respondeu Sansão —, mas disse que não a encontrou nem sabe quem a tem, de modo que estamos em dúvida se sairá ou não. Por isso, e porque alguns dizem "As segundas partes nunca foram boas" e outros "Das coisas de dom Quixote bastam as escritas", não se sabe se haverá segunda parte; mas tem gente, mais alegre que soturna, que diz: "Que venham mais quixotadas, ataque dom Quixote e fale Sancho Pança! Seja lá o que for, vem bem!".

— E que partido toma o autor?

— Ele diz que, quando encontrar a história — respondeu Sansão —, que procura com extraordinárias diligências, irá publicá-la em seguida, levado mais pelo lucro que terá com isso do que pelos elogios que pode ganhar.

A isso, Sancho disse:

— Então o autor mira o lucro? Será um milagre que dê certo, porque só vai se esfalfar, se esfalfar, como alfaiate em véspera de festa, e já se sabe que a pressa é inimiga da perfeição. Veja bem o que faz esse senhor mouro, ou seja lá o que for, porque eu e meu amo lhe daremos facilmente tanto assunto em matéria de aventuras e de coisas diferentes que poderá escrever não só a segunda parte, mas mais cem. O bom homem deve pensar, sem dúvida, que ficamos aqui dormindo nas palhas; pois segure o pé ao botar a ferradura e verá se coxeamos. O que posso garantir é que, se meu senhor ouvisse meus conselhos, já estaríamos nessas campanhas, desfazendo agravos e reparando ofensas, como é uso e costume dos bons cavaleiros andantes.

Nem bem Sancho havia acabado de dizer essas palavras, chegaram a seus ouvidos relinchos de Rocinante, relinchos que dom Quixote tomou por felicíssimo presságio, e resolveu fazer nova saída dali a três ou quatro dias. Declarando sua intenção ao bacharel, pediu conselho sobre por onde devia começar a jornada; ele respondeu que era de opinião que fosse ao reino de Aragão e à cidade de Zaragoza, onde logo se fariam umas muito solenes justas por causa da festa de São Jorge,[2] nas quais poderia ganhar fama

sobre todos os cavaleiros aragoneses, o que seria o mesmo que ganhar sobre todos os cavaleiros do mundo. Gabou-lhe sua decisão como honradíssima e valentíssima e advertiu-o de que fosse mais prudente ao enfrentar os perigos, porque sua vida não lhe pertencia, mas sim a todos aqueles que necessitavam de amparo e socorro em suas desventuras.

— É isso que não engulo, senhor Sansão — disse Sancho nesse ponto. — Meu senhor ataca cem homens armados como um rapaz comilão ataca meia dúzia de melões chochos. Santo Cristo, senhor bacharel! Sim, há um tempo de atacar e um tempo de bater em retirada; sim, nem tudo pode ser no vai ou racha. Além disso, ouvi dizer, acho que por meu próprio amo, se não me lembro mal, que entre os extremos do covarde e do temerário está o ideal da valentia. Se isto é assim, não quero que fuja sem motivo, nem que ataque quando a situação pede outra coisa. Mas antes de mais nada aviso meu senhor que, se vai me levar consigo, deve ser com a condição de que quem combate é ele e que eu não estou obrigado a outra coisa além de olhar por sua pessoa no que toca a sua limpeza e conforto, que nisto vou mimá-lo como ninguém, porque pensar que vou empunhar a espada, ainda que seja contra uns camponeses desgraçados de capuz e machadinha, é pensar que a lua é o sol. Eu, senhor Sansão, não penso em granjear fama de valente, mas do melhor e mais leal escudeiro que jamais serviu cavaleiro andante. E, se meu senhor dom Quixote, obrigado por meus muitos e bons serviços, quiser me dar alguma ilha das muitas que sua mercê diz que vamos topar por aí, ficarei muito grato; se não me der, bem, cada um com sua cruz, que um homem não deve viver sob a asa de outro, mas de Deus. Mas tem mais, pois tão bem ou talvez melhor ainda me descerá o pão desgovernado que sendo governador, sem falar que eu não sei se nesses governos o diabo não me preparou uma rasteira para me derrubar e me quebrar a cara. Sancho nasci e Sancho penso morrer, mas se apesar de tudo as coisas correrem bem, sem muita preocupação e sem muito risco, se o céu me deparar alguma ilha, ou outra coisa parecida, não sou tão burro que a despreze, pois também se diz “quando te derem a

vaquinha, corre com a cordinha” e “quando a sorte vem, agarre-a bem”.

— Sancho, meu irmão, falastes como um catedrático — disse Carrasco —, mas confiai em Deus e no senhor dom Quixote, que há de vos dar um reino, não apenas uma ilha.

— Demais é tão mau quanto de menos — respondeu Sancho —, embora eu garanta ao senhor Carrasco que meu amo não enfiaria o reino que me desse num saco furado, pois tomei meu pulso e sei que me acho com saúde para administrar reinos e governar ilhas, o que já disse outras vezes a meu senhor.

— Tenhais cuidado, Sancho — disse Sansão —, que os ofícios mudam os costumes. Poderia acontecer que vós, vendo-se governador, não reconhecêsseis nem a mãe que vos pariu.

— Isso — respondeu Sancho — pode ser verdade com os filhos das macegas, não com um cristão-velho dos quatro costados, como eu. Não, olhai bem minha condição, que vereis se sou mal-agradecido.

— Queira Deus — disse dom Quixote —, e logo veremos quando o governo vier, pois até parece que o tenho diante dos olhos.

Dito isto, rogou ao bacharel que, se fosse poeta, fizesse a mercê de compor uns versos para ele que tratassem da despedida que pensava fazer a sua senhora Dulcineia del Toboso, mas que reparasse que no princípio de cada verso devia pôr uma das letras de seu nome, de modo que no fim do poema, juntando as primeiras letras dos versos se lesse: “Dulcineia del Toboso”. O bacharel respondeu que, embora ele não estivesse entre os poetas famosos da Espanha, que, pelo que se dizia, eram apenas três e meio, não deixaria de compor o tal acróstico, mesmo que achasse uma grande dificuldade em sua composição, porque eram dezoito as letras que o nome continha e, se fizesse quatro quadras, sobrariam duas letras, e se fizesse quatro redondilhas com cinco versos, faltariam duas letras; mas, mesmo assim, procuraria embutir duas letras da melhor forma possível, de maneira que nas quatro quadras se incluíssem o nome de Dulcineia del Toboso.

— Em todo caso, tem de ser assim — disse dom Quixote —, porque, se o nome não estiver ali claro e evidente, não há mulher

que acredite que o acróstico foi feito para ela.

Assim ficou combinado e também que a partida seria dali a oito dias. Dom Quixote pediu ao bacharel que a mantivesse secreta, especialmente do padre e de mestre Nicolás, de sua sobrinha e da criada, para que não atrapalhassem sua honrada e corajosa decisão. Carrasco concordou com tudo e então se despediu, solicitando que dom Quixote o avisasse de tudo o que lhe acontecesse de bom ou de ruim, se tivesse oportunidade. Em seguida Sancho foi botar em ordem o necessário para sua viagem.

V

da sábia e divertida conversa que aconteceu entre sancho pança e sua mulher, teresa pança, e outros fatos dignos de feliz lembrança

Chegando ao quinto capítulo desta história, o tradutor diz que o considera apócrifo, porque nele Sancho Pança fala com um estilo bem diferente do que podia se esperar de seu espírito tacanho e diz coisas tão sutis que não considera possível que ele as soubesse, mas que não quis deixar de traduzi-lo por dever de ofício. Então prosseguiu como se segue.

Sancho chegou em casa tão contente que sua mulher viu sua alegria a tiro de balestra; tanto que ela se viu obrigada a lhe perguntar:

— O que houve, meu amigo Sancho, para virdes tão alegre?

Ao que ele respondeu:

— Minha velha, se Deus quisesse, eu estaria feliz de não estar tão contente como demonstro.

— Não vos entendo, marido — replicou ela. — Não sei o que quereis dizer com isso, pois, embora boba, não sei quem fica contente por não estar contente.

— Olha, Teresa — respondeu Sancho —, estou alegre porque decidi voltar a servir meu amo dom Quixote, que quer sair pela terceira vez em busca de aventuras. Eu vou sair com ele de novo porque assim o quer minha necessidade, junto com a esperança que me alegra de pensar se poderei achar outros cem escudos como os que já gastamos, mas me entristece ter de me separar de ti

e de meus filhos. Se Deus quisesse me dar de comer sem que eu precisasse mexer uma palha e em minha casa, sem me levar por veredas e encruzilhadas, pois podia fazer com pouco custo e nada mais que querendo, é claro que minha alegria seria mais firme e mais viva, pois a que tenho vem misturada com a tristeza de te deixar. Por isso disse que, se Deus quisesse, eu estaria feliz de não estar contente.

— Reparai, Sancho — replicou Teresa —, depois que vos tornastes perna ou braço de cavaleiro andante, falais de modo tão enrolado que não há quem vos entenda.

— Basta que Deus me entenda, mulher — respondeu Sancho —, pois Ele é o entendedor de todas as coisas, e vamos ficar por aqui. E reparai, irmã, que é bom cuidar bem do burro nesses três dias, de modo que esteja pronto para pegar em armas: dobrai a ração dele, examinai a albarda e demais apetrechos, porque não vamos a uma festa e sim correr mundo, entrar em toma lá dá cá com gigantes, com ogros e dragões, e ouvir silvos, rugidos, brados e uivos. Mas isso tudo seriam flores se não tivéssemos de nos entender com galegos e com mouros encantados.

— Bem sei, marido — replicou Teresa —, que os escudeiros não comem o pão de mão beijada, então ficarei rogando a Nosso Senhor que vos livre logo de tantos perigos.

— Eu vos digo, mulher — respondeu Sancho —, que, se não pensasse em me ver governador de uma ilha em pouco tempo, cairia morto aqui.

— Isso não, meu querido — disse Teresa. — Viva o sabujo, mesmo sem faro: vivei vós e que o diabo carregue todos os governos do mundo. Sem governo saístes do ventre de vossa mãe, sem governo vivestes até agora e sem governo ireis, ou vos levarão, à sepultura quando Deus assim desejar. Há muitos que vivem sem governo e nem por isso deixam de viver e de ser contados entre as pessoas. O melhor tempero do mundo é a fome; e, como ela não falta aos pobres, eles sempre comem com prazer. Mas olhai, Sancho, se por acaso vos verdes com algum governo, não vos esqueceis de mim e de vossos filhos. Lembrai que Sanchinho já tem quinze anos feitos e precisa ir à escola, se é que seu tio o padre vai

fazê-lo entrar na Igreja. Olhai também que Mari Sancha, vossa filha, não morrerá se a casarmos, pois ando desconfiada de que deseja tanto ter marido como vós desejais ser governador. E depois, no fim das contas, é melhor uma filha malcasada que bem amigada.

— Juro que, se Deus me der um tiquinho de governo — respondeu Sancho —, devo casar Mari Sancha tão nobremente que não a chamarão menos que “senhoria”.

— Isso não, Sancho — respondeu Teresa. — Casai-a com um igual, que é o mais acertado, pois, se a tirardes dos tamancos para sapatos finos e da saia parda de burel para sedas e veludos, de “Maricota” e de “tu” para “dona fulana” e “senhoria”, a menina não vai se acostumar e vai cometer mil erros a cada passo, mostrando o que há por baixo do verniz.

— Calada, boba — disse Sancho. — Basta uns dois ou três anos de prática e os modos nobres e graves virão como sob medida. Se não, que importa? Seja ela senhoria e aconteça o que acontecer.

— Contentai-vos, Sancho, com vossa condição — respondeu Teresa —, não queirais vos meter entre os grandes e lembrai-vos do ditado: “Cada ovelha com sua parelha”. Claro que seria bonito casar nossa Maria com um condezão ou um cavalheirote que a insultasse, quando lhe desse na veneta, chamando-a de camponesa, filha do grosso e da pé-rapada! Só por cima de meu cadáver, marido! Com certeza não criei minha filha para isso! Trazei dinheiro, Sancho, e deixai comigo esse negócio de casá-la, que aí está Lope Tosco, o filho do João Tosco, moço gordo e saudável, que conhecemos, e sei que não olha com maus olhos a moça. Com esse, que é nosso igual, estará bem casada, e a teremos sempre sob nossos olhos, e seremos todos um só, pais e filhos, netos e genros, e andará entre nós a paz e a bênção de Deus. Não, nada de casá-la agora nessas cortes e nesses palácios grandes, onde não a entendam nem ela se entenda.

— Vem cá, sua besta, mulher de Barrabás — replicou Sancho —, por que queres agora, sem mais nem menos, dificultar que eu case minha filha com quem me dê netos que se chamem “senhoria”? Olha, Teresa, sempre vi meus avós dizerem que quem não sabe aproveitar a sorte quando ela aparece não deve se queixar quando

ela passa; e não seria direito virar as costas para ela agora que está batendo em nossa porta: vamos nos deixar levar por esse vento favorável que nos sopra.

Por esse jeito de falar e pelo que Sancho diz mais abaixo, o tradutor desta história considerava este capítulo apócrifo.

— Não te parece bom, sua burra — prosseguiu Sancho —, eu dar com os costados em algum governo proveitoso que nos leve a tirar o pé do barro? Se Mari Sancha casar com quem eu quiser, verás como te chamarão de “dona Teresa Pança” e na igreja te sentarás em tapetinhos de seda, almofadas e colchas, a despeito das fidalgas do povoado. Mas não, queres ser sempre a mesma, sem crescer nem diminuir, como figura de tapeçaria! E não falemos mais disso, que Sanchinha vai ser condessa, por mais que tu me amoles.

— Vede o que dizeis, meu velho? — respondeu Teresa. — Pois, apesar de tudo, temo que este condado de minha filha vai ser a perdição dela. Fazei o que quiserdes de Mari, duquesa ou princesa, mas vos garanto que isso será contra minha vontade e sem meu consentimento. Sempre, meu irmão, fui amiga de meus iguais, e não posso ver presunções sem fundamento. Fui batizada como “Teresa”, nome curto e grosso, sem acréscimos nem babados, nem enfeites de “dons” e “donas”; “Cascalho” se chamou meu pai; e a mim, por ser vossa mulher, chamam “Teresa Pança”, mesmo que devessem me chamar “Teresa Cascalho”, mas lá vão os reis onde querem as leis, e com esse nome me contento, sem que me ponham um “dom” em cima que pese tanto que não possa carregar, e não quero dar o que falar aos que me virem andar vestida à moda de condessas ou de governadoras, que logo dirão: “Vede como vai emproada a bruaca! Ontem não se fartava de fiar estopa e ia à missa com a cabeça coberta com a barra da saia, em vez de mantilha, e hoje vai de vestido rodado, com broches e toda metida, como se não soubéssemos quem é”. Se Deus me guardar meus sete, ou meus cinco sentidos,[1] ou seja lá quantos eu tenha, não penso dar oportunidade de me ver nesse aperto. Vós, meu irmão, ide ser governo ou ilhado, e emproai-vos à vontade, que nem minha filha nem eu, pela salvação eterna de minha mãe, arredaremos um passo de nossa aldeia: para mulher honrada e a perna quebrada:

casa; para donzela honesta o trabalho é sua festa. Ide com vosso dom Quixote a vossas aventuras e deixai-nos com nossas más venturas, que Deus nos ajudará se formos boas. E eu com certeza não sei quem o chamou de “dom”, pois assim não se chamaram seus pais nem seus avós.

— Agora sei — replicou Sancho — que tens o diabo no corpo. Por Deus, mulher, que enfiada de asneiras sem pé nem cabeça! O que é que têm a ver o cascalho, os broches, os ditados e se emproar com o que eu digo? Vem cá, sua mentecapta ignorante, pois assim posso te chamar, porque não entendeste minhas palavras e vais fugindo da sorte: se eu dissesse para minha filha se atirar do alto de uma torre, ou se fosse por esses mundos como quis ir a infanta dona Urraca,[2] terias razão de não concordar comigo. Mas se em duas palavras e num piscar de olhos pespego em tuas costas um “dom” e uma “senhoria” e te tiro da lavoura e te ponho sob um dossel e num pedestal e num estrado com mais almofadas de veludo que tiveram os mouros da linhagem dos Almofades do Marrocos, por que tu não haverias de consentir e querer o que eu quero?

— Sabeis por quê, meu velho? — respondeu Teresa. — Por causa do ditado que diz: “A desgraça do pobre é imitar o rico”. Todos passam os olhos por alto pelos pobres, mas param nos ricos, de modo que, se o dito rico foi pobre alguma vez, ali começam os mexericos e as maledicências, e o pior é que os mexeriqueiros são teimosos, e há mexeriqueiros aos montes nessas ruas, como enxames de abelhas.

— Olha, Teresa — respondeu Sancho —, e escuta bem, porque talvez não tenhas ouvido em todos os dias de tua vida o que vou te dizer agora, mas não penses que tirei de minha própria cabeça, pois tudo o que penso falar são sentenças do padre que apareceu aqui no povoado para pregar na última quaresma; ele, se bem me lembro, disse que todas as coisas que nossos olhos estão olhando se apresentam a nossa mente muito melhor e com muito mais clareza que as coisas passadas.

Todas essas observações que Sancho faz aqui são a segunda razão que levou o tradutor a considerar este capítulo apócrifo, pois

excedem a capacidade do escudeiro, que prosseguiu, dizendo:

— Por que, quando vemos alguma pessoa nos trinques, usando lindas roupas e com pompa de criados, parece que uma força nos move e nos leva a ter respeito, embora a memória naquele instante nos apresente alguma baixeza em que vimos essa pessoa? Como a ignomínia, seja de pobreza ou de linhagem, agora é passado, não existe mais, e a pessoa só é o que vemos no presente. E se essa pessoa, a quem a sorte tirou do barro original de sua pobreza (com essas mesmas palavras o padre disse) e elevou à nobreza de sua prosperidade, for bem-educada, generosa e polida com todos, e não se meter a discutir com aqueles que são nobres por antiguidade, podes crer, Teresa, não haverá quem se lembre do que foi, pelo contrário, irão reverenciar o que é agora, menos os invejosos, de quem nenhuma boa sorte está segura.

— Eu não vos entendo, meu velho — replicou Teresa. — Fazei o que quiserdes e não me quebreis mais a cabeça com vossas arengas e oratórias. E se estais revolvido em fazer o que dizeis…

— Deves dizer *resolvido*, mulher — disse Sancho —, não *revolvido*…

— Basta de discutir comigo, meu velho — respondeu Teresa. — Eu falo como Deus permite e não arroto tainha se comi sardinha. E digo que, se estais teimando em ser governador, então levai junto vosso filho Sancho, para que desde já o ensineis a ter governo, pois é bom que os filhos herdem e aprendam os ofícios de seus pais.

— Logo que for governador — disse Sancho —, mandarei buscá-lo às pressas e te enviarei dinheiro, que não me faltará, pois nunca falta quem empreste aos governadores quando não o têm. Então, veste-o de modo que dissimule o que é e pareça o que há de ser.

— Enviai o dinheiro — disse Teresa —, que eu o mandarei endomingado.

— Então estamos de acordo — disse Sancho — em que nossa filha deve ser condessa.

— No dia em que eu a vir condessa — respondeu Teresa —, farei de conta que a enterro. Mas outra vez vos digo que façais o que tiverdes vontade, que nós mulheres nascemos com essa cruz, ser obedientes a seus maridos, mesmo que sejam uns parvos.

E então começou a chorar para valer, como se já visse Sanchinha morta e enterrada. Sancho a consolou dizendo que, já que tinha de fazer a filha condessa, faria tudo o mais tarde possível. Assim acabou a conversa, e Sancho voltou para ver dom Quixote e tomar as providências para a partida.

VI

do que aconteceu a dom quixote com sua sobrinha e sua criada — um dos capítulos mais importantes de toda a história

Enquanto Sancho Pança e sua mulher Teresa Cascalho estavam naquela conversa descabida de que falamos, não andavam ociosas a sobrinha e a criada de dom Quixote, que por mil sinais iam concluindo que seu tio e senhor queria se escapar pela terceira vez e voltar ao exercício da sua, para elas, mal andante cavalaria: procuravam por todos os meios possíveis afastá-lo desse péssimo pensamento, mas era pregar no deserto e malhar em ferro frio. Apesar disso, entre muitos argumentos que lhe apresentaram, a criada disse:

— Na verdade, meu senhor, se vossa mercê não assentar a cabeça e ficar quieto em casa e deixar de andar pelas montanhas e vales como alma penada, buscando isso que chamam de aventuras, a que eu chamo de desgraças, tenho de me queixar aos gritos a Deus e ao rei, para que deem um jeito nisso.

Ao que dom Quixote respondeu:

— O que Deus responderá a tuas queixas eu não sei, nem também o que responderá Sua Majestade; sei apenas que eu, se fosse rei, me recusaria a responder a essa infinidade de petições impertinentes que lhe entregam todo dia, pois um dos maiores trabalhos que os reis têm, entre muitos outros, é estar obrigados a ouvir a todos e responder a todos. Por isso não gostaria de incomodá-lo com minhas coisas.

— Diga-nos, senhor — disse a criada —, não há cavaleiros na corte de Sua Majestade?

— Sim — respondeu dom Quixote —, e muitos, e há motivo para isso: adorno da grandeza dos príncipes e ostentação da majestade real.

— Então, vossa mercê não poderia ser — replicou ela — um dos que sem mexer uma palha servem a seu rei e senhor ficando na corte?

— Olha, minha amiga — respondeu dom Quixote —, nem todos os cavaleiros podem ser cortesãos, nem todos os cortesãos podem nem devem ser cavaleiros andantes: deve haver de tudo no mundo, e, embora todos sejamos cavaleiros, vai grande diferença entre uns e outros, porque os cortesãos, sem sair de seus aposentos nem dos umbrais da corte, passeiam por todo o mundo olhando um mapa, sem que lhes custe uma moeda e sem padecer calor nem frio, fome e sede. Mas nós, os cavaleiros andantes verdadeiros, ao sol, ao frio, ao vento, às intempéries do céu, de noite e de dia, a pé e a cavalo, medimos toda a terra com nossos próprios passos e não conhecemos os inimigos apenas em figura, mas em carne e osso, e em todo aperto e em toda ocasião nós os atacamos sem reparar em ninharias, nem nas leis dos desafios: se leva ou não leva mais curta a lança ou a espada, se traz sobre si relíquias ou prepara alguma trapaça, se vão se posicionar sem o sol nos olhos ou não, com outras cerimônias desse tipo que se usam nos desafios particulares de pessoa a pessoa, que tu não conheces e eu sim.

“E deves saber mais: o bom cavaleiro andante, mesmo que veja dez gigantes que não só tocam as nuvens com a cabeça, mas as ultrapassam, e que a cada um servem de pernas duas enormes torres, e que os braços parecem mastros grossos de poderosos navios, e cada olho é como uma grande roda de moinho e ardendo mais que um forno de vidro, não vai se espantar de maneira nenhuma, ao contrário, com porte galante e com coração intrépido vai atacá-los e, se for possível, vencê-los e desbaratá-los num instante, mesmo que venham com armaduras de conchas de certas criaturas marinhas que, dizem, são mais duras que se fossem de diamante, e em vez de espadas trouxessem facões afiados de aço

de Damasco, ou correntes com bolas também de aço cheias de pontas, como eu vi mais de duas vezes. Disse tudo isso, minha cara, para que vejas a diferença que há entre uns e outros cavaleiros; e por isso não seria justo que houvesse príncipes que não preferissem mais a segunda ou, digamos melhor, a primeira espécie de cavaleiros andantes, pois, conforme lemos em suas histórias, houve alguns entre eles que foram a salvação não apenas de um reino, mas de muitos.”

— Ah, meu senhor! — disse a sobrinha nessa altura. — Repare vossa mercê que tudo isso que diz dos cavaleiros andantes não passa de fábula e invencionice, e as histórias deles, já que não são queimadas, deviam vir com um sambenito ou algum outro sinal para que fossem conhecidas como infames e destruidoras dos bons costumes.

— Pelo Deus que me protege — disse dom Quixote —, se não fosses minha sobrinha em linha direta, filha de minha própria irmã, eu havia de te infligir tal castigo pela blasfêmia que disseste que ecoaria por todo o mundo. Como é possível que uma mocinha que mal sabe lidar com doze bilros na hora de fazer renda se atreva a botar a boca nas histórias dos cavaleiros andantes e censurá-las? O que diria o senhor Amadis se ouvisse isso? Com certeza ele te perdoaria, porque foi o mais humilde e cortês cavaleiro de seu tempo, além de grande defensor das donzelas. Mas poderia ter te ouvido outro que não aceitasse bem isso, pois nem todos são corteses nem muito comedidos: alguns são desordeiros e arrogantes; nem todos os que se chamam cavaleiros o são inteiramente, pois uns são de ouro, outros de ouro de alquimia, e todos parecem cavaleiros, mas nem todos podem superar a prova da verdade. Há homens baixos que se arrebentam para parecer cavaleiros, e cavaleiros nobres que de propósito se matam para parecer homens baixos: aqueles se erguem ou com a ambição ou com a virtude, estes se rebaixam ou com a fraqueza ou o vício; devemos usar nosso melhor discernimento para distinguir estas duas categorias de cavaleiros, tão semelhantes nos nomes e tão distantes nas ações.

— Valha-me Deus! — disse a sobrinha. — Vossa mercê sabe tanto, senhor meu tio, que poderia subir num púlpito ou ir pregar pelas ruas se fosse preciso, numa hora de aperto. Mas mesmo assim deu numa cegueira tão grande e num desvario tão óbvio que pensa que é valente, sendo velho; que tem forças, estando doente; que endireita erros, estando curvado pela idade, e sobretudo que é cavaleiro sem o ser, porque embora os fidalgos ricos o possam ser, os pobres…

— Tens toda razão no que dizes, minha sobrinha — respondeu dom Quixote. — Quanto às famílias nobres, eu poderia te dizer coisas que te espantariam, mas, para não misturar o divino com o humano, me calo. Olhai, minhas amigas, e prestai atenção: podem se reduzir a quatro espécies de linhagens todas as que existem no mundo, que são estas: umas, que tiveram princípio humilde e foram se desenvolvendo e crescendo até chegar a uma nobreza extrema; outras começaram nobres e foram conservando e conservam e mantêm a nobreza do início; outras, mesmo tendo começado nobres, acabaram em ponta como uma pirâmide, tendo diminuído e aniquilado a nobreza do princípio até ficar sem nada, como é a ponta da pirâmide, que em relação a sua base não é coisa nenhuma; há outras, e essas são a maioria, que nem tiveram um começo bom nem razoável nem médio, e assim terão o fim, sem nome, como a linhagem das pessoas plebeias e comuns. Das primeiras, que tiveram princípio humilde e galgaram à nobreza que agora conservam, te sirva de exemplo a casa otomana, que de um humilde e baixo pastor que lhe deu início está no topo em que a vemos. Da segunda linhagem, a que teve início na nobreza e a conserva sem modificá-la, servem de exemplo muitos príncipes que por herança o são e permanecem nela, sem aumentá-la nem diminuí-la, contentando-se pacificamente com os limites de sua condição. Das que começaram nobres e acabaram sem nada há milhares de exemplos, porque todos os faraós e Ptolomeus do Egito, os Césares de Roma, com todo o bando (se se pode falar assim) infinito de príncipes, monarcas, senhores, medos, assírios, persas, gregos e bárbaros, todas essas linhagens e senhorias acabaram em nada, tanto eles como os que lhes deram origem, pois

não será possível achar agora nenhum de seus descendentes, e se achássemos seria numa condição baixa e humilde. Da linhagem plebeia não tenho o que dizer exceto que serve apenas para aumentar o número dos que vivem, sem que a nobreza deles mereça outra reputação nem outros elogios.

"De tudo o que disse, minhas caras tolas, quero que percebais como é grande a confusão que há entre as linhagens, e que só parecem grandes e ilustres aquelas que o demonstram na virtude, na riqueza e na generosidade de seus membros. Disse virtude, riqueza e generosidade, porque o nobre que for vicioso será nobre vicioso, e o rico sem generosidade será um mendigo avarento, pois quem possui as riquezas não é feliz por tê-las, mas por gastá-las, e não gastá-las de qualquer jeito, mas empregando-as bem. Ao cavaleiro pobre não resta outro caminho para mostrar que é cavaleiro exceto o da virtude, sendo afável, educado, cortês, comedido e diligente, não soberbo, nem arrogante, nem bisbilhoteiro, mas sobretudo deve ser caritativo, porque com dois tostões que dê de boa vontade ao pobre se mostrará tão generoso como quem distribui esmolas anunciando aos quatro cantos do mundo, e não haverá quem não o veja adornado das referidas virtudes que, mesmo sem o conhecer, deixe de julgá-lo e tê-lo por de boa família, e não o ser seria um milagre. O louvor sempre foi o prêmio da virtude, e os virtuosos não podem deixar de ser louvados.

"Há dois caminhos, minhas filhas, por onde os homens podem chegar a ser ricos e honrados: um é o das letras; o outro, o das armas. Eu tenho mais armas que letras, e nasci, já que me inclino pelas armas, sob a influência do planeta Marte, de modo que me é quase forçoso seguir pelo caminho do deus da guerra, e por ele tenho de ir apesar de todo mundo, e será inútil vos cansar tentando me persuadir a não querer o que querem os céus, a sorte ordena e a razão pede e, sobretudo, minha vontade deseja. Pois conhecendo, como conheço, as incontáveis dificuldades que a cavalaria andante implica, conheço também os infindáveis bens que se alcançam com ela. Eu sei que a trilha da virtude é muito estreita e que o caminho do vício é largo e folgado, mas sei que o fim e objetivo deles é diferente. O caminho do vício, livre e desimpedido, acaba na morte;

a trilha da virtude, difícil e complicada, acaba na vida, não em vida que termina, mas na que não terá fim; e sei, ainda, como diz nosso grande poeta castelhano, que

Por estas asperezas se caminha
da imortalidade ao alto trono,
aonde nunca chega quem dele declina."[a]

— Ai, pobre de mim — disse a sobrinha —, pois meu senhor também é poeta! Tudo sabe, tudo compreende: eu aposto que, se quisesse ser pedreiro, saberia fazer uma casa tão bem como uma gaiola.

— Eu te garanto, sobrinha — respondeu dom Quixote —, que, se estes pensamentos de cavalarias não me arrastassem atrás de si com todos os meus sentidos, não haveria coisa que eu não fizesse nem curiosidades que não saíssem de minhas mãos, especialmente gaiolas e palitos de dentes.[1]

Nesse momento, bateram na porta. Ao perguntarem quem chamava, Sancho Pança respondeu que era ele; e, mal a criada o reconheceu, foi se esconder correndo para não vê-lo, tamanha antipatia sentia por ele. A sobrinha abriu a porta, e o senhor dom Quixote saiu de braços abertos para receber o escudeiro; depois os dois se trancaram no quarto, onde tiveram outra conversa que não fica atrás da anterior.

a Versos da primeira elegia de Garcilaso: "*Por estas asperezas se camina/ de la inmortalidad al alto asiento,/ do nunca arriba quien de allí declina*".

vii

do que houve entre dom quixote e seu escudeiro, com outros acontecimentos famosos

Mal a criada viu que Sancho Pança se trancava com seu senhor, deu-se conta do que eles tramavam. Imaginando que com aquela conversa deviam decidir a terceira saída, pegou seu manto e, cheia de tristeza e aflição, foi procurar o bacharel Sansão Carrasco, pois achava que ele, por ser bem-falante e amigo recente de seu senhor, poderia persuadi-lo a abandonar propósito tão desvairado.

Encontrou-o passeando no pátio de sua casa e, assim que o viu, se deixou cair a seus pés, transpirando de agonia. Quando Carrasco a viu tão ansiosa e assustada, lhe disse:

— O que foi, minha senhora? O que lhe aconteceu? Parece que vai botar o coração pela boca.

— Não é nada comigo, senhor Sansão, é meu amo que está se indo. Sem dúvida nenhuma ele está se indo!

— Indo para onde, senhora? — perguntou Sansão. — Desta para a vida eterna?

— Não, está se indo pela porta de sua loucura — respondeu ela. — Quero dizer, senhor bacharel de minha alma, que sai de novo mundo afora, pela terceira vez, em busca do que chama de venturas, e não posso entender como as chama assim. Na primeira vez, trouxeram-no atravessado sobre um jumento, moído a pauladas. Na segunda veio num carro de bois, metido numa jaula, onde ele pensava que estava encantado; e vinha de um jeito tão miserável que não seria reconhecido pela mãe que o pariu, magro,

amarelo, os olhos afundados nos últimos desvãos da cabeça, que para fazê-lo voltar a ser o que era gastei mais de seiscentos ovos, como sabe Deus e todo o mundo, e minhas galinhas também, que não me deixarão mentir.

— Acredito, acredito piamente — respondeu o bacharel — que elas são tão boas, tão gordas e tão bem-criadas que não diriam uma mentira, mesmo que arrebentassem. Em suma, minha senhora, não há mais nada, nem aconteceu outro desmando exceto pelo que se teme que o senhor dom Quixote pretende fazer?

— Não, senhor — respondeu ela.

— Então não se amole — respondeu o bacharel —, vá para casa e me prepare alguma coisa quente para almoçar, e no caminho reze a oração de santa Apolônia, se é que sabe, que logo vou lá e vossa mercê verá maravilhas.

— Pobre de mim! — replicou a criada. — Diz vossa mercê que reze a oração de santa Apolônia? Isso seria bom se meu amo tivesse dor de dentes, mas o problema dele é na cachola.

— Eu sei o que digo, minha senhora: vá e não discuta comigo, pois sabe que sou bacharel por Salamanca, e que não preciso mais que tagarelar — respondeu Carrasco.

Depois disso, a criada saiu, e o bacharel foi logo procurar o padre, para combinar com ele o que se dirá a seu tempo.

Enquanto estiveram trancados, dom Quixote e Sancho mantiveram a conversa que com muita precisão e veracidade conta a história.

Sancho disse a seu amo:

— Senhor, já *persuei* minha mulher a me deixar ir com vossa mercê aonde quer me levar.

— Quer dizer *persuadi*, Sancho — disse dom Quixote —, não *persuei*.

— Uma ou duas vezes — respondeu Sancho —, se bem me lembro, supliquei a vossa mercê que não me corrija as palavras, se entender o que quero dizer com elas e, quando não as entender, diga: “Sancho, não te entendo” ou “Desgraçado, não te entendo”; e, se eu não me explicar, então poderá me corrigir, pois sou tão *fócil*…

— Não te entendo, Sancho — disse dom Quixote na hora —, pois não sei o que quer dizer “sou tão *fócil*”.

— “Tão *fócil*” quer dizer “sou tão *assim*”.
— Entendo menos agora — replicou dom Quixote.
— Bem, se não pode me entender — respondeu Sancho —, não sei o que falar. Não sei mais nada, que Deus me ajude.
— Ora, ora, agora pesquei a coisa — respondeu dom Quixote. — Tu queres dizer que és tão *dócil*, brando e afável que acatarás o que te disser e aprenderás o que te ensinar.
— Aposto que desde o começo vossa mercê me entendeu — disse Sancho —, mas quis me confundir, para me ouvir dizer outras duzentas patacoadas.
— Pode ser — replicou dom Quixote. — Mas o que foi mesmo que Teresa disse?
— Teresa disse — respondeu Sancho — que acerte tudo preto no branco com vossa mercê, de papel passado, não na palavra, porque quem corta não embaralha, pois mais vale um “toma” que dois “te darei”. E eu digo que conselho de mulher é pouco, mas quem não o segue é louco.
— Também digo isso — respondeu dom Quixote. — Mas vamos adiante, meu amigo Sancho, que hoje só falais pérolas.
— O caso, como vossa mercê bem sabe — replicou Sancho —, é que nós todos estamos sujeitos à morte, que para morrer basta estar vivo, e tão rápido vai o cordeiro como o carneiro, e que ninguém neste mundo pode viver mais horas do que as que Deus quiser lhe dar, porque a morte é surda e, quando bate nas portas de nossa vida, vem sempre apressada, e nada a detém, nem súplica, nem força, nem cetros, nem mitras, como é voz corrente e conforme nos dizem dos púlpitos.
— Tudo isso é verdade — disse dom Quixote —, mas não sei aonde queres chegar.
— Quero chegar aqui: que vossa mercê estabeleça um salário determinado — disse Sancho —, que deve me pagar todo mês pelo tempo que eu o servir, e que o salário seja pago em dinheiro, pois não quero viver de favores, que chegam tarde ou mal ou nunca; e que Deus me ajude, não quero dever nada a ninguém. Enfim, quero saber o que ganho, pouco ou muito que seja, pois a galinha bota um ovo de cada vez, mas de grão em grão enche o papo, e quem

ganha alguma coisa não perde nada. Não acredito nem espero, mas se acontecesse de vossa mercê me dar a ilha que me prometeu, não sou tão ingrato, nem levo as coisas tão à risca, que não queira que se avalie o montante da renda da tal ilha e se faça um gateio para descontar meu salário.

— Sancho, meu amigo — respondeu dom Quixote —, às vezes tanto faz um gateio como um rateio.

— Já entendi — disse Sancho. — Aposto que tinha de dizer *rateio*, não *gateio*; mas isso não importa, pois vossa mercê me entendeu direitinho.

— Tão direitinho — respondeu dom Quixote — que penetrei o último de teus pensamentos e sei que alvo miras com as inumeráveis setas de teus provérbios. Olha, Sancho, eu bem que estabeleceria um salário, se tivesse achado em alguma das histórias dos cavaleiros andantes exemplo que me revelasse e apontasse por algum pequeno resquício o que é que os escudeiros costumavam ganhar por mês ou por ano; mas eu li todas ou a maioria dessas histórias e não me lembro de ter visto que algum cavaleiro andante tenha dado salário a seu escudeiro. Sei apenas que todos serviam por mercês e que, quando menos esperavam, se a seus senhores havia corrido bem a sorte, eram premiados com uma ilha ou com outra coisa equivalente, ou pelo menos ficavam com título e senhoria. Se com essas esperanças e gratificações, Sancho, vos interessardes em voltar ao meu serviço, sede bem-vindo, mas pensar que eu vou tirar a cavalaria dos eixos e abalar os fundamentos dos antigos costumes é pensar que água não molha. Então, meu caro Sancho, voltai para casa e dizei a vossa Teresa qual é minha intenção; se ela concordar e vós também em me servir por mercês, *bene quidem*;[1] se não, seguimos tão amigos quanto antes: se no pombal não faltou alpiste, muitos pombos viste. E reparai, meu filho, que mais vale uma boa esperança que uma posse ruim, e boa queixa que mau pagamento. Falo dessa maneira, Sancho, para que saibais que como vós também sei lançar provérbios a torto e a direito. E, por fim, gostaria de vos dizer que, se não quiserdes vir por mercês comigo e correr o risco que eu correr, que Deus fique convosco e vos torne santo, que a mim não

faltarão escudeiros mais obedientes, mais solícitos, e menos maçantes e faladores como vós.

Quando Sancho ouviu a firme decisão do amo, sentiu que o céu nublava e se partiam as asas de seu coração, porque tinha acreditado que dom Quixote não iria sem ele nem por todo o ouro do mundo. Então, enquanto Sancho estava confuso e pensativo, entrou Sansão Carrasco com a criada e a sobrinha, ansiosas para ouvir com que palavras persuadiria seu senhor a não voltar a sair em busca de aventuras. Sansão, conhecido debochado, abraçou dom Quixote como da primeira vez e, em voz alta, disse:

— Oh, flor da cavalaria andante! Oh, luz resplandecente das armas! Oh, honra e espelho da nação espanhola! Praza a Deus, em que repousa todo poder e sabedoria, que a pessoa ou pessoas que tentarem atrapalhar e impedir tua terceira saída não encontrem a delas no labirinto de suas vontades, nem jamais se cumpra o mal que desejarem.

E, virando-se para a criada, disse:

— A senhora bem pode parar de rezar a oração de santa Apolônia, pois eu já sei que é determinação precisa das esferas celestes que o senhor dom Quixote volte a executar seus nobres e novos pensamentos, e me pesaria muito a consciência se não intimasse e exortasse este cavaleiro a que não tenha por mais tempo retraída e presa a força de seu valoroso braço e a bondade de seu bravo coração, porque frustra com sua demora o conserto das injustiças, o amparo dos órfãos, a honra das donzelas, a ajuda das viúvas e o arrimo das casadas, e outras coisas deste jaez, que tocam, tangem, dependem e são inerentes à ordem da cavalaria andante. Eia, senhor dom Quixote, formoso e valente, antes hoje que amanhã ponha-se vossa mercê e sua nobreza a caminho; e, se faltar alguma coisa para a execução de tamanha obra, aqui estou eu para supri-la com minha pessoa e meus bens; e, se for necessário servir tua magnificência como escudeiro, eu o considerarei uma feliz ventura.

Nessa altura, dom Quixote disse, virando-se para Sancho:

— Eu não te disse, Sancho, que haveriam de me sobrar escudeiros? Olha quem se oferece: nada menos que o inaudito

bacharel Sansão Carrasco, perpétua diversão e alegria dos pátios das escolas salmanticenses, saudável, ágil, calado, que suporta tanto o frio como o calor, tanto a fome como a sede, com todas aquelas qualidades que se requerem para ser escudeiro de um cavaleiro andante. Mas não permita o céu que por seguir meu destino ele parta a coluna das letras e quebre a taça das ciências, e troque a palma eminente das boas e liberais artes. Permaneça o novo Sansão em sua pátria e, honrando-a, honre justamente os cabelos brancos de seus pais anciãos, que eu estarei satisfeito com qualquer escudeiro, já que Sancho não se digna de vir comigo.

— Sim, eu me digno — respondeu Sancho, enternecido, com os olhos cheios de lágrimas. — Não se dirá de mim, meu senhor, que cuspo no prato em que comi, mas que não venho de família mal-agradecida, pois todo mundo, especialmente em minha terra, sabe quem foram os Panças, de quem eu descendo. Mais ainda, percebi e compreendi, graças a muitos bons atos e melhores palavras, o desejo que vossa mercê tem de me favorecer. Agora, se me pus a regatear meu salário, foi para agradar minha mulher, que, quando cisma com uma coisa, não há torniquete que aperte mais do que ela me aperta para que faça o que quer. Mas, enfim, o homem deve ser homem, e a mulher, mulher, e se eu sou homem em todo lugar, o que não posso negar, também quero ser em minha casa, doa a quem doer. Assim, não há mais que fazer fora o que vossa mercê ordene em seu testamento, com seu codicilo, de modo que não possa ser *refogado*, e botemos logo o pé na estrada, para que não padeça a alma do senhor Sansão, que diz que sua consciência lhe dita que persuada vossa mercê a sair pela terceira vez mundo afora; e eu me ofereço de novo para servir vossa mercê fiel e lealmente, tão bem ou melhor que quantos escudeiros já serviram a cavaleiros andantes nos tempos passados e presentes.

O bacharel ficou surpreso com o teor e a forma da fala de Sancho Pança, pois, apesar de ter lido a primeira história de seu amo, nunca acreditou que era tão divertido como lá o pintavam; mas, ouvindo-o dizer agora que o testamento e o codicilo não podiam ser *refogados*, em vez de *revogados*, acreditou em tudo o que tinha lido e o reconheceu como um dos mais solenes mentecaptos de nossa

época, e disse a si mesmo que loucos assim como amo e criado ainda não tinham sido vistos.

Por fim, dom Quixote e Sancho se abraçaram e ficaram amigos de novo, e, com a aprovação e beneplácito do grande Carrasco, que por ora era seu oráculo, ficou marcada a partida para dali a três dias, tempo suficiente para providenciar o necessário para a viagem e para se achar um elmo com viseira, que dom Quixote disse que tinha de levar de qualquer jeito. Sansão ofereceu-o, porque sabia que um amigo tinha um e não o negaria, mesmo que estivesse escuro pela ferrugem e pelo mofo, sem o brilho do aço polido.

Foram incontáveis as pragas que as duas, criada e sobrinha, rogaram ao bacharel — arrancaram os cabelos, arranharam os rostos e, como as carpideiras que se usavam naquele tempo, lamentavam a partida como se fosse a morte de seu senhor. O propósito que Sansão teve ao persuadir dom Quixote a sair outra vez foi para fazer o que a história conta mais adiante, tudo por conselho do padre e do barbeiro, com quem ele havia falado antes.

Em suma, naqueles três dias dom Quixote e Sancho providenciaram o que lhes pareceu conveniente. Então, tendo Sancho aplacado sua mulher e dom Quixote sua sobrinha e a criada, ao anoitecer, sem que ninguém os visse — exceto o bacharel, que quis acompanhá-los até meia légua da aldeia —, puseram-se a caminho de El Toboso. Dom Quixote montava seu Rocinante e Sancho, seu burro de sempre, com os alforjes forrados de coisas para forrar o estômago e a bolsa forrada de dinheiro que dom Quixote lhe deu para o que desse e viesse. Sansão abraçou o cavaleiro e pediu que o avisasse de sua boa ou má sorte, para se alegrar com esta ou se entristecer com aquela, como as leis de sua amizade pediam. Dom Quixote prometeu que sim, Sansão voltou para sua aldeia, e o cavaleiro e o escudeiro tomaram o caminho para a grande cidade de El Toboso.

viii

onde se conta o que aconteceu a dom quixote quando estava indo ver sua senhora dulcineia del toboso

"Abençoado seja o poderoso Alá!", diz Hamete Benengeli no começo deste oitavo capítulo. "Abençoado seja Alá!", repete três vezes. Ele diz que essas bênçãos são por já ter dom Quixote e Sancho em campo e que os leitores de sua agradável história podem considerar que neste ponto começam as façanhas e as graças de dom Quixote e de seu escudeiro. Mas pede a eles que esqueçam as aventuras passadas do engenhoso fidalgo e voltem os olhos para as que estão por vir, pois começam agora, na estrada para El Toboso, como as outras começaram nos campos de Montiel, e não é muito o que pede em troca de tudo o que promete. Enfim, ele prossegue, dizendo:

Dom Quixote e Sancho ficaram sozinhos e, mal Sansão havia se afastado, Rocinante começou a relinchar e o burro a peidar, coisa que cavaleiro e escudeiro consideraram um bom sinal e feliz presságio, embora, se devemos contar a verdade, foram bem mais peidos e zurros do ruço que os relinchos do pangaré, do que Sancho deduziu que sua sorte devia sobrepujar e ficar muito além da de seu senhor, baseando-se não sei se em astrologia, de que ele entendia, embora a história revele apenas que o ouviram dizer que, quando tropeçava ou caía, desejava não ter saído de casa, porque do tropeço ou da queda não ganhava nada além das botinas arrebentadas ou as costelas partidas — apesar de tolo, nisso não andava muito errado. Dom Quixote lhe disse:

— Sancho, meu amigo, a noite vem chegando mais depressa e mais escura do que precisávamos para ver El Toboso de dia, onde decidi ir antes de me meter em outra aventura, para tomar a bênção e ganhar a licença da sem-par Dulcineia. Com essa licença, penso encarar toda aventura perigosa e tenho por certo encerrá-la com felicidade, porque nenhuma coisa nesta vida torna os cavaleiros andantes mais valentes que se verem favorecidos por suas damas.

— Acredito — respondeu Sancho —, mas acho difícil que vossa mercê possa falar ou se avistar com ela, pelo menos em lugar em que possa receber sua bênção, a menos que ela a dê pela cerca do pátio, por onde a vi pela primeira vez, quando levei a carta com as notícias das tolices e loucuras que vossa mercê tinha ficado fazendo no coração da Serra Morena.

— Então, Sancho, te pareceram pátio e cerca onde e por onde viste aquela graça e formosura nunca louvada o bastante? — disse dom Quixote. — Não deviam ser nada menos que sacadas ou varandas, ou um saguão, ou sei lá como chamam, de ricos e reais palácios.

— Pode ser — respondeu Sancho —, mas me pareceu cerca, se é que não me falha a memória.

— Mesmo assim, vamos lá, Sancho — replicou dom Quixote —, pois, desde que a veja, tanto faz se for pela cerca ou pelas janelas, ou por frestas ou grades de jardins, porque qualquer raio de sol de sua beleza que chegue a meus olhos iluminará meu espírito e fortalecerá meu coração, de modo que me tornarei único e sem igual na sabedoria e na bravura.

— Na verdade, senhor — respondeu Sancho —, quando vi esse sol da senhora Dulcineia del Toboso, ele não brilhava tanto que pudesse lançar qualquer raio; deve ter sido porque sua mercê estava peneirando aquele trigo de que falei: a polvadeira que fazia ficou como nuvem diante do rosto dela, obscurecendo-o.

— Tu insistes, Sancho — disse dom Quixote —, em dizer, pensar, acreditar e teimar que minha senhora Dulcineia peneirava trigo, sendo isso uma tarefa e função que nada têm a ver com tudo o que fazem ou devem fazer as pessoas distintas, que são educadas e reservadas para outras coisas e passatempos, que mostram a tiro

de balestra sua posição! Como lembras mal, Sancho, daqueles versos de nosso poeta[1] em que nos pinta os bordados que faziam lá em suas moradas de cristal aquelas quatro ninfas que emergiram as cabeças do amado Tejo e se sentaram no campo verde para bordar aqueles tecidos preciosos que o engenhoso poeta nos descreve ali: todos eram de fios de ouro, de seda e pérolas entrelaçadas. E dessa maneira devia ser o trabalho de minha senhora quando tu a viste, a não ser que algum mago perverso, de pura inveja que deve ter por minhas coisas, troque e transforme todas as que devem me dar prazer em diferentes figuras daquelas que têm. Assim, se por acaso o autor daquela história em que dizem que andam impressas minhas façanhas foi algum mago inimigo, temo que tenha trocado algumas coisas por outras, misturando com uma verdade mil mentiras, divertindo-se em contar outras ações fora do que requer a narração de uma história verídica. Oh, inveja, raiz de infinitos males e caruncho das virtudes! Todos os vícios, Sancho, trazem um não sei quê de deleite consigo, mas o da inveja só traz desgostos, rancores e iras.

— Isso é o que digo também — respondeu Sancho — e penso que nesse relato ou história sobre nós, que o bacharel Carrasco disse que havia visto, minha honra deve ter ido para o diabo, apedrejada de um lado para o outro feito cachorro ladrão, como se diz. Pois eu juro por minha mãe que não falei mal de nenhum mago, nem tenho tantos bens que possa ser invejado. É verdade que sou meio malicioso e tenho umas comichões de velhacaria, mas tudo cobre e oculta minha tolice, sempre natural e nunca ardilosa. E, mesmo que não tivesse outra virtude a não ser crer, como creio desde sempre, firme e verdadeiramente em Deus e em tudo aquilo que tem e crê a santa Igreja Católica Romana, e ser inimigo mortal dos judeus, como sou, os historiadores deviam ter misericórdia de mim e me tratar bem em seus escritos. Mas digam o que quiserem, nasci nu e nu me encontro: nada perdi nem ganhei; apesar de estar em livros e andar por esse mundo de mão em mão, não dou um ovo podre para o que dizem de mim.

— Acho que isso se parece, Sancho — disse dom Quixote —, com o que aconteceu a um famoso poeta de nossa época, que, tendo

feito uma sátira maliciosa contra todas as damas cortesãs, não incluiu nem nomeou uma dama de quem podia se duvidar se era ou não prostituta. Então a moça, vendo que não estava na lista das demais, se queixou ao poeta perguntando o que havia visto nela para não incluí-la entre as outras, e que ampliasse a sátira e a pusesse lá: se não, ia se arrepender de ter nascido. Assim fez o poeta, e falou mais mal dela do que outras damas falariam, e ela ficou satisfeita de se ver com fama, apesar de infame.

“Isso também se parece com o que contam daquele pastor que botou fogo e queimou o famoso templo de Diana, considerado uma das sete maravilhas do mundo, apenas para que seu nome ficasse vivo nos séculos futuros. Embora tenha se ordenado que ninguém mencionasse de viva voz ou por escrito o nome dele, para que não se realizasse seu desejo, soube-se que se chamava Eróstrato.

“Isso também lembra o que aconteceu ao grande imperador Carlos Quinto com um cavaleiro em Roma. O imperador quis ver aquele famoso templo da Rotunda, que na Antiguidade se chamou o templo de todos os deuses e que agora, com mais propriedade, se chama de todos os santos. É o edifício que ficou mais inteiro entre todos os que os pagãos construíram em Roma e o que mais conserva a fama da grandiosidade e magnificência de seus fundadores. Tem a forma de uma meia laranja, é grande ao extremo e bem iluminado, sem que entre nele outra luz que a de uma janela, ou, melhor dizendo, claraboia redonda, que está em seu topo; o imperador olhava o edifício por ela, enquanto a seu lado um cavaleiro romano lhe explicava os primores e as sutilezas daquela grande construção e memorável arquitetura; por fim, tendo se afastado da claraboia, disse ao imperador: ‘Mil vezes, sagrada majestade, senti o desejo de me abraçar com vossa alteza e me jogar claraboia abaixo, para deixar de mim fama eterna no mundo’. ‘Eu vos agradeço’, respondeu o imperador, ‘por não ter executado tão mau pensamento, e de hoje em diante não vos darei oportunidade para que volteis a testar vossa lealdade. Assim, ordeno-vos que jamais me faleis nem estejais onde eu estiver.’ E, depois dessas palavras, fez uma grande mercê a ele.

“Quero dizer, Sancho, que o desejo de alcançar fama é um estímulo poderoso. Quem pensas tu que atirou Horácio da ponte, com armadura e tudo, nas profundezas do Tibre? Quem queimou o braço e a mão de Múcio? Quem impeliu Cúrcio de se lançar no fundo da cratera que apareceu no meio de Roma? Quem, contra todos os augúrios contrários, fez César cruzar o Rubicão? E, com exemplo mais moderno, quem afundou os navios e deixou em terra e isolados os valentes espanhóis guiados pelo cortesíssimo Cortés no Novo Mundo? Todas essas e outras grandes e diferentes façanhas são, foram e serão obras da fama, que os mortais desejam como prêmios e parte da imortalidade que seus famosos feitos merecem, apesar de que nós (os cristãos, católicos e cavaleiros andantes) devemos dar maior atenção à glória dos séculos futuros, que é eterna nas regiões etéreas e celestes, do que à vaidade da fama que se alcança neste presente e finito século. Pois a fama, por mais que dure, irá acabar com o próprio mundo, que tem seu fim marcado.

“Então, meu amigo Sancho, nossas obras não devem sair dos limites estabelecidos pela religião cristã, que professamos. Devemos matar nos gigantes a soberba; combater a inveja com a generosidade e o bom coração; a ira com a calma sobriedade e tranquilidade da alma; a gula e o sono comendo pouco e velando muito; a luxúria e a lascívia com a lealdade que guardamos àquelas que fizemos senhoras de nossos pensamentos; a preguiça andando por todos os lugares do mundo, em busca das oportunidades que podem nos fazer e façam, além de cristãos, cavaleiros famosos. Vês aqui, Sancho, os meios pelos quais se alcançam os extremos de louvores que traz consigo a boa fama.”

— Tudo o que vossa mercê me disse até aqui — disse Sancho —, eu entendi muito bem, mas, mesmo assim, queria que vossa mercê me sorvesse uma dúvida que me veio à mente justo nesse ponto.

— Queres dizer *resolvesse*, Sancho — disse dom Quixote. — Diz de uma vez, que responderei o que souber.

— Diga-me, senhor — prosseguiu Sancho —, esses Júlios e Agostos, e todos esses cavaleiros façanhosos de que falou, que já morreram, onde estão agora?

— Os pagãos — respondeu dom Quixote — sem dúvida estão no inferno; os cristãos, se foram bons cristãos, ou estão no purgatório ou no céu.

— Está bem — disse Sancho —, mas agora vejamos: essas sepulturas onde estão os corpos desses maiorais têm diante de si candelabros de prata, ou as paredes de suas capelas estão adornadas com muletas, mortalhas, cabeleiras, pernas e olhos de cera? Se não, como estão adornadas?

Ao que dom Quixote respondeu:

— Os sepulcros dos pagãos foram na maioria templos suntuosos: as cinzas do corpo de Júlio César foram postas sobre um obelisco de pedra de tamanho descomunal, que hoje chamam em Roma de “a agulha de são Pedro”; ao imperador Adriano serviu de sepultura um castelo tão grande como uma boa aldeia, que chamaram “Moles Hadriani”, que agora é o castelo de santo Ângelo em Roma; a rainha Artemisa sepultou seu marido Mausolo numa sepultura que foi considerada uma das sete maravilhas do mundo. Mas nenhuma dessas sepulturas nem muitas outras que os pagãos tiveram foram adornadas com mortalhas, nem com outras oferendas e sinais que mostrassem ser santos os que nelas estavam sepultados.

— Já chego lá — replicou Sancho. — E agora me diga: o que vale mais, ressuscitar um morto ou matar um gigante?

— A resposta cai de madura: é ressuscitar um morto.

— Agora o peguei — disse Sancho. — Portanto, a fama de quem ressuscita mortos, dá visão aos cegos, conserta os coxos e cura os doentes, e diante de suas sepulturas ardem velas, e suas capelas estão cheias de pessoas devotas que adoram de joelhos suas relíquias, é melhor, nesta e na outra vida, do que a fama que deixaram e irão deixar quantos imperadores pagãos e cavaleiros andantes tenham existido no mundo.

— Confesso que também é verdade — respondeu dom Quixote.

— Pois essa fama, essas graças, essas prerrogativas, como chamam — respondeu Sancho —, têm os corpos e as relíquias dos santos, que com aprovação e licença de nossa santa madre Igreja têm candelabros, velas, mortalhas, muletas, pinturas, cabeleiras, olhos, pernas, com que aumentam a devoção e engrandecem sua

fama cristã. Os reis levam sobre seus ombros os corpos dos santos ou suas relíquias, beijam os pedaços de seus ossos, adornam e enriquecem com eles seus oratórios e altares preciosos.

— O que queres que eu conclua, Sancho, de tudo que disseste? — disse dom Quixote.

— Quero dizer — disse Sancho — que tratemos de ser santos e alcançaremos mais rapidamente a boa fama que pretendemos. E repare, senhor, que ontem ou anteontem (porque, como faz tão pouco tempo, pode-se falar dessa maneira) canonizaram ou beatificaram dois fradezinhos descalços. Agora se considera uma sorte beijar ou tocar as correntes de ferro com que prendiam e atormentavam os corpos, e são mais veneradas, segundo dizem, que a espada de Roland no arsenal do rei nosso senhor, que Deus proteja. Então, meu amo, mais vale ser um humilde fradezinho, de qualquer ordem que seja, do que valente e andante cavaleiro; mais valor têm para Deus duas dezenas de açoites em penitência que duas mil lançadas, tanto faz se em gigantes, monstros ou em dragões.

— Tudo isso é verdade — respondeu dom Quixote —, mas nem todos podemos ser frades, e muitos são os caminhos por onde Deus leva os seus ao céu: a cavalaria é religião e há cavaleiros santos na glória.

— Sim — respondeu Sancho —, mas ouvi dizer que há mais frades no céu que cavaleiros andantes.

— É assim — respondeu dom Quixote — porque é maior o número dos religiosos que o de cavaleiros.

— São muitos os andantes — disse Sancho.

— Muitos — respondeu dom Quixote —, mas poucos os que merecem o nome de cavaleiros.

Nestas e em outras conversas semelhantes passaram aquela noite e o dia seguinte, sem que lhes acontecesse coisa digna de se contar, do que dom Quixote não se amolou pouco. Enfim, no outro dia ao anoitecer, eles depararam com a grande cidade de El Toboso, e a visão dela alegrou o espírito de dom Quixote e entristeceu o de Sancho, porque não sabia onde ficava a casa de Dulcineia, nem nunca a tinha visto, como também não a tinha visto seu senhor; de

modo que estavam preocupados, um por vê-la e o outro por não tê-la visto, e Sancho não imaginava o que havia de fazer quando seu amo o enviasse a El Toboso. Por fim, dom Quixote decidiu que entrariam de noite na cidade, e enquanto esperavam a hora ficaram num mato de azinheiras que havia perto de El Toboso. Quando chegou o momento preciso, entraram na cidade, onde lhes aconteceram coisas estupendas.

IX

onde se conta o que se verá nele

Era meia-noite em ponto,[1] mais ou menos, quando dom Quixote e Sancho deixaram o mato de azinheiras e entraram em El Toboso. A cidade estava num silêncio sereno, porque todos os moradores dormiam e repousavam de pés espalhados, como se costuma dizer. A noite não era muito clara, mas Sancho gostaria que fosse muito escura, para achar na escuridão dela desculpa para sua estupidez. Não se ouvia nada além de latidos de cachorros, que ensurdeciam dom Quixote e perturbavam o coração de Sancho. De tanto em tanto zurrava um jumento, grunhiam porcos, miavam gatos, e o barulho de todos esses sons diferentes parecia se ampliar com o silêncio da noite, coisa que o cavaleiro apaixonado tomou por mau agouro. Mas, apesar de tudo, disse a Sancho:

— Sancho, meu filho, guia-me ao palácio de Dulcineia. Quem sabe esteja acordada.

— Mas a que palácio quer que o leve, santo Deus — respondeu Sancho —, se vi sua grandeza numa casa muito pequena?

— Então devia ter se retirado para alguma pequena casa de campo perto do palácio — respondeu dom Quixote —, para se distrair sozinha com suas aias, como é costume das senhoras nobres e princesas.

— Senhor — disse Sancho —, já que vossa mercê quer, apesar do que digo, que seja um palácio a casa de minha senhora Dulcineia, por acaso isso são horas de achar a porta aberta? E será uma boa ideia metermos a mão na aldrava para que nos ouçam e nos atendam, botando todo mundo em polvorosa? Por acaso vamos

bater nas casas de amantes, como fazem os amancebados, que chegam e entram a qualquer hora, por mais tarde que seja?

— Achemos o palácio de uma vez por todas — replicou dom Quixote —, que então eu te direi, Sancho, o que devemos fazer. E repara, Sancho, ou vejo mal ou aquele vulto que faz uma grande sombra que se avista ali deve ser o palácio de Dulcineia.

— Pois então me guie vossa mercê — respondeu Sancho. — Talvez seja mesmo, mas, ainda que eu o veja com os dois olhos e o toque com as duas mãos, acreditarei tanto nele como acredito que agora é dia.

Dom Quixote tomou a dianteira e, tendo andado uns duzentos passos, chegou ao vulto que fazia a sombra, e viu uma grande torre, e percebeu logo que esse edifício não era um palácio, mas a igreja principal do povoado. E disse:

— Demos com a igreja, Sancho.

— Já vi — respondeu Sancho —, e que Deus não permita que topemos com nossa sepultura, pois não é um bom sinal andar pelos cemitérios a essas horas, ainda mais eu tendo dito a vossa mercê, se bem me lembro, que a casa dessa senhora deve estar numa ruazinha sem saída.

— Que asses no inferno, sua besta! — disse dom Quixote. — De onde tiraste que os alcáceres e palácios reais estejam em ruazinhas sem saída?

— Senhor — respondeu Sancho —, cada terra tem seus costumes: talvez se use aqui em El Toboso construir palácios e edifícios grandes em becos sem saída. Então, suplico a vossa mercê que me deixe procurar por essas ruas e ruelas aí: quem sabe eu tope com esse alcácer em algum canto, e tomara que eu o veja aos pedaços, como comido pelos cachorros, tão aflitos e vexados nos traz.

— Fala com respeito das coisas de minha senhora, Sancho — disse dom Quixote —, e vamos devagar com o andor e nada de dar murro em ponta de faca.

— Sim, vou me acalmar — respondeu Sancho. — Mas como posso aturar com paciência que vossa mercê queira que eu, que vi a casa de nossa ama apenas uma vez, saiba onde fica e a ache a

meia-noite, se não a acha nem vossa mercê, que deve tê-la visto milhares de vezes?

— Estás me tirando do sério, Sancho — disse dom Quixote. — Vem cá, herege: não te disse mil vezes que nunca vi a sem-par Dulcineia em todos os dias de minha vida, nem jamais atravessei os umbrais desse palácio, e estou apaixonado apenas de ouvido, pela grande fama que tem de sábia e formosa?

— Agora sim ouvi — respondeu Sancho. — E digo que, como vossa mercê não a viu, eu também não.

— Como não? — respondeu dom Quixote. — Pelo menos tu me disseste que a viste peneirando trigo, quando me trouxeste a resposta da carta que lhe enviei por ti.

— Deixe isso para lá, senhor — respondeu Sancho —, porque devo dizer que a visita e a resposta também foram de ouvido: sei tanto quem é a senhora Dulcineia como dar um tiro na lua.

— Sancho, Sancho — respondeu dom Quixote —, brincadeira tem hora e tem hora que as brincadeiras não vêm a calhar. Não é porque eu digo que não vi nem falei com a senhora de minha alma que tu tens de dizer também que nunca falaste com ela nem a viste, sendo exatamente o contrário, como sabes.

Os dois estavam nessa conversa, quando viram se aproximar um sujeito com duas mulas. Pelo ruído que fazia o arado arrastado pelo chão, julgaram que ele devia ser um lavrador e que tinha madrugado para ir à lavoura, o que era verdade. O lavrador vinha cantando aquele romance que diz:

Má sorte tivestes, franceses,
na batalha de Roncesvalles.[2]

— Que um raio me parta, Sancho — disse dom Quixote, ao ouvi-lo —, se não vão nos acontecer boas coisas esta noite. Não ouves o que esse camponês vem cantando?

— Ouço sim — respondeu Sancho —, mas o que o fiasco de Roncesvalles tem a ver com nosso negócio? Tanto podia cantar o

romance de Calaínos,[3] que dava na mesma para nos sairmos bem ou mal.

Nisso chegou o camponês, a quem dom Quixote perguntou:

— Que Deus esteja convosco, meu amigo. Saberíeis dizer-me onde ficam os palácios da sem-par princesa dona Dulcineia del Toboso?

— Senhor — respondeu o rapaz —, eu sou forasteiro, há poucos dias estou nesta vila, lavrando o campo para um camponês rico. Nessa casa ali adiante vivem o padre e o sacristão. Um deles ou ambos devem poder dar uma indicação a vossa mercê sobre essa senhora princesa, porque têm a lista de todos os moradores de El Toboso, embora me pareça que aqui não vive princesa alguma, mas muitas senhoras (distintas, sim), que cada uma pode ser princesa em sua casa.

— Pois entre essas, meu amigo — disse dom Quixote —, deve estar esta por quem pergunto.

— Pode ser — respondeu o rapaz. — Adeus, que o dia vem raiando.

E, tocando suas mulas, não respondeu a mais perguntas. Sancho, que viu seu senhor surpreso e descontente, disse:

— Senhor, o dia vem logo aí e não seria uma boa ideia que o sol nos encontrasse na rua. Será melhor sairmos para fora da cidade, e que vossa mercê se meta em alguma floresta perto daqui, e eu voltarei de dia e não deixarei um canto em todo este lugar onde não procure a casa, alcácer ou palácio de minha senhora, e eu seria um infeliz se não a achasse. Então, encontrando-a, falarei com sua mercê e direi a ela onde e como está vossa mercê esperando que lhe dê ordem e instruções para vê-la, sem prejuízo de sua honra e reputação.

— Disseste mil sentenças, Sancho — disse dom Quixote —, encerradas no círculo de breves palavras: aprecio o conselho que me dás agora e o recebo de muito boa vontade. Vem, meu filho, vamos procurar um esconderijo, e tu voltarás, como dizes, para procurar, para ver e achar minha senhora, de cuja sabedoria e cortesia espero mais que milagrosos favores.

Sancho morria de vontade de tirar seu amo da vila, para que não descobrisse a mentira da resposta que havia levado de parte de Dulcineia a Serra Morena. Assim, apressou a saída, que foi em seguida, e a duas milhas do povoado encontraram uma floresta ou mata, onde dom Quixote se escondeu enquanto Sancho voltou para falar com Dulcineia. Nessa embaixada aconteceram coisas com ele que pedem nova atenção e nova confiança.

X

onde se conta a artimanha que sancho usou para encantar a senhora dulcineia, e outros acontecimentos tão ridículos como verdadeiros

Chegando aos fatos que conta neste capítulo, o autor desta grande história diz que gostaria de relegá-los ao silêncio, receoso de que não acreditem nele, porque as loucuras de dom Quixote ultrapassaram aqui o limite das maiores que se podem imaginar, indo inclusive dois tiros de balestra além delas. Enfim, mesmo com medo, descreveu-as exatamente como ele as cometeu, sem acrescentar nem subtrair à história um ponto da verdade, sem se importar com as objeções que podiam taxá-lo de mentiroso. E teve razão, porque a verdade estica mas não arrebenta e sempre fica por cima da mentira, como o azeite sobre a água.

Assim, prosseguindo sua história, diz que, mal dom Quixote se meteu na floresta, capoeira ou mata de azinheiras perto de El Toboso, mandou Sancho voltar à cidade e que não aparecesse em sua presença sem ter antes falado de sua parte a sua senhora, pedindo que ela concedesse a graça de se deixar ver por seu cativo cavaleiro e se dignasse a lhe dar a bênção, para que assim pudesse esperar um felicíssimo final em todas as suas batalhas e difíceis empresas. Sancho se encarregou de fazer tudo como era mandado e trazer-lhe resposta tão boa como a que trouxe na primeira vez.

— Anda logo, meu filho — replicou dom Quixote —, e não te ofusques quando te vires diante da luz do sol de formosura que vais procurar. Venturoso és sobre todos os escudeiros do mundo! Fica

alerta e não esqueças como ela te recebe: se troca de cor quando estiveres dando minha mensagem; se se altera e aflige ouvindo meu nome; se não para quieta no coxim, se por acaso a encontrares sentada no rico estrado próprio de sua dignidade; e, se estiver de pé, olha para ver se fica ora sobre um pé, ora sobre o outro; se repete duas ou três vezes a resposta que te der; se muda de branda para ríspida, de rude para amorosa; se leva a mão ao cabelo para ajeitá-lo, mesmo que não esteja desarrumado… Enfim, meu filho, olha todas as suas ações e movimentos, porque, se relatares para mim como eles ocorreram, eu entenderei o que ela mantém escondido no segredo de seu coração acerca do que se refere aos meus feitos, pois deves saber, Sancho, se é que não sabes, que entre os amantes as ações e movimentos exteriores que mostram quando se trata de seus amores são certíssimos correios que trazem as novas do que se passa no interior da alma. Vai então, meu amigo, e guie-te melhor sorte que a minha, e traga-te melhores ventos que aqueles que fico temendo e esperando nesta amarga solidão em que me deixas.

— Vou num pé e volto no outro — disse Sancho. — Mas inche o peito, meu senhor, pois agora vossa mercê deve ter o coração menor que uma avelã. Vamos, não esqueça que se costuma dizer que coração forte dobra má sorte e que coração alegre é melhor que botica; também se diz: “De onde menos se espera, daí salta a lebre”. Digo isso porque, se não achamos os palácios ou alcáceres de minha senhora de noite, penso achar agora que é de dia, quando menos se espera; e, depois de achá-los, deixe a donzela comigo.

— Com certeza, Sancho — disse dom Quixote —, eu espero que Deus me dê tanta ou melhor sorte no que desejo quanto teus ditados sempre vêm a calhar ao que tratamos.

Dito isto, Sancho deu as costas ao fidalgo e fustigou o burro, e dom Quixote ficou a cavalo descansando nos estribos e escorado na lança, cheio de tristes e confusas fantasias, onde o deixaremos, indo-nos com Sancho Pança, que se afastou não menos confuso e pensativo do que deixava seu senhor. Tanto, na verdade, que mal tinha saído do mato virou a cabeça e, notando que não se via mais

dom Quixote, apeou e, sentando-se embaixo de uma árvore, começou a falar a si mesmo:

— Vamos ver agora, irmão Sancho, aonde vai vossa mercê. Vai procurar algum jumento perdido?

“Não, de jeito nenhum.

“Vai procurar o quê, então?

“Vou procurar, como quem não quer nada, uma princesa, e nela o sol da formosura e todo o céu de quebra.

“E onde pensa encontrar tudo isso, Sancho?

“Onde? Ora, na grande cidade de El Toboso.

“Muito bem, e vai procurá-la a mando de quem?

“A mando do famoso cavaleiro dom Quixote de la Mancha, que repara as injustiças e dá de comer a quem tem sede e de beber a quem tem fome.

“Isso tudo está muito bem, mas vossa mercê sabe onde fica a casa, Sancho?

“Meu amo diz que devem ser uns palácios reais ou uns alcáceres soberbos.

“E por acaso vossa mercê a viu alguma vez?

“Nem eu nem meu amo a vimos jamais.

“E lhe parece acertado e bem-feito que, se os moradores de El Toboso souberem que vossa mercê está aqui com a intenção de roubar as princesas e alarmar as damas deles, viessem e moessem suas costelas à base de pauladas e não lhe deixassem um osso inteiro?

“Para falar a verdade, teriam toda razão, se não considerassem que sou mandado, e que

Mensageiro sois, amigo,
não tens culpa, não.[1]

“Não se fie nisso, Sancho, porque os manchegos são tão coléricos quanto honrados e não deixam ninguém brincar com eles. Por Deus, se farejarem alguma coisa, estarás bem arrumado.

“Arreda, capeta! Que o raio te parta! Não, não estou aí para procurar sarna e me coçar pelos outros! Sem falar que procurar Dulcineia em El Toboso é como procurar palha num palheiro ou bacharel em Salamanca! Foi o diabo, sim, ninguém menos que o diabo em pessoa que me meteu nisso!”

De todo esse solilóquio, Sancho concluiu o que voltou a dizer:

— Muito bem, todas as coisas têm remédio, menos a morte, em cujas mãos todos nós estaremos no fim da vida, queiramos ou não. Já vi por mil sinais que meu amo é louco de atar, e eu também não fico muito atrás, vai ver sou até mais idiota que ele, já que o sigo e o sirvo, sendo verdadeiro o ditado que diz: “Diz-me com quem andas e te direi quem és”, e aquele outro: “Não importa a casta, mas com quem se pasta”. Então, sendo ele louco do jeito que é e de loucura que na maioria das vezes toma umas coisas por outras, julga o branco por preto e o preto por branco, como quando disse que os moinhos de vento eram gigantes, as mulas dos religiosos dromedários, os rebanhos de carneiros exércitos de inimigos e muitas outras coisas desse teor, não será difícil fazer com que acredite que uma camponesa, a primeira com quem eu topar por aqui, é a senhora Dulcineia. Agora, se ele não acreditar, eu jurarei, e se ele jurar, eu juro de novo, e se teimar, eu teimarei mais ainda, de maneira que não me dê jamais por vencido, aconteça o que acontecer. Talvez, depois dessa teima toda, ele não me mande outra vez em semelhantes missões, vendo os péssimos recados que lhe trago delas, ou talvez pense, como imagino, que algum mago perverso desses que ele diz ser seu inimigo terá mudado a aparência de Dulcineia, para lhe causar dano e sofrimento.

Com esse pensamento, Sancho sossegou o espírito e considerou seu negócio bem encaminhado, e ficou por ali até de tarde, para que dom Quixote pudesse pensar que havia tido tempo de ir e voltar a El Toboso. E correu tudo tão bem que, quando se levantou para montar no burro, viu que vinham de El Toboso na direção dele três camponesas sobre três burrinhos, ou burrinhas, que o autor não esclarece, embora possa se acreditar mais que eram burrinhas, por serem as montarias habituais das aldeãs; mas, como isso pouco importa, não há motivo para nos deter em averiguar. Em suma, mal

Sancho viu as camponesas, às carreiras voltou a procurar seu senhor dom Quixote, e o encontrou suspirando e dizendo mil lamentos amorosos. Apenas o viu, dom Quixote lhe disse:

— Que há, Sancho, meu amigo? Posso comemorar este dia ou devo botar luto?

— Seria melhor — respondeu Sancho — que vossa mercê subisse na torre da igreja e tocasse o sino.

— Quer dizer — replicou dom Quixote — que trazes boas-novas.

— Tão boas — respondeu Sancho — que vossa mercê não tem de fazer nada além de esporear Rocinante e sair em campo aberto para ver a senhora Dulcineia del Toboso, que vem com duas aias ver vossa mercê.

— Santo Deus! O que dizes, amigo Sancho? — disse dom Quixote. — Olha, não me enganes, nem queiras animar minhas tristezas verdadeiras com falsas alegrias.

— O que eu ganharia enganando vossa mercê, ainda mais se pode descobrir agora mesmo a verdade? — respondeu Sancho. — Vamos, senhor, venha e verá chegar a princesa nossa ama, vestida e adornada, enfim, como a nobre que é. Ela e suas aias são brasas de ouro, todas espigas de pérolas, todas são diamantes, todas rubis, todas vestidas de brocado com mais de dez camadas de bordados; os cabelos, soltos pelas costas, são outros tantos raios do sol que andam brincando com o vento; e, além disso, vêm a cavalo em três *cananeias* malhadas, lindas de se ver.

— Queres dizer *hacaneias*, Sancho.

— Há pouca diferença entre *cananeias* e *hacaneias* — respondeu Sancho —, mas, venham montadas no que vierem, vêm as mais galantes senhoras que se possam desejar, especialmente a princesa Dulcineia minha senhora, que pasma os sentidos.

— Vamos lá, Sancho, meu filho — respondeu dom Quixote. — E em recompensa por essas novas tão inesperadas como boas te dou o melhor despojo que ganhar na primeira aventura que tiver, e, se isso não te agradar, te dou as crias que este ano tiverem minhas três éguas. Como sabes, estão para parir no campo público de nosso povoado.

— Fico com as crias — respondeu Sancho —, porque não tenho muita certeza se serão bons os despojos da primeira aventura.

Nisso saíram da mata e avistaram ali perto as três aldeãs. Dom Quixote espichou os olhos por toda a estrada de El Toboso e, como não viu mais que as três camponesas, ficou todo confuso e perguntou a Sancho se as tinha deixado fora da cidade.

— Como fora da cidade? — respondeu. — Por acaso vossa mercê tem os olhos no cangote, que não vê estas que vêm ali, resplandecentes como o próprio sol ao meio-dia?

— Eu não vejo nada, Sancho — disse dom Quixote —, exceto três camponesas montadas em três burrinhos.

— Cruz-credo, Deus me livre! — respondeu Sancho. — Como é possível que três hacaneias, ou seja lá como se chamam, brancas como um floco de neve, pareçam burrinhos a vossa mercê? Por Deus, quero ver minha mãe morta se isso for verdade!

— Pois eu te digo, meu amigo Sancho, que é tão verdade que são burrinhos, ou burrinhas, como eu sou dom Quixote e tu Sancho Pança. Pelo menos, é o que me parece.

— Cale-se, senhor — disse Sancho —, não diga uma coisa dessas. Esfregue os olhos e venha fazer uma reverência à senhora de seus pensamentos, que já está perto.

Dito isto, adiantou-se para receber as três aldeãs e, apeando do burro, segurou as rédeas do jumento de uma delas e disse, caindo de joelhos no chão:

— Rainha e princesa e duquesa da formosura, vossa altivez e grandeza seja servida de receber em sua graça e boa vontade vosso cativo cavaleiro, que ali está feito estátua de mármore, confuso e todo acanhado, por se ver diante de vossa magnífica presença. Eu sou Sancho Pança, seu escudeiro, e ele é o atormentado cavaleiro dom Quixote de la Mancha, conhecido também como o Cavaleiro da Triste Figura.

Nessas alturas, dom Quixote já havia se posto de joelhos ao lado de Sancho, e olhava com olhos arregalados e vista turva aquela que Sancho chamava de rainha e senhora; mas, como não via nela mais que uma camponesa, e com um rosto não muito bonito, porque era redondo e chato, estava confuso e admirado, sem ousar despregar

os lábios. As camponesas também estavam surpresas, vendo aqueles dois homens tão diferentes caídos de joelhos, que não deixavam seguir adiante sua companheira. Mas a detida rompeu o silêncio, dizendo desajeitada e aborrecida:

— C'os diabos, saiam da frente e nos deixem passar, que temos pressa!

Ao que Sancho respondeu:

— Oh, princesa e senhora universal de El Toboso! Como vosso magnânimo coração não se enternece vendo ajoelhado diante de vossa sublimada presença o pilar e sustentáculo da cavalaria andante?

Ouvindo isso, outra das moças disse:

— Ora, vá pentear macacos, sua besta! Olhe só os senhorzinhos caçoando das camponesas, como se aqui não soubéssemos fazer gracejos como eles. Sigam seu caminho e nos deixem seguir o nosso, que vai ser melhor para a saúde de vossas mercês.

— Levanta-te, Sancho — disse dom Quixote nesse ponto —, pois vejo que o destino, que de meu mal não se farta, tem tomado todos os caminhos por onde possa vir alguma alegria a esta alma desgraçada que tenho dentro do corpo. E tu, extremo da perfeição, ápice da graça humana, único remédio desse coração aflito que te adora!, já que o perverso mago que me persegue pôs nuvens e cataratas em meus olhos, e apenas para eles e não para outros modificou tua sem igual formosura e transformou teu rosto no de uma camponesa pobre, se é que também não transformou o meu no de algum ogro, para me tornar odioso a teus olhos, não deixes de me olhar com brandura e amorosamente, vendo, nesta submissa homenagem que faço a tua desfigurada formosura, a humildade com que minha alma te venera.

— Olhe só meu vozinho! — respondeu a camponesa. — E eu lá sou dada a ouvir galanteios?! Afastem-se e nos deixem ir, que ficamos agradecidas.

Sancho se afastou e a deixou ir, muito contente por ter se saído bem daquela tramoia.

Mal a camponesa que havia feito o papel de Dulcineia se viu livre, cutucou sua *cananeia* com um aguilhão que tinha num pau e

desatou a correr campo afora. Mas a burrinha, sentindo a ponta do aguilhão, que a incomodava mais que o habitual, começou a corcovear, de modo que atirou a senhora Dulcineia no chão. Vendo isso, dom Quixote foi ajudá-la a se levantar, e Sancho a apertar a cincha da albarda, que tinha ido parar na barriga do animal. Arrumada a albarda, dom Quixote quis levantar sua encantada senhora nos braços para montá-la, mas ela, levantando do chão, poupou o trabalho dele: recuou um pouco e, dando uma corridinha, botou ambas as mãos nas ancas da burrinha e saltou sobre a albarda, mais ligeira que um falcão, onde ficou escanchada como um homem. Então Sancho disse:

— Santo Deus, a senhora nossa ama é mais ligeira que uma lebre e pode ensinar a montar à gineta o mais hábil cordovês ou mexicano! Passou de um salto pelo arção traseiro da sela, e sem esporas faz correr a hacaneia como uma zebra. E suas aias não ficam atrás, que todas correm como o vento.

E era verdade mesmo, porque, ao verem Dulcineia a cavalo, todas desataram a correr atrás dela, sem virar a cabeça por um trecho de mais de meia légua. Dom Quixote seguiu-as com os olhos até que desapareceram e então, virando-se para Sancho, disse:

— Sancho, viste como sou malquisto pelos magos? E olha até onde vai a malícia deles e a aversão que me têm, pois trataram de me privar da alegria que poderia me dar ver minha senhora em pessoa. Enfim, eu nasci para exemplo de desgraçados e para ser o alvo onde fazem mira e atiram as flechas da má sorte. E deves reparar também, Sancho, que esses traidores não se contentaram apenas em transformar minha Dulcineia, mas em transformá-la numa figura tão baixa e tão feia como a daquela camponesa, e ainda lhe tiraram o que é tão seu e próprio das senhoras de sua condição, que é cheirar bem, por andar sempre entre âmbares e entre flores. Porque te garanto, Sancho, que, quando ajudei Dulcineia a montar na hacaneia, conforme tu dizes, pois a mim pareceu uma burrinha, senti um cheiro de alho cru que me atarantou e envenenou a alma.

— Oh, canalhas! — gritou Sancho nessas alturas. — Oh, magos miseráveis e mal-intencionados, eu adoraria ver todos espetados

pelas guelras, como enfiada de sardinhas! Muito sabeis, muito podeis e muito mais fazeis. Velhacos, devia vos bastar ter transformado as pérolas dos olhos de minha senhora em bolotas de carvalho, e seus cabelos de ouro puríssimo em cerdas de rabo de boi vermelho, e transformado, enfim, suas belas feições na feiura em pessoa, sem tocardes no cheiro dela, que por ele talvez percebêssemos o que estava oculto sob aquela casca horrorosa. Embora, para dizer a verdade, eu nunca tenha visto sua fealdade, mas apenas sua formosura, que aumentava vários quilates com uma pinta sobre o lábio no lado direito, à maneira de bigode, com sete ou oito fios dourados, e compridos mais de um palmo.

— Conforme a correspondência que há entre os sinais do rosto e os do corpo — disse dom Quixote —, Dulcineia deve ter outra pinta na coxa, na parte de dentro, do mesmo lado onde tem a do rosto. Mas os pelos que mencionaste são compridos demais para pintas.

— Mas garanto a vossa mercê — respondeu Sancho — que ficavam muito bem, como se ela tivesse nascido com eles.

— Acredito, meu amigo, acredito — replicou dom Quixote —, porque a natureza não pôs nenhuma coisa em Dulcineia que não fosse perfeita e bem-acabada. Assim, se tivesse cem pintas como a que dizes, nela não seriam lunares, mas luas e estrelas resplandecentes. Mas me diz uma coisa, Sancho: aquela que me pareceu albarda e que tu arrumaste, era selim ou silhão?

— Nem um nem outro — respondeu Sancho —, mas sela à gineta, com um xairel que vale metade de um reino, de tão precioso.

— E eu que não vi nada disso, Sancho! — disse dom Quixote. — Agora digo de novo e direi mil vezes: sou o mais desgraçado dos homens.

Muito se esforçava o debochado Sancho para dissimular o riso, ouvindo os desatinos de seu amo, tão finamente enganado. Por fim, depois de muita conversa, montaram de novo e seguiram pela estrada de Zaragoza, onde pensavam chegar a tempo para as festas solenes que costumam fazer todo ano naquela insigne cidade. Mas, antes que chegassem lá, aconteceram com eles coisas que, por serem muitas, grandes e estranhas, merecem ser escritas e lidas, como se verá adiante.

XI

da estranha aventura que aconteceu ao valoroso dom quixote com o carro ou carreta das cortes da morte

Pensativo por demais, dom Quixote seguia seu caminho, considerando a zombaria cruel que os magos tinham feito transformando sua senhora Dulcineia na figura miserável da camponesa, e não imaginava de que jeito poderia vê-la de novo com sua aparência verdadeira. Esses pensamentos o deixavam tão fora de si que, sem sentir, soltou as rédeas de Roncinante, que, percebendo a liberdade que lhe dava, a cada passo se detinha para pastar a grama verde que abundava naqueles campos. Foi tirado desse alheamento por Sancho, que disse:

— Senhor, as tristezas não foram feitas para os animais e sim para os homens, mas, se os homens se entregam muito a elas, tornam-se animais: contenha-se vossa mercê, volte a si e pegue as rédeas de Rocinante, anime-se e desperte, e mostre aquela galhardia que convém que tenham os cavaleiros andantes. Que diabos se passa? Que abatimento é esse? Estamos aqui ou no mundo da lua? Que Satanás carregue todas as Dulcineias da face da terra, pois mais vale a saúde de um só cavaleiro andante que todos os encantamentos e transformações da terra.

— Cala-te, Sancho — respondeu dom Quixote com voz não muito desanimada. — Cala-te, repito, e não digas blasfêmias contra aquela senhora encantada, que de sua desgraça e desventura apenas eu tenho a culpa: da inveja que me têm os maus nasceu sua má andança.

— O mesmo digo eu — respondeu Sancho. — Quem a viu e quem a vê agora: que coração não chora?

— Isso podes dizer com toda razão, Sancho — replicou dom Quixote —, já que a viste na inteireza cabal de sua formosura, pois o feitiço não chegou a te toldar a vista nem te ocultar a beleza dela: somente contra mim e contra meus olhos se volta a força de seu veneno. Mas, apesar disso, me dei conta de uma coisa, Sancho: tu me pintaste mal sua formosura, porque, se bem me lembro, disseste que ela tinha os olhos de pérolas, e os olhos que parecem de pérolas são antes de peixe morto que de damas; e, pelo que imagino, os de Dulcineia devem ser verdes como esmeraldas, rasgados, com dois arcos celestiais que lhe servem de sobrancelhas; e essas pérolas… tira-as dos olhos e passa-as para os dentes, que sem dúvida te enganaste, Sancho, tomando os olhos pelos dentes.

— Pode ser — respondeu Sancho —, porque tanto me perturbou sua formosura como a vossa mercê sua fealdade. Mas vamos nos encomendar todos a Deus, que Ele conhece todas as coisas que deverão acontecer neste vale de lágrimas, neste mundo perverso que temos, onde mal se acha uma coisa que não esteja misturada com maldade, embuste e velhacaria. Uma coisa me incomoda mais que outras, meu senhor, que é pensar que meio deve-se empregar quando vossa mercê vencer algum gigante ou outro cavaleiro e o mandar que se apresente diante da formosura da senhora Dulcineia: onde esse pobre gigante ou esse cavaleiro vencido vai achá-la? Parece até que os vejo andar por El Toboso feitos umas moscas tontas procurando por minha senhora Dulcineia, e mesmo que a encontrem no meio da rua não a reconhecerão mais que a meu pai.

— Quem sabe, Sancho — respondeu dom Quixote —, o encantamento não chegue ao ponto de tirar dos gigantes e cavaleiros vencidos a faculdade de reconhecer Dulcineia. Com um ou dois dos primeiros que eu vença e mande se apresentar a ela saberemos se a veem ou não, ordenando a eles que voltem para me dizer o que aconteceu.

— Olhe, senhor — replicou Sancho —, pareceu-me certo isso que vossa mercê disse: com esse artifício saberemos o que desejamos.

Mas se ela só se oculta de vossa mercê, a desgraça será mais de vossa mercê que de Dulcineia; agora, desde que a senhora Dulcineia tenha saúde e alegria, nós aqui nos arrumaremos e levaremos a coisa o melhor que pudermos, buscando nossas aventuras e deixando ao tempo que faça das suas, pois ele é o melhor remédio para estas e outras doenças maiores.

Dom Quixote queria responder a Sancho Pança, mas foi atrapalhado por uma carreta que atravessou a estrada carregando os mais diversos e estranhos personagens que poderiam se imaginar. Quem guiava as mulas e servia de carreteiro era um demônio horroroso. A carreta vinha descoberta, sem as laterais e sem toldo. O primeiro personagem que se ofereceu aos olhos de dom Quixote foi a própria Morte, mas com rosto humano; perto dela vinha um anjo com asas grandes e coloridas; a um lado estava um imperador com uma coroa na cabeça, pelo visto de ouro; aos pés da Morte estava o deus que chamam Cupido, sem venda nos olhos, mas com seu arco, aljava e flechas. Vinha também um cavaleiro pronto para o combate, com armadura e tudo, mas sem morrião ou elmo, e sim com um chapéu cheio de plumas de diversas cores. Com essas pessoas vinham outras com rostos e trajes diferentes. Isso tudo, visto de repente, agitou um pouco dom Quixote e meteu medo no coração de Sancho; mas logo dom Quixote se alegrou, acreditando que se apresentava uma nova e perigosa aventura, e com esse pensamento, e o espírito pronto para enfrentar qualquer perigo, se pôs diante da carreta e disse com voz alta e ameaçadora:

— Carreteiro, cocheiro ou diabo, ou seja lá o que fores, não demores para me dizer quem és, aonde vais e quem são essas pessoas que levas em teu coche, que mais parece a barca de Caronte que carreta das que se usam hoje.

O diabo, parando a carreta, respondeu calmamente:

— Senhor, somos atores da companhia de Angulo, o Mau. Esta manhã, que é a oitava depois da festa de Corpus Christi,[1] apresentamos o auto *As cortes da Morte* num povoado atrás daquele morro, e esta tarde devemos apresentá-lo naquele outro povoado que se avista ali. Assim, por estarmos tão perto e querermos poupar o trabalho de nos despirmos e nos vestirmos de

novo, vamos com os trajes com que atuamos. Aquele rapaz vai de Morte; o outro, de Anjo; aquela mulher, que é esposa do diretor, vai de Rainha; o outro, de Soldado; aquele, de Imperador, e eu, de Demônio, e sou um dos personagens principais do auto, porque nessa companhia faço os primeiros papéis. Se vossa mercê deseja saber alguma outra coisa sobre nós, basta perguntar, que eu responderei com toda exatidão, pois, como sou demônio, sei de tudo.

— Por minha fé de cavaleiro andante — respondeu dom Quixote — que, mal vi esse carro, imaginei que me deparava com alguma grande aventura, e agora me digo que é necessário tocar as aparências com a mão para sair do engano. Ide com Deus, boa gente, para vosso espetáculo, e vede se ordenais alguma coisa em que eu possa vos servir, pois a farei de boa vontade, porque desde rapaz fui um aficionado do palco, e em minha mocidade perdia os olhos atrás das farândolas.

Estando nessa conversa, quis a sorte que chegasse um da companhia vestido de bufão, com muitos guizos, e na ponta de um pau trazia três bexigas de vaca cheias de ar. O cômico, aproximando-se de dom Quixote, começou a esgrimir o pau e bater no chão com as bexigas e a dar grandes saltos, fazendo tilintar os guizos. Essa visão pavorosa assustou Rocinante, que, sem que dom Quixote pudesse dominá-lo, tomou o freio nos dentes e desatou a correr pelo campo com muito mais rapidez do que jamais prometera sua pobre carcaça. Sancho, que percebeu o perigo em que seu amo estava, saltou do burro e a toda pressa foi ajudá-lo; mas, quando se aproximou dele, já havia caído, e Rocinante estava ao lado, pois fora ao chão com seu amo: fim e paradeiro comuns dos arroubos e petulâncias de Rocinante.

Mas apenas Sancho deixou sua montaria para socorrer dom Quixote, o demônio dançarino das bexigas saltou sobre o burro e o fustigou com elas. O medo e o barulho, mais que a dor dos golpes, fizeram o burro voar pelo campo em direção ao povoado onde haveria a apresentação. Sancho olhava a carreira de seu burro e o tombo de seu amo, e não sabia a quem acudir primeiro, mas, como bom escudeiro e como bom criado, pôde mais o amor por seu

senhor que o carinho pelo jumento, se bem que cada vez que via as bexigas se levantarem no ar e depois caírem sobre as ancas do burro sentia sobressaltos e sofrimentos mortais, e preferia antes que aqueles golpes fossem dados nas meninas de seus olhos a no menor dos pelos do rabo de seu burro. Com essa perplexa atribulação, chegou aonde estava dom Quixote bem mais alquebrado do que ele desejaria, e, ajudando-o a montar em Rocinante, lhe disse:

— Senhor, o Diabo levou meu burro.

— Que diabo? — perguntou dom Quixote.

— O das bexigas — respondeu Sancho.

— Pois vou recuperá-lo — replicou dom Quixote —, nem que se meta com ele nos mais profundos e escuros calabouços do inferno. Segue-me, Sancho, que a carreta vai devagar, e com as mulas dela quitarei a perda do burro.

— Não precisa mais tomar essa providência, senhor — respondeu Sancho. — Vossa mercê contenha sua cólera, que, pelo visto, o Diabo já largou o burro, pois ele volta ao nosso regaço.

Era a pura verdade, porque o Diabo, depois de cair para imitar dom Quixote e Rocinante, foi a pé para o povoado, e o burro voltou para o dono.

— Mas será bom castigar o abuso daquele demônio em algum dos da carreta — disse dom Quixote —, nem que seja no Imperador.

— Tire vossa mercê isso da cabeça — replicou Sancho —, e ouça meu conselho: nunca se meta com comediantes, pois é gente favorecida. Vi ator, preso por duas mortes, sair livre e sem pagar as custas. Saiba vossa mercê, como são pessoas alegres e de diversão, todos os protegem, todos os amparam, ajudam e estimam, e mais ainda se são das companhias autorizadas pelo Conselho Real, pois todos ou a maioria parecem uns príncipes em seus trajes e modos.

— Mesmo assim — respondeu dom Quixote — não vai me escapar todo convencido o Demônio comediante, nem que o favoreça todo o gênero humano.

E, dizendo isso, voltou à carreta, que estava bem perto do povoado, e disse em grandes brados:

— Detende-vos, esperai, turba alegre e brincalhona, que vos quero ensinar como devem se tratar os jumentos e outros animais que servem de montaria aos escudeiros dos cavaleiros andantes.

Tão altos eram os gritos de dom Quixote que os comediantes ouviram e entenderam; e, julgando pelas palavras a intenção daquele que as dizia, num instante a Morte saltou da carreta, e atrás dela o Imperador, o Diabo cocheiro e o Anjo, sem ficar nem a Rainha nem o deus Cupido, e todos agarraram pedras e se puseram em formação de ataque, esperando receber dom Quixote na ponta dos pedregulhos. Dom Quixote, que os viu formados em garboso esquadrão, os braços levantados prontos para atirar com força as pedras, puxou as rédeas de Rocinante e ficou pensando em como poderia atacar com menos perigo para sua pessoa. Nesse instante, chegou Sancho, que, vendo-o em pose de assalto ao bem formado esquadrão, lhe disse:

— Seria loucura completa tentar essa empresa: considere vossa mercê, meu senhor, que para chuva de pedras, feita com pulso firme, não há arma defensiva no mundo exceto se embutir num sino de bronze. Também deve se considerar que é mais temeridade que valentia um homem sozinho atacar o exército onde está a Morte e lutam imperadores em pessoa, a quem ajudam os bons e os maus anjos. Mas, se esta consideração não o acalmar, acalme-o saber que, entre todos os que estão ali, embora pareçam reis, príncipes e imperadores, com certeza não há nenhum cavaleiro andante.

— Agora sim, Sancho — disse dom Quixote —, tocaste no ponto que pode e deve me demover da decisão que eu já tinha tomado. Não posso nem devo sacar a espada, como muitas outras vezes te disse, contra quem não for armado cavaleiro. Cabe a ti, Sancho, se queres te vingar do agravo que foi feito a teu burro, que daqui eu te ajudarei com gritos de incentivo e advertências proveitosas.

— Não há motivo para me vingar de ninguém, senhor — respondeu Sancho —, pois a vingança não é coisa de bons cristãos, sem falar que vou convencer meu burro a pôr sua ofensa nas mãos de minha vontade, que é viver pacificamente os dias que os céus me derem de vida.

— Bem — replicou dom Quixote —, se esse é teu propósito, meu bom Sancho, sábio Sancho, cristão Sancho e sincero Sancho, deixemos esses fantasmas e vamos de novo em busca de aventuras melhores e mais qualificadas, pois algo me diz que nesta terra não nos faltarão muitas e das mais miraculosas.

Em seguida virou as rédeas, Sancho foi pegar o burro e a Morte e toda a sua tropa volante voltaram para a carreta e prosseguiram viagem. E, se a aventura assustadora da carreta da Morte teve um desfecho feliz, graças sejam dadas ao saudável conselho que Sancho Pança deu a seu amo, a quem, no dia seguinte, aconteceu outra com um cavaleiro andante e apaixonado, não menos surpreendente que a passada.

xii

da estranha aventura que aconteceu ao valoroso dom quixote com o bravo cavaleiro dos espelhos

A noite seguinte ao dia do encontro com a Morte, dom Quixote e seu escudeiro passaram embaixo de umas árvores altas e frondosas, tendo o fidalgo, por insistência de Sancho, comido das provisões que traziam no burro. No meio do jantar, Sancho disse:

— Senhor, que tolo eu seria se tivesse escolhido para recompensa os despojos da primeira aventura de vossa mercê em vez das crias das três éguas! No fundo, no fundo, é o que se diz: mais vale um pássaro na mão que dois voando.

— Mas se tu, Sancho — respondeu dom Quixote —, tivesses me deixado atacar, como eu queria, teria te cabido em despojos pelo menos a coroa de ouro da Imperatriz e as asas coloridas do Cupido, que eu teria arrancado com um safanão e te poria nas mãos.

— Nunca os cetros e coroas dos imperadores comediantes foram de ouro puro — respondeu Sancho Pança —, mas de ouropel ou de lata.

— Isso é verdade — replicou dom Quixote —, porque não seria adequado que os adornos fossem preciosos, mas sim falsos e ilusórios como é a própria comédia. Por falar nisso, Sancho, quero que a aprecies, tendo-a em alto conceito, como também aqueles que as representam e que as escrevem, pois todos são instrumentos de um grande bem para a república: a cada passo nos põem um espelho pela frente, onde se veem vividamente as ações humanas. Nada nem ninguém representa de modo mais eficaz o

que somos e o que haveremos de ser do que a comédia e os comediantes, ou então me diz: não viste representar alguma comédia em que se introduzem reis, imperadores e pontífices, cavaleiros, damas e vários outros personagens? Um faz o rufião, outro o embusteiro, este o mercador, aquele o soldado, outro o bobo sábio, outro o simplório apaixonado, mas, acabada a comédia, despindo os trajes dela, todos os atores ficam iguais.

— Já vi, sim — respondeu Sancho.

— O mesmo que acontece na comédia — disse dom Quixote — acontece no mundo, onde uns representam os imperadores, outros os pontífices, enfim, todas as figuras que podem se introduzir numa peça. Mas, chegando ao fim, que é quando acaba a vida, a todos a morte tira os trajes que os diferenciavam, e ficam iguais na sepultura.

— Bela comparação — disse Sancho —, mas não tão nova que eu não a tenha ouvido muitas e muitas vezes, como aquela do jogo de xadrez: enquanto dura a partida, cada peça tem sua função particular, mas no fim se juntam todas, são misturadas e remexidas, e as metem num saco, que é como meter o pé na cova.

— A cada dia, meu caro Sancho — disse dom Quixote —, estás menos tolo e mais sábio.

— Bem, alguma coisa da sabedoria de vossa mercê deve pegar em mim — respondeu Sancho —, pois as terras secas e estéreis, se adubadas e cultivadas, acabam dando bons frutos. Quero dizer que as conversas com vossa mercê foram o esterco que caiu sobre a terra estéril de meu espírito seco; o cultivo, o tempo que convivemos e lhe sirvo. Com isso espero dar frutos que sejam uma bênção, de modo que não desmintam nem se percam dos caminhos da boa educação que vossa mercê fez em meu esturricado entendimento.

Dom Quixote riu do discurso pomposo de Sancho, mas achou que era verdade o que dizia sobre seu aperfeiçoamento, porque de tanto em tanto falava de modo que o pasmava, mesmo que em todas ou na maior parte das vezes em que Sancho queria falar doutamente, ou como um cortesão, seu discurso despencasse do topo de sua tolice no abismo de sua ignorância. No que ele se mostrava mais elegante e com boa memória era nos ditados que disparava a torto

e a direito, encaixassem ou não encaixassem no assunto que tratava, como se viu e notou no decorrer desta história.

Nestas e em outras conversas passaram grande parte da noite, até que Sancho teve vontade de fechar as comportas dos olhos, como ele dizia quando queria dormir. Então, desencilhando o burro, deixou-o livre no pasto abundante. Não tirou a sela de Rocinante, por ordem expressa de seu senhor — no tempo em que andassem pelo campo ou não dormissem sob telhado, não devia desencilhar Rocinante. Tirar o freio e pendurá-lo no arção da sela, sim, era um antigo costume estabelecido e mantido pelos cavaleiros andantes — mas tirar a sela, jamais! Assim fez Sancho, e deu a Rocinante a mesma liberdade que ao burro.

A amizade desses bichos foi tão singular e tão estreita que corre a lenda, por tradição contada de pai para filho, de que o autor desta história verídica escreveu capítulos especiais sobre ela, mas que, para manter a decência e o decoro que se deve a narração tão heroica, não os incluiu nela. Algumas vezes, porém, se descuida desse propósito e escreve que, assim que os dois animais se juntavam, corriam para coçar um ao outro até ficarem cansados e satisfeitos. Então Rocinante botava o pescoço sobre o pescoço do burro, ultrapassando-o mais de meio metro, e os dois, olhando atentamente o chão, costumavam ficar dessa maneira uns três dias, ou pelo menos todo o tempo que os deixavam ou a fome não os levava a procurar sustento.

Digo que dizem que o autor deixou escrito que tinha comparado a amizade deles à que tiveram Niso e Euríalo, e Pílades e Orestes;[1] se foi assim, não devia se deixar de mostrar, para admiração universal, como deve ter sido firme a amizade desses dois pacíficos animais, e para vergonha dos homens, que tão mal sabem manter a amizade uns com os outros. Por isso se cantou:

Não há amigo para amigo:
as canas se tornam lanças;[2]

ou, como disse outro:

Amigos, amigos, negócios etc.

E que ninguém pense que o autor meteu os pés pelas mãos ao comparar a amizade desses animais à dos homens, que dos animais os homens receberam muitos conselhos e aprenderam coisas importantes, como o clister com a cegonha; o vomitório e a gratidão com os cachorros; a vigilância com as gralhas a previdência com as formigas; a honestidade com os elefantes; e a lealdade com o cavalo.

Por fim Sancho acabou adormecido ao pé de um sobreiro, e dom Quixote cochilando sob uma robusta azinheira, mas pouco tempo depois o despertou um ruído às suas costas. Levantou-se assustado e se pôs a olhar ao redor, tentando ouvir de onde vinha o ruído, até que viu dois homens a cavalo e que um deles, saltando da sela, disse ao outro:

— Apeia, meu amigo, e tira os freios dos cavalos, pois me parece que este lugar tem muito capim para eles, e o silêncio e a solidão que meus pensamentos amorosos necessitam.

Ao mesmo tempo que disse isso, estendeu-se no chão, rangendo a armadura que usava, sinal claro que levou dom Quixote a pensar que ele devia ser cavaleiro andante; e, aproximando-se de Sancho, que dormia a sono solto, agarrou-o pelo braço e o acordou, não sem muito trabalho, e lhe disse em voz baixa:

— Irmão Sancho, temos aventura.

— Por Deus, meu senhor, que seja boa — respondeu Sancho. — Mas onde está sua mercê, essa senhora aventura?

— Onde, Sancho? — replicou dom Quixote. — Vira para lá e olha, que verás deitado um cavaleiro andante. Em minha opinião, não deve estar muito alegre, pois o vi apear do cavalo e se estender no chão com mostras de desgosto, e quando se abaixou a armadura rangeu.

— E por que vossa mercê acha que isso é uma aventura? — disse Sancho.

— Não quero dizer — respondeu dom Quixote — que isso seja realmente uma aventura, mas o começo dela, pois assim começam as aventuras. Mas ouve: parece que está afinando um alaúde ou viola e, como cospe e conserta o peito, deve se preparar para cantar algo.

— Diacho, é mesmo — respondeu Sancho. — Deve ser um cavaleiro apaixonado.

— Não há um dos andantes que não o seja — disse dom Quixote. — Mas vamos ouvi-lo, que pelo fio desenrolaremos o novelo de seus pensamentos, se é que canta, porque a boca fala da abundância do coração.[3]

Sancho queria responder a seu amo, mas o atrapalhou a voz do Cavaleiro da Floresta, que não era muito ruim nem muito boa, e, estando os dois perplexos, ouviram que cantou este

soneto

— Dai-me, senhora, um caminho que eu siga,
como vossa vontade traçar,
que a minha há de respeitar,
sem um desvio que a desdiga.

Se preferis que, calando minha mágoa,
morra, contai-me já por acabado;
se quereis que vos conte em desusado
modo, farei com que o próprio amor a diga.

À prova de contrários estou feito,
de cera branda e de diamante duro,
e às leis do amor a alma ajusto.

Brando como é ou forte, ofereço o peito:
entalhai ou imprimi nele o que vos der gosto,
que juro guardá-lo eternamente.[a]

Com um suspiro, pelo visto arrancado do íntimo de seu coração, o Cavaleiro da Floresta deu fim a sua canção, e dali a pouco, com voz dolente e queixosa, disse:

— Oh, mulher, a mais formosa e a mais ingrata do orbe! Como é possível, sereníssima Cacildeia de Vandália,[4] que consintas que este teu cativo cavaleiro se consuma e pereça em contínuas peregrinações e em rudes e duros trabalhos? Não basta que eu tenha feito com que todos os cavaleiros de Navarra, todos os leoneses, todos os andaluzes, todos os castelhanos e por fim todos os cavaleiros da Mancha jurassem a ti que és a mais formosa do mundo?

— Alto lá — disse dom Quixote nessa altura —, pois eu sou da Mancha e nunca jurei isso, nem poderia nem deveria jurar uma coisa tão ofensiva à beleza de minha senhora. Já vês, Sancho, que este cavaleiro está delirando. Mas escutemos: talvez ele fale mais.

— Ora se não — replicou Sancho —, pois leva jeito de que vai se queixar um mês inteiro.

Mas não, porque, tendo o Cavaleiro da Floresta ouvido que falavam ali perto, sem seguir em sua lamentação, levantou-se e disse com voz sonora e comedida:

— Quem vem aí? Quem é? Por acaso pertence ao número dos contentes ou dos aflitos?

— Dos aflitos — respondeu dom Quixote.

— Então se aproxime — respondeu o Cavaleiro da Floresta — e verá que se aproxima da tristeza e da aflição em pessoa.

Dom Quixote, ao ouvir resposta tão comovida e cortês, se aproximou dele, e Sancho nem mais nem menos.

O cavaleiro queixoso segurou dom Quixote por um braço, dizendo:

— Sentai-vos aqui, senhor cavaleiro, pois, para compreender que sois dos que professam a cavalaria andante, basta-me ter-vos achado neste lugar, onde a solidão e o sereno vos fazem companhia, leitos naturais e moradias próprias dos cavaleiros andantes.

Ao que dom Quixote respondeu:

— Cavaleiro sou, da ordem que mencionastes. Mas, embora em minha alma tenham seu próprio assento as tristezas, as desgraças e

as desventuras, nem por isso fugiu dela a compaixão que tenho pelas adversidades alheias. Do que cantastes há pouco deduzi que as vossas são apaixonadas, quero dizer, são do amor que tendes por aquela formosa ingrata que em vossas queixas nomeastes.

Quando falavam isso, já estavam sentados sobre a terra dura, em boa paz e companhia, como se ao romper do dia não houvessem de romper a cabeça um do outro.

— Porventura, senhor cavaleiro — perguntou o da Floresta a dom Quixote —, sois apaixonado?

— Por desventura, sou — respondeu dom Quixote —, embora os danos que nascem dos pensamentos bem direcionados devem ser tidos antes por graças que desgraças.

— É verdade — replicou o da Floresta —, se os desprezos não nos perturbassem a razão e o entendimento, pois, sendo muitos, parecem vinganças.

— Nunca fui desprezado por minha senhora — respondeu dom Quixote.

— Não, claro que não — disse Sancho, que estava por perto —, porque minha senhora é como uma ovelhinha mansa: mais derretida que manteiga.

— Este é vosso escudeiro? — perguntou o da Floresta.

— Sim — respondeu dom Quixote.

— Nunca vi escudeiro que se atrevesse a falar onde fala seu senhor — replicou o da Floresta. — Pelo menos, aí está o meu, que é tão velho quanto vosso pai, mas não se poderá provar que tenha aberto a boca onde eu falo.

— Por Deus, falei sim — disse Sancho —, e posso falar até diante de outros mais velhos ainda. Mas fiquemos por aqui, pois, quanto mais se mexe, mais fede.

O escudeiro do Cavaleiro da Floresta pegou Sancho por um braço, dizendo:

— Vamos para onde possamos falar de escudeiro para escudeiro sobre o que bem entendermos, e deixemos nossos amos discutindo as histórias de seus amores, pois com certeza o dia vai achá-los metidos nelas, sem as terem acabado.

— Em boa hora — disse Sancho —, e vou dizer a vossa mercê quem sou, para que veja se posso me comparar aos escudeiros mais tagarelas.

Assim se afastaram os dois escudeiros, e entre eles aconteceu uma conversa tão engraçada quanto foi séria a que aconteceu entre seus senhores.

a *Soneto — Dadme, señora, un término que siga,/ conforme a vuestra voluntad cortado,/ que será de la mía así estimado,/ que por jamás un punto de él desdiga.// Si gustáis que callando mi fatiga/ muera, contadme ya por acabado;/ si queréis que os la cuente en desusado/ modo, haré que el mismo amor la diga.// A prueba de contrarios estoy hecho,/ de blanda cera y de diamante duro,/ y a las leyes de amor el alma ajusto.// Blando cual es o fuerte, ofrezco el pecho:/ entallad o imprimid lo que os dé gusto,/ que de guardarlo eternamente juro.*

xiii

onde se prossegue a aventura do cavaleiro da floresta, com a arguta, original e serena conversa que aconteceu entre os dois escudeiros

Cavaleiros e escudeiros estavam separados, os escudeiros contando suas vidas e os cavaleiros seus amores, mas a história narra primeiro a conversa dos criados e depois prossegue com a dos amos. Então se diz que, afastando-se um pouco deles, o escudeiro do da Floresta disse a Sancho:

— Passamos trabalho nesta vida, meu senhor, nós que somos escudeiros de cavaleiros andantes: na verdade, comemos o pão com o suor de nossos rostos, que é uma das pragas que Deus rogou a nossos primeiros pais.

— Também se pode dizer — acrescentou Sancho — que o comemos com o gelo de nossos corpos, porque quem passa mais calor e mais frio que os miseráveis escudeiros da cavalaria andante? E não seria tão ruim se pelo menos comêssemos, pois as tristezas com pão são menos amargas, mas às vezes passamos um dia ou dois sem quebrar o jejum, a não ser com a brisa que sopra.

— Tudo isso pode-se levar e relevar — disse o da Floresta — com a esperança que temos de receber algum prêmio, porque, se o cavaleiro andante a quem o escudeiro serve não for desgraçado demais, pelo menos em poucos lances se verá premiado com o belo governo de alguma ilha ou com um condado de boa cara.

— Eu já disse a meu amo que me contento com o governo de alguma ilha — disse Sancho —, e ele é tão nobre e tão generoso

que o prometeu muitas e diversas vezes.

— Eu — disse o da Floresta — ficarei satisfeito com um canonicato por meus serviços. Meu amo já me prometeu um, e como!

— Então o amo de vossa mercê — disse Sancho — deve ser cavaleiro do tipo eclesiástico e poderá fazer essas mercês a seu bom escudeiro, mas o meu é apenas leigo, embora eu me lembre de pessoas esclarecidas, porém mal-intencionadas, em minha opinião, que queriam aconselhá-lo a ser arcebispo. Enfim, ele não quis ser nada além de imperador, e eu então estava tremendo de medo que lhe desse na veneta ser da Igreja, por não me achar em condições de ter algum benefício nela, porque garanto a vossa mercê que, mesmo que eu pareça um homem, sou uma besta para ser da Igreja.

— Na verdade vossa mercê está enganado — disse o da Floresta —, porque nem todos os governos insulares são de boa cepa. Há alguns corrompidos, alguns pobres, alguns melancólicos. Mas mesmo o mais nobre e bem organizado traz consigo uma pesada carga de preocupações e incômodos, que descarrega sobre os ombros do desgraçado a quem coube em sorte. Seria muito melhor para nós, que professamos esta maldita servidão, que nos retirássemos para nossas casas e ali nos entretivéssemos com atividades mais suaves, como a caça ou a pesca, digamos, pois qual escudeiro é tão pobre que não tenha um pangaré, uns dois galgos e uma vara de pescar com que se distrair em sua aldeia?

— Nada disso me falta — respondeu Sancho. — É verdade que não tenho um pangaré, mas tenho um burro que vale duas vezes mais que o cavalo de meu amo. O diabo que me carregue se eu o trocasse por ele, mesmo que me dessem quatro sacas de cevada de troco. Talvez vossa mercê leve na brincadeira o valor de meu ruço, pois é ruça a cor de meu jumento. Quanto a galgos não me faltariam, porque os há de sobra em meu povoado, e a caça é mais divertida quando se faz à custa dos outros.

— Para falar a verdade nua e crua, senhor escudeiro — respondeu o da Floresta —, estou resolvido e determinado a deixar

essas tolices desses cavaleiros, voltar para minha aldeia e criar meus filhinhos, pois tenho três, como três pérolas orientais.

— Eu tenho duas pérolas — disse Sancho —, que podem ser presenteadas ao papa em pessoa, especialmente a mocinha, a quem crio para condessa, se Deus quiser, mesmo que a mãe seja contra.

— E que idade tem essa senhora que se cria para condessa? — perguntou o da Floresta.

— Quinze anos, pouco mais ou menos — respondeu Sancho. — Mas é tão grande como uma lança e tão fresca como uma manhã de abril, e tem a força de um lenhador.

— São qualidades não só para condessa — respondeu o da Floresta —, mas para ser ninfa das matas verdejantes. Puta que a pariu, que muque deve ter a velhaca!

Ao que Sancho respondeu, um tanto amolado:

— Ela não é puta, nem o foi sua mãe, nem o será nenhuma das duas, se Deus quiser, enquanto eu viver. E modere a língua, pois para quem foi criado como vossa mercê entre cavaleiros andantes, que são a própria cortesia, suas palavras não me parecem de muito bom gosto.

— Como vossa mercê sabe pouco em matéria de elogios, senhor escudeiro! — replicou o da Floresta. — Então não sabe que quando um cavaleiro dá uma boa lançada num touro na arena, ou quando uma pessoa faz alguma coisa bem-feita, o povo costuma dizer: “Ah, seu filho da puta, assim é que se faz, seu velhaco!”? Aquilo que parece vitupério, naquela situação é um grande elogio. Arrenegue o senhor os filhos ou filhas que não fazem coisas que mereçam elogios semelhantes dos pais.

— Bem, se é assim, arrenego — respondeu Sancho —, de modo que vossa mercê pode nos chamar de todas as putarias que quiser, eu, meus filhos e minha mulher, porque tudo o que fazem e dizem são coisas dignas de semelhantes elogios. E, para voltar a vê-los, rogo a Deus que me tire de pecado mortal, pois será disso mesmo se me tirar deste perigoso ofício de escudeiro, em que caí pela segunda vez, seduzido e enganado por um saco com cem ducados que achei um dia no coração da Serra Morena. Enfim, o diabo me

põe diante dos olhos aqui, ali, aqui não, mas logo ali, um saco desse tamanho cheio de dobrões, que parece que a cada passo o toco com a mão e me agarro nele e o levo para casa, empresto a juros e vivo de rendas como um príncipe. Na hora em que penso nisso me parecem fáceis e suportáveis essas trabalheiras todas que padeço com este mentecapto do meu amo, de quem sei que tem mais de louco que de cavaleiro.

— Por isso dizem que a cobiça rompe o saco — respondeu o da Floresta. — Mas, falando de loucos, não há no mundo um maior que meu amo, porque é como aquele macaco que tanto cuidou do rabo dos outros que deixou o seu na estrada. Pois veja: para que outro cavaleiro que perdeu o juízo o recobre, ele se faz de louco e anda em busca não sei do quê, que depois de achado talvez arrebente em seu focinho.

— E por acaso está apaixonado?

— Sim — disse o da Floresta —, por uma tal Cacildeia de Vandália, a mais fria e a mais quente senhora que já pisou a face da terra, mas não é a frieza que aperta o sapato dele, pois outros embustes maiores roncam em sua alma, o que logo se verá.

— Não há estrada tão plana — replicou Sancho — que não tenha algum buraco ou lombada; se outras casas têm goteira, a minha não tem telhado; e a loucura deve ter mais servos e agregados que o bom senso. Mas, se é verdade que ter um companheiro nas dificuldades costuma servir de alívio, como se diz, com vossa mercê poderei me consolar, pois serve a um amo tão desmiolado como o meu.

— Desmiolado, sim, mas valente — respondeu o da Floresta —, e mais velhaco que desmiolado e que valente.

— Isso o meu não é — respondeu Sancho —, digo, não tem nada de velhaco, tem uma alma de querubim: não sabe fazer mal a ninguém, mas bem a todos, nem tem malícia alguma; uma criança o fará acreditar que é de noite ao meio-dia. Por causa dessa simplicidade gosto dele como das meninas de meus olhos e não me animo a deixá-lo, por mais asneiras que faça.

— Mas, meu irmão e senhor — disse o da Floresta —, se o cego guia outro cego, ambos correm o risco de cair no abismo.[1] O melhor

é batermos em retirada em passos largos e ir tratar de nossa vida, porque os que buscam aventuras nem sempre as encontram como desejam.

Sancho cuspia seguido, pelo visto uma saliva do tipo pegajosa e meio seca; notando isso, o caritativo e silvestre escudeiro disse:

— Como falamos demais, parece que nossas línguas colaram no céu da boca, mas eu trago pendurado no arção da sela um descolador de primeira.

Ele se levantou e dali a pouco voltou com um grande odre de vinho e uma empada de dois palmos, sem exagero, porque era de um coelho branco tão grande que Sancho, ao tocá-la, pensou que era de um bode, nunca de um cabrito.

— Vossa mercê traz isso consigo, senhor? — Sancho disse, ao ver aquilo.

— Claro, pensava o quê? — respondeu o outro. — Por acaso sou escudeiro de pouca monta? Trago melhores víveres nas ancas de meu cavalo do que leva um general em viagem.

Sancho comeu sem se fazer de rogado e, na escuridão, engolia bocados do tamanho de um punho. Depois disse:

— Vossa mercê sim é que é escudeiro fiel e leal, sempre pronto e disposto, nobre e generoso, como o demonstra este banquete, que não veio para cá por artes de encantamento (pelo menos é o que parece), e não como eu, miserável e desgraçado, que só trago em meus alforjes um pouco de queijo tão duro que pode rachar o coco de um gigante, acompanhado de quatro dúzias de alfarrobas e outras tantas avelãs e nozes, devido à penúria de meu amo e à opinião que tem de seguir as regras de que os cavaleiros andantes não devem se alimentar a não ser com frutas secas e com as ervas dos campos.

— Por Deus, meu irmão — replicou o da Floresta —, meu estômago não foi feito para cardos, peras silvestres e raízes dos matos. Que se virem com suas opiniões e leis da cavalaria nossos amos, e comam o que elas ordenarem; eu trago fiambres e este odre pendurado no arção da sela, por via das dúvidas. E a devoção dele por mim é tanta e eu o amo tanto que se passa pouco tempo sem que troquemos mil beijos e mil abraços.

Disse isso e o depositou nas mãos de Sancho, que o empinou, pondo-o na boca, e esteve assim olhando as estrelas por um quarto de hora. Por fim, quando acabou de beber, deixou a cabeça cair para um lado e disse, com um grande suspiro:

— Eia, fiadaputa, velhaco! Este sim é bem católico!

— Vedes aí — disse o da Floresta ao ouvir o *fiadaputa* de Sancho — como haveis elogiado este vinho, chamando-o de *fiadaputa*?

— Confesso — respondeu Sancho — que reconheço que não é desonra chamar ninguém de filho da puta, desde que se esteja elogiando, entenda-se. Mas, diga-me, senhor, pelo que há de mais sagrado: este vinho é de Cidade Real?

— Belo provador! — respondeu o da Floresta. — É de lá mesmo e já tem alguns anos de idade.

— Diz isso a mim! — disse Sancho. — Não me tome por bobo, que eu não ia deixar passar por alto. Não lhe parece possível, senhor escudeiro, que eu tenha um instinto tão grande e natural nisso de conhecer vinhos? Se me derem qualquer um para cheirar, acerto a pátria, a cepa, o sabor, a safra e em que barris andou, com todas as demais circunstâncias que lhe dizem respeito. Mas não há de que se espantar, porque tive dois antepassados por parte de pai que foram os melhores provadores que por longos anos a Mancha conheceu. Como prova disso, agora contarei o que aconteceu com eles uma vez. Deram aos dois do vinho de um barril, pedindo a opinião sobre o estado e a qualidade, se era bom ou mau. Um deles provou com a ponta da língua; o outro não fez mais que aproximar o nariz. O primeiro disse que aquele vinho tinha sabor de ferro; o segundo disse que tinha mais gosto de couro de cabra. O dono disse que o barril estava limpo e que o tal vinho não tinha acréscimo algum para que tivesse ganhado sabor de ferro nem de couro de cabra. Mesmo assim, os dois famosos provadores teimaram no que haviam dito. Passou o tempo, vendeu-se o vinho, e ao limpar o barril acharam uma chave pequena, pendurada numa tira de couro de cabra. Veja então vossa mercê se quem descende dessa linhagem poderá dar sua opinião em semelhante assunto.

— É por isso que digo — disse o da Floresta — que devemos deixar de andar em busca de aventuras; se temos pão, não

busquemos bolo, e voltemos a nossas cabanas, que ali Deus nos achará, se Ele quiser.

— Até que meu amo chegue a Zaragoza, eu o servirei. Depois chegaremos a um acordo.

Enfim, tanto falaram e tanto beberam os dois bons escudeiros que o sono teve necessidade de atar a língua e moderar a sede deles, pois acabar com ela seria impossível. Assim, agarrados ao odre vazio, com pedaços meio mastigados na boca, acabaram adormecidos, onde os deixaremos por ora, para contar o que houve com o Cavaleiro da Floresta e o da Triste Figura.

xiv

onde se prossegue a aventura do cavaleiro da floresta

Entre as muitas coisas que dom Quixote e o Cavaleiro da Floresta falaram, conta a história que o da Floresta disse a dom Quixote:

— Enfim, senhor cavaleiro, gostaria que soubésseis que meu destino ou, digamos melhor, minha livre escolha me levou a me apaixonar pela incomparável Cacildeia de Vandália. Chamo-a assim porque não há com quem compará-la, tanto na majestade do corpo como no extremo de sua condição e formosura. Enfim, esta tal Cacildeia de que estou falando pagou minhas boas intenções e castos desejos fazendo com que eu me ocupasse de muitos e diversos perigos, como fez a Hércules a madrasta dele, prometendo-me ao fim de cada um que no fim do próximo chegaria o fim da minha esperança. Mas desse modo foram se encadeando meus trabalhos, que são incontáveis, e nem eu sei qual haverá de ser o último que dará princípio à realização de meus bons desejos.

“Uma vez me mandou que fosse desafiar aquela famosa giganta de Sevilha chamada Giralda,[1] que é tão valente e forte como se feita de bronze, e que, sem sair do lugar, é a mais volúvel e inconstante mulher do mundo. Fui, vi e venci: eu a mantive quieta e na linha, pois em mais de uma semana sopraram apenas ventos nortes. Também houve aquela vez que Cacildeia me mandou levantar as antigas pedras dos descomunais touros de Guisando,[2] empresa para se encomendar mais a carregadores que a cavaleiros. Outra vez mandou que me atirasse no abismo de Cabra,[3] perigo inaudito e apavorante, e que eu lhe trouxesse notícias detalhadas do que se

encerra naquelas escuras profundezas. Detive o movimento da Giralda, levantei os touros de Guisando, atirei-me no abismo e revelei o que estava escondido em suas entranhas, mas minhas esperanças, mortas para sempre, e seus caprichos e desdéns sempre vivos.

"Então, ultimamente me mandou percorrer todas as províncias da Espanha e fazer com que todos os cavaleiros andantes que vagam por aí confessem que ela ultrapassa em formosura quantas donzelas vivem hoje, e que eu sou o cavaleiro mais valente e o mais feliz apaixonado do orbe. Nessa empreitada já percorri a maior parte da Espanha e venci muitos cavaleiros que se atreveram a me contradizer. Mas do que eu mais me alegro e ufano é ter vencido em singular batalha aquele cavaleiro tão famoso, dom Quixote de la Mancha, e tê-lo feito confessar que minha Cacildeia é mais formosa que sua Dulcineia. Com apenas essa vitória penso ter vencido todos os cavaleiros do mundo, porque garanto que o tal dom Quixote venceu a todos, e eu o tendo vencido, sua glória, sua fama e sua honra se transferem e passam a minha pessoa,

e tanto o vencedor é mais honrado,
quanto mais o vencido é reputado;[4]

portanto já correm por minha conta e são minhas as inumeráveis façanhas do já aludido dom Quixote."

Dom Quixote ficou surpreso de ouvir o Cavaleiro da Floresta e por mil vezes esteve para lhe dizer que mentia, tendo o "mentis" na ponta da língua, mas se conteve o melhor que pôde, para fazê-lo confessar a mentira pela própria boca. Então, calmamente, lhe disse:

— De que vossa mercê, senhor cavaleiro, tenha vencido a maioria dos cavaleiros andantes da Espanha, ou mesmo de todo o mundo, não digo nada. Mas de que haja vencido dom Quixote de la Mancha, tenho minhas dúvidas. Talvez fosse algum outro muito parecido, embora poucos se pareçam com ele.

— Como outro?! — replicou o da Floresta. — Pelo céu que nos protege, lutei com dom Quixote: eu o venci e o rendi. Ele é um homem alto, o rosto enrugado, pernas e braços secos e compridos, grisalho, de nariz aquilino e meio torto, de bigodes grandes, pretos e caídos. Guerreia sob o nome de Cavaleiro da Triste Figura e tem por escudeiro um camponês chamado Sancho Pança; sobrecarrega o lombo e rege o freio de um famoso cavalo conhecido como Rocinante; e, por fim, tem por senhora de sua vontade uma tal de Dulcineia del Toboso, chamada uma época de Aldonza Lorenzo: como a minha, que, por se chamar Cacilda e ser da Andaluzia, eu chamo de Cacildeia de Vandália. Se todos esses sinais não bastam para provar o que afirmo, aqui está minha espada, que fará a própria incredulidade acreditar.

— Acalmai-vos, senhor cavaleiro — disse dom Quixote —, e escutai o que desejo vos dizer. Deveis saber que esse dom Quixote de que falais é o maior amigo que tenho neste mundo, tanto que posso dizer que somos a mesma pessoa e que, pelos sinais que me destes, tão detalhados e corretos, não posso pensar que não seja ele mesmo que vencestes. Por outro lado, vejo com os olhos e toco com as mãos a impossibilidade de ser o mesmo, a menos que, como ele tem muitos magos inimigos, especialmente um que o persegue sempre, algum deles tenha tomado sua aparência para se deixar vencer e prejudicar a fama que sua nobre cavalaria lhe tem granjeado em todo o mundo conhecido. E para confirmar isso quero também que saibais que esses magos inimigos, não faz mais de dois dias, transformaram a aparência e a pessoa da formosa Dulcineia del Toboso numa reles camponesa, do mesmo modo como devem ter transformado dom Quixote. E se tudo isso não basta para inteirar-vos da verdade que digo, aqui está o próprio dom Quixote, que a sustentará com suas armas a pé ou a cavalo ou de qualquer forma que vos agradar.

Ao dizer isso, levantou-se e empunhou a espada, esperando que decisão tomaria o Cavaleiro da Floresta, que, também com voz calma, respondeu:

— Ao bom pagador não doem os penhores: quem uma vez, senhor dom Quixote, pôde vos vencer transformado bem poderá ter

esperanças de vos render em sua própria pessoa. Como não fica bem que os cavaleiros cometam seus feitos de armas às escuras, como salteadores e rufiões, esperemos o dia, para que o sol veja nossas ações. E será condição de nossa batalha que o vencido deve se submeter à vontade do vencedor, para que faça dele tudo o que quiser, desde que seja decente para um cavaleiro o que lhe for ordenado.

— Estou mais que satisfeito com o trato e a condição — respondeu dom Quixote.

Dizendo isso, foram até onde estavam os escudeiros e os acharam roncando, da mesma forma em que estavam quando o sono os surpreendera. Acordaram-nos e mandaram que preparassem os cavalos, porque, saindo o sol, os dois haveriam de entrar em sangrenta, singular e desigual batalha. Com essa notícia, Sancho ficou pasmo e atônito, temendo pela saúde de seu amo, pois tinha ouvido pelo escudeiro as valentias do da Floresta. Mas, sem dizer uma palavra, os dois escudeiros foram procurar os bichos: os três cavalos e o burro já tinham se cheirado e estavam todos juntos.

No caminho, o da Floresta disse a Sancho:

— Deves saber, meu irmão, que os duelistas da Andaluzia têm por costume, quando são padrinhos de algum desafio, não ficarem ociosos, de mãos abanando, enquanto seus afilhados lutam. Digo isso para que estejas prevenido: enquanto nossos amos lutarem, nós também devemos lutar e nos fazer em pedaços.

— Esse costume, senhor escudeiro — respondeu Sancho —, pode ser coisa comum entre os rufiões e duelistas de que vossa mercê falou, mas, com os escudeiros dos cavaleiros andantes, nem em sonhos. Pelo menos eu não ouvi meu amo falar de semelhante costume, e ele sabe de cor e salteado todos os regulamentos da cavalaria andante. Mesmo que eu possa admitir que seja verdade e ordem expressa a luta de escudeiros enquanto seus amos combatem, não quero cumpri-la, mas pagar a multa que estiver estipulada aos escudeiros pacíficos, que eu garanto que não deve passar de um quilo de cera, e prefiro muito mais pagar esse quilo, pois sei que me custará menos que as ataduras que terei de gastar nos curativos da cabeça, que já conto como quebrada e dividida em

duas partes. Além do mais, não posso lutar por não ter espada, nem nunca ter empunhado uma na vida.

— Para isso eu conheço um bom remédio — disse o da Floresta. — Trago aqui dois sacos de pano do mesmo tamanho; vamos, agarreis um, que eu agarro o outro, e lutaremos a sacadas, com armas iguais.

— Dessa maneira, sim — respondeu Sancho —, porque essa luta servirá mais para nos tirar o pó que o sangue.

— Não, nada disso — replicou o outro —, porque devemos botar dentro dos sacos, para que o vento não os desvie, meia dúzia de belas pedras com o mesmo peso tanto para um como para o outro.[5] Dessa maneira poderemos nos bater sem causar mal nem dano.

— Santo Deus! — respondeu Sancho —, olhe bem que enchimento de *martas-cebolinhas* ou de algodão bota nos sacos, para não quebrarmos a cabeça nem deixarmos os ossos em cacos. Mas, mesmo que forem recheados com seda, meu senhor, saiba que não vou lutar: lutem nossos amos e eles lá que se entendam, e bebamos e vivamos nós, que o tempo se encarrega de nos tirar a vida, sem que andemos dando uma mãozinha para que acabem antes da época e caiam de maduras.

— Mesmo assim — replicou o da Floresta —, temos de lutar pelo menos meia hora.

— De jeito nenhum — respondeu Sancho. — Não serei tão ingrato nem tão grosso para arrumar uma rixa, por menor que seja, com quem comi e bebi, ainda mais sem raiva nem nada. Quem diabos pode brigar assim em seco?

— Deixe que eu dou um jeito nisso — disse o da Floresta. — Olhe, antes que comecemos a luta, eu me aproximarei graciosamente de vossa mercê e lhe darei três ou quatro bofetadas, que o derrubem a meus pés. Com elas lhe despertarei a raiva, mesmo que esteja dormindo como uma pedra.

— Contra esse remédio — respondeu Sancho —, conheço outro que não fica atrás: eu pegarei um porrete e, antes que vossa mercê chegue a despertar minha raiva, farei dormir a sua a bordoadas de tal modo que não despertará mais a não ser no outro mundo, onde se sabe que não sou homem que deixe alguém me meter a mão na

cara. E que cada um trate de sua vida, embora o mais acertado fosse deixar cada um com sua raiva adormecida, pois ninguém conhece a alma de ninguém, sem falar que muitos que vêm por lã voltam tosquiados, e que Deus abençoou a paz e amaldiçoou as rixas. Se um gato encerrado e acossado se torna um leão, eu, que sou homem, vá saber o que posso me tornar, por isso, senhor escudeiro, nesse instante o intimo: corra por sua conta e risco o mal e o dano que resultar de nossa pendência.

— Está bem — replicou o da Floresta. — Esperemos a manhã, e seja o que Deus quiser.

Já começavam a gorjear nas árvores mil espécies de passarinhos coloridos, e com seus diversos e alegres cantos pareciam saudar e acolher a fresca aurora, que pelos portais e terraços do Oriente ia revelando a formosura de seu rosto, sacudindo de seus cabelos um número infinito de pérolas líquidas, em cujo suave néctar se banhavam os gramados, como se deles brotassem o aljôfar branco e miúdo. Os salgueiros destilavam maná delicioso, as fontes riam, os riachos murmuravam, as matas se alegravam e se enriqueciam os campos com sua vinda. Mas, mal a claridade do dia permitiu ver e diferenciar as coisas, a primeira que se ofereceu aos olhos de Sancho Pança foi o nariz do escudeiro do da Floresta, que era tão grande que quase deixava o corpo todo na sombra. Conta-se, na verdade, que era grande demais, curvo na metade e todo cheio de verrugas, arroxeado como uma berinjela e que descia uns dois dedos além da boca. O tamanho, a cor, as verrugas e a curvatura do nariz enfeavam tanto o rosto que, ao vê-lo, Sancho começou a tremer todo, como uma criança tendo um ataque de epilepsia, e resolveu em seu íntimo deixar que lhe dessem duzentas bofetadas em vez de despertar a raiva para brigar com aquela monstruosidade.

Dom Quixote olhou para seu adversário e o encontrou com o elmo posto e a viseira baixada, de modo que não pôde ver o rosto dele, mas notou que, embora não muito alto, era homem musculoso. Sobre a armadura trazia uma túnica ou casaca de um tecido que parecia ser de ouro finíssimo, semeado de muitas luas pequenas, resplandecentes como espelhos, que o tornavam extremamente

galante e vistoso; sobre o elmo ondulava grande quantidade de plumas verdes, amarelas e brancas; a lança, que tinha escorada numa árvore, era muito comprida e grossa, com uma ponta de ferro afiada de mais de um palmo.

Dom Quixote tudo olhou e tudo notou e, pelo visto e observado, julgou que o dito cavaleiro devia ter grande força, mas nem por isso o temeu, como Sancho Pança. Ao contrário, com amável desenvoltura, disse ao Cavaleiro dos Espelhos:

— Se a grande vontade de lutar, senhor cavaleiro, não desgasta vossa cortesia, por ela vos peço que alceis um pouco a viseira para que eu veja se a galhardia de vosso rosto corresponde à de vossa compleição.

— Vencido ou vencedor que sairdes desta empresa, senhor cavaleiro — respondeu o dos Espelhos —, tereis tempo e oportunidade para me ver; se agora não satisfaço vosso desejo, é por me parecer que faço notável desfeita à formosa Cacildeia de Vandália ao dilatar o tempo que levarei para alçar a viseira, sem vos fazer confessar o que já sabeis que pretendo.

— Então, enquanto montamos a cavalo — disse dom Quixote —, bem podeis me dizer se eu sou aquele dom Quixote que dissestes ter vencido.

— A isso vos respondemos que pareceis, sim, como se parece um ovo com outro, ao dito cavaleiro que venci — disse o dos Espelhos. — Mas, como dizeis ser perseguido por magos, não ousarei afirmar se sois ou não o próprio.

— Isso me basta — respondeu dom Quixote — para que creia em vosso engano. Mas, para vos tirar dele completamente, que venham nossos cavalos, que em menos tempo que levardes para alçar a viseira, se Deus, minha senhora e meu braço me valerem, eu verei vosso rosto, e vós vereis que não sou o vencido dom Quixote que pensais.

Então, para encurtar a conversa, montaram, e dom Quixote virou as rédeas de Rocinante para tomar a distância conveniente a fim de atacar seu adversário, e o mesmo fez o dos Espelhos. Mas dom Quixote não havia se afastado vinte passos, quando foi chamado

pelo dos Espelhos. Detendo-se os dois na metade do caminho, o dos Espelhos disse:

— Lembrai, senhor cavaleiro, que a condição de nossa batalha é que o vencido, como já se disse antes, deve ficar à mercê do vencedor.

— Sim, claro — respondeu dom Quixote —, desde que as imposições e ordens ao vencido não saiam dos limites da cavalaria.

— Isso mesmo — respondeu o dos Espelhos.

Nisto se ofereceu à vista de dom Quixote o estranho nariz do escudeiro, e não se admirou menos de vê-lo que Sancho, tanto que julgou o criado por algum monstro ou uma espécie nova de homem, dessas que não costumam andar pelo mundo. Sancho, que viu seu amo se afastar para o combate, não quis ficar sozinho com o narigudo, temendo que apenas com uma trombada daquele nariz no seu a pendência estaria acabada, ficando ele estendido no chão pelo golpe ou pelo medo, e então se foi atrás do amo, agarrado na correia do estribo de Rocinante; e, quando achou que já era tempo de se virar, lhe disse:

— Suplico a vossa mercê, meu senhor, que, antes de se virar para atacar, me ajude a subir naquele sobreiro, de onde poderei ver mais à vontade, melhor que do chão, o galhardo encontro que vossa mercê terá com esse cavaleiro.

— Pelo visto, Sancho — disse dom Quixote —, tu queres se encarapitar na cerca para ver os touros sem perigo.

— Para dizer a verdade nua e crua — respondeu Sancho —, o nariz monstruoso daquele escudeiro me surpreendeu e assustou, e não me atrevo a ficar perto dele.

— Realmente — disse dom Quixote —, se eu não fosse quem sou também me assombraria com esse nariz. Assim sendo, vem, vou te ajudar a subir na árvore.

Quando dom Quixote se deteve para que Sancho subisse no sobreiro, o dos Espelhos achou que tinha se distanciado o suficiente e, pensando que dom Quixote já teria feito a mesma coisa, sem esperar pelo som de uma trombeta ou outro sinal que os avisasse, virou as rédeas do cavalo, que não era mais ligeiro nem tinha melhor aspecto que Rocinante, e foi atacar seu inimigo a todo

galope, que era um trotezinho mediano. Mas, vendo-o ocupado com a subida de Sancho, puxou as rédeas e parou na metade da carreira, do que o cavalo ficou muito agradecido, pois já não conseguia mais se mexer. Dom Quixote, que achou que seu inimigo vinha voando, meteu violentamente as esporas nas ilhargas sem recheio de Rocinante, cutucando-as de tal maneira que, conta a história, apenas nessa vez soube-se ter o bicho corrido um pouco, porque todas as demais sempre foram trotes confirmados. Então, com essa fúria nunca vista, chegou aonde estava o dos Espelhos, que enfiava as esporas até os calcanhares em seu cavalo, sem poder movê-lo um dedo do lugar onde havia parado.

Nessa linda situação dom Quixote achou seu adversário, embaraçado com seu cavalo e atrapalhado com sua lança, que nunca conseguiu ou teve chance de pôr em riste. Dom Quixote, que não dava atenção a esses inconvenientes, sem risco nenhum atingiu o dos Espelhos com tanta força que o atirou no chão pelas ancas do cavalo, dando tal tombo que, sem mover nem pé nem mão, o homem deu sinais de que estava morto.

Sancho, mal o viu caído, deslizou do sobreiro e foi a toda pressa para onde estava seu senhor, que, apeando de Rocinante, se debruçou sobre o Cavaleiro dos Espelhos e desamarrou os laços que prendiam o elmo para ver se tinha morrido ou para que pudesse respirar se por acaso estivesse vivo. Então viu — quem poderá dizer quem ele viu, sem causar admiração, maravilha e espanto nos ouvintes? — viu, conta a história, o próprio rosto, a própria imagem, a própria estampa, a própria fisionomia, a própria efígie, a própria compleição do bacharel Sansão Carrasco. Assim que o viu, disse aos brados:

— Corre, Sancho, que vais ver o que não hás de crer! Ligeiro, meu filho, e repara no poder da magia, no que podem os magos e feiticeiros!

Sancho chegou e, mal viu o rosto do bacharel Carrasco, começou a fazer mil conjuros e a se benzer outras tantas vezes. Todo esse tempo o cavaleiro caído não dava mostras de estar vivo, e Sancho disse a dom Quixote:

— Sou de opinião, meu senhor, que por via das dúvidas vossa mercê deve meter a espada na boca deste que parece o bacharel Sansão Carrasco: talvez mate nele algum dos magos seus inimigos.

— Não é má ideia — disse dom Quixote —, porque, em matéria de inimigos, quanto menos, melhor.

Mas, quando sacou a espada para executar o conselho de Sancho, chegou o escudeiro do dos Espelhos, agora sem o nariz que o tinha feito tão feio, e disse, aos berros:

— Olhe bem vossa mercê o que faz, senhor dom Quixote, pois este que tem aos pés é o bacharel Sansão Carrasco, seu amigo, e eu sou o escudeiro dele.

Sancho, vendo-o sem aquela monstruosidade de antes, disse:

— E o nariz?

Ao que ele respondeu:

— Está aqui no bolso.

E, metendo a mão no lado direito, puxou um nariz postiço de massa de papel e verniz com a aparência já mencionada. E Sancho, sem despregar os olhos dele, disse com voz alta e pasmada:

— Santa Maria, acuda-me! Este não é Tomé Cecial, meu vizinho e meu compadre?

— Ora se não sou! — respondeu o desnarigado escudeiro. — Sou Tomé Cecial, compadre e amigo Sancho Pança, e logo vos contarei as tramas, tramoias e maquinações que me trouxeram aqui, mas enquanto isso pedi e suplicai ao senhor vosso amo que não toque nem maltrate, nem fira nem mate o Cavaleiro dos Espelhos, que tem a seus pés, porque sem dúvida alguma é o atrevido e desorientado bacharel Sansão Carrasco, nosso conterrâneo.

Nesse instante, o Cavaleiro dos Espelhos voltou a si, e dom Quixote, percebendo isso, pôs a ponta da espada nua em cima do rosto dele e disse:

— Morto sois, cavaleiro, se não confessais que a sem-par Dulcineia del Toboso ultrapassa em beleza a vossa Cacildeia de Vandália. Além disso, deveis prometer, se desta contenda e queda sairdes com vida, ir à cidade de El Toboso e vos apresentar a Dulcineia de minha parte, para que faça de vós o que sua vontade bem desejar. Se ela vos deixar livre, também deveis voltar a me

procurar para me dizer o que aconteceu, que o rastro de minhas façanhas vos servirá de guia para vos levar aonde eu estiver. Essas condições, conforme combinamos antes de nossa batalha, não saem dos termos da cavalaria andante.

— Confesso — disse o cavaleiro caído — que o sapato descosido e sujo da senhora Dulcineia del Toboso vale mais que as barbas mal penteadas, embora limpas, de Cacildeia, e prometo ir à presença dela e voltar à vossa e vos inteirar em tudo e em detalhes do que me pedis.

— Também deveis confessar e crer — acrescentou dom Quixote — que aquele cavaleiro que vencestes não foi nem pode ser dom Quixote de la Mancha, mas outro parecido com ele, como eu confesso e creio que vós, embora pareceis o bacharel Sansão Carrasco, não o sois, mas outro que parece com ele e que com sua aparência me puseram por diante meus inimigos, para esfriarem e deterem o ímpeto de minha cólera e para me fazerem usar brandamente a glória da vitória.

— Confesso tudo, julgo e sinto como vós credes, julgai e sentis — respondeu o esgotado cavaleiro. — Deixai-me levantar, suplico-vos, se é que o permite o golpe de minha queda, que muito estropiado me tem.

Ajudou-o a se levantar dom Quixote, e Tomé Cecial, seu escudeiro, de quem Sancho não arredava os olhos, perguntando-lhe coisas cujas respostas davam claros sinais de que realmente era Tomé Cecial que falava. Mas a impressão que havia deixado em Sancho o que seu amo dissera sobre os magos terem mudado a aparência do Cavaleiro dos Espelhos na do bacharel Carrasco não o deixava dar crédito à verdade que tinha sob os olhos. Por fim, permaneceram com esse engano amo e criado, e o Cavaleiro dos Espelhos e seu escudeiro, aborrecidos e desafortunados, se afastaram de dom Quixote e Sancho com a intenção de achar algum lugar onde pôr um emplastro e umas talas nas costelas. Dom Quixote e Sancho retomaram seu caminho para Zaragoza, onde os deixa a história, para contar quem eram o Cavaleiro dos Espelhos e seu narigudo escudeiro.

XV

onde se conta e dá notícia de quem eram o cavaleiro dos espelhos e seu escudeiro

Dom Quixote ia contente ao extremo, ufano e vanglorioso por ter vencido tão valente cavaleiro como imaginava que era o dos Espelhos, de cuja palavra cavaleiresca esperava saber se o encantamento de sua senhora continuava, pois era forçoso que o andante derrotado voltasse, sob pena de deixar de ser cavaleiro, para informá-lo do que houvesse acontecido com ela. Mas dom Quixote pensava uma coisa e o dos Espelhos outra, porque naquele momento não era outro seu pensamento senão achar onde fazer um emplastro, como se disse.

Enfim, a história narra que, quando o bacharel Sansão Carrasco aconselhou dom Quixote a retomar de novo sua cavalaria abandonada, foi por ter combinado antes, em conluio com o padre e o barbeiro, de que forma poderia se convencer dom Quixote a ficar em sua casa, quieto e sossegado, sem que o agitassem suas mal buscadas aventuras. O resultado dessa conspiração, com a concordância de todos e especial empenho de Carrasco, foi que deixassem dom Quixote sair, porque detê-lo parecia impossível. A seguir, Sansão cruzaria seu caminho como cavaleiro andante e travaria batalha com ele, pois não faltaria pretexto, e o venceria, tendo isso por coisa fácil. Para arrematar, um pacto determinaria que o vencido ficaria à mercê do vitorioso. Assim, com dom Quixote vencido, o cavaleiro-bacharel o mandaria voltar para seu povoado e não sair de casa por dois anos ou até que fosse mandado por ele

fazer outra coisa, o que com certeza dom Quixote cumpriria para não infringir as leis da cavalaria. Talvez, nesse tempo de reclusão, ele esquecesse suas veleidades ou se pudesse encontrar algum remédio conveniente para sua loucura.

Carrasco aceitou a missão, e Tomé Cecial, vizinho e compadre de Sancho Pança, homem alegre e meio cabeça de vento, se ofereceu como escudeiro. Sansão botou a armadura como foi descrita e Tomé Cecial ajeitou o nariz postiço em cima do natural, para não ser reconhecido por seu compadre quando se vissem, e assim seguiram o mesmo trajeto de dom Quixote e quase conseguiram estar presentes à aventura do carro da Morte. Por fim, deram com eles na floresta, onde aconteceu tudo o que o sagaz leitor já conhece. Mas, se não fosse pelos pensamentos extraordinários de dom Quixote, que entendeu que o bacharel não era o bacharel, o senhor bacharel estaria impossibilitado para sempre de completar sua licenciatura, por não ter achado nem mesmo ninhos onde pensava achar pássaros.

Tomé Cecial, que viu como ele tinha realizado tão mal suas intenções e ao péssimo paradeiro que seu caminho o levara, disse ao bacharel:

— Com certeza, senhor Sansão Carrasco, tivemos o que merecíamos: com facilidade se pensa e se empreende um negócio, mas na maioria das vezes se sai dele com dificuldade. Dom Quixote louco, nós lúcidos: ele se vai são e rindo; vossa mercê fica estropiado e triste. Vejamos agora quem é mais louco, aquele que o é por não poder evitá-lo ou o que o é por sua própria vontade.

Ao que Sansão respondeu:

— A diferença que há entre eles é que, aquele que é louco por força, será louco para sempre, e o que é por escolha deixará de sê-lo quando quiser.

— Pois é — disse Tomé Cecial —, eu fui louco por vontade própria quando quis me fazer escudeiro de vossa mercê, e por ela mesma quero deixar de sê-lo e voltar para casa.

— A decisão é vossa — respondeu Sansão —, porque pensar que eu vou voltar para casa sem ter moído a pau esse dom Quixote é pensar que o sol nasce de noite. E agora o que me leva não é o

desejo de que ele recupere o juízo, mas o da vingança, porque a dor desgraçada que sinto nas costelas não me deixa mais fazer planos piedosos.

Assim foram os dois conversando, até que chegaram a um povoado onde por sorte havia um curandeiro de ossos, que tratou do pobre Sansão. Tomé Cecial foi embora e o deixou, imaginando sua vingança, e a história voltará a falar dele no tempo devido, para não deixar agora de se regozijar com dom Quixote.

XVI

do que aconteceu a dom quixote com um arguto cavaleiro da mancha

Com a alegria, contentamento e orgulho já mencionados, dom Quixote prosseguiu sua viagem, imaginando-se pela vitória anterior ser o cavaleiro andante mais valente que o mundo tinha naquele tempo. Dava por realizadas e conduzidas a desfechos felizes quantas aventuras pudessem lhe acontecer dali por diante: menosprezava os magos e os encantamentos; não se lembrava das inumeráveis sovas que tinha levado no curso de suas façanhas guerreiras, nem da pedrada que lhe arrancou metade dos dentes, nem da ingratidão dos condenados às galés, nem do atrevimento e tempestade de cacetadas dos galegos. Enfim, dizia a si mesmo que, se achasse um jeito ou meio de desencantar sua senhora Dulcineia, não invejaria o mais venturoso cavaleiro andante dos séculos passados. Ia muito ocupado nessas fantasias, quando Sancho lhe disse:

— Não é esquisito, senhor, que eu ainda traga diante dos olhos o nariz desmedido, muito maior que o normal, de meu compadre Tomé Cecial?

— E tu acreditas, Sancho, que por acaso o Cavaleiro dos Espelhos era o bacharel Carrasco e seu escudeiro, Tomé Cecial, teu compadre?

— Não sei o que dizer disso — respondeu Sancho. — Sei apenas que as indicações que me deu de minha casa, mulher e filhos não poderiam ser dadas por outro que não ele mesmo; e a cara, sem aquele narigão, era a mesma de Tomé Cecial, como eu a vi muitas

vezes lá na vila e em minha própria casa, que é colada na dele, e o tom da voz era o mesmo também.

— Vamos conversar sobre isso, Sancho — replicou dom Quixote. — Vem cá: a troco de que o bacharel Sansão Carrasco viria como cavaleiro andante, com armas ofensivas e defensivas, lutar comigo? Por acaso fui inimigo dele? Alguma vez dei motivo para que tivesse aversão por mim? Sou seu rival ou ele segue a profissão das armas, para ter inveja da fama que ganhei com elas?

— Então, senhor — respondeu Sancho —, como vamos explicar esse negócio daquele cavaleiro, seja ele quem for, se parecer tanto com o bacharel Carrasco, e seu escudeiro, com Tomé Cecial, meu compadre? E se isso é encantamento, como vossa mercê disse, não haveria no mundo outros dois com quem se parecer?

— São tudo manobras e ilusões dos magos perversos que me perseguem — respondeu dom Quixote. — Eles, prevendo que eu sairia vitorioso da contenda, trataram de que o cavaleiro vencido mostrasse o rosto de meu amigo o bacharel, para que a amizade que tenho por ele se interpusesse entre a lâmina de minha espada e o rigor de meu braço, e amornasse a justa ira de meu coração, e dessa maneira ficasse com vida aquele que com artimanhas e falsidades procurava tirar a minha. Como prova de que já sabes, Sancho, por experiência própria que não te deixará mentir nem enganar, o quanto é fácil para os magos transformar os rostos em outros, tornando o formoso feio e o feio, formoso, lembres que não faz dois dias que viste com teus próprios olhos a formosura e galhardia da incomparável Dulcineia em toda a sua inteireza e natural conformidade, e eu, com cataratas nos olhos, a vi na fealdade e baixeza de uma reles camponesa, com a boca fedendo a alho. Digo mais, para o mago perverso que se atreveu a fazer uma transformação tão maldosa não é grande coisa que tenha feito a de Sansão Carrasco e a de teu compadre, para me tirar das mãos o prestígio da vitória. Mas, apesar de tudo, eu me consolo, porque no fim das contas, com qualquer aparência que tenha sido, fui o vencedor de meu inimigo.

— Deus sabe a verdade de tudo — respondeu Sancho.

E, como ele sabia que a transformação de Dulcineia tinha sido por manobra e ilusão suas, as quimeras de seu amo não o convenciam, mas não quis discutir, para não dizer alguma palavra que revelasse seu embuste.

Estavam nessa conversa, quando se aproximou deles um homem que vinha atrás deles pela mesma estrada montado numa égua tordilha muito formosa; vestia um gabão de flanela fina verde, com aberturas na barra de veludo castanho, e com um gorro do mesmo tecido; os arreios da égua eram de viagem e à gineta, também castanhos e verdes; trazia um alfanje mourisco pendurado de um largo talim verde e dourado, e as botas de montar tinham os mesmos lavores do talim; as esporas não eram douradas, mas cobertas com um verniz verde, tão limpas e polidas que, por combinarem com todo o traje, pareciam melhores que se fossem de ouro puro. Quando os alcançou, o viajante os saudou cortesmente e, esporeando a égua, seguiu ao largo, mas dom Quixote lhe disse:

— Galante senhor, se vossa mercê segue o mesmo caminho que nós e não vai com muita pressa, eu ficaria honrado se fôssemos juntos.

— Para dizer a verdade — respondeu o da égua —, eu não passaria ao largo se não temesse que a companhia de minha égua assanhasse esse cavalo.

— Não, não, senhor — respondeu Sancho a essa altura —, pode muito bem puxar as rédeas de sua égua, porque nosso cavalo é o mais casto e bem-educado do mundo: jamais fez alguma vileza em semelhantes ocasiões, e a única vez que perdeu as estribeiras, meu senhor e eu pagamos sete vezes a conta. Repito que vossa mercê pode se deter, se quiser, pois, mesmo que deem a égua de bandeja, com certeza ele não vai prová-la.

O viajante puxou as rédeas, admirando-se da postura e do rosto de dom Quixote, que ia sem elmo, porque Sancho o levava como maleta no arção dianteiro da albarda do burro. Mas, se o de verde olhava muito para dom Quixote, muito mais olhava dom Quixote para o de verde, julgando-o um homem de bem. Aparentava uns cinquenta anos de idade; poucos cabelos grisalhos, e o rosto,

aquilino; o olhar, entre alegre e sério; e, por fim, o traje e a postura davam a entender que era homem de grandes qualidades.

O homem de verde julgou que nunca tinha visto alguém do tipo e da aparência de dom Quixote de la Mancha: admirou a esqualidez de seu cavalo, a estatura do cavaleiro, a magreza e a amarelidão de seu rosto, suas armas e armadura, seus modos e atitude — realmente, uma visão dessas não tinha sido vista naquela terra por longos anos. Dom Quixote notou muito bem a atenção com que o viajante o olhava e leu na admiração dele seu desejo; e, como era muito cortês e amigo de contentar a todos, antes que lhe perguntasse qualquer coisa se antecipou, dizendo:

— A aparência que apresento é tão nova e fora do que se vê comumente que não me surpreenderia que o tivesse surpreendido, mas vossa mercê deixará de se surpreender quando eu lhe disser, como digo agora, que sou cavaleiro

Dos que dizem as gentes
que vão às suas aventuras.

"Saí de minha pátria, empenhei meus bens, deixei minha boa vida e me entreguei aos braços da sorte, para que ela me levasse aonde mais lhe agradasse. Quis ressuscitar a já morta cavalaria andante, e há muitos dias que, tropeçando aqui, caindo ali, tombando aqui e me levantando lá, realizei grande parte de meu desejo, socorrendo viúvas, amparando donzelas e protegendo casadas, órfãos e pupilos, ofício próprio e natural de cavaleiros andantes. Assim, por minhas muitas, bravas e cristãs façanhas, já mereci andar impresso em quase todas ou na maioria das nações do mundo: trinta mil volumes de minha história foram publicados, e mais trinta mil milhares estão no prelo, se o céu não interferir. Em suma, para encerrar tudo com breves palavras, ou numa só, digo que eu sou dom Quixote de la Mancha, conhecido também como o Cavaleiro da Triste Figura. E, embora os elogios próprios envileçam, às vezes sou obrigado a fazer os meus, coisa que se entende quando não se acha presente quem os faça. Então, senhor gentil-homem, nem este

cavalo nem esta lança, nem esta espada nem esta armadura, nem este escudo nem este escudeiro, nem a palidez de meu rosto, nem minha magreza extrema, vos poderão surpreender daqui por diante, já sabendo quem sou e qual é minha profissão.”

Dom Quixote se calou depois de dizer isso, e o de verde, pela demora, parecia não saber como responder, mas dali a um bom tempo disse:

— Acertastes, senhor cavaleiro, ao descobrir meu desejo por meu pasmo, mas não acertastes em acabar com a surpresa que sinto por vos ter visto, pois, apesar de dizerdes, senhor, que saber quem sois poderia acabá-la, não aconteceu assim; pelo contrário, agora me sinto mais pasmo e abismado. Como é possível que haja hoje em dia cavaleiros andantes? Como é possível que se publique histórias verídicas de cavaleiros? Não posso acreditar que haja hoje em dia na terra quem proteja viúvas, ampare donzelas, nem honre casadas, nem socorra órfãos, e não acreditaria se não tivesse visto vossa mercê com meus próprios olhos. Bendito seja o céu! Com essa história que vossa mercê diz que foi publicada com suas nobres e verazes façanhas terão posto no esquecimento as inumeráveis dos falsos cavaleiros andantes, de que o mundo está cheio, com tanto dano para os bons costumes e em prejuízo e descrédito das boas histórias.

— Há muito que dizer — respondeu dom Quixote — sobre se são falsas ou não as histórias dos cavaleiros andantes.

— Então há quem duvide que não sejam falsas tais histórias? — respondeu o Verde.

— Eu duvido — respondeu dom Quixote —, mas fiquemos por aqui, pois, se nossa viagem durar, por Deus, espero fazer vossa mercê compreender que fez mal em aderir à corrente dos que têm certeza de que não são verdadeiras.

Por estas últimas palavras, o viajante suspeitou que dom Quixote devia ser algum tipo de mentecapto e aguardava que confirmasse isso com outras. Mas, antes que entrassem em novos assuntos, dom Quixote pediu a ele que dissesse quem era, pois não havia dito nada sobre sua vida e situação. Ao que o do Gabão Verde respondeu:

— Eu, senhor Cavaleiro da Triste Figura, sou um fidalgo natural de uma aldeia onde iremos comer hoje, se Deus quiser. Sou mais que medianamente rico e meu nome é dom Diego de Miranda; passo a vida com minha mulher, com meus filhos e meus amigos; meus passatempos são a caça e a pesca, mas não mantenho nem falcão nem galgos, apenas um perdigão manso como chamariz e um furão atrevido.[1] Tenho umas seis dúzias de livros, uns em castelhano e outros em latim, de história alguns e de devoção outros; os de cavalaria ainda não entraram pelos umbrais de minhas portas. Folheio mais os profanos que os devotos, desde que sejam de entretenimento honesto, que deleitem com a linguagem e surpreendam com a invenção, embora haja muito poucos destes na Espanha. Às vezes como com meus vizinhos e amigos, e muitas vezes os convido; minha mesa é limpa e asseada e nada escassa; não gosto de mexericar nem consinto que se mexerique diante de mim; não esmiúço as vidas alheias nem sou o espião dos feitos dos outros; ouço missa todo dia, divido meus bens com os pobres, sem fazer alarde das boas obras, para não dar entrada em meu coração à hipocrisia e à vanglória, inimigos que se apoderam suavemente do coração mais recatado; procuro apaziguar os que sei que estão brigados; sou devoto de Nossa Senhora e confio sempre na misericórdia de Deus Nosso Senhor.

Sancho esteve muito atento ao relato da vida e diversões do fidalgo e, como as achou boas e santas e que devia fazer milagres quem vivia assim, se atirou do burro e a toda pressa foi segurar o estribo direito dele, e com coração devoto e quase em lágrimas beijou muitas vezes seus pés. O fidalgo, ao ver isso, lhe perguntou:

— Que fazeis, irmão? Que beijos são estes?

— Deixe-me beijar — respondeu Sancho —, porque vossa mercê me parece o primeiro santo a cavalo que vi em toda a minha vida.

— Não sou santo — respondeu o fidalgo —, mas um grande pecador. Vós sim, meu irmão, deveis ser bom, como vossa simplicidade o demonstra.

Sancho montou de novo no burro, tendo desatado o riso de seu amo lá no fundo de sua melancolia e causado nova surpresa em dom Diego. Dom Quixote perguntou a ele quantos filhos tinha e

disse que uma das coisas que os antigos filósofos, que careceram do verdadeiro conhecimento de Deus, consideravam uma bênção, entre os bens da natureza e os da fortuna, era ter muitos amigos e ter muitos e bons filhos.

— Eu, senhor dom Quixote — respondeu o fidalgo —, tenho um filho, mas, se não o tivesse, talvez me julgasse mais feliz do que sou, e não porque ele seja mau e sim porque não é tão bom como eu queria. Tem quase dezoito anos; esteve seis em Salamanca, aprendendo latim e grego, e, quando eu quis que passasse a estudar outras ciências, encontrei-o tão mergulhado na da poesia (se é que se pode chamar de ciência) que não é possível fazê-lo encarar a das leis, que eu gostaria que estudasse, nem a rainha de todas, a teologia. Gostaria que fosse a coroa de sua família, pois vivemos num século em que nossos reis premiam nobremente as virtuosas e boas letras, porque letras sem virtude são pérolas na esterqueira. Passa todo o dia averiguando se Homero se saiu bem ou mal em tal verso da *Ilíada*; se Marcial foi desonesto ou não em tal epigrama; se devem se entender de uma maneira ou outra tais e tais versos de Virgílio. Enfim, todas as conversas dele são com os livros desses poetas, e com os de Horácio, Pérsio, Juvenal e Tibulo, pois não dá muita importância aos castelhanos modernos; mas, apesar de tanto desdém por nossa poesia, está todo preocupado pensando em fazer uma glosa a quatro versos que lhe enviaram de Salamanca, parece-me que para um torneio literário.

A isso tudo, dom Quixote respondeu:

— Os filhos, senhor, são pedaços das entranhas de seus pais, por isso serão amados, sejam bons ou maus, como se amam as almas que nos dão vida. Aos pais cabe orientá-los desde pequenos aos caminhos da virtude, da boa educação e dos bons costumes cristãos, para que mais tarde sejam o apoio da velhice de seus pais e glória de sua posteridade. Quanto a forçá-los a estudar esta ou aquela ciência, não considero acertado, embora persuadi-los não cause dano, e quando não se deve estudar para *pane lucrando*,[2] sendo os estudantes tão venturosos que o céu lhes deu pais que lhes deixaram esse pão, eu seria de parecer que permitissem a eles seguir aquela ciência a que mais estivessem inclinados. Embora a

ciência da poesia seja menos útil que prazerosa, não é daquelas que costumam desonrar quem a possui.

“Em minha opinião, senhor fidalgo, a poesia é como uma donzela, muito jovem e delicada, formosa ao extremo, que tratam de enriquecer, polir e adornar muitas outras donzelas, que são todos os demais conhecimentos, e ela deve se servir de todos, e todos devem se capacitar com ela; mas esta donzela não quer ser apalpada nem arrastada pelas ruas, nem anunciada pelas praças nem pelos cantos dos palácios. Ela é feita de uma liga de tamanha excelência que quem sabe lidar com ela a transformará em ouro puríssimo de preço inestimável; quem a tiver deve mantê-la na linha, não a deixando correr em sátiras ineptas ou em sonetos desalmados; não deve ser vendável de forma alguma, se não for em poemas heroicos, em tragédias comoventes ou em comédias alegres e engenhosas; não deve deixar que lidem com ela os bufões nem a ralé ignorante, incapaz de conhecer ou avaliar os tesouros que nela se encerram. E não penseis, senhor, que eu chamo aqui de ralé somente os plebeus e humildes, pois todo aquele que não sabe, mesmo que seja senhor e príncipe, pode e deve entrar na lista da ralé. Assim, o nome daquele que tratar a poesia com os requisitos que mencionei será famoso e estimado em todas as nações civilizadas do mundo.

“Quanto a dizerdes, senhor, que vosso filho não aprecia muito a poesia feita em língua vulgar, penso que ele não anda muito acertado nisso, por esta razão: o grande Homero não escreveu em latim, porque era grego, nem Virgílio em grego, porque era latino. Em suma, todos os poetas antigos escreveram na língua que receberam com o leite materno, e não foram buscar as estrangeiras para declarar a nobreza de seus conceitos. Então, sendo isso assim, este costume devia se estender por todas as nações, e não se devia desprezar o poeta alemão porque escreve em sua língua, nem o castelhano, nem também o basco que escrevem nas suas. Mas vosso filho, pelo que imagino, não deve estar de mal com a poesia em castelhano, mas com os poetas que escrevem apenas em castelhano, sem saber outras línguas nem outras ciências que adornem e despertem e ajudem sua natural inclinação, e mesmo

nisso pode haver erro, porque, como todo mundo sabe, o poeta nasce poeta. Quer dizer que do ventre de sua mãe o poeta natural sai poeta, e, com aquela inclinação que o céu lhe deu, sem mais estudos nem artifício, cria coisas, que torna verdadeiro o que se diz: *Est Deus in nobis*[3] etc. Também digo que o poeta natural que se auxiliar com a arte será muito melhor e ultrapassará o poeta que somente por saber a arte quer sê-lo: a razão é que a arte não se avantaja à natureza, mas a aperfeiçoa; de modo que, misturando a natureza e a arte, e a arte com a natureza, se forjará um poeta perfeito.

"Portanto, senhor fidalgo, a conclusão de minha explanação é que vossa mercê deixe seu filho ir aonde sua estrela o chama, pois, sendo ele tão bom estudante como deve ser, já tendo galgado facilmente o primeiro degrau das ciências, que é a das línguas, com elas por si mesmo subirá ao topo das humanidades, tão adequadas a um cavalheiro civil, e o adornam, honram e engrandecem como as mitras aos bispos ou como as togas aos peritos jurisconsultos. Ralhe vossa mercê com seu filho se ele fizer sátiras que prejudiquem as honras alheias, e castigue-o, e rasgue-as; mas, se fizer sermões ao modo de Horácio, onde repreenda os vícios em geral, como tão elegantemente ele o fez, elogie-o, porque é lícito ao poeta escrever contra a inveja, e falar mal em seus versos dos invejosos, tanto como de outros vícios, desde que não aponte pessoa alguma. Mas há poetas que, em troca de dizer uma malícia, correm o risco de ser desterrados para as ilhas de Ponto.[4] Se o poeta for casto em seus costumes, também o será em seus versos; a pena é a língua da alma: os conceitos gerados nela serão seus escritos. E, quando os reis e príncipes veem a milagrosa ciência da poesia em homens prudentes, virtuosos e sérios, honram-nos, estimam-nos e os enriquecem, e até os coroam com as folhas da árvore que o raio não ofende, em sinal de que não devem ser ofendidos por ninguém aqueles que têm a cabeça honrada e adornada com essas coroas."

O do Gabão Verde ficou admirado com o discurso de dom Quixote, tanto que foi perdendo a opinião de que ele não passava de um mentecapto. Mas no meio dessa conversa, Sancho, aborrecido com

ela, havia se desviado da estrada para pedir um pouco de leite a uns pastores que estavam perto dali ordenhando umas ovelhas. Quando o fidalgo ia reiniciar a conversa, satisfeito ao extremo com o bom senso e a sabedoria de dom Quixote, o próprio, levantando a cabeça, viu que pela estrada vinha um carro cheio de bandeiras reais. Como acreditasse se tratar de nova aventura, chamou Sancho em grandes brados para que lhe trouxesse o elmo. Sancho, ouvindo-se chamar, deixou os pastores e a toda pressa esporeou o burro e se aproximou de seu amo, com quem aconteceu uma espantosa e desatinada aventura.

xvii

onde se revela o grau extremo que alcançou e podia alcançar a inaudita coragem de dom quixote na felizmente concluída aventura dos leões

Conta a história que, quando dom Quixote bradava para que Sancho trouxesse o elmo, o escudeiro estava comprando uns requeijões que os pastores vendiam e, acossado pela pressa de seu amo, não soube o que fazer com eles, nem em que trazê-los. Para não perdê-los, pois já os pagara, resolveu jogá-los no elmo. Com essa boa precaução, voltou para ver o que queria seu senhor, que, mal ele chegou, disse:

— Vamos, meu amigo, dá-me logo esse elmo, pois, ou sei pouco de aventuras, ou o que vejo ali é uma que vai me obrigar a pegar em armas.

O do Gabão Verde, que ouviu isso, espichou a vista por todos os lados e não viu nada além de um carro que se aproximava deles, com duas ou três bandeiras pequenas, o que indicava que o dito carro trazia dinheiro de Sua Majestade, e isso disse a dom Quixote, mas ele não lhe deu atenção, acreditando sempre e pensando que tudo o que lhe acontecesse haviam de ser aventuras e mais aventuras, e por isso respondeu ao fidalgo:

— Homem prevenido, meio combate vencido. Não perco nada me prevenindo, pois sei, por experiência, que tenho inimigos visíveis e invisíveis, mas não sei quando, nem onde, nem como nem com que aparência irão me atacar.

E, virando-se, pediu o elmo a Sancho, que, como não teve tempo de tirar os requeijões, foi obrigado a entregá-lo como estava. Dom Quixote o pegou e, sem olhar para o que vinha dentro, a toda pressa o encaixou na cabeça; e, como os requeijões foram espremidos, começou a correr soro por todo o rosto e barbas de dom Quixote, o que lhe deu tamanho susto que disse a Sancho:

— O que será isso, Sancho? Parece que meu crânio amolece ou meus miolos derretem, ou que eu suo dos pés a cabeça. Bem, se suo, na verdade não é de medo, mas sem dúvida o que vai me acontecer é uma aventura terrível. Se tens com que me limpe, dá-me, pois o suor copioso me cega.

Sancho se calou e lhe deu um pano e, com ele, deu graças a Deus por seu senhor não ter se dado conta de nada. Dom Quixote se limpou e, tirando o elmo para ver que diabos lhe esfriava a cabeça, deparou com aquela papa branca. Aproximou-a do nariz e, cheirando-a, disse:

— Pela vida de minha senhora Dulcineia del Toboso, são requeijões o que puseste aqui, escudeiro traidor, patife desgraçado!

Então Sancho respondeu, com muita pachorra e dissimulação:

— Se são requeijões, vossa mercê passe-os para cá, que eu os comerei. Não, é melhor deixar que o diabo os coma, pois deve ter sido ele quem os botou aí. Eu teria o atrevimento de sujar o elmo de vossa mercê? Já pegamos o atrevido! Minha nossa, senhor, pelo que vejo eu também devo ter magos que me perseguem como criatura e membro de vossa mercê, e puseram aí essa imundície para tirá-lo do sério e levá-lo a me arrebentar as costelas como de costume. Mas a verdade é que dessa vez erraram o passo, pois eu confio no bom senso de meu senhor, que deve ter considerado que eu não tenho requeijões, nem leite, nem outra coisa parecida, e, se os tivesse, teria posto em meu estômago, não no elmo.

— Tudo pode ser — disse dom Quixote.

O fidalgo olhava isso tudo e tudo isso o pasmava, principalmente quando, depois de dom Quixote ter limpado a cabeça, rosto e barba e elmo, meteu-o de novo na cabeça e se firmou nos estribos, verificou se a espada desembainhava facilmente e, agarrando a lança, disse:

— Agora, venha o que vier, que estou pronto para me bater com o próprio Satanás em pessoa.

Nisso chegou o carro das bandeiras, em que não vinha ninguém além do carreteiro, numa das mulas, e um homem sentado na boleia. Dom Quixote cortou o caminho deles e disse:

— Aonde ides, irmãos? Que carro é esse, o que levais nele e que bandeiras são essas?

O carreteiro respondeu:

— O carro é meu; levo nele dois bravos leões enjaulados, que o general de Orã[1] envia à corte, dados de presente a Sua Majestade; as bandeiras são do rei nosso Senhor, em sinal de que aqui vai coisa dele.

— E são grandes os leões? — perguntou dom Quixote.

— Tão grandes — respondeu o homem que ia na boleia do carro — que jamais vieram da África para a Espanha outros maiores, ou tão grandes assim; eu sou o tratador e trouxe outros, mas como estes, nenhum. São fêmea e macho: o macho vai nesta primeira jaula, a fêmea na de trás. Agora estão famintos porque ainda não comeram hoje, portanto, afaste-se vossa mercê, que precisamos chegar logo onde possamos dar de comer a eles.

A isso dom Quixote disse, sorrindo um pouco:

— Leõezinhos, hein? Para cima de mim com leõezinhos, a essas horas? Por Deus que esses senhores que os enviaram vão ver se eu sou homem que se assusta com leões! Apeai-vos, bom homem. Como sois o tratador, abri as jaulas e deixai sair essas feras, que no meio deste campo vos farei conhecer quem é dom Quixote de la Mancha, a despeito e apesar dos magos que as enviaram a mim.

— Ora, ora! — disse a si mesmo o fidalgo nessas alturas. — Agora nosso bom cavaleiro mostrou quem é: os requeijões sem dúvida lhe amoleceram o coco e amadureceram os miolos.

Então Sancho se aproximou dele e disse:

— Senhor, pelo amor de Deus, faça vossa mercê alguma coisa para parar dom Quixote. Se meu senhor se meter com esses leões, eles vão nos despedaçar a todos.

— Como? Vosso amo é tão louco — respondeu o fidalgo — que temeis e acreditais que vai se meter com bichos tão ferozes?

— Não é louco — respondeu Sancho —, mas atrevido.
— Eu farei com que não o seja — replicou o fidalgo.
E, aproximando-se de dom Quixote, que estava apressando o tratador para que abrisse as jaulas, disse:
— Senhor cavaleiro, os cavaleiros andantes devem empreender aventuras que dão esperança de se sair bem delas, não aquelas que a tiram de ponta a ponta, porque a valentia que entra na jurisdição da temeridade tem mais de loucura que de fortaleza. Além do mais, esses leões não vieram contra vossa mercê, nem sonham com isso: são presentes para Sua Majestade, e não ficará bem detê-los nem impedir a viagem deles.
— Senhor fidalgo — respondeu dom Quixote —, vá vossa mercê cuidar de seu perdigão manso e de seu furão atrevido e deixe cada um tratar de suas obrigações. Esta é minha, e eu sei se esses leões vêm ou não vêm por mim.
E, virando-se para o tratador, disse:
— Se não abris logo logo as jaulas, dom velhaco, juro que hei de vos pregar no carro com esta lança.
O carreteiro, que viu a determinação daquele fantasma de armadura, lhe disse:
— Meu senhor, permita vossa mercê, por caridade, me deixar desatrelar as mulas e me pôr a salvo com elas antes que se soltem os leões, porque se as matarem ficarei arruinado pelo resto da vida, pois não tenho outros bens exceto este carro e estas mulas.
— Oh, homem de pouca fé![2] — respondeu dom Quixote. — Apeia e desatrela e faz o que quiseres, mas logo verás que agiste à toa e poderias te poupar dessa trabalheira.
O carreteiro apeou e desatrelou as mulas com grande pressa, e o tratador disse aos brados:
— Sejam testemunhas quantos estão aqui de que fui forçado a abrir as jaulas e soltar os leões, e de que advirto este senhor de que todo o mal e dano que esses animais causarem corre por conta dele, com meus salários e encargos. Tratem vossas mercês de se pôr a salvo antes que eu abra, que estou certo de que os leões não me atacarão.

O fidalgo insistiu de novo que não fizesse semelhante loucura, pois era tentar a Deus cometer um absurdo desses, ao que dom Quixote respondeu que ele sabia o que fazia. O fidalgo respondeu que pensasse bem, que ele via que estava enganado.

— Agora, senhor — replicou dom Quixote —, se vossa mercê não quer ser testemunha do que em sua opinião vai ser uma tragédia, esporeie a tordilha e ponha-se a salvo.

Ouvindo isso, Sancho lhe suplicou em lágrimas que desistisse dessa aventura, pois em comparação tinham sido ninharias a dos moinhos de vento e a dos maços de pisão, ou mesmo todas as façanhas que realizara no curso de sua vida.

— Olhe, senhor — dizia Sancho —, aqui não há encantamento nem coisa que o valha, pois eu vi por entre as grades e frestas da jaula uma unha de leão de verdade, e a julgar pelo tamanho dela o leão deve ser maior que uma montanha.

— O medo te fará achar o bicho maior que a metade do mundo, no mínimo — respondeu dom Quixote. — Afasta-te, Sancho, e me deixa. Se eu morrer aqui, lembres de nosso antigo trato: corre para Dulcineia, e não te digo mais nada.

A essas alegações, acrescentou outras com que acabou com as esperanças de que não levaria adiante sua intenção desvairada. O do Gabão Verde gostaria de impedi-lo à força, mas as armas dele não eram páreo para as do cavaleiro e não lhe pareceu sensato atracar-se com um louco, coisa que agora dom Quixote lhe parecia de cima a baixo. O próprio, apressando de novo o tratador e reiterando as ameaças, deu tempo para que o fidalgo picasse a égua, e Sancho seu burro, e o carreteiro suas mulas, todos procurando afastar-se o mais que pudessem do carro, antes que os leões fossem soltos.

Sancho chorava a morte de seu senhor, pois daquela vez sem dúvida que ela viria nas garras dos leões; amaldiçoava sua sorte e chamava de miserável a hora em que teve a ideia de servir de novo como escudeiro; mas nem por chorar e se lamentar deixava de açoitar o burro para que se distanciasse do carro. O tratador, vendo então que os que fugiam estavam bem longe, voltou a insistir e a exortar dom Quixote como já tinha insistido e exortado antes, mas o

cavaleiro respondeu que ouvia tudo e que não se cansasse mais insistindo e exortando, que era perda de tempo, que se apressasse.

Durante o tempo que o tratador levou para abrir a primeira jaula, dom Quixote esteve considerando o que seria melhor, fazer a batalha a pé ou a cavalo. Por fim resolveu fazê-la a pé, temendo que Rocinante se espantasse com a visão dos leões. Por isso saltou do cavalo, largou a lança, meteu o braço no escudo e, desembainhando a espada, passo a passo, com maravilhosa desenvoltura e coração valente, foi se pôr diante do carro, encomendando-se ardentemente a Deus e em seguida a sua senhora Dulcineia.

Deve-se saber que, chegando a este ponto, o autor desta história verídica exclama: "Oh, forte e indizivelmente corajoso dom Quixote de la Mancha, espelho onde podem se mirar todos os valentes do mundo, segundo e novo dom Manuel de León,[3] que foi honra e glória dos cavaleiros espanhóis! Com que palavras contarei esta espantosa façanha? Com que argumentos a tornarei crível para os séculos futuros? Quantos elogios haverá que não se ajustam a ti e não te convêm, mesmo que sejam hipérboles sobre todas as hipérboles? Tu a pé, tu sozinho, tu intrépido, tu magnífico, apenas com uma espada, e não das afiadas como as do cachorrinho,[4] com um escudo de aço pouco brilhante e não muito limpo, estás aguardando e observando os dois mais ferozes leões que jamais criaram as selvas africanas. Que teus próprios feitos falem por si, valoroso manchego, pois aqui deixo apenas um relato simples deles, por me faltarem palavras com que enaltecê-los".

Aqui o autor acabou a exclamação e, seguindo adiante, retomou o fio da história dizendo que o tratador, ao ver dom Quixote em guarda e que não poderia deixar de soltar as feras, sob pena de cair em desgraça com o colérico e atrevido cavaleiro, abriu de par em par a primeira jaula, onde estava um leão de tamanho extraordinário e de aparência espantosa e hedionda, como já se disse. A primeira coisa que o bicho fez foi se revolver na jaula em que estava deitado e estender as garras, espreguiçando-se todo; depois abriu a boca, bocejou bem devagarinho e, com quase dois palmos de língua que tirou para fora, tirou o pó dos olhos e lavou o focinho. Feito isso,

botou a cabeça para fora da jaula e olhou em volta com olhos como brasas, visão para meter medo na própria temeridade. Mas dom Quixote o olhava atentamente, desejando que saltasse de uma vez do carro e viesse às suas mãos, entre as quais pensava fazê-lo em pedaços.

Até aqui chegou o extremo de sua inacreditável loucura. Mas o leão, generoso, mais comedido que arrogante, não fazendo caso de ninharias nem de bravatas, depois de ter olhado para um lado e para outro, como se disse, virou de costas e mostrou o traseiro para dom Quixote, e com grande pachorra e lentidão se deitou de novo na jaula. Vendo isso, dom Quixote mandou o tratador dar umas pauladas nele para irritá-lo e fazê-lo sair.

— Isso não — respondeu o tratador —, porque, se o instigar, sou eu que ele fará em pedaços primeiro. Contente-se vossa mercê com o que fez, senhor cavaleiro, pois é tudo o que pode se esperar em matéria de valentia, e não queira tentar a sorte de novo. O leão tem a porta aberta: sair ou não sair é com ele; mas, como não saiu até agora, não sairá pelo resto do dia. A grandeza do coração de vossa mercê já está bem declarada; nenhum bravo guerreiro, pelo que sei, está obrigado a mais alguma coisa que desafiar seu inimigo e esperá-lo em campo aberto; se o adversário não aparece, com ele fica a infâmia e com o outro a coroa da vitória.

— É verdade, realmente — respondeu dom Quixote. — Fecha a porta, meu amigo, e testemunha da melhor forma que puder o que me viu fazer aqui, ou seja: como tu abriste a jaula para o leão, como eu esperei, como ele não saiu, como continuei esperando, como ele continuou não saindo e como se virou e foi se deitar. Não tenho mais obrigações, e fora com os encantamentos, e que Deus proteja a razão e a verdade e a autêntica cavalaria. Como disse, fecha a porta, enquanto aceno para os fujões e ausentes para que saibam desta façanha por tua boca.

Assim fez o tratador, e dom Quixote, pondo na ponta da lança o lenço com que havia limpado o rosto da chuva dos requeijões, começou a chamar os que não deixavam de fugir nem de virar a cabeça a cada passo, todos em fila e empurrados pelo fidalgo na

retaguarda. Mas Sancho, conseguindo ver o sinal do lenço branco, disse:

— Que me matem se meu senhor não venceu as bestas-feras, pois nos chama.

Todos se detiveram e viram que era dom Quixote quem fazia os sinais; perdendo uma parte do medo, pouco a pouco foram se aproximando, até onde ouviram com clareza os gritos de dom Quixote, que os chamava. Voltaram finalmente ao carro, e dom Quixote disse ao carreteiro:

— Voltai, meu irmão, atrelai vossas mulas e prossegui vossa viagem. E tu, Sancho, dai dois escudos de ouro a ele e ao tratador, em recompensa por terem se detido por minha causa.

— Darei de muito boa vontade — respondeu Sancho. — Mas o que foi feito dos leões? Estão mortos ou vivos?

Então o tratador, pausadamente e tintim por tintim, contou o final da contenda, exagerando o melhor que pôde e soube a coragem de dom Quixote: diante de sua presença o leão acovardado não quis nem ousou sair da jaula, mesmo tendo a porta da jaula ficado aberta um bom tempo; e, como disse ao cavaleiro que era tentar Deus irritar o leão para que saísse à força, como ele queria que se irritasse, de má vontade e contra sua própria convicção havia permitido que a porta fosse fechada.

— Que achas disso, Sancho? — disse dom Quixote. — Há encantamentos que valham contra a verdadeira valentia? Os magos bem podem acabar com minha sorte, mas com minha determinação e coragem será impossível.

Sancho deu os escudos, o carreteiro atrelou as mulas, o tratador beijou as mãos de dom Quixote pela mercê recebida e prometeu contar aquela incrível façanha ao próprio rei, quando chegasse à corte.

— Se por acaso Sua Majestade perguntar quem a realizou, dizei a ele que o Cavaleiro dos Leões, pois quero que daqui por diante esse título altere, converta, transforme e substitua o de Cavaleiro da Triste Figura, que ostentei até agora. E nisso sigo o antigo costume dos cavaleiros andantes, que mudavam os nomes quando queriam ou quando vinha ao caso.

O carro seguiu seu caminho, e dom Quixote, Sancho e o do Gabão Verde seguiram o deles.

Durante esse tempo todo, dom Diego de Miranda não tinha dito uma palavra, concentrado em observar as atitudes e palavras de dom Quixote, parecendo-lhe que era um sensato louco e um louco que pendia para a sensatez. Ele ainda não tinha tido notícias da primeira parte da história, pois, se a houvesse lido, cessaria a admiração em que o punham suas atitudes e palavras, porque já saberia de que tipo de loucura se tratava. Mas, como não sabia, ora o considerava sensato, ora louco, pois o que falava era coerente, elegante e expressivo, e o que fazia, disparatado, temerário e idiota. E então dizia a si mesmo: “Pode haver coisa mais louca que pôr o elmo cheio de requeijões e pensar que os magos estavam lhe amolecendo os miolos? E que maior temeridade e absurdo que querer por força lutar com leões?”.

Dom Quixote o tirou dessas reflexões solitárias, dizendo:

— Quem duvida, senhor dom Diego de Miranda, que vossa mercê não me tenha em sua opinião por um homem irresponsável e louco? Não seria estranho que assim fosse, porque minhas ações não podem dar testemunho de outra coisa. Mas, apesar disso tudo, quero que vossa mercê repare que não sou tão louco nem tão tolo como devo ter lhe parecido. Parece bom, aos olhos do rei, um galhardo cavaleiro meter uma lança com sucesso num touro selvagem, no meio da arena; parece bom um cavaleiro de armadura reluzente competir em alegres justas diante das damas; e também parecem bons todos aqueles cavaleiros que, em exercícios militares ou semelhantes, entretêm, alegram e, se se pode dizer, honram as cortes de seus príncipes; mas acima desses parece melhor um cavaleiro andante que pelos desertos, pelos matagais, pelas encruzilhadas, pelas florestas e pelas montanhas anda em busca de perigosas aventuras, com a intenção de dar a elas um final próspero e afortunado apenas para alcançar fama gloriosa e eterna. Parece melhor, digo, um cavaleiro andante socorrendo uma viúva em algum ermo que um cavaleiro cortesão galanteando uma donzela nas cidades. Cada cavaleiro com sua prática: que o cortesão sirva às damas, dê brilho à corte de seu rei com seus trajes, sustente os

cavaleiros pobres com sua mesa esplêndida, organize justas, seja o chefe de um pelotão no torneio e se mostre grande, generoso e magnífico, e bom cristão principalmente, e dessa maneira cumprirá com suas obrigações específicas. Mas que o cavaleiro andante devasse os quatro cantos do mundo, entre nos mais intrincados labirintos, enfrente o impossível a cada passo, resista nos campos despovoados aos ardentes raios do sol em pleno verão e no inverno à dura inclemência dos ventos e dos gelos. Sim, que não o assustem leões, nem o espantem monstros, nem o atemorizem dragões, pois procurar por estes, atacar aqueles e vencer a todos são suas principais e verdadeiras missões. Eu, como me coube em sorte estar entre os da cavalaria andante, não posso deixar de atacar tudo aquilo que me parecer estar sob a jurisdição de minha profissão. Assim, sem dúvida cabia a mim enfrentar os leões que enfrentei agora, mesmo vendo ser temeridade exorbitante, pois sei muito bem o que é valentia, uma virtude localizada entre dois extremos viciosos, como são a covardia e a temeridade. Mas não será tão mau a um valente chegar às raias da temeridade que se rebaixar às raias da covardia, pois, como é mais fácil o pródigo vir a ser generoso em vez de avarento, também é mais fácil o temerário se tornar um verdadeiro valente que o covarde alcançar a verdadeira valentia. E nisso de empreender aventuras, acredite-me vossa mercê, senhor dom Diego, que antes se há de perder por excesso que por falta, porque melhor soa nas orelhas dos que o ouvem “o cavaleiro é temerário e atrevido” que “o cavaleiro é tímido e covarde”.

— Senhor dom Quixote — respondeu dom Diego —, afirmo que tudo o que vossa mercê disse e fez foi pesado na própria balança da razão, e que entendo que, se as leis e os princípios da cavalaria andante se perdessem, se achariam no peito de vossa mercê como num repositório e arquivo. Mas apressemo-nos, que se faz tarde, e cheguemos a minha aldeia e casa, onde vossa mercê descansará da labuta que passou, que não foi do corpo e sim do espírito, que às vezes costuma redundar em cansaço do corpo.

— Tenho essa oferta na conta de grande favor e mercê, senhor dom Diego — respondeu dom Quixote.

E, esporeando as montarias bem mais que antes, deviam ser umas duas da tarde quando chegaram à aldeia e à casa de dom Diego, a quem dom Quixote chamava de “o Cavaleiro do Gabão Verde”.

xviii

do que aconteceu a dom quixote no castelo ou casa do cavaleiro do gabão verde, com outras coisas extravagantes

Dom Quixote achou a casa de dom Diego de Miranda ampla como todas as de aldeia. Mas o brasão, embora de pedra tosca, ficava em cima da porta da rua; a adega, no pátio; a despensa, num porão logo à entrada, e em volta muitos potes de barro, que, por serem de El Toboso, reavivaram as memórias de sua encantada e transformada Dulcineia. Suspirando, sem pensar no que dizia nem diante de quem estava, disse:

Oh, doces prendas, por mim mal achadas,
doces e alegres quando Deus queria![1]

"Oh, potes de El Toboso, que me trouxestes à memória a doce prenda de minha maior amargura!"

O estudante poeta filho de dom Diego ouviu-o dizer isso, pois havia saído com sua mãe para recebê-lo — e mãe e filho ficaram surpresos ao ver a estranha figura. Dom Quixote, apeando de Roncinante, foi com muita cortesia pedir as mãos da dona da casa para beijá-las, enquanto dom Diego disse:

— Recebei, senhora, com vossa habitual amabilidade ao senhor dom Quixote de la Mancha, que é quem tendes a vossa frente, cavaleiro andante, e o mais corajoso e o mais sábio que há no mundo.

A senhora, que se chamava dona Cristina, recebeu-o com demonstrações de muito afeto e cortesia, e dom Quixote ofereceu seus préstimos com toda consideração e deferência. Disse quase as mesmas palavras ao estudante, que, ao ouvir dom Quixote, considerou-o inteligente e sensato.

Aqui o autor pinta todos os detalhes da casa de dom Diego, descrevendo-nos o que contém a morada de um camponês rico, mas o tradutor achou melhor deixar essas e outras ninharias semelhantes em silêncio, porque não se ajusta bem ao propósito principal desta história, que tem sua maior força na verdade que nas frias digressões.

Levaram dom Quixote a uma sala, Sancho tirou a armadura dele, deixando-o de calções largos e gibão de camurça, todo sujo de ferrugem, com gola valona, sem goma nem rendas, à moda estudantil; os borzeguins eram marrons e os sapatos, encerados. Cingiu sua leal espada, que pendia de um talim de pele de lobo-marinho, pois, segundo dizem, por muitos anos esteve doente dos rins;[2] depois se cobriu com uma capa de boa flanela parda. Mas, antes de mais nada, com cinco ou seis baldes de água — pois há divergência sobre a quantidade de baldes — lavou a cabeça e o rosto, deixando a água cor de soro, graças à gulodice de Sancho e à compra de seus negros requeijões, que tão branco deixaram seu amo. Com os referidos atavios e com as maneiras graciosas e galantes, dom Quixote foi para outra sala, onde o estudante o esperava para entretê-lo enquanto punham a mesa, pois, devido à presença de tão nobre hóspede, a senhora dona Cristina queria mostrar que sabia e podia receber quantos chegassem a sua casa.

Enquanto dom Quixote esteve tirando a armadura, dom Lorenzo, que assim se chamava o filho de dom Diego, teve oportunidade de dizer a seu pai:

— Quem poderá ser esse cavaleiro, senhor, que vossa mercê trouxe para nossa casa? Pois o nome, a aparência e a afirmação de que é cavaleiro andante nos deixaram surpresos, a mim e a minha mãe.

— Olha, meu filho, não sei o que dizer — respondeu dom Diego —, exceto que o vi fazer as coisas mais loucas do mundo e dizer

coisas tão sensatas que apagam e desmentem seus feitos. Mas fala com ele, avalia o que ele sabe e, como és perspicaz, formarás tua opinião sobre qual deles é superior, seu bom senso ou sua estupidez, embora eu o considere, para te dizer a verdade, mais louco que sensato.

Depois disso, dom Lorenzo foi entreter dom Quixote, como foi dito, e, entre outras conversas que os dois tiveram, dom Quixote disse a dom Lorenzo:

— O senhor dom Diego de Miranda, seu pai, me deu notícia da rara habilidade e do sutil engenho que vossa mercê tem, mas, principalmente, de que vossa mercê é um grande poeta.

— Poeta, pode ser — respondeu dom Lorenzo —, mas grande, nem em sonhos. É verdade que sou um tanto afeiçoado à poesia e a ler bons poetas, mas não a ponto de que se possa me chamar de grande como disse meu pai.

— Não me parece má essa humildade — respondeu dom Quixote —, porque não há poeta que não seja arrogante e pense de si mesmo que é o maior poeta do mundo.

— Não há regra sem exceção — respondeu dom Lorenzo —, e deve haver algum que o seja e não pense.

— Poucos — respondeu dom Quixote. — Mas me diga que versos tem agora entre as mãos, pois o senhor seu pai me disse que trazem vossa mercê um tanto preocupado e pensativo? Se os versos são alguma glosa, eu gostaria de conhecê-los, porque entendo um pouco da arte. Agora, se são de um torneio literário, procure vossa mercê ganhar o segundo prêmio: o primeiro sempre é dado como um favor ou devido à posição da pessoa; o segundo é dado apenas por justiça, e o terceiro vem a ser o segundo, e o primeiro, por essa conta, será o terceiro, à maneira das qualificações que dão nas universidades. Mas, apesar de tudo, a palavra "primeiro" sempre faz grande figura.

"Até agora — dom Lorenzo disse a si mesmo — não posso julgá-lo louco. Vamos em frente." E disse a dom Quixote:

— Parece-me que vossa mercê frequentou a universidade: que ciências estudou?

— A da cavalaria andante — respondeu dom Quixote —, que é tão boa como a poesia, ou dois dedinhos mais.

— Não sei que ciência é essa — replicou dom Lorenzo —, e até agora não tive notícias dela.

— É uma ciência — replicou dom Quixote — que encerra em si todos ou a maioria dos conhecimentos do mundo, porque quem a professa deve ser jurisconsulto e conhecer as leis da justiça distributiva e comutativa, para dar a cada um o que é seu e o que lhe convém; deve ser teólogo, para poder discorrer sobre a lei cristã que professa, clara e distintamente, onde quer que lhe for pedido; deve ser médico, principalmente herborista, para reconhecer no meio dos campos e ermos as ervas que têm a virtude de curar as feridas, pois um cavaleiro não pode andar a todo instante em busca de quem o trate; deve ser astrólogo, para conhecer, pelas estrelas, que horas são da noite e em que lugar e em que clima do mundo se acha; deve saber matemática, porque a cada passo tem necessidade dela; e, deixando de lado que deve estar adornado de todas as virtudes teologais e cardinais, descendo a outras minúcias, digo que deve saber nadar como nadava o peixe Nicolás ou Nicolau;[3] deve saber ferrar um cavalo e consertar a sela e o freio, e, voltando às coisas mais elevadas, manter a fé em Deus e em sua dama; deve ter pensamentos castos, palavras honestas, atitudes generosas, ser valente nas façanhas, resignado com seus padecimentos, caritativo com os necessitados e, por fim, ser um defensor da verdade, mesmo que lhe custe a vida lutar por ela. De todas essas grandes e mínimas qualidades se compõe um bom cavaleiro andante. Então, senhor dom Lorenzo, veja vossa mercê se os saberes que um cavaleiro estuda e pratica são coisas de criança, ou se podem ser igualados aos mais nobres que se ensinam nas escolas e universidades.

— Bem, se for assim — replicou dom Lorenzo —, eu digo que essa ciência leva vantagem a todas as outras.

— Como se for assim? — respondeu dom Quixote.

— O que quero dizer — disse dom Lorenzo — é que tenho dúvidas de que tenham existido, nem existam agora, cavaleiros andantes e adornados de tantas virtudes.

— Muitas vezes eu disse — respondeu dom Quixote — o que volto a repetir agora: que a maior parte das pessoas é de opinião de que não houve cavaleiros andantes no mundo; e por me parecer que, se o céu milagrosamente não mostra a essas pessoas a verdade de que existiram e que existem, qualquer esforço meu é inútil, como muitas vezes me mostrou a experiência. Assim sendo, não quero me deter agora em tirar vossa mercê do erro que compartilha com muitos; o que penso fazer é rogar ao céu que o tire dele e o faça compreender o quanto foram proveitosos e necessários ao mundo os cavaleiros andantes dos séculos passados, e o quanto seriam úteis no presente se estivessem em voga; mas agora, devido à vida de pecado das pessoas, triunfam a preguiça, a ociosidade, a gula e a luxúria.

“Agora nosso hóspede desembestou”, disse a si mesmo dom Lorenzo nessas alturas. “Mas, apesar de tudo, é um louco bizarro, e eu seria um idiota rematado se não pensasse assim.”

Aqui acabou a conversa deles, porque foram chamados para o almoço. Dom Diego perguntou ao filho o que tinha tirado a limpo sobre o estado da mente do hóspede. Ele respondeu:

— Nem todos os médicos ou escrivães poderão passar a limpo o rascunho de sua loucura, mas não é um louco varrido, pois tem muitos momentos de lucidez.

Foram almoçar, e a comida era como dom Diego havia dito na estrada que costumava oferecer a seus convidados: limpa, farta e saborosa. Mas o que mais prazer deu a dom Quixote foi o maravilhoso silêncio que havia em toda a casa, que se parecia com um mosteiro de cartuxos. Depois de tirada a mesa e dadas graças a Deus e água às mãos, dom Quixote pediu veementemente a dom Lorenzo que declamasse os versos da competição literária, ao que ele respondeu:

— Para não me parecer com aqueles poetas que se negam, quando lhes pedem que digam seus versos, mas os vomitam quando não lhes pedem, eu declamarei minha glosa, da qual não espero prêmio algum, pois a fiz apenas para exercitar o espírito.

— Um amigo e sábio — respondeu dom Quixote — era de opinião que ninguém devia se cansar escrevendo glosas de versos, porque,

dizia ele, a glosa jamais podia chegar ao texto, e que muitas ou na maioria das vezes saía fora da intenção e propósito do que se pedia que se glosasse, e mais, que as leis da glosa eram demasiadamente estreitas, que não suportavam interrogações, nem “disse”, nem “direi”, nem substantivar verbos, nem mudar o sentido, com outras amarras e acanhamentos com que se manietam os que glosam, como vossa mercê deve saber.

— Realmente, senhor dom Quixote — disse dom Lorenzo —, eu gostaria de pegar vossa mercê num deslize, mas não consigo, porque me escapa das mãos como uma enguia.

— Não entendo o que vossa mercê disse nem o que quer dizer — respondeu dom Quixote — com isso de deslizes e enguias.

— Logo eu me explicarei — respondeu dom Lorenzo —, mas por ora preste vossa mercê atenção aos versos glosados e à glosa, que dizem assim:

Se meu foi *voltasse a* é,
sem esperar mais será,
ou viesse o tempo já
do que será depois…!

glosa

Enfim, como tudo passa,
passou o bem que me deu
fortuna, por um tempo nada escassa,
e nunca voltou a mim,
nem abundante nem em gotas.
Há séculos que já me vês,
fortuna, atirado a teus pés:
torna-me a ser venturoso
que meu ser será ditoso
se meu *foi* voltasse a *é.*

Não quero outro prazer ou glória,

outra palma ou conquista,
outro triunfo, outra vitória,
mas voltar à alegria
que é dor em minha memória.
Se tu me devolveres para lá,
fortuna, apagado está
todo o rigor de meu fogo,
mais ainda se este bem vir logo,
sem esperar mais *será*.

Coisas impossíveis peço,
pois voltar o tempo a ser
depois que foi uma vez
não há na terra poder
que tenha chegado a tanto.
Corre o tempo, voa e vai
ligeiro, e não voltará,
e erraria quem pedisse
que o tempo já se fosse
ou viesse o tempo já.

Viver em perplexa vida,
ora esperando, ora temendo,
é morte bem conhecida,
e é muito melhor, morrendo,
buscar à dor uma saída.
Por mim escolheria
morrer, mas não posso,
pois, com melhores razões,
me dá a vida o temor
do que será depois.[a]

Quando dom Lorenzo acabou de declamar sua glosa, dom Quixote se pôs de pé e apertou-lhe a mão direita, dizendo em voz tão alta

que parecia um grito:

— Certo como Deus está lá no alto, meu nobre rapaz, sois o melhor poeta do orbe, e mereceis ser laureado, não por Chipre nem por Gaeta, como disse um poeta, que Deus o perdoe, mas pelas academias de Atenas, se ainda existissem, e pelas que existem hoje em Paris, Bolonha e Salamanca! Roguemos aos céus que os juízes que vos roubarem o primeiro prêmio sejam flechados por Febo, e que as musas jamais ultrapassem os umbrais de suas casas. Agora, senhor, se vos agradar, recitai-me alguns hendecassílabos, pois quero sentir o pulso de vosso admirável engenho em todo o seu alcance.

Não é ótimo que dom Lorenzo tenha se rejubilado ao ouvir os elogios de dom Quixote, mesmo o considerando louco? Oh, força da adulação, até onde vais, e quanto são dilatados os limites de teus aprazíveis domínios! Dom Lorenzo confirmou essa verdade, pois atendeu ao pedido e desejo de dom Quixote, declamando este soneto para a fábula ou história de Píramo e Tisbe:

soneto

Rompe a parede a donzela formosa
que abriu o galhardo peito de Píramo;
parte de Chipre o Amor e vai direto
ver a fresta estreita e prodigiosa.

Ali fala o silêncio, porque não ousa
a voz entrar por fenda tão estreita;
as almas sim, pois o amor costuma
facilitar a coisa mais difícil.

O desejo saiu da linha, e o passo
da imprudente virgem solicita,
por seu prazer, sua morte. Vede que história:

a ambos, num instante, oh, estranho caso!,

mata, sepulta e ressuscita
uma espada, um sepulcro, uma memória.[b]

— Abençoado seja Deus — disse dom Quixote depois de ouvir o soneto de dom Lorenzo —, pois, entre a infinidade de poetas consumidos que há por aí, enfim vi um poeta consumado como vossa mercê, meu senhor: assim me revela a habilidade com que compôs esse soneto!

Dom Quixote esteve quatro dias refesteladíssimo na casa de dom Diego, ao fim dos quais pediu licença para ir embora, dizendo que lhe agradecia a mercê e o bom tratamento que havia recebido, mas, por não ser bom que os cavaleiros andantes se entreguem por muitas horas ao ócio e à boa vida, gostaria de ir cumprir com seu ofício, buscando aventuras, que, pelo que sabia, eram abundantes naquela terra, onde esperava passar o tempo até que chegasse o dia das justas em Zaragoza, que era o destino de sua viagem. Primeiro haveria de entrar na caverna de Montesinos, de que tantas e tão admiráveis coisas se contavam por aquelas bandas, investigando e descobrindo também o nascimento e os verdadeiros mananciais das sete lagoas chamadas vulgarmente de Ruidera.[4] Dom Diego e seu filho elogiaram sua honrosa determinação e lhe disseram que pegasse em sua casa e em sua fazenda tudo o que desejasse, que lhe serviriam na medida do possível, pois a isso os obrigava o valor de sua pessoa e sua nobre profissão.

Chegou então o dia de sua partida, tão alegre para dom Quixote como triste e aziaga para Sancho Pança, que se sentia muito bem com a abundância da casa de dom Diego e renegava voltar à fome que se passa nas florestas e nos despovoados e à austeridade de seus mal providos alforjes, que, apesar de tudo, encheu até a boca do que mais achou necessário. Ao se despedir, dom Quixote disse a dom Lorenzo:

— Não sei se falei antes a vossa mercê, mas, se lhe falei, repito agora: quando vossa mercê quiser poupar caminho e trabalho para chegar ao inacessível topo do templo da Fama, não tem de fazer mais nada além de deixar de lado a trilha da poesia, um tanto

estreita, e tomar a estreitíssima trilha da cavalaria andante, que basta para fazê-lo imperador num piscar de olhos.

Com essas palavras, dom Quixote acabou de encerrar o processo contra sua loucura, e mais ainda com as que acrescentou, ao dizer:

— Sabe Deus que eu gostaria de levar comigo o senhor dom Lorenzo, para lhe ensinar como se perdoa os oprimidos e como se submete e se humilha os soberbos, virtudes inerentes a minha profissão. Mas, como não o permite sua pouca idade nem admitem suas louváveis atividades, me contento apenas em avisar vossa mercê de que, sendo poeta, poderá ser famoso caso se guie mais pela opinião alheia que pela própria, porque não há pai nem mãe a quem seus filhos pareçam feios, e esse engano mais acontece em relação aos filhos da mente.

Pai e filho se admiraram de novo das entrelaçadas palavras de dom Quixote, ora sensatas, ora disparatadas, e da mania que tinha de se agarrar a todo momento à busca de suas desventuradas aventuras, que tinha por meta e alvo de seus desejos. Reiteraram-se as ofertas e cortesias, e, com a boa licença da senhora do castelo, dom Quixote e Sancho partiram, montados em Rocinante e no burro.

*** *¡Si mi* fue *tornase a* es*,/ sin esperar más* será*, o viniese el tiempo ya/ de lo que será después…! — Glosa — Al fin, como todo pasa,/ se pasó el bien que me dio/ fortuna, un tiempo no escasa,/ y nunca me le volvió,/ ni abundante ni por tasa./ Siglos ha ya que me ves,/ fortuna, puesto a tus pies:/ vuélveme a ser venturoso,/ que será mi ser dichoso/* si mi *fue* tornase a *es.// No quiero otro gusto o gloria,/ otra palma o vencimiento,/ otro triunfo, otra victoria,/ sino volver al contento/ que es pesar en mi memoria./ Si tú me vuelves allá,/ fortuna, templado está/ todo el rigor de mi fuego,/ y más si este bien es luego,/* sin esperar más *será.// Cosas imposibles pido,/ pues volver el tiempo a ser/ después que una vez ha sido/ no hay en la tierra poder/ que a tanto se haya extendido./ Corre el tiempo, vuela y va/ ligero, y no volverá,/ y erraría el que pidiese,/ o que el tiempo ya se fuese/* o viniese el tiempo ya*.// Vivir en perpleja vida,/ ya esperando, ya temiendo,/ es muerte muy conocida,/ y es mucho mejor muriendo/ buscar al dolor salida./ A mí me fuera interés/ acabar, mas no lo es,/ pues, con discurso mejor,/ me da la vida el temor/* de lo que será después.

**** *Soneto — El muro rompe la doncella hermosa/ que de Píramo abrió el gallardo pecho;/ parte el Amor de Chipre y va derecho/ a ver la quiebra estrecha y prodigiosa.// Habla el silencio allí, porque no osa/ la voz entrar por tan estrecho estrecho;/ las almas sí, que amor suele de hecho/ facilitar la más difícil cosa.// Salió el deseo de compás, y el paso/ de la imprudente virgen solicita/ por su gusto su muerte. Ved qué historia:// que a entrambos en*

un punto, ¡oh extraño caso!,/ los mata, los encubre y resucita/ una espada, un sepulcro, una memoria.

XIX

onde se conta a aventura do pastor apaixonado, com outros acontecimentos realmente divertidos

Dom Quixote não tinha se afastado muito da aldeia de dom Diego, quando encontrou dois clérigos ou estudantes e dois camponeses, todos os quatros montados em burros. Um dos estudantes trazia, pelo que se podia ver, enrolado num pedaço de linho verde como se fosse um saco de viagem, um pouco de cambraia branca e dois pares de meia de sarja; o outro não trazia nada além de dois floretes novos, com seus botões de couro na ponta, para treino de esgrima. Os camponeses traziam outras coisas, que indicavam que vinham de alguma vila grande onde as tinham comprado e levavam para sua aldeia. Tanto os estudantes como os camponeses caíram na mesma surpresa em que caíam todos aqueles que viam dom Quixote pela primeira vez e comichavam por saber que homem era aquele tão diferente dos outros homens.

Dom Quixote os cumprimentou e, depois de saber que caminho seguiam, que era o mesmo dele, se ofereceu para acompanhá-los e pediu que diminuíssem o passo, porque seus burrinhos caminhavam mais rápido que seu cavalo. Para convencê-los, em rápidas palavras disse quem era, seu ofício e profissão: cavaleiro andante que ia em busca de aventuras por todos os lugares do mundo. Disse a eles que seu nome era dom Quixote de la Mancha e o apelido, Cavaleiro dos Leões. Para os camponeses tudo isso era como falar em grego ou dialeto de ciganos, mas não para os estudantes, que logo entenderam que dom Quixote era fraco da cabeça. Mas mesmo assim olhavam-no com espanto e respeito, e um deles lhe disse:

— Se vossa mercê, senhor cavaleiro, não tem rumo certo, como costumam não ter aqueles que buscam aventuras, venha conosco: verá um dos melhores e mais ricos casamentos que até o dia de hoje terão sido celebrados na Mancha, ou em muitas léguas ao redor.

Dom Quixote perguntou se era de algum príncipe, pois assim o julgava.

— Não, não — respondeu o estudante —, mas de um camponês e de uma camponesa: ele, o mais rico de toda esta terra, e ela, a mais formosa que os homem já viram. A suntuosidade com que o casamento vai ser realizado é extraordinária e uma novidade, porque será num campo perto do povoado da noiva, a quem chamam com toda razão de Quitéria, a Formosa, e o noivo se chama Camacho, o Rico. Ela tem dezoito anos, ele vinte e dois, e ambos foram feitos um para o outro, embora alguns curiosos que sabem de cor as linhagens de todo mundo querem dizer que a da formosa Quitéria leva vantagem sobre a de Camacho, mas ninguém mais se importa com isso, pois as riquezas são excelentes para soldar todo tipo de fendas. Realmente, o tal Camacho é generoso e teve a ideia de cobrir todo o campo com um caramanchão de modo que o sol terá trabalho se quiser entrar para visitar os gramados verdes no chão. Tem também danças ensaiadas, tanto de espadas como de castanholas, pois há no povoado quem as esgrima e as toque como ninguém; dos sapateadores nem digo nada, pois se contratou uma verdadeira legião deles; mas nenhuma dessas coisas, nem muitas outras que deixei de mencionar, deverá tornar mais memorável esse casamento do que as que imagino que o despeitado Basílio fará nele.

“Este Basílio é um pastor vizinho da mesma aldeia de Quitéria, que tinha uma casa colada à dos pais de Quitéria, onde Cupido teve oportunidade de trazer de volta ao mundo os já esquecidos amores de Píramo e Tisbe; porque Basílio se apaixonou por Quitéria desde seus verdes anos, e ela correspondeu com mil favores inocentes, tanto que muita gente na vila passava o tempo comentando os amores dessas crianças, Basílio e Quitéria. Quando eles cresceram, o pai de Quitéria resolveu impedir a entrada costumeira de Basílio

em sua casa; e, para deixar de andar com medo e cheio de suspeitas, mandou sua filha se casar com o rico Camacho, não achando ser boa coisa casá-la com Basílio, que não tinha tantos bens materiais como qualidades pessoais. Pois, se vamos dizer a verdade sem invejas, ele é o rapaz mais ágil que conhecemos, grande atirador de barra, excelente lutador e grande jogador de pelota; corre como um gamo, salta mais que uma cabra e joga a bola do boliche como por encantamento; canta como uma cotovia, toca violão como se o fizesse falar e, principalmente, maneja a espada melhor que ninguém."

— Apenas por essa graça — disse dom Quixote a essa altura — o rapaz não só merecia se casar com a formosa Quitéria, como com a própria rainha Guinevere, se hoje fosse viva, apesar de Lancelot e de todos aqueles que quisessem impedi-lo.

— Parece minha mulher! — disse Sancho Pança, que até então estivera calado, escutando. — Ela quer que todo mundo se case apenas com seus iguais, aferrando-se ao ditado que diz: cada ovelha com sua parelha. O que eu gostaria é que esse bom Basílio, com quem já estou simpatizando, se casasse com essa senhora Quitéria, e descansassem em paz na vida eterna (por pouco não disse o contrário) aqueles que estorvam o casamento dos que se querem bem.

— Se todo mundo que se quer bem se casasse — disse dom Quixote —, tirava-se dos pais o direito de escolha de casar seus filhos com quem e quando devem. E, se ficasse à vontade das filhas escolher os maridos, haveria quem escolhesse o criado de seu pai, ou um sujeito que viu passar na rua, em sua opinião elegante e altaneiro, mesmo que fosse um espadachim de taberna, pois o amor e o afeto com facilidade cegam os olhos da inteligência, tão necessários na escolha de uma posição. A do casamento, então, é fácil de errar, e é preciso muito cuidado e particular favor do céu para acertar. Se a pessoa é prudente e quer fazer uma longa viagem, antes de se pôr a caminho procura alguma companhia segura e agradável com quem ir. Então, por que não fará o mesmo quem vai caminhar toda a vida, até o paradeiro da morte, quando além do mais a pessoa escolhida será sua companhia na cama, na

mesa e em todos os lugares, como é o caso da mulher com seu marido? A companhia de uma mulher não é mercadoria que, depois de comprada, pode se devolver ou se trocar ou permutar, porque o casamento é um fato irrevogável, que dura o que dura a vida: é um laço que, depois de posto no pescoço, se transforma em nó górdio, que não há como desatar, a não ser pela gadanha da morte. Eu poderia dizer muitas outras coisas sobre esse assunto, se não me embaraçasse o desejo de saber se o senhor licenciado ainda tem o que dizer acerca da história de Basílio.

Ao que o estudante bacharel, ou licenciado, como o chamou dom Quixote, respondeu:

— Não me resta mais o que dizer a não ser que, desde que Basílio soube que a formosa Quitéria ia se casar com Camacho, o Rico, nunca mais o viram rir nem falar coisa com coisa. Anda sempre pensativo e triste, falando sozinho, com o que dá claros sinais de que perdeu o juízo: come pouco e dorme pouco, e o que come são frutas, e dorme, se dorme, no campo, sobre a terra dura, como um animal selvagem. Às vezes olha o céu e às vezes crava os olhos no chão com tamanho embevecimento que até parece uma estátua vestida que o vento move a roupa. Enfim, ele dá tantas mostras de ter o coração apaixonado que todos nós que o conhecemos temos medo de que amanhã o sim da formosa Quitéria seja sua sentença de morte.

— Deus dará um jeito — disse Sancho —, pois Deus, que dá a ferida, também dá a cura. Ninguém sabe o que está por vir: há muitas horas de hoje para amanhã e numa, ou num instante, a casa cai; eu vi chover e fazer sol ao mesmo tempo; um se deita são à noite mas não pode se mexer no outro dia. E digam-me: por acaso há quem se gabe de ter enfiado um prego na roda da fortuna? Não, com certeza. Então, entre o “sim” e o “não” da mulher não me atreveria a pôr a ponta de um alfinete, porque não caberia. Vamos, garantam-me que Quitéria ama Basílio de todo coração e de boa vontade, que eu darei a ele um saco de boa sorte: pois o amor, pelo que ouvi dizer, olha com umas lentes que fazem o cobre parecer ouro, a pobreza, riqueza, e as remelas, pérolas.

— Aonde vais parar, Sancho? — disse dom Quixote. — Desgraçado, quando começas a desfiar ditados e máximas só se pode esperar que o próprio Judas te carregue. Diz-me, animal, que sabes tu de pregos ou da roda da fortuna, ou de qualquer outra coisa?

— Ora, se não me entendem — respondeu Sancho —, não é de admirar que tenham minhas sentenças por disparates. Mas não importa: eu me entendo e sei que não falei muitas asneiras no que disse. Acontece que vossa mercê, meu senhor, é sempre *friscal* de meus ditos, e até de meus feitos.

— Queres dizer *fiscal* — disse dom Quixote —, não *friscal*, corruptor da boa linguagem, que Deus te excomungue.

— Não se amole vossa mercê comigo — respondeu Sancho —, pois sabe que não me criei na corte nem estudei em Salamanca, para saber se boto ou tiro alguma letra em minhas palavras. Sim, que Deus me acuda, não há por que obrigar o saiaguês[1] a falar como o toledano, e pode haver toledanos que não acertem nem no cravo nem na ferradura em matéria de falar bonito.

— É verdade — disse o licenciado —, porque não podem falar tão bem os que se criam nas Tenerías e em Zocodover[2] como os que passeiam quase todo o dia no claustro da catedral, mas todos são toledanos. A linguagem pura, correta, elegante e clara está com os cortesãos sensatos, mesmo que tenham nascido em Majadahonda:[3] disse "sensatos" porque há muitos que não o são, e a sensatez é a gramática da boa linguagem, que se aprende com o uso. Eu, senhores, para bem de meus pecados, estudei os cânones em Salamanca e me gabo um pouco de falar com palavras claras, simples e expressivas.

— Se não vos gabásseis mais de saber manejar melhor os floretes que carregais que a língua — disse o outro estudante —, estaríeis entre os primeiros da classe, não na rabeira.

— Olhai, bacharel — respondeu o licenciado —, tendes a mais errada opinião do mundo sobre a arte da esgrima, considerando-a vã.

— Para mim não é opinião, mas verdade estabelecida — replicou Corchuelo. — E, se quereis que vos mostre na prática, estais aí com

vossos floretes, este lugar é conveniente, e eu tenho pulso firme e forte, que, acompanhado de minha coragem, que não é pouca, vos fará confessar que eu não me engano. Apeai-vos e usai vosso jogo de pés, vossas técnicas científicas de ataque e defesa, que eu pretendo vos fazer ver estrelas ao meio-dia com minha esgrima nova e rude, de que espero, com a graça de Deus, que ainda está por nascer o homem que me fará virar as costas, e que não há no mundo quem eu não faça perder terreno.

— Nisso de virar ou não as costas não me meto — replicou o espadachim —, embora pudesse acontecer que, no lugar onde pela primeira vez firmásseis o pé, ali vos cavassem a sepultura, quero dizer, ali ficaríeis morto pela arte desprezada.

— Logo veremos — respondeu Corchuelo.

E, apeando às pressas, sacou com fúria um dos floretes que o licenciado levava em seu jumento.

— Não pode ser assim — disse dom Quixote nesse instante —, pois eu quero ser o árbitro da disputa e o juiz dessa questão ainda pendente.

E, apeando de Rocinante e pegando sua lança, se posicionou no meio da estrada, enquanto o licenciado, com movimentos elegantes e passos medidos, atacava Corchuelo, que contra-atacava, soltando fogo pelos olhos, como se diz. Os outros dois camponeses que os acompanhavam, sem apear de suas burrinhas, serviram de espectadores da mortal tragédia. As cutiladas, estocadas, fendentes, reveses e mandobres[4] que Corchuelo dava eram inúmeros, mais indigestos que fígado cru e mais constantes que granizo. Atacava como um leão furioso, mas o licenciado devolvia com um golpe em direção à boca, detendo o ímpeto do bacharel e o fazendo beijar o botão do florete como a uma relíquia, mesmo que sem a devoção com que se deve e se costuma beijá-las.

Finalmente, o licenciado contou a estocadas um por um os botões de uma meia sotaina que ele vestia, deixando-a em tiras como braços de polvo, e por duas vezes lhe derrubou o chapéu, cansando-o de tal modo que Corchuelo, por despeito, cólera e raiva, agarrou o florete pela empunhadura e o atirou pelo ar com tanta força que um dos camponeses que foi buscá-lo, que era escrivão,

testemunhou depois que o encontrou a quase três quartos de légua, testemunho que serviu e serve para que se saiba e se comprove com toda a certeza como a força foi vencida pela arte.

Corchuelo se sentou, cansado. Sancho se aproximou dele e disse:

— Por Deus, senhor bacharel, se vossa mercê seguir meu conselho, daqui por diante não deve mais desafiar ninguém a esgrimir, mas a lutar ou atirar a barra, pois tem idade e força para isso. Pois olhe, desses que chamam de duelistas ouvi dizer que metem a ponta de uma espada no buraco de uma agulha.

— Eu me contento — respondeu Corchuelo — em ter caído de quatro e ter visto, na prática, como eu estava longe da verdade.

E, levantando-se, abraçou o licenciado, e ficaram mais amigos que antes. Sem desejarem esperar o escrivão que tinha ido procurar o florete, por acharem que demoraria muito, resolveram seguir viagem, para chegar cedo à aldeia de Quitéria, de onde eles todos eram.

No caminho, o licenciado foi explicando as excelências da arte da esgrima com tantos argumentos conclusivos, com tantas figuras geométricas e demonstrações matemáticas que todos ficaram inteirados das virtudes da ciência, e Corchuelo, desenganado de sua teimosia.

Anoitecera, mas, antes que chegassem à aldeia, todos pensaram que diante dela estava um céu cheio de inumeráveis e resplandecentes estrelas. Também ouviram sons confusos e suaves de diversos instrumentos, como de flautas, tamborins, saltérios, alboques, pandeiros e chocalhos. Quando se aproximaram, viram que os ramos de um caramanchão feito na entrada do povoado estavam cheios de lanternas, a quem o vento não ofendia, pois soprava então muito manso, não tendo força para mover as folhas das árvores. Os músicos eram os animadores da festa e andavam em grupos por aquele lugar agradável, uns dançando e outros cantando, e outros ainda tocando os diversos instrumentos que se mencionou. Realmente parecia que em todo aquele campo não andavam mais que a alegria e o contentamento, correndo e saltando. Muitas outras pessoas andavam ocupadas em levantar andaimes, de onde, com comodidade, pudessem ver no dia

seguinte as representações e danças que seriam realizadas naquele lugar para comemorar o casamento do rico Camacho e o funeral de Basílio.

Dom Quixote não quis entrar no povoado, mesmo que insistissem tanto o camponês como o bacharel: ele deu como desculpa, mais que suficiente em sua opinião, ser costume dos cavaleiros andantes dormirem pelos campos e florestas em vez de povoados, mesmo que fosse sob tetos dourados. Então se afastou um pouco da estrada, muito contra a vontade de Sancho, que se lembrou do bom acolhimento que havia tido no castelo ou casa de dom Diego.

XX

onde se conta o casamento de camacho, o rico, com o que aconteceu a basílio, o pobre

Mal a pálida aurora havia deixado que o brilhante Febo enxugasse com o fogo de seus raios ardentes as pérolas líquidas de seus cabelos de ouro, quando dom Quixote, sacudindo a preguiça de seus membros, se pôs de pé e chamou seu escudeiro Sancho, que ainda roncava. Mas vendo-o assim, antes de acordá-lo, disse:

— Oh, tu, bem-aventurado acima de quantos vivem sobre a face da terra, pois sem ter inveja nem ser invejado dormes com espírito sossegado, sem que magos te persigam nem te assustem encantamentos! Dormes, repito, e repetirei outras cem vezes, sem que te mantenham em vigília ciúmes de tua dama, nem te desvelem pensamentos sobre dívidas que tenhas, nem o que deverás fazer para comer outro dia tu e tua pequena e angustiada família. Nem a ambição te inquieta nem a pompa vã do mundo te preocupa, porque os limites de teus desejos não ultrapassam a ração de teu jumento, pois a responsabilidade de tua pessoa está sobre meus ombros, contrapeso posto aí pela natureza e pelo costume dos senhores. Dorme o criado e vela o senhor, pensando como irá sustentá-lo, aperfeiçoá-lo e lhe fazer mercês. A angústia de ver que o céu se faz de bronze, sem acudir à terra com o orvalho conveniente, não aflige o criado, mas aflige o senhor, que deve sustentar na esterilidade e na fome quem o serviu na fertilidade e na abundância.

Sancho não respondeu a nada disso, porque dormia, nem acordaria tão cedo se dom Quixote não o tivesse cutucado com a

parte de trás da lança. Despertou por fim, sonolento e preguiçoso, e, olhando em volta, disse:

— Das bandas deste caramanchão, se não me engano, vem uma fumacinha que cheira bem mais a torresmo que a capim-limão e tomilhos: casamentos que começam com um cheiro desses, benza Deus, devem ser abundantes e generosos.

— Acaba com isso, glutão — disse dom Quixote. — Vem, vamos ver esse casório, para ver o que faz o desprezado Basílio.

— Ele que faça o que quiser — respondeu Sancho. — Se ele não fosse pobre, teria se casado com Quitéria. Então só basta um tostão no bolso para querer se casar nas nuvens? Por Deus, senhor, parece-me que o pobre deve se contentar com o que acha e não pedir nabos à pereira. Aposto um braço que Camacho pode cobrir Basílio de moedas; e, se for assim mesmo, como deve ser, Quitéria seria bem boba em desprezar as roupas e joias que Camacho deve ter lhe dado e pode dar, para escolher o arremesso de barra e a esgrima de Basílio. Por um bom arremesso de barra ou um belo manejo da espada não dão nem meio litro de vinho na taberna. Dons e habilidades que não são vendáveis, mesmo que os tenha o conde Dirlos;[1] mas, quando esses dons caem sobre quem tem um bom dinheiro, minha nossa, tivesse eu tanta sorte assim. Em cima de bons alicerces pode se construir uma boa casa, e o melhor alicerce ou canal do mundo é o dinheiro.

— Por Deus, Sancho — disse dom Quixote a essa altura —, acaba logo com isso! Tenho a impressão de que, se te deixassem continuar essas arengas que começas a toda hora, não te sobraria tempo para comer nem para dormir, pois o gastarias todo falando.

— Se vossa mercê tivesse boa memória — replicou Sancho —, deveria se lembrar das cláusulas de nosso contrato antes de sairmos de casa nessa última vez: uma delas foi que havia de me deixar falar tudo aquilo que eu quisesse, desde que não fosse contra o próximo nem contra a autoridade de vossa mercê; e até agora me parece que não transgredi a tal cláusula.

— Eu não me lembro da dita cláusula, Sancho — respondeu dom Quixote —, mas, mesmo assim, quero que te cales e que venhas, pois os instrumentos que ouvimos ontem à noite voltam a alegrar os

vales, e sem dúvida o casório será celebrado no frescor da manhã, e não no calor da tarde.

Sancho fez o que seu senhor mandava e botou a sela em Rocinante e a albarda no burro. Então os dois montaram e, passo a passo, foram entrando pelo caramanchão.

A primeira coisa que se ofereceu à vista de Sancho foi um novilho inteiro num espeto feito com o tronco inteiro de um olmo; e no fogo onde devia assar ardia uma montanha razoável de lenha, e as seis panelas que estavam ao redor da fogueira não tinham sido feitas na mesma forma das panelas comuns, porque eram do tamanho de seis meias tinas — cabia um açougue de carne em cada uma, tanto que ali se cozinhavam carneiros sem que se pudesse notar, como se fossem pombinhos. Eram inumeráveis as lebres já sem pele e as galinhas sem penas que estavam penduradas pelas árvores à espera de mergulharem nas panelas; eram infinitos os pássaros e caça de diversos tipos, também pendurados nas árvores para que o ar os mantivesse frios.

Sancho contou mais de sessenta odres de mais de duas arrobas cada um, e todos cheios de vinhos generosos, como se viu depois. Havia também pilhas de pão branquíssimo como costuma haver montões de trigo nas eiras; os queijos, empilhados como tijolos, formavam uma muralha, e dois caldeirões de azeite maiores que os de uma tinturaria serviam para fritar bolos, que eram retirados com duas valentes pás e mergulhados em outro caldeirão de mel apurado que estava ali perto.

Os cozinheiros e cozinheiras passavam de cinquenta, todos limpos, todos diligentes e todos alegres. Costurados no ventre amplo do novilho estavam doze leitões pequenos e tenros para lhe dar sabor e amaciá-lo. As especiarias de diversos tipos não pareciam ter sido compradas a quilo, mas por arrobas, e todas estavam à mostra numa grande arca. Enfim, o aparato do casamento era rústico, mas tão abundante que podia sustentar um exército.

Sancho Pança tudo via, tudo contemplava e tudo o arrebatava. Primeiro as panelas cativaram e renderam o desejo dele: de muito boa gana tomaria delas uma bela porção; depois dominaram sua

vontade os odres e, por fim, os bolinhos com açúcar e mel que saíam das frigideiras, se é que se podia chamar de frigideiras caldeirões tão bojudos. Assim, sem poder se aguentar, porque estava acima de suas forças, aproximou-se de um dos solícitos cozinheiros, e com palavras corteses e famintas rogou que o deixasse molhar um pedaço de pão num daqueles panelões. Ao que o cozinheiro respondeu:

— Hoje, meu irmão, a fome não manda, graças ao rico Camacho. Apeai, vede por aí se há uma concha e puxai uma galinha ou duas, e bom apetite.

— Não vejo nenhuma — respondeu Sancho.

— Esperai — disse o cozinheiro. — Por meus pecados, que melindroso e acanhado deveis ser!

Dizendo isso, agarrou uma caçarola e a meteu numa das meias tinas, tirando-a com três galinhas e dois gansos, e disse a Sancho:

— Aqui tendes, meu amigo. Quebrai o jejum com esta canja, enquanto espera a hora de jantar.

— Não tenho no que despejá-la — respondeu Sancho.

— Ora — disse o cozinheiro —, levai com caçarola e tudo, que a riqueza e a alegria de Camacho suprem tudo.

Enquanto isso acontecia a Sancho, dom Quixote estava olhando para um lado do caramanchão, por onde entravam uns doze camponeses montando doze éguas muito lindas, com ricos e vistosos enfeites e muitos guizos nos peitorais, e todos vestidos de gala e de festa, que em grupo bem organizado correram não uma, mas muitas carreiras pelo campo, com alegre algazarra e gritaria, dizendo:

— Vivam Camacho e Quitéria, ele tão rico como ela formosa, e ela a mais formosa do mundo!

Ouvindo isso, dom Quixote disse a si mesmo:

— Bem se vê que estes nunca viram minha Dulcineia del Toboso, pois, se a tivessem visto, teriam refreado os elogios a essa sua Quitéria.

Dali a pouco começaram a encontrar em diversos lugares do caramanchão muitas e diferentes danças, entre as quais uma de espadas, com vinte e quatro rapazes galantes e animados, todos

vestidos com o linho mais fino e branco, usando lenços de seda de várias cores na cabeça. Um dos homens das éguas perguntou a um rapaz desembaraçado, que guiava os dançarinos, se algum deles havia se ferido.

— Por ora, graças a Deus, ninguém se feriu: estamos todos bem.

E em seguida começou a lutar com os companheiros, com tantas piruetas e com tanta destreza que dom Quixote, mesmo acostumado com semelhantes danças, achou que nunca tinha visto outra tão boa como aquela.

Também considerou boa a próxima dança, com donzelas lindíssimas, tão moças que pelo visto nenhuma tinha menos de catorze nem mais de dezoito anos, todas vestidas com tecidos verdes de Cuenca,[2] os cabelos parte trançados e parte soltos, mas todos tão loiros que podiam competir com os raios do sol, e sobre eles traziam grinaldas de jasmins, rosas, amarantos e madressilvas. Eram guiadas por um velho venerável e uma velha matrona, mas mais ligeiros e desenvoltos do que prometiam seus anos. A música vinha de uma flauta da Zamora, de dois tubos, e as donzelas, levando a modéstia nos rostos e nos olhos e a rapidez nos pés, se mostravam as melhores dançarinas do mundo.

Depois desse, entrou outro grupo que ia dançar uma mascarada com enredo e declamações. Eram oito ninfas divididas em duas fileiras: uma das fileiras era guiada pelo deus Cupido e a outra, pelo Interesse; aquele, enfeitado com asas, aljava e setas; este, vestido de ricas e diversas cores de seda bordada de ouro. As ninfas que seguiam o Amor traziam nas costas um pergaminho branco com seus nomes escritos em letras grandes. Poesia era o título da primeira; o da segunda, Bom Senso; o da terceira, Boa Linhagem, e a quarta, Valentia. Do mesmo modo vinham assinaladas as que seguiam o Interesse: a primeira, Generosidade; a segunda, Dádiva; a terceira e a quarta, Tesouro e Posse Pacífica. Na frente de todos vinha um castelo de madeira, puxado por quatro selvagens vestidos de hera e cânhamo tingido de verde, que pareciam tão reais que quase assustaram Sancho. Na fachada do castelo e em suas quatro paredes, estava escrito: Castelo do Bom Recato. A música era feita por quatro tocadores de tamborim e flauta.

Cupido começava a dança e, depois de duas evoluções, levantava os olhos e retesava o arco contra uma donzela que aparecia nas alamedas do castelo, a quem falou desse modo:

— *Eu sou o deus poderoso*
no ar e na terra
e no largo mar tempestuoso
e em tudo que o abismo encerra
em seu inferno espantoso.
Nunca conheci o medo;
tudo o que quero, posso,
mesmo que queira o impossível,
e em tudo o que é possível
mando, tiro, ponho e vedo.[a]

Acabada a estrofe, disparou uma flecha por cima do castelo e retirou-se a seu posto. Logo saiu o Interesse e fez outras duas evoluções; os tamborins se calaram e ele disse:

— *Sou quem pode mais que o Amor,*
mas é o Amor quem me guia;
sou da melhor estirpe
que o céu na terra cria,
mais conhecida e antiga.
Sou o Interesse, com quem
poucos costumam agir bem,
mas agir sem mim é grande milagre;
e como sou, a ti me consagro,
para sempre jamais, amém.[b]

O Interesse se retirou e se adiantou a Poesia, que, depois de fazer suas evoluções como os demais, com os olhos postos na donzela do castelo, disse:

— *Em dulcíssimos conceitos,*

altos, graves e sábios,
a dulcíssima Poesia,
senhora, a alma te envia
envolta entre mil sonetos.
Se acaso não te importuna
minha disputa, tua fortuna,
por muitas outras invejada,
será por mim elevada
sobre o aro da lua.[c]

A Poesia se afastou, e do lado do Interesse avançou a Generosidade que, depois de feitas suas evoluções, disse:

Chamam Generosidade
ao dar que foge do extremo
da prodigalidade
e do contrário, que argui
morna e frouxa vontade.
Mas eu, para te valorizar,
a partir de hoje serei mais pródiga:
embora seja vício, é vício honrado
e de peito apaixonado,
que em dar se deixa ver.[d]

Desse modo se apresentaram e se retiraram todos os personagens dos dois grupos, e cada um dançou e disse seus versos, alguns elegantes e alguns ridículos, mas dom Quixote decorou apenas os já referidos, mesmo tendo grande memória. Então todos se misturaram na dança, enlaçando-se e se desenlaçando com posturas graciosas e desenvoltas, e o Amor, quando passava diante do castelo, disparava suas flechas para o alto, mas o Interesse quebrava em suas paredes alcancias cheias de moedas de ouro.

Finalmente, depois de ter dançado um bom tempo, o Interesse puxou uma grande bolsa feita com a pele de um gato tigrado, que

parecia cheia de dinheiro, e a jogou contra o castelo. Com o golpe, as tábuas das paredes se desencaixaram e caíram, deixando a donzela à mostra e sem defesa alguma.

O Interesse chegou com sua comitiva e pôs uma grande corrente de ouro no pescoço dela, dando mostras de prendê-la, rendê-la e sujeitá-la. Ao ver isso, o Amor e sua comitiva se dispuseram a libertá-la, e todas as demonstrações que faziam eram ao som dos tamborins, dançando harmoniosamente. A paz foi restabelecida pelos selvagens, que com muita rapidez levantaram e encaixaram de novo as paredes do castelo, e a donzela se encerrou nele como antes, para grande contentamento dos que assistiam.

Dom Quixote perguntou a uma das ninfas quem havia composto e dirigido a dança. Ela respondeu que um padre daquele povoado, que tinha muito jeito para semelhantes invenções.

— Aposto — disse dom Quixote — que deve ser mais amigo de Camacho que de Basílio o tal bacharel ou padre, e que deve se dar melhor com as sátiras que com as orações: encaixou muito bem as habilidades de Basílio e as riquezas de Camacho!

Sancho, que escutava tudo, disse:

— Aposto no mais galo: fico com Camacho.

— Ora, ora, Sancho — disse dom Quixote —, bem se vê que és camponês e daqueles que dizem: “Viva quem vence!”.

— Não sei se sou desses — respondeu Sancho —, mas sei muito bem que nunca vou tirar das caçarolas de Basílio canja tão saborosa como tirei das de Camacho.

E mostrou a caçarola cheia de gansos e galinhas e, pegando uma, começou a comer com muita distinção e apetite, e depois disse:

— Pendure a conta nas habilidades de Basílio, pois vales tanto quanto tens e tens tanto quanto vales! Só há duas linhagens no mundo, como dizia minha avó: a que tem e a que não tem, e ela se agarrava com a que tinha. E, nos dias de hoje, meu senhor dom Quixote, se respeita mais o haver que o saber: um burro coberto de ouro parece melhor que um cavalo encilhado com albarda. Assim sendo, repito que fico com Camacho. Nas caçarolas dele são fartos os ensopados de gansos e galinhas, lebres e coelhos; nas de

Basílio, se é que vou botar a mão em alguma, ou mesmo o pé, só deve haver sopa de pedra.

— Acabaste tua arenga, Sancho? — disse dom Quixote.

— Acabei, sim — respondeu Sancho —, porque vejo que vossa mercê se amola com ela, pois, se isso não atrapalhasse, teria pano para três dias de mangas.

— Queira Deus, Sancho — replicou dom Quixote —, que eu não morra sem te ver mudo.

— No passo que vamos — respondeu Sancho —, antes que vossa mercê morra, eu estarei comendo grama pela raiz, e aí pode ser que eu fique mudo, que não diga uma palavra até o fim do mundo, ou pelo menos até o dia do juízo.

— Mesmo que isso aconteça assim, Sancho — respondeu dom Quixote —, nunca teu silêncio chegará aonde chegou o que falaste, falas e falarás em tua vida. Além disso, é muito mais provável que chegue primeiro o dia de minha morte que o da tua; então não penso jamais te ver mudo, nem quando estejas bebendo ou dormindo, que é o que mais me admira.

— Por Deus, senhor — respondeu Sancho —, não dá para se fiar na Caveirosa, digo, na morte, que tanto come bodes como cordeiros; e, como ouvi nosso padre dizer, pisa com o mesmo pé nos palácios dos reis como nas cabanas humildes dos pobres. Essa senhora tem mais poder que melindres, não tem nojo de nada: come de tudo e tudo faz, e de todo tipo de pessoas, idades e posições enche seus alforjes. Não é ceifador que durma as sestas, porque a toda hora ceifa, e tanto apara a grama seca como a verde; e parece que não mastiga, mas que engole tudo o que aparece pela frente, pois tem fome canina, que nunca se satisfaz; e, embora não tenha barriga, dá a entender que está hidrópica e tem sede para beber sozinha a vida de todos, como quem bebe um copo de água fria.

— Basta, Sancho — disse dom Quixote nesse ponto. — Fica aí, em terra firme, pois na verdade o que disseste sobre a morte com tuas palavras grosseiras é o que poderia dizer um bom pregador. Olha, Sancho, se tivesses bom senso como tens boa índole,

poderias arranjar um emprego de pregador e ir-te por esse mundo dando lindos sermões.

— Prega bem quem vive bem — respondeu Sancho —, e outras teologias não sei.

— Nem precisa — disse dom Quixote. — Mas não consigo entender como, sendo o princípio da sabedoria o temor a Deus, tu, que tens mais medo de um lagarto que d'Ele, sabes tanto.

— Julgue vossa mercê suas cavalarias, senhor — respondeu Sancho —, mas não se meta a julgar os temores e valentias alheias, que sou pagão tão temente a Deus como qualquer cristão. E me deixe despachar logo essa canja, que o resto são palavras ociosas, de que irão nos pedir contas na outra vida.[3]

E, dizendo isso, assaltou de novo sua caçarola, com tão bom apetite que despertou o de dom Quixote, que sem dúvida o teria ajudado, se não o impedisse o que por força se contará adiante.

a — *Yo soy el dios poderoso/ en el aire y en la tierra/ y en el ancho mar undoso/ y en quanto el abismo encierra/ en su báratro espantoso./ Nunca conocí qué es miedo;/ todo cuanto quiero puedo,/ aunque quiera lo imposible,/ y en todo lo que es posible/ mando, quito, pongo y vedo.*

b — *Soy quien puede más que Amor,/ y es Amor el que me guía;/ soy de la estirpe mejor/ que el cielo en la tierra cría,/ más conocida y mayor./ Soy el Interés, en quien/ pocos suelen obrar bien,/ y obrar sin mí es grande milagro;/ y cual soy te me consagro,/ por siempre jamás, amén.*

c — *En dulcísimos conceptos,/ la dulcísima Poesía,/ altos, graves y discretos,/ señora, el alma te envía/ envuelta entre mil sonetos./ Si acaso no te importuna/ mi porfía, tu fortuna,/ de otras muchas envidiada,/ será por mí levantada/ sobre el cerco de la luna.*

d *Llaman Liberalidad/ al dar que el extremo huye/ de la prodigalidad/ y del contrario, que arguye/ tibia y floja voluntad./ Mas yo, por te engrandecer,/ de hoy más pródiga he de ser:/ que aunque es vicio, es vicio honrado/ y de pecho enamorado,/ que en el dar se echa de ver.*

xxi

onde prossegue a festa de casamento de camacho, com outros acontecimentos saborosos

Enquanto dom Quixote e Sancho estavam na conversa narrada no capítulo anterior, ouviram-se grandes brados e grande estrépito, causados pelos cavaleiros das éguas, que numa algazarra e a todo galope foram receber os noivos, que, rodeados de mil tipos de instrumentos, adornos e máscaras, vinham com o padre, os parentes de ambos e as pessoas mais destacadas das aldeias vizinhas, todos em trajes de festa. Mal Sancho viu a noiva, disse:

— Minha nossa, a noiva não vem vestida de camponesa, mas como uma galante dama da corte. Por Deus, pelo que vejo, em vez de medalhas de lata que devia usar vem com colares de corais, e o vestido é do melhor veludo em vez de algodão verde de Cuenca! E olha só, as guarnições são de franjas brancas! Juro que é cetim! E as mãos, então, adornadas com anéis de azeviche? Que raios me partam se não são anéis de ouro, e ouro maciço, engastados com pérolas mais brancas que coalhada, que devem valer os olhos da cara. Ah, fiadaputa, que cabelos, se não são postiços, nunca vi mais longos nem mais loiros em toda a minha vida! Não, não vou ficar aqui procurando defeitos, nem na elegância nem no corpo. Ela só pode ser comparada a uma palmeira que se move, carregada de tâmaras, que isso parecem os adornos que traz pendentes dos cabelos e do pescoço! Juro por minha alma que é moça de truz, capaz de carregar qualquer cruz.

Dom Quixote riu dos elogios rústicos de Sancho Pança e pensou que nunca tinha visto mulher mais formosa, com exceção de sua senhora Dulcineia del Toboso. Quitéria, a Bela, vinha um tanto pálida, talvez pela noite mal dormida que as noivas sempre enfrentam para se arrumar para o dia seguinte de seu casamento. Iam se aproximando de um tablado que havia a um canto do campo, enfeitado com tapetes e ramos, onde devia se realizar a cerimônia e de onde iriam assistir às danças e mascaradas. Mas, quando chegavam a ele, ouviram às suas costas grandes brados, e alguém que dizia:

— Esperai um instante, gente leviana e apressada!

A esses brados e palavras todos viraram a cabeça, e viram que os dava um homem trajado com um saio preto com adornos em forma de tiras vermelhas como chamas, pelo que se via. Vinha, como depois se comprovou, com uma coroa funesta de cipreste; nas mãos trazia um cajado grande. Quando chegou mais perto, foi reconhecido por todos como o galante Basílio, e todos ficaram surpresos, sem saber onde tudo aquilo ia parar, temendo alguma desgraça com sua vinda numa hora dessas.

Chegou, por fim, cansado e sem fôlego, e diante dos noivos, fincando no chão o cajado que tinha uma ponteira de aço, empalideceu. Com os olhos em Quitéria, com voz trêmula e rouca, disse estas palavras:

— Bem sabes, ingrata Quitéria, que, de acordo com a santa lei que professamos, eu estando vivo tu não podes te casar. Também não ignoras que, por eu esperar que o tempo e minha diligência melhorassem os bens de minha fortuna, não quis deixar de guardar o decoro que convinha a tua honra. Mas tu, jogando fora todas as obrigações que deves a minha boa intenção, queres fazer senhor do que é meu outro cujas riquezas lhe servem não apenas de boa fortuna, como de boníssima ventura. E, para que realizes tua felicidade (não como eu penso que a merece, mas como a querem dar os céus), eu, com minhas próprias mãos, desfarei o impedimento ou obstáculo que pode frustrá-la, retirando-me de entre vós. Viva, viva o rico Camacho com a ingrata Quitéria longos e

felizes séculos, e morra, morra o pobre Basílio, cuja pobreza cortou as asas de sua sorte e o levou à sepultura!

Dizendo isso, puxou o cajado que cravara no chão, mas metade dele ficou lá, revelando que servia de bainha para um estoque de tamanho médio que ocultava. Então, apoiando na terra do que podia se chamar de empunhadura do estoque, com determinação e rápida desenvoltura se jogou sobre ele, e num instante surgiu nas costas a ponta sangrenta da lâmina de aço, ficando o triste homem banhado em seu sangue e estendido no chão, trespassado por sua própria arma.

Em seguida acudiram seus amigos para socorrê-lo, condoídos com sua miséria e desgraça lamentável. Deixando Rocinante, dom Quixote também se aproximou, tomou-o nos braços e achou que ainda não havia expirado. Quiseram tirar o estoque, mas o padre, que estava presente, foi de opinião que não o tirassem antes que o ferido se confessasse, porque tirá-lo seria morte certa. Mas Basílio, voltando um pouco a si, com voz dolorida e apagada, disse:

— Se quisesses, cruel Quitéria, neste último e fatal momento me dar tua mão como esposa, eu ainda poderia pensar que minha temeridade teria desculpa, pois nela alcancei a felicidade de ser teu.

O padre, ouvindo isso, disse a ele que desse atenção à saúde da alma em vez de aos prazeres do corpo e que pedisse perdão a Deus com sinceridade por seus pecados e por sua decisão desesperada. Então Basílio respondeu que de jeito nenhum se confessaria se antes Quitéria não lhe desse a mão em casamento, pois essa alegria fortaleceria sua vontade e lhe daria alento para se confessar.

Dom Quixote, ouvindo o pedido do ferido, disse com palavras eloquentes que Basílio pedia uma coisa muito justa e razoável, além do mais fácil de atender, e que o senhor Camacho ficaria tão honrado recebendo a senhora Quitéria viúva do valente Basílio como se a recebesse da mão do pai dela:

— Aqui não haverá mais que um sim, sem outro efeito que o de ser pronunciado, pois o leito deste casamento será a sepultura.

Camacho ouvia tudo e tudo o deixava estupefato e confuso, sem saber o que fazer nem o que dizer, mas os gritos dos amigos de

Basílio — pedindo a ele que consentisse que Quitéria desse a mão em casamento ao moribundo, para que sua alma não se perdesse partindo desesperada desta vida — levaram-no ou até o forçaram a dizer que, se Quitéria queria dá-la, ele concordava, pois tudo se resumia a retardar um instante o cumprimento de seus desejos.

Todos correram para Quitéria, e uns com súplicas, outros com lágrimas, outros ainda com palavras eficazes, tratavam de persuadi-la a dar a mão ao pobre Basílio. Mas ela, mais dura que mármore e mais imóvel que uma estátua, mostrava que nem sabia nem podia nem queria responder nada, nem responderia se o padre não dissesse que se decidisse logo o que havia de fazer, porque Basílio já tinha o último suspiro entre os dentes, e não havia lugar para hesitações.

Então a formosa Quitéria, sem responder uma palavra, perturbada, parecendo triste e pesarosa, foi até onde Basílio estava, já com os olhos revirados e a respiração entrecortada, murmurando entre os dentes o nome de Quitéria, dando sinais de que ia morrer como pagão, não como católico. Por fim Quitéria chegou e, ajoelhando-se, pediu a mão dele com um gesto, não com palavras. Os olhos de Basílio voltaram às órbitas e ele, olhando Quitéria atentamente, disse:

— Oh, Quitéria, vieste ser piedosa quando tua piedade será o punhal que vai acabar de me tirar a vida, pois já não tenho forças para suportar a glória que me dás ao me escolher como teu, nem para conter a dor que com tamanha pressa vai me cobrindo os olhos com a espantosa sombra da morte! O que te suplico, minha estrela fatal, é que esta cerimônia não seja por obrigação nem para me enganar de novo, mas para que confesses e digas que, sem forçar tua vontade, me entregas e me dás tua mão como a teu legítimo esposo, pois não há motivo para que num momento como este me enganes, nem uses de fingimentos com quem foi tão sincero contigo!

Ele desmaiava, entre uma palavra e outra, de modo que todos os presentes pensavam que a cada desmaio entregava sua alma. Quitéria, toda recatada e cheia de vergonha, segurando com sua mão direita a de Basílio, lhe disse:

— Força nenhuma seria suficiente para dobrar minha vontade; assim, com toda a liberdade que tenho, te dou minha mão como legítima esposa e recebo a tua, se é que também a dás livremente, sem que te perturbe ou prejudique a calamidade em que tua decisão desvairada te pôs.

— Sim, dou — respondeu Basílio —, nem perturbado nem confuso, mas com o claro entendimento que o céu quis me dar. Assim me entrego para ser teu esposo.

— E eu para ser tua esposa — respondeu Quitéria. — Agora vivas por longos anos, ou agora te levem de meus braços para a sepultura.

— Para alguém tão ferido — disse Sancho Pança nesse ponto —, este rapaz fala demais: façam com que deixe de galanteios e trate da salvação de sua alma, que em minha opinião está mais presa na língua que a caminho do céu.

Com Basílio e Quitéria de mãos dadas, o padre, doce e choroso, abençoou-os e pediu ao céu que desse eterno repouso à alma do recém-casado. Assim que recebeu a bênção, com rapidez Basílio se pôs de pé e, com inacreditável desenvoltura, tirou o estoque a que seu corpo servia de bainha. Todos os presentes ficaram espantados, e alguns deles, mais simplórios que impertinentes, em altos brados começaram a dizer:

— Milagre, milagre!

Mas Basílio replicou:

— Milagre nada, astúcia, astúcia!

O padre, perturbado e perplexo, levou ambas as mãos para apalpar a ferida e descobriu que o punhal não passara pela carne e costelas de Basílio, mas por um tubo de ferro que estava em lugar bem apropriado, cheio de sangue preparado de modo que não coagulasse, como se soube depois.

Por fim, o padre e Camacho, mais todos os presentes, se consideraram tapeados e escarnecidos. A esposa não deu mostras de que a trapaça lhe pesava: pelo contrário, ao ouvir que aquele casamento não podia ser considerado válido, por se basear numa fraude, disse que o confirmava de novo, do que todos deduziram que de comum acordo os dois tinham tramado aquele plano. Com

isso Camacho e seus partidários ficaram tão envergonhados que confiaram a vingança às mãos e, desembainhando muitas espadas, atacaram Basílio, em cuja defesa num instante se desembainharam quase outras tantas. Mas dom Quixote tomou a iniciativa: a cavalo, com a lança em riste e bem protegido por seu escudo, fazia com que todos os defensores cercassem Basílio. Sancho, a quem semelhantes façanhas nunca agradaram nem divertiram, refugiou-se nas tinas de onde tinha tirado sua canja apetitosa, considerando aquele lugar como sagrado, a que se devia respeito feito a uma igreja. Dom Quixote dizia, em altos brados:

— Detende-vos, senhores, detende-vos! Não há motivo para vos vingardes dos agravos que o amor nos faz. E reparai que o amor e a guerra são uma mesma coisa, e assim como na guerra é coisa lícita e costumeira usar de ardis e estratagemas para vencer o inimigo, assim nas contendas e disputas amorosas se têm por bons os embustes e as tramoias que se fazem para conseguir o fim que se deseja, desde que não sejam em prejuízo e desonra da coisa amada. Quitéria era de Basílio, e Basílio de Quitéria, por justa e favorável disposição dos céus. Camacho é rico e poderá comprar seus prazeres, quando, onde e como quiser. Basílio não tem mais que esta ovelha,[1] e ninguém deve tomá-la, por mais poderoso que seja, pois aos que Deus une o homem não pode separar,[2] e aquele que tentar terá primeiro de passar pela ponta desta lança.

E aí a brandiu com tanta força e destreza que meteu medo em todos os que não o conheciam. E tão intensamente se fixou na imaginação de Camacho o desdém de Quitéria que apagou a donzela da memória num instante, o que o fez ouvir as palavras persuasivas do padre, que era homem prudente e bem-intencionado. Com elas, Camacho e seus seguidores ficaram calmos e em paz, tanto que devolveram as espadas às bainhas e botaram a culpa mais na leviandade de Quitéria que na astúcia de Basílio. Camacho raciocinou que, se Quitéria amava Basílio quando solteira, casada também o amaria, e que devia dar graças ao céu mais por tê-la tirado dele que por tê-la dado.

Então, com Camacho e seu bando pacíficos e consolados, todos os do bando de Basílio se acalmaram. Aí o rico Camacho, para

mostrar que não sentia a trapaça nem fazia caso dela, quis que as festas continuassem como se realmente se casasse. Mas Basílio não quis ficar, nem sua esposa, nem seus sequazes, e então foram embora para a aldeia dele, pois os pobres virtuosos e argutos também têm quem os siga, honre e ampare como os ricos têm quem os lisonjeie e acompanhe.

Levaram dom Quixote com eles, considerando-o homem de valor e de cabelo no peito. Apenas Sancho ficou com o coração sombrio, por ter de abandonar o banquete esplêndido e a festa de Camacho, que duraram até a noite. Então, amolado e triste, seguiu seu senhor, que ia com o grupo de Basílio, deixando para trás aquele país da Cocanha, embora o levasse na alma; para ele, a canja quase toda consumida e acabada, que levava na caçarola, representava a glória e a abundância da felicidade perdida. Enfim, acabrunhado e pensativo, como se disse, embora sem fome, seguiu as pegadas de Rocinante sem apear do burro.

xxii

onde se relata a grande aventura da caverna de montesinos, que está no coração da mancha, vivida com feliz desfecho pelo valoroso dom quixote de la mancha

Foram muitas e grandes as cortesias feitas a dom Quixote por Basílio e Quitéria, agradecidos pelo que demonstrara na defesa da causa deles, e lhe concederam o título tanto de valente como de sábio, vendo nele um Cid nas armas e um Cícero na eloquência. O bom Sancho se refocilou três dias à custa dos noivos, por quem se soube que o plano de se ferir falsamente não tinha sido tramado com Quitéria, mas apenas por Basílio, que esperava dela a reação que se tinha visto. É bem verdade, confessou, que tinha avisado alguns de seus amigos para que o ajudassem em sua intenção e tornassem crível a fraude, quando chegasse a hora.

— Não podem se chamar de fraudes — disse dom Quixote — os planos que têm fins virtuosos.

E apaixonados se casarem era o melhor dos fins, mas reparando sempre que os piores adversários que o amor tem são a fome e a necessidade contínua, porque o amor é todo alegria, regozijo e prazer, mais ainda quando o amante está de posse da coisa amada, contra quem são inimigos declarados a necessidade e a pobreza. E dizia isso tudo com a intenção de encorajar o senhor Basílio a deixar de lado suas conhecidas habilidades, que lhe davam fama mas não davam dinheiro, e tratasse de enriquecer por meios lícitos e engenhosos, que nunca faltam aos prudentes e aplicados.

— O pobre honrado (se é que o pobre pode ser honrado) tem sorte em ter mulher formosa, mas, quando a tiram dele, tiram sua honra e a matam. A mulher formosa e honrada, cujo marido é pobre, merece ser coroada com os louros e as palmas da vitória e do triunfo. A formosura por si só atrai os desejos de todos que a olham e conhecem, é como isca deliciosa para o ataque de águias e falcões soberbos; mas, se à formosura se somarem a necessidade e a pobreza, também ela é atacada pelos corvos, gaviões e outras aves de rapina: e mulher que resiste a tantas ofensivas bem merece ser chamada de coroa de seu marido.[1] Vede, meu inteligente Basílio — acrescentou dom Quixote —, não sei que sábio era da opinião de que em todo o mundo havia apenas uma mulher virtuosa, e aconselhava que cada um pensasse e acreditasse que essa única mulher virtuosa era a sua, e assim viveria contente. Eu não sou casado, nem pensei até hoje em me casar, mas, apesar disso, me atreveria a aconselhar quem me consultasse sobre o modo que haveria de procurar a mulher com quem deveria se casar. Primeiro, aconselharia que olhasse mais a reputação que a riqueza, porque a mulher virtuosa não ganha boa reputação apenas por ser virtuosa, mas por parecer, pois prejudicam muito mais a honra das mulheres as leviandades e imprudências públicas que as maldades secretas. Se levas mulher virtuosa para tua casa, será coisa fácil conservá-la e até mesmo melhorar essa qualidade dela; mas, se levas uma má, será uma trabalheira emendá-la, pois não é nada fácil passar de um extremo a outro. Eu não digo que seja impossível, mas considero complicado.

Sancho ouvia isso tudo e disse a si mesmo:

— Esse meu amo, quando tiro coisas de substância dos miolos, costuma dizer que eu poderia arrumar cargo de pregador e sair pelo mundo dando lindos sermões. Pois eu digo dele que, quando começa a alinhavar sentenças e a dar conselhos, não só pode tomar na mão um cargo desses, como dois em cada dedo, e andar por essas praças de barriga cheia. Que o diabo o carregue, cavaleiro andante, que tantas coisas sabes! No fundo de minha alma, eu pensava que só podia saber aquilo que dizia respeito à

cavalaria, mas não há coisa que não belisque e onde não deixe de meter a colher.

Ouvindo algo do que Sancho murmurava, seu senhor perguntou:

— Que cochicho é este, Sancho?

— Não digo nem cochicho nada — respondeu Sancho. — Eu apenas estava dizendo a mim mesmo que gostaria de ter ouvido o que vossa mercê disse antes de me casar, pois talvez agora eu dissesse: “O boi solto se lambe à vontade”.

— Tua Teresa é tão ruim assim, Sancho? — disse dom Quixote.

— Não é muito ruim, não — respondeu Sancho —, mas não é muito boa. Pelo menos, não é tão boa como eu gostaria.

— Fazes mal, Sancho — disse dom Quixote —, em falar mal de tua mulher, que na verdade é mãe de teus filhos.

— Estamos quites — respondeu Sancho —, porque ela também fala mal de mim quando lhe dá na veneta, principalmente quando sente ciúmes. Aí nem Satanás aguenta.

Enfim, estiveram três dias com os noivos, onde foram tratados e servidos como reis. Dom Quixote pediu ao licenciado espadachim que arranjasse um guia que o levasse à caverna de Montesinos, porque tinha grande desejo de entrar nela e ver com os próprios olhos se eram verdadeiras as maravilhas que se diziam dela por aquelas bandas todas. O licenciado disse que lhe mandaria um primo seu, estudante famoso e leitor aficionado de livros de cavalaria, que com boa vontade o deixaria na própria boca da caverna e lhe mostraria as lagoas da Ruidera, também célebres em toda a Mancha, ou mesmo em toda a Espanha; e disse ainda que o primo era uma companhia muito agradável, porque o rapaz sabia compor livros para imprimir e para dedicá-los aos príncipes.

Veio então o primo numa burrinha prenhe, com a albarda cobrindo um baixeiro ou enxerga com listras coloridas. Sancho encilhou Rocinante e seu burro, encheu os alforjes, que acompanharam os do primo, também bem providos, e, encomendando-se a Deus e se despedindo de todos, se puseram a caminho, tomando o rumo da famosa caverna de Montesinos.

Na estrada, dom Quixote perguntou ao primo de que gênero e condição eram suas atividades, sua profissão e seus estudos. Ele

respondeu que sua profissão era ser humanista; suas atividades e estudos, compor livros para publicar, todos de grande proveito para a república mas nem por isso menos divertidos. Um deles se intitulava *Das librés*, onde descrevia setecentas e três librés[2], com suas cores, motes e cifras, de onde os cavaleiros cortesãos podiam copiar as que quisessem em tempo de festas e diversões, sem precisar mendigá-las a ninguém nem espremer o cérebro, como se diz, para imaginá-las conforme seus desejos e intenções.

— Porque dou ao ciumento, ao desprezado, ao esquecido e ao ausente os trajes que mais lhes convêm, feitos como sob medida. Também tenho outro livro, que vou chamar de *Metamorfóseos*, ou *Ovídio espanhol*, com ideias novas e estranhas, porque nele, imitando Ovídio no modo burlesco, descrevo quem foi a Giralda de Sevilha e o Anjo da Igreja Madalena em Salamanca, quem foi o Cano de Vecinguerra de Córdoba, quem foram os Touros de Guisando, a Serra Morena, as fontes de Leganitos e Lavapiés em Madri, não me esquecendo da de Piojo, do Cano Dourado e da Priora, e tudo isso com suas alegorias, metáforas e metamorfoses, de modo que alegram, surpreendem e ensinam ao mesmo tempo. Tenho outro livro, que chamo *Suplemento a Virgílio Polidoro, que trata da invenção das coisas*,[3] que é de grande erudição e instrutivo, porque as coisas essenciais que Polidoro deixou de dizer eu as pesquiso e as relato em estilo gracioso. Virgílio esqueceu de nos declarar quem foi o primeiro homem no mundo que teve catarro, o primeiro que usou unguentos para se curar da sífilis, e eu conto tudo ao pé da letra, citando mais de vinte e cinco autores, para que veja vossa mercê se trabalho bem e se tal livro não vai ser útil a todo mundo.

Sancho, que estava muito atento à narração do primo, lhe disse:

— Perdão, senhor (que Deus lhe dê boa mão na impressão de livros), mas poderia me dizer, pois deve saber, já que sabe tudo, quem foi o primeiro a coçar a cabeça? A mim parece que deve ter sido nosso pai Adão.

— Sim, deve ter sido — respondeu o primo —, porque não há dúvida de que Adão teve cabeça e cabelos. Assim sendo, e sendo o primeiro homem do mundo, alguma vez deve ter se coçado.

— É o que penso — respondeu Sancho. — Mas me diga agora: quem foi o primeiro saltimbanco do mundo?

— Para falar a verdade, irmão — respondeu o primo —, não posso afirmar nada por ora, até que o pesquise. Eu pesquisarei logo que voltar aonde tenho meus livros e vos responderei quando nos virmos outra vez, que esta não deve ser a última.

— Pois olhe, senhor — replicou Sancho —, não se dê ao trabalho, que agora me dei conta do que lhe perguntei: saiba que o primeiro saltimbanco do mundo foi Lúcifer, quando o tocaram ou o jogaram do céu, pois veio dando cambalhotas até os quintos dos infernos.

— Tens razão, meu amigo — disse o primo.

Então dom Quixote disse:

— Essa pergunta e resposta não são tuas, Sancho: ouviste alguém dizer.

— Por Deus, senhor, cale-se — replicou Sancho —, pois, se eu começasse a perguntar e a responder, não acabaríamos até amanhã. Ora, para perguntar asneiras e responder tolices não preciso de ajuda dos vizinhos.

— Disseste mais do que sabes, Sancho — disse dom Quixote —, pois há quem se canse em saber e averiguar coisas que depois de sabidas e averiguadas não valem um tostão para o entendimento ou para a memória.

Com essas e outras conversas saborosas passaram aquele dia, e à noite se abrigaram numa pequena aldeia, onde o primo disse a dom Quixote que dali até a caverna de Montesinos não havia mais que duas léguas, e que, se realmente estava decidido a entrar nela, era preciso arrumar umas cordas, para se atar e descer em suas profundezas.

Dom Quixote disse que, mesmo que fosse parar no inferno, havia de ir até o fundo da caverna. Então compraram quase cem braças de corda, e no outro dia às duas da tarde chegaram à caverna, cuja boca é grande e larga, mas cheia de espinhos-de-são-joão e figueiras selvagens, de sarças e matos, tão espessos e intrincados que a cegam e ocultam inteiramente. Ao vê-la, apearam o primo, Sancho e dom Quixote, em quem logo amarraram as fortíssimas cordas. E, enquanto o atavam e apertavam, Sancho disse a ele:

— Veja bem o que faz, meu senhor: não queira se sepultar em vida, nem fique onde pareça garrafa de vinho posta em poço para esfriar. Sim, porque não cabe nem compete a vossa mercê explorar esta que deve ser pior que uma masmorra.

— Amarra e cala — respondeu dom Quixote —, pois façanha como esta, meu amigo Sancho, para mim estava reservada.[4]

E então o guia disse:

— Suplico a vossa mercê, senhor dom Quixote, que olhe bem e examine com cem olhos o que há lá dentro: talvez haja coisas que eu possa pôr no livro de minhas *Transformações*.

— Não se preocupe, o pandeiro está em mãos de quem sabe tocar — respondeu Sancho Pança.

Depois de bem amarrado — não sobre a armadura, mas sobre o perponte[5] —, dom Quixote disse:

— Andamos descuidados em não ter trazido um sininho para amarrar comigo nessa mesma corda; pelo som dele se perceberia que eu ainda descia e estava vivo; mas agora é tarde: estou nas mãos de Deus, Ele que me guie.

Em seguida caiu de joelhos e fez uma oração ao céu, em voz baixa, pedindo a Deus que o ajudasse a levar a bom termo aquela, pelo visto, estranha e perigosa aventura, e depois disse em voz alta:

— Oh, senhora de minhas ações e movimentos, nobre e inigualável Dulcineia del Toboso! Se é possível chegar a teus ouvidos as preces e súplicas deste teu venturoso apaixonado, por tua inaudita beleza te rogo que escutes, pois apenas quero te pedir que não me negues teu favor e amparo, agora que tanto necessito deles. Eu vou mergulhar, irromper e sumir no abismo que tenho diante de mim, apenas para que o mundo saiba que, se tu me favoreceres, não haverá façanha impossível que eu não tente e realize.

Dizendo isso, aproximou-se da caverna e viu que não era possível descer sem abrir espaço na entrada, ou a força de braço ou a cutiladas. Então, empunhando a espada, começou a derrubar e a cortar aquele mato todo; por causa do barulho estrondoso, saiu da caverna uma infinidade de corvos e gralhas, bando tão espesso e tão rápido que atirou dom Quixote ao chão. Se ele fosse tão

supersticioso como católico, encararia isso como mau agouro e desistiria de se meter em semelhante lugar.

Por fim se levantou e, vendo que não saíam mais corvos nem outras aves noturnas, como morcegos, que também tinham saído no meio dos corvos, o primo e Sancho lhe deram corda, e ele se deixou descer ao fundo da caverna espantosa. Quando entrou, Sancho lhe deu sua bênção e, fazendo mil sinais da cruz sobre ele, disse:

— Deus te guie (Deus, a Pedra da França e a Trindade de Gaeta também),[6] flor, nata e espuma dos cavaleiros andantes! Lá vais, valentão do mundo, coração de aço, braços de bronze! Deus te guie, outra vez, e te devolva livre, são e sem dívidas à luz desta vida que deixas para te enterrar nesta escuridão que buscas!

O primo fez quase as mesmas preces e invocações.

Dom Quixote ia gritando para que lhe dessem mais e mais corda, e eles davam pouco a pouco; e quando os gritos, canalizados pela caverna, deixaram de ser ouvidos, eles já tinham desenrolado as cem braças de corda e acharam melhor puxar dom Quixote de volta, pois não podiam descê-lo mais. Mas, mesmo assim, demoraram uma meia hora; no fim desse tempo, recolheram de novo a corda com muita facilidade e sem peso algum, sinal que os levou a imaginar que dom Quixote ficara lá dentro. Sancho, acreditando nisso, chorava amargamente e puxava com muita pressa para se desenganar, mas chegando, em sua opinião, a pouco mais de oitenta braças, sentiram peso outra vez, o que os alegrou ao extremo. Finalmente, pelas dez braças, viram distintamente dom Quixote, a quem Sancho gritou, dizendo:

— Seja muito bem-vindo, meu senhor, pois já pensávamos que vossa mercê tinha ficado lá para semente.

Mas dom Quixote não respondia uma palavra; quando o tiraram para fora, viram que trazia os olhos fechados, dando sinais de que estava dormindo. Estenderam-no no chão e o desamarraram; mesmo assim, continuava dormindo. Mas tanto o viraram e reviraram, tanto o sacudiram que depois de um bom tempo voltou a si, espreguiçando-se, como se acordasse de um sono pesado e profundo. Olhando em volta, como que surpreso, disse:

— Deus vos perdoe, amigos, pois me tirastes da vida e dos lugares mais deliciosos e agradáveis que um homem já viveu ou viu. Realmente, agora acabo de saber que todas as alegrias desta vida passam como sombra e sonho ou murcham como uma flor do campo. Oh, infeliz Montesinos! Oh, moribundo Durandarte! Oh, desventurada Belerma! Oh, lacrimoso Guadiana, e vós infelizes filhas da Ruidera, que mostrais em vossas águas as que choraram vossos formosos olhos!

O primo e Sancho escutaram com muita atenção as palavras de dom Quixote, que as dizia como se com dor imensa as arrancasse das entranhas. Suplicaram a ele que explicasse o que dizia e contasse o que tinha visto naquele inferno.

— Chamais de inferno? — disse dom Quixote. — Não o chameis assim, porque não o merece, como logo vereis.

Pediu que lhe dessem alguma coisa para comer, que estava com muita fome. Estenderam a enxerga do primo sobre a grama verde, correram às provisões de seus alforjes e, sentados todos os três em boa paz e companhia, almoçaram e jantaram ao mesmo tempo. Tirada a enxerga, dom Quixote de la Mancha disse:

— Ficai sentados e atentos, meus filhos.

xxiii

das coisas admiráveis que o extraordinário dom quixote diz ter visto nas profundezas da caverna de montesinos, coisas que, pela impossibilidade e magnitude, levam a se considerar esta aventura apócrifa

Seriam umas quatro da tarde, quando o sol, encoberto entre nuvens, com luz escassa e raios cálidos, permitiu que dom Quixote, sem calor nem incômodo, contasse a seus dois ilustríssimos ouvintes o que tinha visto na caverna de Montesinos; ele começou deste modo:

— A uns vinte ou vinte e quatro metros de profundidade desta masmorra, do lado direito, há uma concavidade com espaço suficiente para um grande carro com suas mulas. Entra nela um pouco de luz, vinda de longe por umas frestas ou buracos abertos na superfície da terra. Eu vi essa concavidade quando já me sentia cansado e moído de me ver, preso e pendurado pela corda, andar para baixo por aquela região escura sem ter um rumo certo e determinado; assim, resolvi entrar ali e descansar um pouco. Gritei, pedindo-vos que não descêsseis mais a corda até que eu vos dissesse, mas com certeza não me ouvistes. Fui recolhendo a corda que descíeis e, fazendo um rolo com ela, me sentei sobre ele muito pensativo, considerando o que devia fazer para chegar ao fundo, não tendo quem me segurasse; estava nesse pensamento e confusão quando, de repente e sem procurá-lo, me assaltou um sono profundíssimo e, quando menos esperava, sem saber como nem por quê, acordei dele e me encontrei no meio do mais belo,

ameno e delicioso campo que a natureza pode criar nem imaginar a mais perspicaz mente humana. Arregalei os olhos, limpei-os e vi que não dormia, que realmente estava acordado. Mesmo assim, apalpei a cabeça e o peito, para me certificar se era eu mesmo que estava ali ou algum fantasma ilusório e monstruoso; mas o tato, as emoções, os pensamentos coerentes que me ocorriam me garantiram que ali naquele momento eu era o mesmo homem que sou aqui agora.

“Então se apresentou a minha vista um palácio ou alcácer real e suntuoso, com muros e paredes que pareciam feitos com o mais puro cristal; abriram-se nele duas grandes portas, por onde saía e vinha até mim um ancião venerável, vestido com uma capa de baeta roxa, com capuz, que se arrastava pelo solo. Cingia-lhe o ombro e o peito uma palatina de cetim verde; na cabeça, usava um gorro redondo de lã preta; e a barba, branquíssima, ultrapassava a cintura. Não trazia arma nenhuma, apenas tinha na mão um rosário de contas maiores que nozes médias, e as do padre-nosso eram quase como ovos de avestruz. O porte dele, o andar, a gravidade e a presença majestosa, cada coisa por si mesma e todas juntas, me surpreenderam e espantaram. Aproximou-se de mim e a primeira coisa que fez foi me abraçar fortemente, depois me disse: ‘Há longo tempo, valoroso dom Quixote de la Mancha, estamos encantados nesta solidão, esperando te ver, para que dês notícias ao mundo do que encerra e oculta a profunda caverna onde entraste, conhecida como caverna de Montesinos: façanha reservada apenas para teu invencível coração e tua coragem estupenda. Vem comigo, nobre senhor, pois quero te mostrar as maravilhas que este alcácer transparente esconde, de que eu sou o alcaide e o tesoureiro perpétuo, porque sou o próprio Montesinos, de quem a caverna toma o nome’.

“Apenas me disse que era Montesinos, perguntei se era verdade o que no mundo de cá de cima se conta, que ele havia tirado do meio do peito, com uma pequena adaga, o coração de seu grande amigo Durandarte e o levara para a senhora Belerma, como ele tinha ordenado na hora da morte. Respondeu-me que diziam a verdade em tudo, menos sobre a adaga, porque não usou uma adaga, nem

grande nem pequena, mas um punhal afiado, mais pontudo que uma sovela.”

— Devia ser — disse Sancho nesse ponto — o tal punhal de Ramón de Hoces, o sevilhano.

— Não sei — prosseguiu dom Quixote —, mas não seria desse artífice, porque Ramón de Hoces foi ontem, e a batalha de Roncesvalles, onde aconteceu essa desgraça, foi há muitos anos. Depois, não tem importância saber disso: nem obscurece a verdade nem altera o desenrolar da história.

— Sim, sim — respondeu o primo. — Prossiga vossa mercê, senhor dom Quixote, pois o escuto com o maior prazer do mundo.

— Não é menor o prazer com que eu conto — respondeu dom Quixote. — Bem, então o venerável Montesinos me levou ao palácio cristalino, onde numa sala baixa, extremamente fresca e toda de alabastro, estava um sepulcro de mármore feito com grande maestria; sobre ele vi um cavaleiro estendido de fora a fora, não de bronze, nem de mármore, nem de jaspe, como costuma haver em outros sepulcros, mas de carne e osso de verdade. Tinha a mão direita (que em minha opinião é um tanto peluda e musculosa, sinal de que seu dono tem muita força) posta sobre o coração; e, antes que eu perguntasse qualquer coisa a Montesinos, vendo-me olhar surpreso o homem do sepulcro, me disse: “Este é meu amigo Durandarte, flor e espelho dos cavaleiros apaixonados e valentes de seu tempo. Foi encantado, como eu e muitos outros e muitas outras, por Merlin, aquele mago francês que dizem que é filho do diabo.[1] Mas eu acho que não é filho do diabo e sim que sabe um truque a mais que o diabo, como diz o ditado. Como e por que nos encantou, ninguém sabe, mas isso será revelado no devido tempo, que não está muito distante, pelo que imagino. O que me admira é que sei, tão certo como agora é dia, que Durandarte entregou sua vida em meus braços e que, depois de morto, tirei o coração dele com minhas próprias mãos, coração que devia pesar quase um quilo, porque, conforme dizem os filósofos, aquele que tem o coração maior é dotado de maior valentia que aquele que o tem pequeno. Então, se tudo foi assim, se este cavaleiro morreu realmente, como

agora se queixa e suspira de tanto em tanto como se estivesse vivo?”. Dito isto, o pobre Durandarte, dando um grande grito, disse:

Oh, meu primo Montesinos!
O derradeiro pedido vos rogava:
quando eu estiver morto,
e minha alma arrancada,
leveis meu coração
onde Belerma estiver,
tirando-o de meu peito,
ou com punhal, ou com adaga.[2]

“Ouvindo isso, o venerável Montesinos se ajoelhou diante do cavaleiro queixoso e, com lágrimas nos olhos, lhe disse: ‘Sim, senhor Durandarte, meu caro primo, já fiz o que me mandastes no dia funesto de nossa derrota: eu vos tirei o coração do melhor modo que pude, sem vos deixar uma mínima parte no peito; eu o limpei com um lenço de rendas; eu parti às pressas com ele para a França, antes vos tendo posto no seio da terra, com tantas lágrimas que foram suficientes para me lavar as mãos e me limpar o sangue que tinham por terem andado em vossas entranhas. Para vos dar todos os detalhes, primo de minha alma, saiba que no primeiro povoado que encontrei saindo de Roncesvalles pus um pouco de sal em vosso coração, para que não cheirasse mal e chegasse, se não fresco, pelo menos marinado à presença da senhora Belerma, que, convosco e comigo, e com Guadiana, vosso escudeiro, e com dona Ruidera e suas sete filhas e duas sobrinhas, e com muitos outros de vossos conhecidos e amigos, tem aqui encantados o mago Merlin há muitos anos. Mas, embora esses anos passem de quinhentos, nenhum de nós morreu. Estão ausentes apenas Ruidera e suas filhas e sobrinhas: Merlin, talvez compadecido com as lágrimas delas, transformou-as em lagoas, que agora são chamadas de lagoas da Ruidera no mundo dos vivos e na província da Mancha; as sete são dos reis da Espanha, e as duas sobrinhas, dos cavaleiros de uma ordem santíssima que se chama São João.[3]

Guadiana, vosso escudeiro, também chorando vossa desgraça, foi transformado num rio conhecido pelo mesmo nome, que, ao chegar à superfície da terra e ver o sol do outro céu, sentiu tanto pesar ao perceber que vos deixava que mergulhou nas entranhas da terra; mas, como não é possível deixar de voltar a sua natural corrente, de tanto em tanto sai e se mostra onde o sol e as pessoas o podem ver. Vai sendo abastecido com as águas das referidas lagoas; com elas e muitas outras que lhe chegam entra torrencial e pomposo em Portugal. Mas, apesar disso, por onde quer que passe revela sua tristeza e melancolia, e não se gaba de criar em suas águas peixes delicados e saborosos, mas ordinários e insossos, bem diferentes dos do Tejo dourado. Isto que vos digo agora, meu querido primo, já vos disse muitas vezes, mas como não me respondeis imagino que não me dais crédito ou não me ouvis, o que me deixa com tamanha pena que só Deus sabe.

"'Quero, porém, vos dar notícias novas que, embora não sirvam de alívio para vossa dor, não a aumentarão de forma alguma. Abri vossos olhos e vereis que tendes em vossa presença aquele grande cavaleiro de quem tantas coisas tem profetizado o mago Merlin, digo, aquele dom Quixote de la Mancha que, com maiores vantagens que nos séculos passados, ressuscitou nos presentes a já esquecida cavalaria andante, por cujo meio e favor poderia ser que nós fôssemos desencantados, pois as grandes façanhas estão reservadas para os grandes homens.'

"'E, se não for assim', respondeu o queixoso Durandarte, em voz baixa e desalentada, 'se não for assim, meu primo, paciência e baralha de novo.' E, virando-se de lado, voltou ao costumeiro silêncio, sem falar mais uma palavra.

"Nisso se ouviram gritos e choros, acompanhados de gemidos profundos e soluços angustiados. Virei a cabeça e vi, pelas paredes de cristal, que em outra sala passava uma procissão de duas filas de donzelas formosíssimas, todas vestidas de luto, com turbantes brancos na cabeça, à maneira turca. Fechando as filas, vinha uma senhora (assim parecia, pela gravidade) também vestida de preto, com uma touca branca tão longa que as pontas penduradas beijavam a terra. Seu turbante era duas vezes maior que o maior de

qualquer outra; tinha as sobrancelhas juntas e o nariz um tanto achatado; a boca grande, mas com lábios coloridos; os dentes, que às vezes mostrava, eram separados e meio tortos, embora brancos como uma amêndoa descascada; trazia entre as mãos um pedaço de cambraia que envolvia, pelo que pude divisar, um coração mumificado, de tão seco e salgado que estava. Montesinos me disse que todas aquelas pessoas da procissão eram da criadagem de Durandarte e de Belerma, que fora encantada com seus dois senhores. E a última, a que trazia o coração no pano entre as mãos, era a senhora Belerma. Ela e suas aias faziam aquela procissão quatro vezes por semana e entoavam, ou melhor dizendo, choravam canções fúnebres sobre o corpo e sobre o atormentado coração de seu primo; e, se havia me parecido um tanto feia, ou não tão formosa como tinha fama, era por causa das más noites e piores dias que passava naquele encantamento, como podia ver por suas grandes olheiras e sua palidez.

"'Essa palidez e olheiras não se devem ao mal mensal comum às mulheres, porque há muitos meses ou mesmo anos que ele não bate às suas portas, mas à dor que seu coração sente pelo que está em suas mãos o tempo todo, que traz à memória e aviva a desgraça de seu malogrado amante. Se não fosse por isso, seria igualada apenas em formosura, elegância e brio pela grande Dulcineia del Toboso, tão celebrada por essas bandas todas, ou mesmo pelo mundo todo.'

"'Devagar com o andor, senhor dom Montesinos', disse eu então. 'Conte vossa mercê sua história como deve, pois já sabe que toda comparação é odiosa, daí que não há por que comparar ninguém com ninguém. A sem-par Dulcineia del Toboso é quem é, e a senhora dona Belerma é quem é e quem foi, e fiquemos por aqui.'

"Ao que ele respondeu: 'Senhor dom Quixote, perdoe-me vossa mercê: confesso que andei mal ao dizer que apenas a senhora Dulcineia igualaria a senhora Belerma, pois me bastaria ter suspeitado que vossa mercê é seu cavaleiro para morder a língua antes que compará-la a não ser com o próprio céu'.

"Com essa explicação, o grande Montesinos me sossegou o coração do susto que levei ao ouvir que comparavam minha

senhora com Belerma.”

— Ainda estou pasmo — disse Sancho — de como vossa mercê não se atirou sobre o velhote e moeu a pontapés todos os ossos dele, e não lhe arrancou as barbas, sem deixar um fio.

— Não, meu amigo Sancho — respondeu dom Quixote —, não ficava bem fazer isso, porque todos temos obrigação de respeitar os anciãos, mesmo que não sejam cavaleiros, e principalmente os que o são e estão encantados. Eu sei muito bem que não ficamos devendo nada um ao outro em muitas outras perguntas e respostas que trocamos na conversa.

Nesse ponto, o primo disse:

— Eu não sei, senhor dom Quixote, como vossa mercê, em tão pouco espaço de tempo que esteve lá embaixo, tenha visto tantas coisas e falado e respondido tanto.

— Quanto faz que desci? — perguntou dom Quixote.

— Pouco mais de uma hora — respondeu Sancho.

— Não pode ser — respondeu dom Quixote —, porque lá anoiteceu e amanheceu e tornou a anoitecer e amanhecer três vezes, de modo que por minhas contas estive três dias naquele lugar remoto e oculto de nossa vista.

— Meu senhor deve estar falando a verdade — disse Sancho —, pois, como todas as coisas que aconteceram com ele foram por encantamento, talvez o que parece a nós uma hora deve parecer três dias e três noites lá.

— Deve ser isso — respondeu dom Quixote.

— E vossa mercê comeu em todo esse tempo, meu senhor? — perguntou o primo.

— Não provei um bocado — respondeu dom Quixote —, e não tive fome nem em pensamento.

— E os encantados comem? — disse o primo.

— Não comem nem evacuam — respondeu dom Quixote —, embora se diga que crescem as unhas, as barbas e os cabelos deles.

— E por acaso os encantados dormem, senhor? — perguntou Sancho.

— Não, com certeza — respondeu dom Quixote. — Pelo menos, nesses três dias que estive com eles, nenhum pregou os olhos, nem eu também.

— Aqui encaixa direitinho o ditado “me digas com quem andas e te direi quem és” — disse Sancho. — Andava vossa mercê com encantados em jejum e insones? Não é de estranhar que nem tenha comido nem dormido também enquanto andou com eles. Mas vossa mercê me perdoe se lhe disser que Deus me carregue (por pouco não falo o diabo) se acreditar numa palavra do que disse.

— Por que não? — disse o primo. — Como o senhor dom Quixote poderia mentir, mesmo que quisesse, se não teve tempo para imaginar e burilar esse amontoado de mentiras?

— Não acho que meu senhor minta — respondeu Sancho.

— Então, acreditas em quê? — perguntou dom Quixote.

— Acredito que o tal Merlin — respondeu Sancho —, ou aqueles magos que encantaram toda essa chusma que vossa mercê disse que viu e com quem falou lá embaixo, lhe enfiou na imaginação ou na memória essa coisarada toda que nos contou e tudo aquilo que ainda resta por contar.

— É, Sancho, poderia ter sido assim mesmo — replicou dom Quixote —, mas não foi, porque o que contei eu vi com meus próprios olhos e toquei com minhas próprias mãos. Mas que dirás quando te disser agora como (entre outras infinitas coisas e maravilhas que Montesinos me mostrou, que irei contando devagar e a seu tempo durante nossa viagem, por não serem todas deste lugar) ele me mostrou três camponesas que iam por aqueles campos aprazíveis correndo e saltando como cabras? Mal as avistei, reconheci numa a inigualável Dulcineia del Toboso e nas outras duas aquelas mesmas camponesas que vinham com ela, quando as encontramos na saída de El Toboso. Perguntei a Montesinos se as conhecia; respondeu que não, mas que ele imaginava que deviam ser algumas senhoras distintas encantadas, pois fazia poucos dias que haviam aparecido naquele campo, e que não me espantasse com isso porque havia muitas outras senhoras dos tempos passados e do presente encantadas com diferentes e estranhas aparências, entre as quais ele reconhecia a rainha

Guinevere e sua criada dona Quintañona, servindo vinho a Lancelot “quando veio da Bretanha”.

Quando Sancho Pança ouviu isso de seu amo, pensou perder o juízo ou morrer de rir; como ele sabia a verdade do falso encantamento de Dulcineia, de que tinha sido o mago e a testemunha, acabou por saber indubitavelmente que seu senhor estava louco varrido, e então lhe disse:

— Em péssima ocasião, em pior hora e em dia mais infeliz ainda vossa mercê resolveu descer ao outro mundo, meu caro patrão, e em lugar mais excomungado se encontrou com o senhor Montesinos, que o deixou assim. Vossa mercê estava muito bem aqui em cima, com todo o seu juízo, como Deus lhe dera, dizendo provérbios e dando conselhos a cada passo, não como agora, contando os maiores disparates que se possa imaginar.

— Como te conheço, Sancho — respondeu dom Quixote —, não faço caso de tuas palavras.

— Nem eu das de vossa mercê — replicou Sancho —, mesmo que me bata, mesmo que me mate pelas que lhe disse, ou pelas que penso lhe dizer se o senhor não se corrige e emenda nas suas. Mas, agora que estamos em paz, diga-me uma coisa: como reconheceu a senhora nossa ama? E, se falou com ela, o que disse e o que lhe respondeu?

— Eu a reconheci — respondeu dom Quixote — porque usava a mesma roupa que trazia quando tu a mostraste a mim. Falei com ela, mas não me respondeu uma palavra; pelo contrário, virou-me as costas e se foi, fugindo tão apressada que nem uma flecha a alcançaria. Quis segui-la, mas Montesinos me aconselhou a não me cansar com isso, porque seria inútil, mais ainda porque se aproximava a hora em que me convinha sair do abismo. Ele me disse também que, chegando o devido tempo, me avisaria de como deviam ser desencantados ele e Belerma e Durandarte, com todos os que estavam lá. Mas o que mais me deu pena entre as tristezas que vi e observei lá foi que, enquanto Montesinos me dizia essas palavras, chegou ao meu lado, sem que eu percebesse, uma das duas companheiras da desventurada Dulcineia. Com os olhos cheios de lágrimas, a voz baixa e embargada, ela me disse: ‘Minha

senhora Dulcineia del Toboso beija as mãos de vossa mercê e suplica que a honre lhe dizendo como está, e que, por estar muito necessitada, suplica também a vossa mercê tão encarecidamente quanto pode que lhe empreste meia dúzia de reais ou os que vossa mercê tiver, pondo-os aqui nas fraldas de minha saia nova de algodão, que ela dá sua palavra de os devolver em breve'.

"Como esse recado me surpreendeu e me admirou, virei-me para o senhor Montesinos e perguntei: 'É possível, senhor Montesinos, que pessoas distintas encantadas padeçam de necessidades?'.

"Ao que ele me respondeu: 'Acredite-me, senhor dom Quixote de la Mancha, que isso a que se chama necessidade ocorre em todo lugar, estende-se a tudo e a todos alcança, e não perdoa nem mesmo os encantados. Então, se a senhora Dulcineia del Toboso manda lhe pedir esses seis reais, e a palavra empenhada parece boa, não há mais que os dar, pois sem dúvida a donzela está num grande aperto'.

"'Não peço que me dê sua palavra', respondi, 'e muito menos lhe darei o que me pede, porque não tenho nada fora quatro reais.'

"Dei os quatro reais, que foram os que tu, Sancho, me deste outro dia para dar de esmola aos pobres que encontrasse pelo caminho, e lhe disse: 'Dizei a vossa senhora, minha amiga, que suas dificuldades me pesam na alma, e que gostaria de ser um Fúcar[4] para remediá-las, e que lhe faço saber que eu não posso nem devo ter saúde na falta de sua agradável presença e espirituosa conversação, e que suplico o mais encarecidamente que posso que me conceda a honra de se deixar ver e falar com este seu cativo servo e maltratado cavaleiro. Dizei também que quando menos esperar ouvirá dizer como eu fiz um juramento e promessa à maneira daqueles que fez o marquês de Mântua a seu sobrinho Valdovinos, quando o achou morrendo na encosta da montanha, que foram de não comer pão à mesa e outras coisinhas que acrescentou até que o vingasse; pois assim eu jurarei não ter sossego e andar pelos sete cantos do mundo, com mais diligência que o infante dom Pedro de Portugal,[5] até desencantá-la'.

"'Tudo isso e muito mais vossa mercê deve a minha senhora', respondeu-me a donzela. E, pegando os quatro reais, em vez de me

fazer uma reverência, fez uma cabriola, elevando-se uns dois metros no ar.”

— Santo Deus! — disse Sancho nesse ponto, com um grito. — É possível que isso aconteça no mundo? É possível que magos e encantados tenham tanta força que tenham transformado o bom senso de meu senhor nessa loucura disparatada? Oh, senhor, senhor, em nome de Deus, olhe bem para si mesmo e cuide de sua honra: não dê crédito a essas asneiras que lhe têm murchado e amolecido o miolo!

— Como me queres bem, Sancho, falas dessa maneira — disse dom Quixote. — E, como não tens experiência das coisas do mundo, todas as coisas com alguma dificuldade de compreensão te parecem impossíveis. Mas chegará o momento, como disse outras vezes, em que eu te contarei algumas das coisas que vi lá embaixo que te farão acreditar nas que já te contei, cuja veracidade não admite réplica nem disputa.

xxiv

onde se contam mil ninharias tão impertinentes como necessárias para o verdadeiro entendimento desta grande história

Diz o tradutor do original manuscrito desta grande história que, chegando ao capítulo da aventura da caverna de Montesinos, estava anotado na margem as seguintes palavras com letra do próprio autor, Cide Hamete Benengeli:

“Não posso entender nem me convencer de que ao valoroso dom Quixote tenha acontecido exatamente tudo o que foi descrito no capítulo anterior. A razão é que todas as aventuras narradas até aqui são possíveis e críveis, mas não vejo como essa da caverna pode ser verdadeira, por estar muito longe do razoável. E pensar que dom Quixote mentiu, sendo o fidalgo mais veraz e o cavaleiro mais nobre de sua época, não é admissível, pois ele não mentiria nem que fosse crivado de flechas. Por outro lado, considero que ele realmente a contou com todas as circunstâncias mencionadas, e que não pôde inventar em tão pouco tempo tamanha batelada de disparates; então, se esta aventura parece apócrifa, eu não tenho culpa, e a escrevo sem garantir que é falsa ou verdadeira. Tu, leitor, que és sábio, julga o que achar melhor, porque eu não devo nem posso acrescentar mais nada, embora se comente que sem dúvida dom Quixote se retratou dela na hora da morte e disse que a tinha inventado, por lhe parecer que era conveniente e se ajustava às aventuras que havia lido nas histórias de cavalaria.”

Depois prosseguiu, narrando:

O primo se espantou tanto com o atrevimento de Sancho Pança quanto com a paciência de seu amo e julgou que, por causa da alegria de ter visto sua senhora Dulcineia del Toboso, embora encantada, nascia nele aquela brandura que mostrava então; caso contrário, teria desancado Sancho a pau, porque era o que merecia pelas palavras que disse. O primo realmente achava que Sancho tinha andado muito malcriadinho com seu amo, a quem disse:

— Eu, senhor dom Quixote de la Mancha, dou por muito bem empregada a jornada que fiz com vossa mercê, porque nela consegui quatro coisas. A primeira: ter conhecido vossa mercê, o que considero uma grande felicidade. A segunda: ter sabido o que se encerra na caverna de Montesinos, com as mutações de Guadiana e das lagoas da Ruidera, que me servirão no *Ovídio espanhol* que tenho entre as mãos. A terceira: descobrir a antiguidade das cartas do baralho, que já se usavam pelo menos na época do imperador Carlos Magno, conforme pude deduzir das palavras que vossa mercê diz que disse Durandarte, quando, depois daquele longo tempo em que Montesinos esteve falando com ele, acordou dizendo: "Paciência e baralha de novo". Ele não poderia ter aprendido esse modo de falar enquanto estava encantado, mas antes, na França, no tempo do referido imperador Carlos Magno. E essa descoberta vem a calhar para o outro livro que escrevo, que é o *Suplemento de Virgílio Polidoro na invenção das antiguidades*, pois penso que não se lembrou de incluir os baralhos em seu livro, como eu o farei agora, o que será muito importante, mais ainda alegando autoridade tão séria e tão confiável como é o senhor Durandarte. A quarta é ter sabido com certeza o nascimento do rio Guadiana, até agora ignorado pelas pessoas.

— Vossa mercê tem razão — disse dom Quixote —, mas eu gostaria de saber, se com a graça de Deus lhe derem licença para imprimir esses livros, coisa que eu duvido, a quem pensa dedicá-los.

— Há senhores e nobres na Espanha a quem se pode dedicar — disse o primo.

— Não muitos — respondeu dom Quixote —, e não porque não o mereçam, mas porque não querem aceitar, para não se obrigarem a retribuir o que se deve ao trabalho e à cortesia de seus autores. Eu

conheço um príncipe que pode suprir a falta dos demais com tantas vantagens que, se me atrevesse a dizê-las, talvez despertasse a inveja em mais de quatro peitos nobres. Mas deixemos isso para outra ocasião mais oportuna e vamos procurar um lugar para nos abrigar esta noite.

— Não longe daqui fica uma ermida — respondeu o primo —, onde vive um ermitão que dizem que foi soldado e tem fama de ser bom cristão, e muito sábio, e caritativo ao extremo. Ao lado da ermida há uma pequena casa, que ele construiu a sua custa. Mas, apesar de pequena, é capaz de receber hóspedes.

— Por acaso o tal ermitão tem galinhas? — perguntou Sancho.

— Poucos ermitões vivem sem elas — respondeu dom Quixote —, porque os de agora não são como aqueles do deserto do Egito, que se vestiam com folhas de palmeiras e comiam raízes nos matos. E não se entenda que por falar bem daqueles não fale destes, quero dizer apenas que as penitências de hoje em dia não se comparam ao rigor e à penúria de então. Mas nem por isso todos deixam de ser bons: eu pelo menos os julgo bons; e, no pior dos casos, faz menos mal o hipócrita que finge ser bom que o pecador público.

Estavam nisso, quando viram que se aproximava deles um homem a pé, caminhando apressado e dando com uma vara num mulo carregado de lanças e alabardas. Quando os encontrou, cumprimentou-os e passou ao largo. Dom Quixote lhe disse:

— Detende-vos, bom homem, pois parece que vais com mais pressa do que aguenta este mulo.

— Não posso parar, senhor — respondeu o homem —, porque as armas que vedes que levo serão necessárias amanhã. Portanto, não posso parar, e adeus. Mas, se quiserdes saber para que as levo, penso me alojar esta noite na estalagem que fica mais acima da ermida; e, se fizerdes este mesmo caminho, lá me encontrareis, onde vos contarei verdadeiras maravilhas. E adeus de novo.

E de tal maneira instigou o mulo que dom Quixote não teve oportunidade de perguntar que maravilhas pensava lhes contar; como era um tanto curioso e sempre o acossavam desejos de saber coisas novas, dom Quixote ordenou que partissem logo e fossem

passar a noite na estalagem, sem parar na ermida, onde o primo gostaria que ficassem.

Assim fizeram: os três montaram a cavalo e seguiram direto para a estalagem, onde chegaram um pouco antes de anoitecer. No caminho o primo disse a dom Quixote que passassem na ermida, para tomar um trago. Sancho Pança, mal ouviu isso, encaminhou o burro para lá, seguido por dom Quixote e o primo; mas a má sorte de Sancho parece que ordenou que o ermitão não estivesse em casa, que foi o que disse uma ermitoa ou ermi-à-toa que encontraram. Pediram vinho, do caro; ela respondeu que seu senhor não o tinha, mas, se quisessem água barata, de boa vontade a daria.

— Se eu tivesse sede de água — respondeu Sancho —, há poços pelo caminho, onde teria me fartado. Oh, festança de Camacho, oh, abundância da casa de dom Diego: quantas vezes vou sentir saudades!

Assim deixaram a ermida e tocaram para a estalagem; dali a pouco viram um rapazinho à frente deles, caminhando sem muita pressa, tanto que logo o alcançaram. Levava a espada sobre o ombro e, pendurada nela, uma trouxa ou embrulho, pelo visto de suas roupas, provavelmente calções ou bombachas, capa e alguma camisa, porque vestia um casaco de veludo que brilhava como cetim em alguns lugares, e camisa com as fraldas para fora; as meias eram de seda e os sapatos, de ponta quadrada, em voga na corte; devia ter uns dezoito ou dezenove anos; tinha o rosto alegre e o corpo ágil, pelo visto. Para se distrair da canseira da estrada, ia cantando uma seguidilha, que acabou quando o alcançaram, mas que o primo aprendeu de cor, que dizem que dizia:

À guerra me leva
minha pobreza;
se tivesse dinheiro,
não iria, com certeza.

Quem primeiro falou com ele foi dom Quixote, que disse:

— Quase em pelo vai vossa mercê, meu galante rapaz. E para onde, pode-se saber, se lhe agrada dizer?

Ao que o rapaz respondeu:

— Vou quase em pelo por causa do calor e da pobreza, e vou para a guerra.

— Pobreza? Como assim? — perguntou dom Quixote. — Pelo calor pode ser.

— Senhor — replicou o rapaz —, eu levo nesta trouxa umas bombachas de veludo, companheiras deste casaco: se as gastar no caminho, não poderei me trajar com elas na cidade, e não tenho com que comprar outras. Então, tanto por isso como para me refrescar, vou dessa maneira até alcançar umas companhias de infantaria que estão a umas doze léguas daqui, onde sentarei praça, e não faltarão mulas de carga para me levarem até o lugar do embarque, que dizem que deve ser em Cartagena. E prefiro muito mais ter o rei por amo e senhor, e servi-lo na guerra, que a algum pobretão em Madri.

— E por acaso vossa mercê tem alguma regalia? — perguntou o primo.

— Se eu houvesse servido a um nobre da Espanha ou alguma pessoa importante — respondeu o rapaz —, com certeza teria, pois isto tem de bom servir aos grandes: da mesa dos criados se costuma sair alferes ou capitão, ou com alguma pensão. Mas eu, pobre de mim, servi sempre a oportunistas e estrangeiros, a troco de comida magra e salário tão minguado que ia metade só para engomar o colarinho. Seria um verdadeiro milagre que um pajem aventureiro como eu pudesse ter alguma sorte.

— Santo Deus, meu amigo, diga-me — perguntou dom Quixote —, é possível que em todos os anos que serviu não pôde arrumar uma libré?

— Olhe, deram-me duas — respondeu o pajem —, mas, assim como tiram da gente o hábito e devolvem as roupas velhas, quando se sai de uma ordem religiosa antes do juramento, meus amos me devolviam as minhas, logo que terminavam os negócios que tinham na corte, pois voltavam para suas casas e recolhiam as librés que haviam dado apenas por ostentação.

— Que *spilorceria*,[1] como dizem os italianos — disse dom Quixote. — Mas, apesar de tudo, dê-se por feliz tendo saído da corte com tão boa intenção, porque não há outra coisa na terra mais honrada nem mais proveitosa que servir a Deus, em primeiro lugar, e depois a seu rei e senhor natural, especialmente no exercício das armas, pelas quais se alcançam, se não riquezas, pelo menos mais honra que pelas letras, como eu já disse muitas vezes. Apesar de as letras terem fundado mais morgadios que as armas, os homens de armas têm um não sei quê a mais que os das letras, com um sei muito bem o quê de esplendor indefinível, que a todos torna superior. E lembre sempre o que pretendo lhe dizer agora, pois lhe será de muito proveito e alívio durante suas provações: afaste da mente as adversidades que poderão lhe ocorrer, pois a pior de todas é a morte, mas, se esta for boa, a melhor de todas é morrer. Perguntaram a Júlio César, aquele valoroso imperador romano, qual era a melhor morte. Respondeu que a impensada, repentina, imprevista. Embora tenha respondido como pagão, alheio ao conhecimento do verdadeiro Deus, falou bem, porque uma morte assim nos poupa do sofrimento. Digamos que vos matem na primeira patrulha ou refrega, com um tiro de canhão, ou voando com uma mina, que importa? Tudo é morrer, e acabou-se a história; e, segundo Terêncio, melhor parece o soldado morto em batalha que vivo e salvo na fuga, e tanto alcança de fama o bom soldado quanto tem de obediência a seus capitães e aos que podem comandá-lo. E reparai, meu filho, é melhor o soldado cheirar a pólvora que a almíscar, e se a velhice vos colher nesse exercício honroso, embora esteja cheio de cicatrizes e estropiado ou maneta, pelo menos não vos colherá sem vossa honra, que a pobreza não poderá prejudicar, tanto mais que já estão tomando medidas para ajudar os soldados velhos e estropiados, porque não fica bem que se faça com eles o que costumam fazer os que emancipam seus negros, quando já estão velhos e não podem mais trabalhar: botando-os para fora de casa com cartas de alforria os tornam escravos da fome, de quem não pensam ser alforriados a não ser pela morte. E por ora não vos quero dizer mais nada, apenas que salte para a garupa de meu cavalo até a estalagem, e lá jantareis comigo, e pela manhã

seguireis vosso caminho, que Deus vos dê tão bom quanto vossas intenções merecem.

O pajem não aceitou o convite para montar na garupa, mas aceitou, sim, jantar na estalagem. Dizem que nesse ponto Sancho disse a si mesmo: “Valha-te Deus pela nobreza! Como é possível que um homem que sabe falar tantas coisas sábias como as que acabou de dizer afirme que viu aqueles disparates todos na caverna de Montesinos? Bem, bem, vamos ver”.

Chegaram à estalagem ao anoitecer e, para alegria de Sancho, seu senhor a julgou estalagem mesmo, não castelo, como de costume. Mal tinham entrado, quando dom Quixote perguntou ao estalajadeiro pelo homem das lanças e alabardas. Ele respondeu que estava acomodando o mulo na estrebaria. O mesmo fizeram o primo e Sancho com seus jumentos, dando a Rocinante a melhor baia.

XXV

onde se inicia a aventura do zurro e o caso engraçado do titereiro, com as memoráveis adivinhações do macaco vidente

Dom Quixote não se aguentava, como se costuma dizer, para ouvir as maravilhas prometidas pelo homem que carregava as armas. Foi procurá-lo onde o estalajadeiro disse que estava e, ao encontrá-lo, pediu que dissesse de uma vez o que pretendia dizer depois acerca do que tinha perguntado no caminho. O homem respondeu:

— Mais devagar e não em pé, meu bom senhor, vai se ouvir a história de minhas maravilhas: deixe-me vossa mercê acabar de dar a ração ao meu mulo, que eu lhe direi coisas que vão deixá-lo pasmo.

— Não seja por isso — respondeu dom Quixote —, que eu vos ajudarei em tudo.

E assim o fez, peneirando a cevada e limpando a baia, humildade que obrigou o homem a lhe contar com boa vontade o que lhe pedia; e, sentando-se num banco, com dom Quixote perto dele, tendo por assembleia e auditório o primo, o pajem, Sancho Pança e o estalajadeiro, começou a falar desta maneira:

— Saibam vossas mercês que numa aldeia que fica a quatro léguas e meia desta estalagem sumiu um burro de um vereador, devido à astúcia e trapaça de uma moça criada dele, mas isto é uma história muito comprida para se contar. Embora o tal vereador tenha feito as diligências possíveis, não o achou. Deviam ter se passado uns quinze dias que o burro tinha sumido, coisa que era pública e notória, quando outro vereador da mesma aldeia topou na praça

com o vereador lesado e lhe disse: “Dai-me alvíssaras, compadre, que vosso jumento apareceu”.

“‘Eu as prometo, e boas, compadre’, respondeu o outro, ‘mas vamos saber onde ele apareceu.’

“‘Eu o vi no mato esta manhã’, disse o que achara o jumento, ‘sem albarda ou apetrecho algum, e tão magro que dava pena de olhar. Quis tocá-lo para cá, mas já está tão arisco e intratável que, quando me aproximei dele, fugiu e se embrenhou mato adentro. Se quereis que eu vá convosco procurá-lo, deixai-me levar esta burrinha em casa, que já volto.’

“‘Grande favor me fareis’, disse o do jumento, ‘e eu tentarei vos pagar na mesma moeda.’

“Com todas essas circunstâncias e da mesma maneira que eu as vou contando, contam-nas todos aqueles que estão inteirados da verdade deste caso. Em suma, lá se foram os dois vereadores para o mato, lado a lado e a pé; chegando ao lugar onde pensavam encontrar o burro, não o acharam, nem ele apareceu em toda aquela vizinhança, por mais que o procurassem. Vendo, então, que não aparecia, o vereador que o tinha visto disse ao outro: ‘Vede, compadre: tive uma ideia com que sem dúvida alguma poderemos descobrir esse animal, mesmo que não esteja mais metido no mato, mas nas entranhas da terra. É que eu sei zurrar maravilhosamente, e, se sabeis um pouco, considerai o negócio concluído’.

“‘Se sei um pouco, compadre?’, disse o outro. ‘Por Deus, nisso ninguém me ganha, nem os próprios burros.’

“‘Agora veremos’, respondeu o segundo vereador. ‘Façamos assim: ide por um lado do mato e eu irei por outro, de modo que o rodeemos e percorramos todo, e de tanto em tanto vós zurrais e eu também. Não pode acontecer nada exceto o burro nos ouvir e nos responder, se é que ainda está por aqui.’

“‘Tenho de vos dizer, compadre’, respondeu o dono do jumento, ‘que o plano é excelente e digno de vosso grande engenho.’

“Conforme o combinado, eles se separaram e aconteceu que zurraram quase ao mesmo tempo e, cada um enganado com o zurro do outro, se procuraram às pressas, pensando que o jumento já

tinha aparecido. Ao se verem, disse o lesado: ‘Será possível, compadre, que não tenha sido o burro que zurrou?’.

“‘Não, não, fui eu’, respondeu o outro.

“‘Depois dessa’, disse o dono, ‘juro que entre vós e um burro não há diferença alguma, no que toca a zurrar, porque nunca vi nem ouvi na vida coisa mais parecida.’

“‘Esses elogios e louvações’, respondeu o do plano, ‘cabem melhor a vós que a mim, compadre, pois, pelo Deus que me criou, podeis dar dois zurros de vantagem ao maior e mais perito zurrador do mundo: porque o som que emitis é alto; sustentais a voz no tempo e ritmo corretos; e as inflexões são variadas e rápidas. Em suma, dou-me por vencido e vos entrego o troféu e a coroa dessa rara habilidade.’

“‘Pois vos garanto que, daqui por diante’, respondeu o dono, ‘me terei em maior conta e pensarei que sei alguma coisa, porque tenho algum dom. Apesar de pensar que zurrava bem, nunca percebi que chegava ao extremo que dizeis.’

“‘Também vos garanto’, respondeu o segundo, ‘que há raras habilidades perdidas no mundo e que são mal empregadas por aqueles que não sabem se aproveitar delas.’

“‘As nossas’, respondeu o dono, ‘se não for em casos semelhantes como o que temos em mãos, não podem nos servir em outros, e, mesmo neste, que Deus nos ajude que seja de proveito.’

“Depois disso, eles se separaram de novo e de novo zurraram, e a toda hora se enganavam e se reuniam de novo, até que combinaram um sinal: para entender que eram eles, não o burro, zurrariam duas vezes, uma depois da outra. Com isso, zurrando duas vezes de tanto em tanto, percorreram todo o mato sem que o jumento respondesse, nem mesmo por gestos. Mas como poderia responder o pobre e malfadado jumento se o encontraram comido pelos lobos no mais fechado da floresta? E, ao vê-lo, seu dono disse: ‘Eu já estava achando estranho que não respondesse, pois, a menos que estivesse morto, ele zurraria se nos ouvisse, ou não seria burro. Mas em troca de vos ter ouvido zurrar com tanta graça, compadre, dou por bem empregado o trabalho que tive ao procurar o bicho, mesmo tendo-o achado morto’.

"'Obrigado, compadre, mas o primeiro lugar está em boas mãos', respondeu o outro, 'pois, se o abade canta bem, o noviço não fica atrás.'

"Com isso, desconsolados e roucos, voltaram para a aldeia, onde contaram a seus amigos, vizinhos e conhecidos tudo o que havia acontecido a eles na busca do burro, um exagerando o dom que o outro tinha para zurrar. Assim se soube tudo e assim se espalhou pelas aldeias dos arredores. Mas o diabo, que é amigo de rixas e de semear discórdias, e que quando descansa amola as moscas com o rabo, fez com que as pessoas dos outros povoados, ao encontrar algumas de nossa aldeia, zurrassem, como se nos jogassem na cara o zurro de nossos vereadores. Então os meninos descobriram a brincadeira, que foi como botar nas mãos e nas bocas de todos os demônios do inferno, e o zurro se espalhou de um povoado para outro de tal maneira que os nativos do povoado do zurro são conhecidos da mesma forma que os negros são conhecidos e diferenciados dos brancos. A desgraça dessa zombaria chegou a tanto que muitas vezes, em pelotões bem formados e armados, os zombados saíram para atacar os zombadores, sem que os detivesse nem rei nem roque, nem temor ou vergonha. Eu acho que amanhã ou depois de amanhã vão sair em campanha os de minha aldeia, que são os dos zurros, contra outra aldeia que está a duas léguas da nossa, que é uma das que mais nos perseguem; e, para saírem bem prevenidos, fui comprar estas lanças e alabardas que vistes. E estas são as maravilhas que disse que vos contaria, e, se não apreciaram estas, sinto muito, não sei outras."

E assim deu fim à conversa o bom homem, e nisso entrou pela porta da estalagem um homem todo vestido de camurça, meias, bombachas e gibão, e com voz elevada disse:

— Senhor hospedeiro, há quarto? Pois vem aqui o macaco vidente e o teatro de marionetes com *A liberdade de Melisendra*.[1]

— Santo Cristo — disse o estalajadeiro —, aqui está o senhor, mestre Pedro! Boa noite nos espera.

Eu me esquecia de dizer como o tal mestre Pedro trazia tapados o olho esquerdo e quase meia bochecha com uma venda de tafetá

verde, sinal de que todo aquele lado devia estar doente. E o estalajadeiro continuou, dizendo:

— Seja bem-vindo, mestre Pedro. Onde estão o macaco e o teatro, que não os vejo?

— Já estão perto — respondeu o homem todo de camurça. — Eu vim na frente, para saber se havia quarto.

— Eu tiraria o próprio duque de Alba dele para dá-lo ao senhor, mestre Pedro — respondeu o estalajadeiro. — Que cheguem logo o macaco e o teatro, que esta noite tem gente na estalagem que pagará para ver a peça e as habilidades do macaco.

— Para mim está bem — disse o da venda —, vou baixar o preço, e se cobrir os custos me darei por satisfeito. Volto lá para apressar a carreta em que vêm o macaco e os títeres.

E em seguida saiu de novo da estalagem.

Então dom Quixote perguntou ao estalajadeiro quem era esse mestre Pedro e que teatro e que macaco trazia. O estalajadeiro respondeu:

— Ele é um famoso titereiro, que há muitos dias anda por estas bandas da Mancha de Aragão[2] com uma peça sobre a libertação de Melisendra, feita pelo célebre dom Gaifeiros, que é uma das melhores e mais bem representadas histórias que já se viu neste reino em muito tempo. Também traz consigo um macaco com a mais estranha habilidade que se viu entre macacos nem se imaginou entre homens, porque, quando lhe perguntam alguma coisa, fica atento ao que dizem e depois salta para os ombros de seu amo e, aproximando-se do ouvido, diz a resposta ao que foi perguntado, e mestre Pedro a declara em seguida. Diz muito mais coisas sobre o passado que sobre o futuro e, embora nem sempre acerte todas, não erra na maioria, de modo que nos leva a acreditar que tem o diabo no corpo. Cobra dois reais por pergunta, quando o macaco responde, quero dizer, quando o amo responde por ele, depois de lhe ter falado ao ouvido. Por isso se pensa que o tal mestre Pedro está riquíssimo, e que é um *galante home* e *bono companho*,[3] como dizem na Itália, e leva a melhor vida do mundo: fala mais que seis e bebe mais que doze, tudo à custa de sua língua, de seu macaco e de seus títeres.

Nisso, voltou mestre Pedro, e numa carreta vinham o palco e o macaco, grande e sem rabo, com a bunda pelada, mas não mal-encarado. Dom Quixote, mal o viu, perguntou a ele:

— Diga-me vossa mercê, senhor adivinho: *que pesce pigliamo?*[4] O que será de nós? E veja aí meus dois reais.

E mandou que Sancho os desse ao mestre Pedro, que, respondendo pelo macaco, disse:

— Senhor, este animal não responde nem dá notícias das coisas que estão por acontecer; das passadas sabe um pouco, e das presentes outro tanto.

— Raios me partam — disse Sancho — se eu der um tostão para que me digam o que aconteceu comigo! Quem pode saber melhor que eu mesmo? Ora, pagar para que me digam o que sei seria uma grande asneira, mas, se souber das coisas presentes, eis aqui meus dois reais, e diga-me o senhor macaquíssimo por onde anda agora minha mulher Teresa Pança e de que se ocupa.

Mestre Pedro não quis pegar o dinheiro, dizendo:

— Não quero receber o pagamento antes de meus serviços.

E deu duas batidas com a mão direita sobre o ombro esquerdo; num pulo o macaco estava lá, aproximando a boca do ouvido do dono e batendo os dentes muito depressa. Depois de fazer isso pelo tempo de uma oração, com outro pulo foi para o chão, e no mesmo instante, com uma pressa tremenda, mestre Pedro foi se ajoelhar diante de dom Quixote e, abraçando-o pelas pernas, disse:

— Abraço estas pernas como se abraçasse as duas colunas de Hércules, oh, ressuscitador insigne da já esquecida cavalaria andante, oh, o nunca louvado como se deve dom Quixote de la Mancha, esperança dos desamparados, arrimo dos que vão cair, braço dos caídos, báculo e consolo de todos os infelizes!

Dom Quixote ficou pasmo e Sancho, estupefato; o primo, perplexo, e o pajem, atônito; o do zurro, abobalhado, e o estalajadeiro, confuso. Enfim, todos ouviram com espanto as palavras do titereiro, que prosseguiu:

— E tu, meu bom Sancho Pança, o melhor escudeiro do melhor cavaleiro do mundo, alegra-te, que tua boa mulher Teresa está bem, e justo agora está limpando um meio quilo de linho. Se quiseres

mais detalhes, bem, do lado esquerdo dela há um jarro desbeiçado em que cabe uma boa quantidade de vinho, com que ela se distrai no trabalho.

— Nisso eu acredito, sim — respondeu Sancho —, porque ela é uma boa alma e, se não fosse ciumenta, não a trocaria nem pela giganta Andandona,[5] que, segundo meu amo, foi uma mulher e tanto; e minha Teresa é daquelas que não passam mal, nem que seja à custa de seus herdeiros.

— Pois eu digo agora — disse dom Quixote nessas alturas — que quem lê muito e viaja muito vê muito e sabe muito. Digo isso porque não havia argumento bastante bom para me persuadir de que há no mundo macacos videntes, mas o vi agora com meus próprios olhos. Porque eu sou mesmo dom Quixote de la Mancha, como disse este bom animal, embora ele tenha exagerado um pouco em meus elogios; mas, tenha eu as qualidades que tiver, dou graças ao céu, que me deu um temperamento brando e compassivo, sempre inclinado a fazer o bem a todos e mal a ninguém.

— Se eu tivesse dinheiro — disse o pajem —, perguntaria ao senhor macaco o que vai me acontecer na peregrinação que iniciei.

Ao que respondeu mestre Pedro, que já havia se levantado dos pés de dom Quixote:

— Já disse que este bichinho não responde sobre o futuro. Se respondesse, o dinheiro não importaria, pois para servir o senhor dom Quixote, aqui presente, eu abandonaria todos os lucros do mundo. E agora, porque devo isso a ele e para lhe dar um pouco de distração, quero armar meu palco e divertir quantos estão na estalagem, sem cobrar nada.

Ouvindo isso o estalajadeiro, por demais alegre, mostrou o lugar onde se podia montar o palco, que num instante foi armado.

Dom Quixote não estava muito satisfeito com as adivinhações do macaco, por achar que não era natural que um macaco adivinhasse, nem as coisas futuras nem as passadas, e assim, enquanto mestre Pedro arranjava o palco, afastou-se com Sancho para um canto da estrebaria, onde não poderia ser ouvido por ninguém:

— Olha, Sancho, eu examinei bem a estranha habilidade deste macaco, e acho que sem dúvida o amo dele, mestre Pedro, deve ter

feito um pacto sujo com o demônio, tácito ou expresso.

— Se o pátio é do demônio — disse Sancho —, sem dúvida deve ser muito sujo; mas o que mestre Pedro ganha com esses pátios?

— Não me entendes, Sancho: só quero dizer que ele deve ter feito algum acerto com o demônio para dar ao macaco essa habilidade, para ganhar o pão, e depois que estiver rico lhe entregará sua alma, que é o que esse universal inimigo pretende. E penso isso porque o macaco não responde nada além das coisas passadas ou presentes, porque a sabedoria do diabo não pode ir mais longe, pois não conhece as futuras a não ser por conjecturas, e nem sempre, porque o futuro a Deus pertence, só a Ele está reservado conhecer os tempos e os momentos:[6] para ele não há passado nem futuro, tudo é presente. Então, sendo isso assim, como é, está claro que esse macaco fala com o estilo do diabo, e estou admirado de que não o tenham denunciado ao Santo Ofício, interrogando-o e arrancando-lhe pela raiz a verdade sobre de onde provém seu poder de adivinhação; porque com certeza esse macaco não é astrólogo, nem seu amo nem ele sabem fazer o mapa das posições dos planetas e dos signos, coisa tão popular hoje em dia na Espanha que não há mulherzinha nem pajem nem remendão que não pense entender de mapa astral, botando a perder com suas mentiras e ignorâncias a verdade maravilhosa da ciência. Sei de uma senhora que perguntou a um desses astrólogos se uma cachorrinha que tinha ia ficar prenhe e pariria, e quantos filhotes e de que cor seriam se parisse. Ao que o senhor adivinho, depois de ter examinado a posição dos astros, respondeu que a cachorrinha ficaria prenhe e pariria três cachorrinhos, um deles verde, outro vermelho e outro malhado, com a condição de que emprenhasse entre as onze e as doze horas do dia ou da noite, e que fosse numa segunda-feira ou num sábado; e o que aconteceu foi que dali a dois dias a cadela morreu de indigestão, e o senhor astrólogo continuou com a mesma reputação no povoado, como continuam todos ou a maioria deles.

— Mesmo assim — disse Sancho —, gostaria que vossa mercê dissesse a mestre Pedro que perguntasse ao macaco se é verdade o que aconteceu com vossa mercê na caverna de Montesinos, pois

me parece, com perdão de vossa mercê, que tudo foi embuste e mentira, ou pelo menos coisas sonhadas.

— Nada é impossível — responde dom Quixote —, mas eu farei o que me aconselhas, embora eu tenha certos escrúpulos sobre isso.

Estavam nessa conversa, quando chegou mestre Pedro em busca de dom Quixote e lhe disse que o palco já estava montado, que sua mercê fosse ver a peça, porque valia a pena. Dom Quixote disse então o que pensava, suplicando que perguntasse logo ao macaco se certas coisas que haviam acontecido na caverna de Montesinos tinham sido verdadeiras ou sonhadas, porque a ele parecia que elas tinham um pouco de tudo. Ao que mestre Pedro, sem responder uma palavra, trouxe de novo o macaco e, diante de dom Quixote e de Sancho, disse:

— Olhai, senhor macaco, que este cavaleiro quer saber se certas coisas que lhe aconteceram numa caverna conhecida como de Montesinos foram falsas ou verdadeiras.

Depois que ele fez o sinal costumeiro, o macaco pulou para seu ombro esquerdo e pareceu lhe falar ao ouvido; em seguida mestre Pedro disse:

— O macaco diz que parte das coisas que vossa mercê viu ou viveu na dita caverna são falsas e parte verídicas. Isso é tudo o que sabe a respeito dessa questão, mas que, se vossa mercê quiser saber mais, que na próxima sexta-feira responderá tudo o que lhe perguntar, porque perdeu por ora o poder de adivinhar, que não voltará até sexta-feira, como já disse.

— Eu não disse, meu senhor — disse Sancho —, que não podia engolir a ideia de que tudo ou mesmo a metade do que vossa mercê falou que aconteceu na caverna era verdade?

— Os fatos falarão por si, Sancho — respondeu dom Quixote —, pois o tempo, revelador de todas as coisas, não deixa nenhuma sem ser exposta à luz do sol, mesmo que esteja escondida no seio da terra. Mas chega, por ora, e vamos ver a peça do bom mestre Pedro. Acho que ele deve ter alguma novidade.

— Como alguma? — respondeu mestre Pedro. — Sessenta mil este meu palco encerra. Digo a vossa mercê, meu senhor dom Quixote, que é uma das melhores coisas que se tem hoje para se

ver no mundo, e *operibus credite, et non verbis*,[7] e mãos à obra, que já é tarde e temos muito que fazer e que dizer e que mostrar.

Dom Quixote e Sancho obedeceram e foram para onde o palco já estava armado e descoberto, cheio por todos os lados de candeeirinhos de cera acesos que o tornavam vistoso e resplandecente. Mestre Pedro se meteu dentro dele, pois era quem tinha de manejar as marionetes, e do lado de fora ficou um rapaz, criado de mestre Pedro, para servir de apresentador e intérprete dos mistérios do palco: tinha uma varinha na mão com que apontava os personagens que apareciam.

Então, reunidos todos os que estavam na estalagem diante do palco, alguns de pé, outros sentados nos melhores lugares, como dom Quixote, Sancho, o pajem e o primo, o apresentador começou a dizer o que ouvirá e verá quem ouvir ou vir o capítulo seguinte.

XXVI

onde se prossegue a engraçada aventura do titereiro, com outras coisas realmente muito boas

"Calaram-se todos, tírios e troianos",[1] quero dizer, todos os que olhavam para o palco estavam pendentes dos lábios do narrador das maravilhas que se passavam ali, quando ouviram soar muitos atabales, trombetas e disparos de artilharia. O barulho cessou logo e, em seguida, o rapaz elevou a voz e disse:

— Esta história verídica que se representa aqui a vossas mercês foi tirada ao pé da letra das crônicas francesas e dos romances espanhóis que andam na boca das pessoas e até dos meninos pelas ruas. Trata da luta do senhor Gaifeiros pela libertação de sua esposa Melisendra, que estava presa na Espanha, em poder dos mouros, na cidade de Sansueña,[2] que assim se chamava então a hoje conhecida Zaragoza. Mas vejam vossas mercês como está ali dom Gaifeiros jogando gamão, conforme se canta:

Dom Gaifeiros está jogando as tábulas,
pois já está esquecido de Melisendra.

"E aquele personagem que surge ali com coroa na cabeça e cetro nas mãos é o imperador Carlos Magno, suposto pai da tal Melisendra, que, amofinado por ver o ócio e descaso de seu genro, vem ralhar com ele. Reparem com que veemência e obstinação o repreende, que até parece querer dar uma meia dúzia de cascudos com o cetro, e há autores que dizem que os deu, e muito bem

dados; e, depois de lhe ter dito muitas coisas sobre o perigo que corria sua honra em não procurar libertar sua esposa, dizem que disse: ‘Cansei de vos dizer: emendai-vos’.

“Olhem também vossas mercês como o imperador dá as costas e deixa ressentido dom Gaifeiros, que, impaciente de cólera, joga longe o tabuleiro e as peças e pede a toda pressa as armas e a armadura, mais a espada Durindana[3] a seu primo Roland. Mas vejam como dom Roland não a quer emprestar e oferece sua companhia na difícil aventura que inicia. Porém, o corajoso e irado cavaleiro não quer aceitar isso; pelo contrário, diz que apenas ele é o bastante para libertar sua esposa, mesmo que estivesse metida nas profundezas do centro da terra; e com isso começa a botar a armadura, para se pôr a caminho em seguida.

“Voltem vossas mercês os olhos para aquela torre que aparece ali e se imagina ser uma das torres do alcácer de Zaragoza, que agora chamam de Aljafería.[4] Aquela dama que surge naquela sacada vestida ao modo mouro é a inigualável Melisendra, que muitas vezes fica olhando dali a estrada para a França e, com a mente em Paris e em seu esposo, se consola em seu cativeiro.

“Reparem, acontece agora um novo incidente, talvez jamais visto. Não veem aquele mouro que, dissimulado e pé ante pé, com um dedo na boca, se aproxima pelas costas de Melisendra? Pois vejam como lhe dá um beijo em plena boca, e a pressa com que ela cospe e se limpa com a manga branca de sua camisa, e como se lamenta e de pesar arranca os lindos cabelos, como se eles tivessem a culpa do malefício.

“Olhem também aquele mouro circunspecto que está naquela varanda: é o rei Marsílio de Sansueña, que, por ter visto a insolência do mouro, apesar de ele ser parente seu e muito íntimo, mandou que o prendessem em seguida e lhe dessem duzentos açoites, levando-o pelas ruas de costume,

com gritões pela frente
e varadas por trás;[5]

e vejam aqui como saem para executar a sentença, logo depois de cometido o delito, porque entre os mouros não há notificação da acusação nem prisão preventiva, como entre nós.”

— Ei, menino — disse dom Quixote em voz alta nessas alturas —, contai vossa história em linha reta e não vos meteis em curvas ou transversais, que para passar a limpo a verdade são necessárias muitas provas e contraprovas.

Também disse mestre Pedro lá de dentro:

— Vamos, rapaz, basta de floreios. Faz como esse senhor manda, que será muito melhor: continua teu canto com simplicidade e não te metas em contrapontos, que é fácil desafinar.

— Está bem — respondeu o rapaz, prosseguindo. — Este personagem que aparece aqui a cavalo, coberto por uma capa da Gasconha,[6] é o próprio dom Gaifeiros. Aqui, já vingada do atrevimento do mouro apaixonado, está sua esposa, que com melhor cara e mais calma foi para os mirantes da torre e fala com seu esposo, pensando que é algum viajante de passagem, com quem teve todas aquelas conversas que aquele romance relata:

Cavaleiro, se à França vais,
perguntai por Gaifeiros,

que eu não repito agora, porque a prolixidade costuma engendrar o tédio. Basta ver como dom Gaifeiros baixa o capuz da capa e como Melisendra, pelos gestos alegres, dá a entender que o reconheceu, e mais ainda agora que vemos que salta da sacada para a garupa do cavalo de seu bom esposo. Mas ai, desventurada!, a barra da saia se prendeu numa das hastes de ferro da sacada, e está suspensa no ar, sem poder chegar ao chão. Vejam, porém, como o piedoso céu intervém nas maiores necessidades, pois chega dom Gaifeiros e, sem pensar se rasgará ou não a preciosa saia, agarra a esposa e a puxa até o chão, depois a põe de um salto na garupa de seu cavalo, escanchada como um homem, e lhe ordena que se firme e o abrace pelas costas, de modo que cruze as mãos no peito,

para não cair, pois a senhora Melisendra não estava acostumada a semelhantes cavalgadas.

"Vejam também como os relinchos do cavalo dão mostras de que está contente com a brava e formosa carga que leva na forma de seu senhor e sua senhora. Vejam como dão as costas à fortaleza e saem da cidade e, cheios de alegria e regozijo, tomam o rumo de Paris.

"Ide em paz, oh, par sem-par de verdadeiros amantes! Chegai a salvo a vossa pátria desejada, sem que a sorte ponha algum obstáculo em vossa feliz viagem! Que os olhos de vossos amigos e parentes vos vejam desfrutar em paz tranquila os dias (que sejam tantos como os de Nestor) que vos restam de vida!"

Aqui se elevou de novo a voz de mestre Pedro, que disse:

— Simplicidade, meu rapaz, simplicidade. Não te pavoneies, que toda afetação é má.

O intérprete não respondeu nada, apenas prosseguiu, dizendo:

— Não faltaram alguns olhos ociosos, que costumam ver tudo, para observar a fuga de Melisendra, sacada abaixo e garupa acima, e contar ao rei Marsílio, que em seguida mandou dar o toque de alarme. E olhem com que pressa, pois a cidade já se atordoa com o som dos sinos que tocam em todas as torres das mesquitas.

— Essa não! — disse dom Quixote nessa altura. — Nisso dos sinos mestre Pedro anda perdido, porque entre os mouros não se usam sinos, mas atabales e uma espécie de oboé que parece com nossas charamelas. Esse negócio de tocarem sinos em Sansueña é sem dúvida um disparate.

Ouvindo isso, mestre Pedro parou de tocar e disse:

— Não dê atenção a ninharias, senhor dom Quixote, nem queira levar tudo a ponta de faca, que assim não se chega a nada. Não se apresentam por aí quase todo dia mil comédias cheias de mil impropriedades e disparates, e mesmo assim correm felizes suas carreiras e se ouvem não apenas aplausos, mas admiração e tudo? Prossegue, rapaz, e deixa que falem, pois, se eu encher minha bolsa, dá na mesma que represente mais impropriedades do que o sol tem de átomos!

— Isso lá é verdade — replicou dom Quixote.

E o rapaz disse:

— Vejam a numerosa e resplandecente cavalaria que sai da cidade em perseguição aos amantes católicos, quantas trombetas soam, quantas charamelas tocam, quantos atabales e tambores retumbam. Temo que os alcancem e os tragam de volta amarrados à cauda de seu próprio cavalo, o que seria um horrendo espetáculo.

Então, vendo e ouvindo tantos mouros e tanto barulho, dom Quixote achou bom ajudar os fugitivos e, levantando-se, disse em voz alta:

— Não consentirei que em meus dias e em minha presença se cometa um ultraje desses a tão famoso cavaleiro e a tão atrevido amante como dom Gaifeiros. Detende-vos, canalha malnascida! Não o sigais nem o persigais, ou travareis batalha comigo!

Dito e feito: desembainhou a espada, aproximou-se do palco com um pulo e, com rapidez e fúria nunca vista, começou a desferir cutiladas sobre os títeres mouros, derrubando uns, decapitando outros, estropiando este, destroçando aquele e, entre muitos golpes, desfechou um fendente que, se mestre Pedro não se abaixasse, não se encolhesse e se escondesse, lhe teria partido a cabeça com mais facilidade que se fosse feita de marzipã. Mestre Pedro bradava:

— Detenha-se vossa mercê, senhor dom Quixote! Repare que estes que derruba, destroça e mata não são mouros de verdade, mas bonequinhos de massa. Por meus pecados, olhe, que botas a perder todo o meu ganha-pão!

Mas nem por isso dom Quixote diminuiu as cutiladas, mandobres, pranchadas e reveses que caíam cerrados como granizo. Finalmente, mais rápido que dois suspiros, botou todo o palco abaixo, picando em pedacinhos todos os títeres e apetrechos, o rei Marsílio gravemente ferido e o imperador Carlos Magno com a coroa partida e a cabeça rachada em duas partes. O grupo de ouvintes se sobressaltou, o macaco fugiu pelos telhados da estalagem, o primo se amedrontou, o pajem se acovardou e até o próprio Sancho Pança teve um grande pavor porque, como ele jurou depois de passada a tempestade, jamais havia visto seu senhor

com ira tão desatinada. Então, com o palco num destroço generalizado, dom Quixote se acalmou um pouco e disse:

— Gostaria de ter agora em minha presença todos aqueles que não acreditam nem querem acreditar na serventia dos cavaleiros andantes no mundo. Olhem, se eu não me achasse aqui, o que seria do bom dom Gaifeiros e de sua formosa Melisendra? Com certeza que a esta hora já teriam sido alcançados por estes cães, que teriam feito alguma barbaridade com eles. Enfim, viva a cavalaria andante sobre todas as coisas!

— Viva a cavalaria — disse mestre Pedro nessa altura com voz enfermiça — e morra eu! Pois sou tão desgraçado que posso dizer com o rei dom Rodrigo:

Ontem fui senhor da Espanha,
e hoje não tenho uma ameia
que possa dizer que é minha.

"Não faz meia hora, nem mesmo meio minuto, que me vi senhor de reis e de imperadores, cheias minhas cavalariças, minhas arcas e minhas bolsas de infinitos cavalos e de inumeráveis riquezas, e agora me vejo desolado e abatido, pobre e mendigo, mas acima de tudo sem meu macaco: por Deus, podem me suar os dentes antes que ele volte para mim. E tudo por causa da fúria desatada deste senhor cavaleiro, de quem se diz que ampara os órfãos, repara injúrias e faz outras obras de caridade, e apenas comigo falhou sua intenção generosa, benditos e louvados sejam os céus, lá onde estão os assentos mais elevados. Enfim, tinha de ser o Cavaleiro da Triste Figura aquele que iria desfigurar a de meus títeres."

Sancho Pança se comoveu com as palavras de mestre Pedro e lhe disse:

— Não chores, mestre Pedro, nem te lamentes, que me partes o coração, pois te garanto que meu senhor dom Quixote é tão católico e escrupuloso que, se se der conta de que te deu algum prejuízo, saberá como te pagar em dobro.

— Se o senhor dom Quixote me pagasse uma parte do que seu feito desfez, eu ficaria contente e sua mercê resguardaria sua consciência, porque não se pode salvar quem tem o alheio contra a vontade de seu dono e não lhe restitui.

— Isso é verdade — disse dom Quixote —, mas não sei de nada que eu tenha de vosso, mestre Pedro.

— Como não? — respondeu mestre Pedro. — E estas relíquias que jazem neste chão duro e estéril? Quem as aniquilou e as espalhou senão a força invencível desse poderoso braço? E de quem eram seus corpos senão meus? E com que me sustentava eu senão com eles?

— Agora me convenci — disse dom Quixote nesse ponto — de que é verdade o que pensei muitas outras vezes: esses magos que me perseguem simplesmente botam as coisas como elas são diante de meus olhos e depois as mudam e transformam no que querem. Com toda sinceridade vos digo, senhores que me ouvis, que tudo o que aconteceu aqui me pareceu acontecer ao pé da letra: que Melisendra era Melisendra; dom Gaifeiros, dom Gaifeiros; Marsílio, Marsílio; e Carlos Magno, Carlos Magno. Por isso fui tomado de cólera, e para cumprir com meu dever de cavaleiro andante quis ajudar os que fugiam, e com esse bom propósito fiz o que haveis visto. Se saiu tudo às avessas, não é culpa minha, mas dos maus que me perseguem. Mas, apesar desse meu erro não proceder de malícia, quero eu mesmo me condenar a pagar as custas: mestre Pedro, veja o que quer pelos títeres destruídos, que eu me ofereço para pagá-los logo, em boa e corrente moeda castelhana.

Mestre Pedro se inclinou, dizendo:

— Eu não esperava menos da inaudita cristandade do valoroso dom Quixote de la Mancha, verdadeiro socorro e amparo de todos os andarilhos desvalidos e necessitados. O senhor estalajadeiro e o grande Sancho serão mediadores entre mim e vossa mercê e avaliarão o que valem ou podiam valer os fantoches destruídos.

O estalajadeiro e Sancho disseram que assim o fariam, e logo mestre Pedro pegou no chão o sem cabeça rei Marsílio de Zaragoza, e disse:

— Já se vê como é impossível transformar este rei no que era antes, de modo que me parece, salvo melhor juízo, que me dê por seu término, fim e morte quatro reais e meio.

— Adiante! — disse dom Quixote.

— Bem, por este talho de cima a baixo — prosseguiu mestre Pedro, tomando nas mãos o partido imperador Carlos Magno —, não seria muito pedir cinco reais e um quarto.

— Não é pouco — disse Sancho.

— Nem muito — replicou o estalajadeiro. — Arredonde a conta: cinco reais.

— Eu pago os cinco reais e um quarto — disse dom Quixote —, que não está num quarto a mais ou a menos o montante dessa grande desgraça. E acabe logo com isso, mestre Pedro, que é hora de jantar, pois já sinto a barriga roncando de fome.

— Por este títere da formosa Melisendra — disse mestre Pedro — que está sem nariz e com um olho a menos, quero, e me atenho ao justo, dois reais e doze maravedis.

— Isso sim seria o diabo — disse dom Quixote —, se Melisendra já não estivesse com seu esposo pelo menos na fronteira da França, porque o cavalo em que ia me pareceu que não corria, voava; então, não venha me vender gato por lebre, apresentando-me aqui Melisendra desnarigada, quando a outra talvez esteja se divertindo a valer com o esposo na França. Que Deus ajude cada um em suas coisas, senhor mestre Pedro, e andemos todos com passos firmes e boas intenções. E prossiga.

Mestre Pedro, que viu que dom Quixote começava a desvairar, voltando à velha mania, não quis deixá-lo escapar e então disse:

— Esta não deve ser Melisendra, mas alguma das aias que a serviam. Assim, com sessenta maravedis que me deem por ela me sentirei contente e bem pago.

Dessa maneira foi dando o preço de muitos outros bonecos destroçados, que depois os dois árbitros ajustaram, para satisfação de ambas as partes, chegando o total a quarenta reais e três quartos. Além disso, que Sancho desembolsou em seguida, mestre Pedro pediu dois reais pelo trabalho de trazer o macaco de volta.

— Pode dá-los, Sancho — disse dom Quixote —, não para trazer o adivinho, mas para o trago de vinho. E eu daria duzentos em alvíssaras a quem me dissesse com certeza que a senhora Melisendra e dom Gaifeiros já estão na França, entre os seus.

— Ninguém poderá nos dizer melhor que meu macaco — disse mestre Pedro —, mas agora não há diabo que o pegue, embora eu imagine que o carinho e a fome o forçarão a me procurar esta noite. Se Deus quiser, amanhã será outro dia, e então veremos.

Em suma, a tempestade do teatro acabou e todos jantaram em paz e em boa companhia, à custa de dom Quixote, que era generoso ao extremo.

Antes que amanhecesse se foi o que carregava as lanças e as alabardas, e logo que amanheceu vieram se despedir de dom Quixote o primo e o pajem, um para voltar a sua terra, o outro para seguir viagem, a quem dom Quixote deu como ajuda uma dúzia de reais. Mestre Pedro não quis mais bater boca com dom Quixote, a quem ele conhecia muito bem; então madrugou antes do sol e, pegando os títeres de seu teatro e seu macaco, também foi embora em busca de aventuras. O estalajadeiro, que não conhecia dom Quixote, tinha ficado surpreso tanto por suas loucuras como por sua generosidade. Enfim, Sancho o pagou muito bem, por ordem de seu senhor, e, despedindo-se por ele, quase às oito deixaram a estalagem e se puseram a caminho, onde os deixamos ir, que assim convém para podermos contar outras coisas relevantes para a narração desta história famosa.

xxvii

onde se revela quem eram mestre pedro e seu macaco, com o mau resultado que dom quixote teve na aventura do zurro, que não acabou como ele gostaria e como tinha pensado

Cide Hamete, cronista desta grande história, começa este capítulo com estas palavras: “Juro, como cristão e católico…”. Seu tradutor anota que, ao jurar como cristão e católico, sendo ele mouro, como sem dúvida era, Cide Hamete não quis dizer outra coisa além de que, assim como o cristão e católico, quando jura, jura ou deve jurar dizer sempre a verdade em tudo que falar, assim ele a dizia como se jurasse como cristão e católico no que queria escrever sobre dom Quixote, especialmente no que se refere a quem era mestre Pedro e quem era o macaco vidente que espantava a todos aqueles povoados com suas adivinhações.

Cide Hamete Benengeli diz, então, que aquele que leu a primeira parte desta história estará bem lembrado de Ginés de Pasamonte, que dom Quixote libertou na Serra Morena entre outros condenados às galés, favor que aquela gente maligna e de maus costumes depois lhe agradeceu muito mal e lhe pagou pior ainda. Esse Ginés de Pasamonte, a quem dom Quixote chamava de “Ginesillo de Parapilla”, foi quem furtou o burro de Sancho Pança, que, por não ter sido relatado nem o como nem o quando na primeira parte, por culpa dos impressores, levou muitos a atribuir a falha à pouca memória do autor. Mas, enfim, Ginés furtou o burro enquanto Sancho Pança dormia sobre ele, usando o ardil que usou Brunelo

quando, estando Sacripante sobre Albraca, lhe tirou o cavalo de entre as pernas, e depois Sancho o recuperou como se contou.

Esse Ginés, portanto, com medo de ser achado pela justiça que o procurava para castigá-lo por seus infinitos delitos e velhacarias, que foram tantos e tamanhos que ele mesmo escreveu um grande volume contando-os, resolveu ir para o reino de Aragão e cobrir o olho esquerdo, dedicando-se ao ofício de titereiro, que nisso e na mão leve sabia se desempenhar de modo excelente.

Aconteceu, então, que comprou de uns cristãos já livres que vinham da Berbéria aquele macaco, a quem ensinou a pular para o ombro a um certo sinal e a murmurar no ouvido, ou assim parecer. Feito isso, antes de entrar numa aldeia com seu teatro e seu macaco, informava-se nos lugares mais próximos, ou com quem podia, que coisas interessantes tinham acontecido na tal aldeia e com que pessoas; e, levando-as bem guardadas na memória, a primeira coisa que fazia era apresentar seu teatro, às vezes com uma história, às vezes com outra, mas todas alegres e prazerosas e conhecidas. Acabada a peça, propunha as habilidades do macaco, dizendo ao povo que adivinhava todo o passado e o presente, mas que o futuro não estava a seu alcance. Pela resposta a cada pergunta pedia dois reais, mas às vezes dava um desconto, dependendo da cara dos perguntadores. E, se alguma vez chegava às casas de gente de quem ele conhecia a história, mesmo que ninguém lhe perguntasse nada, para não pagá-lo, fazia sinal ao macaco e logo dizia que ele tinha dito tais e tais coisas, que se ajustavam aos acontecimentos. Com isso ganhava crédito incontestável, e todo mundo andava atrás dele. Outras vezes, como era muito arguto, respondia de maneira que as respostas casavam bem com as perguntas; e, como ninguém o apertava para que dissesse como seu macaco adivinhava, pasmava a todos com a macaquice e enchia os bolsos.

Assim que entrou na estalagem, reconheceu dom Quixote e Sancho, de modo que foi fácil deixar pasmos o cavaleiro e o escudeiro e todos os demais presentes. Mas haveria de lhe custar caro se dom Quixote tivesse baixado um pouco mais a mão quando

cortou a cabeça do rei Marsílio e destruiu toda a sua cavalaria, como ficou dito no capítulo precedente.

Isto é o que havia para ser dito sobre mestre Pedro e seu macaco.

Voltando a dom Quixote de la Mancha, digo que, depois de ele ter saído da estalagem, resolveu ver primeiro as margens do rio Ebro e aqueles arredores todos, antes de entrar na cidade de Zaragoza, pois tinha tempo de sobra para tudo até começarem as justas. Com essa intenção seguiu seu caminho, pelo qual andou dois dias sem que lhe acontecesse coisa digna de se pôr no papel, até que no terceiro, na subida de uma ladeira, ouviu um grande barulho de tambores, trombetas e arcabuzes. No começo pensou que um regimento de soldados passava por aquelas bandas e, para vê-los, esporeou Rocinante e se foi ladeira acima. Quando chegou ao alto do morro, viu lá embaixo o que lhe pareceu mais de duzentos homens armados com diferentes tipos de armas, como se disséssemos chuços, balestras, partasanas, alabardas e aguilhões, e alguns arcabuzes e muitas rodelas. Desceu a encosta e se aproximou do esquadrão, até que viu perfeitamente as bandeiras, distinguiu as cores e percebeu as divisas que elas estampavam, especialmente uma em que, num estandarte ou pendão de cetim branco, estava pintado de modo muito vívido um burro pequeno como os da Sardenha, a cabeça levantada, a boca aberta e a língua de fora, no ato e postura de zurrar; em torno dele estavam escritos estes versos, em letras grandes:

Em vão não foram os zurros
nem dos alcaides nem dos burros.

Por esta insígnia, dom Quixote deduziu que aquela gente devia ser do povoado do zurro, o que disse a Sancho, lendo o que estava escrito no estandarte. Disse também que o homem que havia dado a notícia daquele caso tinha errado ao dizer que haviam sido dois vereadores os que zurraram, porque, conforme os versos, não haviam sido outros que não os alcaides. Ao que Sancho Pança respondeu:

— Senhor, não tem de reparar nisso, pois pode ser que os vereadores que zurraram então viessem com o tempo a ser alcaides de seu povoado, de modo que podem ser chamados com ambos os títulos, ainda mais que não diminui a verdade da história os zurradores serem alcaides ou vereadores, desde que eles tenham realmente zurrado, porque tão a pique de zurrar está um alcaide como um vereador.

Enfim, eles entenderam que a aldeia zombada saía para lutar com a outra que a zombava além da conta e do que se devia à boa vizinhança.

Dom Quixote foi se aproximando dos combatentes, não sem grande desgosto de Sancho, que nunca foi amigo de se meter em semelhantes campanhas. Os homens do esquadrão o receberam entre eles, acreditando que era de sua facção. Dom Quixote, alçando a viseira, foi com atitude sóbria e elegante até o estandarte do burro, e ali o rodearam todos os chefes do exército para vê-lo, pasmos com o pasmo costumeiro em que caíam todos aqueles que o viam pela primeira vez. Dom Quixote, notando como o olhavam com tanta atenção, sem falar nem perguntar nada, quis se aproveitar daquele silêncio e, quebrando o seu, elevou a voz e disse:

— Meus bons senhores, tão encarecidamente quanto posso vos suplico que não interrompais um discurso que desejo vos fazer, até que possais ver se vos desgosta ou aborrece, pois, se acontecer isso, ao menor sinal que me fizerdes porei um ferrolho em minha boca e uma mordaça em minha língua.

Todos lhe disseram que falasse o que quisesse, que o escutariam de boa vontade. Com essa licença, dom Quixote prosseguiu, dizendo:

— Eu, meus caros senhores, sou cavaleiro andante, que tem as armas por ofício e professa o socorro dos necessitados e desvalidos. Há dias soube de vossa desgraça e da causa que os move a pegar em armas a cada passo, para vos vingar de vossos inimigos. E, tendo pensado e repensado muitas vezes sobre vosso caso, acho, pelas leis do duelo, que estais enganados em se ter por afrontados, porque uma pessoa apenas não pode afrontar um

povoado inteiro, a menos que o desafie como traidor em conjunto, por não saber especificamente quem cometeu a traição pela qual o desafia. Exemplo disso temos em dom Diego Ordóñez de Lara, que desafiou todo o povo de Zamora, porque ignorava que apenas Vellido Dolfos havia cometido a traição de matar seu rei, de modo que desafiou a todas as pessoas, e a todas a vingança e a resposta concerniam. Agora, cá para nós, a verdade é que o senhor dom Diego foi um tanto impertinente e ultrapassou muito os limites do desafio, pois não tinha motivo para desafiar os mortos, as águas, nem os trigais, nem os que estavam para nascer, nem outras coisas que ali se declaram.[1] Mas vá lá, porque, quando a cólera sobe à cabeça, a língua fica sem pai nem mãe e não há mestre nem freio que a corrija. Como, enfim, um só homem não pode afrontar um reino, uma província, uma cidade, uma república, nem uma aldeia inteira, fica claro que não há motivo para sair em busca de vingança por causa do desafio da dita afronta, porque ela não o é. Imaginai só se os habitantes da aldeia da Relógia e os que os chamam assim se matassem a cada encontro, ou os caçaroleiros, berinjeleiros, filhotes de baleia, saboeiros,[2] ou tantos outros nomes ou apelidos que andam na boca dos meninos e de gente baixa? Não seria ótimo que todas essas pessoas insignes se envergonhassem e se vingassem e andassem como se não existisse bainha, sempre de espada em punho por qualquer pendência, por menor que fosse? Não, não, Deus não permita nem queira! Por quatro coisas os homens prudentes, ou as repúblicas bem organizadas, devem pegar em armas, desembainhar as espadas e pôr em risco suas pessoas, vidas e bens: a primeira, para defender a fé católica; a segunda, para defender sua vida, que é de lei natural e divina; a terceira, em defesa de sua honra, de sua família e bens; a quarta, a serviço de seu rei na guerra justa; e, se quiséssemos acrescentar uma quinta, que pode contar como segunda, é em defesa de sua pátria. A esses cinco motivos capitais, podem se acrescentar alguns outros que sejam justos e razoáveis e que obriguem a pegar em armas, mas pegá-las por ninharias, por coisas que são antes brincadeiras e diversões que afrontas, não parece uma atitude de gente sensata, ainda mais que se meter numa vingança injusta, pois justa não pode

haver nenhuma, vai diretamente contra a santa lei de nossa religião, que nos ordena fazer o bem a nossos inimigos e a amar os que nos odeiam,[3] mandamento que, embora pareça difícil de cumprir, não o é senão para aqueles que têm menos de Deus que do mundo e mais de carne que de espírito; porque Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro, que nunca mentiu, nem pôde nem pode mentir, sendo nosso legislador, disse que seu jugo era suave e sua carga, leve,[4] de modo que não havia de ordenar coisa que fosse impossível de cumprir. Então, meus senhores, vossas mercês estão obrigados pelas leis divinas e humanas a se acalmar.

— Que o diabo me carregue — disse Sancho a si mesmo nessas alturas — se este meu amo não é teólogo, e se não o for, parece, como um ovo a outro.

Dom Quixote recuperou um pouco o fôlego e, vendo que ainda se mantinham em silêncio, quis continuar sua conversa e teria continuado se não o interrompesse a sagacidade de Sancho, que, vendo que seu amo se detinha, tomou a palavra por ele, dizendo:

— Meu senhor dom Quixote de la Mancha, que por um tempo se chamou o Cavaleiro da Triste Figura e agora se chama o Cavaleiro dos Leões, é um fidalgo dos mais atilados, que sabe latim e espanhol como um bacharel, e em tudo quanto trata e aconselha procede como um excelente soldado, e tem na ponta da língua todas as leis e os mandamentos do que chamam duelo. Então, não há mais o que fazer senão se deixar levar pelo que ele disser, e me culpem se errarem, sem falar que está claro que é uma asneira se envergonhar apenas por ouvir um zurro, pois eu me lembro que, quando menino, zurrava a toda hora que me dava na veneta, sem que ninguém zurrasse melhor, e com tanta graça e propriedade que bastava zurrar para que todos os burros do povoado zurrassem, e nem por isso deixava de ser filho de meus pais, que eram honradíssimos, e, embora fosse invejado por essa habilidade por mais de quatro empertigados de meu povoado, pouco se me dava. E, para que se veja que digo a verdade, esperem e escutem, que essa arte é como a de nadar, que, uma vez aprendida, nunca se esquece.

E em seguida, com uma das mãos no nariz, começou a zurrar com tanta força que todos os vales próximos retumbaram. Mas um dos que estavam perto dele, achando que nisso havia zombaria, levantou um porrete que tinha na mão e lhe deu tamanha pancada que, sem que nada evitasse, deu com Sancho Pança no chão. Dom Quixote, vendo Sancho tão maltratado, com a lança em riste atacou o que havia batido, mas foram tantos os que se puseram entre eles que não foi possível vingá-lo; pelo contrário, vendo que chovia sobre ele uma tormenta de pedras e que o ameaçavam mil balestras apontadas e uma quantidade nada menor de arcabuzes, virou as rédeas de Rocinante e saiu a galope do meio deles, encomendando-se a Deus de todo coração que o livrasse daquele perigo, temendo a cada passo que lhe entrasse uma bala pelas costas e lhe saísse pelo peito, e a todo instante respirava fundo, para ver se lhe faltava o ar.

Mas os do esquadrão se contentaram em vê-lo fugir, sem disparar nele. Depois, logo que Sancho voltou a si, puseram-no sobre seu jumento, deixando-o ir atrás de seu amo — não que ele estivesse em condições de saber o que fazer com as rédeas. Mas seu burro seguiu as pegadas de Rocinante, de quem não se separava nunca. Então, depois de se afastar um bom pedaço, dom Quixote virou a cabeça e viu que Sancho vinha, e o esperou, notando que ninguém o seguia.

Os do esquadrão ficaram por ali até de noite, mas, como os adversários não vieram para a batalha, voltaram para seu povoado, alvoroçados e alegres. Se conhecessem o costume antigo dos gregos, ergueriam naquele lugar um monumento para lembrar a vitória.

xxviii

das coisas que benengeli diz que saberá quem as ler, se as ler com atenção

Quando o valente foge é porque descobriu a cilada, e é de homens prudentes se guardar para melhor ocasião. Essa verdade foi confirmada por dom Quixote, que, cedendo à fúria das pessoas e às más intenções daquele esquadrão indignado, botou o pé no mundo e, sem se lembrar de Sancho nem do perigo em que o deixava, se afastou tanto quanto lhe pareceu seguro. Sancho o seguia atravessado sobre seu jumento, como foi dito. Por fim, chegou, já recuperado do desmaio, e aí se deixou cair do burro aos pés de Rocinante, todo ansioso, todo moído e todo desancado. Dom Quixote apeou para tratar das feridas dele, mas, como o achou são dos pés à cabeça, disse muito encolerizado:

— Não podias ter escolhido pior hora para zurrar, Sancho! E a troco de que achaste bom falar de corda em casa de enforcado? Para música de zurros que contraponto poderia haver além de cacetadas? E dai graças a Deus, Sancho, que tenham te benzido com um porrete e não te fizeram o sinal da cruz com um alfanje.

— Não me sinto bem — respondeu Sancho —, parece que falo pelas feridas nas costas. Montemos e nos afastemos daqui. Calarei meus zurros, mas não deixarei de dizer que os cavaleiros andantes fogem e deixam seus bons escudeiros moídos como bagaço na mão dos inimigos.

— Não foge quem se retira — respondeu dom Quixote. — Deves saber, Sancho, que a valentia que não se funda sobre a base da prudência se chama temeridade, e as façanhas do temerário são

atribuídas mais à sorte que a sua coragem. Então, confesso que me retirei, não que fugi, e nisto imitei a muitos valentes que se guardaram para tempos melhores. As histórias estão cheias de casos como este, mas, por não serem de proveito para ti nem me dar prazer, não te conto nenhuma agora.

Nisso, Sancho já estava a cavalo, ajudado por dom Quixote, que também montou em Rocinante, e passo a passo foram se abrigar num mato de álamos que a um quarto de légua se avistava dali. De quando em quando Sancho dava uns ais profundos e uns gemidos dolorosos; e, perguntando-lhe dom Quixote a causa de sentimentos tão amargos, respondeu que desde a ponta do espinhaço até a nuca lhe doía tanto que o deixava louco.

— Sem dúvida, a causa dessa dor deve ser porque, como o porrete com que te acertaram era grosso e comprido — disse dom Quixote —, te pegou as costas de cima a baixo, onde ficam todas essas partes que te doem. Se te pegasse mais, mais te doeria.

— Por Deus — disse Sancho —, vossa mercê me tirou de uma dúvida tenebrosa e me falou com lindas palavras! Minha nossa! Estava tão oculta a causa de minha dor que foi preciso me dizer que me dói tudo aquilo que o cacete alcançou? Se me doessem os tornozelos, ainda valeria a pena adivinhar por que me doíam, mas adivinhar que me dói onde me bateram não é grande coisa. Por Deus, senhor meu amo, o mal alheio não pesa em nossa balança, e a cada dia vou descobrindo o pouco que posso esperar do convívio que tenho com vossa mercê; porque, se dessa vez me deixou espancar, em outras cem voltaremos aos velhos manteamentos e outras criancices, pois, se agora me custaram as costas, depois me custarão os olhos da cara. Eu faria muito melhor, mas, como sou um bruto e não farei nada bom em toda a minha vida, muito melhor eu faria, repito, se voltasse para casa e para minha mulher e meus filhos, e sustentá-la e criá-los com o que Deus quisesse me dar, e não andar atrás de vossa mercê por caminhos desencaminhados e por trilhas e estradas que não levam a lugar nenhum, bebendo mal e comendo pior ainda. Pois nem falemos de dormir! Medi, irmão escudeiro, sete palmos de terra, e se quiserdes mais, estejais a gosto, medi outros tantos, e estenda-vos como vos der na telha, que

queimado e feito pó eu veja o primeiro que se ocupou da cavalaria andante, ou pelo menos ao primeiro que quis ser escudeiro de tais bobos como deveriam ser todos os passados cavaleiros andantes. Sobre os do presente não digo nada, pois eu os respeito, por ser vossa mercê um deles, e porque sei que vossa mercê sabe um truque ou dois a mais que o diabo no que fala e no que pensa.

— Eu faria uma boa aposta convosco, Sancho: que agora que ides falando sem que ninguém vos atalhe, não vos dói nada em todo o corpo — disse dom Quixote. — Falai, meu filho, tudo aquilo que vos vier à cabeça e à boca, pois, em troca de que não vos doa nada, terei eu por prazer o aborrecimento que me causam vossas impertinências. E, se desejais tanto voltar para vossa casa, com vossa mulher e vossos filhos, não permita Deus que eu vos impeça: tendes meu dinheiro, vede quanto tempo faz que saímos de nosso povoado esta terceira vez, vede o que podeis e deveis ganhar por mês e pagai-vos com vossa própria mão.

— Quando eu trabalhava para Tomé Carrasco, pai do bacharel Sansão Carrasco, que vossa mercê conhece bem — respondeu Sancho —, ganhava dois ducados por mês, além da comida. Com vossa mercê não sei o que posso ganhar, porque sei que o escudeiro de cavaleiro andante tem mais trabalho que aquele que serve a um camponês, pois veja, os que servem aos camponeses, por mais que trabalhem de dia, por pior que passem, à noite jantam um cozido e dormem na cama, onde não tenho dormido desde que comecei a servir vossa mercê. Se não fosse o breve tempo que estivemos na casa de dom Diego de Miranda, o banquete que tive com a canja que peguei nas panelas de Camacho e o que comi e bebi e dormi na casa de Basílio, o resto do tempo dormi na terra dura, ao relento, sujeito ao que chamam inclemências do céu, sustentando-me com pedaços de queijo e pão dormido, bebendo água, ora nos riachos, ora nas fontes que encontramos por esses ermos por onde andamos.

— Confesso que é verdade tudo o que dizeis, Sancho — disse dom Quixote. — Quanto pensais que devo dar a mais do que vos dava Tomé Carrasco?

— Em minha opinião — disse Sancho —, eu me daria por bem pago com dois reais a mais que vossa mercê acrescentasse todo mês. Isto quanto ao salário por meu trabalho; quanto a cumprir com a palavra que vossa mercê empenhou de me dar o governo de uma ilha, seria justo que me acrescentasse outros seis reais, que daria ao todo trinta.

— Muito bem — replicou dom Quixote —, faz vinte e cinco dias que saímos de nosso povoado. Conforme o salário que apontastes, calculai, Sancho, a parte que vos corresponde, e vede o que vos devo, e pagai-vos com vossa própria mão, como já disse.

— Santo Cristo! — disse Sancho. — Vossa mercê está muito errado nessa conta, porque a promessa da ilha deve ser contada desde o dia em que vossa mercê me prometeu até a hora presente em que estamos.

— Então, Sancho, quanto faz que vos prometi a ilha? — disse dom Quixote.

— Se não me lembro mal — respondeu Sancho —, deve fazer uns vinte anos, dois ou três dias a mais ou a menos.

Dom Quixote deu uma grande palmada na testa e desatou a rir com muita vontade.

— Não gastei na Serra Morena, nem em todo o tempo de nossas andanças, mais de dois meses, e dizes que te prometi a ilha há vinte anos, Sancho? Pois digo que queres que se gaste em teu salário todo o meu dinheiro que tens aí contigo; bem, se é assim, se tu gostas disso, agora mesmo te dou, e faça bom proveito, que, em troca de me ver sem tão mau escudeiro, tenho prazer em ficar pobre e sem um tostão. Mas me diz, profanador dos regulamentos escudeiris da cavalaria andante, onde viste ou leste que algum escudeiro de cavaleiro andante tenha discutido com seu senhor "quanto mais haveis de me dar por mês para que vos sirva"? Lança-te, lança-te, velhaco, preguiçoso, monstro (que tudo isso pareces ser), lança-te no mar profundo de tuas histórias e, se achares que algum escudeiro tenha dito ou pensado o que aqui disseste, quero que me jogues a verdade na cara e me dês quatro bofetões nas bochechas, para completar. Vira as rédeas do burro, ou o cabresto, e volta para tua casa, porque daqui por diante não vais dar mais

nenhum só passo comigo. Tu mordes a mão que te alimenta! Oh, promessas mal-empregadas! Oh, homem que tem mais de bicho que de gente! Agora, quando eu pensava melhorar tua posição, tanto que, apesar de tua mulher, te chamassem de “senhoria”, te despedes? Agora te vais, quando eu vinha com a intenção firme e resoluta de te fazer senhor da melhor ilha do mundo? Enfim, como tu disseste outras vezes, o mel não é para a boca do burro. Burro és, burro serás, burro deves morrer, porque me parece que chegarás ao último dia de tua vida antes de te dares conta de que és uma besta.

Sancho olhava dom Quixote fixamente, enquanto dizia tais vitupérios, e se emocionou tanto que lhe vieram lágrimas aos olhos e com voz aflita e doente disse:

— Meu senhor, confesso que para ser burro de todo não me falta mais que o rabo: se vossa mercê quiser me pôr um, vou considerar bem-feito, e o servirei como jumento todos os dias que restam de minha vida. Vossa mercê me perdoe e tenha dó de minha ignorância: repare que sei pouco e que se falo muito é mais por doença que por malícia. Mas quem erra e se emenda a Deus se encomenda.

— Eu teria ficado pasmo, Sancho, se não enfiasses algum ditadozinho em teu discurso. Pois muito bem, eu te perdoo, desde que te emendes e que não te mostres daqui por diante tão amigo de teus interesses, mas que procures abrir o coração e te encorajes e animes a esperar o cumprimento de minhas promessas, que, mesmo que tardem, não são impossíveis.

Sancho respondeu que assim faria, embora tirasse forças da fraqueza.

Então se meteram no mato de álamos, e dom Quixote se acomodou ao pé de um e Sancho ao de uma faia, que estas e outras árvores sempre têm pés, não mãos. Sancho passou a noite penosamente, porque a porretada se fazia sentir mais com o sereno; e dom Quixote passou-a às voltas com suas memórias incessantes. Mas, apesar de tudo, entregaram os olhos ao sono e, ao raiar da manhã, seguiram seu caminho em busca das margens

do famoso Ebro, onde lhes aconteceu o que se contará no próximo capítulo.

xxix

da famosa aventura do barco encantado

Dois dias depois de saírem do mato de álamos, com passos contados e alguns por contar, dom Quixote e Sancho chegaram ao rio Ebro. Ao vê-lo, Dom Quixote teve grande prazer, porque percebeu a amenidade de suas margens, a limpidez de suas águas, a calma de sua corrente e a abundância de seus cristais líquidos, cuja alegre visão reviveu em sua memória mil pensamentos amorosos. Ele se demorou especialmente no que havia visto na caverna de Montesinos, pois, apesar de o macaco de mestre Pedro ter dito que parte daquelas coisas era verdade e parte mentira, ele se atinha mais às verdadeiras que às mentirosas, ao contrário de Sancho, que considerava todas uma única e mesma mentira.

Andando assim ao longo do rio, viu um pequeno barco sem remo nem mastros ou velas, que estava amarrado ao tronco de uma árvore na margem. Dom Quixote olhou em volta, mas não viu pessoa alguma; então, sem mais nem menos, apeou de Rocinante e mandou que Sancho também apeasse do burro e atasse os dois animais num álamo ou salgueiro que havia ali. Sancho perguntou a causa daquela decisão súbita. Dom Quixote respondeu:

— Deves saber, Sancho, que este barco atracado aqui está, claramente e sem que nada possa evitar, me chamando e me convidando a entrar nele para ir em socorro de algum cavaleiro ou de alguma outra pessoa importante que deve estar numa grande aflição. Porque é assim que acontecem as coisas nas histórias de cavalaria e dos magos que se intrometem e intervêm nelas: quando algum cavaleiro está em algum aperto de que não pode se livrar a

não ser pela mão de outro cavaleiro, mesmo que estejam distantes um do outro duas ou três mil léguas, ou mais ainda, levam-no numa nuvem ou fazem com que tope com um barco onde entra, e num piscar de olhos o levam, ou pelos ares ou pelo mar, aonde querem e sua ajuda é necessária. Assim, meu caro Sancho, este barco está atracado aqui para isso mesmo, e isto é tão verdadeiro como agora é dia; e, antes que este termine, amarra juntos o burro e Rocinante, e que a mão de Deus nos guie, pois não deixarei de embarcar nem que frades descalços me peçam.

— Bem, se a coisa é assim — respondeu Sancho — e vossa mercê quer se meter a cada passo nisso que não sei se chamo de disparates, não há o que fazer, além de baixar a cabeça e obedecer, seguindo o ditado: “Amarra o burro conforme a vontade do dono, que ele te agradecerá”. Mas, apesar de tudo, para descargo de minha consciência, quero avisar vossa mercê que me parece que este barco não é dos encantados, mas de alguns pescadores deste rio, porque aqui se pesca a melhor sardinha do mundo.

Sancho dizia isso enquanto amarrava as montarias, deixando-as à proteção e ao amparo dos magos, com o coração partido de dor. Dom Quixote disse a ele que não se preocupasse com os animais, porque aquele que os levaria por caminhos e regiões tão longínquos trataria de cuidar deles.

— Não entendo esse negócio de *logíquos* — disse Sancho —, nem nunca ouvi na vida essa palavra.

— *Longínquo* — respondeu dom Quixote — quer dizer à grande distância. Não é de surpreender que não a entenda, pois não tens obrigação de saber latim, como alguns que fazem de conta que sabem e o ignoram.

— Já amarrei os bichos — replicou Sancho. — O que vamos fazer agora?

— O quê? — respondeu dom Quixote. — Vamos nos benzer e levantar âncora, quero dizer, vamos embarcar e cortar a amarra com que está preso este barco.

Dando um salto para ele, com Sancho atrás, cortou a corda, e o barco foi se afastando pouco a pouco da margem. Quando Sancho se viu a cerca de dois metros dentro do rio, começou a tremer,

temendo sua perdição, mas nenhuma coisa o afligiu mais que ouvir o burro zurrar e ver que Rocinante lutava para se desatar, e disse a seu senhor:

— O burro zurra condoído de nossa ausência e Rocinante procura se libertar para se atirar atrás de nós. Oh, caríssimos amigos, ficai em paz. A loucura que nos afasta de vós, transformada em desengano, nos devolverá a vossa presença!

E então começou a chorar tão amargamente que dom Quixote, amofinado e enraivecido, lhe disse:

— De que tens medo, covarde miserável? Por que choras, coração de manteiga? Quem te segue ou te persegue, alma de ratão caseiro? O que te falta, mendigo nas entranhas da abundância? Por acaso caminhas a pé e descalço pelas montanhas da Cítia? Por acaso não estás sentado numa tábua, como um arquiduque, deslizando pela corrente calma deste rio agradável, de onde em breve sairemos para o mar alto? Mas já devemos ter andado pelo menos seiscentas ou oitocentas léguas. Se eu tivesse aqui um astrolábio com que medir a altura dos astros, eu te diria o que já viajamos, embora ou eu saiba pouco ou já passamos ou passaremos em seguida pela linha do equador, que divide os polos contrários em igual distância.

— E quanto teremos andado — perguntou Sancho — quando passarmos por esse fio de que vossa mercê falou?

— Muito — replicou dom Quixote —, porque de trezentos e sessenta graus que o globo contém de água e de terra, conforme o cômputo de Ptolomeu, que foi o maior cosmógrafo que se conhece, teremos andado a metade, chegando à linha de que falei.

— Por Deus — disse Sancho —, que vossa mercê me apresenta por testemunha uma bela pessoa com um puto, o maior biógrafo de um tolo seu, ou sei lá de quem.

Dom Quixote riu muito da interpretação que Sancho tinha dado ao nome, ao cômputo e ao cosmógrafo Ptolomeu, e lhe disse:

— Olha, Sancho, um dos sinais que os espanhóis e os que embarcam em Cádiz para ir às Índias Orientais observam, para saber se ultrapassaram a linha do equador, é se morreram todos os piolhos dos marinheiros que estão no navio, sem que tenha sobrado

um. Se ultrapassaram, não acharão piolho algum em todo o baixel, mesmo que se pague seu peso em ouro. Então, Sancho, podes passar a mão pela coxa, e, se topares com alguma coisa viva, sairemos dessa dúvida, e, se não, estamos do lado de lá.

— Não acredito em nada disso — respondeu Sancho —, mas, mesmo assim, farei o que vossa mercê me manda, ainda que não veja necessidade da experiência, pois eu vejo com meus próprios olhos que não nos afastamos da margem mais que cinco metros, nem descemos rio abaixo dois metros de onde estão as montarias, porque ali estão Rocinante e o burro no mesmo lugar em que os deixamos. Dê uma olhada e calcule, como eu fiz agora. Juro que não nos movemos nem andamos um passo de formiga.

— Vamos, Sancho, faz a averiguação dos piolhos e não te preocupes com outras, que tu não sabes que coisas são coluros, linhas, paralelos, zodíacos, elípticas, polos, solstícios, equinócios, planetas, signos, pontos, medidas, de que se compõem a esfera celeste e a terrestre. Pois, se soubesses todas essas coisas, ou parte delas, verias claramente quais paralelos cortamos, quais signos vimos e quais constelações deixamos para trás e vamos deixando agora. E te digo de novo que te apalpes e te cates, porque me parece que estás mais limpo que uma folha de papel liso e branco.

Sancho se apalpou e, levando a mão devagar e cuidadosamente na curva atrás do joelho esquerdo, levantou a cabeça, olhou para seu amo e disse:

— Ou a experiência é falsa ou não chegamos aonde vossa mercê disse, nem estamos perto.

— Como? — perguntou dom Quixote. — Topaste com algum?

— E mais alguns! — respondeu Sancho.

E, sacudindo os dedos, lavou toda a mão no rio, por onde o barco deslizava calmo no meio da corrente, sem que o dirigisse alguma inteligência secreta nem algum mago escondido, mas apenas o curso da água, brando e suave então.

Nisso, avistaram uns grandes moinhos localizados no meio do rio, e, mal dom Quixote os viu, disse em voz alta a Sancho:

— Vês? Ali, meu amigo! Ali se avista a cidade, castelo ou fortaleza onde deve estar preso algum cavaleiro, ou alguma rainha ou infanta ou princesa embaraçada, para cujo socorro fui atraído.

— Que diabos de cidade, fortaleza ou castelo vossa mercê viu, senhor? — disse Sancho. — Não está vendo que aqueles são moinhos que estão no rio, onde se mói o trigo?

— Cala-te, Sancho — disse dom Quixote —, porque embora pareçam moinhos não o são. Já te disse que os encantamentos mudam e transformam o ser natural de todas as coisas. Não quero dizer que as transformam em outras coisas realmente, mas a aparência delas, como demonstrou a experiência da transformação de Dulcineia, único refúgio de minhas esperanças.

Então o barco, entrando no meio da corrente do rio, começou a andar não tão lentamente como até ali. Os moleiros, que viram vir aquele barco em direção aos moinhos e que ia entrar pelo canal que movia as rodas, saíram para fora muito apressados, vários deles com varas longas para detê-lo; e, como saíam enfarinhados, com os rostos e as roupas cobertos pelo pó branco, pareciam uma visão tenebrosa. Davam grandes brados, dizendo:

— Demônios desgraçados, aonde ides? Vindes tão desesperados que quereis vos afogar e vos fazer em pedaços nestas rodas?

— Eu não te disse, Sancho — disse dom Quixote nessas alturas —, que havíamos de chegar aonde hei de mostrar até onde vai o valor de meu braço? Olha só que patifes e covardes me saem ao encontro! Olha quantos monstros me atacam! Olha quantas carrancas feias nos fazem caretas… Pois agora vereis, velhacos!

E, de pé no barco, com grandes brados começou a ameaçar os moleiros, dizendo-lhes:

— Canalha malvada e imprudente, deixai em liberdade a pessoa que tendes presa nessa fortaleza ou prisão, plebeia ou nobre, de qualquer tipo ou posição que seja, pois eu sou dom Quixote de la Mancha, conhecido pela alcunha de Cavaleiro dos Leões, a quem está reservado por ordem dos altos céus dar um feliz desfecho a esta aventura.

Dizendo isso, empunhou a espada e começou a esgrimi-la no ar contra os moleiros, que, ouvindo sem entender aquelas asneiras,

começaram a deter o barco com as varas, pois já ia entrando na torrente ou canal que dava nas rodas.

Sancho ficou de joelhos, pedindo devotamente ao céu que o livrasse de perigo tão manifesto, coisa que o céu atendeu pela astúcia e presteza dos moleiros: eles pararam o barco com suas varas, mas não de modo que deixassem de embocá-lo e de atirar dom Quixote e Sancho na água. A coisa teria sido feia, se dom Quixote não soubesse nadar como um ganso, pois o peso da armadura o levou duas vezes ao fundo. Porém, se não fossem os moleiros, que se lançaram na água e tiraram ambos como pesos mortos, ali teria sido Troia para os dois.

Enfim em terra, estavam mais molhados que mortos de sede. Sancho, caído de joelhos, as mãos juntas e os olhos cravados no céu, pediu a Deus com uma longa e devota prece que o livrasse dali por diante dos desejos e empreendimentos atrevidos de seu senhor.

Aí chegaram os pescadores donos do barco, que as rodas dos moinhos tinham feito em pedaços. Vendo-o em lascas, trataram de despir Sancho e pedir a dom Quixote que o pagasse. Ele, com muita calma, como se não tivesse acontecido nada demais, disse aos moleiros e pescadores que ele pagaria o barco com muita boa vontade, com a condição de que lhe entregassem livre e sem resgate a pessoa ou pessoas que mantinham presas naquele castelo.

— De que pessoas e de que castelo falas, homem sem juízo? — respondeu um dos moleiros. — Por acaso queres levar as que vêm moer trigo aqui?

— Basta! — disse dom Quixote a si mesmo. — Será o mesmo que pregar no deserto querer levar esta canalha a praticar a virtude com palavras. Nesta aventura devem ter se enfrentado dois valentes magos, e um atrapalha o que o outro tenta: um me levou ao barco e o outro deu comigo na água. Deus me ajude, que tudo neste mundo são tretas e tramoias, umas contrárias às outras. Eu não aguento mais.

E prosseguiu em voz alta, olhando os moinhos:

— Meus amigos, quem quer que sejais, que nessa prisão ficais trancados, perdoai-me, pois, para minha infelicidade e para a vossa,

não posso tirá-los desta desgraça. Para outro cavaleiro deve estar destinada e reservada esta aventura.

Depois de dizer isso, acertou-se com os pescadores e pagou cinquenta reais pelo barco, que Sancho deu de muita má vontade, dizendo:

— Mais dois passeios de barco como este e todo o nosso cabedal vai ao fundo.

Os pescadores e moleiros estavam pasmos, olhando aquelas duas figuras tão diferentes dos outros homens, e não conseguiam entender as alegações e perguntas de dom Quixote; e, tendo-os por loucos, os deixaram — os moleiros se recolheram a seus moinhos e os pescadores às suas cabanas. Dom Quixote e Sancho voltaram a seus animais, e a ser animais, e este foi o fim da aventura do barco encantado.

XXX

do que aconteceu a dom quixote com uma bela caçadora

Cavaleiro e escudeiro chegaram muito melancólicos e rabugentos a seus animais, especialmente Sancho, a quem partia o coração meter a mão no bolso atrás de dinheiro, pois parecia que tudo o que se tirava dele era como lhe arrancar a menina dos olhos. Finalmente, sem falar uma palavra, montaram a cavalo e se afastaram do famoso rio, dom Quixote mergulhado nos pensamentos de seus amores e Sancho nos da melhora de sua vida, que então ele achava que estava bem longe de acontecer, porque, embora fosse um tolo, percebia muito bem que as ações de seu amo, todas ou a maioria, eram disparates, e procurava uma oportunidade para um dia se separar de seu senhor e ir embora para casa, sem entrar em discussões e despedidas com ele. Mas a sorte ordenou as coisas de modo muito diferente do que ele temia.

Aconteceu que no outro dia, ao pôr do sol, ao sair de uma mata, dom Quixote espichou a vista por um campo verde e viu umas pessoas ao longe. Ao se aproximar, descobriu que eram caçadores de falcoaria. Aproximando-se mais, viu entre eles uma garbosa senhora sobre um palafrém ou hacaneia branquíssima, adornada de guarnições verdes e com um selim de prata. A senhora também vinha vestida de verde, tão elegante e ricamente que ela mesma era a própria elegância em pessoa. Na mão esquerda trazia um açor, detalhe que levou dom Quixote a pensar que se tratava de uma nobre, senhora de todos aqueles caçadores, como era realmente. Então disse a Sancho:

— Corre, Sancho, meu filho, e diz àquela senhora do palafrém e do açor que eu, o Cavaleiro dos Leões, beijo as mãos de sua grande formosura e que, se sua grandeza me der licença, irei beijá-las e servi-la enquanto minhas forças puderem e sua alteza me ordenar. E olha como falas, Sancho, e vê se não encaixa nenhum de teus ditados em meu recado.

— Com bom encaixador haveis topado! — respondeu Sancho. — Ainda essa conversa? Olhai, meu senhor, não é a primeira vez na vida que levei recado a senhoras nobres e distintas!

— Exceto o que levaste à senhora Dulcineia — replicou dom Quixote —, não sei de outro que tenhas levado, pelo menos enquanto estás comigo.

— É verdade — respondeu Sancho —, mas ao bom pagador as penhoras não doem, e a bom entendedor, meia palavra basta: quero dizer que para mim não é preciso dizer nem me recomendar nada, que estou pronto para tudo e de tudo sei um pouco.

— Acredito, Sancho, acredito — disse dom Quixote —, mas vai logo, e que Deus te guie.

Sancho partiu a galope, tirando o burro do passo de sempre, e chegou aonde a bela caçadora estava. Apeando, caiu de joelhos diante dela e disse:

— Formosa senhora, aquele cavaleiro que se vê ali, chamado o Cavaleiro dos Leões, é meu amo, e eu sou seu escudeiro, a quem chamam em sua casa de Sancho Pança. Este tal Cavaleiro dos Leões, que não faz muito tempo se chamava Cavaleiro da Triste Figura, envia por mim a vossa grandeza votos de que lhe dê licença para que ele, sob sua determinação e beneplácito e consentimento, venha a realizar seu desejo, que não é outro, segundo ele disse e eu confirmo, que servir a vossa honrada altanaria e lindeza. Concedendo-lhe vossa senhoria esta licença, ele cometerá façanhas que redundem em seu favor, e disso ele receberá gloriosa mercê e contentamento.

— Com certeza, bom escudeiro — respondeu a senhora —, desincumbistes-vos de vossa embaixada com todas aquelas circunstâncias que essas embaixadas demandam. Levantai-vos, que não é justo que escudeiro de tão grande cavaleiro como é o da

Triste Figura, de quem já tivemos muitas notícias, fique de joelhos. Levantai-vos, amigo, e dizei a vosso senhor que seja muito bem-vindo e que será servido com todo prazer por mim e pelo duque, meu marido, numa casa de campo que temos aqui.

Sancho se levantou, pasmo tanto pela formosura da boa senhora como por sua grande distinção e cortesia, e mais ainda por ela ter dito que tinha notícias de seu senhor, o Cavaleiro da Triste Figura — e se não o chamara de Cavaleiro dos Leões devia ser porque tinha adotado o nome recentemente. A duquesa — cujo título ainda não se sabe — lhe perguntou:

— Dizei-me, irmão escudeiro: este vosso senhor não é um de que anda impressa uma história que se chama *O engenhoso fidalgo dom Quixote de la Mancha*, que tem por senhora de sua alma uma tal Dulcineia del Toboso?

— É ele mesmo, senhora — respondeu Sancho —, e aquele escudeiro dele que anda ou deve andar na dita história, a quem chamam Sancho Pança, sou eu, se é que não me trocaram no berço, quero dizer, se não imprimiram outro.

— Isso tudo me alegra muito — disse a duquesa. — Ide, meu caro Pança, e dizei a vosso senhor que ele é bem-vindo aos meus domínios, que nenhuma coisa poderia me deixar mais contente.

Sancho, depois dessa resposta tão agradável, voltou com muito prazer a seu amo, a quem contou tudo o que a nobre senhora havia dito, elevando aos céus com seus termos rústicos sua grande formosura, elegância e cortesia. Dom Quixote empertigou-se na sela, firmou-se nos estribos, ajeitou a viseira, esporeou Rocinante e com graciosa desenvoltura foi beijar as mãos da duquesa. Enquanto ele vinha, ela mandou chamar o duque, seu marido, e contou toda a sua embaixada; e os dois, por terem lido a primeira parte desta história e compreendido a índole disparatada de dom Quixote, aguardavam-no com muito gosto e desejo de conhecê-lo, dispostos a lhe seguir o humor e concordar em tudo que dissesse, tratando-o como cavaleiro andante por todos os dias que ficasse com eles, com todas as cerimônias habituais vistas nos livros de cavalaria, que haviam lido e a que ainda eram muito aficionados.

Chegou então dom Quixote, a viseira levantada. Como desse sinais de que ia apear, Sancho correu para lhe segurar o estribo, mas foi tão desastrado que, ao descer do burro, enroscou um pé numa corda da albarda de tal modo que não foi possível se desenredar, ficando pendurado por ele, com a cara e o peito no chão. Dom Quixote, que não tinha o costume de apear sem que lhe segurassem o estribo, pensando que Sancho já havia chegado e o segurava, descarregou de repente o corpo e levou junto a sela de Rocinante, que devia estar com a cincha frouxa. Assim, a sela e ele caíram por terra, não sem vergonha e muitas pragas entre dentes contra Sancho, que ainda tinha o pé embaraçado na corda.

O duque mandou seus caçadores ajudarem o cavaleiro e o escudeiro. Eles levantaram dom Quixote, que, maltratado pela queda, rengueando um pouco, foi como pôde se ajoelhar diante dos dois senhores. Mas o duque não consentiu isso de forma alguma; pelo contrário, apeando do cavalo, foi abraçar dom Quixote, dizendo-lhe:

— Com pesar vejo, senhor Cavaleiro da Triste Figura, que a primeira figura que vossa mercê fez em minha terra tenha sido tão triste, mas descuidos de escudeiros costumam ser causa de piores males.

— O que foi a causa de vos conhecer, valoroso senhor — respondeu dom Quixote —, não pode ser um mal, mesmo que minha queda não parasse até os quintos dos infernos, pois dali me levantaria e me arrancaria a glória de vos ter conhecido. Meu escudeiro, que Deus o castigue, melhor desata a língua para dizer malícias que aperta e ata a cincha de uma sela para que fique firme. Mas, esteja eu como estiver, prostrado ou ereto, a pé ou a cavalo, sempre estarei a vosso serviço e ao serviço de minha senhora a duquesa, digna consorte vossa e digna senhora da formosura e universal princesa da cortesia.

— Vamos com calma, senhor dom Quixote de la Mancha! — disse o duque —, pois onde está minha senhora dona Dulcineia del Toboso não há razão para que se louvem outras formosuras.

A essas alturas Sancho Pança já se livrara da corda e, como estava por perto, antes que seu amo respondesse, disse:

— Não se pode negar nem denegar que minha senhora Dulcineia del Toboso é muito formosa, mas a lebre salta onde a gente menos espera, pois eu ouvi dizer que isso que chamam de natureza é como um oleiro que faz canecos de barro: aquele que faz um caneco formoso também pode fazer dois ou três ou cem. Digo isso porque juro que minha senhora, a duquesa, não fica atrás de minha ama, a senhora Dulcineia del Toboso.

Dom Quixote se virou para a duquesa e disse:

— Vossa grandeza imagine que não houve no mundo cavaleiro andante com escudeiro mais linguarudo nem mais gracioso do que eu tenho; e ele demonstrará que digo a verdade se vossa nobre excelsitude desejar servir-se de mim alguns dias.

Ao que a duquesa respondeu:

— Que Sancho, o bom, seja gracioso me agrada muito, porque é sinal de que é atilado, pois as pilhérias e os gracejos, meu caro dom Quixote, como vossa mercê bem sabe, não assentam em espíritos obtusos. Como o bom Sancho é cheio de pilhérias e gracejos, desde já o tomo por atilado.

— E falador — acrescentou dom Quixote.

— Tanto melhor — disse o duque —, porque muitos gracejos não podem ser ditos com poucas palavras. Mas, para que não se vá nosso tempo nelas, venha o grande Cavaleiro da Triste Figura…

— “Dos Leões” vossa alteza deve dizer — disse Sancho —, pois já não há mais triste figura nem figurão.

— Que seja dos Leões — prosseguiu o duque. — Repito, então, que venha o senhor Cavaleiro dos Leões a um castelo que tenho perto daqui, onde terá a recepção devida a tão nobre pessoa, coisa que eu e a duquesa costumamos fazer a todos os cavaleiros andantes que a ele chegam.

Nesse meio-tempo, Sancho já havia ajeitado a sela e apertado bem a cincha; montando dom Quixote em Rocinante e o duque num belo cavalo, puseram a duquesa entre eles e se encaminharam para o castelo. A duquesa mandou que Sancho ficasse perto dela, porque gostava imensamente de ouvir seus ditos espirituosos. Sancho não se fez de rogado, meteu-se entre os três e entrou na conversa, o quarto mas não o último, para grande prazer da

duquesa e do duque, que consideraram uma enorme sorte acolher em seu castelo tal cavaleiro andante e tal escudeiro andado.

XXXI

que trata de muitas e grandes coisas

Era extrema a alegria que Sancho sentia ao se ver, em sua opinião, tão íntimo da duquesa, porque imaginava que havia de encontrar em seu castelo o que encontrara na casa de dom Diego e na de Basílio. Sempre um aficionado pela boa vida, agarrava a oportunidade pelos cabelos toda vez que ela se oferecia.

A história conta, portanto, que, antes de chegarem à casa de campo ou castelo, o duque se adiantou e deu ordens a seus criados sobre como deviam tratar dom Quixote. Quando o cavaleiro chegou com a duquesa às portas do castelo, no mesmo instante surgiram dois lacaios ou cavalariços vestidos até os pés com umas roupas que chamam de roupão, de finíssimo cetim púrpura, e, tomando dom Quixote nos braços antes que ele se desse conta, lhe disseram:

— Vá vossa grandeza apear minha senhora, a duquesa.

Dom Quixote o fez, e houve então grande troca de cortesias entre os dois, mas na verdade a duquesa venceu a teima e não quis desmontar do palafrém a não ser nos braços do duque, dizendo que não se considerava digna de dar tão inútil trabalho a tão grande cavaleiro. Por fim o duque veio apeá-la. Ao entrarem num grande pátio, chegaram duas formosas donzelas e lançaram sobre os ombros de dom Quixote um manto de escarlate finíssimo, e num instante todas as varandas do pátio se encheram de criados e criadas daqueles senhores, dizendo em grandes brados:

— Seja bem-vindo a flor e a nata dos cavaleiros andantes!

E todos ou a maioria derramaram frascos de água perfumada sobre dom Quixote e sobre os duques, do que dom Quixote muito se admirava. E aquele foi o primeiro dia em que realmente esteve convencido de que era um cavaleiro andante de verdade, não a fantasia de um, ao se ver tratar do mesmo modo que tratavam os ditos cavaleiros nos séculos passados, como havia lido.

Sancho, abandonando o burro, se colou na duquesa e entrou no castelo; mas, remoendo a consciência por ter deixado o bicho sozinho, se aproximou de uma ama venerável, que tinha vindo receber a duquesa com outras criadas, e lhe disse em voz baixa:

— Senhora González, ou seja lá como for a graça de vossa mercê…

— Eu me chamo dona Rodríguez de Grijalba — respondeu a ama. — Que é que mandais, irmão?

Ao que Sancho respondeu:

— Queria que a senhora me fizesse a mercê de ir até a entrada do castelo, onde encontrará meu burro, um ruço: pode vossa mercê levá-lo ou mandar levá-lo à cavalariça, porque o pobrezinho é um tanto medroso e não gostará de jeito nenhum de ficar sozinho?

— Se o amo for tão ladino como o criado — respondeu a ama —, estamos bem arrumadas! Andai, meu irmão, que um raio vos parta ou a pessoa que vos trouxe, e tomai conta de vosso jumento, que as amas desta casa não estamos acostumadas a semelhantes serviços.

— Ora, ora — respondeu Sancho —, bem que ouvi meu senhor, que é o rei das histórias, contando aquela de Lancelot,

quando veio da Bretanha,
damas tratavam dele,
e amas de seu pangaré,

mas, cá para nós, em se tratando de meu burro, de jeito nenhum eu o trocaria pelo pangaré do senhor Lancelot.

— Meu irmão, se sois bufão — replicou a ama —, guardai vossas graças para quem gosta delas e vos pague, que de mim só podereis

receber uma figa.
— Figa ou figo — respondeu Sancho —, estará caindo de madura, mesmo que seja mais nova que vossa mercê.
— Filho da puta — disse a ama, pegando fogo de raiva —, se eu sou velha ou não, a Deus prestarei contas, não a vós, velhaco empanturrado de alho.
E disse isso em voz tão alta que a duquesa ouviu e, virando-se e vendo a ama tão agitada e com os olhos inflamados, perguntou com quem brigava.
— Com este bom homem aqui — respondeu a ama —, que me pediu encarecidamente que vá levar à cavalariça um burro dele que está na entrada do castelo, dizendo-me que assim fizeram umas damas que cuidaram de um tal de Lancelot e umas criadas do pangaré dele. Além do mais, para coroar a coisa, chamou-me de velha.
— Isso sim eu tomaria por ofensa — respondeu a duquesa —, mais que qualquer outra.
E, para Sancho, disse:
— Reparai, meu amigo Sancho, que dona Rodríguez é muito moça e usa aquelas toucas mais por costume e devido a sua autoridade que por velhice.
— Que a minha seja desgraçada — respondeu Sancho — se quis ofender: só falei porque é tão grande o carinho que tenho por meu jumento que me pareceu que não poderia encomendá-lo a pessoa mais caritativa que à senhora dona Rodríguez.
Dom Quixote, que ouvia tudo, disse a ele:
— Que conversas são estas, Sancho, neste lugar?
— Senhor — respondeu Sancho —, cada um deve falar de suas coisas onde quer que esteja: aqui me lembrei de meu burro e aqui falei dele; se me lembrasse na cavalariça, lá falaria.
Então o duque interveio:
— Sancho tem toda a razão, não há motivo para culpá-lo. A ração do burro será o que ele pediu a Deus: não se preocupe, Sancho, que vão tratá-lo como a sua própria pessoa.
Depois dessa conversa, agradável para todos menos para dom Quixote, chegaram ao alto da escada e levaram o cavaleiro a uma

sala adornada com brocados e sedas bordadas com ouro. Seis aias tiraram a armadura dele e serviram de pajens, todas instruídas e avisadas pelo duque e pela duquesa sobre o que haviam de fazer e de como deviam tratar dom Quixote para que visse e pensasse que o tratavam como cavaleiro andante. Dom Quixote, sem a armadura, ficou em seus calções apertados e em seu gibão de camurça, seco, alto, teso, as bochechas tão chupadas que se beijavam por dentro: figura que teria feito as aias arrebentar de riso, se não tratassem de dissimular, o que foi justamente uma das ordens que seus senhores haviam dado.

Pediram-lhe que se deixasse despir para lhe vestirem uma camisa, mas ele não consentiu de jeito nenhum, dizendo que o recato parecia tão bom nos cavaleiros como a valentia. Disse porém que dessem a camisa a Sancho e, trancando-se com ele num quarto onde havia um lindo leito, se despiu e vestiu a camisa. A sós com Sancho, disse:

— Diz-me, bufão de hoje e bobo de ontem: parece-te bem insultar uma ama tão venerável e tão digna de respeito como dona Rodríguez? Que hora era aquela para te lembrares do burro? Que duque e duquesa são esses para deixar maltratar os animais, quando tratam tão elegantemente a seus donos? Pelo amor de Deus, Sancho, comporta-te, e não te mostres muito, para que não se deem conta de que és feito de estopa camponesa. Olha, pecador miserável, tanto mais é considerado o senhor quanto mais honrados e bem-nascidos são seus criados, e que uma das maiores vantagens que os príncipes levam sobre os demais homens é que se servem de criados tão nobres quanto eles.[1] Pobre de mim, não percebes, desgraçado, que se veem que tu és um camponês grosseiro ou um mentecapto gracejador, pensarão que eu sou algum charlatão ou embusteiro? Não, não, meu amigo Sancho: foge, foge desses inconvenientes, pois quem anda tagarela e gracioso no primeiro tropeço cai feito bufão sem graça. Trava a língua, mede e rumina as palavras antes que te saiam da boca, e repara que, com a ajuda de Deus e o valor de meu braço, chegamos aonde haveremos de sair enriquecidos como nunca em fama e bens.

Sancho prometeu com toda sinceridade fechar a boca ou morder a língua antes de falar uma palavra que não fosse muito apropriada e bem pesada, como ele ordenava, e que não se preocupasse mais com isso, que por ele nunca descobririam quem eles eram.

Dom Quixote se vestiu, pôs seu talim com a espada, jogou nas costas o manto de escarlate e meteu um gorro de cetim verde que as aias lhe deram. Com esses adornos, foi para a sala grande, onde encontrou as aias em duas filas, o mesmo número de um lado como do outro, todas com os acessórios para que ele lavasse as mãos, o que foi feito com muitas reverências cerimoniosas.

Depois chegaram doze pajens, com o mordomo, para levá-lo para jantar, pois os anfitriões já o aguardavam. Os pajens o rodearam e, com pompa e majestade, o levaram à outra sala, onde estava posta uma linda mesa para apenas quatro pessoas. A duquesa e o duque foram até a porta da sala recebê-lo, acompanhados por um eclesiástico muito circunspecto, desses que governam as casas dos nobres — desses que, como não nasceram nobres, não conseguem ensinar como devem ser os que o são; desses que querem que a grandeza dos grandes seja medida pela estreiteza de suas almas; desses que, querendo mostrar aos que eles governam como ser comedidos, fazem-nos miseráveis. Desses, enfim, digo que devia ser o circunspecto religioso que foi com os duques receber dom Quixote. Fizeram mil cumprimentos corteses e, então, ladeando dom Quixote, foram se sentar à mesa.

O duque convidou dom Quixote a ocupar a cabeceira da mesa; ele recusou, mas a insistência do duque foi tanta que teve de ceder. O religioso se sentou a sua frente, e o duque e a duquesa, aos lados.

Sancho assistia a tudo, pasmo de admiração com a honra que aqueles nobres faziam a seu senhor; depois de ver todas aquelas formalidades e súplicas entre o duque e dom Quixote, para fazê-lo sentar à cabeceira da mesa, disse:

— Se vossas mercês me dão licença, contarei uma história que aconteceu em meu povoado sobre esse negócio de se sentar.

Mal Sancho disse isso, dom Quixote tremeu, acreditando sem dúvida alguma que havia de dizer alguma asneira. Sancho olhou-o e, entendendo tudo, disse:

— Não se preocupe, meu senhor, que não vou perder as estribeiras nem dizer coisas que não caiam bem, pois não me esqueci dos conselhos que vossa mercê me deu sobre falar muito ou pouco, bem ou mal.

— Eu não me lembro de nada, Sancho — respondeu dom Quixote. — Diz o que quiseres, mas diz logo.

— Bem, o que eu gostaria de dizer — disse Sancho — é tão verdadeiro que meu senhor dom Quixote, que está presente, não me deixará mentir.

— Por mim, Sancho — replicou dom Quixote —, podes mentir à vontade, que eu não vou te pegar pela palavra, mas vê o que vai dizer.

— Tenho tão visto e revisto que já estou vesgo.

— Seria melhor — disse dom Quixote — que vossas grandezas mandassem tirar daqui este tolo, que dirá mil despropósitos.

— Pela vida do duque — disse a duquesa —, não vão afastar Sancho de mim nem um instante: gosto muito dele, porque sei que é homem brilhante.

— Brilhantes dias viva Vossa Santidade pelo bom conceito que tem de mim — disse Sancho —, embora eu não o mereça. E a história que gostaria de contar é esta: um fidalgo de meu povoado, muito rico e importante, porque vinha dos Álamos de Medina del Campo, que casou com dona Mencía de Quiñones, que era filha de dom Alonso de Marañon, Cavaleiro da Ordem de Santiago, que se afogou no desastre da Herradura,[2] por causa de quem houve aquela pendência há anos em nossa aldeia, em que, pelo que sei, o senhor dom Quixote estava envolvido, de onde saiu ferido Tomasillo, o Travesso, filho de Balbastro, o Ferreiro… Não é verdade isso tudo, senhor nosso amo? Diga-o por sua vida, para que estes senhores não me tenham por um tagarela mentiroso.

— Até agora — disse o religioso — eu o tenho mais por tagarela que por mentiroso, mas daqui por diante não sei pelo que o terei.

— Tu dás tantos testemunhos, Sancho, e tantos detalhes, que não posso deixar de dizer que deves dizer a verdade. Vai em frente e encurta a história, porque levas jeito de não acabar em dois dias.

— Não, não deve encurtá-la — disse a duquesa —, se quer me agradar. Pelo contrário, deve contar da maneira que sabe, mesmo que não acabe em seis dias, pois, se forem tantos, serão para mim os melhores que passei em minha vida.

— Como ia dizendo, meus senhores — prosseguiu Sancho —, esse tal fidalgo, que eu conheço como as palmas de minhas mãos, porque minha casa fica a menos de um tiro de balestra da dele, convidou um camponês pobre mas honrado…

— Adiante, irmão — disse o religioso nessas alturas —, pois levais jeito de que não vais acabar até o fim do mundo.

— Acabarei bem antes disso, se Deus quiser — respondeu Sancho. — Bem, digo que quando o camponês chegou à casa do dito fidalgo convidador, que bom pouso tenha sua alma, pois já está morto, e pelo que dizem morreu como um anjo, pois eu não estava presente, porque havia ido naquele tempo para a ceifa em Tembleque…

— Por nossas vidas, meu filho, voltai logo de Tembleque, e acabai vossa história sem enterrar o fidalgo, se não quiserdes celebrar novos funerais aqui mesmo.

— Bem — replicou Sancho —, o caso foi que, estando os dois para se sentar à mesa… ah, até parece que os vejo agora, melhor que nunca…

Os duques se divertiam muito com o desgosto que causavam no bom religioso as pausas e digressões com que Sancho contava sua história, e dom Quixote se consumia em cólera e raiva.

— Mas, como ia dizendo — disse Sancho —, estando os dois para se sentar à mesa, o camponês teimava com o fidalgo para que sentasse à cabeceira, e o fidalgo teimava também para que o camponês sentasse à cabeceira, porque em sua casa devia se fazer as coisas como ele mandava. Mas o camponês, que se achava cortês e bem-educado, jamais quis, até que o fidalgo, melindrado, botou ambas as mãos sobre os ombros dele e o fez sentar a força, dizendo: “Sentai-vos, sua besta, que onde quer que eu me sente será vossa cabeceira”. Esta é a história, e, pensando bem, não acho que a contei fora de propósito.

Dom Quixote ficou de mil cores, que se mostravam matizando o moreno da pele. Os duques dissimularam o riso, para que dom Quixote não acabasse de se envergonhar de vez, tendo entendido a malícia de Sancho; e, para mudar de conversa e fazer com que Sancho não prosseguisse com outros disparates, a duquesa perguntou a dom Quixote que notícias tinha da senhora Dulcineia e se havia lhe enviado por aqueles dias alguns presentes de gigantes ou vilões, pois não podia ter deixado de vencer muitos. Ao que o cavaleiro respondeu:

— Cara senhora, minhas desgraças, embora tenham tido princípio, nunca terão fim. Venci gigantes e enviei velhacos e vilões a ela, mas onde haveriam de encontrá-la, se está encantada e transformada na mais feia camponesa que se possa imaginar?

— Não sei — disse Sancho —, a mim parece a mais formosa criatura do mundo. Bem sei que, pelo menos na rapidez e no saltar, nem um saltimbanco leva vantagem sobre ela. Juro, senhora duquesa, ela salta do chão para cima da burrinha como se fosse um gato.

— Então a viste encantada, Sancho? — perguntou o duque.

— E como a vi! — respondeu Sancho. — Com os diabos, não fui eu quem primeiro se deu conta do encantatório? Está tão encantada como meu pai!

O religioso, que ouviu falar de gigantes, vilões e encantamentos, por fim compreendeu que aquele devia ser dom Quixote de la Mancha, cuja história o duque tinha o costume de ler, e ele o tinha repreendido muitas vezes, dizendo que era absurdo ler tais absurdos; e, percebendo ser verdade o que suspeitava, muito encolerizado, falando com o duque, disse:

— Meu senhor, vossa excelência tem de prestar contas a Nosso Senhor do que este bom homem faz. Este dom Quixote, ou dom Parvo, ou sei lá como se chama, não deve ser tão mentecapto como vossa excelência quer que seja, dando-lhe oportunidade de levar adiante suas loucuras e imbecilidades.

E, virando-se para dom Quixote, disse:

— E a vós, alma de querubim, quem vos encasquetou no cérebro que sois cavaleiro andante e que venceis gigantes e prendeis

vilões? Para vosso bem, ide embora, antes que vos diga: “Regressai para vossa casa e criai vossos filhos, se os tendes, e cuidai de vossas posses, e deixai de andar vagando pelo mundo, comendo mosca e sendo motivo de riso a quantos vos conhecem e não conhecem”. Santo Deus, em que má hora pensastes que houve ou há cavaleiros andantes? Onde há gigantes na Espanha, ou vilões na Mancha, ou Dulcineias encantadas, ou esse monte todo de tolices que se comenta sobre vós?

Dom Quixote esteve atento a todas as palavras daquele venerável senhor e, vendo que já se calava, sem manter o devido respeito pelos duques, com expressão irritada e o rosto alterado, ficou de pé e disse…

Mas esta resposta merece um capítulo novo.

xxxii

da resposta que dom quixote deu a seu crítico, com outros acontecimentos sérios e divertidos

De pé, tremendo de cima a baixo como vara verde, com língua precipitada e confusa, dom Quixote disse:

— O lugar onde estou, a presença ante quem me encontro e o respeito que sempre tive e tenho pela fé que vossa mercê professa detêm e atam as mãos de minha ira mais que justa. Então, tanto por isso como por saber que todos sabem que as armas dos letrados são as mesmas que as da mulher, que são a língua, entrarei com a minha em igual batalha com vossa mercê, de quem devia se esperar antes bons conselhos que vitupérios infames.

“As repreensões piedosas e bem-intencionadas requerem outras circunstâncias e pedem outros argumentos: pelo menos, o fato de ter me repreendido em público e tão asperamente ultrapassou todos os limites da boa repreensão, pois elas antes assentam melhor sobre a brandura que sobre a aspereza, e não fica bem, sem ter conhecimento do pecado que se censura, chamar o pecador sem mais nem menos de mentecapto e parvo. Se não, diga-me vossa mercê por qual das tolices que viu em mim me condena, insulta e me manda para casa cuidar de minhas coisas, de minha mulher e de meus filhos, sem saber se a tenho ou os tenho. Então não há mais o que fazer que entrar atabalhoadamente pelas casas alheias para governar seus donos? Não há mais que, tendo alguns dos que fazem isso se criado na mesquinharia de algum seminário, sem ter visto mais do mundo que o que pode haver em vinte ou trinta léguas

do município, se meter de roldão a impor leis à cavalaria e a julgar os cavaleiros andantes?

“Por acaso é coisa inútil ou é tempo mal-empregado o que se gasta em vagar pelo mundo, não buscando os prazeres dele, mas as asperezas por onde os virtuosos sobem ao repouso da imortalidade? Se me tivessem por tolo os cavaleiros, os magníficos, os generosos, os nobres de nascimento, eu consideraria uma afronta irreparável; mas que me tenham por doido os letrados, que nunca entraram nem pisaram as trilhas da cavalaria, não me importa um ovo podre: sou cavaleiro e cavaleiro hei de morrer, se o Altíssimo assim quiser.

“Uns vão pelo longo campo da ambição soberba, outros pelo da adulação servil e baixa, outros pelo da hipocrisia enganosa e alguns pelo da verdadeira religião. Mas eu, guiado por minha estrela, vou pela trilha estreita da cavalaria andante, por cujo exercício desprezo as posses, mas não a honra. Reparei afrontas, desfiz injustiças, castiguei insolências, venci gigantes e derrubei monstros; sou apaixonado, apenas porque é forçoso que os cavaleiros andantes o sejam, e, sendo-o, não sou dos apaixonados viciosos, mas dos puros e platônicos. Sempre dirijo minhas intenções a bons fins, que são fazer o bem a todos e mal a ninguém: se quem entende isso, se quem isso faz, se quem disso trata merece ser chamado de tolo, digam-no vossas grandezas, meus excelentes duques e duquesa.”

— Chega, por Deus! — disse Sancho. — Não diga mais nada em sua defesa, porque não há mais o que dizer, nem mais o que pensar, nem mais o que perseverar no mundo. E, como este senhor nega, como negou, que tenham existido ou existam cavaleiros andantes, não admira que não saiba nada das coisas que falou.

— Por acaso — disse o eclesiástico —, sois vós, irmão, aquele Sancho Pança a quem, dizem, vosso amo prometeu uma ilha?

— Sou eu mesmo — respondeu Sancho —, aquele que a merece tanto quanto qualquer outro. Sou dos que se juntam aos bons para ser um deles; sou dos que acham que não importa a casta, mas com quem se pasta; sou dos que se escoram em boas árvores em busca de boa sombra. Eu me escorei em meu bom senhor e há muitos meses ando em sua companhia; se Deus quiser, serei como

ele. E viva ele e viva eu, pois nem a ele faltarão impérios em que mandar, nem a mim ilhas para governar.

— Não, com certeza, meu amigo Sancho — disse o duque nessas alturas —, pois eu, em nome do senhor dom Quixote, vos entrego o governo de uma ilha que está vaga agora, e não é de pouca importância.

— Ajoelha-te, Sancho — disse dom Quixote —, e beija os pés de Sua Excelência pela mercê que te fez.

Assim fez Sancho. O religioso, vendo isso, se levantou da mesa amolado demais, dizendo:

— Pela batina que uso, estou para dizer que vossa excelência é tão insano como estes pecadores. Vede se não hão de ser loucos, se os saudáveis aprovam suas loucuras! Ficai vossa excelência com eles, pois, enquanto estiverem em vossa casa, eu estarei na minha, e estarei livre de censurar o que não posso remediar.

E, sem comer nem dizer mais nada, foi embora, sem que pudessem detê-lo as súplicas dos duques, embora o duque não tenha dito grande coisa, impedido pelo riso que a cólera impertinente dele havia lhe causado; então, quando acabou de rir, disse a dom Quixote:

— Vossa mercê, senhor Cavaleiro dos Leões, respondeu por si mesmo tão nobremente que não resta nada por sanar deste que, embora pareça um insulto, não o é de maneira nenhuma, porque assim como as mulheres não insultam, não insultam os religiosos, como vossa mercê sabe melhor que eu.

— É verdade — respondeu dom Quixote —, porque quem não pode ser ofendido não pode ofender ninguém. Como as mulheres, as crianças e os eclesiásticos não podem se defender mesmo que sejam ofendidos, não podem ser humilhados. Pois entre a ofensa e a humilhação há esta diferença, como vossa excelência bem sabe: a humilhação vem da parte de quem a pode fazer e a faz e a sustenta; a ofensa pode vir de qualquer parte, sem que humilhe. Por exemplo, o sujeito está despreocupado na rua; chegam dez homens e o desancam a pau; ele empunha a espada e cumpre com seu dever, mas a multidão dos adversários resiste e não o deixa realizar

sua intenção, que é se vingar; esse sujeito foi ofendido, mas não humilhado.

“Outro exemplo confirmará a mesma coisa: o sujeito está de costas; chega outro e o ataca a pauladas, depois foge e não espera, e o atacado o segue mas não o alcança; esse que recebeu as pauladas foi ofendido, mas não humilhado, porque a humilhação deve ser sustentada. Se o que deu as pauladas, mesmo que as tenha dado às escondidas, empunhasse a espada e esperasse quieto, encarando seu inimigo, o espancado ficaria ofendido e humilhado ao mesmo tempo: ofendido, porque lhe bateram à traição; humilhado porque o que bateu sustentou o que havia feito, sem dar as costas e fugir com pés de lã. Então, conforme as leis do excomungado duelo,[1] eu posso ser ofendido, mas não humilhado, porque as crianças e as mulheres não sentem essas questões de honra, nem podem fugir, nem têm por que esperar, e a mesma coisa acontece com os engajados na religião sagrada, porque esses três gêneros de gente carecem de armas ofensivas e defensivas; assim, embora naturalmente tenham obrigação de se defender, não a têm de atacar ninguém. E embora há pouco eu tenha dito que podia estar humilhado, agora digo que não, de jeito nenhum, porque quem não pode ser humilhado menos ainda pode humilhar. Por isso não devo sentir nem sinto as acusações que aquele bom homem me fez: gostaria apenas que esperasse um pouco, para levá-lo a entender o erro em que está em pensar e dizer que não houve, nem há, cavaleiros andantes no mundo. Pois se Amadis o ouvisse, ou um dos enumeráveis cavaleiros de sua linhagem, eu sei que sua mercê não se sairia bem.”

— Isso eu juro de pés juntos: teriam lhe dado uma espadada que o abriria de cima a baixo como uma romã ou um melão bem maduro — disse Sancho. — Ora se iam aguentar essas amolações! Minha nossa, tenho certeza de que, se Reinaldos de Montalbán tivesse ouvido essas palavras do homenzinho, teria lhe dado tal bofetão que ele não falaria mais por três anos. Ora, ora, que se metesse com eles para ver se escapava de suas mãos!

A duquesa morria de rir ouvindo Sancho falar e em sua opinião ele era mais engraçado e mais louco que seu amo, e foram muitos

naquele tempo os que concordavam com ela. Finalmente, dom Quixote se acalmou, e a refeição acabou. E, tirada a mesa, chegaram quatro aias, uma com uma bacia de prata e a outra com uma jarra também de prata, a terceira com duas toalhas lindas e branquíssimas no ombro, e a quarta, com os braços nus até a metade, trazia nas mãos muito brancas — pois sem dúvida eram brancas — um sabonete napolitano.[2] A primeira aia se aproximou e, com graça e desenvoltura, encaixou a bacia embaixo das barbas de dom Quixote, que, sem dizer uma palavra, admirado com semelhante cerimônia, acreditando que devia ser costume daquela terra lavar as barbas em vez das mãos, esticou as suas o quanto pôde. No mesmo instante começou a chover da jarra, e a aia do sabonete manuseou as barbas dele com muita pressa, formando flocos de neve — pois as espumas não eram menos brancas — não só pelas barbas, mas por todo o rosto e pelos olhos do obediente cavaleiro, que foi obrigado a fechá-los. O duque e a duquesa, que não tinham conhecimento de nada, estavam esperando para ver onde ia parar tão extraordinária lavação. A aia barbeira, quando teve o cavaleiro com um palmo de espuma na cara, fingiu que havia acabado a água e mandou a da jarra buscar mais, que o senhor dom Quixote esperaria. Assim foi feito, e ali ficou dom Quixote com a mais estranha das aparências e a mais risível que se podia imaginar.

Todos os presentes, que eram muitos, olhavam-no — e como o viam com um palmo e pouco de pescoço, mais que medianamente moreno, os olhos fechados e as barbas cheias de espuma, foi um verdadeiro milagre e um tremendo esforço de discrição dissimular o riso. As aias da brincadeira mantinham os olhos baixos, sem ousar olhar seus amos, que, com a cólera e o riso entreverados dentro deles, não sabiam o que fazer, se castigar o atrevimento das moças ou lhes premiar pelo prazer que lhes proporcionava ver dom Quixote daquele jeito. Por fim, a donzela da jarra voltou, e acabaram de lavar dom Quixote. Então, logo que a aia que trazia as toalhas o enxugou muito calmamente, todas quatro, lado a lado, fizeram uma grande, profunda e reverente inclinação. Elas queriam ir embora,

mas o duque, para que dom Quixote não se desse conta da zombaria, chamou a aia da bacia, dizendo-lhe:

— Vinde me lavar também e cuidai para que não vos acabe a água.

Ladina e diligente, a moça se aproximou e botou a bacia diante do duque como tinha feito com dom Quixote. Apressando-se, ensaboaram-no e o lavaram muito bem, deixando-o limpo e enxuto, e foram embora fazendo reverências. Depois se soube que o duque havia jurado que, se elas não o lavassem como a dom Quixote, ele ia castigar seu descaramento, que emendaram manhosamente ao ensaboá-lo.

Sancho prestava atenção às cerimônias de lavação e murmurou para si mesmo:

— Que Deus me ajude! Será que também é costume nesta terra lavar as barbas dos escudeiros? Do fundo do coração tenho de admitir que estou bem necessitado. Na verdade, se me raspassem as barbas a navalha, eu acharia melhor.

— Que dizes, Sancho? — perguntou a duquesa.

— Minha senhora — respondeu ele —, sempre ouvi dizer que nas cortes de outros nobres, depois que se tira a mesa, se lavam as mãos, nunca que ensaboam as barbas. Por isso é bom viver muito, para ver muito; embora também digam que "quem vive vida longa muitos males vai passar",[3] mesmo que passar por um lavatório desses seja antes um prazer que uma miséria.

— Não vos aflijais, meu amigo Sancho — disse a duquesa —, que eu mandarei minhas aias vos lavar, e até vos botarem de molho em água sanitária, se for o caso.

— Com as barbas me contento — respondeu Sancho —, por ora pelo menos, pois o futuro a Deus pertence.

— Vede, mordomo — disse a duquesa —, o que o bom Sancho pediu, e cumpri sua vontade ao pé da letra.

O mordomo respondeu que o senhor Sancho seria atendido em tudo e foi comer, levando Sancho consigo. Ficaram à mesa os duques e dom Quixote, falando das mais diversas coisas, mas todas relacionadas ao exercício das armas e da cavalaria andante.

A duquesa suplicou a dom Quixote, pois parecia que tinha excelente memória, que delineasse e descrevesse a formosura e as feições da senhora Dulcineia del Toboso, porque, conforme o que a fama apregoava de sua beleza, tinha entendido que devia ser a mais bela criatura do orbe, e de toda a Mancha ainda por cima. Dom Quixote suspirou, ao ouvir o que a duquesa lhe ordenava, e disse:

— Se eu pudesse arrancar meu coração e pô-lo diante dos olhos de vossa grandeza, aqui sobre esta mesa e num prato, pouparia o trabalho a minha língua de dizer o que apenas se pode pensar, para que vossa excelência visse Dulcineia retratada por inteiro nele. Mas por que vou me pôr agora a delinear e descrever tintim por tintim e parte por parte a formosura da inigualável Dulcineia, sendo carga digna de outros ombros que não os meus, empresa em que deviam se ocupar os pincéis de Parnaso, de Timantes e de Apeles, e os buris de Lisipo,[4] para pintá-la e gravá-la em tábuas, em mármore e em bronzes, e a retórica ciceroniana e demostênica para louvá-la?

— Que quer dizer "demostênica", senhor dom Quixote? — perguntou a duquesa. — Pois nunca ouvi essa palavra em toda a minha vida.

— Retórica demostênica — respondeu dom Quixote — é o mesmo que dizer retórica de Demóstenes, como ciceroniana, de Cícero, que foram os dois maiores retóricos do mundo.

— Sim, é isso — disse o duque —, e andastes meio desatinada com tal pergunta. Mas, enfim, senhor dom Quixote, o senhor nos daria grande prazer se nos pintasse sua dama, pois com certeza, mesmo que nos deis apenas um esboço, há de sair tal que faria inveja às mais formosas.

— Sim, faria, com certeza — respondeu dom Quixote —, se ela não tivesse sido apagada de minha mente pela desgraça que há pouco lhe aconteceu, que foi tamanha que estou mais para chorá-la que para descrevê-la. Porque vossas grandezas devem saber que indo, dias atrás, beijar as mãos dela e receber sua bênção, beneplácito e licença para esta terceira saída, encontrei outra muito diferente da que buscava: encontrei-a encantada e convertida de princesa em camponesa, de formosa em feia, de anjo em demônio, de perfumada em fedorenta, de bem-educada em ignorante, de

plácida em moleque pulador, de luz em trevas. Em suma, de Dulcineia del Toboso num bicho do mato.

— Valha-me Deus! — disse nesse instante o duque com um grande brado. — Quem poderá ter feito tanto mal ao mundo? Quem o privou da beleza que o alegrava, da graça que o entretinha e do recato que o honrava?

— Quem? — respondeu dom Quixote. — Quem pode ser senão algum mago perverso dos muitos invejosos que me perseguem? Essa raça maldita, nascida no mundo para obscurecer e aniquilar as façanhas dos bons e para iluminar e exaltar os feitos dos maus. Magos me perseguiram, magos me perseguem e magos me perseguirão até dar comigo e com minha nobre cavalaria no profundo abismo do esquecimento, e me atacam e me ferem naquela parte que veem que mais sinto; porque tirar a dama de um cavaleiro andante é tirar os olhos com que ele olha, o sol com que se ilumina e o alimento com que se mantém. Disse muitas outras vezes e volto a repetir agora: o cavaleiro andante sem dama é como a árvore sem folhas, a casa sem alicerce e a sombra sem o corpo que a produz.

— Não há mais o que dizer — disse a duquesa. — Mas, mesmo assim, se formos dar crédito à história de dom Quixote que apareceu há poucos dias, com aplauso geral de todos, dela se conclui, se bem me lembro, que vossa mercê nunca viu a senhora Dulcineia, e que essa senhora não existe no mundo, que é apenas uma criatura da fantasia, que vossa mercê concebeu e pariu em sua imaginação, e a pintou com todas as graças e perfeições que quis.

— Sobre isso há muito que dizer — respondeu dom Quixote. — Deus sabe se há ou não Dulcineia no mundo, ou se é ou não é uma criatura da fantasia, sem falar que essas coisas não são das que se averiguam até o fim. Não, eu não concebi nem pari minha senhora, porque a vejo como convém que seja uma dama que contém em si todas as qualidades que possam fazê-la formosa em qualquer parte do mundo, que são: bela sem mácula, grave sem ser soberba, amorosa com recato, agradecida por cortesia, cortês por bem-educada e, por fim, nobre por linhagem, porque sobre o sangue azul

resplandece e campeia a formosura com maior grau de perfeição que nas formosas de nascimento humilde.

— É verdade — disse o duque —, mas o senhor dom Quixote há de me dar licença para que diga o que me força a dizer a história que li de suas façanhas, de onde se deduz que, mesmo que se conceda que existe uma Dulcineia em El Toboso, ou fora dele, e que seja formosa no grau extremo que vossa mercê a pintou para nós, no quesito da nobreza de linhagem não corre parelha com as Orianas, com as Alastrajareas, com as Madásimas nem com outras desse jaez, de que estão cheias as histórias que vossa mercê conhece muito bem.

— Sobre isso posso dizer que Dulcineia é filha de suas obras — respondeu dom Quixote —, e que as virtudes melhoram o sangue, e que se deve ter mais estima e consideração por um humilde virtuoso que por um aristocrata vicioso. Mas além disso Dulcineia tem uma qualidade que pode levá-la a ser rainha com coroa e cetro, porque os méritos de uma mulher formosa e virtuosa podem levá-la a fazer maiores milagres, e, embora não formalmente, virtualmente encerra em si as maiores venturas.

— Vejo, senhor dom Quixote — disse a duquesa —, que em tudo quanto vossa mercê diz vai pé ante pé e, como costuma se dizer, com a sonda na mão. Daqui por diante, eu acreditarei e farei com que acreditem todos os de minha casa, e também o duque, meu esposo, se for necessário, que existe uma Dulcineia em El Toboso e que vive nos dias de hoje, é formosa e nobre de nascimento e merecedora de que um cavaleiro como o senhor dom Quixote a sirva, que é o maior elogio que posso ou sei fazer. Mas não posso deixar de ter um escrúpulo e um não sei quê de aversão contra Sancho Pança: minha dúvida é que a referida história afirma que o dito Sancho Pança encontrou a tal senhora Dulcineia, quando levou a ela uma epístola de parte de vossa mercê, peneirando duas sacas de trigo, e ainda especificou que era trigo-mourisco, coisa que me faz duvidar da nobreza de sua linhagem.

Ao que dom Quixote respondeu:

— Minha senhora, garanto a vossa grandeza que todas ou a maior parte das coisas que me acontecem estão fora dos limites ordinários

das que acontecem com os outros cavaleiros andantes, quer sejam dirigidas pela vontade inescrutável do destino ou pela malícia de algum mago invejoso. E, como já é coisa mais que sabida que todos ou a maioria dos cavaleiros andantes e famosos têm um dom, um o de não ser encantado, outro de possuir um corpo invulnerável, tanto que não pode ser ferido, como foi o famoso Roland, um dos Doze Pares de França, de quem se conta que não podia ser ferido a não ser na planta do pé esquerdo, e que isso tinha de ser com a ponta de um alfinete grande, e não com qualquer outro tipo de arma, e então, quando Bernardo del Carpio o matou em Roncesvalles, vendo que não podia atingi-lo com uma espada, o levantou do chão entre os braços e o sufocou, lembrando-se da morte que Hércules deu a Anteu, aquele gigante feroz que diziam ser filho da Terra… Bem, quero concluir do que disse que poderia ser que eu tivesse algum desses dons, mas não o de não poder ser ferido, porque muitas vezes a experiência me mostrou que minhas carnes são macias e nada invulneráveis, nem o de não poder ser encantado, pois já me vi metido numa jaula, onde o mundo todo não teria poder para me prender, se não fosse à força de encantamentos. Mas, como me livrei daquele, quero crer que não há outro que me cause dano. Assim, esses magos, vendo que com minha pessoa não podem usar de suas manhas perversas, vingam-se nas coisas que mais amo, e querem me tirar da vida maltratando a de Dulcineia, por quem existo. Por isso acho que quando meu escudeiro levou a ela minha cartinha, transformaram-na em aldeã e ocupada com trabalho tão baixo como é o de peneirar trigo. Mas eu já disse que aquele trigo nem era mourisco nem mesmo trigo, mas pérolas orientais, e quero dar a vossas magnitudes a prova desta verdade: vindo há pouco de El Toboso, jamais pude encontrar os palácios de Dulcineia, e outro dia, tendo Sancho, meu escudeiro, visto minha dama com sua própria aparência, que é a da mais bela do orbe, apareceu para mim como uma camponesa tosca e feia, e incapaz de dizer coisa com coisa, sendo ela o discernimento em pessoa. Então, como não estou encantado, nem o posso estar, segundo boa dedução, é ela a encantada, a ofendida e a alterada, modificada e

transformada, e nela se vingaram de mim meus inimigos, e por ela viverei eu em perpétuas lágrimas até vê-la em seu estado primeiro.

"Disse isso tudo para que ninguém repare no que Sancho falou sobre Dulcineia joeirar ou peneirar, pois, se a modificaram para mim, não é de espantar que a alterassem para ele. Dulcineia é nobre e bem-nascida; e das famílias fidalgas que há em El Toboso, que são muitas, antigas e das mais distintas,[5] com certeza não deve caber pouco à sem-par Dulcineia. Por ela sua terra será famosa e falada nos próximos séculos, como o foi Troia por causa de Helena, e a Espanha por causa da Cava, embora por melhores razões e reputação mais decente.

"Por outro lado, quero que vossas senhorias entendam que Sancho Pança é um dos escudeiros mais divertidos que jamais serviu a um cavaleiro andante: às vezes tem umas simplicidades tão sagazes que pensar se é simplório ou arguto causa uma alegria nada pequena; tem malícias que o condenam por velhaco e descuidos que o confirmam como bobo; duvida de tudo e em tudo acredita; quando penso que vai se atolar em tolices, sai com umas sabedorias que o elevam ao céu. Enfim, eu não o trocaria por outro escudeiro, mesmo que me dessem uma cidade de quebra. Por isso estou em dúvida se será certo enviá-lo ao governo da ilha que vossa grandeza lhe fez mercê, embora eu veja nele uma certa aptidão para isto de governar: dando uma escovadinha em seu entendimento, ele se sairia como qualquer outro governante, como o rei com seus tributos, sem falar que por longa experiência sabemos que não é necessário nem muita habilidade nem muitas letras para alguém ser governador, pois há por aí centenas que mal sabem ler e governam como águias. O certo é que tenham boa intenção e desejem acertar em tudo, que nunca lhes faltará quem os aconselhe e encaminhe no que devem fazer, como os governadores cavaleiros e não letrados, que sentenciam com um assessor. Eu o aconselharia a não aceitar gorjetas nem se meter em tretas, e outras coisinhas que guardo comigo, que direi com o tempo, para utilidade de Sancho e proveito da ilha que governar."

Estavam nesse ponto da conversa o duque, a duquesa e dom Quixote, quando ouviram uma gritaria e confusão no palácio, e

Sancho entrou intempestivamente na sala, todo assustado, com um trapo velho como babador, e atrás dele muitos rapazes ou, digamos melhor, ajudantes da cozinha e outros mais baixos ainda, e um vinha com uma gamela de água, que pela cor e pouca limpeza mostrava ser de louça lavada. O da gamela o seguia e o perseguia, procurando com toda solicitude botá-la embaixo de suas barbas, e outro ajudante demonstrava querer lavá-las.

— Que é isso, meus caros? — perguntou a duquesa. — Que é isso? Que quereis com esse bom homem? Como não considerais que foi eleito governador?

Ao que o barbeiro improvisado respondeu:

— Este senhor não quer deixar que lavemos sua barba, como é costume, e como foi lavada a do duque meu senhor e a do senhor amo dele.

— Claro que quero — respondeu Sancho, espumando de raiva —, mas gostaria que fosse com toalhas limpas, água mais clara e com mãos menos sujas; pois não há tanta diferença entre mim e meu amo, para que o lavem com águas de anjos[6] e a mim com o escalda-pés do diabo. Os costumes de cada terra e dos palácios dos nobres são muito bons se não amolarem ninguém; mas o costume da lavação aqui é pior que o dos penitentes. Eu tenho as barbas limpas e não tenho necessidade de me refrescar assim. Falando com todo o respeito, se alguém ousar me lavar ou tocar num só fio de cabelo, digo, da barba, vai levar tamanho murro que meu punho ficará encaixado no focinho dele, pois essas tais cerimônias e ensaboaduras mais parecem zombarias que mimos com os hóspedes.

A duquesa morria de rir vendo a cólera e ouvindo as palavras de Sancho, mas dom Quixote não ficou nada contente ao vê-lo tão mal-ajambrado com o esfregão manchado de babador e perseguido por tantos parasitas de cozinha, de modo que, fazendo uma profunda reverência aos duques, como se pedisse licença para falar, disse com voz calma à ralé:

— Calma, meus caros cavalheiros! Deixem vossas mercês em paz ao moço e voltem para a cozinha, ou para onde se lhes der na veneta, pois meu escudeiro é limpo como qualquer um, e para ele

essa gamela é como uma garrafa de vinho com gargalo estreito demais. Ouçam meu conselho e deixem-no, porque nem ele nem eu vemos motivo para zombarias.

Sancho lhe tomou as palavras da boca e prosseguiu, dizendo:

— Isso mesmo, senão venham zombar do fulano aqui, que vão ver: suportarei tanto a maroteira como agora é de noite! Tragam aqui um pente, ou o que quiserem, e me passem a rascadeira nas barbas; se tirarem delas alguma coisa que ofenda à limpeza, tosquiem-me como aos presos ou aos loucos.

Nesse ponto, sem parar de rir, a duquesa disse:

— Sancho Pança tem razão em tudo quanto disse e a terá em tudo o que disser: ele é limpo e, como disse, não tem necessidade de se lavar; e, se nossos costumes não o satisfazem, a sua alma, sua palma, ainda mais que vós, serventes da limpeza, haveis andando demasiado indolentes e desleixados, para não dizer atrevidos, ao trazer gamelas de madeira e panos de prato para tal personagem e tais barbas, em vez de bacias e jarras de ouro puro e toalhas de linho. Mas, enfim, sois maus e malcriados, e não podeis deixar, como perversos que sois, de mostrar a aversão que tendes pelos escudeiros dos cavaleiros andantes.

Os serventes desaforados e até mesmo o mordomo, que vinha com eles, acreditaram que a duquesa falava para valer, de modo que tiraram a gamela do peito de Sancho e todos, confusos e quase envergonhados, foram embora e o deixaram. Ele, vendo-se livre daquele, em sua opinião, perigo extremo, foi se ajoelhar diante da duquesa e disse:

— De grandes senhoras, grandes mercês se esperam: esta que vossa grandeza me fez hoje não pode ser paga com nada menos que o desejo de me ver armado cavaleiro andante, para me ocupar todos os dias de minha vida em servir tão nobre senhora. Sou camponês, me chamo Sancho Pança, sou casado, tenho filhos e sirvo como escudeiro: se com alguma dessas coisas posso ser útil a vossa grandeza, demorarei menos em obedecer que vossa senhoria em ordenar.

— Até parece, Sancho — respondeu a duquesa —, que aprendestes a ser cortês na escola da própria cortesia: até parece,

quero dizer, que fostes amamentado nos peitos do senhor dom Quixote, que deve ser a nata da urbanidade e a flor das cerimônias, ou *cirimônicas*, como dizeis. Abençoados sejam tal senhor e tal criado, um por ser o norte da cavalaria andante e o outro por ser a estrela da fidelidade escudeiril. Levantai-vos, meu amigo Sancho, que retribuirei vossas cortesias fazendo o duque, meu senhor, cumprir a mercê prometida do governo o mais rápido que puder.

Com isso, acabou a conversa, e dom Quixote foi dormir a sesta, e a duquesa pediu a Sancho que, se não tivesse muita vontade de dormir, viesse passar a tarde com ela e com suas aias numa sala muito fresca. Sancho respondeu que, embora fosse verdade que tinha o costume de dormir quatro ou cinco horas nas sestas do verão, para servir a sua bondade ele procuraria com todas as suas forças não dormir nenhuma naquele dia, e viria obedecer a sua ordem, e se foi. O duque deu novas ordens para que tratassem dom Quixote como cavaleiro andante, sem perder um detalhe do estilo como contam que se tratavam os antigos cavaleiros.

XXXIII

da deliciosa conversa que a duquesa e suas aias tiveram com sancho pança, digna de que se leia com toda a atenção

A história conta então que Sancho não dormiu aquela sesta — para cumprir a palavra, logo depois de comer foi ver a duquesa, que, como gostava muito de ouvi-lo, o fez se sentar perto dela numa cadeira de espaldar baixo, embora Sancho, por pura educação, quisesse permanecer de pé. Mas a duquesa lhe disse que se sentasse como governador e falasse como escudeiro, porque por ambas as coisas ele merecia o próprio assento do Cid Ruy Díaz, o Campeador.[1]

Sancho encolheu os ombros, obedeceu e se sentou, e todas as aias e amas da duquesa o rodearam atentas, em grande silêncio, para escutar o que diria. Mas foi a duquesa que falou primeiro, dizendo:

— Agora que estamos a sós e que aqui ninguém nos ouve, gostaria que o senhor governador me aclarasse certas dúvidas que tenho, nascidas da história do grande dom Quixote que foi impressa. Uma dessas dúvidas é que o bom Sancho nunca viu Dulcineia, digo, a senhora Dulcineia del Toboso, nem levou a carta do senhor dom Quixote, porque ficou naquele livrinho de anotações na Serra Morena. Como se atreveu a fingir a resposta e aquilo de que a encontrou peneirando trigo, sendo tudo mentira e zombaria, e tão prejudicial à boa reputação da sem-par Dulcineia? São todas coisas que não casam bem com a qualidade e a fidelidade dos bons escudeiros.

A essas palavras, sem responder com nenhuma, Sancho se levantou da cadeira e, com passos silenciosos, o corpo curvado e um dedo posto sobre os lábios, andou pela sala toda levantando as cortinas. Depois, sentou de novo e disse:

— Agora, minha senhora, que vi que ninguém nos escuta às escondidas, exceto os presentes, sem medo nem sustos responderei ao que me perguntou e a tudo aquilo que me perguntar. A primeira coisa que tenho a dizer é que considero meu senhor dom Quixote um louco rematado, mesmo que às vezes diga coisas que em minha opinião e na de todos que o escutam são tão sábias e tão bem alinhavadas que nem o próprio Satanás poderia falar melhor… Bem, apesar disso tudo, convenci-me de que realmente, no fundo, no fundo, ele é um mentecapto. Enfim, como eu tenho isso bem assentado na cachola, atrevo-me a fazê-lo acreditar em coisas que não têm nem pé nem cabeça, como foi aquela da resposta da carta ou essa que aconteceu há seis ou oito dias, que, como ainda não consta em livro, convém saber: o encantamento de minha senhora dona Dulcineia. Pois eu lhe dei a entender que está encantada, não sendo isso mais verdadeiro que qualquer história fabulosa.

A duquesa suplicou que lhe contasse o encantamento ou trapaça, e Sancho contou tudo do mesmo jeito que havia acontecido, do que não se divertiram pouco as ouvintes. Prosseguindo em sua conversa, a duquesa disse:

— Depois de tudo o que o bom Sancho me contou, uma dúvida ficou me comichando na alma, e um certo sussurro chega a meus ouvidos e me diz: “Se dom Quixote de la Mancha é louco, tolo e mentecapto, e seu escudeiro Sancho Pança o conhece bem, mas o serve e o segue e vai agarrado às vãs promessas que ele fez, sem dúvida alguma ele deve ser mais louco e tolo que seu amo. Sendo isso assim, como deve ser, não parecerá nada bom, senhora duquesa, que entregues a esse tal Sancho Pança o governo da ilha, porque como saberá governar os outros aquele que não sabe governar a si mesmo?”.

— Por Deus, senhora — disse Sancho —, que essa dúvida teve parto normal, mas diga vossa mercê a ela que pode falar mais alto, se quiser, pois sei que diz a verdade: se eu tivesse juízo, há tempos

devia ter deixado meu amo. Mas esta foi minha sorte e meu azar: não posso fazer outra coisa, tenho de segui-lo; somos da mesma terra, comi seu pão, gosto dele; é agradecido, deu-me seus burrinhos; mas, acima de tudo, sou fiel, de modo que é impossível que qualquer coisa possa nos separar além da gadanha da Caveirosa. E, se vossa magnitude não quiser que me deem o prometido governo, paciência: Deus nos fez com menos, pois nos fez do nada. E poderia ser que, não me dando, redundasse em favor de minha consciência, que, mesmo tola, entende aquele ditado que diz que para mal dela nasceram asas na formiga, e até pode ser que o Sancho escudeiro fosse mais fácil para o céu que o Sancho governador. Aqui fazem pão tão bom quanto na França, e de noite todos os gatos são pardos, e desgraçada mesmo é a pessoa que às duas da tarde não quebrou o jejum, e não há estômago que seja um palmo maior que outro que não possa ser enchido de palha ou feno, como se diz; e as avezinhas dos campos têm em Deus seu provedor e despenseiro, e mais esquentam quatro metros de estopa de Cuenca que quatro de sarja de Segóvia, e tanto o nobre como seu criado deixam este mundo para comer grama pela raiz, e não ocupa um túmulo maior o corpo do papa que o do sacristão, mesmo que um seja mais alto que o outro, pois ao entrar no buraco todos nos ajustamos e encolhemos, ou nos ajustam ou nos encolhem mesmo que a gente não queira, e bênção e boa noite. E digo de novo: se vossa senhoria não quiser me dar a ilha por eu ser tolo, saberei não me dar nada por sábio, porque ouvi dizer que atrás da cruz às vezes está o diabo, e que nem tudo que reluz é ouro, e que de entre bois, arados e jugos tiraram o lavrador Bamba para ser rei da Espanha, e de entre os brocados, diversões e riquezas tiraram Rodrigo para ser comido pelas cobras, se é que os versos dos trovadores antigos não mentem.

— É claro que não mentem! — disse nessa altura dona Rodríguez, que era uma das ouvintes. — Há um romance que diz que meteram o rei Rodrigo vivo numa tumba cheia de sapos, cobras e lagartos, e que dali a dois dias o rei disse lá do fundo, em voz baixa e queixosa:

Já me comem, já me comem
justo por onde mais pequei;[2]

então, como se vê, este senhor tem muita razão ao dizer que quer mais ser camponês que rei, se os vermes irão comê-lo.

A duquesa não pôde controlar o riso ouvindo a simplicidade de sua ama, nem deixou de se admirar com as palavras e os ditados de Sancho, a quem disse:

— O bom Sancho já sabe que um cavaleiro procura cumprir aquilo que promete, mesmo que lhe custe a vida. O duque, meu senhor e marido, embora não seja dos andantes, nem por isso deixa de ser cavaleiro, portanto cumprirá a palavra da ilha prometida, apesar da inveja e da malícia do mundo. Fique, Sancho, tranquilo, que quando menos pensar se verá sentado no trono de sua ilha, em sua nova condição, à frente de seu governo, que mais tarde deixará por um de maior quilate. O que eu lhe recomendo é que olhe como governa seus vassalos, notando que todos são leais e bem-nascidos.

— Isso de governá-los bem não é preciso me recomendar — respondeu Sancho —, porque sou caridoso por natureza e tenho compaixão pelos pobres. Quem a raposa quer enganar muito cedo tem de madrugar, e juro pelo que há de mais sagrado que comigo não vão tirar farinha: sou macaco velho e não meto a mão em cumbuca, se a água me alcança a cintura aprendo a nadar, e não consinto que me joguem fumaça nos olhos, porque sei onde me aperta o sapato; digo isso porque não tenho dois pesos nem duas medidas: com os bons, mão aberta; com os maus, pé alerta. E me parece que nisso de governo é questão de começar, e poderia ser que em quinze dias como governador eu me pelasse pelo ofício e soubesse mais dele que do trabalho no campo, em que me criei.

— Tendes razão, Sancho — disse a duquesa —, pois ninguém nasce sabendo, e dos homens se fazem os bispos, não das pedras. Mas, voltando ao assunto do encantamento da senhora Dulcineia, de que tratávamos há pouco, tenho por coisa certa e mais que sabida que aquela ideia que Sancho teve de enganar seu senhor (dando a entender que a camponesa era Dulcineia e que, se seu

senhor não a reconhecesse, era porque devia estar encantada) foi tudo invenção de algum dos magos que perseguem dom Quixote. Porque eu sei com certeza, de fonte segura, que a aldeã que deu o pulo sobre a burrinha era e é Dulcineia del Toboso, e que o bom Sancho, pensando ser o enganador, é o enganado. Como se diz no catecismo, não se deve duvidar dessa verdade mais que das coisas que nunca vimos. Pois saiba o senhor Sancho Pança que também temos por aqui magos que nos querem bem e nos dizem o que acontece pelo mundo, pura e simplesmente, sem enredos nem tramoias. Assim, Sancho, pode acreditar em mim: a aldeã puladora era e é Dulcineia del Toboso, que está tão encantada como a mãe que a pariu, e, quando menos pensemos, haveremos de vê-la com sua própria aparência, e então Sancho sairá do engano em que vive.

— Pode ser, pode ser — disse Sancho Pança. — Então devo acreditar no que meu amo conta sobre o que viu na caverna de Montesinos, onde diz que estava a senhora Dulcineia del Toboso com as mesmas roupas que eu disse que tinha visto quando a encantei por puro gosto. Sim, tudo deve ser às avessas, como diz vossa mercê, minha senhora, porque com a cabeça ruim que tenho não se pode esperar que fabricasse num instante um embuste tão sagaz, nem acho que meu amo seja tão louco que com tão fraca e magra persuasão como a minha acreditasse numa coisa tão fora do esquadro. Mas, senhora, nem por isso fica bem que vossa bondade me tenha por malévolo, pois um burro como eu não tem obrigação de penetrar os pensamentos e as malícias desses magos desgraçados: fingi aquilo para escapar das reprimendas de meu senhor dom Quixote, não com a intenção de ofendê-lo; e, se o tiro saiu pela culatra, lá está Deus no céu que julga os corações.

— É verdade, Sancho — disse a duquesa —, mas me diga que negócio é esse da caverna de Montesinos, que eu gostaria de saber.

Então Sancho Pança contou tintim por tintim o que foi dito antes sobre essa aventura. Ao acabar de ouvir, a duquesa disse:

— Se o grande dom Quixote diz que viu ali a mesma camponesa que Sancho viu na saída de El Toboso, podemos concluir que sem

dúvida é Dulcineia, e que andam por aqui magos dos mais ladinos e diligentes.

— É o que digo — disse Sancho Pança —, se minha senhora Dulcineia del Toboso está encantada, azar dela, pois eu não tenho de me meter com os inimigos de meu amo, que devem ser muitos e maus. Mas a verdade é que a moça que vi era uma camponesa, e por camponesa a tive, e por camponesa a julguei. Agora, se aquela era Dulcineia, não é de minha conta, nem tenho culpa nenhuma: ou terão de se haver comigo. Não, não, senão vão andar a toda hora em cima de mim, com disse me disse, "Sancho disse, Sancho fez, Sancho foi, Sancho voltou", como se Sancho fosse um qualquer, e não fosse o próprio Sancho Pança, o que anda já em livros por este mundo de Deus, conforme me disse Sansão Carrasco, que, pelo menos, é bacharel por Salamanca, e esses não podem mentir, a não ser quando lhes dá na veneta ou quando lhes cai bem. De modo que não há motivo para que ninguém se meta comigo. Além do mais, tenho boa reputação e, conforme ouvi meu senhor dizer, mais vale ter um bom nome que muitas riquezas. Encaixem-me logo nesse governo e verão maravilhas, pois quem foi bom escudeiro será bom governador.

— Tudo que disse aqui o bom Sancho — disse a duquesa — são sentenças dignas de Catão ou, pelo menos, tiradas das próprias entranhas do próprio Micael Verino, *florentibus occidit annis*.[3] Enfim, enfim, falando de seu modo, embaixo de uma má capa pode haver um bom bebedor.

— Para dizer a verdade, senhora — respondeu Sancho —, nunca na vida bebi por vício: por sede, bem poderia ser, porque não tenho nada de hipócrita; bebo quando tenho vontade, quando não a tenho e quando me oferecem bebida, para não parecer melindroso ou mal-educado, pois, ao brinde de um amigo, que coração será de mármore que não o retribua? Embora empine, nunca caio, sem falar que os escudeiros dos cavaleiros andantes quase que só bebem água, porque sempre andam pelas florestas, matas e campos, montanhas e despenhadeiros, sem topar com uma gota de vinho nem para remédio, mesmo que deem um olho por ela.

— Acredito — respondeu a duquesa. — Mas agora vá, Sancho, descansar, que depois falaremos mais demoradamente e daremos as ordens para que logo o encaixem no governo, como ele disse.

De novo Sancho beijou as mãos da duquesa e suplicou que fizesse o favor de cuidarem bem de seu ruço, porque era a luz de seus olhos.

— Que ruço é este? — perguntou a duquesa.

— Meu burro — respondeu Sancho —, pois, para não chamá-lo por esse nome, costumo dizer “o ruço”; e a essa senhora ama roguei, quando entrei no castelo, que cuidasse dele, e se amolou tanto como se tivesse dito que era feia ou velha, devendo ser mais próprio e natural que as amas cuidem de jumentos que enfeitem as salas com sua presença. Oh, que Deus me ajude, como se dava mal com essas senhoras um fidalgo de minha terra.

— Deve ser algum aldeão — disse dona Rodríguez, a ama —, pois, se fosse fidalgo e bem-nascido, ele as poria nos cornos da lua.

— Muito bem — disse a duquesa —, já chega: cale-se dona Rodríguez e acalme-se o senhor Pança, e deixem comigo os mimos ao ruço, que, por ser joia de Sancho, cuidarei como se fossem as meninas de meus olhos.

— Basta que esteja na estrebaria — respondeu Sancho —, porque nem ele nem eu somos dignos de ser comparados às meninas dos olhos de vossa grandeza, e consentirei nisso tanto quanto me deixar apunhalar, pois, embora meu senhor diga que nas cortesias deve-se perder com carta demais que de menos, nas cortesias jumentais e burrais deve-se falar com palavras medidas e andar com a sonda na mão.

— Que Sancho o leve para a ilha — disse a duquesa —, e lá, enquanto governa, poderá mimá-lo como quiser, e até aposentá-lo.

— Não pense vossa mercê, senhora duquesa, que disse grande coisa — disse Sancho —, pois vi mais de dois burros irem para o governo, e se eu levasse o meu não seria nenhuma novidade.

As palavras de Sancho renovaram os risos e a alegria da duquesa; e, mandando-o descansar, ela foi contar ao duque o que havia acontecido, e entre os dois combinaram fazer uma brincadeira com dom Quixote, que se tornasse famosa e fosse bem ao estilo

cavaleiresco — e realmente fizeram muitas nesse estilo, tão apropriadas e ladinas que são as melhores aventuras que se contam nesta grande história.

xxxiv

em que se dá notícia de como haveria de se desencantar a inigualável dulcineia del toboso, que é uma das aventuras mais famosas deste livro

Era grande a satisfação do duque e da duquesa com a conversa de dom Quixote e Sancho Pança, o que confirmaram com a intenção que tinham de fazer com eles algumas brincadeiras que tivessem traços ou aparência de aventura, aproveitando como motivo o que dom Quixote havia lhes contado sobre a caverna de Montesinos para lhe pregar uma peça que ficasse famosa. Mas o que mais surpreendia a duquesa era que a tolice de Sancho fosse tanta que tivesse acabado por acreditar ser verdade completa que Dulcineia del Toboso estava encantada, tendo sido ele mesmo o mago e embusteiro daquele negócio. Então, dando ordens a seus criados sobre tudo o que deviam fazer, dali a seis dias o duque e a duquesa levaram dom Quixote a uma caça de montaria, com tanto aparato de batedores e caçadores como poderia levar um rei coroado. Deram a dom Quixote uma roupa de caça e outra a Sancho, de fino tecido verde, mas dom Quixote não quis vesti-la, dizendo que no outro dia havia de voltar ao duro exercício das armas e que não podia levar enxovais nem bagagens. Sancho sim ficou com a que lhe deram, com a intenção de vendê-la na primeira ocasião que se apresentasse.

No dia marcado, dom Quixote botou a armadura, Sancho se vestiu e, sobre seu burro, que não quis deixar embora tivessem lhe oferecido um cavalo, meteu-se no meio da tropa dos batedores. A

duquesa apareceu trajada elegantemente, e dom Quixote, por pura cortesia e boa educação, segurou a rédea de seu palafrém, embora o duque não quisesse permitir. Por fim chegaram a uma mata que ficava entre duas montanhas muito altas, onde tomaram seus postos, paradeiros e trilhas, e, com todos distribuídos em seus diferentes lugares, começou a caçada com grande barulheira e gritaria, de maneira que uns não podiam ouvir os outros, tanto pelo latido dos cães como pelo som das trompas.

A duquesa apeou e, com um dardo afiado nas mãos, ocupou seu posto por onde ela sabia que alguns javalis costumavam vir. O duque e dom Quixote também apearam, ladeando-a; Sancho ficou atrás de todos, sem apear do burro, a quem não ousava abandonar, com medo de que lhe acontecesse alguma desgraça. E, mal haviam posto o pé no chão e ficado em fila com muitos criados, quando, acossado pelos cães e seguido pelos caçadores, viram que vinha na direção deles um desmesurado javali, rangendo dentes e presas e espumando pela boca; e, ao vê-lo, dom Quixote meteu o braço no escudo, empunhou a espada e se adiantou para recebê-lo. O mesmo fez o duque com sua lança, mas a duquesa teria sido mais rápida que todos se ele não a tivesse atrapalhado. Sancho, apenas viu o valente animal, abandonou o burro e desatou a correr o quanto pôde, e, ao tentar trepar numa alta azinheira, se deu mal: quando estava pela metade dela, agarrado num galho, lutando para alcançar a copa, teve tão pouca sorte que o dito galho se partiu e Sancho, ao cair, ficou no ar, sem poder chegar ao chão, preso numa forquilha. E vendo-se assim, e que o traje verde se rasgava, e pensando que se aquele animal feroz chegasse até ali podia alcançá-lo, começou a dar tantos gritos e a pedir socorro com tanto afinco que todos os que o ouviam, sem vê-lo, acreditaram que estava entre os dentes de alguma fera.

Por fim, o dentuço javali foi atravessado pelas pontas de muitos dardos que cortaram seu caminho. E dom Quixote, virando a cabeça para o lado dos gritos de Sancho, que havia reconhecido, viu o escudeiro pendurado na azinheira, de cabeça para baixo, com o burro perto dele, pois não o abandonara em sua desgraça. Cide Hamete acrescenta que poucas vezes viu Sancho Pança sem ver o

burro nem o burro sem ver Sancho, tamanha era a amizade e a boa-fé que havia entre os dois.

Dom Quixote se aproximou e soltou Sancho, que, vendo-se livre e no chão, olhou o saio de caça esfarrapado, e isso pesou em sua alma, pois pensou que tinha naquele traje uma fortuna para deixar de herança. Nisso, atravessaram o enorme javali sobre um burro de carga e o levaram, coberto com ramos de alecrim e mirto, como despojo da vitória, para umas grandes tendas de campanha armadas no meio da mata, onde encontraram as mesas em ordem e o almoço preparado, tão suntuoso e grande que podia se ver por ele a grandeza e a magnificência de quem o dava. Sancho, mostrando os rasgões de seu traje à duquesa, disse:

— Se esta caçada fosse de lebres ou de passarinhos, com certeza meu saio não se veria neste estado. Não sei que gosto pode se ter em esperar um animal que, se vos alcançar com uma presa, pode vos tirar a vida. Eu me lembro de ter ouvido cantarem um romance antigo que diz:

Pelos ursos sejas comido
como o famoso Fávila.[1]

— Esse foi um rei godo — disse dom Quixote — que foi comido por um urso numa caçada.

— É disso que estou falando — respondeu Sancho —, pois eu não gostaria que os nobres e os reis se expusessem a semelhantes perigos, por um prazer que não parece ser prazer nenhum, porque consiste em matar um animal que não cometeu delito algum.

— Pelo contrário, enganai-vos, Sancho — respondeu o duque —, porque o exercício da caça de montaria é o mais conveniente e necessário para os reis e os nobres que qualquer outro. A caça é uma imagem da guerra: há nela estratagemas, astúcias, insídias, para vencer sem perigo o oponente; nela se padecem frios de rachar e calores intoleráveis; desdenha-se do ócio e do sono, provam-se as forças e deixam-se os membros ágeis. Em suma, é um exercício que se pode fazer sem prejudicar ninguém e com o

prazer de muitos; e o melhor é que não é para todos, como os demais tipos de caça, exceto o da falcoaria, que também é só para reis e grandes senhores. Então, meu caro Sancho, mudai de opinião e, quando fordes governador, ocupai-vos na caça e vereis como lucrais muito com tão pouco.

— Essa não — respondeu Sancho. — O bom governador é como mulher honrada e perna quebrada: deve ficar em casa. Seria bonito que demandantes preocupados viessem procurá-lo e ele estivesse se divertindo no mato! Bem arrumado estaria o governo! Por Deus, meu senhor, a caça e os passatempos devem ser mais para os vadios que para os governadores. No que eu penso me distrair é com um bom jogo de burro, uma vez hoje, outra na morte, e com o boliche nos domingos e feriados, que esse negócio de caça não é para mim nem para minha consciência.

— Queira Deus, Sancho, que assim seja, porque entre o digo e faço há um bom pedaço.

— Haja o que houver — replicou Sancho —, ao bom pagador as penhoras não doem, e mais vale quem Deus ajuda que quem cedo madruga, e saco vazio não para em pé; quero dizer que, se Deus me ajudar, e eu fizer o que devo com boa intenção, sem dúvida governarei melhor que o diabo. Não, não, botem o dedo em minha boca para ver se não mordo!

— Maldito sejas, por Deus e todos os santos, seu desgraçado! — disse dom Quixote. — Quando, como já te disse mil vezes, eu te verei falar sem ditados, de modo simples e coerente?! Não deem ouvidos vossas grandezas a este tolo, meus senhores, que vos esmagará a alma, não entre dois ditados, mas entre dois mil, lembrados tão a propósito quanto lhe dê Deus em saúde, ou a mim, se os quisesse escutar.

— Os ditados de Sancho Pança — disse a duquesa —, embora sejam mais numerosos que os do comendador Grego,[2] nem por isso devem ser menos considerados, pela brevidade das sentenças. Devo dizer que a mim dão mais prazer que outros, mesmo que sejam mais oportunos e apropriados à ocasião.

Com esta e outras conversas divertidas, saíram da tenda para a mata, onde passaram o dia examinando novos postos e paradeiros,

até que veio a noite, e não tão clara nem tão serena como a estação do ano pedia, que era pelo meio do verão. Mas um certo lusco-fusco que trouxe consigo ajudou muito as intenções dos duques. Logo que começou a escurecer, um pouco depois do crepúsculo, pareceu de repente que a mata ardia pelos quatro lados, e então se ouviram aqui e ali, cá e lá, infinitas cornetas e outros instrumentos de guerra, como de muitas tropas de cavalaria que passassem pela mata. A luz do fogo e o som dos instrumentos bélicos quase cegaram e ensurdeceram os olhos e os ouvidos dos presentes, e de quantos andavam por aquelas bandas.

Depois se ouviu uma tremenda algazarra, como dos mouros quando entram em batalha; soaram trompas e clarins, retumbaram tambores, ressoaram pífaros, quase todos ao mesmo tempo, de modo tão contínuo e tão apressado que não teria juízo quem não o perdesse com a confusão de tantos instrumentos. Pasmou-se o duque, surpreendeu-se a duquesa, admirou-se dom Quixote, tremeu Sancho Pança — enfim, até os que conheciam a causa desse tumulto se espantaram. Com o temor, o silêncio os tomou, e surgiu diante deles um arauto a cavalo, vestido de demônio, tocando, em vez de corneta, um desmesurado corno oco, que desprendia um som rouco e tenebroso.

— Olá, irmão arauto — disse o duque —, quem sois, aonde ides, e que soldados são esses que parecem atravessar a mata?

O arauto respondeu com voz aterradora e desenvolta:

— Eu sou o Diabo, vim buscar dom Quixote de la Mancha e os soldados que vêm aí são seis tropas de magos que, num carro triunfal, trazem a sem-par Dulcineia del Toboso. Ela vem encantada, com o galhardo francês Montesinos, que irá explicar a dom Quixote como ela deve ser desencantada.

— Se fôsseis o Diabo, como dizeis e vossa aparência mostra, já teríeis reconhecido o dito cavaleiro dom Quixote de la Mancha, pois que o tendes diante de vós.

— Por Deus e minha consciência — respondeu o Diabo — que não tinha reparado, porque trago o pensamento distraído com tantas coisas que havia me esquecido da principal, aquela que me trazia aqui.

— Sem dúvida que este demônio deve ser homem de bem e bom cristão — disse Sancho —, porque senão não juraria por Deus e por sua consciência. Isso me leva a pensar que no próprio inferno deve haver gente boa.

Então o demônio, sem apear, dirigindo a vista a dom Quixote, disse:

— A ti, Cavaleiro dos Leões, que entre as garras deles te veja eu, me envia o desgraçado mas valente cavaleiro Montesinos para que, de sua parte, te diga que o esperes no mesmo local em que eu te encontrar, pois traz consigo a que chamam Dulcineia del Toboso, para te dizer o que é necessário para desencantá-la. E, como não era por mais minha vinda, não há de ser mais minha estada: que os demônios como eu fiquem contigo, e que os anjos bons com estes senhores.

Dizendo isso, tocou o corno gigantesco, deu as costas a todos e foi embora sem esperar resposta de ninguém.

Isso renovou o espanto de todos, especialmente de Sancho e dom Quixote: Sancho por ver que, a despeito da verdade, queriam que Dulcineia estivesse encantada; dom Quixote por não ter certeza se era verdade ou não o que havia acontecido na caverna de Montesinos. Estava enlevado nesses pensamentos, quando o duque lhe disse:

— Vossa mercê pensa esperar, senhor dom Quixote?

— Como não? — respondeu ele. — Esperarei aqui, intrépido e forte, mesmo que me ataque todo o inferno.

— Pois eu, se vejo outro diabo e outro corno como aquele, esperarei aqui tanto como onde o Judas perdeu as botas — disse Sancho.

Nisso, a noite ficou mais fechada, e muitas luzes começaram a correr pela mata, como correm pelo céu as exalações secas da terra que a nós parecem estrelas cadentes.[3] Ouviu-se também um barulho espantoso, do tipo daquele que causam as rodas maciças que costumam ter os carros de bois, de cujo rangido áspero e contínuo se diz que fogem os lobos e os ursos, se existem por onde passam. Somou-se a toda essa tempestade outra maior que todas: foi como se realmente, nos quatro cantos da mata, estivessem

ocorrendo quatro ataques ou batalhas, porque ali soava o duro estrondo da terrível artilharia, lá se disparavam inumeráveis escopetas, perto soavam os gritos dos combatentes, longe se reiteravam os gritos de guerra árabes.

Em suma, as cornetas, os cornos, as trompas, os clarins, as trombetas, a artilharia, os arcabuzes e, acima de tudo, o terrível barulho dos carros formavam juntos um som tão confuso e tão horrendo que foi necessário que dom Quixote se valesse de toda a sua coragem para suportá-lo. Mas a de Sancho veio por terra e deu com ele desmaiado no colo da duquesa, que o acolheu e mandou a toda pressa que lhe jogassem água no rosto. Assim se fez, e ele voltou a si quando um carro de rodas rangedoras chegava naquele posto.

Puxavam-no quatro bois preguiçosos, todos cobertos de paramentos negros; em cada corno havia atado e aceso um grande círio de cera, e em cima do carro vinha sentado um velho venerável com uma barba mais branca que a própria neve e tão longa que lhe ultrapassava a cintura; vestia uma roupa longa de bocassim preto, (pois como o carro vinha cheio de inúmeras luzes podia-se ver muito bem o que ele continha). Guiavam-no dois demônios vestidos com o mesmo bocassim, com rostos tão feios que Sancho, tendo-os visto uma vez, fechou os olhos para não vê-los outra. Chegando o carro à altura do posto, o velho venerável se levantou de seu assento e, ficando de pé, em altos brados disse:

— Eu sou o sábio Lirgandeu.[4]

E o carro seguiu em frente, sem que o sábio dissesse mais uma palavra. Atrás veio outro carro do mesmo jeito, com outro velho entronizado, que, fazendo-o parar, disse com voz não menos grave que a do outro:

— Eu sou o sábio Alquife, o grande amigo de Urganda, a Desconhecida.[5]

E foi embora.

Em seguida, da mesma forma, chegou outro carro, mas o homem que vinha sentado no trono não era velho como os demais e sim um grandalhão mal-encarado; ao chegar, ficou de pé como os outros e disse com voz mais rouca e mais endiabrada:

— Eu sou Arcalaus, o mago, inimigo mortal de Amadis de Gaula e de todos os parentes dele.

E foi embora.

Não muito longe dali, esses três carros fizeram alto, e cessou o ruído desagradável de suas rodas. Então se ouviu não um ruído, mas uma música suave e harmoniosa, com que Sancho se alegrou, considerando um bom sinal, o que disse para a duquesa, de quem não se afastava nem um palmo:

— Senhora, onde há música não pode haver coisa ruim.

— Também onde há luz e claridade — respondeu a duquesa.

Ao que Sancho replicou:

— O fogo dá luz e as fogueiras, claridade, como vemos nas que nos cercam, mas podem muito bem nos queimar; mas a música é sempre indício de alegria e de festas.

— Já veremos — disse dom Quixote, que escutava tudo.

E disse muito bem, como se verá no capítulo seguinte.

XXXV

onde se prossegue a explicação que deram a dom quixote sobre o desencantamento de dulcineia, com outras coisas admiráveis

Viram que vinha até eles, no compasso da música agradável, um carro dos que chamam triunfais, puxado por seis mulas pardas, cobertas porém de linho branco, e sobre cada uma vinha um penitente com sua carapuça, também vestido de branco e com um círio grande aceso na mão. O carro era duas ou até três vezes maior que os anteriores, e ao lado dele e em cima vinham mais doze penitentes alvos como a neve, todos com seus círios acesos, visão que admirava e assustava ao mesmo tempo. Num trono elevado, vinha sentada uma ninfa, vestida com mil véus de seda bordada de prata, brilhando em todos eles infinitas folhas de lantejoulas de ouro, o que tornava a ninfa se não rica, pelo menos vistosamente vestida. Trazia o rosto coberto por uma seda transparente e delicada, de modo que, sem que seus fios impedissem, por entre eles se revelava seu formosíssimo rosto de donzela, e todas aquelas luzes deixavam distinguir a beleza e a idade, que pelo visto estava entre dezessete e vinte anos.

Perto dela vinha um personagem com uma roupa ostentosa que ia até os pés, a cabeça coberta por um véu negro. Quando o carro ficou diante dos duques e de dom Quixote, a música das charamelas parou, em seguida a das harpas e dos alaúdes que soavam no carro, e o personagem ficou de pé, abriu a roupa de lado a lado e, tirando o véu do rosto, revelou ser sem dúvida nenhuma a própria figura da morte, descarnada e feia, o que angustiou dom

Quixote e meteu medo em Sancho, e os duques também fizeram um gesto de temor. Em pé, com voz um tanto sonolenta e com língua não muito desperta, essa morte viva começou a falar desta maneira:

— Eu sou Merlin, aquele que as histórias
dizem que teve por pai o diabo
— mentira autorizada pelos tempos —,
príncipe da magia e monarca
e repositório da ciência zoroástrica,
inimigo das épocas e dos séculos
que pretendem ocultar as façanhas
dos bravos cavaleiros andantes,
por quem eu tive e tenho grande carinho.
E apesar de que a índole
dos feiticeiros, magos ou mágicos
é sempre dura, áspera e forte,
a minha é tenra, branda e amorosa,
e amiga de fazer o bem a toda gente.

Nas cavernas tétricas de Hades,
onde estava minha alma distraída
traçando figuras e símbolos mágicos,
chegou a voz dolente da bela
e sem-par Dulcineia del Toboso.
Soube de seu encantamento e desgraça,
de sua transformação de graciosa dama
em rústica aldeã; comovi-me
e, encerrando meu espírito no oco
deste espantoso e feroz esqueleto,
depois de ter remexido cem mil livros
desta minha ciência endiabrada e torpe,
achei o remédio que convém
a tamanha dor, a tamanho mal.

Oh, tu, glória e honra de quantos vestem
as túnicas de aço e de diamante,
luz e farol, caminho, norte e guia
daqueles que, deixando o sono vadio
e as plumas ociosas, decidem
adotar o exercício intolerável
das sangrentas e pesadas armas!
Digo a ti, oh, guerreiro jamais louvado
como se deve!, a ti, dom Quixote,
valente e sábio a um só tempo,
da Mancha esplendor, da Espanha, estrela,
que para a sem-par Dulcineia del Toboso
voltar a seu estado primitivo
é preciso que Sancho, teu escudeiro,
se aplique três mil e trezentos açoites
em seu amplo e audaz traseiro,
ao ar descoberto, e de modo
que lhe arda, amargure e desgoste.
Com isso se satisfazem todos quantos
foram os autores de sua desgraça,
e por isso aqui estou, meus senhores.[a]

— Juro e esconjuro! — disse Sancho nesse ponto. — Eu nem digo três mil açoites, mas me darei três tanto quanto três punhaladas. Que o diabo te carregue, que modo de desencantar! Não sei o que meu traseiro tem que ver com os encantos! Por Deus que, se o senhor Merlin não achar outro jeito de desencantar a senhora Dulcineia del Toboso, ela vai encantada para a sepultura!

— Eu vos pego, dom bronco, saco de alho — disse dom Quixote —, e vos amarro numa árvore, nu como vossa mãe vos pariu, e vos darei, não digo três mil e trezentos, mas seis mil e seiscentos açoites, tão bem dados que não sei se não o deixarei em três mil e trezentos farrapos! E não me respondeis uma palavra, que vos arrancarei a alma.

Ouvindo isso, Merlin disse:

— Não pode ser assim, porque os açoites que o bom Sancho deve levar têm de ser por sua vontade, não pela força, e quando ele quiser, pois não se dá um prazo determinado. Mas é permitido que ele, se quiser reduzir sua pena pela metade, deixe que essa sova seja dada por mão alheia, embora mais pesada.

— Nem alheia nem minha, nem pesada nem por pesar — replicou Sancho. — Comigo não, mão nenhuma vai me tocar. Por acaso eu pari a senhora Dulcineia del Toboso, para que meu traseiro pague os pecados dos olhos dela? O senhor meu amo sim que é parte sua, pois a chama a todo instante de "minha vida", "minha alma", sustento e arrimo seu, pode e deve se açoitar por ela e fazer tudo o que for necessário para seu desencanto; mas eu me açoitar? *Abernúncio!*

Mal Sancho acabou de dizer isso, ficou de pé a ninfa prateada que estava perto do espírito de Merlin, tirando o véu sutil do rosto, revelando-o tal como era, que a todos pareceu mais que extremamente formoso. Então, com uma desenvoltura varonil e com uma voz não muito feminina, falando diretamente com Sancho, disse:

— Oh, escudeiro desventurado, alma de granizo, coração de asno, com entranhas de cascalho e pedregulho! Se te mandassem, ladrão descarado, que te atirasses do alto de uma torre; se te pedissem, inimigo do gênero humano, que comesses uma dúzia de sapos, duas de lagartos e três de cobras; se te convencessem a matar tua mulher e teus filhos com um terrível e afiado alfanje, não seria de admirar que te mostrasses melindroso e esquivo. Mas fazer caso de três mil e trezentos açoites, quando não há criança nos orfanatos, por pior que seja, que não os leve todo mês, surpreende, assombra e espanta a todas as almas piedosas dos que te escutam, e até das de todos aqueles que vierem a saber disso com o correr do tempo. Põe, oh, animal miserável e empedernido, põe, repito, esses teus olhos de filhote de burro assustado nas meninas dos meus, comparados a estrelas rutilantes, e poderás vê-los chorar lágrima por lágrima rios que abrirão sulcos, estradas e caminhos pelos formosos campos de minhas faces. Apieda-te, monstro malicioso e perverso: meus verdes anos, pois ainda estou na casa dos dez e me

falta um para chegar à dos vinte, se consomem e definham sob a crosta de uma camponesa rústica; se agora pareço o que sou, por uma mercê particular que me fez o senhor Merlin, que aqui está, é apenas para que minha beleza te enterneça, para que as lágrimas de uma donzela aflita transformem os penhascos em algodão e os tigres, em ovelhas. Vamos, açoita esta carcaça, bestalhão indomável; afasta a preguiça, que tu só prestas para comer e comer mais; liberta a pureza de meu corpo, a suavidade de meu gênio e a beleza de minha face. Mas, se não queres te abrandar nem te comportar de modo razoável por minha causa, faze-o por esse pobre cavaleiro que está a teu lado: sim, por teu amo, que tem a alma atravessada na garganta, a menos de um palmo dos lábios, à espera apenas de tua dura ou branda resposta para lhe sair pela boca ou voltar a suas entranhas.

Quando ouviu isso, dom Quixote apalpou a garganta e disse, virando-se para o duque:

— Por Deus, senhor, que Dulcineia disse a verdade, que aqui tenho a alma atravessada, como a noz da balestra.

— Que dizeis a isto, Sancho? — perguntou a duquesa.

— Digo, senhora — respondeu Sancho —, o que já disse antes: o negócio dos açoites, *abernúncio*.

— Não deveis dizer assim, Sancho, mas *abrenúncio* — disse o duque.

— Deixe disso vossa grandeza — respondeu Sancho —, que agora não estou para sutilezas nem para letras de mais ou de menos, porque me deixou tão perturbado esse negócio dos açoites que vão me dar ou terei de me dar que não sei o que digo nem o que faço. Mas eu gostaria de saber de minha senhora dona Dulcineia del Toboso onde aprendeu esse jeito de suplicar: vem me pedir que entregue minha carcaça aos açoites e me chama de “alma de granizo” e “bestalhão indomável”, com uma ladainha de insultos que nem o diabo aguenta. Por acaso minhas carnes são de bronze, ou eu me importo que ela se desencante ou não? Onde está o baú com roupa-branca, camisas, lenços e meias, embora eu não os use, que trouxe para me abrandar? Não, só um insulto depois do outro, quando aquele ditado que anda por aí reza que um burro carregado

de ouro sobe ligeiro uma montanha, sem falar que presentes amolecem pedras, e a Deus rogando e com o porrete dando, e que mais vale um pássaro na mão que dois voando? Pois o senhor meu amo, que devia me passar a mão pelo lombo e me afagar para que eu me tornasse uma seda, diz que, se me pegar, me amarrará despido numa árvore e dobrará o número de açoites. Esses senhores prejudicados deviam considerar que não pedem que um mero escudeiro se açoite, mas um governador, como quem diz: é a cereja em cima do bolo. Aprendam, aprendam enquanto é tempo, a saber suplicar, a saber pedir e a ter boa educação, pois os tempos variam e os homens nem sempre estão de bom humor. Agora, que eu estou arrebentando de pena por ver meu saio verde rasgado, veem me pedir que me açoite por livre e espontânea vontade, estando ela tão alheia a isso como o de me tornar cacique.

— Na verdade, meu amigo Sancho — disse o duque —, se não ficardes mais macio que um figo maduro, nunca que tereis o governo. Seria muito bonito se eu enviasse a meus ilhéus um governador cruel, de entranhas empedernidas, que não se dobra às lágrimas das donzelas aflitas nem às súplicas dos doutos, imperiosos e antigos magos e sábios! Em suma, Sancho, ou vos açoitais ou vos açoitarão, ou não sereis governador.

— Senhor — respondeu Sancho —, não me dariam dois dias de prazo para pensar no que é melhor?

— Não, de jeito nenhum — disse Merlin. — Aqui, neste instante e neste lugar, esse negócio deve ficar resolvido: ou Dulcineia voltará para a caverna de Montesinos e ao estado de camponesa, ou, com a aparência que tem agora, será levada aos Campos Elíseos, onde ficará à espera do cumprimento da sova.

— Vamos, Sancho — disse a duquesa —, coragem, e vos mostrai grato pelo pão que comestes na mesa do senhor dom Quixote, a quem todos devemos servir e agradar por sua boa condição e seus grandes feitos de cavalaria. Dizei sim, meu filho, a essa sova, e que o diabo vá para o diabo e o medo, para os maus, pois um coração forte dobra a má sorte, como bem sabeis.

A essas palavras, Sancho respondeu com estas, disparatadas, ao perguntar a Merlin:

— Diga-me uma coisa, senhor Merlin. Quando o Diabo arauto chegou aqui, deu a meu amo um recado do senhor Montesinos, com ordens de sua parte para que o esperasse aqui, porque vinha explicar o modo de desencantar a senhora dona Dulcineia del Toboso. Pois bem, até agora não vimos Montesinos nem nada parecido.

Ao que Merlin respondeu:

— O Diabo, meu amigo Sancho, é um ignorante e um grandessíssimo velhaco: eu o mandei em busca de vosso amo não com recado de Montesinos, mas meu, porque Montesinos está em sua caverna compenetrado em seu desencantamento, ou, digamos melhor, esperando por ele, pois ainda lhe falta a pior parte, que é esfolar a cauda. Se vos deve alguma coisa ou se tendes alguma coisa para negociar com ele, eu o trarei e o porei onde quiserdes. Mas, enquanto isso, tratai de concordar com essa penitência, que, podeis acreditar, vos será de muito proveito, tanto para a alma como para o corpo: para a alma, por causa da caridade com que a fareis; para o corpo, porque eu sei que sois de temperamento sanguíneo, e não vos poderá causar dano perder um pouco de sangue.

— Há muitos médicos no mundo: até os magos são médicos! — replicou Sancho. — Bem, como todos me dizem a mesma coisa, embora eu não consiga ver por mim mesmo, digo que fico contente de me aplicar os três mil e trezentos açoites, com a condição de que possa aplicá-los quando me der na veneta, sem uma cota diária nem prazo nenhum, que eu procurarei sair da dívida o mais rápido que for possível, para que o mundo desfrute da beleza da senhora dona Dulcineia del Toboso, pois, pelo visto, ao contrário do que eu pensava, é realmente formosa. Outra condição é que não fico obrigado a tirar sangue com a penitência, e que, se alguns açoites forem do tipo espanta-moscas, devem ser contados também. Ademais, se eu errar no número, o senhor Merlin, que sabe tudo, deve ter o cuidado de contá-los e de me avisar quantos faltam ou quantos me sobram.

— Das sobras não é preciso avisar — respondeu Merlin —, porque, quando se completar o número certo, num instante a senhora Dulcineia ficará desencantada e, muito reconhecida, virá

procurar o bom Sancho, e além de agradecer lhe dará prêmios pela boa ação. De modo que não precisa haver preocupação com as sobras nem com as faltas, nem permita o céu que eu engane ninguém, mesmo que seja por um fio de cabelo.

— Ai, ai, ai, entrego-me às mãos de Deus! — disse Sancho. — Aceito minha má sorte, digo, aceito a penitência, com as condições apontadas.

Mal Sancho disse a última palavra, voltou a soar a música das charamelas e os inumeráveis arcabuzes voltaram a disparar, e dom Quixote se pendurou no pescoço de Sancho, dando nele mil beijos na testa e nas bochechas. A duquesa e o duque, e todos os presentes, deram sinais de grande contentamento. Então o carro começou a andar e, ao passar por eles, a formosa Dulcineia inclinou a cabeça para os duques e fez uma grande reverência para Sancho.

Nisso, a aurora já vinha adiantada, alegre e risonha; as florzinhas dos campos se abriam e se erguiam, e os líquidos cristais dos riachos, murmurando por entre seixos brancos e pardos, iam desaguar nos rios que os esperavam. A terra feliz, o céu claro, o ar limpo, a luz serena, cada um por si e todos juntos davam sinais evidentes de que o dia que vinha pisando nas saias da aurora havia de ser sereno e claro. Os duques, satisfeitos com a caçada, e de ter realizado sua intenção com tanto sucesso e habilidade, voltaram ao castelo, dispostos a continuar com suas brincadeiras, pois nada feito a sério lhes daria mais prazer.

a — *Yo soy Merlín, aquel que las historias/ dicen que tuve por mi padre al diablo/ — mentira autorizada de los tiempos —,/ príncipe de la mágica y monarca/ y archivo de la ciencia zoroástrica,/ émulo a las edades y a los siglos/ que solapar pretenden las hazañas/ de los andantes bravos caballeros,/ a quien yo tuve y tengo gran cariño./ Y puesto que es de los encantadores,/ de los magos o mágicos continuo/ dura la condición, áspera y fuerte,/ la mía es tierna, blanda y amorosa,/ y amiga de hacer bien a todas gentes.// En las cavernas lóbregas de Dite,/ donde estaba mi alma entretenida/ en formar ciertos rombos y carácteres,/ llegó la voz doliente de la bella/ y sin par Dulcinea del Toboso./ Supe su encantamento y su desgracia,/ y su trasformación de gentil dama/ en rústica aldeana; condolime,/ y encerrando mi espíritu en el hueco/ de esta espantosa y fiera notomía,/ después de haber revuelto cien mil libros/ de esta mi ciencia endemoniada y torpe,/ vengo a dar el remedio que conviene/ a tamaño dolor, a mal tamaño.// ¡Oh tú, gloria y honor de cuantos visten/ las túnicas de acero y de diamante,/ luz y farol, sendero, norte y guía/ de*

aquellos que, dejando el torpe sueño/ y las ociosas plumas, se acomodan/ a usar el ejercicio intolerable/ de las sangrientas y pesadas armas!/ A ti digo, ¡oh varón como se debe/ por jamás alabado!, a ti, valiente/ juntamente y discreto don Quijote,/ de la Mancha esplendor, de España estrella,/ que para recobrar su estado primo/ la sin par Dulcinea del Toboso/ es menester que Sancho tu escudero/ se dé tres mil azotes y trescientos/ en ambas sus valientes posaderas, al aire descubiertas, y de modo,/ que le escuezan, le amarguen y le enfaden./ Y en esto se resuelven todos cuantos/ de su desgracia han sido los autores,/ y a esto es mi venida, mis señores.

xxxvi

onde se conta a estranha e jamais imaginada aventura da ama dolorida, alcunha da condessa trifaldi, com uma carta que sancho pança escreveu a sua mulher teresa pança

O duque tinha um administrador, muito malicioso e desembaraçado — aquele que havia representado o papel de Merlin, fizera todos os arranjos da aventura passada, compusera os versos e persuadira um pajem a se passar por Dulcineia —, que, por ordem de seus senhores, organizou outra aventura, a mais estranha, burlesca e engenhosa que se possa imaginar.

No dia seguinte, a duquesa perguntou a Sancho se havia começado a cumprir a penitência que devia fazer pelo desencantamento de Dulcineia. Ele disse que sim, e que naquela mesma noite havia se dado cinco açoites. A duquesa perguntou com que ele havia se açoitado. Respondeu que com a mão.

— Isso é palmada — replicou a duquesa —, não açoite. Tenho a impressão de que o sábio Merlin não deve estar satisfeito com tanta brandura: será necessário que o bom Sancho use uma boa vara de marmelo ou um chicote de couro trançado, para que sinta, pois se aprende com sangue, sem falar que não vai se dar liberdade tão barata a uma senhora tão cara como é Dulcineia. Sancho deve reparar que as obras de caridade feitas com mornidão e desleixo não têm mérito nem valem nada.[1]

Ao que Sancho respondeu:

— Dê-me vossa senhoria algum chicote ou uma vara na medida que eu me baterei com ele, desde que não me doa demais; porque

garanto a vossa mercê que, mesmo eu sendo um grosso, minhas carnes têm mais de algodão que de estopa, e não fica bem que eu me moleste pelo proveito alheio.

— Muito bem, Sancho — respondeu a duquesa —, amanhã vos darei um chicote que venha a calhar e se ajuste à delicadeza de vossas carnes como se fosse irmão delas.

Ao que Sancho disse:

— Saiba vossa alteza, senhora de minha alma, que eu escrevi uma carta para minha mulher, Teresa Pança, contando tudo o que me aconteceu depois que me afastei dela. Eu a tenho aqui no peito, prontinha, só falta endereçar. Gostaria que vossa sabedoria a lesse, porque me parece digna de governador, digo, que foi escrita ao modo que devem escrever os governadores.

— E quem a concebeu? — perguntou a duquesa.

— Quem, por meus pecados, havia de conceber senão eu? — respondeu Sancho.

— E também a escrevestes? — disse a duquesa.

— Nem em sonhos — respondeu Sancho —, porque eu não sei ler nem escrever, embora saiba assinar.

— Então vamos ver — disse a duquesa —, pois certamente mostrais nela a capacidade e a qualidade de vosso engenho.

Sancho tirou do peito uma carta aberta, e, pegando-a, a duquesa viu que dizia isto:

carta de sancho pança a teresa pança, sua mulher

Se bons açoites me davam, bem montado eu ia, como disse o ladrão ao carrasco:[2] se um bom governo tenho, bons açoites me custa. Por ora, tu não entenderás isto, minha querida Teresa, mas logo te explicarei. Deves saber, Teresa, que resolvi que andes de carruagem, porque é o que convém — de qualquer outro jeito é andar de quatro. És mulher de um governador: olha só se não falarão por tuas costas! Aí te mando um traje verde de caçador que me deu minha senhora, a duquesa: reforma de modo que dê para fazer um vestido para nossa filha. Dom Quixote, meu amo,

segundo ouvi nesta terra, é um louco manso e um mentecapto engraçado, e eu não fico muito atrás. Estivemos na caverna de Montesinos, e o sábio Merlin lançou mão de mim para desencantar Dulcineia del Toboso, que por aí se chama Aldonza Lorenzo: com três mil e trezentos açoites, que devo me aplicar, menos cinco, ela ficará desencantada como a mãe que a pariu. Não deves comentar nada disso com ninguém, porque, se pedes opinião sobre teus negócios, uns dirão que é branco e outros que é preto. Daqui a poucos dias partirei para o governo, aonde vou louco de vontade de fazer dinheiro, porque me disseram que isso acontece com todos os governadores novos; tomarei o pulso da situação e te avisarei se deves ou não vir para ficares comigo. O ruço está bem e te manda muitas lembranças, e não penso deixá-lo mesmo que me levem para ser califa da Turquia. Minha senhora a duquesa te beija as mãos mil vezes: retribui com dois mil, pois não há coisa que dê menos trabalho nem saia tão barato que a cortesia, conforme me disse meu amo. Deus não permitiu que eu topasse com outra maleta com cem escudos como aquela, mas não te preocupes, minha querida Teresa, porque está a salvo quem dá o alarme de longe, e vou tirar a limpo as tramoias do governo. Só o que me preocupa é que me dizem que, depois de sentir o gostinho, darei um braço para continuar no cargo, e, se for assim mesmo, não me custaria muito barato, embora os aleijados e manetas já tenham sua renda nas esmolas que pedem — portanto, de um modo ou de outro, terás boa sorte e serás rica. Deus te proteja como puder, e a mim guarde para te servir.
Deste castelo, vinte de julho de 1614.
Teu marido, o governador
Sancho Pança

Ao acabar a leitura da carta, a duquesa disse a Sancho:
— Em duas coisas o bom governador anda meio extraviado: uma, ao dizer ou dar a entender que lhe deram este governo em troca dos açoites, sabendo ele, pois não o pode negar, que quando o duque,

meu senhor, o prometeu, nem se sonhava haver açoites no mundo; outra é que se mostra muito cobiçoso, mas nem tudo são flores, porque a cobiça rompe o saco, e governador cobiçoso faz justiça desgovernada.

— Eu não quis dizer isso, senhora — respondeu Sancho. — E, se vossa mercê acha que esta carta não está como deve, não há mais nada a fazer que rasgá-la e escrever outra nova, mas talvez saia pior ainda, se a deixarem por minha conta.

— Não, não — replicou a duquesa —, está boa, e quero que o duque a veja.

Com isso, foram a um jardim onde haveriam de almoçar naquele dia. A duquesa mostrou a carta de Sancho ao duque, o que lhe deu grande prazer. Comeram e, depois de tirada a mesa, depois de terem se divertido um bom tempo com a deliciosa conversa de Sancho, se ouviu de repente o som tristíssimo de um pífaro e o de um tambor rouco e desafinado. Todos se inquietaram com a confusa, marcial e melancólica harmonia, especialmente dom Quixote, que não se aguentava em sua cadeira, tão agitado estava; sobre Sancho não há o que dizer, exceto que o medo o levou ao refúgio de sempre, que era ao lado da duquesa ou se agarrar às saias dela, porque o som que se ouvia era realmente sombrio e desconsolado.

Estavam todos abismados, quando viram entrar no jardim dois homens vestidos de luto, com roupas tão compridas que arrastavam pelo chão. Eles vinham tocando dois grandes tambores, também cobertos de negro. Ao lado, vinha o tocador de pífaro, cor de alcatrão como os outros. Seguia os três um personagem gigantesco, mais enrolado que vestido com uma sotaina negríssima, cuja fralda também era descomunal de grande. Por cima da sotaina lhe cingia, cruzando o peito, um talim também negro, de onde pendia um alfanje desmesurado com guarnições e bainha negras. Tinha o rosto coberto por um véu negro, mas transparente, por onde se entrevia uma longa barba branca como a neve. Andava ao som dos tambores, com muita calma e gravidade. Enfim, seu tamanho, seu andar, sua negrura e seu séquito poderiam — e puderam — surpreender todos aqueles que o olhavam sem conhecê-lo.

Chegou então com a lentidão e a solenidade referidas para cair de joelhos diante do duque, que o aguardava em pé, com os demais presentes. Mas o duque não consentiu de modo algum que ele falasse antes de se levantar. O espantalho prodigioso obedeceu e afastou o véu do rosto, revelando a mais horrenda, a mais longa, a mais branca e a mais cerrada barba que até então olhos humanos tinham visto. Então, depois de cravar os olhos no duque, arrancou do peito forte e largo uma voz grave e sonora para dizer:

— Nobilíssimo e poderoso senhor, a mim chamam Trifaldin da Barba Branca;[3] sou escudeiro da condessa Trifaldi, conhecida também como Ama Dolorida, da parte de quem trago a vossa grandeza um recado: ela gostaria que vossa magnificência lhe desse autorização e licença para entrar e lhe contar sua desgraça, que é uma das mais estranhas e admiráveis que a mente mais infeliz do orbe possa ter pensado. Mas primeiro quer saber se está neste vosso castelo o valoroso e jamais vencido cavaleiro dom Quixote de la Mancha, a quem busca a pé e sem descanso desde o reino de Candaia[4] até vossos domínios, coisa que se pode e se deve ter por milagre ou atribuir à força de encantamentos. Ela está à porta desta fortaleza ou casa de campo, e só aguarda vosso beneplácito para entrar. Tenho dito.

Em seguida, tossiu e afagou a barba de cima a baixo com ambas as mãos, e com muita calma ficou ouvindo a resposta do duque, que foi:

— Há muitos dias, meu bom escudeiro Trifaldin da Barba Branca, que temos notícia da desgraça de minha senhora a condessa Trifaldi, a quem os magos fazem chamar de Ama Dolorida. Então, estupendo escudeiro, podeis dizer a ela que entre e que aqui está o valente cavaleiro dom Quixote de la Mancha, de cujo temperamento generoso pode se esperar com certeza todo o amparo e toda a ajuda. Também podeis lhe dizer de minha parte que, se precisar de meu favor, não hei de lhe faltar, pois a isso estou obrigado por ser cavaleiro, a quem cabe e concerne favorecer a toda espécie de mulheres, em especial as amas viúvas, desprezadas e doloridas, como deve estar sua senhoria.

Ao ouvir isso, Trifaldin dobrou o joelho até o chão e, fazendo um sinal aos parceiros para que tocassem o pífaro e os tambores, com a mesma música e com o mesmo passo que havia entrado saiu de novo do jardim, deixando todos admirados de sua presença e compostura. E o duque disse, virando-se para dom Quixote:

— Em suma, famoso cavaleiro, nem as trevas da malícia nem as da ignorância podem encobrir e obscurecer a luz da coragem e da virtude. Digo isto porque há seis dias apenas vossa bondade está neste castelo e já vos vêm procurar de terras distantes e remotas, e não de carroças nem montados em dromedários, mas a pé e em jejum, os tristes, os aflitos, confiantes em que irão achar nesse fortíssimo braço o remédio para suas penas e dificuldades, graças a vossas grandes façanhas, cujas notícias correm e percorrem toda a terra conhecida.

— Eu gostaria, senhor duque — respondeu dom Quixote —, que estivesse aqui aquele bendito religioso que outro dia mostrou, à mesa, tanta aversão e antipatia pelos cavaleiros andantes, para que visse com os próprios olhos se os ditos cavaleiros são necessários no mundo: pelo menos poderia comprovar de modo palpável que os extremamente aflitos e desconsolados, nas grandes adversidades e nas desgraças enormes, não vão procurar ajuda na casa dos letrados, nem na dos sacristãos de aldeia, nem vão ao cavaleiro que nunca se aventurou fora de sua terra, nem ao cortesão preguiçoso que prefere ir atrás de notícias para contar que empreender feitos e façanhas para que outros as contem e as escrevam: o remédio para as aflições, o socorro das necessidades, o amparo das donzelas, o consolo das viúvas, em nenhum tipo de pessoa se encontra melhor que nos cavaleiros andantes. E, por eu ser um deles, dou infinitas graças ao céu, e dou por muito bem empregada qualquer desgraça e dificuldade que neste tão honroso exercício possa me acontecer. Venha então essa ama e peça o que quiser, que eu garanto seu socorro com a força de meu braço e a intrépida resolução de meu espírito corajoso.

XXXVII

onde se prossegue a famosa aventura da ama dolorida

O prazer do duque e da duquesa foi extremo ao verem como dom Quixote ia respondendo à intenção deles. Nesse ponto, Sancho disse:

— Eu não gostaria que essa ama viesse atrapalhar a promessa de meu governo, porque ouvi um boticário de Toledo, que tinha uma língua de ouro, dizer que onde se metiam amas não podia acontecer boa coisa. Que Deus me ajude, como o boticário estava de mal com elas! Pesco disso que todas as amas, de qualquer tipo e condição, são maçantes e impertinentes. Imagine então como serão as doloridas, como disseram que é essa condessa Três Faldas ou Três Fraldas? Mas, faldas ou fraldas, dá na mesma, todas tapam a cauda.

— Cale-se, meu amigo Sancho — disse dom Quixote —, porque, se essa ama de terras tão longínquas vem me procurar, não deve ser daquelas da lista do boticário, quanto mais que essa é condessa, e, quando as condessas servem de amas, servem a rainhas e imperatrizes, pois em suas casas são senhoríssimas que se servem de outras amas.

A isso respondeu dona Rodríguez, que se achava presente:

— Minha senhora a duquesa tem amas a seu serviço que poderiam ser condessas se a sorte desejasse, mas as leis vão onde querem os reis, e ninguém fale mal das amas, e menos ainda das antigas e donzelas, pois, embora eu não o seja, percebo muito bem a vantagem que uma ama donzela leva sobre uma ama viúva; e

cuidado, porque quem nos tosquiou continua com a tesoura nas mãos.

— Apesar disso — replicou Sancho —, há tanto que tosquiar nas amas, conforme disse meu barbeiro, que é melhor não mexer o arroz, mesmo que grude.

— Os escudeiros são sempre nossos inimigos — respondeu dona Rodríguez. — Como são assombrações das antessalas e nos veem a cada passo, nos instantes em que não rezam, que são muitos, gastam com mexericos, desenterrando nossos podres e enterrando nosso bom nome. Bem, por mim deviam exercitar os braços nas galés, e quer gostem ou não vamos continuar a viver no mundo e nas casas nobres, ainda que morramos de fome e cubramos com um hábito preto de freira nosso corpo delicado, ou nada delicado, como quem cobre ou tapa um monturo com um tapete em dia de procissão. Juro que, se eu pudesse e o tempo permitisse, mostraria, não só aos presentes, mas a todo o mundo, como não há virtude que não se encerre numa ama.

— Eu acho que minha boa dona Rodríguez tem razão, e muita — disse a duquesa —, mas convém que aguarde outra hora para defender a si mesma e as amas em geral, para refutar a má opinião daquele mau boticário e arrancar a que o grande Sancho Pança tem em seu peito.

Ao que Sancho respondeu:

— Desde que sou meio governador, minhas dores de barriga de escudeiro passaram e não dou uma figa a quantas amas haja.

Teriam ido em frente com a discussão amesca, se não ouvissem que o pífaro e os tambores soavam de novo, o que os levou a pensar que a Ama Dolorida entrava. A duquesa perguntou ao duque se não seria melhor ir recebê-la, pois era condessa e pessoa nobre.

— Pelo que tem de condessa — respondeu Sancho, antes que o duque respondesse —, acho que seria bom que vossas grandezas saíssem para recebê-la; mas, pelo que tem de ama, sou da opinião de que não se mexam nenhum passo.

— Quem és tu para te meteres nisso, Sancho? — disse dom Quixote.

— Quem, senhor? — respondeu Sancho. — Eu me meto porque posso me meter: como escudeiro aprendi os modos da cortesia na escola de vossa mercê, que é o mais cortês e bem-educado cavaleiro que há em toda corte; e nessas coisas, conforme ouvi vossa mercê dizer, tanto se perde com uma carta maior como com uma menor, e, a bom entendedor, meia palavra basta.

— É verdade, Sancho — disse o duque. — Vejamos as maneiras da condessa; por elas saberemos a cortesia que lhe devemos.

Nisso entraram os tocadores de tambores e de pífaro como da outra vez.

E aqui o autor acabou este rápido capítulo e começou outro, acompanhando a mesma aventura, que é uma das mais notáveis da história.

XXXVIII

onde se conta o que a ama dolorida contou de sua má sorte

Atrás dos músicos tristes começaram a entrar pelo jardim umas doze amas, divididas em duas filas, todas vestidas com uns hábitos largos, de monja, pelo visto de sarja batida, com umas toucas brancas de musselina, tão longas que só deixavam à mostra a barra do hábito. Atrás delas vinha a condessa Trifaldi, pela mão de seu escudeiro Trifaldin da Barba Branca, vestida de finíssima e negra baeta sem frisar — se estivesse frisada, mostraria cada nó do tamanho de um grão-de-bico de Martos.[1] A cauda ou falda, ou como quiserem chamar, era de três pontas, seguras pelas mãos de três pajens também vestidos de luto, fazendo uma vistosa e geométrica figura com aqueles três ângulos agudos que as três pontas formavam. Isso levou os presentes a pensar que por causa dessas pontas a condessa era chamada de Trifaldi, como se disséssemos condessa "das Três Faldas". Segundo Benengeli, isso era verdade, e que o sobrenome da condessa era Lobuna, porque em seu condado havia muitos lobos, e, se não fossem lobos, mas animais com chifres, ela se chamaria Chifruda, por ser costume naquela região os senhores adotarem os nomes da coisa ou coisas que mais abundavam em seus domínios. Mas essa condessa, para comemorar a novidade de sua falda, deixou o Lobuna e adotou o Trifaldi.[2]

As doze amas e a senhora vinham em passo de procissão, os rostos cobertos com véus negros, mas não transparentes como de

Trifaldin; pelo contrário, eram tão densos que não deixavam entrever coisa nenhuma.

Mal acabou de surgir o esquadrão amesco, o duque, a duquesa e dom Quixote se levantaram, e todos aqueles que contemplavam a lenta procissão. As doze amas pararam, formando um corredor, por onde a Dolorida entrou, sem que Trifaldin lhe soltasse a mão. Ao ver isso, o duque, a duquesa e dom Quixote avançaram uns doze passos para recebê-la. Ela, com os joelhos no chão, com voz forte e rouca em vez de graciosa e delicada, disse:

— Queiram vossas grandezas não ser tão corteses com este seu criado, digo, com esta sua criada, porque estou tão dolorida que não conseguirei corresponder à altura. Minha estranha e jamais vista desgraça me levou o entendimento não sei para onde, mas deve ser muito longe, pois, quanto mais o procuro, menos o acho.

— Sem ele estaria, senhora condessa, quem não percebesse vosso valor em vossa pessoa — respondeu o duque —, que, mesmo sem ver, é merecedor de toda a nata da cortesia e de toda a flor das cerimônias das pessoas bem-educadas.

E, levantando-a pela mão, levou-a a uma cadeira ao lado da duquesa, que também a recebeu com muita polidez.

Dom Quixote se mantinha calado e Sancho morria para ver o rosto da Trifaldi e de alguma de suas muitas amas, mas não foi possível até que elas, de livre e espontânea vontade, se descobriram.

Calmos todos e em silêncio, esperavam quem o haveria de romper, e foi a Ama Dolorida, com estas palavras:

— Estou confiante, poderosíssimo senhor, formosíssima senhora e sapientíssimos presentes, que minha desgracíssima há de encontrar em vossos valorosíssimos corações acolhida não menos plácida que generosa e dolorosa, porque minha desgracíssima é tamanha que é capaz de amolecer os mármores e abrandar os diamantes e suavizar o aço dos mais endurecidos espíritos do mundo. Mas, antes de trazê-la ao domínio de vossos ouvidos, para não dizer orelhas, gostaria que me tornassem ciente se nesta fraternidade, grupo ou companhia se acha o imaculadíssimo cavaleiro dom Quixote de la Mancha e seu escudeiríssimo Pança.

— O Pança — disse Sancho, antes que outro respondesse — está aqui e o dom Quixotíssimo também, de modo que podeis, dolorosíssima amíssima, dizer o que quereisíssimo, que estamos todos prontos e preparadíssimos para ser vossos servidoríssimos.

Nisso dom Quixote se levantou e, dirigindo suas palavras à Ama Dolorida, disse:

— Se vossas penas, angustiada senhora, podem ter alguma esperança de remédio pela coragem e forças de algum cavaleiro andante, aqui estão as minhas, que, embora poucas e reduzidas, todas serão empregadas a vosso serviço. Eu sou dom Quixote de la Mancha, cuja ocupação é socorrer todo tipo de necessitados. Sendo isso assim, como de fato é, não tendes necessidade, senhora, de solicitar benevolências nem buscar preâmbulos. Dizei simplesmente, sem rodeios, vossos males, que vos escutam ouvidos que saberão, se não saná-los, ao menos condoer-se deles.

Ao ouvir isso, a Ama Dolorida deu sinais de querer se atirar de joelhos aos pés de dom Quixote, e acabou mesmo se atirando, e dizia, enquanto tentava abraçá-los:

— Ante estes pés e pernas me ajoelho, oh, invicto cavaleiro, porque são as bases e os pilares da cavalaria andante! Quero beijar estes pés, de cujos passos pende e depende toda solução de minha desgraça, oh, corajoso andante, cujas façanhas verdadeiras deixam para trás e obscurecem as fantasiosas dos Amadises, Esplandianes e Belianises!

E, deixando dom Quixote, se virou para Sancho Pança e, segurando as mãos dele, disse:

— Oh, tu, o mais leal escudeiro que jamais serviu cavaleiro andante nos tempos presentes ou passados, de bondade maior que as barbas de Trifaldin, meu acompanhante, que aqui se encontra! Bem podes te gabar de que, ao servir ao grande dom Quixote, serves num lance à tropa toda de cavaleiros que empunharam armas no mundo. Conjuro-te, pelo que deves a tua bondade fidelíssima, a ser o intercessor com teu amo, para que logo favoreça a esta humilíssima e infelicíssima condessa.

Ao que Sancho respondeu:

— Para mim tanto faz que minha bondade seja tão comprida e grande como a barba de vosso escudeiro, minha senhora. O que importa é que eu tenha barbuda e bigoduda minha alma quando ela se for desta vida, pois com as barbas do lado de cá pouco ou nada me importo. Mas, sem tretas ou sermões, suplicarei a meu amo, que sei que me quer bem, ainda mais agora que precisa de mim para certo negócio, que favoreça e ajude vossa mercê em tudo o que puder. Desembuche vossa mercê sua pena, e conte-a para nós, e deixe estar, que todos vamos nos entender.

Os duques se arrebentavam de rir com essas coisas, como aqueles que haviam se enfronhado em tal aventura, e gabavam entre si a argúcia e dissimulação da Trifaldi, que, sentando de novo, disse:

— Do famoso reino de Candaia, que cai entre a grande Taprobana e o mar do Sul, duas léguas além do cabo Comorin,[3] foi senhora a rainha dona Magúncia, viúva do rei Archipiela, seu senhor e marido. Desse matrimônio nasceu a infanta Antonomásia, herdeira do reino; essa infanta Antonomásia se criou e cresceu sob minha tutela e doutrina, por eu ser a mais antiga e a mais nobre ama de sua mãe. Aconteceu que, correndo os dias, a menina Antonomásia chegou à idade de catorze anos com tamanha perfeição que a natureza não conseguiu acrescentar mais nenhum detalhe a essa formosura. Quanto à inteligência, nem é bom falar: a infanta era tão inteligente quanto bela, e era a mais bela do mundo, e é ainda, se os fados invejosos e as parcas cruéis não lhe cortaram o fio da vida. Mas não devem tê-lo feito, pois os céus não podem permitir que se faça tão mal à terra como seria levar verde o cacho da mais formosa das vinhas.

“Um número infinito de nobres, tanto locais como estrangeiros, se apaixonou dessa formosura, que minha pobre língua não enalteceu como se deve. Entre eles ousou elevar os pensamentos ao céu de tanta beleza um cavaleiro particular que estava na corte, confiado em sua mocidade, em sua elegância, em suas muitas habilidades e graças, e na facilidade e felicidade de seu espírito. Pois conto a vossas grandezas, se não me levarem a mal, que tocava uma guitarra tão bem que é como se a fizesse falar, e ainda por cima era

poeta e grande dançarino, e sabia fazer gaiolas para pássaros tão bem que poderia ganhar a vida apenas com elas, caso se visse em extrema necessidade. Pois essas qualidades e graças são suficientes para derrubar uma montanha, imagine uma donzela delicada. Mas toda a sua elegância e distinção, todas as suas graças e habilidades teriam sido insuficientes para render a fortaleza de minha menina, se o ladrão descarado não usasse do estratagema de render a mim antes. Primeiro o patife e vagabundo desalmado quis conquistar minha vontade e corromper minha determinação, para que eu, mau alcaide, lhe entregasse as chaves da fortaleza que guardava. Em suma, ele adulou minha mente, depois rendeu minha vontade com não sei quantas joias baratas que me deu; mas o que mais me atraiu e seduziu foram uns versos que o ouvi cantar uma noite, das grades de uma janela que dava para a ruazinha onde ele estava, que, se não me lembro mal, diziam:

De minha doce inimiga
nasce um mal que fere a alma
e para maior tormento quer
que se sinta e não se diga.[4]

“Os versos me pareceram de pérolas e a voz dele, de mel, e de lá para cá, vendo o mal em que caí por causa destes e de outros versos semelhantes, tenho pensado que as repúblicas bem governadas deviam banir os poetas, como aconselhava Platão,[5] pelo menos os lascivos, porque escrevem uns versos não como os do marquês de Mântua, que distraem as crianças e fazem as mulheres chorar, mas com umas astúcias que como espinhos macios vos atravessam a alma e como raios vos ferem nela, sem deixar marcas na roupa. E outra vez cantou:

Vem, morte, tão escondida
que não te sinta vir,
para que o prazer do morrer

não torne a me dar a vida.[6]

“E outros versos desse tipo e canções de amor, que cantados encantam e escritos, enlevam. E quando condescendem a compor um gênero de verso que estava na moda naquele tempo, em Candaia, a que eles chamam ‘seguidilhas’? Então sim, era a festa das almas, o prazer do riso, a agitação dos corpos, enfim, a exaltação de todos os sentidos. Por isso digo, meus senhores e senhoras, que com bons motivos esses trovadores deviam ser desterrados para as ilhas dos Lagartos. Mas eles não têm culpa, a culpa é dos tolos que os louvam e das bobas que acreditam neles. Se eu fosse a boa ama que devia ser, suas ideias sovadas não me emocionariam, nem pensaria ser verdade aquela conversa de ‘vivo morrendo, ardo no gelo, tremo no fogo, espero sem esperança, parto mas fico’, com outros absurdos dessa laia, de que seus escritos estão cheios. E que dizer quando prometem a fênix da Arábia, a coroa de Ariadne, os cavalos do Sol, as pérolas do Sul, o ouro de Tíbar e o bálsamo de Pancaia?[7] É aqui que a pena deles é pródiga, já que lhes custa pouco prometer o que jamais pensam nem podem cumprir. Mas para onde me desvio? Ai de mim, pobre infeliz que sou! Que loucura ou que desatino me leva a contar os pecados dos outros, tendo tanto o que dizer sobre os meus? Ai de mim, repito, pobre desgraçada, não foram os versos que me renderam, mas minha tolice; não me abrandaram as músicas, mas minha leviandade! Minha grande ignorância e negligência abriram o caminho e retiraram os obstáculos aos passos de dom Cravelho, que esse é o nome do referido cavaleiro.

“Então, comigo de intermediária, ele visitou muitas e muitas vezes o quarto de Antonomásia, enganada por mim, não por ele. Mas visitou-a como seu legítimo marido, porque eu, embora pecadora, não consentiria que ele tocasse nem na sola dos sapatos dela sem ser seu marido. Não, não, isso não: o casamento sempre deve vir antes em qualquer um desses negócios que eu trate! Houve apenas um problema dessa vez, que foi o da desigualdade, por dom

Cravelho ser um cavaleiro particular, e a infanta Antonomásia herdeira do reino, como eu já disse.

“Essa tramoia ficou oculta e disfarçada pela sagacidade de meu recato por algum tempo, até que, pouco a pouco, me pareceu que a ia revelando um certo aumento do ventre de Antonomásia, e o temor que isso causou nos levou os três a deliberar, e então decidimos que, antes que a má notícia se espalhasse, dom Cravelho devia pedir Antonomásia em casamento ao vigário-geral, apoiado por um documento em que a infanta prometia ser sua esposa, que eu ditara de modo tão engenhoso e com termos tão fortes que nem Sansão poderia rompê-los. As diligências foram feitas, o vigário-geral viu o documento, tomou a confissão da senhora, que contou tudo, o vigário mandou deixá-la sob custódia na casa de um aguazil da corte muito honesto…”

Nessas alturas, Sancho disse:

— Em Candaia também há aguazis na corte, poetas e seguidilhas? Isso me leva a pensar que o mundo é a mesma coisa em toda parte. Mas vamos, senhora Trifaldi, apresse-se, que é tarde e morro para saber o fim de história tão comprida.

— Vou me apressar, sim — respondeu a condessa.

xxxix

onde a trifaldi prossegue sua estupenda e memorável história

Qualquer palavra que Sancho dizia agradava tanto a duquesa quanto desesperava dom Quixote, que o mandou se calar para que a Dolorida prosseguisse:

— Enfim, ao cabo de muitas perguntas e respostas, como a infanta não desse o braço a torcer, sem sair da primeira declaração nem variá-la, o vigário-geral deu a sentença favorável a dom Cravelho e entregou Antonomásia como sua legítima esposa, o que causou tanta raiva na rainha, dona Magúncia, mãe da infanta, que dentro de três dias a enterramos.

— Deve ter morrido, sem dúvida — disse Sancho.

— É claro! — respondeu Trifaldin. — Em Candaia não se enterram as pessoas vivas, só as mortas.

— Já aconteceu, senhor escudeiro, de se enterrar um desmaiado pensando que estivesse morto — replicou Sancho. — Mas me parece que a rainha Magúncia devia era desmaiar em vez de morrer, pois com a vida muitas coisas se remediam e o disparate da infanta não foi tão grande que a obrigasse a senti-lo tanto. Se essa senhora tivesse se casado com algum pajem ou com outro criado de sua casa, como muitas outras fizeram, pelo que ouvi dizer, aí sim o dano não teria cura; mas ter se casado com um senhor tão gentil-homem e tão habilidoso como nos pintou aqui, no fundo no fundo, embora tenha sido uma burrice, não foi tão grande como se pensa, porque conforme as regras de meu senhor, aqui presente e que não me deixará mentir, assim como se fazem bispos dos letrados,

podem se fazer reis e imperadores dos cavaleiros, ainda mais se forem andantes.

— Tens razão, Sancho — disse dom Quixote —, porque um cavaleiro andante, desde que tenha dois dedos de sorte, está sempre na iminência de ser o maior senhor do mundo. Mas continue a senhora Dolorida, pois suspeito que falta contar a parte amarga desta história até aqui doce.

— E como falta! — respondeu a condessa. — E essa parte é tão amarga que, em comparação, o fel é doce e o absinto, saboroso. Então, enterramos a rainha, morta, não desmaiada; e mal a cobrimos com a terra, mal lhe dissemos o último adeus, quando — *quis talia fando temperet a lacrimis?*[1] —, montado num cavalo de madeira, apareceu em cima da sepultura da rainha o gigante Malambruno,[2] primo-irmão de Magúncia, que além de cruel era mago. Ele, com suas artes, em vingança pela morte da prima e para castigar o atrevimento de dom Cravelho e por ressentimento pela frivolidade de Antonomásia, deixou-os encantados sobre a própria sepultura, ela transformada numa macaca de bronze e ele, num terrível crocodilo de um metal desconhecido, e entre eles está uma lápide também metálica, em que estão escritas umas letras em sírio, que, traduzidas para o candaiesco e agora para o castelhano, encerram esta sentença: "Estes dois amantes atrevidos não voltarão à forma de antes até que o valoroso manchego venha me enfrentar em singular batalha, pois apenas para sua grande coragem guardam os fados esta nunca vista aventura".

"Depois disso, sacou da bainha um largo e descomunal alfanje e, agarrando-me pelos cabelos, fez menção de me sangrar o pescoço e me decepar rente a cabeça. Fiquei perturbada, minha voz trancou na garganta, enfim, caí numa angústia extrema, mas mesmo assim me esforcei o mais que pude e com voz trêmula e aflita disse a ele tantas e tais coisas que o levaram a suspender a execução de tão rigoroso castigo. Então mandou trazer todas as amas do palácio, que são estas que estão presentes, e, depois de ter exagerado nossa culpa e insultado o caráter das amas em geral, seus maus costumes e piores intrigas, e descarregando em todas a culpa que apenas eu tinha, disse que não queria nos castigar com pena

capital, mas com outra mais prolongada, que nos desse uma morte civil e perpétua: e no instante em que acabou de dizer isso, todas sentimos que os poros de nossos rostos se abriam e que em todo ele nos espetavam com pontas de agulha. Em seguida, levamos as mãos aos rostos e nos achamos do modo que vereis.”

Então a Dolorida e as outras amas ergueram os véus com que se cobriam e revelaram os rostos povoados de barbas — umas loiras, umas pretas, umas brancas e umas grisalhas. Com a visão, ficaram admirados o duque e a duquesa, pasmos dom Quixote e Sancho, e atônitos todos os presentes.

E a Trifaldi prosseguiu:

— Dessa maneira nos castigou aquele patife malvado do Malambruno, cobrindo a suavidade e a delicadeza de nossos rostos com a aspereza destas cerdas. Pena que o céu não desejou que nos tivesse cortado a cabeça com seu desmesurado alfanje em vez de tirar a luz de nossas faces com estes pelos, porque, se pensarmos direito, meus senhores e senhoras (e gostaria de dizer isso com meus olhos jorrando feito fontes, mas como já remoemos muito nossa desgraça e como os mares que foram vertidos até aqui os têm mais secos que palha de trigo, falarei sem lágrimas), digo, portanto, aonde poderá ir uma ama com barbas? Que pai ou que mãe terá pena dela? Quem lhe dará ajuda? Se mesmo quando tem a pele lisa e o rosto martirizado com mil espécies de pomadas e tinturas mal acha quem goste dela, o que fará quando mostrar o rosto transformado numa floresta? Oh, amas, minhas companheiras, em que ocasião miserável nascemos, em que mau momento nossos pais nos conceberam!

E, ao dizer isso, deu sinais de que ia desmaiar.

XL

de coisas que dizem respeito a esta aventura e esta história memorável

Todos os que gostam de histórias como esta devem se mostrar realmente agradecidos a Cide Hamete, seu primeiro autor, pelo cuidado que teve em contar as minúcias dela, sem deixar de mostrar com clareza coisa alguma, por menor que fosse. Pinta os pensamentos dos personagens, revela suas fantasias, responde às perguntas tácitas, tira dúvidas, desembaraça os argumentos, enfim, oferece a última partícula que o mais curioso pode desejar. Oh, célebre autor! Oh, feliz dom Quixote! Oh, afamada Dulcineia! Oh, divertido Sancho Pança! Possam juntos e cada um por si viver inumeráveis séculos, para prazer e entretenimento universais de todo mundo.

A história conta, pois, que mal Sancho viu a Ama Dolorida desmaiada, disse:

— Pela fé de homem de bem, juro pela vida eterna de todos os meus antepassados Panças que jamais ouvi nem vi, nem meu amo me contou, nem em seu pensamento coube aventura parecida com esta. Que mil satanases te ajudem, Malambruno, se não te excomungo como mago e gigante! Não achaste nenhum outro jeito de castigar estas pecadoras a não ser deixá-las barbudas? Como, hein? Não seria melhor e não viria mais em conta para elas que tivesse cortado um pedaço do nariz, da metade para cima, mesmo que ficassem fanhas, que botar barbichas nelas? Aposto que não têm um tostão para pagar um barbeiro.

— É verdade, senhor — respondeu uma das doze amas —, não temos dinheiro para nos barbear, por isso, por economia, algumas de nós resolveram usar uns grudes ou emplastros de alcatrão. Aplicando-os nas faces e puxando-os de repente, ficamos tão suaves e lisas como sovaco de anjo; porque, apesar de em Candaia haver mulheres que andam de casa em casa para tirar o buço, ajeitar as sobrancelhas e aplicar pomadas, nós, as amas de minha senhora, jamais as admitimos, pois a maioria delas cheira a alcovitice, tendo deixado há muito de pisar nas alcovas; e, se não formos salvas pelo senhor dom Quixote, vão nos levar barbudas à sepultura.

— Eu rasparia as minhas nas terras dos mouros — disse dom Quixote —, se não pudesse vos livrar das vossas.[1]

Nesse ponto, a Trifaldi se recuperou do desmaio e disse:

— O eco dessa promessa, valoroso cavaleiro, me chegou aos ouvidos em meio ao meu desmaio e me ajudou a recuperar os sentidos. Então vos suplico de novo, ínclito andante e indomável senhor, que vossa amável promessa não fique apenas em palavras.

— Por mim não ficará — respondeu dom Quixote. — Dizei, senhora, o que devo fazer, que tenho o espírito pronto para vos servir.

— Acontece que daqui ao reino de Candaia, caso se vá por terra, há cinco mil léguas, mais ou menos — respondeu a Dolorida —, mas, indo pelo ar e em linha reta, há três mil duzentas e vinte e sete. É preciso saber também que Malambruno me disse que, quando a sorte me deparasse com o cavaleiro nosso libertador, ele enviaria uma montaria muito melhor e sem as manhas das de aluguel, pois deverá ser aquele mesmo cavalo de madeira em que o valoroso Pierres roubou a linda Magalona, cavalo que se dirige por uma cravelha que tem na testa, que lhe serve de freio, e voa pelo ar com tanta rapidez que parece que os próprios diabos o levam. Esse cavalo, conforme a tradição antiga, foi feito por aquele sábio Merlin; emprestou-o a Pierres, que era seu amigo, e Pierres fez grandes viagens e roubou, como já se disse, a linda Magalona, levando-a na garupa pelo ar, deixando embasbacados a todos que os olhavam da terra. Merlin só o emprestava para quem ele gostava ou para quem

o pagava melhor; e desde o grande Pierres até agora não sabemos se mais alguém o montou.[2] Mas Malambruno o tomou com suas artes e o tem desde então em seu poder; serve-se dele para suas viagens, que faz a todo momento a diversas partes do mundo, e hoje está aqui e amanhã na França e outro dia em Potosi. E o melhor é que o dito cavalo não come nem dorme nem gasta ferraduras, e é marchador, vai pelo ar sem ter asas, num galope tão calmo e macio que o cavaleiro pode levar um copo cheio de água na mão sem que se derrame uma gota. É por isso que a linda Magalona adorava cavalgá-lo.

A isso, Sancho disse:

— Para andar com calma e macio, prefiro meu burro, mesmo que não ande pelos ares; mas em terra bate quantos marchadores há no mundo.

Todos riram, e a Dolorida prosseguiu:

— E esse cavalo, se é que Malambruno quer dar fim a nossa desgraça, estará em nossa presença antes de meia hora depois de cair a noite, porque ele me explicou que o sinal que me daria para eu saber que havia encontrado o cavaleiro que buscava seria me enviar o cavalo fosse onde fosse, de modo rápido e oportuno.

— E quantos cabem nesse cavalo? — perguntou Sancho.

A Dolorida respondeu:

— Duas pessoas, uma na sela e outra na garupa, e na maioria das vezes essas pessoas são cavaleiro e escudeiro, quando falta alguma donzela roubada.

— Eu gostaria de saber, senhora Dolorida — disse Sancho —, qual o nome desse cavalo.

— O nome — respondeu a Dolorida — não é como o do cavalo de Belerofonte, que se chamava Pégaso, nem como o de Alexandre Magno, chamado Bucéfalo, nem como o do furioso Orlando, cujo nome foi Brilhadouro, e menos ainda Baiarte, que foi o de Reinaldos de Montalbán, nem Frontino, como o de Rugero, nem Bootes nem Pirítoo, como dizem que se chamam os de Apolo, nem tampouco se chama Orélia, como o cavalo em que o desgraçado Rodrigo, último rei dos godos, entrou na batalha onde perdeu o reino e a vida.

— Eu aposto — disse Sancho — que não lhe deram nenhum desses nomes de cavalos famosos, nem o de meu amo, Rocinante, que, por ser muito apropriado, é muito melhor que esses que foram nomeados.

— É verdade — respondeu a condessa barbuda —, mas mesmo assim lhe cai muito bem, porque se chama Cravelenho, o Ligeiro, sendo ele de madeira, tendo uma cravelha na testa e andando ligeiro; assim, quanto ao nome, bem pode competir com o famoso Rocinante.

— O nome não me desagrada — replicou Sancho —, mas com que freio ou com que cabresto se dirige o bicho?

— Já disse que com a cravelha — respondeu a Trifaldi. — Virando-a para um lado ou outro, o cavaleiro o encaminha como quer, pelos ares, dando um rasante e quase varrendo a terra, ou a meia altura, que é o melhor jeito para todas as ações bem planejadas.

— Isso eu queria ver — respondeu Sancho —, mas pensar que tenho de montar nele, na sela ou nas ancas, é pedir uvas ao marmeleiro. Eu mal me aguento em meu burro, e numa albarda mais macia que a própria seda, e vão querer agora que monte numa garupa de tábua, sem nenhuma almofada ou travesseiro! Santo Deus, não penso me arrebentar todo pelas barbas de ninguém: cada um que se tosquie como bem entender, que eu não penso acompanhar meu senhor em viagem tão longa. Além do mais, não devo fazer tanta falta na raspação dessas barbas como faço no desencantamento de minha senhora Dulcineia.

— Fazes sim, meu amigo — respondeu a Trifaldi —, e tanta que sem vossa presença me parece que não faremos nada.

— Ai, Jesus! — disse Sancho. — O que é que os escudeiros têm que ver com as aventuras de seus senhores? Eles vão levar a fama das façanhas realizadas e nós ficamos apenas com o trabalho? Santo Deus! Se ao menos os historiadores dissessem “O tal cavaleiro fez tal e tal façanha, mas com a ajuda de fulano, seu escudeiro, sem o qual teria sido impossível vencer…”. Mas não, escrevem apenas “dom Paralipômeno[3] das Três Estrelas venceu os seis monstros”, sem mencionar a pessoa de seu escudeiro, que se

encontrava presente em tudo, como se não existisse! Agora, senhores e senhoras, repito que meu senhor pode ir sozinho e que faça bom proveito, pois eu ficarei aqui em companhia de minha senhora, a duquesa, e até pode ser que na volta dom Quixote encontre a causa da senhora Dulcineia melhorada de cima a baixo, porque penso, em meus momentos de lazer e desocupação, me aplicar tantos açoites que as feridas vão criar bicho.

— Mesmo assim, deveis acompanhá-lo se for necessário, meu bom Sancho, porque boas pessoas vos suplicarão. Por causa de vossos vãos temores, estas senhoras não vão ficar com os rostos tão povoados: isso certamente seria um desastre.

— Ai, Jesus, acuda-me de novo! — replicou Sancho. — Se essa caridade fosse feita por algumas donzelas reclusas ou por algumas meninas órfãs, o homem poderia se arriscar a qualquer perigo. Mas que sofra para tirar as barbas de amas e aias, tenham dó, mesmo que eu as visse todas com barbas, desde a mais velha até a mais nova e da mais melindrosa até a mais metida.

— Estais de mal com as amas e aias, meu amigo Sancho — disse a duquesa. — Ides muito atrás da opinião do boticário de Toledo, mas, juro por Deus, não tendes razão, pois em minha casa há amas que podem ser exemplos de amas: aqui está dona Rodríguez, que não me deixará dizer outra coisa.

— Mas, mesmo que vossa excelência a diga — disse Rodríguez —, Deus conhece a verdade de tudo. E sejamos boas ou más, barbadas ou imberbes, também nos pariram nossas mães como às demais mulheres; enfim, como Deus nos botou no mundo, Ele sabe por quê, e à sua misericórdia me atenho, não às barbas de ninguém.

— Muito bem, senhora Rodríguez, senhora Trifaldi e companhia — disse dom Quixote —, espero que o céu olhe com bons olhos vossas penas e que Sancho faça o que eu lhe ordenar. Ah, estivesse aqui o Cravelenho e eu me visse frente a frente com Malambruno: sei que não haveria navalha que raspasse as barbas de vossas mercês com mais facilidade do que minha espada rasparia dos ombros a cabeça de Malambruno! Que Deus suporte os maus, mas não para sempre!

— Ai! — gemeu nessas alturas a Dolorida. — Espero, valoroso cavaleiro, que todas as estrelas das regiões celestes olhem vossa grandeza com olhos benignos e infundam em vosso peito todo o vigor e valentia para ser escudo e amparo do vituperado e abatido gênero amesco, abominado por boticários, caluniado por escudeiros e logrado por pajens. Ai da velhaca que na flor da idade não resolveu ser monja em vez de ama! Pobres de nós, as amas: mesmo que descendêssemos em linha direta, de pai para filho, do próprio Heitor, o troiano, nossas senhoras não deixariam de nos tratar como ralé, se com isso julgassem ser rainhas! Oh, gigante Malambruno! Apesar de mago, honra tuas promessas! Envia-nos logo o inigualável Cravelenho, para que nossa desgraça se acabe, pois, se o verão nos alcançar com estas barbas, estaremos fritas!

A Trifaldi disse isso com tanto sentimento que arrancou lágrimas de todos os presentes e até deixou os olhos de Sancho rasos d’água. Então ele resolveu, no fundo de seu coração, acompanhar seu senhor até os confins da terra, se isso fosse necessário para tirar a lã daqueles rostos veneráveis.

xli

da vinda de cravelenho, com o desfecho desta prolongada aventura

Então chegou a noite e, com ela, o prazo determinado para a vinda do famoso cavalo Cravelenho, cuja demora já preocupava dom Quixote, que pensou que, se Malambruno embromava, era porque ele não era o cavaleiro para quem estava reservada aquela aventura ou era porque Malambruno não ousava vir enfrentá-lo em singular batalha. Mas eis que de repente entraram no jardim quatro selvagens, todos vestidos de hera verde, que traziam sobre os ombros um grande cavalo de madeira. Puseram-no de pé no chão, e um dos selvagens disse:

— Monte nesta engenhoca quem tiver coragem para isso.

— Eu não monto — disse Sancho —, porque não tenho coragem nem sou cavaleiro.

E o selvagem continuou:

— E monte na garupa o escudeiro, se é que o tem, e confie no valoroso Malambruno, pois, se não for pela espada dele, por nenhuma outra ou por malícia alguma será atingido. Basta torcer esta cravelha que o bicho tem no pescoço, que ele os levará pelos ares até onde Malambruno os espera; mas, para que a altura e a sublimidade do caminho não lhes causem vertigem, devem cobrir os olhos até que o cavalo relinche, sinal de que a viagem acabou.

Dito isto, deixaram Cravelenho e voltaram por onde tinham vindo com elegante postura. A Dolorida, logo que viu o cavalo, quase em lágrimas disse a dom Quixote:

— Valoroso cavaleiro, as promessas de Malambruno se cumpriram: o cavalo está aí, nossas barbas crescem, e cada uma de nós, com cada pelo delas, te suplicamos que nos tosquies e raspes, pois só depende de que montes nele com teu escudeiro e dês início a tua nova viagem.

— É o que farei, senhora condessa Trifaldi, de bom grado e com a melhor disposição, sem procurar almofada nem botar esporas, para não perder tempo, tamanha é a gana que tenho de ver a senhora e todas estas amas lindas e bem aparadas.

— Mas eu não, de jeito nenhum — disse Sancho —, nem de bom nem de mau grado. Se essa tosquia não pode ser feita sem que eu monte na garupa, meu senhor pode muito bem procurar outro escudeiro que o acompanhe, e estas senhoras outro modo de alisar os rostos, que eu não sou bruxo para gostar de andar pelos ares. E o que dirão meus ilhéus quando souberem que seu governador anda por aí, passeando no vento? E tem outra coisa mais: como daqui a Candaia há três mil e tantas léguas, se o cavalo se cansar ou o gigante se irritar, vamos demorar meia dúzia de anos para voltar, e já não haverá ilha nem bilha que me reconheçam. Por isso se diz comumente que na demora está o perigo e que, quando te derem a vaquinha, bote logo nela a cordinha. Com todo o respeito pelas barbas destas senhoras, quem vai ao vento perde o assento, quero dizer, estou muito bem nesta casa onde tanta mercê me fazem e de cujo dono espero tão grande bem como é me ver governador.

Ao que o duque disse:

— Sancho, meu amigo, a ilha que eu vos prometi não é móvel nem fugitiva: tem raízes tão profundas, lançadas nos abismos da terra, que não a arrancarão nem mudarão de onde está nem que se matem puxando com três cavalos. E como sabeis que eu sei que não há nenhuma espécie de ofício desses de maior importância que se obtenha de graça, o que eu quero em troca desse governo é que vades com vosso senhor dom Quixote resolver e dar cabo dessa memorável aventura. Quer volteis montado no Cravelenho, com a brevidade que sua rapidez promete, quer a má sorte vos traga de volta a pé, feito peregrino, de pousada em pousada e de estalagem

em estalagem, ao voltardes achareis vossa ilha onde a deixais, e vossos ilhéus com o mesmo desejo que sempre tiveram de vos receber como seu governador, e minha vontade será a mesma; e não duvideis dessa verdade, senhor Sancho, pois seria cometer uma grave ofensa ao desejo que tenho de vos servir.

— Basta, senhor, não diga mais nada — disse Sancho. — Eu sou um pobre escudeiro, minhas costas não aguentam tantas cortesias; que monte meu amo, tapem-me os olhos e me encomendem a Deus, e me avisem se, quando andarmos por essas altanarias, poderei invocar a Nosso Senhor ou os anjos sem despencar.

Ao que respondeu a Trifaldi:

— Claro, Sancho, podeis vos encomendar a Deus ou a quem quiserdes, pois Malambruno, embora mago, é cristão e faz seus encantamentos com muita sagacidade e com muito cuidado, sem se meter com demônio nenhum.

— Eia — disse Sancho —, que Deus me ajude e a Santíssima Trindade de Gaeta também.

— Desde a memorável aventura dos pisões — disse dom Quixote —, nunca vi Sancho com tanto medo como agora, e, se eu fosse tão supersticioso como outros, sua covardia faria cócegas em meu ânimo. Mas aproximai-vos, Sancho, que com a licença destes senhores quero vos falar duas palavras em particular.

E, afastando-se com Sancho por entre umas árvores do jardim e segurando as mãos dele, disse:

— Já vês, Sancho, meu irmão, a longa viagem que nos espera: sabe lá Deus quando voltaremos, nem as oportunidades e tempo que nos darão os negócios. Assim sendo, gostaria que agora te retirasses para teu quarto, como se fosses procurar alguma coisa necessária para o caminho, e num piscar de olhos, por conta dos três mil e trezentos açoites a que estás obrigado, te aplicasse pelo menos uns quinhentos, que esses ficam dados, pois começar as coisas é tê-las meio acabadas.

— Por Deus! — disse Sancho. — Vossa mercê perdeu o juízo! Isso é como aquele ditado: “Eu grávida e tu me perguntas se sou donzela!”. Agora que tenho de ir sentado direto numa tábua, vossa mercê quer que eu esfole o traseiro? No fundo, no fundo, vossa

mercê não tem razão. Vamos de uma vez barbear essas senhoras, que na volta eu prometo, por minha honra, me apressar tanto para sair dessa obrigação que vossa mercê ficará contente, e não digo mais nada.

E dom Quixote respondeu:

— Bem, meu caro Sancho, com essa promessa vou consolado, e acredito que a cumprirás, porque, na verdade, apesar de tolo, és homem verídico.

— Não sou *verdico*, sou maduro — disse Sancho —, mas, mesmo que estivesse passado, cumpriria minha palavra.

Depois disso voltaram, e dom Quixote, ao montar Cravelenho, disse:

— Tapai os olhos, Sancho, e montai, pois quem nos envia este cavalo de terra tão longínqua não quer nos enganar: é pouca a glória que pode ter ao enganar quem se fia nele; mas, mesmo que acontecesse o contrário do que imagino, a glória de ter empreendido essa façanha não poderá ser obscurecida por malícia alguma.

— Sim, vamos lá, senhor — disse Sancho —, porque tenho as barbas e as lágrimas dessas senhoras cravadas no coração, e não comerei nada que me dê prazer até vê-las com as bochechas lisas como antes. Monte vossa mercê, e bote a venda primeiro, pois, se eu tenho de ir na garupa, é claro que o da sela monta antes.

— É verdade — replicou dom Quixote.

E, tirando um lenço do bolso, pediu à Dolorida que lhe cobrisse muito bem os olhos, mas em seguida tirou a venda e disse:

— Se não me lembro mal, li em Virgílio sobre o Paládio de Troia, que foi um cavalo de madeira que os gregos deram de presente à deusa Palas; ele ia prenhe de cavaleiros armados, que depois foram a total ruína de Troia. Então, será melhor ver antes o que Cravelenho traz no estômago.

— Não é necessário — disse a Dolorida. — Eu lhe garanto, porque sei, que Malambruno não tem nada de malicioso nem de traidor. Vamos, senhor dom Quixote, monte sem medo, e que recaia em mim qualquer desgraça que lhe acontecer.

Pareceu a dom Quixote que tudo que dissesse sobre sua segurança seria em detrimento de sua valentia. Assim, sem discutir

mais, montou em Cravelenho e apalpou a cravelha, que girava com facilidade; como não havia estribos e suas pernas ficavam penduradas, ele parecia apenas uma estátua equestre romana, tecida ou pintada num tapete flamenco. Com má vontade e sem pressa nenhuma, Sancho acabou por montar e, acomodando-se o melhor que pôde na garupa, achou-a bem mais dura do que devia, e pediu ao duque que se fosse possível lhe arranjassem uma almofada ou algum travesseiro, mesmo que fosse do estrado de sua senhora, a duquesa, ou da cama de algum pajem, porque a garupa daquele cavalo mais parecia de mármore que de madeira. Então a Trifaldi disse que Cravelenho não suportava em cima de si nenhum arreio nem adorno de espécie alguma, e que o que podia fazer era não ficar escanchado, mas sentar como as mulheres no selim, de modo que não sentiria tanto a dureza da madeira. Foi o que Sancho fez e, encomendando-se a Deus, se deixou vendar. Mas depois se desvendou de novo e, olhando emocionado e com lágrimas a todos os presentes no jardim, disse a cada um que o ajudasse naquele apuro rezando alguns padre-nossos e ave-marias, para que Deus arranjasse alguém que rezasse por eles quando se vissem em perigo semelhante.

— Ladrão miserável — berrou dom Quixote —, por acaso estás no patíbulo ou dando o último suspiro, para semelhantes súplicas? Não estás, criatura covarde e desalmada, no mesmo lugar que ocupou a linda Magalona, de onde desceu não para a sepultura mas para ser rainha da França, se as histórias não mentem? E eu, que estou aqui contigo, não posso me pôr ao lado do valoroso Pierres, que sentou neste mesmo lugar em que sento agora? Venda os olhos de uma vez, animal desfibrado, e não deixes sair da boca o medo que tens, pelo menos em minha presença.

— Vamos, tapem-me os olhos — respondeu Sancho. — Se não querem que me encomende a Deus nem que seja encomendado, como não vou temer que ande por aí uma legião de diabos, que nos bote nas mãos da Santa Irmandade, para ser flechados em Peralvillo?[1]

Vendaram-nos de novo, e dom Quixote, sentindo que estava como devia estar, apalpou a cravelha, e, mal tinha posto os dedos nela,

elevaram-se as vozes de todas as amas e de todos os presentes, dizendo:

— Deus te guie, valoroso cavaleiro!

— Deus esteja contigo, escudeiro intrépido!

— Já vais pelos ares, rompendo-os mais rápido que uma flecha!

— Já começais a espantar a quantos na terra vos estão olhando.

— Agarra-te, valoroso Sancho, que bamboleias! Cuidado, não caias, que será pior que a queda do rapaz atrevido que quis dirigir o carro do Sol, seu pai!

Sancho ouviu os gritos e, apertando-se contra seu amo e envolvendo-o com os braços, lhe disse:

— Senhor, como podem dizer que estamos nas alturas, se ouvimos seus gritos e até parece que estão falando ao nosso lado?

— Não repares nisso, Sancho, porque, como esses casos voláteis não seguem os cursos ordinários, de mil léguas verás e ouvirás o que quiseres. E não me apertes tanto, que me derrubas. Na verdade, não sei o que te preocupa nem o que te espanta, porque ousaria jurar que nunca, em todos os dias de minha vida, montei cavalo com passo mais macio: parece até que nem nos mexemos do lugar. Afasta o medo, meu amigo, que a coisa vai como realmente tinha de ir, e vamos de vento em popa.

— É mesmo — respondeu Sancho —, pois o vento me pega tão rijo por esse lado que parece que estão me soprando com mil foles.

Era o que acontecia: uns grandes foles estavam soprando, porque a aventura tinha sido muito bem planejada pelo duque, pela duquesa e por seu administrador, e não faltou um detalhe para que ficasse perfeita.

Sentindo-se soprado, dom Quixote disse:

— Sem dúvida nenhuma, Sancho, já devemos ter chegado à segunda região do ar, onde se formam o granizo e as neves; os trovões, os relâmpagos e os raios são formados na terceira região; e, se continuarmos subindo dessa maneira, logo chegaremos à região do fogo,[2] e não sei o que fazer com essa cravelha para não subirmos até acabarmos torrados.

Nisso, com umas estopas fáceis de acender e de apagar, de longe, penduradas na ponta de uma vara, esquentavam os rostos

deles. Sancho, que sentiu o calor, disse:

— Que me matem se já não estamos no lugar do fogo ou bem perto, porque uma grande parte de minha barba foi chamuscada, e estou para tirar a venda, meu senhor, e ver onde estamos.

— Não faças isso — respondeu dom Quixote —, e lembra-te da história verídica do licenciado Torralba, a quem os diabos levaram flutuando pelo ar montado numa vara, com os olhos fechados. Em doze horas chegou a Roma e apeou na Torre de Nona, que é uma rua da cidade, e viu todo o assalto, ruína e morte de Bourbon, mas de manhã já estava de volta a Madri, onde contou tudo o que tinha visto.[3] Ele também disse que, quando ia pelo ar, o diabo lhe mandou que abrisse os olhos. Pois os abriu e se viu tão perto dos cornos da lua, em sua opinião, que poderia pegá-los com a mão, e que não ousou olhar para a terra para não desmaiar. Então, Sancho, não há motivo para tirarmos a venda, porque quem está encarregado de nós tomará conta de tudo. Talvez estejamos subindo num voo em círculo para cair direto sobre Candaia, como faz o falcão ou nebri sobre a garça para agarrá-la por mais que se esquive; e, mesmo que nos pareça que faz só meia hora que partimos do jardim, podes crer, Sancho, devemos ter feito um bom pedaço de caminho.

— Não sei de nada — respondeu Sancho Pança —, só que se a senhora Magalhães, ou Magalona, ficou satisfeita com esta garupa, não devia ter um traseiro muito macio.

Toda essa conversa dos dois valentes era ouvida com extraordinário prazer pelo duque, pela duquesa e pelos demais que estavam no jardim; e, para terminar a estranha e bem maquinada aventura, botaram fogo na cauda de Cravelenho com umas estopas, e dali a pouco, como o cavalo estava cheio de foguetes ensurdecedores, voou pelos ares com um ruído esquisito e atirou dom Quixote e Sancho Pança no chão, meio chamuscados.

Nesse meio-tempo, já havia desaparecido do jardim todo o esquadrão barbudo das amas, incluindo a Trifaldi, e os demais ficaram como que desmaiados, estendidos no chão. Dom Quixote e Sancho se levantaram alquebrados e, olhando ao redor, ficaram atônitos de se ver no mesmo jardim de onde haviam partido e de ver tanta gente estendida no chão. Aumentou mais o espanto deles

quando viram a um lado, fincada na terra, uma grande lança em que pendia, por dois cordões de seda verde, um pergaminho liso e branco, onde estava escrito o seguinte com grandes letras de ouro:

> O insigne cavaleiro dom Quixote de la Mancha concluiu com êxito, apenas ao tentá-la, a aventura da condessa Trifaldi — conhecida pela alcunha de Ama Dolorida — e companhia.
>
> Malambruno se dá por total e completamente satisfeito — com as barbas tosquiadas, as amas já estão lisas, e os reis dom Cravelho e Antonomásia voltaram à antiga condição. E, quando se cumprir o flagelo escudeiril, a pomba branca se verá livre dos pestilentos falcões que a perseguem e nos braços de seu querido arrulhador, pois assim foi ordenado pelo sábio Merlin, o protomago dos magos.

É claro que dom Quixote, lendo as letras do pergaminho, entendeu que falavam do desencantamento de Dulcineia; e, dando graças ao céu por ter realizado feito tão grande com tão pouco perigo, devolvendo a antiga tez aos rostos das veneráveis amas, que já não se viam, se foi aonde o duque e a duquesa ainda não tinham voltado a si, e disse, segurando a mão do duque:

— Vamos, meu bom senhor, coragem, coragem, não foi nada! A aventura já acabou e sem dano de terceiros, como mostra com clareza aquele escrito posto na lança.

O duque, pouco a pouco e como quem desperta de um sono pesado, foi voltando a si, e do mesmo modo a duquesa e todos os que estavam caídos no jardim, com tantas demonstrações de admiração e espanto que quase daria para acreditar que tinha acontecido de verdade o que de brincadeira sabiam fingir tão bem. O duque leu o cartaz com os olhos meio fechados e depois, com os braços abertos, foi abraçar dom Quixote, dizendo ser ele o melhor cavaleiro que se vira em qualquer século.

Sancho andava por todo lado em busca da Dolorida, para ver que rosto tinha sem barbas e se era tão formosa sem elas como prometia sua elegante compleição. Mas lhe disseram que, mal

Cravelenho desceu ardendo pelos ares e deu com eles no chão, o esquadrão todo das amas, incluindo a Trifaldi, havia desaparecido — e que já iam escanhoadas e sem um restinho de espuma de barbear. A duquesa perguntou a Sancho como tinha passado naquela longa viagem, e ele respondeu:

— Minha senhora, senti que íamos voando pela região do fogo, como disse meu senhor, e quis tirar um pouco a venda dos olhos, porém meu amo, a quem eu tinha pedido licença para isso, não consentiu. Mas eu, que tenho umas pitadas de curioso e sempre desejo saber o que me incomoda e atrapalha, dissimuladamente e sem que ninguém visse, afastei um tanto, perto do nariz, o lenço que me tapava os olhos e por ali olhei para a terra, e me pareceu que toda ela não era maior que um grão de mostarda e os homens que andavam aqui, pouco maiores que avelãs. Veja vossa mercê como devíamos ir altos então.

A isso, a duquesa disse:

— Sancho, meu amigo, olhai bem o que dizeis, pois me parece que não vistes a terra, mas os homens que andavam sobre ela. É evidente que se a terra vos pareceu como uma semente de mostarda e cada homem como uma avelã, um único homem teria coberto toda a terra.

— É verdade — respondeu Sancho —, mas, mesmo assim, destapei um ladinho e a vi toda.

— Ora, Sancho — disse a duquesa —, por um ladinho não se vê inteiro o que se olha.

— Não sei nada dessas olhadas — replicou Sancho —, sei apenas que será bom que vossa senhoria entenda que, como voávamos por encantamento, por encantamento eu podia ver toda a terra e todos os homens em qualquer lugar que olhasse. E, se não acredita nisso, vossa mercê também não vai acreditar que, destapando perto das sobrancelhas, me vi tão perto do céu que ele não estava a mais de um palmo e meio de mim e, posso jurar, minha senhora, é muito, mas muito grande. E aconteceu que íamos ali por onde estão as Sete Cabritinhas;[4] como fui pastor em minha infância, lá em minha aldeia, por Deus e por minha alma, logo que as vi me deu uma gana de brincar um pouco com elas, que se não fizesse isso parece que

eu ia arrebentar. Então, chego e aí, faço o quê? Sem dizer nada a ninguém, nem mesmo a meu senhor, bem devagarinho e disfarçadamente apeei de Cravelenho e brinquei por uns três quartos de hora com as cabritinhas, que são lindas como rosas ou camélias. E Cravelenho não se mexeu do lugar nem foi adiante.

— E enquanto o bom Sancho se divertia com as cabras — perguntou o duque —, com que se divertia o senhor dom Quixote?

Dom Quixote respondeu:

— Como todas essas coisas e todos esses acontecimentos estão fora da ordem natural, não é lá grande coisa que Sancho diga o que diz. De mim posso dizer que não mexi na venda nem para baixo nem para cima, nem vi o céu nem a terra, nem o mar nem as areias. É bem verdade que senti que passava pela região do ar e depois que tocava a do fogo, mas não posso acreditar que a ultrapassássemos, pois, estando a região do fogo entre o céu da lua e a última região, não podíamos chegar ao oitavo céu, onde ficam as estrelas fixas, como as Sete Cabritinhas de Sancho, sem nos queimarmos. Então, como não assamos, ou Sancho mente ou Sancho sonha.

— Nem minto nem sonho — respondeu Sancho. — Se não acreditam, perguntem-me como são essas cabras, e então vão ver se digo ou não a verdade.

— Diga lá, Sancho, como são — disse a duquesa.

— Duas delas são verdes — respondeu Sancho —, duas vermelhas, duas azuis e uma furta-cor.

— Trata-se de uma nova espécie de cabras — disse o duque. — Aqui em nossa região da terra não temos essas cores, digo, cabras dessas cores.

— É claro que não — disse Sancho —, pois deve haver diferença entre as cabras do céu e as da terra.

— Dizei-me, Sancho — perguntou o duque —, vistes por lá algum cabrão bem cornudo entre essas cabras?

— Não, senhor — respondeu Sancho —, mas ouvi dizer que nenhum cornudo passa pelos cornos da lua.[5]

Não quiseram perguntar mais nada sobre a viagem, porque lhes pareceu que Sancho levava jeito de que ia passear por todos os

céus e dar notícias de tudo o que acontecia por lá sem ter se movido do jardim.

Em suma, este foi o fim da aventura da Ama Dolorida, que deu aos duques muito que rir, não só naquele dia, mas pelo resto de suas vidas, e que daria o que contar a Sancho, por séculos, se os vivesse. E dom Quixote, aproximando-se de Sancho, lhe disse ao ouvido:

— Sancho, como quereis que acreditem no que vistes no céu, eu quero que acrediteis no que vi na caverna de Montesinos. E não vos digo mais nada.

xlii

dos conselhos que dom quixote deu a sancho pança antes que ele fosse governar a ilha, com outras coisas bem pensadas

Os duques ficaram tão contentes com o feliz e divertido resultado da aventura da Dolorida que decidiram seguir adiante com as brincadeiras, vendo que tinham o assunto certo para que as levassem a sério. Assim, tendo explicado o plano e dado as ordens que seus criados e vassalos deviam seguir com Sancho no governo da ilha prometida, no dia seguinte, que foi o que sucedeu ao voo do Cravelenho, o duque disse a Sancho que se aprontasse e se arrumasse para ir ser governador, pois seus ilhéus já o estavam esperando como à água depois da seca. Sancho se ajoelhou e disse:

— Depois que desci do céu, depois que lá das alturas olhei a terra e a vi tão pequena, esfriou em parte a enorme vontade que eu tinha de ser governador, pois que glória há em mandar num grão de mostarda? Ou que dignidade e poder há em governar meia dúzia de homens do tamanho de avelãs, já que não me pareceu que havia maiores em toda a terra? Se vossa senhoria pudesse me dar um tiquinho do céu, embora não fosse mais de meia légua, eu o receberia com mais boa vontade que a maior ilha do mundo.

— Vede, amigo Sancho — respondeu o duque —, não posso dar parte do céu a ninguém, mesmo que não seja maior que uma unha, porque apenas a Deus estão reservadas essas mercês e graças. O que posso dar, eu vos dou, que é uma ilha de verdade, redonda, bem-proporcionada e extremamente fértil e abundante, onde, se

agirdes com jeito, podereis alcançar as riquezas do céu com as da terra.

— Se é assim — respondeu Sancho —, que venha essa ilha: lutarei para ser tão bom governador que, apesar dos velhacos, eu vá direto para o céu. Mas isso não é por ambição que eu tenha de tirar o pé da lama nem de ser melhor do que sou, e sim pelo desejo que tenho de provar o gostinho de ser governador.

— Se o provardes uma vez, Sancho — disse o duque —, dareis um braço para continuar no governo, porque não há nada mais doce que mandar e ser obedecido. Quando vosso amo chegar a ser imperador, pois o será sem dúvida, conforme se encaminham os negócios dele, com certeza não deixará que o arranquem do trono de jeito nenhum, e vai lhe doer no fundo da alma o tempo que houver deixado de ser.

— Senhor — replicou Sancho —, eu imagino que é bom mandar, mesmo que seja numa tropa de bois.

— Eu iria ao inferno convosco, Sancho, pois sabeis de tudo, e acho que sereis tão bom governador como vosso juízo promete. Mas fiquemos por aqui — respondeu o duque. — Lembrai que amanhã de manhã havereis de tomar posse do governo da ilha, e esta tarde vos arranjarão o traje conveniente que deveis levar e todas as coisas necessárias para vossa partida.

— Vistam-me como quiserem — disse Sancho —, pois, de qualquer maneira que vá vestido, serei Sancho Pança.

— É verdade — disse o duque —, mas os trajes devem se ajustar ao ofício e à dignidade que se professa, pois não ficaria bem que um jurisconsulto se vestisse como soldado, nem um soldado como um sacerdote. Vós, Sancho, ireis vestido parte como letrado e parte como capitão, porque na ilha que vos dou são necessárias tanto as armas como as letras e tanto as letras como as armas.

— Letras, tenho poucas, porque ainda não sei o abc — respondeu Sancho —, mas me basta ter na memória a cruz que há na capa da cartilha para ser um bom governador. Quanto às armas, manejarei as que me derem, até cair, e que Deus me ajude!

— Com tão boa memória — disse o duque —, Sancho não poderá errar em nada.

Então chegou dom Quixote e, tomando conhecimento do que acontecia e da rapidez com que Sancho havia de partir para seu governo, com a permissão do duque pegou o escudeiro por uma das mãos e foi com ele para seu quarto, com a intenção de aconselhá-lo sobre como devia se comportar em seu ofício. No aposento, dom Quixote fechou a porta atrás de si e insistiu para que Sancho se sentasse ao seu lado. Aí, com voz muito calma, disse:

— Dou infinitas graças ao céu, Sancho, meu amigo, de que haja tocado a ti encontrar e receber a boa fortuna antes que eu tenha topado com alguma boa sorte. Eu, que confiava à minha boa sorte o pagamento de teus serviços, me vejo apenas no começo da melhora de minha situação, e tu, antes do tempo, contra as leis do razoável e do esperado, te vês premiado em teus desejos. Uns subornam, incomodam, solicitam, antecipam-se, suplicam, insistem e não alcançam o que pretendem, mas aí chega outro e, sem saber como nem por quê, se acha com o cargo e ofício que muitos outros pretenderam. Aqui cabe muito bem dizer que há boa e má sorte nas pretensões. Tu, que para mim, sem sombra de dúvida, és um tolo, sem madrugar nem tresnoitar e sem fazer diligência alguma, animado apenas pelo espírito da cavalaria andante, sem mais nem menos te vês governador de uma ilha, assim como quem não quer nada. Digo isso tudo, Sancho, para que não atribuas a teus méritos a mercê recebida, mas que dês graças ao céu, que dispõe suavemente as coisas, e depois as deve dar à grandeza que em si encerra a profissão da cavalaria andante. Portanto, Sancho, com o coração disposto a acreditar no que te disse, presta atenção a este teu Catão, meu filho, que quer te aconselhar e ser norte e guia que te encaminhe e te leve a porto seguro nesse mar proceloso onde vais te engolfar, pois os ofícios e grandes cargos não são outra coisa que um oceano profundo de confusões.

“Em primeiro lugar, meu filho, deves temer a Deus, porque em temê-lo está a sabedoria e, sendo sábio, não poderás errar em nada.

“Em segundo, deves voltar os olhos para quem és, procurando conhecer a ti mesmo, que é o conhecimento mais difícil que se pode imaginar. Conhecendo-te, não farás como a rã, que inchou para se

igualar ao boi, porque, se fizeres isso, o fato de teres sido guardador de porcos em tua terra te fará lembrar de tua loucura, como a visão dos próprios pés leva o pavão a desfazer a roda de sua cauda.”

— É verdade — respondeu Sancho —, mas isso foi quando eu era um menino; depois, já homenzinho, o que guardei foram gansos, não porcos. Bem, acho que isso não vem ao caso, pois nem todos os que governam descendem de famílias de reis.

— Sim, é verdade — replicou dom Quixote —, por isso os que não têm um começo nobre devem acompanhar a gravidade do cargo que exercem com uma branda suavidade que, guiada pela prudência, os livra dos mexericos maliciosos, de que não há estado que escape.

“Orgulha-te, Sancho, da humildade de tua linhagem, e não te envergonhes de dizer que descendes de camponeses, porque, vendo que não te vexas, ninguém tratará de te vexar, e envaideça-te mais de ser humilde virtuoso que pecador soberbo. Inumeráveis são aqueles que, nascidos de estirpe baixa, alcançaram a suma dignidade pontifícia e imperatória; e sobre essa verdade eu poderia te dar tantos exemplos que te cansariam.

“Olha, Sancho: se tomares a virtude como meio e te orgulhares de praticar atos virtuosos, não há motivo para teres inveja dos que têm pais e avós príncipes e senhores, porque o sangue se herda e a virtude se adquire, e a virtude vale por si só o que o sangue não vale.

“Sendo as coisas assim, como de fato são, se por acaso quando estejas em tua ilha vier te ver algum de teus parentes, não o ignores nem o afrontes, deves antes recebê-lo, protegê-lo e festejá-lo, que com isso satisfarás o céu, que gosta que ninguém despreze o que ele criou, e corresponderás ao que deves à harmonia da natureza.

“Se trouxeres tua mulher contigo (porque não fica bem que os que governam muito tempo fiquem sem elas), ensina-a, doutrina-a e desbasta-a de sua natureza rude, porque tudo o que um governador atilado costuma adquirir, uma mulher rústica e boba costuma perder e esbanjar.

“Se por acaso ficares viúvo, coisa que pode acontecer, e melhorar de consorte com o cargo, não a tomes por anzol e isca, ou como

mão de gato para tirar as castanhas do fogo, porque em verdade te digo que, tudo aquilo que a mulher do juiz receber, o marido deve dar conta no dia do Juízo Final, onde pagará multiplicado por quatro na morte os pecados que não assumiu na vida.

“Nunca te guies por teus caprichos, coisa muito aceita entre os ignorantes que se acham perspicazes.

“Encontrem em ti mais compaixão as lágrimas do pobre, mas não mais justiça que as alegações do rico.

“Procura descobrir a verdade tanto entre as promessas e os presentes do rico como entre os soluços e as súplicas do pobre.

“Quando puder ter lugar a equidade, não descarregues todo o rigor da lei sobre o delinquente, pois não é melhor a fama do juiz rigoroso que a do compassivo.

“Se por acaso penderes para um lado a balança da justiça, não seja com o peso dos presentes, mas com o da misericórdia.

“Quando acontecer de julgares o pleito de algum inimigo teu, afasta teu pensamento da ofensa que sofreste e ajusta-o na verdade do caso.

“Não te cegue a paixão própria na causa alheia, pois os erros que cometeres nela na maioria das vezes não terão remédio, mas, se tiverem, será à custa de tua reputação e até de teus bens.

“Se alguma mulher formosa vier te pedir justiça, tira os olhos das lágrimas dela e teus ouvidos de seus gemidos, e considera devagar o mérito do que te pede, se não quiseres que tua razão se afogue em seu pranto e tua bondade em seus suspiros.

“Ao que deves castigar com atos, não trates mal com palavras, pois basta ao desgraçado a pena da tortura, sem o acréscimo de repreensões.

“Considera homem digno de misericórdia o culpado que cair em tua jurisdição, sujeito às condições de nossa natureza depravada, e em tudo quanto for de tua parte, sem prejudicar a contrária, mostra-te piedoso e clemente, porque, ainda que todos os atributos de Deus sejam iguais, aos nossos olhos mais resplandece e sobressai o da misericórdia que o da justiça.

“Se seguires esses preceitos e essas regras, Sancho, teus dias serão longos, tua fama será eterna, muitos os teus prêmios e

indizível tua felicidade; casarás teus filhos como quiseres, e eles e teus netos terão títulos; viverás em paz e com a aprovação do povo, e nos últimos passos da vida te alcançará o da morte na velhice suave e madura, e te fecharão os olhos as ternas e delicadas mãos de teus tataranetos. Isso que te disse até aqui são instruções que devem adornar tua alma; escuta agora as que devem servir para adorno do corpo.”

xliii

dos segundos conselhos que dom quixote deu a sancho pança

Quem ouvisse o discurso anterior de dom Quixote não o tomaria por pessoa muito sensata e bem-intencionada? Mas, como muitas vezes no andamento desta grande história ficou dito, somente disparatava se se puxasse o assunto de cavalaria, no resto mostrava ter a mente clara e desimpedida, de modo que a cada passo suas ações desacreditavam seu juízo, e seu juízo, suas ações. Mas, nessa segunda rodada de instruções que deu a Sancho, mostrou ter muito espírito e levou seu bom senso e sua loucura ao ponto mais extremo.

Sancho o escutava com toda a atenção e procurava conservar na memória seus conselhos, porque pensava segui-los para levar a gravidez de seu governo a um bom parto. Dom Quixote, então, prosseguiu:

— No que toca a como deves governar tua pessoa e tua casa, Sancho, a primeira coisa que te digo é que sejas limpo e que cortes as unhas, sem deixá-las crescer, como alguns fazem, a quem a ignorância deu a entender que as unhas compridas embelezam as mãos,[1] como se aquela excrescência prolongada que deixam de cortar fosse unha, quando parecem mais garras de gavião comedor de lagartixas, um abuso extraordinário e imundo.

“Não andes, Sancho, com roupas desalinhadas e frouxas, porque é indício de espírito desmazelado, isso se a descompostura e o desalinho já não são motivo para zombaria, como aconteceu com Júlio César.

“Avalia com discrição o que tua nova posição pode valer e, se te permite vestir teus criados com librés, trates de dá-las dignas e úteis mais que vistosas e elegantes, e divide-as entre teus criados e os pobres: quero dizer que, se vais vestir seis pajens, veste três e outros três pobres, e assim terás pajens tanto para o céu como para a terra. E, repara, esse modo novo de dar librés não é entendido pelos vaidosos.

“Não comas alhos nem cebolas para que não percebam pelo cheiro teu plebeísmo.

“Anda devagar e fala com calma, mas não de maneira que pareça que escuta a ti mesmo, que toda afetação é má.

“Almoça pouco e janta menos ainda, que a saúde de todo o corpo se forja na fábrica do estômago.

“Sê moderado ao beber, considerando que vinho demais não guarda segredo nem cumpre a palavra.

“Cuida-te, Sancho, para não comeres esganadamente nem eructares diante de ninguém.”

— Não entendo esse negócio de eructar — disse Sancho.

E dom Quixote disse:

— Eructar, Sancho, quer dizer arrotar, e esta é uma das palavras mais grosseiras que há na língua castelhana, embora seja muito expressiva. Então, as pessoas finas se ampararam no latim, e ao arrotarem dizem eructar, e chamam os arrotos de eructações, e quando alguns não entendem esses termos, pouco importa, porque o uso os irá difundindo com o tempo, de modo que serão entendidos com facilidade; e isso é enriquecer a língua, sobre quem o povo e o uso têm poder.

— Na verdade, senhor — disse Sancho —, um dos conselhos e avisos que penso levar na memória será o de não arrotar, porque costumo fazer isso a toda hora.

— *Eructar*, Sancho, não *arrotar* — disse dom Quixote.

— Vou dizer *eructar* daqui por diante — respondeu Sancho —, e tomara que não me esqueça.

— Também não deves misturar em tuas conversas, Sancho, aquela multidão de ditados que costumas usar, porque, apesar de

os ditados serem sentenças breves, muitas vezes tu os encaixa a ferro e fogo, tanto que mais parecem disparates que sentenças.

— Isso só Deus pode remediar — respondeu Sancho —, porque sei mais ditados que um livro, e me vêm tantos à boca quando falo que até brigam uns com os outros para sair, mas a língua vai disparando os primeiros que encontra, mesmo que não venham a calhar. Mas eu vou me cuidar daqui por diante para dizer os que convenham à gravidade de meu cargo, pois em casa cheia, logo se serve a ceia, e quem reparte, se não fica com a melhor parte, é bobo ou não entende da arte, e quem ri melhor ri por último.

— Isso sim, Sancho! — disse dom Quixote. — Alinha, desfia e encaixa ditados: nisso ninguém te ganha! Contigo é o mesmo que malhar em ferro frio! Estou te dizendo que deixes de ditados, e num instante fizeste uma ladainha deles, e combinam com o que vamos tratando como água com azeite. Olha, Sancho, não te digo que parece mal um ditado referido a propósito; mas descarregar ditados um atrás do outro, a torto e a direito, torna a conversa vulgar e aborrecida.

“Quando montares a cavalo, não vás com o corpo jogado sobre o arção traseiro nem leves as pernas tesas e espichadas, longe da barriga do cavalo, nem tampouco vás tão frouxo que pareça que vais em teu burro; porque andar a cavalo torna uns cavaleiros, outros cavalariços.

“Teu sono deve ser moderado, pois aquele que não levanta com o sol não goza do dia; e repara, Sancho, que a diligência é mãe da boa sorte, e a preguiça, sua inimiga, jamais chegou ao fim que pedem as boas intenções.

“Gostaria que levasses bem gravado na memória este último conselho que quero te dar agora, mesmo que não sirva para adorno do corpo, pois acho que não será menos proveitoso que os que te dei antes: jamais te metas em disputas de linhagens, pelo menos comparando-as entre si, porque numa comparação, forçosamente, uma vai parecer melhor que a outra, e serás odiado por aquela que abateres e não serás premiado de modo algum por aquela que exaltares.

“Teus trajes serão calça toda de um mesmo tecido, gibão comprido e capa um pouco mais comprida; bragas, nem pensar, pois não caem bem nem nos cavaleiros nem nos governadores.

“Por ora, Sancho, esses eram os conselhos que me ocorreram te dar; correndo o tempo, conforme as ocasiões, darei minhas instruções, desde que tenhas o cuidado de me avisar da situação em que te encontrares.”

— Senhor — respondeu Sancho —, percebo muito bem que tudo o que vossa mercê me disse são coisas boas, santas e úteis, mas de que irão me servir, se não me lembro de nenhuma? É verdade que aquele negócio de não deixar crescer as unhas e de me casar outra vez, se por acaso der no jeito, não me sairá do bestunto; mas essas outras bugigangas, mixórdias e saladas, não me lembro nem vou me lembrar mais delas que das nuvens de antigamente. Então, será preciso que me dê por escrito; como não sei ler nem escrever, eu os darei a meu confessor para que me meta na cabeça e o recorde quando for necessário.

— Ai de meus pecados! — respondeu dom Quixote. — Como parece mal nos governadores não saber ler nem escrever! Porque deves saber, Sancho, que um homem não saber ler, ou ser canhoto, das duas, uma: ou é filho de pais demasiado humildes e grosseiros, ou ele é tão travesso e mau que nem os bons costumes nem a boa doutrina puderam entrar na cabeça dele. Grande falta carregas, Sancho. Gostaria então que aprendesses pelo menos a assinar.

— Mas sei assinar meu nome muito bem — respondeu Sancho —, pois quando fui andador da confraria em minha terra aprendi a fazer umas letras como aquelas que vêm nos fardos,[2] que, dizem, dizia meu nome; além do mais, fingirei que tenho a mão direita entrevada e farei outro assinar por mim, pois para tudo há remédio, menos para a morte, e, tendo eu o comando e o porrete, farei o que quiser, mais do que aquele que tem o pai alcaide… Venham para ver o que acontece, eu sendo governador, que é mais que ser alcaide! Ora, que me desprezem e me caluniem: virão por lã e voltarão tosquiados, e Deus ajuda quem cedo madruga, e as asneiras do rico passam por pérolas, e sendo eu rico, governador e generoso, como pretendo ser, não faz mal que notem meus defeitos. Não, não: faça-

te de mel e as moscas te comerão; vales tanto quanto tens, já dizia minha avó, e de homem poderoso não te verás vingado.

— Miserável, que um raio te parta, Sancho! — disse dom Quixote nessas alturas. — Que sessenta mil diabos te carreguem, a ti e a teus ditados! Faz uma hora que os desfias, uma hora que estás me dando fel para beber. Eu te garanto que um dia esses ditados te levarão à forca, por causa deles teus vassalos irão te tomar o governo ou haverá revoltas entre eles. Diz-me, seu ignorante, onde os encontras? E como os aplicas, mentecapto? Pois eu, para dizer um e aplicá-lo direito, suo e trabalho como se cavasse.

— Por Deus, senhor nosso amo — replicou Sancho —, vossa mercê se queixa de ninharias. Por que diabos tanto azedume só por eu me servir de minha riqueza, se não tenho nenhuma outra, nem bem algum, senão ditados e mais ditados? E agora mesmo me vieram à ideia quatro sob medida, ou como pedidos de encomenda, mas não os direi, porque o silêncio é de ouro.

— Então é por isso que és pobre, Sancho — disse dom Quixote —, porque não só não calas a boca, como falas mal e teimas, ainda por cima. Mas, mesmo assim, eu gostaria de saber que quatro ditados te vieram agora à memória, tão a propósito, pois ando vasculhando a minha, que é boa, e não acho nenhum.

— Há melhores que estes? — disse Sancho. — "Nunca fiques entre o malho e a bigorna", "Não há o que responder a 'Cai fora de minha casa!' e 'Não te metas com minha mulher!'", e "Se o cântaro dá na pedra ou a pedra dá no cântaro, pior para o cântaro". Então, não vêm todos a calhar? Que ninguém se meta nos assuntos do governador nem com quem manda, porque sairá machucado, como aquele que bota o dedo entre o malho e a bigorna, mesmo que não seja malho, pode ser um martelo, não importa. E não se deve responder ao que o governador disser, como quando se diz "cai fora de minha casa e não te metas com minha mulher". E o da pedra no cântaro, até um cego enxerga. Então é preciso que, aquele que vê um cisco no olho alheio, veja uma viga no seu,[3] para que não digam dele o que disseram do roto que riu do esfarrapado. E vossa mercê sabe muito bem que um burro em sua casa sabe mais que um sábio na alheia.

— Essa não, Sancho — respondeu dom Quixote. — Um burro em sua casa ou na dos outros não sabe nada, porque sobre o alicerce da burrice não se assenta nenhuma construção sábia. Mas vamos parar por aqui, Sancho, pois, se governares mal, a culpa será tua e a vergonha, minha. Meu consolo é ter feito o que devia ao te aconselhar com a verdade e a sabedoria que me eram possíveis: com isso saio de minha obrigação e de minha promessa. Deus te guie, Sancho, e te governe em teu governo, e acabe com o medo que tenho de que vais botar a ilha toda de pernas para cima, coisa que eu poderia evitar revelando ao duque quem és, dizendo-lhe que esse corpo todo e essa graxa toda não são nada mais que um saco cheio de ditados e malícias.

— Senhor — replicou Sancho —, se vossa mercê acha que não estou à altura desse governo, agora mesmo o abandono, pois quero mais a um só tiquinho da unha de minha alma que a todo o meu corpo, e assim me sustentarei, Sancho apenas, a pão e cebola, do que como governador com perdizes e leitões, sem falar que, quando se dorme, todos são iguais, os grandes e os pequenos, os pobres e os ricos. E se vossa mercê prestar atenção nessa coisa toda, verá que foi justamente vossa mercê que me botou nesse negócio de governar, pois não sei mais de governos de ilha que um urubu, e se imagina que por ser governador o diabo me carrega, mais quero ir Sancho para o céu que governador para o inferno.

— Por Deus, Sancho — disse dom Quixote —, apenas por estas últimas palavras que disseste julgo que mereces ser governador de mil ilhas: tens boa índole, sem a qual não há ciência que preste. Encomenda-te a Deus, e procura não errar na primeira intenção: quero dizer que sempre tenhas o firme propósito de acertar em quantos negócios te meteres, porque o céu sempre favorece as boas intenções. E vamos comer, que me parece que esses senhores já estão nos aguardando.

xliv

como sancho pança foi levado ao governo, e da estranha aventura que aconteceu a dom quixote no castelo

Dizem que no manuscrito original desta história se lê que Cide Hamete, chegando a este capítulo, escreveu que seu intérprete não o traduziu como ele o havia escrito, uma espécie de queixa que o mouro fez de si mesmo por ter tomado entre as mãos uma história tão seca e tão limitada como esta de dom Quixote, por lhe parecer que sempre havia de falar dele e de Sancho, sem ousar se estender a outras digressões e episódios mais sérios e mais divertidos. Acrescentou que ter sempre o espírito, a mão e a pluma restritos a escrever sobre um só assunto e falar pelas bocas de poucos personagens era um trabalho insuportável, cujo fruto não redundava em favor de seu autor, e que para fugir desse inconveniente havia usado na primeira parte o artifício de algumas narrativas, como a do *Curioso impertinente* e a do *Capitão cativo*, que estão como que separadas da trama, porque as demais que ali se contam são casos acontecidos ao próprio dom Quixote, que ele não poderia deixar de escrever. Também pensou, como disse, que muitos, levados pela atenção que pedem as façanhas de dom Quixote, não a dariam às narrativas, e passariam por elas ou com pressa ou com exasperação, sem perceber a elegância e a habilidade que contêm em si, coisa que seria bem evidente se saíssem à luz separadamente, sem ser comparadas às loucuras de dom Quixote nem às tolices de Sancho. Então, nesta segunda parte não quis enxertar narrativas soltas nem postiças, mas alguns episódios que

assim parecessem, nascidos porém dos próprios acontecimentos que a verdade oferece, e mesmo estes em número limitado e apenas com as palavras que bastam para contá-los. Assim, visto que Cide Hamete se contém e se encerra nos estreitos limites da narração, tendo a aptidão, a capacidade e o entendimento para tratar do universo todo, pede que não se despreze seu trabalho, e o elogiem não pelo que escreve, mas pelo que deixou de escrever.

Em seguida, prossegue a história dizendo que logo que acabou de almoçar, no dia que deu os conselhos a Sancho, à tarde dom Quixote os entregou escritos para que o escudeiro procurasse quem os pudesse ler para ele. Mas, apenas os deu, caíram no chão e foram parar nas mãos do duque, que os mostrou à duquesa, e os dois se admiraram de novo da loucura e da capacidade de dom Quixote. Assim, levando adiante suas brincadeiras, naquela tarde enviaram Sancho com grande séquito ao lugar que para ele haveria de ser a ilha.

Aconteceu que o homem encarregado da situação era um administrador do duque, muito inteligente e muito engraçado — pois não pode haver graça onde não há inteligência —, que tinha feito o papel da condessa Trifaldi com a elegância com que foi registrado; por isso e por ter sido instruído por seus senhores sobre como devia agir com Sancho, saiu-se maravilhosamente em sua empresa. Então, assim que Sancho topou com o tal administrador, viu em seu rosto o mesmo da Trifaldi e, virando-se para seu amo, disse:

— Senhor, que o diabo me carregue daqui agora mesmo, sem choro nem vela, ou vossa mercê há de me confessar que o rosto deste administrador do duque, que está ali, é o mesmo da Dolorida.

Dom Quixote olhou atentamente o administrador e depois disse a Sancho:

— O diabo não tem motivo nenhum para te carregar, Sancho, nem com choro e vela, nem agora nem daqui a pouco, pois não sei o que queres dizer: o rosto da Dolorida é o do administrador, mas nem por isso o administrador é a Dolorida, pois, se fosse, implicaria uma contradição muito grande, e agora não é hora de fazer essas averiguações, pois seria entrarmos em labirintos dos mais

intrincados. Acredite-me, amigo, é preciso suplicar a Nosso Senhor, suplicar para valer que nos livre de feiticeiros e de magos perversos.

— Não é brincadeira, senhor — replicou Sancho. — Antes, quando ouvi o administrador falar, me pareceu que a voz da Trifaldi ressoava em meus ouvidos. Muito bem, vou me calar, mas não deixarei de andar prevenido daqui por diante, para ver se revela outro sinal que confirme ou desfaça minha suspeita.

— É o que deves fazer, Sancho — disse dom Quixote —, e me avisar de tudo o que descobrires neste caso e de tudo aquilo que te acontecer no governo.

Por fim, Sancho saiu acompanhado por muita gente. Estava vestido como um letrado, e tinha por cima um gabão muito largo de chamalote ondulado, cor de leão, e um gorro do mesmo tecido. Ia montado à gineta num mulo, e atrás dele, por ordem do duque, ia o burro ruço com arreios e ornamentos burricais de seda flamante. Sancho virava a cabeça de tanto em tanto para olhar o burro, em cuja companhia ia tão alegre que não trocaria de lugar com o imperador da Alemanha.

Ao se despedir dos duques, beijou as mãos deles, e tomou a bênção de seu senhor, que a deu com lágrimas, e Sancho a recebeu fazendo beicinho.

Deixa, leitor amável, o bom Sancho ir em paz e em boa hora e espera dois bocados de riso que irão te causar ao saber como se portou no cargo. Enquanto isso, presta atenção ao que aconteceu a seu amo naquela noite, que, se não rires com isso, pelo menos abrirás os lábios com uma risada de macaca, porque as façanhas de dom Quixote devem ser celebradas ou com admiração ou com riso.

Enfim, conta-se que, mal Sancho tinha partido, dom Quixote sentiu saudade dele e, se fosse possível revogar a nomeação e tomar o governo dele, era o que teria feito. A duquesa percebeu sua melancolia e lhe perguntou por que estava triste, se era pela ausência de Sancho, pois havia em sua casa escudeiros, damas e aias que lhe serviriam conforme seu desejo.

— É verdade, minha senhora — respondeu dom Quixote —, que sinto a ausência de Sancho, mas essa não é a causa principal que

me faz parecer triste. E das muitas gentilezas que vossa excelência me faz somente aceito e escolho a de vossa boa vontade; quanto ao resto, suplico a vossa excelência que dentro de meu aposento consinta e permita que apenas eu sirva a mim mesmo.

— Na verdade, senhor dom Quixote — disse a duquesa —, não há de ser assim, pois quatro de minhas aias, formosas como flores, irão servi-lo.

— Para mim elas não serão como flores — respondeu dom Quixote —, mas como espinhos que me ferem a alma. Elas só entrarão em meu aposento, ou coisa parecida, se vierem voando. Se é que vossa grandeza quer levar adiante o fazer-me mercê sem eu merecê-la, deixe que eu me arrume sozinho e que sirva a mim mesmo na intimidade, que eu ponha uma muralha entre meus desejos e minha virtude. E não quero perder esse costume por força da generosidade que vossa alteza quer mostrar comigo. Em suma, prefiro dormir vestido que consentir que alguém me dispa.

— Chega, senhor dom Quixote, chega — replicou a duquesa. — Garanto que darei ordem para que nem uma mosca entre em seu quarto, nem falemos de uma aia: não sou eu a pessoa que vai desbaratar a decência do senhor dom Quixote, pois, conforme percebi, entre suas muitas virtudes a mais saliente é o recato. Dispa-se e vista-se vossa mercê a sós e a seu modo como e quando quiser, que não haverá quem o impeça, pois dentro de seu aposento encontrará os utensílios necessários a quem dorme a portas fechadas, para que nenhuma necessidade natural o obrigue a abri-las. Viva mil séculos a grande Dulcineia del Toboso, e que seu nome se espalhe por toda a esfericidade da terra, pois mereceu ser amada por tão valente e tão virtuoso cavaleiro, e os céus benignos infundam no coração de Sancho Pança, nosso governador, o desejo de acabar de uma vez com seus açoites, para que o mundo volte a desfrutar da beleza de tão nobre senhora.

A isso, dom Quixote disse:

— Vossa altitude falou como quem é, pois na boca das boas senhoras não deve haver nenhuma outra senhora que seja má; e mais venturosa e mais conhecida será no mundo Dulcineia por

vossa grandeza tê-la elogiado que por todos os elogios que podem lhe dar os mais eloquentes da terra.

— Muito bem, senhor dom Quixote — replicou a duquesa —, a hora do jantar se aproxima e o duque deve estar esperando: venha vossa mercê e jantemos, e vamos dormir cedo, pois a viagem que fez ontem de Candaia não foi tão curta que não o tenha deixado meio moído.

— Não deixou nem um pouco, senhora — respondeu dom Quixote —, porque ousarei jurar a vossa excelência que nunca em minha vida montei animal mais calmo nem de melhor trote que Cravelenho, e não sei o que pode ter levado Malambruno a se desfazer de tão rápida e tão gentil cavalgadura, incendiando-a assim sem mais nem menos.

— Bem — respondeu a duquesa —, pode-se imaginar que, arrependido pelo mal que havia feito à Trifaldi e companhia, e a outras pessoas, e das maldades que deve ter cometido como mago e feiticeiro, quis acabar com todos os instrumentos de seu ofício. Como Cravelenho era o principal deles e o que mais o atormentava, vagando de terra em terra, queimou-o. Mas, com suas cinzas ardentes e com o troféu do cartaz, permanece eterna a coragem do grande dom Quixote de la Mancha.

Dom Quixote agradeceu de novo à duquesa e, depois do jantar, se retirou sozinho para seu quarto, sem consentir que ninguém entrasse com ele para servi-lo, tanto temia se deparar com ocasiões que o levassem ou o forçassem a perder o virtuoso decoro que devia a sua senhora Dulcineia, tendo sempre presente na imaginação a honestidade de Amadis, flor e espelho dos cavaleiros andantes. Fechou a porta atrás de si e, à luz de duas velas de cera, se despiu, mas, ao se descalçar — oh, desgraça indigna de sua pessoa! —, deixou escapar não suspiros nem outros sopros que difamassem sua educação, mas umas duas dúzias de pontos de uma das meias, que ficou feita uma gelosia. O bom senhor se afligiu ao extremo e teria dado uma onça de prata por um pouco de seda verde (digo seda verde porque as meias eram verdes).

Aqui Benengeli exclamou e, escrevendo, disse: “Oh, pobreza, pobreza! Não sei que razão levou aquele grande poeta cordovês[1] a

te chamar ‘dádiva santa mal-agradecida’! Eu, embora mouro, bem sei, pelo contato que tive com cristãos, que a santidade consiste na caridade, humildade, fé, obediência e pobreza; mas, apesar disso, digo que deve ter muito de Deus aquele que vier a se contentar com ser pobre, se não for daquele tipo de pobreza de que fala um de seus maiores santos: ‘Tende todas as coisas como se não as tivesses’;[2] e a isso chamam pobreza de espírito. Mas tu, pobreza material, que é de quem falo, por que queres afrontar os fidalgos bem-nascidos mais que ao resto das pessoas? Por que os obrigas a remendar os calçados e a que os botões de suas capas sejam uns de seda, outros de crina e outros de vidro? Por que na maioria das vezes seus colarinhos devem ser sempre amassados e não engomados?”.

Nisso se pode ver como é antigo o uso da goma e dos colarinhos modelados em onda. E prosseguiu ele: “Coitado do bem-nascido que sustenta sua honra a duras penas, comendo mal e às escondidas, tornando hipócrita o palito com que sai à rua depois de não ter comido coisa que o obrigue a limpar os dentes! Coitado daquele, repito, que tem a honra assustadiça e pensa que de uma légua se enxerga o remendo no sapato, a mancha de suor no chapéu, a capa puída e a fome no estômago!”.

Tudo isso dom Quixote lembrou com os pontos soltos, mas se consolou ao ver que Sancho havia deixado umas botas de cano alto, que pensou calçar no outro dia. Finalmente, ele se recostou, pensativo e pesaroso, tanto pela falta que Sancho lhe fazia como pela irreparável desgraça de suas meias, que poderia remendar mesmo com fio de seda de outra cor, que é um dos maiores sinais de miséria que um fidalgo pode dar em meio a suas inumeráveis penúrias. Apagou as velas; fazia calor e não conseguia dormir; então se levantou da cama e abriu um pouco a janela de grade que dava para um belo jardim, e ao abri-la percebeu e ouviu umas pessoas que andavam e falavam lá embaixo. Ficou à escuta, atentamente. As vozes se elevaram, tanto que pôde ouvir estas palavras:

— Não teimes comigo, Emerência, pois sabes que, desde que esse forasteiro entrou neste castelo e meus olhos o viram, não sei

mais cantar, apenas chorar. Além do mais, o sono de minha senhora é antes leve que pesado, e não gostaria que nos achasse aqui nem por todos os tesouros do mundo. Mas, mesmo que ela dormisse e não acordasse, meu canto seria em vão se dorme e não acordar para ouvi-lo este novo Eneias, que chegou a minha terra para me humilhar.

— Não digas isso, querida Altisidora — responderam —, pois sem dúvida a duquesa e todos os outros nesta casa dormem, menos o senhor de teu coração, aquele que despertou tua alma, porque percebi agora que abria a janela de seu quarto, e sem dúvida está acordado. Canta, minha pobre amiga, em tom baixo e suave, ao som de tua harpa, e, quando a duquesa perceber, poremos a culpa no calor que faz.

— Não é essa a questão, Emerência — Altisidora respondeu. — Não gostaria que meu canto revelasse meu coração e eu fosse julgada, pelos que não têm notícia das forças poderosas do amor, como uma donzela caprichosa e leviana. Mas, aconteça o que acontecer, mais vale vergonha na cara que um ultraje no coração.

E nisso se escutou tocar uma harpa muito suavemente. Ouvindo-a, dom Quixote ficou pasmo, porque naquele instante lhe vieram à memória inúmeras aventuras semelhantes àquela, com janelas, grades e jardins, galanteios e desmaios que havia lido em seus desatinados livros de cavalaria. Logo imaginou que alguma aia da duquesa estava apaixonada por ele e que a virtude a forçava a manter seus sentimentos em segredo. Teve medo de se render a ela, mas resolveu não se deixar vencer e, encomendando-se com toda a sua alma e toda a sua força a sua senhora Dulcineia del Toboso, decidiu escutar a música. Para dar a entender que estava ali, deu um espirro falso, o que muito alegrou as aias, que só desejavam que dom Quixote as ouvisse. Dedilhada e afinada a harpa, Altisidora deu início a esta balada:

— Oh, tu, que estás em teu leito,
entre lençóis de linho,
dormindo a sono solto

da noite até a manhã,

cavaleiro o mais valente
que produziu a Mancha,
mais honesto e mais bendito
que o ouro fino da Arábia!

Ouve a uma triste donzela
bem-nascida e malograda,
que na luz de teus dois sóis
sente a alma se abrasar.

Tu buscas tuas aventuras
e desgraças alheias achas;
causas feridas e negas
o remédio para curá-las.

Diz-me, jovem corajoso
— que Deus realize teus desejos —,
se te criaste na Líbia
ou nas montanhas de Jaca,

se serpentes te deram leite,
se acaso foram tuas amas
a aspereza das selvas
e o horror das montanhas.

Pode muito bem Dulcineia,
donzela sã e gorducha,
orgulhar-se de que domou
um tigre, uma fera brava.

Por isso será famosa
desde Henares a Jarama,

do Tejo a Manzanares,
desde Pisuerga até Arlanza.

Eu trocaria de lugar com ela
e ainda daria uma saia
das mais adornadas que tenho,
a barra com franjas de ouro.

Oh, quem se visse em teus braços
ou, então, ao lado de tua cama,
coçando-te a cabeça
e te tirando a caspa!

Peço muito e não sou digna
de favor tão elevado:
os pés gostaria de massagear-te,
pois a uma humilde isto basta.

Oh, quantas toucas te daria,
quantos escarpins bordados de prata,
quantas calças de damasco,
quantas capas de linho!

Quantas pérolas finíssimas,
cada qual como uma pinha,
que, por não ter companheiras,
"as solitárias"[3] *se chamariam!*

Não olhes de tua Tarpeia[4]
este incêndio que me consome,
Nero manchego do mundo,
não o avives com tua sanha.

Sou menina, donzela inocente;

minha idade de quinze não passa:
tenho catorze e três meses,
te juro por Deus e minha alma.

Não sou renga, nem sou coxa,
nem tenho nada de manca;
em pé, meus cabelos,
como lírios, pelo chão se arrastam;

embora minha boca seja aquilina
e o nariz um pouco chato,
por ser meus dentes de topázios,
minha beleza o céu exalta.

Minha voz, já vês, se me escutas,
à que é mais doce iguala,
e sou de compleição
um tanto menos que mediana.

Estas e outras graças minhas
são troféus das setas de tua aljava;
desta casa sou aia
e Altisidora me chamam.[a]

Aqui acabou o canto da mortalmente ferida Altisidora e começou o espanto do cortejado dom Quixote, que, dando um grande suspiro, disse a si mesmo:

— E dizer que tenho de ser um cavaleiro tão desgraçado que não há donzela que me olhe sem me amar! E dizer que tenha de ser tão curta a ventura da sem-par Dulcineia del Toboso que não irão deixá-la desfrutar sozinha de minha incomparável constância! O que quereis dela, rainhas? Por que a perseguis, imperatrizes? Por que a acossais, donzelas de catorze a quinze anos? Deixai, deixai que a pobre triunfe, regozije-se e se ufane com a sorte que o Amor quis lhe dar ao lhe render meu coração e lhe entregar minha alma. Reparai, corja apaixonada: apenas para Dulcineia sou de merengue

e açúcar, para as outras sou de rocha viva; para ela sou mel, para vós, fel. Para mim, apenas Dulcineia é a formosa, a inteligente, a virtuosa, a galharda e a bem-nascida, as demais, as feias, as tolas, as levianas e as de pior linhagem. Para ser dela, e não de alguma outra, a natureza me botou no mundo. Chore ou cante Altisidora, desespere-se a grande senhora Maritornes, por quem me moeram no castelo do mouro encantado, pois eu tenho de ser de Dulcineia de qualquer jeito, assim ou assado, limpo, educado e casto, apesar de todas as potestades feiticeiras da terra.

Com isso fechou a janela com uma pancada e, ressentido e pesaroso como se tivesse lhe acontecido alguma enorme desgraça, se deitou em sua cama, onde o deixaremos por ora, porque está nos chamando o grande Sancho Pança, que quer dar início a seu famoso governo.

a — *¡Oh tú, que estás en tu lecho,/ entre sábanas de holanda,/ durmiendo a pierna tendida/ de la noche a la mañana,// caballero el más valiente/ que ha producido la Mancha,/ más honesto y más bendito/ que el oro fino de Arabia!// Oye a una triste doncella/ bien crecida y mal lograda,/ que en la luz de tus dos soles/ se siente abrasar el alma.// Tú buscas tus aventuras/ y ajenas desdichas hallas;/ das las feridas, y niegas/ el remedio de sanarlas.// Dime, valeroso joven,/ que Dios prospere tus ansias,/ si te criaste en la Libia,/ o en las montañas de Jaca;// si sierpes te dieron leche;// si a dicha fueron tus amas/ la aspereza de las selvas/ y el horror de las montañas.// Muy bien puede Dulcinea,/ doncella rolliza y sana,/ preciarse de que ha rendido/ a una tigre y fiera brava.// Por esto será famosa/ desde Henares a Jarama,/ desde el Tajo a Manzanares,/ desde Pisuerga hasta Arlanza.// Trocárame yo por ella/ y diera encima una saya/ de las más gayadas mías,/ que de oro le adornan franjas.// ¡Oh, quién se viera en tus brazos,/ o, si no, junto a tu cama,/ rascándote la cabeza/ y matándote la caspa!// Mucho pido y no soy digna/ de merced tan señalada:/ los pies quisiera traerte,/ que a una humilde esto le basta.// ¡Oh, qué de cofias te diera,/ qué de escarpines de plata,/ qué de calzas de damasco,/ qué de herreruelos de Holanda!// ¡Qué de finísimas perlas,/ cada cual como una agalla,/ que a no tener compañeras/ "las solas" fueran llamadas!// No mires de tu Tarpeya/ este incendio que me abrasa,/ Nerón manchego del mundo,/ ni le avives con tu saña.// Niña soy, pulcela tierna;/ mi edad de quince no pasa:/ catorce tengo y tres meses,/ te juro en Dios y en mi ánima.// No soy renca, ni soy coja,/ ni tengo nada de manca;/ los cabellos, como lirios,/ que, en pie, por el suelo arrastran;// y aunque es mi boca aguileña/ y la nariz algo chata,/ ser mis dientes de topacios/ mi belleza al cielo ensalza.// Mi voz, ya ves, si me escuchas,/ que a la que es más dulce iguala,/ y soy de disposición/ algo menos que mediana.// Estas y otras gracias mías,/ son despojos de tu aljaba;/ de esta casa soy doncella,/ y Altisidora me llaman.*

xlv

de como o grande sancho pança tomou posse de sua ilha e do modo que começou a governar

Oh, perpétuo descobridor dos antípodas, archote do mundo, olho do céu, doce balanço dos odres,[1] Tímbrio aqui, Febo ali, arqueiro aqui, médico ali, pai da poesia, inventor da música, tu que sempre sais e nunca te pões, apesar das aparências! A ti digo, oh, sol, com cuja ajuda o homem gera o homem, a ti digo que me favoreças e ilumines a escuridão de meu espírito, para que possa narrar ponto por ponto o governo do grande Sancho Pança, pois sem ti me sinto fraco, desmazelado e confuso.

Digo, então, que Sancho chegou com todo o seu séquito a uma aldeia de uns mil moradores, que era das melhores que o duque tinha. Disseram a ele que se chamava ilha Logratária,[2] porque o lugar se chamava Logradouro ou porque aquele governo tinha alguma coisa não muito limpa. Ao chegar às portas da aldeia, que era cercada por uma muralha, saiu o conselho municipal para recebê-lo, tocaram os sinos e todos os moradores deram mostras de alegria geral e com muita pompa o levaram à catedral para agradecer a Deus. Depois, com algumas cerimônias ridículas, lhe entregaram as chaves do povoado e o aceitaram como governador perpétuo da ilha Logratária.

A roupa, as barbas, a gordura e o tamanhico do novo governador tinham causado pasmo a todos os que nada sabiam da tramoia e até mesmo aos que sabiam, que eram muitos. Enfim, tiraram-no da

igreja e o levaram à cadeira do tribunal, onde o sentaram. O administrador do duque disse:

— É costume antigo aqui, senhor governador, que aquele que vem tomar posse desta famosa ilha assuma a obrigação de responder a uma pergunta intrincada e muito difícil. Pela resposta o povo toma o pulso da inteligência de seu novo governador, de modo que se alegra ou se entristece com sua vinda.

Enquanto o administrador dizia isso, Sancho estava olhando uma porção de letras grandes que estavam escritas na parede diante de sua cadeira e, como não sabia ler, perguntou que pinturas eram aquelas. Responderam:

— Senhor, ali está escrito e anotado o dia em que vossa senhoria tomou posse desta ilha. A inscrição diz: “Hoje, a tanto de tal mês e de tal ano, tomou posse desta ilha o senhor dom Sancho Pança, que por muitos anos a desfrute”.

— E quem é chamado de dom Sancho Pança? — perguntou Sancho.

— Vossa senhoria — respondeu o administrador —, pois nesta ilha não entrou nenhum outro Pança, além do que está sentado nesta cadeira.

— Pois reparai, meu irmão — disse Sancho —, eu não tenho o título de dom, nem nunca ninguém teve em toda a minha família: chamam-me Sancho Pança apenas, e Sancho se chamou meu pai, e Sancho meu avô, e todos foram Panças, sem o acréscimo de dom, que seria sem tom nem som. Imagino que nesta ilha deve haver mais dons que pedras, mas basta: Deus me entende e, se este governo me durar quatro dias, vou fazer uma limpeza nesses dons, pois pela quantidade devem incomodar como mosquitos. Vamos adiante com sua pergunta, senhor administrador, que eu responderei do melhor modo que souber, fique ou não fique triste o povo.

Nesse instante entraram no tribunal dois homens, um vestido de camponês e outro de alfaiate, porque trazia umas tesouras na mão. O alfaiate disse:

— Senhor governador, eu e este camponês viemos ante vossa mercê em razão de que este bom homem chegou a minha loja

ontem (pois eu, com perdão dos presentes, sou alfaiate qualificado, graças a Deus),[3] botou-me nas mãos um pedaço de pano e me perguntou: “Senhor, aqui tem pano suficiente para me fazer um capuz?”. Apalpando o pano, eu respondi que sim; ele deve ter imaginado, pelo que eu penso, e pensei bem, que sem dúvida eu queria furtar um pedaço do pano, baseando-se em sua malícia e na má opinião que se tem dos alfaiates, e me respondeu que visse se dava para dois. Adivinhei seu pensamento e disse-lhe que sim, e ele, sem apear de sua primeira e miserável intenção, foi acrescentando capuzes, e eu dizendo que sim, até que chegamos a cinco capuzes, e agora nesse instante acaba de vir por causa deles: eu os entrego, mas não quer me pagar a mão de obra, e sim que eu o pague ou devolva seu pano.

— Isso é tudo, irmão? — perguntou Sancho.

— Sim, senhor — respondeu o homem. — Mas vossa mercê deve fazer com que ele mostre os cinco capuzes que me fez.

— De boa vontade — respondeu o alfaiate.

E, tirando imediatamente a mão de sob a capa, mostrou cinco capuzes enfiados nas pontas dos dedos, e disse:

— Aqui estão os cinco capuzes que este bom homem me pediu, e por Deus e por minha consciência que não me sobrou nem um retalho do pano, e submeto o trabalho à vistoria dos fiscais do ofício.

Todos os presentes riram do punhado de capuzes e da novidade do pleito. Sancho ficou pensando um pouco e disse:

— Parece-me que nesse pleito não deve haver longas demoras, mas um julgamento sumário, baseado no mero bom senso. Então vou dar por sentença que o alfaiate perca o trabalho, o camponês o pano, e os capuzes sejam levados para os presos na cadeia, e assunto encerrado.

Se a sentença anterior do saco de dinheiro do criador de porcos encheu os espectadores de espanto,[4] esta provocou o riso, mas, por fim, se fez o que o governador mandou. Então se apresentaram diante dele dois homens velhos, um usando um pedaço de taquara como bengala. O sem bengala disse:

— Senhor, há dias emprestei a este bom homem dez escudos em moedas de ouro, para lhe fazer um favor e uma boa ação, com a

condição de que os devolvesse quando eu os pedisse. Passaram-se muitos dias sem que eu os pedisse, para não o deixar em maior necessidade ao me devolvê-los do que estava quando os emprestei. Mas, por me parecer que se descuidava no pagamento, cobrei várias vezes, e não só não me devolve nada, como nega que eu tenha lhe emprestado os ditos dez escudos e diz que, se eu os emprestei, ele já os devolveu. Não tenho testemunhas nem de que emprestei nem do pagamento, porque não me pagou. Gostaria que vossa mercê o fizesse jurar; se jurar que me devolveu os escudos, eu os perdoo aqui e agora, diante de Deus.

— O que dizeis sobre isso, bom velho da bengala? — disse Sancho.

O velho da bengala respondeu:

— Senhor, confesso que ele me emprestou os escudos, mas, por favor, baixe essa vara. Enfim, se ele tem fé em meu juramento, eu jurarei que os devolvi e paguei sem dúvida nenhuma.

O governador baixou a vara, e então o velho da bengala deu a bengala para o outro velho, porque ficaria muito embaraçado se a segurasse enquanto jurava, e depois pôs a mão na cruz da vara, dizendo que era verdade que haviam lhe emprestado aqueles dez escudos que lhe pediam, mas que ele os tinha devolvido em mãos, e que o outro velho, por não se lembrar, pedia de novo com insistência. Vendo isso, o grande governador perguntou ao credor o que respondia ao que seu devedor tinha dito, e ele respondeu que sem dúvida seu devedor devia dizer a verdade, porque o tinha por homem de bem e bom cristão, e que ele devia ter esquecido como e quando fora o pagamento, e que dali por diante não lhe pediria mais nada. O devedor voltou a pegar sua bengala e, baixando a cabeça, saiu do tribunal. Sancho, vendo que se ia sem mais nem menos, e vendo também a paciência do demandante, inclinou a cabeça sobre o peito e, pondo o indicador da mão direita sobre as sobrancelhas e o nariz, ficou como que pensativo por um rápido instante, e depois levantou a cabeça e mandou que chamassem o velho da bengala, que já ia embora. Trouxeram-no. Mal o viu, Sancho disse:

— Dai-me essa bengala, meu bom homem, pois preciso dela.

— De muito boa vontade — respondeu o velho. — Aqui está, senhor.

E a entregou. Sancho a pegou e, dando-a ao outro velho, disse:

— Ide com Deus, que já fostes pago.

— Eu, senhor? — respondeu o velho. — Quer dizer que esta taquara vale dez escudos de ouro?

— Sim — disse o governador —, ou, se não vale, sou o maior burro do mundo, e agora se verá se tenho ou não tenho miolos para governar um reino todo.

E mandou que ali, diante de todos, se quebrasse e abrisse a taquara. Assim fizeram — e dentro dela acharam dez escudos em ouro. Ficaram todos admirados, considerando seu governador um novo Salomão.

Perguntaram-lhe como tinha concluído que os dez escudos estavam dentro da taquara, e ele respondeu que por ter visto o velho dar aquela bengala ao seu credor, justo na hora do juramento, quando disse com a mão na cruz que tinha entregado tudo de verdade, pedindo de volta a bengala logo que acabou de jurar, o que o levou a pensar que dentro dela estava o pagamento que lhe pediam. Disso se podia deduzir que os que governam, mesmo sendo uns bobos, às vezes são orientados por Deus em seus julgamentos; além do mais, ele tinha ouvido o padre de sua aldeia contar outro caso parecido com aquele, e que ele tinha tão boa memória que, se não esquecesse tudo aquilo que queria lembrar, não haveria memória como a dele em toda a ilha. Por fim, os velhos foram embora, um pago e outro envergonhado, e os presentes ficaram admirados, e aquele que escrevia as palavras, os feitos e os movimentos de Sancho não conseguia se resolver se o considerava tolo ou sábio.

Depois de terminado esse pleito, entrou no tribunal uma mulher agarrada fortemente a um homem vestido de fazendeiro rico. Ela vinha dizendo, em grandes brados:

— Justiça, senhor governador, justiça: se não a encontrar na terra, irei procurá-la no céu! Meu caro governador, este homem mau me pegou no meio do campo e se aproveitou de meu corpo como se fosse um trapo mal lavado. Pobre de mim, levou-me o que eu

guardava por mais de vinte e três anos, defendendo-o de mouros e cristãos, dos nativos e dos forasteiros, e eu mais firme que um carvalho, conservando-me intacta como a salamandra no fogo, ou como um tufo de lã no espinheiro, para que este sujeito chegasse agora e me bolinasse às mãos lavadas.

— Isso ainda está para se averiguar, se este conquistador tem ou não tem as mãos lavadas — disse Sancho.

E, virando-se para o homem, perguntou o que tinha a dizer sobre a reclamação daquela mulher. Ele, todo confuso, respondeu:

— Senhores, sou um pobre criador de porcos, diga-se com perdão da palavra, e esta manhã saía desta vila, depois de vender quatro deles, que me levaram de impostos e comissões pouco menos do que eles valiam. Voltava para minha aldeia, quando topei no caminho com esta boa senhora, e o diabo, que tudo complica e tudo atiça, fez com que brincássemos um pouco; paguei-lhe o suficiente, mas ela, descontente, me agarrou e não me largou até me trazer aqui. Diz que a forcei, mas mente, como juro ou penso jurar. Esta é toda a verdade, sem faltar um fiapo.

Então o governador perguntou se trazia algum dinheiro em prata; ele disse que tinha uns vinte ducados num saco de couro que carregava no peito. Sancho mandou que o pegasse e o entregasse assim como estava para a queixosa; ele obedeceu, tremendo; a mulher pegou o saco e, fazendo mil reverências a todos e pedindo a Deus pela vida e saúde do senhor governador, que olhava pelas órfãs e donzelas necessitadas, saiu do tribunal, agarrada ao saco com ambas as mãos, embora tenha olhado antes para ver se as moedas que levava eram de prata.

Mal ela saiu, Sancho disse ao homem, que estava em lágrimas, com os olhos e o coração indo atrás de seu dinheiro:

— Bom homem, ide atrás daquela mulher e tirai o saco dela, mesmo que não queira, e voltai aqui com ela.

Não falou nem a bobo nem a surdo: o homem partiu como um raio para fazer o que lhe mandavam. Todos os presentes estavam surpresos, esperando o fim daquele pleito. Dali a pouco voltaram o homem e a mulher, mais juntos e agarrados que da primeira vez, ela com a saia levantada e o saco no regaço, e o homem lutando para

pegá-lo; mas não era possível, porque a mulher o defendia, dizendo aos brados:

— Justiça, em nome de Deus e dos homens! Olhe vossa mercê, senhor governador, a falta de vergonha e de medo deste desgraçado, que na metade do povoado e no meio da rua quis me tirar o saco que vossa mercê mandou me dar.

— Ele conseguiu tirá-lo? — perguntou o governador.

— Como?! — respondeu a mulher. — Eu deixaria antes que me tirasse a vida que o dinheiro. Comigo não! Cresce e aparece, nojento miserável! Nem a pau nem a pedra vais me tirar a prata das unhas, nem que tivesses garras de leão! Seria mais fácil me arrancar a alma do peito!

— Ela tem razão — disse o homem —, e eu me dou por vencido e sem forças, e confesso que as minhas não foram suficientes para arrancar o dinheiro dela. Desisto.

Então o governador disse à mulher:

— Mostrai, honrada e valente senhora, esse saco.

Ela o entregou em seguida, e o governador o devolveu ao homem e disse à esforçada, mas não forçada:

— Cara irmã, se mostrásseis o mesmo empenho e coragem que mostrastes na defesa deste saco de dinheiro, ou até menos da metade, para defender vosso corpo, nem Hércules teria forças para violá-la. Ide com Deus, mas ide logo antes que eu me arrependa, e não pareis nesta ilha em lugar nenhum, nem a seis léguas pelos arredores, sob pena de duzentos açoites. Andai logo, digo, patife, desavergonhada, trapaceira!

A mulher se espantou e foi embora, cabisbaixa e descontente. O governador disse ao homem:

— Bom homem, ide com Deus para vossa terra, com vosso dinheiro, mas, daqui por diante, se não quereis perdê-lo, procurai conter a vontade de se divertir por aí.

O homem agradeceu, muito desajeitado, e foi embora. Os presentes ficaram admirados de novo com os julgamentos e as sentenças de seu novo governador. Tudo isso, anotado por seu cronista, foi logo escrito para o duque, que esperava muito ansioso as notícias.

E fique aqui o bom Sancho, porque nos apressa muito seu amo, alvoroçado com a música de Altisidora.

xlvi

do terrível susto chacoalhante e gatesco que dom quixote levou no decurso dos amores com a apaixonada altisidora

Deixamos o grande dom Quixote enrolado com os pensamentos que haviam lhe causado a música da aia apaixonada, Altisidora. Deitou-se com eles, mas eles, como se fossem pulgas, não o deixando dormir nem sossegar um instante, fizeram-no entregar os pontos, que se juntaram aos pontos desfiados das meias. Como o tempo, porém, é ligeiro e não há obstáculo que o detenha, correu montado nas horas, e muito rapidamente chegou a da manhã — vendo isso, dom Quixote deixou as plumas macias da cama e, nada preguiçoso, vestiu suas roupas cor de camurça e calçou as botas de cano alto para encobrir a desgraça de suas meias. Jogou por cima dos ombros seu manto de escarlate e botou na cabeça uma touca de veludo verde, guarnecida de franjas de prata; pendurou a tiracolo o talim com sua boa e cortante espada, agarrou um grande rosário que trazia sempre consigo e, gingando com grande afetação, foi até onde o duque e a duquesa já estavam vestidos, como se o esperassem. Mas antes, ao passar por uma galeria, encontrou a postos Altisidora e outra aia amiga dela. Mal Altisidora viu dom Quixote, fingiu desmaiar, e sua amiga a amparou em seu colo e, muito apressada, ia lhe desabotoar o peito. Dom Quixote, vendo isso, aproximou-se delas e disse:

— Já sei a causa desses ataques.

— Pois eu não sei — respondeu a amiga —, porque Altisidora é a aia mais saudável de todas nesta casa. Nunca ouvi um ai dela

desde que a conheço! Que o diabo carregue todos os cavaleiros andantes, se é que todos são mal-agradecidos. Vá embora vossa mercê, senhor dom Quixote, porque esta pobre menina não voltará a si enquanto vossa mercê estiver por perto.

Dom Quixote respondeu:

— Minha senhora, mande que levem um alaúde a meu quarto esta noite, que consolarei como puder esta infeliz donzela, porque, quando o amor está começando, os desenganos costumam ser os melhores remédios.

E com isso se foi, para que não o censurassem os que o vissem ali. Mal tinha se afastado, a desmaiada Altisidora voltou a si e disse a sua companheira:

— É preciso levar um alaúde, porque sem dúvida dom Quixote quer nos oferecer alguma música, e não será ruim, sendo dele.

Em seguida foram contar à duquesa o que tinha acontecido e sobre o alaúde que dom Quixote pedira, e ela, alegre ao extremo, combinou com o duque e com suas aias de lhe pregar uma peça que fosse mais risonha que maldosa, e muito contentes esperaram a noite, que veio tão rápida como tinha vindo o dia, que os duques passaram em deliciosas conversas com dom Quixote. E naquele dia ainda, a duquesa realmente despachou um pajem seu — que na outra noite, na mata, tinha feito o papel da Dulcineia encantada — a Teresa Pança, com a carta de seu marido Sancho Pança e com a trouxa de roupas que deixara para que enviassem a ela. Havia encarregado o pajem de que lhe trouxesse notícias detalhadas de tudo o que falasse com ela.

Feito isso tudo, quando deram as onze horas da noite, dom Quixote achou em seu quarto uma viola. Dedilhou-a, abriu a janela e percebeu que havia gente no jardim; depois de percorrer os trastos da viola e de afiná-la o melhor que pôde, limpou o peito e cuspiu, e então, com uma voz rouca embora afinada, cantou a seguinte balada, que ele mesmo havia composto naquele dia:

— As forças do amor costumam
tirar as almas dos eixos,

tomando por instrumento
a ociosidade descuidada.

Coser e bordar costumam
e o estar sempre ocupada
ser antídoto ao veneno
dos desejos amorosos.

Às donzelas recatadas
que aspiram ser casadas,
a virtude é o dote
e a voz de seus louvores.

Os cavaleiros andantes
e os que andam na corte
galanteiam as livres,
mas se casam com as castas.

Há amores de aurora,
que entre viajantes acontecem,
que logo chegam ao poente,
pois acabam na partida.

O amor recém-vindo,
que chegou hoje e se vai amanhã,
não deixa as imagens
bem impressas na alma.

Pintura sobre pintura
nem se mostra, nem se aponta.
Se há beleza na primeira
a segunda não aparece.

Dulcineia del Toboso

da alma em tábua rasa
trago pintada de modo
que é impossível apagá-la.

A constância nos amantes
é a coisa mais apreciada,
por quem o amor faz milagres
e a si mesmo os eleva.[a]

Dom Quixote chegava neste ponto de sua balada, que estavam ouvindo o duque e a duquesa, Altisidora e quase todas as pessoas do castelo, quando de repente, de cima de uma varanda que caía a prumo sobre a janela do fidalgo, desenrolaram um cordão em que vinham amarrados mais de cem chocalhos, e atrás dele despejaram um grande saco de gatos, que também traziam chocalhos menores atados nas caudas. Foi uma barulheira tão grande dos chocalhos e dos miados dos gatos que, embora os duques tivessem ideado a brincadeira, mesmo assim se assustaram, e dom Quixote, amedrontado, ficou pasmo. E quis a sorte que dois ou três gatos entrassem pela grade de seu quarto — correndo de um lado para o outro, em busca de uma saída, pareciam uma legião de diabos e apagaram as velas que ardiam ali. A descida e subida do cordão com os grandes chocalhos não cessava; a maior parte das pessoas do castelo, que não sabia da verdade do caso, estava surpresa e assustada.

Dom Quixote ficou de pé e, empunhando a espada, começou a dar estocadas pela grade e a dizer em grandes brados:

— Fora, magos desgraçados! Fora, canalha bruxesca! Fora, pois eu sou dom Quixote de la Mancha, contra quem não valem nem têm força vossas más intenções!

E, virando-se para os gatos que andavam pelo quarto, deu muitas cutiladas. Eles correram para a grade e fugiram por ali, mas um, vendo-se tão acossado pelos golpes de dom Quixote, pulou no rosto dele e lhe cravou as unhas e os dentes no nariz. Com a dor, dom Quixote começou a dar os gritos mais altos. Ouvindo-o e

considerando o que podia ser, o duque e a duquesa correram às pressas para o quarto e, abrindo a porta com a chave mestra, entraram com velas e viram a batalha desigual: o pobre cavaleiro lutando com todas as suas forças para arrancar o gato do rosto. O duque tratou de separar os adversários, enquanto dom Quixote dizia aos berros:

— Não me ajude! Deixe-me mano a mano com este demônio, com este feiticeiro, com este mago, que vou ensinar a ele quem é dom Quixote de la Mancha!

Mas o gato, sem dar a mínima a essas ameaças, grunhia e se agarrava mais firme; o duque então o arrancou e o atirou pela grade.

Dom Quixote ficou com o rosto como uma peneira e o nariz não muito apresentável, mas muito ressentido porque não o deixaram terminar a renhida batalha que travava com aquele mago miserável. Mandaram trazer azeite de Aparício,[1] e a própria Altisidora, com suas mãos branquíssimas, lhe fez os curativos nas feridas e, enquanto os fazia, disse em voz baixa:

— Todas essas mal andanças te acontecem, cavaleiro empedernido, pelo pecado de tua dureza e teimosia. Peço a Deus que Sancho, teu escudeiro, se esqueça dos açoites, para que tua amada Dulcineia nunca veja seu desencantamento, nem tu desfrutes dele, nem chegues ao leito com ela, pelo menos enquanto eu, que te adoro, viver.

Dom Quixote não respondeu uma palavra, apenas deu um profundo suspiro e depois se estendeu na cama, agradecendo aos duques a mercê, não porque ele tivesse medo daquela canalha gatesca, encantada e chacoalhante, mas porque havia entendido a boa intenção com que tinham vindo socorrê-lo. Os duques o deixaram repousar e se foram pesarosos com o mau resultado da brincadeira, pois não acreditaram que aquela aventura custasse tão caro a dom Quixote — o pobre ficou cinco dias de cama, trancado no quarto, onde lhe aconteceu outra aventura mais deliciosa que a anterior, que seu biógrafo não quer contar agora para ir ter com Sancho Pança, que andava muito diligente e muito engraçado em seu governo.

a — *Suelen las fuerzas de amor/ sacar de quicio a las almas,/ tomando por instrumento/ la ociosidad descuidada.// Suele el coser y el labrar/ y el estar siempre ocupada/ ser antídoto al veneno/ de las amorosas ansias.// Las doncellas recogidas/ que aspiran a ser casadas,/ la honestidad es la dote/ y voz de sus alabanzas.// Los andantes caballeros/ y los que en la corte andan/ requiébranse con las libres,/ con las honestas se casan.// Hay amores de levante,/ que entre huéspedes se tratan,/ que llegan presto al poniente,/ porque en el partirse acaban.// El amor recién venido,/ que hoy llegó y se va mañana,/ las imágenes no deja/ bien impresas en el alma.// Pintura sobre pintura/ ni se muestra ni señala,/ y do hay primera belleza,/ la segunda no hace baza.// Dulcinea del Toboso/ del alma en la tabla rasa/ tengo pintada de modo/ que es imposible borrarla.// La firmeza en los amantes/ es la parte más preciada,/ por quien hace amor milagros/ y a sí mismo los levanta.*

xlvii

onde se continua a contar como sancho pança se portava em seu governo

Conta a história que do tribunal levaram Sancho Pança a um palácio suntuoso, onde, numa grande sala, estava posta uma mesa régia e muito limpa. Mal Sancho entrou ali, soaram charamelas e apareceram quatro pajens com água para lavar as mãos, que Sancho recebeu com toda a seriedade.

A música cessou e Sancho se sentou à cabeceira da mesa, porque não havia outro assento nem outros talheres. A seu lado ficou de pé um personagem que depois se soube que era médico, com uma vareta feita com uma barbatana de baleia na mão. Levantaram uma toalha branca riquíssima com que estavam cobertas as frutas e uma grande diversidade de pratos com manjares variados. Um dos pajens, que parecia estudante, abençoou a refeição e outro botou um babeiro com rendas em Sancho; um terceiro, que agia como mordomo, aproximou dele um prato de frutas; mas, mal Sancho tinha comido um bocado, o da barbatana tocou o prato com ela, e o prato foi tirado com grande rapidez. Então o mordomo aproximou outro prato com outro manjar. Sancho ia prová-lo, mas, antes que o tocasse ou mesmo que chegasse perto, já a barbatana tinha batido nele, e um pajem o levou com tanta pressa como o da fruta. Vendo isso, Sancho ficou surpreso e, olhando para todos, perguntou se havia de comer como num jogo das cadeiras.

— Não deve comer nada, senhor governador — o da barbatana respondeu —, que não seja uso e costume nas outras ilhas onde há

governadores. Eu sou médico, senhor, e estou empregado nesta ilha para tratar dos governadores dela, e olho por sua saúde muito mais que pela minha, estudando de noite e de dia e sondando a compleição do governador, para poder curá-lo quando cair doente. A coisa principal que faço é assistir a seus almoços e jantares, para deixá-lo comer o que me parece conveniente e tirar do senhor o que imagino que será prejudicial e nocivo ao estômago. Por isso mandei tirar o prato de frutas, por elas serem úmidas demais, e também mandei tirar o outro prato por ser quente demais e conter muitas especiarias, coisa que aumenta a sede, e quem bebe muito mata e consome o humor radical,[1] que é a essência da vida.

— Dessa maneira, aquele prato de perdizes assadas que está ali (e, pelo que vejo, bem temperadas) não vai me prejudicar.

O médico respondeu:

— Essas perdizes o governador não comerá enquanto eu estiver vivo.

— Mas a troco de quê? — disse Sancho.

O médico respondeu:

— Porque nosso mestre Hipócrates, norte e luz da medicina, num aforismo, disse: *Omnis saturatio mala, perdicis autem pessima*. Isso quer dizer: “Toda indigestão é má, mas a da perdiz é péssima”.

— Se é assim, senhor doutor — disse Sancho —, veja entre esses manjares que estão na mesa qual me fará bem e qual será menos nocivo, e me deixe comer sem espancar os pratos. Pois eu juro pela vida do governador, se é que Deus vai me deixar desfrutá-la, que morro de fome, e me negar a comida, embora pese ao senhor doutor e por mais que ele me diga, será acabar com minha vida em vez de aumentá-la.

— Vossa mercê tem razão, senhor governador — respondeu o médico —, de modo que, em minha opinião, vossa mercê não deve comer daqueles coelhos refogados que estão ali, porque é comida muito arriscada. Daquela vitela, se não fosse assada e marinada, até poderia provar, mas assim de jeito nenhum.

E Sancho disse:

— Aquele pratão que está ali fumegando não é uma olha-podrida? Olhe, pela diversidade de carnes e legumes que há nas olhas-

podridas, não poderei deixar de topar com alguma coisa que me dê prazer e não me faça mal.

— *Absit!*[2] — disse o médico. — Longe de nós tão mau pensamento: não há prato mais indigesto no mundo que uma olha-podrida. Fiquem as olhas-podridas para os cônegos ou para os reitores de colégios ou para os casamentos na roça, e deixemos livres as mesas dos governadores, onde tudo deve ser primoroso, feito com todo o cuidado. A razão disso, em qualquer lugar e para qualquer um, é que os remédios simples são sempre melhores que os compostos, pois nos simples não se pode errar, e nos compostos sim, alterando a quantidade das coisas de que são feitos. Mas o que eu sei que o senhor governador deve comer agora, para conservar a saúde e fortalecê-la, é um pirão de farinha e umas fatias fininhas de marmelada, que lhe assentem o estômago e o ajudem na digestão.

Ouvindo isso, Sancho se encostou no espaldar da cadeira e olhou fixamente o dito médico, e com voz sombria perguntou a ele como se chamava e onde havia estudado. Ao que ele respondeu:

— Eu, senhor governador, me chamo doutor Pedro Recio de Agüero, e sou natural de uma aldeia chamada Tirteafuera, que fica entre Caracuel e Almodóvar del Campo, à direita, e tenho o diploma de doutor pela Universidade de Osuna.[3]

Ao que Sancho respondeu, pegando fogo de raiva:

— Pois olhe, senhor doutor Pedro Recio do Mau Agouro, natural de Tirteafuera, aldeia que fica à direita se vamos de Caracuel a Almodóvar del Campo, diplomado em Osuna, caia fora já da minha frente: se não, juro pelo sol que nos ilumina que pego um porrete e que a porretadas, começando pelo senhor, não vai sobrar um médico em toda a ilha, pelo menos daqueles que eu entenda que são ignorantes, porque os médicos sábios, sensatos e sensíveis respeitarei acima de tudo e os honrarei como a pessoas divinas. E repito, vá embora daqui, senhor Pedro Recio, ou pegarei esta cadeira onde estou sentado e a despedaçarei em sua cabeça, e me peçam contas disso no fim de meu mandato, que eu me livrarei ao dizer que fiz um serviço a Deus ao matar um péssimo médico, verdugo da república. E me sirvam logo este jantar ou, então,

tomem de volta o governo, que ofício que não dá de comer a seu dono não vale duas favas.

O doutor se perturbou, vendo o governador tão encolerizado, e quis cair fora da sala, mas naquele instante soou a corneta de um mensageiro na rua. O mordomo espiou pela janela e voltou, dizendo:

— Mensageiro do duque para meu senhor: deve trazer algum comunicado importante.

O mensageiro entrou assustado e suando. Tirou do peito uma carta, que pôs nas mãos do governador, e que Sancho pôs nas do administrador, a quem ordenou que lesse o sobrescrito, que dizia assim:

a dom sancho pança,
governador da ilha logratária,
em suas próprias mãos
ou nas de seu secretário.

Ouvindo isso, Sancho disse:

— E quem é meu secretário?

Um dos pajens presentes respondeu:

— Eu, senhor, porque sei ler e escrever. E sou basco.[4]

— E, de quebra, basco! Bem podeis ser secretário do próprio imperador — disse Sancho. — Abri essa carta e olhai o que diz.

Foi o que fez o recém-nascido secretário e, tendo lido o que dizia, disse que era negócio para ser tratado a sós. Sancho mandou esvaziar a sala, que ninguém ficasse ali exceto o administrador e o mordomo. Quando o médico e os demais foram embora, o secretário leu a carta, que dizia assim:

Chegou ao meu conhecimento, senhor dom Sancho Pança, de que uns inimigos meus e dessa ilha vão tentar um violento ataque uma noite dessas, não sei qual: convém velar e ficar alerta, para que não vos peguem desprevenido. Sei também, por espiões confiáveis, que entraram na aldeia quatro pessoas disfarçadas

para vos tirar a vida, porque temem vossa astúcia: abri o olho e vede quem chega para vos falar, e não comais de coisas que vos presentearem. Eu terei o cuidado de vos socorrer se vos virdes em apuros, e em tudo deveis proceder como se espera de vosso entendimento. Desta aldeia, dezesseis de agosto, às quatro da manhã.
Vosso amigo
O Duque

Sancho ficou surpreso, e os presentes também. Virando-se para o administrador, Sancho disse:
— O que deve ser feito agora, e rápido, é meter num calabouço o doutor Recio, porque se há alguém que quer me matar é ele, e de morte lenta e horrível, como é a da fome.
— Também acho melhor que o senhor não coma nada de tudo o que está nesta mesa — disse o mordomo —, porque esses pratos foram presenteados por umas monjas, e, como se costuma dizer, atrás da cruz às vezes se esconde o diabo.
— Não nego — respondeu Sancho —, e agora me dê um pedaço de pão e umas quatro libras de uvas, que nelas não poderá vir veneno. A verdade é que não posso passar sem comer e, se temos de estar prontos para essas batalhas que nos ameaçam, é preciso estar bem alimentados, porque saco vazio não para em pé. E vós, secretário, respondei ao duque meu senhor que se fará o que manda e como manda, sem faltar um detalhe. E, de minha parte, deveis beijar as mãos de minha senhora a duquesa e dizer que lhe suplico que não se esqueça de mandar um mensageiro com minha carta e minha trouxa de roupas a minha mulher Teresa Pança, que será um grande favor para mim, e terei muito cuidado de servi-la com tudo o que minhas forças permitirem. Bem, de passagem podeis encaixar meus cumprimentos a meu senhor dom Quixote de la Mancha, para que veja que não cuspo no prato em que comi. E vós, como bom secretário e como bom basco, podeis acrescentar tudo o que quiserdes e o que mais vier a calhar. E tirem essa mesa

e me deem de comer, que saberei pegar de jeito quantos espiões e matadores e magos caírem sobre mim e sobre minha ilha.

Nisso entrou um pajem e disse:

— Está aqui um camponês litigante que quer falar a vossa senhoria sobre um negócio, segundo ele diz, da maior importância.

— Gente esquisita esses litigantes — disse Sancho. — É possível que sejam tão burros que não vejam que não se deve vir incomodar com litígios a uma hora dessas? Por acaso nós que governamos e somos juízes não somos homens de carne e osso? Não sabem que é preciso que nos deixem descansar o tempo que a necessidade exige? Ou esperam que sejamos feitos de mármore? Juro por Deus e por minha honra que, se o governo me durar, embora eu tenha um palpite contrário, vou botar nos eixos mais de um demandante. Agora dizei a esse bom homem que entre, mas vede bem se não é algum dos espiões ou matadores.

— Não, senhor — respondeu o pajem —, porque parece um anjo. Ou muito me engano ou ele é bom como pão.

— Não há o que temer — disse o administrador —, pois estamos todos aqui.

— Seria possível, senhor mordomo — disse Sancho —, que, agora que o doutor Pedro Recio não está aqui, eu pudesse comer alguma coisa de peso e sustância, mesmo que fosse um pedaço de pão e uma cebola?

— Esta noite, na ceia, se resolverá a falta do jantar e vossa senhoria ficará inteiramente satisfeito — disse o mordomo.

— Queira Deus — respondeu Sancho.

E nisso entrou o camponês, que tinha muito boa presença, e de mil léguas se notava que era bom e de alma simples. A primeira coisa que disse foi:

— Quem é o senhor governador?

— Quem poderia ser, senão o que está sentado na cadeira? — respondeu o secretário.

— Humilho-me, então, diante de sua presença — disse o camponês.

E, caindo de joelhos, pediu a Sancho a mão para beijar. Ele a negou e mandou que o homem se levantasse e dissesse o que

queria. O camponês obedeceu e disse:

— Eu, senhor, sou camponês, natural de Miguel Turra, uma vila que está a duas léguas da Ciudad Real.

— Puxa, temos outro Tirteafuera! — disse Sancho. — Continuai, meu irmão. O que posso garantir é que conheço Miguel Turra muito bem e que não fica muito longe de minha terra.

— O caso, meu senhor — prosseguiu o camponês —, é que eu, pela misericórdia de Deus, sou casado no preto e no branco, no cartório e na santa Igreja Católica Romana; tenho dois filhos estudantes, o menor será bacharel e o mais velho, licenciado; sou viúvo, porque minha mulher morreu ou, melhor dizendo, matou-a um mau médico, que lhe deu purgante quando estava grávida, e se Deus quisesse que ela desse à luz e fosse um filho, eu poria o menino a estudar para ser doutor, para não ter inveja de seus irmãos, o bacharel e o licenciado.

— Quer dizer — disse Sancho — que, se vossa mulher não tivesse morrido, ou não a tivessem matado, agora vós não seríeis viúvo?

— Não, senhor, de jeito algum — respondeu o camponês.

— Estamos bem arrumados! — respondeu Sancho. — Em frente, meu irmão, que são horas de dormir, não de conversar.

— Bem — disse o camponês —, meu filho que vai ser bacharel se apaixonou lá na vila mesmo por uma donzela chamada Clara Perolítica, filha de Andrés Perolítico, camponês riquíssimo. Esse nome, Perolítico, não vem dos antepassados nem nada, mas porque todos desta família são paralíticos, e para melhorar o nome se chamam Perolíticos. Agora, se vamos dizer a verdade, a donzela é realmente uma pérola oriental, e vista pelo lado direito parece uma flor do campo; pelo esquerdo nem tanto, porque falta aquele olho, que perdeu com a varíola. Embora os buracos no rosto sejam muitos e grandes, dizem os que gostam dela que não são buracos, mas sepulturas onde se enterram as almas de seus apaixonados. É tão limpa que, para não sujar o rosto, traz as narinas, como dizem, arreganhadas, pois não parece senão que estão fugindo da boca. Mas, apesar de tudo, parece bela ao extremo, porque tem a boca grande e, se não lhe faltassem uns dez ou doze dentes e molares,

poderia se gabar de deixar as mais bem constituídas comendo poeira lá atrás. Dos lábios não tenho o que dizer, porque são tão sutis e delicados que, se pudéssemos desfiá-los, se poderia fazer um novelo deles; mas, como têm uma cor fora do comum, parecem miraculosos, porque são matizados de azul, verde e roxo. Mas me perdoe, senhor governador, se vou pintando com tantos detalhes as qualidades daquela que cedo ou tarde vai acabar sendo minha filha, pois a quero bem e não me parece feia.

— Pintai o que quiserdes — disse Sancho —, pois vou me recreando com a pintura. Se tivesse jantado, não haveria melhor sobremesa para mim que vosso retrato.

— Isso ainda tenho para servir — respondeu o camponês —, mas tempo virá em que sejamos servidos, se agora não somos. E digo, senhor, que se pudesse pintar sua estatura e elegância, seria coisa de espantar, mas não posso, porque ela está curvada e encolhida, e tem os joelhos na boca, mas mesmo assim demonstra que, se pudesse se levantar, bateria a cabeça no teto. E ela teria dado a mão como esposa a meu bacharel, se a pudesse estender, mas está como um gancho. No entanto, nota-se sua bondade e bom caráter nas unhas longas e rachadas.

— Muito bem — disse Sancho —, fazei de conta, meu irmão, que já a pintastes dos pés à cabeça. O que quereis agora? E vamos ao que interessa, sem conversa fiada, sem tirar nem pôr.

— Gostaria, senhor — respondeu o camponês —, que vossa mercê me fizesse a mercê de me dar uma carta de recomendação para o sogro de meu filho, suplicando a ele que aceite que esse casamento se realize, pois não somos diferentes em bens materiais nem nos espirituais. Porque, para dizer a verdade, senhor governador, meu filho é possesso, e não há dia sem que três ou quatro vezes não o atormentem os espíritos malignos, e, por ter caído uma vez no fogo, tem o rosto enrugado como um pergaminho e os olhos um tanto chorosos e remelentos. Mas tem o temperamento de um anjo e, se não tivesse ataques e esmurrasse a si mesmo, seria um santo.

— Quereis mais alguma coisa, bom homem? — replicou Sancho.

— Sim, mais uma coisa — disse o camponês —, só que não me atrevo a falar. Mas enfim, vá lá, melhor que não me apodreça no peito, cole ou não cole. Eu gostaria, senhor, que vossa mercê me desse trezentos ou seiscentos ducados para ajudar no dote de meu bacharel, sabe, para ajudar a montar sua casa, porque, enfim, devem viver por si, sem estar sujeitos às impertinências dos sogros.

— Vede se quereis outra coisa ainda — disse Sancho —, e não deixeis de falar por timidez nem por vergonha.

— Não, com certeza — respondeu o camponês.

E, mal disse isso, o governador se levantou, agarrou a cadeira em que estava sentado e disse:

— Juro, seu grosso estúpido, que, se não vos afastardes e sumirdes logo de minha presença, vos quebro e racho a cabeça! Velhaco fiadaputa, pintor do diabo em pessoa, isso são horas de virdes me pedir seiscentos ducados? E de onde os tiro, hediondo? E por que eu vos daria, mesmo que os tivesse, patife e mentecapto? E que me importa Miguel Turra ou toda a família dos Perolíticos? Desaparecei, repito, ou, pela vida do duque meu senhor, faço o que prometi! Não deveis ser de Miguel Turra coisa nenhuma; com certeza algum patife, para me tentar, vos enviou do inferno. Dizei-me, desalmado, se ainda não faz um dia e meio que sou governador, como quereis que eu já tenha seiscentos ducados?

O mordomo fez uns sinais para que o camponês saísse da sala, e ele saiu cabisbaixo e parecendo com medo de que o governador desse vazão a sua cólera, pois o velhaco desempenhara muito bem sua parte.

Mas deixemos Sancho com sua cólera, e haja paz e boa vontade entre os homens, e voltemos a dom Quixote, que deixamos sendo atendido e com curativos no rosto por causa das feridas gatescas, de que não sarou em oito dias. Foi num deles que aconteceu ao cavaleiro o que Cide Hamete Benengeli promete contar com a exatidão e a meticulosidade com que costuma narrar as coisas desta história, por mínimas que sejam.

xlviii

do que aconteceu a dom quixote com dona rodríguez, a ama da duquesa, com outras coisas dignas de registro e de memória eterna

O malferido dom Quixote estava muito amuado e melancólico, com curativos no rosto marcado, não pela mão de Deus, mas pelas unhas de um gato — desgraças inerentes à cavalaria andante. Esteve seis dias sem aparecer em público. Numa noite desses dias, estando desperto e preocupado, pensando em suas infelicidades e na perseguição de Altisidora, percebeu que abriam a porta do quarto com uma chave — e logo pensou que a donzela apaixonada vinha para assaltar sua castidade e pô-lo em condição de faltar à fidelidade que devia guardar a sua senhora Dulcineia del Toboso.

— Não — disse, acreditando na própria imaginação, e com voz que poderia ser ouvida —, a maior formosura da terra não pode ser motivo para que eu deixe de adorar aquela que tenho gravada e estampada no centro do coração e no mais fundo de minhas entranhas, esteja minha senhora transformada em camponesa grosseirona, ou numa ninfa do Tejo dourado, tecendo com fios de ouro e seda, ou presa por Merlin ou Montesinos vá saber em que caverna: onde quer que estejas, és minha, e onde quer que eu esteja, sou e hei de ser teu.

A porta se abriu justo ao fim dessas palavras. O cavaleiro ficou de pé sobre a cama, envolto de cima a baixo por uma colcha de cetim amarelo, uma touca enterrada até as orelhas, o rosto com curativos e os bigodes com papelotes — o rosto, pelos arranhões; os bigodes,

para que não amolecessem e caíssem. Num traje como esse, parecia o mais extraordinário fantasma que se poderia imaginar.

Cravou os olhos na porta e, quando esperava ver entrar a cativa e queixosa Altisidora, viu entrar uma ama reverendíssima com uma touca branca com bainha de franjas tão longas que a cobriam e abrigavam da cabeça aos pés. Entre os dedos da mão esquerda trazia uma meia vela acesa, protegendo a chama com a direita para que a luz não lhe desse nos olhos, que estavam cobertos por grandes óculos. Vinha pisando de mansinho, movendo os pés suavemente.

Observando-a de sua atalaia, dom Quixote viu seus modos, notou seu silêncio e pensou que alguma bruxa ou maga vinha naquele traje fazer algum feitiço maligno com ele e começou a se benzer a toda pressa. A visão foi se aproximando e, quando chegou ao meio do quarto, levantou os olhos e viu a pressa com que dom Quixote fazia o sinal da cruz — e, se ele ficou amedrontado ao ver tal figura, ela ficou espantada por ver a dele, porque mal o viu, tão alto e tão amarelo, com a colcha e com os curativos que o desfiguravam, disse com um grande brado:

— Jesus! O que é que vejo?

E, com o susto, deixou a vela cair e, vendo-se no escuro, virou as costas para ir embora, mas de medo tropeçou nas próprias saias e levou um grande tombo. Dom Quixote, amedrontado, começou a dizer:

— Esconjuro-te, fantasma, ou seja lá o que for, para que me digas quem és e o que queres de mim. Se és alma penada, diga-me, que eu farei por ti tudo o que minhas forças alcançarem, porque sou católico e amigo de fazer o bem a todo mundo: por isso entrei para a ordem da cavalaria andante, cujo exercício se estende até fazer o bem às almas no purgatório.

A ama atormentada, ao ouvir o esconjuro, por seu medo percebeu o de dom Quixote, e com voz aflita e baixa respondeu:

— Senhor dom Quixote (se por acaso vossa mercê é realmente dom Quixote), eu não sou um fantasma, nem uma visão, nem alma do purgatório, como vossa mercê deve ter pensado, mas sim dona Rodríguez, a dama de honra de minha senhora a duquesa, e venho

por causa de uma dessas adversidades que vossa mercê costuma remediar.

— Não vá me dizer, dona Rodríguez — disse dom Quixote —, que vossa mercê veio como alcoviteira? Porque garanto à senhora que não sou de proveito para ninguém, graças à beleza sem-par de minha senhora Dulcineia del Toboso. Em suma, dona Rodríguez, digo que, desde que vossa mercê evite e deixe de lado todo recado amoroso, pode acender de novo a vela e voltar, que discutiremos qualquer outra coisa que quiser ou mais lhe interessar, exceto, como já disse, qualquer mimo para me provocar.

— Eu, com recado de alguém? — respondeu a ama. — Ora, ora, meu senhor, muito mal me conhece vossa mercê: ainda não estou em idade tão avançada para me meter em semelhantes criancices, pois, Deus seja louvado, ainda estou na ponta dos cascos, como se diz, e tenho todos os meus dentes e molares, menos uns poucos que me usurparam uns catarros, que nesta terra de Aragão são muito comuns. Mas me espere um instante; vou acender minha vela e voltarei agora mesmo para contar minhas penas ao reparador de todos os problemas do mundo.

E sem esperar resposta saiu do quarto, onde dom Quixote ficou calmo e pensativo, esperando-a. Mas em seguida lhe ocorreram mil pensamentos sobre aquela nova aventura, e lhe parecia indevido e imprudente correr o risco de quebrar a promessa feita a sua senhora, e dizia a si mesmo:

— Quem sabe se o diabo, que é sutil e manhoso, não quer me enganar agora com uma ama onde não pôde com imperatrizes, rainhas, duquesas, marquesas nem condessas? Pois ouvi dizer muitas vezes, e por muitos sábios, que, se ele puder nos dar um pé torto, não nos dá um direito. E quem sabe se esta solidão, esta oportunidade e este silêncio não despertarão meus desejos que dormem e não me façam, ao cabo de meus anos, cair onde nunca tropecei? Em casos semelhantes, é melhor fugir que esperar a batalha. Mas eu não devo estar em meu juízo perfeito, se penso e digo tais disparates, porque não é possível que essa senhora, um varapau de touca e de óculos ainda por cima, possa encorajar e inflamar pensamentos lascivos no mais desalmado coração do

mundo. Por acaso há em toda terra velhas amas que tenham belos corpos? Porventura há no orbe amas que deixem de ser impertinentes, carrancudas e melindrosas? Então, fora, corja amesca, inútil para qualquer prazer humano! Oh, muito bem fazia aquela senhora de quem se diz que tinha duas estátuas de amas com seus óculos e almofadinhas no fundo da sala, como se estivessem bordando: elas serviam para dar respeitabilidade ao ambiente tanto quanto as amas verdadeiras!

E, dizendo isso, pulou da cama com a intenção de fechar a porta e não deixar a senhora Rodríguez entrar; mas, quando ia fechá-la, a senhora Rodríguez já estava de volta, com uma vela de cera branca acesa. Então, quando ela viu dom Quixote mais de perto, enrolado na colcha, com os curativos, a touca ou barrete, ficou com medo de novo e, recuando uns dois passos, disse:

— Estamos seguras, senhor cavaleiro? Porque não me parece um sinal muito santo que vossa mercê tenha saído da cama.

— A mesma coisa pergunto eu, senhora — respondeu dom Quixote. — Então, posso ficar certo de que não serei atacado e forçado?

— A quem e de quem pedis essa garantia, senhor cavaleiro? — respondeu a ama.

— Peço a vós e de vós — respondeu dom Quixote —, porque nem eu sou de mármore, nem vós de bronze, nem agora são dez horas da manhã, mas meia-noite, ou um pouco mais, pelo que imagino, e num lugar mais fechado e secreto do que deve ter sido a caverna onde o traidor e atrevido Eneias desfrutou da bela e piedosa Dido. Mas dai-me a mão, senhora, que eu não quero outra segurança maior que a de minha continência e recato e a que oferece essa reverendíssima touca.

Dizendo isso, beijou a própria mão direita e segurou a dela, que a ama lhe deu com as mesmas cerimônias.

Aqui Cide Hamete faz um parêntese e diz que, por Maomé, daria o melhor cafetã dos dois que tinha para ver a ama e o cavaleiro assim de mãos dadas ir da porta até a cama.

Por fim, dom Quixote se deitou em sua cama e dona Rodríguez ficou sentada numa cadeira, um tanto afastada, sem tirar os óculos

nem largar a vela. Dom Quixote se encolheu e se cobriu todo, não deixando mais que o rosto à vista. Tendo os dois se acalmando, o primeiro que rompeu o silêncio foi dom Quixote, que disse:

— Dona Rodríguez, agora vossa mercê pode soltar a língua e desembuchar tudo aquilo que tem dentro de seu sofrido e machucado coração, que será escutada por mim com ouvidos castos e socorrida com ações piedosas.

— Acredito, meu senhor — respondeu a ama —, pois da galante e agradável atitude de vossa mercê não se podia esperar uma resposta menos cristã. O caso, senhor dom Quixote, é que, embora vossa mercê me veja sentada nesta cadeira, em pleno reino de Aragão e com roupas de ama arruinada e aflita, sou natural das Astúrias de Oviedo,[1] e de linhagem que inclui muitas das melhores famílias daquela província. Mas minha pouca sorte e o descuido de meus pais, que empobreceram antes do tempo, sem saber como nem por quê, me levaram à corte em Madri, onde, em nome da paz e para evitar maiores desventuras, me destinaram como bordadeira de uma senhora muito distinta. Por falar nisso, quero que vossa mercê saiba que ninguém nunca me passou para trás em matéria de bordados de crivo e bordados simples. Meus pais me deixaram trabalhando e voltaram para sua terra, e poucos anos depois devem ter ido para o céu, porque eram muito bons e católicos cristãos. Fiquei órfã e presa ao salário miserável e aos angustiantes favores que se costuma dar nos palácios a tais criadas; e nesse tempo, sem que eu desse motivo para isso, se apaixonou por mim um escudeiro da casa, homem já vivido, barbudo e bem-apessoado, mas, acima de tudo, fidalgo como o rei, porque era da região da Montanha. Não levamos nossos amores tão secretamente que o falatório não chegasse aos ouvidos de minha senhora, que, para acabar com os diz que diz, nos casou no preto e no branco na santa madre Igreja Católica Romana. Desse casamento nasceu uma filha para liquidar com minha felicidade, se é que tinha alguma, não porque eu tenha saído estropiada do parto, que correu bem e na época certa, mas porque dali a pouco morreu meu esposo de um espasmo, que, tivesse eu tempo para lhe contar agora, sei que vossa mercê ficaria admirado.

Então começou a chorar suavemente e disse:

— Perdoe-me vossa mercê, senhor dom Quixote: não depende de minhas forças, porque, todas as vezes que me lembro de meu desgraçado marido, meus olhos ficam rasos de lágrimas. Santo Deus, com que imponência ele levava minha senhora na garupa de uma mula poderosa, preta como o próprio azeviche! Pois naquela época não se usavam cadeirinhas nem liteiras, como dizem que se usam agora, e as senhoras iam na garupa de seus escudeiros. Pelo menos isso não posso deixar de contar, para que se note como meu bom marido era bem-educado e escrupuloso. Ao entrar na rua de Santiago em Madri, que é um tanto estreita, saía dali um alcaide da corte com dois aguazis por diante, e, mal os viu, meu bom escudeiro virou as rédeas da mula, dando mostras de que ia acompanhá-lo, como manda o respeito e o uso. Minha senhora, que ia na garupa, em voz baixa lhe disse: "Que fazeis, desgraçado? Não vedes que estou aqui?". O alcaide, por cortesia, puxou a rédea do cavalo e disse: "Segui vosso caminho, senhor, que sou eu quem deve acompanhar minha senhora dona Cacilda". Assim se chamava minha ama. Enquanto isso, meu marido insistia, com o gorro na mão, em acompanhar o alcaide. Vendo isso, minha senhora, cheia de raiva e desgosto, puxou do estojo um alfinete grosso, ou talvez um estilete, e o cravou no lombo de meu marido, que deu um berro e torceu o corpo de modo que atirou sua senhora no chão. Dois lacaios dela correram para levantá-la, e o próprio alcaide e os aguazis. Foi aquele alvoroço na Porta de Guadalajara, digo, entre os desocupados que estavam por ali. Minha senhora foi embora a pé e meu marido correu à casa de um barbeiro, dizendo que tinha as entranhas atravessadas de lado a lado. Espalhou-se de tal modo a cortesia de meu esposo que os meninos implicavam com ele pelas ruas; e por isso, e porque ele era meio curto de vista, minha senhora o despediu. Sem dúvida alguma, acho que a tristeza disso foi a causa do mal que o matou.

"Fiquei viúva e desamparada, com uma filha nas costas, que ia crescendo em formosura como a espuma do mar. Finalmente, como eu tivesse fama de grande bordadeira, minha senhora a duquesa, que tinha recém-casado com o duque meu senhor, quis me trazer

consigo para este reino de Aragão, e minha filha também, onde, entra dia, sai dia, cresceu e com ela toda a graça do mundo. Canta como um sabiá, dança como o pensamento, cabriola como uma possessa, lê e escreve como um mestre-escola e faz contas como um avarento. De seu asseio não digo nada, que a água corrente não é mais limpa; e agora deve ter, se me lembro bem, dezesseis anos, cinco meses e três dias, mais ou menos. Em suma, dessa minha moça se apaixonou um filho de um camponês riquíssimo que vive numa aldeia do duque meu senhor, não muito longe daqui. Realmente, não sei como nem por quê, eles se encontraram e ele, dando a palavra de que ia ser seu esposo, se deitou com minha filha, e agora não quer cumprir a promessa. E, embora o duque meu senhor saiba de tudo, porque eu me queixei a ele, não uma, mas muitas vezes, e lhe pedi que mande o camponês se casar com minha filha, faz ouvidos de mercador e mal me dá atenção, porque, como o pai do enganador é muito rico e lhe empresta dinheiro e muitas vezes é fiador de suas dívidas, não quer descontentá-lo nem o incomodar de jeito nenhum. Então, meu senhor, gostaria que vossa mercê se encarregasse de desfazer esse agravo ou por palavras ou pelas armas, pois, conforme todo mundo diz, vossa mercê nasceu para desfazê-los e para reparar injúrias e amparar os miseráveis. E pense bem vossa mercê na orfandade de minha filha, sua graça, sua mocidade, com todas as boas qualidades que lhe falei antes, que, por Deus e por minha alma, de quantas aias tem minha senhora, não há nenhuma que chegue às solas de seus sapatos. Há uma, que chamam Altisidora, que é considerada a mais desenvolta e galharda, mas não pode ser comparada nem de longe com minha filha, porque quero que vossa mercê saiba, meu senhor, que nem tudo que reluz é ouro: essa Altisidorinha tem mais de presunção que de formosura e mais de desenvolta que de recatada, sem falar que não está muito saudável, pois tem um hálito que não há quem aguente ficar perto dela por um instante. E mesmo minha senhora a duquesa… Prefiro me calar, pois, como se diz, as paredes têm ouvidos.”

— Por minha vida, dona Rodríguez, o que tem minha senhora a duquesa? — perguntou dom Quixote.

— Bem, depois de uma súplica dessas — respondeu a ama —, não posso deixar de responder com toda a verdade ao que me pergunta. Vossa mercê, senhor dom Quixote, viu a formosura de minha senhora a duquesa? A pele do rosto, que não parece senão uma espada polida e brilhante, aquelas bochechas de leite e de carmim, com o sol numa e a lua na outra, e a elegância com que vai pisando e até mesmo desprezando o solo, que não parece senão que vai derramando saúde por onde passa? Pois saiba que ela pode agradecer primeiro a Deus e, depois, a duas feridas que tem nas pernas, por onde se deságuam todos os maus humores de que está cheia, segundo dizem os médicos.

— Santa Maria! — disse dom Quixote. — Mas é possível que minha senhora a duquesa possa ter tais desaguadouros? Eu não acreditaria nem que frades descalços me contassem; porém, se a senhora o diz, dona Rodríguez, deve ser verdade. Mas dessas feridas nesses lugares não devem jorrar esses humores e sim âmbar líquido. Realmente, agora que pensei melhor, isso de abrir essas feridas deve ser coisa importante para a saúde.

Apenas dom Quixote acabara de dizer essas palavras, as portas se abriram com um tremendo golpe, e de susto dona Rodríguez derrubou a vela da mão, e o quarto ficou como a boca do lobo, como se diz. Logo a pobre senhora sentiu que a agarravam pela garganta com duas mãos, tão fortemente que não a deixavam nem gemer, e que outra pessoa com muita rapidez, sem dizer nada, lhe levantava as saias, e pelo visto com uma chinela começou a lhe dar tantas pancadas que era de dar pena. Embora dom Quixote tivesse pena, não se mexeu da cama: não conseguia imaginar o que podia ser aquilo e permanecia parado e quieto, temendo ainda que chegasse seu turno na tunda chinelesca. E não foi em vão seu temor, porque os verdugos calados, depois de deixarem a ama moída, que nem ousava se queixar, correram para dom Quixote e, puxando a colcha e o lençol, lhe bateram tanto e tão fortemente que não pôde deixar de se defender a socos, e tudo isso num silêncio admirável.

A batalha durou quase meia hora. Os fantasmas saíram, dona Rodríguez recolheu suas saias e, gemendo sua desgraça, saiu porta

afora, sem dizer uma palavra a dom Quixote, que, dolorido e machucado, confuso e pensativo, ficou sozinho, onde o deixaremos ansioso para saber quem havia sido o mago perverso que o deixara daquele jeito.

Mas isso se dirá a seu tempo, pois Sancho Pança nos chama e o bom andamento da história o pede.

xlix

do que aconteceu a sancho pança durante a ronda em sua ilha

Deixamos o grande governador furioso e emburrado com o camponês pintor e velhaco, que, orientado pelo administrador orientado pelo duque, zombara de Sancho. Mas ele enfrentava a todos com firmeza, apesar de bobo, bronco e gorducho, e disse aos que estavam presente, e ao doutor Pedro Recio, que tinha voltado à sala logo que acabara a leitura a portas fechadas da carta do duque:

— Agora sim entendo que os juízes e governadores são ou devem ser de bronze para aguentar as amolações dos demandantes, que a qualquer hora, seja dia ou noite, querem que os escutem e despachem, atendendo apenas a seus negócios, custe o que custar. Se o pobre do juiz não os escutar e despachar, ou porque não pode ou porque aquele não é o tempo estipulado para lhes dar audiência, logo rogam pragas nele, mexericam, caluniam e até desenterram seus antepassados. Demandante idiota, demandante mentecapto, não te apresses: espera a hora e a vez para tratar de negócios; não vem na hora de comer nem na de dormir, pois os juízes são de carne e osso e devem dar à natureza o que ela costuma pedir, a não ser eu, que não dou de comer à minha, porque o senhor doutor Pedro Recio Tirteafuera, aqui presente, quer que eu morra de fome e afirma que essa morte é vida. Que Deus dê essa vida a ele e a todos os de sua laia, digo, aos maus médicos, pois os bons merecem palmas e louros.

Todos os que conheciam Sancho Pança se admiravam ouvindo-o falar com tanta elegância e não sabiam ao que atribuir isso, exceto

que os ofícios e cargos importantes ou aprimoram ou desregulam a mente das pessoas. Por fim, o doutor Pedro Recio Agüero de Tirteafuera prometeu a ele um jantar naquela noite, mesmo que contrariasse todos os aforismos de Hipócrates. Com isso o governador ficou contente e esperou muito ansioso que chegasse a noite e a hora de jantar; e embora o tempo, em sua opinião, estivesse quieto, sem se mexer do lugar, por fim chegou o momento tão desejado, quando lhe deram para comer um salpicão de carne de gado com cebola e umas patas de vitela de idade avançada. Atirou-se nessas iguarias com mais prazer do que se tivessem servido francolinos de Milão, faisões de Roma, vitela de Sorrento, perdizes de Morão ou gansos de Lavajos, e durante a ceia, virando-se para o doutor, disse:

— Olhai, senhor doutor, daqui por diante não vos preocupeis em me dar de comer coisas requintadas nem manjares deliciosos, porque seria tirar meu estômago dos eixos, pois ele está acostumado a cabra, a gado, a toucinho, a nabos e cebolas, e se por acaso lhe dão outros pratos de palácio, recebe-os com melindres e algumas vezes com nojo. O que o mordomo pode fazer é me trazer o que chamam de olhas-podridas, pois, quanto mais podres, melhor cheiram, e pode meter nelas tudo o que ele quiser, desde que seja de comer, que eu agradecerei a ele e o pagarei algum dia. E que ninguém zombe de mim, porque ou somos como somos ou não somos nada: vivamos todos e comamos em paz e em boa companhia, pois, quando Deus chega, o sol nasce para todos. Eu governarei esta ilha sem tretas nem gorjetas, e que cada um abra o olho e cuide de seus negócios, porque vos garanto que o diabo não dorme e, se me derem uma oportunidade, verão maravilhas. Não, não. Se fordes de mel, as moscas vos comerão.

— Com certeza, senhor governador — disse o mordomo —, vossa mercê tem muita razão em tudo o que disse, e vos prometo, em nome de todos os ilhéus, que vamos vos servir com precisão, amor e boa vontade, porque o modo suave de governar que mostrou nesses princípios não dá oportunidade a ninguém de fazer nem de pensar coisa que redunde em desserviço a vossa mercê.

— Acredito que sim — respondeu Sancho —, e eles seriam uns imbecis se fizessem ou pensassem outra coisa. E repito de novo que não se descuidem de minha alimentação nem da de meu burro, que é o que importa nesse negócio e mais vem ao caso. Bem, como está na hora, vamos fazer a ronda, pois é minha intenção limpar esta ilha de todo tipo de imundície e de gente vagabunda, velhaca e desocupada. Porque desejo que saibais, meus amigos: vadios e preguiçosos são na república o mesmo que os zangões nas colmeias; apenas comem o mel que as abelhas trabalhadoras fazem. Penso favorecer os camponeses, manter os privilégios dos fidalgos, premiar os virtuosos e, principalmente, manter o respeito à religião e à honra dos religiosos. O que vos parece isso, meus amigos? Falei bem ou devo calar a boca?

— Vossa mercê falou tão bem, senhor governador — disse o administrador —, que estou surpreso de ver que um homem tão sem letras como vossa mercê, pois, pelo que sei, não tem nenhuma, diga tais e tantas coisas repletas de máximas e bons conselhos, tão longe de tudo aquilo que esperavam do tino de vossa mercê os que nos enviaram e todos nós que para cá viemos. Cada dia se veem coisas novas no mundo: as mentiras se tornam verdades e os zombadores acabam zombados.

Chegou a noite e o governador ceou, com a licença do senhor doutor Recio. Prepararam-se para a ronda; Sancho saiu com o administrador, o secretário e o mordomo, além do cronista que tinha o cuidado de anotar todos os seus feitos, e tantos aguazis e escrivães que podiam formar um verdadeiro esquadrão. Sancho ia no meio, com sua vara — coisa linda de se ver.

Então, depois de andarem umas poucas ruas, ouviram sons de espadas; correram para lá e encontraram dois homens brigando. Eles, vendo chegar a justiça, ficaram quietos, e um deles disse:

— Socorro, em nome de Deus e del-rei! Como pode se aguentar que roubem à vista de todos nesta aldeia e se assaltem no meio das ruas?

— Calma, homem de bem — disse Sancho. — Agora me contai qual a causa dessa pendência, pois sou o governador.

O adversário do que falou disse:

— Eu a contarei num instante, senhor governador. Saiba vossa mercê que este gentil-homem acaba de ganhar nesta casa de jogo aí em frente mais de mil reais, sabe Deus como. Eu estava presente e julguei a favor dele mais de uma jogada duvidosa, contra aquilo que me ditava a consciência. Ele recolheu o que tinha ganhado, sem dar oportunidade de desforra, e, quando eu esperava que me desse de gorjeta pelo menos um escudo, como é costume dar aos homens distintos como eu que ficamos assistindo, à espera do que der e vier e para apoiar abusos e evitar brigas, ele embolsou o dinheiro e saiu da casa. Ressentido, eu vim atrás dele, e com palavras sensatas e corteses pedi a ele que me desse ao menos oito reais, pois sabe que eu sou homem honrado e que não tenho ofício nem benefício, porque meus pais não me ensinaram nem me deixaram nada. Mas o patife, que não é mais ladrão que Caco nem mais trapaceiro que Andradilla, não queria me dar mais de quatro reais… Veja vossa mercê, senhor governador, que pouca vergonha e que falta de consciência! Mas juro que, se vossa mercê não tivesse chegado, eu o teria feito vomitar o que ganhou, e aí ele veria com quantos paus se faz uma canoa.

— O que dizeis a isso? — perguntou Sancho.

O outro respondeu que era verdade tudo o que seu adversário dizia e que não quisera dar mais de quatro reais porque os dava muitas vezes, sem falar que os que vivem de gorjetas devem ser comedidos e aceitar com cara alegre o que lhes derem, sem se meterem a pechinchar com os ganhadores, se não souberem com certeza se são trapaceiros e ganharam mal o que ganharam. E que, para mostrar que ele era homem de bem, não ladrão como o outro dizia, não havia prova maior que não ter querido dar nada, pois os trapaceiros são sempre tributários dos mirões que os conhecem.

— É verdade — disse o administrador. — Mas veja vossa mercê, senhor governador, o que é que vamos fazer com estes homens.

— Vamos fazer o seguinte — respondeu Sancho. — Vós que ganhastes, bom ou mau ou indiferente, dai cem reais a este vosso achacador, e além disso haveis de desembolsar trinta para os pobres que estão na cadeia. E vós, que não tendes ofício nem benefício e que vadiais por aqui, pegai logo esses cem reais e

amanhã sem falta saí desta ilha, desterrado por dez anos. Se infringirdes essa sentença, eu o farei cumpri-la na outra vida, pondo vossa cabeça exposta no pelourinho, ou pelo menos ordenando que o verdugo o faça. E que nenhum discuta, se não quiser conhecer o peso de minha mão.

Um desembolsou, o outro recebeu, este saiu da ilha e aquele foi para sua casa, e o governador ficou dizendo:

— Agora, ou eu não mando coisa nenhuma, ou acabarei com essas casas de jogo, pois tenho um palpite de que são muito prejudiciais.

— Pelo menos com esta vossa mercê não poderá acabar — disse um escrivão —, porque pertence a um alto personagem. Além disso, o que ele perde por ano nas cartas é muito mais do que ganha. Contra outras espeluncas de menor importância vossa mercê poderá mostrar seu poder, pois são as que causam mais prejuízo e que encobrem mais iniquidades; nas casas dos senhores e cavaleiros importantes os trapaceiros não se atrevem a usar de suas tretas. Depois, o vício do jogo se tornou um passatempo comum: melhor que se jogue em casas de nobres que na de algum artesão, onde agarram um pobre desgraçado depois da meia-noite e o esfolam vivo.

— Ora, ora, senhor escrivão — disse Sancho —, eu sei que há muito que dizer sobre isso.

Nisso chegou um guarda, que trazia preso um moço, e disse:

— Senhor governador, este rapaz vinha em nossa direção, mas, logo que avistou a justiça, virou as costas e começou a correr como um gamo, sinal de que deve ser algum delinquente. Eu parti atrás dele, mas, se ele não tivesse tropeçado e caído, jamais o alcançaria.

— Por que fugias, homem? — perguntou Sancho.

Ao que o rapaz respondeu:

— Senhor, para não responder às muitas perguntas que a justiça faz.

— Que ofício tens?

— Sou tecelão.

— E o que teces?

— Pontas de lança, com a boa licença de vossa mercê.

— Espirituoso, hein?! Pensais que sois muito gozado? Muito bem! E que fazíeis agora?

— Ia tomar um ar, senhor.

— E onde se toma ar nesta ilha?

— Onde sopra.

— Muito bem, respondestes direitinho! Sois um sábio, meu rapaz. Mas fazei de conta que eu sou o ar e que vos sopro pela popa e vos encaminho para a cadeia. Ei, agarrai-o e levai-o, que esta noite o farei dormir sem ar!

— Por Deus — disse o rapaz —, vossa mercê me fará dormir na cadeia tanto como me fará rei!

— Ora, por que não te faria dormir na cadeia? — respondeu Sancho. — Não tenho poder para te prender e soltar sempre que quiser?

— Por mais poder que vossa mercê tenha — disse o rapaz —, não será suficiente para me fazer dormir na cadeia.

— Como não? — replicou Sancho. — Levai-o logo onde verá com os próprios olhos seu engano. E, se o alcaide quiser fazer uso de sua interessada generosidade, eu o condenarei a uma multa de dois mil ducados se o deixar botar um pé fora da cela.

— Só mesmo rindo — respondeu o rapaz. — A verdade é que ninguém me fará dormir na cadeia.

— Diz-me, demônio — disse Sancho —, há algum anjo que te tirará da cela e te abrirá os grilhões que penso mandar pôr em teus pés?

— Ora, ora, senhor governador — respondeu o rapaz com muita graça —, sejamos razoáveis e vamos ao que interessa. Pressuponha vossa mercê que me manda levar à cadeia e que nela me botem grilhões e correntes e que me metam num calabouço, e condenem o alcaide a uma pena severa se me deixar sair e que ele cumpre tudo como lhe é ordenado. Apesar disso tudo, se eu não quiser dormir mas ficar toda a noite sem pregar o olho, será vossa mercê com todo o seu poder capaz de me fazer dormir?

— Não, com certeza — disse o secretário. — O homem tem toda a razão.

— Quer dizer — disse Sancho — que não dormireis apenas porque não quereis, não para contrariar minha ordem?

— Sim, senhor — disse o rapaz. — Nem pensaria em contrariar.

— Então, ide dormir em vossa casa — disse Sancho —, e que Deus vos dê bom sono, pois eu não quero tirá-lo. Mas vos aconselho que daqui por diante não zombeis da justiça, porque um dia desses topareis com alguém que vos acerte a cachola com as zombarias.

O rapaz foi embora e o governador prosseguiu em sua ronda. Dali a pouco surgiram dois guardas que traziam preso um homem e disseram:

— Senhor governador, este parece homem mas não é: é uma mulher, e nada feia, que vem com roupas de homem.

Aproximaram duas ou três lanternas de seu rosto, e as luzes revelaram as feições de uma mulher de uns dezesseis anos ou pouco mais, com os cabelos presos por uma touca de seda verde e ouro, formosa como mil pérolas. Olharam-na de cima a baixo e viram que usava umas meias de seda vermelha com ligas de tafetá branco e franjas de ouro e aljôfar; os calções eram verdes, de tissu, e a capa aberta, do mesmo tecido, deixava ver embaixo um gibão de seda branca com bordados de ouro; os sapatos eram brancos, de homem. A moça não trazia espada na cintura, mas uma adaga riquíssima, e nos dedos muitos e excelentes anéis. Enfim, todos acharam a moça soberba, mas nenhum deles a reconheceu, nem os nativos da região, que disseram que não tinham a menor ideia de quem fosse. Os cúmplices das brincadeiras que se faziam a Sancho foram os que mais se surpreenderam, porque aquele encontro não fora planejado por eles, de modo que estavam hesitantes, esperando para ver como acabaria o caso.

Sancho ficou pasmo com a formosura da moça e perguntou a ela quem era, para onde ia e o que a levara a se vestir com aquelas roupas. Ela, com os olhos cravados no chão, com recatada vergonha, respondeu:

— Senhor, não posso dizer em público o que tanto desejava manter em segredo. Uma coisa só quero que se entenda: não sou

ladra nem malfeitora, mas uma donzela infeliz, a quem a força do ciúme fez romper o decoro que se deve à respeitabilidade.

Ouvindo isso, o administrador disse a Sancho:

— Senhor governador, mande afastar essa gente, para que esta senhora possa dizer o que quiser com menos acanhamento.

O governador mandou que todos se afastassem, menos o administrador, o mordomo e o secretário. Então, vendo-se a sós, a donzela prosseguiu:

— Eu, senhores, sou filha de Pedro Pérez Maçaroca, administrador dos impostos sobre lã nesta aldeia, que costuma ir muitas vezes à casa de meu pai.

— Isso não tem pé nem cabeça, minha senhora — disse o administrador —, porque conheço muito bem Pedro Pérez e sei que não tem filho nenhum, nem macho nem fêmea; além do mais, dizeis que é vosso pai e depois acrescentais que costuma ir muitas vezes à casa de vosso pai.

— Isso eu já tinha notado — disse Sancho.

— Ora, senhores, eu estou confusa e não sei o que digo — respondeu a donzela —, mas a verdade é que sou filha de Diego da Plaina, que vossas mercês devem conhecer.

— Não, isso continua sem pé nem cabeça — respondeu o administrador —, pois eu conheço Diego da Plaina e sei que é fidalgo nobre e rico, que tem um filho e uma filha, e que depois que enviuvou não houve ninguém em toda esta região que possa dizer que viu o rosto de sua filha, porque a tem encerrada: nem ao sol dá oportunidade que a veja. Mas, apesar disso tudo, corre a fama de que é formosa ao extremo.

— É verdade — respondeu a donzela —, essa filha sou eu. Agora, se a fama mente ou não minha formosura, vós sabeis, senhores, pois já me vistes.

E então começou a chorar suavemente. Vendo isso, o secretário se aproximou do mordomo e disse bem baixinho ao ouvido dele:

— Sem dúvida alguma deve ter acontecido alguma coisa grave com esta donzela, pois andar longe de casa, com essas roupas e a essas horas, sendo tão distinta…

— Sem dúvida nenhuma — respondeu o mordomo —, sem falar que essa suspeita é confirmada pelas lágrimas.

Sancho a consolou com as melhores palavras que soube dizer e pediu que sem medo algum lhes dissesse o que tinha acontecido, que todos procurariam ajudar, com todas as suas forças e por todos os meios possíveis.

— O caso, meus senhores — respondeu ela —, é que meu pai me mantém trancada faz dez anos, quer dizer, desde que minha mãe está embaixo da terra. Em casa dizem missa num rico oratório e eu, em todo esse tempo, não vi nada mais que o sol no céu do dia e a lua e as estrelas no da noite, nem sei o que são ruas, praças nem templos, nem mesmo homens, exceto meu pai e meu irmão, e Pedro Pérez, o administrador. Como ele sempre vai a minha casa, ocorreu-me dizer que era meu pai, para não revelar o meu. Essa prisão, esse me negar sair de casa, nem para ir à igreja, me traz desconsolada há muitos meses. Eu gostaria de ver o mundo, ou pelo menos a aldeia onde nasci, parecendo-me que esse desejo não ia contra o bom decoro que as donzelas distintas devem guardar a si mesmas. Quando ouvia dizer que havia touradas e justas com lanças de taquara, que representavam comédias, pedia a meu irmão, que é um ano mais novo que eu, que me dissesse que coisas eram aquelas, e muitas outras que eu não vi. Ele me contava da melhor forma que podia, mas tudo servia para me acender mais o desejo de ver tudo. Enfim, para encurtar a história de minha perdição, digo que eu pedi e implorei a meu irmão, como nunca pedira nem suplicara…

Começou a chorar de novo. O administrador disse a ela:

— Vamos, minha senhora, continue, diga-nos logo o que aconteceu, pois estamos todos suspensos de suas palavras e de suas lágrimas.

— Pouca coisa me resta a dizer — a donzela respondeu —, embora me restem muitas lágrimas para chorar, porque os desejos mal orientados não podem trazer boas consequências.

Como a beleza da donzela tinha tocado a alma do mordomo, ele aproximou sua lanterna de novo para vê-la e achou que não eram lágrimas que chorava, mas aljôfar ou orvalho dos campos, ou mais,

pois as elevou mais alto ainda, comparando-as a pérolas orientais, e tinha esperanças de que sua desgraça não fosse tanta como indicavam os indícios de seu pranto e de seus suspiros. O governador se desesperava com a lentidão com que a moça contava sua história, e disse que não os mantivesse mais pendentes dela, porque era tarde e faltava muito do povoado para percorrer. Ela, entre soluços entrecortados e suspiros convulsos, disse:

— Minha desgraça e meu infortúnio são apenas que eu implorei a meu irmão que me vestisse de homem com um de seus trajes e que saísse comigo uma noite para ver todo o povoado, quando nosso pai estivesse dormindo. Ele, importunado por meus pedidos, condescendeu com meu desejo e, pondo-me estas roupas e vestindo-se ele com outras minhas, que lhe caíram como se tivesse nascido com elas, porque não tem um fio de barba e parece uma donzela formosíssima, esta noite, deve fazer uma hora mais ou menos, saímos de casa e, guiados por nosso propósito infantil e absurdo, percorremos toda a vila, e quando pensamos em voltar para casa, ouvimos se aproximar um grande tropel de gente e meu irmão me disse: "Irmã, deve ser a ronda: apressa os pés e bota asas nos calcanhares, e corre atrás de mim, para que não nos reconheçam, pois ficará mal para nós". Dizendo isso, virou as costas e começou, não digo a correr, mas a voar; eu, com o susto, caí depois de menos de seis passos, e então chegaram os guardas, que me trouxeram diante de vossa mercê, onde me sinto envergonhada com tanta gente, por ser má e caprichosa.

— Na verdade, senhora — disse Sancho —, não vos aconteceu desmando nenhum, nem ciúmes, nem vos botaram fora de casa como dissestes no começo?

— Não me aconteceu nada, nem desmandos nem ciúmes, apenas o desejo de ver o mundo, que não ia mais longe que ver as ruas desta vila.

E a verdade do que a donzela dizia acabou por se confirmar com a chegada dos guardas com o irmão dela preso, que um deles alcançara quando fugiu de sua irmã. Não vestia nada além de uma linda saia curta e uma mantilha de damasco azul com franjas de ouro fino; a cabeça sem touca nem adornada com outra coisa que

seus próprios cabelos, que eram anéis de ouro, de tão loiros e encaracolados. O governador, o administrador e o mordomo se afastaram com ele e, sem que sua irmã os ouvisse, lhe perguntaram a troco de que usava aquelas roupas. Ele, com não menos vergonha e embaraço que ela antes, contou a mesma história que a irmã tinha contado, o que deu grande prazer ao mordomo apaixonado. Mas o governador lhes disse:

— Com certeza, meus senhores, esta foi uma boa criancice, mas para contar essa asneira e esse atrevimento não era preciso tanto tempo, nem tantas lágrimas e suspiros. Bastava dizer “Somos fulano e fulana, saímos da casa de nossos pais para nos divertir um pouco com essa brincadeira, só por curiosidade, sem outra intenção” e a história se acabava. Mas não, dê-lhe choramingas e não me toques!

— É verdade — respondeu a donzela —, mas saibam vossas mercês que me senti tão atarantada que não pude manter a compostura que devia.

— Não se perdeu nada — respondeu Sancho. — Vamos, deixaremos vossas mercês em casa. Talvez vosso pai não tenha dado pela falta de vossas mercês. E daqui por diante não sejam tão criançolas nem tão desejosos de ver o mundo, pois donzela recatada e perna quebrada não saem de casa, e as mulheres são como as galinhas, que saem e se perdem sozinhas, e aquela que tem desejo de ver também tem desejo de ser vista. E mais não digo.

O rapaz agradeceu ao governador pelo favor de levá-los em casa, e então se encaminharam para ela, que não ficava muito longe dali. Quando chegaram, o irmão atirou uma pedrinha numa grade e dali a pouco desceu uma criada, que os esperava e lhes abriu a porta. Eles entraram, deixando a todos admirados tanto pela graça e formosura como pelo desejo que sentiam de ver o mundo de noite, e sem sair da vila. Mas atribuíram tudo a sua pouca idade.

O mordomo ficou com o coração trespassado e decidiu pedir a donzela em casamento ao pai dela logo no dia seguinte, considerando certo que não a negaria, por ele ser criado do duque. O próprio Sancho sentiu vontade de casar o rapaz com Sanchinha, sua filha, e resolveu pôr em prática a ideia a seu tempo, pensando que ninguém poderia se negar a uma filha de governador.

Assim acabou a ronda daquela noite, e dali a dois dias acabou o governo, com o que desabaram e se apagaram todos os seus desígnios, como se verá mais adiante.

L

onde se revela quem foram os magos e verdugos que açoitaram dona rodríguez e espancaram e arranharam dom quixote, com o que aconteceu ao pajem que levou a carta a teresa sancha, mulher de sancho pança

Cide Hamete, meticuloso investigador das minúcias desta história verídica, diz que, quando dona Rodríguez saiu de seu quarto para ir ao de dom Quixote, outra ama que dormia com ela percebeu e que, como todas as amas são amigas de farejar, saber e compreender, foi atrás dela tão silenciosamente que a boa Rodríguez não se deu conta. E, mal viu dona Rodríguez entrar no quarto de dom Quixote, foi abrir o bico para sua senhora a duquesa, porque não faltava nessa ama o costume geral que todas as amas têm de mexericar.

A duquesa falou para o duque e pediu licença para que ela e Altisidora fossem ver o que aquela ama queria com dom Quixote. O duque a deu. Então as duas, com muita calma e cuidado, pé ante pé, foram até a porta do quarto, ficando tão perto que podiam ouvir tudo o que se falava lá dentro. Quando a duquesa ouviu que dona Rodríguez revelava o segredo das feridas em suas pernas, não pôde aguentar, menos ainda Altisidora, de modo que, cheias de raiva e loucas por vingança, entraram de repente no quarto e surraram dom Quixote e espancaram a ama da forma que se contou: porque as afrontas que atingem direto a formosura e o orgulho das mulheres despertam nelas uma ira terrível e acendem o desejo de se vingar.

A duquesa contou ao duque o que havia acontecido, o que muito o divertiu; depois, prosseguindo com sua intenção de zombar e se distrair com dom Quixote, a duquesa despachou um pajem — aquele que havia feito o papel de Dulcineia na combinação de seu desencantamento, que Sancho Pança tinha esquecido totalmente, ocupado com seu governo — para ir ter com Teresa Pança, a mulher do governador, com uma carta do marido e com outra sua, mais um precioso colar de corais como presente.

Conta a história que o pajem era muito vivo e inteligente e que, desejoso de servir a seus senhores, partiu cheio de boa vontade para a terra de Sancho. Antes de entrar na aldeia viu num riacho uma porção de mulheres lavando roupa, a quem perguntou se saberiam lhe dizer se ali vivia uma senhora chamada Teresa Pança, esposa de um certo Sancho Pança, escudeiro de um cavaleiro chamado dom Quixote de la Mancha. A essa pergunta, pôs-se de pé uma mocinha que estava lavando e disse:

— Essa Teresa Pança é minha mãe e esse tal Sancho, o senhor meu pai, e o tal cavaleiro, nosso amo.

— Então vinde, donzela — disse o pajem —, e levai-me a vossa mãe, porque trago para ela uma carta e um presente de vosso pai.

— Com prazer, meu senhor — respondeu a moça, que aparentava ter uns catorze anos, pouco mais ou menos.

E, deixando a roupa que lavava para outra companheira, sem ajeitar o cabelo nem se calçar — estava descalça e desgrenhada —, pulou na frente da cavalgadura do pajem e disse:

— Venha vossa mercê, que nossa casa está na entrada do povoado e minha mãe está nela, muito triste por não ter sabido nada do senhor meu pai por muitos dias.

— Pois eu trago tão boas notícias — disse o pajem — que terá de dar graças a Deus por elas.

Pulando, correndo e brincando, por fim a moça chegou ao povoado e, antes de entrar em sua casa, disse aos gritos desde a porta:

— Venha cá, mãe! Venha cá, depressa, mãe Teresa, que aqui está um senhor que traz cartas e outras coisas de meu bom pai.

Com essa gritaria, Teresa Pança, sua mãe, apareceu na porta, fiando um tufo de estopa. Vestia-se com uma saia parda — que parecia, curta como era, cortada como as das prostitutas punidas —, um corpete também pardo e uma blusa decotada. Não era muito velha, embora aparentasse passar dos quarenta, mas forte, rija, robusta e enrugada. Vendo a filha e o pajem a cavalo, disse:

— O que é isso, menina? Quem é este senhor?

— Um servo de minha senhora dona Teresa Pança — respondeu o pajem. Enquanto falava, atirou-se do cavalo e foi se ajoelhar com muita humildade diante da senhora Teresa. — Dai-me vossa mercê suas mãos, minha senhora dona Teresa, como legítima esposa do senhor dom Sancho Pança, governador da ilha Logratária.

— Ai, meu senhor, saia daí, não faça isso — respondeu Teresa —, pois eu não sou nada cortesã, mas uma pobre camponesa, filha de um casca-grossa e mulher de um escudeiro andante, não de governador algum!

— Vossa mercê é a digníssima mulher de um arquidigníssimo governador — respondeu o pajem. — Como prova dessa verdade, receba vossa mercê esta carta e este presente.

E tirou do bolso um colar de corais com contas de ouro, que lhe botou no pescoço, dizendo:

— Esta carta é do senhor governador, mas outra que trago e este colar são de minha senhora a duquesa, que me envia a vossa mercê.

Teresa ficou pasma. A filha, que não tinha ficado menos, disse:

— Que me matem se não há nisso a mão do senhor nosso amo dom Quixote, que na certa deu a meu pai o governo ou condado que tanto tinha prometido.

— É verdade — respondeu o pajem. — Em respeito ao senhor dom Quixote, o senhor Sancho agora é governador da ilha Logratária, como se verá por esta carta.

— Leia-me vossa mercê, senhor gentil-homem — disse Teresa —, porque, embora saiba fiar, não sei ler nem um tico.

— Eu também não — acrescentou Sanchinha —, mas esperem aí, que eu vou chamar quem a leia, ou o próprio padre ou o bacharel

Sansão Carrasco, que virão de boa vontade para ter notícias de meu pai.

— Não precisa chamar ninguém, pois eu não sei fiar, mas sei ler e a lerei.

Então ele a leu toda, que, por já ter sido referida, não será transcrita aqui. Depois pegou a outra carta, a da duquesa, que dizia o seguinte:

Amiga Teresa:

Os bons atributos de bondade e sabedoria de seu marido Sancho me levaram e obrigaram a pedir a meu marido o duque que lhe desse o governo de uma ilha, das muitas que tem. Tenho notícia de que governa como uma águia, o que me deixa muito contente, e consequentemente ao meu senhor o duque. Dou graças ao céu então por não ter me enganado ao tê-lo escolhido para esse governo, pois lhe garanto, senhora Teresa, é com dificuldade que se acha um bom governador no mundo. Que Deus me trate a mim como Sancho governa.

Junto lhe envio, querida amiga, um colar de corais com contas de ouro. Eu gostaria que fosse de pérolas orientais, mas o que vale é a intenção, como se diz. Um dia talvez nos conheçamos pessoalmente e então conversaremos, pois o futuro a Deus pertence. Encomende-me a Sanchinha, sua filha, e diga-lhe de minha parte que se prepare, porque devo casá-la nobremente quando menos se espere.

Disseram-me que nessa aldeia há bolotas graúdas: envie-me umas duas dúzias, que as apreciarei muito por virem de suas mãos. Escreva-me contando longamente o que acontece por aí e como tem passado; e, se tiver necessidade de alguma coisa, tem apenas de pedir, que suas palavras serão uma ordem, e que Deus a guarde.

Desta vila, sua amiga que tanto a quer,

A Duquesa

— Ai, mas que boa, que simples e que humilde senhora! — disse Teresa ao ouvir a carta. — Podem me enterrar com senhoras assim, não com as fidalgas que há neste povoado, que pensam que por ser fidalgas o vento não deve tocá-las, e vão à igreja com o nariz tão empinado como se fossem as próprias rainhas, pois não parece senão que se sentem desonradas de olhar para uma camponesa. E veja aí onde essa boa senhora, mesmo sendo duquesa, me chama amiga e me trata como se fosse sua igual, que igual a veja eu ao mais alto campanário que há na Mancha. E quanto às bolotas, meu senhor, enviarei a sua senhoria um galão, tão graúdas que vão encher os olhos de todos. E agora, Sanchinha, vê que se receba bem este senhor: cuida deste cavalo, pega ovos no galinheiro e corta um pedação de toucinho, e vamos dar de comer a ele como a um príncipe, que as boas-novas que nos trouxe e a boa cara que ele tem merecem tudo. E, enquanto isso, vou contar nossa alegria às vizinhas, e ao padre e ao mestre Nicolás, o barbeiro, que foram e são tão amigos de teu pai.

— Sim, mãe, vou fazer tudo — respondeu Sanchinha —, mas olhe, deve me dar metade desse colar, que não acho que minha senhora a duquesa seja tão boba que haveria de mandar todo para vossa mercê.

— É todo para ti, minha filha — respondeu Teresa —, mas me deixa levá-lo no pescoço por uns dias, pois parece que realmente me alegra o coração.

— Irão se alegrar mais — disse o pajem — quando virem esta trouxa que trago na bagagem, um traje de tecido finíssimo que o governador usou apenas uma vez, no dia da caçada. Mandou todo para a senhora Sanchinha.

— Que ele viva mil anos! — respondeu Sanchinha. — E mais mil aquele que o traz, ou até dois mil se for preciso!

Com isso, Teresa saiu de casa com as cartas e com o colar no pescoço, e ia tamborilando nas cartas como se fosse um pandeiro. Encontrando-se por acaso com o padre e Sansão Carrasco, começou a dançar e a dizer:

— Juro por Deus, agora não tem mais parente pobre! Temos um governinho! E que se meta comigo a fidalga mais finória, que eu a

farei sair ardendo!

— O que é isso, Teresa Pança? Que loucuras são essas e que papéis são esses?

— A loucura é que estas são cartas de duquesa e de governador, e isto que trago no pescoço parece um rosário: as ave-marias são de corais e os padre-nossos são de ouro batido. E eu… eu sou governadora.

— Além de Deus, não há quem vos entenda, Teresa. Não temos a menor ideia do que dizeis.

— Vejam por si mesmos — respondeu Teresa.

E deu as cartas a eles. O padre as leu em voz alta para que Sansão Carrasco pudesse ouvir. Depois, eles se entreolharam surpresos, e o bacharel perguntou quem tinha trazido as cartas. Teresa respondeu que viessem com ela até sua casa e veriam o mensageiro, um rapaz lindo como um broche de ouro, e que trazia outro presente que valia mais ainda. O padre tirou o colar do pescoço dela e o examinou pelo avesso e pelo direito e, certificando-se de que era mesmo uma joia, se admirou de novo e disse:

— Juro pela batina que uso, não sei o que dizer nem o que pensar dessas cartas e desses presentes: por um lado comprovo, por *a* mais *b*, o primor desses corais, mas por outro leio que uma duquesa manda pedir duas dúzias de bolotas.

— Realmente, está fora de esquadro! — disse então Carrasco. — Muito bem, vamos ver o portador dessas cartas: com ele destrincharemos nossas dúvidas.

Foi o que fizeram, juntos com Teresa. Encontraram o pajem peneirando um pouco de cevada para seu cavalo e Sanchinha cortando toucinho para fritar com ovos para o almoço do pajem, cuja presença e distinção contentou muito os dois. Depois de o terem cumprimentado cortesmente, e ele a eles, Sansão pediu que lhe desse notícias tanto de dom Quixote como de Sancho Pança, porque, apesar de terem lido as cartas de Sancho e da senhora duquesa, ainda estavam confusos e não conseguiam atinar com o que seria o governo de Sancho, sem falar na tal da ilha, estando

todas ou a maioria no mar Mediterrâneo de Sua Majestade. Ao que o pajem respondeu:

— De que o senhor Sancho Pança seja governador, não há dúvida nenhuma; de que seja ilha ou não o que governa, bem, nisso não me meto, mas basta que seja uma vila com mais de mil habitantes; e, quanto às bolotas, digo que minha senhora a duquesa é tão simples e tão humilde que… não digo que mande pedir bolotas a uma camponesa, mas acontece de mandar pedir um pente emprestado a uma vizinha sua. Pois garanto a vossas mercês que as senhoras de Aragão, embora sejam tão nobres, não são tão emproadas e vaidosas como as senhoras castelhanas: tratam as pessoas com mais familiaridade.

No meio dessa conversa, Sanchinha saltou, segurando a saia com ovos, e perguntou ao pajem:

— Diga-me, senhor: o senhor meu pai, depois que se tornou governador, por acaso usa calças bombachudas?

— Não reparei nisso — respondeu o pajem —, mas deve usar, sim.

— Ai, meu Deus! — replicou Sanchinha. — São bem folgadas, não? Boa para os peidorreiros! Isso não é muito santo, mas desde que nasci desejo ver meu pai usando uma calça dessas.

— Se viver, a senhora o verá com uma dessas — respondeu o pajem. — Por Deus, do jeito que ele vai, com dois meses que dure o governo, acabará usando até guarda-sol.

O padre e o bacharel perceberam muito bem que o pajem falava com malícia, mas a riqueza dos corais e do traje de caça que Sancho tinha enviado, e que Teresa já lhes mostrara, complicava tudo. Não deixaram de rir, porém, do desejo de Sanchinha, e mais ainda quando Teresa disse:

— Senhor padre, pergunta por aí se há alguém que vá a Madri ou a Toledo, para que me compre uma saia rodada, mas sob medida, da melhor que houver e que esteja em voga, pois a verdade verdadeira é que tenho de prestigiar o governo de meu marido o quanto eu puder, e mesmo que isso me aborreça tenho de ir à corte e andar de carruagem como qualquer dona, porque quem tem marido governador pode muito bem ter uma e mantê-la.

— Como não, mãe?! — disse Sanchinha. — Quem dera que fosse hoje, não amanhã, mesmo que dissessem os que me vissem ir sentada com a senhora minha mãe naquela carruagem: “Olha só a fulana, filha do comilão de alho! Olha como vai, recostada na carruagem, como se fosse uma papisa!”. Eles que pisem na lama e eu ande de carruagem, os pés bem longe do chão. Que se danem todos os mexeriqueiros do mundo: andando eu bem quente, que se ria a gente. Falei bem, minha mãe?

— E como não, minha filha?! — respondeu Teresa. — E todas essas venturas, e outras maiores ainda, me foram profetizadas por meu bom Sancho. E verás, minha filha, como ele não sossega até me fazer condessa, pois para ter sorte basta começar. E como muitas vezes ouvi teu bom pai dizer (porque, como é teu pai, é também dos ditados), quando te derem a vaquinha, corre com a cordinha: quando te derem um governo, agarra logo; quando te derem um condado, agarra logo; e quando te disserem ei, psiu, vem cá, com algum bom presente, embolsa-o. Ou vais ficar dormindo, sem atender a porta, quando a sorte bater em tua casa?!

— E pouco me importa — acrescentou Sanchinha — que se diga, quando me virem toda emproada e gabola: “Viu-se o macaco de culotes, não conheceu mais seus amigotes”, e tudo mais.

Ouvindo isso, o padre disse:

— Eu só posso pensar que todos, na família dos Panças, nasceram com um saco de ditados no corpo. Não vi nenhum deles que não os derrame a toda hora e em toda conversa que têm.

— É verdade — disse o pajem —, o senhor governador Sancho os diz a cada passo. Mesmo que muitos não se encaixem no assunto, dão prazer, e minha senhora a duquesa e o duque festejam-nos muito.

— Ainda afirma, meu senhor, que é verdade isso do governo de Sancho e que existe uma duquesa que lhe envia presentes e lhe escreve? — disse o bacharel. — Porque nós, mesmo tendo tocado nos presentes, mesmo tendo lido as cartas, não acreditamos e pensamos que tudo não passa de uma dessas coisas de dom Quixote, nosso conterrâneo, que pensa que tudo é feito por encantamento. Assim sendo, estou para dizer que gostaria de tocar

e apalpar vossa mercê, para ver se é embaixador fantástico ou homem de carne e osso.

— Senhores, só sei de mim: sou embaixador de verdade — respondeu o pajem. — Mas sei que o senhor Sancho Pança é governador realmente, e que meus senhores duque e duquesa podem dar e deram o tal governo, e que ouvi dizer que o tal Sancho Pança se porta valentemente nele. Se há ou não encantamento nisso, vossas mercês discutam com eles. E juro (pela vida de meus pais, pois os tenho vivos e os amo e os respeito muito) que não sei de mais nada.

— É, pode ser assim mesmo — replicou o bacharel —, mas *dubitat Augustinus*.[1]

— Duvide quem duvidar — respondeu o pajem —, o que eu disse é verdade, e a verdade há de prevalecer sobre a mentira, como o azeite sobre a água. Se não, *operibus credite, et non verbis*:[2] venha comigo um de vossas mercês, e os olhos verão o que os ouvidos não acreditam.

— Eu é que tenho de ir — disse Sanchinha. — Leve-me, senhor, na garupa de seu pangaré, que eu irei de boa vontade ver o senhor meu pai.

— As filhas dos governadores não devem andar sozinhas pelos caminhos, mas sim acompanhadas de carroças e liteiras e de um grande número de servos.

— Por Deus — respondeu Sancha —, eu iria tão bem numa burrinha como numa carruagem. Nunca fui mimada.

— Calada, mocinha — disse Teresa —, porque não sabes o que dizes. Este senhor está com toda a razão, tal tempo, tal tento: quando Sancho era Sancho, tu eras Sancha; agora que ele é governador, tu és senhora. Não sei se me expliquei bem.

— Mais disse a senhora Teresa do que pensa — disse o pajem. — Mas me deem o almoço e me despachem logo, porque quero voltar esta tarde.

A isso, o padre disse:

— Vossa mercê venha fazer o sacrifício comigo, pois a senhora Teresa tem mais vontade que vasilhas para servir tão bom hóspede.

O pajem recusou, mas no fim teve de concordar pelo próprio bem, e o padre o levou consigo de boa vontade, para poder perguntar com calma sobre dom Quixote e suas façanhas.

O bacharel se ofereceu para escrever a Teresa as respostas às cartas, mas ela não quis que ele se metesse em seus negócios, pois o considerava meio zombeteiro. Foi assim que deu um bolo e dois ovos a um coroinha, que escreveu duas cartas, uma para seu marido e outra para a duquesa, todas elas tiradas da própria cachola, que não são as piores que aparecem nesta história, como se verá mais adiante.

li

do progresso do governo de sancho pança, com outros feitos igualmente bons

Amanheceu o dia seguinte à noite da ronda do governador. O mordomo passara o resto dela sem dormir, com o pensamento tomado pelo rosto, pela graça e beleza da donzela disfarçada; o administrador, ocupado em escrever a seus senhores o que Sancho Pança dizia e fazia, tão surpreso com seus feitos como com seus ditos, porque suas palavras e suas ações andavam misturadas, com sinais de sabedoria e de tolice.

Por fim o senhor governador se levantou. Por ordem do doutor Pedro Recio, deram a ele um pouco de frutas em conserva e quatro goles de água fria como desjejum, coisa que Sancho trocaria por um pedaço de pão e um cacho de uvas; mas, vendo que não tinha escolha, aguentou firme, para grande dor de sua alma e sofrimento de seu estômago. Pedro Recio levou-o a acreditar que os manjares escassos e delicados avivavam sua mente, que era o que mais convinha às pessoas que estavam no comando, em ofícios sérios, onde devem se aproveitar menos as forças físicas que as da inteligência.

Com esse palavrório todo, Sancho passava tanta fome que em seu íntimo maldizia o governo e até mesmo quem o tinha dado; mas, com sua fome e com sua conserva, tratou dos julgamentos daquele dia. A primeira coisa que se apresentou foi uma pergunta que um forasteiro fez, estando presentes a tudo o administrador e os demais acólitos:

— Senhor, um rio caudaloso dividia uma mesma propriedade em duas partes, e esteja vossa mercê atento, porque o caso é muito importante e muito difícil… Bem, digo que sobre esse rio estava uma ponte, e ao cabo dela uma forca e uma casa de audiência, em que comumente havia quatro juízes que aplicavam a lei (estabelecida pelo dono do rio, da ponte e da propriedade), que rezava o seguinte: “Se alguém passar por esta ponte de um lado para o outro, deve dizer antes, sob juramento, aonde vai e por quê; se disser a verdade, deixem-no passar, mas, se mentir, deve morrer pendurado na forca que está ali, sem perdão algum”. Conhecida a lei e sua aplicação rigorosa, muita gente passou a usar a ponte. Se os juízes viam que o sujeito dizia a verdade ao jurar, deixavam-no seguir livremente. Mas aconteceu um dia que um homem, depois de jurar, disse que por esse juramento ia morrer naquela forca que estava ali, não por outra coisa. Os juízes examinaram o juramento e disseram: “Se deixarmos esse homem passar livremente, mentiu ao jurar, e deve morrer, conforme a lei. Mas, se o enforcarmos, ele disse a verdade, ao jurar que iria morrer naquela forca, de modo que pela mesma lei deve ficar livre”. Pede-se a vossa mercê, senhor governador, que diga o que devem os juízes fazer com esse homem, porque ainda estão surpresos e indecisos. Como tiveram notícias de sua grande e penetrante inteligência, enviaram-me para que suplicasse a vossa mercê que desse sua opinião sobre caso tão intrincado e duvidoso.

Sancho respondeu:

— Com certeza esses senhores juízes que vos enviaram a mim poderiam ter se poupado o incômodo, porque sou um homem que tem muito mais de ignorância que de argúcia; mas, mesmo assim, repeti outra vez o negócio de modo que eu o entenda. Talvez aí eu possa acertar o alvo.

O homem da pergunta contou de novo e de novo tudo o que tinha dito antes, e Sancho disse:

— Em minha opinião, pode-se resumir esse negócio em duas palavras: o tal homem jura que vai morrer na forca e, se morrer nela, jurou a verdade e pela lei merece ficar livre e passar pela ponte;

mas, se o enforcarem, jurou mentira e, pela mesma lei, merece que o enforquem.

— É exatamente como o senhor governador diz — disse o mensageiro. — O senhor entendeu totalmente o caso, não há mais o que acrescentar nem esclarecer.

— Muito bem, então digo que deixem passar a metade desse homem que jurou a verdade — disse Sancho — e enforquem a metade que mentiu. Dessa maneira se cumprirá a lei ao pé da letra.

— Bem, senhor governador — disse o mensageiro —, será necessário dividir esse homem em duas partes, a mentirosa e a veraz; mas, se for dividido, com certeza irá morrer, e assim não se conseguirá aplicar a lei como se deve, e é de necessidade expressa que a lei seja cumprida.

— Vinde cá, meu bom homem — respondeu Sancho. — Ou eu sou um tolo, ou esse sujeito de que me falastes tem os mesmos motivos para morrer que para viver e cruzar a ponte, porque, se a verdade o salva, a mentira o condena igualmente. Se isso é assim, como parece ser, sou da opinião de que digais a esses senhores que vos enviaram a mim, porque estão na balança os motivos para condenar ou absolver, que deixem o homem passar livremente, porque é sempre melhor fazer o bem que o mal. E isso eu daria assinado com meu nome se soubesse assinar, mesmo que nesse caso não tenha falado por mim, mas porque me veio à memória um preceito, entre muitos outros que me deu meu amo dom Quixote uma noite antes que eu viesse ser governador desta ilha, que é: quando a justiça for duvidosa, deve-se tomar o partido da misericórdia. E Deus quis que eu me lembrasse disso agora, por servir nesse caso como uma luva.

— É verdade — respondeu o administrador. — Tenho a impressão de que o próprio Licurgo, que criou as leis para os lacedemônios, não poderia dar melhor sentença que essa que o grande Pança deu. E com isso se encerre a audiência desta manhã, e eu darei ordens para que o senhor governador almoce a seu gosto.

— Muito bem, e joguemos limpo — disse Sancho. — Tragam a comida, e chovam casos e dúvidas sobre mim, que os pegarei no voo.

O administrador cumpriu sua palavra, porque pensou que seria um peso em sua consciência matar de fome um governador tão sensato, sem falar que pensava concluir naquela mesma noite a missão que o tinham encarregado, fazendo a última brincadeira.

Aconteceu então que, quando tiravam a mesa, depois de Sancho ter comido naquele dia contra as regras e os preceitos do doutor Tirteafuera, entrou um mensageiro com uma carta de dom Quixote. O governador mandou que o secretário a lesse — e, se não houvesse nela nada digno de se manter em segredo, que a lesse em voz alta. Assim fez o secretário e, passando os olhos nela, disse:

— Sim, pode ser lida em voz alta, pois o que o senhor dom Quixote escreve a vossa mercê merece ser escrito com letras de ouro e divulgado. Diz o seguinte:

carta de dom quixote de la mancha
a sancho pança, governador da ilha logratária

Quando esperava ouvir novas de teus descuidos e impertinências, meu amigo Sancho, eu as ouvi de tuas sabedorias; por isso dei graças particulares ao céu, que sabe elevar os pobres do esterco,[1] e dos tolos fazer sábios. Dizem-me que governas como se fosse homem, e que és homem como se fosse bicho, tal a humildade com que te comportas. Quero que repares, Sancho, que muitas vezes convém e é necessário, devido à dignidade do ofício, ir contra a humildade do coração, porque a boa compostura da pessoa que ocupa cargos importantes deve estar em harmonia com o que eles pedem, e não com a medida do que sua humilde condição o inclina. Deves te vestir bem, porque um pedaço de pau enfeitado não parece pau; não digo que uses joias nem adornos, nem que sendo juiz te vistas como soldado, mas que te alinhes com a roupa que teu ofício requer, desde que seja limpa e bem-arrumada.

Para ganhar a benevolência do povo que governas deves, entre outras, fazer duas coisas: uma (mesmo que eu já tenha te dito isso

antes), sê cortês com todos; outra, procura manter abundantes as provisões, porque não há coisa que mais traga sofrimento ao coração dos pobres que a fome e a carestia.

Não faças muitos decretos, mas, se os fizeres, procura que sejam bons e, principalmente, que sejam observados e cumpridos, pois é como se não existissem se não forem cumpridos. Antes dão a entender que o príncipe que teve a sabedoria e a autoridade para criá-los não teve coragem para fazer com que os obedecessem. As leis que atemorizam, mas não são observadas, são como o tronco que Zeus mandou como rei a pedido das rãs: no começo ele as espantou; com o tempo elas o desprezaram e subiram nele.

Sê pai das virtudes e padrasto dos vícios. Não sejas rigoroso sempre, nem sempre brando, e escolhe o meio-termo entre esses dois extremos, que nesse ponto está a sabedoria.

Visita os cárceres, os açougues e os mercados, que a presença do governador nesses lugares é muito importante: consola os presos, que esperam a rápida resolução de seus casos; é bicho-papão para os açougueiros, que por ora não trapaceiam no peso; e é espantalho para as vendedoras, pela mesma razão.

Mesmo que por acaso o sejas, coisa em que não acredito, não te mostres avarento, mulherengo nem glutão, porque, se o povo e os que lidam contigo souberem de teu fraco, ali concentrarão a artilharia, até te jogarem nas profundezas da perdição.

Olha e olha de novo, examina e reexamina os conselhos e as instruções que te dei por escrito antes que partisses daqui para teu governo, e verás como achas neles, se os observares, uma ajuda de custo que te fará tolerar os trabalhos e as dificuldades com que a todo momento os governadores topam.

Escreve a teus amos e mostra-te agradecido, pois a ingratidão é filha da soberba e um dos maiores pecados que se conhece. A pessoa que é agradecida aos que lhe fizeram algum bem dá mostras de que também o será a Deus, que tanto bem lhe fez e continuamente lhe faz.

A senhora duquesa despachou um mensageiro com teu traje e outro presente para tua mulher, Teresa Pança. Por ora, esperamos resposta.

Eu estive meio indisposto, por causa das unhas de um gato que não me fizeram muito bem ao nariz, mas não foi nada, porque, se há magos que me maltratam, também há os que me defendem.

Avisa-me se o administrador que está contigo esteve metido no caso da Trifaldi, como tu suspeitaste; e vai me informando de tudo o que te acontecer, pois o caminho é curto, sem falar que penso deixar logo esta vida ociosa em que estou: não nasci para ela.

Surgiu um negócio que, penso, vai me deixar mal com estes senhores; mas, embora me aflija muito, não me importo nada, porque no fim das contas tenho de cumprir antes com meu dever que com o gosto deles, conforme se costuma dizer: "*Amicus Plato*, *sed magis amica veritas*".[2] Digo-te em latim porque me parece que o terás aprendido agora que és governador. E que Deus esteja contigo e te guarde de que alguém tenha pena de ti.

Teu amigo Dom Quixote de la Mancha

Sancho ouviu com muita atenção a carta, que foi celebrada e tida por sábia pelos presentes. Depois Sancho se levantou da mesa e, chamando o secretário, se trancou com ele em seu quarto, porque queria responder a seu senhor dom Quixote sem demora, e disse a ele que, sem acrescentar nem tirar coisa alguma, fosse escrevendo o que lhe dissesse. O secretário assim o fez, e a resposta foi do seguinte teor:

carta de sancho pança
a dom quixote de la mancha

Estou tão ocupado com meus negócios que não tenho tempo nem de coçar a cabeça, nem mesmo de cortar as unhas, de modo que as trago tão compridas que só Deus pode dar um jeito. Digo isso, senhor de minha alma, para que vossa mercê não se espante se

até agora não dei notícia de meu bom ou mau comportamento neste governo, em que sinto mais fome do que quando nós dois andávamos pelas selvas e pelos descampados.

Outro dia o duque meu senhor me escreveu me avisando que haviam chegado à ilha uns espiões para me matar. Até agora não descobri nenhum, fora um certo doutor que está nesta vila assalariado para matar todos os governadores que aparecerem: chama-se doutor Pedro Recio e é natural de Tirteafuera. Veja vossa mercê se vindo de um lugar desses não é de se ter medo de morrer em suas mãos! O próprio doutor diz de si mesmo que ele não cura as doenças quando elas existem, mas que as previne, para que não vinguem. Os remédios que usa são dietas e mais dietas, até deixar a pessoa com os ossos à mostra, como se a magreza não fosse um mal maior que a febre. Enfim, ele vai me matando de fome e eu vou morrendo de despeito, pois, quando vim tomar posse deste governo, pensei comer quente e beber frio, e recrear o corpo entre lençóis de linho, sobre colchões de penas. Mas não, vim fazer penitência, como se fosse um ermitão, e, como faço contra a vontade, penso que ao fim e ao cabo vai me carregar o diabo.

Até agora não fiz treta nem aceitei gorjeta, mas não posso saber no que vai dar isso, porque me disseram que os governadores que vieram para esta ilha, antes de tomar posse, ou ganharam ou pegaram emprestado muito dinheiro das pessoas, e que isso é um costume comum entre outros governadores, não só nos daqui.

Ontem à noite, fazendo a ronda, topei com uma donzela muito formosa com roupas de homem e seu irmão com roupas de mulher. Meu mordomo se apaixonou pela moça e, em seu espírito, a escolheu para sua esposa, pelo que me disse, e eu escolhi o rapaz para meu genro. Hoje nós dois poremos em prática nossas intenções com o pai de ambos, que é um tal Diego da Plaina, fidalgo e cristão tão velho quanto se deseja.

Eu visito os mercados, como vossa mercê me aconselha, e ontem achei uma feirante que vendia avelãs novas, e descobri que

havia misturado um galão de avelãs novas com outro de velhas, chochas e podres; dei todas aos órfãos do asilo, que saberão distingui-las, e sentenciei a mulher a não entrar no mercado por quinze dias. Dizem-me que agi corajosamente; o que posso dizer a vossa mercê é que corre a fama nesta vila que não há pior gente que as feirantes, porque são todas sem-vergonha, desalmadas e atrevidas, e eu acredito, pelas que vi em outras vilas.

Estou muito satisfeito que minha senhora a duquesa tenha escrito a minha mulher Teresa Pança e tenha lhe enviado o presente que vossa mercê fala. Procurarei me mostrar agradecido a seu tempo: beije-lhe as mãos por mim, dizendo que eu digo que não pôs sua bondade em saco sem fundo, como lhe provarei.

Não gostaria que vossa mercê se metesse numa desavença com meus senhores, porque, se vossa mercê se zangar com eles, está claro que isso vai redundar em meu prejuízo, e não fica bem que me aconselhe a ser agradecido se vossa mercê não o for com aqueles que tantos favores lhe têm feito e com tanta cortesia o têm tratado em seu castelo.

Aquele negócio dos arranhões e do gato não entendo, mas imagino que deve ser alguma das malfeitorias que os magos perversos costumam usar com vossa mercê. Saberei quando nos encontrarmos.

Gostaria de enviar alguma coisa a vossa mercê, mas não sei o quê, a não ser umas seringas de clister, que fazem umas muito interessantes nesta ilha para encher bexigas. Enfim, se meu governo durar, vou descobrir o que lhe mandar, custe o que custar.

Se minha mulher Teresa Pança me escrever, pague vossa mercê o porte e me envie a carta, pois estou louco de vontade de saber como estão as coisas em casa, como passam minha mulher e meus filhos. Sem mais, Deus livre vossa mercê de magos mal-intencionados e me tire em paz e com saúde deste governo, coisa de que duvido, porque acho que vou deixá-lo com a vida, pelo modo como me trata o doutor Pedro Recio.

Criado de vossa mercê,

Sancho Pança, o Governador

O secretário selou a carta e logo despachou o mensageiro. Enquanto isso, os que iludiam Sancho se juntaram e combinaram entre si como despachá-lo do governo. E aquela tarde Sancho passou fazendo alguns regulamentos para a boa administração do que ele imaginava ser ilha — ordenou que não houvesse especuladores no abastecimento da república e que se pudesse trazer vinho de qualquer região que se quisesse, desde que declarassem sua origem, para estabelecer o preço conforme sua avaliação, qualidade e reputação, e que pagasse com a vida aquele que lhe misturasse água ou lhe mudasse o nome.

Diminuiu o preço de todo calçado, principalmente dos sapatos, que considerava exorbitante; e fixou os salários dos criados, que corriam à rédea solta pela estrada do interesse. Estabeleceu penas severas para quem cantasse canções lascivas e desregradas, tanto de noite como de dia; e ordenou que nenhum cego cantasse quadrinhas sobre milagres se não apresentasse testemunho da veracidade deles, por considerar que a maioria desses milagres que os cegos cantam é falsa, em prejuízo dos verdadeiros. Nomeou um aguazil de pobres, não para que os perseguisse, mas para que investigasse se o eram mesmo, porque à sombra de aleijões fingidos e de chagas falsas andam braços ladrões e saúde embriagada.

Em suma, ele ordenou coisas tão boas que até hoje são observadas naquela vila, e são chamadas de “Os decretos do grande governador Sancho Pança”.

lii

onde se conta a aventura da segunda ama dolorida, ou angustiada, também conhecida como dona rodríguez

Cide Hamete conta que dom Quixote, estando já curado de seus arranhões, achou que a vida que levava naquele castelo era contra a ordem de cavalaria que professava. Então resolveu pedir licença aos duques para partir a Zaragoza, cujas festas estavam próximas, onde pensava ganhar o arnês que se conquista nessas justas.

Mas um dia, à mesa com os duques, quando começava a pôr em prática sua intenção de pedir licença, viu-se de repente entrar pela porta da grande sala duas mulheres, como em seguida se comprovou, cobertas de luto da cabeça aos pés; e uma delas, aproximando-se de dom Quixote, se jogou aos pés dele, estirada no chão, a boca colada em suas botas, e dava uns gemidos tão tristes, tão profundos e tão dolorosos que deixou confusos a todos que a ouviam e olhavam. Embora os duques pensassem que devia ser alguma peça que seus criados queriam pregar em dom Quixote, vendo o vigor com que a mulher suspirava, gemia e chorava, ficaram hesitantes e surpresos, até que o cavaleiro, compassivo, a levantou do chão e pediu que se revelasse, tirando o véu de cima da face lacrimosa.

Ela assim o fez e mostrou ser quem jamais poderia se pensar que fosse: a própria dona Rodríguez, a ama da casa. E a outra enlutada era sua filha, a que fora enganada pelo filho do camponês rico. Todos aqueles que a conheciam se admiraram, porém mais que ninguém os duques, que, apesar de a considerarem tola e crédula,

nem por isso imaginavam que pudesse cometer loucuras. Por fim, dona Rodríguez disse, virando-se para seus amos:

— Peço a vossas excelências a gentileza de me darem licença para conversar um pouco com este cavaleiro, porque apenas assim posso sair de forma conveniente do negócio em que me meteu o atrevimento de um grosseirão mal-intencionado.

O duque disse que ele a dava, que conversasse com o senhor dom Quixote tudo o que desejasse. Ela, erguendo a voz e o rosto para dom Quixote, disse:

— Há dias, destemido cavaleiro, que vos falei da iniquidade e aleivosia que um camponês desumano fez a minha muito querida e amada filha, que é esta desgraçada aqui presente, e me prometestes defendê-la, reparando a afronta que lhe fizeram. Mas agora me chegou a notícia de que quereis partir deste castelo, em busca das boas venturas que Deus distribui. Gostaria então que, antes que trilhásseis esses caminhos, desafiásseis a esse bronco arrogante e o obrigásseis a se casar com minha filha, em cumprimento da palavra que lhe deu de ser seu esposo antes de se deitar com ela: porque pensar que o duque, meu senhor, há de me fazer justiça é pedir uvas ao marmeleiro, pela causa que em segredo comuniquei a vossa mercê. E assim Nosso Senhor dê a vossa mercê saúde e não desampare a nós duas.

A essas palavras, dom Quixote respondeu muito sério e cerimonioso:

— Boa senhora, contende vossas lágrimas ou, digamos melhor, enxugai-as e poupai vossos suspiros, pois eu me encarrego de socorrer vossa filha, que teria feito melhor não acreditando tão facilmente em promessas de apaixonados, porque na maioria das vezes elas são leves de se fazer e muito pesadas de se cumprir. Assim, com a licença do duque, meu senhor, eu partirei agora mesmo em busca desse rapaz desalmado e o acharei. Se ele se recusar a cumprir a palavra prometida, eu o desafiarei e o matarei. Pois o negócio principal de minha profissão é perdoar os humildes e castigar os soberbos, digo, socorrer os miseráveis e destruir os cruéis.

— Não é necessário que vossa mercê se dê ao trabalho de procurar o ignorante de quem esta boa senhora se queixa — interveio o duque —, como também não é necessário que vossa mercê me peça licença para desafiá-lo, pois eu o considero desafiado e me encarrego de fazê-lo saber desse desafio e que o aceite e venha por si mesmo a este meu castelo, onde arranjarei terreno seguro para os dois, observando todas as condições que se costuma e se deve observar em tais casos, observando igualmente a justiça para cada um, como estão obrigados a observar todos aqueles príncipes que dão campo livre aos que se combatem nos limites de seus domínios.

— Com essa garantia e com a benévola licença de vossa grandeza — replicou dom Quixote —, declaro desde já que dessa vez renuncio a minha fidalguia e me nivelo e ajusto à baixeza do ofensor, fazendo-me igual a ele para que possa combater comigo. Assim, embora ausente, eu o desafio e repto em razão de ter feito mal ao tapear esta coitada que foi donzela e, por culpa sua, já não o é, e ou cumpre a palavra que deu de ser seu legítimo esposo ou morrerá na demanda.

Depois, tirando uma luva, jogou-a no meio da sala. O duque a pegou dizendo que, como já havia afirmado antes, aceitava o tal desafio em nome de seu vassalo e marcava a data do combate para dali a seis dias; o local seria o pátio daquele castelo e as armas, as normais dos cavaleiros — lança e escudo, armadura articulada com todos os acessórios, sem tramoias ou traições nem amuletos de espécie alguma —, vistas e examinadas pelos juízes do combate.

— Mas, antes de qualquer coisa, é necessário que esta boa ama e esta má donzela ponham o direito de sua justiça nas mãos do senhor dom Quixote, pois de outro modo não se fará nada, nem o tal desafio chegará à devida execução.

— Eu concordo — respondeu dona Rodríguez.

— Eu também — acrescentou a filha, toda chorosa e toda envergonhada, e com má aparência.

Feito esse acordo, e tendo o duque imaginado como devia levar aquele caso, as enlutadas foram embora, e a duquesa ordenou que dali por diante elas não fossem tratadas como suas criadas, mas

como senhoras andantes que vinham pedir justiça em sua casa. Assim, deram quartos de hóspedes a elas e as serviram como forasteiras, não sem surpresa das demais criadas, que não sabiam aonde ia parar a loucura e a imprudência de dona Rodríguez e da miserável de sua filha.

Estavam nisso quando, para acabar de alegrar a festa e coroar o fim do almoço, entrou pela porta da sala o pajem que levara as cartas e os presentes a Teresa Pança, mulher do governador Sancho Pança, que foi recebido com grande prazer pelos duques, que estavam ansiosos para saber o que havia acontecido em sua viagem. Interrogado, o pajem respondeu que não podia falar em público nem contar tudo em breves palavras, que suas excelências fizessem a mercê de deixar isso para depois, a sós, e por ora se entretivessem com aquelas cartas — e, pegando duas cartas, depositou-as nas mãos da duquesa. Uma dizia no sobrescrito: “Carta para minha senhora a duquesa tal de não sei onde”; e a outra: “A meu marido Sancho Pança, governador da ilha Logratária, que Deus lhe dê mais anos que a mim”. A duquesa ficou roendo as unhas, como se diz, até ler sua carta; abrindo-a, leu-a para si, e, vendo que a podia ler em voz alta para que o duque e os presentes a ouvissem, leu o seguinte:

carta de teresa pança à duquesa

Recebi com grande alegria, minha senhora, a carta que vossa grandeza me escreveu, pois na verdade eu a desejava muito. O colar de corais é lindo, e o traje de caça de meu marido não fica atrás. A notícia de que vossa senhoria fez governador a meu consorte, Sancho, foi recebida com muito prazer por toda a vila, embora não haja quem acredite nela, principalmente o padre, mestre Nicolás e Sansão Carrasco, o bacharel; mas eu pouco me importo, cada um que diga o que quiser, desde que seja assim, como é. Mas, para dizer a verdade, se não tivessem vindo os corais e o traje, eu também não acreditaria, porque nesta vila todos consideram meu marido um tolo — tirado do governo de um

rebanho de cabras, não podem imaginar em que governo pode ser bom. Que Deus o abençoe e o encaminhe do modo que seus filhos necessitam.

Eu, senhora de minha alma, estou decidida, com a licença de vossa mercê, a agarrar com unhas e dentes a ocasião, indo à corte para me pavonear de carruagem e esfregar isso na cara de mil invejosos que já tenho. Assim sendo, suplico a vossa excelência que mande meu marido me enviar algum dinheirinho, mas que não seja uma ninharia, porque na corte os gastos são grandes: o pão custa um real e meio quilo de carne, trinta maravedis, o que é um absurdo. E, se ele não quiser que eu vá, que me avise com tempo, porque estão me comichando os pés para me pôr a caminho, ainda mais que me dizem minhas amigas e minhas vizinhas que, se eu e minha filha andarmos emproadas e pomposas na corte, meu marido será mais conhecido por mim que eu por ele, sendo certo que muitos vão perguntar: “Quem são as senhoras desta carruagem?”, e um criado meu responderá: “A mulher e a filha de Sancho Pança, governador da ilha Logratária”. Dessa maneira Sancho será conhecido, e eu serei estimada, e vamos em frente que atrás vem gente.

Sinto muito, do fundo do coração, mas este ano não se colheram bolotas nesta vila; mesmo assim, envio a vossa alteza meio galão, que eu colhi e escolhi uma por uma no mato. Eu gostaria que fossem como ovos de avestruz, mas não achei maiores.

Não esqueça vossa pomposidade de me escrever, que responderei em seguida, avisando de minha saúde e de tudo que houver para contar desta vila, onde fico rogando a Nosso Senhor que olhe por vossa grandeza e que não esqueça de mim. Minha filha Sancha e meu filho beijam as mãos de vossa mercê.

A que tem mais desejo de ver vossa senhoria que de lhe escrever, sua criada
Teresa Pança

Todos ouviram com grande prazer a carta de Teresa Pança, principalmente os duques. Então a duquesa pediu a opinião de dom Quixote, se não ficaria mal abrir a carta que vinha para o governador, pois ela imaginava que devia ser excelente. Dom Quixote disse que ele a abriria para deleitá-los e, abrindo-a, viu que dizia o seguinte:

carta de teresa pança
a sancho pança, seu marido

Recebi tua carta, Sancho de minha alma, e te garanto e juro como católica praticante que só faltou um tiquinho para ficar louca de alegria. Olha, meu caro: quando ouvi que eras governador, pensei que ia cair morta ali mesmo de puro prazer, pois bem sabes que dizem que tanto mata uma alegria súbita como uma grande dor. De tão contente, tua filha Sancha se molhou toda sem nem sentir. Eu, mesmo com o traje que me enviaste diante de mim, com os corais que me enviou minha senhora a duquesa no pescoço, com as cartas na mão e com o portador delas ali presente, achava que era tudo sonho o que via e o que tocava, porque quem poderia pensar que um pastor de cabras viria a ser governador de ilhas? Já sabes, meu amigo, que minha mãe dizia que era preciso viver muito para ver muito — digo isso porque penso ver mais se viver mais, e não penso parar até te ver cobrador de impostos, arrendatário ou comissionado. Certo que o diabo carrega qualquer um deles, se não se comportam direito, mas a verdade verdadeira é que sempre têm e lidam com dinheiro.

Minha senhora a duquesa te dirá do desejo que tenho de ir à corte; pensa nisso e me avisa do que queres que eu faça, que eu procurarei te prestigiar andando de carruagem aí.

O padre, o barbeiro, o bacharel e até o sacristão não podem acreditar que és governador; acham que é tudo trapaça ou encantamentos de magos, como são todas as coisas de teu amo dom Quixote. Sansão diz que vai procurá-los para tirar o governo

de tua cabeça e a loucura da cachola de dom Quixote. Eu não faço nada além de rir, olhar meu colar e pensar em como vou fazer de teu traje um vestido para nossa filha.

Enviei umas bolotas a minha senhora a duquesa — como eu gostaria que fossem de ouro. Envia-me tu alguns colares de pérolas, se for costume usarem nessa ilha.

As novas aqui da vila são que a Berrueca casou a filha com um pintorzinho que não sabe com que mão se segura o pincel. A Câmara o mandou pintar o escudo de armas de Sua Majestade nas portas da Prefeitura, ele pediu dois ducados, pagaram adiantado, trabalhou oito dias, mas no fim não pintou nada porque, disse, não conseguia pintar tantas coisinhas pequenininhas — devolveu o dinheiro e, mesmo assim, se casou como se fosse um bom profissional. Na verdade, já trocou o pincel pela enxada e vai ao campo como um verdadeiro gentil-homem. O filho de Pedro de Lobo recebeu as ordens menores e a tonsura, com intenção de se tornar clérigo — Minguilla, a neta de Mingo Apito, ficou sabendo e entrou com uma petição porque ele tinha lhe prometido casamento. As más línguas dizem que ela está grávida dele, mas o rapaz nega de pés juntos.

Não deu azeitona este ano, nem se acha uma gota de vinagre em toda a vila. Por aqui cruzou uma companhia de soldados — de passagem, eles levaram três moças. Não quero te dizer quem são; talvez voltem, e não faltará quem se case com elas, com ou sem reputação.

Sanchinha faz rendas e ganha oito maravedis limpos por dia, que vai botando num cofrinho para ajudar em seu enxoval. Mas, agora que é filha de um governador, tu lhe darás o dote sem que ela trabalhe para isso. A fonte da praça secou e caiu um raio no pelourinho — que caiam todos ali.

Espero resposta a esta e a decisão sobre minha ida à corte. Com isto, despeço-me: Deus te guarde mais anos que a mim, ou tantos quanto, porque não gostaria de te deixar sozinho neste mundo. Tua mulher

Teresa Pança

As cartas provocaram aplauso, riso, louvor e admiração; e, para coroar tudo, chegou um mensageiro que trazia a que Sancho enviava a dom Quixote, que também foi lida publicamente, pondo em dúvida a tolice do governador.

A duquesa se retirou para saber do pajem o que tinha acontecido na terra de Sancho; ele contou tudo muito detalhadamente, sem deixar circunstância que não fosse referida; entregou-lhe as bolotas e mais um queijo que Teresa lhe deu, por ser muito bom, melhor que os famosos queijos de ovelha de Tronchón; a duquesa os recebeu com muitíssimo prazer, e assim a deixaremos, para contar o fim que teve o governo do grande Sancho Pança, flor e espelho de todos os governadores insulados.

liii

do conturbado fim que teve
o governo de sancho pança

“Pensar que nesta vida as coisas devem durar sempre sem mudança é pensar em vão. Pelo contrário, a vida parece dar voltas, digo, andar em círculo: à primavera segue o verão, ao verão o estio, ao estio o outono, e ao outono o inverno, e ao inverno a primavera[1] — e assim o tempo volta a andar nesse círculo contínuo. Apenas a vida humana corre para seu fim, mais ligeira que o vento, sem esperar se renovar a não ser na outra, que não tem fronteiras que a limitem.”

Isso diz Cide Hamete, filósofo maometano, porque isso de entender a rapidez e a instabilidade da vida presente, e da duração da vida eterna que se espera, muitos entenderam sem a luz da fé, apenas com a simples luz da razão. Aqui, porém, nosso autor o diz pela presteza com que se acabou, consumiu-se, desfez-se, foi-se como sombra ou fumaça o governo de Sancho.

Na sétima noite de sua semana de governo, ele estava em sua cama, não farto de pão nem de vinho, mas de julgar e dar pareceres e de fazer estatutos e regulamentos. Quando o sono, apesar da fome, começava a lhe fechar as pálpebras, ouviu uma tremenda barulheira de sinos e de gritos, que não parecia senão que toda a ilha afundava. Sentou-se na cama e ficou atento, escutando, para ver se entendia o que podia ser a causa de tamanha confusão, mas não só não o soube como, ao se somar ao barulho de gritos e sinos o de infinitas trombetas e tambores, ficou mais confuso e cheio de medo e espanto. Levantando-se, pôs umas chinelas por causa da

umidade do assoalho e, sem vestir uma bata nem coisa parecida sobre a roupa de dormir, foi até a porta de seu quarto a tempo de ver surgir por uns corredores mais de vinte pessoas com tochas acesas nas mãos e com as espadas desembainhadas, gritando todas em altos brados:

— Às armas, às armas, senhor governador! Depressa, que inúmeros inimigos entraram na ilha! Estaremos perdidos se vossa argúcia e coragem não nos socorrerem!

Com esse barulho, essa fúria e confusão chegaram aonde estava Sancho, pasmo e aturdido com o que via e ouvia, e, quando se aproximaram dele, um disse:

— Arme-se logo, vossa senhoria, se não quiser se perder e que se perca toda a ilha!

— Por que tenho de me armar? — respondeu Sancho. — Que sei eu de armas e de socorros? Seria melhor deixar essas coisas para meu amo dom Quixote, que num piscar de olhos dará um jeito nelas, porque eu, pobre pecador, não sei o que fazer num aperto desses!

— Ah, senhor governador! — disse outro. — Mas que lerdeza é essa? Arme-se vossa mercê. Trouxemos aqui armas ofensivas e defensivas. Vamos, saia à praça e seja nosso guia e nosso capitão, que por direito lhe toca ser, sendo nosso governador.

— Então me botem a armadura — replicou Sancho.

Como já tinham tudo preparado, num instante trouxeram dois paveses e os puseram por cima do camisolão, sem deixar Sancho pegar outra roupa. Com um escudo na frente e outro atrás, os braços puxados por umas concavidades que havia, amarraram-no muito bem com uns cordões, de modo que ele ficou emparedado e entabuado, reto como um fuso, sem poder dobrar os joelhos nem dar um passo. Então lhe puseram nas mãos uma lança, à qual ele se apoiou para poder se manter de pé. Quando afinal o tinham assim, disseram que caminhasse e os guiasse e os animasse a todos, pois sendo ele seu norte, sua lanterna e seu farol, seus negócios teriam uma boa conclusão.

— Pobre de mim — respondeu Sancho —, como posso caminhar se nem consigo mexer as dobradiças dos joelhos? Estas tábuas

estão grudadas em mim! O que devem fazer é me levar no colo e me botar atravessado ou de pé em algum postigo, que eu o protegerei com esta lança ou com meu próprio corpo.

— Vamos, senhor governador — disse alguém. — É mais o medo que as tábuas o que tolhe seus passos. Acabe logo com isso e mexa-se, pois é tarde: os inimigos se aproximam, os gritos aumentam, o perigo é iminente.

Com esses argumentos e vitupérios, o pobre governador tentou se mexer e foi parar no chão com uma pancada tão grande que pensou que tinha se desfeito em pedaços. Ficou como tartaruga, encerrado e coberto com seus cascos, ou como torresmo na prensa, ou como um barco de borco na areia. Mas nem o vendo caído aquela corja brincalhona teve alguma compaixão. Pelo contrário, apagando as tochas, os homens voltaram a reforçar os gritos e a reiterar o “às armas!” com tanta pressa, passando por cima do coitado do Sancho, dando-lhe inúmeras cutiladas sobre os escudos, que, se não se recolhesse e encolhesse metendo a cabeça entre as tábuas, teria passado muito mal o pobre governador. Entalado ali, ele suava e transudava e se encomendava a Deus de todo coração à espera de que o tirasse daquele perigo.

Uns tropeçavam nele, outros caíam, e um ficou em cima por um bom tempo, e dali, como de uma atalaia, comandava os exércitos e dizia, em altos brados:

— Aqui, pessoal, há mais inimigos atacando! Protejam aquele postigo, fechem aquela porta, empurrem aquelas escadas das muralhas! Tragam alcanzias! E caldeirões de piche e resina e azeite fervendo! Rápido, barricadas de colchões nas ruas!

Enfim, com todo empenho ele desfiava todas as bugigangas e instrumentos e apetrechos de guerra com que se costuma defender uma cidade atacada, e o moído Sancho, que o escutava e a tudo aguentava, dizia a si mesmo:

— Oh, quisera Deus que eu perdesse esta ilha de uma vez e me visse morto ou longe de tamanha agonia!

O céu ouviu seus rogos — quando menos esperava, ouviu brados que diziam:

— Vitória, vitória! Os inimigos foram batidos! Eia, senhor governador, levante-se! Venha vossa mercê desfrutar da vitória e dividir os despojos que tomamos do inimigo pelo valor desse braço invencível!

— Levantem-me — disse o dolorido Sancho com voz queixosa.

Ajudaram-no a se levantar. Enfim de pé, disse:

— Quero que me botem aqui embaixo do nariz o inimigo que eu tiver vencido. Não quero dividir despojos de inimigos nem nada. Só peço e suplico a algum amigo, se é que o tenho, que me dê um trago de vinho, pois estou seco, e que me enxugue o suor, pois estou molhado.

Limparam-no, trouxeram-lhe vinho, desamarraram os escudos — ele se sentou em sua cama e desmaiou de medo, susto e cansaço. Já pesava aos trapaceiros terem feito brincadeira tão pesada, mas, logo que Sancho voltou a si, amornou a pena que sentiram. Sancho perguntou que horas eram, responderam que já amanhecia. Calou-se e, sem dizer mais nada, todo sepultado em silêncio, começou a se vestir, e todos o olhavam esperando no que ia dar a pressa com que se vestia. Por fim vestido, foi até a estrebaria, bem devagarinho, porque estava alquebrado e não podia se mover com rapidez. Todos os que ali estavam o seguiram. Aproximando-se do burro ruço, Sancho o abraçou, deu um beijo de paz na testa dele e disse, não sem lágrimas:

— Vinde cá, meu amigo e companheiro! Vinde, meu parceiro de labutas e misérias: quando andávamos juntos, e eu não tinha outros pensamentos que os que me davam os cuidados de remendar vossos arreios e de sustentar vosso corpo, eram felizes minhas horas, meus dias e meus anos. Mas, depois que vos deixei e subi as torres da ambição e da soberba, entraram-me pela alma mil misérias, mil agonias e quatro mil aflições.

E, enquanto dizia essas palavras, ia encilhando o burro, sem que ninguém lhe dissesse nada. Enfim, encilhado o ruço, com grande tristeza e pesar montou nele, e, dirigindo suas palavras e alegações ao administrador, ao secretário, ao mordomo e a Pedro Recio, o doutor, e a muitos outros que estavam presentes, disse:

— Abri alas, meus senhores, e deixai-me voltar a minha antiga liberdade: deixai-me que vá procurar a vida passada, para que me ressuscite desta morte presente. Não nasci para ser governador nem para defender ilhas nem cidades dos inimigos que quiserem tomá-las. Entendo mais de arar e capinar, podar e limpar o mato dos vinhedos que de fazer leis ou defender províncias ou reinos. Bem está são Pedro em Roma: quero dizer, cada macaco no seu galho, cada um no ofício para que nasceu. Em minha mão fica melhor uma foice que um cetro: prefiro me embuchar de sopa com pão que estar sujeito à miséria de um médico impertinente que me mate de fome; e quero mais me recostar à sombra de uma azinheira no verão e me abrigar com um casaco de lã no inverno, em minha liberdade, que me deitar com a sujeição do governo entre lençóis de linho e me vestir com peles de *marta-cebolinha*, ou sei lá eu. Vossas mercês fiquem com Deus e digam ao duque, meu senhor, que nasci nu e nu me encontro: nada perdi nem ganhei; quero dizer que entrei sem prata neste governo e saio sem ela, ao contrário do que costumam sair os governadores de outras ilhas. E afastem-se, deixem-me ir, que vou botar uns emplastros, pois tenho as costelas machucadas, por causa dos inimigos que esta noite passearam sobre mim.

— Não precisa ser assim, senhor governador — disse o doutor Recio —, porque eu darei a vossa mercê uma bebida contra quedas e sovas que num instante vai lhe devolver sua antiga saúde e vigor. Quanto à comida, eu prometo a vossa mercê me emendar, dando-lhe de comer abundantemente de tudo aquilo que quiser.

— Piaste tarde! — respondeu Sancho. — Deixarei de ir tanto quanto vou me tornar turco. Só o tolo cai duas vezes no mesmo buraco. Por Deus, tanto fico neste governo ou aceito outro, mesmo que me deem de bandeja, quanto voar ao céu sem asas. Eu sou da família dos Panças: são todos cabeçudos, se uma vez dizem pedra, será sempre pedra, mesmo que seja pau, mesmo que lhes esfreguem no nariz. Deus dá asas à formiga para que morra mais depressa; pois fiquem aí na estrebaria as asas de formiga que me elevaram no ar para que as andorinhas e outros pássaros me comessem, e voltemos a andar no chão com pés descalços, pois, se não os enfeitarmos com sapatos finos de camurça, não lhes faltarão

alpargatas toscas de corda. Cada macaco no seu galho, e ninguém dê passos maiores que as pernas, e deixem-me passar, que já é tarde.

A isso, o administrador disse:

— Senhor governador, com toda boa vontade deixaremos vossa mercê ir, apesar de nos pesar muito perdê-lo, pois sua sabedoria e seu comportamento cristão nos obrigam a desejar que fique. Mas já se sabe que todo governador tem obrigação, antes de se ausentar de seus domínios, de prestar contas de sua gestão: preste-a dos dez dias que governou e pode ir embora na paz de Deus.

— Ninguém pode me pedir nada — respondeu Sancho —, se não tiver ordens do duque, meu senhor. Eu vou vê-lo, e a ele prestarei contas tintim por tintim, ainda mais que, saindo eu nu, como saio, não preciso de outra prova para mostrar que governei como um anjo.

— Por Deus, tem razão o grande Sancho — disse o doutor Recio. — Eu sou da opinião de que devemos deixá-lo ir, porque o duque vai gostar muito de vê-lo.

Todos concordaram com isso e o deixaram ir, oferecendo-lhe antes companhia e tudo aquilo que quisesse para conforto de sua pessoa e que facilitasse a viagem. Sancho disse que não queria mais que um pouco de cevada para o burro e meio queijo e meio pão para ele, porque o caminho era muito curto, não havia maior necessidade nem melhor manjar. Todos o abraçaram e ele, chorando, abraçou a todos, e os deixou admirados, tanto por suas palavras como por sua decisão tão firme e tão sagaz.

liv

que trata de coisas referentes a esta história e não a qualquer outra

O duque e a duquesa decidiram que o desafio que dom Quixote fez a seu vassalo devido à causa já referida fosse adiante; mas, como o rapaz estava em Flandres, onde tinha se refugiado para não ter dona Rodríguez por sogra, ordenaram que ocupasse seu lugar um lacaio gascão, que se chamava Tosilos, orientando-o muito bem sobre tudo o que devia fazer.

Dois dias depois o duque disse a dom Quixote que em quatro dias chegaria seu adversário e se apresentaria no pátio, armado como cavaleiro, e sustentaria que a donzela mentia, jurando pela metade de suas barbas, ou mesmo pelas barbas inteiras, se ela afirmava que ele houvesse prometido casamento. Dom Quixote recebeu essas notícias com muito prazer e prometeu a si mesmo fazer maravilhas naquele caso, considerando uma grande sorte ter surgido semelhante oportunidade em que aqueles senhores pudessem ver até onde se estendia o valor de seu poderoso braço. Assim, contente e alvoroçado, esperou os quatro dias, que, na conta de seu desejo, iam se tornando quatrocentos séculos.

Deixemos que passem, como deixamos passar outras coisas, e vamos acompanhar Sancho, que, entre alegre e triste, vinha montado no burro em busca de seu amo, cuja companhia lhe agradava mais que ser governador de todas as ilhas do mundo.

Aconteceu então que, não tendo se afastado muito da ilha de seu governo — que ele nunca tratou de averiguar se era mesmo ilha, cidade, vila ou arraial —, viu que pela estrada por onde ele ia

vinham seis peregrinos com seus cajados, desses estrangeiros que pedem esmolas cantando. Quando eles se aproximaram, puseram-se em fila e, elevando as vozes, todos juntos começaram a cantar em sua língua, que Sancho não pôde entender, a não ser uma palavra que pronunciaram claramente: “esmola”. Por isso entendeu o que pediam em seu canto e, como era caritativo, segundo diz Cide Hamete, tirou de seus alforjes meio pão e meio queijo, de que vinha provido, e os deu, dizendo-lhes por sinais que não tinha outra coisa para oferecer. Eles aceitaram de boa vontade e disseram:

— *Guelte! Guelte!*[1]

— Não entendo o que me pedis, gente boa — respondeu Sancho.

Então um deles pegou um saco do peito e o mostrou a Sancho, para dizer que queriam dinheiro. Sancho, pondo o dedo polegar na garganta e estendendo a mão para cima, deu a entender que não tinha um tostão. Depois, esporeando o burro, abriu caminho entre eles; e ao passar, tendo um deles olhado Sancho com muita atenção, avançou e, jogando-lhe os braços na cintura, em voz alta e muito castelhana disse:

— Valha-me Deus! O que é que eu vejo? É possível que eu tenha em meus braços meu amigo, meu bom vizinho Sancho Pança? Sim, tenho, sem dúvida nenhuma, porque não estou dormindo nem estou bêbado agora.

Sancho se admirou ao se ver chamado pelo nome e abraçado pelo peregrino estrangeiro, mas depois de olhá-lo um tempo com muita atenção, sem falar uma palavra, não conseguiu reconhecê-lo. Então, percebendo sua confusão, o peregrino lhe disse:

— Como é possível, Sancho Pança, meu irmão, que não reconheças teu vizinho Ricote, o mourisco, comerciante em tua vila?

Então Sancho olhou para ele com mais atenção e começou a relembrar. Finalmente, veio a reconhecê-lo de todo e, sem apear do jumento, lhe jogou os braços no pescoço e disse:

— Quem diabos ia te reconhecer, Ricote, nesse traje de bufão? Mas me diz quem te fez franduleiro e como tens a audácia de voltar à Espanha, onde, se te reconhecerem e te pegarem, vais passar um aperto?

— Se tu não me reconheceste, Sancho — o peregrino respondeu —, estou seguro de que neste traje não haverá ninguém que me descubra. Mas vamos nos afastar da estrada para aquela alameda ali, onde meus companheiros querem comer e descansar. Ali comerás com eles, que são gente muito agradável, e eu poderei te contar o que me aconteceu depois que parti de nossa terra, para obedecer às ordens de Sua Majestade, que com tanto rigor ameaçou e expulsou os desgraçados de minha nação, como ouviste falar.[2]

Sancho concordou, e, depois de Ricote ter falado com os demais peregrinos, desviaram para a mata de álamos que ficava a uma boa distância da estrada real. Largaram os cajados, tiraram as esclavinas ou capotes e ficaram em mangas de camisa — todos eram moços e muito bonitos, exceto Ricote, que já era homem de idade. Todos carregavam alforjes e todos os alforjes, pelo que se via, vinham bem abastecidos, pelo menos de coisas apetitosas e que chamam a sede a duas léguas. Acomodaram-se no chão e, fazendo toalha do gramado, puseram sobre ele pão, sal, facas, nozes, fatias de queijo e ossos limpos de presunto, que, se não se deixavam mastigar, não se defendiam de ser chupados. Puseram também um manjar preto que disseram que se chamava “caviar” e é feito de ovas de peixes, grande atiçador de sede de odre. Não faltaram azeitonas, embora secas e sem tempero algum, mas saborosas e que distraem o apetite. Mas o que mais campeou no campo daquele banquete foram seis odres de vinho, que cada um tirou de seu alforje — até o bom Ricote, que havia se transformado de mourisco em alemão ou em tudesco, pegou o seu, que podia competir em tamanho com os cinco.

Começaram a comer com grande prazer e bem devagar, saboreando cada bocado, que pegavam com a ponta da faca, e só um tiquinho de cada coisa. Dali a pouco, todos de uma vez, levantaram os braços e os odres no ar: as bocas postas nos gargalos, os olhos cravados no céu, não pareciam senão que faziam pontaria nele. Dessa maneira, balançando as cabeças de um lado para o outro, sinal que confirmava o prazer que sentiam, estiveram

um bom tempo, transferindo para seus estômagos o que havia nas vasilhas.

Sancho olhava tudo e de coisa nenhuma se condoía;[3] pelo contrário, para cumprir com o ditado que ele conhecia muito bem — "em Roma como os romanos" —, pediu a Ricote o odre e fez pontaria como os demais, e não com menos prazer.

Empinaram quatro vezes os odres, mas a quinta não foi possível, porque já estavam mais secas que esparto, coisa que murchou a alegria que até ali haviam mostrado. De quando em quando, algum juntava sua mão direita com a de Sancho e dizia:

— *Español y tudesqui, tuto uno: bon compaño*.

E Sancho respondia:

— *Bon compaño, jura Di!*[4]

E desatava numa risada que lhe durava uma hora, sem se lembrar então de nada do que havia acontecido em seu governo, porque sobre o tempo em que se come e se bebe as preocupações têm pouca jurisdição. Então, o fim do vinho foi o princípio do sono, que deixou a todos adormecidos sobre a própria mesa e toalha, menos Ricote e Sancho, que continuaram alertas porque haviam comido mais e bebido menos. Ricote afastou Sancho, e os dois se sentaram ao pé de uma faia, deixando os peregrinos mergulhados em doce sono. Aí, em puro castelhano, sem um tropeço em sua língua mourisca, Ricote disse as seguintes palavras:

— Bem sabes, Sancho Pança, meu caro vizinho e amigo meu, como o pregão e proclama que Sua Majestade mandou publicar contra os mouriscos surpreendeu e aterrorizou a todos nós. Pelo menos, eu fiquei de tal jeito que achava que, antes do tempo que nos concedia para irmos embora da Espanha, o rigor da pena já tinha caído sobre mim e sobre meus filhos.[5] Tratei então, em minha opinião como pessoa prudente, tanto como aquela que sabe que em tal data vão lhe tirar a casa onde vive e providencia outra para se mudar, digo, tratei de sair sozinho de minha vila, sem minha família, para procurar onde levá-la sem incômodos e sem a pressa com que os outros saíram, porque vi muito bem, e todos os nossos anciãos viram, que aqueles pregões não eram apenas ameaças, como alguns diziam, mas verdadeiras leis, que deveriam ser executadas

no tempo estabelecido. E o que me forçava a acreditar nessa verdade era conhecer as intenções más e disparatadas que os nossos tinham, tanto que me parece que foi inspiração divina a que levou Sua Majestade a tomar tão briosa resolução, não porque todos fôssemos culpados, que alguns eram cristãos firmes e verdadeiros, mas eram tão poucos que não podiam ser comparados aos que não o eram, e não era certo criar a serpente no seio, tendo os inimigos dentro de casa. Finalmente, com justa razão fomos castigados com a pena do desterro, branda e suave na opinião de alguns, mas na nossa a mais terrível que podiam nos dar. Onde quer que estejamos, choramos pela Espanha. Afinal, nascemos aqui, é nossa pátria natural; em lugar nenhum achamos a acolhida que desejamos em nossa desventura, e na Berbéria e em todas as partes da África onde esperávamos ser recebidos, acolhidos e agradados, ali é onde mais nos ofendem e maltratam. Não reconhecemos o bem até tê-lo perdido; e o desejo que quase todos temos de voltar à Espanha é tão grande que a maioria daqueles que sabem a língua, como eu (e são muitos), volta a ela e deixa lá suas mulheres e seus filhos desamparados: tamanho é o amor que têm por ela. Agora conheço e sinto o que se costuma dizer: é doce o amor da pátria.

“Como disse, saí de nossa vila, entrei na França e, embora ali nos tenham recebido bem, quis ver tudo. Passei para a Itália e cheguei à Alemanha, onde me pareceu que se podia viver com mais liberdade, porque seus habitantes não se preocupam muito com melindres: cada um vive como quer, porque na maior parte dela se vive com liberdade de consciência. Arranjei uma casa numa vila perto de Augsburgo e me juntei a estes peregrinos, porque muitos deles têm por costume vir à Espanha visitar os santuários, que consideram suas Índias, pois são ganhos certos e lucros conhecidos: percorrem-na quase toda e não há um povoado de que não saiam comidos e bebidos, como se diz, e com um real pelo menos, em dinheiro trocado, e ao fim de sua viagem saem com mais de cem escudos livres, que, trocados por ouro, são escondidos no oco de seus cajados ou nos remendos das esclavinas, ou de qualquer jeito que

podem. Assim os tiram aqui do reino e os levam a suas terras, apesar dos guardas nos postos da fronteira onde são revistados.

“Minha intenção agora, Sancho, é levar o tesouro que deixei enterrado[6] (como está fora da vila, poderei pegá-lo sem perigo) e escrever para minha filha e minha mulher ou passar de Valência a Argel, onde elas estão, e dar um jeito de trazê-las a algum porto da França e levá-las dali para a Alemanha, onde aceitaremos o que Deus quiser fazer de nós. Pois bem, Sancho, sei com certeza que a Ricota, minha filha, e Francisca Ricota, minha mulher, são católicas praticantes, mas eu, embora não o seja tanto, tenho mais de cristão que de mouro e sempre rogo a Deus que me abra os olhos do entendimento e me faça ver como devo servi-lo. Agora, o que me espanta é não saber por que minha mulher e minha filha foram para a Berbéria em vez da França, onde podiam viver como cristãs.”

Sancho respondeu:

— Olha, Ricote, isso não dependeu da vontade delas, porque foram levadas por Juan Tiopieyo, irmão de tua mulher, e, como deve ser mouro puro, foi para onde achou melhor; e posso te dizer outra coisa: acho que é inútil ir buscar o que deixaste escondido, porque tivemos notícias de que haviam confiscado de teu cunhado e de tua mulher muitas pérolas e muito dinheiro em ouro que levavam sem declarar.

— É, pode ser isso mesmo — replicou Ricote —, mas eu sei, Sancho, que não tocaram em meu esconderijo, porque não lhes revelei onde era, com medo de algum desmando. Então, Sancho, se quiseres vir comigo e me ajudar a pegar meu tesouro e dissimulá-lo, eu te darei duzentos escudos, com que poderás remediar tuas necessidades, pois sabes que sei que tens muitas.

— Eu iria — respondeu Sancho —, mas não sou nada cobiçoso; se o fosse, não teria largado de mão esta manhã um ofício em que poderia fazer as paredes de minha casa de ouro e comer em pratos de prata antes de seis meses. Assim, por isso e por achar que estaria traindo meu rei ao favorecer seus inimigos, não iria contigo nem que me desses à vista quatrocentos escudos, em vez dos duzentos que me prometes.

— E que ofício é o que deixaste, Sancho? — perguntou Ricote.

— Deixei de ser governador de uma ilha — respondeu Sancho. — E de uma ilha… Olha, Ricote, eu juro: só vão encontrar outra igual no dia de São Nunca.

— E onde fica essa ilha? — perguntou Ricote.

— Onde? — respondeu Sancho. — A duas léguas daqui, e se chama ilha Logratária.

— Espera aí, Sancho — disse Ricote. — As ilhas estão no mar; não há ilhas em terra firme.

— Como não? — replicou Sancho. — Eu te garanto, meu amigo Ricote, que esta manhã mesmo parti de lá, e ontem estive governando a meu bel-prazer, como um condenado.[7] Mas, apesar de tudo, eu a deixei, porque o ofício de governador me pareceu perigoso.

— E o que ganhaste no governo? — perguntou Ricote.

— Ganhei o conhecimento de que não sirvo para governar, a não ser um rebanho de cabras — respondeu Sancho —, e que as riquezas que se ganham nesses governos são à custa de nosso descanso e sono, sem falar na comida, porque os governadores de ilhas devem comer pouco, especialmente se têm médicos que olhem pela saúde deles.

— Eu não te entendo, Sancho — disse Ricote —, mas me parece que tudo o que dizes não tem pé nem cabeça, pois quem haveria de te dar uma ilha para governar? Por acaso faltavam homens mais hábeis que tu para governadores? Vamos, Sancho, volta a ti e olha se queres vir comigo, como te disse, para me ajudar a pegar o tesouro que deixei escondido. É tão grande que na verdade pode ser mesmo chamado de tesouro. E, como te disse, te darei o suficiente para que vivas.

— Já te falei que não quero, Ricote; contenta-te que não serás denunciado por mim — replicou Sancho. — Segue teu caminho sem preocupações e me deixa seguir o meu, pois eu sei que pode se perder o que se ganha honestamente, mas o que se ganha desonestamente também perde seu dono.

— Bem, não quero discutir, Sancho — disse Ricote. — Mas me diz: tu estavas lá na vila quando minha mulher, minha filha e meu cunhado partiram?

— Sim, estava — respondeu Sancho —, e posso te garantir que tua filha se foi tão formosa que todos saíram para vê-la e todos diziam que era a mais bela criatura do mundo. Ia chorando e abraçava a todas as suas amigas e conhecidas e quantos chegavam para vê-la, e a todos pedia que a encomendassem a Deus e a sua mãe, Nossa Senhora. Falava com tanto sentimento que me fez chorar, e olha que não costumo ser muito chorão. E juro que muitos pensaram em escondê-la, ir atrás e raptá-la na estrada, mas o medo de desobedecer o decreto do rei os deteve. Quem se mostrou mais apaixonado foi dom Pedro Gregório, aquele rapaz que tu conheces, o morgado rico, que dizem que a amava muito. Depois que ela partiu, ele nunca mais apareceu em nossa vila, e todos pensamos que tinha ido atrás dela para roubá-la, mas até agora não se soube nada.

— Bem no fundo, sempre desconfiei que esse cavaleiro era louco por minha filha — disse Ricote —, mas, confiante no valor de minha Ricota, nunca me incomodei de saber que a amava, pois já terás ouvido, Sancho, que poucas vezes ou nenhuma as mouriscas se misturam por amor com cristãos-velhos. Depois, pelo que sei, minha filha se interessava mais por religião que por amor: não se importaria com a corte desse morgado.

— Deus te ouça — replicou Sancho —, se não a coisa ficaria feia para os dois. Mas me deixa partir, meu amigo Ricote, pois quero chegar esta noite onde está meu senhor dom Quixote.

— Deus te acompanhe, Sancho, meu irmão. Meus companheiros já começaram a se mexer, é hora de prosseguirmos nosso caminho também.

Então os dois se abraçaram, Sancho montou em seu burro e Ricote se apoiou em seu cajado, e se separaram.

lv

de coisas acontecidas a sancho na estrada, e outras que só vendo

Por ter se detido com Ricote, Sancho não conseguiu chegar naquele dia ao castelo do duque, embora tenha chegado a meia légua dele, onde o alcançou a noite, um tanto escura e fechada. Mas, como era verão, não se preocupou muito e se afastou da estrada com a intenção de esperar pela manhã. Quis porém sua pouca e miserável sorte que ele e o burro, enquanto procuravam um lugar onde melhor se acomodar, caíssem num fosso profundo e escuríssimo que havia entre uns edifícios em ruínas — durante a queda, Sancho se encomendou a Deus de todo coração, pensando que não iria parar antes de atingir as profundezas do inferno. Mas não foi o que aconteceu, porque dali a uns cinco ou seis metros o burro achou o fundo e Sancho, montado nele, não se quebrou nem sofreu ferimento algum.

Apalpou o corpo todo e segurou a respiração, para ver se estava bem ou esburacado em algum lugar. Vendo-se bem, inteiro e com uma saúde de ferro, não se fartava de dar graças a Deus Nosso Senhor pela mercê recebida, porque havia pensado que sem dúvida se arrebentaria em mil pedaços. Apalpou também as paredes do fosso, para ver se era possível sair dele sem ajuda de ninguém, mas eram todas lisas, sem apoio algum, o que Sancho muito lamentou, principalmente quando ouviu que o burro gemia branda e dolorosamente. E não era de estranhar, nem gemia de manhoso — a verdade é que a situação dele não era nada boa.

— Ai, quantas coisas inimagináveis acontecem a cada passo aos que vivem neste mundo miserável! — disse então Sancho Pança. — Quem diria que o homem que ontem se viu entronizado governador de uma ilha, mandando em seus servos e vassalos, hoje haveria de se ver sepultado num fosso, sem pessoa alguma que olhe por ele, nem criado nem vassalo que venha em seu socorro? Aqui haveremos de perecer de fome, eu e meu jumento, se é que não morreremos antes, ele de ferido e quebrado, eu de desgosto. Duvido que eu seja tão sortudo como meu senhor dom Quixote de la Mancha quando desceu à caverna daquele encantado Montesinos, onde achou quem o recebesse melhor que em sua casa, parece-me que com mesa posta e cama feita. Ali ele teve belas e agradáveis visões, e eu, pelo jeito, aqui só verei sapos e cobras. Pobre de mim, no que deram minhas loucuras e fantasias! Daqui tirarão meus ossos, quando o céu quiser que me descubram, limpos, brancos e gastos, e com eles os de meu bom burro. Talvez assim percebam quem somos, pelo menos os que tiveram notícia de que Sancho Pança nunca se separou de seu burro, nem seu burro de Sancho Pança. Repito de novo: pobres de nós, que a pouca sorte não quis que morrêssemos entre os nossos, em nossa pátria, onde, se não encontrássemos remédio para nossa desgraça, não faltaria quem se condoesse de nós e nos fechasse os olhos no último instante! Oh, meu amigo e companheiro, mau pagamento te dei por teus bons serviços! Perdoa-me e pede à fortuna, da melhor forma que puderes, que nos tire deste miserável embaraço em que estamos metidos os dois, que prometo te pôr uma coroa de louros na cabeça, para que pareças um poeta laureado, e te dar uma porção dupla de ração.

Dessa maneira Sancho Pança se lamentava e seu jumento o escutava sem responder palavra alguma — tais eram o aperto e a angústia em que o coitado se achava. Por fim, tendo passado toda aquela noite em gemidos e queixas miseráveis, chegou o dia, que, com sua claridade e resplendor, mostrou a Sancho que estava fora de qualquer possibilidade sair daquele poço sem ser ajudado. Ele recomeçou a se lamentar e a gritar, para ver se alguém o ouvia, mas todos os seus brados se davam no deserto, pois por toda a

redondeza não havia uma única pessoa que o pudesse escutar. Deu-se por morto, então.

O burro estava de patas para cima, e Sancho Pança deu um jeito para que ficasse de pé, mas ele mal podia se aguentar. Tirando um pedaço de pão dos alforjes — que também tinham corrido a mesma péssima sorte —, deu-o ao jumento, que não o achou ruim. Daí Sancho lhe disse, como se o entendesse:

— Lágrimas com pão, passageiras são.

Nisso descobriu num lado do fosso um buraco por onde uma pessoa poderia passar, caso se curvasse e se encolhesse. Sancho Pança foi até lá e, agachando-se, entrou por ele e viu que dentro era largo e comprido; e conseguiu ver porque, pelo que se podia chamar de teto, entrava um raio de sol que revelava tudo. Viu também que se alargava e se comunicava com outra concavidade espaçosa. Depois de ver isso, voltou a sair para onde estava o jumento e, com uma pedra, começou a desmoronar a terra do buraco, de modo que em pouco tempo abriu espaço por onde pudesse entrar o burro com facilidade, como realmente o fez. Assim, pegando o bicho pelo cabresto, começou a caminhar por aquela gruta, para ver se achava alguma saída em outro lugar. Às vezes ia às escuras e às vezes sem luz, mas nunca sem medo.

"Valha-me Deus Todo-Poderoso", dizia a si mesmo. "Esta, que para mim é uma desventura, para meu amo dom Quixote teria sido uma aventura. Ele sim encararia estas profundezas e masmorras como jardins esplêndidos e palácios de Galiana,[1] e esperaria sair desta escuridão e aperto para algum campo florido. Mas eu, sem sorte, sem quem me aconselhe e com a coragem abalada, a cada passo penso que debaixo dos pés de repente vai se abrir outro poço mais profundo que o outro, que acabará por me tragar. Bem bom é o mal que vem sozinho."

Entretido dessa maneira com esses pensamentos, teve a impressão de que teria caminhado pouco mais de meia légua quando divisou uma claridade confusa, que lhe pareceu a luz do dia que entrava por algum lugar e indicava ter um fim aberto aquele, para ele, caminho para a outra vida.

Aqui o deixa Cide Hamete Benengeli e volta a tratar de dom Quixote, que alvoroçado e alegre esperava o prazo da batalha que havia de travar com o ladrão da honra da filha de dona Rodríguez, a quem pensava reparar a injúria e difamação que malvadamente lhe tinham feito.

Aconteceu que, saindo uma manhã para se exercitar e treinar no que havia de fazer no aperto em que pensava se encontrar no dia seguinte, dando uma arrancada ou arremetida com Rocinante, o cavalo quase enfiou as patas numa caverna — se dom Quixote não tivesse puxado fortemente as rédeas, teria sido impossível não cair nela. Por fim o deteve e não caiu. Aproximando-se mais um pouco, sem apear, olhou aquela abertura e dali a pouco ouviu grandes brados lá no fundo. Escutando atentamente, conseguiu entender que se dizia:

— Ei, aí de cima! Há algum cristão que me escute ou algum cavaleiro caritativo que se condoa de um pecador enterrado em vida, de um miserável governador desgovernado?

Dom Quixote achou que ouvia a voz de Sancho Pança, o que o deixou pasmo e assustado, e disse, levantando a voz tudo o que pôde:

— Quem está aí embaixo? Quem se queixa?

— Quem pode estar aqui ou quem há de se queixar — responderam —, senão o perseguido Sancho Pança, governador (por seus pecados e por sua má sorte) da ilha Logratária, antigo escudeiro do famoso cavaleiro dom Quixote de la Mancha?

Ouvindo isso, a surpresa de dom Quixote dobrou e redobrou seu pasmo, vindo-lhe ao pensamento que Sancho Pança devia estar morto e que ali estava sua alma penada. Levado por essa imaginação, disse:

— Esconjuro-te por tudo aquilo que posso te esconjurar como bom católico que me digas quem és. Se és alma penada, diz-me o que queres que faça por ti, pois, se é minha profissão favorecer e socorrer os necessitados deste mundo, também serei capaz de socorrer e ajudar os necessitados do outro mundo, que não podem ajudar a si mesmos.

— Falando dessa maneira — responderam —, vossa mercê deve ser meu senhor dom Quixote de la Mancha, e pelo timbre da voz sem dúvida não é outro.

— Sou dom Quixote, aquele que jurou defender e ajudar os vivos e os mortos em suas necessidades — replicou dom Quixote. — Por isso me diz quem és, pois me deixaste perplexo. Porque se és meu escudeiro Sancho Pança e morreste, mas o diabo não te carregou, e pela misericórdia de Deus estejas no purgatório, nossa santa madre Igreja Católica Romana tem meios suficientes para te tirar da pena em que estás, e eu, de minha parte, junto com ela, encomendarei todas as missas e preces que minhas posses permitirem. Então, mostra-te de uma vez e diz-me quem és.

— Juro por Deus e pelo nascimento de quem vossa mercê quiser, senhor dom Quixote de la Mancha, que sou seu escudeiro Sancho Pança e que nunca morri em todos os dias de minha vida — responderam. — Mas, tendo deixado minha ilha por coisas e causas que precisam de mais tempo para contar, ontem à noite caí neste buraco onde me encontro com meu burro, que não me deixará mentir, pois, para seu governo, ele está aqui ao meu lado.

O melhor de tudo é que o jumento pareceu entender o que Sancho disse, porque na mesma hora começou a zurrar com tanta força que a caverna toda retumbava.

— Belo testemunho! — disse dom Quixote. — Conheço esse zurro como se o tivesse parido e ouço muito bem tua voz, meu amigo Sancho. Espera-me: irei ao castelo do duque, que fica perto daqui, e trarei quem o tire desta caverna, onde teus pecados devem ter te levado.

— Vá vossa mercê — disse Sancho — e volte logo, pelo Deus único, pois já não me aguento mais estar aqui sepultado em vida e morrendo de medo.

Dom Quixote o deixou e foi ao castelo contar aos duques o que tinha acontecido com Sancho Pança, do que não se maravilharam pouco, embora tenham compreendido que devia ter caído na outra entrada daquela caverna que estava ali desde tempos imemoriais; mas não podiam imaginar como havia deixado o governo sem terem sido avisados de sua vinda. Por fim levaram cordas e maromas,

como se diz,[2] e à custa de muita gente e muito trabalho tiraram o burro e Sancho Pança daquelas trevas para a luz do sol. Um estudante que viu tudo disse:

— Dessa maneira deviam sair de seus governos todos os maus governadores, como sai este pecador das profundezas do abismo: morto de fome, pálido e sem dinheiro, pelo que me parece.

Sancho ouviu o rapaz e disse:

— Faz oito ou dez dias, seu mexeriqueiro, que entrei no governo da ilha que me deram e lá não me vi farto de pão nem por uma hora. Lá fui perseguido por médicos e tive os ossos moídos por inimigos, mas nenhuma chance de fazer tretas nem cobrar gorjetas. Assim sendo, eu não mereceria, em minha opinião, sair dessa maneira. Mas o homem põe e Deus dispõe, e Deus sabe o que é melhor para cada um, e se dança conforme a música, e ninguém nunca diga "desta água não beberei", pois não se pode contar com o ovo no cu da galinha. Mas basta: Deus me entende, e não digo mais nada, mesmo que pudesse.

— Não te zangues, Sancho, nem te preocupes com o que ouvires, ou isso não vai acabar nunca. Vem com tua consciência tranquila, e digam o que quiserem, pois, tu sabes, querer atar a língua dos maledicentes é o mesmo que botar rédeas ao vento. Se o governador sai rico de seu governo, dizem que ele foi ladrão, e, se sai pobre, que foi parvo e mentecapto.

— Com certeza, dessa vez vão me considerar mais bobo que ladrão — respondeu Sancho.

Em conversas como essa, rodeados de meninos e de muitas outras pessoas, chegaram ao castelo, onde numa varanda já estavam o duque e a duquesa esperando dom Quixote e Sancho. Mas Sancho não quis subir para ver o duque sem antes instalar o burro na estrebaria, porque, dizia, ele tinha passado uma péssima noite naquele alojamento. Por fim foi ver seus senhores, diante dos quais se ajoelhou e disse:

— Eu, meus senhores, porque assim o quis vossa grandeza, sem nenhum merecimento meu, fui governar vossa ilha Logratária, onde entrei nu e de onde saí nu: nada ganhei e nada perdi. Se governei bem ou mal, tenho testemunhas, que dirão o que quiserem. Aclarei

dúvidas, julguei pleitos, mas sempre morto de fome, porque assim o quis o doutor Pedro Recio, natural de Tirteafuera, médico insular e governamental. Fomos atacados à noite por inimigos, pondo-nos em grande perigo, mas dizem os da ilha que saíram livres e vitoriosos pelo valor de meu braço. Que Deus os proteja tanto quanto dizem a verdade.

“Em suma, nesse tempo eu avaliei as cargas e obrigações que governar traz consigo e por minha própria conta concluí que meus ombros não poderão carregá-las, nem são peso para minhas costelas, nem flechas de minha aljava. Assim, antes que o governo acabasse comigo, eu resolvi acabar com o governo, e ontem pela manhã deixei a ilha como a encontrei: com as mesmas ruas, casas e telhados que tinha quando entrei nela. Não fiz empréstimos nem lucrei nada; e, embora tenha pensado fazer alguns decretos proveitosos, não fiz nenhum, com medo de que não fossem acatados, que assim dá no mesmo fazê-los ou não fazê-los. Saí da ilha, como disse, sem outra companhia que a de meu burro; caí num buraco, vim por ele até que esta manhã, com a luz do sol, topei com a saída, mas não foi nada fácil, pois, se o céu não me deparasse com meu senhor dom Quixote, ficaria ali até o fim do mundo.

“De modo que, meus caros duque e duquesa, aqui está vosso governador Sancho Pança, que, em apenas dez dias de governo, descobriu que nada dará para ser governador, não digo de uma ilha, mas de todo o mundo. Por isso, beijando os pés de vossas mercês, imito a brincadeira dos meninos que dizem ‘Salta fora que agora é minha vez’, dou um salto do governo e passo ao serviço de meu senhor dom Quixote, pois nele, embora eu coma o pão entre sobressaltos, pelo menos não passo fome, e para mim, desde que eu esteja satisfeito, tanto se me dá que seja de cenouras ou de perdizes.”

Com isso Sancho acabou seu longo discurso. Dom Quixote, sempre com medo de que ele dissesse milhares de disparates, quando o viu terminar com tão poucos, deu graças ao céu no fundo de seu coração. O duque abraçou Sancho e disse a ele que lhe pesava a alma saber que tinha deixado tão rápido o governo, mas que daria um jeito para lhe dar em seus domínios outro ofício mais

lucrativo e com responsabilidades menores. A duquesa também o abraçou e deu ordens para que o tratassem bem, porque dava sinais de vir de mal a pior.

lvi

da descomunal e nunca vista batalha travada entre dom quixote de la mancha e o lacaio tosilos na defesa da filha da ama dona rodríguez

Os duques não ficaram arrependidos da peça que pregaram em Sancho Pança, dando-lhe o governo, tanto mais que naquele dia veio seu administrador e lhes contou tintim por tintim quase todas as palavras e ações ditas e feitas por Sancho naqueles dias. No fim, exaltou o ataque à ilha, o medo de Sancho e sua saída, narração que eles ouviram com grande prazer.

Depois disso, conta a história que chegou o dia marcado da batalha. Tendo o duque advertido muitas e muitas vezes a seu lacaio Tosilos como devia se comportar com dom Quixote para vencê-lo sem o matar ou feri-lo, ordenou que se tirassem as pontas de ferro das lanças, dizendo a dom Quixote que o sentimento cristão que ele tanto prezava não permitia que aquele duelo corresse com tanto risco e perigo das vidas deles, e que se contentasse que lhe dava campo livre em sua terra, porque ia contra o decreto do Santo Concílio de Trento, que proíbe tais desafios, e não quisesse levar ao extremo combate tão cruento. Dom Quixote disse que sua excelência dispusesse as coisas daquele negócio como mais lhe conviesse, que ele obedeceria em tudo.

Chegado então o dia assustador, e tendo mandado o duque que diante do pátio do castelo se fizesse um tablado espaçoso onde pudessem ficar os juízes da peleja e as amas demandantes, mãe e filha, haviam acudido de todas as vilas e aldeias da vizinhança

inúmeras pessoas para ver a novidade daquela batalha, pois nem os que ainda viviam nem os que já tinham morrido haviam visto jamais outra igual nem ouvido falar.

O primeiro que entrou no campo demarcado por estacas foi o mestre de cerimônias, que o examinou e o percorreu todo, para que não houvesse nenhuma armadilha nele, nem alguma coisa onde se pudesse tropeçar e cair. Depois entraram as amas e se sentaram em seus lugares, cobertas com os mantos até os olhos, ou mesmo até os seios, com mostras de estarem muito emocionadas. Dali a pouco, depois de dom Quixote chegar ao cercado, surgiu na outra ponta do pátio o grande lacaio Tosilos, acompanhado por uma fanfarra de trombetas, sobre um cavalo poderoso, que ensurdeceu tudo — vinha com a viseira baixada, todo teso em sua armadura forte e reluzente. O cavalo, via-se, era da Frísia — um tordilho grande, com uma arroba de lã pendendo de cada pata.[1]

O valoroso combatente vinha bem avisado pelo duque, seu senhor, de como devia se portar com o valoroso dom Quixote de la Mancha: de maneira nenhuma devia feri-lo, mas procurar fugir ao primeiro embate, para evitar o perigo de sua morte que, tinha certeza, ocorreria se o atingisse em cheio. Percorreu o pátio e, chegando aonde as amas estavam, ficou olhando um pouco aquela que o pedia por esposo. O mestre de cerimônias chamou dom Quixote, que já havia se apresentado, e junto com Tosilos falou às amas, perguntando-lhes se consentiam que dom Quixote saísse em sua defesa. Elas disseram que sim e que consideravam bem-feito, sólido e verdadeiro tudo o que fizesse naquele caso.

Nesse momento, o duque e a duquesa já estavam numa tribuna que dava sobre o pátio, toda ela atopetada de inúmeras pessoas que esperavam assistir à inigualável e renhida batalha. Foi estabelecido que, se dom Quixote vencesse, seu adversário teria de se casar com a filha de dona Rodríguez, mas se dom Quixote fosse vencido, seu adversário ficava livre da palavra empenhada, sem dar mais satisfação alguma.

O mestre de cerimônias mandou que os dois ocupassem suas posições de modo que nenhum deles fosse prejudicado pelo sol. Os tambores soaram, o ar se encheu do som das trombetas, a terra

tremia embaixo dos pés, os corações da turba presente estavam suspensos, uns temendo e outros esperando a boa ou a má conclusão daquele caso. Por fim, dom Quixote, encomendando-se de todo o coração a Deus Nosso Senhor e à senhora Dulcineia del Toboso, aguardou que lhe dessem o sinal para o ataque; enquanto isso, nosso lacaio tinha pensamentos diferentes: ele não pensava a não ser no que agora direi.

Parece que, quando esteve contemplando sua inimiga, ele achou que era a mais formosa mulher que tinha visto em toda a sua vida, e o menino ceguinho a quem chamam habitualmente de “Amor” por essas ruas não quis perder a chance que lhe era oferecida de triunfar sobre uma alma de lacaio e botá-la na lista de seus troféus. Assim, aproximando-se suavemente dele, sem que ninguém o viesse, cravou no lado esquerdo do pobre rapaz uma flecha de quase dois metros e lhe trespassou o coração de um lado a outro — e pôde fazer isso com toda a segurança, porque o Amor é invisível e entra e sai onde quer, sem que ninguém lhe peça contas de seus feitos.

Digo então que, quando deram o sinal para a arremetida, nosso lacaio estava enlevado, pensando na formosura daquela que se tornara senhora de sua liberdade. Assim, não prestou atenção ao som da trombeta, como fez dom Quixote, que partiu contra seu inimigo, mal a ouviu, correndo a toda a velocidade que Rocinante podia. E, vendo-o atacar, seu bom escudeiro Sancho disse, em grandes brados:

— Deus te guie, nata e flor dos cavaleiros andantes! Deus te dê a vitória, pois a razão está ao teu lado!

E, mesmo que Tosilos tenha visto dom Quixote vir contra ele, não saiu um passo de sua posição; pelo contrário, em grandes brados chamou o mestre de campo e lhe disse, quando ele veio ver o que queria:

— Senhor, não se trava esta batalha para que eu me case ou não me case com aquela senhora?

— Isso mesmo — foi a resposta.

— Olhe, senhor, minha consciência me preocupa — disse o lacaio —, e eu poria um grande peso nela se continuasse com esta

batalha; então, declaro que me dou por vencido e que quero me casar em seguida com aquela senhora.

O mestre de campo ficou admirado com as palavras de Tosilos e, como era um dos que conhecia a tramoia daquele caso, não soube o que responder. Dom Quixote se deteve na metade de seu galope, vendo que seu inimigo não o atacava. O duque não sabia por que a batalha não seguia adiante, mas o mestre de campo foi lhe informar o que Tosilos dizia, o que o deixou surpreso e colérico ao extremo.

Enquanto isso, Tosilos se aproximou de onde estava dona Rodríguez e disse em grandes brados:

— Eu, senhora, quero me casar com vossa filha e não quero alcançar por pleitos nem contendas o que posso alcançar pela paz e sem perigo de morrer.

O valoroso dom Quixote ouviu isso e disse:

— Assim sendo, fico livre e solto de minha promessa; casem-se em boa hora: se Deus Nosso Senhor a deu, que são Pedro a abençoe.

O duque havia descido ao pátio do castelo e, aproximando-se de Tosilos, lhe disse:

— É verdade, cavaleiro, que vos dais por vencido e que, instigado por vossa consciência pesada, quereis vos casar com esta donzela?

— Sim, senhor — respondeu Tosilos.

— Ele faz muito bem — Sancho Pança disse nessa altura. — Dá ao gato o que ias dar ao rato e evitarás preocupações.

Tosilos ia desprendendo o elmo e rogava que o ajudassem de uma vez, porque ia lhe faltando a respiração e não podia mais continuar trancado tanto tempo no aperto daquela armadura. Tiraram rápido o elmo dele — e ficou descoberto e patente seu rosto de lacaio. Vendo-o, dona Rodríguez e sua filha disseram, aos gritos:

— Isso é trapaça, isso é trapaça! Puseram Tosilos, o lacaio do duque, meu senhor, no lugar de meu verdadeiro esposo! Por Deus e pelo rei, queremos justiça para tanta malícia, para não dizer velhacaria!

— Não vos preocupeis, senhoras — disse dom Quixote —, pois não se trata nem de malícia nem de velhacaria. Agora, se o for, não se deve ao duque, mas aos magos perversos que me perseguem,

os quais, invejosos de que eu alcançasse a glória dessa vitória, transformaram o rosto de vosso esposo no deste que dizeis ser o lacaio do duque. Ouvi meu conselho e, apesar da malícia de meus inimigos, casai-vos com este rapaz, que sem dúvida é o mesmo que desejais ter por esposo.

O duque, ao ouvir isso, esteve para arrebentar em riso toda a sua cólera, mas disse:

— São tão extraordinárias as coisas que acontecem ao senhor dom Quixote que estou para crer que este meu lacaio não é ele mesmo. Mas usemos de um ardil: vamos adiar esse casamento por uns quinze dias e manter preso este personagem que nos deixou em dúvida. Pode ser que nesse meio-tempo volte a sua antiga aparência, pois não deve durar tanto o rancor que os magos têm pelo senhor dom Quixote, ainda mais lucrando tão pouco com esses embustes e transformações.

— Ora, senhor — disse Sancho —, esses canalhas têm o costume e a mania de transformar umas coisas em outras, quando se referem a meu amo. Um cavaleiro que venceu dias atrás, chamado Cavaleiro dos Espelhos, foi transformado na figura do bacharel Sansão Carrasco, natural de nosso povoado e grande amigo nosso, e minha senhora Dulcineia del Toboso foi transformada numa camponesa bronca. Então eu imagino que este lacaio haverá de viver e morrer lacaio todos os dias de sua vida.

A isso a filha de Rodríguez disse:

— Seja este quem for que me pede por esposa, eu agradeço a ele, pois prefiro ser a mulher legítima de um lacaio que a inimiga e a enganada de um cavaleiro, embora aquele que me enganou não o seja.

Em resumo, o resultado de todos esses ditos e feitos foi que Tosilos ficou preso para se ver em que dava sua transformação; todos aclamaram a vitória de dom Quixote, mas muitos ficaram tristes e melancólicos porque os tão esperados combatentes não tinham se feito em pedaços, assim como os rapazes ficam tristes quando é suspenso o enforcamento porque ou a parte ofendida ou a justiça perdoou o condenado. As pessoas foram embora, o duque e dom Quixote voltaram para o castelo, prenderam Tosilos, dona

Rodríguez e sua filha ficaram muito contentes de ver que de um jeito ou de outro aquele caso ia acabar em casamento, e Tosilos não esperava menos.

lvii

que trata de como dom quixote se despediu do duque e do que aconteceu com a aia da duquesa, a sagaz e descarada altisidora

Dom Quixote achou que já era hora de sair de tanta ociosidade como a que vivia naquele castelo, porque imaginava ser grande a falta que sua pessoa fazia ao se deixar recluso e preguiçoso entre os inumeráveis confortos e deleites que aqueles senhores prodigalizavam a ele como cavaleiro andante, e pensava que teria de prestar contas minuciosas ao céu sobre essa reclusão e preguiça. Assim, um dia pediu licença aos duques para partir. Eles a deram com mostras de que lhes pesava muito que os deixasse. Então a duquesa entregou a Sancho Pança as cartas de sua mulher; ele chorou sobre elas e disse:

— Quem pensaria que esperanças tão grandes como as que geraram no peito de minha mulher Teresa Pança as notícias de meu governo haveriam de acabar assim, eu voltando agora às miseráveis aventuras de meu amo dom Quixote de la Mancha? Apesar de tudo, alegro-me de ver que minha Teresa se comportou como devia enviando as bolotas à duquesa, pois, se não as tivesse enviado, se mostraria mal-agradecida, e eu teria ficado pesaroso. O que me consola é que esse presente não pode ser chamado de suborno, porque eu já tinha o governo quando ela o enviou e está certo que os que recebem algum benefício, mesmo que seja uma ninharia, se mostrem agradecidos. Enfim, entrei nu no governo e nu saí dele, de modo que poderei dizer com a consciência tranquila, o

que não é pouco: “Nu nasci, nu me encontro: nada perdi nem ganhei”.

Isso Sancho falava a si mesmo no dia da partida. Naquela manhã, depois de ter se despedido dos duques na noite anterior, dom Quixote se apresentou de armadura no pátio do castelo. Todas as pessoas olhavam-no das varandas, e os duques também saíram para vê-lo. Sancho montava seu burro, com seus alforjes, bagagens e provisões, contentíssimo porque o administrador do duque, aquele que tinha sido a Trifaldi, havia lhe dado um saquinho com duzentos escudos de ouro para suprir as necessidades da viagem, coisa que dom Quixote ainda não sabia.

Como se disse, estavam todos olhando o cavaleiro, quando de repente entre as outras amas e aias da duquesa elevou a voz a sagaz e descarada Altisidora, dizendo em tom queixoso:

— *Escuta, mau cavaleiro,*
segura um pouco as rédeas,
não esporeia as ilhargas
de bicho tão mal montado.

Olha, falso, que não foges
de alguma serpente feroz
mas de uma cordeirinha
que está longe de ser ovelha.

Tu enganaste, monstro horrendo,
a mais formosa donzela
que Diana viu em seus serros,
que Vênus olhou em suas selvas.

Cruel Vireno,[1] fugitivo Eneias,
Barrabás te carregue aos quintos do inferno.

Tu levas, que impiedade!,
nas garras de tuas mãos,

as entranhas de uma humilde,
tão apaixonada quanto terna.

Levaste três toucas de dormir
e umas ligas de umas pernas
que ao mármore de Paros se igualam:
lisas, brancas e negras.

Levaste dois mil suspiros,
que poderiam, se de fogo fossem,
queimar duas mil Troias,
se duas mil Troias houvesse.

Cruel Vireno, fugitivo Eneias,
Barrabás te carregue aos quintos do inferno.

De Sancho, teu escudeiro,
espero entranhas tão tenazes
e tão duras que não livrem
Dulcineia do encantamento.

Da culpa que tu tens
a triste carregue a pena,
que justos por pecadores
às vezes pagam em minha terra.

Tuas mais belas aventuras
em desventuras se transformem,
em sonhos teus prazeres,
tuas promessas em esquecimento.

Cruel Vireno, fugitivo Eneias,
Barrabás te carregue aos quintos do inferno.

Sejas tido por falso
de Sevilha a Marchena,
de Granada até Loja,[2]
de Londres à Inglaterra.

Se jogares pife,
ou bisca ou buraco,
os reis fujam de ti,
nem ases nem setes vejas.

Se cortares os calos,
sangue tuas feridas vertam,
e fiquem as raízes
se arrancares os dentes.

Cruel Vireno, fugitivo Eneias,
Barrabás te carregue aos quintos do inferno.[a]

Enquanto assim se queixava a maltratada Altisidora, dom Quixote ficou olhando-a. Depois, sem responder uma palavra, virou o rosto para Sancho e disse:

— Pela salvação de teus antepassados, meu caro Sancho, te imploro que me digas a verdade: por acaso levas as três toucas e as ligas de que fala esta donzela apaixonada?

Ao que Sancho respondeu:

— As três toucas, sim, levo, mas as ligas nem em sonhos.

A duquesa ficou admirada com a desfaçatez de Altisidora, porque, mesmo considerando-a atrevida, engraçada e travessa, não achava que pudesse chegar a tamanha desenvoltura; e, como não tinha sido avisada dessa brincadeira, ficou mais surpresa ainda. O duque quis reforçar a graça de tudo e disse:

— Não me parece bem, senhor cavaleiro, que havendo recebido neste meu castelo o bom acolhimento que vos foi dispensado, tenhais tido a audácia de levar pelo menos três toucas, se é que não levastes as ligas de minha aia: são indícios de um mau coração e mostras de um comportamento que não corresponde a vossa fama.

Devolvei as ligas a ela; se não, eu vos desafio a uma batalha mortal, sem receio de que magos canalhas me transformem ou mudem meu rosto, como fizeram com Tosilos, meu lacaio, que travou combate convosco.

— Não queira Deus que eu desembainhe minha espada contra vossa ilustríssima pessoa, de quem tantas mercês recebi — respondeu dom Quixote. — Devolverei as toucas, porque diz Sancho que as tem; quanto às ligas, é impossível, porque nem eu as recebi nem ele tampouco; e se esta vossa aia quiser olhar seus esconderijos, com certeza as achará. Eu, senhor duque, jamais fui ladrão, nem o penso ser em toda a minha vida, com a graça de Deus. Esta aia, como ela mesma diz, fala como uma apaixonada, coisa de que não tenho culpa, de modo que não tenho de pedir perdão nem a ela nem a vossa excelência, a quem suplico me tenha em melhor opinião e me dê de novo licença para seguir meu caminho.

— Caminho, espero, que Deus torne tão bom, senhor dom Quixote — disse a duquesa —, que sempre ouçamos boas-novas de vossas façanhas. E andai com Deus, pois, quanto mais vos detendes, mais aumentais o fogo no peito das donzelas que vos olham; quanto à minha, vou castigá-la de modo que daqui por diante não se passe nem com a vista nem com as palavras.

— Só mais uma quero que me escutes, valoroso dom Quixote! — disse então Altisidora. — Peço-te perdão pelo furto das ligas, porque, por Deus e por minha alma, eu as estou usando. Caí no mesmo descuido daquele pastor de burros que esqueceu de contar o que montava.

— Eu não disse? — disse Sancho. — Ora se eu tenho cara de encobrir furtos! Se eu fosse mão leve, meu governo teria me servido como uma luva!

Dom Quixote abaixou a cabeça numa reverência aos duques e a todos os presentes e, virando as rédeas de Rocinante, seguido de Sancho no burro, saiu do castelo e tomou o caminho para Zaragoza.

a — *Escucha, mal caballero,/ detén un poco las riendas,/ no fatigues las ijadas/ de tu mal regida bestia.// Mira, falso, que no huyes/ de alguna serpiente fiera,/ sino de una corderilla/ que está muy lejos de oveja.// Tú has burlado, monstruo horrendo,/ la más hermosa doncella/ que Dïana vio en sus montes,/ que Venus miró en sus selvas.//* Cruel Vireno, fugitivo Eneas,/ Barrabás te acompañe, allá te avengas.// *Tú llevas, ¡llevar impío!,/ en las garras de tus cerras/ las entrañas de una humilde,/ como enamorada, tierna.// Llévaste tres tocadores/ y unas ligas de unas piernas/ que al mármol paro se igualan/ en lisas, blancas y negras.// Llévaste dos mil suspiros,/ que a ser de fuego pudieran/ abrasar a dos mil Troyas,/ si dos mil Troyas hubiera.//* Cruel Vireno, fugitivo Eneas,/ Barrabás te acompañe, allá te avengas.// *De ese Sancho tu escudero/ las entrañas sean tan tercas/ y tan duras, que no salga/ de su encanto Dulcinea.// De la culpa que tú tienes/ lleve la triste la pena,/ que justos por pecadores/ tal vez pagan en mi tierra.// Tus más finas aventuras/ en desventuras se vuelvan,/ en sueños tus pasatiempos,/ en olvidos tus firmezas.//* Cruel Vireno, fugitivo Eneas,/ Barrabás te acompañe, allá te avengas.// *Seas tenido por falso/ desde Sevilla a Marchena,/ desde Granada hasta Loja,/ de Londres a Ingalaterra.// Si jugares al reinado,/ los cientos o la primera,/ los reyes huyan de ti,/ ases ni sietes no veas.// Si te cortares los callos,/ sangre las heridas viertan,/ y quédente los raigones,/ si te sacares las muelas.//* Cruel Vireno, fugitivo Eneas,/ Barrabás te acompañe, allá te avengas.

lviii

que trata de como choveram tantas aventuras sobre dom quixote que umas não davam descanso às outras

Quando dom Quixote se viu em campo aberto, livre e desembaraçado dos agrados de Altisidora, pensou que estava em seu elemento e que seu ânimo se renovava para prosseguir no negócio da cavalaria. Virando-se para Sancho, disse:

— A liberdade, Sancho, é um dos mais preciosos dons que os céus deram aos homens; não podem se comparar com ela os tesouros que a terra abriga nem o mar esconde; pela liberdade, assim como pela honra, se pode e se deve arriscar a vida. O cativeiro, pelo contrário, é o maior mal que pode ocorrer aos homens. Digo isso, Sancho, porque viste muito bem o conforto e a abundância que tivemos nesse castelo que deixamos; pois em meio àqueles banquetes deliciosos e àquelas bebidas geladas como neve me parecia que estava entalado nas misérias da fome, porque não os desfrutava com a liberdade que desfrutaria se fossem meus: as obrigações pelas recompensas, pelos benefícios e mercês recebidos são ataduras que não deixam o espírito campear livre. Feliz daquele a quem o céu deu um pedaço de pão sem que tenha a obrigação de agradecê-lo a outro que não ao próprio céu.

— Apesar do que vossa mercê me disse, não fica bem que fique sem agradecimento de nossa parte duzentos escudos de ouro que o administrador do duque me deu num saquinho — disse Sancho. — Como um unguento fortificante, eu levo esse saquinho sobre o coração, para o que der e vier, pois nem sempre haveremos de

achar castelos onde nos recebam bem, e talvez topemos com algumas estalagens onde nos desanquem.

Em conversas como essas e outras semelhantes, iam os andantes, cavaleiro e escudeiro, quando viram, tendo andado pouco mais de uma légua, que sobre a grama de um campinho verde, sobre suas capas, estavam comendo uns doze homens vestidos de camponeses. Perto tinham como que uns lençóis brancos que cobriam alguma coisa; estavam tesos e estendidos de tanto em tanto pelo terreno. Dom Quixote se aproximou dos comensais e, depois de cumprimentá-los cortesmente, perguntou o que aqueles lençóis cobriam. Um deles lhe respondeu:

— Senhor, embaixo desses lençóis estão umas imagens entalhadas em madeira que vão servir num retábulo que fazemos em nossa aldeia; nós as levamos cobertas para que não percam o lustre, e nos ombros, para que não se quebrem.

— Se permitirdes — respondeu dom Quixote —, gostaria de vê-las, pois imagens levadas com tanto cuidado devem ser boas sem dúvida.

— E como são! — disse outro. — Que o diga o preço: na verdade não há nenhuma que não custe menos que cinquenta ducados. Para que vossa mercê veja que não minto, espere e olhe com seus próprios olhos.

E, levantando-se, deixou de comer e foi tirar a cobertura da primeira imagem, que revelou ser a de são Jorge a cavalo, com a lança cravada na boca de uma serpente enroscada a seus pés, com a ferocidade com que se costuma pintar. Toda a imagem parecia uma brasa de ouro, como se diz. Vendo-a, dom Quixote disse:

— Este cavaleiro foi um dos melhores andantes que teve a milícia divina: chamou-se dom são Jorge. Além do mais, foi defensor de donzelas. Vamos ver esta outra.

O homem a descobriu: viu-se que era de são Martim também a cavalo, que dividia a capa com o pobre.[1] Mal a tinha visto, dom Quixote disse:

— Este cavaleiro também foi dos aventureiros cristãos, e acho que foi mais generoso que valente, como podes ver aí, Sancho,

rasgando a capa para dar a metade ao pobre. Sem dúvida devia ser inverno então, do contrário ele a teria dado toda, tão caritativo era.

— Não deve ter sido por isso — disse Sancho —, mas porque se ateve ao ditado que diz: para dar e para ter, muito siso se deve ter.

Dom Quixote riu e pediu que tirassem outro lençol, que revelou a imagem do padroeiro das Espanhas a cavalo, a espada ensanguentada, atropelando mouros e pisoteando cabeças. Vendo-a, dom Quixote disse:

— Este sim é cavaleiro, e das esquadras de Cristo: ele se chama dom são Diego Mata-Mouros, um dos mais valentes santos e cavaleiros que o mundo teve e agora tem o céu.

Logo levantaram outro lençol que revelou encobrir são Paulo caindo do cavalo, com todos os detalhes com que costumam descrever sua conversão no caminho de Damasco. Quando o viu, tão real que poderia se dizer que Cristo falava e Paulo respondia, disse:

— Este foi o maior inimigo que a Igreja de Deus Nosso Senhor teve em seu tempo e o maior defensor que ela jamais terá: cavaleiro andante em vida e pacato santo a pé na morte, trabalhador incansável nas vinhas do Senhor, doutor dos gentios,[2] a quem serviram de escolas os céus e de catedrático e mestre o próprio Jesus Cristo.[3]

Não havia mais imagens, assim dom Quixote mandou que as cobrissem de novo e disse aos que as levavam:

— Considero um bom presságio, meus irmãos, ter visto o que vi, porque esses santos e cavaleiros professaram o que eu professo, que é o exercício das armas. A diferença que há entre mim e eles é que eles foram santos e lutaram pelo divino e eu sou pecador e luto pelo humano. Eles conquistaram o céu com a força de seus braços, porque o céu suporta a violência,[4] e eu até agora não sei o que conquisto à força de minhas penas. Mas, se minha Dulcineia del Toboso escapasse das que padece, melhorando minha sorte e clareando meu espírito, poderia ser que meus passos se encaminhassem por melhor caminho do que trilho.

— Deus o ouça e o diabo seja surdo — disse Sancho nessa altura.

Os homens se admiraram tanto da figura como das palavras de dom Quixote, sem entender a metade do que elas queriam dizer. Terminaram de comer, pegaram suas imagens e, despedindo-se de dom Quixote, seguiram sua viagem.

Como se jamais tivesse visto seu senhor, Sancho ficou surpreso de novo com o que ele sabia, pensando que não devia haver história nem acontecimento no mundo que não tivesse cravado na memória e conhecesse como a palma da mão, e lhe disse:

— Na verdade, senhor nosso amo, se isto que houve hoje pode se chamar de aventura, ela foi uma das mais suaves e doces que nos aconteceu em todo o curso de nossa peregrinação: saímos dela sem pauladas e sem susto algum, nem empunhamos espadas, nem batemos a terra com os corpos, nem passamos fome. Bendito seja Deus, que me deixou ver isso com meus próprios olhos.

— Falas muito bem, Sancho — disse dom Quixote —, mas deves notar que nem todos os tempos são iguais, nem correm da mesma forma. E isso que o povo costuma chamar comumente de presságio, que não se funda sobre razão natural alguma, deve ser encarado e julgado como bons acontecimentos por quem é sensato. Um desses supersticiosos se levanta de manhã, sai de casa, topa com um frade da ordem do bem-aventurado são Francisco e, como se tivesse se encontrado com um grifo, vira as costas e volta para casa. Outro derrama sal na mesa, e em seu coração se derrama a melancolia, como se a natureza estivesse obrigada a dar pistas das desgraças vindouras com coisas tão triviais como essas. O cristão sensato não deve andar pisando em ovos com o que o céu quer fazer. Chega Cipião à África, tropeça ao saltar em terra, seus soldados tendo isso como mau agouro, mas ele, abraçando o chão, disse: “Não poderás me fugir, África, porque a tenho segura entre meus braços”. Para mim então, Sancho, ter encontrado essas imagens foi um acontecimento muito feliz.

— Eu também acredito — respondeu Sancho. — Mas agora queria que vossa mercê me dissesse por que os espanhóis, quando querem entrar numa batalha, gritam invocando aquele são Diego Mata-Mouros: “Santiago, e cerra, Espanha!”. Por acaso a Espanha está aberta e precisa ser fechada, ou que diabos é isso?

— És um tolo chapado, Sancho: cerrar é travar combate — respondeu dom Quixote. — Olha, Deus deu esse grande cavaleiro da cruz vermelha por padroeiro e amparo à Espanha, especialmente nos duros combates que os espanhóis travaram com os mouros. Então ele é invocado e chamado como defensor em todas as batalhas, na hora do ataque, e muitas vezes ele foi visto claramente nelas derrubando, atropelando, destruindo e matando os esquadrões muçulmanos. Sobre esse fato eu poderia te dar muitos exemplos que se contam nas histórias espanholas verídicas.

Mudando de assunto, Sancho disse a seu amo:

— Estou abismado, senhor, com o descaramento de Altisidora, a aia da duquesa: deve ter sido ferida violentamente pelo menino que chamam de "Amor", um que dizem que é ceguinho, por ser muito remelento ou, digamos melhor, sem vista. Mas, quando toma um coração por alvo, por menor que seja, ele o acerta e atravessa de fora a fora. Ouvi dizer também que as flechas amorosas perdem a ponta ou se embotam na timidez e no recato das donzelas, mas nessa Altisidora mais parece que se aguçam que se embotam.

— Repara, Sancho — disse dom Quixote —, que o amor não acata o respeito nem guarda os limites da razão em seu caminho, e tem a mesma índole da morte, que tanto ataca os altos palácios dos reis como as humildes choças dos pastores, e, quando toma posse total de uma alma, a primeira coisa que faz é tirar o temor e o recato dela. Assim, sem eles, Altisidora declarou seus desejos, que geraram em meu peito antes confusão que pena.

— Que tremenda crueldade! — disse Sancho. — Que ingratidão pavorosa! Eu garanto que, se fosse comigo, eu me renderia e me submeteria à menor palavra amorosa dela. Fiadaputa, que coração de mármore, que entranhas de bronze, que alma de argamassa! Mas não consigo imaginar o que é que essa donzela viu em vossa mercê que a deixasse tão dominada e submissa: que graça, que brio, que garbo, que rosto? Foi cada uma dessas coisas por si ou todas juntas que a fizeram se apaixonar? Porque a verdade verdadeira é que muitas vezes me paro a olhar vossa mercê da ponta do pé até o último fio de cabelo da cabeça e vejo muito mais coisas para espantar que para apaixonar. E como também ouvi dizer

que a formosura é a primeira e a principal coisa que apaixona, não tendo vossa mercê nenhuma, não sei de que a pobre se apaixonou.

— Repara, Sancho — respondeu dom Quixote —, que há duas maneiras de formosura: uma da alma e outra do corpo. A da alma se mostra e brilha pela inteligência, pela honestidade, pelo bom comportamento, pela generosidade e a boa educação, e todas essas qualidades cabem e podem estar num homem feio, e quando se tem em vista esta formosura e não a do corpo, o amor costuma nascer com ímpeto e com vantagens. Sei muito bem que não sou formoso, Sancho, mas também sei que não sou disforme, e basta a um homem de bem não ser um monstro para ser amado, desde que tenha os dotes da alma que mencionei.

Distraídos nessas alegações e outras conversas, foram entrando por um mato que havia ao lado da estrada, e de repente, sem se dar conta, dom Quixote se achou embaraçado entre umas redes de fio verde que estavam estendidas entre umas árvores e outras; e, sem poder imaginar o que poderia ser aquilo, disse a Sancho:

— Olha, Sancho, parece-me que estas redes devem nos levar a uma das mais estranhas aventuras que se possa imaginar. Que me matem se os magos que me perseguem não querem me enredar nelas e cortar meu caminho, como vingança pelo rigor com que tratei Altisidora. Pois garanto a eles que mesmo que estas redes, feitas de fios verdes, fossem de diamantes duríssimos ou mais fortes que aquela com que o deus ciumento dos ferreiros enredou Vênus e Marte, eu as romperia como se fossem de juncos marinhos ou de fibras de algodão.

Repentinamente, quando quis seguir adiante e arrebentar tudo, surgiram a sua frente duas formosas pastoras, que saíram de entre umas árvores. Pelo menos estavam vestidas como pastoras, embora os abrigos e as saias não fossem de peles, mas de fino brocado, digo, as saias eram de tafetá com fios de ouro. Traziam os cabelos soltos nas costas, tão dourados que podiam competir com os raios do próprio sol, coroados com duas grinaldas de louros verdes trançados com amaranto vermelho. A idade, pelo visto, não era menos que quinze nem mais que dezoito.

Essa visão pasmou Sancho, surpreendeu dom Quixote, fez o sol parar em sua corrida para ver as donzelas e deixou todos os quatro num silêncio extraordinário. Por fim, quem primeiro falou foi uma das duas pastoras, que disse a dom Quixote:

— Detende o passo, senhor cavaleiro, e não rompais as redes, pois estão estendidas aí não para vos prejudicar mas para nosso passatempo. Como sei que haveis de nos perguntar para que foram postas e quem somos, quero vos dizer em rápidas palavras. Numa aldeia que fica a umas duas léguas daqui, onde há muita gente importante e muitos fidalgos e ricos, vários amigos e parentes combinaram que seus filhos, mulheres e filhas, vizinhos, amigos e parentes viéssemos nos divertir neste lugar, que é um dos mais agradáveis de toda esta região, criando assim uma nova e pastoril Arcádia, nós donzelas nos vestindo de pastoras e os rapazes de pastores. Estudamos duas églogas, uma do famoso poeta Garcilaso, e outra do excelentíssimo Camões em sua própria língua portuguesa, que até agora não representamos. Ontem foi o primeiro dia que chegamos aqui; temos amarradas nesses galhos algumas tendas, que, dizem, se chamam "de campanha", na margem de um riacho caudaloso que rega todos esses campos; a noite passada armamos essas redes nessas árvores para enganar os passarinhos ingênuos, que, acossados por nosso barulho, vieram dar nela. Se vos agradar, senhor, ser nosso hóspede, sereis recebido generosa e cortesmente, porque por ora não deve entrar neste lugar nem a aflição nem a melancolia.

Ela se calou e se manteve em silêncio. Dom Quixote respondeu:

— Sem dúvida, formosíssima senhora, Acteon não deve ter ficado mais surpreso nem admirado quando inesperadamente viu Diana banhar-se nas águas, como eu fiquei perplexo ao ver vossa beleza. Louvo o assunto de vossa diversão e agradeço vosso oferecimento, e se puder vos servir, com a certeza de serem obedecidas, podeis me ordenar o que quiserdes, porque não é outra minha profissão que me mostrar agradecido e benfeitor com todo tipo de gente, em especial de gente distinta como vossas pessoas aparentam ser. E se essas redes, que devem ocupar um pequeno espaço, ocupassem toda a esfericidade da terra, eu buscaria novos mundos

para passar sem rasgá-las; e para que deis algum crédito a esse meu exagero, vede que quem vos promete é nada menos que dom Quixote de la Mancha, se é que há chegado a vossos ouvidos esse nome.

— Ai, amiga de minha alma — disse então a outra pastora —, que ventura tão grande nos aconteceu! Vês este senhor que aí está? Pois saibas que é o mais valente, o mais apaixonado e o mais cortês que há no mundo, se é que uma história de suas façanhas que foi impressa e eu li não mente e não nos engana. Eu aposto que este bom homem que vem com ele é um tal Sancho Pança, seu escudeiro, a cujas graças não há uma que se possa comparar.

— É verdade, eu sou esse escudeiro engraçado que vossa mercê diz — disse Sancho —, e este senhor é meu amo, o próprio dom Quixote de la Mancha, aludido e pintado nesse livro.

— Ai! — disse a outra. — Supliquemos, amiga, para que ele fique, pois nossos pais e nossos irmãos gostarão imenso disso. Também ouvi falar da coragem de um e das graças do outro o mesmo que tu falaste, e, mais que tudo, dizem do cavaleiro que é o mais inabalável e fiel apaixonado que se conhece, e que sua dama é uma tal Dulcineia del Toboso, a quem em toda a Espanha dão a palma da formosura.

— Com razão a dão — disse dom Quixote —, se agora não a põe em dúvida vossa beleza sem igual. Não vos canseis, senhoras, em deter-me, porque as obrigações precisas de minha profissão não me permitem repousar em parte alguma.

Nisso chegou ao lugar onde os quatro estavam um irmão de uma das pastoras, vestido também de pastor com riqueza e elegância semelhantes às delas; contaram a ele que a pessoa que estava ali era o valoroso dom Quixote de la Mancha, e o outro, seu escudeiro Sancho, de quem ele já tinha notícia por ter lido sua história. O garboso pastor ofereceu seus serviços a dom Quixote e lhe pediu que viesse com ele às suas tendas. Dom Quixote teve de concordar e, assim, o acompanhou. Nisso, chegaram os batedores e as redes se encheram de passarinhos que, enganados pela cor dos fios, caíram no perigo de que fugiam. Reuniram-se naquele lugar mais de trinta pessoas, todas vestidas elegantemente de pastores e

pastoras, e num instante foram inteiradas de que ali estavam dom Quixote e seu escudeiro, notícia que receberam com não pouco prazer, porque já os conheciam por suas histórias. Foram para as tendas, encontraram as mesas postas, ricas, abundantes e limpas; honraram dom Quixote dando a ele o lugar mais importante nelas; todos o olhavam e todos se admiravam de vê-lo. Por fim, tiradas as mesas, com grande calma dom Quixote elevou a voz e disse:

— Entre os maiores pecados que os homens cometem, embora alguns digam que é a soberba, eu afirmo que é a ingratidão, baseando-me no que se costuma dizer: o inferno está cheio de ingratos. Procurei fugir desse pecado, na medida do possível, desde o instante em que tive uso da razão, e, quando não posso pagar as boas ações que me fazem com outras ações, ponho no lugar delas o desejo de fazê-las, e quando este não basta, eu as anuncio, porque quem conta e apregoa as boas ações que lhe fizeram, também as recompensaria com outras, se pudesse; porque, na maior parte das vezes, os que as recebem são inferiores aos que as fizeram, e assim é Deus acima de todos, porque é doador por excelência, e os homens não podem retribuir as dádivas de Deus em pé de igualdade, pela infinita distância, e a gratidão de certo modo supre essa limitação e insignificância. Então eu, agradecido à mercê que aqui me fizeram, não podendo retribuir na mesma medida, contendo-me nos estreitos limites de minha capacidade, ofereço o que posso e o que tenho ao meu alcance: digo que sustentarei com as armas, por dois dias, de sol a sol, no meio da estrada real que vai a Zaragoza, que estas donzelas disfarçadas de pastoras que aqui estão são as mais formosas e corteses que há no mundo, excetuando apenas a sem-par Dulcineia del Toboso, única senhora de meus pensamentos, o que afirmo sem ofensa às damas e aos cavaleiros que me escutam.

Ouvindo isso, Sancho, que o tinha escutado com grande atenção, com um bom brado disse:

— É possível que haja no mundo pessoas que se atrevam a dizer e a jurar que este meu senhor é louco? Digam vossas mercês, senhores pastores: há padre de aldeia, por mais estudioso e sábio que seja, que possa falar o que meu amo falou? E há cavaleiro

andante, por mais fama que tenha de valente, que possa oferecer o que meu amo ofereceu aqui?

Dom Quixote se virou para Sancho e, com o rosto inflamado e colérico, disse:

— É possível, meu caro Sancho, que haja em todo o orbe alguma pessoa que diga que não és um tolo, forrado de tolice, com reforços de malícia e velhacaria? Quem manda te meter em minhas coisas e averiguar se sou sábio ou imbecil? Cala-te e não me respondas; vai encilhar Rocinante, se já não estiver encilhado: vamos botar em prática minha promessa. E, como a razão está do meu lado, podes dar por vencidos a todos quantos quiserem negá-la.

E com grande fúria e mostras de desgosto se levantou da cadeira, deixando os presentes pasmos, em dúvida se podiam considerá-lo louco ou sensato. Por fim — mesmo tendo-o esclarecido de que não era necessário se ater àquele compromisso, pois eles reconheciam sua boa vontade e não precisavam de novas demonstrações para conhecer seu espírito corajoso, porque bastavam as que se referiam na história de suas façanhas —, dom Quixote levou adiante sua intenção e, montado em Rocinante, com o escudo no braço e empunhando a lança, se pôs no meio da estrada real que não ficava longe daquele campo verde. Sancho o seguiu em seu burro, com todas as pessoas do grupo pastoril, ansiosas para ver no que ia dar sua arrogante e inaudita promessa.

Então, parado no meio da estrada, como se disse, dom Quixote feriu o ar com as seguintes palavras:

— Oh, vós, viajantes e transeuntes, cavaleiros, escudeiros, gente a pé ou a cavalo que passais por esta estrada ou haveis de passar nesses dois próximos dias, sabei que dom Quixote de la Mancha, cavaleiro andante, está aqui para defender que a todas as formosuras e cortesias do mundo excedem as que se encerram nas ninfas moradoras destes campos e matas, deixando à parte a senhora de minha alma Dulcineia del Toboso. Por isso, que venha aquele que for de opinião contrária, que aqui o espero.

Repetiu duas vezes essas mesmas palavras e duas vezes não foram ouvidas por nenhum desafiante. Mas a sorte, que ia encaminhando suas coisas cada vez melhor, ordenou que dali a

pouco se avistasse pelo caminho uma multidão de homens a cavalo, e muitos deles com lanças nas mãos, galopando todos apinhados, em desordem e com grande pressa. Quando mal os tinham visto, os que estavam com dom Quixote, virando as costas, se afastaram para bem longe da estrada, porque perceberam que, se esperassem, podia lhes acontecer algum perigo: apenas dom Quixote, com coração intrépido, ficou quieto, e Sancho Pança se escudou com as ancas de Rocinante.

O tropel de lanceiros chegou, e um deles, que vinha mais à frente, começou a dizer a dom Quixote em altos brados:

— Sai do caminho, homem do diabo, que estes touros te farão em pedaços!

— Ei, seu canalha! — respondeu dom Quixote. — Eu lá me importo com touros, mesmo que sejam os mais bravos que o Jarama cria em suas margens?! Confessai, patifes: é tudo verdade o que anunciei aqui! E na hora, senão travareis batalha comigo.

O vaqueiro não teve chance de responder, nem dom Quixote a teve de se desviar, mesmo que quisesse — o tropel dos touros selvagens e dos mansos que os guiavam, com a multidão de vaqueiros e outras pessoas que os levavam para encerrar numa aldeia em que no dia seguinte haveria tourada, passaram por cima de dom Quixote e de Sancho, de Rocinante e do burro, atirando todos no chão, rolando. Sancho ficou moído, dom Quixote espantado, o burro machucado e Rocinante, não muito católico. Mas por fim todos se levantaram, e dom Quixote às pressas, tropeçando aqui e caindo ali, começou a correr atrás da tropa, dizendo aos gritos:

— Parai e esperai, corja de patifes! Um só cavaleiro vos desafia, um cavaleiro que não é da espécie nem da opinião dos que dizem que se deve fazer uma ponte de prata para o inimigo que foge!

Mas nem assim os apressados vaqueiros pararam, nem fizeram mais caso de suas ameaças que das nuvens de antigamente. Dom Quixote foi detido pelo cansaço e, mais irritado que vingado, se sentou na estrada, esperando que Sancho, Rocinante e o burro se aproximassem. Quando eles chegaram, amo e criado montaram e,

sem se despedir de novo da Arcádia de imitação ou fingida, e com mais vergonha que gosto, seguiram seu caminho.

lix

onde se conta um caso extraordinário, que pode se considerar aventura, que aconteceu a dom quixote

Da poeira e do cansaço que dom Quixote e Sancho ganharam da destemperança dos touros, socorreu-os uma fonte clara e limpa que acharam em meio a um arvoredo agradável. Sentaram-se na margem dela os maltratados amo e criado, deixando livres o burro e Rocinante, sem freio ou cabresto. Sancho acudiu às provisões de seus alforjes e pegou o que costumava chamar de boia; dom Quixote enxaguou a boca, lavou o rosto e então, com esse refrigério, seu espírito desalentado recobrou o ânimo. Mas dom Quixote não comia, por simples amargura, nem Sancho ousava tocar na comida que tinha diante de si, por simples polidez, e esperava que seu senhor desse a largada; vendo porém que, levado por seus devaneios, não se lembrava de levar o pão à boca, não abriu a sua e, atropelando todas as boas maneiras, começou a forrar o estômago de pão e queijo.

— Come, amigo Sancho — disse dom Quixote —, mantém a vida, que te importa mais que a mim, e me deixa morrer nas mãos de meus pensamentos e pelas forças de minhas desgraças. Eu nasci para viver morrendo, Sancho, e tu para morrer comendo. Para que vejas que te digo a verdade, considera meu caso: impresso em livros, famoso nas armas, cortês em minhas ações, respeitado por príncipes, cortejado por donzelas; mas, no fim das contas, quando esperava palmas, triunfos e coroas, conquistados e merecidos por minhas intrépidas façanhas, nesta manhã me vi pisoteado,

humilhado e moído pelas patas de animais vis e imundos. Essa consideração me embota os dentes, paralisa-me os molares, tolhe-me as mãos e me tira de todo a vontade de comer, de modo que penso me deixar morrer de fome, a mais cruel de todas as mortes.

— Então — disse Sancho, sem deixar de mastigar apressado —, vossa mercê não aprova aquele ditado que diz: “Morra Marta, mas morra farta”. Eu pelo menos não penso em me matar. Pelo contrário, penso fazer como o sapateiro, que estica o couro com os dentes até que o faz chegar aonde quer: vou esticar minha vida comendo até chegar ao fim que o céu tiver determinado. E saiba, senhor, que não há maior loucura que essa que leva a querer se suicidar como vossa mercê, e siga meu conselho: depois de comer, durma um pouco no colchão verde desta grama e verá, quando acordar, como vai se sentir mais aliviado.

Assim fez dom Quixote, achando que as alegações de Sancho eram mais de filósofo que de mentecapto, e lhe disse:

— Se tu, meu caro Sancho, quiseres fazer por mim o que vou te dizer agora, minhas aflições não seriam tão grandes e meu alívio seria mais certo. Olha, enquanto eu durmo, obedecendo aos teus conselhos, quem sabe tu te afastas um pouco daqui, deixas teu lombo ao ar livre e, com as rédeas de Rocinante, te dás uns trezentos ou quatrocentos açoites por conta dos três mil e tantos que deves dar pelo desencantamento de Dulcineia? Pois é um infortúnio nada pequeno que aquela pobre senhora esteja encantada por causa de teu descuido e negligência.

— Há muito que dizer sobre isso — disse Sancho. — Agora vamos dormir nós dois, e depois será o que Deus quiser. Saiba vossa mercê que isso de um homem se açoitar a sangue-frio é coisa bem desagradável, ainda mais se os açoites caem sobre um corpo malcuidado e pior alimentado. Tenha paciência minha senhora Dulcineia, porque, quando menos esperar, me verá feito um farrapo de tanto açoite. E se há vida, há esperança; quero dizer, enquanto eu estiver vivo, tenho esperança de cumprir o que prometi.

Dom Quixote agradeceu e comeu pouco, mas Sancho comeu muito; depois ambos trataram de dormir, deixando em total liberdade e a seu bel-prazer os dois inseparáveis amigos e companheiros,

Rocinante e o burro, pastando a grama abundante daquele campo. Acordaram um tanto tarde, montaram de novo e seguiram seu caminho, apressando-se para chegar a uma estalagem que se avistava dali a talvez uma légua. Digo que era estalagem porque dom Quixote a chamou assim, ao contrário do costume que tinha de chamar as estalagens de castelos.

Quando chegaram, perguntaram ao hospedeiro se havia vaga; ele respondeu que sim, com todo o conforto e comodidade que poderia se encontrar em Zaragoza. Apearam, e Sancho guardou suas provisões num aposento de que o hospedeiro tinha dado a chave, depois levou os animais à estrebaria, deu a ração deles e saiu para ver o que dom Quixote, que estava sentado num banco de pedra perto da porta, lhe ordenava, dando graças particulares ao céu por seu amo não ter confundido a estalagem com um castelo.

Chegando a hora do jantar, recolheram-se ao quarto; Sancho perguntou ao hospedeiro o que havia para comer e ele respondeu que sua boca seria a medida — assim sendo, pedisse o que quisesse, porque a estalagem estava provida de tudo: passarinhos do ar, aves da terra e peixes do mar.

— Não precisa tanto — respondeu Sancho —, pois com uns dois frangos assados teremos o suficiente, porque meu senhor é delicado e come pouco, e eu não sou esganado demais.

O hospedeiro respondeu que não tinha frangos, porque os falcões tinham acabado com eles.

— Então, senhor hospedeiro — disse Sancho —, mande assar uma franga bem macia.

— Franga? Minha nossa! — respondeu o hospedeiro. — Para dizer a verdade, ontem mesmo enviei mais de cinquenta à cidade para vender. Mas, fora frangas, vossa mercê pode pedir o que quiser.

— Então — disse Sancho — deve ter vitela ou cabrito.

— Por ora estamos em falta — respondeu o hospedeiro —, porque acabaram, mas na semana que vem haverá de sobra.

— Estamos bem arrumados! — respondeu Sancho. — Mas aposto que todas essas faltas vão se tornar sobras de ovos e toucinho.

— Por Deus — respondeu o hospedeiro —, que senso de humor tem meu hóspede! Pois se lhe disse que não tenho frangas nem galinhas, como quer que tenha ovos?! Se quiser, peça qualquer outro petisco, mas não me venha com iguarias!

— Com os diabos, acabemos com isso! — disse Sancho. — Diga-me logo o que tem e deixe de conversa fiada, meu senhor.

O hospedeiro disse:

— O que eu tenho para valer mesmo são duas patas de vaca que parecem mãos de vitela, ou duas mãos de vitela que parecem patas de vaca; foram cozidas com grãos-de-bico, cebola e toucinho, e agora estão lá dizendo: "Comei-me, comei-me!".

— Estão no papo — disse Sancho. — Ninguém toque nelas, que pagarei mais que qualquer um, pois eu não poderia esperar nada de que gosto mais, e para mim tanto faz que sejam mãos ou patas.

— Ninguém as tocará — disse o hospedeiro —, porque meus outros hóspedes, de tão importantes, trazem consigo cozinheiro, despenseiro e mantimentos.

— Importante por importante — disse Sancho —, nenhum é mais que meu amo; mas o ofício dele não permite despensas nem adegas: nós nos estendemos no meio do campo e nos fartamos de bolotas ou nêsperas.

Essa foi toda a conversa que Sancho teve com o dono da estalagem, porque Sancho não quis seguir adiante e responder a ele, que já havia perguntado que ofício ou que profissão era o de seu amo.

Enfim chegou a hora de jantar. Dom Quixote se recolheu ao seu quarto e — quando o hospedeiro trouxe a panela, do jeito que estava — se sentou muito compenetrado para comer. Mas então parece que ouviu dizer no quarto ao lado, separado apenas por um tabique fino:

— Por vossa vida, senhor dom Jerônimo, enquanto não nos trazem o jantar, vamos ler outro capítulo da segunda parte de *Dom Quixote de la Mancha*.[1]

Apenas ouviu seu nome, dom Quixote se pôs de pé e, com os ouvidos alertas, escutou o que diziam dele; o tal dom Jerônimo respondeu:

— A troco de que quer vossa mercê, senhor dom Juan, que leiamos esses disparates? Não é possível que ninguém que tenha lido a primeira parte da história de dom Quixote de la Mancha possa ter prazer em ler essa segunda.

— Mesmo assim — disse dom Juan —, vale a pena lê-la, pois não há livro tão ruim que não tenha alguma coisa boa. O que mais me desagrada neste é que pinta dom Quixote já desapaixonado de Dulcineia del Toboso.

Ouvindo isso, dom Quixote, cheio de raiva e de despeito, ergueu a voz e disse:

— Eu farei entender, com armas iguais, que anda muito longe da verdade qualquer um que disser que dom Quixote de la Mancha esqueceu ou pode esquecer Dulcineia del Toboso; porque a sem-par Dulcineia del Toboso nem pode ser esquecida nem esquecimento pode caber em dom Quixote: sua divisa é a constância e sua profissão, mantê-la com suavidade e sem ressalvas.

— Quem é que nos responde? — responderam do outro quarto.

— Quem pode ser — respondeu Sancho — senão o próprio dom Quixote de la Mancha? Ele sustentará tudo o que disse e também o que disser, pois a bom pagador as penhoras não doem.

Mal Sancho disse isso, entraram pela porta do quarto dois cavaleiros — pois é o que pareciam —, e um deles, abraçando dom Quixote pelo pescoço, disse:

— Nem vossa aparência pode desmentir vosso nome, nem vosso nome deixa de confirmar vossa aparência: sem dúvida, senhor, sois o verdadeiro dom Quixote de la Mancha, norte e farol da cavalaria andante, apesar e a despeito desse que quis usurpar vosso nome e aniquilar vossas façanhas, como o fez o autor deste livro que aqui vos entrego.

E pôs nas mãos dele um livro que seu companheiro trazia; dom Quixote o segurou e, sem responder uma palavra, começou a folheá-lo, e dali a pouco se virou, dizendo:

— No pouco que vi, achei três coisas neste autor dignas de censura. A primeira são algumas palavras que li no prólogo; outra é a linguagem aragonesa, porque escreve sem artigos; e a terceira, a

que mais confirma sua ignorância, é que erra e se afasta da verdade numa coisa importante da história, porque aqui diz que a mulher de Sancho Pança, meu escudeiro, se chama Mari Gutiérrez, e ela não se chama assim, mas Teresa Pança.[2] Se ele erra em parte tão importante, pode-se temer que erre em todas as outras da história.

A isso, Sancho disse:

— Que boa bisca esse historiador! Com certeza ele deve saber tudo de nossas aventuras, pois chama minha mulher Teresa Pança de Mari Gutiérrez! Pegue o livro de novo, senhor, e olhe se eu ando por aí e se me mudaram o nome.

— Pelo que ouvi dizer, meu amigo — disse dom Jerônimo —, sem dúvida deveis ser Sancho Pança, o escudeiro do senhor dom Quixote.

— Sou eu mesmo — respondeu Sancho —, do que muito me orgulho.

— Para dizer a verdade — disse o cavaleiro —, esse novo autor não vos trata com a decência que se nota em vossa pessoa: pinta-vos como esganado, tolo e um tanto ganancioso, e muito diferente do Sancho que se descreve na primeira parte da história de vosso amo.

— Que Deus o perdoe — disse Sancho. — Devia ter me deixado em meu canto, sem se lembrar de mim, porque quem pode pode, quem não pode se sacode, e cada macaco no seu galho.

Os dois cavaleiros pediram a dom Quixote que passasse a seu quarto, para jantar com eles, porque sabiam muito bem que naquela estalagem não havia coisas dignas de sua pessoa. Dom Quixote, sempre cortês, aceitou o convite e jantou com eles. Com poder de vida e morte sobre a panela, Sancho sentou-se à cabeceira da mesa, e com ele o hospedeiro, que não menos que Sancho era um grande admirador de mãos ou patas.

Durante o jantar, dom Juan perguntou a dom Quixote que notícias tinha da senhora Dulcineia del Toboso: se havia se casado, se tinha parido ou se estava grávida ou se, estando ainda donzela, se lembrava das intenções amorosas do senhor dom Quixote, sem deixar de lado seus pudores e bom decoro. Ao que ele respondeu:

— Dulcineia ainda é donzela e minhas intenções, mais firmes que nunca; nossa correspondência, escassa como sempre; sua formosura, transformada numa vil camponesa.

Em seguida foi contando tintim por tintim o encantamento da senhora Dulcineia e o que lhe acontecera na caverna de Montesinos, com a ordem que o sábio Merlin havia lhe dado para desencantá-la, que foi a dos açoites de Sancho.

Foi extremo o prazer com que os dois cavaleiros ouviram dom Quixote contar as estranhas peripécias de sua história, e ficaram pasmos tanto por seus disparates como pelo modo elegante com que os contava. Num instante o consideravam ajuizado e noutro, mentecapto, sem saber determinar em que ponto ficava entre a sensatez e a loucura.

Sancho acabou de jantar e, deixando o hospedeiro encharcado de vinho, foi para o quarto onde estava seu amo. Ao entrar, disse:

— Que me matem, senhores, se o autor desse livro que vossas mercês têm não quer ficar mal comigo: já que me chama de comilão, como disseram, gostaria que ao menos não me chamasse também de beberrão.

— Chama, sim — disse dom Jerônimo —, mas não me lembro bem de que jeito. Agora, sei que foi com palavras grosseiras, além de mentirosas, pelo que posso ver na fisionomia do bom Sancho, aqui presente.

— Vossas mercês podem crer — disse Sancho — que o Sancho e o dom Quixote dessa história não devem ser os mesmos que andam naquela escrita por Cide Hamete Benengeli, que somos nós: meu amo, valente, sábio e apaixonado, e eu, um tolo engraçado, nem comilão nem beberrão.

— Acredito, sim — disse dom Juan. — Olhe, se fosse possível, devia-se mandar que ninguém tivesse a ousadia de tratar das coisas do grande dom Quixote, a não ser Cide Hamete, seu primeiro autor, como Alexandre mandou que ninguém tivesse a audácia de retratá-lo, exceto Apeles.

— Que me retrate quem quiser — disse dom Quixote —, mas não me maltrate, porque muitas vezes a paciência costuma acabar quando a sobrecarregam de injúrias.

— Nenhuma — disse dom Juan — pode ser feita ao senhor dom Quixote de que ele não possa se vingar, se não a detiver no escudo de sua paciência, que em minha opinião é grande e forte.

Em conversas assim se passou grande parte da noite, e, embora dom Juan quisesse que dom Quixote lesse mais um pouco o livro, para ver como se saía, não puderam convencê-lo. Ele disse que o dava por lido e o confirmava como completamente estúpido, sem falar que não queria que o autor, se por acaso lhe chegasse ao conhecimento que o havia tido em mãos, se alegrasse pensando que o tinha lido, pois o pensamento deve se afastar das coisas obscenas e obtusas, quanto mais os olhos.

Perguntaram a dom Quixote qual o destino de sua viagem. Respondeu que Zaragoza, para participar das justas do arnês, que costumam se fazer todos os anos. Dom Juan lhe disse que aquele livro novo contava como dom Quixote, fosse ele quem fosse, havia estado lá num torneio, num episódio sem imaginação, pobre de divisas, pobríssimo de trajes, mas rico de tolices.

— Por isso mesmo não porei os pés em Zaragoza — respondeu dom Quixote — e assim mostrarei ao mundo a mentira desse historiador moderno, e as pessoas poderão ver como eu não sou o dom Quixote de que ele fala.

— Faz muito bem — disse dom Juan. — Depois, há outras justas em Barcelona onde o senhor dom Quixote poderá mostrar seu valor.

— É o que penso fazer — disse dom Quixote. — Mas agora me deem licença vossas mercês, pois já é hora de ir para a cama, e me tenham na conta de um de seus maiores amigos e servidores.

— E a mim também — disse Sancho. — Talvez eu sirva para alguma coisa.

Com isso se despediram, e dom Quixote e Sancho se retiraram para seu quarto, deixando dom Juan e dom Jerônimo admirados com a mistura feita de sensatez e loucura, e acreditaram realmente que eles eram os verdadeiros dom Quixote e Sancho, e não os que o autor aragonês descrevia.

Dom Quixote madrugou e, dando batidas no tabique que o separava do outro quarto, se despediu de seus ocupantes. Sancho pagou magnificamente o hospedeiro e o aconselhou a elogiar

menos a despensa de seu estabelecimento ou a mantê-la mais farta.

lx

do que aconteceu a dom quixote a caminho de barcelona

Era fresca a manhã, dando sinais de que o dia também o seria, em que dom Quixote saiu da estalagem, informando-se primeiro qual era o caminho mais curto para Barcelona sem passar por Zaragoza — tamanho era o desejo que tinha de desmentir aquele historiador novo que, diziam, tanto o ofendia.

Em mais de seis dias não lhe aconteceu coisa alguma digna de nota, mas ao fim deles, saindo da estrada, a noite alcançou dom Quixote entre umas frondosas azinheiras ou sobreiros, pois nisso Cide Hamete não é tão minucioso como costuma ser em outras coisas.

Amo e criado desmontaram, acomodando-se entre os troncos das árvores. Sancho, que havia comido bem naquele dia, se deixou entrar de roldão pelas portas do sono. Mas dom Quixote, a quem suas fantasias deixavam muito mais insone que a fome, não conseguia pregar os olhos. Pelo contrário, em pensamento ia e vinha por mil lugares diferentes — num instante, parecia se encontrar na caverna de Montesinos, em seguida via pular e montar em sua mulinha a Dulcineia transformada em camponesa, depois lhe soavam nos ouvidos as palavras do sábio Merlin que lhe referiam as condições e diligências necessárias para o desencantamento da amada. Desesperava-se ao ver a preguiça e a falta de caridade de Sancho, seu escudeiro, pois achava que havia se aplicado apenas cinco açoites, número desproporcional e

pequeno para a infinidade que faltava. Isso o deixou tão aflito e irritado que fez este discurso:

— Se Alexandre Magno cortou o nó górdio, dizendo que "cortar vale tanto quanto desatar", e nem por isso deixou de ser o senhor universal de toda a Ásia, nem mais nem menos poderia acontecer agora no desencantamento de Dulcineia, se eu açoitasse Sancho mesmo contra a vontade dele. Se a condição desse reparo está em que Sancho receba os três mil e tantos açoites, que me importa que ele ou outro os dê? O essencial é que ele os receba, venham de onde vierem.

Com esse pensamento se aproximou de Sancho, tendo antes pegado as rédeas de Rocinante e as ajeitado de forma que pudesse açoitá-lo com elas. Começou então a soltar as tiras que sustentavam os calções — embora se acredite que não havia mais que uma laçada na frente —, mas, mal começara, Sancho acordou bem acordado e disse:

— O que é isso? Quem me toca e me desamarra?

— Sou eu — respondeu dom Quixote —, que venho suprir teus descuidos e remediar minhas penas: venho te açoitar, Sancho, e abater em parte a dívida que assumiste. Dulcineia perece, tu vives despreocupado, eu morro de desejo; então, baixa os calções por tua própria vontade, que a minha é te dar pelo menos dois mil açoites neste ermo.

— Isso não — disse Sancho. — Vossa mercê fique parado aí, senão, pelo Deus verdadeiro, até os surdos vão nos ouvir. Os açoites a que me obriguei devem ser voluntários, nunca à força, e agora não tenho vontade de me açoitar: basta que eu dê a vossa mercê minha palavra de me dar uma boa sova ou pelo menos uns tapas quando me der vontade.

— Não dá para deixar a tua boa vontade, Sancho — disse dom Quixote —, porque és duro de coração, mas, apesar de camponês, mole de carnes.

Enquanto isso, lutava para desamarrar as tiras. Mas então Sancho se levantou e, avançando contra seu amo, se agarrou nele num abraço de urso e, dando-lhe uma rasteira, deu com ele de costas no chão, botou-lhe o joelho direito sobre o peito e lhe segurou as mãos,

de modo que nem o deixava se mexer nem respirar. Dom Quixote dizia:

— Como, traidor?! Então te rebelas contra teu amo e senhor natural? Mordes a mão que dá teu pão?

— Não faço rei nem derrubo rei — respondeu Sancho —, apenas ajudo a mim mesmo, que sou meu senhor.[1] Vossa mercê me prometa que ficará quieto e não tentará me açoitar por ora, que eu o deixarei livre e desembaraçado. Do contrário,

aqui morrerás, traidor,
inimigo de dona Sancha.[2]

Dom Quixote prometeu, jurando pelo que havia de mais sagrado que não tocaria num fiapo de sua roupa e deixaria que se açoitasse quando quisesse, por sua livre e espontânea vontade.

Sancho se levantou e se afastou um bom tanto, indo se escorar em outra árvore. Sentiu então que lhe tocavam na cabeça e, levantando as mãos, topou com dois pés de gente, com sapatos e calças. Tremeu de medo e fugiu para outra árvore, mas lhe aconteceu a mesma coisa. Gritou chamando dom Quixote para que o socorresse. Assim fez dom Quixote e perguntou a ele o que havia acontecido e de que tinha medo. Sancho respondeu que todas aquelas árvores estavam cheias de pernas e de pés humanos. Dom Quixote saiu apalpando e logo se deu conta do que podia ser, e disse a Sancho:

— Não tens do que ter medo, porque estes pés e pernas que sentes mas não vês sem dúvida são de alguns foragidos e bandoleiros que foram enforcados nessas árvores. A justiça costuma enforcá-los por aqui, quando os pega, de vinte em vinte ou de trinta em trinta. Isso é sinal de que devo estar perto de Barcelona.

Era verdade o que ele havia pensado.

Na hora da partida, levantaram os olhos e viram os frutos daquelas árvores: cachos e cachos de bandoleiros. Já amanhecia, então, e, se os mortos os tinham assustado, não menos os preocuparam

mais de quarenta bandoleiros vivos que de repente os rodearam, dizendo-lhes em língua catalã que ficassem parados e calados, até que chegasse seu capitão.

Dom Quixote se encontrava a pé, o cavalo sem freio, a lança escorada numa árvore, enfim, sem defesa alguma, de modo que achou por bem cruzar os braços e inclinar a cabeça, à espera de uma melhor situação.

Os bandoleiros passaram o burro a pente-fino e não deixaram coisa alguma de quantas ele trazia nos alforjes e no resto da bagagem. Por sorte, Sancho tinha uma faixa cingida na cintura com os escudos do duque e os que trouxera de sua terra; mas, mesmo assim, aquela boa gente o teria limpado e examinado até o que houvesse escondido entre o couro e a carne se naquele momento não tivesse chegado seu capitão, que aparentava ter uns trinta e quatro anos, era forte, com estatura mais que mediana, olhar sério e pele morena. Vinha montado num cavalo poderoso, vestido com uma cota de aço e com quatro pistolas no cinto (conhecidas como pedernais naquela terra). Viu que seus escudeiros, que assim chamam os que andam naquele ofício, iam despojar Sancho Pança; ordenou que não o fizessem, e foi obedecido na hora, de modo que os ducados escaparam. Ele se admirou ao ver a lança escorada na árvore, o escudo no chão, e dom Quixote de armadura e pensativo, a mais triste e melancólica figura que a tristeza em pessoa poderia conceber. Aproximando-se dele, disse:

— Não ficai tão triste, bom homem, porque não caístes nas mãos de algum cruel Osíris, mas nas de Roque Guinart, que são mais compassivas que implacáveis.[3]

— Não estou triste — respondeu dom Quixote — por ter caído em teu poder, corajoso Roque, cuja fama não há na terra limites que a encerrem, mas por haver sido tamanho o meu descuido que teus soldados me pegaram de mãos abanando, quando sou obrigado, pela ordem da cavalaria andante que professo, a viver sempre alerta, sendo a qualquer hora sentinela de mim mesmo, porque te garanto, grande Roque, que, se tivessem me achado sobre meu cavalo, com minha lança e com meu escudo, não seria muito fácil

para eles me render, pois eu sou dom Quixote de la Mancha, aquele cujas façanhas retumbam por todo o orbe.

Roque Guinart percebeu logo que a doença de dom Quixote tinha mais a ver com loucura que com valentia. Embora tivesse ouvido falar dele algumas vezes, nunca considerara seus feitos verdadeiros, nem conseguira se convencer de que semelhante disposição reinasse no coração de um homem — por isso gostou muito de tê-lo encontrado para sentir de perto o que ouvira de longe, e então disse a ele:

— Valoroso cavaleiro, não vos indigneis nem tenhais por sina nefasta esta em que vos encontrais, pois poderia ser que nesses tropeços vossa sorte torta se endireitasse: pois o céu, por caminhos estranhos e inauditos, jamais imaginados pelos homens, costuma levantar os caídos e enriquecer os pobres.

Dom Quixote já ia agradecer quando ouviram um barulho às costas, como um tropel de cavalos; mas era apenas um, a todo galope, montado por um rapaz de uns vinte anos, pelo que se via, vestido de damasco verde, com alamares de ouro, calções e capa aberta, com chapéu de banda com plumas à valona, botas enceradas e justas, esporas, adaga e espada douradas, uma escopeta pequena nas mãos e duas pistolas no cinto. Ao ouvir o barulho, Roque virou a cabeça e viu essa formosa figura, que, aproximando-se dele, disse:

— Vinha a tua procura, valoroso Roque, para encontrar em ti, se não remédio, pelo menos alívio para minha desgraça. E, para não te deixar desnorteado, porque sei que não me reconheceste, quero te dizer quem sou: eu sou Cláudia Jerônima, filha de Simón Forte, teu amigo do peito e inimigo particular de Clauquel Torrellas, também teu inimigo, por pertencer a bando concorrente, e já sabes que esse Torrellas tem um filho que se chama dom Vicente Torrellas, ou pelo menos se chamava há duas horas. Então, para encurtar a história de minha desventura, em rápidas palavras te direi o que esse rapaz me causou: ele me viu, cortejou-me, escutei-o, apaixonei-me, às escondidas de meu pai, porque não há mulher, por mais recolhida que esteja e mais recatada que seja, a quem não sobre tempo para alcançar e cumprir seus desejos descabelados. Enfim, ele prometeu

ser meu esposo e eu dei a palavra de ser sua, mas sem irmos mais longe. Soube ontem que, esquecido do que me devia, se casava com outra, e que a cerimônia ia ser esta manhã, notícia que me obscureceu o entendimento e acabou com minha paciência. Como meu pai não está na vila, tive a oportunidade de me pôr no traje que vês e, apressando o passo do cavalo, alcancei dom Vicente perto de uma légua daqui e, sem perder tempo com queixas e desculpas, disparei contra ele esta escopeta e, de quebra, estas duas pistolas. Acho que lhe acertei mais de duas balas no corpo, abrindo portas por onde minha honra saísse coberta de sangue. Ali o deixei entre seus criados, que não ousaram nem puderam defendê-lo. Venho a tua procura para que me passes para a França, onde tenho parentes com quem posso viver, e te implorar também que defendas meu pai, para que os inúmeros parentes de dom Vicente não se atrevam a encetar uma vingança desmedida contra ele.

Roque, pasmo com a coragem, graça, bom porte e com a história da formosa Cláudia, disse:

— Vem, senhora, vamos ver se teu inimigo morreu e então veremos o que é melhor para ti.

Dom Quixote, que estava escutando atentamente o que Cláudia havia dito e o que Roque Guinart respondera, disse:

— Ninguém precisa se dar ao trabalho de defender esta senhora, pois eu me encarrego dela: devolvam meu cavalo e minhas armas e me esperem aqui, que eu irei buscar esse cavaleiro e o farei cumprir a palavra prometida a tamanha beleza, vivo ou morto.

— Não tenham dúvida — disse Sancho —, porque meu senhor tem mão muito boa como casamenteiro. Não faz muitos dias, obrigou a casar outro que também negava sua palavra a outra donzela; e, se não fosse porque os magos que o perseguem tivessem mudado a aparência do rapaz na de um lacaio, nessas alturas a donzela já teria deixado de sê-lo.

Roque, que dava mais atenção à história da formosa Cláudia que às palavras do amo e do criado, não as ouviu e, mandando seus escudeiros devolverem a Sancho tudo quanto haviam tirado do burro, disse também que se retirassem para onde haviam se alojado naquela noite e depois partiu às pressas com Cláudia em busca do

ferido ou morto dom Vicente. Eles chegaram ao lugar onde Cláudia o tinha encontrado e lá não acharam nada além de sangue fresco. Mas, espichando a vista para todos os lados, divisaram na subida de uma encosta umas pessoas e se convenceram de que deviam ser dom Vicente e seus criados, que o levavam vivo ou morto para tratar dele ou para enterrá-lo. Era verdade. Apressaram-se para alcançá-los, o que fizeram com facilidade, pois o cortejo ia devagar; encontraram dom Vicente nos braços de seus criados, a quem com voz cansada e fraca implorava que o deixassem morrer, porque a dor das feridas não consentia que aguentasse mais tempo.

Cláudia e Roque saltaram dos cavalos e se aproximaram. Os criados temeram a presença de Roque, e Cláudia se perturbou com a de dom Vicente. Então, entre severa e enternecida, achegou-se e disse, segurando as mãos dele:

— Se tivesses me dado estas mãos conforme nosso pacto, nunca te verias nestes apuros.

O cavaleiro ferido abriu os olhos semicerrados e, reconhecendo Cláudia, disse:

— Agora vejo, formosa e iludida senhora, que foste tu quem me matou, pena nem merecida nem necessária, pois jamais quis ou soube ofender-te, nem por atos nem por intenção.

— Então não é verdade — disse Cláudia — que esta manhã ias se casar com Leonora, a filha do rico Balvastro?

— Não, com certeza — respondeu dom Vicente. — Minha má sorte deve ter te levado essas notícias para que, ciumenta, me tirasses a vida. Mas, deixando-a em tuas mãos e em teus braços, considero meu destino venturoso. E, para te assegurar dessa verdade, aperta minha mão e me recebe por esposo, se quiseres, que não tenho satisfação maior que reparar a ofensa que pensas que te fiz.

Cláudia apertou a mão dele, e apertou-se o coração dela, de modo que ficou desmaiada sobre o sangue e o peito de dom Vicente, e ele foi tomado de um espasmo mortal. Roque estava confuso, não sabia o que fazer. Os criados correram a buscar água e borrifaram os rostos dos apaixonados. Cláudia voltou a si do desmaio, mas não dom Vicente de seu espasmo, porque a vida dele findou. Vendo

isso, e compreendendo que seu doce esposo não vivia mais, Cláudia rompeu os ares com gemidos, feriu os céus com queixas, maltratou seus cabelos, entregando-os ao vento, enfeou seu rosto com suas próprias mãos, com todas as mostras de dor e sentimento que se pode imaginar num coração ferido.

— Oh, mulher cruel e imprudente — dizia —, com que facilidade trataste de pôr em execução pensamento tão mau! Oh, força raivosa dos ciúmes, a que desenlace desesperado conduzis quem vos dá acolhida em seu peito! Oh, meu esposo, cujo destino desgraçado, por ser obra minha, te levou do leito à sepultura!

Essas queixas de Cláudia eram tão tristes que arrancaram lágrimas dos olhos de Roque, desacostumados de vertê-las em qualquer situação. Os criados choravam, Cláudia perdia os sentidos a cada instante, e aquele lugar todo parecia campo de tristeza e desgraça. Por fim, Roque Guinart ordenou aos criados de dom Vicente que levassem o corpo à vila de seu pai, que ficava perto dali, para que lhe dessem sepultura. Cláudia disse a Roque que queria ir a um mosteiro onde uma tia sua era abadessa, onde pensava terminar seus dias, acompanhada por outro esposo melhor e eterno. Roque elogiou sua boa decisão, oferecendo-se para acompanhá-la até onde quisesse e a defender seu pai dos parentes do morto e de todo mundo, se quisessem ofendê-lo. Cláudia não quis de modo algum sua companhia e, agradecendo suas ofertas com as melhores palavras que encontrou, se despediu dele chorando. Os criados levaram o corpo de dom Vicente, e Roque voltou para seus companheiros — e assim acabaram os amores de Cláudia Jerônima. Mas não é de estranhar, se a trama de sua lamentável história foi tecida pelas forças impiedosas e invencíveis dos ciúmes.

Roque Guinart encontrou seus escudeiros no lugar que ordenara, e dom Quixote entre eles, montado em Rocinante, fazendo uma preleção em que tentava persuadi-los a deixar aquele modo de viver tão perigoso para a alma como para o corpo. Mas, como quase todos eram gascões, gente rústica e desordeira, a conversa de dom Quixote não caía nada bem. Mal chegou, Roque perguntou a Sancho Pança se tinham lhe devolvido as joias e demais

preciosidades que os seus tinham tirado do burro. Sancho respondeu que sim, mas que faltavam três toucas que valiam três cidades.

— O que é que dizes, homem? — disse um dos presentes. — Eu as tenho e não valem três reais.

— É verdade — disse dom Quixote —, mas meu escudeiro gosta tanto delas por causa da pessoa que as deu a mim.

Roque Guinart mandou devolvê-las na hora e, pondo seus homens em fila, disse para trazerem e botarem diante deles todos os trajes, joias, moedas e tudo mais que tinham roubado desde a última divisão; e, calculando rapidamente o valor, afastando o que não podia ser dividido e substituindo-o por dinheiro, distribuiu tudo entre seus companheiros, com tanta lisura e prudência, sem dar um tostão a mais ou a menos, que se pode dizer que seguiu à risca a justiça distributiva. Feito isso, com o que todos ficaram alegres, satisfeitos e pagos, Roque disse a dom Quixote:

— Se eu não agisse com esta correção, não se poderia viver com eles.

Ao que Sancho disse:

— Pelo que vi, a justiça é uma coisa tão boa que é necessária mesmo entre ladrões.

Ouvindo-o, um escudeiro levantou a culatra de um arcabuz, com que sem dúvida abriria a cabeça de Sancho se Roque Guinart não o mandasse parar. Sancho ficou pasmo e decidiu não abrir mais a boca enquanto estivesse com aquela gente.

Nisso chegou um dos escudeiros que estava de sentinela nas estradas para ver as pessoas que passavam e avisar o chefe sobre o que acontecia, que disse:

— Senhor, não muito longe daqui, pela estrada que leva a Barcelona, vem um grupo grande de pessoas.

Ao que Roque respondeu:

— Conseguistes ver se são das que andam atrás de nós ou das que nós andamos atrás?

— Das que nós andamos atrás — o escudeiro respondeu.

— Então saí todos — Roque respondeu — e trazei-me todas logo, sem que nenhuma vos escape.

Eles obedeceram, e dom Quixote, Sancho e Roque ficaram sozinhos, aguardando para ver o que os escudeiros traziam. Enquanto isso Roque disse a dom Quixote:

— Nossa maneira de vida deve parecer nova ao senhor dom Quixote: novas aventuras, novas façanhas, e todas perigosas; e não me admira que assim lhe pareça, porque, eu confesso, realmente não há modo de viver mais preocupado nem mais cheio de sobressaltos que o nosso. Meti-me nele não sei por quais desejos de vingança, que têm força para perturbar os espíritos mais sossegados. Sou por natureza compassivo e bem-intencionado, mas, como já disse, por causa do desejo de me vingar de uma ofensa que me fizeram, que botou abaixo todo o meu bom temperamento, persisto neste estado, a despeito e apesar do que penso. E, como um abismo chama outro e um pecado, outro pecado,[4] as vinganças foram se encadeando de maneira que agora me encarrego não apenas das minhas, mas das alheias também. Mas, se Deus quiser, mesmo eu estando no meio do labirinto de minhas confusões, não perco a esperança de sair dele e chegar a porto seguro.

Dom Quixote ficou surpreso ao ouvir de Roque palavras tão claras e sensatas, porque ele pensava que entre os que exerciam ofícios como roubar, matar e saquear não podia haver quem pudesse pensar direito, e respondeu:

— Senhor Roque, o início da saúde está em conhecer a doença e no desejo do doente de tomar os remédios que o médico receita. Vossa mercê está doente, conhece seu mal, e o céu, ou Deus, digamos melhor, que é nosso médico, lhe aplicará os remédios que o vão curar, que costumam curar pouco a pouco, não de repente e por milagre. E digo mais, os pecadores inteligentes estão mais perto de se emendar que os tolos; e, como vossa mercê mostrou em suas palavras sua sensatez, só é preciso ter coragem e esperar a melhora da doença de sua consciência. E, se vossa mercê quiser poupar caminho e pôr-se com facilidade no de sua salvação, venha comigo, que eu lhe ensinarei a ser cavaleiro andante, ofício em que passamos tanto trabalho e desventuras que, tomando-os por penitência, num piscar de olhos o levarão ao céu.

Roque riu do conselho de dom Quixote, a quem, mudando de assunto, contou a trágica aventura de Cláudia Jerônima, o que afligiu Sancho ao extremo, pois havia sido tocado pela beleza, pelo desembaraço e pela coragem da moça.

Nisso chegaram os escudeiros de sua captura, trazendo consigo dois cavaleiros montados e dois peregrinos a pé, e uma carruagem de mulheres acompanhada por uns seis criados a pé e a cavalo, com outros dois condutores de mulas que os cavaleiros traziam. Estavam rodeados pelos escudeiros, e vencidos e vencedores se mantinham no maior silêncio, esperando que o grande Roque Guinart falasse; ele perguntou aos cavaleiros quem eram e aonde iam e que dinheiro carregavam. Um deles respondeu:

— Senhor, somos dois capitães da infantaria espanhola; temos nossas companhias em Nápoles e vamos embarcar em quatro galeras que dizem que estão em Barcelona com ordem de atracar na Sicília; levamos uns duzentos ou trezentos escudos, o que nos parece uma fortuna e nos deixa contentes, porque a penúria habitual dos soldados não permite maiores tesouros.

Roque perguntou aos peregrinos a mesma coisa que aos capitães; responderam que iam embarcar para Roma e que entre os dois deviam levar uns sessenta reais. Também quis saber quem ia na carruagem e para onde, e o dinheiro que levavam. Um dos homens a cavalo disse:

— Estão na carruagem minha senhora dona Guiomar de Quiñones, mulher do regente do vicariato de Nápoles, com uma filha pequena, uma aia e uma dama de companhia; somos seis criados a acompanhá-las, e levamos seiscentos escudos.

— De modo que temos aqui novecentos escudos e sessenta reais — Roque Guinart disse. — Meus soldados são uns sessenta; vejam quanto cabe a cada um, porque sou mau contador.

Ao ouvir isso, os salteadores elevaram a voz, dizendo:

— Viva Roque Guinart muitos anos, apesar dos concorrentes que procuram a perdição dele!

Mostraram-se preocupados os capitães, triste a senhora regente e não se deleitaram nem um pouco os peregrinos vendo o confisco de seus bens. Roque os manteve suspensos assim por um instante,

mas não quis que seguisse adiante sua aflição, que podia se ver à distância de um tiro de arcabuz, e disse, virando-se para os capitães:

— Por favor, senhores capitães, tenham a bondade de me emprestar sessenta escudos, e a senhora regente, oitenta, para agradar esta esquadra que me acompanha, porque quem não chora não mama. Depois podem seguir seu caminho, livres e desembaraçados, com um salvo-conduto que vou lhes dar para que, em caso de toparem com outras esquadras minhas que tenho espalhadas pela região, não lhes causem mal, pois não é minha intenção prejudicar soldados nem mulher alguma, principalmente as distintas.

Com inúmeras e bem torneadas frases os capitães agradeceram a Roque sua cortesia e generosidade, pois assim as consideraram, por lhes deixar o próprio dinheiro. A senhora Guiomar de Quiñones quis descer da carruagem para beijar os pés e as mãos do grande Roque, mas ele não o consentiu de forma alguma; pelo contrário, pediu perdão a ela pelo prejuízo que lhe causara, forçado que se via a cumprir com as obrigações necessárias de seu mau ofício. A senhora regente mandou que um criado seu desse logo os oitenta escudos que lhe cabia pagar, pois os capitães já tinham desembolsado os sessenta. Os peregrinos iam entregar todas as suas esmolas, mas Roque disse a eles que ficassem quietos e, virando-se para os seus, disse:

— Destes escudos, tocam dois para cada um, e sobram vinte: deem dez a estes peregrinos e os outros dez, a este bom escudeiro, para que possa falar bem desta aventura.

E, pedindo material para escrever, de que sempre andava provido, Roque lhes deu assinado um salvo-conduto para os maiorais de suas esquadras e, despedindo-se deles, deixou-os ir livres e pasmos com sua nobreza, seu galante desembaraço e comportamento estranho, tendo-o mais por um Alexandre Magno que por ladrão famoso. Um dos escudeiros disse em sua língua gascoa e catalã:

— Este nosso capitão está mais para padre que para ladrão; se quiser ser generoso daqui por diante, que o seja com seus bens,

não com os nossos.

O infeliz não falou tão baixo que Roque deixasse de ouvi-lo e, empunhando a espada, lhe abrisse a cabeça quase em duas partes, dizendo-lhe:

— É dessa maneira que eu castigo os linguarudos e abusados.

Todos pasmaram e nenhum ousou lhe dizer uma palavra, tamanha era a obediência que lhe devotavam.

Roque se afastou para um lado e escreveu uma carta a um amigo seu de Barcelona, avisando-o que estava com ele o famoso dom Quixote de la Mancha, aquele cavaleiro andante de quem se diziam tantas coisas, e que lhe garantia que era o mais engraçado e o mais sábio homem do mundo. Dali a quatro dias, que era o da festa de São João Batista, ele o deixaria em plena praia da cidade, com todas as suas armas, montado em Rocinante, seu cavalo, e com seu escudeiro Sancho num burro. Devia avisar seus amigos Niarros, para que se divertissem com ele; gostaria que os Cadells, seus adversários,[5] não tivessem esse prazer, mas que isso era impossível, porque as loucuras e o bom senso de dom Quixote e as graças de seu escudeiro Sancho Pança não podiam deixar de agradar a todo mundo. Despachou essa carta por um de seus escudeiros, que, trocando o traje de bandoleiro por um de camponês, entrou em Barcelona e a entregou a quem devia.

lxi

do que aconteceu a dom quixote na entrada de barcelona, com outras coisas que têm mais de verdade que de sensatez

Dom Quixote passou três dias e três noites com Roque, mas, se passasse trezentos, não faltaria o que ver e admirar no modo de vida dele: amanheciam aqui, comiam ali; umas vezes fugiam, sem saber de quem, outras esperavam, sem saber a quem; dormiam em pé, interrompendo o sono, mudando de um lugar para outro. Tudo era pôr espiões, escutar sentinelas, soprar a mecha dos arcabuzes, embora levassem poucos, porque todos se serviam de pistolas. Roque passava as noites afastado de seus homens, em paragens e lugares que eles desconheciam, porque os muitos bandos que o vice-rei de Barcelona havia lançado sobre sua vida mantinham-no inquieto e amedrontado, e não ousava confiar em ninguém, temendo que seus próprios companheiros o matassem ou o entregassem à justiça. Vida, com certeza, miserável e exasperante.

Enfim, por caminhos desusados, por atalhos e picadas escondidas, Roque, dom Quixote e Sancho partiram com outros seis escudeiros para Barcelona. Chegaram a sua praia na véspera de São João, pela noite. E, abraçando dom Quixote e Sancho, a quem deu os dez escudos prometidos, pois até então não os havia dado, Roque os deixou, com mil cortesias de ambas as partes.

Roque foi embora e dom Quixote ficou esperando o dia, assim mesmo como estava, a cavalo, e não demorou muito quando a face branca da aurora começou a se mostrar no avarandado do oriente, alegrando a grama e as flores, em vez de alegrar o ouvido;[1] mas ao

mesmo tempo alegraram também o ouvido o som de muitas charamelas e tambores, barulho de guizos e gritos de “vamos, afastem-se, vamos, afastem-se!” dos cavaleiros que, pelo visto, saíam da cidade. A aurora deu lugar ao sol, que, com rosto maior que um escudo, pouco a pouco ia se elevando do fundo do horizonte.

Dom Quixote e Sancho espicharam o olhar por todos os lados: viram o mar, que nunca tinham visto antes, e acharam-no imenso, interminável, maior que as lagoas da Ruidera da Mancha; e viram também as galés atracadas na praia — como os marinheiros recolheram os toldos que as protegiam, mostraram-se repletas de flâmulas e galhardetes que tremulavam ao vento e beijavam e varriam a água. Nelas soavam clarins, trombetas e charamelas, que de perto e de longe enchiam o ar de notas suaves e belicosas.

As galés começaram a se mover e ficar em posição de ataque nas águas calmas, imitando-as quase da mesma maneira um sem-número de cavaleiros que vinham da cidade, montados em formosos cavalos e com librés vistosas. Os marinheiros disparavam infinita artilharia, que os soldados que estavam nas muralhas e fortes da cidade respondiam, e a artilharia pesada rompia os ventos com estrondos espantosos, que os canhões nos conveses rebatiam. O mar alegre, a terra feliz, o ar transparente — talvez turva apenas a fumaça da artilharia — pareciam ir gerando e infundindo um prazer repentino em todas as pessoas.

Sancho não conseguia imaginar como aqueles vultos que se moviam pelo mar podiam ter tantos pés.

Nisso os cavaleiros das librés chegaram correndo, com gritos, alaridos e algazarra, onde estava dom Quixote, paralisado e pasmo. Um deles, que fora avisado por Roque, disse em voz alta a ele:

— Seja bem-vindo a nossa cidade o espelho, o farol, a estrela e o norte de toda a cavalaria andante: o próprio espírito sagrado dela! Repito, seja bem-vindo o valoroso dom Quixote de la Mancha: não o falso, não o fictício, não o apócrifo que em histórias falsas nos mostraram esses dias, mas sim o verdadeiro, o legítimo, o fiel cavaleiro que nos descreveu Cide Hamete Benengeli, flor dos historiadores.

Dom Quixote não respondeu uma palavra, nem os cavaleiros esperaram que respondesse — mas, girando e curveteando com os outros que os seguiam, começaram a dar voltas e voltas em torno de dom Quixote, que, virando-se para Sancho, disse:

— Estes logo nos reconheceram. Eu aposto que leram nossa história e até a recém-impressa do aragonês.

Voltou de novo o cavaleiro que tinha falado com dom Quixote e disse:

— Venha vossa mercê conosco, senhor dom Quixote, pois somos todos seus servos e grandes amigos de Roque Guinart.

Ao que dom Quixote respondeu:

— Se cortesias geram cortesias, a vossa, senhor cavaleiro, é filha ou parente muito próxima das do grande Roque. Levai-me aonde quiserdes, que eu não terei outra vontade que a vossa, mais ainda se quereis ocupá-la em vosso serviço.

O cavaleiro respondeu com palavras não menos polidas que estas, e, rodeando-o todos, ao som das charamelas e dos tambores, se encaminharam com dom Quixote para a cidade. Na entrada, o diabo, que está por trás de todo mal, e os meninos, que são piores que ele, ou pelo menos dois deles, travessos e atrevidos, entraram no meio daquela gente toda e, um levantando o rabo do burro e o outro o rabo de Rocinante, encaixaram um maço de cardos embaixo de cada um. Os pobres animais sentiram as novas esporas e, apertando os rabos, aumentaram seu desgosto de modo que, dando mil pinotes, jogaram seus amos no chão. Dom Quixote, envergonhado e ofendido, se apressou a tirar os espinhos do rabo de seu pangaré, e Sancho, de seu burro. Os que guiavam dom Quixote quiseram castigar o abuso dos meninos, mas não foi possível, porque eles se meteram entre outros mil que os seguiam.

Dom Quixote e Sancho montaram de novo; e com a mesma pompa e música chegaram à casa do guia, que era grande e imponente — em suma, como de homem rico —, onde o deixaremos por ora, porque assim o quer Cide Hamete.

lxii

que trata da aventura da cabeça encantada, com outras ninharias que não se pode deixar de contar

Dom Antônio Moreno se chamava o anfitrião de dom Quixote, cavaleiro rico e atilado, amigo de se divertir honesta e amavelmente. Vendo dom Quixote em sua casa, ele andava procurando modos de, sem prejudicá-lo, revelar a todos suas loucuras, porque não são brincadeiras as que doem, nem há passatempo que valha a pena se causam dano aos outros. A primeira coisa que dom Antônio fez foi fazer dom Quixote tirar a armadura e se mostrar naquele traje apertado cor de camurça, que já descrevemos outras vezes, numa varanda que dava para uma das ruas principais da cidade, à vista das pessoas e dos meninos, que o olhavam como a um bicho raro. Desfilaram diante dele os cavaleiros de librés, como se as tivessem vestido somente para ele, não para alegrar aquele dia festivo. E Sancho estava contentíssimo, por pensar que havia ido parar, sem saber como nem por quê, em outro casamento de Camacho, em outra casa de dom Diego de Miranda e em outro castelo como o do duque.

Naquele dia almoçaram com dom Antônio alguns de seus amigos, todos honrando dom Quixote e tratando-o como cavaleiro andante. Ele, convencido e pomposo, não cabia em si de contente. As graças de Sancho foram tantas que de sua boca andavam como que pendentes todos os criados da casa e todos quantos o ouviam. Estando na mesa, dom Antônio disse a Sancho:

— Temos notícia por aqui, dom Sancho, que sois tão amigo de manjar-branco e de almôndegas que, quando vos sobram, os guarda no peito para o dia seguinte.

— Não, senhor, não é verdade — respondeu Sancho —, porque sou mais asseado que guloso, e meu senhor dom Quixote, aqui presente, sabe muito bem que nós dois costumamos passar oito dias com um punhado de bolotas ou de nozes. Verdade que, se acontece de me darem uma vaquinha, corro logo com a cordinha; quero dizer, como o que me dão e feito os romanos em Roma. E, se alguém disser que sou comilão esganado e sujo, saibam que não acerta, e eu diria isso de outro modo se não fosse em respeito às barbas brancas dos que estão à mesa.

— Com certeza — disse dom Quixote —, a parcimônia e asseio com que Sancho come podem ser inscritos e gravados em placas de bronze, para que permaneçam eternos na memória dos séculos vindouros. É verdade que, quando ele tem fome, parece um tanto esganado, porque come depressa e mastiga como um cabrito, mas quanto ao asseio não deixa nada a desejar, e no tempo em que foi governador aprendeu a comer com tantos melindres que comia uvas com garfo, e até as bagas da romã.

— O quê?! — disse dom Antônio. — Sancho foi governador?

— Sim — respondeu Sancho —, de uma ilha chamada Logratária. Governei dez dias como me deu na veneta; e neles perdi o sossego e aprendi a desprezar todos os governos do mundo; saí fugido dela, caí num fosso, onde pensei que estava morto, e saí vivo de lá por milagre.

Dom Quixote contou em detalhes toda a aventura do governo de Sancho, divertindo muito os ouvintes.

Acabado o almoço, dom Antônio pegou dom Quixote pela mão e o levou a um quarto afastado, onde não havia nenhum adorno além de uma mesa, pelo visto de jaspe, que se sustentava por um pedestal também de jaspe. Estava pousada sobre ela um busto, como os dos imperadores romanos, que parecia de bronze. Dom Antônio andou com dom Quixote por todo o quarto, rodeando muitas vezes a mesa, depois do que disse:

— Agora, senhor dom Quixote, que a porta está fechada e sei que ninguém nos ouve nem espia, quero contar a vossa mercê uma das mais estranhas aventuras, ou, digamos melhor, novidades, que se pode imaginar, com a condição de que vossa mercê deposite o que eu lhe disser nos mais remotos escaninhos do segredo.

— Juro que assim farei — respondeu dom Quixote —, ou mais, porei uma lápide em cima para maior segurança, porque quero que vossa mercê saiba, senhor dom Antônio — pois já sabia seu nome —, que está falando a quem, embora tenha ouvidos para ouvir, não tem língua para falar. Portanto, sem medo vossa mercê pode transferir o que tem no peito para o meu e fazer de conta que o jogou nos abismos do silêncio.

— Fiado nessa promessa — respondeu dom Antônio —, deixarei vossa mercê espantado com o que irá ver e ouvir, e aliviar um pouco o sofrimento que me causa não ter com quem compartilhar meus segredos, que não são dos que se confiam a qualquer um.

Dom Quixote estava abismado, esperando em que iam dar tantas precauções. Nisso, dom Antônio tomou-lhe a mão e a passou pela cabeça de bronze, por toda a mesa e pelo pedestal de jaspe em que se apoiava, e então disse:

— Esta cabeça, senhor dom Quixote, foi concebida e fabricada por um dos maiores magos e feiticeiros que o mundo já teve. Acho que era polaco de nascimento e discípulo do famoso Escotilho, de quem tantas maravilhas se contam. Ele esteve aqui em minha casa e, em troca de mil escudos que lhe dei, esculpiu esta cabeça, que tem a propriedade e a virtude de responder a todas as coisas que lhe perguntarem ao ouvido. Examinou a rosa dos ventos, desenhou signos, observou astros, avaliou os pontos cardeais e, finalmente, construiu-a com a perfeição que veremos amanhã, porque nas sextas-feiras fica muda; como hoje é sexta, vai nos fazer esperar. Nesse meio-tempo vossa mercê poderá pensar no que irá perguntar, pois, por experiência, sei que diz a verdade em tudo que responde.

Dom Quixote ficou surpreso com a virtude e propriedade da cabeça, e quase não acreditou em dom Antônio, mas, ao ver que faltava pouco tempo para fazer a experiência, não quis dizer outra

coisa a não ser que agradecia ter lhe revelado tão grande segredo. Saíram do quarto, e dom Antônio fechou a porta com chave, e foram para a sala onde estavam os demais cavaleiros. Enquanto isso, Sancho havia contado a eles muitas das coisas e aventuras que tinham acontecido a seu amo.

Naquela tarde, levaram dom Quixote a passear, sem a armadura, com roupas comuns — um balandrau de lã fulva, que naquela estação poderia fazer o próprio gelo suar. Combinaram com seus criados que entretivessem Sancho, de modo que não o deixassem sair de casa. Dom Quixote não ia montado em Rocinante, mas num mulo grande de passo tranquilo e muito bem encilhado. Vestiram-lhe o balandrau e, sem que notasse, costuraram nas costas um pergaminho, onde escreveram com letras grandes: "Este é dom Quixote de la Mancha". Começado o passeio, o cartaz atraía os olhos de todos que o viam passar, e como liam "Este é dom Quixote de la Mancha", dom Quixote se admirava de que todos que o olhavam o conhecessem e o chamassem pelo nome; e, virando-se para dom Antônio, que ia a seu lado, disse:

— Grandes prerrogativas encerra a cavalaria andante, pois torna conhecido e famoso ao que a professa por todos os cantos da terra; se não, veja vossa mercê, senhor dom Antônio, como até os meninos desta cidade me conhecem, sem nunca terem me visto.

— É verdade, senhor dom Quixote — respondeu dom Antônio —, porque, assim como o fogo não pode estar preso e escondido, a virtude não pode deixar de ser conhecida, e a que se alcança pelo ofício das armas resplandece e sobressai sobre todas as outras.

Mas então aconteceu que, indo dom Quixote aclamado como se disse, um castelhano que leu o cartaz levantou a voz, dizendo:

— Que o diabo te carregue, dom Quixote de la Mancha! Como chegaste até aqui sem morrer das inúmeras sovas que levaste no lombo? Tu és louco de atar, e se o fosses a sós, atrás das portas de tua loucura, a coisa não seria tão ruim, mas tens a propriedade de tornar loucos e mentecaptos a quantos te conhecem e lidam contigo. Se não, olhem para esses senhores que te acompanham. Volta para casa, seu imbecil, e vai cuidar de tua vida, de tua mulher

e de teus filhos, e deixa dessas tolices que te roem os miolos e te desandam o entendimento.

— Vamos, meu irmão — disse dom Antônio —, segui vosso caminho e não deis conselhos a quem não vos pede nada. O senhor dom Quixote de la Mancha é a sensatez em pessoa, e nós, que o acompanhamos, não somos nada tolos; a virtude deve ser honrada onde quer que se encontre, e andai enquanto é tempo e não vos meteis onde não sois chamado.

— Por Deus, vossa mercê tem razão — respondeu o castelhano —, pois aconselhar este bom homem é dar murro em ponta de faca; mas, mesmo assim, sinto uma grande tristeza ao pensar que o bom senso que dizem que este mentecapto tem em todas as coisas deságue pelo canal de sua cavalaria andante. Que o puxão de orelha que vossa mercê me deu valha para todos os meus descendentes, se eu de hoje em diante, mesmo que viva mais que Matusalém, aconselhar alguém, ainda que me peça.

O conselheiro se afastou, e o passeio seguiu em frente, mas foi tamanho o atropelo que causavam os meninos e as pessoas para ler o cartaz que dom Antônio teve de tirá-lo, como se tirasse outra coisa.

Chegou a noite, voltaram para casa, houve sarau com damas, porque a mulher de dom Antônio, que era uma senhora distinta e alegre, formosa e atilada, convidara suas amigas para que viessem honrar seu hóspede e saborear suas inauditas loucuras. Vieram algumas, jantou-se esplendidamente e o baile começou quase às dez da noite. Entre as damas havia duas de espírito malicioso e brincalhão, que, apesar de muito virtuosas, eram um tanto abusadas, o suficiente para que as brincadeiras alegrassem sem amolar ninguém. Estas tanto insistiram em tirar dom Quixote para dançar que o deixaram moído, não só de corpo como de alma. Era coisa de se ver a figura de dom Quixote: comprido, teso, magro, pálido, entalado no traje justo, desengonçado e, além de tudo, nada ágil. Cortejavam-no como que às escondidas, e ele também as desdenhava como que às escondidas; mas, vendo-se acossado por tantos agrados, elevou a voz e disse:

— *Fugite, partes adversae!*[1] Deixai-me em paz, pensamentos inoportunos. Entendei-vos longe de mim, senhoras, com vossos desejos, porque aquela que é rainha dos meus, a sem-par Dulcineia del Toboso, não consente que outros além dos seus me avassalem e rendam.

E, dizendo isso, se sentou no assoalho no meio da sala, moído e alquebrado de tanto exercício bailarino. Dom Antônio mandou que o carregassem ligeiro para sua cama, e o primeiro que o agarrou foi Sancho, dizendo:

— Que ideia essa, senhor meu amo! Pensais que todos os valentes são dançarinos e todos os cavaleiros andantes, bailarinos? Garanto que estais enganado, se assim pensais: há homens que se atreveriam a matar um gigante antes que fazer uma pirueta. Se tivésseis de sapatear, eu poderia tomar vosso lugar, porque no sapateado sou um ás.[2] Agora, em danças de salão tropeço nos calcanhares.

Com essas e outras alegações Sancho divertiu as pessoas do sarau e levou seu amo para a cama, agasalhando-o para que suasse a frieza de sua dança.

No dia seguinte, dom Antônio achou que já era tempo de fazer a experiência com a cabeça encantada e se encerrou no quarto onde ela estava com dom Quixote, Sancho, outros dois amigos e as duas senhoras que haviam estropiado dom Quixote no baile e tinham ficado com a mulher de dom Antônio naquela noite. Contou a todos a virtude dela, pedindo segredo e informando que pela primeira vez seria testada. Além dos dois amigos de dom Antônio, ninguém mais conhecia a tramoia do encantamento e, se dom Antônio não lhes tivesse revelado antes, eles também cairiam no pasmo em que os demais caíram, sem ser possível outra coisa — tamanho o capricho e a habilidade com que a cabeça fora fabricada.

O primeiro que se aproximou do ouvido da cabeça foi o próprio dom Antônio, que disse em voz baixa, mas não tanto que não fosse entendida por todos:

— Diz-me, cabeça, pelo poder que em ti se encerra: o que penso agora?

E a cabeça respondeu, sem mover os lábios, com voz clara e precisa, de modo que todos entenderam suas palavras:

— Não adivinho pensamentos.

Ouvindo isso, todos ficaram assombrados, e muito mais porque em todo o quarto ou ao redor da mesa não havia pessoa alguma que pudesse responder.

— Estamos em quantos aqui? — perguntou de novo dom Antônio.

E a resposta foi dita devagar e no mesmo tom:

— Estás tu e tua mulher, com dois amigos teus e duas amigas dela, e um cavaleiro famoso chamado dom Quixote de la Mancha, e seu escudeiro, que tem por nome Sancho Pança.

Aqui sim é que se espantaram, aqui sim é que ficaram de cabelos em pé!

E dom Antônio disse, afastando-se da cabeça:

— Isso me basta para ver que não fui enganado pelo mago de quem te comprei, cabeça sábia, cabeça falante, cabeça respondona, oh, cabeça admirável! Aproxime-se outro e pergunte a ela o que quiser.

E, como as mulheres em geral são impacientes e curiosas, a primeira que se aproximou foi uma das duas amigas da mulher de dom Antônio, que perguntou:

— Diz-me, cabeça, o que devo fazer para ser muito formosa?

E foi-lhe respondido:

— Sê muito virtuosa.

— Não te pergunto mais nada — disse a perguntadora.

Logo se aproximou a companheira e disse:

— Gostaria de saber, cabeça, se meu marido me ama ou não.

E a cabeça respondeu:

— Olha o que ele faz por ti e verás.

A casada se afastou, dizendo:

— Essa resposta não tinha necessidade de pergunta, porque no comportamento da pessoa transparecem os sentimentos dela.

Em seguida se aproximou um dos dois amigos de dom Antônio e perguntou:

— Quem sou eu?

E a cabeça respondeu:

— Tu sabes.
— Não te pergunto isso — respondeu o cavaleiro —, mas se tu me reconheces.
— Reconheço, sim — respondeu a cabeça. — És dom Pedro Noriz.
— Não quero saber mais nada, pois isso basta para compreender que sabes tudo, oh, cabeça!
Quando ele se afastou, o outro amigo se aproximou e perguntou:
— Diz-me, cabeça, que desejos tem meu filho, o primogênito?
— Eu já disse que não adivinho desejos — respondeu a cabeça —, mas, em todo caso, posso te dizer que teu filho deseja te enterrar.
— Isso — disse o cavaleiro — dá para ver até de olhos fechados.
E não perguntou mais nada. Aproximou-se então a mulher de dom Antônio e disse:
— Não sei o que te perguntar, cabeça; só gostaria de saber de ti se desfrutarei da companhia de meu bom marido por muitos anos.
— Sim, porque sua saúde e sua temperança prometem muitos anos de vida, que muita gente encurta com excessos.
A seguir foi dom Quixote que se aproximou, dizendo:
— Diz-me, tu que respondes: foi verdade ou foi sonho o que eu conto que me aconteceu na caverna de Montesinos? Sancho, meu escudeiro, irá se açoitar mesmo? Dulcineia realmente desencantará?
— Quanto à caverna — respondeu a cabeça —, há muito que dizer: houve de tudo; os açoites de Sancho sairão bem devagar; mas o desencantamento de Dulcineia chegará, sim, a uma conclusão.
— Não quero saber mais — disse dom Quixote —, porque, se eu vir Dulcineia desencantada, farei de conta que vivo num instante todas as venturas que possa desejar.
O último a perguntar foi Sancho, que disse:
— Por acaso, cabeça, terei outro governo? Escaparei da miséria de escudeiro? Verei de novo minha mulher e meus filhos?
Ao que a cabeça respondeu:

— Governarás em tua casa; e, se voltares a ela, verás tua mulher e teus filhos; e, deixando de servir, deixarás de ser escudeiro.

— Pelo amor de Deus! — disse Sancho Pança. — Isso até criança sabe. Estava caindo de maduro.

— Imbecil — disse dom Quixote —, que queres que te responda? Não basta que as respostas desta cabeça correspondam ao que perguntaste?

— Basta, sim — respondeu Sancho —, mas eu gostaria que ela revelasse mais e com mais detalhes.

Assim acabaram as perguntas e as respostas, mas não acabou o pasmo em que todos estavam, exceto os dois amigos de dom Antônio, que sabiam do caso.

Falando em caso, Cide Hamete Benengeli quis esclarecê-lo logo, para não manter o mundo em suspenso, acreditando que se encerrava na cabeça algum feiticeiro ou mistério sobrenatural. Assim, ele conta que dom Antônio Moreno, à imitação de outra cabeça que viu em Madri fabricada por um gravador de estampas, fez aquela em sua casa para se divertir e embasbacar os ignorantes. O mecanismo era simples: a tábua da mesa era de madeira, pintada e envernizada para parecer jaspe, como o pedestal em que se sustentava, com quatro garras de águia que saíam dele para contrabalançar o peso com maior segurança. O busto, que parecia a efígie de um imperador romano, era da cor do bronze e todo oco como, sem tirar nem pôr, era oca a tábua da mesa onde ele se ajustava com tamanha precisão que não se percebia nenhum sinal do encaixe. O pedestal da mesa, que também era oco, se ligava ao peito e à garganta da cabeça, e tudo isso se comunicava com outro quarto que ficava embaixo. Então, pelo oco do pedestal, mesa, garganta e peito da referida cabeça romana passava um cano de lata muito justo, que não podia ser visto por ninguém. No quarto de baixo ficava o homem que ia responder, com a boca colada ao cano, de modo que a voz subia e descia como um dardo por uma zarabatana, em palavras bem articuladas e claras, e dessa maneira não era possível perceber o embuste. Um sobrinho de dom Antônio, estudante vivo e inteligente, foi quem respondeu; como tinha sido avisado pelo senhor seu tio das pessoas que estariam no

quarto da cabeça, foi fácil para ele responder com presteza e exatidão à primeira pergunta; respondeu às outras por conjecturas, e, como era inteligente, respondeu inteligentemente.

Cide Hamete diz mais: esse maravilhoso invento durou dez ou doze dias, porque se espalhou pela cidade que dom Antônio tinha em sua casa uma cabeça encantada, que respondia a todos que falavam com ela. Temendo que a notícia chegasse aos ouvidos insones das sentinelas de nossa fé, o cavaleiro revelou o caso aos senhores inquisidores, que lhe ordenaram que não seguisse adiante e se livrasse da cabeça, para que o povo ignorante não se escandalizasse. Mas na opinião de dom Quixote e Sancho Pança a cabeça continuou encantada e respondona, para maior satisfação de dom Quixote que de Sancho.

Os cavaleiros da cidade, para comprazer dom Antônio e festejar dom Quixote, dando ainda oportunidade para que revelasse suas idiotices, combinaram uma cavalhada para dali a seis dias, que não aconteceu por causa do que se contará mais adiante.

Dom Quixote ficou com vontade de passear pela cidade, a pé e sem ostentação, temendo que se fosse a cavalo seria perseguido pelos meninos. Então, ele e Sancho, com outros dois criados que dom Antônio lhe cedeu, foram dar uma volta. Aconteceu que, andando por uma rua, dom Quixote levantou os olhos e viu escrito sobre uma porta, com letras muito grandes: “Aqui se imprimem livros”, o que o alegrou bastante, porque até aí nunca tinha visto uma gráfica e desejava saber como era. Entrou na casa com todo o seu séquito e viu homens imprimindo num lugar, corrigindo provas em outro, compondo neste, fazendo as emendas naquele, enfim, todas aquelas atividades que acontecem nas grandes gráficas. Dom Quixote se aproximava de um compartimento e perguntava o que era aquilo que se fazia ali; os empregados o informavam; ele se admirava e seguia em frente. Então se aproximou de um e perguntou o que fazia. O empregado respondeu:

— Senhor, este cavalheiro que está aqui — e apontou um homem de boa aparência e belo porte, mas um tanto solene — traduziu um livro toscano para nossa língua castelhana, e eu o estou compondo, para imprimi-lo.

— Que título tem o livro? — perguntou dom Quixote.

Ao que o tradutor respondeu:

— Senhor, o livro, em toscano, se chama *Le bagatelle*.

— E o que quer dizer *le bagatelle* em nosso castelhano? — perguntou dom Quixote.

— *Le bagatelle* — disse o tradutor — é como se disséssemos "as bagatelas". Embora este livro seja humilde no título, contém e apresenta coisas muito boas e substanciais.

— Eu sei um pouco de toscano — disse dom Quixote — e me orgulho de cantar algumas estrofes de Ariosto. Mas me diga vossa mercê, meu senhor, apenas por curiosidade: já encontrou em seu trabalho a palavra *pignatta*?

— Sim, muitas vezes — respondeu o tradutor.

— E como vossa mercê a traduz para o castelhano? — perguntou dom Quixote.

— Como haveria de traduzir? — replicou o tradutor. — Dizendo "panela".

— Minha nossa, como vossa mercê está enfronhado no idioma toscano! — disse dom Quixote. — Sou capaz de apostar que, quando em toscano se diz *piace*, vossa mercê diz "agrada" em castelhano, e onde diz *più*, diz "mais", e a *su* chama de "acima" e *giù*, de "abaixo".

— Sim, senhor, com certeza — disse o tradutor —, porque essas palavras são equivalentes.

— Eu me atrevo a jurar — disse dom Quixote — que vossa mercê não é conhecido, porque o mundo é sempre inimigo de premiar os espíritos brilhantes e os trabalhos louváveis. Quantas habilidades há perdidas por aí! Quantos talentos deixados de lado! Quantas virtudes menosprezadas! Mas, mesmo assim, me parece que traduzir de uma língua para outra, desde que não seja das rainhas das línguas, a grega e a latina, é como olhar os tapetes flamengos pelo avesso: embora se vejam as figuras, estão cheias de fios que as obscurecem, não se podendo ver com a clareza e a cor do lado direito; e traduzir de línguas fáceis nem prova talento nem bom estilo, como não o prova quem transcreve ou copia um texto de um papel para outro. Mas disso não quero inferir que o exercício da

tradução não seja louvável, porque o homem poderia se ocupar de coisas piores, que lhe trouxessem menos proveito. Deixo fora dessa conta dois tradutores famosos: o doutor Cristóbal de Figueroa, em seu *Pastor Fido*,[3] e dom Juan de Jáuregui, em seu *Aminta*,[4] que, com felicidade, nos deixam em dúvida sobre qual é a tradução e qual é o original. Mas diga-me vossa mercê: este livro será impresso por sua conta ou já vendeu o privilégio a algum livreiro?

— Corre por minha conta — respondeu o tradutor. — E penso ganhar mil ducados, pelo menos, com esta primeira edição, que deve ser de dois mil exemplares, e devem se vender, enquanto o diabo esfrega o olho, a seis reais cada um.

— Belas contas faz vossa mercê! — respondeu dom Quixote. — Até parece que não conhece os créditos e débitos dos impressores e as tramoias que há entre uns e outros. Eu lhe garanto que, quando se vir com dois mil exemplares nas costas, sentirá o corpo tão moído que vai se assustar, principalmente se o livro for abstruso e nada picante.

— Mas como? — disse o tradutor. — Vossa mercê quer que eu o dê a um livreiro que me pague três maravedis, pensando ainda por cima que me faz um favor? Eu não publico meus livros para alcançar fama, pois já sou conhecido por minhas obras: quero lucro, pois sem ele uma boa reputação não vale um tostão.

— Que Deus dê boa sorte a vossa mercê — respondeu dom Quixote.

E passou para outro compartimento, onde estavam corrigindo uma página de um livro que se intitulava *Luz del alma*, e ao ver isso, disse:

— Estes livros, mesmo que haja muitos deste gênero, são os que devem ser impressos, porque são muitos os pecadores hoje em dia e são necessárias infinitas luzes para tantos ofuscados.

Seguiu adiante e viu que em outro compartimento também corrigiam um livro, e, perguntando seu título, lhe responderam que se chamava *Segunda parte do engenhoso fidalgo dom Quixote de la Mancha*, escrita por um fulano morador de Tordesilhas.[5]

— Já me falaram deste livro — disse dom Quixote. — Na verdade, eu acreditava piamente que já tinha sido queimado e suas cinzas

espalhadas, por ser descabido. Mas, enfim, ele não perde por esperar, pois as histórias inventadas só são boas e prazerosas quando se aproximam da verdade ou se parecem com ela, e as verídicas serão melhores quanto mais exatas forem.

E dizendo isso, com mostras de algum despeito, saiu da gráfica. Naquele mesmo dia, dom Antônio resolveu levá-lo para ver as galés que estavam na praia, do que muito se regozijou Sancho, porque nunca na vida as tinha visto. Dom Antônio avisou o almirante da frota que naquela tarde havia de levar seu hóspede, o famoso dom Quixote de la Mancha, de quem o marinheiro e todos os moradores da cidade tinham notícia; e o que aconteceu nas embarcações será contado no próximo capítulo.

lxiii

de como sancho pança se deu mal com a visita às galés, e a nova aventura da mourisca formosa

Eram muitas as especulações que dom Quixote fazia sobre a resposta da cabeça encantada, sem que nenhuma delas topasse com o embuste, e todas acabavam na promessa do desencantamento de Dulcineia, que ele teve por certa. A ela ia e vinha — e se alegrava sozinho, acreditando que logo havia de ver sua realização. E Sancho, embora detestasse a ideia de ser governador, como já foi dito, desejava mandar de novo e ser obedecido, pois o poder traz essa desgraça consigo, mesmo que ele seja de brincadeira.

Enfim, naquela tarde, seu anfitrião dom Antônio Moreno e seus dois amigos foram com dom Quixote e Sancho ver as galés. Mal eles chegaram à praia, o almirante, que fora avisado de sua vinda e estava ansioso para ver os dois tão famosos Quixote e Sancho, ordenou que todas as galeras recolhessem seus toldos e tocassem as charamelas. Logo lançaram à água um bote coberto de ricos tapetes e de almofadas de veludo carmesim para buscá-lo. Então, apenas dom Quixote se viu a bordo dele, a capitânia disparou o canhão da coxia, acompanhada em seguida pelas outras galés, e, quando ele subiu a escada de estibordo, a turba de marinheiros o saudou como é costume à entrada de uma pessoa importante na galé, dizendo “Hu, hu, hu!” três vezes. O general — assim o chamaremos, pois era um distinto cavaleiro valenciano — deu a mão a dom Quixote e o abraçou, dizendo:

— Vou marcar este dia com destaque, porque acho que será um dos melhores que vou viver, tendo visto o senhor dom Quixote de la Mancha: data e marco que mostram que nele se encerra e se cifra todo o valor da cavalaria andante.

Com palavras não menos corteses, dom Quixote respondeu, extremamente alegre por se ver tratado de modo tão senhorial. Dirigiram-se todos para a popa, que estava muito bem adornada, e se sentaram nos bancos da amurada; passou o oficial à coxia e deu o sinal com um apito para que a turba de marinheiros tirasse o gibão e remasse com força, o que foi feito num instante. Sancho, ao ver tanta gente seminua, ficou pasmo, mais ainda quando viu armarem o toldo com tanta pressa que parecia que todos os diabos estavam trabalhando ali. Mas isso tudo são mimos e bobagens perto do que vou contar agora.

Sancho estava sentado no cepo em que se amarra o toldo, perto do galeote de estibordo, que, de costas para a popa, marcava o ritmo da navegação com seu remo. Avisado do que devia fazer, o marinheiro agarrou Sancho e o levantou nos braços. Então, com toda a turba de pé e alerta, começando pelo lado direito, Sancho foi passado de mão em mão e de banco em banco de modo tão rápido que perdeu a visão e sem dúvida pensou que os próprios demônios o carregavam. Os galeotes não pararam enquanto Sancho não completou a volta pelo lado esquerdo e foi depositado de novo na popa. O pobre ficou alquebrado, ofegando e suando, sem poder imaginar o que tinha lhe acontecido.

Dom Quixote, que viu o voo sem asas de Sancho, perguntou ao general se era costume receber os novatos nas galés com aquelas cerimônias, porque, se por acaso fosse, ele, que não tinha intenção de trabalhar nelas, não queria fazer semelhantes exercícios e jurava por Deus que, se alguém tentasse agarrá-lo para rodopiá-lo, faria o fulano perder a alma a pontapés; e, dizendo isso, se levantou e empunhou a espada.

Nesse momento arriaram o toldo e com um tremendo barulho deixaram vir abaixo a verga da vela bastarda. Sancho pensou que o céu tinha desencaixado dos eixos e desabava sobre sua cabeça, e, baixando-a, botou-a entre as pernas. Dom Quixote não teve todo o

controle das suas, pois também estremeceu e encolheu os ombros e perdeu a cor do rosto. A turba içou a verga com a mesma rapidez e barulho com que a descera, mas sem uma palavra, como se não tivesse voz nem respirasse. O oficial fez sinal de levantar âncora e, saltando para o meio da coxia com o rebenque ou açoite, começou a bater de leve nas costas dos galeotes — e pouco a pouco as galés se fizeram ao mar. Quando Sancho viu todos aqueles pés vermelhos de uma delas se mexer — pois isso lhe pareceram os remos —, disse a si mesmo:

— Estas sim são coisas de encantamentos, não aquelas de que meu amo fala. Que terão feito esses desgraçados para que os açoitem assim? E como este homem sozinho, que anda por aqui assobiando, tem a audácia de açoitar tanta gente? Para mim isto é o inferno, ou pelo menos o purgatório.

Dom Quixote, que viu a atenção com que Sancho olhava o que acontecia, disse a ele:

— Ah, Sancho, meu amigo, com que rapidez e facilidade poderíeis vós, se quisésseis, se desnudar da cintura para cima, e vos pôr entre esses senhores e acabar com o encantamento de Dulcineia! Pois com a miséria e o sofrimento de tantos não sentiríeis tanto os vossos, sem falar que o sábio Merlin talvez contasse cada açoite desses, por serem dados por boa mão, por dez dos que um dia haveis de vos dar.

O general queria perguntar que açoites eram aqueles, ou que negócio era esse de desencantamento de Dulcineia, quando o marinheiro disse:

— O vigia de Montjuich[1] fez sinal de que há um baixel de remos na costa para as bandas do poente.

Ouvindo isso, o general saltou à coxia e disse:

— Eia, filhos, este não nos escapa! Deve ser algum bergantim de piratas de Argel que a sentinela nos aponta.

Logo se aproximaram da capitânia as outras três galés para saber quais eram as ordens. O general mandou que duas fossem para mar alto, que ele e a outra iriam costeando a praia, pois assim o baixel não escaparia. A turba apertou o ritmo dos remos, impelindo as galés com tanta fúria que parecia que voavam. As que foram

para mar alto avistaram o baixel a umas duas milhas e a olho calcularam que tinha uns catorze ou quinze bancos, o que era verdade. O dito baixel, ao percebê-las, começou as manobras de fuga, com a intenção e a esperança de escapar com sua rapidez, mas se saiu mal, porque a galé capitânia era um dos barcos mais rápidos que navegava naqueles mares, e assim foi se aproximando, deixando claro aos do bergantim que não poderiam fugir; por isso o arrais gostaria que seus marinheiros largassem os remos e se entregassem, para não incitar a ira do capitão que comandava nossas galés. Mas a sorte tinha outros planos: já que a capitânia chegava tão perto que a tripulação do baixel podia ouvir os gritos que vinham dela pedindo a rendição, ordenou que dois *toraquis* — que é o mesmo que dizer dois turcos bêbados, que vinham no bergantim com outros doze — disparassem duas escopetas, matando assim dois soldados nossos que estavam nas laterais do castelo de proa. Vendo isso, o general jurou não deixar com vida nenhum dos homens que capturasse; mas, ao investir com toda fúria, viram o baixel escapar por baixo de seus remos. A galé ultrapassou-o um bom trecho; os do baixel se viram perdidos e içaram as velas enquanto a galé voltava, e de novo manobraram para fugir com vela e remo; mas não aproveitaram tanta diligência quanto lhes prejudicou seu atrevimento, porque a capitânia os alcançou dali a mais ou menos meia milha, jogou-lhes os remos em cima e os prendeu a todos com vida.

Chegaram então as outras duas galés e todas as quatro voltaram à costa com a presa, onde inúmeras pessoas estavam à espera, ansiosas para ver o que traziam. O general ancorou perto da terra e descobriu que o vice-rei da cidade estava na praia. Mandou lançar o bote n’água para trazê-lo e arriar a verga da vela bastarda para enforcar em seguida o arrais e os outros turcos que tinha capturado no baixel, que seriam uns trinta e seis, todos garbosos, a maior parte deles arcabuzeiros. O general perguntou quem era o arrais do bergantim, e um dos cativos lhe respondeu em língua castelhana (depois pensaram que era um renegado espanhol):

— Este rapaz que vedes aqui, senhor, é nosso arrais.

E apontou um dos mais belos e garbosos moços que a imaginação humana poderia pintar. Pelo visto não tinha vinte anos. O general perguntou a ele:

— Diz-me, cão insensato, quem te levou a matar meus soldados, pois vias que era impossível fugir? É esse o respeito que se tem pelas capitânias? Tu não sabes que a temeridade não é valentia? As esperanças improváveis devem tornar os homens audaciosos, mas não temerários.

O arrais queria responder, mas por ora o general não pôde ouvi-lo, porque correu para receber o vice-rei, que já entrava na galé, acompanhado de alguns criados e pessoas do lugar.

— A caça esteve boa, general! — disse o vice-rei.

— Tão boa — respondeu o general — como verá Vossa Excelência pendurada agora nesta verga.

— Como assim? — replicou o vice-rei.

— Porque — respondeu o general —, contra toda lei e contra toda razão e costumes de guerra, mataram dois dos melhores soldados que vinham nestas galés, e eu jurei enforcar todos os que capturasse, principalmente este moço, que é o arrais do bergantim.

E apontou o homem que já tinha as mãos atadas e a corda no pescoço, esperando a morte.

O vice-rei olhou para ele e, achando-o tão formoso, tão elegante e tão humilde, pensou que tamanha beleza era como uma carta de recomendação e sentiu o desejo de perdoar sua morte. Então lhe perguntou:

— Diz-me, arrais, és turco de nascimento ou mouro ou renegado?

O moço respondeu, também em castelhano:

— Não sou turco de nascimento, nem mouro, nem renegado.

— Mas que és então? — replicou o vice-rei.

— Mulher cristã — respondeu o rapaz.

— Mulher e cristã, mas com esses trajes e nessa situação? Mais me espanto que acredito.

— Por favor, senhores, suspendei a execução de minha morte — disse o moço —, pois não se perderá muito se vossa vingança esperar um pouco enquanto eu vos conto minha vida.

Quem teria o coração tão duro que não se abrandasse com essas palavras, ou pelo menos até ouvir as que o triste e queixoso rapaz queria dizer? O general disse a ele que falasse o que quisesse, mas que não esperasse alcançar perdão para sua bem conhecida culpa. Com essa permissão, o moço começou a contar assim:

— Fui concebida por pais mouriscos naquela nação, mais infeliz que prudente, sobre quem choveu nesses dias um mar de desgraças. Na torrente de sua desventura, fui levada à Berbéria por dois tios meus, sem que me adiantasse dizer que era cristã, como realmente sou, não das falsas e oportunistas, mas das verdadeiras e católicas. De nada me valeu dizer essa verdade aos que estavam encarregados de nosso miserável desterro, nem meus tios quiseram acreditar nela; pelo contrário, acharam que eu mentia e inventava para ficar na terra onde havia nascido. Então à força, não de bom grado, me levaram com eles.

"Tive uma mãe cristã e um pai sensato e cristão, sem tirar nem pôr: minha fé católica é de berço. Eu me criei nos bons costumes e nem neles nem na língua jamais dei sinais de ser mourisca, em minha opinião. Junto com essas virtudes, pois eu acho que o são, cresceu minha formosura, se é que tenho alguma; e, ainda que meu recato e meu recolhimento tenham sido grandes, não devem ter sido tanto que não tivesse oportunidade de me ver um rapaz chamado dom Gaspar Gregório, filho mais velho de um cavaleiro que tem uma aldeia perto da nossa. Como ele me viu, como nos falamos, como se viu perdido por mim e como não me senti tão encantada por ele seria muito complicado contar, ainda mais agora que temo que entre minha língua e minha garganta se aperte esta corda cruel que me ameaça. Assim direi apenas como dom Gregório quis nos acompanhar em nosso desterro.

"Ele se misturou aos mouriscos que vinham de outros lugares, pois sabia muito bem a língua, e na viagem se tornou amigo daqueles dois tios meus que me levavam, porque meu pai, prudente e prevenido, mal ouviu o primeiro edital de nosso desterro se foi da aldeia em busca de outra que nos acolhesse em algum desses reinos estranhos. Num lugar que apenas eu conheço, deixou enterradas muitas pérolas e pedras de grande valor, com algum

dinheiro, cruzados e dobrões de ouro, mas me ordenou que não tocasse de jeito nenhum nesse tesouro, se por acaso nos desterrassem antes que ele voltasse. Obedeci e com meus tios, como já disse, e outros parentes e conhecidos, passamos para a Berbéria e nos assentamos em Argel, como se o fizéssemos no próprio inferno.

“O rei teve notícia de minha formosura e, por falatórios, de minhas riquezas, o que em parte foi sorte minha. Mandou me chamar e me perguntou de que parte da Espanha eu era e que dinheiro e joias trazia. Disse-lhe de onde e que as joias e o dinheiro tinham ficado enterrados, mas que poderiam ser recuperados com facilidade se eu mesma voltasse para pegá-los. Disse tudo isso a ele, receosa de que minha formosura o cegasse mais que sua cobiça. Estando comigo nessa conversa, alguém lhe disse que me acompanhava um dos rapazes mais galhardos e formosos que se podia imaginar. Entendi logo que falavam de dom Gaspar Gregório, cuja beleza deixa para trás as maiores que se podem enaltecer. Fiquei preocupada, considerando o perigo que dom Gregório corria, porque entre aqueles turcos bárbaros se gosta muito mais de um menino ou rapaz formoso que de uma mulher, mesmo que seja belíssima. O rei mandou buscá-lo logo, pois queria vê-lo, e me perguntou se era verdade o que diziam daquele rapaz. Então eu, como que inspirada pelo céu, disse que era, mas que soubesse que não era homem e sim mulher como eu, e que lhe suplicava que me deixasse ir vesti-la com suas roupas naturais, para que lhe mostrasse inteiramente sua beleza e aparecesse em sua presença com menos embaraço. Disse-me que fosse de uma vez e que outro dia falaríamos no modo de eu voltar à Espanha para pegar o tesouro escondido.

“Falei com dom Gaspar, contei o perigo que corria caso se apresentasse como homem e o vesti de moura. Naquela mesma tarde, eu o levei à presença do rei, que, vendo-o, ficou maravilhado e demonstrou a intenção de ficar com ele para dá-lo de presente ao grão-turco. Mas, para que escapasse do perigo que podia correr no harém de suas mulheres, e por temer sua própria reação, mandou-o em seguida para a casa de umas mouras distintas que deviam vigiá-

lo e servi-lo. O que nós dois sentimos, pois não posso negar que o amo, deixo à consideração dos que se amam e se separam.

“O rei logo deu um jeito para que eu voltasse à Espanha nesse bergantim e que me acompanhassem dois turcos de nascimento, que são os que mataram vossos soldados. Também veio comigo este renegado espanhol — apontou o homem que tinha falado antes — que, sei muito bem, oculta ser cristão e que veio com mais esperanças de ficar na Espanha que de voltar à Berbéria; os outros marinheiros do bergantim são mouros e turcos, que servem apenas para remar. Os dois turcos, cobiçosos e insolentes, sem observar as ordens que tinham de deixar em terra a mim e a este renegado no primeiro lugar da Espanha que tocássemos, com as roupas cristãs que trouxemos, quiseram antes vasculhar a costa e fazer alguma presa, se pudessem. Eles temiam que, se primeiro nos desembarcassem e nos acontecesse algum desastre que nos levasse a revelar que o bergantim estava no mar, poderiam cair prisioneiros, se por acaso houvesse galés nesta costa. Ontem à noite descobrimos esta praia e, sem termos notado essas quatro galés, fomos descobertos. Sabeis o que nos aconteceu depois.

“Resumindo: dom Gregório está vestido de mulher entre mulheres, com perigo evidente de se perder, e eu me vejo de mãos amarradas, esperando ou, digamos melhor, temendo perder a vida, que já me pesa. Este, senhores, é o fim de minha história lamentável, tão verdadeira quanto desgraçada; apenas vos imploro que me deixeis morrer como cristã, pois, como já disse, não tenho responsabilidade nenhuma pela culpa em que caíram os de minha nação.”

Então se calou, os olhos rasos de lágrimas ternas, logo acompanhadas por muitas dos que estavam presentes. O vice-rei, carinhoso e compassivo, sem dizer uma palavra, se aproximou dela e, com as próprias mãos, desamarrou a corda que prendia as tão formosas da moura.

Enquanto a mourisca cristã contava sua história extraordinária, um ancião peregrino, que havia entrado na galé junto com o vice-rei, esteve com os olhos cravados nela. Então, mal a moça acabou sua

narração, ele caiu de joelhos a seus pés e disse, abraçado neles, com palavras interrompidas por mil soluços e gemidos:

— Oh, Ana Félix! Pobre de minha filha! Eu sou Ricote, teu pai, que voltava para te buscar, por não poder viver sem ti, pois és minha alma.

A essas palavras, Sancho abriu os olhos e levantou a cabeça, que tinha inclinada, pensando nas desgraças de seu passeio. Olhando o peregrino, reconheceu ser o próprio Ricote com quem tinha topado no dia que entregara o governo, e se convenceu de que aquela moça era sua filha, que, já desamarrada, abraçou o pai, misturando suas lágrimas com as dele. Então Ricote disse ao general e ao vice-rei:

— Senhores, esta é minha filha, mais infeliz em suas aventuras que em seu nome: ela se chama Ana Félix, com o sobrenome Ricote, famosa tanto por sua formosura como por minha riqueza. Saí de minha pátria em busca de reinos estranhos que nos acolhessem e recolhessem, e, tendo-o encontrado na Alemanha, voltei neste traje de peregrino, em companhia de outros alemães, para pegar minha filha e desenterrar as muitas riquezas que deixei escondidas. Não achei minha filha, mas achei meu tesouro, que trago comigo, e agora, da forma estranha que vistes, achei o tesouro que mais me enriquece: minha querida filha. Se nossas poucas culpas e as lágrimas dela e as minhas, pela integridade de vossa justiça, podem abrir portas à misericórdia, usai-a conosco, que jamais tivemos intenção de vos ofender, nem concordamos de forma alguma com o intuito dos nossos, que foram desterrados justamente.

Então Sancho disse:

— Conheço Ricote muito bem e sei que é verdade quando diz que Ana Félix é sua filha. Agora, nessas bobagens de ir e vir, ter boa ou má intenção, não me meto.

Com todos os presentes pasmos com o estranho caso, o general disse:

— Uma por uma vossas lágrimas não me deixarão cumprir meu juramento: vivei, formosa Ana Félix, os anos de vida que o céu vos

determinou, e que os insolentes e atrevidos sofram a pena pelo crime que cometeram.

E em seguida mandou enforcar na verga os dois turcos que haviam matado seus dois soldados, mas o vice-rei pediu encarecidamente que não os enforcasse, pois a culpa deles era mais por loucura que por valentia. O general fez o que o vice-rei lhe pedia, porque a sangue-frio não se executam bem as vinganças. Logo trataram de pensar um jeito de tirar dom Gaspar Gregório do perigo em que se encontrava; para isso, Ricote ofereceu mais de dois mil ducados que tinha em pérolas e joias. Foram muitos os planos, mas nenhum tão bom como o proposto pelo renegado espanhol, que se ofereceu para voltar a Argel num barco pequeno, de uns seis bancos, armado de remadores cristãos, porque ele sabia onde, como e quando podia e devia desembarcar, e também não ignorava a casa onde dom Gaspar tinha ficado. O general e o vice-rei hesitaram em se fiar no renegado, nem em confiar a ele os cristãos que deviam remar; Ana Félix, porém, se responsabilizou por ele, e Ricote, seu pai, disse que se comprometia a pagar o resgate dos cristãos, se por acaso pedissem.

Todos concordaram com esse plano. Então o vice-rei desembarcou, e dom Antônio Moreno levou consigo a mourisca e seu pai, depois que o vice-rei lhe pediu para tratá-los com toda a bondade e consideração possíveis, porque ele, por sua vez, oferecia o que houvesse em sua casa para o conforto deles — tamanhas foram a benevolência e a caridade que a formosura de Ana Félix infundiu em seu coração.

lxiv

que trata da aventura que mais desgosto causou a dom quixote entre todas as que tinham acontecido com ele até então

Conta a história que a mulher de dom Antônio Moreno teve grande satisfação ao ver Ana Félix em sua casa. Recebeu-a com muito carinho, tão encantada com sua beleza como com sua inteligência, porque numa e noutra a mourisca era excepcional, e todas as pessoas da cidade vinham vê-la como se convocadas pelo sino da igreja.

Dom Quixote disse a dom Antônio que o plano que haviam traçado para libertar dom Gregório não era bom, porque tinha mais de perigoso que de conveniente, e que seria melhor que o mandassem à Berbéria com suas armas e cavalo, que ele o tiraria de lá apesar da chusma de mouros, como dom Gaifeiros havia feito ao salvar sua esposa Melisendra.

— Repare vossa mercê — disse Sancho, ao ouvir isso — que o senhor dom Gaifeiros salvou a esposa em terra firme e a levou à França por terra firme. Mas aqui, se por acaso salvarmos dom Gregório, não temos como trazê-lo para a Espanha, pois está no meio do mar.

— Para tudo há remédio, menos para a morte — respondeu dom Quixote. — Se o barco atracar na praia, nós embarcamos, mesmo que o mundo todo tente nos impedir.

— Vossa mercê faz parecer mais fácil que roubar do ceguinho — disse Sancho —, mas é entre o prato e a boca que se perde a sopa:

eu fico com o renegado, que me parece um homem de bem e de bom coração.

Dom Antônio disse que, se o renegado não se saísse bem do caso, se tomaria a medida de mandar o grande dom Quixote à Berbéria.

Dali a dois dias o renegado partiu num barco ligeiro de seis remos de cada lado, com uma ótima tripulação, e dali a outros dois partiram as galés para o Levante, tendo antes o general pedido ao vice-rei que o avisasse sobre a libertação de dom Gregório e o caso de Ana Félix; o vice-rei concordou em fazê-lo.

E uma manhã, dom Quixote, saindo de armadura e demais armas para passear na praia — porque, como muitas vezes dizia, elas eram seus adornos, e seu descanso, lutar, e não andava um instante desarmado —, viu vir em sua direção um cavaleiro, também armado da cabeça aos pés, que trazia pintada no escudo uma lua resplandecente. O cavaleiro, aproximando-se a uma distância de que podia ser ouvido, em altos brados declarou suas intenções a dom Quixote:

— Insigne cavaleiro e jamais louvado como se deve dom Quixote de la Mancha, eu sou o Cavaleiro da Lua Branca, cujas façanhas prodigiosas talvez já tenham chegado ao teu conhecimento. Venho combater contigo e testar a força de teus braços, para te fazer conhecer e confessar que minha dama, seja ela quem for, é incomparavelmente mais formosa que tua Dulcineia del Toboso. Se confessares essa verdade pura e simplesmente, evitarás tua morte e o trabalho que terei de levá-la a cabo. Mas, se lutares e eu te vencer, não quero outra recompensa além de que, abandonando as armas e abstendo-te de andar em busca de aventuras, voltes a tua aldeia e te retires pelo tempo de um ano, sem empunhar a espada, em paz e harmonia, em proveito do sossego, porque assim convém ao progresso de tuas posses e à salvação de tua alma. Se me venceres, porém, minha cabeça ficará a tua disposição e serão teus os despojos de minha armadura, armas e cavalo, e passará para ti a fama de minhas façanhas. Vê o que é melhor para ti e responde-me logo, porque tenho apenas o dia de hoje para despachar esse negócio.

Dom Quixote ficou pasmo e atônito, tanto pela arrogância do Cavaleiro da Lua Branca como pela causa que o desafiava, e com atitude calma e severa respondeu:

— Cavaleiro da Lua Branca, cujas façanhas até agora não chegaram ao meu conhecimento, atrevo-me a jurar que jamais vistes a ilustre Dulcineia, porque, se a houvésseis visto, sei que não procuraríeis vos meter nessa empresa, pois a visão dela vos persuadiria de que não houve nem pode haver beleza que possa se comparar à dela. Então, não dizendo que mentis, mas sim que não acertais no motivo de vossa proposta, aceito vosso desafio com as condições que referistes, e imediatamente, para que não passe o dia que escolhestes. Mas das condições excetuo uma, a que garante que se transfere a mim a fama de vossas façanhas, porque não sei que façanhas foram essas nem de que espécie: com as minhas me contento, tais quais são. Escolhei, portanto, o lado do campo que quiserdes, que eu farei o mesmo, e que seja o que Deus quiser e são Pedro abençoar.

Tinham avistado da cidade o Cavaleiro da Lua Branca falando com dom Quixote de la Mancha e contaram ao vice-rei, que, pensando que devia ser alguma aventura fabricada por dom Antônio Moreno ou por algum outro cavaleiro de Barcelona, foi logo para a praia, acompanhado por dom Antônio e muitos outros cavaleiros. Chegaram quando dom Quixote virava as rédeas de Rocinante para tomar a distância necessária.

O vice-rei, vendo que os dois davam todas as mostras de que se posicionavam para o confronto, meteu-se entre eles, perguntando qual era a causa que os levava à batalha tão inesperada. O Cavaleiro da Lua Branca respondeu que era por questão de precedência de formosura e, em rápidas palavras, repetiu o que havia dito a dom Quixote, com a aceitação das condições do desafio acertadas entre ambas as partes. O vice-rei se aproximou de dom Antônio e perguntou baixinho se sabia quem era o tal Cavaleiro da Lua Branca ou se era alguma peça que queriam pregar em dom Quixote. Dom Antônio respondeu que não sabia quem era ele, nem se era de brincadeira ou para valer o dito desafio. Essa resposta deixou o vice-rei na dúvida se devia ou não deixar a batalha seguir

adiante; mas, não podendo se convencer de que não fosse brincadeira, afastou-se dizendo:

— Senhores cavaleiros, se aqui não há outro jeito senão confessar ou morrer, e se o senhor dom Quixote bate o pé, e vossa mercê sapateia, combatam então e seja o que Deus quiser.

O Cavaleiro da Lua Branca agradeceu ao vice-rei com palavras claras e polidas a licença que dava a eles. Dom Quixote fez a mesma coisa e, encomendando-se de todo coração ao céu e a sua Dulcineia, como era seu costume no começo das batalhas que se apresentavam, voltou a tomar alguma distância, pois tinha visto que seu adversário também se posicionava. Então, sem toques de trombeta nem qualquer outro instrumento bélico que lhes desse o sinal para atacar, ambos viraram as rédeas de suas montarias no mesmo instante e partiram. Como o cavalo do Cavaleiro da Lua Branca era mais veloz, alcançou dom Quixote quando este não tinha andado nem dois terços da distância. Sem tocá-lo com a lança (que levantou, pelo visto de propósito), o Cavaleiro da Lua Branca o atingiu com sua montaria, com força tão poderosa que atirou Rocinante e dom Quixote no chão numa queda das mais perigosas. Logo estava sobre ele e, pondo-lhe a ponta da lança na viseira, disse:

— Vencido estais, cavaleiro, e morto ainda por cima, se não confessais as condições de nosso desafio.

Dom Quixote, alquebrado e aturdido, sem levantar a viseira, como se falasse de dentro de uma tumba, com voz fraca e doente, disse:

— Dulcineia del Toboso é a mais formosa mulher do mundo e eu o mais desgraçado cavaleiro da terra, e não fica bem que minha fraqueza atraiçoe esta verdade. Crava a lança, cavaleiro, e me tira a vida, pois me tiraste a honra.

— Não farei isso, com certeza — disse o da Lua Branca. — Longa vida, em sua plenitude, à fama da formosura da senhora Dulcineia del Toboso, pois eu me satisfaço com que o grande dom Quixote se retire a sua aldeia por um ano, ou pelo tempo que eu ordenar, como combinamos antes de entrar em combate.

Tudo isso ouviram o vice-rei e dom Antônio, com muitos outros que estavam ali, e também ouviram que dom Quixote respondeu

que, como não lhe pedia coisa prejudicial à Dulcineia, cumpriria todo o resto como cavaleiro honrado e veraz.

Feita essa confissão, o da Lua Branca virou as rédeas e, fazendo uma reverência com a cabeça para o vice-rei, se foi para a cidade a meio galope.

O vice-rei mandou que dom Antônio fosse atrás dele e descobrisse de qualquer jeito quem era. Levantaram dom Quixote e lhe descobriram o rosto — e o viram pálido e suando. Rocinante, de tão estropiado, por ora não pôde se mexer. Sancho, muito triste e muito contrariado, não sabia o que dizer nem o que fazer: parecia-lhe que toda aquela aventura acontecia em sonhos ou era encantamento de magos. Via seu senhor rendido e obrigado a não empunhar armas por um ano; imaginava a luz da glória de suas façanhas obscurecida, as esperanças de suas novas promessas desfeitas, como se desfaz a fumaça com o vento. Tinha medo de que Rocinante ficasse aleijado, ou que seu amo tivesse o bestunto mais desregulado ainda, porque seria muita sorte se a pancada o tivesse regulado. Por fim, com uma cadeirinha que o vice-rei mandou buscar, levaram o cavaleiro para a cidade, e o vice-rei também se foi para lá, ansioso para saber quem era o Cavaleiro da Lua Branca, que havia deixado dom Quixote em tão mau estado.

lxv

onde se dá notícia de quem era o cavaleiro da lua branca, com a libertação de dom gregório, e outras aventuras

Dom Antônio seguiu o Cavaleiro da Lua Branca, e seguiram-no também ou, digamos melhor, perseguiram-no muitos meninos, até que se viu a salvo numa hospedaria, dentro das muralhas na cidade. Dom Antônio entrou com ele, à espera de enfim conhecê-lo. Um escudeiro veio receber o da Lua Branca e, para ajudá-lo a tirar a armadura, entraram numa sala do térreo — e com eles dom Antônio, que morria de impaciência. Então, vendo que aquele senhor não o largava, o da Lua Branca disse:

— Sei muito bem, senhor, o que vos traz aqui: saber quem sou. Como não há por que vos ocultar isso, enquanto meu criado me tira a armadura vos contarei tudo, sem faltar um ponto com a verdade. Sabei então, senhor, que me chamam Sansão Carrasco e que sou bacharel. Venho da mesma aldeia de dom Quixote de la Mancha, cuja loucura e estupidez nos leva a todos que o conhecemos a morrer de pena, e eu estou entre os que mais se compadecem. Achando que sua salvação está no descanso em sua terra e em sua casa, tramei esse plano para que voltasse. Então, deve fazer uns três meses, cortei o caminho dele como cavaleiro andante, chamando a mim mesmo de Cavaleiro dos Espelhos, com a intenção de lutar com ele e vencê-lo sem o machucar, estabelecendo como condição de nosso duelo que o derrotado se submetesse à vontade do vencedor. O que eu pensava pedir a ele, porque já o julgava vencido, era que voltasse a sua aldeia e que não

saísse dela por um ano inteiro, tempo em que poderia se curar. Mas a sorte arranjou as coisas de outra maneira, porque ele me venceu, derrubando-me do cavalo. Assim, de nada valeu minha intenção: ele seguiu seu caminho e eu voltei, derrotado, humilhado e alquebrado pelo tombo, que foi dos mais perigosos; mas nem por isso perdi a vontade de procurá-lo de novo e vencê-lo, como se viu hoje. E, como ele é tão escrupuloso ao observar os regulamentos da cavalaria andante, sem dúvida obedecerá ao que combinamos, para cumprir sua palavra. É isso que acontece, senhor, sem que eu tenha de vos dizer mais nada. Suplico-vos que não reveleis quem sou eu, muito menos a dom Quixote, para que minhas boas intenções surtam efeito e possa recuperar o juízo um homem que o tem muito bom desde que o deixem as tolices da cavalaria.

— Oh, meu caro senhor — disse dom Antônio —, que Deus vos perdoe o prejuízo que fizestes a todo o mundo ao querer tornar lúcido o mais engraçado dos loucos! Não vede, senhor, que o proveito que pode ter a sensatez de dom Quixote não chega aos pés do prazer que dá seus desvarios? Mas eu imagino que toda a astúcia do senhor bacharel não há de ser suficiente para tornar lúcido um homem tão rematadamente louco. E, se não fosse impiedoso de minha parte, eu diria que dom Quixote nunca deve sarar, porque com sua saúde não só perderemos suas extravagâncias, como as graças de seu escudeiro, Sancho Pança, pois qualquer uma delas pode alegrar a própria melancolia. Mesmo assim, calarei: não direi nada a ele, para ver se tenho razão em suspeitar que não terá efeito nenhum a diligência do senhor Carrasco.

O bacharel respondeu que em todo caso aquele negócio já tinha sido despachado e que esperava um desfecho feliz. Depois de dom Antônio ter se posto a sua disposição para tudo o que precisasse, Sansão se despediu dele e no mesmo instante saiu da cidade e voltou para sua pátria, montado no cavalo com que entrara na batalha e com sua armadura e armas amarradas sobre um burro, sem que tenha lhe acontecido coisa digna de se contar nesta história verídica.

Dom Antônio contou ao vice-rei tudo o que Carrasco havia contado a ele, o que não deixou o vice-rei muito satisfeito, porque com o afastamento de dom Quixote se perdia a diversão que podiam ter todos aqueles que tivessem notícia de suas loucuras.

Dom Quixote esteve seis dias de cama, aflito, triste, pensativo e aborrecido, repassando na imaginação uma vez depois da outra os desgraçados lances de sua derrota. Sancho o consolava — entre outras coisas, lhe disse:

— Senhor, levante a cabeça e alegre-se, se é que pode, e dê graças ao céu que não saiu com uma costela quebrada, pois foi derrubado no chão. Vossa mercê sabe que quem com ferro fere com ferro será ferido, e nem tudo o que reluz é ouro. Mande o médico para aquele lugar, pois não precisa dele para se curar desta doença, e voltemos para casa e deixemos de andar em busca de aventura por terras e cidades que não conhecemos. Agora, se pensarmos bem, o mais prejudicado aqui sou eu, embora seja vossa mercê o mais escangalhado: eu, que deixei com o governo os desejos de nunca mais ser governador, não perdi a gana de ser conde, coisa que jamais acontecerá se vossa mercê não for rei, abandonando o ofício da cavalaria. Assim minhas esperanças se transformam em fumaça.

— Cala-te, Sancho. Não vês que minha retirada e reclusão não devem passar de um ano? Logo voltarei a meu honrado ofício, e não há de me faltar reino para ganhar e algum condado para te dar.

— Que Deus o ouça e o diabo seja surdo — disse Sancho —, pois sempre ouvi dizer que mais vale uma boa esperança que uma posse ruim.

Estavam nisso, quando entrou dom Antônio, dizendo com mostras de grande satisfação:

— Belas novas, senhor dom Quixote: dom Gregório e o renegado que foi buscá-lo estão na praia! Ora, praia! O que digo? Já estão na casa do vice-rei e estarão aqui num instante.

Dom Quixote se alegrou um pouco e disse:

— Na verdade, estou quase para dizer que gostaria que tivesse saído tudo errado, porque me obrigaria a ir à Berbéria, onde com a força de meu braço libertaria não só dom Gregório como todos os

cristãos prisioneiros por lá. Mas, pobre de mim, que digo? Não sou eu o derrotado? Não sou eu o abatido? Não sou eu que não pode empunhar uma arma por um ano? Então, que posso prometer? De que me gabo, se antes me convém usar a roca que a espada?

— Deixe disso, senhor — disse Sancho. — Viva o sabujo, mesmo sem faro, que um dia é da caça e o outro, do caçador, e não se deve levar a sério essas coisas de sovas e porradas, porque quem cai hoje pode se levantar amanhã, a menos que queira ficar na cama, quero dizer, que se deixe levar pelo desânimo, sem criar novas forças para novas pendências. Vamos, levante-se vossa mercê para receber dom Gregório, que, pelo alvoroço do pessoal da casa, deve estar chegando.

Era verdade, porque, ansioso para ver Ana Félix, dom Gregório veio com o renegado para a casa de dom Antônio depois de ter ido com ele prestar contas ao vice-rei da viagem de resgate. Embora dom Gregório usasse roupas de mulher quando foi tirado de Argel, no barco as trocou pelas de um prisioneiro que veio com ele; mas qualquer uma que usasse mostraria ser ele pessoa para ser cobiçada, servida e estimada, porque era formoso demais, e tinha, pelo visto, uns dezessete ou dezoito anos.

Ricote e sua filha saíram para recebê-lo, o pai com lágrimas e a filha com recato. Não se abraçaram, porque onde há muito amor não costumam haver demasiadas efusões. Lado a lado, as belezas de dom Gregório e de Ana Félix causaram pasmo extraordinário a todos os presentes. Ali foi o silêncio quem falou pelos apaixonados, e os olhos foram as línguas que revelaram suas intenções, alegres e puras.

O renegado contou os meios e as manhas que precisou empregar para trazer dom Gregório; dom Gregório contou os perigos e apertos que passara com as mulheres com quem tinha ficado, mas sem longas explicações, com rápidas palavras, onde mostrou que seu discernimento ultrapassava sua idade. Por fim, Ricote pagou generosamente tanto o renegado como os remadores. O renegado se reconciliou com a Igreja, submetendo-se ao tribunal da Santa Inquisição — e o membro podre voltou são e salvo com a penitência e o arrependimento.

Dali a dois dias o vice-rei tratou com dom Antônio da forma como resolveriam o caso de Ana Félix e seu pai, parecendo-lhes não haver inconveniente algum em que ficassem na Espanha filha tão cristã e pai, pelo visto, tão bem-intencionado. Dom Antônio se ofereceu para ir à corte negociá-lo, onde tinha de ir forçosamente por outros assuntos, dando a entender que lá, por meio de favores e presentes, se conseguem muitas coisas difíceis.

— Não — disse Ricote, que participava dessa conversa —, não devemos nos valer de favores nem de presentes, porque com o grande dom Bernardino de Velasco, conde de Salazar, a quem sua majestade encarregou nossa expulsão, não adiantam súplicas, nem promessas, nem presentes, nem queixas, pois, embora ele misture a misericórdia com a justiça, sabe que todo o corpo de nossa nação está contaminado e podre, e usa com ele antes o ferro em brasa que o cauteriza que o unguento que o mitiga. Assim, com prudência, com sagacidade, com diligência e com o medo que inspira, levou sobre seus ombros fortes o peso dessa grande empresa e a executou devidamente, sem que nossas artimanhas, estratagemas, solicitações e fraudes tenham conseguido ofuscar seus olhos de Argos, que mantém alertas o tempo todo para que não fique nem se esconda nenhum dos nossos, que, como raiz oculta, venha a brotar com o tempo e dar frutos venenosos na Espanha, já limpa, já desembaraçada dos temores em que nossa multidão a mantinha. Heroica resolução essa do grande Felipe Terceiro, e inaudita prudência tê-la encarregado a dom Bernardino de Velasco.

— Mesmo assim, estando lá, farei uma por uma as diligências possíveis, e que o céu faça o que achar melhor — disse dom Antônio. — Dom Gregório irá comigo, para consolar seus pais da tristeza que devem sentir por sua ausência; Ana Félix ficará com minha mulher, em minha casa ou num mosteiro, e eu sei que o senhor vice-rei gostará que fique na sua o bom Ricote até ver como me saio no negócio.

O vice-rei concordou com tudo, mas dom Gregório, sabendo o que acontecia, disse que de maneira nenhuma podia nem queria deixar dona Ana Félix; mas, tendo intenção de ver seus pais e dar um jeito de voltar por causa dela, acabou por aceitar a combinação. Ana

Félix ficou com a mulher de dom Antônio, e Ricote na casa do vice-rei.

Chegou o dia da partida de dom Antônio, e o de dom Quixote e Sancho, que foi dali a dois, porque o tombo não permitiu que se pusesse a caminho mais cedo. Houve lágrimas, houve suspiros, desmaios e soluços quando dom Gregório se despediu de Ana Félix. Ricote ofereceu a dom Gregório mil escudos, se os quisesse, mas ele não aceitou nenhum, apenas cinco, emprestados por dom Antônio, a quem prometeu pagar na corte. Assim partiram os dois, e dom Quixote e Sancho em seguida, como se disse: dom Quixote em traje de passeio; Sancho a pé, pois o burro carregava as armas e a armadura.

lxvi

que trata do que verá aquele que o ler ou ouvirá aquele que escutar a leitura

Ao sair de Barcelona, dom Quixote olhou de novo o lugar onde havia caído e disse:

— Aqui foi Troia! Aqui minha desgraça, não minha covardia, levou minhas glórias conquistadas! Aqui fui joguete das voltas e reviravoltas do destino, aqui minhas façanhas se apagaram! Enfim, aqui caiu minha ventura para jamais se levantar!

Ouvindo isso, Sancho disse:

— Os corações valentes, meu senhor, tanto resistem na desgraça como se alegram na prosperidade. Julgo isso por mim mesmo: estava alegre quando era governador e agora, que sou escudeiro a pé, não estou triste. Ouvi dizer que essa que chamam de Fortuna é uma mulher bêbada e cheia de caprichos, mas principalmente cega, quer dizer, não vê o que faz, nem sabe a quem derruba nem a quem aclama.

— Estás muito filosófico, Sancho — respondeu dom Quixote. — Falas com muito tino. Não sei quem te ensina. Mas o que posso te dizer é que não há fortuna no mundo, nem as coisas que acontecem nele, sejam boas ou más, vêm por acaso e sim por determinação especial dos céus. É por isso que se costuma dizer que cada um é artífice de seu destino. Eu fui do meu, mas não com a prudência necessária, e assim lá se foram por água abaixo minhas presunções. Eu devia ter imaginado que, diante do tamanho enorme do cavalo do Cavaleiro da Lua Branca, a magreza de Rocinante não poderia resistir. Arrisquei-me, então: fiz o que pude, derrubaram-me

e, embora tenha perdido a honra, não perdi nem posso perder a virtude de cumprir minha palavra. Quando era cavaleiro andante, audacioso e valente, garantia meus feitos com minhas ações e com minhas mãos; e agora, quando sou um simples pedestre, garantirei minhas palavras cumprindo a que empenhei em minha promessa. Caminha, pois, meu amigo Sancho, e vamos a nossa terra enfrentar o ano de provação, em cujo retiro ganharemos virtude nova para voltar ao exercício das armas por mim nunca esquecido.

— Olha, senhor — respondeu Sancho —, andar a pé não é coisa tão agradável que me leve e incite a fazer grandes jornadas. Deixemos essas armas e armadura penduradas em alguma árvore, no lugar de um enforcado, e, ocupando eu as costas do burro, sem os pés no chão, viajaremos ao bel-prazer de vossa mercê. Porque pensar que vou fazer a pé uma viagem tão longa é o mesmo que pensar que a lua é um queijo.

— Muito bem, Sancho — respondeu dom Quixote. — Pendure minhas armas e minha armadura como troféu, e abaixo delas ou em torno delas gravaremos nas árvores o que estava escrito no troféu das armas e armadura de Roland:

Ninguém as mova
se com Roland não possa
se pôr à prova.

— Eis aí uma ideia de ouro! — respondeu Sancho. — E, se não fosse a falta que Rocinante nos faria, também seria bom deixá-lo pendurado.

— Não! Nem Rocinante nem as armas — replicou dom Quixote. — Não quero que se enforquem, para que não se diga que cuspo no prato em que como!

— Muito bem falado — respondeu Sancho —, porque, conforme a opinião dos sábios, quem tem culpa paga a custa. E, como vossa mercê tem a culpa do que aconteceu, castigue-se a si mesmo, e não caia sua ira sobre a armadura escangalhada e suja de sangue,

nem na mansidão de Rocinante, nem na delicadeza de meus pés, esperando que caminhem além do razoável.

Em conversas e discussões como essas, passaram todo aquele dia e mais quatro, sem lhes acontecer coisa que atrapalhasse sua viagem. No quinto dia, à entrada de uma aldeia, à porta de uma hospedaria, encontraram muita gente se divertindo porque era dia de festa. Quando dom Quixote se aproximou, um camponês disse, elevando a voz:

— Um destes senhores que chegam, que não conhecem nenhum dos envolvidos, dirá como devemos resolver a aposta.

— Claro que digo — respondeu dom Quixote —, com toda lisura, se conseguir entender o caso.

— O caso é o seguinte, meu bom senhor: um morador desta aldeia, tão gordo que pesa onze arrobas — disse o camponês —, apostou uma corrida com um vizinho que não pesa mais que cinco. A condição foi que deviam correr cem passos com pesos iguais; e, tendo perguntado ao desafiante como se faria para igualar o peso, ele respondeu que o desafiado, que pesa cinco arrobas, botasse seis de ferro nas costas, e assim o gordo e o magro ficariam com onze arrobas.

— Esperem aí — disse Sancho nessas alturas, antes que dom Quixote respondesse. — A mim toca averiguar essas dúvidas e julgar todo pleito, porque, como todo mundo sabe, há poucos dias deixei de ser governador e juiz.

— Responde em boa hora, Sancho, meu amigo — disse dom Quixote —, porque não sei nem onde tenho a ponta do nariz, tão agitadas e confusas trago as ideias.

Com essa licença, Sancho disse aos camponeses, que se amontoavam ao redor dele, de boca aberta, esperando sua sentença:

— Meus irmãos, o que o gordo pede não tem jeito nem sombra de justiça alguma. Porque se for verdade o que se diz, que o desafiado pode escolher as armas, não fica bem que escolha as que o atrapalhem ou impeçam de sair vencedor. Assim, é minha opinião que o gordo desafiador se descasque, desbaste, afine, refine, lustre e perca seis arrobas de suas banhas. Dessa maneira, ficando com

cinco arrobas de peso, se igualará ao adversário, podendo assim correr em idênticas condições.

— Minha nossa! — disse um camponês que escutou a sentença de Sancho. — Este senhor falou como um santo e sentenciou como um cônego! Mas com certeza o gordo não vai querer perder nem um quilo de banha, quanto mais seis arrobas.

— O melhor é que não corram — respondeu outro —, para que o magro não se arrebente com o peso nem o gordo com o jejum; e se invista metade da aposta em vinho, e levemos esses senhores à taberna do mais caro deles, que eu pago a conta no dia de São Nunca.

— Senhores — respondeu dom Quixote —, eu vos agradeço, mas não posso parar um instante, porque acontecimentos e pensamentos tristes me obrigam a partir apressado e parecer descortês.

E então, esporeando Rocinante, seguiu em frente, deixando todos admirados tanto por sua estranha figura como pela sabedoria de seu criado, que assim julgaram Sancho. Outro dos camponeses disse:

— Se o criado é tão arguto, como não será o amo?! Aposto que, se forem estudar em Salamanca, num piscar de olhos serão juízes criminais. Tudo é conversa fiada, menos estudar e estudar mais, e ter padrinhos e sorte; e, quando menos se espera, lá está o homem, com a insígnia de governador na mão ou uma mitra na cabeça.

Aquela noite, amo e criado passaram no meio do campo, ao relento. No outro dia, seguindo seu caminho, viram que vinha na direção deles um homem a pé, com uns alforjes no pescoço e uma lança ou chuço na mão, a própria figura do correio a pé. Quando chegou mais perto de dom Quixote, apressou o passo e, meio correndo, se aproximou dele e, abraçando-lhe a coxa direita, pois não alcançava mais nada, disse com grandes demonstrações de alegria:

— Oh, meu senhor dom Quixote de la Mancha, que grande satisfação vai encher o coração de meu senhor o duque, ao saber que vossa mercê volta a seu castelo, pois ainda se encontra lá com minha senhora a duquesa!

— Não vos conheço, meu amigo — respondeu dom Quixote —, nem sei quem sois, se não me disserdes.

— Senhor dom Quixote — respondeu o correio —, eu sou Tosilos, o lacaio do duque, que não quis lutar com vossa mercê por causa do casamento da filha de dona Rodríguez.

— Valha-me Deus! — disse dom Quixote. — É possível que sejais aquele que os magos meus inimigos transformaram neste lacaio, para me esbulhar da honra daquela batalha?

— Não diga isso, meu caro senhor — respondeu o carteiro —, pois não houve encantamento nenhum, nem transformação de rosto: tão lacaio Tosilos entrei na liça como Tosilos lacaio saí dela. Pensei em me casar sem lutar porque gostei do porte da moça, mas meus planos saíram pela culatra pois, logo que vossa mercê partiu de nosso castelo, o duque meu senhor mandou me dar cem bastonadas por ter desobedecido às ordens que me dera antes de entrar na batalha, e tudo acabou em que a moça virou freira, dona Rodríguez voltou a Castela e eu agora vou a Barcelona levar um maço de cartas de meu amo ao vice-rei. Se vossa mercê quiser um traguinho de vinho, quente, sim, mas puro, levo aqui uma cabaça cheia do melhor, com não sei quantas fatias de queijo de Tronchón, que servirão de aperitivo para despertar a sede, se por acaso estiver dormindo.

— Dobro a aposta — disse Sancho —, e descarte as cortesias: sirva logo o vinho, meu caro Tosilos, apesar e a despeito de todos os magos das Índias.

— No fim das contas, Sancho — disse dom Quixote —, tu és mesmo o maior comilão do mundo e o maior ignorante da terra, pois não te convences de que se trata de um encantamento, que este Tosilos é uma imitação. Fica com ele e enche a pança, que eu sigo devagarinho, esperando por ti.

O lacaio riu, sacou a cabaça e pegou nos alforjes as fatias de queijo, mais um pãozinho. Sentados na grama verde, na santa paz de Deus, num instante ele e Sancho deram cabo de todos os mantimentos, com tanta gana que lamberam o maço de cartas, só porque cheirava a queijo. Tosilos disse a Sancho:

— Sancho, meu amigo, sem dúvida este teu amo deve ser louco.

— Como deve? — respondeu Sancho. — Não deve nada a ninguém: paga todas as contas, principalmente quando a moeda é loucura. Sei disso muito bem e até digo a ele, mas de que adianta? Ainda mais agora, que está louco varrido, porque foi derrotado pelo Cavaleiro da Lua Branca.

Tosilos suplicou que lhe contasse o que tinha acontecido, mas Sancho respondeu que era uma descortesia deixar que seu amo o esperasse, que outro dia, caso se encontrassem, haveria tempo para isso. E levantando-se, depois de ter sacudido as migalhas da roupa e das barbas, pegou o burro pelas rédeas e, dizendo adeus, deixou Tosilos e alcançou seu amo, que o esperava à sombra de uma árvore.

lxvii

da decisão que dom quixote tomou de se tornar pastor e seguir a vida do campo enquanto durasse o ano de sua promessa, com outros acontecimentos verdadeiramente excelentes e saborosos

Se muitos pensamentos incomodavam dom Quixote antes de ser derrotado, muitos mais o incomodavam depois. Estava à sombra de uma árvore, como se disse, e ali os pensamentos caíam sobre ele como moscas no mel: uns picavam pelo desencantamento de Dulcineia e outros pela vida que devia levar em seu retiro forçado. Sancho chegou e elogiou a índole generosa do lacaio Tosilos.

— Não é possível, Sancho, que ainda penses que aquele seja lacaio de verdade! — disse dom Quixote. — Parece que varreste da memória que tu mesmo viste Dulcineia transformada em camponesa e o Cavaleiro dos Espelhos, no bacharel Carrasco, tudo isso obra dos magos que me perseguem. Mas agora me diz: perguntaste a esse tal de Tosilos o que foi feito de Altisidora, se chorou minha ausência ou se já deixou nas mãos da indiferença os pensamentos amorosos que a fustigavam em minha presença?

— Ora, senhor — respondeu Sancho —, os que me fustigavam não me deixaram perguntar tolices. Com os diabos, então vossa mercê chegou ao ponto de bisbilhotar os pensamentos dos outros, principalmente os amorosos?

— Olha, Sancho — disse dom Quixote —, há muita diferença entre as coisas que se fazem por amor das que se fazem por gratidão. Um cavaleiro pode muito bem não estar apaixonado, mas não pode,

estritamente falando, ser mal-agradecido. Pelo visto, Altisidora me amou: deu-me aquelas três toucas, chorou em minha partida, amaldiçoou-me, insultou-me, queixou-se (apesar da vergonha) publicamente, amostras todas de que me adorava, pois as iras dos amantes costumam acabar em pragas. Eu não tinha esperanças para dar a ela nem tesouros para lhe oferecer, porque entreguei as minhas a Dulcineia e os tesouros de cavaleiros andantes são como os dos duendes, somem quando tocados, são falsos, pura aparência, e posso dar a Altisidora apenas essas lembranças que tenho dela, sem prejuízo, no entanto, das que tenho de Dulcineia, a quem tu prejudicas com a preguiça que tens em açoitar e castigar esse corpo que já vejo comido pelos lobos, que quer se guardar antes para os vermes que para a salvação daquela pobre senhora.

— Se vamos falar a verdade, senhor — respondeu Sancho —, não posso me convencer de que açoitar meu traseiro tenha como ajudar o desencantamento dos encantados, pois é como se disséssemos: “Se vos dói a cabeça, botai um cataplasma no joelho”. Pelo menos eu me atrevo a jurar que, em todas as histórias que tratam da cavalaria andante que vossa mercê leu, não viu nenhum desencantado por açoites; mas, pelo sim e pelo não, vou me açoitar, quando tiver vontade e tempo suficiente.

— Queira Deus — respondeu dom Quixote —, e que os céus te iluminem para que te dês conta da obrigação que te cabe de socorrer minha senhora, que também é tua, pois tu és meu.

Em conversas assim, seguiram viagem, até que chegaram ao mesmo lugar onde tinham sido atropelados pelos touros. Reconhecendo-o, dom Quixote disse a Sancho:

— Este é o campo onde topamos com aquelas pastorinhas encantadoras e aqueles pastores galantes que queriam imitar e reconstruir a Arcádia pastoral, ideia tão original como sábia, que eu gostaria de seguir, Sancho, se te agradar, transformando-nos em pastores, ao menos pelo tempo de meu retiro. Sim, comprarei algumas ovelhas e todas as demais coisas que são necessárias ao ofício pastoril. Eu me chamarei “pastor Quixótis”, tu “pastor Pancino”, e andaremos pelas montanhas, pelas selvas e pelos campos, cantando aqui, declamando ali, bebendo nas fontes

cristalinas ou nos riachos límpidos ou nos rios caudalosos. Com mão farta, as azinheiras nos darão seus doces frutos e assentos, os troncos dos fortíssimos sobreiros; sombras, os salgueiros; perfume, as rosas; tapetes de mil cores matizadas, os campos imensos; alento, o ar fresco e puro; luz, a lua e as estrelas, apesar da escuridão da noite; prazer, o canto; alegria, o pranto; Apolo, versos; o Amor, conceitos, com que poderemos nos tornar eternos e famosos, não apenas no presente século, mas nos seguintes.

— Por Deus — disse Sancho —, esse tipo de vida sim me quadra e me enquadra. E olha, logo que o bacharel Sansão Carrasco e mestre Nicolás, o barbeiro, o virem, vão querer nos seguir e se tornar pastores também. Mas queira Deus que o padre não tenha vontade de entrar no rebanho, sendo tão alegre e amigo de uma diversão.

— Falaste muito bem — disse dom Quixote. — E o bacharel Sansão Carrasco, se entrar em nosso grêmio pastoril, como entrará com certeza, se chamará “pastor Sansonino”, ou talvez “pastor Carrascão”; o barbeiro Nicolás poderá se chamar “Niculoso”, como o já antigo Boscán se chamou “Nemoroso”;[1] não sei que nome podemos dar ao padre, se não for algum derivativo de sua profissão, chamando-o, por exemplo, de “pastor Rosarião”. E as pastoras por quem estaremos apaixonados? Escolher o nome delas será como escolher entre pérolas, pois o de minha senhora tanto serve a uma pastora como a uma princesa: não há por que se cansar em procurar um nome mais conveniente. E tu, Sancho, chamarás a tua como quiseres.

— Não penso dar outro nome a não ser Teresona — respondeu Sancho —, pois lhe cairá bem com sua gordura e com o que já tem: Teresa. Depois, celebrando-a em meus versos, revelo a castidade de meus desejos, pois não ando procurando nas casas alheias o que deixei na minha. Quanto ao padre, não fica bem que tenha pastora, para dar bom exemplo; e o bacharel, se quiser ter uma, sua alma, sua palma.

— Santo Deus — disse dom Quixote —, que vida vamos levar, Sancho, meu amigo! Quantas charamelas vão ressoar em nossos ouvidos, quantas gaitas de Zamora, quantos tamborins e guizos e

rabecas! E imagina se entre tantas músicas ressoa a dos alboques! Aí sim se verá quase todos os instrumentos pastoris.

— O que são alboques? — perguntou Sancho. — Nunca vi nenhum, nem nunca ouvi falar neles.

— Alboques são uns pratinhos de latão, meio como castiçais — respondeu dom Quixote. — Como são ocos, batendo um no outro fazem um som que, apesar de não ser muito agradável nem harmônico, não descontenta e combina bem com a rusticidade da gaita e do tamborim. Essa palavra, alboques, é mourisca, como todas aquelas em nossa língua castelhana que começam com *al*, como por exemplo: *almofada*, *almoçar*, *alfombra*, *almofariz*, *alfazema*, *almoxarife*, *alcanfor* e outras semelhantes, que não devem ser muitas mais; e nossa língua tem apenas três que são mouriscas e acabam em *i*: *borceguí*, *zauizamí* e *maravedí*; *alhelí* e *alfaquí*, tanto pelo *al* do começo como pelo *i* do final, são conhecidas como árabes.[2] Eu me desviei nessa conversa porque a palavra alboques me trouxe essas coisas à memória. Enfim, pelo visto vai nos ajudar muito a aperfeiçoar esse ofício o fato de eu ser um poeta razoável, como tu sabes, e por ser excelente o bacharel Sansão Carrasco. Do padre não digo nada, mas posso apostar que é chegado a rimas e métricas; e que também o seja mestre Nicolás, eu não ficaria surpreso, porque todos ou a maioria dos barbeiros são violeiros e trovadores. Eu me queixarei de ausência; tu te gabarás de amante fiel; o pastor Carrascão, de rejeitado, e o padre Rosarião, do que mais lhe convir, e assim a coisa correrá melhor do que se imagina.

Ao que Sancho respondeu:

— Senhor, eu tenho tão pouca sorte que tenho medo que não chegue o dia em que me veja nesse ofício. Oh, quando eu for pastor, quantas colheres vou entalhar e polir! Quantos refogados vou fazer! Quantas natas, quantas grinaldas! E todas aquelas bugigangas pastoris que, mesmo que não me tragam fama de sábio, me trarão de habilidoso! Sanchinha, minha filha, nos levará a comida ao campo. Mas, cuidado! Ela é jeitosa, e há por aí mais pastores canalhas que inocentes, e eu não gostaria que ela fosse em busca de lã e saísse tosquiada, porque os amores e as más

intenções costumam andar tanto pelos campos como pelas cidades, pelas choças pastoris como pelos palácios reais, e tirada a causa, foi-se o pecado, e o que os olhos não veem o coração não sente, e mais vale outra volta na chave que conselho de frade.

— Chega de ditados, Sancho — disse dom Quixote. — Basta um dos que disseste para se entender o que pensas. Muitas vezes te aconselhei a não ser tão pródigo em ditados, a puxar a rédea ao dizê-los, mas é o mesmo que pregar no deserto e malhar em ferro frio.

— Parece-me — respondeu Sancho — que vossa mercê é como o burro que disse ao asno: “Fora daqui, orelhudo!”. Está me repreendendo e me aconselhando a não dizer ditados, mas vai desfiando-os de dois em dois.

— Olha, Sancho — respondeu dom Quixote —, eu uso ditados a propósito: quando os digo, eles servem como anel no dedo. Mas tu os arrastas pelos cabelos, em vez de guiá-los. E, se me lembro bem, eu te disse outra vez que os ditados são sentenças breves, nascidas da experiência e da especulação de nossos sábios antigos, mas, se o ditado não vem a propósito, é antes um disparate que uma sentença. Enfim, deixemos isso para lá. Já anoitece, vamos nos afastar um pouco da estrada real e achar onde passar a noite, que amanhã só Deus sabe o que será.

Afastaram-se e jantaram tarde e mal, bem contra a vontade de Sancho, que se lembrou das misérias da cavalaria andante, principalmente nas selvas e nas montanhas, porque às vezes a fartura se mostrava nos castelos ou nas casas, como na de dom Diego de Miranda e na de dom Antônio Moreno, ou na festa de casamento do rico Camacho. Mas, como não considerava possível ser sempre de dia nem sempre de noite, passou aquela dormindo, e seu amo, velando.

lxviii

da hirsuta aventura que aconteceu a dom quixote

A noite era um tanto escura, apesar de a lua estar no céu, mas não em lugar que pudesse ser vista — às vezes a senhora Diana vai passear nos antípodas e deixa as montanhas negras e os vales escuros. Dom Quixote se rendeu à natureza, dormindo o primeiro sono, sem se entregar ao segundo, bem ao contrário de Sancho, que nunca teve o segundo, porque o sono dele durava da noite até a manhã, no que transparecia sua boa compleição e poucas preocupações. As de dom Quixote o mantiveram insone, de modo que acordou Sancho e lhe disse:

— Estou maravilhado com a liberdade de tua condição, Sancho: imagino que és feito de mármore ou do bronze mais duro, em que não cabe movimento nem sentimento algum. Eu velo quando tu dormes, eu choro quando tu cantas, eu desmaio de privação quando tu ficas inerte de preguiça de tão saciado. É próprio dos bons criados suportar as aflições de seus senhores e compartilhar seus sentimentos, pelo menos na aparência. Olha a serenidade desta noite, a solidão em que estamos. Elas nos convidam a intercalar alguma vigília em meio ao nosso sono. Por Deus, levanta, afasta-te um pouco daqui e, reconhecido, com coragem e energia, dá-te trezentos ou quatrocentos açoites por conta daqueles do desencantamento de Dulcineia. Eu te peço isso suplicando, pois não quero sair aos murros contigo como da outra vez, porque sei que tens as mãos pesadas. Depois que tenhas te aplicado a sova, passaremos o resto da noite cantando, eu minha ausência e tu, tua

constância, começando neste instante o ofício pastoril que seguiremos em nossa aldeia.

— Senhor — respondeu Sancho —, não sou religioso para me levantar no meio do sono e me penitenciar, nem me parece que do extremo da dor dos açoites possa se passar às delícias da música. Deixe-me vossa mercê dormir e não me amole mais com esse negócio, que me fará jurar não tocar num fiado de meu saio, imagina de meu traseiro.

— Oh, alma empedernida! Oh, escudeiro sem piedade! Oh, pão mal-empregado e mercês mal pensadas as que te fiz e penso fazer! Por minha causa te viste governador e por minha causa te vês com esperanças iminentes de ser conde ou ter outro título semelhante, e a realização delas não vai demorar mais que este ano, pois eu *post tenebras spero lucem*.[1]

— Isso eu não entendo — replicou Sancho. — Só entendo que, enquanto durmo, não tenho medo nem esperança, nem trabalho nem glória. Vida longa a quem inventou o sono, capa que cobre todos os pensamentos humanos, manjar que tira a fome, água que afugenta a sede, fogo que abranda o frio, frio que mitiga o calor, enfim, moeda geral com que se compram todas as coisas, balança e medida que iguala o pastor ao rei e o tolo ao sábio. O sono só tem uma coisa má, pelo que ouvi dizer: é que se parece com a morte, pois entre um adormecido e um morto há pouca diferença.

— Nunca te ouvi falar tão elegantemente como agora, Sancho — disse dom Quixote. — Por isso penso que é verdadeiro aquele ditado que às vezes dizes: “Não importa a casta, mas com quem se pasta”.

— Raios me partam, senhor! — replicou Sancho. — Agora não sou eu quem desfia ditados. Da boca de vossa mercê eles caem de dois em dois, melhor que da minha, pois há uma diferença entre os meus e os seus: os de vossa mercê caem na hora certa e os meus, fora de hora. Mas, queira ou não, todos são ditados.

Estavam nessa discussão, quando ouviram um estrondo surdo, um barulho desagradável, que se estendia por aqueles vales todos. Dom Quixote se levantou e empunhou a espada, e Sancho se escondeu debaixo do burro, ladeado pela confusão de armas,

armadura e albarda, tremendo tanto de medo como dom Quixote de alvoroçado. Pouco a pouco, o barulho ia crescendo e se aproximando dos dois medrosos, ou pelo menos de um, porque do outro já se conhece a valentia.

O caso era que uns homens levavam mais de seiscentos porcos para vender na feira, e os bichos faziam tanto barulho, grunhindo e bufando, que ensurdeceram dom Quixote e Sancho Pança, os quais não atinaram com o que poderia ser. A grande e grunhidora manada chegou a toda pressa e, sem respeito pela autoridade de dom Quixote, passou por cima dos dois, desmanchando a trincheira de Sancho e derrubando não só dom Quixote como levando Rocinante de quebra. O tropel, os grunhidos e a rapidez com que chegaram aqueles animais imundos deixaram a todos confusos — e por terra a albarda, as armas e a armadura, o burro, Rocinante, Sancho e dom Quixote.

Sancho levantou como pôde e pediu a espada a seu amo, dizendo que queria matar meia dúzia daqueles senhores descarados, pois já tinha percebido que eram porcos. Dom Quixote disse:

— Deixa estar, meu amigo: esta afronta é punição por meus pecados. É castigo justo do céu que a um cavaleiro andante vencido comam os chacais, piquem as vespas e pisoteiem os porcos.

— Também deve ser castigo do céu — respondeu Sancho — que os escudeiros dos cavaleiros vencidos sejam picados por moscas, comidos por piolhos e atacados pela fome. Se nós, escudeiros, fôssemos filhos dos cavaleiros a que servimos, ou parentes mais próximos, não seria de estranhar que a punição dos pecados deles nos alcançasse até a quarta geração. Mas o que têm que ver os Panças com os Quixotes? Bem, vamos nos acomodar de novo e dormir o pouco que resta da noite, que amanhã será outro dia, com a graça de Deus.

— Dorme tu, Sancho, que nasceste para dormir — respondeu dom Quixote —, pois eu, que nasci para velar, no tempo que falta até o dia raiar darei rédea solta a meus pensamentos e os desafogarei num madrigalzinho que, sem que tenhas percebido, compus de cabeça.

— Parece-me que os pensamentos que levam a fazer versos não devem ser muitos — respondeu Sancho. — Verseje vossa mercê o quanto quiser, que eu vou dormir o quanto puder.

E então, ocupando do chão o quanto quis, se aconchegou e dormiu a sono solto, sem que fianças, nem dívidas, nem dor alguma o atrapalhasse. Dom Quixote, escorado no tronco de uma faia, ou de um sobreiro (que Cide Hamete Benengeli não define que árvore era), ao som de seus próprios suspiros cantou desta maneira:

— *Amor, quando eu penso*
no mal que me fazes, terrível e forte,
corro para a morte,
pensando assim acabar meu mal imenso;

mas ao chegar ao passo
que é porto neste mar de meu tormento,
tanta alegria sinto,
que a vida se rebela, e não o ultrapasso.

Assim o viver me mata,
pois a morte volta a me dar a vida.
Oh, situação nunca vista
a que comigo morte e vida trata![a]

Acompanhava cada um desses versos com muitos suspiros e não poucas lágrimas, exatamente como quem tinha o coração trespassado pela dor da derrota e pela ausência de Dulcineia.

Nisso chegou o dia: o sol deu com seus raios nos olhos de Sancho, que acordou e se espreguiçou, sacudindo-se e espichando os membros entorpecidos; olhou o estrago que os porcos tinham feito em seus mantimentos e amaldiçoou a manada — para dizer a verdade, foi mais longe ainda. Por fim, os dois retomaram sua viagem e, quando a tarde declinou, viram se aproximar deles uns dez homens a cavalo e quatro ou cinco a pé. O coração de dom Quixote se sobressaltou e se atordoou o de Sancho, porque aquela

gente trazia lanças e adargas, parecendo em pé de guerra. Dom Quixote se virou para Sancho e disse:

— Se eu pudesse usar minhas armas, Sancho, e minha promessa não me atasse as mãos, eu consideraria este pelotão que vem sobre nós um convite para uma festa. Mas pode ser que seja coisa diferente da que tememos.

Nisso chegaram os homens a cavalo e, com as lanças em riste, sem dizer uma palavra rodearam dom Quixote e o ameaçaram de morte, apontando-as para as costas e o peito dele. Um dos homens a pé, com um dedo na boca como pedindo que se calasse, agarrou o freio de Rocinante e o afastou da estrada. Os outros que vinham a pé, pegando Sancho e o burro, mantendo-se todos em silêncio extraordinário, seguiram os passos daquele que levava dom Quixote, que por duas ou três vezes quis perguntar aonde o levavam ou o que queriam, mas, mal começava a mover os lábios, obrigavam-no a fechá-los com as pontas das lanças. Acontecia a mesma coisa com Sancho, porque, apenas dava mostras de querer falar, um dos homens a pé o cutucava com um chuço, e nem mais nem menos isso se passava com o burro também, como se ele quisesse falar. Caiu a noite, apressaram o passo, cresceu o medo nos prisioneiros, e mais ainda quando ouviram que de tanto em tanto lhes diziam:

— Andai, primatas!

— Calai, bárbaros!

— Sofrei, antropófagos!

— Não vos queixeis, celerados! Nem abrais os olhos, Polifemos assassinos, leões carniceiros!

E outros nomes semelhantes, com que atormentavam os ouvidos dos miseráveis amo e criado. Sancho ia dizendo a si mesmo: “Nós, andar com primas nas matas? Nós, barbados e sarcófagos? Nós, celebrados? Bem, celebrados sim, principalmente o senhor dom Quixote. Mas não sei, não entendo esses nomes; esse negócio todo não me cheira bem, e a desgraça é como mosca no mel: nunca vem sozinha. Tomara que pare nos nomes o que ameaça esta aventura tão desventurada!”.

Dom Quixote ia embasbacado, sem poder atinar por mais que matutasse por que os chamavam com aqueles nomes ofensivos, mas era evidente que não podia esperar nenhum bem e devia temer muitos males. Então, quase uma hora depois que anoiteceu, chegaram a um castelo que dom Quixote viu muito bem que era o do duque, onde haviam estado fazia pouco.

— Valha-me Deus! — disse logo que reconheceu a casa. — O que será isso? Sim, nesta casa tudo é cortesia e amabilidade; mas para os derrotados o bem se torna mal e o mal, coisa pior ainda.

Entraram no pátio principal do castelo e viram-no adornado de maneira que lhes aumentou o pasmo e lhes duplicou o medo, como se verá no capítulo seguinte.

a Cervantes adaptou um poema de *Gli Asolano* (1505) de Pietro Bembo: "*Amor, cuando yo pienso/ en el mal que me das terrible y fuerte,/ voy corriendo a la muerte,/ pensando así acabar mi mal inmenso;// mas en llegando al paso/ que es puerto en este mar de mi tormento,/ tanta alegría siento,/ que la vida se esfuerza, y no le paso.// Así el vivir me mata,/ que la muerte me torna a dar la vida./ ¡Oh condición no oída/ la que conmigo muerte y vida trata!*".

lxix

da mais estranha e mais singular aventura que aconteceu a dom quixote no decurso desta grande história

Os cavaleiros apearam e, com os peões, suspenderam Sancho e dom Quixote e os carregaram para o pátio, em volta do qual ardiam quase cem tochas, presas em seus suportes, e mais de quinhentas lamparinas pelas varandas, de modo que, apesar da noite, que se mostrava um tanto escura, não se percebia a falta do dia. No meio do pátio, um túmulo se elevava do chão por uns dois metros, todo coberto por um grande dossel de veludo negro — em torno dele, postas em degraus, ardiam velas de cera branca sobre mais de cem castiçais de prata; em cima, estendia-se um corpo morto de uma donzela tão formosa que, com sua formosura, fazia parecer formosa a própria morte. Tinha a cabeça sobre uma almofada de brocado, coroada com uma grinalda tecida com diversas flores perfumadas, as mãos cruzadas sobre o peito, e entre elas um ramo de palma amarela da vitória.[1]

A um lado do pátio estava um tablado, onde, em duas cadeiras, sentavam dois personagens, que, por terem coroas na cabeça e cetros nas mãos, davam mostras de ser reis, fossem falsos ou verdadeiros. Ao lado desse tablado, aonde se subia por alguns degraus, estavam outras duas cadeiras, em que dom Quixote e Sancho foram sentados pelos homens que os trouxeram, sempre em silêncio e dando a entender que também eles se calassem. Mas os dois teriam se calado mesmo sem ordem nenhuma, porque o pasmo com o que estavam vendo tinha atado suas línguas.

Dois personagens muito distintos, acompanhados de grande séquito, subiram no tablado. Dom Quixote logo os reconheceu como o duque e a duquesa, seus hospedeiros, que se sentaram em duas cadeiras riquíssimas, perto dos que pareciam reis. Quem não haveria de se espantar com isso, sem falar que dom Quixote havia reconhecido o corpo morto no túmulo como o da formosa Altisidora?

Dom Quixote e Sancho, quando os duques subiram no tablado, fizeram uma profunda reverência, e os duques também, inclinando um pouco as cabeças.

Nisso saiu um criado do duque da lateral do pátio e, aproximando-se de Sancho, jogou-lhe sobre os ombros um manto de bocassim negro, todo pintado com labaredas, e, tirando-lhe a carapuça, botou-lhe na cabeça uma mitra de papel como as que usavam os condenados pelo Santo Ofício e lhe disse ao ouvido que não abrisse a boca, porque lhe poriam uma mordaça ou acabariam com a vida dele. Sancho se olhava de cima a baixo, via-se ardendo em chamas, mas, como não o queimavam, não dava dois tostões por elas. Tirou a mitra e viu que era pintada com diabos; botou-a de novo, dizendo a si mesmo:

— Ainda bem que elas não me queimam nem eles me carregam.

Dom Quixote também o olhava e, embora o medo o abalasse, não deixou de rir ao ver a figura de Sancho.

Começou a se ouvir, pelo visto vindo debaixo do túmulo, um som delicado e agradável de flautas, que, por não ser interrompido por ninguém e porque naquele lugar o próprio silêncio guardava silêncio, se mostrava brando e amoroso. Em seguida apareceu repentinamente, ao lado da almofada do suposto cadáver, um formoso rapaz vestido de romano que, ao som de uma harpa que ele mesmo tocava, cantou com voz suavíssima e clara estas duas estrofes:

— *Enquanto não volte a si Altisidora,*
morta pela crueldade de dom Quixote,
e enquanto na corte encantadora
as damas vestirem luto,
e enquanto a suas amas minha senhora

vestir de baeta e sarja,
cantarei sua beleza e sua desgraça,
com melhor plectro que o próprio Orfeu.

E parece ainda que não me toca
este ofício apenas em vida,
mas, com a língua morta e fria na boca,
penso elevar a voz a ti devida.
Livre minha alma de seu pobre cárcere
pela lagoa estígia conduzida,
celebrando-te irá, e aquele som
fará parar as águas do esquecimento.[a]

— Basta — disse a essa altura um dos homens que pareciam reis —, basta, cantor divino, pois continuarias até o infinito para nos descrever a morte e as graças da sem-par Altisidora. Ela não está morta, como o mundo ignorante pensa, mas viva nas línguas da fama e na punição que Sancho Pança, aqui presente, deve sofrer para trazê-la de volta à luz perdida. Então tu, Radamanto, que julgas comigo nas cavernas tenebrosas do Hades, pois sabes tudo aquilo que nos inescrutáveis fados está determinado acerca de esta donzela voltar a si, fala logo, para que não demore o bem que com seu regresso esperamos.

Apenas Minos, juiz e companheiro de Radamanto, tinha dito isso, o outro se levantou e disse:

— Ei, criados desta casa, altos e baixos, grandes e pequenos, vinde logo um depois do outro e dais vinte e quatro puxões nas barbas de Sancho, e doze beliscões e seis alfinetadas nos braços e nas costas, pois desta cerimônia depende a saúde de Altisidora!

Ouvindo isso, Sancho Pança rompeu o silêncio e disse:

— Por Deus, quero ser mouro se deixar que me puxem as barbas ou me metam a mão na cara! Diacho! Que é que minhas barbas têm com a ressurreição desta donzela? Tem gosto para tudo, como dizia a velha comendo ranho. Encantam Dulcineia, e me açoitam para que a desencante; morre Altisidora de males que Deus quis lhe dar,

e querem ressuscitá-la me dando vinte e quatro puxões nas barbas, crivando-me o corpo de alfinetadas e me deixando todo roxo de beliscões! Ora, vão brincar com meu cunhado, que eu sou macaco velho e não meto a mão em cumbuca.

— Morrerás! — disse em voz alta Radamanto. — Acalma-te, tigre; humilha-te, Nembrot[2] soberbo. Aguenta e cala, pois não te pedem o impossível, e não te metas a averiguar as dificuldades deste negócio: puxado hás de ser, crivado hás de te ver e beliscado hás de gemer. Vamos, servos, cumpri minhas ordens, se não, palavra de homem de bem, havereis de ver para que nascestes!

Nisso apareceram, vindas pelo pátio, umas seis amas em procissão, uma atrás da outra, quatro delas com óculos, e todas com a mão direita levantada, com quatro dedos de pulso de fora, para que as mãos parecessem mais longas, como é costume agora. Mal as viu, Sancho disse, bramando como um touro:

— Posso deixar todo mundo me sovar, sim, mas consentir que as amas me toquem? Isso não! Podem me arranhar o rosto, como fizeram com meu amo neste mesmo castelo; podem me atravessar o corpo com adagas pontudas; podem me torturar com tenazes em brasa, que aguentarei tudo com paciência, ou farei tudo o que esses senhores querem. Mas não consentirei que as amas me toquem nem que o diabo me carregue.

Dom Quixote também rompeu o silêncio, dizendo a Sancho:

— Tem paciência, meu filho, faz a vontade desses senhores e agradece aos céus por ter posto tal dom em tua pessoa, pois com o martírio dela desencantas os encantados e ressuscitas os mortos.

As amas já estavam perto de Sancho, quando ele, mais calmo e mais convencido, ajeitando-se melhor na cadeira, ofereceu o rosto e as barbas à primeira, que lhe deu um puxão bem dado e depois fez uma grande reverência.

— Menos cortesia e menos perfume, senhora ama! — disse Sancho. — Santo Deus, vossas mãos cheiram tanto que fiquei meio tonto!

Por fim, todas as amas puxaram as barbas de Sancho, e muitas outras pessoas da casa o beliscaram. Mas, na hora das alfinetadas, ele não pôde aguentar: levantou-se da cadeira, agarrou uma tocha

acesa que estava perto e, pelo visto muito contrariado, correu atrás das amas e de todos os seus verdugos, dizendo:

— Fora, lacaios do inferno! Eu não sou de bronze, para suportar tamanhos martírios!

Então Altisidora, que devia estar cansada por ter ficado tanto tempo de costas, se virou de lado; vendo isso, quase todos os presentes disseram a uma voz:

— Altisidora está viva! Altisidora vive!

Radamanto mandou que Sancho refreasse sua ira, pois já se alcançara o propósito desejado.

Assim que dom Quixote viu Altisidora se remexer, foi se pôr de joelhos diante de Sancho, dizendo:

— Meu querido filho, sangue de meu sangue, não apenas escudeiro: agora é o momento para te dares alguns dos açoites a que estás obrigado para o desencantamento de Dulcineia. Agora, repito, é o momento, porque teu dom está no ponto, e realizarás com eficácia o que se espera de ti.

Ao que Sancho respondeu:

— Isso me parece treta sobre treta, e não juntar a fome com a vontade de comer. Seria ótimo que depois de puxões, beliscões e alfinetadas agora viessem açoites. Não têm mais que fazer que me amarrar uma grande pedra no pescoço e me jogar num poço, o que não me incomodaria muito, já que tenho de ser o bode expiatório para curar os males dos outros. Por Deus, deixem-me, senão eu viro bicho e aí ninguém me segura.

Nessas alturas, Altisidora já havia se sentado no túmulo, e no mesmo instante soaram as charamelas, acompanhadas pelas flautas e pelas vozes de todos, que aclamavam:

— Viva Altisidora! Viva Altisidora!

Os duques e os reis, Minos e Radamanto, se levantaram e todos juntos, com dom Quixote e Sancho, foram receber Altisidora e descê-la do túmulo. Ela, fazendo-se de desfalecida, se inclinou para os duques e os reis, e disse, olhando atravessado para dom Quixote:

— Deus te perdoe, cavaleiro desnaturado, pois por tua crueldade parece que estive no outro mundo por mais de mil anos. E a ti, o

mais compassivo escudeiro sobre a face da terra, agradeço a vida que tenho: prometo te mandar, meu amigo Sancho, seis de minhas camisas para que faças outras seis para ti. Se nem todas são novas, pelo menos todas são limpas.

Sancho beijou as mãos dela, de joelhos no chão e segurando a mitra. O duque mandou que a pegassem e devolvessem a carapuça, que lhe vestissem o saio e pegassem o manto com labaredas. Sancho suplicou ao duque que lhe deixassem a mitra e o manto, pois gostaria de levá-los para sua terra como emblema e lembrança daquela aventura inaudita. A duquesa respondeu que sim, claro, afinal ele não sabia que ela era grande amiga sua? O duque mandou desocupar o pátio, que todos se recolhessem a seus aposentos e levassem dom Quixote e Sancho aos que eles tinham ocupado antes.

a — *En tanto que en sí vuelve Altisidora,/ muerta por la crueldad de don Quijote,/ y en tanto que en la corte encantadora/ se vistieren las damas de picote,/ y en tanto que a sus dueñas mi señora/ vistiere de bayeta y de anascote,/ cantaré su belleza y su desgracia,/ con mejor plectro que el cantor de Tracia.// Y aun no se me figura que me toca/ aqueste oficio solamente en vida,/ mas con la lengua muerta y fría en la boca/ pienso mover la voz a ti debida./ Libre mi alma de su estrecha roca,/ por el estigio lago conducida,/ celebrándote irá, y aquel sonido/ hará parar las aguas del olvido.*

lxx

que se segue ao sessenta e nove e trata de coisas indispensáveis para a clareza desta história

Aquela noite Sancho dormiu numa cama baixa, com rodinhas, no mesmo quarto de dom Quixote, coisa que ele gostaria de evitar, se pudesse, porque bem sabia que seu amo não haveria de deixá-lo dormir com perguntas e respostas, e não se achava com disposição para falar muito, porque ainda sentia as dores dos martírios, o que não lhe soltava a língua. Enfim, teria sido muito melhor dormir sozinho numa cabana que acompanhado naquele rico aposento. Seu temor se confirmou tão verdadeiro e sua suspeita tão certa que seu senhor disse, mal tinha se metido na cama:

— O que achas do que houve esta noite, Sancho? É grande e poderosa a força da rejeição amorosa, pois pudeste ver, com teus próprios olhos, Altisidora morta, não por flechas ou espada, nem por algum outro instrumento bélico, nem por venenos fatais, mas pela severidade e indiferença com que sempre a tratei.

— Em boa hora poderia ter morrido quando e como quisesse — respondeu Sancho —, desde que me deixasse em meu canto, pois ela nunca se apaixonou por mim nem eu a rejeitei em toda a minha vida. Como já disse outra vez, eu não sei nem consigo imaginar que relação pode ter a saúde da Altisidora, donzela mais cheia de caprichos que de miolos, com os martírios de Sancho Pança. Mas agora entendo perfeitamente, com toda clareza, que há magos e feitiços no mundo, que Deus me livre, pois eu não sei como escapar.

Em todo caso, suplico a vossa mercê que me deixe dormir e não me pergunte mais nada, se não quiser que eu me atire por esta janela.

— Dorme, meu amigo Sancho — respondeu dom Quixote —, se é que te permitem as alfinetadas, os beliscões e os puxões nas barbas.

— Nenhuma dor se compara à afronta dos puxões nas barbas — replicou Sancho —, simplesmente por terem sido dados por amas, que o diabo as carregue. E suplico de novo a vossa mercê: deixe-me dormir, porque o sono alivia as misérias que temos quando acordados.

— Assim seja — disse dom Quixote —, e que Deus te acompanhe.

Os dois dormiram, e Cide Hamete, autor desta grande história, quis aproveitar a oportunidade para descrever e esclarecer o que levou os duques a montar a tremenda tramoia narrada antes. Ele diz que o bacharel Sansão Carrasco, não tendo esquecido de sua derrota para dom Quixote, quando foi derrubado como Cavaleiro dos Espelhos — derrota e queda que apagaram e desfizeram todos os seus desígnios —, quis tentar a sorte de novo, esperando se sair melhor que no passado, e assim, informando-se sobre onde estava dom Quixote com o pajem que levou a carta e o presente a Teresa Pança, mulher de Sancho, procurou nova armadura e novo cavalo e estampou a lua branca no escudo, levando a parafernália toda num burro conduzido por um camponês, não por Tomé Cecial, seu antigo escudeiro, para que não fosse reconhecido por Sancho nem por dom Quixote.

Chegou então ao castelo do duque, que lhe indicou o caminho que dom Quixote tomara com a intenção de participar dos torneios de Zaragoza; contou também as peças que tinham pregado nele com o desencantamento de Dulcineia, que havia de ser à custa do traseiro de Sancho. Por fim, contou da trapaça que Sancho havia feito dando a entender a seu amo que Dulcineia estava encantada e transformada em camponesa, e como a duquesa, sua mulher, havia insinuado que era ele, Sancho, o enganado, porque Dulcineia realmente estava encantada. O bacharel não riu pouco, considerando tanto a astúcia e a simplicidade de Sancho como a extrema loucura de dom Quixote.

O duque pediu a Sansão Carrasco que, se encontrasse dom Quixote, vencendo-o ou não, voltasse para lhe contar a aventura. Assim fez o bacharel — partiu atrás dele, não o achou em Zaragoza, seguiu em frente, e aconteceu o que já foi narrado. Voltou então ao castelo do duque e contou tudo, com as condições da batalha e que dom Quixote já estava de volta para cumprir, como bom cavaleiro andante, a palavra empenhada de se retirar por um ano em sua aldeia. Podia ser que se curasse de sua loucura, durante esse tempo, disse o bacharel, pois essa era a intenção que o movera a fazer aquela representação — dava pena ver que um fidalgo com tanto discernimento como dom Quixote fosse louco. Com isso, despediu-se do duque e voltou para sua terra, onde esperou dom Quixote, que vinha logo atrás.

Foi assim que o duque aproveitou a ocasião para fazer aquela brincadeira, tanto apreciava as histórias de Sancho e de dom Quixote. Mandou interceptar todas as estradas — próximas e distantes do castelo, em todos os pontos por onde imaginou que dom Quixote poderia passar — com criados a pé e a cavalo, para que o trouxessem por bem ou à força, se o achassem. Acharam-no, avisaram o duque, que, com tudo preparado, mal teve notícia de sua chegada mandou acender as tochas e as lamparinas do pátio e pôr Altisidora sobre o túmulo, com todos os aparatos que foram descritos, tão bem-feitos e tão autênticos que entre a farsa e a realidade havia bem pouca diferença.

E Cide Hamete diz mais: ele pensa que esses embusteiros são tão loucos como suas vítimas, que os duques não estavam a dois dedos de parecer bobos, tamanho era o empenho deles em zombar de dois bobos.

Os ditos-cujos — um dormindo a sono solto e o outro velando com pensamentos desatados — foram surpreendidos pelo dia e pela vontade de se levantar, pois os colchões macios nunca agradaram a dom Quixote, nem na derrota nem na vitória.

Altisidora — que, na opinião de dom Quixote, voltara da morte —, obedecendo aos caprichos de seus senhores, entrou no quarto do cavaleiro, coroada com a mesma grinalda que usava no túmulo e vestida com uma túnica curta de tafetá branco semeada de flores de

ouro, com os cabelos soltos pelas costas, e apoiada num báculo negro de ébano finíssimo. Perturbado e confuso com aquela presença, ele se encolheu e se cobriu quase todo com os lençóis e as colchas da cama, a língua muda, incapaz de uma palavra de cortesia. Altisidora se sentou numa cadeira, perto de sua cabeceira, e, depois de ter dado um grande suspiro, com voz terna e debilitada, disse:

— Quando as mulheres distintas e as donzelas recatadas atropelam a honra e dão licença à língua para que rompa todas as barreiras da conveniência, anunciando em público os segredos que seu coração encerra, ficam em situação delicada. Eu, senhor dom Quixote de la Mancha, sou uma delas, acossada, vencida e apaixonada, mas apesar de tudo resignada e casta, tanto que, por tanto ser assim, minha alma arrebentou devido a meu silêncio e perdi a vida. Por dois dias pensando na severidade com que me trataste, cavaleiro empedernido,

Oh! mais duro que mármore ante minhas queixas,[1]

estive morta ou pelo menos tida como morta pelos que me viram; e se não fosse porque o Amor, condoendo-se de mim, depositou minha salvação nos martírios deste bom escudeiro, teria permanecido lá no outro mundo.

— O Amor poderia muito bem depositá-la nos martírios de meu burro — disse Sancho. — Eu ficaria agradecido. Mas, diga-me, senhora, que o céu lhe arranje outro amante mais brando que meu amo: que foi que viu no outro mundo? O que há no inferno? Porque quem morre desesperado, forçosamente, vai parar por lá.

— Para vos dizer a verdade — respondeu Altisidora —, eu não devo ter morrido de todo, pois não entrei no inferno: se tivesse entrado lá, de jeito nenhum poderia ter saído, mesmo que quisesse. Mas cheguei até a porta, onde estavam uns doze diabos jogando pelota, todos com calças e gibão, com capas de colarinhos largos, guarnecidas com rendas flamengas, e com punhos da mesma renda também, com quatro dedos de braço de fora, para que as mãos parecessem mais longas, nas quais tinham umas pás de fogo.

Agora, o que mais me espantou foi que, em vez de pelotas, usavam livros, pelo visto cheios de vento e de borra, coisa extraordinária e inaudita. Mas, sendo natural que os jogadores vitoriosos se alegrem e os derrotados se entristeçam, me espantei mais ainda ao ver que naquele jogo todos grunhiam, todos brigavam e todos se amaldiçoavam.

— Isso não tem nada demais — respondeu Sancho —, porque os diabos, joguem ou não joguem, nunca podem estar contentes, ganhem ou não ganhem.

— É, deve ser assim — respondeu Altisidora —, mas ainda há outra coisa que me espanta, quer dizer, que me espantou então: na primeira rebatida não ficava uma pelota inteira, nem dava para aproveitar outra vez, e assim despedaçavam livros novos e velhos, que era uma maravilha. Num deles, novo, flamante e bem encadernado, deram uma bordoada que o destriparam todo, espalhando folhas a torto e a direito. Um diabo disse ao outro: “Vede que livro é este”. E o diabo respondeu: “Esta é a *Segunda parte da história de dom Quixote de la Mancha*. Mas não foi escrito por Cide Hamete, o primeiro autor, e sim por um aragonês que se diz natural de Tordesilhas”. “Tirai-o daqui”, respondeu o outro diabo, “e jogai-o nos quintos do inferno, para que meus olhos não o vejam mais.” “É tão ruim assim?”, respondeu o outro. “Tão ruim”, replicou o primeiro, “que nem eu conseguiria fazê-lo pior, mesmo de propósito.” Continuaram a partida, jogando outros livros, e eu, por ter ouvido falar de dom Quixote, a quem tanto amo e quero, procurei reter na memória essa visão.

— Sem dúvida deve ter sido uma visão — disse dom Quixote —, porque não há outro eu no mundo, e essa história já anda por aqui de mão em mão, mas não para na de ninguém, pois todos a tocam a pontapés. Eu não me perturbei ao ouvir que vago como um fantasma pelas trevas do inferno ou pela claridade da terra, porque não sou aquele de quem essa história trata. Se ela for boa, fiel e verdadeira, terá séculos de vida; mas, se for má, de seu parto à sepultura não será muito longo o caminho.

Altisidora ia continuar se queixando de dom Quixote, quando ele lhe disse:

— Muitas vezes vos disse, senhora, que me pesa haverdes dirigido a mim vossas afeições, pois não tenho como retribuí-las, exceto com a gratidão: nasci para ser de Dulcineia del Toboso, e os fados (se é que existem) me destinaram a ela, e pensar que alguma outra formosura poderá ocupar o lugar que tem em minha alma é pensar o impossível. Esse esclarecimento deve ser suficiente para que vos retireis aos limites de vossa castidade, pois não se pode obrigar ninguém ao impossível.

Ouvindo isso, Altisidora disse, furiosa e revoltada:

— Santo Deus, seu bacalhau seco, alma de pilão, caroço de tâmara! Sois mais cabeça-dura que um camponês quando pensa que tem razão! Cuidado: se vos pego, arranco vossos olhos! Pensais por acaso que eu morri por vós, dom vencido e dom sovado a pau? Tudo que vistes esta noite foi uma farsa, que não sou mulher de deixar me doer um fio de cabelo por causa de um camelo velho, quanto mais morrer.

— Nisso sim eu acredito — disse Sancho —, pois esse negócio de morrer de amor é de morrer de rir: os amantes podem muito bem dizer, mas fazer? Que Judas acredite neles!

Estavam nessa conversa, quando entrou o músico, cantor e poeta que havia cantado as duas estrofes já mencionadas. Fazendo uma grande reverência a dom Quixote, disse:

— Considere-me e me inclua, senhor cavaleiro, entre seus mais leais criados, porque há muito tempo sou um admirador de vossa mercê, tanto por causa de sua fama como de suas façanhas.

Dom Quixote respondeu:

— Diga-me vossa mercê quem é, para que minha cortesia esteja à altura de seus méritos.

O rapaz respondeu que era o músico e poeta panegirista da noite anterior.

— Com certeza vossa mercê tem uma bela voz — replicou dom Quixote —, mas o que cantou não me parece que foi muito adequado, pois o que têm que ver os versos de Garcilaso com a morte desta senhora?

— Não se espante vossa mercê com isso — respondeu o músico —, pois entre os poetas novatos de nossa época é costume que

cada um escreva como quiser e furte de quem quiser, venha ou não venha a calhar com sua intenção, e já não há asneira que cantem ou escrevam que não se atribua à licença poética.

Dom Quixote gostaria de responder, mas foi atrapalhado pelo duque e pela duquesa que entraram para vê-lo. Então, entre todos, tiveram uma longa e agradável conversa, em que Sancho disse tantas graças e tantas malícias que mais uma vez deixaram os duques admirados, tanto de sua tolice como de sua sabedoria. Dom Quixote suplicou a eles que lhe dessem permissão para que partisse naquele mesmo dia, pois aos cavaleiros derrotados, como ele, convinha mais viver numa pocilga que em palácios reais. Deram-na de boa vontade, e a duquesa lhe perguntou se Altisidora permanecia em suas boas graças. Ele respondeu:

— Minha senhora, saiba vossa senhoria que todo o mal desta donzela nasce da ociosidade, cujo remédio é a ocupação recatada e constante. Ela me disse há pouco que se usam rendas no inferno; pois bem, como deve saber fazê-las, que nunca afaste as mãos delas porque, ocupada em mexer com os bilros, não se mexerão em sua imaginação as imagens de seus desejos. Esta é a verdade, esta é minha opinião e este é meu conselho.

— É o meu também — acrescentou Sancho —, pois nunca vi em toda a minha vida uma rendeira que tenha morrido por amor: as donzelas ocupadas pensam mais em acabar suas tarefas que em seus amores. Digo por mim mesmo, porque, enquanto estou capinando, não me lembro da patroa, digo, de minha Teresa Pança, a quem quero mais que as pestanas de meus olhos.

— Falastes muito bem, Sancho — disse a duquesa. — Eu farei com que minha Altisidora se ocupe daqui por diante com bordados, em que é exímia.

— Não precisa recorrer a isso, senhora — respondeu Altisidora —, pois, pensando nas crueldades que esse malvado estúpido usou comigo, ele se apagará de minha memória sem artifício algum. E com licença de vossa grandeza, quero ir embora daqui, para não ter diante de meus olhos não sua triste figura, mas sua cara feia e abominável.

— Isso me lembra — disse o duque — aquilo que se costuma dizer:

Porque aquele que diz injúrias,
está perto de perdoar.[2]

Altisidora fez como se secasse as lágrimas com um lenço e, depois de uma reverência a seus senhores, saiu do quarto.

— O que eu vejo para ti, pobre donzela, é má sorte — disse Sancho —, pois foi se meter com uma alma de cacto e um coração de pedra. Por Deus, se tivesse se metido comigo, seriam outros quinhentos.

Acabou-se a conversa, dom Quixote se vestiu, almoçou com os duques e partiu naquela tarde.

lxxi

do que aconteceu a dom quixote com seu escudeiro sancho quando ia para sua aldeia

O vencido dom Quixote ia por demais pensativo, agoniado por um lado e muito alegre por outro. Sua tristeza era causada pela derrota, e a alegria, por refletir no dom de Sancho, dom poderoso como demonstrava a ressurreição de Altisidora, mesmo que o cavaleiro hesitasse em acreditar que a aia realmente houvesse morrido. Agora, Sancho não ia nada alegre, porque lhe amargurava ver que Altisidora não havia cumprido a palavra de lhe dar as camisas; e, dando voltas e voltas no assunto, disse a seu amo:

— Na verdade, senhor, sou o mais desgraçado dos médicos que deve haver no mundo, pois há muitos que, apesar de matar o doente que tratam, querem ser pagos por seu trabalho, que nada mais é que assinar uma receitinha que nem é ele que avia, mas o boticário, e estamos conversados. Mas para mim, que a saúde alheia custa gotas e gotas de sangue, puxões e beliscões, alfinetadas e açoites, não dão um tostão. Pois juro pelo que há de mais sagrado que, se largarem em minhas mãos algum outro doente, antes que eu o cure terão de molhá-las, porque dar dói e chorar faz ranho, e não posso acreditar que o céu tenha me dado o dom que tenho para que eu o use com os outros em troca de brisa e tapinhas no ombro.

— Tens razão, meu amigo Sancho — respondeu dom Quixote —, Altisidora fez muito mal em não te dar as camisas prometidas. Mas, mesmo que teu dom seja *gratis data*,[1] porque não te custou nenhum

estudo, aguentar o martírio no próprio lombo é pior que estudar. De minha parte posso te garantir que, se quisesses pagamento pelos açoites do desencantamento de Dulcineia, eu já o teria dado e com juros. Mas não sei se o pagamento casa bem com a cura, e não gostaria que o prêmio atrapalhasse o remédio. Mesmo assim, parece-me que não custa nada tentar: diz o que queres, Sancho, e açoita-te logo e paga à vista, com tua própria mão, pois carregas meu dinheiro.

Com essa oferta, Sancho ficou de olhos arregalados e orelhas em pé, concordando, em seu coração, em se açoitar de boa vontade, e disse a seu amo:

— Muito bem, senhor, estou disposto a me submeter à vontade de vossa mercê, para meu proveito, pois o amor de meus filhos e de minha mulher me leva a ser interesseiro. Diga-me vossa mercê quanto me dará por cada açoite que eu der.

— Se eu fosse te pagar, Sancho — respondeu dom Quixote —, o que a magnitude e a qualidade desse remédio valem, não bastariam o tesouro de Veneza e as minas de Potosi. Calcula o quanto de dinheiro meu levas e estabelece o preço para cada açoite.

— São três mil, trezentos e tantos açoites — respondeu Sancho. — Destes, me apliquei uns cinco: falta o resto; contando esses cinco pelos tantos, para arredondar, teremos três mil e trezentos, que, a um quarto de real cada um (pois não aceitarei menos nem que todo o mundo me obrigue), somam três mil e trezentos quartos de real. Três mil quartos de real são mil e quinhentos meios reais, que são setecentos e cinquenta reais. E os trezentos quartos de real fazem cento e cinquenta meios reais, que vêm a ser setenta e cinco reais, que somando aos setecentos e cinquenta reais são ao todo oitocentos e vinte e cinco reais. Assim, entrarei em minha casa rico e contente, apesar de bem sovado, porque quem sai na chuva é…, e nem digo mais nada.

— Oh, Sancho abençoado! Oh, Sancho benévolo! — respondeu dom Quixote. — Dulcineia e eu ficaremos na obrigação de te servir todos os dias que o céu nos der de vida! Se ela voltar a ser o ente perdido, pois não é possível que não volte, sua má sorte terá sido boa sorte e minha derrota, feliz triunfo. E vê lá, Sancho, quando

queres começar o castigo, pois, para que seja logo, te dou cem reais de quebra.

— Quando? — replicou Sancho. — Esta noite, sem falta. Procure vossa mercê um bom lugar em campo aberto, que eu retalharei o lombo a chicote.

A noite chegou — esperada por dom Quixote com a maior ânsia do mundo, parecendo a ele que as rodas do carro de Apolo haviam se quebrado e que o dia se espichava mais que de costume, assim como acontece aos amantes, que jamais acertam a conta de seus desejos. Por fim, entraram num arvoredo agradável não muito longe da estrada, onde, deixando vazias a sela de Rocinante e a albarda do burro, se acomodaram sobre a grama verde e jantaram com os víveres de Sancho. Então ele, fazendo um açoite forte e flexível do cabresto e da cabeçada do burro, se afastou uns vinte passos de seu amo por entre umas faias. Dom Quixote, que o viu ir com determinação e com brio, lhe disse:

— Vê aí, meu amigo, não vás te fazer em pedaços: dá um tempo para que uns açoites esperem os outros; não queiras te apressar tanto na corrida, que te falte o fôlego na metade, quero dizer, não batas com tanta força que te falte a vida antes de chegar ao número desejado. E, para que não percas por apostar uma carta a mais ou a menos, eu estarei aqui ao lado contando neste rosário os açoites que te deres. Que o céu te ajude como tua boa intenção merece.

— A bom pagador as penhoras não doem — respondeu Sancho. — Eu penso me açoitar de modo que me doa sem me matar, pois nisso deve consistir a essência desse milagre.

Em seguida, com a parte de cima do corpo despida, agarrou a corda e começou a se bater, e dom Quixote começou a contar os açoites. Sancho havia dado uns seis ou oito, quando achou que a brincadeira era pesada demais e o preço, barato demais. Então parou um pouco e disse a seu amo que tinha se enganado, porque cada açoite daqueles merecia ser pago com meio real, não com um quarto.

— Prossegue, Sancho, meu amigo — disse dom Quixote —, e não desanimes, que eu dobro a parada.

— Então, que Deus me ajude, e chovam açoites! — disse Sancho.

Mas o velhaco deixou de bater nas costas e passou a bater nas árvores, com uns gemidos de tanto em tanto, que era como se a cada um deles lhe arrancassem a alma. Dom Quixote, de coração mole e com medo que se acabasse sua vida antes de alcançar seu desejo por causa da imprudência de Sancho, disse:

— Por Deus, meu amigo, deixa este negócio por aqui, que este remédio me parece muito duro e será melhor dar tempo ao tempo, pois o mundo não foi feito num minuto. Se não contei mal, deste mais de mil açoites. Bastam por ora, que o burro, como diz o vulgo, aguenta a carga, mas não a sobrecarga.

— Não, não, senhor — respondeu Sancho —, por minha causa nunca dirão: “dinheiro adiantado, serviço atrasado”. Afaste-se vossa mercê mais um pouco e me deixe dar outros mil açoites pelo menos, que em duas rodadas acabaremos a partida e ainda vão sobrar panos para as mangas.

— Bom, se te achas com tão boa disposição — disse dom Quixote —, que o céu te ajude, e mãos à obra, que eu me afasto.

Sancho voltou a sua tarefa com tanta intrepidez que já tinha arrancado as cascas de muitas árvores, tamanha era a severidade com que se açoitava; e, dando um descomunal açoite numa faia, elevou a voz, dizendo:

— Morra, Sansão, e todos os filisteus que aqui estão![2]

Dom Quixote correu, ao ouvir a voz queixosa e o golpe implacável, e, agarrando o cabresto enrolado que servia de chicote a Sancho, disse:

— Não permita a sorte, meu amigo Sancho, que por minha causa percas a vida que deve sustentar tua mulher e teus filhos: que Dulcineia espere melhor ocasião, que eu me encerrarei nos limites da esperança iminente e esperarei que recobres as forças para que esse negócio acabe bem para todos.

— Já que vossa mercê, meu senhor, assim o quer, que assim seja em boa hora — respondeu Sancho —, e bote sua capa sobre minhas costas, pois estou suando e não quero me resfriar, que os penitentes novatos correm esse perigo.

Assim fez dom Quixote e, ficando apenas de camisa, agasalhou Sancho, que dormiu até que o sol o despertou, e em seguida

retomaram seu caminho, indo parar numa aldeia que ficava a três léguas dali. Apearam numa hospedaria, que por hospedaria a reconheceu dom Quixote, não por castelo com fosso profundo, torres, pontes levadiças e rastrilhos, porque, depois de ter sido vencido, pensava com mais juízo sobre todas as coisas, como agora se dirá. Alojaram-no numa sala do térreo, a que serviam de guadamecins umas sarjas velhas pintadas, como se usam nas aldeias. Numa delas estava pintada com péssima mão o rapto de Helena, quando o atrevido hóspede a roubou de Menelau, e em outra estava a história de Dido e de Eneias — ela, sobre uma torre alta, como que fazia sinais com um pedaço de lençol para o hóspede fugitivo, que no mar ia embora numa fragata ou bergantim. Notou nas duas histórias que Helena não ia de má vontade, porque ria dissimulada e maliciosamente, mas a formosa Dido vertia lágrimas do tamanho de nozes. Vendo isso, dom Quixote disse:

— Estas duas senhoras foram infelicíssimas por não terem nascido nesta época, e eu, desventurado acima de todos, por não ter nascido na delas: se eu tivesse topado com aqueles senhores, nem Troia teria sido queimada nem Cartago destruída, pois apenas matando Páris eu evitaria tantas desgraças.

— Aposto que logo, logo — disse Sancho — não haverá taberna, estalagem ou barbearia onde não ande pintada a história de nossas façanhas; mas gostaria que fossem pintadas por mãos de pintor melhor do que era quem pintou estas.

— Tens razão, Sancho — disse dom Quixote —, porque esse pintor é como Orbaneja, um pintor que apareceu em Úbeda. Quando lhe perguntavam o que pintava, respondia: “O que sair”. Se por acaso pintava um galo, escrevia embaixo: “Este é um galo”, para que não pensassem que era uma raposa. Assim, Sancho, parece-me que é o pintor ou escritor, pois dá na mesma, que trouxe à luz a história deste novo dom Quixote que anda por aí: pintou ou escreveu o que saiu; ou terá sido como um poeta que andava anos atrás na corte, chamado Mauleón, que respondia de improviso a tudo que lhe perguntavam. Então, quando alguém perguntou o que queria dizer *Deum de Deo*,[3] respondeu: “Dê onde der”. Mas

deixando isso para lá, Sancho, diga-me se pensas te dar outra sova esta noite e se queres que seja sob as telhas ou sob as estrelas.

— Por Deus, senhor — respondeu Sancho —, para o que penso me dar, tanto faz se for em casa ou no campo; mas, em todo caso, gostaria que fosse entre árvores, pois parece que elas me acompanham e me ajudam a enfrentar maravilhosamente meu tormento.

— Não, não vai ser assim, meu amigo Sancho — respondeu dom Quixote. — Para que tu recuperes as forças, vamos esperar chegar a nossa aldeia, onde estaremos depois de amanhã, o mais tardar.

Sancho respondeu que se fizesse a seu gosto, mas que ele preferia acabar logo aquele negócio, com o sangue ainda quente, porque não se deixa para amanhã o que se pode fazer hoje e porque é na demora que costuma morar o perigo, e a Deus rogando e com o cacete dando, e que promessas não enchem barriga e mais vale um pássaro na mão que dois voando.

— Basta de ditados, Sancho, pelo amor de Deus! — disse dom Quixote. — Até parece que voltas ao *sicut erat*:[4] fala direito, com simplicidade, não enrolado, como já te disse mil vezes, e verás que carne sem osso, proveito sem trabalho.

— Não sei que diabo há comigo — respondeu Sancho —, que não sei soltar o verbo sem provérbio, nem misturar alhos com bugalhos. Mas eu me emendarei, se puder.

E com isso encerrou por ora sua conversa.

lxxii

de como dom quixote e sancho chegaram a sua aldeia

Dom Quixote e Sancho estiveram todo o dia naquela aldeia, sem sair da hospedaria, à espera da noite, um para acabar em campo aberto a sova de sua penitência, e o outro para ver o fim dela, que seria também o de seu desejo. Nisso chegou à hospedaria um viajante a cavalo, com três ou quatro criados, um dos quais disse ao que parecia senhor deles:

— Aqui, senhor dom Álvaro Tarfe, vossa mercê pode passar hoje a sesta: a pousada parece limpa e fresca.

Ouvindo isso, dom Quixote disse a Sancho:

— Olha, Sancho: quando folheei aquele livro da segunda parte de minha história, parece-me que de passagem topei ali com este nome: dom Álvaro Tarfe.[1]

— Sim, pode ser — respondeu Sancho. — Vamos deixar que apeie e depois lhe perguntaremos.

O cavaleiro apeou, e a dona da pousada lhe deu o quarto diante do de dom Quixote, enfeitado com outras sarjas pintadas como as descritas antes. O cavaleiro recém-chegado vestiu roupas mais leves e, saindo para a varanda da hospedaria, que era espaçosa e fresca, perguntou a dom Quixote, que passeava por lá:

— Para onde vai vossa mercê, senhor gentil-homem?

E dom Quixote respondeu:

— Para uma aldeia perto daqui, onde nasci. E qual o destino de vossa mercê?

— Eu, senhor — respondeu o cavaleiro —, vou a Granada, que é minha pátria.

— Bela pátria! — replicou dom Quixote. — Mas, por favor, queira vossa mercê me dizer seu nome, porque é muito importante para mim sabê-lo, coisa que não posso lhe explicar facilmente.

— Meu nome é dom Álvaro Tarfe — respondeu o hóspede.

Ao que dom Quixote respondeu:

— Sem dúvida alguma penso que vossa mercê deve ser aquele dom Álvaro Tarfe que anda impresso na segunda parte da história de dom Quixote de la Mancha, recém-publicada e dada à luz do mundo por um autor moderno.

— Sou eu mesmo — respondeu o cavaleiro —, e o tal dom Quixote, personagem principal de tal história, foi grandíssimo amigo meu. Fui eu que o tirei de sua terra, ou pelo menos o encorajei a ir a um torneio que faziam em Zaragoza, para onde eu ia. Na verdade, eu lhe dei muitas mostras de amizade e impedi que o verdugo lhe medisse as costas por ser atrevido demais.[2]

— Então me diga, senhor dom Álvaro, eu tenho alguma semelhança com esse tal dom Quixote de que vossa mercê fala?

— Não, com certeza — respondeu o hóspede —, de jeito nenhum.

— E esse dom Quixote — disse o nosso — levava consigo um escudeiro chamado Sancho Pança?

— Levava sim — respondeu dom Álvaro. — E, embora tivesse fama de muito engraçado, nunca lhe ouvi dizer nada que tivesse graça.

— Acredito piamente — disse Sancho nessas alturas —, porque dizer coisas engraçadas não é para qualquer um, e esse Sancho de que vossa mercê fala, meu caro senhor, deve ser algum grandessíssimo velhaco, enfadonho e ladrão ao mesmo tempo, pois o verdadeiro Sancho Pança sou eu, que digo graças a três por quarto como se tivessem chovido sobre mim. Se não acredita, faça vossa mercê a experiência e me acompanhe por um ano, pelo menos, e verá que elas me caem a cada passo, tantas e tão boas que, sem saber o que digo, na maioria das vezes faço rir a quantos me escutam. E o verdadeiro dom Quixote de la Mancha, o famoso, o valente e o sábio, o apaixonado, o reparador de injúrias, o protetor

de pupilos e órfãos, o amparo das viúvas, o matador das donzelas, aquele que tem por única senhora a sem-par Dulcineia del Toboso, é este senhor que aqui está, que é meu amo: todo e qualquer outro dom Quixote e qualquer outro Sancho Pança são embustes ou sonhos.

— Por Deus, acredito! — respondeu dom Álvaro. — Porque vós, meu amigo, dissestes mais coisas engraçadas em quatro frases que falastes do que o outro Sancho Pança em todas as que o ouvi falar, que foram muitas! Era mais comilão que bem-falante e mais bobo que engraçado. Penso que sem dúvida os magos, que perseguem dom Quixote, o bom, quiseram me perseguir também com dom Quixote, o mau. Mas não sei o que dizer, pois sou capaz de jurar que o deixei metido naquele manicômio de Toledo, a Casa do Núncio,[3] para que o curassem, e agora brota aqui outro dom Quixote, embora bem diferente do meu.

— Eu não sei se sou bom — disse dom Quixote —, mas sei que não sou mau. Como prova disso, quero que vossa mercê saiba, meu caro senhor Álvaro Tarfe, que nunca, em todos os dias de minha vida, estive em Zaragoza. Por terem me dito que esse dom Quixote fantástico havia comparecido ao torneio dessa cidade, não quis ir lá, para esfregar nas barbas do mundo a mentira dele. Assim, fui diretamente para Barcelona, repositório da cortesia, refúgio dos estrangeiros, hospital dos pobres, pátria dos valentes, vingança dos ofendidos e ninho de firmes amizades correspondidas, e em beleza e localização, única. Embora as coisas que tenham me acontecido em Barcelona não sejam nada agradáveis, mas sim de muito pesar, carrego-as sem mágoa, só por tê-la visto. Enfim, senhor dom Álvaro Tarfe, eu sou dom Quixote, o mesmo de que a fama fala, e não esse infeliz que quis usurpar meu nome e se enobrecer com minhas intenções. Suplico a vossa mercê, pelo que deve como cavaleiro, tenha a bondade de fazer uma declaração diante do alcaide desta aldeia de que vossa mercê não me viu em todos os dias de sua vida até agora, e de que eu não sou o dom Quixote impresso na segunda parte da história, nem este Sancho Pança, meu escudeiro, é aquele que vossa mercê conheceu.

— Farei isso com toda a boa vontade — respondeu dom Álvaro —, ainda que cause espanto ver dois dons Quixotes e dois Sanchos ao mesmo tempo, com nomes tão idênticos como diferentes nas ações; e repito e confirmo que não vi o que vi, nem aconteceu comigo o que me aconteceu.

— Sem dúvida vossa mercê deve estar encantado — disse Sancho —, como minha senhora Dulcineia del Toboso. Quisera o céu que o desencantamento de vossa mercê dependesse de eu me dar outros três mil e tantos açoites, como me dou por ela, que eu os daria sem cobrar nada.

— Não entendi esse negócio de açoites — disse dom Álvaro.

E Sancho respondeu que era uma longa história, mas que ele a contaria, se por acaso seguissem o mesmo caminho.

Então chegou a hora do almoço; dom Quixote e dom Álvaro comeram juntos. Por acaso entrou na hospedaria o alcaide da aldeia, com um escrivão. Diante do alcaide, dom Quixote apresentou uma petição em que solicitava, por lhe convir e estar em seu direito, que dom Álvaro, aquele cavaleiro ali presente, declarasse a sua mercê que não conhecia dom Quixote de la Mancha, que também se encontrava presente, e que não era aquele que andava impresso numa história intitulada *Segunda parte de dom Quixote de la Mancha*, escrita por um tal de Avellaneda, natural de Tordesilhas. Por fim, o alcaide tomou as medidas jurídicas cabíveis, e a declaração foi feita com todos os requisitos exigidos nesses casos, com o que dom Quixote e Sancho ficaram muito alegres, como se lhes importasse muito semelhante declaração e suas ações e suas palavras não mostrassem com clareza a diferença entre os dois dons Quixotes e os dois Sanchos. Dom Álvaro e dom Quixote trocaram muitas cortesias e oferecimentos, em que o grande manchego mostrou seu bom senso, de modo que acabou por tirar dom Álvaro Tarfe do erro em que incorrera, concluindo então o cavaleiro que estava encantado, pois tinha visto com os próprios olhos dois dons Quixotes tão contrários.

Chegou a tarde, partiram da aldeia e, dali a uma meia légua, chegaram a duas estradas que se afastavam — uma levava à aldeia de dom Quixote e a outra era a que dom Álvaro devia seguir. Nesse

pequeno percurso, dom Quixote lhe contou a desgraça de sua derrota e o encantamento de Dulcineia e a solução, o que renovou o espanto de dom Álvaro. Depois de abraçar a dom Quixote e a Sancho, o cavaleiro seguiu seu caminho, e dom Quixote o seu.

Passaram aquela noite entre outras árvores, para que Sancho pudesse concluir sua penitência, que executou do mesmo modo que da outra vez, à custa das cascas das faias, bem mais que de suas costas, que protegeu tanto que não poderia espantar uma mosca, mesmo que a tivesse em cima.

O enganado dom Quixote não perdeu um só golpe da conta e achou que, com os da noite anterior, eram três mil e vinte e nove. O sol parecia ter madrugado para ver o sacrifício, e, com a luz dele, prosseguiram viagem, comentando entre si o engano de dom Álvaro e de como tinha sido bem pensado tomar sua declaração diante da justiça, e com todas as formalidades.

Andaram aquele dia e aquela noite sem que lhes acontecesse coisa digna de se contar, a não ser que nela Sancho acabou sua tarefa, com o que dom Quixote ficou muito contente. Ele mal esperava o dia para ver se topava pelo caminho com a já desencantada Dulcineia, sua senhora. Seguindo viagem, não deixava de examinar cada mulher que encontrava, para ver se não era Dulcineia del Toboso, tendo por infalível não poderem mentir as promessas de Merlin.

Com esses pensamentos e esperanças, subiram uma encosta, de onde avistaram sua aldeia. Mal a viu, Sancho se atirou de joelhos e disse:

— Abre os olhos, pátria desejada, e olha que volta a ti Sancho Pança, teu filho, não muito rico, mas bem açoitado. Abre os braços e recebe também teu filho dom Quixote, que, embora vencido pelo braço de outro, vem vencedor de si mesmo, que, conforme ele me disse, é a maior vitória que se pode desejar. Trago dinheiro, porque, se bons açoites me davam, bem montado eu ia, como disse o ladrão ao carrasco.

— Chega dessas asneiras — disse dom Quixote —, e tratemos de entrar com o pé direito em nossa vila, onde daremos rédea solta a nossas fantasias, e planejaremos nossa vida de pastores.

Com isso, desceram a encosta e foram para seu povoado.

lxxiii

dos presságios que dom quixote teve ao entrar em sua aldeia, com outros acontecimentos que adornam e dão credibilidade a esta grande história

Conforme Cide Hamete, à entrada da aldeia, dom Quixote viu dois meninos discutindo nas eiras, e um disse ao outro:

— Não te canses, Periquillo, porque nunca mais vai vê-la em tua vida.

Dom Quixote ouviu isso e disse a Sancho:

— Não reparaste, meu amigo, no que disse aquele menino? “Nunca mais vai vê-la em tua vida.”

— Mas que importa o que esse menino disse? — respondeu Sancho.

— O quê?! — replicou dom Quixote. — Não vês que aplicando aquelas palavras a minha esperança significa que não vou ver Dulcineia?

Sancho gostaria de responder, quando se atrapalhou ao ver que uma lebre vinha fugindo pelo campo, seguida por muitos galgos e caçadores. Amedrontada, a lebre veio se refugiar e se esconder entre as patas do burro. Sancho a pegou sem dificuldade e apresentou-a a dom Quixote, que estava dizendo:

— *Malum signum! Malum signum!*[1] Lebre foge, galgos a seguem: Dulcineia não aparece!

— Vossa mercê é esquisito — disse Sancho. — Digamos que esta lebre é Dulcineia del Toboso e estes galgos que a perseguem, os magos velhacos que a transformaram em camponesa; ela foge, eu a pego e a ponho em poder de vossa mercê, que a tem em seus

braços e a mima: que mau sinal é este? Que mau agouro pode se ver aqui?

Os dois meninos da pendência se aproximaram para ver a lebre, e Sancho perguntou a um deles por que discutiam; o que havia dito "nunca mais vai vê-la em tua vida" respondeu que pegara uma gaiola de grilos do outro menino e que não pensava devolvê-la em toda a sua vida. Sancho tirou da algibeira quatro quartos de real, deu-os ao menino pela gaiola e, pondo-a nas mãos de dom Quixote, disse:

— Aqui estão, meu senhor, rotos e desbaratados esses presságios. Eu posso ser um tolo, mas me parece que eles têm tanto a ver com nossos assuntos como as nuvens de antigamente. E, se bem me lembro, ouvi o padre de nosso povoado dizer que não é coisa de cristão nem de sábio dar atenção a essas ninharias, e até mesmo vossa mercê me disse isso esses dias, insinuando que eram uns bobos todos aqueles cristãos que acreditavam em presságios. Mas não é preciso insistir nisso; vamos logo e entremos em nossa aldeia.

Chegaram os caçadores, pediram sua lebre e dom Quixote a entregou; seguiram adiante e, à entrada do povoado, num campo, toparam com o padre e o bacharel Carrasco rezando. Mas é bom que se diga que Sancho Pança havia jogado por cima do burro, para proteger a mixórdia de armas e armadura, a túnica de bocassim pintada com labaredas com que o vestiram no castelo do duque na noite em que Altisidora ressuscitou. Também tinha ajeitado a mitra na cabeça dele — transformação e enfeite mais insólitos com que jamais se viu um jumento no mundo.

Os dois foram logo reconhecidos pelo padre e pelo bacharel, que se aproximaram deles com os braços abertos. Dom Quixote apeou e os abraçou apertado; e os meninos — mais rápidos que os linces — perceberam a mitra do burro e correram para vê-la, e diziam um ao outro:

— Vinde, meninos, e vereis o burro do Sancho Pança todo endomingado, e a besta de dom Quixote mais magra hoje que no primeiro dia.

Por fim, rodeados de meninos e acompanhados pelo padre e pelo bacharel, entraram no povoado e foram até a casa de dom Quixote, e encontraram à porta a ama e a sobrinha, que já tinham recebido notícias de sua vinda. Também as tinham dado à mulher de Sancho, Teresa Pança, que, desgrenhada e meio despida, trazendo pela mão sua filha Sanchinha, correu para encontrar o marido. Mas, vendo-o não muito alinhado como ela pensava que havia de estar um governador, disse:

— Como vindes assim, meu caro? Pois me parece que vindes a pé e todo estropiado, e tens mais jeito de desgovernado que de governador?

— Cala-te, Teresa — respondeu Sancho —, pois quem vê cara não vê coração, e vamos para nossa casa, que lá ouvirás maravilhas. Trago dinheiro, que é o que importa, ganho com minha astúcia e sem prejuízo de ninguém.

— Se trazeis dinheiro, meu caro marido — disse Teresa —, não importa se o ganhastes assim ou assado, pois, seja lá como foi, não inventastes um modo novo.

Sanchinha abraçou o pai e perguntou se lhe trazia alguma coisa, pois estava esperando por ele como à chuva em tempo de seca. E Sancho, agarrado pela mão por sua mulher e pelo cinto por sua filha, que puxava o burro, foi para casa, deixando dom Quixote na sua em poder da sobrinha e da criada, e em companhia do padre e do bacharel.

Sem observar nem hora nem ocasião, naquele mesmo instante dom Quixote se afastou sozinho com o bacharel e o padre, e em rápidas palavras contou a eles sua derrota e a obrigação que assumira de não sair de sua aldeia por um ano, obrigação que pensava obedecer ao pé da letra, sem a transgredir um ponto, como estava sujeito pela disciplina e ordem da cavalaria andante. Mas tinha pensado em se tornar pastor durante aquele ano e se meter na solidão dos campos, onde a rédeas soltas podia dar vazão a seus pensamentos amorosos, dedicando-se ao virtuoso ofício pastoril. E suplicava a eles que fossem seus companheiros, se não tivessem muito que fazer e não estivessem impedidos por negócios mais importantes. Ele compraria ovelhas e gado suficiente para poderem

ser chamados de pastores, sem falar que a parte mais importante daquele negócio já estava feita, porque já tinha dado nomes a eles, e nomes que lhes serviriam como luvas. O padre pediu que os dissesse. Dom Quixote respondeu que ele se chamaria pastor Quixótis; o bacharel, pastor Carrascão; o padre, pastor Rosarião; e Sancho, pastor Pancino.

Ficaram pasmos ao ver o novo desatino de dom Quixote, mas, para que não se fosse do povoado em busca de aventuras, esperando que pudesse ser curado naquele ano, concordaram com sua nova intenção e aprovaram por sabedoria sua loucura, oferecendo-se como companheiros em seu exercício.

— Além do mais — disse Sansão Carrasco —, como todo mundo já sabe, sou poeta célebre e a cada passo comporei versos pastoris ou cortesãos ou como vier a calhar, para nos entretermos por esses ermos por onde haveremos de andar. E o que é mais necessário, meus senhores, é que cada um escolha o nome da pastora que pensa celebrar em seus versos, e que não deixemos árvore, por mais dura que seja, onde não se inscreva e grave seu nome, como é uso e costume dos pastores apaixonados.

— Isso vem sob medida — respondeu dom Quixote —, mesmo que eu não precise buscar nome de pastora imaginária, pois está aí a sem-par Dulcineia del Toboso, glória destas ribeiras, adorno destes campos, sustento da formosura, nata da galhardia e, enfim, pessoa a quem cabe todo louvor, por mais hiperbólico que seja.

— É verdade — disse o padre —, mas nós vamos procurar por aí umas pastoras mansinhas, que, se não valerem seis, valerão meia dúzia.

Ao que Sansão Carrasco acrescentou:

— E, se faltarem, daremos a elas os nomes das que andam nas estampas e nos livros, de que o mundo está cheio: Fílidas, Amarílis, Dianas, Fléridas, Galateias e Belisardas, pois, se as vendem nas praças, nós podemos muito bem comprar e considerá-las nossas. Se minha dama, ou, digamos melhor, minha pastora, por acaso se chamar Ana, eu a celebrarei sob o nome de “Anarda”, e, caso se chame Francisca, eu a chamarei “Francênia”, e se Lúcia, “Lucinda”, pois tudo sai pelo mesmo lugar. E Sancho Pança, se é que vai

entrar nesta confraria, poderá celebrar sua mulher Teresa Pança com o nome de “Teresaina”.

Dom Quixote caiu na risada com a invenção do nome, e o padre elogiou imensamente sua virtuosa e honrada resolução e se ofereceu de novo para lhe fazer companhia durante todo o tempo que se dedicasse ao cumprimento de suas forçosas obrigações. Com isso se despediram dele, e lhe rogaram e aconselharam que cuidasse de sua saúde, deleitando-se com tudo o que fosse bom para ela.

Quis a sorte que sua sobrinha e a ama tivessem ouvido a conversa dos três. Então, logo que eles se foram, as duas entraram em casa com dom Quixote, e a sobrinha disse:

— O que é isto, senhor meu tio? Agora que pensávamos que vossa mercê voltava para casa para se acomodar e levar uma vida quieta e honrada, quer se meter em novos labirintos, se tornando “pastorzinho, tu, que vens, pastorzinho, tu, que vais?”.[2] A verdade pura e simples é que vossa mercê já passou do ponto.

Ao que a ama acrescentou:

— E vossa mercê poderá passar no campo as sestas do verão e os serenos do inverno? Poderá aguentar os uivos dos lobos? Não, claro que não, que isso é vida para homens fortes, curtidos e criados para esse ofício desde que largaram as fraldas e os babeiros. Depois, ruim por ruim, melhor ser cavaleiro andante que pastor. Olhe, senhor, ouça meu conselho, que lhe dou com cinquenta anos nas costas e em jejum, não entupida de pão e vinho: fique em casa, cuide de suas coisas, confesse seguido e ajude os pobres. E dane-se minha alma se isso lhe fizer mal.

— Calai-vos, minhas filhas — respondeu dom Quixote. — Sei de sobra o que devo fazer. Levai-me para a cama, pois acho que não me sinto bem, e tendes certeza de que, seja eu cavaleiro andante ou pastor por andar, nunca deixarei de vos ajudar no que for preciso, como vereis por minhas ações.

E as boas filhas (que sem dúvida o eram a ama e a sobrinha) levaram-no à cama, onde lhe deram de comer e o trataram do melhor modo possível.

lxxiv

de como dom quixote caiu doente, do testamento que fez e de sua morte

Como as coisas humanas não são eternas, mas um declínio constante do começo até seu derradeiro fim, especialmente as vidas dos homens, e como a de dom Quixote não tivesse o privilégio do céu para deter o curso do declínio da sua, chegou o fim e desfecho dela quando ele menos esperava. Fosse pela melancolia que lhe causava se ver vencido, ou pela disposição do céu, que assim o ordenava, foi tomado por uma febre que o deixou seis dias de cama. Nesse meio-tempo, recebeu muitas vezes a visita do padre, do bacharel e do barbeiro, seus amigos, sem que seu bom escudeiro Sancho Pança saísse da cabeceira.

Eles, julgando que o abatimento pela derrota e pelo fim da esperança de ver Dulcineia livre e desencantada o mantinha daquele jeito, por todos os meios possíveis procuravam alegrá-lo. O bacharel dizia que se animasse e levantasse para começar logo sua vida pastoril, para a qual ele já tinha escrito uma écloga, que desbancaria todas as que Sannazaro havia escrito, e que já tinha comprado com seu próprio dinheiro, de um fazendeiro de Quintanar, dois famosos cachorros para guardar o rebanho, um chamado Brasino e o outro Caramelão. Mas nem por isso dom Quixote deixava suas tristezas.

Seus amigos chamaram o médico, que tomou o pulso dele, não ficou muito satisfeito e disse que pelo sim, pelo não, cuidasse da saúde de sua alma, porque a do corpo corria perigo. Dom Quixote

ouviu-o com toda a calma, mas não o ouviram assim sua criada, sua sobrinha e seu escudeiro, que começaram a chorar ternamente, como se já o dessem por morto. A opinião do médico foi que melancolias e amarguras davam cabo dele. Dom Quixote rogou que o deixassem sozinho, porque queria dormir um pouco. Obedeceram-no, e ele dormiu a sono solto, como se diz, por mais de seis horas, tanto que a criada e a sobrinha pensaram que havia de ficar no sono. Mas ele acordou no fim daquele tempo e disse com um grande brado:

— Bendito seja Deus, todo-poderoso, que tanto bem me fez! Suas misericórdias realmente não têm limites, nem as reduzem nem as impedem os pecados dos homens.

A sobrinha esteve atenta às palavras do tio e, parecendo-lhe mais razoáveis que de costume, pelo menos durante aquela doença, perguntou a ele:

— O que vossa mercê está dizendo, senhor? Há alguma novidade? Que misericórdias são essas? E que pecados?

— As misericórdias, minha cara sobrinha — respondeu dom Quixote —, são as que Deus me dispensou neste instante, e que meus pecados não impediram, como disse. Já tenho o juízo livre e claro, sem as sombras tenebrosas da ignorância que sobre ele puseram minha amarga e contínua leitura dos detestáveis livros de cavalaria. Já reconheço seus disparates e seus logros, e só me pesa que este desengano tenha chegado tão tarde, pois não me sobra tempo para compensar lendo outros que sejam luz da alma. Eu me sinto às portas da morte, minha sobrinha, mas gostaria de encará-la de um modo que mostrasse que minha vida não foi tão ruim a ponto de me deixar com fama de louco, porque, apesar de eu tê-lo sido, não gostaria de confirmar essa verdade em minha morte. Vamos, minha amiga, chame meus bons amigos, o padre, o bacharel Sansão Carrascos e mestre Nicolás, o barbeiro, que quero me confessar e fazer meu testamento.

Mas a entrada dos três dispensou a sobrinha desse trabalho. Mal os viu, dom Quixote disse:

— Felicitai-me, bons senhores, porque já não sou dom Quixote de la Mancha, mas Alonso Quixano, a quem meus costumes deram

fama de “bom”. Agora sou inimigo de Amadis de Gaula e de toda a inumerável corja de sua família; agora me são odiosas todas as histórias profanas da cavalaria andante, e reconheço minha estupidez e o perigo em que me puseram tê-las lido; agora, pela misericórdia de Deus, aprendi a lição na própria carne e as abomino.

Quando os três ouviram isso, sem dúvida imaginaram que alguma nova loucura havia tomado conta dele. Sancho lhe disse:

— Agora, senhor dom Quixote, que temos notícias de que a senhora Dulcineia está desencantada, vossa mercê se sai com essa? E agora que estamos a pique de ser pastores, para passar a vida cantando como uns príncipes, vossa mercê quer se tornar ermitão? Cale-se, por Deus, volte a si e deixe de histórias.

— As histórias que vivi até aqui foram verdadeiras apenas em meu prejuízo, mas minha morte, com a ajuda do céu, deverá torná-las proveitosas para mim — replicou dom Quixote. — Senhores, sinto que estou morrendo rapidamente: deixem as brincadeiras para lá e me tragam alguém para me confessar e um escrivão para fazer meu testamento, que em situações como esta um homem não deve brincar com sua alma. Assim sendo, suplico que, enquanto o senhor padre me confessa, vão buscar o escrivão.

Olharam uns para os outros, pasmos com as alegações de dom Quixote e, apesar de duvidarem, quiseram acreditar. E um dos sinais que os levaram a deduzir que morria mesmo foi ter ele passado da loucura à sanidade tão facilmente, porque, às já mencionadas alegações, acrescentou muitas outras tão bem articuladas, tão cristãs e com tamanho bom senso que por fim não duvidaram mais, e acreditaram que havia sarado.

O padre fez todos saírem e, ficando sozinho com ele, confessou-o.

O bacharel foi atrás do escrivão e dali a pouco voltou com ele e com Sancho Pança. O dito Sancho, que já sabia pelas notícias do bacharel do estado de seu senhor, achando a criada e a sobrinha chorosas, começou a fazer beicinho e a derramar lágrimas e mais lágrimas.

Acabada a confissão, o padre saiu e disse:

— Realmente está morrendo e realmente está curado Alonso Quixano, o Bom. Podemos entrar para que faça seu testamento.

Essas palavras foram um terrível estímulo para a criada, a sobrinha e Sancho Pança, seu bom escudeiro, de tal maneira que fez rebentar os olhos deles em lágrimas e os peitos em profundos suspiros. Realmente, como se disse uma vez, enquanto dom Quixote foi apenas Alonso Quixano, o Bom, e enquanto foi dom Quixote de la Mancha, sempre foi de temperamento ameno e trato agradável, e por isso não só era amado pelos de sua casa, como por todos os que o conheciam.

O escrivão entrou com os demais e — depois de dom Quixote ter encomendado sua alma, com todos aqueles ritos cristãos necessários — fez o cabeçalho do testamento, chegando à disposição de última vontade. Então dom Quixote disse:

— *Item*. É minha vontade que certa quantia de dinheiro que está de posse de Sancho Pança, que em minha loucura fiz meu escudeiro, continue com ele, sem que o culpem ou lhe peçam conta alguma, porque houve entre nós certas coisas, uns toma lá, dá cá. E, se sobrar algum dinheiro depois de ele ter recebido o que lhe devo, que o troco seja seu, pois não deve ser muito, e que faça bom proveito. E assim como eu, estando louco, ajudei que lhe dessem o governo de uma ilha, se pudesse agora, que estou em meu juízo, lhe daria o de um reino, porque a simplicidade de seu caráter e a fidelidade de sua conduta merecem-no.

E, virando-se para Sancho, lhe disse:

— Perdoa-me, meu amigo, tê-lo levado a passar por louco como eu, fazendo-o cair no erro em que eu caí: acreditar que houve cavaleiros andantes no mundo.

— Ai, meu senhor, não morra! — respondeu Sancho, chorando. — Ouça meu conselho: viva muitos anos, porque a maior loucura que um homem pode fazer nesta vida é se deixar morrer assim sem mais nem menos, sem que ninguém o mate nem que outras mãos lhe deem cabo além das da melancolia. Vamos, não seja preguiçoso, levante-se desta cama, e vamos para o campo vestidos de pastores, como tínhamos combinado: quem sabe encontremos em alguma mata a senhora dona Dulcineia desencantada e formosa

como ela só. Se vossa mercê morrer de pesar por ter sido derrotado, bote a culpa em mim, dizendo que o derrubaram por eu ter apertado mal a cincha do Rocinante, sem falar que vossa mercê deve ter visto em seus livros de cavalaria ser coisa bastante comum uns cavaleiros derrubarem outros e o que é derrotado hoje ser vitorioso amanhã.

— É verdade — disse Sansão —, o bom Sancho Pança conhece bem esses casos.

— Vamos com calma, senhores — disse dom Quixote —, pois águas passadas não movem moinhos. Eu fui louco, mas agora tenho juízo; fui dom Quixote de la Mancha, mas agora, como já disse, sou Alonso Quixano, o Bom. Possam meu arrependimento e minha sinceridade me devolver à estima que vossas mercês tinham por mim. E vamos adiante, senhor escrivão.

"*Item*. Deixo todas as minhas posses, sem necessidade de enumeração, a Antônia Quixana, minha sobrinha, aqui presente, tendo antes tirado do que for mais fácil dispor o que se necessitar para cumprir meu legado. Quero, em primeiro lugar, que se pague o salário que devo a minha criada pelo tempo que me serviu, e mais vinte ducados para um vestido. Nomeio meus testamenteiros o senhor padre e o senhor bacharel Sansão Carrasco, aqui presentes.

"*Item*. É minha vontade que, se Antônia Quixana, minha sobrinha, quiser se casar, case com homem de quem primeiro se averiguou não saber o que são livros de cavalaria. Mas, no caso de se averiguar que ele sabe e, mesmo assim, minha sobrinha quiser se casar e efetivamente se casar, é minha vontade que perca o direito a toda a herança que deixei, e que meus testamenteiros distribuam esses bens em obras de caridade a sua vontade.

"*Item*. Suplico aos senhores meus testamenteiros que, se a boa sorte os levar a conhecer o autor que dizem que escreveu uma história que anda por aí com o título de *Segunda parte das façanhas de dom Quixote de la Mancha*, peçam a ele, de minha parte, o mais encarecidamente que se possa, que me perdoe a oportunidade que sem pensar eu lhe dei de ter escrito tantos e tamanhos disparates como nela descreve, pois parto desta vida com o escrúpulo de lhe ter dado motivo para escrevê-los."

Com isso encerrou o testamento, mas de repente desmaiou e se estendeu de comprido na cama; todos se agitaram e correram em sua ajuda. Nos três dias que ainda viveu, depois da assinatura do testamento, desmaiava muito seguido. A casa andava sobressaltada, mas mesmo assim a sobrinha comia, a criada brindava e Sancho Pança se divertia, pois isso de herdar alguma coisa apaga ou ameniza na memória do herdeiro a tristeza que é natural que o morto deixe.

Por fim, chegou a hora derradeira de dom Quixote, depois de receber todos os sacramentos e depois de ter abominado com muitas e eficazes palavras os livros de cavalaria. O escrivão se encontrava presente e disse que nunca tinha lido, em nenhum livro de cavalaria, que algum cavaleiro andante houvesse morrido em seu leito tão calma e cristãmente como dom Quixote, que, entre os lamentos e as lágrimas dos que se achavam ali, entregou sua alma, quero dizer, morreu.

Vendo isso, o padre pediu ao escrivão que testemunhasse que Alonso Quixano, o Bom, chamado comumente de “dom Quixote de la Mancha”, havia deixado a presente vida e morrido de causas naturais; e que pedia esse testemunho para eliminar a oportunidade de que algum outro autor que não fosse Cide Hamete Benengeli lhe ressuscitasse falsamente e escrevesse intermináveis histórias de suas façanhas.

Este foi o fim do engenhoso fidalgo da Mancha, cuja aldeia Cide Hamete não quis lembrar, para que todas as vilas e povoados da Mancha pudessem disputar entre si para adotá-lo e tê-lo como filho, como as sete cidades da Grécia disputaram por Homero.

Deixam-se de incluir aqui os prantos de Sancho, da sobrinha e da criada de dom Quixote, e os novos epitáfios de sua sepultura, embora se inclua este de Sansão Carrasco:

Aqui jaz o fidalgo forte
que a tal extremo chegou
de bravura, que se adverte
que a morte não triunfou

sobre sua vida com sua morte.

De todo o mundo fez pouco,
foi o espantalho e o papão
do mundo, mas de tal modo,
que favoreceu sua aventura
morrer são, depois de viver louco.[a]

E o prudente Cide Hamete disse a sua pena: “Aqui ficarás, minha pena, pendurada neste gancho, por um fio de arame, nem sei se bem cortada ou mal aparada, onde viverás longos séculos, se historiadores presunçosos e velhacos não te pegarem para te profanar. Mas, antes que se aproximem de ti, podes adverti-los, dizendo da melhor forma que puderes:

— Alto lá, seus patifezinhos!
Por nenhum seja tocada,
porque esta empresa, bom rei,
para mim estava guardada.[1]

Apenas para mim nasceu dom Quixote, e eu para ele: ele soube agir e eu escrever. Nós dois somos um só, a despeito e apesar do escritor falso e tordesilhesco que se atreveu ou haverá de se atrever a escrever com pena de avestruz grosseira e mal aparada as façanhas de meu bravo cavaleiro, porque não é carga para seus ombros, nem assunto para seu espírito insosso. Se por acaso chegares a conhecê-lo, diz-lhe que deixe repousar na sepultura os cansados e já podres ossos de dom Quixote, e não queira levá-lo para Castela, a Velha, contra todas as prerrogativas da morte, fazendo-o sair do cemitério onde real e verdadeiramente jaz estendido de fora a fora, impossibilitado de empreender uma terceira jornada e nova saída,[2] pois para zombar de tantas como fizeram tantos cavaleiros andantes, bastam as duas que ele fez, com tanto prazer e beneplácito das pessoas a cujo conhecimento chegaram, tanto neste como em reinos estranhos.

“E com isso cumprirás com o que pede a fé cristã, aconselhando bem a quem te quer mal, e eu ficarei satisfeito e orgulhoso de ter sido o primeiro que gozou inteiramente do fruto de seus escritos, como desejava, pois não foi outro meu desejo que execrar para os homens as falsas e disparatadas histórias dos livros de cavalaria, que já tropeçaram nas de meu verdadeiro dom Quixote e haverão de cair de todo sem dúvida alguma.” *Vale*.

a *Yace aquí el hidalgo fuerte/ que a tanto extremo llegó/ de valiente, que se advierte/ que la muerte no triunfó/ de su vida con su muerte.// Tuvo a todo el mundo en poco,/ fue el espantajo y el coco/ del mundo, en tal coyuntura,/ que acreditó su ventura/ morir cuerdo y vivir loco.*

Magias parciais do Quixote[a]

jorge luis borges

É verossímil que estas observações já tenham sido feitas alguma vez, e talvez até muitas vezes; a discussão de sua novidade me interessa menos do que a de sua possível verdade.

Cotejado com outros livros clássicos (a *Ilíada*, a *Eneida*, a *Farsália*, a *Comédia* dantesca, as tragédias e comédias de Shakespeare), o *Quixote* é realista; esse realismo, no entanto, difere essencialmente daquele praticado no século xix. Joseph Conrad só escreveu que excluía de sua obra o sobrenatural porque admiti-lo seria como negar que o cotidiano fosse maravilhoso: ignoro se Miguel de Cervantes compartilhou essa intuição, mas sei que a forma do *Quixote* levou-o a contrapor a um mundo imaginário e poético o mundo real e prosaico. Conrad e Henry James romancearam a realidade porque a julgavam poética; para Cervantes, o real e o poético são antinomias. Às vastas e vagas geografias do Amadis ele opõe os caminhos poeirentos e as sórdidas estalagens de Castela; imaginemos um romancista de nosso tempo que destacasse com sentido paródico os postos de gasolina. Cervantes criou para nós a poesia da Espanha do século xvii, mas nem aquele século nem aquela Espanha eram poéticos aos olhos dele; homens como Unamuno, Azorín ou Antonio Machado, comovidos diante da evocação da Mancha, teriam sido incompreensíveis para ele. O plano de sua obra vetava o maravilhoso; este tinha de figurar, porém, ainda que indiretamente, como os crimes e o mistério numa paródia do romance policial. Cervantes não podia recorrer a talismãs ou sortilégios, mas insinuou o sobrenatural de modo sutil e,

por isso mesmo, mais eficaz. Lá no fundo, Cervantes amava o sobrenatural. Paul Groussac, em 1924, observou: “Com alguma tintura mal fixada de latim e italiano, a colheita literária de Cervantes provinha sobretudo dos romances pastoris e de cavalaria, fábulas embaladoras do cativeiro”. O *Quixote* é menos um antídoto contra essas ficções do que uma secreta despedida nostálgica.

Na realidade, cada romance reside num plano ideal; Cervantes se compraz em confundir o objetivo e o subjetivo, o mundo do leitor e o mundo do livro. Naqueles capítulos que discutem se a bacia do barbeiro é um elmo e a albarda um arnês, o problema é tratado de modo explícito; em outras passagens, como já assinalei, é apenas insinuado. No sexto capítulo da primeira parte, o padre e o barbeiro passam em revista a biblioteca de dom Quixote; para nosso assombro, um dos livros examinados é a *Galateia* de Cervantes, e acontece que o barbeiro é amigo dele e não o admira muito, e acrescenta que ele é mais versado em desditas do que em versos, e que seu livro, embora tenha alguma coisa de boa invenção, propõe algo e não conclui nada. O barbeiro, sonho de Cervantes ou forma de um sonho de Cervantes, julga Cervantes… Também é surpreendente saber, no início do nono capítulo, que o romance inteiro foi traduzido do árabe e que Cervantes adquiriu o manuscrito no mercado de Toledo e encomendou a tradução a um mourisco, a quem alojou em sua casa por mais de um mês e meio, até que concluísse a tarefa. Pensamos em Carlyle, que inventou que o *Sartor Resartus* era a versão parcial de uma obra publicada na Alemanha pelo doutor Diógenes Teufelsdroeckh; pensamos no rabino castelhano Moisés de León, que compôs o *Zohar* ou *Libro del Esplendor*, divulgando-o como obra de um rabino palestino do século iii.

Esse jogo de estranhas ambiguidades culmina na segunda parte: os protagonistas já leram a primeira; os protagonistas do *Quixote* são, também, leitores do *Quixote*. Aqui é inevitável lembrar o caso de Shakespeare, que inclui no palco de *Hamlet* outro palco, onde se representa uma tragédia que é mais ou menos a de Hamlet; a correspondência imperfeita entre a obra principal e a secundária diminui a eficácia dessa inclusão. Um artifício análogo ao de

Cervantes, e ainda mais assombroso, figura no *Ramáiana*, poema de Valmiki, que narra as proezas de Rama e sua guerra com os demônios. No último livro, os filhos de Rama, que não sabem quem é o pai, buscam refúgio numa floresta, onde um asceta os ensina a ler. Esse mestre é, estranhamente, Valmiki; o livro em que estudam, o *Ramáiana*. Rama ordena um sacrifício de cavalos; nessa festa estão presentes Valmiki e seus alunos: acompanhados de um alaúde, eles cantam o *Ramáiana*. Rama ouve sua própria história, reconhece os filhos e imediatamente recompensa o poeta… Algo parecido o acaso produziu nas *Mil e uma noites*. Essa compilação de histórias fantásticas duplica e reduplica até a vertigem a ramificação de um conto central em contos adventícios, mas não procura graduar suas realidades, e o efeito (que deveria ser profundo) é superficial, como um tapete persa. É conhecida a história liminar da série: o desolado juramento do rei de a cada noite desposar uma virgem que ele mandará decapitar ao alvorecer, e a resolução de Xerazade de distraí-lo com fábulas até que sobre eles tenham se passado 1001 noites e ela lhe mostre o filho. A necessidade de completar 1001 seções obrigou os copistas da obra a todo tipo de interpolações. Nenhuma, porém, tão perturbadora quanto a da noite 602, mágica entre todas. Nessa noite, o rei ouve da boca da rainha a sua própria história. Ouve o começo da história, que abrange todas as demais, e também — de forma monstruosa — a si mesma. Intuirá claramente o leitor a vasta possibilidade dessa interpolação, seu curioso perigo? Se a rainha continuar, o rei ouvirá para sempre a história truncada das *Mil e uma noites*, agora infinita e circular… As invenções da filosofia não são menos fantásticas que as da arte: Josiah Royce, no primeiro volume da obra *The World and the Individual* (1899), formulou a seguinte: “Imaginemos que uma porção do solo da Inglaterra tenha sido perfeitamente nivelada e que nela um cartógrafo trace um mapa da Inglaterra. A obra é perfeita; não há detalhe do solo da Inglaterra, por diminuto que seja, que não esteja registrado no mapa; tudo tem aí sua correspondência. Se assim for, esse mapa deve conter um mapa do mapa, que deve conter um mapa do mapa do mapa, e assim até o infinito”.

Por que nos inquieta que o mapa esteja incluído no mapa e as 1001 noites no livro das *Mil e uma noites*? Por que nos inquieta que dom Quixote seja leitor do *Quixote* e *Hamlet* espectador de *Hamlet*? Creio ter dado com a causa: tais inversões sugerem que, se os personagens de uma ficção podem ser leitores ou espectadores, nós, seus leitores ou espectadores, podemos ser fictícios. Em 1833, Carlyle observou que a história universal é um infinito livro sagrado que todos os homens escrevem e leem e procuram entender, e no qual também eles são escritos.

a Ensaio publicado em *Outras inquisições*, Companhia das Letras, 2007.

Notas sobre a máquina voadora[a]

ricardo piglia

Do *Dom Quixote* em chinês ao *Finnegans Wake* em italiano, os erros, acertos e acasos que fazem da tradução um dos capítulos essenciais da história da literatura.

1. Sempre me chamou atenção um comentário de Virginia Woolf, a escritora inglesa, que se surpreendia porque seus amigos escritores diziam de maneira unânime que o melhor romance que haviam lido era *Guerra e paz*. Mas, dizia Virginia, todos liam traduções. Me parece que há algo mais do que linguagem na narração. A narração não é como a poesia em sentido pleno, parece que transmite algo que podemos chamar de seus sentimentos, emoções, algo que cada um de nós definirá, que lhe permite sobreviver às traduções ainda que essas não sejam excelentes.

2. A figura do leitor e a figura do tradutor, que estão em certo sentido como fantasmas na origem do romance, são parte essencial do que todos consideramos o primeiro romance, *Dom Quixote*. Um romance rapidamente traduzido, um dos primeiros acontecimentos da literatura clássica a chegar a lugares muito diversos. A primeira tradução para o inglês é de 1612. A tradução em francês, de 1614. Para o italiano, de 1622. Para o alemão, de 1621. Quase imediatamente, nos cinco ou seis anos posteriores, o livro já começou a circular em todas as línguas. O mais extraordinário é a tradução para o chinês, de um escritor que se chama Lin Shu e seu ajudante, Chen Jialin. Shu não conhecia nenhuma língua estrangeira e seu ajudante todas as tardes lhe contava um episódio de *Dom Quixote*, que ele traduzia a partir do relato. O romance se

chamou *História de um cavaleiro louco* e foi um grande êxito. É um exemplo de como um livro consegue transmitir algo além de qualquer modificação implícita que possa ser imposta na tradução.
3. Basicamente, o que o tradutor tem de fazer é pegar os sentidos múltiplos que há em um texto e reduzi-los a um de seus sentidos, e isso sempre produz possíveis equívocos. A primeira coisa que ele faz é enviar perguntas ao escritor. Partes do texto que lhe parecem obscuras. Então o tradutor é o único que verdadeiramente lê o livro. Lê todas as palavras e tem de entender todas e estar seguro. As perguntas dos tradutores são sempre extraordinárias. “Escuta: no capítulo 12 tinha a porta fechada e no capítulo 18 está aberta”. Eu sempre digo a eles: “Passou alguém pela porta”. O tradutor é, antes de mais nada, um leitor muito cuidadoso do original.
4. Na luta contra o equívoco, o primeiro movimento do tradutor é confirmar que está entendendo bem o texto. Não porque está escrito em outra língua, que seguramente também conhece como a língua para a qual está traduzindo, mas porque um texto de ficção sempre tem algum erro, um ponto onde a decisão sobre um sentido pode ser equivocada.
5. Por outro lado, muitas vezes os tradutores estabelecem com o texto uma relação de conflito. Para mim, o exemplo mais claro é Borges, que fez uma tradução de *Palmeiras selvagens*. Borges luta contra William Faulkner porque não gosta do estilo barroco, de uma sintaxe muito aberta, onde os acontecimentos estão à sombra da presença do narrador que por um momento parece que está louco ou bêbado. A primeira cena do romance é de alguém que está descendo uma escada com uma lâmpada numa noite de tormenta, e a princípio não se sabe bem quem está descendo, se se trata de uma lâmpada, está tudo contado à maneira clássica de Faulkner. Borges ordena isso. Aí se vê algo que habitualmente não se vê numa tradução: a luta do estilo do tradutor contra o estilo do texto. Situações que o tradutor trataria de contar de outra maneira.
6. Seria muito bom que na história da literatura se incluísse a história das traduções. A primeira tradução de Poe na França produz vários efeitos: em Mallarmé, Paul Valéry, no próprio Baudelaire que a traduziu, na literatura policial. Essa tradução

começou a gerar textos que se incorporaram logo à tradição literária.
7. O antagônico à experiência da tradução de narrativa é a de poesia. Ela parece impossível de antemão. Alguém pode dizer que uma poesia realmente funciona quando está escrita na língua materna em que se lê. Tudo o que se lê fora da língua materna são versões que nem sempre se aproximam da eficácia verbal que tem o poema. Por isso, habitualmente os tradutores de poesia são os próprios poetas. E tanto é assim que os poetas incorporam os textos que traduzem como se fossem suas próprias obras. É muito comum em Octavio Paz. É muito comum em Haroldo de Campos. Em Emilio Pacheco no México.
8. Alguém pode dizer, falando ironicamente, que *Quixote* é o primeiro romance e *Finnegans Wake*, de Joyce, seria o último porque não se pode traduzi-lo. Joyce em certo sentido tomou a decisão de escrever um romance que não se pode traduzir, pois trabalha com a justaposição de todas as línguas que Joyce conhecia, que eram muitas, e portanto é um texto em que a linguagem adquiriu um caráter noturno, estão mescladas palavras de origem alemã, italiana, inglesa etc. A única tradução válida que existe é a que, a pedido de seu amigo Italo Svevo, Joyce fez do capítulo Ana Livia Plurabelle. Joyce, para traduzir seu próprio texto, em vez de trabalhar com todas as línguas europeias que estão presentes em *Finnegans*, usa todas as línguas implícitas na língua italiana. Por um lado, como numa pequena história da língua italiana, vai vendo os momentos em que essa língua parece estrangeira e, usando os dialetos que abundam na cultura italiana, faz uma tradução extraordinária. Consegue que distintos registros de uma língua funcionem como uma língua estrangeira. É uma tradução tão extraordinária que muitos a consideraram um texto tão importante quanto os de Dante.
9. Agora me ocorrem as situações em que os escritores traduzem a si mesmos, intervêm na tradução de seus próprios textos, e também os escritores que mudam de língua, como é o caso de Joseph Conrad, polonês que escrevia em inglês, e de Samuel Beckett, que passa a escrever em francês. Por que passa a escrever em

francês? Beckett tem dois argumentos: porque assim pode escrever mal, e o inglês é de Joyce. Há muitos outros. Nabokov, extraordinário estilista em inglês e, segundo dizem, extraordinário estilista na língua russa. Jerry Kozinski, escritor muito interessante, que está um pouco esquecido, mas que é muito bom, também começa a escrever em inglês. Issac Bashevis Singer, grande escritor de origem judaico-polonesa, um dos últimos que escrevia em ídiche e alguns escritores amigos, como Saul Bellow, traduziam para o inglês.

10. Gostaria de falar de um escritor que nós, argentinos, admiramos muito: Witold Gombrowicz. Um autor que havia publicado um romance que é um dos grandes livros do século passado, *Ferdydurke*. Estava um dia sentado em um bar de Varsóvia e veio um amigo: "Vai ser inaugurada uma companhia que vai ao sul, a Buenos Aires, e na viagem inaugural há lugar para um jornalista". Gombrowicz aceita a possibilidade de conhecer Buenos Aires e voltar no mesmo barco. Quando chega, três dias depois, começa a Segunda Guerra Mundial, a Polônia havia sido invadida pelos nazistas e ele fica completamente despossuído. De sua língua, de alguma possibilidade econômica, completamente na intempérie. Sobrevive e trabalha muito até que lentamente começa a reaparecer como uma figura que vive na Argentina por anos, escreve lá parte de sua obra e, quando volta à Europa, consegue reconhecimento internacional.

11. Os anos de Gombrowicz na Argentina são uma alegoria tão estranha quanto a alegoria dos manuscritos salvos de Kafka. Após os primeiros meses dificílimos, dos quais não se sabe quase nada, entra aos poucos em circulação em Buenos Aires. Seu centro de operações era a Confeitaria Rex, em cima de um cinema na *calle* Corrientes, onde ganha um pouco de dinheiro jogando xadrez. Gombrowicz anuncia que é um escritor do nível de Thomas Mann, mas todo mundo pensa que é um farsante, ninguém o conhece. Além do mais, afirma que é um conde, que sua família é aristocrática, ainda que agora, pelas contingências do mundo, viva na pobreza mais estranha.

12. Em 1947, Gombrovich sai à superfície, com a tradução para o castelhano de *Ferdydurke*. É uma tradução extraordinária que Gombrowiz faz no Café Rex com a ajuda de Virgilio Piñera, um grande escritor cubano que não sabe polonês, enquanto Gombrovich não sabe castelhano. Com os dois falando em francês, é um pouco como a experiência chinesa, e cada um no bar intervém na discussão. É uma tradução completamente onírica. Um dos grandes acontecimentos da história da literatura essa tradução em um bar, que termina quase inventando o livro.
13. Gombrowicz aprende o castelhano em Retiro, nos bares do porto, com marinheiros e prostitutas. Seu espanhol está ligado a espaços secretos e a certas formas baixas da vida social. Numa conferência, critica a linguagem estereotipada da literatura e a sociabilidade implícita da linguagem falsamente cultivada. "Quando teremos uma linguagem para nossa ignorância?", pergunta em seu diário. "Gostaria de mandar todos os escritores ao estrangeiro, fora de seu próprio idioma e dos ornamentos e filigranas verbais, para ver o que acontecerá com eles."
14. O escritor sempre fala numa língua estrangeira, dizia Proust, e sobre essa frase Deleuze construiu sua admirável teoria da literatura menor preferida, a alemã de Kafka, um judeu tcheco que em sua casa fala tcheco, mas escreve em alemão. A posição de Gombrowicz é mais complicada: um homem maduro que se vê obrigado a falar como uma criança. Em seu primeiro conto, "Memória da maturidade", Gombrowicz se colocou nessa posição.
15. O castelhano é uma língua menor na circulação cultural do século xx. Quem sabe podemos dizer o mesmo do português. São línguas na posição Gombrowicz diante das línguas dominantes, o francês e o inglês, onde parece correr a literatura. São línguas que constroem sua grande tradição, mas nunca estão no centro da circulação literária.
16. Os livros percorrem grandes distâncias, e a tradução é uma máquina voadora. Há uma questão geográfica, de mapas e fronteiras, na circulação da literatura. Do polonês ao francês, passando pelo espanhol, a tradução é o espaço dos grandes intercâmbios e das circulações secretas. Ao se traduzir textos para

criar outro registro de leitura que se possa botar ao lado de obras muito institucionalizadas, a tradução intervém na própria literatura.

[a] Ensaio publicado na Revista 18, do Centro de Cultura Judaica de São Paulo.

Notas

O engenhoso fidalgo dom Quixote de la Mancha

primeira parte

prólogo

1. Cervantes esteve preso duas vezes em Sevilha, em 1592 e 1597, por complicações em seu cargo de coletor de impostos.
2. Cervantes tinha 57 anos quando escreveu essas linhas e não publicava nada fazia vinte anos, desde *A Galateia* (1585).
3. "A liberdade não se compra com ouro." Esopo, *Fábulas*, iii, 14.
4. "Que a pálida morte vá tanto à choça do pobre como ao palácio do rei." Horácio, *Carminum*, i, 4.
5. "E eu vos digo: amai aos vossos inimigos." Mateus, 5,44.
6. "Do coração procedem os maus pensamentos." Mateus, 15,19.
7. "Quando és feliz, tens muitos amigos. Em maus tempos, ficas só." A passagem está em Ovídio, *Tristia*, i, 9, 5-6, e não em Catão.
8. Saudação de despedida, em latim, que significa "conserva-te são".

versos preliminares

1. Maga protetora de Amadis de Gaula.
2. As décimas de "*cabo roto*" (final quebrado), isto é, em que se suprime a sílaba (ou sílabas) seguinte à última acentuada, eram próprias da poesia cômica.
3. A amada de Amadis de Gaula. O castelo de Miraflores, mencionado a seguir, estava a duas léguas de Londres.
4. No original, lê-se "*poeta entreverado*", misturado, interpolado, mas como nem ele nem os versos parecem fazer parte do conjunto, pois Donoso não é personagem dos livros de cavalaria, como os restantes citados nesses versos preliminares, preferi "misturado". (n. t.)
5. *A Celestina* (1499), de Fernando de Rojas.
6. Refere-se ao episódio do primeiro tratado de *Vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades* (1554, de autor desconhecido), em que o pícaro Lázaro utiliza uma palha como canudo para beber vinho do copo de seu amo, que, por ser cego, não percebe a artimanha.
7. Protagonista de *Espejo de príncipes y caballeros* (1555), de Diego Ortúñez de Calahorra.

capítulo i

1. Autor da *Segunda comedia de Celestina* e de vários livros de cavalaria, como *Lisuarte de Grecia*, *Amadís de Grecia*, *Florisel de Niqueia* e *Rogel de Grecia*.
2. Sigüenza e Osuna eram universidades menores, muito citadas nos clássicos espanhóis.
3. Amadis da Grécia, que tinha uma espada vermelha estampada no peito.
4. O cavalo de Gonela, bufão do duque de Ferrara, era famoso por sua fraqueza. "Era só pele e ossos", em latim, frase da comédia *Aulularia*, de Plauto.

capítulo ii

1. Armas brancas: as que não tinham nenhuma divisa ou insígnia, próprias de cavaleiro que ainda não realizou nenhuma

façanha.

2. Nesta fala, como nas próximas, dom Quixote tenta imitar a linguagem medieval dos livros de cavalaria, com termos arcaicos e empolados.
3. Primeiros dois versos de um velho romance da época, cuja continuação o hospedeiro parafraseia em sua resposta.
4. Versos iniciais do romance de Lancelot, adaptado à ocasião.

capítulo iii

1. Todos bairros mal-afamados.

capítulo iv

1. Desmentir alguém era considerado desrespeitoso a qualquer um que o presenciasse.

capítulo v

1. Romance do marquês de Mântua, que conta a derrota em combate de Valdovinos (Baudoin), seu sobrinho, para Carloto (Charlot), filho de Carlos Magno.
2. O romance de *El abencerraje y la formosa jarifa* foi incluído em *La Diana* de Jorge de Montemayor a partir da edição de 1561. “Abencerraje” é o indivíduo de uma família do reino muçulmano de Granada.
3. Os Nove da Fama foram três judeus: Josué, Davi e Judas Macabeu; três pagãos: Alexandre, Heitor e Júlio César; e três cristãos: o rei Artur, Carlos Magno e Godofredo de Bolonha.
4. A sobrinha se engana: Alquife, marido de Urganda, a Desconhecida, assim chamada porque mudava de aparência. “Esquife”, em gíria, significa “pilantra”.

capítulo vi

1. *Los cuatro libros del virtuoso caballero Amadís de Gaula*, de Garci Rodríguez de Montalvo. A primeira edição conservada é de 1508, mas antes houve pelo menos outra, de 1496.
2. *Las sergas de Esplandián* (1510), de Garci Rodríguez de Montalvo, é a continuação de *Amadís de Gaula*.
3. Nono livro da série dos Amadises, escrito por Feliciano de Silva (1530).
4. *Historia del invencible caballero don Olivante de Laura, príncipe de Macedonia, que vino a ser emperador de Constantinopla* (1564), de Antonio de Torquemada.
5. O *Jardín de flores curiosas* (1579) é uma junção de notícias extraordinárias. Cervantes o aproveitou no *Persiles*.
6. Trata-se da *Primera parte de la grande historia del muy animoso y esforzado príncipe Felixmarte de Hircania y de su estraño nacimiento* (1556), de Melchor Ortega.
7. *Crónica del muy valiente y esforzado caballero Platir, hijo del emperador Primaleón* (1533), livro anônimo do ciclo dos Palmeirins.
8. Adaptação em prosa do *Orlando innamorato*, de Matteo Boiardo, feita por Pero López de Santamaría e Pedro de Reinosa (1586).
9. Um dos Doze Pares e conselheiro de Carlos Magno. Atribui-se a ele uma crônica novelesca intitulada *Historia Caroli magni et Rotholandi*, daí a ironia.
10. Poeta italiano (1441-94), autor de *Orlando innamorato* (1492).
11. Autor de *Orlando furioso* (1516-32).
12. Atribuído a Francisco Vázquez (1511), é o primeiro da série dos Palmeirins.
13. Obra do português Francisco Moraes (1545) traduzida para o espanhol por Luis de Hurtado com o título de *Libro del muy esforzado caballero Palmerín de Inglaterra, hijo del rey don Duardos* (1547).
14. *Don Belianís de Grecia* (1547-79), de Jerónimo Fernández, já foi citado num dos sonetos preliminares e no primeiro capítulo.
15. Livro de Joanot Martorell, de 1490. Cervantes devia conhecer a tradução anônima espanhola de 1511.

16. Este parágrafo é considerado a grande charada do livro. Ele começa e termina elogiando. Agora, no meio, há a seguinte frase, considerada a mais obscura por Diego Clemencín, um dos mais conhecidos editores de Cervantes: “*Con todo eso, os digo que merecía el que le compuso, pues no hizo tantas necedades de industria, que le echaran a galeras por todos los años de su vida*”.

    Pensou-se que o autor tinha sido condenado às galés e que faltasse um “não” antes de “merecia”. Mas o autor não foi condenado a nada. Daí, entre as muitas interpretações, a de Martín de Riquer é considerada a mais provável, já que parece haver um jogo de palavras entre mandar para as galés, condenar ao remo e imprimir um livro, porque a fôrma onde ia a composição também se chama galé. Parece? Acho gozada a dúvida dos especialistas: Cervantes é cheio desses jogos de palavras. Enfim, o significado da passagem seria este: “O *Tirant* é um livro divertido e diferente dos outros livros de cavalaria, mas apesar disso Diego de Gumiel, já que não *compôs* (ou seja, imprimiu) tantas *necedades* (ou seja, episódios divertidos) de propósito, merecia passar todos os dias de sua vida imprimindo”.

    Tudo muito bem, mas a metamorfose de *necedades* (que vem de néscio, claro) não me convence. Então, jogando com a frase de um lado para o outro, encontrei: “Por tudo isso (as qualidades listadas anteriormente), vos digo que quem o compôs merecia ser levado às galés (no sentido de imprimir) por todos os dias de sua vida, pois não fez tantas tolices de propósito (como os outros autores de livros de cavalaria)”. Não me parece que eu force a mão ou adivinhe mais do que De Riquer. Mas espero fazer mais sentido.
17. *Segunda parte de La Diana* (1563), de Alonso Pérez, médico de Salamanca.
18. *La Diana enamorada* (1564), considerada a melhor continuação da obra de Montemayor.
19. Na verdade, de Alghero. O livro foi publicado em Barcelona em 1573.
20. Romances pastoris de Bernardo de la Vega (1591), Bernardo González de Bobadilla (1587) e Bartolomé López de Enciso (1586), respectivamente.
21. De Luis Gálvez de Montalvo (1582).
22. Antologia de Pedro de Padilha, publicada em 1580 e reeditada em 1587.
23. Publicado em Madri em 1586, com dois poemas de Cervantes.
24. Publicado em 1585.
25. Poema épico em três partes sobre a conquista do Chile, publicadas em 1569 e 1589.
26. Epopeia de 1584 sobre as façanhas de Juan de Áustria, entre elas, a batalha de Lepanto.
27. Poema sobre a fundação do mosteiro de Montserrat, de 1587.
28. O título verdadeiro desse poema é *Primera parte de Angélica* (1586), de Luis Barahona de Soto. É a continuação do episódio de Angélica e Medoro do *Orlando furioso*.

capítulo vii

1. Poema épico de Jerónimo Sempere (1560).
2. Obra de Pedro de la Vecilla Castellanos (1586) sobre a história da cidade de León.
3. Frestão é o mago e o suposto autor de *Belianís de Grecia*.
4. Escudo redondo, pequeno, de madeira.

capítulo viii

1. O bulbo da chicória, moído e fervido, era usado como sonífero.
2. No original se lê que o frade “*puso piernas al castillo de su buena mula*”, o que literalmente significa: “pôs pernas ao castelo de sua boa mula”. Como a frase é esquisita, quase todos os tradutores trataram de contornar o castelo. Nas edições espanholas, há sempre uma nota explicando que se trata de uma mula enorme. É bem provável, se pensarmos em dezenas de outras saídas semelhantes no texto de Cervantes. Mas “no castelo de sua boa mula”? Parece-me mais um erro de revisão: é fácil confundir *castillo* com *costilla*. (n. t.)
3. Personagem de *Amadís*, que ameaçava com essa frase ao entrar em combate.

segunda parte

capítulo ix

1. Versos de Alvar Gómez de Ciudad Real em sua tradução de Petrarca.
2. *Sedero*, no original. Alguém que lida com seda. Como faz pouco sentido um mercador de seda comprar papéis velhos, fiquei com a opção de Almir de Andrade e Milton Amado, os primeiros tradutores brasileiros do *Quixote*. (n. t.)
3. Mourisco é o mouro batizado, que ficou na Espanha. Aljamiado é quem lê o texto espanhol escrito em caracteres árabes.

capítulo x

1. O título se refere à aventura do basco, já terminada, e à dos galegos, que se passa no capítulo xv. Isso e outros detalhes no texto apoiam a tese de que os capítulos xi-xiv são uma interpolação de Cervantes de um episódio redigido depois do narrado nos capítulos x e xv.
2. Instituição armada que perseguia criminosos. Seus membros eram chamados quadrilheiros, como se verá em outros episódios.
3. Gigante sarraceno, personagem da *História de Carlos Magno*, preso e convertido ao cristianismo por Oliveiros, par de França. Roubou em Jerusalém dois barriletes desse remédio milagroso, feito com os restos dos perfumes usados para se embalsamar o corpo de Jesus Cristo.
4. Rei muçulmano derrotado por Reinaldos de Montalbán, quando tira o elmo dele no *Orlando innamorato* de Boiardo.
5. Foi Dardinel de Almonte que morreu ao tentar recuperar o precioso elmo no *Orlando furioso* de Ariosto, enquanto Sacripante lutou com Reinaldos por Angélica.
6. Reino imaginário de Galaor, irmão de Amadis.

capítulo xii

1. Sara, mulher de Abraão, viveu 127 anos, tendo ainda batido um recorde: teve o filho Isaac aos noventa.

capítulo xiii

1. Virgílio. Queria que se queimasse a *Eneida*, porque não teve tempo de corrigi-la.

terceira parte

capítulo xv

1. Nome da célebre espada do Cid, que se tornou sinônimo de espada ou arma.
2. Sileno foi professor de Baco, sim, mas dom Quixote confunde Tebas de Beócia, onde nasceu o deus do riso, com Tebas do Egito, a Cidade das Cem Portas.

capítulo xvi

1. *Crónica de los nobles caballeros Tablante de Ricamonte y Jofre, hijo de Donasón* (1513); Tomillas, personagem secundário da *Historia de Enrique, fi de Oliva* (1498).
2. Os chefes dos pelotões da Santa Irmandade levavam um bastão pequeno, de cor verde, chamado de meia vara, e um cilindro de metal com os documentos que confirmavam seu cargo e sua autoridade.

capítulo xvii

1. “Bom homem” era tratamento depreciativo, reservado à gente de baixa condição.

capítulo xviii

1. Amadis da Grécia, bisneto de Amadis de Gaula.
2. Ceilão.
3. Povo do extremo sul da então chamada Líbia, que na tradição era considerada o lugar habitado mais meridional da Terra.
4. “Pierres Papín”, no original. Nome de personagem folclórico relacionado aos jogos de carta. (n. t.)
5. Trata-se de *Pedacio Dioscórides Anazarbeo, acerca de la materia medicinal* (1555), traduzido para o espanhol, comentado e ilustrado pelo dr. Andrés Laguna.

capítulo xix

1. “*Muchos encamisados*”, no original. “Encamisada” era um assalto noturno em que os soldados vestiam camisas brancas sobre as armaduras para se distinguirem dos inimigos. Ou “mascarada”, uma diversão noturna, feita durante as festas públicas, com tochas. (n. t.)
2. Rodolfo Schevill sugere a interpolação para resolver o problema dessa fala, que seria absurdo atribuir a Sancho, resolvendo também a segunda saída do bacharel.
3. Frase da decisão do Concílio de Trento (“conforme o seguinte, ‘Se alguém, persuadido pelo demônio’”) que decreta a excomunhão de quem bate num clérigo.

capítulo xx

1. Sancho confunde com “censorino”: Catão, o Censor.
2. Máquina que comprime e bate o pano para torná-lo mais encorpado. É composto de maços de madeira movidos por uma roda-d’água. (n. t.)
3. À moda turca.

capítulo xxi

1. “Aquilo” são os órgãos genitais, que contêm a substância medicinal que possui. Acreditava-se que o castor se castrava para sobreviver.
2. Troca de capas. Os cardeais e prelados, em cerimônia que assinala o fim da quaresma, trocavam as capas vermelhas por outras forradas de seda roxa.
3. “*Hidalgo de devengar quinientos sueldos*” refere-se à pena que se exigia de quem ofendesse gravemente um desses fidalgos.

capítulo xxii

1. Alusão às quatro patas dos animais. Expressão também usada no Brasil, no Rio Grande do Sul e no Mato Grosso. (n. t.)
2. Relaciona-se esse personagem com um certo Jerónimo de Pasamonte, soldado que serviu em várias das mesmas campanhas em que Cervantes tomou parte, e autor, como Ginés, de uma autobiografia: *Vida y trabajos de Gerónimo de Pasamonte*.

capítulo xxiii

1. Na edição *princeps*, não consta o roubo do burro de Sancho. A cena é intercalada aqui na segunda edição de 1605, e geralmente seguida pelas edições modernas. Mas Sancho continua acompanhado de seu burro até o capítulo xxv, o que levou Hartzenbusch, em sua edição de 1863, a deslocar a passagem para lá.

capítulo xxiv

1. Até o Concílio de Trento, uma mera promessa de casamento, enquanto os namorados se davam as mãos, era considerada tão válida como o juramento feito durante uma cerimônia religiosa. As trapaças produzidas à sombra de tal situação e as múltiplas contingências ligadas aos casamentos secretos ou clandestinos, que na prática subsistiram depois de Trento, foram fonte inesgotável para o teatro e o romance dos séculos xvi e xvii.
2. Refere-se ao 11º livro da série de *Amadís,* de Feliciano de Silva: *Crónica del muy excelente Príncipe don Florisel de Niqueia, en la qual trata de las grandes hazañas de los excelentisimos príncipes don Rogel de Grecia y el segundo Agesilao* (1535).
3. Agesilao e Arlanges, dois personagens do romance, adotam esses nomes quando se passam por mulheres.
4. Nenhuma das três Madásimas de *Amadís* foi rainha e nenhuma teve relações com o cirurgião Elisabat. Cardênio a confundiu — e dom Quixote também, mais à frente — com a infanta Gracinda.

capítulo xxv

1. Alusão à figura alegórica da Ocasião, calva, com um topete na testa.
2. Desde Hartzenbusch (1863), em geral se intercala aqui o roubo do burro de Sancho, embora muitos editores continuem preferindo o capítulo xxiii. Não há dúvida da autenticidade da passagem. Dom Quixote aludiu ao burro antes de informar Sancho do projeto de sua penitência e Sancho se refere a sua perda agora, ao voltar a falar.
3. Hipogrifo, cavalo alado do *Orlando furioso*. Frontino foi o cavalo que a donzela Bradamante, na mesma obra, deu a Rugero, que empreendeu uma série de aventuras que o mantiveram longe dela.
4. Pela primeira vez na edição *princeps* se menciona a "falta do burro", que, no entanto, Sancho esporeava ainda no começo deste capítulo.
5. A frase correta é: "*Quia in inferno nulla est redemptio"* (No inferno não há redenção). Segundo Sancho, no inferno não há *detenção*.

capítulo xxvi

1. O episódio procede de Ariosto, mas não era Roland, e sim Ferragut quem protegia seu umbigo com sete pranchas de ferro, o único lugar em que podiam feri-lo.
2. Medoro era pajem de Dardinel de Almonte, não de Agramante.
3. Na segunda edição de 1605, substituiu-se desde "e se encomendar" até "um milhão de ave-marias" por "e assim farei eu. E lhe serviram de rosário dez grandes agalhas de um sobreiro, que ensartou". A correção sem dúvida é de Cervantes.

capítulo xxvii

1. A lista inclui pagãos (Caio Mário, Lúcio Sérgio Catilina e Cornélio Sila, políticos romanos citados como corruptos), cristãos (Galalão, que traiu Roland; Vellido Dolfos, que assassinou Sancho ii de Castela; e o conde dom Julián, que permitiu a invasão da Península pelos árabes) e um judeu (Judas, o apóstolo que traiu Jesus Cristo).

quarta parte

capítulo xxix

1. Zulema é um monte próximo de Alcalá de Henares (Compluto), na estrada de Loeches.
2. Nome dado ao golfo do mar Negro, na Cítia, região famosa por sua crueldade e barbárie.

capítulo xxx

1. Tinácrio, o Mago, personagem da continuação de *El caballero del Febo*, de Pedro de la Sierra.
2. A passagem entre colchetes, que trata do achado do burro de Sacho, omitido na edição *princeps*, foi intercalada aqui na segunda edição.

capítulo xxxi

1. Os ciganos pingavam umas gotas de mercúrio nos ouvidos dos animais que queriam vender, para parecerem mais animados.

capítulo xxxii

1. *Los cuatro libros del valeroso caballero don Cirongilio de Tracia*, de Bernardo de Vargas (Sevilha, 1545).
2. A partir da edição de 1580, a *Crónica del Gran Capitán* ia acompanhada da biografia do soldado García de Paredes (1466-1530), famoso por sua força extraordinária.
3. Abrindo-se a parte superior de uma vagem de fava e tirando uma semente, fazia-se um bonequinho que parecia um frade.
4. Os estalajadeiros tinham fama de ser mouros.

capítulo xxxiii

1. “Até o altar”, “inferindo que o amigo deve fazer por seu amigo tudo aquilo que não for contra Deus” (Cervantes, no entremez *El viejo celoso*); era modismo clássico.
2. Luigi Tansillo (1510-68) é o autor de *Le lacrime de san Pietro* (1585), obra traduzida para o espanhol por Luis Gálvez de Montalvo em 1587.
3. No *Orlando* de Ariosto aparece uma taça encantada que derrama vinho sobre o marido que a mulher traiu; Reinaldos de Montalbán se recusou a se submeter à prova.

capítulo xxxv

1. A batalha de Cerignola (1503), em que participou Odet de Foix, visconde de Lautrec.

capítulo xxxvi

1. A batalha aconteceu no capítulo anterior. A incongruência tem a ver, mais uma vez, com as mudanças de última hora que Cervantes introduziu no original.
2. Era comum o uso de máscara para viagem como proteção contra a poeira.
3. Sela grande, com arção semicircular e o estribo do mesmo lado, em que cavalgavam as mulheres usando saia.

capítulo xxxvii

1. “Lela” é fórmula de tratamento, equivalente a “senhora”.
2. Lucas 2,13-14.
3. Citações dos Evangelhos (Mateus, 10,12 etc.).
4. Sirtes: bancos de areia, principalmente no golfo da Líbia; Cila e Caribdes: penhascos do estreito de Messina.

capítulo xxxix

1. O quartel-general do duque de Alba, enviado para reprimir a rebelião de Flandres, ficava em Alessandria della Paglia.
2. Trata-se dos condes de Egmont e Horne, acusados de rebelião contra a Espanha e executados em Bruxelas, em 5 de junho de 1568, por ordem do duque de Alba.
3. Assim se chamava o capitão de Cervantes em Lepanto.
4. No começo de setembro de 1570 os turcos controlavam quase toda a ilha de Chipre, enquanto a Santa Aliança, sob a inspiração de Pio v, foi formada em maio de 1571.
5. A frota espanhola chegou a Messina (Sicília) em 24 de agosto de 1571.
6. A batalha de Lepanto (7 de outubro de 1571).
7. Euch Ali, renegado calabrês, rei de Argel, Trípoli e Túnis, foi almirante da esquadra turca. Em Lepanto, enganou os genoveses e escapou com trinta galeras.
8. Juan Andrea Doria, almirante da esquadra genovesa.
9. Mulei: senhor absoluto. Dom Juan de Áustria impôs Mulei Hamet no trono de Túnis, em 1573, que tinha sido usurpado por Euch Ali ao depor o irmão de Hamet, Hamida, que por sua vez havia derrotado o próprio pai.

capítulo xl

1. Giacomo Paleazzo, conhecido como Fratín ou Il Fratino, engenheiro italiano a serviço de Carlos v e Felipe ii.
2. Ou Hadji Murad. Era filho de cristãos, mas tornou-se renegado e pessoa muito importante em Argel. A Pata, ou Al-Batha, era uma fortaleza em território argelino, a duas léguas de Orã.
3. Região do Magreb controlada pelos turcos; corresponde às atuais Líbia, Argélia e Túnis.

capítulo xli

1. Mami, o albanês, que capturou em 1575 a galera em que Cervantes voltava para a Espanha.
2. Antiga moeda de ouro turca que também circulava no Oriente.
3. Lembra a lenda dos amores do rei dom Rodrigo e a Cava, filha do conde dom Julián, que provocou a invasão árabe da Espanha visigoda.
4. Duas balas ligadas por correntes para cortar mastros.

capítulo xlii

1. Era normal que os viajantes ricos levassem às estalagens inclusive sua própria cama.

capítulo xliii

1. Lirgandeu é o mago narrador das aventuras do Cavaleiro do Febo; Alquife, o marido de Urganda em *Amadís de Gaula*.

capítulo xlv

1. Episódio do *Orlando furioso* em que Agramante e o rei Sobrino enfrentam Carlos Magno.

capítulo xlvi

1. A *pax octaviana*, longo período de paz no Império Romano durante o governo de Otávio Augusto, depois das guerras civis.
2. "Como era no princípio", citação da oração *Gloria Patri*.

capítulo xlvii

1. Zoroastes, Zoroastro ou Zaratustra era o rei persa a quem se atribuía a invenção da magia.
2. Cervantes a publicou em 1613 no volume *Novelas exemplares*, mas antes havia circulado em manuscrito numa primeira redação.
3. A *Summa Summularum* (1557) de Gaspar Cardillo de Villalpando, obra que resume e ao mesmo tempo renova a dialética escolástica tradicional; era livro-texto universitário.
4. Tipos de magos da Antiguidade: pensava-se que os *bracmanes* ou brâmanes eram seguidores de Pitágoras; os gimnosofistas eram uma espécie de filósofos ascetas.
5. As fábulas eram classificadas em três tipos: as mitológicas, as apologéticas e as milésias, que devem o nome aos livros obscenos de Aristides de Mileto.
6. Sinon: espião que convenceu os troianos a deixar entrar o cavalo de madeira; Euríalo era amigo inseparável de Niso (personagens da *Eneida*); Zópiro: governador da Babilônia, que se sacrificou pelo imperador Dario.

capítulo xlviii

1. Homero e Virgílio.
2. Dramas de Lupercio Leonardo de Argensola (1559- -1613). O segundo se perdeu.
3. Respectivamente, comédia de Lope de Vega, escrita entre 1585 e 1595; tragédia de Cervantes, escrita em torno de 1583; comédia de Gaspar de Aguilar (1561-1623); e comédia de Francisco de Tárrega (1554-1602).
4. Refere-se a Lope de Vega, cujo *Arte nuevo de hacer comedias* (1609), na parte que tem de autocrítica, concorda essencialmente com as observações do padre.

capítulo xlix

1. Viriato: caudilho português que se rebelou contra Roma. Fernán González: o herói (930-70) da independência frente a León. Gonzalo Fernández de Córdoba (1453- -1515), "o grande capitão" dos Reis Católicos e das guerras da Itália. Diego García de Paredes: soldado dos exércitos do grande capitão, mencionado no capítulo xxxii. Garci Pérez Vargas: cavaleiro do começo do século xiii, famoso por sua audácia contra os mouros. Garcilaso de La Vega, antepassado do poeta com quem não deve ser confundido, morreu em 1457 ou 1458 em Granada, em cujas portas pregou um papel com a ave-maria. Manuel de León: cavaleiro do final do século xv que entrou numa jaula de leões para recolher a luva de uma dama.
2. Todos episódios relatados em *La historia del emperador Carlomagno y los doce pares de Francia*. A moura Floripes, irmã do bom gigante Ferrabrás e mulher de Guy de Borgonha, protegeu os Doze Pares. A ponte de Mantible foi defendida pelo gigante Falafre, que fazia pagar caro pela passagem.

3. *Guerein Meschino* (Pádua, 1473), romance de Andrea da Barberino, traduzido na Espanha com o título de *Crónica del noble caballero Guarino Mesquino* (Sevilha, 1512).
4. Adição espanhola à lenda do rei Artur, em que essa senhora aparece como a intermediadora dos amores de Lancelot e Guinevere. Dom Quixote lembra os versos: "Essa dona Quitañona, essa que servia o vinho".
5. Confusão de dom Quixote: o cavalo voador aparece no romance *Clamades y Clarmonda* (Burgos, 1521), e não na *Historia de la linda Magalona, hija del rey de Nápoles, y de Pierres, hijo del conde de Provenza*.
6. João de Merlo, de ascendência portuguesa, foi alcaide de Alcalá, a Real. Combateu com Pierre de Beafremont, senhor de Charny, e com Henrique de Remestan.
7. Personagens históricos do século xv, com fama de valentes. Seus nomes e feitos são mencionados na *Crônica de dom João II*.
8. Em 1434, Suero de Quiñones defendeu o Passo Honroso na ponte do rio Órbigo (Astorga). Por amor de sua dama, ele lançou o seguinte desafio: quebrar trezentas lanças contra todos os cavaleiros que se apresentassem na ponte. As justas duraram trinta dias, com a participação de 68 cavaleiros vindos de vários reinos. Suero morreu anos depois em combate contra dom Gutierre de Quijada.
9. O desafio aconteceu em Valladolid, em 1428, nas "justas e torneios" que são lembrados nas *Coplas* de Jorge Manrique.
10. Atribuiu-se a Turpin, arcebispo de Reims em fins do século viii, uma crônica novelesca que relaciona Carlos Magno e Roland com o caminho de Santiago.

capítulo li

1. Não existia uniforme militar propriamente dito, e os soldados usavam roupas coloridas e pomposas.
2. "Vós" era tratamento dispensado principalmente a pessoas de condição inferior ou aos mais próximos, como parentes.
3. Região do Peloponeso onde a tradição literária situa o lugar idílico por excelência. É cenário de *Arcádia*, de 1504 (e traduzida em 1547 na Espanha), de Jacopo Sannazaro (1458-1530), que no Renascimento foi o modelo principal da poesia e do romance pastoril, aqui reelaborados por Cervantes.

capítulo lii

1. Escreveram isto.
2. Nome que se dava na época aos habitantes do Congo. Os membros das academias literárias costumavam adotar pseudônimos irônicos. Cervantes imagina as poesias lidas numa sessão em homenagem a dom Quixote, e o tom burlesco não desmente esse suposto meio, pois era frequente nas reuniões acadêmicas.
3. Em louvor a Dulcineia del Toboso.
4. "Talvez outro cante com melhor plectro", verso do *Orlando furioso*, xxx, 16 (com *altro* por *altri*).

Segunda parte do engenhoso cavaleiro dom Quixote de la Mancha

prólogo ao leitor

1. O *Segundo tomo del ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha*, publicado em Tarragona em 1614 por um autor que se oculta sob o pseudônimo de "Alonso Fernández de Avellaneda, natural da vila de Tordesilhas".
2. A batalha de Lepanto, em 7 de outubro de 1571, na qual Cervantes perdeu a mão esquerda.
3. Cervantes alude a Lope de Vega, que era colaborador da Inquisição desde 1608 e sacerdote desde 1614.
4. Alusão às *Novelas exemplares*, que foram publicadas em 1613.
5. Cardeal arcebispo de Toledo, tio do duque de Lerma e protetor de Cervantes.
6. Famoso poema satírico, escrito por volta de 1470, que circulava com comentários de Fernando del Pulgar. Criticava o governo de Henrique iv, sob a forma de alegorias pastoris.
7. A dedicatória do *Persiles* tem a data de 19 de abril de 1616, quatro dias antes da morte de Cervantes, e nela se promete de novo a segunda parte de *A Galateia*.

capítulo i

1. Referência a um conto do folclore valenciano em que um padre, roubado durante uma viagem, é forçado pelo ladrão a jurar que não o denunciará a pessoa alguma. Um dia, ao rezar a missa, em que está presente o rei, o padre viu o ladrão e, no introito, em vez da oração habitual, contou a história, concluindo: "Jurei não contar a ninguém, mas conto a vós, Senhor Deus, que não sois nem homem nem mulher, que o ladrão está ali embaixo do púlpito". O ladrão foi preso, naturalmente.
2. Versos finais da primeira parte do *Orlando furioso*. Catai: norte da China, pátria de Angélica.
3. Luis Barahona de Soto escreveu *Lágrimas de Angélica* (1586), e Lope de Vega, *La hermosura de Angélica* (1602).

capítulo iii

1. Alfonso de Madrigal (1400-55), bispo de Ávila, conhecido como El Tostado, foi autor de mais de vinte grossos volumes de filosofia e teologia.
2. "Às vezes o bom Homero cochila." Citação aproximada da *Arte poética* de Horácio, verso 359.
3. "É infinito o número dos tolos." Eclesiastes, 1,15.

capítulo iv

1. Essa história aparece no *Orlando innamorato* de Boiardo e no *Orlando furioso* de Ariosto.
2. Dia 23 de abril. São Jorge é o patrono de Aragão.

capítulo v

1. Aos cinco sentidos considerados hoje se somavam a memória e o senso comum.
2. Um romance muito popular contava que dona Urraca ameaçou seu pai, Fernando i de Castilla y León, de se tornar uma "mulher errada", dando o corpo a quem o desejasse, se não lhe deixasse de herança uma parte do reino.

capítulo vi

1. Os palitos eram de marfim, osso, ouro, prata ou madeira, com adornos artísticos, para uso permanente.

capítulo vii

1. Muito bem, de acordo.

capítulo viii

1. Garcilaso de la Vega, na Égloga iii.

capítulo ix

1. “*Media noche era por filo*”, no original. Referência à primeira linha do romance do conde Claros de Montalbán, que se tornou expressão proverbial.
2. Primeiros versos do romance de Guarinos, em que se conta a derrota dos Doze Pares.
3. Romance que conta a história de Calaínos e da filha de Almanzor, a princesa Sevilha, que em troca de seu amor pede as cabeças de Roland, Oliveiros e Reinaldos de Montalbán. Mas Calaínos é morto por Roland.

capítulo x

1. Versos que se repetem nos romances de Fernán Gonzáles e de Bernardo del Carpio.

capítulo xi

1. Angulo el Malo foi um famoso ator e dono de companhias dramáticas em fins do século xvi. A quinta-feira seguinte à festa de Corpus Christi era o dia em que as companhias representavam suas peças.

capítulo xii

1. Modelos clássicos de amizade: Niso e Euríalo foram mencionados no primeiro volume, capítulo xlvii; Pílades e Orestes são personagens de *Ifigênia em Táuride*, de Eurípedes.
2. O segundo desses versos, procedentes de um romance sobre o rei mouro Muza, era uma expressão proverbial: “O que começou como brincadeira acabou mal”.
3. Mateus, 12,34, e Lucas, 6,45.
4. Vandália era o nome poético da Andaluzia, aludindo aos povos germânicos que ali se assentaram.

capítulo xiii

1. Mateus, 15,14.

capítulo xiv

1. Imagem da Vitória na torre da catedral de Sevilha, que serve como cata-vento. É de bronze, com 4,20 metros de altura, colocada sobre um globo de 1,5 metro.
2. Figuras de pedra de origem paleolítica que se encontram em Guisando (Ávila).
3. Próximo de Cabra, povoado cordovês, há um abismo que se supunha que fosse uma das entradas do inferno.
4. Versos de *La araucana*, de Alonso de Ercilla. Como tem alterações, deve ter sido citado de memória.

5. Uma das variedades mais características das lutas de camponeses, hoje lembradas principalmente pelas “pinturas negras” de Francisco de Goya na Quinta del Sordo.

capítulo xvi

1. Era comum o uso do perdigão como chamariz e o do furão para caçar coelhos.
2. “Para ganhar o pão.” Era expressão jurídica.
3. “Deus está em nós.” Verso de Ovídio, em a *Arte de amar*.
4. Ponto Euximo, no mar Negro, para onde Ovídio foi desterrado.

capítulo xvii

1. Porto na costa argelina, em possessão espanhola conquistada em 1509 pelo cardeal Cisneros.
2. Frase de Jesus dita a são Pedro (Mateus, 14,31).
3. Cavaleiro da época dos Reis Católicos, que entrou numa jaula para pegar a luva que sua dama havia deixado cair.
4. Espadas famosas, fabricadas por Julián del Rey, armeiro do século xv. Sua marca era um pequeno animal gravado na lâmina.

capítulo xviii

1. Versos com que começa o soneto x de Garcilaso: “— *¡Oh dulces prendas, por mi mal halladas,/ dulces y alegres cuando Dios quería!*”.
2. Atribuía-se à pele de foca ou de lobo-marinho virtudes curativas para várias doenças, entre elas pedra nos rins e gota.
3. Segundo a lenda, homem anfíbio, siciliano, que podia passar muitos dias no fundo do mar.
4. As lagoas, que os cristãos conquistaram em 1215, devem o nome a um castelo muçulmano, localizado nas proximidades.

capítulo xix

1. Saiaguês, dialeto de Sayago, entre Zamora e Salamanca, era linguagem convencionalmente atribuída aos ignorantes, enquanto o toledano era tido como modelo de língua elegante e polida.
2. Bairros de má fama de Toledo. *Tenería* é o lugar onde se curtem peles.
3. Aldeia próxima a Madri.
4. *Mandoble*, em espanhol. A palavra designava a espada grande, chamada também de montante ou bastarda, que necessitava das duas mãos para ser manejada, como ainda designava o golpe que se dava com essa espada. Mas na esgrima designa um golpe dado com o braço rígido, movendo-se apenas o pulso. (n. t.)

capítulo xx

1. Herói do cancioneiro popular que, ao fim de suas aventuras, volta para casa a tempo de impedir que sua mulher, que o considerava morto, se case com o infante Celinos.
2. Tecido luxuoso muito usado por camponeses.
3. “De toda palavra ociosa que falem os homens darão conta no dia do juízo.” Mateus, 12,36.

capítulo xxi

1. Alusão às palavras com que o profeta Natã repreende Davi por seu adultério e seu crime contra Urias. Livro dos Reis, 2,12,1-3.
2. Mateus, 19,6.

capítulo xxii

1. A metáfora procede do livro dos Provérbios.
2. As librés eram uniformes ou atavios próprios para as festas cortesãs. Eram de cores com um valor simbólico, com desenhos alegóricos (cifras) e com comentários em versos (motes).
3. Obra do humanista italiano Virgílio Polidoro, *De inventoribus rerum* (1499), em que se investigam as mais antigas referências a ideias, costumes, objetos, leis etc., em geral para mostrar que foram inventados pelos judeus e outros povos da Ásia. Teve enorme sucesso até o século xvii.
4. Paráfrase de dois versos de um romance sobre a morte de Alonso de Aguilar no cerco de Granada ("esta empresa, Senhor,/ para mim estava reservada").
5. Antigo gibão, acolchoado de algodão, que se usava como proteção sob a armadura.
6. O primeiro, santuário mariano na província de Salamanca; o segundo, templo dedicado à Trindade, em Gaeta, porto próximo de Nápoles.

capítulo xxiii

1. Merlin, o mago das lendas arturianas, não era francês (da Gália), mas de Gales ou Gaula.
2. Versos combinados e adaptados de dois romances diferentes sobre Montesinos.
3. Ordem militar de São João de Jerusalém, a quem pertenciam duas das lagoas.
4. Milionário. Forma castelhana de Fugger, sobrenome de uma família de banqueiros alemães.
5. Alusão ao *Libro del infante don Pedro de Portugal, que anduvo las cuatro partidas del mundo* (Salamanca, 1547).

capítulo xxiv

1. Tacanhice, baixeza.

capítulo xxv

1. Melisendra, filha de Carlos Magno, é a protagonista de um romance em que se conta como foi resgatada pelo marido, dom Gaifeiros, da prisão onde a tem Almanzor.
2. Parte oriental da Mancha, entre Cuenca e Albacete.
3. G*alantuomo* e *buono compagno*: homem honesto e bom companheiro.
4. "Que peixe pegamos?" Expressão que significa, mais ou menos, "como vão as coisas?". Segundo Riquer, as expressões italianas foram introduzidas na Espanha nessa época pelos soldados que voltavam da Itália.
5. Personagem de *Amadis de Gaula*. Irmã do gigante Madarque, senhor da ilha Triste, tinha os cabelos brancos tão emaranhados que não podia pentear e era tão feia que parecia o diabo, sem falar do tamanho desmesurado.
6. Atos dos Apóstolos, 1,7.
7. "Creia nas obras, não nas palavras." João, 10,38.

capítulo xxvi

1. Primeiro verso do livro ii da *Eneida* na tradução espanhola de Gregorio Hernández de Velasco, de 1557.
2. Sansueña vem do francês Sansoigne, ou seja, Saxônia.
3. Nome da espada de Roland no *Orlando furioso*. Também era chamada de Durendal ou Durandarte.
4. Palácio árabe e residência dos reis de Aragão.
5. Diante do réu iam oficiais anunciando os delitos e a sentença; atrás beleguins o açoitavam com varas. Os versos pertencem ao romance "Escarramán a La Méndez" de Francisco de Quevedo: "*con chilladores delante/ e envaramiento detrás*".
6. Capa de viagem que permitia tapar o rosto para se proteger da poeira e do sol.

capítulo xxvii

1. Dom Quixote lembra o romance *Ya cabalga Diego Ordóñez*, que trata do cerco de Zamora e da morte de Sancho ii de Castela.
2. Pode se referir tanto a Espartinas (Sevilha) como a Ocaña ou Yepes (Toledo). Contava-se que muitas aldeias preferiam ter uma *relógia*, em vez de relógio, porque queriam fazer uma criação de reloginhos. Chamavam-se os valisoletanos de caçaroleiros, os teledanos de berinjeleiros, os madrilenhos de filhotes de baleia e os sevilhanos de saboeiros.
3. Mateus, 5,44; Lucas, 6,25.
4. Mateus, 11,30.

capítulo xxxi

1. A observação procede dos *Coloquios* (1553) de Antonio de Torquemada.
2. No porto da Herradura, próximo a Vélez Málaga, uma esquadra foi varrida por um temporal em 19 de outubro de 1562. Morreram mais de 4 mil pessoas. Os sobrenomes mencionados foram documentados em Medina del Campo.

capítulo xxxii

1. O duelo tinha sido proibido pelo Concílio de Trento.
2. Sabonete perfumado, usado habitualmente como xampu.
3. São versos do romance sobre o marquês de Mântua, de autoria desconhecida.
4. Artistas gregos considerados exemplos de excelência nas artes.
5. Na realidade El Toboso era uma aldeia com muitos mouros e, segundo pesquisa de 1576, não tinha nobres, apenas camponeses.
6. Água perfumada com o aroma de inúmeras flores.

capítulo xxxiii

1. Rodrigo Díaz ganhou um assento de marfim do rei Búcar, na conquista de Valência, e o deu de presente a Alfonso vi.
2. Versos que correspondem ao romance *La penitencia del rey Rodrigo*. O pecado dele foi a luxúria.
3. “Morreu na flor da idade.” Michele Verino foi autor do *Disticorum liber* (1487), uma coleção de máximas muito utilizada no ensino. Morreu aos dezessete anos. E Angelo Polizinao lhe dedicou um epitáfio de que fazem parte as palavras citadas.

capítulo xxxiv

1. Versos de *Maldiciones de Salaya*, romance muito divulgado em edições baratas. Fávila foi o sucessor de Pelayo no reino de Astúrias.
2. Hernán Núñez de Guzmán, professor de grego em Alcalá e Salamanca, comendador da Ordem de Santiago, publicou uma grande coleção de provérbios em 1555.
3. As estrelas cadentes, segundo Aristóteles, surgiam dos vapores quentes e secos originados no centro da terra.
4. Narrador das aventuras do Cavaleiro do Febo, que já apareceu no capítulo xliii da primeira parte.
5. Personagem de *Amadis de Gaula*.

capítulo xxxvi

1. Essa última frase foi censurada na edição de Valência de 1616, e o *Índice expurgatório* do cardeal Zapata (1632) mandou apagá-la de todas as outras. Conforme a teologia católica, é proposição ambígua, mas de maneira nenhuma heterodoxa.
2. Os criminosos eram levados num burro, pelas ruas, até o local da execução, enquanto o chicoteavam e liam a lista de seus crimes.
3. Um personagem de Boiardo e Ariosto se chama Trufaldin, nome derivado de *trufar*: enganar, burlar.
4. País imaginário que Cervantes situa perto do Ceilão, ao sul da Índia.

capítulo xxxviii

1. Situada na atual província de Jaén. Dizem que era famosa pelo tamanho de seus grãos-de-bico. Cervantes esteve lá como comissário do provedor de galeras.
2. Lobuna e Zorruna, no original, parecem sobrenomes inspirados pelo duque de Osuna. Como a brincadeira, no Brasil, faz pouco sentido, optei pela solução do tradutor inglês, John Rutherford, na edição mais recente da Penguin (2000). (n. t.)
3. Cabo ao sul da Índia, diante do Ceilão (Taprobana).
4. "De la dulce mi enemiga/ nace un mal que al alma hiere/ y por más tormento quiere/ que se sienta y no se diga." Trata-se de tradução de versos do poeta italiano Serafino de' Ciminelli, l'Aquilano. Eram famosos desde fins do século xv.
5. Nos livros iii e x da *República*.
6. "Ven, muerte, tan escondida,/ que no te sienta venir,/ porque el placer del morir/ no me torne a dar la vida." Versos do comendador Juan Escrivá, muito conhecidos a partir do *Cancionero general* (1511).
7. "As pérolas dos mares do sul" é referência ao oceano Índico; Tíbar, lugar legendário da Arábia, onde se pensava que havia o ouro mais puro; Pancaia, outro lugar imaginário na Arábia, citado por Virgílio, possuiria um bálsamo capaz de curar todas as dores.

capítulo xxxix

1. "Quem poderá conter as lágrimas ao narrar tais coisas?" Citação abreviada de Virgílio, *Eneida*, ii, 6-8.
2. Personagem das canções da gesta francesa e do romanceiro espanhol.

capítulo xl

1. Não usar barba, entre os mouros, era considerado infame. Entre os espanhóis, puxar a barba era uma tremenda humilhação.
2. Há uma confusão entre a *Historia de Pierres de Provenza y la linda Magalona* e a *Historia de Clamandes y Clarmonda*, que é onde se monta um cavalo de madeira. Essa fábula tem paralelos em muitas culturas e deve ter chegado à Europa medieval através de contos árabes.
3. Paralipômenos são as Crônicas i e ii da Bíblia.

capítulo xli

1. Aldeia da atual província de Ciudad Real onde a Santa Irmandade executava os condenados a flechaços.
2. A cosmologia da época, baseada nas ideias de Ptolomeu, dividia em quatro regiões sublunares a atmosfera: a do ar, a do frio, a da água e a do fogo. Nelas se formariam todos os fenômenos meteorológicos.
3. Torralba é personagem histórico. Foi processado como bruxo em 1528. Afirmou ter viajado pelo ar em 6 de maio de 1527 e ter assistido ao saque de Roma pelas tropas do imperador Carlos v.
4. A constelação das Plêiades, também conhecida como Sete Irmãs.
5. A piada não se limita a um jogo inócuo de palavras. Os cornos da lua separam, na astronomia e na física aristotélicas, o mundo sublunar, imperfeito e mutável, do mundo supralunar da perfeição, onde dificilmente entraria um cabrão. Porque cabrão, além de designar o macho da cabra, em espanhol designa um sujeito chato, trapaceiro e, mais, o que é traído pela mulher, ou, mais ainda, sabe que é traído e consente numa boa. Em português, cabrão é o bode e também o traído, pelo menos nos dicionários. (n. t.)

capítulo xliii

1. Unhas compridas eram sinal de fidalguia, prova de que não se fazia nenhum serviço manual.
2. Letras maiúsculas e descuidadas com que se escreviam nos pacotes o nome do proprietário.
3. Mateus, 7,3.

capítulo xliv

1. Juan de Mena, num verso de *Labirinto de fortuna*.
2. São Paulo, i Coríntios, 7,31.

3. Alusão à “A só”, famosa pérola de propriedade da família dos Áustrias.
4. Rocha Tarpeia, lugar no monte Capitólio de onde Nero contemplou o incêndio de Roma.

capítulo xlv

1. Odres ou bilhas, com água ou vinho, eram postos num balde com neve ou pendurados ao ar para resfriar.
2. No original, o nome da ilha é *Barataria*, ou porque o lugar se chamava Baratário ou pelo barato com que se havia dado o governo a Sancho. Trata-se de uma brincadeira com dois sentidos de barato: comissão que os jogadores pagam e engano, fraude. Pela maneira como a frase é formulada — pelo barato —, é evidente que se está dizendo “pelo engano”. Em português, barato também é a comissão dos jogadores, mas não tem o sentido de fraude, como tem *barataria*, embora precisemos consultar o dicionário para saber disso. Preferi refazer a piada em português, mesmo que ela seja um tanto mais pobre, deslocando o duplo sentido para logradouro, que tanto pode ser aquilo que se alcança — enfim Sancho chega ao governo da almejada ilha — como um lugar com praças e jardins, mas lembra trapaça antes de mais nada, que é justamente o que acontece com o governo do pobre Sancho. (n. t.)
3. O alfaiate qualificado passara no exame da guilda dos alfaiates. Eles tinham fama de ladrões, daí o pedido de perdão e os agradecimentos a Deus, sempre feitos depois das blasfêmias.
4. Se não falta nada, Cervantes deve ter inserido às pressas a cena dos capuzes, confundindo a ordem dos episódios, porque a sentença aludida aparece mais adiante.

capítulo xlvi

1. Azeite usado para curar feridas, cuja invenção é atribuída a Aparicio de Zubia.

capítulo xlvii

1. O sêmen era considerado o suporte dos quatro humores fundamentais, portanto líquido essencial da vida.
2. “Abstenha-se.”
3. Universidade bastante desprezada na época e que não tinha Faculdade de Medicina.
4. Os secretários bascos eram muito comuns e tinham fama de leais e eficazes.

capítulo xlviii

1. As Astúrias de Oviedo e as Astúrias de Santillana eram duas províncias da região da Montanha. Eram consideradas o berço das famílias mais nobres da Espanha, as descendentes dos godos.

capítulo l

1. “Santo Agostinho duvida”. Expressão usada nos debates escolásticos.
2. “Acredite nas obras, não nas palavras.” João, 10,38.

capítulo li

1. Salmos, 112,7.
2. “Platão é amigo, mas a verdade é mais amiga.”

capítulo liii

1. Conforme a divisão tradicional do ano agrícola em cinco estações, com o estio entre o verão e o outono.

capítulo liv

1. “Dinheiro! Dinheiro!”, do alemão e do holandês *geld*.
2. No começo do século xvi, os mouriscos, quer dizer, os descendentes dos muçulmanos que permaneceram na Espanha, foram obrigados a se converter ao cristianismo. Grande parte dessas conversões foi apenas aparente. Depois de algumas rebeliões, sendo as mais importantes entre 1568-70, milhares de mouriscos de Granada foram deslocados para a Mancha. Diante da impossibilidade de assimilá-los ao catolicismo, entre 1609 e 1613 houve a decisão de expulsá-los da Espanha, de onde realmente saíram perto de 300 mil pessoas.
3. “Gritos dão crianças e velhos,/ e ele de nada se condoía.” Versos de uma conhecida balada sobre o incêndio de Roma por Nero.
4. Diálogo na língua franca usada pelos peregrinos, mistura de várias línguas latinas.
5. O decreto de expulsão de 10 de junho de 1610 foi precedido, em 20 de dezembro, por uma disposição que autorizava os mouriscos a se expatriar voluntariamente.
6. Os mouriscos expulsos de Castela eram proibidos de levar moedas. Só tinham autorização de levar ouro e joias se depositassem a metade de seu valor. Consta que realmente alguns ocultaram seus bens como o fez Ricote.
7. “Como um sagitário”, no original. Não se sabe exatamente o que Sancho queria dizer. Não parece uma palavra errada, como às vezes ele usa. Nem parece se referir aos centauros, conhecidos como beberrões e desordeiros, com exceção de Quíron, o preceptor de Aquiles, Teseu, Hércules e tantos outros heróis. Nem parece também uma referência astrológica, dada a total ignorância do governador. Mas, em gíria, sagitário designava o preso que se levava pelas ruas abaixo de açoites. Esse significado certamente Sancho conhecia. E, se pensarmos o que passou no governo, talvez a ironia faça sentido. (n. t.)

capítulo lv

1. Segundo as lendas medievais, Galiana era uma princesa moura, de Toledo, que vivia num suntuoso palácio às margens do Tejo e foi a primeira mulher de Carlos Magno. Se alguém reclamava dos aposentos que lhe davam, dizia-se que queria “palácios de Galiana”.
2. Referência aos versos de uma balada sobre o cerco de Zamora.

capítulo lvi

1. Os cavalos originários da Frísia, nos Países Baixos, eram grandes e lanudos.

capítulo lvii

1. Personagem do *Orlando furioso* que deixa sua esposa Olímpia numa ilha deserta.
2. Marchena e Loja são aldeias de Sevilha e Granada, respectivamente.

capítulo lviii

1. São Martim de Tours. O mendigo a quem dá a capa era nada menos que Cristo.
2. i Timóteo, 2,7.
3. Gálatas, 1,12.
4. “Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus adquire-se à força, e são os violentos que o arrebatam.” Mateus, 11,12.

capítulo lix

1. Trata-se do volume com o título de *Segundo tomo do engenhoso fidalgo dom Quixote de la Mancha*, *que contém sua terceira saída e é a quinta parte de suas aventuras*. Consta que foi composto pelo licenciado Alonso Fernández de Avellaneda, natural da vila de Tordesilhas. A licença da publicação é de julho de 1614. Cervantes, que escrevia o capítulo xxxvi em fins desse mesmo mês, não deve tê-lo conhecido antes do outono, e nada indica que o aproveitou antes de citá-lo aqui. Mas há quem pense que Cervantes tinha lido uma das cópias manuscritas que comumente corriam mundo antes da publicação e que planejou com toda a calma sua vingança.
2. No *Quixote* autêntico, a mulher de Sancho se chama Joana Gutiérrez, Mari Gutiérrez, Teresa Pança, Teresa Cascajo e

Teresa Sancha. No apócrifo de Avellaneda, é sempre Mari Gutiérrez.

capítulo lx

1. Adaptação da frase atribuída a Bertrand du Guesclin, quando interveio na luta entre Pedro i, o Cruel, e Henrique de Trastâmara, no castelo de Montiel: "Não derrubo rei nem faço rei, mas ajudo ao meu senhor".
2. Versos de um romance do ciclo dos Infantes de Lara chamado *La venganza de Hudarra*.
3. Roque Guinart é personagem histórico, que se chamava Perot ("Perote") Roca Guinarda, nascido em 1582 e que realmente dominou a região próxima à Barcelona. Em 1611, teve a pena de morte suspensa em troca de servir no exército real (como muitos outros bandidos catalães). Em 1614, ano em que Cervantes escrevia seu romance, ele era capitão em Nápoles.
4. Salmos, 42,8.
5. Os *cadells* (filhotes) e os *nyarros* ou *nyerros* (leitões) formavam as duas facções rivais que dividiam a sociedade catalã em todos os seus estamentos.

capítulo lxi

1. Brincadeira com dois versos da Égloga iii de Garcilaso: "*El agua baña el prado con sonido,/ alegrando la yerba y el oído*".

capítulo lxii

1. "Fugi, inimigos!" Fórmula utilizada pelos exorcistas para afugentar o demônio.
2. O sapateado era típico de gente rústica.
3. *O pastor Fido*, de Guarini. A tradução espanhola de Cristóbal Suárez de Figueroa foi impressa em 1602 (Nápoles) e 1609 (Valência).
4. Livro de Torquato Tasso (1573) traduzido para o espanhol por Juan de Jáuregui em 1607.
5. Mesmo com crédito e documentação de Tarragona, o *Quixote* de Avellaneda deve ter sido impresso em Barcelona, na gráfica de Sebastián de Cormellas, especializado em publicar na Corona de Aragón as obras literárias castelhanas de maior sucesso.

capítulo lxiii

1. Morro ao sul de Barcelona com uma torre de vigia.

capítulo lxvii

1. De *nemus*, "bosque" em latim.
2. *Borceguí*: borzeguim; *zauizamí*: sótão; *maravedí*: maravedi ou morabitino; *alhelí*: aleli ou goivo; *alfaquí*: especialista na lei corânica. Apenas "almoçar" e talvez "borzeguim" não sejam de origem árabe.

capítulo lxviii

1. "Espero luz depois das trevas." Versículo de Jó, 17,12, e divisa da gráfica dirigida por Juan de la Cuesta até 1607.

capítulo lxix

1. Símbolo da virgindade triunfante.
2. Imperador da Assíria, símbolo do orgulho e da crueldade.

capítulo lxx

1. Verso da Égloga i de Garcilaso.
2. Estribilho do *Romanceiro geral*, que começa assim: “Diamante falso e fingido”.

capítulo lxxi

1. Uma graça de Deus.
2. A expressão procede do Livro de Juízes, 16,30.
3. “Deus de Deus.” Frase do Credo.
4. “Como era.” Referência à frase “*Sicut erat in principio*”, que se dizia no fim das orações.

capítulo lxxii

1. Realmente é personagem do *Quixote* de Avellaneda, que o apresenta a caminho de Zaragoza.
2. No oitavo capítulo do livro de Avellaneda, dom Quixote é preso por querer libertar um ladrão que a justiça leva para açoitar; no nono, dom Álvaro consegue a liberdade do cavaleiro.
3. Manicômio fundado em 1480 por Francisco Ortiz, núncio apostólico de Xisto iv, onde fica internado o dom Quixote de Avellaneda.

capítulo lxxiii

1. “Mau sinal.” Expressão de Avicena, usada pelos médicos ao diagnosticar sintomas graves.
2. Vilancico famoso: “Pastorzinho, tu, que vens;/ pastorzinho, tu, que vais,/ Onde minha senhora está,/ diz, que novas há por lá?”.

capítulo lxxiv

1. Versos inspirados no romance de Ginés de Hita sobre o cerco de Granada: “*¡Tate, tate, folloncicos!/ De ninguno sea tocada,/ porque esta empresa, buen rey,/ para mí estaba guardada*”.
2. Avellaneda aludia a uma possível continuação das aventuras de dom Quixote em Castela, a Velha.

PENGUIN & COMPANHIA DAS LETRAS
FICÇÃO
Machado de Assis
Dom Casmurro
FICÇÃO

isso é narrado com graça e inteligência num romance que jamais parece esgotar suas possibilidades de leitura. Críticos como Roberto Schwarz e Susan Sontag consideram a obra de Machado como um dos momentos mais altos da prosa ocidental do final do século XIX.

CLÁSSICOS

SANTO AGOSTINHO

Confissões

Confissões

Santo Agostinho
9788543809328
440 páginas

Um marco da filosofia ocidental em nova tradução do latim de Lorenzo Mammì.Redigido no século IV, entre Antiguidade e Idade Média, as Confissões de Agostinho de Hipona são ainda hoje um livro surpreendente. Por um lado, pela densidade poética e pela originalidade da escrita, e por inaugurar o gênero da autobiografia como história da formação de uma personalidade, elas representam um marco único na história da literatura ocidental. Por outro, Agostinho elabora nelas uma nova maneira de fazer filosofia, estranha à tradição

antiga, por ser baseada não apenas em conceitos abstratos e deduções, mas sobretudo na observação fina dos movimentos psicológicos, das motivações interiores e do significado de pequenos fatos e gestos cotidianos. O resultado é uma leitura incontornável para todos os que se interessam por filosofia, história ou religião.

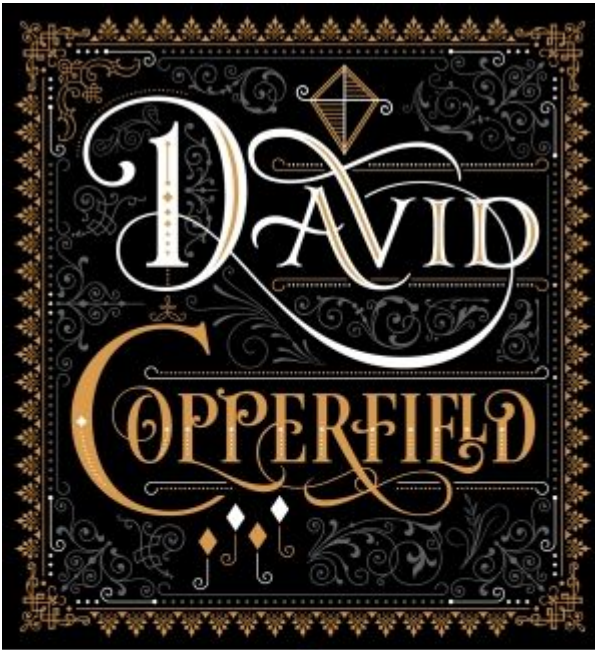
PENGUIN & COMPANHIA DAS LETRAS
FICÇÃO
Machado de Assis
O alienista
FICÇÃO

O alienista

Assis, Machado de
9788543800349
104 páginas

Compre agora e leia

Uma das pedras de toque da ficção de Machado de Assis na história de Simão Bacamarte, que um dia sonhou catalogar a loucura humana.Clássico da literatura brasileira, este texto de Machado de Assis continua sendo, cento e trinta anos depois de sua publicação original, uma das mais devastadoras observações sobre a insanidade a que pode chegar a ciência. Tão palpitante quanto de leitura prazerosa, O alienista é uma dessas joias da ficção da literatura mundial. Médico, Simão Bacamarte passa a se interessar pela

psiquiatria, iniciando um estudo sobre a loucura em Itaguaí, onde funda a Casa Verde - um típico hospício oitocentista -, arregimentando cobaias humanas para seus experimentos. O que se segue é uma história surpreendente e atual em seu debate sobre desvios e normalidade, loucura e razão. Ensaio sobre a loucura e a lucidez, sátira política e comédia de costumes, esta edição de Machado de Assis conta com uma esclarecedora nota introdutória do crítico britânico John Gledson, um dos grandes intérpretes do autor brasileiro.

PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

CHARLES DICKENS

David Copperfield

Copperfield pertence à imensa massa de desfavorecidos que a literatura do século XIX, pela primeira vez, presenteou com o protagonismo. Parte fundamental da tradição do grande romance realista, este livro oferece não apenas um retrato acurado de seu tempo como também um contundente relato sobre a vocação literária.

PENGUIN & COMPANHIA DAS LETRAS

SIGMUND FREUD

O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

GRANDES IDEIAS

O mal-estar na civilização

Freud, Sigmund
9788580861990
96 páginas

[Compre agora e leia]

Escrito às vésperas do colapso da Bolsa de Valores de Nova York (1929) e publicado em Viena no ano seguinte, O mal-estar na civilização é uma penetrante investigação sobre as origens da infelicidade, sobre o conflito entre indivíduo e sociedade e suas diferentes configurações na vida civilizada. Este clássico da antropologia e da sociologia também constitui, nas palavras do historiador Peter Gay, "uma teoria psicanalítica da política". Na tradução de Paulo César de Souza, que preserva a exatidão conceitual e toda a

dimensão literária da prosa do criador da psicanálise, o livro proporciona um verdadeiro mergulho na teoria freudiana da cultura, segundo a qual civilização e sexualidade coexistem de modo sempre conflituoso. A partir dos fundamentos biológicos da libido e da agressividade, Freud demonstra que a repressão e a sublimação dos instintos sexuais, bem como sua canalização para o mundo do trabalho, constituem as principais causas das doenças psíquicas de nossa época.